Elias J. Torres Feijó

Rede Galabra
Universidade de Santiago de Compostela

GALEGUISMO PRECÁRIO E PORTUGAL

ENTRE OS JOGOS FLORAIS DE TUI E A ACADEMIA GALEGA ATRAVÉS DAS REVISTAS CULTURAIS (1891-1906): OS SISTEMAS LITERÁRIOS GALEGUISTA E PORTUGUÊS E O SEU RELACIONAMENTO

andavira
editora

GALEGUISMO PRECÁRIO E PORTUGAL

ENTRE OS JOGOS FLORAIS DE TUI E A ACADEMIA GALEGA ATRAVÉS DAS REVISTAS CULTURAIS (1891-1906): OS SISTEMAS LITERÁRIOS GALEGUISTA E PORTUGUÊS E O SEU RELACIONAMENTO

1.ª edição
Santiago de Compostela, 2019

© Andavira Editora, S. L.
Vía de Édison, 33-35 (Polígono do Tambre)
15890 Santiago de Compostela (A Coruña)
www.andavira.com · info@andavira.com

© Elias J. Torres Feijó

Desenho de capa
Dixital 21, S. L.

Impressão e encadernacão
Tórculo Comunicación Gráfica, S. A.

Impresso em Espanha · *Printed in Spain*

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, nem a sua incorporação a um sistema informático, nem a sua transmissão sob qualquer forma ou por qualquer meio (eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) sem autorização prévia por escrito do proprietário dos direitos autorais. A violação desses direitos pode constituir um crime contra a propriedade intelectual.
Dirija-se ao CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos) se precisar fotocopiar ou digitalizar um fragmento deste trabalho. Pode entrar em contato com o CEDRO através do site www.conlicencia.com ou polos telefones +34 91 702 19 70 / +34 93 272 04 47.
Andavira, no seu desejo de melhorar as suas publicações, agradece todas as sugestões que os leitores fizerem ao departamento editorial polo e-correio: info@andavira.com.

Depósito legal: C 2475-2019
ISBN: 978-84-121445-1-2

Elias J. Torres Feijó

Rede Galabra
Universidade de Santiago de Compostela

GALEGUISMO PRECÁRIO E PORTUGAL

ENTRE OS JOGOS FLORAIS DE TUI E A ACADEMIA GALEGA ATRAVÉS DAS REVISTAS CULTURAIS (1891-1906): OS SISTEMAS LITERÁRIOS GALEGUISTA E PORTUGUÊS E O SEU RELACIONAMENTO

andavira
editora

Às minhas irmãs Máti e Chus e ao Tui da minha infância.

E para Emilio e Victoria, e na memória de Ricardo e Lucía.
E, no que el@s são e representam, para a Itaca dos anos oitenta, para toda, sem exceção.
Rumo à Altair!

ÍNDICE

Nota prévia 15

Agradecimento 19

Introdução 23

PRIMEIRA PARTE.

I. Um (mui breve) repasse ao estado da questão 29

II. Periodização do relacionamento galego-português 39

III. A publicação não diária como fonte: *A Revista, O Literário* 43

III.1. A imprensa literária como elemento de mediação 50

III.2. Critérios de seleção: *A Revista, O Literário* 54

III.3 A confeção do corpus galego e português 59

III.3.1. A confeção do corpus galego 59

III.3.1.1. Distribuição por lugares de publicação 65

III.3.2. A confeção do corpus português 67

III.3.2.1. Distribuição por lugares de publicação 69

III.3.3. Nota final sobre a proporção quantitativa entre os corpus galego e português 70

IV. Caraterização do sistema regionalista galego e do polissistema português (1888-1907) 73

IV.1. Caraterização do sistema regionalista galego 73

IV.1.2. O sistema regionalista galego: baixa produção e incidência 74

IV.1.3. Publicações periódicas não diárias na vida literária galega 77

IV.1.3.1. A imprensa na Galiza e o polissistema espanhol 85

IV.1.4. Interferências no sistema regionalista 89

IV.1.4.1. A presença doutras produções literárias não portuguesas 89

IV.1.4.2. A presença do polissistema espanhol 94

IV.1.5. O sistema regionalista: um sistema cercado 103

IV.1.5.1. Os cavalos de Troia no sistema regionalista galego 103

IV.1.5.1.1. *De mi tierra*: as bases para um subsistema literário regionalista espanhol 106

IV.1.5.1.2. Desenvolvimento da argumentação antissistema regionalista 114

IV.1.6. Cânones e repertórios dum sistema ancilosado 123

IV.1.7. As tensões sobre o repertório, reflexo de interesses sobre a instalação dum sistema conservador e escassamente competitivo 126
IV.1.8. As atitudes e reações do sistema perante as novas correntes literárias europeias. A evidência do conservadorismo 139
IV.1.8.1. O Naturalismo..... 139
IV.1.8.2. Modernismo 143
IV.1.9. Um repertório essencialistamente pragmatizado..... 156
IV.1.10. A precariedade dos fatores sistémicos: a insuficiência polissistémica do sistema regionalista 161
IV. 2. Caraterização do polissistema português (1888-1910)..... 167
IV.2.1. Panorama da imprensa portuguesa no trânsito entre os dous séculos.. 167
IV.2.2. Presença de produções literárias transpirenaicas no polissistema português finissecular..... 171
IV.2.3. Um misto finissecular 174
IV.2.3.1. Linhas de força no polissistema na época do Ultimato 175
IV. 2.3.1.1. Os Estudos em Ciências Humanas e Sociais..... 176
IV. 2.3.1.2. A herança da Geração de 70. Guerra Junqueiro e Gomes Leal..... 178
IV. 2. 3.1.3. O Naturalismo..... 181
IV.2.3.1.4. A poesia de intervenção 184
IV.2.3.1.5. Cesário Verde..... 184
IV.2.3.1.6. João de Deus..... 185
IV.2.3.6. Simbolismo e crescente reação Tradicionalista 187
IV.2.3.6.1. Ruturas na frente romântica e insuficiências do Realismo..... 188
IV. 2.3.6.2. O Simbolismo 190
IV.2.3.6.2.1. Nefelibatas..... 193
IV.2.3.6.2.2. As dificuldades de progressão do Simbolismo..... 198
IV. 2.3.6.3. O retorno às essências. Nobre não estava só 208
IV.2.3.6.4. Os movimentos neo- no Portugal finissecular. A volta atrás do Neogarrettismo: explícita expressão do Neo-Tradicionalismo 211
IV.2.3.6.5. O teatro, um sintoma apurado do misto finissecular 216
IV.2.3.7. O surto nacionalista triunfa 220

SEGUNDA PARTE. Portugal na Galiza

V. Portugal na Galiza 229
V.1. O estado da comunicação de Portugal na Galiza 229
V.2. O relacionamento galego-português perante umha conjuntura adversa: o estereótipo português e a vaga de espanholismo 232

V.2.1. O estereótipo 232
V.2.2. A vaga de espanholismo no fim de século 243
V.3. A Ambiguidade do sistema regionalista perante as suas carências, e sentido das transferências 247
V.3.1. O caráter genérico da Importação. As suas bases e os seus obstáculos 249
V.3.1.1. Conjunto de possibilidades e agências no relacionamento galego-português: o caso da *Revista de Galicia* (1880) e da *Liceo Brigantino* (1882-1884) 249
V.3.2. As duas direções genéricas da Importação: legitimação e proliferação do sistema regionalista 283
V.3.3. A Historiografia e a Filologia portuguesas como legitimidade do sistema regionalista no fim de século 285
V.3.3.1. Oliveira Martins 291
V.3.3.2. Leite de Vasconcelos 297
V.4. 1890-1891: Um momento de intensa atenção a Portugal 300
V.4.1. Um olhar sobre Portugal célebre na época: o do Marquês de Figueiroa 302
V.5. Incorporação do discurso dos historiadores e filólogos portugueses para um sistema interliterário galego-português 308
V.5.1. O discurso de Manuel Murguía nos Jogos Florais de Tui 308
V.6. Umha ameaça para o polissistema espanhol: A transferência do polissistema português para a legitimidade sistémica regionalista e a sua expansão regionalista 318
V.6.1. O perigo português 318
V.7. O relacionamento galego-português nas revistas galegas desde o *desastre* espanhol de 1898 333
V.7.1. O início da presença de Miguel de Unamuno nas publicações galegas da época 338
V.7.2. A atitude da *Revista Gallega* 343
V.8. As excursões de galegos e portugueses ao país vizinho. As tunas 347
V.8.1. As viagens das tunas 350
V.8.2. Umha viagem galega 376
V.9. As polémicas linguísticas: polémicas sistémicas, também literárias, e com Espanha e Portugal ao fundo 385
V.9.1. Umha primeira polémica como antecedente: primeiras tentativas de reorientação sistémica 385
V.9.2. Umha segunda polémica linguística. A tentativa do grupo corunhês da reforma do sistema por reintegração: 1896 394
V.9.3. A polémica sobre o texto da inscrição no monumento "Aos mártires de Carral: a evidência dum sistema paralisado 429
V.10. A presença de escritores portugueses: entre a importação e a transferência 435

V.10.1. A caminho dumha mui relativa normalidade sistémica 435
V.10.2. A presença do mundo medieval..... 436
V.10.3. A apropriação de Camões..... 440
V.10.3.1. A escassa reprodução textual de Camões..... 445
V.10.4. Algumhas introduções de elementos sistémicos portugueses: umha apropriação entre a incapacidade do sistema galeguista e o interesse do polissistema espanhol 446
V.10.4.1. Curros Enríquez mediador da interferência polissistémica hispano-lusa. Umha oportunidade perdida do sistema regionalista..... 446
V.10.4.2. O caso de Eça de Queirós: um repertório inviável para a transferência.. 454
V.10.4.3. *Atravez da Hespanha Litteraria*..... 462
V.10.5. Importações e transferências do polissistema português: escritores e produção. 463
V.10.5.1. A seleção de poetas portugueses por parte de Fulvio Vergodense como tentativa de modernização sistémica. 466
V.10.5.2. Outra seleção poética. A de *El Norte de Galicia* 467
V.10.5.3. O "caso Padula": sentido das Importações e transferências desde o polissistema português por parte da "escola corunhesa"..... 470
V.10.5.4. João de Deus em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires..... 486
V.10.5.5. A vulgarização de Garrett como modelo sistémico 490
V.10.5.6. Da quase nula presença de Antero de Quental à sombra presente de Guerra Junqueiro. Dificuldades e motivos para a assimilação..... 500
V.10.5. 7. "Galicia, terra irmán de Portugal". O caso singular da visita de Leite de Vasconcelos 512
V.10.5.8. Um caso às avessas: João Verde, autor secundarizado nos materiais para o regionalismo corunhês..... 517
V.10.5.9. A eloquente ausência de Portugal em algumhas publicações..... 527
V.11. Portugueses no polissistema espanhol: umha nova dificuldade para a importação regionalista 530
V.12. O estado sistémico vinte anos passados: a fundação da academia, no meio dum sistema quase paralisado..... 534
V.13. O balanço de Carré Aldao na sua *Historia de la Literatura Gallega* 554

TERCEIRA PARTE. A Galiza em Portugal

VI. A Galiza em Portugal..... 563
VI.1. A imagem da Galiza, dos galegos e da Espanha no Portugal de fim de século. 563
VI.2. A Galiza em Portugal (1888-1907): umha presença periférica 573
VI.2.1. O recebimento à Tuna Compostelana em Coimbra em 1901 576
VI.2.2. Umha viagem à Galiza: Fialho de Almeida 594

VI.3. O sistema regionalista galego nas periferias do polissistema português .. 612
VI.3.1. Cervaens e Rodríguez: umha oportunidade de mediação perdida. *Atravez da Hespanha litteraria*..... 612
VI.3.2. O sistema regionalista galego no polissistema português através dos estudos filológicos: o labor de Leite de Vasconcelos. 615
VI.3.3. A vulgarização da literatura regionalista galega nos periódicos minhotos ... 624
VI.3.3.1. A cultura galega em *O Regional*. A mediação de João Verde 627
VI.3.3.1.1. As crónicas sobre *Ares da Raya*, veículo de vulgarização da literatura regionalista galega em Portugal..... 627
VI.3.3.1.2. A obra de Filomena Dato. Primeira notícia da literatura regionalista galega em *O Regional* 637
VI.3.3.1.3. A vulgarização de García Ferreiro 644
VI.3.3.1.4. "Vendo-os assim tão pertinho": umha polémica galego-portuguesa a partir dos versos de João Verde 646
VI.3.3.1.5. Crónicas de João Verde sobre as suas visitas à Galiza: os contatos com Benito Alonso e García Ferreiro..... 659
VI.3.3.1.6. Primeiros textos galegos no *O Regional*: Neira Cancela e Marcelo Macías: a literatura regionalista galega como folclorista e subsistema do polissistema espanhol..... 662
VI.3.3.1.7. A vulgarização da obra de Lamas Carvajal 673
VI.3.3.1.8. "Elogio do Gaiteiro" de João Verde: um particular reforço da tendência regionalista folclorizante em Portugal..... 683
VI.3.3.2. A vulgarização da cultura galega no *A Aurora do Lima*. A mediação de Silvino de Sousa 687
VI.3.4. A literatura regionalista galega noutras publicações não diárias portuguesas:umha literatura praticamente desconhecida. 706

Conclusões 711

Referências Bibliográficas..... 719

Notas teórico-metodológicas..... 737

NOTA PRÉVIA

O texto que aqui ofereço é a parte central da minha tese de doutoramento, que redigim em 1995 e defendim em fevereiro de 1996. Para entender alguns dos seus aspetos, deve ler-se como datada no ano de elaboração e não na data de publicação. Publico-o agora porque, no seio da Rede Galabra, acordámos publicar em volume textos inéditos ou dispersos de difícil acessibilidade da nossa produção ao longo deste mais de vinte anos e de que esta tese foi o prólogo. É o caso, dentro do relacionamento galego-português e além do presente, do já editado *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea* (Através, 2018), de Roberto Samartim e meu, do livro da minha autoria *Portugal para quê? Seis marcos no relacionamento galego-português* (Andavira, 2019) e do volume a sair no CEHUM - Universidade do Minho, coordenado por Roberto Samartim e Carlos Pazos-Justo *Portugal e(m) nós. Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português*, com achegas de vári@s autor@s.

A minha Tese permanecia inédita, fora de alguns artigos em que recolhia aspetos do relacionamento galego-português e que, na sua maioria, são compilados nos volumes antes citados. A sua publicação naqueles anos, apesar de algumha tentativa comprometida, tornou-se inviável, polo volume de palavras e apêndices que implicava. Achava que não podia publicá-la sem as 300 páginas dedicadas à metodologia utilizada, porque não se entenderia parte da análise posterior sem ela. Tampouco sem o censo de revistas e corpus usado e a sua classificação, constituído por mais 140 páginas. E achava que não podia desagregar a abordagem do que hoje denomino anfissistema (sistema que alberga tendências protossistémicas e subsistémicas; vid. nota V) galego da análise do relacionamento através do corpus delimitado. Enfim, mais da metade do presente volume.

Felizmente, mais de vinte anos depois, bastantes das chaves teóricas que utilizava na altura hoje circulam como quadros conceituais bem conhecidos no nosso âmbito académico, e isso exime-me de esclarecimentos mais delongados nessa dimensão; utilizava fundamentalmente como quadro teórico a Teoria dos Polissistemas tal como exposta por Even Zohar no 1990 e anos posteriores; também elementos elementos do formalismo russo e, perifericamente, da semiótica de Lotman, da teoria de campo de Bourdieu,

ou da Teoria Empírica, da Estética da Receção e, em geral, de sociologia da literatura. E abordava questões de géneros literários, conceções de literatura nacional, sistemas interliterários, comparatismo, mediação, imagologia, periodização… Algumhas daquelas reflexões, ideias, dados… tivem oportunidade de apresentá-las, às vezes diretamente, outras desenvolvidas com maior perícia por membros do Galabra, e algumhas por outras pessoas, algumhas das quais nem sempre citando fontes, diga-se de passagem e sem ira. Outras, que até podiam ter algumha validade, devo arrombá-las definitivamente. Foi época de aprendizagem, que ainda na atualidade tento praticar, e com certa voracidade, talvez caótica em ocasiões, e alá foi muito do resultado para a Tese… Em troca, abusarei aqui de notas de rodapé para esclarecimentos metodológicos *ad hoc* no final do volume.

E hoje os meios técnicos permitem-me colocar em aberto e acessíveis a quem o desejar aquele censo de revistas, por se for de utilidade para alguém. Está em redegalabra.org.

De resto, como adiante direi, pensei que o corpus seria mais reduzido e ele desbordou-se e desbordou-me. Calculo que 80% do material recolhido ficou sem o tratamento em profundidade que sim pudem dedicar ao período entre 1888 e 1907; tivem que sintetizar o restante período temporal e expor apenas linhas gerais ou dados mais salientes dele, mais 65 páginas que aqui não estão.

O resultado do que aqui ofereço é, substantivamente, o dos capítulos dedicados às revistas como informação da vida literária, à caraterização dos dous sistemas, e à abordagem do relacionamento no período assinalado no título deste volume. Apresento o trabalho tal como feito em 1995, só com o acréscimo dum capítulo que não estava no texto original ("Conjunto de posibilidades") e desta mesma Nota Prévia; adicionalmente, incluím mais algumhas linhas sobre questões demográficas tiradas de fontes que não estavam ao meu dispor na altura, o que indicarei no caso. Fizem correções, gralhas, erros materiais, revisões das frases ou expressões mais obscuras ou pior redigidas ou retiradas de trechos menos necessários, ao meu entender; também, em algum caso, algumha modificação morfológica para adequá-la à distinção de género ou gráfica, para a indistinção; incorporei alguns esclarecimentos do quadro teórico-metodológico que me pareceu pertinente incluir, dada a a ausência da parte da Tese dedicada a eles, como antes referim. Dou-na tal qual ela foi escrita sem revisão bibliográfica de teorias e produção científica relativa ao objeto de estudo. Não poderia, por falta de tempo e capacidade. Apesar de que apresenta erros e carências, penso que pode ser útil como repositório documental e que porta algumhas reflexões

que explicam o passado galeguista e, talvez, podam ser aplicadas ao presente sem ter que forçar em excesso a adequação.

Em termos linguísticos, realizei umha revisão do texto original, escrito em norma portuguesa, para nele recuperar variantes genuínas galegas tentando umha ortografia próxima do Acordo Ortográfico para a Língua Portuguesa de 1990 e a harmonia com a ***Ortografia galega moderna confluente com o português no mundo*** **(Através 2017)**, da AGAL, sacrificando outras soluções próprias à unificação com o restante mundo de língua portuguesa, dado o quadro de situação da língua na Galiza e a força das circunstâncias.

AGRADECIMENTO

Quero deixar constância do meu agradecimento para trabalhadores e trabalhadoras das seguintes entidades, citadas sem ordem de gratitude: Biblioteca do Centro de Literatura da Faculdade de Letras do Porto, Biblioteca da Faculdade de Letras do Porto, Biblioteca Municipal do Porto, Biblioteca da Universidade de Coimbra, Biblioteca da Faculdade de Letras de Coimbra, Biblioteca Nacional de Lisboa, Museo de Pontevedra, Biblioteca Provincial de Pontevedra, Biblioteca do Mosteiro de Poio, Biblioteca da Deputación Provincial de Lugo, Arquivo Diocesano de Tui, Fundación Penzol de Vigo, Biblioteca do Casino de Vigo, Biblioteca da Real Academia Galega, Biblioteca da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, Biblioteca da Universidade de Santiago de Compostela, Biblioteca do Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento, Biblioteca da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela, Biblioteca da Deputación Provincial de Ourense, Arquivo Histórico Provincial de Ourense, Museo Arqueológico Provincial de Ourense, Casa da Cultura de Ourense, Hemeroteca Municipal de Madrid, Hemeroteca Nacional de Madrid, Biblioteca Nacional de Madrid; e as pessoas que me facilitarom o acesso às bibliotecas privadas de Ramón Otero Pedrayo e Manuel Rodrigues Lapa. Deduza-se aliás do relatório de entidades galegas e espanholas, a nossa vontade de unir-nos ao clamor d@s investigador@s por algum dia contarmos com umha Hemeroteca Nacional Galega que evite a dispersão e deterioração de tantos materiais.

Devo também manifestar especial gratitude à generosidade amiga da Profa. Dra. Teresa López Fernández que me facilitou documentos de interesse e que dedicou parte do seu ócio lisboeta a percorrer a Biblioteca Nacional na ingrata procura de notas perdidas.

E à amabilidade do Prof. Emílio Ínsua, para cuja tese de doutoramento, sobre a figura e a obra de António Villar Ponte, compilou também importante material galego a respeito de Portugal, que colocou ao meu dispor.

Quero lembrar aqui com carinho o Dr. Luís Amaro, com quem tivem a oportunidade, há já vários anos, de conversar e sobretudo de ele me ilustrar sobre estes assuntos, e de quem guardo com especial cuidado algumhas notícias da imprensa da época que tivo a amabilidade de me enviar, *motu proprio*,

procurando tempo na sua intensa atividade, ainda hoje à espera do devido reconhecimento.

É momento de aludir, sequer minimamente, às companheiras e aos companheiros *da casa*. Na Faculdade de Filologia encontrei na pessoa do Professor Doutor Antón Figueroa, com cuja amizade me honro, precisas orientações metodológicas, nutrindo-me das suas excelentes observações sobre a realidade cultural galega e os modos de ela relacionar-se com outras. À sua simpatia devo parte do melhor que esta pesquisa poda oferecer.

Agradeço de igual maneira o apoio recebido pol@s Professores e Professoras que partilham comigo a docência nas matérias de língua e literatura portuguesas. Particularmente o Prof. Dr. Carlos Quiroga, cuja perícia nos computadores aproveitamos maximamente para o tratamento informático dos dados das revistas que aqui oferecemos, e cuja humanidade e paciência cordial para com o seu parceiro de gabinete, nesses períodos em que o doutorando vive a síndrome da irritação derivada da sua atividade, foram bálsamos que agradeço cordialmente.

Não podo concluir sem salientar o nome de duas pessoas sem as quais, isento de retóricas habituais, este trabalho não teria sido possível. São elas Maria Rosa Chapela, que muito me ajudou na recolha e ordenação de todos os materiais que sustentam este trabalho, e que, ainda por cima disso, construiu o que com toda a intensidade resumo: converter os dias mais difíceis nos dias mais felizes.

E o Professor Doutor José Luís Rodríguez, orientador da minha Tese de Doutoramento, de quem, não sendo o seu melhor discípulo, sim pertenço ao conjunto alargado dos devedores do seu magistério, qualidade intelectual, e aos dos que temos a oportunidade de contar com a sua qualidade humana nas nossas vidas académicas e ainda extra-académicas. Às duas qualidades, por igual, devem-se em boa medida, e com toda a franqueza, os méritos que o resultado desta investigação poda oferecer.

A todas estas pessoas, obrigado.[1]

Santiago de Compostela, dezembro de 1995

[1] Uno, agora, a esse agradecimento, os nomes dos Doutores que fizerom parte da banca que julgou a minha Tese, Profs. Ramón Villares, Vítor Aguiar e Silva, Anxo Tarrío, Xosé María Dobarro e Perfecto Cuadrado, obrigado.

INTRODUÇÃO

Este meu trabalho, que pretende reunir o mais possível de rigor na análise, quer, com sinceridade um tanto fora de lugar para o seu julgamento, não vir preencher, que seria atrevimento, mas vir entender o contributo de alguns homens e mulheres galegos e portugueses a esta tarefa. Se outro resultado não obtivem, sim que, afinal de contas, conseguim perceber o ánimo que movimentou aqueles seus esforços, decisivos, para hoje eu escrever estas linhas. A conclusão final vai por antecipado: sempre que alguns/umhas galegos/as quiserom ser, na nossa história contemporânea, mais galeg@s, forom, não só lusófil@s, lusistas; desde o século XIX. E, globalmente, quando a Galiza foi mais Galiza é para Portugal que olhou. Retoricamente, para quem acaba também por considerar que a identidade cultural é retórica. Decidida e definitivamente para quem a protagoniza. E alguns/umhas portugueses/as retribuírom generosamente o esforço, porque sabiam também do benefício; e quase inauguralmente, desde o século XIX; houvo quem recebeu mesmo em troca abandonos onde pusera fervente solidariedade.

Mas uns e outros conseguirom encontrar-se um pouco mais a si próprios, que é umha das razões da existência no ser humano. A conhecer a atividade intelectual desenvolvida dedico este trabalho.

O primeiro que me mostrarom os anos dedicados à recolha de materiais para a minha tese de doutoramento, inscrita em 1989 e subordinada ao título *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias (1900-1936)*, foi a nossa enorme ignorância a respeito do que tinha sido o relacionamento, a presença, o contato galego-português nessas décadas, dada a quantidade de produção existente; a isso veu unir-se a necessidade de alargar a anos atrás, até o ano 1888 de maneira fundamental, a recolha, para poder entender as dinâmicas que viriam nas seguintes décadas até 1936. Apreciado dum ponto de vista tradicional, as publicações mais conhecidas, *A Nosa Terra*, *Nós*, *Atlântida*, *Seara Nova*..., eram apenas umha "ponta do iceberg". E o segundo foi compreender, cremos que cabalmente, as razões que Vicente Risco, o eixo fundamental não apenas do relacionamento com Portugal, mas da literatura galega dos anos vinte, tinha para dizer que, sem Portugal, o nacionalismo galego não iria além dum *pleito provincial*.

Revim perto de setecentas publicações, como corpus; a elas acrescentei outras à procura de dados; consultei várias bibliotecas, de instituições públicas e privadas; correspondências *galego-portuguesas* de muitos escritores, etc., com o objetivo de reunir a maior quantidade de elementos para poder formular umha valorização, sempre aproximada, do que foi o período de maior entusiasmo para a cultura galego-portuguesa. O volume foi tal que me obrigou a debruçar-me com maior intensidade em fases de relacionamento menos conhecidas, particularmente, as anteriores a 1916 e, mais em concreto, a 1907.

Naquele trabalho de quase vinte e cinco anos atrás, invocava como necessidade para a abordagem do material a vontade de rigor (não a sua consecução, que, aliás, não me corresponde obviamente julgar). Pretendendo consegui-lo, dediquei tempo e estudo a fornecer-me dum método que fosse eficaz para cumprir os meus objetivos. E isso por dous motivos. Primeiramente, porque o relacionamento galego-português, particularmente nesta direção, está presidido pola suscetibilidade que gera em determinados setores da vida galega. Já o estava na altura, e, embora na atualidade mudasse o tipo de setores *afetados,* mais o está nestes momentos. Por força deve ser isto reconhecido, como nós reconhecemos que a nossa escolha, como galego, responde ao desejo que professo por um maior *entendimento* com o mundo luso-afro-brasileiro. Levado, pois, desses apaixonamentos, qualquer dado que confirmasse na história o meu pensamento seria passível de aparecer erroneamente em destaque, *arqueologicamente* confirmando o acerto dos nossos objetivos. Não estou com certeza isento dessa atitude, mas fica polo menos expressa a minha prevenção.

Mas apontava umha segunda razão, esta mais substantiva. Como interpretar os dados de que dispunha? Por que, v. gr., a dada altura aparece Garrett nas páginas das revistas galegas? Por que não aparece Eugénio de Castro nos finais do XIX? Qual era o motivo de os galegos estarem mais interessados em Camões que em Eça de Queirós em 1896, por exemplo?

E ainda concorrerom à partida outras dúvidas. Encontrava dados, notícias, presenças que não supunham depois o que aparentemente apontavam. Por colocar umha prova do que digo, agora perspetivada do *outro ponto de vista*. Nas, em princípio, saudações retóricas ou de circunstâncias à tuna do Porto em 1902 na *Revista Gallega*, estão fixadas as linhas, todas, do ulterior relacionamento dos galegos com o mundo cultural português, incluído (e sobretudo) o da fase nacionalista.

Em suma: tentar explicar estes factos, levou-me a focar o relacionamento em termos de interesses e carências, ideológicas e estéticas, de grupos e de sistemas literários. E tivem a fortuna, penso, de dispor dumha metodologia que me permitiu entender melhor o processo dos contatos galego-portugueses:

a da denominada teoria polissistémica, apoiada, logicamente, noutros contributos, nomeadamente os derivados da Estética da receção, da moderna comparatística francesa, e das reflexões no nosso âmbito galego-português de autênticos Mestres da teoria literária e de lúcidos investigadores. Sem falsa modéstia nem mesquinho recurso a umha *captatio benevolentiae* sempre vã, devo afirmar que umha considerável parte do que de útil poda ter esta pesquisa está no auxílio encontrado nesses quadros teóricos.

PRIMEIRA PARTE

I.

UM (MUI BREVE) REPASSE AO ESTADO DA QUESTÃO

É dado assente nos estudos sobre o galeguismo e, mui particularmente, sobre o nacionalismo galego, que Portugal exerceu sempre como um ponto de referência obrigado para os diferentes grupos que colocarom a cultura galega como alvo da sua atenção[2]. Com efeito, o mundo luso aparece nesse panorama como um elemento a considerar, numha visão permanentemente positiva. É sem dúvida essa mesma tradição que tem motivado umha boa parte dos trabalhos que a analisar o relacionamento galego português se tem dirigido, com aproximações de mui variada ordem e com valorizações igualmente díspares e até contraditórias. Dispomos, como adiante se verá, neste sentido, de algumhas pesquisas que pretendem oferecer um balanço global do que foi o relacionamento, ou, mais restrita e concretamente, do que supujo o vizinho País para esses grupos e essas ideias emergentes. No entanto, infelizmente, temos de concordar com o comentário de Capelán Rey, em obra recente (1994), no sentido de que a prática totalidade desses trabalhos tem como objeto de estudo revistas literárias ou similares, não estando devidamente atendidas a necessária contextualização e a atenção que outros dados (jornais, relações epistolares, etc) reclamam para um cabal entendimento do que foi (e continua a ser) o relacionamento entre a Galiza e Portugal. E isto porque, com frequência excessiva, forom aparecendo, especialmente nos últimos vinte anos [esta tese foi concluída em finais de 1995], trabalhos sobre revistas, que não passavam, polo geral, por causa da própria imediatez, de constatações de presenças, de introduções genéricas, quando não de óticas interessadas. O objeto de estudo não permite distâncias, porque ele próprio faz parte do debate em que está em curso a identidade dos galegos. Digamo-lo mais claramente: a polémica, cuja mesma definição é controversa, e que se reflete, como símbolo

---

[2] Interessa-nos apenas sublinhar as linhas de força e valorizações que se têm proposto. Vamos portanto só considerar aqui alguns trabalhos que apreciam o relacionamento galego-português no seu conjunto (nas fases regionalista e nacionalista galegas até 1936) ou os que fornecem guias metodológicos para o seu estudo.

e sintoma, na consideração do grau de proximidade e/ou identificação entre os veículos linguísticos dessas duas comunidades -sem contarmos o espanhol, obviamente-, e nas insalváveis dificuldades de objetividade que quem isto escreve tem, é o preconceito e o motivo de muitas análises, sem esquecer a opção normativa aqui empregada para significá-lo. De justiça é autoincluirmo-nos, como insinuávamos na introdução a este trabalho, nessa linha inevitável.

É preciso ainda significar que têm aparecido censuras a essa atitude preconceituosa, de que são alvo sobretudo os denominados *lusistas*, situados sempre na marginalidade que resulta de considerar que a posição central (oficial) e a posse do cânone garantem a verdade.

Mais algum comentário: de passagem indicávamos que a maior parte desses trabalhos tem sido produzida nos últimos vinte anos. Leva-nos a contagem para atrás à morte do General Franco e ao início do processo democrático no Estado Espanhol. Consequentemente, à possibilidade dumha maior liberdade de expressão das ideias nacionalistas, já não apenas preocupados os seus utentes com a imediatez e silêncio do antifranquismo, virados sempre que possível para a definição de que cousa seja a identidade que defendem, mesmo como perene teia de Penélope. Trata-se esta história do último século e meio, em boa medida dum contínuo reatar(-se) para compreeender-se, como se sistematicamente se transitasse polos mesmos caminhos nunca (por próprio desejo?) definitivamente conhecidos e andados, semeados ciclicamente de períodos obscuros que nos situam ao pé da montanha. E definir a nossa relação com Portugal constitui um dos lugares revisitados com maior assiduidade.

Há, na historiografia sobre o tema, umha quase comum conclusão no sentido de entender que o relacionamento foi, normalmente, débil e pouco organizado. Para algum dos estudiosos que mais tempo dedicou ao relacionamento galego-português, este é, como veremos, praticamente nulo até à fase nacionalista; devemos confessar mais umha vez que foi esta a causa de nos sentirmos 'desnorteados' quando começámos este trabalho; porque nos parece ter havido algumha distorção na análise desse relacionamento, queremos antes apresentar, mesmo que seja brevemente, as apreciações que precederom e animam este volume.

É noção partilhada por todos os historiadores e estudiosos da literatura, assinalar que, desde os inícios dos diferentes movimentos na Galiza, políticos e/ou culturais, foi denominador comum a todos eles o facto de entender Portugal como elemento a restituir à unidade Ibérica. Diversos nas intenções e no alcance dessa unidade, o vizinho País constitui para eles, desde meados do passado século, um ponto obrigado de reflexão. Certamente também, coincidem as pessoas analistas em indicar que existe umha diferença qualitativa entre o olhar do federalismo e o do incipiente galeguismo (o provincialismo e

especialmente o regionalismo e o nacionalismo), embora a 'ansiada' integração das partes ibéricas, ou hispânicas, resulte sempre um elemento programático. O primeiro nasce da ideia federal, onde, reconhecida a possibilidade de reconfigurar o caráter uno das partes do Estado Espanhol, pensa-se na hipótese, apenas inovadora sob o novo ponto de vista finissecular (que não no decorrer da história peninsular desde o Medioevo) de reestabelecer a pretensamente desejada unidade da Hispânia, das (H)espanhas. O segundo olhar, dividido em duas grandes linhas vigentes até hoje, regionalismo e nacionalismo, parte de um outro pressuposto, por vezes encontrando-se com o federalista anterior. Com efeito, a diferença qualitativa que acima citámos está na consideração que sobre si próprios e o lugar que habitam têm os elementos que a formulam. Reconhece-se à partida umha singularidade linguística e cultural, em muitas ocasiões geográfica, histórica, social, económica até, elevada à categoria de reivindicação perante o outro (Castela, o Estado...) e de reclamo perante os seus. As manifestações dessa reivindicação, feitas por muito diferentes modos, coincidem em encontrar na comum origem galego-portuguesa um fator definidor, necessário termo *a quo* justificador. E, não sendo Portugal um mero passado relativamente incógnito e envolvido em brumas românticas, mas Estado soberano e carregado de glórias, *mesmo aí ao pé de nós*, o país luso passa a ser presença, não raro inquietante e complexa, que determina presentes e, mui particularmente, futuros, termo *ad quem*, embora não sempre de igual maneira.

Surgem, pois, dous instrumentos basilares da construção vindicativa do galeguismo num mesmo referente: o fundador e o de reintegração (Beramendi, 1987, 1990; Máiz, 1989; Beramendi e Máiz, 1991). E para além disto, singulares. Porque se o federalismo concebe umha reformulação da maneira de integrar-se as partes, o galeguismo levanta a questão não apenas de como elas se organizam, mas mesmo de se as tais partes, polo menos na área ocidental peninsular, estão bem fixadas.

Explica isto sem dúvida a escassa atenção que os federalistas galegos concedem a Portugal, e a quase nula especialidade que a esse respeito se atribuem. Assim, os poucos textos programáticos que se podem achegar dos federalistas de há século e meio não incluem sistematicamente Portugal no seu sistema, mais apressados em solucionar a articulação do Estado. E, quando o fazem, observa-se quanto muito umha caraterização geográfica nas alianças geográficas que se apresentam.

O Professor Villares, no seu valioso trabalho (1983), já clássico como tentativa rigorosa de globalização e elucidação dos elementos marcantes do fenómeno, qualifica as referências a Portugal de "escuetas", e derivadas mais do ideário iberista do que dumha consciência da identidade galego-portuguesa. Para Ramón Villares (1983:303): "Durante o século XIX, as relacións políticas

e culturais entre a Galiza e Portugal foron, ademáis de fracas i esporádicas, realizadas por dúas tradicións político-culturais dabondo diversas e apenas confluintes. Refírome, por unha parte, ao federalismo galego e, pola outra, ao rexionalismo".

Poucos são os exemplos que Villares pode achegar para essa etapa. Em 1869, momento em que se realizam os diferentes Pactos peninsulares, J. Alonso y Manjón divulga o seu "Proyecto de Federación Galaico-Astur-Lusitano-Leonesa", que visa "anexionarse las provincias portuguesas de Entre-Douro e Miño y Tras os Montes", sob o apelo à identidade *racial*; identidade que, no Pacto subscrito em julho desse ano, parece reduzir-se à Galiza e às Astúrias, aludindo vagamente a que a comissão diretiva estará "en comunicación directa con la de todas las confederaciones de España y Portugal".

Passados catorze anos, é redigido o "Proyecto de Constitución del Futuro Estado Galaico", que em 1887 será aprovado pola "Asamblea Federal" em Lugo. Dos seus cem artigos, apenas quatro são emendados. Um deles, o número 2, fazia referência à aspiração à Confederação Ibérica e a que a Galiza "desde luego contrae la obligación de coadyuvar incesantemente para recabar de la Nación portuguesa una eterna alianza pactada sobre la base del mutuo consentimiento y la voluntad de ambos pueblos". Orantes, o emendante, alude aos receios que em Portugal poderia provocar a proposta, se entendida como tentativa de anexação; e Aureliano J. Pereira, membro da comissão, aceita-a porque, apesar da ligação com o País vizinho, "en esta materia, la de pactar alianzas provechosas, entendemos ser atribución nacional".

Observe-se como no texto suprimido, a par da ideia iberista, surge incipiente e difuso, um rol recorrente na história do galeguismo posterior: a função de enlace que a Galiza pode cumprir entre os dous Estados Ibéricos. Essa função de enlace será, aliás, umha das constantes assinaladas pola historiografia galega sobre o relacionamento galego-português, tanto em Villares, como em Máiz (1989), Beramendi (1987) ou Vázquez Cuesta (1992). Núñez (1992b:76), por sua vez, fala mesmo de *galeguização* de Portugal (mais que de *aportuguesamento* da Galiza) à hora de interpretar o tipo de contatos, coincidindo em geral os historiadores do tema em indicar que nunca se deu um relacionamento de índole política nem, muito menos, foi organizada algumha corrente neste sentido (Villares, 1983:302; Núñez, 1992:77).

Será então na descoberta do referente fundacional, ou mito fundador, e depois no referente de reintegração como já habitualmente se reconhece, onde o galeguismo definirá um novo relacionamento com Portugal. Claro que, como óbvio parece, a intensidade e o alargamento da função lusa não é, em todo o momento, lugar e ótica, o mesmo. Eis onde batemos com a dificuldade de analisar no seu conjunto o relacionamento. Tem sido este um dos motivos invocados polos investigadores à hora de definir como complexa a análise

da questão. E, por consequência, nem costuma haver acordo na apreciação e valorização do relacionamento, nem ainda a contradição fica ausente na avaliação, inclusive dentro dum mesmo autor. Dificuldades estas não apenas derivadas, a nosso entender, dos vários caminhos do relacionamento ou da tomada em consideração do fenómeno, mas também decorrentes da própria polémica que a *presença*, não o *passado*, de Portugal significou e significa para os galegos.

Porque, é claro, para o galeguismo, legitimar-se na origem comum com Portugal não é como fazê-lo com umha Atlântida perdida. A existência independente dos filhos de Luso, braço da comum unidade que conseguiu alargar-se polo mundo fora, conduz a mais algumha cousa. Por exemplo a entender que ali ficou parte do ser galego, que nele vai parte de *nós, galegos*; que com ele há que se relacionar, que a ele há que "tender os braços amigos". Fecha-se pois o círculo dos termos. Espelhar-se então nos méritos portugueses é um ato de restituição legítima, como o é considerar a Galiza como ponte que dê virtualidade à unidade da Península. E, neste contexto, também é legítimo considerar que os vizinhos podam acudir ou ser convocados na defesa da identidade galega, se esta for ameaçada polo estado de que a Galiza faz parte: frente ao perigo espanhol (permanente problema para os portugueses) o perigo português, sempre solícita Lusitânia nessa ideia de recuperar o que atrás ficou. Esta será, como sucintamente verificaremos, a praxe galeguista desde o regionalismo[3].

O Professor Villares indicava já a inerência de Portugal como mito fundador ao desenvolvimento do ideário galeguista. Comenta o historiador compostelano como desde os inícios os elementos defensores da identidade galega, situarom o país vizinho como "factor definidor e caracterizador", configurando-o como "mito fundador". A este fenómeno, "especificamente contemporáneo", conduzia o descobrimento e a afirmação do parentesco histórico, cultural, étnico e linguístico entre a Galiza e Portugal. O relacionamento aparecia então como umha consequência *a quo* para o projeto. É esta umha peculiaridade marcante do galeguismo na sua conformação teórica, ausente dos postulados dos federalistas, os quais não se percebiam como umha unidade diferencial no sentido galeguista que acima anotamos.

---

2 Comummente, denomina-se a esta fase "regionalista" na sequência dumha construção político-cultural que iria denominar-se "nacionalista" a partir de 1916. De certo modo, o termo "regionalista" pode também, em casos em que a reivindicação parte da invocação, explícita ou não, da existência dumha nação diferenciada, ser sinónimo de "nacionalista". Em geral, utilizarei o termo "regionalista" de modo abrangente, incluindo toda a manifestação de peculiaridades ou caraterísticas da atividade literária, cultura ou política galega, reservando o termos "galeguista" para as práticas ou conceções associadas à defesa ou invocação dumha realidade diferencial ou promotora desta.

A ideia do referente mítico é apontada entre outros por Carlos Barros, Sanchez Rey e Núñez Seixas. Este último (1992:65) situa o "papel de invocación e presencia de Portugal" como construto do conceito de *nação* no *discurso teórico,* sublinha, do galeguismo: "Portugal configúrase todo ó longo da historia do nacionalismo galego coma unha sorte de 'referente mítico'", define. As ponderadas análises de Justo Beramendi e Ramón Máiz reforçam esta apreciação. Por sua vez, comenta Villares (1983): "O contacto con Portugal aportaba, ademais, un punto de referencia fundamental para contrastar e perfecionar a cultura galega, asediada pola castelá, e significaba un forte alegato contra as fronteiras políticas artificiais".

É a nosso ver neste ponto onde a mistura de planos político e cultural (termo este que reconhecemos caixa para umha arrumação apressada e usamos provisoriamente) e o preconceito analítico manifestam-se com maior intensidade, acrescentando mais umha dificuldade ao estudo. Mais discutido parece o valor desse referente, quer atendendo à sua projeção política e/ou cultural, quer considerando o grau de intensidade que em cada momento alcançou. Não raro também, ficam os dous planos, político e cultural, misturados, e mesmo confundidos, que como consequência supõe umha difícil compreensão do fenómeno, aliás sistematicamente observado como complexo. Contribui para isto, sem dúvida, a dificuldade de apreender globalmente toda a peculiaridade e os matizes que esse relacionamento apresenta, onde etnia, língua, geografia ou política, táctica, estratégia, retórica ou convencimento são linhas de paisagem por vezes sobrepostas, e onde o olho humano mostra as suas limitações de alcance e precisão.

Assim, a opinião ao respeito da Professora Vázquez Cuesta (1991),

> "(...) recén saída da hibernación de case catro séculos (...), Galicia tiña que elaborar un proxecto de futuro cara ó que camiñar, e Portugal única nación da Península que atinxira un pleno desenvolvemento e contaba cun estado de seu, froito amadurecido de posibilidades a penas insinuadas na nosa terra constituía para ela un espelliño máxico que lle permitía albiscar o seu porvir. De aí que Portugal fose tantas veces escollido como termo de referencia, servindo non só de compás que marcaba o carreiro a seguir senón tamén como instrumento controlador de posibles desviacións",

é contestada por Núñez Seixas (1992) como enferma, embora em menor medida que outras, do preconceito reintegracionista que, segundo este historiador, sobredimensiona a verdadeira *lusofilia* do movimento galeguista. Este autor, após indicar que as relações continuam a estar pouco investigadas, comenta (1992:61-62): "Con todo, o tema das relacións *políticas e culturais* entre Galicia -ou máis propiamente, o movemento *galeguista* (desde a súa fase *provincialista* de mediados do século XIX ata a *nacionalista* con comezo en 1916- e Portugal ten sido quizais un eido sobreexplotado".

Seja como for, existe coincidência, se não no termo sim na definição, em situar Portugal como referente de reintegração, incluído dentro dum esquema que coloca Castela como referente opositor[i] e amiúde a Irlanda como referente por analogia.

A ligação e a conjugação entre o mito fundador [como explicação da ordem do mundo enunciado por Levi Strauss (1978; vid. Machado e Pageaux, 1988: 126). E como ontofania, tal como recolhe Pageaux, 1994: 96] caraterística como sabemos da conceção organicista, são, na fase regionalista, especialmente suscitadas por Murguía, Vicetto e Pondal, embora não exclusivamente. Barreiro Fernández (1977) já tinha mostrado como, após o "levantamento de 1846", provincialistas como Faraldo ou Romero Ortiz, refugiados em Portugal, aí tomarom consciência da identidade linguística galego-portugesa, e como a literatura lusa podia contribuir para a dignificação da incipiente criação galega.

Benito Vicetto, na sua *Historia de Galicia* (1865-1874), comentará a origem de Portugal no seio da Gallaecia, cindida em duas metades, lamentando que a lucense não acompanhasse os passos da bracarense. A tomada em consideração da identidade galego-portuguesa conduz Vicetto a formular que (1872: 135) "debimos ser antes portugueses que españoles", e a desejar um relacionamento com o irmão *de raça*.

Nos primeiros textos de Murguía não aparecem explicitações do género. Apenas em 1888, no seu livro *Galicia*, assoma a referência a Portugal, como lamento do afastamento e ódio mesmo que entre os dous irmãos se professam. Esse lamento, presente no seu texto de 1889, *El regionalismo gallego*, não o impede de lançar a conhecida ameaça sobre o Estado espanhol, que cedo se incorporará ao galeguismo militante, de que (Murguía, 1889:11): "Galicia se halla constantemente solicitada por Portugal, y que puede en un momento dado venir en su auxilio y tomarla para sí, sin que nos duela ni mucho menos".

É assim, pois, como aparece em cena umha nova subfunção dialética, seja-nos permitida a expressão, de Portugal como recurso frente a Espanha, e, especialmente, Castela: o denominado 'perigo português' (Núñez, 1992:63), a convocatória do apoio luso para os seus fins ou mesmo a hipótese da unidade galego-portuguesa argumentado polos galeguistas, desde Murguía a Otero, como possibilidade de resolver o que Castelao definiu como dúvida amorosa entre o país vizinho e Castela, "se os hespañoes non queren atender as nosas demandas" (*Sempre en Galiza*: 1977: 362). Dúvida que, em parte, procedia do isolamento fronteiriço secular entre os dous Países, que se traduzira em receios mútuos; o que Manuel Murguía qualifica de "torpe desdén" (Villares, 1983:306).

Murguía não fica por aqui. Arvorando Portugal como bandeira seguradora da legitimidade do que se defende, encontra na comunidade linguística o elemento decisivo para essa legitimidade e, sobretudo, para o engrandecimento próprio nas glórias do irmão.

E de Pondal são conhecidos os seus apelos desde os seus poemas a recobrar a unidade que dará luz a esta "caduca Ibéria". De resto, o Professor Villares apenas pode indicar como contatos galego-portugueses alguns derivados da situação dos operários galegos, que, nos seus congressos de inícios de século, recriminam os portugueses por ocuparem os lugares de trabalho que aqueles rejeitam polos baixos ordenados (Villares, 1983: 306); longe, pois, do ideário galeguista. Em opinião de Villares, no regionalismo galego não se "postula como valor sustantivo e configurador do mesmo as semellanzas con Portugal", nem em Alfredo Brañas nem em Aureliano J. Pereira.

Os estudos de Vázquez Cuesta acarretam exemplos modelares enquanto sustentadores da atitude do galeguismo consistente em se apropriar dos êxitos de Portugal, os quais lhe serviam, "utilizados compensatoriamente para aclamar [acalmar?] un seu vello complexo de inferioridade nacional producto do menosprezo en que era tido tanto dentro como fóra da Península" (1991; também Núñez, 1992:63). Nesta direção, as glórias literárias portuguesas (Villares, 1983:304), o número de lusófonos, a conquista de novas terras polos navegadores lusos constituem "unha constante do pensamento galeguista en todo o período" (Vázquez Cuesta, 1991).

Verificamos como, mau grado os juízos de algum historiador, estão no regionalismo formulados, isso sim, com mais ou menos dose retórica, todos os elementos caraterizadores do olhar galeguista sobre Portugal: desde a reintegração à função-ponte da Galiza no quadro peninsular.

Apreciações como as indicadas encontram o seu quadro explicativo nos estudos que sobre o nacionalismo galego têm centrado os esforços investigadores de Justo Beramendi e Ramón Máiz. Com efeito, e utilizando o método de análise estrutural e evolutivo das ideologias nacionalistas, aplicado à elucidação do pensamento político em geral do nacionalismo galego e, em particular, o dos seus vultos mais determinantes, Risco ou Castelao, caraterizam o movimento como devedor dumha concepção orgânico-historicista da nação, que dá como resultado entre outros, o de colocar a *etnia* como traço dominante do referente nacional próprio. Esta conclusão vem esclarecer a *ubicação* de Portugal para a ideologia galeguista, e as aspirações que esta manifesta a respeito daquele. É na análise de *Sempre en Galiza*, se calhar a melhor síntese conclusiva do pensamento nacionalista da época, onde se resumem as referidas perspetivas. No trabalho de Beramendi, "Estructura e evolución da ideoloxía política de Castelao" (1989:218), lemos:

> "a modulación do referente de reintegración, a sua peculiar e ambivalente consideración de Portugal. Precisamente porque aplica con total coherencia o criterio de identidade étnica, Castelao pensa, con respecto a Portugal, máis en termos de achegamento cultural que dunha reintegración nacional plena que, no fondo, é negada porque, como Murguía moito antes, coida que o Estado veciño, 'desterrado e centralizado no extremo oposto a Galiza xa non contaba coa enerxía étnica orixinal, é decir, perdera a sua homoxeneidade e a súa pureza galaica".

E Máiz (1989:272), sobre o mesmo autor e problemática, como vimos, amplia:

> "Eis o nacimento da etnia de reintegración, Portugal, da man dun concepto de nación baseado na etnicidade que sitúa a lingua, en canto sobranceiro producto do Volkgesit, como elemento axial.(...).
>
> A centralidade do elemento cultura/lingua prevalece por riba de calquer consideración político-voluntaria (...) que fica esvaida como non pertinente, e en calquera caso como inexistente obstáculo ó que ven sen dúbida fornecido de antemán pola común identidade cultural."

E no peculiar debate a respeito da identificação do tipo de reintegração, ao encontro de qualquer interpretação de reintegração política vão as palavras de Núñez Seixas (1992:68): "[...] cómpre tamén considerar que o nacionalismo galego buscou desde un comezo un vieiro independente de Portugal, e que malia un certo diálogo cultural con el durante a fase nacionalista (1916 en diante), sempre quixo manterse dentro daquela especificidade cultural e nacional".

Com base nas teorias de M. Hroch esclarece-nos que os galeguistas nunca sentirom o seu País como minoria nacional em relação a umha *Mutterland* (Portugal) que nunca funcionou como tal e aonde jamais se foi à procura dum programa nacional. Inclusive os escritores galegos, afirma, não se fundarom na literatura portuguesa para "construír a lingua literaria galega", "certos tentos e iniciativas, bastante personalizadas", por exemplo de J.V. Viqueira, salvo, e cuja originalidade o autor considera menor, pois estavam tomadas, possivelmente, da tradição iberista e federalista. A causa desta tendência reside, para Núñez Seixas (1992:75), na cultura escrita independente e a tensão entre os referentes célticos e lusistas, ultrapassando os primeiros aos segundos, e em que a cultura galega era já suficientemente madura como para ter que depender (parafraseamos as suas palavras) doutra;

> "buscábase o *scambio culturale* entre dúas culturas con puntos en común, mais a galega á altura dos anos 20, mesmo antes da Xeración Nós, quizais tiña xa percorrido un camiño abondo longo como para ter que depender doutra cultura para disterarse, e probablemente tamén porque os nacionalistas galegos sufriron na súa crueza o dilema dos flamengos no século XIX (a necesidade de preservaren unha propia identidade, mesmo a prudencia política para non se confundiren co país "afín" culturalmente, pero tamén a constatación da situación de inferioridade do galego fronte ó castelán)".

Até a fundação das Irmandades da Fala, já adiantados no presente século, não assistiremos porém a umha formulação mais acabada de todos os conceitos, muitos isolados e vagos, que acabamos de referir. É portanto na renovadora proposta nacionalista que Portugal passa em boa medida de referente reforçador a praxe real. O *aggiornamento* e aprofundamento da nova teoria, que concebe a Galiza já em termos diferentes dos regionalistas, integra e realiza o que no Regionalismo era hipótese ou limite não superável.

Para o caso que nos ocupa não existem certamente estudos completos sobre as "influências" de portugueses na Galiza ou vice-versa; mas, do ponto de vista cultural, os analistas a que nos vimos referindo assinalam a enorme debilidade dos contatos (praticamente inexistentes para algum) e a nula influência mútua nessa altura. Há no entanto, algumha exceção, como é o caso de António Ventura (1987/1988: 141) que assinala a «acentuada frieza» das relações com a Espanha durante a Primeira República, afirmando que, paralelamente, se regista um incremento dos contatos com a Catalunha e a Galiza. Para Ventura, referindo-se ao período do «Ressurdimento Galego», o caminho das relações foi contínuo, sem interrupções, embora fosse variável a envergadura dos intelectuais que o percorrerom.

Polo que diz respeito ao nosso trabalho, e a partir dos dados de que dispomos, pensamos estar em disposição de apresentar umha realidade polo menos parcelarmente diferente à que, mui resumidamente, acabamos de relatar.

II.

PERIODIZAÇÃO DO RELACIONAMENTO GALEGO-PORTUGUÊS

Convém, antes de mais, fixar o matiz determinante de *relacionamento*: ele pode ter un sentido restrito, que o faga sinónimo de contato direto, entre pessoas, grupos, entidades, agentes; e outro, mais alargado, que implique qualquer tipo de contato, seja mediado ou não, indireto ou direto: a leitura dum texto do outro sistema implica relacionamento e contato, ainda que não nos termos diretos, recíprocos e pessoais antes exemplificados; implica presença, necessariamente.

Por outro lado, a periodização dum relacionamento estabelecido nesses termos, entre duas partes, deve atender à periodização de cada umha das partes e, ao mesmo tempo, e tendo aquelas presentes, deve centrar-se na periodização do relacionamento como tarefa compreensiva do fenómeno. Por isso, iremos oferecer umha proposta de periodização que englobe e sustente o período fixado como corpus do presente trabalho[4].

A interferência[ii] galego-portuguesa desde os finais do século XIX até 1936 é de mui diferente qualidade. Através dos estudos de Rodrigues Baptista e Vázquez Cuesta[5], podemos deduzir que a Importação[iii] portuguesa do sistema regionalista é escassa no século XIX, e que tem modernamente em Teófilo Braga (1877) o seu principal inspirador; o que significaria retrotrairmo-nos ainda dez anos mais, polo menos. Da análise dos materiais por nós recolhidos, de que aqui apenas dumha mínima parte poderemos dar conta, concluímos que até aos anos vinte, aproximadamente, o sistema regionalista ocupa um lugar periférico no polissistema português, cujas raízes podem ser perfeitamente rastejadas

---

[4] A Tese de Doutoramento de onde é extraída esta parte em forma de volume, chegava, em início até 1936 e partia de 1900, termos que houvo que modificar: no termo *ad quem* quanto à análise; no termo *ab quo*, para recuar a 1888, fundamentalmente. Ainda que retirei do texto muitas observações relativas ao período posterior a 1907, conservei algumhas para oferecer umha perspetiva mais abrangente da *ubicação* do período aqui em foco

[5] Para o caso do último quartel do XIX, dispomos de trabalhos (Vázquez Cuesta, 1974, 1991; Rodrigues Baptista, 1986a e 1986b) que nos ilustram sobre a presença galega em Portugal, mas não no sentido inverso.

com um termo *a quo* situado em 1900, e serem complementadas polos estudos dos autores citados e pola análise da Importação galega. Mas, cabalmente, não podemos proceder da mesma maneira para o caso da Importação galega. O rigor exige-nos, neste caso, recuar até precisamente 1888/1891, porque é nesse momento que se sentam também as bases da Importação e da transferência galega do polissistema português, que ocupa, já desde este momento, umha posição quase central. Assim como é possível explicar o sentido galego-português do relacionamento desde 1900, não é possível proceder de igual modo na direção luso-galega. O que, no objeto de estudo, tem como consequência a necessidade de considerarmos também para a interpretação de Importações e transferências as publicações galegas não diárias desde 1888, momento em que aparece em cena a transferência portuguesa, em forma de *perigo,* como veremos.

Por outro lado, decidimos periodizar o relacionamento galego-português privilegiando os fenómenos do primeiro elemento, o galego, a respeito do português. A peculiaridade de ser o galeguista o sistema *demandante,* fundamentalmente, sendo o caráter da sua Importação e transferência um dos elementos basilares da sua proliferação sistémica[iv], levam-nos a esta decisão. Do até agora visto, podemos indicar que, 1891 funciona como um termo *ab quo* com bastante autonomia funcional na conceitualização da evolução galeguista. Parte dos agentes protagonistas da década anterior no relacionamento prolongam a sua relevância neste período em foco e há fenómenos que explicam circunstâncias importantes deste. Aí sobranceia a ação do grupo nucleado em torno a Manuel Murguía ou a ação de Teófilo Braga, por exemplo. No caso galeguista, os Xogos Froraes de Tui, polo que expressam de reunião e síntese galeguistas, constituem um marco, de dupla face: sintetizam, em geral, o estado, precário, do protossistema[v] galeguista e, em particular, no Discurso do líder Manuel Murguía as linhas do desenvolvimento sistémico galeguista relativas ao sistema português. Como tal marco, pode enfrentar-se, especialmente a fala de Murguía, que teria recolhido em boa parte *La Patria Gallega*, como um programa cujo desenvolvimento poderá contrastar-se nos anos posteriores. O quadro relacional galego-português, nos termos aqui colocados, pola sua forte componente heterónoma[vi], tem implicações políticas, de formulação identitária, culturais, etc., e, ao mesmo tempo, é pola dinâmica social e política condicionado. Acontecimentos como o *Ultimato* (de 11 de janeiro de 1890), o levantamento republicano de 31 de janeiro de 1891 em Portugal e a consolidação do republicanismo português desde a década de noventa supõem umha viragem no espaço social vinculado às dinâmicas culturais e políticas aqui focadas notável. Também fenómenos culturais e literários, com o alastramento, nos campos e produção literária restritos de sistemas consolidados (caso do português ou do espanhol), de novas propostas, primeiro o

naturalismo, e, antes, o realismo no romance começam a ganhar força nesta altura; logo aparecem o simbolismo, o decadentismo e o parnasianismo..., novidades que provocarão choques e lutas culturais que servem bem de pedra de toque e referência para entendermos os processos e as dinâmicas relacionais ou a sua ausência. Não perdemos de vista, no sentido antes anotado, as implicações políticas e sociais da guerra colonial e da perda das colónias de Cuba e Filipinas por parte da Espanha em 1898, este ano constitui-se numha baliza determinante para o sistema galeguista, polo seu importante condicionalismo e mudança de circunstâncias sociais e políticas no espaço social; e que se une, em efeitos, ao do *Ultimato* luso: fracasso e humilhação como impérios; e consequências na elaboração de orgulhos e coesões nacionais, alguns alternativos, outros prolongadores com maior ênfase em discursos dominantes anteriores; num caso e noutro, com o Iberismo, os Iberismos, Hispanismo, Hispanismos, a serem objeto de destaque no relacionamento intrapeninsular.

E, no exame da evolução do sistema galeguista, os anos 1906/1907, são relevantes; por umha parte pola criação da Real Academia Galega, em 1905 e do ato constitutivo em 1906; e, por outra, com a criação de Solidaridad Gallega e a sua estratégia agrarista dominante no mundo galeguista, e da saída de *A Nosa Terra* como periódico porta-voz da nova organização. O marco da Academia é incontornável, por umha razão sistémica de primeira magnitude: era a primeira vez que o galeguismo constituía umha entidade de índole primariamente institucional, no sentido sistémico, espaço que livros, revistas e diversos encontros ocuparam tempo antes, de maneira secundária e adicional. Agora, fora constituída umha entidade para prescrever, ditaminar, tomar decisões sobre a língua e a cultura potencialmente recebíveis como instruções e acordos sociais; portanto, no âmbito da ação destinada à existência e manutenção do protossistema. Umha entidade, aliás, que, sendo um objetivo de muitos anos atrás, à partida, reunia os principais agentes galeguistas num mesmo foro deliberador e decisor.

De todos os modos, e dada que a historiografia portuguesa tem colocado como marco *ad quem* deste período, logicamente, a queda da monarquia e a proclamação da república, iremos, em algum caso, apresentar umha visão global abrangendo até 1910.

III.

A PUBLICAÇÃO NÃO DIÁRIA COMO FONTE: *A REVISTA, O LITERÁRIO*

Talvez sejam poucas as pessoas que se identifiquem, individualmente, com os meios de comunicação; são muitas mais, porém, as que sem dúvida concordariam em que eles são (com todos os matizes de rigor) a melhor expressão do momento que vivem.

Obviamente, este é um fenómeno contemporâneo. Aludamos ao lugar comum imprescindível: a época contemporânea é, crescentemente, a época da comunicação. E, até ao primeiro quartel do século XX, é a época da comunicação verbal, oral e escrita. Com antecedentes mais remotos, a imprensa conhece um progressivo desenvolvimento cujo momento mais relevante são precisamente esses anos em que, não conhecendo a concorrência dos meios audiovisuais, o seu número, qualidade, facilidade aquisitiva e aumento de pessoas alfabetizadas fazem com que as letras impressas num suporte periódico atinjam umha importância determinante na sociedade, e nos processos que nela se verificam.

Certamente, o público leitor aumenta, tanto polo apelo que algumhas publicações periódicas representam para setores até então pouco ou nada atraídos pola leitura como pola progressiva alfabetização dos cidadãos e cidadãs de ambos os países. A escolarização é, comparada com os índices actuais, bastante menor. Antón Costa Rico (1980) indica que na época da ditadura de Primo de Rivera a percentagem de crianças escolarizadas é de 53%, mas a assistência média descia a 50,6% dos matriculados. Repare-se, aliás, no facto de não existir um Ministério de Educação até 1900, e que só no período republicano as taxas de analfabetismo descem sensivelmente. Por sua vez, Oliveira Marques (1973) revela, como recolhe Daniel Pires (1986), que esse analfabetismo chegava em 1900 a 73% da população, e que dez anos mais tarde apenas descera três pontos, e outros três em 1920. Na década de vinte não melhorou substantivamente a situação, porque o índice se colocou em 63%. Foi, segundo a mesma fonte, em 1940 quando se conseguiu umha cota inferior à metade da população (49%). De resto, este historiador sublinha o facto, aplicável à

Galiza, de a população com capacidade de ler ter pouco nível aquisitivo e pouco hábito de leitura**.**

Em geral, tanto na Galiza como em Portugal, o perfil do leitor é masculino, burguês e fundamentalmente constituído polas denominadas profissões liberais

[Para o caso galego[6], Narciso de Gabriel indica que (Gabriel, 2013:290) "en 1860 sabía leer y escribir el 21,14% de la población gallega de diez y más años, aunque esta tasa global es imprescindible desglosarla por sexos, ya que se duplicaba en el caso de los hombres y descendía hasta el 4,54% entre las mujeres". Além de "sexos", e tanto na Galiza como em Portugal, obviamente por classes, devemos pensar, porque aristocracia e burguesia ou setor clerical apresentariam taxas muito mais altas que as classes populares, na sua imensa maioria analfabetas, em termos globais. "Durante el resto del siglo", continua De Gabriel, "la tasa de alfabetización experimenta un crecimiento moderado, a razón de poco más de un cuarto de punto porcentual por año, situándose en el 32,12% en 1900", sendo que "el diferencial de género apenas disminuye, e incluso aumenta en 1887, que es cuando se registra el valor más alto (38,25 puntos)", certificando ser a alfabetização umha questão de género. De facto, De Gabriel indica que "a mediados del siglo XIX puede afirmarse que las mujeres gallegas estaban prácticamente excluidas del mundo de la cultura escrita, por lo que la propia noción de diferencial de género no aporta mayor información estadística, al identificarse prácticamente sus valores con las tasas masculinas".

De Gabriel indica que, entre 1900 e 1940, "como media", "la tasa de alfabetización crece un punto porcentual, cuatro veces más que durante el siglo XIX", em virtude da "renovación generacional", e a que "se incorporan a la cultura escrita personas de edades relativamente avanzadas". Deste modo, enfatiza o autor, em relação aos setores leitores mais novos do período que delimitamos, "la cohorte masculina nacida en 1880-1889 registraba a los 11-20 años (1900) una tasa de alfabetización del 49,14%", taxa que, no caso feminino, fica reduzida, no mesmo período, a 23,57%, dum conjunto populacional alfabeetizado que Narciso de Gabriel calcula em 32% em 1900. Ele informa que "las provincias de Lugo, Ourense y Pontevedra ocupaban en 1860 la última posición, con tasas inferiores al cinco por cien, acompañadas únicamente por Lleida y Castellón", no conjunto do estado español, ocupando a da Corunha "con un mayor componente urbano", umha posição algo melhor, nestas "posiciones relativas" que se mantêm em 1900.

---

[6] Acrescento agora, sobre este assunto e entre [], dados mais certos a que não tivem acesso no momento em que redigim a Tese e que são relevantes para nutrir umha ideia geral do potencial perfil de utentes dos meios que constituem o corpus deste trabalho.

No caso português, Rui Grácio (1971:51) calcula que é entre 1878 e 1911 o total de analfabetos descera de 82,4% para 75,1% ou, comenta Ribeiro Silva (1993:103), "se preferirmos a positiva como parece melhor, a população alfabetizada subiu de 17,6% para 24,9%". Das estatísticas por Grácio publicadas, Silva depreende "ainda que, nos vinte e um anos que vão de 1890 a 1911, a alfabetização dos indivíduos maiores de 7 anos cresceu diferenciadamente, conforme se tratava de homens ou de mulheres: os primeiros subiram 6,8 %, enquanto as segundas 6,1%".

Analisando os resultados de Grácio, Ramos (1988: 1070) informa que a alfabetização masculina é superior no norte relativamente ao sul e que, polo contrário, a alfabetização feminina é mais acentuada no sul que no norte, interpretando-o "pelo facto de a norte dominarem os camponeses proprietários e a sul os proletários; por outro, pela maior força a norte que a sul da Religião Católica e da prática religiosa".

Ramos (1988: 1067) dá para 1878 umha taxa de analfabetismo de 79,4% de habitantes do Ponrtugal continental maiores de 6 anos e que, "em 1890, 74,1% das crianças com idades entre os 7 e os 9 anos permaneciam iletradas". "Em 1878", exemplifica (1988: 1070), "na metade setentrional para lá da serra da Estrela, 33% dos homens declararam saber ler; a sul, só o fizeram 19,5%". "Por sua vez", prossegue, "13,4% das mulheres da Estremadura (distritos de Lisboa e de Santarém), Alentejo e Algarve responderam ao recenseamento que eram capazes de ler; a norte, apenas 7,6% puderam dizer o mesmo". "Assim", conclui Ramos, "o nível de alfabetização masculina a sul da serra da Estrela representava cerca de metade (59%) do nível a norte, enquanto o nível de alfabetização feminina a norte do rio Tejo estava quase na mesma proporção (56,7%) em relação ao Sul".

Por sua vez, Ribeiro Silva (1993: 101), pondera que as taxas de analfabetismo que os diversos censos do século XIX e primórdios do actual nos mostram, referentes a maiores de 7 anos, permanecem muito altas: 79,4% em 1878 para residentes no Continente"'; 76% em 1890; 74,1% em 1900; 69,7% em 1911"·

Quanto à eventual relação entre urbanismo e alfabetismo, Ramos (1988: 1072) esclarece que, no fim do século XIX, o urbanismo que havia em Portugal era sobretudo o das vilas e das pequenas cidades. "Desde logo", avança, "se pode observar que, em 1890, se Lisboa e Porto contavam apenas com 9,4% —menos de um décimo— da população do continente, albergavam todavia 22,8% —quase um quarto— das pessoas que no País sabiam ler". Relativamente à população feminina, Ramos informa que, de todas as mulheres portuguesas alfabetizadas, 29,1%, contra 19,5% dos homens, viviam em Lisboa e no Porto. Em 1890, em todos os distritos, a taxa de alfabetização

dos centros urbanos era maior do que a das áreas rurais. Ramos (1988:1072) oferece umha síntese do Portugal continental:

> "Na parte meridional do País, a feição urbana do povoamento é mais acentuada. E muito mais a da alfabetização. Cerca de metade a três quartos dos indivíduos que sabiam ler viviam nas cidades e nas vilas. No Noroeste minhoto e beirão, isso acontecia com as mulheres. Cá em baixo acontece também com os homens. Os distritos de Setúbal, Évora, Beja e Faro definem o pântano do analfabetismo rural masculino. Leiria, Santarém, Castelo Branco, Lisboa e Portalegre fazem a transição. No Sul iletrado, os níveis de instrução de homens e de mulheres estão mais próximos entre si por todo o lado".

Numha comparativa com o caso galego, Ramos (1988:1074) dá dados do analfabetismo, particularmente feminino, do Nororeste peninsular:

> "À escala da Península apercebemo-nos da singularidade da alfabetização do Noroeste. A partir de Leão (16,2% das mulheres alfabetizadas em Leão e 19,3% em Zamora) e das Astúrias (18,8%), a instrução feminina afundava-se na Galiza, para chegar aos 5,7% de Lugo, 5,4% de Orense e 9,6% de Pontevedra. Está visto, assim, que o Minho e a Beira Litoral portuguesa mais não faziam do que continuar a original gravidade do analfabetismo feminino galego. Podemos ainda dizer que o Nordeste transmontano fazia parte da zona de transição leonesa. Da mesma forma, a instrução das mulheres do vale do Douro prolonga dentro de Portugal um corredor de ilustração feminina que, acompanhando esse rio, vem de Espanha".

Num trabalho de 1998, e que De Gabriel recolhe no trabalho já citado, Ramos (1998): afirma : «o que de mais peculiar apresenta Portugal é o analfabetismo feminino no noroeste rural, típico também da Galiza —e explicável talvez pelo papel da mulher na família e na economia rural».]

A relevância da imprensa é progressivamente maior. A sua crescente importância na vida social e política da comunidade testemunham-na, entre outros fatores, as várias tentativas dos Estados de regularem a prática jornalística, mesmo com rigorosa censura, onde publicar qualquer cousa crítica para com o regime político imperante (crítica sob cuja perspetiva era frequente), era procurar-se imediatamente problemas, apesar da autocensura que sobre si próprios tinham de exercer muitos diretores e redatores. Os primeiros, em alguns momentos, tinham que submeter o seu nome para o cargo de direção à aprovação da autoridade. A censura, enfim, é um fator extraordinariamente condicionante da receção. Para além de multas, o habitual era o encerramento da publicação.

A imprensa da Galiza, como a de todo o Estado Espanhol, estivo também submetida a diferentes leis de imprensa ou decretos reguladores. Pérez Pais (1974, XXV) informa-nos que durante o período da Restauración monárquica, "varios decretos y leyes regularon la libertad de expresión". Em 1875 foi proibido defender formas de governo contrárias à monarquia constitucional. Alude também esta autora a outras leis que afetavam à atividade jornalística,

como a de "Jurisdicciones", "por la que se sometían a tribunales militares los delitos contra la patria y el ejército". O fenómeno jornalístico é também um fenómeno eminentemente urbano. Com efeito, o agrupamento urbano traz como consequência a necessidade de novas formas de comunicação, cuja produção é quase exclusiva de entidades populacionais com suficiente número de leitores como para custear os gastos gerados. Alfredo Margarido (1988:227) comenta:

> "Tanto a tipografia como as publicações periódicas caracterizam as formas urbanas, e a sua evolução está sempre associada ao desenvolvimento das cidades. A raleza e magreza das concentrações urbanas explica, polo menos em parte, o número reduzido de revistas, tal como ajuda a compreender que as tiragens sejam sempre pouco elevadas e que não seja longa a sua vida média".

O caso mais particular das revistas literárias acentua ainda esta tendência. De novo por palavras de Alfredo Margarido (1988:228):

> "O inventário das revistas literárias aparecidas em Portugal a partir de 1900 revela um panorama que, sendo embora curioso, se limita a confirmar as observações de sociólogos e economistas, que põem em evidência o irresistível processo de concentração da vida portuguesa. A cultura, como a poesia, não podiam furtar-se a esta tendência centrípeta".

No caso concreto da literatura, as publicações periódicas são o principal informante. R. Sheffy (1990) salientava o facto de normalmente os que publicam livros e revistas refletirem modas literárias, as preferências no campo da produção real. O habitual caráter efémero das segundas expressa precisamente que o seu valor fundamental, *a posteriori*, descansa na ligação ao seu *presente*. Se o autor dum livro pretende, consciente ou inconscientemente, a sua permanência, num tempo mais amplo (curto, meio ou longo) um conselho de redação sabe e assume que o seu produto vai ficar, de regra, ocultado polo próximo número editado; e se não há número próximo, a saudade dos seus fiéis leitores ficará rapidamente corrigida por outras publicações. As revistas poucas vezes são tesouros, produtos sobre que se torna. O contínuo diálogo a que se submetem e são sumetidas fazem da atualidade a sua razão de ser, mesmo quando invocam os mais permanentes valores. "A revista", afirma Clara Rocha (1985:39) "facilita por natureza o processo de *feedback* na comunicação", através de rubricas como «Correspondência dos leitores», «Cartas ao director» etc. Mesmo há outras formas de diálogo interessantes, a informarem-nos sobre aspetos que envolvem estas produções editoriais. De resto, toda a publicação configura um horizonte de expetativas nos seus leitores que com ela dialogam com a sua aquisição e/ou leitura. É o caso da seleção de anúncios, que nos permite elucidar os apoios económicos com que um projeto conta, o índice

de credibilidade social que ele tem, o rendimento que a sua natureza e alargamento supõe para os anunciantes, o tipo de público leitor, etc.

Enfim, do estudo das publicações periódicas extraímos sobretudo informação do ambiente literário dumha época e dum lugar, o *pulso* da notícia. César A. Molina (1989: 12-13) transcreve oportunamente sobre o tema os comentários de Guillermo de Torre no seu «Elogio de las revistas» (1969:12:13):

> "En todo principio literario que se estime, en todo hito decisivo de una época inaugural, en aquel momento que marque el nacimiento de una verdadera generación literaria)» :
>
> ... la tendencia a considerar ese bloque compacto que forma el libro, como único testimonio, nos ha privado generalmente de muy sabrosos complementos en las historias literarias. Sin embargo, yo entiendo que el perfil más nítido de una época, el escorzo más revelador de una personalidad, el antecedente olvidado o renegado de cierta actitud que luego nos asombra, en tal o cual escritor, se hallan escondidos, subyacentes, no en los libros, sino en las páginas de las revistas primiciales".

Nesta linha, mas dumha perspetiva de rigor historiográfico, o Professor R. Villares, no prefácio ao livro de Marcos Valcárcel sobre a imprensa da província de Ourense (1987:11), pondera também o alto valor documental das publicações periódicas, advertindo igualmente sobre o conhecimento que o historiador há-de ter dos fatores influentes nestes meios do quotidiano:

> "Hai outras fontes históricas non menos significativas da contemporaneidade, como son os propios medios audiovisuais. Pero a prensa ténse convertido, cicais por esa condición que tén de ser unha fonte escrita, nun dos repertorios máis empregados para a procura e a explicación de feitos históricos. Non é doado o labor de construir un relato histórico a partires das fontes de prensa, aínda que sexan abondosos os traballos historiográficos que nelas se sustentan. Pois trátase dunha fonte que conta cousas miúdas, cotiáns, e que está suxeita con frecuencia a influencias de tipo ideolóxico, doctrinal, económico, político e, mesmo, de ubicación espacial. A prensa é, como asegura o polonés J. Topolski, non somente unha fonte de caráter *indirecto*, de acordo cunha centenaria clasificación das fontes históricas, senón tamén *enderezada*, esto é, dirixida e exposta a tendencias. Por esta razón, é preciso non actuar con frivolidade no emprego da prensa como fonte histórica. A primeira preocupación do historiador, denantes de se poñer a debullar os datos concretos, ha ser o de coñecer o máis exactamente posible todas as características da prensa e dos xornais analisados, en tanto que realidade histórico/concreta".

A análise deste tipo de objetos conhece nos últimos vinte anos aproximadamente umha atenção de que nunca tivera. É óbvio que o caráter recente da sua proliferação está na base da sua escassa relevância nos estudos literários. E que, por outra parte, nesta época de balanços, talvez muitas vezes inconsciente, a imprensa joga um papel decisivo. A revista substitui o lugar proeminente que o livro alcançara como *fetiche*. Parece que lendo os textos nas revistas aproximamo-nos mais do autor e do seu contorno e abandonamos a frieza que nos pode produzir a terceira edição dum livro; sobretudo em momentos

saudosos, em tempos de revisitações históricas (recorrentes, aliás, com expressiva sintonia em Portugal e na Galiza) em que fazemos da História a nossa contemporânea, como afirmava B. Croce.

Enfim, estas observações, entre o sentimento e a razão, jogam em nosso favor à hora de proceder à necessária defesa e elogio do objeto de estudo, aqui, a revista.

Dentro da recente tradição dos trabalhos que colocam a análise da receção como elemento fundamental da sua metodologia, as pesquisas baseadas nos meios de comunicação são cada vez mais frequentes.

Os vários tipos de publicações periódicas que aqui consideramos apresentam outros perfis importantes para o estudo da vida literária dumha época. Umha diferença substantiva com o livro é o seu caráter coletivo. Não é exclusivo da revista esse caráter. Naturalmente que há livros de grupo e antologias, e que, por sê-lo, aproximam-se muito mais da função que algumhas revistas (às vezes substitutas da impossibilidade de publicar livros) desenvolvem no ambiente literário. Por exemplo, as publicações que se conferem a responsabilidade de *arquivar* (Rocha, 1985: 104) os tesouros dumha época, ou que incluem seções com essa missão. Este é o caso de algumhas revistas cuja especialização em ciências humanas e/ou sociais em que se evidencia ainda mais essa tendência, como a *Galicia Diplomática* que em três séries dirigiu o arquivista da Câmara de Santiago de Compostela Bernardo Barreiro, ou a *Revista Lusitana*, de Leite de Vasconcelos, "Arquivo de Estudos Philológicos e Etnológicos relativos a Portugal". Essa linha é em boa medida a que oferecem publicações que arvoram umha "concepção erudita da cultura", não abdicando "dum «conveniente» *distanciamento temporal* entre o estudioso e o objeto estudado", que refere Clara Rocha (1985:83) exemplificando em *Biblos*, que deu início em 1925.

Sobre livro e revista cita Guillermo de Torre (1989:16-17) estas palavras de G. Duhamel em «Arts et littératures dans la societé contemporaine», que são igualmente transcritas por Molina (1989:13):

> "Las revistas corresponden a una forma de atividad intelectual más necesaria que nunca en el desorden contemporáneo. . [...] El libro es voluminosos y lento, el diario es demasiado breve y fugitivo. El libro es, en general, la obra de un solo hombre y el reflejo de un solo espíritu. La revista es un trabajo de equipo, la imagen de un grupo de espíritus. Cierta manera de examinar, de criticar los acontecimientos, los hombres, las obras, exige la revista, vehículo natural de un pensamiento vigilante [...]."

Esse caráter coletivo, de grupo, interessa-nos particularmente na compreensão das pugnas polo(s) centro(s) sistémicos que se operam num momento dado, e, em geral, como expressão da posição e função que esses grupos ocupam e pretendem ocupar, informando-nos igualmente da força e estabilidade dos seus projetos. Clara Rocha, que acompanha o seu trabalho sobre

as revistas literárias dum valioso estudo sociológico destes meios, comenta (1985:33) que, assim como do ponto de vista da *criação* a revista é umha afirmação de grupo, lugar muitas vezes de afirmação dos *novos*, como lembra igualmente Alfredo Margarido, do ponto de vista da *receção*, ela quer vir preencher umha «lacuna».

Na realidade umha revista permite ver o jogo de influências de sequências literárias ao colocar cânones, obras e escritores. Entre as funções das publicações literárias ou culturais, Clara Rocha (1985:99) assinala as de "*selecção*, *valoração*, *reavaliação* e *consagração* de autores obras e movimentos":

> "Isto é, para além de se empenharem numa atividade de revelação, ao lançarem os novos, as publicações periódicas podem servir para exercer uma acção crítica, contribuindo em grande medida para esse fenómeno de esquecimento e permanência sobre o qual se funda a História literária, e de que fala Jauss".

A vontade de afirmação que toda a publicação periódica significa pode, aliás, ter objetivos não *estritamente* literários. Um caso singular oferecem-no-lo os semanários regionalistas portugueses. A vontade de afirmação do grupo aqui costuma referir-se à terra, em luta contra a centralização política, e cultural (Rocha, 1985:78); os textos inseridos neles tomam pois umha postulação de receção unida a esse objetivo. É notório isto com textos de autores consagrados, cuja proposta de *releitura* visa a afirmação de valores locais ou regionais. Isto explica, por exemplo, o tipo de relacionamento galego-minhoto que começa a ser estabelecido nos finais do séc. XIX entre regionalistas *moderados* galegos e regionalistas do Minho. A sensação ou a realidade da *marginalização*, de periferia, oferece soluções tão díspares como ilustrativas no estudo do processo literário, mui acentuado no caso galego e português, por razões por vezes coincidentes (Cf. Reis:1992).

III.1. A imprensa literária como elemento de mediação

Para o entendimento dos processos literários devemos dar atenção aos mediadores ou intermediários. No caso de duas ou mais literaturas em confronto, a revista cobra umha relevância especial.

O papel de mediador, o *tertium datur*, como o denomina Guillén (1985) é decisivo. Umha mediação que não se reduz ao indivíduo tradutor ou introdutor. Nem sempre é ele a única via de contato. "Le nouvelle marque", aliás, que como indica Bourdieu é atribuída a um texto importado, tem muito a ver com os meios e as instituições que atuam sobre ele no trânsito ao sistema-meta. Se, como exemplifica Bourdieu (1989:6) com as editoras Suhrkamp e Seuil, um texto é publicado por umha entidade ou outra, o que é já umha apropriação simbólica, a receção muda radicalmente.

Tradutores, mediadores, críticos, instituições, meios de comunicação, leitores, etc., entram em jogo. Como anota J. Lambert (1986), o objetivo neste sentido é o de localizar as normas dos indivíduos (tradutores, leitores, críticos) em relação às normas (centrais, periféricas, etc.) do momento, dos que Schmidt denomina "agentes de transformação" dos objetos da Comunicação Literária que recebem, e modificam por meio das suas próprias produções.

O panorama que se abre é enormemente vasto. A dimensão polissistémica da literatura, considerada a tradução, conduz-nos por umha infinidade de possibilidades que podem cobrar um valor mediático relevante, e que, doutra perspetiva, poderiam passar absolutamente inadvertidas. A noção *byt* de Ejchenbaum encontra possivelmente aqui a sua melhor posição sistémica. Sobre estes aspetos, comenta Claudio Guillén (1985:68):

> El acopio de incontables datos de índole biográfica, sociológica, bibliográfica o anecdótica, instuaró una curiosa especialidad del comparatismo. ¨Vestíbulo de la lectura misma? ¨Laboratorio de investigaciones preliminares? ¨Hilfswissenchaft? Aludo a la consideración de viajes y libros de viajes, artículos de periódicos, revistas consideradas en su acción de conjunto, traducciones, diccionarios, compañías de actores ambulantes; y también la enseñanza de idiomas, los críticos los cenáculos y otros componentes que son como las mallas de una gran red literaria internacional.

E Daniel-Henri Pageaux (1994:29), aludindo à diferente natureza dos mediadores, e a sua diversa posição e função a respeito dos vários subsistemas de um polissistema, avisava: "Examiner les figures d'intermédiaires, parfois des minores, des marginaux qui ne sauvent leur obscure singularité que par leurs écrits, abouit à prendre conscience du caractère polymorphe de la médiation culturelle, du dialogue des cultures"

E há ainda outros aspetos a considerar, fora da personificação em agentes. Brunel e Chevrel (1989:14) assinalam junto ao papel de vulgarizadores, professores ou amigos, o daquilo que já corre anónimo, de autoria dificilmente conhecida, como não seja a um conjunto indefinido, o rumor, a moda, a "fortune" no sentido mais amplo do termo, remetendo-nos para os estudos de Jauss (1978, 1987, 1988) e a Escola de Constança.

Estamos diante, enfim, dum trânsito produzido por muitos modos; perante um cúmulo de variedades que postula umha mínima arrumação. Talvez em atenção ao interesse das possíveis mediações, venha a propósito atender à tríade sugerida por Guillén: traduções, intermediários (*intermediaires*, como ele prefere, e que designa as pessoas mediadoras) e revistas. A respeito da revistas, Pageaux (1994:30) comenta como elas, ao lado doutros géneros e subgéneros literários

(como a carta, o ensaio, o paratexto) são instrumentos privilegiados da escrita da mediação, e o seu papel particularmente desde meados do século passado. E destaca o especial relevo que adquire o ponto de vista do jornalista: "Le journal devient une manière de théâtre où le journaliste est «spectateur», lecteur et juge"

Desde meados do século XIX até aos anos sessenta, polo menos, a revista foi o meio privilegiado para conhecer o Outro. Necessariamente, o estudo dos movimentos literários desde o século passado tem de fazer sempre alusão às publicações periódicas. Amiúde, as inovações instalavam-se primeiro nestes meios efémeros, e daí alargavam-se para a produção literária.

E nesta vaga favorável, que testemunham recentes trabalhos de fôlego sobre as revistas literárias na Galiza e Portugal, queremos anotar o que nos parece o argumento mais importante para selecionar a imprensa periódica: nela aparecem, com maior evidência que noutros casos, todos os macrofatores (instituições, mercado, repertório[vii], produto, produtor@ e recetor@s) que fazem parte dum polissistema literário: Even-Zohar, 1990), e, tomada no seu conjunto, oferece-nos o melhor detetor das ideias em jogo em cada momento: autores, canais, instituições, mercados, etc. E também leitores e até géneros. Analisando objetivos e tiragens podemos determinar que setores de população sustentavam os diversos projetos editoriais, e as ideias que os animavam. Através dela podemos conhecer a sua função e posição sistémicas, e detetar os fenómenos de homeorrese e homeostase[viii] que se estão a produzir. Umha revista, aliás, propõe e responde, sistematicamente, a outras e ao público. E, para além disso, a ativa presença dos leitores, através de seções habilitadas a esse fim em várias publicações, concede-nos a possibilidade de completar a nossa visão sobre a época.

Um dos princípios do planeamento em marketing é o de antecipar-se ao consumidor para satisfazer os seus desejos, ou dar solução às suas dificuldades e problemas, que, em ocasiões, são criados polas próprias empresas. Daniel Pires (1986:19), lembrava, com Paul Valéry, que as revistas literárias constituem "um laboratório onde se experimentam novas ideias e formas, onde se confrontam as mundividências e se ensaiam outras maneiras de as explicar". Cita Pires um fragmento do discurso do escritor na Academia Francesa:

> "Ces petites églises où les esprits s'echauffent, ces enceintes ou le ton monte, où les valeurs s'exagèrent, ce sont de veritables laboratoires pour les lettres. Il n'y a point de doute, Messieurs, que le public, dans son ensemble, n'ait droit aux produits réguliers et éprouvés de l'industrie littériare, mais l'avancement de l'industrie exige de nombreuses tentatives, d'audacieuses hypothèses, des imprudences même; et les seuls laboratoires permettent de realiser les temperatures très élevées, les reactions rarissimes, le degré d'enthousiasme sans quoi les sciences ni les arts n'aurient qu'un avenir trop prévu".

Não todas atuam desa maneira, mas algumhas sim servem para conhecer melhor o que anos mais tarde acaba por se erigir num repertório central.

Mas, do mesmo modo que algumhas publicações antecipam, outras *conservam*; no estudo das publicações literárias atende-se com frequência apenas àquelas que manifestam elementos *novos*, próximos da noção de vanguarda, e, em geral, às que têm como eixo vertebrador a produção literária, os textos literários. Este tipo de prática não permite reconstruir o ambiente literário dumha época, mas só as propostas primárias. O estudo doutro tipo de meios facilita entendermos mais acabadamente qual era a vida cultural do período que é considerado. Muitas são as publicações que pretendem responder aos gostos dos seus leitores mais do que alterá-los; normalmente não vamos encontrar esta atitude nas publicações vanguardistas, inovadoras, e temos de recorrer a outras fontes.

Aludíamos antes aos géneros. O desenvolvimento dos meios de comunicação, ligado aos progressos técnicos, deu lugar ao aparecimento de novos géneros, ou à flexibilização doutros, como a entrevista, a recensão ou a crónica. E fizo também com que, de maneira direta ou indireta, todo o tipo de géneros literários tivesse espaço nos meios. Comummente, pensa-se que a análise das revistas apenas pode dar conta dumha história da lírica, ou, com dificuldades, do relato breve. As suas condições materiais não são o melhor refúgio para a produção extensa (embora algumhas reservem numerosas páginas ao ensaio e à novela, ou outras pratiquem o romance por entregas, e a reprodução de fragmentos de textos teatrais). Mas este argumento seria, em si mesmo, pobre. Dentro âmbito do *literário*, devemos por exemplo, contemplar a recensão. Ela é *literatura*, com independência de que seja recebida, ou concebida, como um produto estético. Se ela trata dum romance, é a receção do romance, para o autor e os leitores, o que está em jogo. O jornalismo *inventou*, de resto, alguns géneros e subgéneros "dando cabida a multitud de géneros y subgéneros: el reportaje, la crónica, el artículo de fondo o editorial, la entrevista, la 'columna' el recuadro (o *billet)*, la recensión" (Guillén, 1985:163).

Nas revistas estão presentes todos os géneros e textos a que se dê cabida. Interessados como estamos em conhecer *como as cousas se passarom literariamente*, renunciando à apreciação estilística ou ao juízo de valor sobre os textos em si mesmos apreciados, o que, entendemos, é reduto do indivíduo, a nossa maior atenção destina-se ao social, ao coletivo, ao conjunto, ao polissistema. E é nessa perspetiva que as publicações periódicas se manifestam, em nossa opinião, como o elemento decisivo para a inteligência dos fenómenos em foco.

III.2. Critérios de seleção: *A Revista, O Literário*[7]

Mas, que publicações? Deveríamos estudá-las todas. Tudo aquilo que alcançou caráter de permanência, por mínimo que fosse, deveria ser alvo do nosso estudo. Talvez isto pareça exagerado, e poda dar a impressão de que mais prepara o terreno para as obrigadas restrições que depois haverá que fazer do que anuncia um princípio de coerência. Em parte, assim é. Mas em parte não, porque umha caraterística inerente ao estudo dum polissistema deve ser, por coerência, a inexistência do pré-julgamento; mas estamos conscientes de que necessariamente há que estabelecer umha série de pré-juízos. Se quisermos perspetivar o relacionamento cultural galego-português numha fase da sua história, como de facto pretendemos, precisamos demarcar um período relativamente amplo. Sendo mui difícil o estudo de todas as publicações, este apenas poderia considerar-se em segmentos temporais mui restritos (um ano, por exemplo), abordagem possível quando existirem quadros gerais em que engastá-la. Um dos grandes problemas do comparatismo parece-nos ser precisamente o facto de *perder a perspetiva* quando procede a análises concentradas em mui poucas obras ou autores. Não é esse o objetivo deste trabalho, nem pode sê-lo. Temos então que abranger um período maior, e, dada a nossa incapacidade, restringir o potencial objeto de estudo.

Logo assoma outra pergunta metodológica: com que critérios restringimos? Por começar polo adjetivo *literárias* que figurava no título da Tese origem deste volume, e se fizéssemos dele um sinónimo de revistas de 'textos literários', teríamos, no caso galego, que fechar as montras da nossa loja de publicações até aos anos trinta deste século. Absurdo, sim, mas talvez só na aparência, e perfeitamente coerente com algumhas conceções do *literário*; do ponto de vista de quem, se quiser observar apenas o relacionamento processado polas publicações periódicas que privilegiam a produção literária absoluta ou maioritariamente, é totalmente plausível e ilustrativo. E mais coerente que as análises que ficam pola arbitrariedade de incluir ou excluir do seu censo publicações sobre a base de critérios de duvidosa qualidade científica.

Quando se transcende esse estrito âmbito, passa-se, em regra, ao *cultural*. Cabem aqui então muitos tipos de publicações. Segundo Clara Rocha (1985: 28), "quanto à temática" podem ser considerados dous grandes grupos: "dum lado as revistas e jornais exclusivamente literários, do outro os que não o são (revistas culturais, políticas, de opinião, etc.)". A umha similar divisão recorre César Antonio Molina, quem, atribuindo-se "a definitiva incorporación" do conceito *imprensa literária* "como terminoloxía clarificadora" (1989:12),

[7] À partida, a Tese cinrcunscrevia-se às revistas literárias; depois, como se verá, alarguei o âmbito delimitador ao "cultural"; mantenho, em todo o caso, este primeiro arrazoado sobre a questão literária porque acho resulta pertinente.

define-a assim (1989: 11): "Aquela que se ocupa especificamente do desenrolo, divulgación, crítica e creación desta parcela do coñecemento humano. A prensa literaria é unha rama moi importante da prensa cultural, á que definiremos máis adiante nun apartado".

Por sua vez, a imprensa cultural (1989:20) é, segundo ele: "aquela que favorece o cultivo das facultades intelectuais do home dende os seus múltiples aspetos, tales coma o literario, científico, filosófico, artístico, político, etc".

Clara Rocha, que no âmbito do estritamente *literário* explicita também "o conjunto mais restrito das revistas exclusivamente *poéticas*" (1985: 28), delimita os seguintes grupos nas "revistas e jornais não estritamente literários, mas com maior interesse literário": "revistas de entretenimento e informação; revistas e jornais culturais (mais ou menos especializados, obedecendo a umha concepção «clássica» de cultura); revistas marginais ou da contracultura; revistas e jornais políticos ou de opinião; revistas de letras e artes".

Em nossa opinião, o que este tipo de classificações manifesta é umha espécie de conceito canónico da publicação literária (aquela que apresenta total ou maioritariamente textos literários), cujo *défice* para a explicação do *quotidiano* literário deve ser preenchido por outra série de publicações. Mas esta divisão não tem depois relevância metodológica quando através delas se analisa um determinado período. Não o apresenta o rigoroso estudo de Clara Rocha (que realiza umha leitura intertextual das revistas do XX); no de César A. Molina, a carência de método conduz a um resultado muito menos rendoso do que o de Rocha. E, por citarmos umha breve aproximação dum estudioso da imprensa literária, Fernando Guimarães (1982, 44-46), ele escreve sobre as revistas literárias dos anos vinte e trinta em Portugal, aplicando o conceito mais restrito de *literário,* mas tendo que acabar por incluir *A Águia* ou a *Seara Nova.*

Definições como a de Clara Rocha ou de César A. Molina apresentam o problema de resolver que é o que se entende por essa *parcela de coñecemento humano* que é a literatura. Ora bem, o advérbio *especificamente* devolve-nos à conceção anteriormente assinalada. Não por acaso Molina, na sua análise da imprensa literária na Galiza, tem de recorrer à noção de imprensa cultural, para dar cabida a publicações *literárias* mui importantes dos anos vinte, por exemplo *Nós* ou *A Nosa Terra.* Ele próprio (1989:12) reconhece que

> "Durante o período que poderíamos denominar como prehistoria da nosa prensa literaria, é dicir, o que abarca gran parte do século XIX, os conceptos de prensa cultural e de prensa literaria aparecen mesturados. As propias publicacións responden a esa confusión ó publicaren, xunto a traballos de creación e crítica literaria, outros relacionados con temas científicos, filosóficos e-sobre todo- sociais e políticos".

O que, na realidade, é um fenómeno alargável mesmo aos nossos dias.

Surge ainda outro problema, típico de literaturas emergentes, mas não exclusivo. Tomemos um exemplo: *A Nosa Terra* é umha revista entre cujas

caraterísticas conta decisivamente o seu perfil político. Mas, sem ela, a produção literária galeguista dificilmente poderia ser explicada. É um caso similar à *Seara Nova.* A sua inclusão apenas pode ser justificada dada a definição de imprensa cultural que oferece Molina.

Pusemos, sim, de parte, *a priori,* algumhas publicações de índole mui específica, e consideramos aquelas que se intitulavam literárias, culturais, ou ilustradas, ou respondiam a projetos desta natureza, segundo os critérios acima anotados, que complementámos com outras (desportivas, turísticas) cujo âmbito temático, informativo ou territorial, nos interessava para conhecer o alargamento social, ou, se se quer, sociocultural, do relacionamento galego-português.

Nesta altura, devemos mais umha vez reconhecer como insuficiência deste trabalho o facto de não atender às artes plásticas como elemento importante em algumhas das publicações objeto do nosso estudo. Não apenas na colaboração entre artistas plásticos e escritores, no multifacetado de algum deles. Referimo-nos sobretudo aos aspetos que têm a ver com os recetores. Certo é que, como anota Guillén, "lo principal quizá no es que una revista siempre guste, estéticamente, o agrade; sino que interese, informe, inquiete"; mas são os gráficos elementos em ocasiões notoriamente coadjuvantes ao sucesso, ou ao fracasso, dumha publicação.

Enfim, o adjetivo *literárias* entendemo-lo como o qualificativo que alude a publicações que *interessam* à literatura. De facto, muitas publicações que hoje talvez não considerássemos *literárias* eram *apelidadas* assim polos seus responsáveis. *Literário* significava normalmente que a publicação periódica não apenas continha avisos e notícias, mas que apresentava crónicas, recensões ou então também textos literários; e que era vontade desses responsáveis destacá-lo.

Tínhamos a hipótese, então, de definir o nosso objeto de estudo como a análise das publicações periódicas não diárias literárias; mas seria um circunlóquio desnecessário. É a substância, não a materialidade, o que nos interessa do conceito da revista. Se atentarmos bem, a diferença não é substantiva; todos os meios citados reúnem umhas mesmas caraterísticas singulares: as de passar *em revista* acontecimentos literários, e serem normalmente resultado da acção dum grupo. Dão-se mesmo casos em que umha revista finissecular se parece mais com um jornal literário dos anos vinte do que com umha revista da mesma época. Mais ainda; por vezes, estes diferentes suportes mediáticos têm públicos complementares, ou respondem a estratégias editoriais distintas. Como, por exemplo, lembra Rui Ramos (1994:46) para o caso do almanaque,

este era um produto que normalmente visava criar público, oferecendo umha síntese acessível do ano em variados aspetos, popular, barato, fácil e útil.

Demais, em todo o momento pensamos ser central a atenção às revistas, *elas próprias.* Ora não sob umha consideração intrínseca, mas como suporte informativo dumha época, uns anos, uns meses, umha semana. Não é o nosso propósito analisar as revistas, agora culturais, mas delas servirmo-nos para entender o processo dumha determinada época. E quando a apreciação das revistas não bastou aos nossos objetivos (cousa bastante comum), recorremos a outras classes de meios escritos; nomeadamente dous: os jornais diários e os semanários locais, comarcais, regionais e/ou regionalistas. Com efeito, sendo o nosso objetivo entender as chaves do relacionamento literário galego-português, houvo épocas em que centros particularmente ativos não tinham meios de expressão através de revistas, e utilizavam os jornais diários, ou semanários de informação geral como plataformas: o recurso à *Idea Moderna* de Lugo, nos finais do séc. XIX e princípios do XX obedece a este motivo; mas também ao de sabermos o que *liam* outros setores da população. E, por exemplo, para dar conta da vida literária portuguesa, tivemos de recorrer a semanários regionalistas, particularmente da região do Minho, para conhecer realmente como as *cousas* galegos-portuguesas se passavam para o público leitor desses territórios, e conhecer o alargamento e interiorização a que elas chegaram. polo que diz respeito a publicações locais ou comarcais, o seu uso, bastante restrito dado o menor público leitor que, normalmente e em confronto com outras publicações tinham) obedeceu de preferência às mesmas razões que as assinaladas para o caso das publicações regionalistas.

Outro tipo de publicações normalmente negligenciadas à hora de tratar da produção literária e que aqui consideramos é o satírico. Umha das razões assenta na influência que a literatura canonizada pode exercer na não canonizada, por vezes, de maneira transgressiva e irónica. Mas têm para nós valor em si mesmas, porque é umha das maneiras de entender a vida literária com o conceito mais amplo que aqui defendemos.

De resto, o jornalismo concentra atividades literárias de mui diversa apreciação. "El periodismo", comenta Claudio Guillén (1985:164), "lo mismo puede ser paraliterario que auténticamente literario. Así su precariedad, la zona fronteriza en que se desenvuelve, es lo que lo carateriza desde nuestro punto de vista". Em matéria de revistas, faz-se ainda mais sensível o erro do apriorismo que delimita a literatura canonizada, ou a alta literatura da baixa ou marginal para separar esta do conceito de *literatura,* o que Rocha denominava *contracultura.* É oportuno distinguir os dous âmbitos; como diz Guillén (1985:73):

> "[...] lo crucial es la diferencia entre la publicación más "digna", sólida, o establecida y la revista marginal, experimental, de ánimo anticonvencional, [...] little magazi-

> nes que deben su existencia a dos motivos: la rebelión contra los modos tradicionales de expresión...; y el deseo de superar las dificultades comerciales y materiales que causa la introducción de cualquier obra cuyos méritos comerciales no han sido probados".

Mas não para determinar o que deva ser ou não o objeto de estudo. O fenómeno fora já observado com rigor desde o formalismo russo. Com efeito, ao tratar do facto literário, Tynianov (1929:222) tinha reparado no processo que neste sentido se estava a verificar na sua época: "Os jornais e revistas existem desde já há muitos anos, mas existem como factos do ambiente social. Entretanto, nos nossos dias, existe um acentuado interesse polo jornal, a revista ou a miscelânea como obras literárias peculiares, como reconstruções".

Enfim, sobre a base do conjunto de critérios expostos, passemos agora à explicação da confeção do corpus. Queremos, de início, fazer umha pontualização. Para o caso galego, e com diferença ao português, consideramos dentro do corpus as publicações que foram editadas em Havana, Buenos Aires, Madrid e Montevideu, fundamentalmente, e algums outras de Lisboa, Barcelona e outras cidades da América do Sul. A razão é facilmente deduzível se atendermos à assunção pola nossa parte do conceito de literatura nacional e de *enclave*[ix]. Demais, as publicações da emigração circulam no território galego com habitual normalidade, e são publicadas tendo em conta o público de além-mar (como à inversa sucede com algumhas galegas). Por último, os vínculos entre as diferentes comunidades são grandes, e nada negligenciável o papel económico e de intervenção no sistema galeguista jogado por algumhas comunidades da emigração.

O caso da África portuguesa na altura é para nós mais deconhecido. Mas, com os dados que contamos sobre as publicações, bem se pode inferir que o caso dista muito do galego; para isso, trazemos aqui a nossa argumentação sobre os limites do nosso objeto de estudo; Daniel Pires, no seu *Dicionário* (1986), o mais completo para Portugal de que temos notícia, regista quase 700 revistas, entre 1900 e 1984; delas 388 vão de 1900 a 1936, restando, entre esta última data e 1984, 247. A Guiné, Timor e São Tomé, segundo Pires, não tiveram atividade jornalística literária; as de Moçambique são posteriores a 1907. Apenas para Cabo Verde, cita umha revista neste período: *A Esperança*, com o seguinte subtítulo: "Revista Colonial, Popular, Encyclopédica-Almanach Luso-Africano-Parte Litterária", que editou em Braga e S. Nicolau de Cabo Verde 10 números em 1901. O volume de publicações mais numeroso corresponde obviamente a Angola, todas elas em Luanda, neste período: *Luz e Crença* (1902), que publicou dous números, porque "uma prosa interventiva, acutilante, corrosiva que vai incomodar às autoridades coloniais" acabou por provocar o seu fecho (Pires, 1986:200); várias com o título de *Ensaios literários*, a primeira de 1901, com possivelmente dous números.

Sendo assim a situação, nem a entidade do corpus é relevante nem o caráter das publicações, parece mostrar umha dinâmica insuficiente como para

ser investigada do ponto de vista que nos propomos. Acrescentando a estas circunstâncias as dificuldades de consulta, decidimos não atender a estas publicações, porque o resultado obtido corria perigo de ser mui incompleto e consequentemente derivar em análises equívocas. A particular situação das, na altura, colónias não nos convida a pensar numha presença galega nelas, afirmação que, apesar da aparente evidência, fazemos com reservas. Mas tudo indica que assim poda ser, não outra cousa nos sugere o facto de as colónias portuguesas terem a sua expressão em quase absoluta dependência da metrópole; e que os temas objeto de atenção a essa situação atenderiam e nesse contexto eram produzidas. Para além doutra evidência: o mundo africano era e é o mais afastado do potencial relacionamento com a Galiza.

III.3 A confeção do corpus galego e português

III.3.1. A confeção do corpus galego

Para a confeção do corpus de revistas galegas contamos com alguns valiosos estudos. Recentemente (1993) duas investigadoras de rigor, Rosa Cal Martínez e María del Carmen Pérez Pais, publicarom um volume, *Repertorio bibliográfico sobre a prensa galega*, completo e bem estruturado, que serve de extraordinária ajuda para quem enveredar por estes caminhos. Quem assim o fizer, dispõe de estudos dedicados a publicações dumha determinada área territorial, como os de Altabella (1960, v. gr.), Pérez Pais (1976), Valcárcel (1987), etc., a um setor ideológico como as de Durán (1977, 1981), Ledo Andión (1982), ou ideológico-estético (Carré, 1911) ou então a um segmento temporal como as de Pérez Pais (1984), por vezes combinando com critérios temáticos como o de Palomares Ibáñez (1983) ou o de Hermida (1987). Dispomos igualmente, e para além de vários anuários e censos oficiais (Cfr. Cal e Pérez, 1993), aproximações estatísticas como as de Palomares Ibáñez (1982) e Barreiro Fernández (1983). Algum apresenta interessantes aproximações comparatistas, como o de Reimunde Noreña (1989) analisando *Hispanoamérica en las revistas gallegas (1914-1936)*.

Há outros trabalhos que pretendem umha compreensão temporal mais alargada do que os citados. É o caso do de Luca de Tena (1976), breve mas interessante aproximação, o de Fernández Pulpeiro (1981), modesto mas mui rigoroso estudo que oferece dados importantes, o de Barreiro Fernández (1983, III), que acrescenta desde há anos e semanalmente o nosso conhecimento das publicações galegas nas páginas de *La Voz de Galicia,* em extraordinário contributo, e outros de mais fôlego, como os dous de César A. Molina (1984a e 1989), e o de Santos Gayoso (1990).

Atendendo todos eles confecionámos o corpus de estudo. Utilizamos principalmente a *Historia de la prensa gallega* (1800-1986), de Santos, e os *Apuntes*

para la historia de la prensa del siglo XIX en Galicia, con un índice general de publicaciones editadas en Galicia entre los años 1800-1950 de Fernández Pulpeiro. O primeiro destes livros é muito mais ambicioso, enormemente útil, mas apresenta erros, por vezes graves, que nos colocarom em ocasiões à procura de publicações inexistentes, ou tendo que localizar números que, em ocasiões depois de meses, verificámos que não existiram. Na verdade, por mais prosaico que pareça, umha das maiores dificuldades com que deparámos na pesquisa de publicações galegas e portuguesas foi precisamente saber quando elas tiveram início, e, sobretudo, quando deixaram de ser publicadas, o que nos aconteceu com relativa frequência.

Enfim, os estudos citados, incorporando aos dados de cabeçalho das publicações as caraterísticas delas, servirom-nos para fixar o objeto de estudo.

Reunimos assim um número relativamente suficiente de publicações. Mas cedo assomou umha dificuldade: a falta de estatísticas precisas sobre o nosso objeto de estudo e período considerado não nos permitia fixar o número de publicações que devíamos ter em conta em cada fase considerada com relação ao conjunto total de publicações periódicas. O desequilíbrio que teria podido derivar-se redundaria especialmente nos resultados quantitativos (também importantes) do nosso trabalho. E, naturalmente, como adiante comentaremos, na proporção de publicações galegas e portuguesas focadas.

Outra dificuldade ainda, comum ao caso português, aparece na apreciação das publicações periódicas. Ela radica no facto de os dados disponíveis apenas oferecerem os anos em que forom editadas, provocando em nossa opinião várias deformações na interpretação do fenómeno da imprensa. Por exemplo, os anos mais férteis na saída de revistas são momentos que se costuma sublinhar 'positivamente', como segmentos temporais de viveza e riqueza, sintoma que nem sempre tem por que ser realidade. O que podem estar manifestando é por exemplo umha carência importante na vida literária da época, ou umha notável dispersão de esforços, ou então umha tendência ao *fragmentarismo excessivo,* cuja *solução* talvez o surto de muitas publicações não explique acabadamente. A principal *deformação*, porém, em nosso entender, é outra: a de dar um falso reflexo do ambiente jornalístico de cada momento, ao não ter em conta as publicações já em curso. Podem num ano aparecer 30 novas publicações num momento em que funcionam 50 (80 pois, em total), e aparecerem 10 num ano em que funcionam 70 (80, de novo, em total): as possibilidades quantitativamente consideradas da oferta (sem entrarmos no caráter, âmbito ou tipo das publicações) são iguais.

Pensamos, assim, que para um maior conhecimento da vida literária de cada período, convém atender sobretudo estatísticas que informem da oferta *realmente* existente, e não das novidades editoriais. Certamente, o caráter efémero de muitas publicações converte em úteis os dados referidos ao surgimento de publicações, mas parece óbvio que existe um fator acumulativo que necessariamente há que ter em conta.

À falta de estatísticas globais, de qualquer classe, no caso galego, tivemos que conformá-las a partir dos censos que nos oferecem alguns estudos. Praticamente todos os dados que a seguir expomos têm pois um valor indicativo, e estão elaborados, com alguma exceção, sobre o número de publicações aparecido em cada fase considerada, não sobre as que circulavam realmente. Dos dados oferecidos por Santos Gayoso, deduzimos um total de 273 publicações surgidas no período 1888-1899 (22,7 publicações por ano) ; 225 entre 1900 e 1907 (28 por ano); 298 na fase 1908-1916 (33); 150 na de 1917 a 1923 (21); 102 entre 1924 e 1930 (14,5) e 152 entre 1931 e 1936[8] (25).

TABELA 1

entre 1888 e 1899	273	(22,75%)
entre 1900 e 1907	225	(18,75%)
entre 1908 e 1916	298	(24,8%)
entre 1917 e 1923	150	(12,5%)
entre 1924 e 1930	102	(8,5%)
entre 1931 e 1936	152	(12,7%)

TOTAL	1200	(100 %)

Os resultados do nosso cómputo são sensivelmente diferentes:

TABELA 2

		% DA TABELA 1
entre 1888 e 1899	30 (13,4%)	(22,75%)
entre 1900 e 1907	28 (12,6%)	(18,75%)
entre 1908 e 1916	37 (16,6%)	(24,8%)
entre 1917 e 1923	41 (18%)	(12,5%)
entre 1924 e 1930	46 (20,5%)	(8,5%)
entre 1931 e 1936	42 (18,9%)	(12,7%)

TOTAL	224[9]	(100 %)

---

[8] Para os efeitos de estatísticas, este ano é logicamente considerado completo, quando, na realidade, nós situamos um corte preciso em julho de 1936, justo na metade. No entanto, consideraremos os doze meses, que não alteram substantivamente os dados no período 1931-1936.

[9] Nos quadros em que estabelecemos as percentagens de publicações em curso por períodos, consideramos conjuntamente o período anterior a 1907 (16,8% do total, 233). 9 publicações

A discrepância é evidente. Não temos dados para decidir ponderadamente qual estatística se aproxima mais da realidade. O contraste entre ambas apresenta logicamente o problema de estarmos comparando num caso publicações periódicas de todo o tipo e, no outro, publicações, com algumha exceção, não diárias e *literárias*. Caberia no entanto pensar numha tendência similar, que não se produz. Não estamos em condições de explicar a razão deste fenómeno, havida conta de que procedemos sempre segundo os critérios acima assinalados. Devemos, sim, indicar que esse é um período em que surgem bastantes publicações com algum perfil galeguista, e sobretudo outras cujo principal caráter é o de serem de "variedades" (os qualificativos "gráfica" e "ilustrada" repetem-se com frequência nestes anos nos subtítulos das revistas), e que, ao incluí-los como corpus, podem fazer aparecer algo deformada a estatística que oferecemos, como, inversamente, nos parece deformada a baixa proporção oferecida por Santos Gayoso nesse mesmo período. Ora bem; é oportuno que indiquemos, como autocrítica, o facto de talvez ser esta fase (1924-1930) umha das mais privilegiadas por nós, dado que o nacionalismo galego vai impregnar indiretamente muitas publicações que acolhem algumas das suas linhas de força nas suas páginas, e que, como acontece com o caso português, tivéssemos maior facilidade de acesso a elas do que outras pertencentes a momentos diferentes cuja procura resultou mais dificultosa e, por vezes, infrutuosa.

De resto, os nossos dados oferecem um ritmo de crescimento mais homogéneo, o que, não sendo em absoluto garantia de fiabilidade, parece-nos mais plausível que as sensíveis diferenças que aparecem na TABELA 1, onde dous terços das publicações surgidas no período concentram-se nos primeiros 28 anos, e apenas um terço nos restantes vinte.

Das percentagens por nós oferecidas, a que talvez mais surpreende é a do período 1924-1930, a teor da repressão da imprensa a que procede o ditador Primo de Rivera.

Considerada a edição de revista por anos, do censo de publicações recolhidas por Santos Gayoso, deduzimos igualmente que os anos de menor produtividade quanto ao aparecimento de novos projetos editoriais são os da década de 90 [1890 (18), 1893 (18), 1896 (16), 1899 (19), 1901 (19)] e, sobretudo, os da década de 20 deste século, nomeadamente o período da ditadura de Primo de Rivera [1921 (12), 1923 (18), 1924 (19),1925 (10) 1926 (15) 1927 (14) 1928 (9) 1929 (16), 1930 (19)] .

---

desse total têm o seu início antes de 1888, o que supõe 3,9% do total de publicações consideradas. A sua inclusão obedece fundamentalmente ao facto de serem séries anteriores a revistas cuja vida ultrapassa o ano 1887, ou então a publicações (cinco delas) que, circulando em 1888 e anos seguintes, nascem antes desse ano.

Polo contrário, são as suas primeiras décadas do século as que apresentam umha maior produtividade: 1905 (34), 1910 (49), 1911 (32), 1913 (41), 1915 (29).

Em geral, os nossos dados coincidem com os expressados por Santos Gayoso quanto às três primeiras décadas, mas oferecem um ritmo de aparecimento sustido desde a década de 10 (a partir de 1913 em concreto) até à década de trinta (esta particularmente intensa) que não coincide com os resultados oferecidos por Santos gayoso.

Mais valiosos do que estes, são os dados que apontam Cal Martínez e Pérez Pais (1993), porque anotam alguns referidos a meios em circulação; contabilizam um total de 1.292 jornais circulando entre 1875 e 1923, aparecendo, segundo a sua apreciação, "cada año en Galicia alrededor de veinte o treinta nuevos títulos". Isso supõe, tomando em consideração umha média de vinte e cinco publicações por ano, que desde 1888 forom editadas na Galiza um total de 875.

Cal e Pérez, que asseguram ter reunido um total de 2.920 títulos entre 1800 e 1982, estimam que a década de dez, juntamente com a década de trinta, "es la más pródiga en nuevas publicaciones". Acrescentam, aliás, outro dado: o de contabilizar para o período da Ditadura de Primo de Rivera, mais ou menos coincidente com a fase 1924-1930 que delimitámos, 97 "periódicos" novos, dos 165 que calculam que forom publicados. E transcrevemos entre aspas "periódicos", porque embora pensemos que aludem a qualquer tipo de meio periódico de comunicação escrito, em espanhol a palavra designa as publicações diárias.

Con estes dados, podemos fazer algumas extrapolações por períodos, **sempre mui provisória e aproximadamente**, apenas a título referencial, e sem o devido rigor:

Antes de 1907 circulavan na Galiza por volta de 500 publicações periódicas (Cal Martínez e Pérez Pais, contrastados com Santos Gayoso). Dentro dele, e estabelecendo umha divisão em 1900 (para os efeitos também de contraste com os dados referidos a Portugal):

De 1888 a 1899: 300 (anulando o fator de correção da acumulação de publicações do período anterior com o fator de correção proveniente de considerarmos umha média algo menor a de 25 por ano que se deduz dos dados de Pérez e Costa, dado que não é um período assinalado como fértil (Cfr. dados de Santos Gayoso)

De 1900 a 1907: 200 títulos (aplicando a média de 25 publicações por ano).

De 1908 a 1916 entre 300 e 350 (205 segundo a média -25 por ano- dos dados de Cal e Pérez, mais os fatores de correção da acumulação de alguns meios do período anterior e da *fertilidade* da década em foco, de que nos informam os dados de Santos Gayoso).

De 1917 a 1923, 200 (com iguais fatores de correção)

De 1924 a 1930, 165 (segundo o dado direto de Martínez e Pérez).

De 1931 a 1936, 300 (colocada a média em trinta por ano e com os fatores de correção antes aplicados mais algum específico[10]).

O que dá um total próximo dos 1.400 cabeçalhos bastante coincidente com a proporção que pode ser deduzida dos 1.292 títulos contabilizados desde 1875 até 1923 (perto de 900 entre 1888 e 1923), com as médias estabelecidas sobre o número de publicações censadas por Santos Gayoso, e tendo em conta que nós consideramos apenas algo mais de metade da década de trinta.

Em percentagens, estes são os dados das publicações periódicas de todo o tipo que circulam na Galiza e os seus *enclaves*:

TABELA 3

	NÚMERO DE PUBL.	%
período 1888-1907	500	33,5
subperíodo 1888-1899	(300)	(20,1)
subperíodo 1900-1907	(200)	(13,45)
período 1908-1916	325	21,8
período 1917-1923	200	13,45
período 1924-1930	165	11,0
período 1931-1936	300	20,2
TOTAL	1490	

Contrastando estes dados com os nossos (lembremos: apenas referidos à publicações não diárias) temos:

[10] Não dispomos de dados próprios de publicações desde 1937 a 1940. Santos Gayoso censa 43 publicações entre esses anos, que dá umha média de 10. Consequentemente, podemos pensar que no período de 1931 a 1936 a média de publicações surgidas é maior de trinta, próxima de 43%. Isto situa o período em mais ou menos 260 publicações surgidas, a que há que somar outras a circularem da fase anterior, dando então como resultado total umhas trezentas.

TABELA 4

		% DA TABELA 1
antes de 1908	66 (20,89%)	33,5
entre 1888 e 1899	37 (10,49,%)	20,1
entre 1900 e 1907	37 (10,49)	13,45
entre 1908 e 1916	53 (16,77%)	21,8
entre 1917 e 1923	56 (17,72%)	13,45
entre 1924 e 1930	67 (21,2%)	11,0
entre 1931 e 1936	74 (23,42%)	20,2

TOTAL	316[11]	

Dentro da precariedade em que nos movemos, de novo assomam notórios desacordos entre uns dados e outros. A extraordinária diferença entre as percentagens no período 1888 e 1899 não conseguimos explicá-las a não ser que seja umha fase em que a publicação de caráter literário era menos frequente, o que também pode acontecer para o período 1908-1916. No entanto, continua a manifestar-se como desequilíbrio mais relevante o do período da ditadura de Primo de Rivera. Pode o nosso índice (mui provavelmente) ser excessivamente elevado, mas resistimo-nos a pensar que se produza um descenso tão acusado nesta época; mais ainda, onde esse descenso é realmente drástico é entre 1908-1916 e 1917-1923. Aceitando o nosso mui possível erro, parece-nos, com toda a honestidade, que os dados oferecidos por Cal e Pérez também não são corretos.

III.3.1.1. Distribuição por lugares de publicação

Polo que diz respeito à proporção de publicações em relação às cidades em que são editadas, não dispomos de dados certos. M. Valcárcel (1987:26) recolhe os dados por províncias dos Ministérios de Instrução e Trabalho estudados por Palomares Ibáñez (1982, 1983), J. Louis Guereña (1982) e Almuiña Fernández (1980), que, embora carecendo de grande fiabilidade, são indicativos das tendências da época. Os resultados são os seguintes:

[11] No período entre 1888 e 1899 incluímos agora as nove publicações que aparecem antes de 1888, das quais apenas 4 não chegam a esse ano. O total, 316, não indica o número de publicações objeto de estudo (233) mas o número total de ocorrências nos diferentes períodos.

TABELA 5

	CORUNHA	PONTEVEDRA	LUGO	OURENSE	GALIZA
1867	9	7	4	3	23
1879	1	8	5	2	16
1882	18	12	6	3	39
1887	22	13	10	6	51
1892	34	15	10	8	67
1900	24	22	11	9	63
1913	31	32	26	10	99
1920	44	31	26	10	111
1927	40	31	20	13	104

Parece óbvia a supremacia das províncias ocidentais a respeito da orientais. Tenha-se em conta que a Corunha conta com três centros produtivos importantes (Ferrol e, sobretudo a própria, Corunha e Santiago) e Ponte Vedra com dous (a capital e especialmente Vigo, ainda que mais tardiamente), o que não acontece com Lugo e Ourense.

Por sua vez, Cal e Pérez apresentam um quadro geral, desde as origens até aos anos setenta deste século, onde a fortaleza das províncias ocidentais é mais umha vez posta de relevo. Dum total de 2.596 publicações censadas, Corunha aproxima-se da metade (1.53), seguida por Ponte Vedra (845), e, já a muita distância, Lugo (344) e Ourense (254). Por cidades, os índices oferecidos são Corunha, 463 cabeçalhos; Santiago, 342; Vigo, 342; Ponte Vedra, 257; Ferrol, 195, Ourense, 190; Lugo, 135. Como sintetiza Valcárcel (1987:27), a imprensa urbana da província corunhesa supõe 86%, 72% do total provincial; no caso pontevedrês, representa 70%, de 88%; mas no caso de Lugo e Ourense o índice desce sensivelmente, polo vigor relativo de algumhas das suas cabeceiras de comarca. Assim, em Lugo capital concentra-se 39,24% da imprensa, e na capital ourensana 34,80%

Quanto à variável demográfica, Valcárcel resume os dados oferecidos por Palomares Ibáñez, e indica que são Ponte Vedra e Ourense as capitais provinciais que maior número de publicações têm por habitantes; mas, atendendo ao âmbito provincial, é precisamente Ourense que apresenta maior número de habitantes por publicação.

O contraste dos nossos dados com os aqui apresentados é ainda menos frutífero que o confronto do número e distribuição temporal das publicações, porque não dispomos quase de dados por cidades, e no caso em que assim

é, o estudo de Martínez e Pérez faz a estimação desde as origens até aos anos setenta, como anotámos, com que os resultados são pouco fiáveis.

Cabe aqui assinalar que os nossos dados por províncias manifestam obviamente a supremacia das ocidentais sobre as orientais, nomeadamente a da Corunha; Santiago e a capital provincial somam 76 publicações (a par praticamente), Ferrol apenas 4, e Ponte Vedra e Vigo 28, catorze cada umha (mas é superior, no nosso censo, o número de publicações das vilas pontevedresas às das corunhesas). Sempre segundo o corpus que fixámos, Ourense apresenta um número mui superior (24) ao de Lugo (8), mas concentrando um terço das publicações no período anterior a 1908, e oferecendo, em troca, um panorama provincial nada diversificado, ao contrário do que acontece com a província luguesa.

Quanto aos *enclaves*, deve ser sublinhada a progressiva intensidade dos americanos, sobretudo Buenos Aires (21), mas também o havanês (10) e o de Montevideu (8), em vivo contraste com o lisboeta. Dentro do Estado espanhol, convém enfatizar o vigor do madrileno (17) durante todo o período, e a fraqueza do barcelonês.

III.3.2. A confeção do corpus português

Para o caso português dispomos de vários trabalhos sobre revistas e publicações não diárias, já citados, mas contamos também com umha elaboração estatística dos dados referida às revistas literárias do século XX, da autoria de Daniel Pires (1986) que nos permite caminhar com maior segurança, e sobre a qual vamos aqui trabalhar.

Daniel Pires censa as revistas literárias, como fica dito, com um critério amplo do adjetivo, o que coincide ainda mais com os nossos objetivos. Os dados totais de revistas surgidas por décadas que oferece são os seguintes:

TABELA 6

1900/1909	119 (29,6%)
1910/1919	110 (27,4%)
1920/1929	102 (25,4%)
1930/1939	71 (17,6%)
TOTAL	402 (100%)

Quanto à *fertilidade* dos anos compreendidos entre 1900 e 1936, Daniel Pires indica serem os mais férteis: 1901 (14), 1902 (21), 1903 (16), 1904 (14), 1906 (14), 1910 (12), 1912 (11), 1914 (15), 1915 (18), 1916 (17), 1924 (18), 1925 (17), 1930 (11), 1934 (10), 1936 (10).

Notemos, aliás, que, segundo Daniel Pires, desde 1936 apenas duas vezes é atingido o número de 11 publicações por ano. 1908 e 1911, com duas e quatro revistas respetivamente são os anos menos *férteis* entre 1900 e 1936.

Tentando fazer sobre a base destes dados umha correspondência com as fases por nós consideradas, temos os seguintes resultados:

1900-1907: a média do período 1900-1910 que oferece Daniel Pires é de 11,9, que multiplicada polos oito anos compreendidos nesta fase dá um total de 91 publicações, número que podemos considerar fiável, porque vários destes anos são dos mais produtivos quanto ao surgimento de publicações, e apenas 1908 aparece como ano de escassa fertilidade, estando os restantes por debaixo da média apontada.

1908-1916: a média é de 11 publicações por ano no período 1910/1919, que, aplicada a esta fase dá um resultado de 99 publicações. No entanto, a fase em foco inclui os dous anos menos relevantes quanto às publicações surgidas de todo o período abrangido polo nosso corpus. Talvez seja conveniente ponderar o número resultante da média e situá-lo em torno das 90 revistas.

1917-1923: esta fase compreende parte de dous dos períodos delimitados por Daniel Pires, cuja média resultante é de 10,5 publicações por ano, o que dá um total de 73,5 revistas surgidas no período. Não aparecendo nengum desses anos entre os mais ou os menos férteis, podemos considerar aceitável a cifra resultante.

1924/1930: a média aqui é de 10,2, que multiplicada polos sete anos em foco dá um total de 71,4 revistas por ano, dado sobre o qual não parece que haja que fazer nengumha ponderação.

1931/1936: média= 7,1 que dá como total de revistas aparecidas no período 42, 6. Também não parece preciso frisar este dado.

TABELA 7

1900-1907	91	24,7%
1908-1916	90	24,6%
1917-1923	73,5	19,9%
1924-1930	71,4	19,3%
1931-1936	42,6	11,5%
	----	----
TOTAL	368,5	100,0%

Polo que diz respeito aos anos de aparecimento das publicações, os nossos dados são os seguintes:

TABELA 8

			% DA TABELA 7
1900-1907	72	17,0%	24,7%
1908-1916	110	25,9%	24,6%
1917-1923	88	20,7%	19,9%
1924-1930	104	24,4%	19,3%
1931-1936	51	12,0%	11,5%
TOTAL	425[12]		

E quanto aos anos mais produtivos no número de revistas surgidas, temos como resultado os seguintes: 1902 (12), 1904 (13), 1907 (12), 1910 (18), 1912 (11), 1913 (13), 1914 (16), 1915 (26), 1916 (14), 1917 (18), 1919 (14), 1921 (14), 1922 (13), 1922 (13), 1923 (12), 1924 (20), 1925 (17), 1926 (17), 1927 (17), 1929 (14), 1933 (14), 1934 (11).

E os menos produtivos 1900 (5), 1905 (3), 1908 (1), 1911 (5), 1936 (4).

Os dados, em geral, coincidem em boa medida. A maior discrepância verifica-se no período 1900-1907 e 1923-1930, um por excesso e outro por defeito. Como antes indicávamos para o caso galego, pode isso dever-se a que nós consideramos como corpus, logicamente, não as publicações de que tínhamos notícia (como, com toda a correção faz Daniel Pires), mas só as que conseguimos consultar totalmente ou numha proporção significativa, o que resultou mais fácil para os períodos mais recentes, e menos para os mais recuados. De resto, as diferenças não superam os dous pontos, sendo, aliás, igualmente coincidentes a identificação dos anos de maior e menor produção, com a exceção de 1936, que se explica polo facto de apenas nos interessarmos polas publicações aparecidas antes de agosto desse ano.

III.3.2.1. Distribuição por lugares de publicação

Quanto à proporção de revistas em relação às cidades em que forom publicadas, o número total, 634, censado por Daniel Pires até 1984, oferece a seguinte distribuição para as mais relevantes, a que acrescentamos as percentagens resultantes:

Lisboa 284, 44,8%; Porto 106, 16,8%; Coimbra 65, 10,25%; Luanda e Lourenço Marques 15 cada uma, 2,36% cada; Guimarães, 13, 2,05 %; Braga

---

[12] Como no caso galego, incluímos dentro do corpus português publicações aparecidas antes de 1900 (18, 4% do total), mas a prática totalidade delas (menos duas) chegam ou ultrapassam o ano 1900. Para o confronto com os dados de Daniel Pires não as consideramos; sim para a estatística das publicações em curso.

12, 1,89%; Barcelos e Figueira 11 cada, 1,73% ; Ponta Delgada 10, 1,57; Viana, 8, 1,26 %; Funchal,7, 1,12%; A. do Heroísmo e Faro, 6 cada, 0,81%; Fão e Gaia 5 cada, 0,7%; Praia, 3, 0,48.

Sobre um número total de 443 no período por nós considerado, os nossos dados manifestam umha supremacia da capital do Estado, mas menor do que oferece o conjunto do período delimitado por Pires. Das 443, 175 publicações forom editadas em Lisboa, o que significa 39,5%. No Porto 88, 18,6%; e em Coimbra, 39, 8,86%.

Praticamente mantendo-se os centros do Porto e Coimbra em percentagens similares às de Pires, parece evidente que nas primeiras décadas do século a distribuição geográficas das publicações estava mais diversificada que nos períodos mais próximos da atualidade.

Pondo de parte as capitais das ex-colónias, não devem surpreender os altos índices da região do Minho, muito mais ativa do que outras regiões lusas. Para o nosso trabalho consultámos 13 publicações de Guimarães, quase 3% do total, 12 de Barcelos, 2,73%, 10 de Viana do Castelo, 2.5%, 9 da Ponte de Lima 2,27% (mas aqui o índice é pouco significativo pois contámos por separado os *Almanaques de Ponte de Lima*, que apresentam umha grande irregularidade) mas apenas 4 de Braga, 1%, por baixo de Fafe, 6 1,36%. Reconhecemos o caso supreendente de Braga, mas, segundo os nossos dados, esta cidade oferece um panorama pobre quanto a publicações literárias neste período.

Embora reservemos para a caraterização do polissistema português alguns elementos definidores deste período, estimamos oportuno sublinhar o facto de Lisboa aparecer com menor percentagem em relação ao Porto e Coimbra nos dados por nós apresentados. Como têm indicado vários analistas, até aos anos trinta não se verifica o distanciamento quantitativo da capital, estando nas primeiras décadas quase à par o Porto e Lisboa. Pode isto mesmo ser verificado na tabela que transcrevíamos páginas atrás elaborada por Alfredo Margarido. De facto, muitas das publicações lisboetas que consultámos correspondem aos anos vinte e trinta. Considerando, porém, a área de influência imediata da capital do Norte, a distância desce, pois por exemplo, e segundo o nosso censo, Gaia representa com 9 publicações 2,5% do total de publicações revistas.

De resto, e em contraste com Pires, cabe indicar que da Figueira apenas incluímos 5 publicações, do Funchal e de Angra do Heroísmo 2 de cada umha delas, e 1 só de Fão.

III.3.3. Nota final sobre a proporção quantitativa entre os corpus galego e português

Queremos ainda fazer umha última observasão sobre os corpus selecionados, e é a que se refere à proporcionalidade entre ambos. Ao longo dos aproximadamente quarenta anos que formam o período abrangido, Portugal

apresenta umha população continental que triplica o número de habitantes da Galiza. Caberia pois pensar que, linearmente, deveríamos selecionar umha proporção similar de publicações portuguesas e galegas. Não procedemos assim. Para umha correta proporcionalidade haveria que ter presentes outras variáveis que apenas por aproximação aqui pudemos observar. São elas, entre outras, o facto de circularem na Galiza muitas publicações do resto do Estado, o que poderia fazer pensar que o número de publicações galegas seria ainda menor. Esta circunstância, porém, não nos pareceu relevante, polo menos intuitivamente. Mais o é, sem dúvida, o facto da enorme concentração que o polissistema português apresenta das suas publicações em Lisboa, cuja percentagem, 39,5%, não tem comparação no caso galego. A Corunha e Santiago, os dous centros mais produtivos da Galiza com muita distância a respeito dos restantes, não alcançam, somados, a percentagem lisboeta. E para mais ou menos igualar o 67% representado por Coimbra, Porto e Lisboa no polissistema português, teríamos que reunir a Corunha, Santiago, Ourense, Buenos Aires, Madrid, Ponte Vedra e Vigo, os centros mais numerosos, no caso galego. Comparativamente, pois, a dispersão é muito maior no âmbito das publicações galegas, o que se traduz, mui possivelmente, numha menor tiragem e num mais elevado número de publicações galegas com relação às portuguesas.

Como reiteraremos na análise do polissistema português entre 1890 e 1910, Rui Ramos (1994) indica para 1900 um número de quatrocentos e dezasseis títulos a circular polo País, chegando a quinhentos quarenta e três em 1910, o que indica, sempre mui aproximadamente, o duplo de títulos dos que com origem galega circulariam na mesma altura na Galiza. E Brito Aranha (1900) calcula ter Portugal em 1897 um jornal para 6.500 habitantes. Não temos dados similares para o caso galego, mas cabe indicar que Ourense tinha (Valcárcel, 1987:27) em 1913 3.200 habitantes/ publicação periódica, proporção que diminui a 2.500 em 1920 e a 2.240 em 1927. Decerto é Ourense precisamente a cidade com proporção mais favorável. Mas é oportuno sublinhar que a descentralização na Galiza, superior à de Portugal, *reparte* em nove cidades (Corunha, Santiago, Ourense, Buenos Aires, Madrid, Ponte Vedra, Vigo, Havana, todas por cima de 4% do total) o 71 % da produção total galega, de maneira muito mais equilibrada (mais *repartida*) então do que Portugal, onde 70% é apenas atingido com a soma de Lisboa, Porto e Coimbra, e não atingindo nenngumha das restantes cidades 3% do total português.

Outro fator fundamental a considerar, este ainda mais decisivo, é o do peso dos *enclaves* no sistema galego. Da seleção de publicações que fizemos, mais de 25% correspondem aos *enclaves* sul-americanos e a Madrid. Este fenómeno das publicações da emigração não tem igual no caso português.

Enfim, finalmente, a proporção que oferecemos é de dous a um aproximadamente: 233 no caso galego, 443 no português, o que, sendo talvez um pouco favorável no número ao corpus galego, reflete melhor a situação comparativa do que a proporcionalidade 3/1 que pode existir quanto ao número de habitantes.

IV.

CARATERIZAÇÃO DO SISTEMA REGIONALISTA GALEGO E DO POLISSISTEMA PORTUGUÊS (1888-1907)

IV.1. Caraterização do sistema regionalista galego

A reconstrução da atividade literária galega no fim do século XIX e começos do XX não é empresa fácil. As histórias da literatura galega estão confecionadas sobre a base dumha conceção de *generais* da literatura, a assinalar individualidades que destacam por cima de todas as outras; estabelece-se então umha particular hierarquia, em que o critério fundamental é a *qualidade* do poeta (porque de poetas fundamentalmente se trata) a juízo normalmente do historiador, a quem seguem um exército mais ou menos numeroso de *minores*, cujo direito a aparecer está em função do número de *oficiais* e *suboficiais* que apareçam no rol do historiador em questão. Utilizamos a expressiva metáfora militar, para nada com caráter pejorativo, porque com ela já eram criticadas estas maneiras de proceder há quase um século, e porque ela é síntese redonda das formas de historiar. Na melhor História da Literatura de que dispomos abrangendo até 1936, Carvalho[13] Calero comenta (1975:520) a propósito da situação literária da Galiza no dealbar do século XX:

> "Os autores estudados agora son, en xeral, os nados despóis de 1870. A literatura galega pode se considerar adulta. Os seus cultivadores son moi numerosos. Non subsisten maiormente os motivos que nos induciron a incluir anteriormente escritores de pouca valía. (...) agora, a maior abondamento, concentraremos a nosa atención sobre os autores sobresaíntes, e limitaremos o espacio, e aínda lles negaremos entrada na Historia, a aqueles que non nos parezan dignos de se incorporar a ela".

[13] A obra citada, como as restantes deste autor que citarei, está assinada por Carvalho Calero antes da modificação que decidiu fazer no seu primeiro apelido, originariamente *Carballo*: por respeito à sua decisão, conhecendo a sua intenção de fazer nova edição da sua História revista ortograficamente, que não tivo tempo a fazer, decido eu citar toda a sua obra polo apelido *Carvalho*.

Por outro lado, não dispomos dumha reconstrução da vida literária da época. De novo, a consideração mais ou menos isolada da produção em galego de todo o panorama literário não permite entender cabalmente como os factos se processarom. A não consideração sistémica da literatura, que põe de parte tudo aquilo que o historiador julga secundário ou alheio ao seu objeto de estudo, não deixa ver com suficiente nitidez a evolução do incipiente sistema, nem mesmo o seu estado sincrónico. A evolução literária está apenas focalizada do ponto de vista da produção literária, individualizada e atendida em ocasiões só em termos de inovação; e porque não são todos os fatores sistémicos incorporados, apenas o produtivo, e centrado no realizado em galego. Todo este sem dúvida consciencioso trabalho, não resolve a interrogação que nos interessa, e que pode ser resumido na pergunta: que se lia, escrevia, editava, vendia, recensionava, desejava, (etc.) realmente na Galiza da época? Portanto a essa esquemática reconstrução temos que proceder, e como já sugerimos em páginas anteriores, com a simplificação e generalidade em que nos deixam os dados que possuímos. Faremos, pois, umha apertada síntese que nos facilite ulteriormente compreender de modo minimamente eficaz o relacionamento galego-português.

IV.1.2. O sistema regionalista galego: baixa produção e incidência

> "Ahora, España parece sorprenderse de la labor realizada. Asómbrase de ver potente y vigorosa una raza á la que solo creía apta para la servidumbre y que logra señalados triunfos en todas las manifestaciones del arte. Ese asombro no está exento de cierto temor, ante la pérdida de una hegemonía que toca á su término"[14].

Com merecido otimismo, este é o balanço que da literatura escrita em galego faz um dos seus cultivadores e fundamentais impulsores na época, Eugenio Carré Aldao em 1900. Merecedor de otimismo, dizemos porque, após uns quarenta anos, o sistema literário emergente que historia vive, o que não tinha sido pequena consecução dada a precariedade política, económica, social e cultural que enfrentou e enfrenta. O temor que poda infundir em Espanha, mais desejo que realidade, não deve, porém, ser incluído precipitadamente no capítulo do puro exagero. O sistema literário regionalista era visto por alguns como um perigo que atentava contra a unidade literária e cultural do polissistema espanhol; mais, também, como potencial que como real. Um perigo que

---

[14] Estas palavras aparecem em *La literatura gallega en el siglo XIX*, que Carré foi publicando nas páginas da *Revista Gallega* desde o número 270, de 14 de abril de 1900, e, posteriormente, noutras publicações (por exemplo desde os finais de 1901 em *El Eco de Galicia* de Castro López) e que converterá em livro em 1902 (às páginas 74 e 75 corresponde a citação); não as mudou o autor nove anos mais tarde, quando transcreveu exatamente o mesmo na página 132 de *Literatura Gallega* de 1911, o que, conhecendo a atitude de Carré, parece indicar que o otimismo esta(n)cava...

podia alargar-se ao próprio campo político, porque a literatura era percebida, por uns e outros, como lugar privilegiado aonde eram trespassadas reivindicações e aspirações, muitas de ordem cultural, que conheciam na literatura o seu símbolo maior, e outras que na literatura encontravam refúgio, perante a maior dificuldade de serem veiculadas por vias mais adequadas.

Já a consecução de "señalados triunfos en todas las manifestaciones del arte" é mais discutível. O historiador devotado para o tema que estuda mostra mais o entusiasmo dum agente ao serviço da causa em que acredita do que um rigor analítico de utilidade muito mais reduzida para os seus objetivos. Carré apenas consegue citar algum triunfo na disciplina musical e, no mais concreto campo literário, só a produção poética pudo conhecer algumha repercussão (dentro e fora do país) com Curros Enríquez e sobretudo com Rosalia de Castro.

Mas não era a questão essencial contar triunfos produtivos. O fundamental problema do novo sistema está radicado na sua enorme precariedade, que as pequenas euforias quase não podem ocultar. E, por outro lado e como consequência, tudo permite conjeturar que a sua situação é marcadamente periférica no quadro geral da atividade literária da Galiza de fim de século. Periferia que vai encontrar também responsabilidades em não poucos agentes do próprio sistema regionalista.

Os anos finais do século XIX e os primeiros do XX não apresentam na Galiza a vitalidade produtiva de períodos imediatamente anteriores, nem em quantidade nem em reconhecimento. Mais parece ainda assistir-se a um languidescer geral ("decadencia" é a qualificação de Carvalho Calero, 1975:401) do que a um estancamento. Polo que diz respeito à produção, a mão perita de Eugenio Carré Aldao recolhe para 1898 (em relatórios já mais breves dos que publicava em *El Eco de Galicia* bonaerense com o pseudónimo de Eurico Nagere) um total de oitenta e nove obras de toda a índole publicadas na Galiza, ou nos enclaves migratórios (os da América do Sul, Madrid e Lisboa fundamentalmente), das quais apenas pode registar cinco livros de poesia integramente escritos em galego, e cinco (dous almanaques, umha obra dramática e os outros dous sob o rótulo de "várias") em bilingue. Para 1899, contabiliza três romances, dous livros de poesia e um de história em galego, por dous poemários bilingues, e de novo duas obras "Várias" igualmente escritas em galego e espanhol, num total de cento quarenta e nove volumes publicados. O laborioso Carré indica que "es tal el cúmulo de dificultades y tanto y tan grande la indiferencia con que luchamos para poder obtener datos, que no respondemos de la mayor ó menor aproximación á la verdad[15]". Mas a precariedade do uso do galego resulta mais que evidente. Tanto é assim que, com a cautela devida perante os dados, é significativo que para 1900 compute noventa obras

[15] Número 199, de 1 de novembro de 1899 da *Revista Gallega*.

publicadas, e delas nengumha na língua própria da Galiza, quando este livreiro regionalista estaria atento a qualquer publicação aparecida no território de que tratamos escrita no idioma que defendia. Nesse mesmo ano, apenas pode salientar o aparecimento de seis revistas, cinco das quais bilingues, quando, para o ano anterior, indicava a presença de trinta semanários ou revistas, seis bilingues, e, em 1898, igual número de revistas bilingues, de onze saídas segundo os seus dados nesse ano. Entre 1891 e 1900 Carré oferecia estes dados totais:

Ano 1891: 71 publicações
1892: 97
1893: 124
1894: 111
1895: 121
1896: 96
1897: 87
1898: 89
1899: 149
1900: 90

Parece claro então que quem quisesse acudir a umha produção própria em língua autóctone nesta altura não poderia ver satisfeitos os seus desejos numha percentagem mínima; dito grosseiramente, umha leitora habitual, com os livros publicados num dado ano, apenas teria para um mês. A precária realidade resumia-a há alguns anos Alonso Montero (1970:27):

> "En la literatura gallega predomina de tal modo el verso en las primeras décadas que lo riguroso es hablar de renacimiento poético. La primera novela, publicada en revista, es de 1880; antes de este año nadie escribe un libro de relatos; el primer drama representado, "A fonte do xuramente [sic]", de Francisco María de la Iglesia, es de 1882. Aun hay más lagunas. Resultaría pueril buscar en este período libros científicos, periódicos diarios, grandes tratados históricos o ensayos críticos. Hasta los más entusiastas redactaban sus cartas en castellano".

Esse estado do sistema, já nos começos do período que aqui estudamos, é perfeitamente detetado por alguns analistas da época. Estão em jogo fatores inter-relacionados: o estado de anormalização do idioma; a sua ausência como veículo institucional; e, claro, também a escassa proliferação do sistema literário, reduzido a um determinado tipo de produção poética que atua como travão do seu progresso. Com esta mesquinha bagagem poucos viajantes querem percorrer o caminho da literatura regionalista; sobretudo nas carruagens

destinadas a leitoras e leitores. Com lucidez quase surpreendente sintetiza Pardo Becerra em 1889 esta situação:

> "E unha proba crara e compreta de qu'o lenguaxe gallego non s'hacha n-o seu estado natural, é a falla d'obras que sirvan de verdadeira istrución. É certo qu'a poesía gallega, d'un tempo á esta parte, adiquiriu grande vô, pro esto mesmo, este intrés soilo pol-a poesia, y en particolar pol-a humorística, ê causa de que moitos non lle dian ô gallego a estima que lle corresponde[16]".

E é que ao sistema regionalista faltava também e sobretudo isso: leitor@s.

IV.1.3. Publicações periódicas não diárias na vida literária galega

Como já se pode deduzir, não era muito mais alentadora a panorâmica jornalística na altura para o regionalismo literário do que a sua produção livresca. Algo mais sim, contudo. Eugenio Carré Aldao (1902:73) conclui o seu breve repasso à imprensa da época com estas palavras:

> "Los únicos representantes del actual movimiento literario son la *Revista Gallega*, de la Coruña, que lleva ocho años de existencia: dirígela desde sus comienzos, y con tesón, su fundador Galo Salinas Rodríguez. *El Eco de Galicia*, de la Habana, que lleva 19, [em nota: "Acaba de desaparecer. Publícase ahora el semanario *Galicia*, desde Septiembre de 1902], y *Follas Novas*, de la misma ciudad, que cuenta seis. A ellos agrégase *El Eco de Galicia*, de Buenos Aires, sostenido patrióticamente desde 1892 por los esfuerzos titánicos de nuestro distinguido conterráneo Manuel Castro López[17]".

O sistema regionalista com pouco mais podia contar, do ponto de vista do mercado e das (semi) instituições. Desterrado o seu repertório de qualquer centro de poder durante séculos, a única estabilidade, embora precária, com que o novo movimento podia contar estava nas publicações que conseguia levar adiante. Não é esta a sua melhor época. O excelente termómetro deste sistema emergente que é o livro de Carré (1903:72) comenta sobre a imprensa:

> "Ha contribuido poderosamente al desarrollo de la literatura. Ella fué la que disfrutó sus primicias, y ella su agente más eficaz en los comienzos del siglo. Los tiempos modernos, que han hecho sufrir una gran transformación al periódico, no son de los más a propósito para que éste continúe la obra; sin embargo, parece efectuarse una reacción hacia moldes viejos, y quizá vuelva la prensa al caráter que tuvo en sus orígenes. Sea ello lo que quiera, lo cierto es que, á pesar de las diversas y repetidas tentativas, la prensa literaria, y con especialidad la genuinamente gallega, no llegó á tomar entre nosotros carta de naturaleza".

---

16 Manuel Pardo Becerra, *A Monteira*, número 4 de 26 de outubro de 1889.

17 Até ao aparecimento da *Revista Gallega* da Corunha, o grupo desta cidade vai utilizar a publicação bonaerense como principal porta-voz das suas ideias, convivendo com as mais variadas tendências.

Com efeito, esta era a situação para a imprensa regionalista em 1903, que não mudara substantivamente em relação ao quinquénio anterior. Nengumha das revistas que o livreiro corunhês referia é dedicada em exclusivo à atividade literária, mas configuram-se como os únicos órgãos não diários em que o novo sistema tem umha presença elevada e são porta-vozes do novo movimento. A distribuição geográfica dá-nos conta dum facto significativo: apenas umha publicação regionalista galega tem sede na própria Galiza. As outras três pertencem aos enclaves galegos em América mais poderosos: Havana e Buenos Aires. Claro sintoma da força e importância da emigração, donde hão-de partir algumhas das iniciativas mais decisivas, polo menos potencialmente, para o sistema galego. *Galicia* de Havana começara a sua publicação na capital cubana sob a direção de López Veiga. *El Eco de Galicia* tem na direção Waldo Álvarez Ínsua, Vice-presidente do Centro Gallego de Havana, até 1898 em que regressa à Galiza, segundo o semanário por doença, e é substituído interinamente polo administrador Ramón Cortiñas. Esta publicação vai apoiar economicamente projetos regionalistas na Galiza, como as edições da *Historia de Galicia* e de *El Regionalismo* de Murguía e, nuclear-se em volta das ideias que defendiam o afamado historiador e Aureliano J. Pereira, diretor de *El Regional* (Máiz, 1984:73). Entre outras publicações significadas do enclave cubano, cabe destacar *La Tierra Gallega* (1894-1896) dirigida por Curros Enríquez, cujas relações com *El Eco* não vão ser mui cordiais[18].

O enclave de Buenos Aires, fundado em 1893, tem em Manuel Castro López proprietário e director, como dito ficou, o seu principal agente.

É oportuno indicar neste contexto que os enclaves de Portugal e Brasil, não tinham em absoluto a força dos seus homólogos de Havana e Buenos Aires. Os fundamentais enclaves galegos estão nesta altura, e em adiante, em América do Sul, particularmente em Havana, Buenos Aires, e, anos depois, também em Montevideu.

Do Brasil temos particularmente poucas notícias nesta época, e é, neste sentido, um grande desconhecido para nós, visto não contar, segundo parece, com nengumha publicação em todo este tempo das caraterísticas que aqui analisamos... O melhor informante sobre o Brasil é *El Eco de Galicia* de Buenos Aires. E, de entre o pouco que sabemos do enclave brasileiro, salientam normalmente os atos sociais da colónia, em forma de bailes e banquetes.

---

[18] Com efeito, no número 85 de 1 de setembro de 1895 de *La Tierra Gallega* aparece um extenso artigo em que é comentado que "para nadie es un misterio que El Eco de Galicia vió con muy malos ojos la fundación de LA TIERRA GALLEGA". Nele refere-se que antes Álvarez Insua quase idolatrava Curros, agora atacados, ele e a sua publicação, como "irreligiosos", que justifica o articulista (cremos que Curros) por ser a nova publicação castigo de caciques. Não são alheios a esta inimizade os conflitos surgidos no Centro Gallego de Havana, a que alude também o texto. A polémica continua em números sucessivos.

E da numerosíssima colónia galega em Lisboa, que, segundo o *La Voz Galáica*[19] daquela capital, somava já as cem mil pessoas, não dispomos de muita maior informação. O próprio *Eco* bonaerense dá algumha, particularmente das atividades que leva a cabo a "Asociación Galaica".

Que na Galiza tinha importância esse núcleo, põe-no em destaque o facto de várias publicações como *O Labrego*[20], em 1891, terem preço fixado para Portugal.

A colónia galega em Lisboa sustentara algumhas publicações nos anos oitenta, como *El Gallego*[21], e *La Voz Galáica*, "Periódico hispano-lusitano, político, independiente", que se publicou em Lisboa entre 1886 e 1887, com periodicidade semanal. Foi o seu fundador Isidro Villarino[22], que acabará por partilhar propriedade com o gerente Cruz Moreira (desde o número 27, de 7 de março de 1887 aparece Cruz Moreira no cabeçalho como tal, momento em que também desaparece do mesmo o administrador Camilo Piñeiro Garrido). Nele aparecem colaborações de escritores portugueses e frequente atenção às cousas que ocorrem em Madrid, mas não por isso é inexistente a presença de autores galegos, neste jornal de perfil progressista. Ele delata, aliás, o principal contributo do contingente da comarca do Condado em Lisboa, sendo habituais da revista as notícias de Fornelos de Montes, Mondariz, Ponte-Areias ou da Várzia de Mera, embora também de Ferrol, por exemplo.

Nas suas páginas (em particular na seção "Wagon Litterario") aparecem também poetas galegos, nomeadamente Alberto García Ferreiro, um dos que melhor condizia com a linha ideológica da publicação; e também de Lamas Carvajal. Entre os portugueses podemos encontrar nomes como o de Joaquim de Araújo.

Mas, ou o enclave não tinha suficiente fortaleza literária, ou não era a sua principal orientação estreitar os laços galego-portugueses, mas os hispano-portugueses[23]. Seja qual for a razão, o facto é que, nesta altura, não parece o

---

19 Não era invulgar utilizarem os galegos em Portugal a denominação de *galaico/a* para as suas empresas e instituições em vez do muito mais frequente *galego/a*. Bem parece que queriam evitar melindrosas confusões...

20 Desta publicação, continuadora de *A Monteira*, não pudemos consultar números suficientes como para incluí-la no corpus. O seu primeiro número é de 8 de janeiro de 1891; era publicada em Lugo, e, nos números vistos, não aparece a pessoa responsável pola direção. Possivelmente escritores como Rodríguez López estavam detrás dela. Sai integramente em galego com o subtítulo de "semanario d'intreses rexionales e literatura", fortemente conservador. O preço da assinatura para fora de Lugo é de 3 pesetas, por semestre; e nove para Portugal, elevado custo de distribuição, como se vê.

21 Não conseguimos consultar este jornal, que segundo se informa no tomo XV da *Gran Enciclopedia Gallega*, e recolhe Santos Gayoso, saiu em Lisboa em setembro e 1881, como órgão da coletividade. *La Voz Galáica*, polo contrário, sim pudemos consultá-la na sua totalidade.

22 Ou *Vilharino*, quando escreve em português. Jornalista incansável, sem dúvida. Anos mais tarde encontramo-lo como diretor de *La dos Naciones*, também de Lisboa.

23 Por exemplo, *La Voz Galáica* está atenta a publicações como a *Galicia* de Martínez Salazar.

enclave lisboeta o mais ativo. As publicações galegas vão dando notícias, também escassas, das atividades da colónia, e das associações, como a "Asociación Galáica de Socorros Mútuos".

E, desde 1894, publicava-se *La Unión Galáica*[24], "semanario defensor de los intereses generales de la colonia gallega", integramente em espanhol.

Já nos anos noventa, também a *Revista Gallega* recolhe informação da colónia na capital portuguesa, mas continua em nós a impressão de não haver ligação literária possível. Esta impressão vai ser constatação indubitável quando, nos meados da década de dez, apareçam elementos significativamente decididos a esse labor de relacionamento galego-português (Alfredo Pedro Guisado à frente); infelizmente vão ser nessa altura os emigrados os que não vão encontrar na Galiza um órgão suficientemente acolhedor…

No território galego, a mais decisiva e influente publicação vai ser sem dúvida a *Revista Gallega*, "semanario de literatura e intereses regionales", que contava desde a sua fundação em 1895 como redatores com Eugenio Carré, Francisco Tettamancy, Eladio Rodríguez e Salvador Golpe, quem cedo será substituído por Florencio Vaamonde. Em 1907 desaparece, e a sua função, embora com perfis diferentes, é continuada por *A Nosa Terra*, sob a direção de Carré Aldao[25]. A relevância da publicação corunhesa é ainda maior se tivermos em conta que nesta altura começam a estar "perdidas para a movilización rexionalista cidades tan decisivas como Ourense, Lugo e Pontevedra" (Máiz, 1984: 181) e que as publicações que veiculavam o regionalismo nos enclaves, nomeadamente *El Eco de Galicia* boanerense, vão adotar umha linha ambígua, quando não por vezes marcadamente *espanholista*[26]. De resto, o galeguismo político organizado, ao chegar o novo século, apenas conta com a

---

[24] Também a escassa notícia que dele temos fizo com que não o incluíssemos no corpus. Não figura diretor/a, e está atento, sobretudo, às notícias da política espanhola. Nos anos noventa, temos notícia de que o ativo Villarino dirigia *Las dos Naciones*, também em Lisboa, mas neste caso nem conseguimos consultar nenhum exemplar.

[25] Não foi pacífico o trânsito. Ainda não estando nestes momentos em condições de achegar umha explicação suficientemente satisfatória, do que sim estamos certos é de que *A Nosa Terra* veu ocupar o espaço deixado pola *Revista Gallega*, mas não por acordo de dissolução da *Revista Gallega*, desaparecida meses antes. O seu diretor, Galo Salinas, faz umha amargurada despedida no último número, onde, sem citar nengum nome, acusa de ingratitude muitos. Em 1907, já havia mais dum ano que das páginas do semanário corunhês faltava boa parte da escola literária da cidade. Houvo um enfrentamento, com certeza. Há aí umha mudança de orientação, sem dúvida, no grupo da Corunha, dadas as novas condições a que o regionalismo se enfrenta. Para calibrar a decisiva importância no plano político e cultural da *Revista Gallega,* cfr. Máiz, 1984.

[26] O adjetivo *espanholista* e o substantivo *espanholismo* são vocábulos normalmente usados com sentido despectivo polos diversos nacionalismos periféricos do Estado Espanhol para referir-se às atitudes negadoras das nações peninsulares. Aqui queremos retirar-lhes o matiz pejorativo, e a conotação estrita de nacionalismo espanhol para usá-los como sinónimo das tendências a ubicar-se em e/ou defender o polissistema espanhol. *El Eco de Galicia* de Buenos Aires abre o seu número 361, de 30 de outubro de 1901 com "Lo que debe ser" em que diz que "perdidas todas las colonias [...] menos poesia e mais ciencia"; mui ilutrativo comentário, que não se referia ao sistema regionalista, mas ao polissistema espanhol.

"Liga Gallega da Cruña", desaparecida a articulação política de federalistas e tradicionalistas (Beramendi, 1987, I, 250):

> "[...] lo cierto es que el núcleo murguiano de la tertulia de la Cova Céltiga, que es el mismo que anima todas esas atividades ["monumento a los mártires de Carral en 1904 o la fundación de la Real Academia Gallega en 1907"], constituye el único núcleo regionalista que mantiene una sombra de presencia organizada. Las otras dos tendencias del primer regionalismo se han desintegrado en cuanto grupos activos".

É a *Revista Gallega* manifestação e o porta-voz do grupo mais vigoroso do regionalismo galego nesta fase, aquele que Carré, na sua *Literatura gallega*, denomina já, com notável perspicácia de historiador, a "escola corunhesa". Será este grupo[27] a parte mais ativa do sistema, e das polémicas que no seu seio se derom. Por isso, seguindo a lógica dos factos, ele será a nossa contínua referência; como Carré, com umha precisão realmente lúcida, afirma, (em 1911!) foram os escritores corunheses "los que se señalaron en la meritoria labor de encauzar nuestra entonces desquiciada literatura" (Carré, 1911: 95). E, podemos adiantar umha conclusão: não o conseguirom, mas impedirom que ela caminhasse para o desastre[28].

Na Galiza, o regionalismo podia ainda servir-se de alguns diários para vulgarizar a sua doutrina e estética; por exemplo, pola sua estabilidade desde a década de oitenta, podemos citar *El Regional*, que desde 1884 vinha a publicar-se em Lugo sob a direção do federalista Aureliano J. Pereira[29], e,

---

[27] Carré (1903:101) cita, por ordem de importância, os seguintes escritores: Lugris Freire; Florencio Vaamonde; Tettamancy Gastón; Avelino Barbeito; Joaquín Arias Miranda, Constantino Fernández e Robustiano Faginas; mas, como ele esclarece, "de Pérez Ballesteros, Eduardo Pondal, Salvador Golpe, Urbano González Varela, Martínez Esparís, Rodríguez González, Bermúdez Jambrina, Martelo Paumán y otros, aun cuando tienen puesto de honor en esa ligera relación de los creadores de la escuela literaria coruñesa, nada más diremos de lo que hemos dejado ya escrito en diferentes partes de este libro". Como se vê, era o grupo mais numeroso e ativo, ainda muitos deles vivos, de toda a literatura regionalista. Alguns, porém, como Pérez Ballesteros ou Martínez Esparís, não participavam das ideias postuladas polo autêntico grupo, que tinha nos três primeiros autores citados os seus principais animadores.

[28] Infelizmente, a história da literatura galega nunca foi estudada deste ponto de vista. E, queremos afirmar, com a devida modéstia, mas com igual segurança, que hoje não podemos dispor dumha perspetiva minimamente apurada do que aconteceu realmente na origem do Ressurgimento galego, estudado como um surto de magro exército que se enfrentava a moinhos e autênticos gigantes com umha precariedade que apenas o canto camoniano de alguns, ou a sátira *à Junqueiro* doutros podia contribuir a vencer. Porque, se, como se costuma dizer, havia vários generais, muita oficialidade e não pouca tropa nas hostes literárias regionalistas, por que então não se vencerom os gigantes que ao seu caminho saíram? Com toda a modéstia, sincera, este trabalho quer contribuir para elucidá-lo.

[29] Aureliano J. Pereira é umha das figuras mais singulares de todo este período; federo-regionalista, vai desenvolver entre 1887 e 1890 a sua teoria a respeito da articulação do Estado. Ele vai liderar o núcleo luguês, e as suas ideias vão estender-se em Buenos Aires através de Castro López, diretor de *El Eco e Galicia* (decenário que Máiz, 1984: 124, considera de "marcada orientación galeguista", de que discrepamos) que com ele participara na redação para a Constituição do futuro Estado Galego, redigida por membros do Partido Republicano em 1887 (Barreiro, 1983, II: 261). A historiografia galega tem considerado este jornalista como o autor dumha das propostas mais avançadas no seio do regionalismo (Cfr. Máiz, 1984). Em 1892 (Máiz, 1984: 133 a 135), "alguns membros do

numha orientação política contrária, *El Eco de Orense*, dirigido, entre outros, por Lamas Carvajal.

Mas Carré tem de falar de "únicos representantes", o que indica umha certa desilusão. Vinte, ou até dez anos antes, o erudito livreiro podia contabilizar até seis vezes mais publicações vulgarizadoras do movimento, várias delas integramente em galego. O último grande período, qualitativa e quantitativamente importante, fora sem dúvida o de 1890 a 1894, em que saíram revistas galeguistas nas mais importantes povoações da Galiza: Santiago (*Patria Gallega*, *El Regionalista*), A Corunha (*Galicia*), Ponte Vedra[30] (*La Revista Popular*, *Galicia Recreativa*, *Extracto de literatura*, *Pasatiempos*), Ourense (*Álbum literario*, *El Miño*, *As Burgas*), Lugo (*A Monteira*, *O Labrego*); e não apenas no território galego, mas nos dous decisivos núcleos de além-mar, Havana e Buenos Aires fundamentalmente.

Aquela forte atividade jornalística sumiu-se. A Galiza de fim de século transita no seu regionalismo com menos força editorial do que em anos anteriores. Com diferença, porém, a essas épocas, vai contar com um elemento positivo

---

partido federal de Lugo, nomeadamente Amor Meilán e Aureliano J. Pereira, causaron baixa no mesmo e se integraron no partido liberal-fusionista", num momento em que, sempre segundo Máiz, a dicotomia principal no regionalismo é a de tradicionalismo-liberalismo [estes como mais genuínos continuadores do provincialismo progressista, Beramendi, 1987, I: 190-191; vid. para umha caraterização ideológica Máiz (1984) e Beramendi (1987)]; progressivamente Pereira vai abandonar as teses regionalistas, e "a partir de 1897 a desvinculación de *El Regional* do movimento rexionalista é total agás dalgunha referéncia episódica e marxinal, pasando a ser a *Revista Gallega* de A Cruña o exponente fundamental deste movimento" (Máiz, 1984: 133, 134). Mais ainda, no momento da criação da "Xunta de Defensa", em 1893, que vários setores regionalistas tentarom converter num movimento anticentralista, *El Regional* intitula um seu editorial "Ni regionalismo ni separatismo", onde a redação presumia haver detrás da proposta regionalismo um perigo separatista, que nunca aceitou, e em plano nengum nem por aproximação Aureliano J. Pereira, e que vai merecer duras críticas de *El Telegrama*, publicação, aliás, de linha federalista (Máiz, 1984:159). "Deste xeito", explica Máiz (1984: 157) "as fidelidades fusionistas impeden de feito a Pereira, Meilán e ao grupo rexionalista de Lugo,participar na ocasión máis propícia para realizar política 'práctica' e con incidéncia que se lle presentara á Asociación rexionalista en toda a sua existéncia". Nós pensamos que, à luz da sua prática nos textos que analisamos, se entre os avanços que Máiz atribui a Pereira figura o desejo dumha expansão cultural galega autossuficiente, a historiografia galega encontrou em Pereira umha miragem pré-nacionalista que não se corresponde com a realidade; talvez por confundir as ideias progressistas do luguês em matéria de participação e articulação democrática do Estado com as que defendia como galeguista: a sua melhor definição neste sentido é a sua praxe poética (e, repare-se: é na literatura que se jogam decisivas batalhas nestes contextos) e os posicionamentos que vai adotar nalgum dos debates que na continuação analisamos. Em nossa opinião é Beramendi (1987, I, 223 ss.) quem com maior acerto tem analisado a questão, determinando com clareza o caráter "españolista" (p. 224) do federalismo, cujo referente nacional foi sempre Espanha, apesar de "la peculiar, marginal y relativamente efímera peripecia galleguista de Aureliano J. Pereira y su grupo" (1987, I, 229). As suas opiniões, e as do *enclave* bonaerense forom, a nosso ver, umha séria rémora para o sistema. Tudo o dito vamos verificá-lo na análise da interferência galego-portuguesa. No campo literário, *locus* privilegiado como veículo de ideias, podemos ver quase fotograficamente as diferentes atitudes ideológicas da época. E não polos conteúdos, que também, mas em geral polos materiais utilizados. E, parece-nos, "as contas" estão certas...

[30] Esta cidade contava com um dos núcleos intelectuais mais ativos da vida cultural galega, o que leva Barreiro Fernández a considerá-la "la ciudad más culta (en minorías) de Galicia si, por supuesto, exceptuamos a Santiago obligadamente culta por su universidad" (Barreiro: 1983: II, 228).

frente às que a antecedem; com efeito, o que perdeu em quantidade, e em certa qualidade, ganha-o o sistema na estabilidade de algumha das suas publicações, por escassas que sejam[31]. Essa continuidade não é um elemento secundário. Um sistema como o galego não podia subsistir nas catacumbas do anonimato, à espera de que umha obra e/ou um autor surgissem para revitalizá-lo, e ocupando os espaços que a maior ou menor generosidade dos dirigentes literários da época podia fornecer-lhe. Acompanhado de alguns livros, poucos, o sistema regionalista entra no século XX sustido polas revistas referidas, cuja tiragem, porém, de que não temos dados certos, não devia ser espetacular[32].

Mas estas não são as únicas produzidas na Galiza. O novo sistema vai contar ainda com outras publicações a ele aderidas em maior ou menor medida, mas de menor duração e impacto. Umha delas é *La Temporada en Mondariz*, publicação estival vinculada ao Balneário do mesmo nome, Mondariz, propriedade dos "Sres. Hijos de Peinador", que vinha sendo tirada desde polo menos 1889[33]. Não é propriamente umha revista regionalista nem literária, porque o seu caráter fundamental é o de acompanhar a presença dos aquistas em época estival no balneário, estação em que, juntamente com algum número extraordinário, é editada. Não por isso carece de importância. Nela colaboram célebres autores do regionalismo, e é já um lugar de encontro de intelectuais galegos, portugueses e espanhóis.

Comentávamos que umha caraterística de algumhas publicações da época é a sua discontinuidade. É o caso de *La Revista Popular*, que à sua irregular presença une a mudança do lugar de edição. O seu primeiro proprietário e administrador, Rogelio Quintáns editara-a em Ponte Vedra em 1892 com o subtítulo de "Ciencias, artes literatura" (que nos últimos números mudará para aparecer como órgão dos "Círculos Católicos, Apostolado y Sagrado

---

31 Ramón Villares (1984:110) advertia já em 1984 a instabilidade e versatilidade ideológica como caraterística da imprensa local do primeiro terço do século XX, consideração, sobretudo a primeira, alargável à imprensa galega em geral.

32 É esta umha das maiores dificuldades que encontramos, e cuja ressolução, se em algum caso a conseguirmos, pensamos que virá confirmar a precariedade do sistema. Por esta dedução, e porque o seu estudo podia exigir-nos umha dedicação acrescentada mui superior às nossas forças, prescindimos dumha pesquisa exaustiva. No entanto, de algum indício dispomos. Por exemplo, umha revista de caráter científico como o *Boletín de la Comisión de Monumentos históricos y artísticos de Orense*, tirava, a juízo de Valcárcel (1987:131) "arredor de douscentos exemplares"; J. G. Beramendi (1987, I:250) considera de "escaso radio de acción" o alcance da *Revista Gallega*, que julga a publicação mais importante do galeguismo da época. J.A. Durán (1977: 391) considera que *A Nosa Terra* tinha umha tiragem próxima dos mil quinhentos exemplares "que para sí quisieran muchos diarios de la época". Sabemos que esta publicação, na sua segunda época vai alcançar os cinco mil exemplares. Nada comparável na Galiza ao caso dos 40.000 que afirma tirar a regional (-ista) *Vida Gallega*, já nos anos dez. Por mais que esta exagerasse, foi sem dúvida a publicação não diária de maior audiência na Galiza, hoje mal estudada ainda, o que contribui a deformar o processo seguido polo sistema até à Guerra Civil.

33 Enrique Peinador, o proprietário nesta altura do Balneário, era dos poucos elementos relevantes da vida económica galega que apoiava os projetos regionalistas, tradição que se vai manter no futuro com seus filhos.

Corazón", decenalmente e até 1896. A revista vai ainda sair em 1899, cessando no mesmo ano, e em 1904, com Vieira Durán já como proprietário à par de diretor, e trasladada a Vigo. Agora é mensal e cessará aos sete números. A revista conta com umha relativamente discreta presença de produção regionalista.

Na cidade de Ourense merece ainda destaque a publicação que dirige o ativo Luciano Cid y Hermida *Crónica literaria*, semanário editado entre 1903 e 1904.

No género de revistas dedicadas aos estudos em ciências humanas e sociais, convém destacar três publicações: *Galicia Histórica* (1901-1903) dirigida polo cónego santiaguês López Ferreiro e os longevos *Boletín de la Comisión Provincial de monumentos históricos y artísticos de Orense* (fundado em 1898) e o *Boletín de la Real Academia Gallega*, de 1906.

Outra revista de temporada é *Santiago 1900*, que perderá a expressão da data nos seus dous anos posteriores, e que é rotulada como "revista literaria". Esta é ainda mais restrita na sazão que a de Mondariz, porque se circunscreve praticamente à duração das festas em honra do Apóstolo Santiago na atual capital galega. O seu interesse fundamental radica no que a própria direção indica ao abrir o ano 1901: "deseamos reunir la anual galería de literatos regionales; deseamos formar el balance periódico de los gallegos que valen y con la Patria sienten". Numha extensa nómina de mais de sessenta colaboradores, entre os quais não falta um assíduo Echegaray residente já em Marim, reúne a prática totalidade do grupo regionalista corunhês, ao lado de Labarta Posse, o Marquês de Figueiroa, López Ferreiro, Pérez Placer, Jaime Solá (na altura diretor de *El Independiente* e depois de *El Noticiero de Vigo*) e, claro, Pardo Bazán, sem esquecer as três figuras mais salientes da emigração galega da época: Waldo Álvarez Ínsua, Manuel Castro López e Manuel Curros Enríquez. Há algumhas ausências relativamente notáveis, como a de García Ferreiro, Lamas Carvajal, Aurelio Ribalta ou Lugris Freire. O cânone regionalista conta, no entanto, com os dous principais poetas da altura: o citado Curros, principalmente, e Eduardo Pondal.

1905 é ano pródigo particularmente para as revistas ilustradas no sistema regional galego. María de los Ángeles Vázquez funda em Buenos Aires a revista *Galicia*, "revista regional de ciencia, información, literatura, arte y protección", que, segundo os nossos dados, alcança a publicar doze números. Na capital do Estado, sai *Galicia en Madrid*, "revista semanal ilustrada", ao calor do Centro Gallego, que desaparecerá um ano mais tarde, 1906, momento em que Augusto C. Santiago funda o semanário ilustrado, *Galicia*, que cessa em 1909. No mesmo ano de 1905 outro semanário ilustrado, agora na Corunha, *Coruña Moderna*, completa o panorama existente, dirigido por Juan Tejada y Velasco.

Para além dos núcleos de povoação mais habitados, outras vilas galegas contam com publicações empenhadas na atividade literária; neste sentido, cabem

ser referidas neste panorama *Ciudad del Cabe* (1902, vinte números), bissemanário monfortino sob a direção de Eumenio Rodríguez; e *De todo un poco* (1904-1906), dirigida em Mondonhedo por César González Seco Romero.

Outras revistas, *Claroscuro*, *Brisas y tormentas*, entre elas várias satíricas (*El Cínife*, *La Comadre*, *La Semana*) completam a produção de semanários com caráter literário da época, aos quais nos referiremos no seu momento.

IV.1.3.1. A imprensa na Galiza e o polissistema espanhol

Não dispomos de dados sobre o número de publicações que circulava pola Galiza editadas fora do seu território e enclaves. Mas os dados da época convidam-nos a pensar numha abrumadora presença de revistas editadas no resto do Estado, e em Madrid particularmente, para além de algumhas outras europeias, nomeadamente da França[34]. Como indica Ramón Villares (1984:110), as estatísticas em todo o período que estudamos mantêm umha proporção estável (5%) com a produção espanhola no conjunto das publicações periódicas. Doutro ponto de vista, continua a predominar a imprensa urbana sobre a não urbana. Mas esse dado quantitativo não permite deduzir que qualitativamente a proporção seja a mesma. Madrid, e citamos a capital do estado polo prestígio que toda a centralidade assinala para as suas periferias, tem um índice de publicações bastante superior, que, no terreno concreto dos semanários ilustrados e revistas de caráter fundamentalmente literário, ainda é multiplicado. O alargamento temporal, a tiragem e a capacidade de difusão são também mui superiores. Todas as publicações por nós analisadas que indicam intercâmbios, fazem-no com espanholas sempre e fundamentalmente. *Blanco y Negro*, *Madrid Cómico*, *La Ilustración Española y Americana*, *Actualidades* são algumhas das mais difundidas.

Na Galiza devia de ler-se, sobretudo, a imprensa madrilena, ficando a galega, quanto a números de leitores, a substantiva distância; a "opinião pública" que se criava era, sem dúvida, espanhola. Na continuação transcrevemos um extenso comentário sobre a imprensa na Galiza nos finais dos anos 70, de Lamas Carvajal; pensamos que o texto do poeta ourensano carateriza umha situação que não deveu mudar substancialmente em vinte anos:

> "Nunca se hallará más desmentido que en nuestra región el axioma popular 'luchar es vencer'. En Galicia las luchas son estériles y la victoria imposible. En muchos de nuestros pueblos rurales, y aun en villas de alguna importancia, no se lee un solo periódico de los que en Galicia se publican *El Imparcial* y *La Correspondencia de Espa-*

---

[34] E, dentro da França, Paris. Para darmos apenas alguns exemplos ilustrativos, na Biblioteca da Deputação de Lugo pudemos consultar numerosos exemplares do *Journal des Voyages et les aventures de Terre et de Mer* correspondentes aos anos 1878-1880; como também *Lectures pour tous*, *La Revue* e outras. Nos fundos hemerográficos da Real Academia Galega encontramos a *Magasin Pittoresque*, desde o ano 1891; *La Temporada en Mondariz* recebia várias publicações francesas, entre as quais *La Mode Parisienne*.

> *ña*, inspirados en la política y en las noticias de última hora, que tanto se adaptan al gusto de los que ambicionan y pretenden estar enterados de cuanto en el día ocurre, son las únicas publicaciones leídas por aquellos que en Galicia se precian de ilustrados y amantes de nuestro pueblo.
>
> A la prensa regional se le niega toda importancia, que al fin sólo ocupa sus columnas con artículos y sueltos referentes al país gallego, y esta conducta no satisface a aquellos que, cosmopolitas por excelencia, atentos siguen y estudiosos la marcha de los acontecimientos europeos. 'Qué importancia puede tener una prensa que sólo detalla los acontecimientos ocurridos en cuatro provincias?'
>
> Y es en vano que los directores de los periódicos de Galicia se sacrifiquen por complacer a los suscriptores insertando correspondencias de Madrid y ocupando gran parte de su periódico con noticias del extranjero; los periódicos de la Corte son más baratos, anticipan con una ventaja de doce a dieciséis horas las noticias y deben preferirse"[35].

E isso é assim no período da denominada Restauración (1875-1923), que é, como comenta um estudioso de rigor, Marcos Valcárcel (1987:29), o momento de maior crescimento da imprensa na Galiza e "as condicións eran especialmente boas para o apoxeo xornalístico". Com efeito,

> "unha certa estabilidade política co establecimento da monarquía e o turnismo político, certa liberdade de expresión-anque moi limitada-, o crecemento urbano e a extensión da educación, o sufraxio universal masculino, a mellora das comunicacións, etc. No mundo periodístico, hai que ter en conta asimesmo o desenrolo das imprentas, as melloras técnicas na industria tipográfica, o abaratamento dos diarios e a profesionalización ascendente do traballo do xornalista".

Ramón Villares (1984:109), anos antes, ratificava essa situação. A época é, também para ele, "la porción cuantitativamente más relevante de toda la historia de la prensa gallega hasta el momento actual". No seu interessante estudo sobre a imprensa local galega do primeiro terço do século XX, indica como causas da expansão local o facto de os meios técnicos serem mais acessíveis; a alfabetização crescente; o papel do campesinato; a influência cultural da emigração e o alargamento do espaço político. Este fator é particularmente interessante, porque vão ser os anos dez e durante a Segunda República espanhola quando maior auge conhece a imprensa local.

Mas, frisando a autêntica dimensão da imprensa galega, diz Ramón Villares (1984:110) referindo-se à local: "Si en vez de acumular títulos aparecidos a lo largo de un amplio período cronológico analizamos una estadística o inventario que recoja sólo los periódicos de un año concreto, esta expansión de la prensa local no parece tan elevada".

E se considerarmos outros fatores, a progressiva distância entre as condições da imprensa diária que se distribuía por todo o estado e a local leva-nos

---

[35] Valentín Lamas Carvajal, "El periodismo en Galicia" (*El Heraldo Gallego*, Ourense, maio a julho de 1877); tomado de J. A. Durán, 1974: 74.

a concluir umha crescente distância entre a audiência dumha e outra (Botrel e Desvois, 1994:45):

> "No obstante, las cifras disfrazan la existencia de una gran variedad de situaciones, tanto en el terreno foral como en el estructural. La modernización de la presentación de la prensa, sobre todo en los semanarios, gracias a la introducción del fotograbado y a la inclusión de ilustraciones fotográficas, y el aumento del número de páginas en la prensa diaria nacional afectan principalmente a la prensa madrileña; además, el abismo que media entre la prensa de ámbito nacional y la prensa local (como *La Voz de Ortigueira*), basada en modelos y concepciones del siglo XIX, no cesa de agrandarse".

E, no caso de atendermos a leitores/as e formação de "opinião pública", possivelmente a incidência da imprensa galega seja ainda menor.

Segundo dados de Botrel e Desvois (1994:44), "en 1900 existen en España 1.347 publicaciones periódicas de todas clases"; número superior ao de 1.128 em 1887 e de 1.136 em 1892. E em 1913 será de 1.980; se repararmos em publicações por número de habitantes, os dados oferecidos polos autores citados mostram igualmente umha tendência alcista. Em 1887 há 15.000 habitantes por publicação, mil mais que em 1900, e mais de cinco mil que em 1913, onde o número desce por baixo de 10.000. De tal forma que a produção avança paulatinamente, com melhoras qualitativas a partir de 1910. Estes dados, referidos ao conjunto do Estado, não parecem corresponder à dinâmica das publicações regionalistas, cujo número era maior nos anos noventa do passado século do que em 1907, por exemplo.

Mais ainda. Botrel e Desvois indicam (1994:45) que na viragem do século aumentam especialmente as publicações artísticas, literárias, científicas e de temas vários; na Galiza é percetível essa tendência, não no âmbito das publicações regionalistas, que é menor, mas de aquelas surgidas à imitação das espanholas da época. A situação era bem diferente no principal referente de analogia (e de emulação) galeguista, Catalunha. Barcelona possui entre 1900 e 1913 26% da imprensa do Estado, com várias publicações catalanistas.

A imprensa diária, particularmente a partir de 1900, está dominada polo grande capital. O panorama estatal começa a renovar-se com publicações que incorporam novas técnicas e estilos comunicativos. Cada vez mais os escritores e críticos mais celebrados do momento colaboram nos diários, que têm mais alargado público e pagam melhor os serviços. Exemplo disto é o *ABC*, que, em 1905, passa a ser diário, publicado por Torcuato Luca de Tena, conhecido já desde 1891 polo êxito de *Blanco y Negro* (Botrel e Desvois, 1994:46).

Tudo isto faz com que as reformas estruturais que a partir do fim do século se processem aumentem em benefício das produções das áreas melhor dotadas industrialmente, Barcelona e Madrid. Comentam Botrel e Desvois (1994: 47):

> "Así pues, desde un punto de vista global, la evolución de la prensa alrededor de 1900 constituye un fator de crecimiento y de transformación de la producción cul-

> tural, tanto por el aumento de su impacto en todo el territorio español, que redunda sobre todo en beneficio de las publicaciones científicas y literarias, como por los primeros efectos de las reformas estructurales, de las que se benefician en particular la prensa madrileña y la barcelonesa".

Para as iniciativas modestas, resta a possibilidade de fundar umha publicação não diária. No quadro espanhol é o momento de surgirem revistas literárias cuja caraterística comum é a sua pouca vida. São os casos de *Electra*, *Vida Literaria*, *Alma Española*, *Vida nueva*, etc. (Botrel e Desvois, 1994:46). Essa vai ser solução habitual no panorama galeguista. Apenas nos anos vinte vai conseguir o galeguismo contar com jornais diários em que exercer algumha influência qualitativa, como *El Pueblo Gallego* e *Galicia*.

Sobre os custos e o nível de modernização também não temos dados certos. A infraestrutura para lançar à rua um semanário não era excessivamente cara no período que estudamos; outra questão é a qualidade do produto. Botrel e Desvois (1994:42) informam que

> "Entre 1896 y 1906 uno puede instalar una imprenta en provincias con un capital de 30.000 pts. [...], pero por este precio sólo puede adquirirse una máquina plana y un material añejo. A ello se añaden los escasos conocimientos técnicos del gremio, aunque 1900 también supone un viraje al respecto: el Instituto catalán de artes del libro nace en 1898 y las escuelas de aprendices de tipógrafo de Barcelona y Madrid se crean, respectivamente, en 1904 y 1905".

Se esta era a realidade, temos de pensar que a situação não começou a mudar na Galiza ("provincias") até bem entrado o século XX. Tudo parece indicar que os resultados técnicos dos trabalhos de impressão (muito mais apreciados na época do que na atualidade) eram melhores nas duas grandes cidades do que no resto. Numha polémica entre Orsino [provavelmente, Galo Salinas] e Rodríguez López na *Revista Gallega*, a finais de século e a que adiante nos referiremos, o primeiro recrimina ao luguês não ter dado a lume a obra objeto de discussão na Galiza, a que replica Rodríguez López argumentando que era mais barato para ele fazê-lo em Madrid do que na própria terra. A Corunha e Lugo, como Ourense e Vigo, contavam na altura com várias oficinas dedicadas a esta atividade[36], que, normalmente imprimiam os livros dos regionalistas, e ainda o de algum português, como a Tipografia de Eugenio Krapf com o livro de João Verde *Ares da Raya*. Desconhecemos os preços de Madrid e a Galiza para fazer umha comparação. De resto, os comentários de Orsino e Rodríguez López informam sobre o interesse do grupo corunhês de atender outros aspetos da vida literária galega, não apenas os produtivos, para integrar, polissistemicamente, outros fatores da literatura.

---

[36] Barreiro Fernández (1983: 134-184) oferece-nos um mui interessante estudo das casas impressoras na Galiza da época.

IV.1.4. Interferências no sistema regionalista

Sob outra perspetiva, devemos presumir em princípio que o sistema regionalista galego quer construir umha literatura diferente da espanhola, que tenha como eixo determinados materiais diferentes dos utilizados por aquela. Um deles, que vai conseguindo com a passagem do tempo categoria cada vez mais substantiva, o da língua, é a manifestação mais notória, não única, da viragem pretendida. Ele representa distintas fases dumha opção cultural, social e política, que encontra na defesa da Galiza (esquecida, marginada, expoliada, etc.) a sua razão de ser. O alargamento da reivindicação é enormemente variado e os objetivos dissímeis. Quando escrevemos "literatura diferente" não o fazemos sinónimo de independente. Na produção literária do Ressurgimento está com certeza o embrião dum polissistema galego suficiente, mas também o dum subsistema dentro do espanhol, cuja atividade literária tenha na interessada insuficiência do sistema galego a evidência da necessidade de fazer parte do polissistema espanhol. Não é por acaso. Consideradas as literaturas nacionais como conjuntos auto-organizadores (termo que Lambert, 1983a:362, toma de Lotman et alii, 1975), sobre um conjunto de normas, modelos e modos de relacionar-se sistémicos, os seus membros podem, "en cierta medida pertenecer también, sea a subsistemas regionales sea a otras literaturas poderosas y centralizadoras" (Guillén, 1985:391).

O quadro geral da atividade literária galega era então mais complexo e distinto. Sempre com a cautela da suposição, mas com dados que apontam inequivocamente nas direções que anotamos, o sistema literário regionalista, é mui reduzido, e polo menos semidependente do polissistema espanhol. Fora da sua consideração isolada, e das suas produções livrescas, o quotidiano literário galego aparece-nos consideravelmente dominado pola atividade literária que noutros centros tem lugar. E isso apesar de que, nesse quotidiano, podamos considerar literatura galega produções e atividades não plenamente veiculadas em galego-português, mas que são suscetíveis de funcionarem ou serem recebidas como tais. Um caso significativo são as obras bilingues indicadas por E. Carré, produção a meio caminho, onde podemos ver refletido o valor projetivo[x] que à língua pode ser atribuído. Outro caso pode ser o da *Revista Gallega*, que sem margem de dúvida consideraremos desde a ótica do incipiente sistema literário, por mais que o uso do idioma galego seja minoritário; por não falarmos de toda a historiografia e o ensaio, literário ou não, que, desde e para o regionalismo são produzidos.

IV.1.4.1. A presença doutras produções literárias não portuguesas

Considerando o número e tipo de Importações e transferências a que as revistas galegas procedem na época (e atendendo de preferência as regionalistas) a situação não difere do que podia ser comum na época ao resto dos

polissistemas ibéricos. Talvez o caráter dessas presenças na Galiza, em geral, seja mais secundarizante e intensiva, com umha forte componente romântica, e mais fechada, como veremos, às correntes poéticas francesas de fim de século (sobretudo a estas) e ao romance e teatro naturalistas.

Algumha publicação, exceção no momento, procurava alargar mais o âmbito das suas Importações. Assim, um semanário de finais dos anos oitenta, com certa vocação cosmopolita, *El Álbum Literario* de Luciano Cid Hermida, oferecia aos seus leitores, nos seus quase quatro anos de vida, textos de e comentários sobre os mais celebrados autores do romantismo europeu, mas também referenciava alguns outros mais na moda, como o naturalista Zola. Nas suas páginas oferecem-se colaborações de muitos dos escritores galegos (ou assim considerados já) do momento: Amor Meilán, Eduardo Pondal, Salvador Golpe, García Ferreiro, Galo Salinas, Castro López, Ramiro Vieira Durán, Rodríguez Carracido, Pesqueira Crespo, Alfred Vicenti, Núñez Sarmiento, Eladio Rodríguez González, Victorino Novo, Heraclio Pérez Placer, García Acuña, Neira Cancela, Pérez Ballesteros, Álvarez Limeses, Vicetto, Filomena Dato, Camelia Cociña, Aurelio Ribalta, Curros Enríquez, Díaz de Escovar, Álvarez Ínsua, etc. É também mui notória a presença de escritores do polissistema espanhol, a que nos referiremos especificamente.

Mas outras literaturas, como dizíamos, têm também largo espaço. O romantismo europeu ocupa sempre um lugar de preferência. No número 4 oferece-se "El último amor" de Alfredo Musset; e Jesús Cecilio apresentava "Amenazas" de Goethe[37] no mesmo número em que A.R. assinava "El nido" de V. Hugo. Hugo é, aliás, um poeta imitado explicitamente em vários poemas aparecidos na revista, tanto ou mais que Bécquer e as suas rimas, mui populares na altura.

Não faltam outros escritores europeus. Entre eles Edgar Allan Poe, com umha tradução dum poema, "El Cuervo", de Luis Alfonso[38]; no número 189[39] aparece "La emboscada" de Mickiewicz; e, assinada por J. Valera[40], "La hija del joyero" de Onofrio Minzoni.

Normalmente, as traduções não eram próprias, mas tomadas doutras publicações espanholas, quando não adaptações sobre a base dessas traduções, ou re-traduções de textos através de línguas mais conhecidas para os tradutores. Se não é assim, a revista sublinha o facto, como a oferecida por J. Martos Jiménez de "La muerte de un ángel" de J.P. Richter[41], em que se indica "traducción directa del alemán".

---

37 Número 82 de 25 agosto de 1889.
38 Número 117 de 27 de abril de 1890.
39 De 13 de setembro de 1891.
40 Número 190, de 20 de setembro de 1891.
41 Número 124, de 15 de junho de 1890.

A presença dos escritores catalães é relativamente frequente; no número 189 aparece "Poema Cosaco" assinado por Jaume Martí Miquel. No número 83, de 1 de setembro de 1890, aparecem alguns sonetos traduzidos do catalão para o galego de Joaquin Rubió y Ors "para la edición políglota de *Lo gayter del Llobregat*".

De resto, numha seção, irregular, mas mui habitual nas publicações da época, "Álbum de pensamientos", assinado por Un Filósofo, oferecia frases de muitos escritores e pensadores europeus de todas as épocas, entre eles Shakespeare, sempre de atualidade e sobre quem se publica um artigo de Paul Saint-Victo[42].

Nessa publicação, o naturalismo, em geral exceção nas publicações do momento, recebe um tratamento positivo, ou, polo menos, não de aberta crítica. *El Álbum Literario* de 22 de março de 1890 informava de "La nueva novela de Emilio Zola", *L'argent*. Zola e o novo romance francês eram igualmente atendidos semanas mais tarde, com um artigo do líder naturalista sobre Flaubert[43]. Do interesse polas novidades europeias dá igualmente conta o facto de, em vários números, ser publicado o artigo "Sobre Goethe y el Naturalismo" por José de Siles[44].

Ora, os esforços por 'estar a par dos acontecimentos' do *El Álbum Literario* são, como vimos lembrando, mui singulares em relação a outras publicações da época. As novidades oferecidas iam, como no caso de Zola, mesmo por diante de aquelas a que se podia recorrer em *La Ilustración Española y Americana*, *Madrid Cómico* ou *La España Moderna*, particularmente nas duas primeiras.

Mas, como se vê, a Importação dos textos (e modelos) extra-ibéricos faziase através do polissistema espanhol, a começar polo uso linguístico, o que vai ser caraterística comum nas publicações de todo este período. Essa introdução espanhola, poucas vezes contra-arrestada pola tradução galega (por exemplo as traduções de textos de Heine feitas por Francisco Tettamancy) e mui raramente por recurso a traduções portuguesas (veremos o caso, insólito e mínimo de Pérez Bonalde), configura um panorama mais prejudicial ainda para o incipiente sistema regionalista, e reafirma a dificuldade com que os regionalistas que querem procurar novas vias de comunicação vão enfrentar-se.

Não é nosso propósito anotar com detalhe toda a presença de literaturas 'transpirenaicas' nas revistas galegas. Alguns casos, de resto, vamos reservá-los para o contraste com a ausência de Importações portuguesas, quando tratemos esse fenómeno. Daremos então mínimas referências para apresentarmos o panorama geral deste tipo de Importações.

---

42 Número 172 de 17 de maio de 1891.

43 Número 175 de 7 de junho de 1891.

44 Números 159, 160 e 161 de 19 e 26 de fevereiro e 5 de março de 1891

Os nomes de V. Hugo, Heine ou Goethe, repetem-se com certa frequência, quer imitados, quer introduzindo os seus textos. V. Hugo, é por exemplo, mui vulgarizado em *La tierra gallega*, dirigida polo seu admirador Curros Enríquez. E não é estranho encontrar textos ou imitações de Leopardi ou D'Anunzzio ao longo das publicações galegas da época.

Mesmo em publicações que se intitulam *modernas* assomam com frequência os românticos. Por exemplo, na *Coruña Moderna* aparecem vários textos em que Heine é traduzido ou imitado. Assim, no número 53[45], Arias Miranda (Jorge Bruhmel) publica "Na loita", um poema de desabafo amoroso, "sobre un pensamento de Heine". E Tettamancy, tanto na *Revista Gallega* como na *Coruña Moderna* publica as suas traduções para o galego do *Livro dos Cantares*.

Os diários também incorporavam com frequência textos literários doutras literaturas europeias. *La Idea Moderna*, jornal de caráter federalista, publicava nos finais de século traduções de folhetins de A. Dumas, como *La figurita del César*, ou textos sobre Paris, como *Los restaurantes de Paris*, de H. de Villenessant. Habitual recetor de revistas francesas, o diário luguês também se ocupava com outros escritores como o caso de Tourgeneff, de quem aparece um texto traduzido para galego em fevereiro de 1899[46], no mesmo número em que Noriega expressa as suas opiniões sobre a literatura galeguista, que veremos na continuação.

Outro autor russo mui lido e vulgarizado na época era L. Tolstoi. Por exemplo, na revista *Galicia*, de Havana, dirigida por María de los Ángeles Vázquez, aparece um breve comentário sobre "el conde León Tolstoi", seguido dum conto traduzido para o espanhol, "El grano de trigo". O escritor russo é, nos começos de século, um autor que desfruta de crescente estima nos meios literários, de que em adiante veremos algumhas amostras, talvez apresentado como umha certa superação do Naturalismo francês.

Nas revistas vinculadas ao regionalismo, a presença deste tipo de autores é sensivelmente menor. As razões são diferentes em cada caso. Obviamente, umha delas é o facto de este tipo de publicações destinar mais espaço à produção própria; mas também pensamos que há motivos ideológicos e estéticos para explicar essa ausência. Em casos como *El Eco de Galicia* bonaerense, boa parte da publicação está ocupada pola presença de textos literários procedentes do, ou inseridos no, polissistema espanhol. Permite isto confirmar tendências como a dos federo-regionalistas, que concebem a sua atividade como construtos da unidade espanhola. O caso da *Revista Gallega* é diferente. Nela é detetável, desde o início, o uso de materiais procedentes do seu principal referente de analogia[xi], Catalunha. Na revista corunhesa aparecem com frequência

---

45 De 4 de março de 1906.

46 Número 2.461 de 9 de fevereiro de 1899.

artigos de toda a classe em que o processo catalão aparece como explícito norte para os galeguistas. Trabalhos de publicações como *La Veu de Catalunya* e, menos, de *La Autonomia* de Barcelona, são frequentes, normalmente traduzidas para espanhol. E as mostras de solidariedade também. Jacinto Verdaguer é, talvez, o escritor mais venerado polos regionalistas corunheses. Com o novo século, essa presença ainda vai acrescentada, impelida, aliás, com as noticias sobre a Solidaritat catalã, que vai servir de base ao novo movimento Solidaridad Gallega que arranca em 1907. Neste sentido, outras publicações contrárias à linha regionalista corunhesa também se destacarom na transferência de modelos de Catalunha; por exemplo, a revista *Mondoñedo*, cujos objetivos a respeito da proliferação sistémica da literatura galeguista vão aparecer particularmente no momento da fundação da Academia. Nela aparecem vários trabalhos de Antón de Olmet sobre a "Solidaridad Catalana" e em defesa da dinâmica política que desde anos atrás tinha lugar na nação irmã, com relação à qual não havia unanimidade, como põe de manifesto o duro artigo que anos antes A. Lores dirige ao "separatismo catalán" desde as páginas de *Ciudad del Cabe*.

O que resulta evidente é o predomínio absoluto da vida cultural francesa sobre qualquer outra extrapeninsular em muitas publicações galegas. Para citarmos apenas um caso do tipo de Importações, vamos comentar brevemente o de *Galicia Moderna* (1897-1898). Esta "revista quincenal ilustrada", não tão *à la page* como o seu cabeçalho parece indicar, contava com abundante produção em espanhol, algumha de Eduardo Pondal ("El Cabo") e nomeadamente de regionalistas *moderados* como Jaime Solá, Pío L. Cuíñas, Plá Zubiri ou Sofía Casanova, ao lado de Luis Taboada. Em galego aparecem textos de Jesús Rodríguez López, Lamas Carvajal, Rosalia de Castro, Amador Montenegro, Aureliano J. Pereira, Francisco Nóvoa, Labarta Posse... A sua posição no sistema regionalista não era periférica, mas sim se considerarmos o ambiente literário da época. Imitava a madrilena *Blanco y Negro*, de estilo magazine, mas de muito menor fôlego, com abundante crónica social, certa atenção às modas parisinas, e não isenta de caráter frívolo. Umha típica revista provincial finissecular desta linha, propriedade do católico Álvarez Limeses, e dirigida por E. Labarta.

A sua relativa aspiração cosmopolita fazia que nela aparecessem crónicas sobre "La Gran Vie" de Paris[47], ou sobre Mlle. Poulette, incluindo fotografia da artista francesa[48]. E, no que diz respeito à produção literária, no número 8[49] incluem umha tradução para o espanhol dum texto de Mauricio [sic] Bouchor, e no 16[50] "d'Alfonso Daudet "As tres misas d'O galo, conto de noite-

---

47 Número 5 de 15 de junho de 1897.
48 Número 14 de 15 de novembro de 1897.
49 De 1 de agosto de 1897.
50 15 de dezembro de 1897.

boa"[51]. Labarta Posse, por sua vez, assina um artigo de pendor irónico "Catule Mendes, Gabriel D'Anunzio, dos señoras, un gallo y un jarrón"[52], que dá conta da celebridade desses autores, mui especialmente, na época, do francês...

IV.1.4.2. A presença do polissistema espanhol

Mas, por cima de qualquer outra, a Importação espanhola era a abrumadoramente maioritária. Da leitura da *Historia da literatura galega contemporánea*, do Prof. Ricardo Carvalho Calero, pode ser já deduzida a notável presença que os românticos espanhóis, particularmente Zorrilla, Bécquer e Espronceda, a quem devemos acrecentar Campoamor, tiverom nas obras dos autores galegos, desde os *oficiais* até à *tropa*. Nas revistas galegas da época, a presença do romantismo espanhol deixa-se sentir igualmente; facto ainda mais expressivo, quando o mercado galego oferecia muitas das publicações espanholas que já davam notória atenção à produção espanhola. Mesmo acontece a assunção explícita do modelo refletido nas revistas galegas, comum tanto aos escritores canónicos como aos *minores*. Daremos apenas pequenas amostras, e sem ultrapassarmos a baliza de 1907. Por exemplo, Curros publica em *La Tierra Gallega* que ele dirige em Havana, a sua "Muiñeira monorrítmica (imitación d'o poeta D José Zorrilla)". O poema já aparecera entre outros lugares na *Galicia Humorística* em 1888 dirigida por Enrique Labarta Posse, com data de 1876, revista aquela com colaboração da maior parte dos escritores do sistema regionalista. Em Curros[53], escritor rico em modelos, deteta-se, todavia, a vontade de procurar outros. É o caso do seu poema "Mirand'ó chau", com a apostila "imitación de Bèranguer", umha das composições que lhe acarretara dezasseis anos antes tantos problemas com o Bispo de Ourense, e que a revista dirigida por ele em Havana reproduz em 1896[54]. Labarta, aliás, deu à luz outros projetos editoriais, como o *Extracto de literatura*, publicado em Ponte Vedra, e onde também não estava ausente Echegaray. Eugenio Carré faz o mesmo com Campoamor e Bécquer no número 38 da *Revista Gallega*, assinando como Carlos Florencio, pseudónimo do ocasional poeta.

Estes autores são também, ao mesmo tempo que reproduzidos, objeto de estudo. Na *Crónica literária* aparece no seu número 3 um artigo intitulado

---

[51] Conto famoso na época; já a sua tradução para o galego, da autoria de Lamas Carvajal, aparece abrindo o "Parrafeo oitenta e tres" de *O Tío Marcos da Portela* o 21 de junho de 1885 e continuando nos dous números seguintes, donde talvez foi tomado. Este tipo de traduções indica, aliás, a transferência de modelos realistas costumistas de autores franceses, e não da produção naturalista dos mesmos, muito menos transferida.

[52] Número 18 de 15 de janeiro de 1898.

[53] Para além dos modelos portugueses, singularmente Guerra Junqueiro.

[54] Significativa precariedade do sistema será o seu contínuo recurso à publicação nas revistas de textos produzidos e vulgarizados anos antes; não apenas por razões de qualidade; é que faltam textos suficientes para manter o sistema.

"Cómo escribió Zorrilla el Don Juan Tenorio", peça aliás mui representada, que assina *Un curioso lector*, e que bem poderia ser o próprio diretor Luciano Cid y Hermida, quem já no *El Álbum Literário* da sua propriedade escrevera sobre o romântico espanhol, e no qual eram acolhidos poemas a este dedicados, quase quinze anos atrás[55].

E, se esta é a realidade dos principais centros produtores galegos, noutros a presença de autores espanhóis é ainda mais notória. Num jornal como *La Idea Moderna*, da cidade de Lugo (cidade que na altura não conta com nengumha revista de caráter literário), particularmente Campoamor, plenamente na moda da época, mas também Martínez de la Rosa, Núñez de Arce[56] ("el mejor de nuestros poetas"[57], em opinião de Curros), Bécquer ou Calderón são alguns dos autores reproduzidos a princípios de século. A publicação está atenta igualmente a outros fenómenos da atividade literária espanhola, inserindo crónicas destes autores sobre figuras importantes da vida política e cultural do Estado, como um artigo de José de Echegaray sobre Castelar no número 2552 de 30 de maio de 1900. Não longe, em Monforte, o bissemanário *Ciudad del Cabe*, dirigido por Eumenio Rodríguez, incluía também trabalhos sobre escritores espanhóis, como o que A. Lores dedica a Campoamor. E um autor novo, que, andando o tempo haveria de distinguir-se como motor do nacionalismo galego, Antón Villar Ponte, publica algum dos seus primeiros poemas (em concreto "Carta de Amor", no número 341, de 29 de setembro de 1901, na *Revista Gallega*) usando como lema versos de Campoamor.

A moda becqueriana foi importantíssima em toda esta época. Proliferam polas revistas galegas as rimas (imitando as do andaluz) e as *becquerianas* de conteúdo amoroso. Mas não apenas. Núñez González assina umas estrofes intituladas "Becquerianas gallegas" dirigidas a mostrar a sua indignação pola

---

55 No número 64 de 21 de abril aparece por exemplo um poema de Camelia Cociña Llansó dedicado a Zorrilla. E, no número 73, de 23 de junho de 1889, Luciano Cid Hermida, o diretor, publica um trabalho sobre o autor de *Don Juan Tenorio*.

56 Deste autor vai ser reproduzida em toda a época a sua composição "Canto a Galicia"; por vezes desejou-se ver nele o que não era: em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, que transcreve por sua vez do de Havana, recolhe-se a notícia de que Núñez de Arce acabava de fazer "profesión de fé" regionalista. Mas este romântico nunca se distinguiu por tal pendor. O que criticava Núñez, um dos mais destacados antirregionalistas da época, como reconhece a publicação, era na "tiranía del estado" a falta de liberdade. Mas setores regionalistas, como este, precisavam muitos *Saulos de Tarso* espanhóis, que era onde eles procuravam legitimidade, ao *El Eco de Galicia*, número 98, 10 de julho de 1894. Anos antes, *A Monteira*, ao falar de "O rexonalismo gallego n-a Améreca", comentava os ataques que o movimento regionalista recebia, frisando, entre outras cousas, que Núñez de Arce, contestado por Pereira, "ensalzando á Castela trata de rebaixar á Galicia" (número 3, 19 de outubro de 1889).

57 Assim o manifesta polo menos ao poeta lusitano António Feijó (Cartas, IX: 186): "Núñez de Arce, como V. habrá visto, conserva el vigor poético de nuestro [sic] raza; es correctísimo en la forma, quizá demasiado seco y áspero, pero siempre original, expontáneo y con sello propio. Yo le trato mucho, apesar [sic] de las diferencias políticas que nos separan y le respeto como al príncipe de nuestros poetas [...]". Talvez Curros influísse nos comentários sobre Núñez de Arce que acabamos de ler de *El Eco* havanês...

emigração galega a América, que publica, entre outras revistas, em *O Tío Marcos da Portela*[58]. O reconhecimento que as *Rimas* do andaluz alcançaram nos meios espanhóis, a que a Galiza não era alheia, motiva que Lisardo Barreiro ao comentar as *Rimas* de Barcia Caballero (para, retoricamente, acrescentar os méritos da obra) assinale (em *El Regional*, 12 de julho de 1892) que desde a publicação da obra de Bécquer "acollía con desconfianza calquera producción con ese título" (Rodríguez Valcárcel, 1993:67). Umha tradução de Bécquer para o galego aparece em *A Monteira*, assinada por Vercingetorix. Anos antes García Ferreiro traduzia "Porque son, niña, tus ojos" para *O Tío Marcos da Portela*[59]. E por citarmos algumha publicação galega de Madrid, Bécquer está já presente no número 1 de *Galicia en Madrid* (cujo lema era "Todo por Galicia", com colaboração por regionalistas como Carré ou Salinas) através de Emilio Pita do Rego e o seu "Olvidos. Becqueriana para una exnovia".

A atenção aos escritores espanhóis não acaba com a sua reprodução. Eles desfrutam de grande estima e admiração. Algumha revista conta inclusive entre os seus colaboradores reconhecidos autores pertencentes às letras espanholas, como o caso de *Santiago 1900*, que soma o nome de Echegaray à sua longa relação, publicando um soneto do futuro Nóbel espanhol no seu número 8.

Já em 1884, a visita de Zorrilla à Galiza, é saudada com efusão. Ela motivara a publicação dum número extraordinário por parte da *Revista literaria*, "revista de ciencias, artes y literatura", que tinha como diretor e ativo jornalista e colaborador no regionalismo Juan Neira Cancela ("Suplemento extraordinario: La venida del poeta Zorrilla á esta capital") e a organização dumha subscrição para lhe fazer um presente.

E Campoamor vai ser, como dizíamos, um escritor particularmente modélico. Essa condição viu-se impulsada, contra o que pudesse parecer, polos Jogos Florais de Tui, de 1891, que, de resto, forom viva expressão do regionalismo da época. Talvez apesar de algum dos organizadores, foi incluído como prémio, "un rico alfiler de turquesas e brilantes ofrecido po-l-o Excmo. Sr. D. Ezequiel Ordoñez, ó que traduza ou glose millor a Dolora de Campoamor titulada El Gaitero de Gijón". E é que as bases permitiam a possibilidade de acrescentar aos temas e prémios oficiais outros extraordinários.

Os gostos poéticos do destacado membro do partido conservador não deviam ser precisamente excêntricos. Ao teor dos dados que desses Jogos temos (Baños, 1991), foi este um dos prémios a que mais poetas concorrerom, embora houvesse outros em metálico mais substanciosos... E isto vai explicar que, em qualquer revista da época, assome normalmente um poema imitando

[58] Número 227, de 6 de maio de 1888.
[59] Número 87, de 19 de julho de 1885.

outro de Campoamor[60]. O concurso foi ganho por Sofía Casanova, mas Galo Salinas ou Rodríguez López (sobretudo este último) não vão ter problema em dar a conhecer a sua obra. Assim, Galo Salinas publica-a no *El Eco de Galicia*, em 1893, isso sim, com este introito regionalista: "A gaitiña de Galicia/ Fai sintil-os curazós/ Non sei si lle pasa ô mesmo/A gaitiña de Xixón".

Mas em questão de fama Campoamor tinha um bom rival em Echegaray. E é que este escolhera Marim para o seu descanso. A sua imitação vai dar mesmo lugar a umha polémica no *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, onde o aludido, o diretor Castro López, responde publicando poemas de Echegaray e seus próprios para mostrar que se tratava de "Coincidencias, no plagios"[61].

Echegaray é objeto de atenções por parte dos galegos. *El Eco de Galicia*[62] bonaerense vai dar cumprida notícia, através dum jornal local, da homenagem que em 1902 se lhe oferecera em Ponte Vedra[63].

Algum outro autor, mui na moda na época, como Eduardo Zamacois, representante da que se conhecia como boémia naturalista madrilena, ocupa com o seu retrato quadro de honra na *Coruña Moderna*[64].

Mas a atividade literária da Galiza, no que diz respeito à interferência espanhola, não se reduz ao contato e presença de autores em vias de secundarização ou já secundarizados no polissistema espanhol. Umha presença sobressai por cima doutras: a de Salvador Rueda, em boa medida iniciador do modernismo espanhol[65], polo menos numha determinada via. Talvez a presença de Salvador Rueda nas publicações galegas tenha lugar pola intermediação, polo menos entre outras, do seu amigo malacitano Narciso Díaz de Escovar, perfeitamente inserido na sociedade galega (Jaime Solá queria fazê-lo filho adotivo do país), e de Alfredo Vicenti, que o designa redator-chefe de *El Globo* (Cuevas, 1986: XXVII e ss:). De Salvador Rueda já recolhera Luciano Cid em

---

60 Por exemplo, em *As Burgas*, no número 3 de 6 de janeiro de 1895 aparece o poema de Filomena Dato, e o de 3 de março de 1894 em *El Regional* e no dia 1 de julho de 1898 em *Galicia Moderna* o de Jesús Rodríguez López.

61 Números 130 e 131 de 30 de maio e 10 de junho de 1895 respetivamente.

62 Número 392 de 10 de setembro de 1902.

63 Estas são algumhas das palavras do "ilustre dramaturgo": "para nosotros no hay Madrid, ni Murcia, ni Galicia, sinó España una, intangible, tanto más querida cuanto más desgraciada". O escritor, mui relacionado com Vicenti define-se como "un gallego más que os quiere á todos", e acrescenta a crónica, onde podemos intuir algo do repertório usual na Galiza:
"Yo aquí me aprovisiono en vuestra naturaleza y en vuestro genio, porque además de las bellezas naturales, teneis elementos propios, poetas inspirados, artistas dinstinguidos, oradores elocuentes, estadistas insignes, todo lo que labra la cultura de un pueblo.
(Una voz: Este es un gallego!).
Sí, soylo y con toda el alma. Recojo la alusión. Soy gallego como vosotros y como vosotros siento la morriña. [...] Brindo por Galicia y por España"

64 Número 41 de 10 de dezembro de 1905.

65 Não pensamos que na nossa exposição podam confundir-se modernismo espanhol e modernismo português; utilizaremos os termos que, para cada caso, assumiu a produção e a crítica de cada país.

1889 no seu *Álbum literario*[66] um artigo, portanto um ano após a publicação da *Sinfonía del año*, livro "que destroza la rutina de los plagiarios de Bécquer, Campoamor y Núñez de Arce", um dos seus principais mentores na sua chegada a Madrid, e que "reportó a Salvador no pocas incomprensiones", que motivou o seu recuar criativo com *Estrellas errantes* (1889). Na primeira série da *Revista Popular* aparecerom colaborações dele, como nos números 100 (um madrigal) e 113[67]; e na *Idea Moderna*, em 1899, e já no número 1 de *Claroscuro*, em agosto de 1900. Este poeta, amigo de vários autores galegos, entre eles Curros, em quem parece não influiu (Carvalho, 1975:397), recebe mesmo a homenagem poética de algum reconhecido regionalista, como Tettamancy, quem, em julho de 1905 na *Revista Gallega*, e em setembro do mesmo ano na *Coruña Moderna*, lhe dedica um texto sobre *O livro dos Cantares* (de Heine[68]).

Outro autor que vai acabar tendo umha notável presença nas revistas galegas, e portuguesas, dos anos dez, vinte e trinta é Francisco Villaespesa. A sua obra, já com elementos modernistas, chega até ao *Ciudad del Cabe*, onde, no mesmo número do artigo sobre Zorrilla, aparece "En el álbum de una mujer" da sua autoria.

Um caso particular de relacionamento do sistema é Unamuno. A sua presença ainda não é grande na Galiza da época, e em particular no regionalismo (será-o a partir da década de dez), mas no início de século estão apontadas as fundamentais caraterísticas da sua ação e influência no galeguismo; são duas fundamentalmente: a sua conceção do Estado (em que muitas vezes os regionalistas acreditarom ter um valedor no filósofo) e o modo do relacionamento com Portugal (aspeto em que galeguistas e portugueses, sobretudo os nacionalistas, entenderom ter em Unamuno um aliado)[69].

A presença então do polissistema espanhol caraterizava um ambiente literário galego determinado por ele em grande medida. A sua transferência ao sistema regionalista era também abundante, e, em ocasiões, não sentida como tal, particularmente naqueles setores que entendiam ser este umha parte daquele.

Mas ainda devemos acrescentar outra tendência determinante na análise do sistema em questão. Trata-se da incorporação, sensível, da Tradição espanhola. Numha literatura emergente como a galega, que procura no Passado umha das suas razões de ser, o uso da Tradição do seu teórico referente de oposição é prova da *ubicação* postulada por muitos; e explica, como consequência, as enormes dificuldades político-literárias que deviam enfrentar os que

---

66 Número 74 de 30 de junho de de 1889.

67 Números de 20 de agosto e 20 de dezembro de 1895 respetivamente.

68 Por vezes Tettamancy assina as traduções com o seu pseudónimo Fuco de Tabeayo. A tradução e sobretudo a leitura de Heine deveu ser, como vimos, grande na época. Amador Montenegro traduz algum poema do alemão para *A Monteira* (número 24 de 15 de março de 1890)

69 A este autor referiremo-nos precisamente ao tratarmos do relacionamento galego-português.

postulavam a própria galega, sobretudo a que somava a portuguesa. São, em nossa opinião, motivos de acosso político (concretizado na consideração de antipatrióticos ou mesmo traidores a Espanha de que eram alvo os regionalistas corunheses, por exemplo), que levam alguns galeguistas a fazer *profesión de fe* espanhola, como veremos.

A assunção da Tradição e do mundo clássico espanhóis vai, no entanto, tomar umha feição particular e mui concreta no caso galego, onde coincidirão federalistas, regionalistas de vário tipo e antirregionalistas, feição que quase podemos singularizar em dous nomes: Cristóvão Colombo e Miguel de Cervantes. Consistirá em defender a origem galaica destes máximos representantes da glória espanhola; como também doutros. E o modo de o fazer é similar ao adotado polo regionalismo a respeito de Luís de Camões (e que vai ser utilizado em direções contrárias por galeguistas e iberistas/espanholistas). A resposta perante a marginação da Galiza, comummente aceite, é, pois, no tema que analisamos, configurada em duas linhas opostas: a daqueles que trabalham por mostrar a importante achega dos galegos à construção de Espanha[70]; e a dos empenhados em mostrar que nada é possível esperar dessa entidade, procurando na Tradição galega e portuguesa (ou galego-portuguesa) a afirmação das diferenças. Este género de apropriações vai ser, sem solução de continuidade, sistemático até 1936; e, em determinados momentos, como as celebrações anuais do "Día de la Raza Española" ou do "Día de Cervantes", revelará pontualmente muitas das contradições em que se desenvolve o sistema até essa data.

No período estudado são todas elas percetíveis. Uns quantos exemplos podem ilustrá-lo, especialmente de duas publicações regionalistas, nas quais veremos o mui diferente signo de cada umha delas.

O caso de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires é especialmente relevante. Já desde o seu início, no significativo ano de 1892, e com motivo do quarto centenário da chegada das naus espanholas ao continente americano, aparecem muitas colaborações poéticas de caráter épico em que se salienta a conquista e a colonização espanholas dessas terras, com um marcado tom imperialista, onde não faltam artigos em que se reivindica a nacionalidade galaica de Colombo[71]. Anos mais tarde, em 1900, e coincidindo com um renovado impulso apropriador, aparecem vários artigos em que se tenta demonstrar a origem

---

[70] Por darmos apenas um par de exemplos desta tendência, referimos o caso dum poema de Urbano González, publicado no número 53 (4 de março de 1906) de *Coruña Moderna*, em que a Catalunha e a Galiza aparecem como "las alas de la patria para que resurja el fénix español"; e, dum ponto de vista similar, um artigo aparecido em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, de Rodríguez Seoane: "El regionalismo puede vigorizar la unidad nacional" (número 256, de 20 de julho de 1893).

[71] Número 8, de 27 de março de 1892.

galega do navegador. Assim, e pretendendo concretizar mais, Justo E. Areal[72] escreve sobre a possibilidade de ter nascido o herói espanhol em Ponte Vedra; e, três meses depois, a revista insere os trabalhos dum dos escritores que mais tinha investigado a questão, Celso G. de la Riega[73]. Este tipo de apreciações vão ter polémica e êxito, também em Portugal, onde escritores como Fernando Pessoa, muito tempo depois, assumem a procedência pontevedresa do almirante, este num texto tão especial como *Mensagem*.

A receção de Miguel de Cervantes é extraordinariamente singular. Há nele que atender a circunstâncias que, de diferente índole, acabam por confluir na complexidade da sua apropriação. A primeira é ser o autor de *El Quijote* um modelo exemplar em todo o mundo; Cervantes é umha figura monológica indiscutida e indiscutível. A noção de *impositividade do código*[xii,] resulta na aplicação ao "caso Cervantes" (como igualmente ao caso Camões regionalista) paradigmática. *El Quijote* é um metatexto incontestável, exemplar; texto e autor forom impostos ao longo dos séculos como modelares polas instituições literárias e políticas. A sua negação apareceria então apenas como umha mostra de ignorância ou mesquinhez, não podendo os seus opositores lutar contra eles/elas, e em mais dumha ocasião forçados polas circunstâncias, a tê-lo em consideração.

O problema para os galeguistas não seria tal, se não concorressem dous aspetos na figura do escritor: o de ser também crença habitual que Cervantes era de origem galega, e o de ele ser um dos porta-vozes mais prestigiados dos estereótipos negativos a respeito dos galegos. Eis a complexidade do que a apropriação do autor das *Novelas Ejemplares* representa. Muitos vão obviar esta última circunstância; mas os regionalistas corunheses não podem, por coerência, fazê-lo.

A posição dos regionalistas corunheses é então difícil. Para o ilustrar, tomamos o momento da comemoração do terceiro centenário da publicação de *El Quijote*. Em 1905, celebram-se em todo o estado atividades a exaltarem livro e autor. Normalmente têm caráter institucional, como no caso da Corunha. Em acontecimentos deste teor, costumava o Presidente da Câmara reunir representantes dos vários setores cidadãos (entre eles a *Revista Gallega*) para dar maior alargamento e audiência aos eventos[74]. Presente então o regio-

---

72 Número 312, de 20 de maio de 1900.

73 Número 326 e ss (de 10 de outubro de 1900) de *El Eco de Galicia*. Celso García de la Riega é talvez o autor mais destacado na tendência apropriadora de heróis espanhóis e portugueses nas revistas galegas, o que nele parece quase umha obsessão. Veremos a seguir exemplos das suas hipóteses a respeito da origem galega de Camões; e, no número 7 (de 17 de julho de 1904) de *La Temporada em Mondariz*, podemos ler algumha das suas várias colaborações pretendendo demostrar o mesmo para o caso de Miguel de Cervantes.

74 Dessa convocatória informa a revista no seu número 518 de 18 de fevereiro de 1905. Os atos incluíam desde umha velada literária no Teatro Principal da cidade (em que participam também os regionalistas) até a umha missa solene.

nalismo corunhês nos atos, este transmite através do semanário a sua ótica a respeito do escritor homenageado; nela manifesta-se a contradição entre os posicionamentos normalmente sustentados polo grupo, e a necessidade de não aparecer como antiespanhóis, numha época em que o *desastre* colonial e as suas consequências estavam mui presentes. De resto, a resposta perante a *impositividade do código* e a ambígua posição dos corunheses é eloquente no editorial dedicado ao "Día solemne":

> "Si fuésemos á juzgar á Cervantes con el criterio exclusivo de convencidos regionalistas, poco tendríamos que agradecer al insigne manco los gallegos, en el supuesto de que así Galicia como sus hijos no han sido muy bien tratados por D. Miguel, no obstante su oriundez gallega.
>
> [...] ridículo fuera mostrarse hoscos al presente por genialidades del pasado, por otra parte disculpables, si se recuerda que de antes, y de ahora, y de siempre príncipes de los ingenios españoles é ingenios de los españoles príncipes han tratado con injusto apasionamiento todo cuanto con la región gallega se relaciona [...]".

E, ao lado desses comentários, aparece esta autodefinição:

> "Nosotros que al par de buenos gallegos somos asimismo buenos españoles, porque repudiamos todo fanatismo [...]".

E esta outra, onde é manifestada a posição política do grupo sobre os sucessos de 1898, em que pretendem pôr em destaque que a eles se tinha chegado pola inaptitude dos governantes:

> "Ya que por irremediables deslices hemos ido perdiendo hasta el último de los vestigios que sostenían los esplendores del poderío nacional[75]".

Nas colaborações assinadas o tom varia sensivelmente. Francisco Tettamancy, mui ativo nesta época, envolvido entre outras ocupações na polémica sobre a inscrição do monumento aos "mártires de Carral", centra o seu artigo, ("Cervantes y su tiempo", escrito para *La Unión Española* de Havana) na censura do ataque de Cervantes aos galegos, comentanto que "a los gallegos nada nos toca pues de Quijotes", exceto se se considera "un conjunto de concausas, entre ellas la influencia del centralismo que abate á Galicia". No mesmo número aparece um poema em galego sobre o Quijote de Eugenio Carré, que encerra com estes versos sobre o espírito da personagem: "s'en nós xurde, somos algo / s'en nós morre, morre España".

Mas também na própria revista aparecem perspetivas diferentes às distantes manifestadas por Tettamancy ou Carré, agora muito mais espanholistas. É o caso de Bermúdez Jambrina, recente incorporação na época às páginas da publicação, e que, após a ruptura que nos parece se ia produzir meses mais tarde entre o grupo corunhês e o diretor da revista, Galo Salinas, será um dos

---

75 Número 529 de 6 de maio de 1905.

colaboradores mais ativos e representativos da última etapa da *Revista Gallega*, numa linha já menos regionalista, e de evidente perda de qualidade nas rubricas. Jambrina expressa no seu artigo ideias como a seguinte: "España será grande, mentras haxa unha boca que seipa pronunciar con respeto o nome de Cervantes, mentras eixista un exemplar do Quixote".

Numha linha espanholizante similar pronuncia-se Salinas Rodríguez em "La intuición de los genios", também escrito para *La Unión Española*, unindo expressivamente os nomes de Colombo e Cervantes, e estes ao das ex-colónias espanholas:

> "[...] sus gigantescas personalidades [as de Colombo e Cervantes] fulguran por igual en aquellas colonias que si de nosotros se han separado, permanecen, no obstante, unidas para admirarnos por haberles facilitado el genio que les dió el origen abriendo las páginas de su historia, y el genio que los enorgullece de haberlo obtenido del noble solar español".

Mas não por isso deixa de criticar também "el cesarismo de Castilla".

No número seguinte, o semanário corunhês recolhe as "composiciones leídas en el Teatro Principal en conmemoración del Tercer Centenario del "Quijote", em que aparecem versos de Galo Salinas juntamente com Marcelino S. Martínez, Fernando Sacristán e Francisco Lumbreras. Dá, pois, a impressão de que o grupo se mantivera bastante à margem da celebração.

Ausente, entre outras, está neste número a pena de Florencio Vaamonde. Se o assinalamos é porque este escritor vê precisamente na caraterística quixotesca dos espanhóis o principal inimigo do galeguismo. É curioso e revelador um texto seu aparecido no *El Eco de Galicia* bonaerense intitulado "Á cada un o seu"[76], em que, comentando os livros que um Ministério espanhol enviava a umha sociedade cultural galega, informa:

> "[...] a famosa coleición compoñíase alen de silavarios para nenos da escola, de catós e outros importantes infolios, d'alguns romances e ainda tamén de papel pautado por si os señores socios desexavan o para aprenderen á escribir facendo os renglós á liña.
>
> E eso que a biblioteca era, según se decía, de obras escollidas, por ser o Ministro amigo particular do señor Presidente da sociedade, que se non fora amigo do señor Presidente, pode julgar o leitor que libros contería; porque para os hespañoles que non saíron ainda da época do quixotismo son os galegos us pobres desventurados á quen para pasto inteleitual lles avonda un feixe de silavarios ou cousas de tal geito, sen que teñan direito á mais."

E, mais adiante, comentando um poema do século XV em galego que aparecia num livro da colecção, que o coletor interpretava como castelhano antigo, dizia: "Así pasa con todol-o noso. O que trasladou esta poesía galega ao *Cancionero*, castellanizouna, por iñoranza ou malicia, sendo de notar que

---

[76] Número 344, de 10 de julho de 1901.

moitas produciós n-a lingua prohibida por Fernando o Católico e despreciada pol-os hespañoles quixotistas [...]"[77].

Seja como for, as manifestações na revista não chegavam aos cantos espanholistas que se podiam ler em muitas do momento. Como, assim mesmo, não se distinguia a *Revista Gallega* na linha de apropriações de glórias espanholas como fazia algumha outra. Caso extremo é, neste sentido, o do *El Eco de Galicia* de Buenos Aires que, no seu número 136 (de 1 de agosto de 1895), acolhe um extenso artigo de Luciano Cid dedicado a Castro López sobre o Cid Campeador, ("El Cid Campeador. Posible descendencia de este héroe en Galicia") pretendendo conquistar polos sucessores do guerreiro medieval o que não podia obter nos seus antecedentes...

E reincidia *El Eco* nesta linha, porque já dous anos antes tinha aparecido nas suas páginas, e com similar propósito apropriador, mais um extenso artigo sobre o Cid da autoria de Bernardo Miranda[78].

IV.1.5. O sistema regionalista: um sistema cercado

IV.1.5.1. Os *cavalos de Troia* no sistema regionalista galego

Mas nessa via praticamente única de comunicação com Espanha, não era toda essa série de influências, apropriações e transferências a que mais problemas podia causar ao sistema regionalista, do nosso ponto de vista.

A nosso juízo, são precisamente os autores de origem galega que nesta época vão utilizar a língua espanhola, e ao auditório espanhol dirigem as suas criações, os que maiores prejuízos causam ao pleno desenvolvimento daquele. E isso por vários motivos. Entre eles, que com o uso da língua forânea acabavam de perfilar a hegemonia do polissistema espanhol e a condição de subalternidade do galego. O reconhecimento de que alguns autores eram objeto convertia-se numha nova confirmação de que só no meio espanhol era possível triunfar. O mundo galego era, sem dúvida, pequeno. O uso exotizante da realidade galega era mais um elemento de marginação para o sistema, quando outros não poupavam afãs para mostrar, em desigualdade mais do que evidente, o contrário: enfim, a boa literatura, para além de flores dum dia galegas, como o caso de Rosalia, era só a espanhola. Mas não são estes os únicos efeitos perversos desse uso. Um, por vezes mais subtil, é ainda mais letal: estes autores, galegos de nação, geravam umha contraditória relação com os grupos que sustinham o sistema regionalista. Por um lado aproveitavam-nos como glórias pátrias; por outro, perante a evidência, viam-se na necessidade

---

[77] O estudo das várias reações dos galeguistas perante o fenómeno de Cervantes e *El Quijote* ao longo da história da literatura galega é enormemente ilustrativo das linhas e tendências que no seu seio se desenvolviam.

[78] Número 47 de 20 de abril de 1893.

de combatê-los, o que, na Galiza de então, supunha umha batalha perdida de antemão, umha ocorrência que só de bardos celtas, atrasados, era possível esperar. Entre a apropriação e a (leve) voz contestatária, tinham os regionalistas que navegar perante estes autênticos *cavalos de Troia*.

O fenómeno não é exclusivo do regionalismo galego. Mais ainda, quase pode ser formulado como lei universal das literaturas emergentes, em que a produção dos naturais inseridos no polissistema de que setores daquelas pretendem emancipar-se, constitui umha das suas principais ameaças; maior ainda se os materiais utilizados coincidem, em parte, com os canonizados pola literatura emergente. E da ameaça passa-se para a mais evidente hostilidade, se esses naturais estão empenhados no combate ao sistema mais débil. Referindo-se a que o estilo agalegado podia dar distinção e exotismo às obras de Pardo Bazán, diz Vázquez Cuesta (1980:623): "Aun conservando la misma temática y bien teñidas de color local, esas obras escritas en otro idioma ya no van a fecundar la tradición del oprimido".

Para além disso, estes escritores, com Pardo Bazán como figura mais sobressaliente, vão cultivar os géneros em que a produção galeguista não apresenta concorrência (Vázquez Cuesta, 1980:625): "fue la elección del castellano por parte de aquellos naturales de Galicia a quienes atraían géneros sin posible desarrollo en vernáculo -y no la existencia de un peculiar modo de ser gallego sólo dotado para la lírica- lo que empobreció esta literatura en determinados campos".

A mesma autora sublinha, de resto, o facto de serem as condições socioeconómicas as que motivavam a escassa produção desses géneros na literatura regionalista. Observação com que coincidimos, mas que encontra também no próprio sistema impedimentos, como pretendemos em seguida mostrar.

O exemplo mais relevante do que comentamos é, sem dúvida, o de Emilia Pardo Bazán, omnipresente nas publicações da época. A sua atitude era mui diferente da de Valle Inclán, por exemplo; este autor estava mais desvinculado do sistema regionalista e as suas colaborações, por exemplo na *Coruña Moderna*, eram menos frequentes que as da Condessa[79]. A prova mais relevante da ambígua relação que referíamos talvez seja o seu nomeamento como Presidenta de Honra da Academia Gallega em 1906.

Emilia Pardo Bazán é sem qualquer margem de dúvidas a autora galega mais valorizada na Galiza da época. Parece não haver publicação que deseje mostrar qualidade literária que não conte com a presença da condessa. Com a autora de *Los Pazos de Ulloa* dá a impressão de que qualquer polémica quer ser evitada; ou, polo menos, a confrontação direta. Por exemplo, os responsáveis da *Revista Gallega* lamentam sinceramente ver-se envolvidos na polémica surgida

[79] Desta receção hesitante que o galeguismo vai mostrar a respeito das obras literárias de galegos em espanhol, não vão safar-se nem os máximos representantes do nacionalismo galego. Conhecida é a atitude de Castelao com relação a Valle-Inclán.

a raiz dos seus juízos críticos sobre os Jogos Florais de Ourense, que consideravam desvirtuados, e em que a autora atuara como mantenedora e fazia parte do júri. As críticas dirigiam-se contra algum membro daquele (cita-se Moreno López) que se recusara a destruir os envelopes que continham o nome dos poetas não premiados, e o tipo de poemas premiados "que se basaban en asuntos místicos", e que foram julgados polas ideias e não polas qualidades estéticas. Forçado o diretor, Galo Salinas, a responder, porque a escritora fizera pública a sua réplica (aliás em *La Voz de Galicia* e *La Mañana*, com os quais não mantinha as melhores relações), reafirma-se nas suas opiniões, mas não deixa de referir-se à autora com elogios de "respeto, admiración y aprecio"[80]. Tentar desqualificar a escritora era, aos olhos do público que se queria captar, perder enormes possibilidades de crédito. Prova do que significava Emilia Pardo Bazán literariamente, aparece na própria revista, com motivo da visita à Corunha de Miguel de Unamuno "uno de los primeros de España" entre "los hombres que realmente valen", e que é apresentado com um discurso "escultural" "de um modo tan brillante" por "la insigne escritora, honra de la Coruña, de Galicia y de España, Dª Emilia Pardo Bazán, de universal renombre"[81]. Todavia, a sua visita a Paris não despertara grandes paixões e vontades de apropriação três anos atrás[82]. E prova do que significava política e socialmente dá-no-la a seguinte notícia, que lemos no *El Álbum Literário* de 23 de junho do mesmo ano 1888:

> "El Centro Gallego de la Habana, y otras importantes sociedades de la capital de Cuba y de Matanzas, han telegrafiado á la célebre novelista Dª Emilia Pardo Bazán, encareciéndole que interponga todo su valimiento para conseguir el indulto de dos reos que deben ser ejecutados en aquella isla.
>
> Nuestra paisana aceptó gustosa tan noble y caritativa comisión, solicitando al efecto el concurso del Ilmo. Obispo de Madrid-Alcalá señor Sancha, y prometiéndose impetrar de S. M. la reina Regente su alta protección para tan humanitaria empresa. Mucho celebraremos que la ilustre escritora obtenga un éxito feliz en su laudable tarea, éxito que enriquecerá con envidiable florón la brillante y rica diadema de sus triunfos literarios".

Mas, em nosso entender, o incipiente sistema regionalista tinha em Pardo Bazán possivelmente um dos travões mais importantes para o seu desenvolvimento. Tendo em conta o prestígio da escritora, como crítica, que podia intervir com garantia de considerável audiência na canonização ou não da nova

---

80 Número 328, 30 de junho de 1901.

81 Número 431 de 21 de junho de 1903.

82 *Revista Gallega,* número 212. Mesmo há quem aproveita para censurar vivamente o seu desprezo da Galiza e a sua procura da "adulación de los banquetes", como Javier Valcarce Ocampo, em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, no número 274.

literatura. O mesmo prestígio que a fazia, quase, intocável[83]. Vamos expor nas páginas seguintes as suas ideias em relação ao sistema regionalista galego. A publicação do texto é anterior em doze anos a 1900. Mas sobejas razões impelem-nos a umha demorada exposição das suas ideias, para além das expostas. Em primeiro lugar a já comentada presença e intervenção de Pardo Bazán que é no fim de século e começos do seguinte considerável; depois, que ela reiterará mais dum aspeto dos comentados nessas publicações. Em terceiro termo, e mais importante: aqui estão recolhidos os elementos que os detractores do sistema regionalista vão utilizar, e contra os quais terá que se afirmar; também o estado do sistema, que não vai ser modificado (mais bem, conhece um certo declínio no fim de século) em bastante tempo; e, juntamente com esta consideração, outra paradoxal apenas em aparência: parte do sistema regionalista seguirá a linha desenhada pola Condessa, ou nela acabará, embora pudesse entender que o rumo era outro.

IV.1.5.1.1. *De mi tierra:* as bases para um subsistema literário regionalista espanhol

Em 1888, Emilia Pardo Bazán, já autora consagrada, dava à luz um texto, *De mi tierra*, pago pola Deputação corunhesa, que "moi soado foi no seu intre" (Carvalho, 1975:20), dedicado em parte a recolher as suas opiniões sobre as figuras que julgava mais representativas da época da nova poesia regionalista, e, especialmente, sobre o que devia ser no futuro o novo sistema. Tanto assim que, num discurso em honra de Rosalia de Castro, destina a esta autora aproximadamente só um quinto da sua alocução, mais interessada em falar

---

[83] Quase, porque, como é sabido, Curros a atacou duramente em *O divino sainete*, de 1888 (que citamos pola edição de Madrid, 1908, da Librería de los Suc. de Hernando), precisamente sobre a base de argumentos que aqui utilizaremos, acrescentando outros de índole mais pessoal. No diálogo na carruagem da *Envexa*, aparecem juízos da voz poético-narrativa sobre a filiação literária da escritora, que nunca cita: "E vin á meus pes, rolando,/ Un libro d'a nova escola/ Que cheira á Carulla âs légoas/ E fede qu'apesta a Zola". Rosalia é qualificada de "valente choromiqueira" pola personagem (pp. 247 a 250); e a opinião sobre o *Parnasillo* Regional resume-se em "Cantan... como Xan d'a Coba". Vid. a ilustrativa nota de Carvalho Calero (1975) sobre a polémica de Curros e Pardo Bazán (Carvalho, 381-382). Mas lembremos que estes não eram os juízos de Curros sobre Pardo Bazán três anos antes, quando escreve a Feijó que é "muy amigo de Emilia Pardo Bazán, aunque no la conozco personalmente", embora a qualifique de "mujer de gran talento, pero terriblemente ultramontana, lo cual no la impide ser amiga y á veces algo más de los hereges y los demagogos. Vale, ciertamente, la pena conocerla" (Cartas, IX, 187). A corunhesa vai por vezes também ser objeto de grossas ironias, como a que lemos em *A Monteira*: "N-un peròdico lêmos qu'a siñora Doña Emilia Pardo Bazán irás' á vivir á Madril drento de pouco. Non cabe xa n-a Cruña?" (número 23 de 8 de março de 1890).
O Divino Sainete deu lugar a umha dura crítica de Lamas Carvajal em *O Tío Marcos*, quem valoriza a qualidade poética dos versos, mas censura agriamente a irreligiosidade de Curros, "qu'escomenzou por cantar as coitas d'a terriña com malancóneca tenrura, con arroubadora ispiración, e acabou, atontecido pol o barullo que meteu a escomunion d'o seu libriño *Aires d'a miña terra*, por tronar de relaxado contr'os cregos e contr'as beatas, contra todo o que cheira á incenso e cera" (número 241, de 12 de agosto de 1888).

do sistema no seu conjunto[84]. Nos vários trabalhos, segundo Carvalho Calero (1975:20) "estuda aos escritores galegos cun criterio independente, pois nen está ligada a ise movimento literario nen ten preocupacións contra il". Em nosso entender, ocorre justo o contrário: o critério é talvez independente, mas profundamente interessado, e, por suposto, não isento de grandes "preocupacións". Há em todo o momento no discurso da Condessa umha vontade explícita de reduzir o incipiente sistema a umha expressão sentimentalista e ruralizante, que não deve sair dos limites estéticos, culturais e ideológicos em que se move. Dito por outras palavras: que não poda atentar contra a hegemonia e unidade do polissistema espanhol, que com este não poda concorrer, nem se transforme em veículo de reivindicações doutra ordem[85].

Para ela (17[86]), a análise da "literatura regional es empresa muy ardua", que merece consideração não científica, mas do sentimento. E compara a sua situação com a expressada por Menéndez Pelayo perante Pereda, e que ela transcreve: "Para mí, esos libros, antes que juzgados, son sentidos; son algo tan de nuestra tierra y de nuestra vida, como la brisa de nuestras costas y el maíz de nuestras mieses". Comparação interessada, porque Pereda era um autor conservador e, sobretudo, em espanhol, enquanto a nova literatura galega pretendia fazer do idioma a sua principal bandeira, que em nada podia ser assimilado às intenções do escritor cântabro. O autor de *Sotileza* tivo em determinada altura grande prestígio no mundo regionalista, e foi continuamente obsequiado polos catalanistas, até que as posições políticas destes acabarom por chocar com o regionalismo exclusivamente literário do primeiro (Bonet, 1982:160 ss.).

A autora defende para a literatura em "dialecto" um caráter próprio, isto é, "exenta del influjo francés, tan poderoso en Cataluña y Portugal[87]".

---

[84] O procedimento não era nada infrequente; veremos em muitas ocasiões que, sob pretexto de falar de literatura, é desta aparentemente que menos se fala; a razão é, como tentaremos mostrar, que havia outras cousas prévias em jogo.

[85] Os artigos que vamos comentar do livro são os seguintes: "La Poesía Regional Gallega (Discurso presidencial, leído en la Velada que, para honrar la memoria de Rosalía Castro, ha celebrado el Liceo de Artesanos de la Coruña, el día 2 de Septiembre de 1885)", pp. 11 a 50; "El olor de la tierra" (Valentín Lamas Carvajal)", pp. 51 a 66; "Luz de Luna (Eduardo Pondal)", pp. 67 a 82 e "El Cancionero Popular Gallego", pp. 99 a 119.

[86] A partir deste momento, e salvo indicação em contrário, indicamos entre parênteses o número de página do texto, pois todas as citações que de Emilia Pardo Bazán fazemos nestes parágrafos correspondem a *De mi tierra* (1888).

[87] Notório também na literatura espanhola. Cremos não equivocar-nos se apreciarmos aqui umha implícita consideração da literatura espanhola como superior à portuguesa, que é referida ao lado da galega e da catalã, em emergência. Por outro lado, a nota de rodapé define outra das ideias da Pardo Bazán (1888:44) a respeito da literatura galega: que esteja livre de influências, sobretudo francesas:

> "En parte importante de la literatura gallega, hasta el día, se ha observado mas bien cierta tendencia á imitar á Osián y á los líricos alemanes, que á los modernos poetas franceses. Adviértase aquella dirección en Eduardo Pondal; y aun la imitación de la escuela de Victor Hugo, en Curros Enríquez, viene a través de poetas portugueses, como Guerra Junqueiro. Con todo, de este elemento erudito de la imitación extranjera están libres muchos vates regionales".

Um segundo ataque, centra-se na pretensa falsidade da criação literária de muitos autores, que escrevem em galego mas pensam em castelhano. Subtilmente, Pardo Bazán (19) pede para eles desculpa, e nela vai a censura:

> "Atendido el tiempo que la lengua gallega permaneció sin letras todavía es admirable que al exhumarla poco há del polvo de los huesos de Macías, se prestase con tanta ductilidad a la rima; y no debe sorprendernos que cueste grandes esfuerzos su reorganización, ni censurar á los poetas si van á tientas formándose su propio vocabulario, si unos contradicen lo que otros establecen, y si en ocasiones se limitan a versificar ideas pensadas en castellano y laboriosamente traducidas al gallego".

Para Pardo Bazán (22, 23), aliás, o renascimento de "el habla antigua" é "menos brioso y espontáneo que en Cataluña", e cobra aqui um "caráter de reconstrucción artificiosa" de maneira que, diz cinicamente, "son muchas las [personas capaces de prestar atención á los asuntos literarios] que, nacidas y criadas en provincias gallegas, encuentran tan difícil entender una poesía en dialecto, como otra en extranjero idioma" (22,23), reiterando outra vez a tradução que os próprios autores devem operar, concluindo que talvez seja esta a razão pola qual a literatura em idioma galego apenas produz na altura "poesías líricas". Noutro passo, censurará vivamente o uso de Benito Losada das palavras à frente dos seus *Soazes d'un vello*: *afrenta, daga, venera* (86): "Desde que Galicia es Galicia, no han salido estas tres palabras juntas, ni siquiera cada una por su lado, de labios labriegos".

A sua conceção do que deve ser o sistema regional aparece quando comenta as duas obras fundamentais de Rosalia de Castro em galego: *Cantares Gallegos* e *Follas Novas*. Pretende canonizar *Cantares Gallegos*, como simples expressão popular (sem nengum matiz de rebelião) e impedir que *Follas Novas* alcance essa qualidade. A desqualificação da segunda das obras, onde a autora já falecida procedia a umha considerável renovação estética, informa por negação do que o repertório galego deverá conter (33): nada de voz autónoma, de "hablar por cuenta propia", mas popular, "impregnarse del sentimiento del pueblo" que é "el caráter verdadero de este renacimiento regionalista". Nada de refinamento técnico, nem de inovações, mas interpretação do pensamento de "la moza que vá a la foliada ó lleva la vaca al pasto", "que no parezca al lector artificiosa ni falsa". A desqualificação é mais profunda, quando une em Rosalia a sua condição de galega e mulher para indicar a falta de "tino" da poetisa galega em *Follas Novas*. A mulher "está más cerca del alma ingenua del pueblo; que es más capaz (...) de interesarse por las pequeñeces que le preocupan", o que vem já de antigo, tendo presente "la aseveración inmemorial de los historiadoes y geógrafos romanos respecto al país galáico, donde, según ellos, las hembras se llevan la palma en improvisar, cantar y tañer". A consideração subalterna do sistema é ainda reforçada pola sua incidência no horizonte de expetativas do público (33):

> "Aquí las poesías gallegas que gustan y se aprenden de memoria, no son las que alardean de hondas y cultas, ó en que el poeta trata de tender el vuelo por los anchos espacios donde se ciernen los Píndaros, Herreras y Quintanas, sino las que brotan, sin estudiado aliño, del vivo manantial popular".

O sistema portanto deve ficar nu de qualquer pretensão culta ou erudita; obrar enfim (30) "sin la menor pretensión académica", como fazem Turnes, Pintos e Juan Gómez del Ferrol "copiando fidelísimamente el lenguaje y el pensar de los aldeanos", o mesmo que contribuirá por exotização para o êxito da autora corunhesa nos seus romances.

A síntese do seu pensamento sobre o sistema galego resume-a nos comentários que tece a propósito de Lamas Carvajal, sem dúvida um dos poetas modelo (e modélicos) do caminho por que a produção literária regionalista deve conduzir-se.

Sonha a autora com um ideal poeta agrário, quando "se despojaba de refinamientos y sutilezas literarias y sólo quería oir el cántico de las cosas, la vaga sinfonía del suelo nativo" que "había de ser principalmente muy quejumbroso y triste, *aunque sin amarguras ni rebeliones*" (sublinhado nosso). E acrescenta (53): "Dénme un cerebro infantil, primitivo, un cerebro labriego, un alma en contacto con aquella tierra que tan fecundas emanaciones lanza de sus entrañas siempre vírgenes!".

Esse é o poeta que encontra em certos versos de Valentín Lamas Carvajal, utente dumha musa "en ocasiones tan aldeana, tan simpática, tan genuina".

O sistema galego, para alcançar essa genuinidade que Pardo Bazán prega, deve evitar qualquer sinal de modernidade, o qual na Galiza mais que em sítio nengum podia ser interpretado como sinónimo do urbano, por não dizer de progresso cultural (55): "lo que le pido [ao poeta galego] es que sus versos parezcan pensados y sentidos por un aldeano; ó, al menos, que no haya en ellos cosa que contraste ó desafine de chocante modo, ni donde el escritor urbano, que lee periódicos y discute en cafés, asome la punta de la oreja".

Para além disso, o poeta galego deve renunciar ao intercâmbio cultural e intersistémico, a procurar qualquer influência externa, e ainda a rejeitar por velha a sua própria tradição. Nem deve canonizar nem procurar modelos para a produção literária. Se noutro tempo recomendou (54) ao autor de *Saudades gallegas* "que tratase de educar su gusto", lendo outros autores galegos, espanhóis e portugueses, "ponerse al tanto de la literatura, no ignorar las nuevas direcciones de la poesía lírica", reconhece agora que as suas pretensões nasciam "de la falsa idea de que el *mejor* poeta gallego debe parecerse á un *buen* poeta castellano (itálico nosso), "pretensión imposible y absurda"; e não porque a escritora acredite no desenvolvimento autónomo do sistema galego, mas precisamente porque prefere o estatismo do que denomina (84) "nuestro Parnasillo regional". Não tem tradição, não (55) "un arte floreciente, no un idioma

formado, rico, soberbio, consagrado por todos los ejercicios del espíritu, docilitado, cincelado por los primorosos artificios de tanto ingenio como lo trató; perfeccionadísimo en la rima, grandilocuente en la prosa", que se supõe é o castelhano, a que, deduzimos também, deve acudir o galego para tais misteres. Diz Emilia Pardo Bazán (55):

> "Lo que ve el vate gallego es una lengua arcaica, detenida y paralizada en mitad de su desarrollo [...]; y como único dato artístico-tradicional, como único modelo propio, frías canciones de trovadores [...] que viven en Cancioneros apolillados, y no pueden servir de patrón ni de tipo á los poetas actuales. Pero á falta de modelos reconocidos en el terreno literario, á falta de bibliotecas, el poeta gallego tiene la naturaleza -entendida esta palabra en el sentido algún tanto restrictivo *de campo*, *de vida rural*".

A um espírito, quanto mais culto, prossegue a Condessa de Pardo Bazán (55-56), "más le lastima la desarmonía que representa, por ejemplo, una pomposa flor del jardín de Núñez de Arce ó Víctor Hugo puesta entre los brezos y gencianas de nuestros montes". O problema, por exemplo da poesia, dum autor comentado pola escritora, Benito Losada, que a seu juízo não calha inteiramente, não cativa, é que "tiene siempre el alma urbana, culta" (89). "Quería" diz noutro trecho (91), "mi buen amigo Benito Losada que hubiese en cada parroquia um mercado cubierto, como el que aún no tenemos en la Coruña? Por Dios; la aldea es la aldea, y en eso consiste su encanto".

Nesta impossibilidade de consideração sistémica (entendida aqui como a disposição dum repertório autónomo) em que a autora nega qualquer pretensão de expansão além das suas fronteiras ao novo grupo, mesmo está a impossibilidade, em ocasiões, de traduzir "el dialecto". Referindo-se a *Boa feira* de Benito Losada, comenta (90): "Hay que leerlo, y leerlo en dialecto, para apreciar lo acabado de tan primoroso cuadrito de género: citar sería mutilarlo (...)". Mais ainda. Como para ela é inerente a esse "dialecto" "cierta virginidad, ó si se quiere cierto frescor infantil", se se traduzir, naturalmente para o castelhano, a comparação ou a imagem resultaria "insufrible de puro manoseada", "aparecerá lo usado, lo trivial, lo cursi". Prova então de que a produção galega não pode concorrer com a castelhana nem com nengumha culta, por insuficiente e arcaica.

Mas, no fundo de todo este comentário, está também na autora a consciência de que a literatura pode ser o melhor veículo de expressão reivindicativa do *regionalismo* galego, e ainda do possível separatismo que poda ocultar. Umha ameaça não apenas política mas cultural, se se chegar a consolidar. Por isso vai combater no seu livro o que considera o principal perigo: o separatismo, quer literário, cultural e/ou político. Pardo Bazán comenta como a noção de *patria* (40) "llega á subvertirse, y los regionalistas de buena fe la reducen á las fronteras de su región, y aun hay quien la circunscribe a una localidad determinada". E aqui aparece o perigo da nova literatura: "Si esta tendencia

existía ya antes del renacimiento de las literaturas regionales, al menos no había sido formulada explícitamente, no había encontrado voz para expresarse". Mas, um pouco mais adiante, tranquiliza (41):

> "Conviene decir que el mal del separatismo es por ahora bien leve en Galicia; que este pueblo, práctico y serio en medio de su misma postración, no ha dado la menor señal de que le cruce por mientes tan peligrosa utopía, la cual, por hoy, sólo se ha manifestado tímidamente en la serena esfera del arte".

Em Eduardo Pondal, por exemplo, toma como produção canónica e modelo a imitar *A campana de Anllóns*, onde, considera, ecoa de novo a essência popular, e aparece (81) "esa onda de melancolía y piedad que nos trajo el cristianismo", e que considera ausente doutras produções do autor de Bergantinhos. Por outro lado, é pertinaz na ideia de considerar a obra de Pondal algo absolutamente fora da moda, produto de tempos passados, de (76) "siglos para siempre desvanecidos y borrados", "sueño de una noche de luna", onde reside a sua originalidade: "¨Quién sigue a Ossián en el día? Para eso es preciso haberse equivocado de siglo al nacer, como el soñador de tierra de Jallas". O que transparece na hábil crítica da autora é em nossa opinião umha alargada censura a qualquer uso do celtismo como elemento separador da unidade pátria, que desde Murguía estava a ser alimentado, e que nos versos de Pondal adquire traços irredentistas; tudo bem adubado pola desqualificação dessa tendência por (pejorativamente) romântica e fora de lugar.

> "Todavía hay otra cuerda en la poesía de Pondal (...). Pasemos como sobre ascuas, y dejemos al característico poeta de los pinos, de las uces, del robledal antiguo y de la esquina gandra hablar, si se empeña, de parias, ilotas, evocar la sombra de Espartaco y fantasear siervos sujetos à la gleba, aquí donde los propietarios lo estamos á la muy prosáica, pero muy feroz contribución territorial que nos tiene destuetanados y más vacíos que globos sin gas".

Assim se exprimia (79-80) a "honra de la Coruña, de Galicia y de España" dos regionalistas. Seria, se não, gratuita a ridiculização a que submete o seu amigo (71): "Así, por derecho de nacimiento, Eduardo Pondal, con su gabán y su hongo, ha venido á ser el bardo" (e, animando o seu público) "-no hay que reirse, pues las almas de los que fueron parece como que se cuelan á veces, por caprichosa metempsícosis, en el cuerpo de los que son".

A coluna vertebral da conceção de Emilia Pardo Bazán e as suas intenções a respeito do sistema galego, resume-a ela própria perfeitamente. No texto a seguir, singulariza-se expressivamente o motivo último que conduz em nosso entender Pardo Bazán a falar da sua "literatura regional", que intui impossível de anular, freá-la (17):

> "Tan irresistible indulgencia nos domina, que aun rechazando lo que en el terreno político representa la literatura regional; aun abrigando dudas acerca de su utilidad y

> porvenir, al encontrarnos frente á frente con ella nos desarma su gracia, y respiramos con placer su aroma de flor nacida en las montañas y en los linderos ocultos".

E precisamente acrescenta umha nota no texto que sublinhámos (43):

> "El exponer las razones en que se basan estas dudas, pediría más espacio del que dan unas notas breves y puramente aclaratorias á un discurso que por fuerza hubo de ser compendiosísimo, atendido que se escribió para leerlo en público. Por consiguiente no haré más que indicar las principales, y son, en mi concepto: -1.ª Lo mucho que complica el estudio y conocimiento de una literatura nacional su división en varias lenguas.-2.ª La limitada esfera de acción que corresponde á las obras literarias cuando sólo pueden ser debidamente apreciadas en un territorio circunscrito y dependiente.-3ª El caráter arqueológico de los renacimientos regionales.- 4.ª Su forzoso exclusivismo y condición en cierto modo negativa.-5.ª El impulso inevitable de toda nacionalidad á extinguir los dialectos y á que prevalezca el más perfecto y general de entre ellos, que constituye la lengua patria".

Mas restava ainda um outro perigo por conjurar, e este interessa-nos particularmente: *o perigo português*. A inteligente autora de *La madre naturaleza*, não vai fugir à questão, e vai pô-la, a nosso ver, mui sagazmente.

Naquele discurso, que, de entre as cousas que efetivamente contém, não figura a honra a Rosalia de Castro, Pardo Bazán refere-se a Portugal ao tratar do forçado silêncio da expressão galega desde fins do Medioevo. Em seu entender, que é também o dos regionalistas, Galiza e Portugal podem ser considerados (26) "un país mismo", destinados "à completarse moralmente" como a Catalunha e as Baleares. Mas, depois, converte subliminarmente Portugal em parte de Espanha: "Cuando Portugal se alza y señorea el Océano -lo mismo que si al negar con su voluntad la nacionalidad española, quisiese afirmarla con sus hazañas, Galicia se anula" (27). Quanto mais glória tem o Luso, mais espanhola é.

A seguir acrescenta outra consideração mui própria dos defensores do sistema galego: "no es posible dudar que la literatura gallega, á no ahogarla en su adolescencia acontecimientos y vicisitudes políticas, hubiera sido lo que fué la de Portugal, en la cual hay que ver el cumplido desarrollo de un gérmen galáico".

Galiza pode reclamar as glórias lusas, já não pola origem galega do "tuerto ilustre colocado por los portugueses á la cabeza de su literatura, allí donde *los españoles ponemos al manco inmortal*", (sublinhado nosso) mas porque o português deriva do galego. Àquele, porém (28), "le falta la amplitud, nobleza, entereza, valiente musculatura y sana complexión del castellano, ofreciendo solamente en correspondencia una mimosa molicie, una modulación variada y expresiva, y cierto humorismo irónico que distingue también al gallego", com o qual tem algumhas diferenças também. De *ilustre* a *inmortal* há ainda

muita caminhada; e, para além disto, a imagem anatómica não é nova. Lembra precisamente umha célebre frase do inmortal Cervantes sobre a língua do ilustre Camões; a mesma que anos passados vai Miguel de Unamuno lembrar a António Ferro na entrevista que este lhe fizo nos anos trinta para o *Diário de Notícias*: "Dijo Cervantes del idioma portugués que es el castellano sin huesos, y, retrucándole, cabría decir que el castellano es el portugués osificado".

A operação de Pardo Bazán está perfeitamente desenhada: ao máximo que poderia aspirar o galego literário (poderia, porque já agora não é possível polos vistos), é à "mimosa molicie", à riqueza expresiva e ao humorismo, três das caraterísticas que a condessa atribui em diferentes lugares ao novo sistema galego, e, curioso, ao português, que, evidentemente, nada têm a fazer diante da poderosa escolha que representam as caraterísticas do espanhol. Operação desenhada mas não consumada, por outra parte: Pardo Bazán, ao reparar na tentativa de alguns grupos de proceder, timidamente, à proliferação do sistema, e insistir na via clássica e cívica, disporá novos argumentos para impugnar esse sistema, mas nessa altura, veremo-lo, principalmente dirigidos à legitimidade da sua prática.

É aqui no único lugar, com exceção do que a seguir comentaremos, em que Pardo Bazán faz referência minimamente extensa a Portugal. Repare-se que não o faz, por exemplo, ao falar da tradição ou dos modelos que a literatura galega pode seguir.

Porque noutro momento do livro vai tratar o assunto do relacionamento galego-português, agora mais explicitamente avaliando o perigo. É no comentário a *El Cancionero popular gallego* compilado por Pérez Ballesteros e que Teófilo Braga (possivelmente o autor português mais estimado na altura) prologa, e com quem a espanhola mantinha relação de amizade. Nem há nacionalidades em Espanha nem pensa que o parentesco galego-português vá além dessa mesma constatação. Assim escreve Pardo Bazán (100):

> "[...] que no hay nacionalidades peninsulares, ni quiera Dios que se sueñe en haberlas, ni permita, si llega este caso inverosímil, que lo vean mis ojos. Ahora añado que la opinión anterior no me impide estimar cumplidamente la genialidad propia de cada país, ni deleitarme muchísimo con las poesías regionales, si son bonitas, ni reconocer gustosa el parentesco de consanguinidad que existe entre Galicia y Portugal".

E, noutra parte: "[...] pero lo del renacimiento lo entenderemos de la misma manera la fundadora y la Junta directiva del Folk-lore [de que Teófilo era membro de honra], y mi disolvente y sapientísimo amigo Braga? Apostaría que no" (101)

E ganharia, decerto. Estas são algumhas das expressões contidas no texto criticado (Braga, 1886: XLV) por Pardo Bazán:

> "En relação á nacionalidade portugueza, a Galliza é um fragmento que ficou de fóra da integração politica dum Estado gallecio-portuguez (..) A Galliza seguiu a sorte

> da unificação asturo-leoneza, perdendo cada vez mais os seus elementos de cultura e de vida nacional. (..) A Galliza nunca mais saíu da sua situação subalterna, decahindo sucessivamente."

E conclui:

> "Um grande numero de Anexins, Parlendas e Superstições, similhantes nos dous paizes, accusam a sua antiga unidade ethnica quebrada pola boçalidade egoista dumha politica sem plano. A obra do snr. Ballesteros é a primeira pedra para a reconstrução d'este primeiro monumento da cultura entre as nacionalidades de Espanha".

Por rejeitamento ou aceitação, o sistema literário regionalista vai mover-se exatamente presidido polos parâmetros que Pardo Bazán utiliza na sua análise.

IV.1.5.1.2. Desenvolvimento da argumentação antissistema regionalista

Se alguns aspetos do sistema regionalista são mais conhecidos (quanto a alguns temas do seu repertório, certos géneros e modelos utilizados), outro aspeto tem normalmente sido comentado genericamente, mas não temos notícia de que fosse trabalhado para este período sob a ótica com que aqui vamos proceder. É o caso do que denominámos o *sistema cercado*, com *cavalos de Troia* incluídos. Queremos expor a seguir, e sempre com base nas revistas da época, como o sistema regionalista poucas vezes foi combatido do ponto de vista da sua criação estética, e sim habitualmente do da legitimidade do seu uso; e expor também quais forom os elementos em liça e, especialmente, os argumentos utilizados, porque só assim podemos entender os mecanismos de defesa que a estratégia regionalista transferiu de Portugal; e, como, a dada altura, o cerco ao sistema vai virar para atender essa transferência, para combatê-la de muitos modos e maneiras, porque nela viam os contrários à sua expansão o perigo maior do sistema regionalista: se este conseguia afirmar o vínculo polissistémico e/ou interliterário com Portugal, o seu vigor seria impossível de contestar. Cercá-lo então, reduzi-lo a determinados géneros, formas e temas, impugná-lo na sua pretensa proliferação, deslegitimar o sistema modelizante primário[xiii] galego como veículo para a literatura (desde a materialidade do código até à sua validade para exprimir o que fosse mais além do costumismo camponês, por exemplo) eram os objetivos mais importantes da tensão que se verificava na caraterização e no tipo de repertório (normas e modelos) de que o sistema tinha que dotar-se.

O ataque ao sistema regionalista *desde casa*, enfim desde os parlamentos de papel galegos, que muitas vezes recolhiam como eco as argumentações de próceres do polissistema espanhol, tivo sempre em Pardo Bazán a principal bandeira e exemplo de como as cousas deviam ser no seio do sistema.

De mi tierra foi não a definição, mas o ponto de partida da Condessa para o assédio ao sistema regionalista. E as fórmulas eram então mais variadas, e,

crescentemente, mais duras. Se, no texto de fins de oitenta, a aristocrática escritora reduzia o sistema a limites bem pequenos, fazia-o desde o suposto desejo de que assim "respirasse" melhor; mas, aos poucos, vai tentar tirar-lhe os escassos apetrechos de oxigénio que aquele possuía.

A, por vezes, *cruzada* antipolissistema galego desenvolvida pola admirada escritora, vai ter nas publicações galegas da época[88] vários valedores. Um dos mais destacados foi Joaquín de Arévalo. Este oficial da Marina de Guerra espanhola e colaborador de várias publicações do momento, entre as quais *Galicia*, era um fiel devoto da autora de *Los Pazos de Ulloa*, e também das ideias estéticas que aquela mantinha. No número 12 do referido mensário, publica Arévalo um rendido elogio da escritora, "la incomparable Emilia, maestra de maestros", manifestando igualmente o seu desejo de que na vida literária galega surja "el Pereda gallego", que augura pode estar no jovem Aurelio Ribalta.

Essas ideias e esse desejo de que exista um "Pereda gallego" produzem pronunciamentos de Arévalo como o que dá a conhecer em *Galicia*[89]:

> "Ah!... respeto que se conserve el gallego como un monumento de cariño; como se conserva el latín, por conveniencia, y el griego, que nadie habla, como un manantial etimológico; pero no le alcemos gramáticas; dejémosle que viva descuidado y abandonado á si mismo, que así será más bello. No le sujetemos al compás del arte y de las pretensiones(...) Qué importa que Murguía diga lo que quiera; que Saralegui[90], ese escritor galano, inunde el dialecto gallego en flores de su amor y en tintas de su talento!... ¨pasará eso de ser cariüos [sic] particulares de gallegos ilustres? ¨Que importa que publicistas distinguidos se dediquen, pro gloria al dialecto, á investigaciones profundas en naciones diversas y que Cronsmacker hurgue polvorientos legajos para desentrañar sus fuentes, si toda esa tarea ímproba y trabajosa sólo es evaluable ante la literatura?
>
> El dialecto se va por la fuerza misma de las circunstancias. [...] El idioma universal vendrá [...]".

O duro ataque de Arévalo ao regionalismo prossegue tentando significar este como o causante da ruina galega, "que nos hace negar en todos los

---

88 Referimo-nos obviamente às publicações não diárias consultadas. Nas diárias, tanto as galegas como as espanholas, era muito mais comum o ataque ao regionalismo do que a sua defesa. Por exemplo, em *La Voz de Galicia* tinham os da *Revista Gallega* um habitual crítico. Podemos interrogar-nos então sobre um aspeto: por que, se a posição regionalista era já evidentemente desigual e débil com relação às outras publicações, incluía nos seus próprios meios os ataques de que era objeto? Entre outras, umha razão parece-nos destacar-se. O regionalismo é, em todos os sentidos, periférico; como tal, contesta umha cultura oficial, que se aparece como central e, como consequência, assumida no quotidiano das pessoas como correta, a respeito da qual qualquer impugnação se situa como produto marginal e, em muitas ocasiões, subversivo. No caso concreto que nos ocupa, o movimento regionalista está obrigado a defender-se de acusações de que facilmente é alvo, egoísmo, exclusivismo, intolerância e reducionismo entre eles. Por isso está mais forçado que nengum outro grupo a dar a sensação de pluralidade e debate para a sua legitimação.

89 *Galicia*, número 7, tomo II de julho 1888, p. 310.

90 Leandro Saralegui y Medina, regionalista moderado, prologava nesse mesmo ano o livro de Arévalo *Ocios de camarote*. (Couceiro, 1953, I, 84).

órdenes al comercio de las ideas, y creer honroso el encerrarnos solos en nuestras antiguallas"[91].

Menos dum ano após da publicação de *De mi tierra*, era contestada a Condessa desde as páginas do oficioso órgão regionalista *Galicia*[92]. Pardo Bazán, subtil, e, embora queiramos evitar juízos de valor, talvez maliciosamente, emitira a respeito da imagem do galego umha apreciação onde sugeria como causa do desprezo a falta de produção literária (e ela referia-se à espanhola) durante séculos na Galiza, acompanhando o tópico conhecido que tomara corpo num clássico do polissistema espanhol, Lope de Vega: "Galicia, nunca fértil en poetas (...)". Desde as páginas de *Galicia*, replicava o que fora chantre das catedrais de Valladolid e Valência, Urbano Ferreiroa:

> "Dice la señora Pardo Bazán, que si algún pueblo vivió sin letras, fué Galicia desde el siglo XV al XIX, que el suelo gallego se mostró estéril para la literatura nacional, como si la lengua castellana aceptada, nunca asimilada, no pudiese aquí producir sazonados frutos, como en otras regiones, y añade: 'Quién sabe si de esta infecundidad literaria se habrá engendrado la injusta preocupación contra la raza gallega, preocupación que va disipándose; pero que fué general en España y extensiva á Portugal y á las Américas todas, donde el nombre de gallego á secas es todavía una injuria'".

Outro autor galego que se vai distinguir na linha de combate ao regionalismo, até se converter em referência permanente, e perspetivando igualmente Portugal desde o centro polissistémico espanhol, é Leopoldo Pedreira. Este professor liceal vai suster várias polémicas com os regionalistas "género al que demostró siempre gran afición" como não oculta o seu elogioso biógrafo Couceiro Freijomil (Couceiro, 1953, II, 54). Amigo de tipos regionalistas significados, como Pérez Ballesteros, e colaborador entre outras revistas de *El Eco de Galicia* de Castro López e de *Revista Contemporánea*, nesta última publicou desde 1892 os trabalhos que, com o mesmo título, recolherá dous anos depois em livro, *El Regionalismo en Galicia* (1894), fortemente antirregionalista, e que ia causar talvez a maior de todas as controvérsias a que as suas obras derom lugar, especialmente com o grupo da Corunha. Em 1893 já as suas ideias eram vivamente criticadas na mesma publicação por Eurico Nagere (Eugenio Carré)[93]. Este, no balanço que faz da literatura no ano anterior, escreve em 1893 sobre o que a *Revista Contemporánea* leva publicado de Pedreira, nos seguintes termos:

---

[91] Os comentários de Arévalo serão replicados pouco depois em *O Tío Marcos da Portela*, por Manoel de Lence em "Palique", número 259, 29 de julho de 1888.

[92] Muito nos referiremos em adiante a esta publicação, dirigida por Martínez Salazar, como lugar de emissão dos postulados teóricos das suas defesas perante o cerco. Dá a impressão de ser o ariete que por forma, caráter e imediatez polémica, a "Biblioteca Gallega" que Salazar sustinha não podia representar.

[93] 13 de abril de 1893.

> "Siento en verdad que, como se desprende del contenido de lo escrito hasta ahora, haya que sospechar, como dice muy bien un crítico, que Pedreira se ha contagiado de la peste del cosmopolitismo imposible que se respira en la corte y que se crea obligado á pagar deudas de gratitud con pomposos, sinó inmerecidos elogios, y ciertamente que, si la gratitud lo lleva hasta ese extremo, no debiera posponer nunca la tierra en que nació, que tan pródiga ha sido para él, y que merece ser tratada por sus hijos como madre cariñosa, no como vil madrastra. El trabajo de Pedreira, tiene algo de estimable, y más lo sería si respetara como se debe cosas y personas de la más alta estimación, fijándose más detalladamente y con un tanto de apasionamiento en lo que se relaciona con su país, que parece ver desde la corte por lentes ahumados. [NOTA: Entre otras cosas dice Pedreira: 'Nosotros consideraríamos más patriótico y más literario volver á ¡editar los versos de Rosalía que ¡Oh asombro! no figuran en ninguno de los treinta tomos de la 'Biblioteca Gallega'. Es asombroso que Pedreira [...]."

Lançava Carré umha acusação já tópica no regionalismo, com independência do seu grau de verdade, que costumava ser bastante alto, qual era censurar os *vendidos* à corte e os seus benefícios, traindo a causa galeguista (o mesmo acontecerá com Aureliano Pereira, por exemplo). E, para além disso, criticava tecnicamente (como era previsível num homem bem informado das condições do mercado literário) a proposta de reeditar Rosalia. Mas talvez Carré não queira contestar (ou simplesmente não repare no facto) a proposta do ponto de vista ideológico. Porque é mui ilustrativo da consideração que tinham não poucos do regionalismo que Pedreira pretendesse a reedição de obras que tinham apenas treze anos de vida (como *Follas Novas*) numha biblioteca que pretendia, gota em oceano, promocionar a produção literária galeguista recente. Essa tendência a considerar Rosalia como única, essencial e mais sublime representante do regionalismo literário, é usada, e será-o também no futuro, numha receção interessada, como umha maneira de desqualificar as pretensões de proliferação que os grupos galeguistas desejassem ter.

De *El Eco de Buenos Aires* tomamos, como exemplo deste crescente cerco a que o sistema regionalista era submetido, um artigo de Pedreira sobre "La región gallega", particularmente polas suas opiniões sobre a Galiza, Portugal, e as suas literaturas, numha perspetiva mui parecida à aquela com que Pardo Bazán vai abordar similares questões, também, entre outros espaços jornalísticos, no *El Eco* bonaerense[94].

---

[94] *El Eco de Galicia*, número 296 de 10 de janeiro de 1900.
Em ocasiões pode parecer mesmo que alguns antirregionalistas seguem como que *palavras de ordem* de Pardo Bazán. Com efeito, um ano antes, no número 251 começa a publicar-se um artigo de Emilia Pardo Bazán intitulado "Galicia" com argumentações similares às que aqui utiliza Pedreira; nessa colaboração a escritora atua com três linhas de força fundamentais no seu discurso sobre a Galiza: o da consideração que a Galiza tivo no passado razões para sentir-se marginada ("hubo un tiempo que ese hermoso pedazo de tierra española [...] fue no solo ignorada sinó negada y escarnecida, juzgándola una comarca mísera y salvaje"), mas que agora já não o assistem esses motivos; curioso argumento em quem utilizava como materiais para os seus romances alguns dos que compunham esse quadro que ela julgava passado; o de elogiar as caraterísticas físicas e artísticas da região; e o de nunca referir-se ao movimento literário (que aqui silencia sem mais) em termos

Neste caso, o trabalho de Pedreira não vai combater explicitamente o regionalismo; é mais subtil. O que vai é tentar explicar o pendor lírico das literaturas galega e portuguesa (atitude habitual na época) e, por omissão, a sua insuficiência noutros géneros: e vai fazê-lo sobre a base de serem literaturas periféricas cuja língua, por primitiva, se presta a esses misteres e não a outros; de resto reflete mui graficamente a sua interpretação dum quadro peninsular formado por um centro, o polissistema literário com capital em Madrid/Espanha (embora não a cite), e umhas periferias em que se reúnem, entre outras, a Galiza e Portugal. Pedreira reconhece a semelhança que as duas apresentam:

> "La region gallega posee condiciones muy análogas á Portugal, y está, á semejanza de éste, separada del centro de la Península por montañas que se elevan y valles que se estrechan.
>
> Forzosamente los habitantes de aquellos verjeles han de hablar una lengua más dulce y han de tener costumbres más naturalistas y más patriarcales (no digo primitivas[95] para evitar confusiones) que el resto de las zonas hispánicas. Por eso en Galicia como en Portugal florece la poesía lírica que destinada en un principio al canto, se unió al más armonioso de los romances peninsulares; por eso las trovas provenzales siguen el camino de Iria Flavia para penetrar en España; por eso componen en gallego los poetas de Castilla; por eso en Galicia como en Portugal, la nota dominante en literatura es la bucólica, el amor á la naturaleza que brilla en Saa de Miranda y en Jorge de Montemoor".

Podíamos acrescentar ainda outros exemplos deste teor em Pedreira. Mas nesta breve apresentação do tipo de cerco, mui frequente[96], a que o sistema regionalista era submetido, aludamos apenas a um seu artigo publicado em *De todo un poco*, predecessora de *Mondoñedo*, de 1905[97], em que defende a unidade hispano-portuguesa; sustém no passado (sempre no passado..., agora em Macias e Camões) as relações galego-portuguesas, e foca a independência portuguesa do século XVII como um erro castelhano[98], e onde a Inglaterra aparece como a culpável do desencontro hispano-lusitano.

---

positivos. A respeito de Portugal, a sua posição consiste em apresentá-lo como umha espécie de 'traidor' à unidade ibérica, como era frequente no espanholismo da época. Assim alude à unidade galego-portuguesa quebrada polos perversos lusos: "[...]después de que Portugal, moral y geográficamente inseparable de Galicia, se separó lo bastante arrancándonos con violencia la mitad del cuerpo y dejándonos mutilados e inválidos [...]".
Mal deveriam então acudir os regionalistas a quem tão grande dano causara à Galiza...

95 A palavra *primitiva* utilizará-a Sánchez Moguel no seu polémico discurso de 1888 para referir-se às reivindicações galeguistas, particularmente de raiz celtista, e provocará não pequena polémica, a que mais para a frente nos iremos referir. Na continuação veremos algum exemplo.

96 Umha boa síntese da classe de ataques de que era objeto o sistema pode ler-se em Rodríguez Sánchez, 1990: 25-37.

97 No número 15, de 10 de abril de 1905.

98 Normalmente nestas apreciações, Portugal não aparece como desejoso de independência e menos como conquistador dessa independência; ou são traidores à unidade, ou então, são

Quem nunca perdeu oportunidade de atacar o progresso possível do sistema, e se converteu no emblema e exemplo dos que o combatiam, foi Dª Emilia, como era conhecida já na altura. Aquelas ideias expostas em fins dos anos oitenta em *De mi tierra*, conheciam paulatina renovação, onde ainda crescia a virulência.

No número 2 da revista *Santiago*, em 24 de julho de 1901, lugar de encontro de muitos regionalistas, como já deixámos anotado (mais provocador e pernicioso para o sistema galeguista, ainda), aproveitava para tornar sobre os seus argumentos, mas agora virada sobretudo para a raiz: quer dizer-se, centrava o ataque na validade do sistema modelizante primário, com que, como sabemos, o sistema ficava desqualificado em toda a sua dimensão. O que não deixava de ser umha espécie de defesa à sua negativa sistém(át)ica a usar o idioma que, embora com lentidão ostensível, se ia afirmando como norma central do repertório regionalista, em que ela, sem perder obviamente a sua posição e função no polissistema espanhol, queria ver-se também incluída, pola via de situar como norma central do sistema a temática galega na produção literária. O lugar elegido tinha ainda maior relevo, se, como vimos, a publicação se apresentava como o balanço da atividade literária da época, supostamente através de produção literária, mas Pardo Bazán, prescindindo de colaborar com um texto dessas caraterísticas, vai fazer ela a sua particular valorização do estado do sistema, impugnando-o não na qualidade dos seus produtos, mas na nula legitimidade que os assiste. Em esquema, estas eram as precisões e estratégias de Pardo Bazán, semeadas sempre de duros qualificativos:

a) desqualificação indireta, mas clamorosa, do mito fundacional céltico para o galego, que por enquanto nunca cita, por via da sua derrota linguística, política e de *raça*. Sustentá-lo é sustentar o velho, e o irremissivelmente condenado à desaparição: "Del latín saldrán los hermosos romances, mientras los idiomas de las razas políticamente subyugadas, cual la céltica, perecerán en algún rincón desierto, extinguiéndose, como el patué de Cornualla, en labios de una aldeana vieja".

b) a língua é resultado dumha seleção natural para a constituição das nações; o resto, que são dialetos[99], infere-se, não pode aspirar a ocupar as funções que àquela estão reservadas, porque não se correspondem, *quod sibi non erat demostrandum*, com umha nação: "Las unidades nacionales, al

---

vítimas dos erros castelhanos; nunca 'esforçados guerreiros da sua liberdade'...: "Castilla perdió Portugal" diz solene Pedreira.

[99] O uso de *língua* e *dialeto* é na época ambíguo e polissémico, por vezes são sinónimos, outras complementares, em ocasiões refletem níveis de língua, variantes, etc. Aqui Emilia Pardo Bazán utiliza a terminologia, com caráter pejorativo, para referir-se às muitas variantes existentes num território prévias à natural seleção para constituir umha nação (onde não discrimina interessadamente entre variantes de língua e línguas diferentes) e às línguas minorizadas e marginalizadas, influídas pola língua oficial, onde cabe quase qualquer forma que não seja a padrão dos usos linguíticos num mesmo território.

formarse, propenden á establecer la identidad de lengua, eligiendo entre sus dialectos: así sucedió en Francia con el oil, en Italia con el toscano, en España con el castellano".

c) as *línguas regionais* (consideração que Pardo Bazán não dá ao galego; o desprezo e a desautorização vão ser mais completos, usando da hipérbole, o que lhe permite estabelecer um rádio de ação da filologia desde o "aullido" até à "lengua de Eolia", e que seja o recetor quem situe o galego) têm apenas interesse filológico, mas nunca como veículo de literatura, história, cultura e civilização. O argumento punha o dedo na ferida, para gangrenar: o filologismo era umha das tendências mais acusadas (e, a dada altura, necessárias) no sistema regionalista: Pardo Bazán convertia a necessidade de legitimação em evidência de inviabilidade, ou, no seu defeito, em periferia e marginalidade absolutas. Para além disso, nem tem Tradição escrita, nem glórias que cantar, nem proliferação sistémica, como tem umha língua de civilização. A sua prática é umha perda de tempo, porque carece de toda a validade:

> "Y si para la filología no hay clases, y el informe aullido del insular occeánico es tan digno de estudio como la lengua de Eolia que produjo las poesías de Safo e Alceo, para el historiador, el crítico y el artista, los idiomas adquieren muy distinto valor y quilates, cuando son el verbo de una civilización luminosa, cuando en ella resonaron arengas de oradores y grandes capitanes, himnos de excelsos poetas ó altas verdades filosóficas".

d) carência de função fundacional, no sentido que ao mito dá Levi-Strauss (1978), de audiência e de instituições: mais dedos na ferida. O galego, que continua sem citar, não tem nengumha legitimidade oficial. Deve então reconhecer-se na história espanhola, ou, caso contrário, desaparecer: "y para el miembro de una nacionalidad compacta y fuerte, son inseparables los recuerdos de su historia y el idioma en que los aprende y celebra. Donde no hay instituciones ni lazo nacional, también las lenguas son movibles, como la arena del desierto bajo el pié del nómada".

e) ataque à sua homologação com o português, não por razões intralinguísticas, mas porque aquele é veículo de cultura, e desfruta da oficialidade que o galego não tem. Umha vez sentadas as linhas de força anteditas, para demonstrar que a ele deve ser aplicado o raciocínio anterior, cita explicitamente o galego; e, e isto seria o golpe definitivo, fá-lo imediatamente depois de indicar a sua opinião partilhada pola historiografia linguística portuguesa, representada no clássico Nunes de Leão, para o que converte um juízo objetivável e assético deste, base aliás da legitimidade e esperança sistémica galega (o português triunfou por pertencer a um estado independente), numha expressão de que por isso precisamente deve o galego abandonar *ogni speranza*, dado aliás que, longe da irmandade linguística, que no início houvo, o português se considera superior ao idioma de aquém-Minho ("se le aventajó", pode ser

por várias maneiras rececionado), o que seria umha afronta para o imaginário galego, esta insolidariedade com o irmão; o trecho vem logo a seguir da última citação realizada:

> "Entre las tribus salvajes, dos ó tres generaciones cambian por completo una lengua, y entre los griegos y latinos se hace de mármol por la cultura literaria, rico fruto de la nacionalidad. Bien lo expresa á principios del siglo XVII el filólogo lusitano Nunes de Leao [sic], cuando decía que la lengua portuguesa, igual en un principio á la gallega, se le aventajó después por haber en Portugal una corte".

f) Contra a antiguidade como fator de prestígio. Citação de Littré, -o positivismo do radical discípulo de Comte tinha notável audiência nesta época-, e uso de novo do termo "patué", amparado num presumível uso científico do termo. Pardo Bazán contrasta duas realidades dissímeis (a situação dialetal francesa, e a das suas línguas minorizadas, era mui diferente; andavam à beira da extinção as que ainda se falavam), e põe em relação galego e castelhano que não tinha homologação com nengumha realidade gala. O mesmo uso do exemplo francês é, como já anotámos na caraterização sistémica que precede este capítulo, marca de prestígio, modelo, e exemplo a seguir em todas as ordens da cultura, portanto incontestável também aqui. Como consequência, o atual estado de cousas deve ser respeitado para não ir contra a razão e a lógica da evolução histórica, e toda a discussão ou apologia do galego é inútil:

> "Cotejando el gallego con el castellano, podemos adoptar sin vacilación el sentir de Littré respecto á los dialectos franceses, que "no son"-dice-"desmembraciones de otra lengua francesa existente, sino que en puridad son anteriores á la lengua francesa, ó para aclararlo más todavía, la lengua francesa actual es uno de esos dialectos, que ganó, por circunstancias extrínseca y políticas, la primacía entre los restantes.
>
> Tengo para mí que, entendida esta sencillísima explicación de la procedencia de los idiomas, y aceptada como se aceptan los hechos generales, que no está en mano del individuo negar ni suprimir, cesarían muchas prevenciones, apologías y disputas, y se reduciría á su justo valor la demostración de la antigüedad de un lenguaje que ha venido á ser andante los tiempos, el patué de Galicia. Nada influye en la preponderancia definitiva de una lengua, antes es dato negativo muchas veces."

g) Desqualificação da procura das raízes por ignotas, ou, subliminarmente,"derrotadas" (céltica) ou "*exquisitas*" (kimri). Pardo Bazán leva interessadamente mais umha vez a procura das raízes para além do período medieval, e utiliza o mito da origem remota, céltica ou não, pragmatizando-o; quer isto dizer: se o mito é por definição monológico, épico, se não admite polo seu próprio caráter contestação, a autora de *Los Pazos de Ulloa* fá-lo jogar no terreno do real, do pragmático, ficando assim ridiculizado e desvalorizado. Pardo Bazán vai ainda proceder contra outro mito fundador, o da valentia e resistência dos galaicos ao romano, facto invocado muitas vezes polo regionalismo como marca da essência nacional galega, e do seu intenso amor à independência; agora o

recurso utilizado é o caráter *primitivo*[100] desses guerreiros, que *ululaban*. Aqui Pardo Bazán aceita o mito, para indicar a inoportunidade de ressuscitá-lo; e não falta o alarde de tecnicismos, alguns provenientes da moderna filologia, cujo desenvolvimento era particularmente atendido na época, postos ao serviço da sua desqualificação:

> "Si Galicia quisiese remontarse á los orígenes en materias filológicas, tendría que saltar más allá del romance, é investigar cuál pudo ser su idioma anterior á la romanización de la Península, aquel que ululaban los guerreros galaicos; el lenguaje de aquella raza cuya profunda huella lleva en las costumbres, en el carácter, en el carácter y en el tipo étnico. Cómo sería la lengua de esa raza? Perteneció á los idiomas flexionales ó á los aglutinativos? Fué con seguridad céltica? Sería algo análogo al kimri ó algo semejante al vizcaíno Por qué desapareció?"

h) E, por fim, e com pedido de licença por prorrogar a imagem, o derradeiro dedo para umha outra grande ferida: a impostura dum sistema que nem o usam os que o defendem nem o defendem os que o usam, sustentada pola aberta incoerência que apresentavam os regionalistas desde esta ótica, mas negando o caráter de processo, projetivo, ao sistema, para vê-lo apenas como resultado; se o que invocam os regionalistas é a defesa da língua, como umha religião, um dever patriótico, devem então contribuir para o espanhol, e não para o galego, que não é deles; como sempre neste texto magistral, mais umha subtil conclusão: o galego não é a língua própria dos que o usam; *ergo*, o galego não pode ser a língua sistémica regionalista, a não ser, infere-se, que cante as mesmas cousas do povo: dito por outras palavras, que se *folclorize*, no sentido em que A. Figueroa (1988)[101], utiliza o termo; o sistema é espúrio: ou é utilizado polos camponeses e marinheiros, que, na altura iletrados, ou alfabetizados em espanhol, obviamente, mal podiam converter a língua em veículo literário escrito, ou os ilustrados, alfabetizados e utentes do espanhol, a este sistema se deviam dedicar:

> "Hoy el gallego posee, como el catalán y el provenzal, una nueva literatura propia: pero á diferencia de estos dos romances, el gallego no lo hablan los que lo escriben. Esta anomalía curiosa hace que, para los nacidos en tierra galaica, llegue á ser ambigua y difícil la recta interpretación de aquella elocuente cláusula de Juan de Valdés, en su *Diálogo de las lenguas*: "Todos los hombres somos más obligados á ilustrar y enriquecer

---

[100] Adiante veremos algumha disputa a respeito deste adjetivo, *primitivo*, que no texto pomos em destaque; o que para os regionalistas era sinal de essência, marca de prestígio da nacionalidade perdida a sua origem no início dos tempos; em lábios ou penas dos seus adversários, será precisamente sinal de arcaicismo e atraso.

[101] Usamos *folclórica* na aceção a que se refere por exemplo A. Figueroa (1988). Com este termo queremos denominar a nesta altura tendência costumista e ruralizante do sistema regionalista, que procura no quotidiano do povo os seus materiais, não tanto para umha reivindicação frontal, mas como caraterização etnográfica, donde surge um sentimentalismo vácuo, ou então um humorismo desprestigiador para esse povo. Faz-se um uso desses materiais que não visa competência sistémica com o espanhol, nem quer dotar-se dos elementos necessários para a sua autossuficiência.

> la lengua que nos es natural y que mamamos en las tetas de nuestras madres, que la que nos es pegadiza y que aprendemos en los libros".

Para percebermos melhor a estratégia expositiva de Pardo Bazán fizemos umha transcrição linear dos fragmentos selecionados do seu texto. É oportuno agora resumi-los e agrupá-los. O cerco da Condessa tem duas direções: ataque ao sistema na sua legitimidade de praxe; e ataque ao sistema pola sua inviabilidade, dadas todas as carências que tem e que precisamente definem um sistema literário: não ser língua de civilização; falta de aparelho institucional, primitivismo e portador de mitos fundacionais desqualificados; impostura, etc.

IV.1.6. Cânones e repertórios dum sistema ancilosado

Como cremos que é possível deduzir, muitos dos ataques de que era alvo o sistema regionalista tinham como objetivo mais o futuro que o presente. Visavam de preferência que o sistema regionalista não progredisse, que ficasse (corrigindo algumhas "desviações") como estava. Os parâmetros utilizados para tal fim eram partilhados por alguns elementos pertencentes ao mesmo sistema, de modo que as suas possibilidades expansivas ficavam nas mãos de mui poucos.

Presidida quase sempre pola sua tendência pragmática[xiv], a literatura regionalista desta época vai debater-se entre duas tendências (e mais do que tendências, atitudes), não necessariamente contraditórias, nem na teoria nem na praxe, que podemos resumir assim: a linha folclorizante, que tem por objeto os costumes do País, ou então as suas bondades naturais, e os seus problemas traduzidos em forma de lamentação pola postração galaica; e a linha combativa, que vê na criação literária o *campo da batalha* reivindicadora da singularidade galega, e a badalada dos sinos da consciência galeguista.

A perceção deste confronto é já notório nos anos oitenta. Em 1887, Heraclio Pérez Placer escreve um longo poema em *O Tío Marcos da Portela*[102], dedicado integramente à questão, com versos como estes:

> "Calai, calai poetas, de lira churumeira
> .....
> (…)
> Mais non chorendes tolos románticas disgracias,
> co-a ciencia e c'o traballo debendes de loitar,
> a pátrea non quer vágoas que quere peitos fortes
> de acentos varoniles qu'a sepian ensalzar... "

Do que não se afastava o sistema era da sua profunda pragmatização. Talvez por essa razão o impacto de *Follas Novas*, livro enormemente inovador na época, vai ser muito menor do que outros na literatura do momento. Aliás, essa tensão no repertório vai ainda ser acrescentada com outra, não exatamente

---

[102] Número 169, de 27 de fevereiro de 1887.

simétrica, como é a do enfrentamento entre os defensores de materiais ruralizantes e os que postulam umha criação culta.

Ilustrativo de tudo isto é a canonização de autores e obras que se verificam na época, que tratamos na continuação.

Os comentários de Emilia Pardo Bazán em *De mi tierra* mostram com claridade qual era o repertório e os cânones que mais eram usados e considerados na época. A produção literária galega nos fins do século XIX e princípios do XX conta com umha escritora canónica e canonizada, Rosalia de Castro; outro escritor, este vivo e quase mitificado pola sua obra, polos avatares e lutas da sua vida, Curros Enríquez[103], igualmente modelo produtivo; e um em vias de alcançar essa entrada no repertório como modelo, Eduardo Pondal. Este é o lugar comum da literatura do Ressurgimento, que o estudo das revistas da época pode confirmar. Com algumhas matizações, no entanto. Nesta altura, Rosalia é umha autora de obra extraordinariamente louvada, mas não reproduzida com igual intensidade nas publicações da época. Em esquema, podemos dizer que o fundamental modelo produtivo que tomam dela os poetas da época é o contido em *Cantares Gallegos*, esvaziado em não poucas ocasiões do seu sentido reivindicador e levado mais para o canto popular e costumista, como queria Pardo Bazán. *Follas Novas* funcionará muito menos como modelo[104]. De Curros é imitada a sua veia cívica e de intervenção, deixando, porém, quase mais pouso as suas composições mais tradicionais do tipo *A virxe do Cristal*. No caso de Eduardo Pondal, o seu modelo linguístico e a sua reivindicação passadista, com o celtismo murguiano e ossiânico traspassado à lírica da época, e o canto heróico, é um elemento utilizado; mas muito menos do que deriva da sua *Campaña d'Anllóns*, de 1854; Pondal estará sempre ligado

---

[103] Sobretudo depois de morta Rosalia, o sistema regionalista escolhe, sem exceções, como patrono literário vivo Curros Enríquez, e coloca-o, também sem discussão, como o principal autor galego. Os últimos anos da sua vida são especialmente intensos neste sentido. No verão de 1904, quando regressa à Galiza definitivamente, vai ser saudado e homenageado largamente. Como exemplo, vejamos alguns dos qualificativos que *La Temporada em Mondariz* dedica ao poeta, esperado nessas datas no Balneário:

> "Este ilustre literato, el primero de nuestros poetas actuales, goza de reputación indiscutible, no habiendo nadie que siguiendo el movimiento literario español no conozca las poesías de Curros, y no las tengo [sic] en estima por lo menos igual á las de los mejores poetas de otros países". (Número 7 de 17 de julho de 1904).

[104] Os escritores espanhóis que se ocuparom da literatura regionalista galega não prestarom polo geral atenção a este texto. Lógico, se o que deste tipo de literatura esperavam (cantos paisagísticos ou costumes populares normalmente) não coincidia com umha obra das caraterísticas de *Follas Novas*. O horizonte de expetativas que configurava a produção galeguista era quase absolutamente quebrado por Rosalia. Em síntese, Pilar Vázquez Cuesta (1980:672) alude à valorização de significados críticos espanhóis:

> "Para doña Emilia Pardo Bazán, Rosalía de Castro había equivocado su camino al pasar de la temática de Cantares Gallegos a la de *Follas Novas* (in *De mi tierra*, 1888). En cuanto a Clarín o Menéndez Pelayo la ignoraban por completo. [...] Juan Valera no la incluye en una *Antología de la poesía femenina* en que toda mediocridad tiene su asiento, extrañándose de que un viajero português, Silveira da Mota la cite [em vez de Pondal, Losada, García Ferreiro ou Barcia, mais importantes segundo ele]".

(não pola sua vontade, talvez, mas pola dos leitores e críticos) à sua função de precursor e à sua *Campana d'Anllóns*[105], que melhor condizia com o repertório normativo da época.

E, em geral, era habitual que Rosalia ou Curros fossem invocados como modelos, mas costumando fazer das suas obras umha receção superficial, que os desprovia de originalidade e dos seus avanços nos materiais para pragmatizá-los ainda mais.

Este quadro geral de cânones e situação do sistema é magnificamente resumido polo Professor Carvalho Calero (1975:401):

> "A liña de alturas asinalada polos nomes de Rosalía, Pondal e Curros, deseña o perfil culminante do sistema literario galego do século XIX. [...] Pero o fenómeno de que antre 1863 e 1888 lograra a poesía galega se elevar como o fixo de nivel, débese fundamentalmente ao xenio individual daqueles tres poetas.
>
> Dempóis deles, a poesía decimonónica inicia a súa etapa final. Fálase de estancamento, podería se falar de decadencia. Trátase de ecos que rápidamente se esvaen".

Ao lado deles, outros poetas, e particularmente Lamas Carvajal, desenvolvem, mais ou menos pola época em que brilham as obras dos três referidos (e nomeadamente dos dous primeiros) umha linha essencialmente ruralizante e pitoresquista de considerável audiência. Sobre V. Lamas Carvajal lemos em *A Monteira*[106]: "O inspirado poeta e distinguido escritor gallego que manexa o noso idioma d'unha maneira adimirabre, e qu'a todo encanta pol-o ben que ritrata as costumes d'a nosa terra, acaba de pubricar unha coleución de versos c'o nome de *Musa d'as aldeas*".

Quanto à produção literária a partir deste período, esse repertório e esses cânones não vão variar com a entrada do século. A precariedade produtiva desta etapa é grande, e mais o é na perceção da crítica, e dos próprios escritores, que não encontram nengumha renovação na década de noventa. Enfim, do estado do sistema a este respeito dava um bom indício Lisardo Barreiro (um autor quase periférico mas mui vulgarizado em publicações do século iminente) em setembro de 1899: "Hace poco tiempo que Pondal me ha enviado sus *Queixumes*, y allí están á la cabecera de mi lecho, como algo que se quiere mucho, con las *Follas Novas* de Rosalía, los *Aires* de Manuel Curros, las *Soazes* de Losada y las *Espiñas* de Carvajal"[107].

Nenhum dos textos citados corresponde à década de noventa.

---

[105] Tanto assim que as modificações que em 1895 introduziu na peça forom, se não abertamente criticadas, polo menos não louvadas, até polo seu próprio amigo Carré nas suas Histórias da literatura galega.

[106] Número 56 de 25 outubro de 1890.

[107] *El Eco de Galicia*, Buenos Aires, número 249 de 20 de setembro de 1899.

IV.1.7. As tensões sobre o repertório, reflexo de interesses sobre a instalação dum sistema conservador e escassamente competitivo

Mas aqui havia já umha linha divisória: a que separava os três primeiros autores dos dous últimos; estes, ruralizantes e folclorizantes[108], frente à variedade de materiais de repertório dos outros três. A diferença ia, em Rosalia, desde a extraordinária riqueza lírica, com umha conjunção inovadora de elementos populares e reivindicação étnica, em *Cantares Gallegos*, ou umha poderosa poética do íntimo, de raiz existencialista, que não esquece a reivindicação social em *Follas Novas*, com umha não menos importante renovação métrica e estilística; em Curros desde a sua atitude crítica e ainda satírica, sem abandonar por vezes o intimismo; e em Pondal a sua peculiar configuração do mundo poético clássico, com apurada renovação formal, que permitiu a Méndez Ferrín (1984:26) qualificá-lo, cremos que com justeza, como "o primeiro formalista" da literatura de expressão galega. Extraordinariamente interessantes parecem-nos a respeito de Pondal os comentários de Aubrey Bell (1931:481), porque mostram a perceção que este tinha (com certeza partilhada com alguns escritores galegos, mas mais livre de opiniões do que estes) da renovação a que procedera a obra do de Bergantinhos. Não são simplistas as suas palavras, mas bem explicativas dos repertórios e processos do sistema:

> "A língua galega "a garrida lengua nosa", raras vezes terá sido escrita mais idiomàticamente ou com mais seguro instinto da força e da atracção da palavra nativa empregada no seu lugar próprio. Passar de Losada a Eduardo Pondal (1835-1917), o poeta de Ponteceso, pequena aldeia da província da Corunha, é o mesmo que sair duma praça de aldeia para subir ao píncaro dum monte elevado. Fica inteiramente à parte dos outros poetas galegos [NOTA: a única poesia que, sendo doutrem, parece que poderia ter sido escrita por Pondal é a da p. 177 (primeira estrofe) das *Follas Novas* de R de Castro (1910) -alude ao poema "Soberba".].
>
> A ironia e a descrença, a tristeza e a alegria dos versos dos outros são em geral as o camponês. Aqui não há danças nem festas rústicas: a gaita de foles e o tambor cedem o lugar ao vento soprando numa harpa eólia".

Anos mais tarde da informação dada por Barreiro, na primavera de 1903, estas eram as tendências dominantes no sistema regionalista que Posse Villelga,

---

[108] Muitos poetas do sistema vão fazer um uso folclorizante da obra de Rosalia, cujo uso do galego, longe dessa tendência visava outros objetivos, e onde o valor desse uso, em termos do que denominámos projetivo, é extraordinário. Francisco Rodríguez (Rodríguez Sánchez, 1988:339) expressa-o com clareza para o caso rosaliano:

> "Hai quen interpreta que o recurso ao galego seria só unha concesión ao enxebrismo, ao folclorismo, a unha visión da sociedade patriarcal e atrasada que, por autenticidade expresiva, englobaria o uso literário da língua, inseparábel ademais do xénero lírico.
>
> Todas estas valoracións conceben o problema lingüístico, os ámbitos de uso e as normas consecuentes, á marxe da continxéncia histórica, non distinguindo entre conciéncia posíbel e conciéncia prática ou real, non observando a evolución dialéctica da história desde entón até hoxe para situar, en toda a sua dimensión, o alcance e a importáncia da prática lingüística literária de Rosalia de Castro".

num trabalho intitulado "Regionalismo/ Literaturas regionales/ Literatura Gallega", publicado em vários números, detetava, e não com ánimo de crítica: "a literatura gallega es tristona, melancólica y soñadora"[109], precisando: "Soñadora, triste, amorosa, pero con un amor melancólico, es la inspiración de nuestros genios"; cita então textos de Rosalia, Pondal, S. Golpe, F, Vaamonde, J. Barcia (este, bom representante do poeta cantor de costumes populares, estava, como indica Carvalho Calero, notavelmente influído por *Follas Novas*), e até de E. Labarta (conhecido polo seu humorismo) para o mostrar.

E como segunda tendência sistémica, indica: "otra caraterística de las notas de la literatura gallega es la de ser eminentemente regional". Para ele esta tendência é aconselhada pola "preceptiva". Nela vê o influxo catalão: "Galicia ha imitado o seguido por propio instinto las tendencias catalanas".

Mas a Galiza não acompanhara o alargamento sistémico a que a Catalunha procedera. De resto, Posse afirma que a produção galega nessa época não é de boa qualidade, e que "los literatos", que "han sido los generadores del movimiento regional" não encontram mercado para as suas obras. E salienta o estancamento em que a produção está: "ni Pondal, ni Murguía, Curros, Salinas, Vaamonde, Saralegui, Lamas Carvajal y otros, que ya tienen acreditada fama de escritores, publican nuevas producciones", o que nos ilumina então a respeito da ancilose e a carência de inovação que está a sofrer a produção literária regionalista a princípios de século.

O sistema *regionalista* encontra a sua justificação em dous alicerces: a Tradição e a marginação da Galiza. Apenas os grandes poetas citados romperam o que de constrangimento podiam ter essas âncoras. Num sistema incipiente como o galego, que quer dotar-se de *auctoritas* para a sua própria existência, a Tradição é chamada a ocupar umha função acreditativa e modélica importante. Duas são as direções seguidas: a folclórica, dum lado, e a mítica, a medieval e a clássica, formando um só grupo, *lato sensu*, doutro; duas as tendências deriváveis: umha popular e outra culta. Neste segundo caso, a Tradição medieval vai servir de quadro temático e de legitimação histórica, nunca de modelo produtivo; a clássica (e comentávamos *lato sensu* porque aqui entram em jogo os poetas greco-latinos da Antiguidade e os modelos renascentistas) sim vai ser assumida enquanto possibilidade de apropriação e reprodução. Eduardo Pondal e Florencio Vaamonde são expressões desta tendência, por citar dous representantes ilustres; o primeiro em técnicas e temas; o segundo somando também a tradução dos clássicos, incorporando-os à Tradição galega.

As linhas popular e culta convivem, mas por vezes não pacificamente. A primeira propende a certa esclerotização costumista, que, como vimos, esvazia o caráter complexo dos *Cantares Gallegos*, e fá-la caminhar a simples

---

[109] *El Eco de Galicia*, número 416, 10 de maio de 1903.

reproduções das composições populares. A segunda pretende, em ocasiões com peso aristocratizante, capacitar a língua para usos elevados até então raramente procurados. Isto vai ter implicações sensíveis em todos os âmbitos da produção regionalista, desde o uso do código até à veiculação temática. No entanto, e sendo sem dúvida mais dinâmica esta última linha, o seu peso excessivo vai por vezes tender a paralisar também a proliferação, porque reúne muitos dos escassos recursos de que o sistema dispunha. Algumha crítica a esta prática vai ser contestada por exemplo em *El Eco de Galicia*, já em 1903, na seção "Bibliografía" "de Tettamacy y Gastón":

> "No estamos de acuerdo con Salvador Canals [jornalista, na altura secretario de Antonio Maura e membro do Partido Conservador] cuando refiriéndose a aquella escuela de críticos que sólo trabajan en la literatura que fué, en la que empolvada y olvidada yace en bibliotecas y archivos, expresa: "En ese apartamiento sistemático de lo que son y producen nuestros coevos, para refugiarse en la tranquila y cómoda investigación y ordenación de viejos papeles, hay mucho de egoísmo, y ninguno tan antipático como el que se muestra en las nobles funciones de la literatura y el arte" [...][110]".

Muitos regionalistas do grupo corunhês sentiam como fundamental a exploração no passado para poder contribuir a legitimar o sistema que defendiam. No estudo que dedicamos à transferência do polissistema português vamos ver ainda vozes mais explícitas que convidam ao abandono deste tipo de estudos e as razões que se invocam para considerar esses esforços inúteis. A dedicação ao estudo histórico e filológico coloca o sistema numha difícil posição, entre a necessidade de apoiar-se numha Tradição e a urgência de prestar maior atenção à renovação da produção literária. Mais lesiva será ainda a tendência para a arqueologização que se deteta na procura dos materiais, linguísticos e literários, nas fontes populares, porque ela vai ser extraordinariamente paralisante, por fossilizadora. Parecera, até, que as palavras que em capítulo anterior já citámos do Professor Aguiar e Silva (1988: 271) a propósito da tendência homeostática de determinados sistemas, forom escritas tendo por modelo o caso regionalista galego; retomamo-las aqui para ilustrar o fenómeno:

> "A regularidade homeostática dum sistema literário, prolongando-se no tempo, provoca a usura das suas unidades semióticas, a rigidez das normas e convenções do seu código, o exaurimento da sua metalinguagem e a uniformização progressiva das respostas dos receptores aos textos regulados por esse sistema, com o consequente debilitamento das dimensões sintáctica, semântica e pragmática da semiose literária, isto é, com a consequente diminuição da capacidade modelizante do sistema."

Determinado uso da Tradição, convergente com a segunda das linhas referidas, quer igualmente safar-se da Tradição espanhola, e opor-se à Importação forçosa de modelos procedentes do polissistema espanhol, o que gera umha

---

[110] *El Eco de Galicia,* Buenos Aires, número 411 de 20 de março de 1903.

nova tensão. Para os escritores galegos não é fácil safar-se, caso de o pretenderem, desses modelos, ou dos que por esta via são introduzidos. No ambiente cultural e comunicativo da época, praticamente a sua única via de comunicação é Espanha e o que nela funciona. Forçada na sua precariedade a umha única Importação, ou participa, ativa ou passivamente, no polissistema literário espanhol, ou então procura outras referências: por aqui vai chegar também a transferência portuguesa.

Mas é a linha folclorizante, popular, em formas, e particularmente em temas e tratamento que se situa como normativa. A emigração, as tribulações do povo; e os seus costumes, festas, etc. são elementos centrais do repertório sistémico; e, ao lado, a *vis* cómica, picaresca, de burla ou ridiculização.

Na "Sección Bibliografica", do número 46 do *Álbum Literário*[111], Luciano Cid, o diretor, assina umha recensão de *Pedra...antre seixos*, de Rogelio Lois. Valoriza nas composiciones do poeta, como era norma principal do repertório, o seu "acendrado amor á Galicia". E, continuando com um dos temas obrigados, indica que "predomina en ellas el noble propósito de combatir la fiebre de la emigración, que tantos prejuicios viene ocasionando á nuestra riqueza agrícola y pecuaria"[112]. Mesmo parece que a juízo de Cid o uso do tema da emigração era já abusiva em Lois, o que manifesta a pobreza temática e de tratamento do repertório vigente: "Bajo este aspeto, debemos pasar por alto cierta monotonía que resulta de la lectura de cinco ó seis composiciones sobre un mismo tema."

Mais nitidamente ainda, informam-nos as seguintes apreciações de Cid a respeito dos materiais comuns da época:

> "*N-o adro y un ensono* son las que revelan más sentimiento y más facilidad para expresar las tristes y amargas consecuencias que acarrea, por regla general, la emigración á nuestros ilusos campesinos.
>
> En el género humorístico y picaresco demuestra el Sr. Lois verdadero ingenio".

Um género que não devia ultrapassar certos limites: "*Onte de noite saïn*, [...] más nos hubiera complacido no verla incluida en el tomo de poesias que ha tenido á bien remitirnos el director del *Galiciano*, por el color verde subido, permítasenos la frase, que tiene dicha composición".

Assim sintetiza Luciano Cid a obra de Rogelio Lois:

> "En resumen [...] sabe expresar los sentimientos más tiernos con la dulzura y delicadez propias del que siente bullir la inspiración en su mente, que describe con mano

---

111 10 de dezembro de 1888

112 Como se vê, é esta umha notável pragmatização da leitura, marca inerente a muita produção e receção regionalistas.

> maestra los peligros, las adversidades y las decepciones de esos infelices que abandonan el suelo patrio ansiosos de una fortuna problemática y que se da á conocer con un tomo de poesías, en las que aparte de algunos lijeros lunares, resaltan el sentimiento, la versificación fácil y un acendrado amor á la tierra que le vió nacer, [portanto] bien merece ser conceptuado como uno de los *apóstoles* del renacimiento de nuestra literatura regional".

Impunha-se então no repertório *falar do povo e dos seus costumes*, como que se entendia eram os instrumentos populares. Como já se pode notar, percebe-se um certo pendor conservador nesse repertório. O mesmo que vamos notar noutra crítica literária, agora a um livro de Alberto García Ferreiro.

Nesta crítica, umha das mais difundidas da época[113] sobre um livro galego, em concreto de *Volvoretas*, como começava por indicar o autor dela, Aurelio Ribalta, este seguir dedicava boa parte do artigo a contar como os galegos ausentes da terra, como era o seu caso, sonhavam continuamente com a Galiza, e, para matar saudades, "comemos *pote*, pagamos casi a peso de oro el queso de *tetilla*, y el de *San Simón*, deseamos que llegue el estío para escapar hacia aquelas risueñas costas".

Essa mesma crítica é sintomática de mais algumha cousa, v. gr., a tendência niveladora dos textos[xv] na receção[114]: "Cuando viene a mis manos un libro gallego lo recibo como un amigo querido y antes de leeerle ya me deleito en la contemplacion de su vista material [...] ávido de recuerdos del país natal, ansioso de saborerar los dulces dejos de su idioma".

E, entendendo como missão sua "dar a conocer aquellos versos escritos en el habla divina de nuestra insigne Rosalía", prossegue: "[...] mas no se crea que pienso hacer aquí un trabajo crítico [...] y es porque sus versos me hablan de lo que yo tengo en lo más hondo del corazón, me hablan de la patria con la elocuencia del que siente por ella un amor tan acendrado y tan vivo como yo siento".

E continua o artigo dando-nos luzes a respeito do que se entendia devia ser o repertório do sistema emergente, a partir do que Ribalta lê nos versos de Ferreiro: "tan bello paisaje poblado de figura con tanto valor y con tal arte pintadas, como aquellos niños rubios que: *bulen risoños/parlan e choutan*".

O livro comentado apontava já direções diversas à assinalada, por via da sátira que, longe de circunscrever-se a aspetos de *entidade* local, pretendia alargar o seu campo, na linha cívica de Curros. Em boa parte, essas direções bebiam

---

113 Com efeito, nós tomamo-la do *El Álbum Literario* número 17 de 27 de maio de 1888, que em nota de rodapé indica: «el presente artículo, que tomamos de nuestro colega santiagués *Galicia Diplomática*, ha sido publicado también en *El Independiente* de Vigo y en *La España Regional* de Barcelona.

114 Desta tendência já se queixava Eurico Nagere (Carré) no seu anual balanço de livros publicados, em 1894, em que eram incluídos livros em galego e em espanhol desde que editados por galegos: "Tiempo es ya de que la crítica se vaya dejando de contemplaciones, debidas á la amistad y á otras causas, y se empiece á cortar por lo sano", *El Eco de Galicia*, Buenos Aires, número 124 de 10 de abril de 1895.

também na lírica de caráter popular, mas dotavam os poemas dum matiz *individual* e intervencionista que costumava ser censurado. Assim reage Ribalta, após os comentários transcritos a respeito dos outros versos de Ferreiro:

> "[...] y lo gracioso del caso es que nuestro buen poeta García Ferreiro, ó mucho me equivoco, ó considera inferiores estas poesías á aquellas otras en que en vez de describir ataca y en lugar de pintar fustiga con enojo todo lo que á su parecer es digno de censura y de anatema, que, por cierto, en su boca resulta enérgica y demoledora, á mas de estar versificadas en ocasiones con perfección poco común."

Essa vinculação a Curros é percebida por Ribalta: "Orense tiene la honra de contar entre sus hijos un lúcido núcleo de gallegos dignos de la estimación de su país, y entre ellos, el autor de *Volvoretas*, poeta batallador al modo de Curros".

Defende Ribalta a transferência de determinados modelos cataláes: "la literatura gallega debe tomar á la rica literatura de las alegres *platjás* catalanas por modelo. [...] Alberto García Ferreiro, que es un poeta que vale, lo ha comprendido así, y me felicito de que piense como yo". Mas o modelo de poeta que Ribalta postula, aparece nas linhas finais; o dumha literatura que não ponha em risco o relacionamento com Espanha, como em algum momento podia perceber em Ferreiro[115], desejando que "abrazados á la santa bandera regional, NUESTROS VATES demuestren que esta no es una enseña insurrecta ni separatista, ni traidora, sino justa, noble y sana. [...]". Postulando umha determinada receção do poeta, continua: "[*Volvoretas*] no es más que un viva Galicia! valiente, ardoroso, batallador, lleno de juveniles ánimos, de brío y de energía". E, fazendo retornar o texto ao seu repertório predilecto, afirma que o livro lhe trouxo "una rafaga perfumada con efluvios de las auras de la playa y del *fiuncho* de nuestras huertas. [...] late en él nuestra sangre, enardecida por el tufillo de la lucha; infórmale el amor de la patria, que ha perfumado sus páginas con su hálito de diosa."

Na distância da terra, conclui, "habréme de contentar con el aplaudir al poeta cuya noble lira canta la liberación de los oprimidos y de los pequeños", e "consagra por completo á la patria que inspira sus cantos. Aquella patria que se esconde en las páginas de *Volvoretas*, aquel pedazo de tierra sin par tan lleno de encantos [...]".

Enfim, concedidos os "ardores juveniles", comenta Ribalta:

> "No ha publicado Alberto García Ferreiro otros [versos] que los coleccionados en su livro volvoretas ó por lo menos, no tengo noticia de que haya dado a la luz otra obra poética de importancia [...]. Alberto García Ferreiro ha hecho ya el libro de la Patria: fáltanle el libro de la *Fe* y el libro del *Amor*[116][...] El culto del terreno en que está

---

[115] García Ferreiro vai ser autor discutido no regionalismo precisamente por certa tendência excessivamente irredentista que nele percebem os seus adversários.

[116] *Patria Fides Amor* era umha habitual divisa regionalista.

> edificado su hogar, el culto de las creencias de la religión, porque un hogar sin religión es un hogar maldito, y el culto del amor que embellece lo que la religión santifica, que arraiga lo que aquella establece [...]
>
> La patria, la fe y el amor son las tres cuerdas que los poetas gallegos deben pulsar con santo entusiasmo, para que a sus sones se conmueva todo lo que en nuestros pechos hay de sensible, y para que Galicia vencedora, que hoy por hoy no pasa de ser un sueño, llegue a ser una realidad que llene de legítimo orgullo a los que contribuyen a su realización.
>
> Mientras esta no llega, aplaudamos a los que, como García Ferreiro, la procuran, que al fin y al cabo los que aplaudimos somos los que salimos ganando".

Essa tentativa de "limar arestas" percebe-se bem no comentário que Castro López, amigo de Ferreiro, faz da sua *Leenda de Groria*, canto de tom épico à defesa da Corunha perante o ataque da frota inglesa comandada por Francis Drake, no tom que Ribalta sugeria não prodigar a Ferreiro. Pois bem, esta é a conclusão do crítico: "[...] para finalizar: "recordamos una frase de nuestro distinguido amigo el señor Sánchez Pérez: 'La poesía gallega -dice el notable literato castellano- menos enérgica sin duda que la poesía catalana, es infinitamente más suave que la italiana'"[117].

Este tipo de tendências a que aponta a valorização da crítica, vai continuar durante toda esta época. A raiz orgânico-historicista do movimento regionalista é interessadamente trasladada por muitos autores aos elementos que se consideram mais essencialmente inerentes a ele. Essa raiz vai ficar esvaziada de conteúdos reivindicativos ou de progresso real (em temas e formas), fossilizando-se num repertório restrito e reacionário, que em absoluto vai cobrir todos os registos possíveis dum polissistema; que o coloca numha posição enormemente débil perante o seu referente de oposição.

Boa prova do que vimos dizendo (*auctoritas* de Pardo Bazán incluída) encontramo-la, por exemplo, na produção que aparece em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires. São ilustrativos as observações que ao diretor da publicação merecem algumhas opiniões do fundador de *El Eco*, J. Mª Cao, em 1901[118]. José Mª Cao é criticado por um artigo, que, a propósito dos comentários de Unamuno contra o basco nos Juegos Florales de Bilbao de 1901, publicara em *El Heraldo de España*, da capital argentina; Cao, primeiro diretor de *El Eco*, revelava que com a sua retirada da publicação pretendia afastar-se de toda "influencia colectiva". Mas o que para a caraterização do sistema regionalista nos interessa são os comentários de Cao a esse respeito: Cao "aplaude, al menos, los actos de energía de catalanistas y vascos, para condenar la mansedumbre del gallego "(em que, segundo Castro López, autor da resenha, "no ve en

---

117 *El Eco de Galicia* de Buenos Aires número 31 de 6 de setembro de 1892.

118 *El Eco de Galicia*, número 365 de 10 de dezembro de 1901.

Buenos Aires sino... mozos de cordel"[119]; Cao acusa de conservadores e passadistas os regionalistas; e, segundo o cronista diz:

> "Censura, á continuación, el Sr. Cao, el que los escritores galaicos, por él conceptuados de escritorzuelos, se empeñen en reflejar las costumbres de su región [...] Como si en ello hiciesen otra cosa que seguir esta oportunísima indicación de la señora Pardo Bazán, á quien nuestro distinguido conterráneo no dejará de reconocer autoridad literaria: 'No aconsejo hoy al poeta gallego que sea un ignorante de levita: lo que le pido en que en sus versos parezcan pensados y sentidos por un aldeano; o al menos, que no haya en ellos cosa que contraste ó desafine de chocante modo, ni donde el escritor urbano, que lee periódicos y discute en cafés, asome la punta de la oreja'".

E que essa era a perceção da produção literária regionalista transparenta-o Julio Dávila em 1903[120], em contrarréplica a Aurelio Ribalta; este censurara Dávila por prognosticar o desaparecimento do galego como língua falada, o que para Ribalta significava o desaparecimento da Galiza como povo; Dávila respondia dizendo que isso não tinha porque assim ser e, para dar provas da sua preocupação polo tema (que, aliás, nunca turvaram nela a preeminência para o lado espanhol) indicava algumhas linhas que o sistema devia seguir, entre elas, publicar: "[...] en cada capital de provincia, por lo menos, un periódico en lengua regional, evitando la literatura picaresca, que parece ser la característica de algunos escritores, y la forma llorona y quejumbrosa en que, como dijo el señor Unamuno, cantan otros poetas gallegos"[121].

Enfim, quase quinze anos após a publicação dos textos canonizados de Rosalia de Castro, Curros e Pondal, o sistema não tinha avançado. Mais ainda, parecia retroceder, ancorados os escritores como epígonos daquelas tendências, que eram lidas da maneira mais superficial e esquemática.

E dos novos poetas pouco podia esperar quem desejasse um alargamento sistémico. Um dos que vai alcançar maior prestígio nos anos seguintes, Antonio Noriega Varela, dava a Arturo Sánchez, para *La Idea Moderna*[122] e *El Regional*, as suas ideias, mais bem antigas, sobre o que devia ser a poesia galega. Entre comentários do jornalista, e opiniões do poeta, podemos ver como a produção poética defendida por Noriega condizia perfeitamente com a linha folclorizante e permitia umha receção como a que Pardo Bazán queria para

---

[119] Já na sua breve etapa de diretor de *El Eco de Galicia* José Mª Cao criticava duramente o que entendia como egoísmo e mesquinhez da comunidade galega na Argentina (vid., por exemplo, número 24 de 17 de julho de 1892).

[120] *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, número 430 de 30 setembro 1903.

[121] Como se vê, recorre-se à opinião de dous intelectuais alheios ao sistema; isto mesmo será o constantemente postulado polo regionalismo corunhês, mas a sua orientação vai encontrar enormes diques.

[122] Número 2461, 9 de fevereiro de 1899. Desde anos atrás, Noriega Varela fazia parte do núcleo republicano-federal de matiz regionalista que existia em Mondonhedo... No mesmo dia foi publicado em *El Regional*.

o seu poeta ideal. Sánchez afirma que era o seu objetivo descobrir "el alma" da literatura do poeta, "y al fin lo descubrí aldeano con monteira y zirigolas":

> "He leído en un libro de la Pardo Bazán, y si mal no recuerdo, esa enciclopedia femenina soñó un poeta que olía á tierra y no se erigía en cátedra, cantando la Naturaleza por la naturaleza misma, sin artificios, con a sencillez encantadora de la montaña, sin salirse de ella para nada.
> Ese poeta es Noriega".

Ruralismos à parte, o que não se queria consentir à poesia regionalista era a 'soberba' de querer converter-se num polissistema, alargando o seu repertório, "sentando cátedra".

O repertório de Noriega concretiza-se nas palavras de Sánchez:

> "Sus flores son las chourizmas que no suben á los altares ni las riega nadie y escogieron las montañas.
> Su musa es pastoril y no le gustan los poetas épicos escribiendo en gallego".

Era definitivamente o modelo de poeta perfilado por Pardo Bazán a que aderia Noriega, como antes fizera Lamas, onde era afirmada a lírica costumista perante qualquer outro caminho poético, muito menos o heroico.

Como não podia ser doutra maneira, é na linha ruralizante que encontra Noriega se não os seus modelos, sim os seus referentes: "Sus favoritos son Valentín Lamas Carvajal, Aureliano J. Pereira y Benito Losada[123]. Ama la aldea escondida entre montañas, porque allí se conserva el lenguaje en toda su pureza y á los montañeses está relegado el báculo de la tradición".

Lógicas são também a sua conceção da língua e os seus ataques à *Revista Gallega*:

> "Muchos escritores regionales, á su juicio, usan el gallego sin conocerlo apenas. "Por amor á la tierra-me dijo enseñándome 'La Revista Gallega' de la Coruña-debían mis paisanos fusilar al que suscribe *estos paliques*[124]. [...] No concibe que pueda escribirse el gallego sin frecuentar el trato con los aldeanos [...] Su sueño dorado es 'un-ha casiña entr'us loureiros" desde donde no se oiga la paula ni se vea O cadavál muozo, nombre que dá Noriega á Mondoñedo'".

Por fim, Sánchez resume a poética de Noriega Varela: "La poesía de Noriega es la del pueblo, dulce, sencilla, melancólica, rebosando naturalismo [...]."

As linhas que, entre outros, os poetas citados por Noriega marcam, resumem e explicam em boa medida a trajetória do sistema regionalista, fundamentalmente de caráter lírico. As tradições populares, *per se* (quer dizer-se,

---

123 Não deve resultar estranha a escolha de Noriega. Se, por exemplo, Pereira e Lamas eram ideologicamente bastante opostos, a sua praxe literária encontrava-se nesta tendência, onde o primeiro tinha como modelo o prolífico autor ourensano, e juntamente com ele, Bécquer, Zorrilla, Campoamor, e, no metro, Espronceda e Hugo (Carvalho, 1975: 439-440).

124 Eram os "Paliques" de Chinto e Mingote, espécie de editorial da revista em forma de diálogo entre dous populares.

sem nengum ou com raro aditamento), vão ser umha das constantes normas temáticas do repertório galego. A par delas, então, caminham as tendências folclóricas e ruralizantes. E, no caso concreto de Noriega, um pendor catolicista e tradicionalista evidente. Em termos sistémicos, Noriega é, como bem diz Freixeiro Mato, um poeta em galego, mas não galeguista (Freixeiro Mato, 1992: 101 a 125). A sua linha poética vai ficar confirmada com a publicação de *Montañesas*, que, significativamente, vai acompanhada por um elogioso prólogo de Leopoldo Pedreira Taibo, um dos mais ativos antirregionalistas da época.

Mas, como se vê, a produção literária regionalista apenas encontra na criação poética um certo campo de ação. Relativamente abundante o conto e a narrativa curta (se o compararmos com o romance e em que se destacavam escritores como Pérez Plácer e Álvarez Nóvoa), os romances escritos em galego eram, até 1900, dez, e isto com um conceito generoso, porque, em extensão, várias são na realidade novelas. Carré cita *A Tecedeira de Bonaval*, *Castelo de Pambre* (López Ferreiro), *Cruz de Salgueiro* (Rodríguez López), *Terruño*[125] (Francisco Camba), *A Besta* (Jan de Masma), *Xuana*, *Os fillos da praya* (Amor Meilán[126]), e *Ferruxe* (Aurelio Ribalta), a que podemos acrescentar *Campaña de Caprecórneca*, de Otero Pimentel, publicada em Havana em 1898 e *Majina ou a filla espúrea* que fora publicado em *La Ilustración Gallega y Asturiana*, em 1880[127].

Carré, nos capítulos dedicados à produção não poética (que tem que intitular "De re varia") tentava justificar esta pobreza acudindo entre outras razões a que os gostos do público não demandavam o romance, o que é argumento débil perante os êxitos dos romancistas espanhóis do momento (1902:68):

> "Tal vez radique, el que no se aclimate la prosa, en los tiempos actuales, poco propicios para ella [sic]. La febril atividad de la vida humana hace que no encajen en estos días aquellos novelones inacabables de antaño. La frivolidad característica de la época se refleja en la literatura como en todo. De ahí la predilección por las narraciones cortas y los relatos dosimétricos al uso, que van teniendo la concisión de las notas telegráficas. No se aguanta más".

A precariedade é absoluta. Na *Revista Gallega*, em 1895[128], põe-se em destaque que *A Tecedeira de Bonaval* vai entrar no prelo. E no número 146 do *El Eco de Galicia* bonaerense, de 10 de novembro do mesmo ano, diz-se que "la publicación de este muy voluminoso libro es para la literatura de Galicia

---

125 No número 2858 de 20 de junho de 1900 começou a ser publicada em *La Idea Moderna* esta novela, "historia de amor nun marco costumista" (Carvalho, 1975:507); meses antes, em 24 de abril de 1900, publicara Camba um fragmento, "N'a romaria". Os irmãos Camba iniciaram nesta época, com menos de vinte anos, as suas participações literárias; escreviam novelas, contos, poemas e até comédias, como o fragmento de "Manoel e Carmela", "en preparación" de Julio, que dedica "a meu quirido hirmán Farruco" no número 2.870 de 5 de julho do mesmo ano. Depois, os dous irmãos se instalariam no polissistema espanhol.

126 As obras de Amor Meilán, premiadas em Certames literários, permaneciam inéditas.

127 No tomo II, 1880, números 21-36.

128 Número 9 de 12 de maio de 1895.

uno de los más grandes acontecimientos del siglo XIX"; estamos em 1895!... O anúncio desta obra é um magnífico termómetro sistémico. Não se trata dumha campanha publicitária para vender um *best-seller* dum autor prestigiado, pronto a concorrer polo primeiro lugar no mercado literário galego. O público adquiria de preferência obras de Zorrilla, Campoamor ou Pardo Bazán, por exemplo. Trata-se, como é conhecido, dum dos primeiros romances em galego que se publicam. Antes o sistema contava no seu haver com *Majina*, os textos de López Ferreiro citados e poucos mais. E conhecia algum capítulo de *A Cruz de Salgueiro*, de Rodríguez López, na revista *Galicia* de Martínez Salazar. Sobre esta última obra, que acabará publicada em livro em 1899, comenta Castro López no *El Eco de Galicia* de Buenos Aires[129]: "Rodríguez López emplea, como siempre, no un lenguaje rebuscado, incomprensible, con que otros escritores perjudican inconscientemente á nuestras letras, sino el lenguaje propio del pueblo, que es lo que importa y vale".

Que as recensões tenham como elemento central a questão da língua mostra com que pé entra a literatura regionalista no século XX. A questão da língua (e a defesa do seu uso como apto para qualquer disciplina) vai ser sistematicamente recorrente nesta época.

A Cruz de Salgueiro era, aliás, considerada por Castro López como "la primera de la novelas gallegas". E completava o panorama romancístico regionalista do momento. A não ser que fossem contabilizados os romances de Vicetto em espanhol, ou ainda os da Pardo Bazán, dentro do sistema, como alguns, regionalistas, faziam[130].

Com poucas armas apresentava batalha o romance, rei nesta altura no mercado dos géneros literários europeus. Às pejas que o uso do código e de materiais galegos significavam para o público ao qual se dirigiam (infeliz paradoxo!) o texto de López Ferreiro, inserido na pura tradição romântica do romance histórico, como já sublinhou Carvalho Calero (1975:420), apenas podia aspirar a que sacrificados regionalistas e algum erudito ou curioso o adquirisse, de entre aqueles que não recebiam o livro como oferta: enfim, talvez algumhas dúzias. É longa, mas ilustrativa, a precisão de Mestre Carvalho Calero (1975:420) na análise:

> "[...] compre ter en conta para quén escribía López Ferreiro. En realidade, non o facía pra o grande púbrico. A íste lle non interesaba de ningún xeito por entón o tipo de novela histórica á maneira de Walter Scott, que é a que escribe o noso paisano. Estamos nos tempos de trunfo pleno da novela realista, e inda nos que presencian a

[129] Número 295 de 1 de janeiro de 1900.

[130] Por exemplo *El Eco de Galicia* de Buenos Aires recolhe, no seu número 307 de 1 de maio de 1900 uns "Pensamentos de escritores gallegos", onde aparecem frases de Pedreira e Pardo Bazán, declarados, sobretudo o primeiro, antirregionalistas...

> introducción en España da novela psicolóxica de tipo francés, e mesmo a aparición da Xeneración do 98. A novela histórica, se daquela se leía, era unha novela histórica que presentaba as orixes da España contemporánea. Era a que achamos nos *Episodios Nacionales* de Galdós. Pero López Ferreiro escribe como Navarro Villoslada. I é que non se dirixe ao púbrico en xeral. Escribe pra os amantes do pasado de Galicia. Escribe pra sí mesmo e pra os seus amigos. Escribe pra os galegos afeizoados á arqueoloxía. E pra ístes, aqueles anacos descritivos de moimentos, ou aqueles documentos insertos nas narracións, teñen tanto ou maor interés que os acontecimentos finxidos".

Se este era o leitor postulado pola obra, e pensamos que assim era, mais esperada do momento, o sistema estava num caminho suicida; suicida, e não cremos ser exagero simplista o adjetivo, para ser autónomo e minimamente autossuficiente; apenas vivo como subsistema periférico do polissistema espanhol.

E outras tentativas, como a naturalista de Jan de Masma (Patricio Delgado Luaces), nem continham grandes acertos do ponto de vista do público, nem eram, apesar do seu catolicismo (Carvalho, 1975:454-455), admissíveis nos parâmetros do sistema. Sobre ela diz Carré (1902:69): "censurando á Zola, incurre en un naturalismo más procaz y en incorrecciones de estilo y léxico imperdonables".

Opiniões que Carvalho (1975:454-455) considera injustificadas nesta sátira social prenhada por utopia socialista, que também não obtivo grande êxito.

E ainda em pior estado que o romance se encontrava a dramaturgia, que somava à pobreza de textos, menos ainda que de romances, a impossibilidade da sua representação. A tentativa de dotar o teatro dumha plataforma estável impulsada polo grupo corunhês em 1903, a Escuela Regional de Declamación[131], foi a única proposta prática que na sua vida efémera mostra a realidade dos factos literários regionalistas na Galiza da época, com textos como *Filla...!* de Salinas, em que Carvalho (1975:428) percebe a imitação de modelos de Echegaray.

De resto, os teatros da Galiza, a começar polos Principais da Corunha e Santiago, nutriam polo geral as suas programações das obras que meses antes eram representadas em Madrid, das quais, e a julgarmos polas informações que nos proporcionam as publicações da época, eram as pertencentes a repertórios mais secundarizados (românticos de preferência) as mais habitualmente vulgarizadas[132].

---

[131] Para mais informação a respeito desta iniciativa cultural vid. Pillado, 1990, e Rabunhal, 1994.

[132] Omitimos aqui as referências ao ensaio e à produção humanista ou de estudos sociais; a algum texto nos vamos referir na continuação; de regra, este classe de obras estava escrita em espanhol, mas as que se destacavam na legitimação do sistema, pertenciam a ele em cheio, constituindo, juntamente com algumhas produções líricas, o seu maior fator de expansão. Para evitarmos maiores complicações na caraterização e análise do sistema, também optámos por prescindir dum estudo mais rigoroso da receção de textos galeguistas, que, no entanto, não usavam o galego como material.

Nem a decisão estratégica que, em casos como o galego, os participantes no sistema adotam, no sentido de ocultar as carências e oferecer os triunfos, conseguia camuflar a situação. Desde Buenos Aires, Castro López queixava-se um ano antes[133] da pouca atenção que se prestava na Galiza aos seus escritores: nem dous exemplares vendia a Administração de *El Eco* dos livros que anunciava. Comentava como Alfredo Vicenti, Curros ou Luis Taboada[134] tinham que "abandonar su tierra y consagrarse á asuntos á ella indiferentes".

Talvez o sistema vivesse mesmo tempos melhores anos antes. Curros Enríquez, em 1885, comentava, em carta a António Feijó, não poder enviar para este nengum exemplar de *Aires da Miña Terra*, porque a obra estava esgotada. Resistimo-nos a acreditar nas quantidades que o celanovês dá, mas parece evidente que as vendas do livro seriam algo superiores às das obras cuja saída tanto preocupava o diretor de *El Eco* bonaerense:

> "Mi [sic] pide V. un ejemplar de *Aires*, y yo, que tendría un placer inmenso en remitírselo, me veo imposibilitado de hacerlo, por no tener ni haberme podido hacer con ninguno.
>
> Su petición me puso en un verdadero compromiso. Hace 3 años regalé el mío, ejemplar de autor, á una señora que no lo encontraba en ninguna librería de Galicia, y á Galicia he escrito ahora para proporcionarme uno. No los hay, ni en Madrid tampoco, por más que revolví hasta en las librerías de viejo. 12000 ejemplares de las ediciones españolas desaparecieron como si los hubiera tragado la tierra. Si los 8000 de la edición furtiva de Buenos Aires, que en punto á robos es peor que el Brasil, tuvieron la misma suerte, á estas horas debo ser casi, casi una celebridad europea -lo cual no impide que carezca del único título capaz de convencerme, y de convencer á los que dudasen, de esa misma celebridad"[135].

20.000 exemplares *vendidos*! Que extraordinária miragem podia supor o dado, se conhecido fossse, a respeito do sistema galeguista para quem não conhecesse como as cousas eram realmente. Anos mais tarde, em 1888, escreve para Martínez Salazar, o seu editor de *O Divino Sainete*, a dizer-lhe que os 700 exemplares de tiragem que aquele propunha (Casares, 1980: 47) "lo juzgo una mezquindad. En Buenos Aires despacha 1.000 y otros tantos en La Habana. El precio también me parece barato: dos pesetas ejemplar deshonran ese poema", apostila Casares: "o caso é que días despóis, Curros recibíu a respetable suma de duascentas vintecinco pesetas, que era a cantidade que el decía necesitar". A referida carta de Curros informa de algum aspeto da sua biografia interessante; diz a seguir: "Por fortuna, ni V. ni yo perdemos nada con eso. Mal hayan esos *Aires* y la hora en que los publiqué! Ellos me desterraron para

---

133 No número 52 de *El Eco de Galicia*, 30 março de 1893. Um ano depois, no número 110, é reiterada a mesma queixa.

134 Note-se: dous escritores em língua espanhola e para o mercado espanhol, e um bilingue, máximo símbolo vivo do sistema regionalista.

135 Cartas, IX: 188.

siempre de Galicia y me hicieron perder, para siempre también, el cariño de mi padre y el amor de mi familia".

Triste realidade, sem dúvida, para o progresso do sistema regionalista aquelas "cousas realmente"; mas o problema, estava também, e por vezes sobretudo, *em casa*. Porque o repertório era não já secundarizado, mas absolutamente conservador em termos literários. Castro López acrescenta, logo a seguir das palavras transcritas, que os leitores "abundan solamente para pornográficas novelas de la sensualista Francia". E é que a França, e em geral tudo o que lembrar a modernismo, vai aparecer em muitas ocasiões como maior perigo para o bom funcionamento do sistema que o polissistema espanhol. Literariamente, os escritores de além dos Pirinéus são o potencial referente de oposição.

IV.1.8. As atitudes e reações do sistema perante as novas correntes literárias europeias. A evidência do conservadorismo

Quando assistimos à apreciação que das estéticas alheias fazem os críticos dum dado sistema, o primeiro que recoletamos são, indubitavelmente, as impressões que eles têm sobre o que esse sistema deva ser. Num contexto como o galego, em que o crítico costuma ser o mesmo que produz textos literários, o resultado dumha aproximação dos textos doutrinais proporciona ainda maiores possibilidades de êxito na valorização do repertório postulado e das bases em que é sustentado.

IV.1.8.1. O Naturalismo

Com um repertório como o que muitos regionalistas galegos defendiam, mesmo aqueles elementos mais *aberturistas* do sistema, os movimentos literários que estavam na moda à sua volta não podiam penetrar com comodidade na literatura regionalista. Com certeza, era isto prova dumha dinâmica particular do sistema. Mas mui perniciosa para a sua sobrevivência, de vários pontos de vista. Não aparecendo nengumha vanguarda literária galega (apenas as tentativas do grupo corunhês, García Ferreiro e algum outro) a combater essas presumíveis más influências, não podia ser competitivo. E não por rejeitar naturalismos ou simbolismos conseguia adeptos n@s leitor@s a quem se dirigia; estes tinham a possibilidade, crescente, de se informar e desfrutar das novidades editoriais que as traduções em espanhol, ou a produção nessa língua ofereciam das novas estéticas. Mais ainda, quantas mais vozes se ouvem, no comum do Estado Espanhol, denunciando a para elas perversa tendência de imitação da França e os seus muitas vezes anticatólicos produtos, mais parece que se firmam as correntes literárias combatidas. E não é fruto a nossa análise dum entendimento não autocentrado da vida literária galeguista de há um século. Precisamente por quererem alguns que fosse o sistema regionalista tão pretensamente autónomo, contribuírom para que este não progredisse

realmente por muito tempo. Essa autonomia, falsa, reduzia-se a postular umha essencialidade galaica que o subordinava ao polissistema espanhol. O sistema ocupava-se com os seus materiais "regionais", que não concorriam com os espanhóis, em que todas as estéticas acabavam por ser possíveis.

Em concreto, o movimento naturalista vai ser impugnado por grosseiro e rude, para além de estrangeiro, e como precisamente antinatural para o que se entendia devia ser o caráter do sistema.

Já vimos a opinião de Carré sobre Jan de Masma. E há casos tão reveladores como admiráveis. Por exemplo em 1890 A.M. (Amador Montenegro) refutando umhas acusações aparecidas numha publicação madrilena sobre o facto de ser o surto das literaturas regionalistas "responsabre d'a postración en que xeme a literatura de Castela", comenta que mais razão teriam para a queixa aquelas, e não por sentir-se opressas polo polissistema espanhol, mas "ô ver como as tendenceas e camiños estraviados d'os literatos castelaos, ingruindo mais d'o necesario e conveniente n-as nacentes literaturas rexionales, foi causa quizaves de qu'algunha d'estas, a gallega sin ir mais lonxe, sofrise un apartamento n-o seu camiño, unha parada n-o seu verdadeiro porgreso"[136].

Não se articula a defesa perante a *aldraxe* madrilena sobre a base do direito a existir dessas literaturas censuradas. Nem se aproveita o possível temor causado em elementos do polissistema espanhol para orgulhar-se dos próprios progressos literários. Há, polo contrário, um sentimento de que as literaturas regionalistas vão contribuir, contribuem de facto, à regeneração sistémica espanhola; algo que intelectuais espanhóis como Unamuno vão defender anos mais tarde. Como mais puras e *essenciais*, alheias a perniciosas transferências, nelas assenta a possibilidade de revivescer "a *postración* en que xeme a literatura de Castela". Esta, transferindo os modelos franceses, *contaminou* os regionais. Fala Montenegro particularmente do Naturalismo, sem citá-lo:

> "Alá, n'o outro lado d'os Pirineos, unhos homes pouco escrupulosos de concencea e antepoñend'o seu ben estar d'o día à gloria videira, ouservaron n-a sociedá en que viven certos xérmes de podredume e descomposición y-en vez de atalla-los, descorriron o modo de darlles de comer pra que medrasen e s'estendesen, pra mal de todo e ben soilo d'o seu peto. Non outro é, ô noso parecer, o orixen d'esa escola que, traguida logo á España, veu á prestarll'a literatura castillana un brilo d'o momento, que como falso, ha concruir ô fin por fundir o manífico adificeo levantado con tantos traballos, durante tantos anos, ou sigros, millor dito. Y-esa escola, que n-a novela fai sair obras, cuio soilo nome é un escándalo, e fai levar ô treato os laudes ô e âs mais lixosas pasios ¿foi traguida, apareceu ô calor e protexida pol o rexionalismo? Non certamente, e s'esquirtores rexionalistas se deixaron arrastrar d'ela, dende logo os acusamos de sel-a causa, pirmeiro d'o atraso d'a literatura que cultivan e dempois d'a sua morte quizaves".

---

[136] *A Monteira,* número 8 de 23 novembro 1889.

Em contexto como este, os comentários de Montenegro Saavedra acabam, como é de esperar, num canto à fraternidade das diferentes literaturas espanholas.

Das poucas vezes em que nas revistas galegas se fala de naturalismo (o que já é todo um sintoma), a que mais espaço dedica a esta corrente literária é a *Revista gallega*. Nela, com maior capacidade de abertura, e passados já alguns anos dos comentários que líamos, percebe-se um evidente distanciamento ético e estético do movimento, mas também umha progressiva aceitação deste como facto consumado. Acabava o século quando Luis Rodríguez Seoane emitia desde as páginas dessa *Revista Gallega*[137] a sua opinião sobre o naturalismo, com um artigo intitulado "La escuela naturalista y los que la siguen en Galicia".

Para ele "la nueva escuela", como a denomina, deve filiar-se às ideias aristotélicas, que, juntamente com as suas opostas platónicas, presidem à vida literária desde os seus inícios; Rodríguez Seoane, de resto, fala desde o polissistema espanhol: "muchas obras del siglo de oro de nuestra literatura, y de las literaturas extranjeras y de las literaturas extranjeras son en su fondo realistas."

Depois de assinalar Zola e Daudet como os seus principais representantes, comenta ser os seus objetivos "apartar por completo de la novela ó de la obra de Arte la idealidad y a fantasía, reduciéndolas a ser copias de la naturaleza", a "ser un proceso verbal sin finalidad artística segundo Zola".

Para o caso galego, indica que seguem esta escola dous escritores em língua espanhola, Pardo Bazán e Luis Taboada:

> "[...] en Galicia siguen su rumbo Pardo Bazán que [com mais acertos que "extravíos y caídas"], ha conseguido dominar las dificultades de la forma, es estilista, por más que se echan de menos en sus obras el sentimiento, la delicadeza y la dulzura que ya que en su condición de mujer no hubieran podido anidarse en las intimidades de su alma, debieran haber bastado para infundirle estas cualidades las virginales y puras emanaciones de la tierra natal.
>
> Luis Taboada sabe hallar como pocos escritores festivos la nota cómica en sus artículos [embora "su fecundidad"] le obligue à abusar de las incongruencias y los despropósitos, con los cuales se corre el riesgo, cuando forman el macizo de la labor literaria, de caer en la trivialidad".

Sem querer Seoane entrar em valorizações estéticas (afirma que sobre a beleza não se pode legislar), das suas palavras depreende-se umha certa crítica ao naturalismo; de facto, comenta sobre a Bazán: "Por lo demás, y fuera del aspeto naturalista de la eximia noveladora, hay que confesar que la señora Pardo Bazán ha enriquecido nuestra moderna literatura con obras magistrales de crítica y de historia".

---

[137] É publicado no número 243 de 5 de novembro de 1899, e reproduzido em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires a 10 julio 1900.

E conclui afirmando que o materialismo conhecerá cedo umha reação antimaterialista.

No número 349 da *Revista Gallega*, assinado por S. (Galo Salinas) aparece sob o rótulo de "Crítica Literaria" umha resenha da tradução para o espanhol dum romance "do galano escritor francés Catulo Mendes", polo Centro Editorial que em Madrid dirigia Antonio R. López, dividido em três partes e que, em espanhol, levam os títulos *La señorita de oro*, *La virtud en la deshonra* y *La pequeña emperatriz*. Para além das considerações sobre o escritor, que noutra parte julgamos, interessa-nos recolher aqui as opiniões que da resenha se deduzem a respeito do naturalismo, por escrito do diretor da mais importante publicação regionalista da época.

A admiração polo escritor francês combina-se, em atitude quase 'funambulista', como o rejeitamento que em Galo produz o naturalismo. O naturalismo, todavia, e estamos em 1902, acaba por ser aceite.

Mas não por todos os setores. É o caso por exemplo de *La Galerna*, semanário ourensano de que apenas conhecemos o número 3 (e talvez último) publicado em 2 de setembro de 1900; suficiente, pensamos, para conhecer os seus posicionamentos ético-estéticos. Da sua índole catolicista informa já o facto de acompanharem o cabeçalho da publicação citações do Papa Leão XIII. Dirigido por Silvio Alba Reza [Basilio Álvarez?], nesse número aparece um seu artigo, com motivo do cinquentenário da morte do autor francês, não para elogiá-lo, mas para criticá-lo duramente. No mesmo texto também é combatida a escola naturalista, citando-se "Enri y Paul d'u Kok, Goncourt, Daudet, Zola y tantos otros". Não param aqui as críticas. Porque a causa imediata de tanto combate não é, na realidade, umha atenção à corrente literária, nem a comemorações de aniversários, mas a que julgam traição doutra publicação ourensana, por ter colocado Balzac "en el pináculo de la gloria, en el artículo de fondo que vió la luz pública en *El Eco de Orense*, el pasado jueves". Tal facto não conseguem explicá-lo em publicação que tinha feito campanhas "tan brillantes y tan próximas en defensa de la religión y de la moral". Exigem portanto a retificação do jornal dirigido por Lamas Carvajal e censuram-no vivamente por ser publicação sustentada por católicos.

E, digamos de passagem, que, se *El Eco* de Carvajal era assim censurado, não se vai safar obviamente da crítica *El Miño* de García Ferreiro, rival do primeiro e nos antípodas do posicionamento de *La Galerna*.

As oito páginas do semanário, que parece quase inteiramente redigido polo seu diretor, completam-se, entre outros textos, com um dirigido contra o protestantismo, e com um poema "Las golondrinas", assinado por Nemo, de evidente dívida becqueriana, combinada aqui com a apologia do catolicismo. O anúncio dum concurso de prosa sobre umha tradição ourensana fecha o número.

Com relação à presença da produção literária dos *noventayochistas* espanhóis esta é bastante escassa. Para além de algum texto de Unamuno, os escritores desse movimento generacional (se exceptuarmos o caso de Valle Inclán) vão aparecer fundamentalmente na década de dez e seguintes nas publicações galegas. E das poucas referências que temos, umha, na *Revista Gallega*, informa-nos que, polo menos no caso de Azorín, não eram mui apreciados. A breve nota, que transcrevemos na continuação, também não coloca em bom lugar o Pérez Galdós de *Electra*, peça a que se alude sem citá-la, e cuja estreia provocara sérios conflitos nas ruas. O texto, "Los intelectuales"[138], reflete a crescente influência que começam a exercer na vida política espanhola estes regeneracionistas, e o posicionamento ideológico do semanário corunhês:

> "Los intelectuales cortesanos -en provincias ya hemos convenido en que no hay mentalidad-han protestado de que los liberales hubieran obtenido el Poder, y para protestar se constituyeron en apostolado é hicieron á Galdós Cristo.
>
> Y vemos al pulquérrimo Galdós que en sus comedias, de tan discutible mérito, democratiza á los aristócratas para aristocratizar la democracia, y sueña con 'mundos nuevos que llegan' para nivelar clases y ahuyentar privilegios, ser el primero en combatir á los liberales y firmar una carta cursi, azorinesca, llena de lugares comunes, resucitando putrefactos cadáveres y revolviendo inmundicias para amontonar cargos inmerecidos contra un hombre que más se honró al firmar el tratado de París, cuando mayores fueron sus sacrificios y patriotismo al hacerlo, para echar un velo sobre las vergüenzas de una guerra á la que nos llevaron las codicias de los que despotricaban en los grandes rotativos".

Mas, pouco mais. O romance galego que, em ocasiões tomava algumha das "escabrosidades" que se denunciavam, ia, na sua precariedade, por outros rumos; quantitativamente irrelevante, eram os seus materiais polo comum mais próprios da romance histórico romântico, ou então enveredava polo folhetinesco realista, com forte componente ruralista, não necessariamente reivindicadora.

IV.1.8.2. Modernismo

Assim como em ocasiões se fazia de realismo e naturalismo conceitos quase sinónimos, da mesma maneira acontecia com os termos *decadentismo* e *modernismo*. O primeiro, de cunho francês, expressava mais do que umha literatura

---

[138] Número 537 de 1 de julho de 1905. O texto é sem dúvida resposta ao manifesto que Galdós publica no primeiro número de *La República* de las letras em 6 de maio do mesmo ano, a que precederam "otras declaraciones o manifiestos colectivos", "síntoma de que por lo menos parte de los itelectuales desea reivindicar su función social [...]" (cfr. Botrel e Desvois, 1994:49).

umha atitude, que dava como resultado umha literatura com que vinha empatar o modernismo hispano-americano e espanhol.

O rejeitamento generalizado na literatura regionalista galega do modernismo espanhol e hispano-americano obedecia a razões de índole diversa. Em ocasiões eram motivos ideológicos, e ainda religiosos, os que moviam o ánimo crítico de alguns galeguistas com relação à nova estética, como acontecera (e ainda acontecia) com o naturalismo. Noutras, era a conceção da função da literatura o que provocava a repulsa dos novos modelos triunfantes na vida literária espanhola.

É este último o caso de García Ferreiro, em quem a estética modernista espanhola não era objeto de desqualificações lineares e apriorísticas, fruto de mente conservadora.

Por ocasião da sua morte, em 1902, *El Eco de Galicia* argentino dedica ao autor de *Leenda de Groria* umha sentida homenagem, em que se incluem textos sobre o escritor e a sua obra, juntamente com algumhas reflexões literárias de quem, em opinião do semanário, já tinha morrido há anos para a poesia, tópico e verdadeiro comentário a respeito de García Ferreiro, quem, com efeito, nos últimos anos da sua vida abandonara quase totalmente a atividade literária. A sua retirada fora determinada polas hostis reações que a sua beligerante obra provocara nos conservadores meios galegos. *El Eco* (quer dizer-se, sem dúvida, Castro López) comentava assim essa realidade: "[...] habíanle matado las envenenadas flechas de la maldad, la burlona sonrisa de la ignorancia, y la general indiferencia"[139].

Nesse número de louvor em honra do poeta morto, é inserido um texto de Ferreiro, "Lo que debe ser la poesía", em que o autor verte as suas opiniões sobre a função social da poesia, e, em particular, alude às modernas correntes literárias, criticando-lhes "esa hojarasca poética de factura sevillana"; porque, para ele, "el poeta de hoy no basta que trine como ruiseñor arpado"; frente a essa tendência, "en ese febril y diabólico tráfago de la vida moderna", só "hemos de pararnos a oirle", "cuando sacuda nuestras almas con terribles acentos de combate".

Era então umha poesia "con acentos de combate" a que postulava, e praticava, o poeta ourensano; e era a poética representada no panorama espanhol por Salvador Rueda, entre outros, a que censurava García Ferreiro.

Fica, pois, patenteada a perspetiva dum dos escritores mais *ruturistas* do sistema regionalista, que frisava a necessidade dumha produção literária, fortemente pragmatizada, colocada ao serviço da causa galeguista, rompendo também, e como consequência, com a criação poética que se obstinava no pendor ruralista e folclórico, comum na sua época.

---

[139] No número 375 de 20 de março de 1902.

As opiniões de Ferreiro, frente ao que por vezes se pensa dos escritores regionalistas, estão sustentadas no conhecimento da nova poética modernista, e não na sua desvalorização epitelial. Esse conhecimento permite ao agora crítico valorizar a direção com que a produção hispano-americana aparecia, percebendo nela um carimbo de originalidade e autenticidade de que julgava desprovida a literatura modernista espanhola do momento; notava Ferreiro na escola de Rubén Darío qualquer cousa de novo e rebelde, valorização singular nos meios regionalistas de começos de século:

> "Algo se ha dicho que pudiera aplicarse á los poetas americanos, pero, al menos, en la forma privativa de éstos, hay nerviosidad, tensión, fluido magnético, un no sé qué vibrante y ágil, algo como desespero de entusiasmo ó distensión convulsiva de las pasiones, ejemplo de ello, la *Oda al Niágara*, de Heredia; mientras que en la vana urdimbre de la poesía andaluza á la manera de Reina, Rueda y otros, á más de faltar la idea, falta el calor, el brío, la audacia, de tal suerte, que el colorido es ocre, la luz llama de petróleo, esencia de llanh-llanh el aroma, y tecleo insoportable la armonía, al revés de la poesía verdadera, de la que inflama y estremece, que roba el color al frio y el reflejo al rayo.
>
> [...] Quien quiera ser oído baje á la arena y no se pose más ó menos gentilmente en el árbol de la umbría. Tal pienso que debe ser la lírica moderna".

Pensamento coerente em Ferreiro, que informa bem sobre o repertório postulado polo autor, e que o levou à transferência poética de autores portugueses como Guerra Junqueiro.

Mas não era o ourensano representante da opinião comum no sistema sobre o modernismo espanhol e hispano-americano. Acompanhando as publicações galegas da época, podemos perceber como caraterística denominadora de muitas delas a sua irónica crítica, quando não o silêncio, mais eloquente ainda. Outras, porém, acolhem textos poéticos da nova estética; mas, e não por acaso, desde umha instalação regionalista. São as revistas que se inserem como periféricas do polissistema espanhol, émulas do acontecer literário na imprensa madrilena, fundamentalmente, como podemos deduzir das páginas antes dedicadas à presença de autores espanhóis nas publicações da Galiza da época. A censura aos materiais poéticos do modernismo espanhol (que se mistura habitualmente com as correntes francesas *fin-de-siècle*, reúne diferentes sensibilidades dentro do regionalismo, que percebem como vácua e artificiosa, ou então escandalosa, umha literatura que se situava nos antípodas dos repertórios postulados por uns e por outros, e que, sobretudo na sua opacidade, dificilmente podia ser assimilada na intensa (e sentida como necessária) pragmatização da produção e da receção literária galeguista. De entre eles, a *Revista Gallega* vai ocupar lugar destacado na censura.

O que podemos denominar ofensiva antimodernista da *Revista Gallega* processa-se em 1905, e tem no pseudónimo de Galo Salinas, Orsino, crítico porta-voz oficioso da publicação, o seu principal ariete. Provam estas críticas

a falsidade do habitual comentário sobre o atraso da literatura galega. Não mais que qualquer outra do seu redor, não foi a ignorância, mas a oposição aos novos sistemas a caraterística marcante do sistema, neste caso regionalista. O que os grupos dirigentes fizerom foi normalmente impedir que entrassem determinadas estéticas a fazer parte do sistema; e elas nele estavam, mas não como produção e menos como modelo produtivo; situavam-se na periferia, no marginal das leituras canonizadas da época, à espera de melhores tempos para avançar para o centro.

Já em 1903 e com motivo dum saúdo de louvor a Lago González, a redação da revista punha em destaque o sacerdote galeguista, num país

> "onde se louba todo o alleo (...); aquí, en fin, onde a cultura intelectual, nos tempos que camiñan, vai tan en baixa por mor, xa nón dos nosos gobernos encargados de fomental-a, se non pol-a preguiza dos propios naturás que precuran abranguer esa enseñanza *modernista*, cal é á da bicicleta, a da esgrima, a da tauromaquia e outras somellantes distraiciós, que atrofian o célebre d'unha xuventu, para trocala no porvir n-un falansterio de lacazás e de iñorantes: consólanos vere a homes como Lago González, seprárense d'esos lamentabres derroteiros, e seguil-o rumbo da virtude, do talento e do saber, sacrificando a sua intelixencia en aras da patria".

Modernista, assim em itálico, era portanto tudo o que era novo, que não agradava a umha mentalidade conservadora como a de alguns regionalistas da Corunha, por mui liberais que se proclamassem, aproveitando, de passagem, para cravar o aguilhão no pensamento de Fourier. Em geral, *modernismo* era sinónimo do "novo e importado", do decadente com raiz parisina e da vacuidade que se via nos novos poetas hispano-americanos, com Rubén Darío à cabeça. Assim no-lo lembra Hans Hinterhäuser no seu "Fin de Siglo y modernismo"(1994:77,80):

> "Como es sabido, en las últimas décadas del siglo XIX París era el foco de irradiación cultural en Europa: de allí partían los grandes movimientos literarios y artísticos: el Naturalismo, el Simbolismo o el Impresionismo (...), el *fin de siècle*, com acento em fin (..) A esses vocábulos 'transpirenaicos' ["fim de século" e decadência, complementares entre si) "opuso el ámbito de habla hispana a partir de los años noventa una expresión de cuño propio, una palabra mágica fruto de la propia cosecha: *Modernismo*".

A opinião sobre o decadentismo suscitava umha das raras unanimidades do regionalismo galego[140]. Numa crónica assinada em 1902 em Havana, Curros Enríquez vai louvar o livro do também emigrado em Cuba Armada Teixeiro, que levava o significativo título de *Caldo de Grelos*, precisamente por não estar "contaminado" polas correntes literárias francesas. Curros, quem qualifica Añón como "el Velázquez de la poesía gallega", pensa que o precursor é ainda

[140] O que não quer dizer que algum autor galeguista não utilizasse algumha das suas normas, nesta época, ou em momentos posteriores da sua produção. Rivera Cascudo (1991: 373-377) assinala esta caraterística na poética de Lugris.

"menos fiel á la realidad que Armada en estas poesías", que nos ilustra do tipo de estética procurada. E, sobre o *decandentismo*, num comentário que nos informa sobre um dos repertórios canónicos do sistema regionalista, diz:

> "Tampoco se ha contaminado Armada y este es quizá su mayor mérito[141], con el decadentismo transpirenaico, que comenzó á adquirir carta de naturaleza en Galicia[142], y en Cuba hace en la actualidad verdaderos desastres. Esa escuela monárquica y neocatólica[143], para la cual no producen los jardines más que flores de lis, para la cual todas las mujeres son princesas, liturgias todas las pasiones y símbolos todas las ideas, nada tiene que ver con la escuela de la democracia y de la libertad, en que militaron Aguirre, Añón y Camino, única que ha sabido interpretar las ansias de nuestro pueblo, calmar sus dolores y hablarle el lenguaje de la reivindicación y de la esperanza en sus futuros destinos".

As opiniões de Curros coincidiam então com as de García Ferreiro.

Mas a ofensiva, dizíamos, lança-se em 1905. Como preâmbulo, um outro exemplo da equivalência entre moderno e modernista aparece no número 538: com o rótulo "En pro de las letras" combatem o sistema modernista da imprensa madrilena de não emitir juízos sobre os livros que se enviam à redação.

De regra, as críticas ao modernismo são feitas sob um ponto de vista irónico e superiorista, de quem, entrincheirado, despreza o novo por sê-lo. Não cremos ver apenas nesta classe de censura umha expressão da dinâmica particular do sistema regionalista, se por ele se entende a exploração doutras vias de inovação sistémica. O que nos parece existir é umha forte dose de conservantismo, que se opõe ao novo, em especial se importado da América; mais ainda: em ocasiões como estas, os críticos regionalistas vestem as suas melhores galas de filiação sistémica no espanhol.

A censura centra-se agora na criação literária de Rubén Darío e escola (pondo de parte o resto do que puder significar o Modernismo):

> "Á perros estoy dado con las eyaculaciones -no tomarlo en mala acepción- de esa pléyade de poetas á la moderna que, trova luciente, nos espetan uno y otro día ó una noche y otra, renglones cortos, largos, cojos, raros y estrambóticos, de una libertad libertina y más libre que el liberalismo condenado por la ñoña y arcáica ortodoxia".

A ira do comentarista sobe o tom quando se enfrenta a algumha poesia "firmada por algún neurasténico de *ultra* o *intra-tumba*", e "poco falta para

---

141 Se tinha que sublinhar por oposição os méritos de Armada, era talvez sinal de que não encontrava muitos mais... Por outro lado é notória a pragmatização a que está submetida a produção literária regionalista; omitimos aqui os comentários linguísticos de Curros nesta mesma crónica, porque a eles nos vamos referir na continuação.

142 Está a referir-se Curros a algum poeta da escola corunhesa?

143 Embora com ótica absolutamente contrária, estes comentários são coincidentes com os que sobre Baudelaire vai realizar em 1914 Pardo Bazán. Vid. Figueroa (1995b: "Texto extranjero e lectura").

que espumarajos sanguinolentos asomen por mis labios como iniciación de esa dolencia caraterística de la familia canina".

O desprezo não se verifica então por ser poesia cosmopolita e atentatória contra a descentralização; essa descentralização é esquecida para manifestar a mais viva adesão ao polissistema espanhol vigente na sua secundarização, assumindo como clássicos e tradicionais o mais graúdo da literatura espanhola:

> "Bien sé que ustedes dirán que no escriben para las vulgaridades sino para los intelectuales; que sus trabajos no son de sentimiento sino de ciencia; que detestan lo rutinario y aspiran á lo excéntrico... bien, háganlo ustedes; pero háganlo y remítanlo allá, á aquellos países que no cuentan en su historia literaria con Cervantes, Calderones, Quintanas, Argensolas, Zorrillas, Campomanes, Espronceda, Tirsos y otro centenar de soles de nuestra poética".

Antes destas apreciações, conclusivas da sua exposição, quem se oculta sob o pesudónimo de *Gesaleico*, rei visigodo do século VI, comenta alguns dos poetas que aparecem nos jornais de Madrid nesses dias. Assim, no *Heraldo*, aparece umha *Salutación del optimista* "que suscribe el poeta argentino [sic: o regionalista não parecia importar-se agora com distinguir Nicarágua do importante enclave migratório galego que era a Argentina] Rubén Darío". Nele critica os seus metros e rimas, e particularmente as metáforas, algumhas como estas: "cabezas que decora la alta Minerva; pálidas indolencias; zodíacos funestos, orgullo inmarchito el surco prístino", censura que dificilmente podia pressagiar inovadores como Correa Calderón no sistema.

Em *El Imparcial*, lê outra "elucubración pseudo poética" de Santos Chocano, intitulada "En el Museo del Prado". O crítico cede em rima e metro, mas não "en frasecillas como estas", de que selecionamos algumhas: "guerreros sentados en lustruosos corceles, raros espejos conscientes, la América al golpe de sus callos, arco iris hecho de lágrimas y flores". Gesaélico não parece entusiasmar-se nem com referências à claridade que ele reclama, como a dos calos de América, tão comum às circunstâncias da sua terra.

A crítica ao modernismo deixa, no entanto, certa via de salvação para algum dos seus praticantes. Talvez a amizade que elementos como Francisco Tettamancy, de resto quiçá um dos mais conservadores do grupo corunhês, com algum escritor da nova escola (Salvador Rueda mui particularmente, e a quem como "meu amigo e ilustre poeta" na página seguinte dedica, como antes referimos, a sua tradução dum fragmento do *Livro dos Cantares*, de Heine[144]), pudesse contribuir a matizes como este sobre essa "veintena de intelectuales desiquilibrados":

---

[144] Número 62 (de 6 de maio de 1906) de *Coruña Moderna*. Tettamancy tem aliás umha forte presença nesta publicação, a que talvez se acolheu com intensidade após a saída do grupo corunhês da *Revista Gallega*, que aproveita para dedicar alguns poemas a amigos, como, no número 57 "Noite oriental", "sobre amor de cativos", "pra o meu gran amigo e ilustre literato

> "[...] si bien algunos tienen con fundamento conquistado el título de buenos poetas, dados a modernizarse caen en dislocaciones retóricas, extravagancias mentales y descoyuntaciones gramaticales que ni el mismísimo Luzbel los entiende con estar tan descoyuntado, ser tan extravagante y aparecer tan dislocado.
>
> Escriban ustedes para que se les entienda", [admoesta o crítico] "[..] déjense de imitar esos retorcimientos de vid americana carentes de esbeltez y galanura, sin tonos que suavicen la viva arista de la línea hiriente y antiestética".

O artigo conclui dando vez à sátira que Orsino dedica ao modernismo: "Miren ustedes que si á este paso siguen, se exponen á que viles imitadores les tomen por mingo ó de pito de sereno y les endilguen ó espeten poesías estéticas, como la que más abajo nuestro compañero Orsino les dedica".

E, com efeito e a seguir, Orsino dedica *A los poetas modernistas, como prueba de admirante deleitación* o poema "Más...más...más...!".

A sátira antimodernista de Orsino começa por situar no primeiro verso umha palavra emblemática da obra de Darío: "Ubérrimos...!". A partir daí repetem-se em cada estrofe (cada vez de maior número de versos) três vezes umha dada palavra, alternando os metros de arte maior e menor; na composição *soles* rima com *bemoles*, *púdica* com (*fiebre*) *palúdica*... e acaba: "y en tanto al bardo que en Oriente asoma/con su lira, lira, lira, /una voz con chirrido de carcoma/le repite con ira,/conteniendo la musa que lo inspira: /-!Mala centella te coma...!.".

A partir deste momento, abre-se umha breve seção na revista intitulada "Modernismo literario". Nela, Orsino vai ridiculizar, na prática, o moderno modelo, mostrando a sua pretensa vacuidade, ininteligibilidade e a facilidade com que poderia ser reproduzido.

No número 540[145] publica "La tragedia del mariscal (historieta lacónica), dedicada al Sr. D. Ricardo Seijo y Pita, purista, amador de la literatura modernista, amigo, dueño y señor nuestro". A crítica sustenta-se numha composição que tem como personagens, não nobres e militares, mas mariscos, utilizando toda o presumível palavreado modernista. No número a seguir é a vez de "La muerte de Filia (oda romántico elegíaca)", esta vez dedicada "al Sr, D. Francisco Ponte y Blanco, estilista, amador de la poética modernista, amigo, dueño y señor nuestro"; o número 543[146] oferece "La cascada biliosa (novela sucinta) A Bernardo Bermúdez Jambrina, actor y poeta modernista, todo en una pieza de plata de ley".

Laurent de Rillé", músico enormemente prezado polo grupo corunhês com quem mantinham amizade desde muito tempo atrás.

145 De 22 de julho de 1905.

146 De 12 de agosto de 1895.

Desconhecemos os gostos literários na altura das pessoas indicadas (entre as quais figura o futuro presidente da Real Academia Gallega, Ponte y Blanco), mas dá a impressão de que o modernismo de raiz hispano-americana começava a calhar, ou, polo menos, era vivido como um perigo iminente. Neste sentido, e da mesma maneira que anos antes Galo Salinas não gostava do naturalismo mas aceitava-o como umha espécie de *si(g)no dos tempos*, agora um dos destinatários das composições, Bermúdez Jambrina, escreve a seguir sobre a obra a ele dirigida por Orsino, o poema "Modernismo", em que, após um tratamento irónico, vaticina nos últimos versos: "Sigamos la corriente tengamos puro cinismo/y aunque lo aborrezcamos que venga el cataclismo/ que ya estoy contagiado de insulso modernismo".

E assim foi, *Vae victis!* Por exemplo, e no mesmo número, Antón Villar Ponte, o futuro líder nacionalista, insere o poema "A un clavel rojo", onde utiliza palavras que começavam a ser emblemáticas da nova estética, "Simulas flor hechicera/ un cáliz esmeraldino". De todo o caminho que ao sistema restava por percorrer, dão conta, para além do uso linguístico, os versos iniciais: "Bella, aromática flor /tan netamente española". Dous números adiante, no 545 de 26 de agosto, era comentada a peça do mesmo autor, *A pátrea d'un labrego*, de claro sabor naturalista.

O que denominamos "ofensiva antimodernista" ainda vai ter um epígono na *Revista Gallega* por via de Emilio Pereiro, quem dedica ao diretor "Galo Salinas, poeta antiguo, medio, moderno y... modernista" um rípio no mais puro estilo de Campoamor crítico com o modernismo desde o próprio título, "Modernisterías"[147].

O modelo romântico deste escritor, em espanhol, fica testemunhado números adiante, no 554[148], com o seu poema "Muertos del mar", em que expressamente utiliza versos de Gustavo Adolfo Bécquer.

O gosto estético, então, deste setor regionalista parece perfilado. Para o corroborar e resumir podemos atender à recensão que Galo Salinas (esquecendo o sistema modernista) faz do livro *Edad Dorada* que o seu autor Mariano Miguel del Val lhe envia, e a quem qualifica como "alma seca y entera, no contaminada por las hediondeces que son el bagaje de la mísera humanidad" (alusão, sem dúvida, ao naturalismo). Salinas acode para justificar o seu elogio do livro às autoridades *externas*, algumha de origem galega ("además conmigo concuerdan Alfredo Vicenti, Unamuno, Fernández Shaw, Villegas, Sandoval..."), e publica um poema de del Val dedicado a Juan Valera; quiçá as velhas hostilidades do autor de *Pepita Jiménez* estavam esquecidas.

---

147 Número 548 de 16 de setembro de 1905.

148 De 28 de outubro de 1905.

Não apenas desde a *Revista Gallega* combateram certos regionalistas o modernismo, besta infernal sem dúvida para algum deles. Dedicado a José Posse Villelga, publica Francisco Tettamancy um poema em dous tempos em *Coruña Moderna*, no número inaugural da revista[149]. Torna aqui o autor à crítica do modernismo "por elevação", quer dizer-se, frente a tudo o novo. Fé e Progresso opõem-se nele. No modernismo vê o poeta a entrada do caciquismo; nele podemos ler versos como os que seguem:

> "Tempos foron meu Dios! aqueles tempos/n-os que con gran ardor a FE brilaba";"A medida que os tempos adiantaron/ e o PROGRESO no mundo asenta praza,/a FE foise perdendo; e o modernismo/ que à Sociedá actual toda sovalla, vai moi logo à torcarse, moi axiña,/ nos corazós das timoratas almas.(...)". "Todo fuxíu, ante ese van progreso /que importarse tratou de terra estrana/na terra de Galicia; e co él viñeron/manadas de caciques à avaifála, traíndolle por FE, feixes de vicios, e por ditas un feixe de desgracias./ Se a cultura d'enton, non foi cultura,/ cal é a que pousa hoxe nesta patria,/ mais que aquela cultura que florece/ n-unha indomabre kábila africana[150]?...".

Números adiante, no 22, Tettamancy manifestará agora por ativa, o seu gosto literário com o poema "Na campa de Schiller" (de Arolas)", ao lado dum breve texto de Pérez Galdós.

O sentido ameaçador e hostil da nova poesia era, neste mesmo número 1, testemunhada na primeira colaboração que, assinada por "Fulano", abre a revista, e onde o autor da crónica (sem tomar partido, como nunca faz a revista) é acompanhado na sua chegada à Corunha por "un poeta modernista que odia a Echegaray".

E curioso é o caso de Julio Dávila em *El Eco de Galicia*, que em 1906 publicava um artigo em que ironizava sobre o léxico dumha resenha dumha dança de carnaval aparecida em El *Eco Ortegano*[151]; mostra de que, em opinião de alguns, o pernicioso decadentismo penetrava por toda a parte.

E é que os salões de baile começavam a ser também modernistas. Numha crónica sobre o "Central Kurssal", comentava a *Coruña Moderna*[152]:

---

149 De 5 de março de 1905.

150 Tettamancy tomava prestada a alusão à kábila. É umha palavra que expressa derrota. Utiliza-a Curros Enríquez, já com fortes vínculos de amizade com o grupo corunhês, e, mui em particular, com Galo Salinas, em 1903. Nesse ano, escreve umha carta ao diretor da *Revista Gallega*, que é publicada no número 440 do 23 de agosto de 1903, onde diz:
"No sabe Ud. con qué pesar me entero de la ingratitud y preterición de que es objeto quien como Ud. tan incansable labor se ha impuesto y realiza en pro de nuestra literatura. Tanta indiferencia es un desencanto a nuestra edad. Yo le declaro que si a los dieciochos años hubiese podido creer en ella, no hubiera escrito un solo verso gallego. ¨Será que nos europeizamos o que nos frajanizamos? ¨Vamos para un pueblo o para kábila?".

151 "Decadentismo ortegano"; número 521 do 10 de abril de 1906.

152 Número 52 de 25 de fevereiro de 1906.

> " En pleno furor del 'Central Kurssal', un centro de pornografía recalcitrante con vistas á París.
>
> [...] Un escenario con Misses y Mademoiselles (más ó menos mademoiselles); gran desnudo, bailes por todo lo alto, cancán, kakevall y todo lo modernista: telas vaporosas, tan vaporosas como ligerísimas, un público de todas las clases, que aplaude sin saber qué aplaude; mujeres en el escenario gupas y... de *dèrnière*.
>
> Es el novísimo 'Central'".

Mas, como já acontecera com o movimento naturalista, o modernismo espanhol vai consolidando-se como prática poética na vida literária da época. Mesmo conta desde os inícios de século com publicações que se constituem em órgãos da nova estética. Na Galiza, e no semanário mais emblemático do regionalismo, também vai paulatinamente assentando-se. Quando, por exemplo, em princípios de 1907, umha *Revista Gallega*, já mais débil e carente dos seus maiores animadores, recenseia *El Nuevo Mercurio*[153], as críticas de antes são esquecidas perante o espírito modernista que anima a publicação.

Mais explícita fica essa instalação da estética modernista nos comentários que lhe dedica M. R. de B. (mui possivelmente Mario Ruiz de Baro, colaborador do semanário) na *Coruña Moderna*. Com efeito, o seu artigo, "Modernismo"[154] começa assim:

> "Juro y perjuro que nunca creí que la ocasión llegaría de dedicar unas cuantas cuartillas á la crítica de una literatura obra de las péñolas de una masa de autorcillos, cuyos son un fárrago de escritos que, por periódicos y revistas los más, y por libros los menos, andan por esos mundos de Dios tan agobiadores por el número -los escritos- como por su valer, inocentes, y conste que no empleo aquí otro adjetivo más apropiado, infandos por ejemplo, porque contradicción habría en calificar de indigna de que de ella se hablase á una literatura cuya crítica á escribir este artículo me decide".

Ruiz de Baro, que não encontra chefe da "secta" modernista, teme o que o novo século trará se o modernismo é o seu primeiro sinal. Num estilo clássico, elucidativo do cânone literário que defende, define a estética modernista como umha "interminable lista de neologismos"; e prossegue: "Suerte es, y á fé no pequeña que, como dice Valera, el carácter, apogeo ó degeneración de una literatura no se cuenta por años ni aún por lustros, que así fuera malparada quedaría nuestra época ante el concepto que de ella formaría la generación de nuestros nietos", caraterizando a nova literatura de "tan infanda como insípida, y tan anodina como insignificante".

Na verdade, os juízos de M.R. de B. não se diferenciam dos habituais na censura antimodernista; "rimbombante y de oropel, vístese de galas que aunque de guardarropa, lucen á lo lejos con tanto brillo y presta el oro tan

---

153 Número 619.

154 Número 101 de 31 de fevereiro de 1907.

engañosos destellos á la hojalata de la tal vestimenta, que imaginaciones un tanto vivas deslúmbranse con los encantos del camafeo del modernismo".

Analisada a crítica sobre a base das oposições de centros e periferias num sistema literário, ela é extraordinariamente expressiva; anunciam-se nos alegatos de Ruiz de Baro as ruturas que os vanguardistas do após-guerra vão pregar no contexto das literaturas peninsulares; o crítico perspetiva o movimento como um historiador da literatura que, tomando partido polo secundarizado, combate os repertórios primários dumha produção que "ni las leyes del lenguaje sigue", a tão reiterada acusação ao vanguardismo. Demais, os modernistas são artificiosos, falsos e exibicionistas, e, prova de que o Romantismo deixara umha pegada canónica, que chega até aos nossos dias, comenta Ruiz de Baro:

> ...] en todos sus escritos se presentan subjestivos [sic] á lo Byron y á lo Heine, sin contar con que en estos acaso constituya el mayor encanto tal cualidad, pues tiene en si elementos suficientes para cumplir á las mil maravillas la sentencia aristotélica; 'Sus poesías son una parte de ellos mismos' ha dicho Emilia Pardo Bazán.
>
> [...] a no conocerlos [a "los modernistas"] cualquiera los tomaría por Leopardis de cuerpo entero."

Reunia Ruiz de Baro ao longo do artigo vários dos escritores canónicos da época; e a eles somava o critério de autoridade de duas glórias pátrias, Valera e Pardo Bazán. Porque, e tornando às tensões secundário versus primário[xvi], o possível perigo do modernismo radica na sua pretensão de revisar, e impugnar até, a história literária. Como é habitual neste tipo de críticas, afinal são os poetas franceses, Verlaine e Baudelaire, os responsáveis do vírus perverso que ameaça a literatura espanhola; com a posição superiorizante que a defesa da centralidade concede conclui o artigo:

> ¨Quién no les ha visto tirar sus piedras contra famas literarias inquebrantables?
>
> No ha mucho que a grandes voces pedían los de la nueva teoría una revisión de las glorias consagradas por el saber de los siglos; gracia tendría ver la constitución del tribunal que el fallo supremo dictase; porque es de suponer que sólo ellos se vestirían con la toga de juez; por supuesto, que a falta de Cristo y Evangelios los testigos jurarían sobre las paginas de Verlaine y ante la efigie de Baudelaire.
>
> No puedo extender mas este articulo, pues llevarlo más alla de unas cuantas generalidades, sería darle honor de critica literaria para la que haria falta firma de más autoridad que la mia y objeto de más monta que el modernismo [...]."

O trabalho de M. R. de B. sobre o modernismo situava-se com clareza na perspetiva do polissistema espanhol. No interior do sistema regionalista, as cousas eram ainda um bocado mais complexas; porque para alguns era consentido, admissível, na literatura espanhola o que na galeguista seria imperdoável. Esta prática é a que, em defesa da fundação da Academia, vai criticar Pedro de Visma (pseudónimo que não sabemos atribuir; talvez o próprio

Tettamancy) desde as páginas da *Coruña Moderna* em 1906. O sentido da Academia, para alguns regionalistas, não assentava apenas na unificação do código e no seu prestígio. Era também a expressão do desejo de mudança no repertório polissistémico. Longamente analisa essa situação Pedro de Visma na segunda parte do seu trabalho[155]. Nele, o autor situa o que era umha evidência no sistema regionalista: o seu profundo caráter conservador e a sua propensão a identificar os materiais galegos com o registo popular, linguístico e literário. Longe, em nosso entender, dum caráter realista da produção literária galeguista mais acorde com umha praxe reivindicativa perante o submetimento em que a Galiza se encontrava (não doutra que visava diferentes caminhos), o que de Pedro de Visma evidencia, em comparação com o polissistema espanhol, é a consciente consideração subalterna de alguns regionalistas a respeito do sistema em que se inseriam: a tendência que a "escola corunhesa" quijo, como grupo, inverter:

> "Hay quien asegura que el idioma gallego tiende á desaparecer, y que, por consiguiente, es cada vez menor el número de personas que lo hablan y escriben. Nada más lejos de la verdad. [...]
>
> Ha tiempo que venimos notando en la mayor parte de nuestros pseudo-poetas, que surgen por generación espontánea para lucir de vez en cuando su inopia intelectual, un desconocimiento casi absoluto, no ya de las tendencias que hoy informan la literatura mundial, sino también de aquellas de buen gusto en el decir, imprescindibles cuando se habla con el público.
>
> Parece que para ser poeta *enxebre*, para escribir con más exactitud nuestras costumbres campesinas, es necesario embadurnar las manos y la pluma en el *xurro* de una cuadra. [...] Tales escritores hacen grande daño en el campo de las letras regionales.
>
> [...] Lo más abominable, -y perdonen nuestros lectores que empleemos algunos adjetivos fuertes, que en esta ocasión están justificados por la causa que los motiva, -está en que dichos poetas, cuando escriben en castellano, se atildan, se *engoman* del modo más cursi, con vistas á Chocano y tufos á lo Darío, y andan á la caza de términos inusitados y pulcros. Cómo si existieran diferentes principios estéticos para expresarse en ambos idiomas! Cómo si la cualidad de escritor gallego trajera consigo la necesidad de decir cosas incultas!"

Pedro de Visma coloca numerosos exemplos do que afirma, e diz: "Estos poetas que se layan hastra que fan chorar as vellas, que descubrieron que las flores ciscan cheirumes, que llaman larpeiras á las aves, debieran emigar á los nidos castellanos, á cantar con Rueda en aquel instrumento compuesto de cordajes de un gran órgano de luz".

Esta era talvez a mais autêntica realidade da situação do sistema. O artigo concluía assim:

---

[155] São dous os artigos dedicados à defesa da Academia, nos números 55 (de 18 de março) e 57 de 1 de abril de 1906. É neste segundo, "Academia Gallega, II", em que se contêm as censuras à prática referida. Os subtítulos já são eloquentes: "Concepto erróneo de la poética gallega.-Incultura.-Barbarismos.-Peste literaria.-Desinfección que se impone".

> "A inaugurarla [a Academia] pronto, á trabajar de duro en pró de la cultura gallega, empezando por una labor de desinfección aunque caigan muchos endiosados y se les estomballe su fama de escribidores.
>
> Este artículo es como un paréntesis de los que pensamos seguir escribiendo. Es de justicia, es patriótico hablar así, clarito, para escarmiento de follones y malandrines que pretenden, y lo logran, enturbiar la purísima linfa de nuestras fuentes literarias".

Na verdade, as críticas ao modernismo eram enormemente similares às que se produziam na imprensa madrilena. A confusão terminológica era nota habitual. Por exemplo, num trabalho de 1904, *La nueva generación de novelistas y cuentistas*, Pardo Bazán qualifica como modernistas Azorín, Baroja ou Valle Inclán, mas distingue-os dos "latinoamericanos afrancesados" (Fox e Cacho, 1994:17). O modernismo contava com muitos mais críticos do que valedores. Escritores de reconhecido prestígio, vários deles ligados à denominada geração de 98, àquele regeneracionismo espanholista surgido após o denominado "desastre" espanhol, oposto a qualquer decadentismo, estavam empenhados no combate; uns mais moderadamente, como Unamuno, outros, como Azorín, de forma mais frontal. A "palabrería" era o tema convergente de toda a crítica. Lily Litvak (1990:114) comenta-o oportunamente ao estudar o fenómeno, de que nos dá dous testemunhos de relevo:

> "Visto el modernismo como una literatura decadente, lo que primero llamó la atención fue su nuevo vocabulario. Eugenio Sellés en su artículo 'Palabras, palabras, palabras' aparecido en *Blanco y Negro*[156] en 1904, hace notar que es característico de un estilo decadente el que 'la materia sólida se convierta en palabrernía hueca'. Azorín opina de manera similar, que el nuevo movimiento no es sino 'una alharaca verbalista'[157].

Tão dominado estava o ambiente literário espanhol dos começos de século polos debates a propósito do modernismo que duas publicações, *Gente Vieja* e *El Nuevo Mercurio*, organizam concursos sobre a matéria (Celma Valero, 1994: 31-39). Tomando apenas como exemplo o concurso de *Gente Vieja* (1902), este tinha como tema "¿Qué es el modernismo y que significa como escuela dentro del arte en general y de la literatura en particular?"

Era apreciável que umha revista de talante conservador organizasse tal evento. O prémio correspondeu a Eduardo L. Chávarri, modernista, cujo trabalho pretende entre outras cousas combater a ideia que, na equiparação vulgar, identificava modernismo e extravagância, defendendo o caráter renascentista, o "espíritu de rebeldía", a "filiación romántica", o caráter "antinormativo y anti-retórico" do novo movimento (Celma Valero, 1994:32-33)

---

156 Convém aqui lembrar que a revista *Blanco y Negro* era das mais difundidas e lidas na geografia do estado, e recensionada várias vezes na *Revista Gallega*.

157 Os textos correspondem ao número 692 de 6 agosto de 1904 e a "romanticismo y modernismo", ABC, 3 agosto de 1908, p. 4, respetivamente.

No concurso, informa Celma Valero (1994:35), predominarom os ataques; uns censuravam no modernismo o seu acratismo e individualismo artísticos derivados dumha época de crise; outros combatiam o materialismo naturalista que entendiam assomar nos textos dos modernos. E não faltavam ataques do mais puro estilo moralista "decimonónico", como o de José Deleito y Piñuela: "erotismo y obscenidades, delirios sangrientos y aterradoras quimeras, el satanismo o culto sistemático al mal, la delectación morbosa con lo horripilante o corrompido; todo en los decadentes implica una anestesia moral, una emotividad desenfrenada, una exaltación neurótica y un desorden mental fronterizo de la locura".

Razões de oposição, e mesmo posições de intelectuais, mui parecidas com as que vamos encontrar com os críticos do simbolismo português.

IV.1.9. Um repertório essencialistamente pragmatizado

Com os dados acima referidos, temos mais umha vez que recorrer ao adjetivo que talvez mais utilizamos para nos referir ao sistema regionalista, podendo afirmar que o quadro geral desta literatura dos finais do século XIX e inícios do XX é precário; enormemente *precário*. Precariedade que aumenta se tivermos em conta o seu relacionamento com o polisssitema espanhol, onde soma à indigência o cerco a que está submetida.

A literatura *regionalista* está desprestigiada desde o seu nascimento. Envolvida já na própria polémica de se é lícito ou não escrever em galego; e, dentro dela, ao não possuir unificação de critérios nem no próprio código. E fragmentada polos diferentes sentidos que à criação literária se quer dar, pluralidade de opções que num sistema consolidado seria considerado sintoma de boa saúde, e que constitui para esta literatura emergente um dos seus principais perigos, dado o sentido de algumhas.

O seu repertório, aprioristicamente, é fácil de presumir. É um sistema o regionalista concebido em geral para galegos, onde se verifica o traslado do conflito político ou social ao literário, pragmatizando este. Encontra, pois como, norma mais central falar das "cousas da terra" sejam elas quais forem, ou então introduzir vozes e/ou personagens galegas; mas estabelece hierarquias, em dependência dos diversos interesses em jogo. O peso da Tradição, e mui em particular o pendor ruralizante e folclorizante (costumista e humorístico[158] de preferência), longe de perder força, consolida-se, alicerçado pola

[158] O humorismo era raras vezes convertido em ironia, como também em poucas ocasiões a lamentação passava a melancolia sentimental na poesia galega, entendendo nos dous termos a profundidade, compelxidade e refinamento de que carecem os primeiros. Se fazemos esta indicação é porque nos parece ter sido repetida com frequência ocultando um tanto a pobreza de vários autores da época. Já Aubrey Bell considerava que "aquele despertar do espírito regionalista" tinha como principal caraterística precisamente umha "mistura de ironia e de

receção superficial dos textos e autores canónicos, de difícil impugnação dado o seu caráter fundacional[159]. E é que se verifica nesta fase epigonal (imitando, geralmente de forma pobre, os modelos de Rosalia, Curros, Losada ou Lamas) umha forte componente ideológica conservadora em muitos dos poetas *menores*[160]; também esteticamente; manifestada numa tendência ao uso dos materiais citados.

Esse peso da Tradição folclorizante nutre-se em ocasiões da Lenda, dando como resultado umha relativamente abundante épica com ar lendário, como assinala Carvalho Calero, transferindo alguns escritores os habituais modelos espanhóis. É o caso de *A Virxe do Cristal*, da *Afrenta, daga, venera* de Benito Losada, de *A Cova da Serpe* de Aureliano J. Pereira, ou da *Lenda de horrore!* de Galo Salinas. Carvalho, aliás, vê na *Leenda de Groria* de García Ferreiro umha imitação do, em sua opinião, pior Zorrilla (1975:448-9).

Ao lado dessa propensão folclorizante, vingava ainda outra durante todo este período, aquela de *vágoas* a que se referia Pérez Plácer em 1890. Como prova, vejamos um texto de Martín Ramos sobre a situação, política e literária, do enclave bonaerense, o maior já nesta altura dos galegos, (1907):

> "Los gallegos de América tenemos cosas raras. Vivimos como aletargados y la vorágine patriotera nos arastra. En nuestro deseo de o ser tildados de regionalistas, pretendemos ser enemigos de dicha idea. Todos hacemos profesión de fe patriótica. Todos somos españoles y hacemos ascos á todo aquello que huela á autonomía [...].
>
> Nos contentamos hasta ahora con lanzar al viento quejas morriñosas, con versificar languideces y entonar melancolías [NOTA: "Eso de las quejas lacrimosas hace ya tiempo no está en uso. A partir de Curros Enríquez, parécenos que nuestros poetas y escritores se muestran viriles y á la altura de la época moderna"]
>
> Nos creemos con derecho á cantar sus glorias pasadas [...] y lo actual, lo latente, la palpitante cuestión, lo que más nos afecta, eso lo olvidamos"[161].

O artigo de Martín Ramos é extraordinariamente elucidativo por vários motivos. São tempos de refluxo regionalista, como ele começa por indicar; o surto da "Solidaridad", quase simultâneo, talvez ainda não chegasse a Buenos

---

melancolia sentimental", que sim podemos encontrar em Rosalia, mas dificilmente noutros poetas da época.

159 Este valor fundacional de determinados autores e textos, sustentado no caráter essencialista da literatura galeguista, vai determinar umha forte parálise na progressão do sistema. Quando já na década de vinte, passados trinta anos, Manuel Antonio e Álvaro Cebreiro pretendam expressar a rutura, de alcance sistémico, que propugnam, não se vão enfrentar com umha oposição estética, mas com umha resistência colocada igualmente em termos sistémicos, por parte daqueles (que eram maioria) que interpretam o *Mais alá* como umha perigosa impugnação dos alicerces do sistema. Na continuação vamos aludir algumha vez mais a este tipo de situações.

160 E também dos considerados maiores na época como Rodríguez López, Aureliano J. Pereira (neste menos marcadamente), Amador Montenegro, Barcia Caballero, ou, em parte, Lamas, que é realmente umha transição entre Rosalia e estes.

161 Martín Ramos, «"Regionalismo", para *Nova Galicia*», transcrito por *A Nosa Terra*, 10 de novembro de 1907.

Aires. Literariamente, em 1907 era ainda reclamada a necessidade de atualizar a temática da literatura regionalista, prova de que, polo menos a juízo de alguns, esta continuava ancorada numha atitude de lamentação e, consequentemente, de automarginação. Pessoas como Martín Ramos crêem já passado o tempo do canto às glórias; portanto o momento não deve ser o de legitimar o sistema por essa via, mas por tratar do "latente".

O que nos resulta mais interessante, porém, é o facto de ser inserido este artigo na publicação regionalista por excelência na época, quando não fora para ela concebida. Sinal de que os assuntos tratados eram de interesse para Carré e os seus companheiros. E citamos Carré, não por ser o diretor da revista, mas porque a NOTA que transcrevemos parece saída da sua otimista pena. A referência a Curros é útil para conhecermos a consideração de renovador que o celanovês tinha na avaliação que da literatura regionalista fazia o grupo corunhês. De resto, e à luz das produções desta época, não estava tão desassistido de razão Martín Ramos como pretende *A Nosa Terra*.

O caráter reivindicador e projetivo, interna e externamente, dos materiais é também umha norma importante. Mas ela é entendida de diversa maneira segundo o usuário. Para alguns (como García Ferreiro[162]) deve presidir à produção; para outros (como Ribalta) deve apenas ser umha parte, e não a maior, dessa mesma produção, onde *Fides* e *Amor* hão-de aparecer como elementos caraterizadores. Para determinadas correntes, falar dos costumes e hábitos rurais deve ser proeminente; para outras, a temática fundamental a tratar são os múltiplos abusos cometidos contra o povo galego, desde os impostos até à emigração. Todos estes elementos podem reunir-se num mesmo autor. Talvez a diferença fundamental esteja na atitude, que, nalguns escritores (como o citado García Ferreiro, ou então Curros Enríquez), é marcadamente intervencionista, quando não *arredista*[163], adquirindo um tom didáctico, tom, aliás, mui comum na época dada a necessidade legitimadora do sistema que muitos percebem.

Não queremos obviar aqui, embora de maneira mui breve, um dos debates mais comuns na historiografia literária galega: o que se tem processado em torno ao caráter romântico (Carvalho) ou realista (Méndez Ferrín e Rodríguez, por exemplo) do Ressurgimento galego. Carvalho Calero afirma (e citamos o texto selecionado por Rodríguez, 1990:17): "O romantismo fixo posibre o frorecimento da poesia galega contemporánea. (...). Foi o romantismo seródio

---

[162] García Ferreiro era considerado umha espécie de cantor épico. O caráter combativo da sua poesia era considerada por alguns como um dos seus elementos mais valiosos, entanto, para outros, eram o seu principal defeito; Aubrey Bell, fazendo um breve balanço da literatura regionalista galega, dizia das obras de Ferreiro: "São elas, por vezes, prejudicadas polos exageros do seu anticlericalismo e dos seus sentimentos de hostilidade contra os Castelhanos".

[163] Este termo, arredista/arredismo vai ser de uso corrente na fase nacionalista, para significar as pessoas e tendências mais abertamente hostis ao domínio espanhol.

o que nos trouxo a obra maestra que nos facía falla: a de Rosalia (...) Pois cando a literatura galega deixa de ser poesia provincial, por obra de Rosalia, o ambiente xeral é xa o do realismo" .

E Francisco Rodríguez replica:

> "Velaqui uns xuizos tomados da crítica literária dominante -no sentido máis ideolóxico do termo (...) é que tampouco tivemos románticos, no sentido tradicional do termo nas literaturas normalizadas. Tivemos, ao longo de todo o século XIX, escritores realistas, adiantando-se aos produtos españois e despois paralisando-se na evolución cara o século XX".

Ferrín (1984) dá umha opinião mais matizada, tras afirmar: "a literatura galega non renace baixo o signo do romantismo senón do realismo": "o dito non impide que, se cadra, o estímulo remoto que promove, por unha banda a aparición do realismo, e por outra a do idealismo, sexa de orixe romántica."

Em nossa modesta opinião todos têm razão e deixam de a ter. O problema é que a disputa está viciada: centra-se principalmente em Rosalia de Castro e numha obra sua, *Cantares Gallegos*, em vez de considerar do ponto de vista sistémico (sincrónico e diacrónico) a matéria. Ambas as linhas expressas podem depender da crítica literária dominante, da qual Rodriguez quer fugir, porque pode intuir-se umha certa minusvalorização do romantismo a respeito do realismo como movimentos político-literários. A nosso ver, sem as correntes ideológicas nacionalistas (revolucionárias ou reacionárias) românticas do século XIX é difícil entender o Ressurgimento galego, e as suas tendências. Mais ainda; o horizonte de expetativas do público é predominantemente romântico até bem entrado o século XIX, polo menos. Quanto ao conceito de "seródio" para o romantismo que influiu em Rosalia, assim não nos parece, porque o realismo, como movimento literário, não começa a andar na Península Ibérica até essa época, e o "ambiente", como o testemunham textos e leitor@s, é plenamente romântico, quase até fim de século. Outra cousa bem diferente é que a adaptação e a evolução literárias das correntes românticas na Galiza preenchem um sentido mui preciso que, decerto, não pode ser olhado como dependente da produção espanhola, nem situado na "casa comum" do Romantismo, sem mais explicações, como pondera Méndez Ferrín. Cabe então distinguir raízes genéricas (do movimento regionalista no seu conjunto) e formais românticas, da atitude ética e a dimensão social que em Rosalia se amostra. Umha dimensão social que a aproxima do novo movimento, e que a faz também singular. Porque o realismo é umha filiação complexa. O realismo é, como movimento literário, umha ação/reação burguesa, por vezes contra o revolucionarismo romântico. Por outra parte, e a risco de sermos simplistas, o realismo só encontra a sua autêntica expressão no romance, a sua principal arma genérica. Isto, sem dúvida, particulariza ainda mais o caso galego.

Ora, com franqueza, nada da polémica anterior nos parece decisivo para a caraterização do sistema, polémica de que apenas citámos alguns dados ilustradores, mas que foi objeto de comentário por muitos analistas. Esse debate, do nosso ponto de vista, está, todo ele, mais presidido pola "crítica dominante que se quer evitar do que em aparência possa resultar". O que, em nossa opinião, define o sistema regionalista é o seu caráter pragmático e pragmatizado, tanto na sua produção como na sua receção; surgisse ele a começos do século XIX ou nos inícios do XX; fosse lírico ou romancístico; porque é o próprio dumha literatura emergente nas condições da galega. A literatura galeguista é umha literatura essencialista, que visa a sua razão de ser nos materiais que, na sua ótica, melhor se adequam ao que os grupos que a formam entendem ser galego. Quanto a muitos dos materiais utilizados como centrais por alguns escritores, e são esperados por alguns setores do público, a literatura galeg(uist)a não variou praticamente nada num século, e ainda hoje (1995) determinados utentes do sistema interpretam ser essa a direção sistémica que deve ter. Não cremos estar ajuizando; mas definindo.

Sobre o uso do idioma há menor acordo. Não resulta evidente, nem aceite por todos os utentes do sistema que ele constitua umha norma exclusiva nem que seja a marca inerente; certamente são muitos os que assim o consideram; mas existe outra corrente, que se vai manifestar ainda com maior vigor nas décadas seguintes, segundo a qual o valor normativo básico é a temática. Subjaz em ocasiões a este tipo de considerações um duplo conceito de "literatura galega", também dentro dos regionalistas, elaborado sobre a base de que, se não se coloca dúvida de ser galega sobre a produção escrita em galego, também pode ser apreciada como tal a que trata sobre a Galiza. Assim as cousas, a primeira corre ainda maiores riscos de ser desvalorizada do que a segunda, porque o uso do idioma dá-lhe, a juízo de alguns, um caráter reducionista, que em nada ajuda ao progresso da Galiza nem à sua vulgarização, facto para que, entendem estas perspetivas, obras como as de Pardo Bazán contribuem grandemente. Desta forma, a literatura em galego apresenta-se como para consumo interno e parcelar. Quando antes escrevíamos que esta era umha literatura para galegos, longe de querer significar umha obviedade, queríamos frisar essas caraterísticas, e as tentativas que existiam de reduzi-la aos limites galegos, retirando-lhe qualquer vocação internacional, como já se lhe retirava qualquer possibilidade competitiva com (ou em) o polissistema espanhol.

O caráter bilingue da produção de todos os autores da época reforçava ainda mais esta consideração; como o quase exclusivo uso do espanhol para alguns géneros, particularmente os da esfera da investigação ou o ensaio. Fatores que, aliás, vão ser convertidos em contradições e como consequência motivo de ataque para os que não alinhavam na expansão do sistema regionalista.

Tudo o dito conduz inexoravelmente a que o que a priori pode ser considerado um objetivo primordial na ação regionalista, a sua autonomia ou independência sistémica do espanhol, tenha pouco a ver com a realidade. Esta é mais bem a dum sistema que mantém umha relação ambígua com a atividade literária espanhola. É a tensão entre ser um subsistema do polissistema espanhol e um sistema independente. Dado o seu caráter reivindicador e pragmatizado, ele pode aparecer, e aparecerá, como um perigo; mas, doutro ponto de vista, marginalizado na periferia, é um *Carnaval*[xvii] *autorizado*. Ademais, na sua debilidade conta com *cavalos de Troia* como Pardo Bazán como expressão máxima, a que se unem, por diversos caminhos, as ideias e práticas de bastantes produtores regionalistas. Esta situação, que se nos aparece hesitante na sua *ubicação*, manifesta umha forte tensão entre a independência e a aceitação dos modelos espanhóis em termos sistémico-literários.

IV.1.10. A precariedade dos fatores sistémicos: a insuficiência polissistémica do sistema regionalista

O sistema apresenta ainda outras notáveis carências. Não tem público. A carência de público é já um mal endémico. Os que mais podiam ter eram aqueles que dumha ou doutra maneira podia aderir ao regionalismo. E esta era pouca renda. Vázquez Cuesta (1980:625) resume perfeitamente o panorama:

> "Mientras que la poesía y el cuento son susceptibles de cultivo oral (por lo que su tradición nunca se interrumpió en Galicia a nivel popular), se publican en periódicos o revistas y, aun editados en libro, no obligan a grandes desembolsos, ya que se encierran en pequeños volúmenes, la novela el teatro y la investigación científica o filosófica precisan de un mecenas [...] o de un público que compense los gastos efectuados por un promotor comercial. Y ambos han faltado por completo en Galicia casi hasta nuestros días".

Os promotores não faltaram "por completo", mas quase. Se atendermos a este fator do sistema, atinge ainda maior relevância o papel jogado polos enclaves sul-americanos na vida literária galeguista. Desde já os anos setenta até aos inícios do sistema democrático de 1977, eles impulsaram várias das principais iniciativas culturais galeguistas. Baste indicar que, nesta altura, vai ser sob o patrocínio da emigração que poda ser reeditado *Cantares Gallegos* e editado *Follas Novas* (Rodríguez, 1988:352); e isto por aludirmos só à figura mais emblemática da época, a qual conhecia sérias dificuldades para ser editada no idioma próprio (Rodríguez, 1988:354).

Não paravam aqui os males do sistema; com umha produção literária própria baixa (que era preenchida sobretudo com materiais via polissistema espanhol), com poucos leitores[xviii], o mercado (e já vimos alguns exemplos) era bem reduzido, e as condições de comercialização, bastante pobres. Com frequência nas revistas objeto do nosso estudo aparecem anúncios de obras literárias indicando

que podem ser adquiridas na redação da revista em questão, ou então, numha determinada livraria. Normalmente, as edições eram de autor, pagas por ele, e os benefícios, se os havia, não deviam ser grandes. Havia, como vimos, imprensas, mas não casas editoras. Essa era também umha das causas que motivava que alguns escritores procurassem abrigo noutros meios (e sistemas) "sin posibilidades de publicar en su rincón natal por falta de Editoriales, sin posibilidades incluso de malvivir con trabajos como el periodismo o la docencia compatibles con su vocación de escritor" (Vázquez Cuesta, 1980: 622).

Outra séria dificuldade com que o sistema se encontrava era a falta dumha crítica que o impulsasse e, especialmente, dumha historiografia[164] que valorizasse, procedesse a canonizações e a legitimasse no seu conjunto. É aí que vão jogar papel preferente os portugueses. Em 1893, Barreiro Meiro apresentava esta situação, ao julgar os textos de Pedreira que víamos antes serem censurados por Carré; que nos comentários aparece umha curiosa referência a Eça de Queirós quando a fronteira é trespassada...:

> "Mal sino tiene en esto la Literatura gallega: no hubo ni hay un crítico verdadero de ella, ni un escritor mediano que, á la contínua, se ocupara en juzgar rectamente las producciones gallegas.
>
> A parte de Dª Emilia Pardo Bazán, sobre algunas; los juicios de *Volvoretas* por D. Alfredo Brañas, del *Crédito Agrícola*, por el galano escritor y magistrado intachable, D. José Parga, del *Discurso* de Sánchez Moguel, por Murguía, y *del Regionalismo*, de Brañas, por D. Salvador Cabeza, son los únicos sinceros estudios críticos, dignos de anotarse en los anales literarios gallegos, desde la ya lejana publicación de *Volvoretas*.
>
> Ahora... hemos franqueado las fronteras de la región con el mismo fado triste, que diría Eça de Queirós, y se nos estudia, nada menos que en la *Revista Contemporanea*, por D. Leopoldo Pedreira, á la sombra del ostentoso epígrafe: *El Regionalismo en Galicia*; pero, la mala estrella de este trabajo se ve ya en su tema ú oriente, en un parrafito pergeñado con tal poquísima verdad como el que copio:
>
> 'Respeto y aun me entusiasman los regionalismos: nada más hermoso que amar la tierra donde se vio la luz, y la lengua que se balbuceó desde niño, y las hazañas que ilustraron la historia particular de los lugares donde se hace la vida. Pero aprovechar este amor para sembrar odios, paréceme insensato' (Núm. 400, pág. 113)[165]".

Num sistema como o galeguista, a tendência à macrotextualidade e ao nivelamento de todos os textos era um fator tão lógico como negativo[xix]. Esse nivelamento fazia com que as obras fossem apreciadas só polo facto de existir, e, pendentes os autores e os seus críticos de elementos como o uso da língua, afinal era difícil que se apresentasse umha autêntica delimitação dos acertos e os defeitos que se percebiam nos livros publicados. Algumhas tentativas críticas, quando eram desfavoráveis para o autor considerado, convertiam-se em

---

164 Para um bom resumo da historiografia sobre a literatura regionalista vid. Carvalho Calero (1975:19-26) e Rodríguez Sánchez (1990).

165 José Barreiro Meiro, "Nuestros críticos", *Galicia*, número 11 de abril de 1893, página 659.

soadas polémicas. Famosa fora a produzida entre Murguía e Carvajal nos anos setenta, em que o historiador acusava de plágio os que julgava melhores versos do ourensano, e os que entendia menos acertados fruto da só inspiração do diretor do *Tío Marcos*. E curioso é o texto que aparece no número 78 da *Coruña Moderna*, umha "Carta da veira do Miño, dedicada á Fuquiño (de Tabeayo) assinada por Gorecho do Miño[166]. Transcrevemos dela alguns trechos ilustrativos do estado do sistema, em 1906:

> "Pra millor inspirarme/ galaicos pensamentos,/ púxenme de monteira/ coroza e mais arreos./ Hoxe o de ser enxebre/ é pecado, Gorecho./ Aló n'aquela Cruña/ haiche moito larpeiro/ qu á fe non merecía/ ser fillo de gallego." [...] ¨Que fas unha enredada/ ben en prosa ou en verso/ e falas da terriña?/ Pois brinca do palleiro/ calquer can literario/ que che arranca o pelexo.[...]/mentras haxa un anaco/de compango y'un neto/: discusiós filológicas/eufónicos remendos,/carabullos de crítica/con arroutos de léxico,/ sonche tempo perdido/sonche labor valdeiro [...]/ deixá que Coba céltica/ chamen ó voso centro/ e que sallan cascudas/ a rondar polos eidos/ e que orneee quen queira/ en latin ou en grego"[167].

Mais ainda; toda essa tendência folclorizante, essencialista, propendia como consequência a centralizar os elementos populares como normas do repertório[168xx], o que significava preterir as componentes cultas que alguns,

---

166 Número 78, de 26 de agosto de 1906. O texto é para nós algo enigmático. Parece dirigido a solidarizar-se com as ideias e a obra de Francisco Tettamancy (autor de *Enredadas* a que se alude no poema); faz-se de um ponto de vista *enxebre*, próprio de publicações como a de *O Tío Marcos da Portela*, o que não parece mui conforme com a linha defendida polo grupo da Corunha a que Tettamancy pertencia; nem com o tipo de repertório nem com a linha filologista que por eles era sustentada. Isto poderia significar que Tettamancy fora criticado por algum dos membros da "Cova Céltica"; mas a ela se alude também em termos de adesão. Enfim, que não percebemos cabalmente a motivação que anima Gorecho do Miño.

167 Um estado de sistema que não mudaria em anos posteriores. Bom exemplo das múltiplas opções concorrentes no sistema regionalista de princípios de século é a revista *Aires da Miña Terra*, que dirigiu em Buenos Aires Manuel Nóvoa Costoya, e de que, pensamos, saíram três números, todos de 1908. É difícil encontrar um critério unificador das várias linhas ideológicas e estéticas que nela concorrem como não seja o do ecletismo mais absoluto, que dava como resultado aos leitores umha amostra quase perfeita da vida literária galega desta época. Em *Aires da Miña Terra* aparecem textos de Eduardo Pondal, Galo Salinas, Florencio Vaamonde, Salvador Golpe, Manuel Lugris, juntamente com os de Lustres Rivas, Pardo Bazán ou Montero Rios (a quem se dedica a portada de um número). Publicação cujo propósito evidente é o de fornecer à emigração galega na Argentina o panorama da produção cultural galega e do tipo de literatura que na Galiza triunfava, apresenta textos de Enrique Labarta, Barcia Caballero, Amador Montenegro, Avelino Rodríguez Elías, Pérez Nieva, Leopoldo Pedreira, Marcial Valladares, Díaz de Escobar, Pérez Placer, Pardo Bazán, López Abente, Sofia Casanova, Prudencio Canitrot, Rosalia de Castro, Alberto Camino, J. Rodao, Neira Cancela, Pedro Antonio de Alarcón, Palacio Valdés, Salvador Rueda, J. M. Salaverria, Posse Villelga, Vital Aza, Jacinto Benavente, Saralegui y Medina, Puente Castro, Gabriel y Galán, Jenaro Mariñas, Garcia Marti, Álvarez Limeses, Basilio Álvarez (de quem é transcrito um elogioso artigo sobre Vicenti publicado em *Faro de Vigo*), e textos de escritores franceses, como Camille Mauclair, Guy de Maupassant, *Las estrellas de Daudet*, *Pascua Florida* de "Juan Madeline", Pierre Lérmite... Modas literárias como a de Bécquer não passaram; no número 2 podemos ler umha "Becqueriana", assinada polo diretor da publicação.

168 Quando os historiadores galegos refutam a possibilidade de pertencerem à literatura objeto do seu estudo textos em espanhol de autores galegos, utilizam sempre uma argumentação concessiva. Nessa concessão são incluídos umha série de traços que, embora pudessem

poucos, pretendiam. A individualidade poética ficava, pois, minusvalorizada, mais do que a obra apresentada como fruto da coletividade popular.

A nosso ver, no entanto, ainda a principal carência do novo sistema, oscilante entre a sua participação sistémica do espanhol e a sua procura de autonomia, não é essa. É a falta de aparelho institucional a sua fundamental debilidade. Para além das plataformas políticas que ao longo dos vinte anos aqui considerados foram organizadas, com pouca fortuna na generalidade dos casos, apenas a criação da Sociedad de Folklore a que presidia Pardo Bazán (de duvidosa vocação polissistémica) e a Academia Gallega (cujo patrocínio vai ser, neste caso, principalmente cubano e que, não paradoxalmente, torna a presidir, de forma honorária, a citada escritora corunhesa), podem ser consideradas como elementos de certa entidade para a progressão do sistema; muito mais a segunda do que a primeira; e, entremeados, multidão de Jogos Florais e Certames literários, com não sempre resultados proveitosos. Em todo esse tempo, forom as publicações que ocuparom o pouco espaço institucional que podiam ocupar no campo da literatura galega. Ausente absolutamente a literatura regionalista das instituições escolares (mesmo haverá regionalistas que não estejam conformes com propostas deste tipo) e dos outros meios legitimadores, vive na indigência e no voluntarismo como caraterísticas marcantes. A Universidade da época, que apresenta umha geral languidescência, nada tem a ver com o movimento literário emergente. Salvador Cabeza ou Alfredo Brañas, ou não se preocupam com isso, ou então nada podem fazer perante a inexistente atenção da instituição ao fenómeno regionalista. Todos os passos nela reduzirom-se na altura a pouco mais que a introdução que o jovem Professor da Veiga, Cotarelo Valledor, faz de algumhas notas sobre o galego nos seus cursos, rapidamente saudadas polo também na altura moço A. Villar Ponte na *Revista Gallega*[169].

---

determinar a adscrição, finalmente não o fazem polo determinante critério linguístico. Assim Carvalho Calero (1975:11) afirma: "O esprito galego tense espresado non só en galego, senón tamén en castelán, e temos escritas neste derradeiro idioma algunhas obras nas que se espellan certos aspeitos da vida galega con nidiez e fondura innegabres. Isto só siñifica que a literatura castelá posee libros de tema galego".
Vázquez Cuesta prescinde do estudo das obras escritas noutros idiomas dos autores de origem galega, "por mucho que tenga a su tierra natal como fondo o como tema y aunque, una veces en busca de color local, otras veces por un involuntario o consciente aprovechamiento de los recursos estilísticos de la lengua del país, est, teñida de galleguidad".
É em parte a esses aspetos não suficientes que queremos referir-nos. A estes e a outros que fazem parte também do sistema literário, e àqueles que se ativam quando se produz a comunicação. Francisco Rodríguez (1990:11) matiza mais a questão; aceita o critério linguístico de Carvalho, que qualifica de técnico, e acrescenta, com Carré, na linha de considerar a literatura como um processo de emancipação, um outro critério, o de recolher "os sentimentos e aspiracións do noso povo". Deixando à margem agora a diferente presença da língua como norma do repertório, o relevante do pensamento de Rodríguez é o entendimento da língua como um valor, ao lado do qual podem e, em sua opinião, devem, ser situados outros. De novo a língua não aparece como condição suficiente.

169 Número 507.

E, sobre a escola, vejamos um elucidador texto de 1890 que fala tanto das dificuldades e debilidades das propostas regionalistas (e quiçá dos seus erros estratégicos) como do cerco com que se enfrentavam:

> "O falar de qu'a lingua gallega se vai pulindo y-arregrando dinos, que, n-as escolas deberan darse leuturas en gallego, e que farian un ben mui grande â fala gallega s'os que s'adican a compoñer romances pr'os cegos o fixesen n-a feiticeira lingua d'o pais.
>
> Non é necesario dicir qu'estamos compretamente d'acordo c'o Sr. Barreiro n-este punto pro... en fin deixemos este conto por hoxe que de seguro hai por ahi mais d'un anti-exionalista que logo morre co-a rabecha"[170].

Em boa medida, a literatura regionalista é sentida como um ensaio que não deve ultrapassar determinados limites.

Na instituição académica depositava parte do regionalismo um bom quinhão das suas aspirações para conseguir fortalecer o sistema emergente, objetivo que constituía precisamente a razão por que outros regionalistas combatiam a ideia. Este objetivo referencial, que normalmente é atribuído a Aureliano J. Pereira, por ele próprio e por muitos na época, pois ele o retomara nos anos oitenta, está nitidamente presente em Manuel Murguía a finais da década de setenta. Francisco Rodríguez (1988: 344-345) recolhe um artigo do considerado *patriarca das letras galegas* em 1879 em que postula como modelo a imitar o caso húngaro, e no qual a academia joga papel importante; o modelo, a esperança para Murguía, que transcende metas literárias, está na alternativa conseguida por Hungria:

> ¨A qué se debe su autonomía? A una modesta academia que para el estudio de la lengua húngara y para su uso se creó a principios de este siglo. No por modesta dejó de ser fecunda. Hungría tuvo pronto poetas populares y que escribían en la lengua materna, porque en casos semejantes son siempre los poetas los que anuncian la buena nueva; tuvo después literatura nacional, y tras las sangrientas jornadas de 1848, vida propia y propio gobierno. Hecho elocuente que dice cuánto las grandes cosas tienen a veces pequeños y oscuros orígenes[171]".

Confiavam mais os regionalistas na linha cultural do que na linha política; porque, do ponto de vista da ação política, a situação era igual ou ainda pior. Num momento de relativo auge como é 1891, é incapaz de articular umha opção eleitoral (Máiz, 1984:121): "[...] en marzo de 1891, o Comité central rexionalista fai un chamamento para que se presenten candidatos rexionalistas nos concellos en que podan facé-lo, ao mesmo tempo que comunica a presentación por Santiago de Salvador Cabeza de León e José Tarrío".

Pois bem, apenas a candidatura citada, de linha tradicionalista, se apresentou.

---

170 Resenha do livro de Lisardo Barreiro, *Esbozos y siluetas de un viaje por Galicia, A Monteira,* número 55 de 18 outubro de 1890.

171 Tomado de Manuel Murguía, "Desaparecerán los dialectos?" in *La Ilustración Gallega y Asturiana*, número 21, Madrid, 30 julho de 1879.

E, nos inícios de século, o movimento está ainda mais dividido. Só em 1907, com o movimento da Solidaridad, vai rearmar-se, numha plataforma mais ampla, e determinado por umha série de circunstâncias políticas e sociais que levam Beramendi falar dum segundo regionalismo, fora já da baliza temporal que aqui nos marcámos (Beramendi, 1988:16):

> "Los enfrentamientos -inevitables-entre la tendencia liberal y la tradicionalista agudizan más si cabe la impotencia política el primer regionalismo al provocar tempranas escisiones que lo paralizan por completo a la altura de 1900. En estas condiciones, el galleguismo sufre en los primeros años de este siglo el impacto de una serie de influencias que inducen en él modificaciones suficientes para hablar de un segundo regionalismo. Entre esas influencias destaca la del regeneracionsimo español, que se expande con fuerza tras el Desastre, y al que hay que añadir fenómenos conexos con la descomposición del sistema canovista, especialmente a partir de 1903, la ausencia de alternativas claras al turnismo dentro del sistema o en sus aledaños, el auge del movimiento obrero y la consiguiente amenaza al orden social, y el fracaso del maurismo en cuanto regeneración desde arriba y desde dentro. Todo esto contribuye a que en Galicia, a imitación de Cataluña, se inicie ne 1907 la experiencia de la Solidaridad Gallega, que también agrupa a españolistas (republicanos, neocarlistas) y no españolistas (galleguistas)".

Nos inícios de século, e até 1915, a situação não muda qualitativamente, do ponto de vista político (Beramendi/Núñez, 1995):

> "Between 1900 and 1915, the situation did not change substantially, although the first sins of a new dynamic of social mobilization are discernible, wich would occur in the First World War. Organizationally, the only noteworthy point is the formaation in 1907 of the electoral coalition Solidadridad Gallega between several political forces isolated from the political arena of the Restoration system".

E, literariamente, também não; vão aparecer, no entanto, poetas renovadores, ou percebidos como tais, porque vai continuar a linha poética que é a absolutamente dominadora do panorama galeguista até aos anos vinte. A poética de Abente, Cabanillas, Noriega ou Rodríguez Elías apresenta já um repertório relativamente mais alargado do que o imediatamente anterior. E no âmbito concreto das publicações não diárias a década de dez assiste ao aparecimento dumha revista regionalista dum vigor desconhecido até aos nossos dias: *Vida Gallega* (fundada em 1909) de Jaime Solá. O caráter deste, primeiro, mensário, depois semanário, conleva, em termos sistémicos, a consolidação da tendência mais espanholista da literatura regionalista galega, a começar polo seu diretor, autor de vários romances de relativo êxito na época. Só em 1917, quando *A Nosa Terra* leve já um ano de vida aproximadamente, vão aparecer às claras as tensões entre linhas como a de *Vida Gallega* (que devia de editar já uns 20.000 exemplares, como mínimo) e os postulados nacionalistas.

Entretanto, e para regressarmos aos limites que nos tínhamos marcado, ficam notoriamente desenhadas as diferentes correntes que tratamos de definir através dos diversos repertórios que funcionavam no período. Fruto dos pactos que entre eles se verificam (e que resultam relativamente evidentes na fundação da Academia, em 1906, como veremos), a linha regeneracionista corunhesa (e, com ela, a proliferação do sistema) não vai encontrar umha autêntica possibilidade de expansão até à fase nacionalista, com a qual os seus membros mais caraterísticos vão enlaçar.

O relacionamento com o polissistema português vai permitir-nos entender mais atinadamente o decorrer deste precário sistema. Porque, com diferença a outros, o relacionamento apresenta-se como o referente de reintegração. E tudo o que signifique aproximação dele, pode converter-se em distanciamento, e até rutura, do configurado como referente de oposição.

IV.2. Caraterização do polissistema português (1888-1910)

IV.2.1. Panorama da imprensa portuguesa no trânsito entre os dous séculos

Para a reconstrução do panorama literário e cultural português, desde os finais do século XIX até ao período que como meta nos marcámos, contamos, ao contrário que para o caso galego, com mui valiosos contributos que nos permitem passo mais firme ao tentarmos elucidar a situação do polissistema português na altura. Dispomos mesmo de estudos apoiados nas publicações da época (Rocha, Guimarães, Seabra Pereira, etc.), que nos facilitam extraordinariamente a tarefa de reconstrução da literatura daquele momento.

Segundo os dados que nos fornece Daniel Pires, o número de publicações literárias surgidas (qualificativo alargado no autor à classe de publicações que nós consideramos) é na primeira década do século XX de 119 e na segunda de 110, paulatino ritmo de ligeiro decrescimento que se mantém praticamente na terceira década (102), mas que a partir de 1930 desce já a níveis consideráveis (72). O número de publicações aparecidas em cada ano, proporciona-nos umha média de aproximadamente dez entre 1901 e 1925, com algum momento baixo (1908, 2 publicações, 1911, 4) e em algumha ocasião superior a vinte (1902) . Por sua vez, Rui Ramos (1994: 48) dá-nos o dado de o *Boletim do Ateneu Comercial* do *Porto* contar oitenta e seis novos jornais em apenas os seis meses de 1891.

Estes tipo de dados, mui indicativos, não nos fornecem contudo umha ideia apurada da situação, porque são consideradas apenas as publicações aparecidas em cada ano ou período, e não as que estão em curso. Com efeito, há períodos em que intuímos existir umha maior estabilidade geral na vida das publicações do que noutros, que não se correspondem exatamente com os momentos mais

férteis na saída de novas empresas jornalísticas. A isto deve acrescentar-se o facto de não termos dados de audiência, que nos permitam elucidar a incidência real que os diversos meios de comunicação tinham na época.

Da análise de Rui Ramos sobre o o *Boletim do Ateneu Comercial do Porto* depreendem-se no entanto algumhas orientações sobre estes últimos aspetos considerados; segundo as suas indicações a imprensa periódica contava em 1900 com quatrocentos e dezasséis títulos, chegando a quinhentos quarenta e três em 1910. Brito Aranha, calculava, como vimos, em 1897 ter Portugal um jornal para 6.500 habitantes, mais que na França, enquanto a Inglaterra dispunha de 1 para 23.000. A mecanização e os avanços técnicos em geral estão detrás deste surto. Um surto aliás que é considerado em ocasiões como umha inflação; se, na década de dez (atendendo aos dados citados), o número de publicações é ainda superior ao de inícios de século, Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos, diretores da *Ave Azul* de Viseu, já pretendiam fazer-se um lugar no horizonte de expetativas do público de fim de século, captando a benevolência dos seus leitores reconhecendo ser demais, sem ponta de ironia, "mais umha revista literária... -em Portugal- e em Vizeu"[172].

Oportunamente todavia, e como fazia Villares para a imprensa galega, Rui Ramos pondera que o número de publicações da época deve ainda relativizar-se um tanto, em razão da descentralizada estrutura jornalística do país. Dos três grandes centros produtores, Lisboa, Porto e Coimbra, (a que poderíamos agregar a região do Minho no seu conjunto) os dous primeiros, segundo a informação que vimos citando[173], estão praticamente a par nas primeiras décadas, situando-se Coimbra aproximadamente pola metade da produção das duas anteriores.

Por outro lado, e polo que diz respeito a outras vilas e cidades portuguesas (e pondo de parte a produção nas, na altura, colónias) é o norte que registra umha superior presença de imprensa a respeito do Centro e sobretudo do Sul. "Braga, Aveiro, Coimbra e Viana do Castelo eram aqueles [distritos] em que maior quantidade deste tipo de títulos sepublicava (36%)" (Ramos, 1994: 48), Braga possivelmente à frente, pois contava com um Guimarães e um Barcelos particularmente ativos nesta época, mais ainda do que a cidade que dava nome ao distrito.

---

172 Número 1 de 15 de janeiro de 1899.

173 Talvez na nossa seleção da matéria de estudo exista umha propensão mais favorável à capital do Estado do que à do Norte do País. Aceite esta possibilidade, entendemos no entanto que a produção lisboeta de revistas culturais e literárias era maior em Lisboa do que no Porto, em maior proporção do que os jornais de informação, apesar de não termos dados que podam confirmar o que hoje é umha hipótese algo aleatória, e, serem, os que dispomos, contrários à nossa intuição. Por exemplo, Rui Ramos (1994:537) afirma que, em 1910, "Lisboa ainda não imperava, como viria a acontecer desde meados do século. O Porto, por exemplo, igualava-a na fabricação de revistas literárias".

De novo utilizando os dados de Rui Ramos, podemos caraterizar o tipo de jornal existente em Portugal nesta altura como sendo semanal (64% do total de jornais), com umha tiragem de entre duzentos e oitocentos exemplares[174] (67%) e de índole «política» (48%).

De resto, Lisboa e o Porto concentravam 42% de todas as publicações, com umha grande variedade (a imprensa política alcançava só 28% das publicações, seguida polas literárias) e exclusiva capacidade de editar jornais diariamente, com a exceção dum que via a luz em Évora. E mais do que passíveis dumha rígida classificação temática, funcionam na época publicações caraterizadas polo *hibridismo* (Rocha). No caso das que dedicavam espaço à literatura, Rocha destaca a função de "ilustração literária" e recreativa que muitas tinham, junto com um perfil informativo em vários domínios, e um *interesse documental,* que, por exemplo, as leva a introduzir documentos e textos de autores consagrados

À vista de tais dados, pode afirmar-se, sem temor a grande erro ou exagero, que boa parte da sociedade civil, e com ela a literatura, vivia na imprensa da época. As publicações, dumha ou doutra forma literárias, podem então informar-nos com bastante precisão do ambiente literário português.

Ora, é oportuno indicar a índole dessa informação, comum igualmente ao caso galego. Ela vai explicar o caráter efémero de muitas publicações literárias da época. Dum lado, é a imprensa diária que melhor reflete esse ambiente literário a que nos referimos. A sua capacidade de penetração, cujo modelo é muitas vezes copiado polos semanários regionais, é mui superior, sobretudo quantitativamente, ao das publicações propriamente literárias; trazem, aliás, informação geral e são mais baratos. As revistas literárias padeciam também outros tipos de concorrências que as deixavam em situação desfavorável. A dos diversos ócios de que podia dispor, crescentemente, o seu público potencial. E o custo, baixo com relação ao de muitas revistas, dos livros. Note-se, de resto, que muitas delas sustentavam a sua sobrevivência não na venda direta em quiosques ou similares, mas nas assinaturas que conseguiam reunir, e, sobretudo, cobrar. Essa dificuldade acrescentada, que acaba por semear algumhas publicações de avisos para o pagamento, e até de ameaças de publicar os nomes dos morosos assinantes, situa as revistas à beira da extinção, obriga os seus responsáveis a financiar as dívidas, a jurar que nunca mais vão tornar a empresas semelhantes e a salientar, umha e outra vez, a *indigência cultural do mísero país que lhes caíra em desgraça, mau fado*[175].

---

[174] Embora muito menor no seu conjunto às tiragens da imprensa periódica: em 1906 calculam-se em 300.000 os exemplares diários da imprensa lisboeta; *O Século* tirava na altura 80.000 exemplares por dia (Rui Ramos, 1994: 52).

[175] Em geral, essa era umha situação bastante comum ao mundo latino, e, em particular, ao lusófono. Um ano depois do artigo que a seguir comentamos, assinalava Raul d'Azevedo para

Portanto, a informação que deduzimos dos meios de comunicação literários tem tanto a ver com o que neles é vulgarizado e defendido, como com o que aí é criticado ou posto de manifesto a respeito da vida literária do período.

Um revelador artigo de 1903, que assina C. de Figueiredo na *Revista de Lisboa*[176], fornece-nos essas chaves da receção do momento que acabamos de apontar. Por vezes, vai parecer que lemos nele as apreciações que hoje se fazem sobre as mesmas questões; umha delas é a da indiferença do público, constituída em ideologema, no sentido que dá à noção Julia Kristeva (Rocha, 1985:121). Fácil era, sim, e dados os meios técnicos da época, lançar umha revista ao mercado; sustê-la e elevá-la a certa qualidade, técnica, era o realmente difícil. Por isso começa Figueiredo comentando:

> "De todos os emprehendimentos litterarios, o que julgamos mais arrojado, sob o ponto de vista economico, é a publicação dumha revista litteraria... em Portugal[177].
>
> É facil provar-se que das duzentas ou trezentas revistas litterarias, publicadas entre nós, nos últimos trinta annos, nem meia duzia conseguiu alargar a vida para além dum ou dous anos. Muitas d'ellas morreram nas faixas infantis, e muitas outras arrastaram vida periclitante e doentia, atravéz de alguns mezes, extinguindo-se na lucta entre a insolvência dos assinantes e as exigências das fábricas do papel e das officinas tipograficas".

O problema, conclui Figueiredo, é que não há leitores "que paguem o que leem".Três inimigos encontra o autor que "não permittem vida longa áquellas enfezadas e ephemeras rosas de Malherbe". À frente, a concorrência das folhas diárias: "Estas tambem nos dão litteratura, litteratura barata, a 10 réis, e litteratura leve, que se digere toda, n'um passeio de carruagem ou de comboio".

Como se vê, a fórmula da "literatura para as viagens", não "de viagens", tinha *já* sucesso nos começos de século.

Era o leitor burguês, a quem se dirigiam, que se lhes escapava. Já os tempos dos gabinetes de leitura tinham passado; novas possibilidades para os crescentes tempos livres se abriam. Figueiredo concede que as circunstâncias económicas mudaram: "a civilisação augmentou as necessidades; os ricos são poucos e as exigencias sociaes e domesticas são muitas". Menos temperado é com a mocidade e com as mulheres leitoras, que sustentaram boa parte das empresas editoriais:

---

o "Brazil litterario": «O meio» é uma negação para as letras, e, até hoje, ainda não vingou uma só revista de Artel".
Fazia-o no número três da *Revista Internacional* (de 31 de maio), e era como umha premonição, porque ele ia ser o último da publicação lisboeta.
Nesta precária situação, não tinha Azevedo tão má opinião da imprensa diária do seu País como a que veremos em autores portugueses: "Consolamo-nos com as gazetas principaes que teem sempre as columnas francas ás bôas produções".

176 "A Revista", *Revista de Lisboa*, número 4, Ano III, dezembro de 1903.

177 Nunca se safou a hipercrítica portuguesa de censurar continuamente o País, que dá a impressão, se acreditássemos cabalmente nas censuras, que vive de Camões e do milagre a partes iguais.

> "Depois, a mocidade, geralmente irrequieta e foliona não hesita entre a assignatura dumha revista, e umha noitada em São Carlos ou no Coliseu, ou uma tarde no Campo Pequeno. O proprio sexo feminino, as plumas vistosas dum chapéu e umas botas do Stlpflug valem incomparavelmente mais que as melhores revistas, se não forem *revistas do anno".*

Enfim, nem umha autocrítica nos comentários de Figueiredo para as revistas do momento, algumhas das quais estavam a viver a confusão que a crise gerava com umha confusão ainda maior, encastelados alguns em fórmulas que já não prestavam para alguns dos anteriormente fiéis.

Não podia faltar a referência nas causas da decadência dos leitores portugueses, à "educação literária" do povo, onde também não falta ao encontro crítico o "mau romance francês", que se vinha a importar, havia mais de trinta anos, com notável êxito. Falhava era talvez a conceção, mais do que pedagógica de arauto salvador, com que algumhas publicações se apresentavam; a colaboração mais destacada na *Revista de Lisboa* era a de Júlio Dantas, Bulhão Pato, Gomes Leal e Lopes de Mendonça; e poucos estavam para pegar nessas meadas na altura:

> "Pouca gente lê para saber; e, para a grande maioria do publico que lê para se distrahir, não ha nada tão bom como um mau romance francês. Por um franco[178], obtem-se leitura recreativa e edificante para meia duzia de serões. E depois a inconsciencia geral do mérito ou demérito dos escriptos do litterato A. ou do litterato R.: são tudo litteratos, gente que maça ou que diverte o proximo, consoante a cara d'este é a dum herdeiro feliz ou a dum genro aborrecido. Em geral, umha revista inepta logra acolhimento analogo ao da mais esmerada e interessante revista".

Quanto à *Revista de Lisboa,* interessante, este é o seu último número.

IV.2.2. Presença de produções literárias transpirenaicas no polissistema português finissecular

Diferentemente do caso galego, a caraterização do polissistema português resulta mais simples, ao não apresentar a complexidade daquele no que diz respeito aos seus problemas de *ubicação* e proliferação sistémicas. Com efeito, se o sistema regionalista galego apresenta quatro fatores qualitativamente diversos nas possibilidades de interferência (os representados polos referentes de oposição, de reintegração, de analogia e o conjunto de literaturas restantes que podam atuar nele) e um panorama complexo dadas as suas insuficiências (e, consequentemente, o peso qualitativo e ainda determinante na sua vida literária do polissistema espanhol), a problemática que daí se deriva não existe como tal no polissistema português; este é, por mais transferências que

---

[178] As oito páginas da *Revista de Lisboa* custavam um escudo em Portugal, escudo e meio em Ultramar, e cinco (fracos) para os aliados brasileiros.

os grupos participantes operarem, autossuficiente: dispõe como próprios de todos os macrofatores que eram considerados por Even-Zohar ao adaptar à teoria polissistémica o esquema de comunicação de Roman Jakobson.

Outra cousa é, no quadro de transferências, que a literatura portuguesa olhe por exemplo de preferência para uma determinada literatura, e com ela mantenha uma relação de mania, como é o caso da francesa, que mesmo alarmava alguns setores de opinião. Mas, continuamos a supor, se essa presença francesa fosse considerada nociva ou prejudicial, não já para a produção do momento, mas para o conjunto do polissistema (e não sistema ou subsistema), este dispunha de mecanismos suficientes para garantir a sua autonomia.

Comparada então com a do sistema regionalista galego, a vida literária portuguesa apresenta, nesse sentido, o grau de normalidade próprio dum estado soberano.

Da análise das publicações no trânsito entre os dous séculos, deduzimos com facilidade um contexto, polo que diz respeito à presença de literaturas transpirenaicas, mui parecido com o do Estado Espanhol[179] da época. A presença francesa sobranceia por cima doutras literaturas. Não mais, de resto, do que podia acontecer nos meios espanhóis. De tal forma é sentida, tanto polos portugueses como polo resto do mundo cultural ocidental, a presença da literatura francesa e de autores franceses em alguns meios que o brasileiro Raul d'Azevedo observa na *Revista Internacional,* no último número dos três que conheceu, que se os escritores brasileiros escrevessem em francês, "e num meio intellectual como o de Paris", triunfariam, acrescentando umha certo amor próprio ao protesto: "Que eu, lealmente o digo, não conheço na America do Sul povo mais intelligente e de mais vocação artística que o nosso".

Considera Azevedo neste mesmo artigo Olavo Bilac como o melhor escritor brasileiro, por cima de Raymundo Correia, candidatura que outros, como José Verissimo, sustentavam; início da canonização deste em determinados ambientes literários portugueses[180].

De igual modo, é percetível, segundo as publicações e áreas geográficas, umha estrutura de transferências similar à anterior. Por exemplo, nos meios regionais ou regionalistas (fora do âmbito dos três principais centros produtores) é mais acusada a presença dos autores mais celebrados do romantismo europeu, e, já nos finais de século, dos autores realistas e naturalistas.

---

179 Reservamos para o estudo da presença da Galiza em Portugal a análise da Importação das várias literaturas do Estado Espanhol, porque, em nossa opinião, fica assim melhor iluminada a interferência galego-portuguesa.

180 Se fazemos este comentário sobre a figura de Olavo Bilac é porque ele vai ser um poeta vulgarizado com certa frequência nos meios galeguistas, nomeadamente dos anos vinte, e também no *enclave* bonaerense, curiosamente não por via do relacionamento direto dos grupos galegos da Argentina, mas por via galega. Bilac, passa, aliás, por escritor português.

Há casos em que esse caráter secundarizante de algumhas publicações de além e aquém Minho dá como resultado a vulgarização de quase exatamente os mesmos autores, franceses normalmente. Assim por exemplo, a "folha noticiosa, litterária e bibliográfica" *Estrella do Minho* de Vila Nova de Famalicão, propriedade de Manuel Pinto de Sousa, dedicava em 2 maio de 1904[181] a sua primeira página a Daudet; no número seguinte era a A. Dumas pai que se prestava atenção e, no posterior, a Catule Mendes.

Outras literaturas, como a russa, vão, em processo semelhante ao que conhecíamos na Galiza, aparecendo no panorama português dos inícios de século. Da sua progressiva instalação central nesta altura informa perfeitamente o facto de aparecerem em 1905 vários números dedicados a vulgarizar a literatura russa num magazine que desfrutava já desde muitos anos atrás de enorme prestígio e audiência, *O Ocidente,* o que revela que esta produção literária saíra ja do âmbito estritamente literário de vulgarização para atingir a centralidade que todo o magazine, ou revista ilustrada de informação geral, prestigiosa, concede[182].

A presença dessas transferências está obviamente melhor estudada no caso do polissistema português do que no sistema regionalista. Vamos tentar então caraterizá-la aqui sobre a base das correntes literárias em jogo no fim de século luso.

No quadro particular das publicações não diárias era de novo a França o país que contava com o maior prestígio. As suas revistas eram, aliás, o veículo fundamental para a transmissão direta das novas ideias e estéticas. Eram lidas em toda a parte, e até serviam de parâmetro para calibrar a qualidade doutras. Em 1904, referindo-se ao caso brasileiro, Raul d'Azevedo[183] informa-nos das revistas mais prestigiosas da Europa, tomadas polos países mais influentes, destacando a *Revue des Deux Mondes:*

> "Resta-nos, em outros Estados, diversas tentativas que merecem bem palavras de encorajamento. Nenhuma, porém, como a *Revista Brasileira*[184]*,* que egualava, no género, as melhores publicações européas [...].
>
> Ellas [alude às revistas que ainda continuavam a ser publicadas no Brasil], não podem ser classificadas ao lado de *La Revue,* da *Contemporany Review,* da *Nuova Antologia,* da *Revue Bleue,* da *Illustración Espanola* [sic] , para não falarmos na *Revue des Deux Mondes,* que esta não tem egual".

---

181 Números 457 (15 de maio) é 458 (de 22 de maio) e 459 (de 29 de maio).

182 Em nossa opinião, o melhor termómetro para conhecer a centralidade dum fenómeno literário é o de estudar o tratamento que dele fazem os meios não diários deste tipo, porque são o sintoma mais relevante da transcendência de tal fenómeno da vida literária ao âmbito do interesse geral. É este processo o que nos vai permitir assegurar (contra o que normalmente se tem afirmado) ser nos finais dos anos vinte quando a literatura nacionalista galega alcança a sua maior centralidade no polissistema português.

183 *Revista Internacional*, número 3 de 31 de maio.

184 Era dirigida por José Veríssimo, e acabava de desaparecer.

IV.2.3. Um misto finissecular

o século XIX é o século das nações; parece-nos não ser um exagero esta afirmação. Processos como o húngaro, o das unificações da Alemanha e da Itália, o surgimento enfim das reivindicações nacionais ou regionais no seio dos Estados é umha constante: é época de exaltação. Portugal, que não tinha questões continentais nacionais a resolver, celebrara com entusiasmo o tricentenário de Camões.

Dez anos mais tarde, um embaixador em Lisboa, mas infelizmente para o Governo luso o da Inglaterra, entregava ao ministro dos Negócios Estrangeiros umha nota que ia convulsionar a vida política, social e literária portuguesa. A nota continha o Ultimato que os ingleses davam a Portugal para retirar a sua expedição militar do atual Malawi. Movimentou-se toda a população, ministros também (embora o dos mal sucedidos Negócios do Estrangeiro visse apedrejar a sua casa), indignada frente ao ato imperialista inglês frente ao menos imperial Portugal da altura.

A nação, porque ela era realmente que estava em jogo, assistia também e fundamentalmente à sua transformação ideológica e organizativa. Sem muito tempo para a reflexão dada a precipitação dos acontecimentos, o que aquela carta dos ingleses vinha apurar era o sentimento dumha urgente transformação, que já começara a calhar em alguns meios portugueses. "Abençoado ultimato" apregoava o *Diário de Notícias* em 25 de janeiro.

São épocas, pois, de tanta confusão como de desejos de mudança. *Para onde* é a dificuldade a resolver. E a produção literária não vai seguir cursos mui diferentes dos que o imenso caudal de projetos e propostas nutriam a crítica vida social e política de aquela Lusitânia decimonónica.

No Portugal finissecular onde ainda ecoam os gritos de protesto perante o Ultimato britânico, a coincidir com umha crise financeira que dificilmente se podia ocultar (Ramos, 1994:22 e ss.), o panorama literário não é, então, harmónico com aquele que se delineara na altura imediatamente anterior aos protestos cívicos antibritânicos. Progressivamente, saía Portugal dum mundo socioeconómico ainda fundamentalmente agrário, com a industrialização de Porto e sobretudo de Lisboa, que já em 1917 chegará a dobrar a da zona nortenha (Lopes, 1973:294). O País liderado polos intelectuais, como bem define Rui Ramos, onde o intervencionismo dum Antero de Quental ou dum Guerra Junqueiro dominava a vida pública, deixara passo a umha série de tendências (gestadas na época, por vezes ao calor dos sucessos derivados do *mapa cor-de- rosa*[185], ou então com marca de origem no Romantismo), cujo tom

[185] O mapa contendo a essa cor os territórios africanos objeto da pretensão do império português de unir Angola e Moçambique de Oeste a Leste fora apresentado em 1886 na Sociedade de Geographia de Lisboa.

comum acabará por ser a progressiva imposição do tradicionalismo e o enraizamento na Produção (com a fundamental exceção de certo Simbolismo), frente ao sentido cívico, moralizante e crítico da outra ação patriótica que anos atrás tivera lugar. Quase todas as tendências literárias da época procuram saídas que têm em comum a valorização de elementos irracionais, opostos ao racionalismo dominante, e fracassado. Talvez seja o naturalismo aquele que mais se safou desse pendor, óbvio num movimento tão epigonal como já secundarizado e conservador.

O caráter cultural do patriotismo de Alberto Oliveira, e de novo tornamos a Rui Ramos, já não será o cívico de Latino Coelho. Oliveira elevará à categoria de solução a volta à inspiração no génio quinhentista e nos motivos populares, quanto mais primitivos e irracionais mais genuínos. Um retorno que no *Só* e no *Desejado* de A. Nobre vai encontrar o mais acabado modelo.

IV.2.3.1. Linhas de força no polissistema na época do Ultimato

O panorama literário, no seu conjunto, vai conhecer três grandes linhas de força no Portugal finissecular, algumhas com marcadas raízes anteriores: a que podemos sintetizar sob a designação geral de Tradicionalismo, o Decadentismo- Simbolismo e o Naturalismo. Não sendo compartimentos-estanco, elas são facilmente percetíveis como expressão de tendências, mui determinadas, aliás, polos acontecimentos que vão do Ultimátum ao 31 de janeiro de 1891, e vão dominar a vida literária portuguesa até 1910, aproximadamente, mas com diversa fortuna. Óscar Lopes (1973:314) sintetiza-as excelentemente:

> "Três são, pode dizer-se, os grandes feixes de tendências que dominam a nossa literatura entre 1890 e 1910. O primeiro desses feixes, aquele que cronologicamente se desenha mais cedo e tem o seu aparente ponto de partida em tradições mais assentes, é o de certas tendências novi-românticas, historicistas, sentimentalistas, nacionalistas, que pretendiam reatar, com efeito, uma tradição romântica, mas na verdade reagem a circunstâncias que as levam até, por vezes, a virar do avesso aqueles mesmos mestres dos quais se apresentam como continuadores. Na medida em que, no decénio de 1890, acorda já a consciência dessa inevitável rotura sob uma aparente continuidade romântica e em que esse novi-romantismo se torna permeável a uma estética já sem pretensões de representar a vida popular portuguesa, a uma estética confessamente minoritária, cosmopolita, com requintes exóticos, formalistas ou decadentes- ficamos em presença de um novo feixe distinto de tendências, designáveis como esteticistas- decadentistas. Finalmente, o naturalismo recorta-se sobre um fundo de transições que o ligam, sim, a estes dois feixes, mas distingue-se deles por umha combatibidade crítica directamente herdada da geração de 70 e que, por um lado, procura manter-se em contacto aguerrido com os fenómenos novos de mecanização industrial, proletarização, especulação financeira, degradação do liberalismo monárquico, embora, por outro lado, ceda inconscientemente terreno àquele mesmo romantismo idealizador de expansões distantes e de velhos paraísos rurais a que deveria opor-se, na verdade, o seu republicanismo dominante prolongasse em todas as suas consequências os momentos mais ousados da anterior geração realista e do romantismo setembrino".

Ora, para darmos conta do seu decorrer, é oportuno fazer algumhas apreciações sobre os seus constitutos fundamentais, e mesmo sobre as individualidades influentes que se escapam a umha caraterização genérica. Comecemos polos seus antecedentes.

IV. 2.3.1.1. Os Estudos em Ciências Humanas e Sociais

Ao lado dos diversos movimentos estéticos da época, e por vezes com alguns deles convergentes, desenvolve-se desde os anos setenta em alguns meios intelectuais portugueses um crescente interesse pola História, quer dos movimentos sociais ou políticos, quer referida à investigação das raízes literárias, linguísticas e em geral culturais do povo português. Este pendor historicista, que iguala em algum caso com a dedicação que Herculano ou Garrett prestaram a similares questões, vai acabar informando, como veremos, vários dos temas e ainda das tendências literárias de fim de século[186]

Entre os autores destacados neste empenho, é salientável a conhecida atividade, não apenas erudita, de Teófilo Braga, cujas investigações e objetos de estudo vão alimentar diversos movimentos literários que encontram na *essência* do *ser português* umha das suas principais razões de existir, como será o caso do Saudosismo. Teófilo é homem extraordinariamente prolífico; quando em 1877 publica o *Parnaso Portuguez Moderno,* livro decisivo no relacionamento galego-português, o Professor de Literaturas Modernas no Curso Superior de Letras tinha já publicado mais de cinquenta volumes.

É época esta de impulsos na investigação em todos os âmbitos; mas particularmente reforçada em Portugal pola necessidade de procurar saídas espirituais à crise em parte também espiritual, em determinados setores, que explica o seu papel relativamente central até à década de vinte. Quiçá também por isso, este tipo de trabalhos, não vão estar isentos, como sabemos, de certos apriorismos, onde a hipótese combina de regra com o desejo animado pola imaginação, ali onde é mais difícil por nebuloso estabelecer conclusões *modo positivista.* Maria de Lourdes Belchior (1980: 104) resume perfeitamente o caráter desta tendência:

> "[...], em alguns dos que quiseram caraterizar o chamado «génio nacional» o zelo e a imaginação consorciaram-se admiravelmente. Um dos casos paradigmáticos parece-me ser o de Teófilo Braga, a detectar perseverantemente, tenazmente, o «génio português» nas suas raízes célticas[187]. Mas mais estremado -apaixonado- e sem procurar

[186] Os estudos históricos e filológicos forom importantes na época para a vida literária, e talvez hoje esteja um tanto minusvalorizada a sua centralidade, tanto no momento como em autores e movimentos posteriores. É significativo que um historiador literário tradicional como Fidelino de Figueiredo reserve para a historiografia (apesar dos seus particulares interesses) o maior espaço que dedica ao estudo da época que medeia entre 1871 e 1900.

[187] Obviamente, eis umha das pontes seguras de relacionamento galego-português. A preocupação polo celtismo é, em Portugal, mui anterior a T. Braga (v. gr. António Ribeiro Sanches, Cardeal

aparato erudito em que fundamentar a sua explicação do «espírito lusitano» é Teixeira de Pascoaes[188]" .

Nesta procura de qualquer cousa parecida com o "espírito português", somam-se progressivamente ao nome de Teófilo Braga outros, de preferência etnógrafos e filólogos, cuja tarefa vai também contribuir a perfilar as linhas nacionalistas finisseculares. Salientam-se, entre outras, os vultos de Adolfo Coelho (formado na escola alemã de Diez), Martins Sarmento, José Leite de Vasconcelos, Carolina Michäelis, etc. No âmbito mais restrito da Filologia, as investigações dialetológicas, do cancioneiro popular e a descoberta e análise dos Cancioneiros medievais alimentam ainda mais a tendência. E, por exemplo, as ciências sociais e a investigação histórica, representadas por Teófilo e Oliveira Martins, são merecedoras dum capítulo no extenso artigo que Moniz Barreto, crítico praticamente oficial da *Revista de Portugal* escreve para o primeiro número da publicação, em 1889.

E é que a passagem de séculos é altura de definições; umha por cima de todas: a de determinar a existência (ou não, cousa esta mui poucas vezes hipotetizada) dumha cultura portuguesa genuína. Má fortuna para simbolismos... "Causas próximas, justificativas duma espécie de desespero colectivo", comenta Belchior (1980:105), a consciência de crise e a necessidade de sobrevivência obrigavam a procurar, no «espírito da cultura portuguesa», os valores por que valeria a pena lutar".

Nunca abandonou a intelectualidade portuguesa esta reflexão, desde os tempos de Teófilo até aos nossos dias, que, se conheceu parênteses obrigados por urgências e censuras (como o período salazarista), também levou às contínuas procuras, crises de *hiperidentidade* de que falava Eduardo Lourenço, no Portugal após-25 de abril. E não é esta umha reflexão que deixe de interessar os galegos. Antes polo contrário, grupos dos dous países vão encontrar-se precisa, e privilegiadadamente, por esta via. De novo utilizamos a síntese de Maria Lourdes Belchior:

> "Haverá realmente um espírito da cultura portuguesa? Terá a literatura portuguesa, na transição dos anos 800 para os de 900, revelado esse espírito nas suas componentes fundamentais[189]? Tem-se proclamado a existência de umha Weltanschaung,

---

Saraiva, etc.) e ao celtismo galego. No entanto, no caso do grande polígrafo, e perante o seu relacionamento com núcleos corunheses, não seria descabido pensar numha transferência descendente (da Galiza para Portugal), embora nos pareça mais possível a ascendente (de Portugal para a Galiza).

188 Talvez convenha frisar que no caso de Teixeira polo menos certo "aparato erudito" não era desconhecido (como põe de relevo, por exemplo na sua polémica com Sérgio), mas não utilizado, dada a índole da sua ideologia.

189 Normalmente, a este tipo de interrogações costuma responder-se que não, e que, como consequência, é vão tentar definir o que por essência seria indefinível. Em nossa opinião, porém, as reflexões desta época (a que devemos acrescentar as da Geração de 70, a irónica e a erudita), sim manifestaram umha ideia bastante apurada da identidade (e não na História) portuguesa e do

> peculiarmente portuguesa ou luso-galaica, condição para um pensamento de alcance universal, cujas raízes estariam mergulhadas na experiência concreta da saudade, logo da vivência da solidão radical do Homem e de uma indefinida inquietude [...]" ...

Aí vai estar, já nos finais do XIX (não há que esperar à complexa conjunção Pascoaes-Risco, por exemplo), umha das bases sólidas do relacionamento galego-português.

IV. 2.3.1.2. A herança da Geração de 70. Guerra Junqueiro e Gomes Leal

De resto, Simbolismo, Naturalismo e Tradição dominam a vida literária portuguesa do momento; e, como dizíamos, enquanto o Modernismo português não dê os seus primeiros abalos (abalos e não propriamente rutura sistémica) nos meados da década de dez, as correntes tradicionalistas imporão-se progressivamente. Sobrevivem, e ainda com sobeja força nos primeiros anos do século, a herança realista e o renovado (ao mesmo tempo que epigonal) discurso naturalista do século passado; o romantismo, como movimento literário (não assim como mentalidade contemporânea pujante) vai apagando-se na obra de José Duro, Guedes Teixeira, Hamilton de Araújo ou Bernardo de Passos, "onde mal afloram" as influências do *fin-de siècle,* e sobrevive a linha parnasiana (Saraiva e Lopes, 1985:969); e, ao lado, desenvolvem-se novas correntes literárias, Importação combatida desde quase cada esquina. Convém notar também um facto: Antero *caíra* expressivamente em 1891; Oliveira Martins morre três anos mais tarde; em 1900 morre Eça de Queirós; a obra de Teófilo Braga é, em grande medida, do séc. XIX. Portanto, a possibilidade de influência dos já "Vencidos da vida" estava manifestamente reduzida, e, com ela, as ideias que os chefes de fila do movimento realista começaram a desenvolver trinta anos antes. A leitura das suas obras continua, mas a atividade que as acompanhava (e notemos que nesta época é habitual o escritor ser colaborador jornalístico) desaparece. Para além disso, o ambiente da década de noventa não está já para as admoestações, cada vez mais lúcidas (e talvez por isso mesmo ignoradas) do autor das *Notas Contemporâneas:*

> "Eu digo que Portugal, nesta época em que não pode fazer conquistas nem tem já continentes a descobrir, deve esforçar-se por ganhar um lugar entre as nações civilizadas, pela sua educação, a sua literatura, a sua ciência, a sua arte, provando assim que ainda existe porque ainda pensa. Fomos grandes pelo que outrora fazia as nações grandes- a força; procuremos tornar-nos fortes pelo que hoje faz as nações fortes- a ideia. Foi esta a superioridade que eu desejei à minha pátria"[190].

---

seu decorrer ao longo dos séculos. É precisamente a matéria histórica, a sua perspetiva, que está a ser revista na atualidade, nomeadamente nos anos oitenta, lógica consequência das mudanças estruturais, mais fortes do que as finisseculares, que se têm verificado na década anterior.

190 Citamos por Belchior, 1980: 121.

Resta, para a posteridade imediata, Guerra Junqueiro; e, um pouco mais atrás destes, na cena, Gomes Leal.

A obra do autor da *Velhice do Padre Eterno,* incontestada até aos comentários de António Sérgio e à revista *Presença* praticamente, é a representação dumha época. Mais do que virtudes formais, talvez fosse a versatilidade dos seus temas, juntamente com a sua inimitável militância republicana e a sua liderança ideológica e cultural, que fizerom do poeta nascido em Freixo-de-Espada-à-Cinta um modelo para os diversos movimentos literários desde meados de oitenta. «Profético» não é um adjetivo exagerado para qualificar a perspetiva de receção desta figura singular. E não apenas para a sua veia cívica, de intervenção, mas mui especialmente para a linha metafísica da sua poesia.

A sua obra evolui com as diretivas culturais da época. Talvez não seja Guerra Junqueiro um inovador absoluto, não um escritor *primário* no quadro polissistémico; mas sim parece evidente que no seu prestígio se concentram linhas poéticas que acabam triunfando. Na corrente positivista e científica que deixaram como legado os conferencistas do Casino lisboeta, Junqueiro produz obras como *A Morte de D. João* (1874) e *A Velhice do Padre Eterno* (1885). Ao espírito satírico e iconoclasta destas obras correspondem também o *Finis Pátriae* e a *Pátria,* estas, particularmente a primeira, escritas num período em que apareciam como a resposta certa aos momentos convulsos dos anos noventa. Já o tom panteísta, místico e intimista (e, não esqueçamos, já algo *tocado* pola lufada simbolista) de obras como *Os Simples,* complementado com as *Oração ao Pão e Oração à Luz* de inícios de século, anunciam o tipo de lirismo nacional que vai predominar nos saudosistas. Reunia aliás nestas obras algumhas formas e aspetos da nova sensibilidade simbolista; e fazia-os convergir, com o ruralismo, com "à volta à terra" que começava a ser apregoada desde alguns setores.

A par da obra de Guerra Junqueiro caminha igualmente a vida literária de Gomes Leal, aliás os dous considerados parte do mesmo grupo de 70. Mais ainda, o trabalho poético de ambos parece umha espécie de parceria; se um atacava o Padre Eterno, o outro combatia o seu Filho (o seu mui naturalista *Anti-Cristo* de 1886, reconvertido em 1907 ao sentimentalismo); se Junqueiro anunciava o *Finis Patriae,* lá Gomes Leal ultrapassava os limites do primeiro no seu *Fim dum Mundo,* subintitulando-o, para maior clareza ainda, *Sátiras Modernas;* e se *A Morte de D. João* apresentava batalha à monarquia, também os Braganças não se safavam do duro ataque de Leal em, título expressivo como todos os destes dous autores, *A Traição.* Afinal de contas, Junqueiro e Leal são de regra percebidos como um duetto com os mesmos objetivos, particularmente polos defensores dumha literatura empenhada, como em passagem adiante veremos ao citarmos um texto sobre Fialho. Homem de continuado combate cívico, afinal vai receber, na quase miséria, a homenagem

de muitos escritores e revistas[191] (ainda Augusto de Santa Rita dele se vai lembrar nas suas luxuosíssimas *Folhas de Arte*), económica e afetiva, e, em 1916, o precário subsídio dumha pensão de seiscentos escudos anuais do Estado, com que viveu pobremente os cinco anos que lhe restavam de vida.

A vida política de Gomes Leal é ainda mais agitada do que a de Guerra Junqueiro; viveu, de regra, das suas abundantes colaborações na imprensa e da edição dos seus múltiplos panfletos, com umha dose de demagogia, ou, por melhor dizer, de ideologismo, que não devem todavia obscurecer umha alargada obra em que a assimilação das linhas poéticas europeias, de Goethe a Baudelaire, aparecem em ocasiões com forte originalidade. Ele é, aliás, um poeta singular, mais do que um poeta de grupo. Tradutor de Gauthier e Catulle Mendes, ativo leitor, apresenta, sobretudo em algumhas das suas obras do séc. XIX, a atitude de quem quer quebrar o estado de cousas apelando à rutura mais contundente, sejam o orgiástico ou o ateísta combativo os temas elegidos. Nele confluem igualmente restos do romantismo com apuradas imagens simbolistas. E as contraditórias atitudes do seu tempo, entre o positivismo e o cientismo e o surto metafísico e religioso, como põem de manifesto as versões do *Anti-Cristo*, e por não recorrermos à *História de Jesus (para as Criancinhas lerem)*, livro edificante como era julgado na época em que, aliás, recorre ao verso e à língua populares. No seu mais puro estilo apocalíptico, ele dá-nos, no prefácio de *Fim dum Mundo* (1900; citamos por Belchior, 1980:109), a sua síntese finissecular: "Termina o século no meio dum apocalipse social; no meio de farrapos de declamações; farrapos luzentes de teorias; farrapos trágicos de esfomeados".

Apocalipses postas de parte, o século acabava com umha 'bagunça' literária dificilmente reeditável noutros períodos. Neste curioso "comboio descendente" para o fim de século viajam, por vezes até na mesma carruagem, autores de percursos diversos[192]. A "revista internacional" *A Arte,* de Eugénio de Castro e Manuel de Silva Gaio comparece em sociedade apresentando por sua vez, já

---

[191] Na subscrição nacional que se impulsou em favor do poeta, em 1913, muitas forom as *vozes* e menos as *nozes* que se conseguirom em favor do escritor convertido em símbolo dum Estado que desprezava os seus mais dignos artistas. Aproveitamos o ensejo para indicar a penetração que alguns intelectuais cataláes tinham já na vida literária portuguesa. Com efeito, em *A Vida Portuguesa* (número 13 de 6 de maio), o órgão da Renascença que dirigia Jaime Cortesão, aparece o artigo de Ribera i Rovira (*El Poble català*, 27-3-13) em catalão, solicitando a ajuda do seu povo para Gomes Leal. A atenção ao facto chega por exemplo até São Mamede de Infesta, onde o semanário *A Voz do Leça*, cuja propriedade e direção reunia Mário d'Almeida Figueiredo, transcreve o referido artigo no número 13 do mesmo ano. Na Galiza, o assunto, que saibamos, passa absolutamente despercebido.

[192] Reconhecemos a pouca originalidade da metáfora; por falarmos em mistos e *originalidades*, cedemos interessadamente às palavras de Eugênio de Castro no Prefácio do *Oaristos* (1890), criticando as "algumas dezenas de coçados e esmaiados *lugares- comuns* e a geral pobreza estilística da poesia da época: "Tais são os *rails* por onde segue num monótono andamento de procissão o comboio misto que leva os Poetas portugueses da actualidade à gare da Posteridade, Poetas suficientemente tímidos para temerem o vertiginoso correr do expresso da ORIGINALIDADE".

no seu número primeiro, "La jeune littératture portugaise", e alá vão, Fialho à cabeça, António Feijó e Luís de Magalhães, mas também Moniz Barreto, e, por outro lado, Alberto de Oliveira e António Nobre, assinando, para completar o quadro, Manuel de Silva Gaio. Numha revista, lembremos, onde a presença de Verlaine nas suas páginas, bastava para caraterizá-la aos olhos de muitos.

IV. 2. 3.1.3. O Naturalismo

Ao lado da Geração de 70, e a muito custo, um naturalismo vestido cada vez de mais "farrapos", já desprovido da profundeza, complexidade e introspeção dos seus predecessores, aparece. Não lhe tirará essa circunstância leitores, mas sim a primazia absoluta de que pudo orgulhar-se em anos passados, vincando agora novas correntes literárias vindas da França (mas, *renovadoras,* não todas).

Este tipo de literatura naturalista toma em Portugal tintas negras e morbosas. Os avanços científicos, como paradoxalmente costuma ocorrer, confirmavam não as possibilidades de progredir que a humanidade tinha, mas apareciam como reveladoras das misérias do género humano. O romantismo, ansiando o infinito, acaba por ser engolido, numha literatura que queria mostrar até onde a maldade e a luta pola sobrevivência podem chegar, e *descobria* todo um panorama de degradação e marginalização, que acabava por comprazer morbidamente a sociedade burguesa que queria abalar. Assim o expressa Rui Ramos, recorrendo a expressões da época (1994:314):

> "Invertidos de ambos os sexos, vítimas de «diátese aberrativa hereditária», prostitutas, as classes pobres, os criminosos, a corrupção política, o suicídio, a loucura, a miséria envergonhada das classes médias, o deboche dos aristocratas, padres sinistros, eram os temas escolhidos para as descrições minuciosas, cheias de termos clínicos e adjectivos rebuscados, que eram a marca de água do estilo «naturalista». O lema era o de Félix Le Dantec, um dos autores mais populares das bibliotecas científicas do fim do século (como a do editor francês Félix Alean): nada na vida está fora «das leis naturais estabelecidas para os corpos brutos (química e física)» *(Théorie nouvelle,* p.320)".

Progressivamente o romance naturalista "descarnado" abre passo para o centro do sistema, apesar das suas insuficiências. O ciclo *Patologia Social* de Abel Botelho, norteado polo sentimentalismo romântico e um decadentismo "pretextado por uma pretensa conceção científica de vida" (Lopes, 1973: 410) é claro representante. E é que conta com um principal aliado, nestes últimos anos do XIX e inícios do XX: a imprensa. Com efeito, e numha atitude primeiro metropolitana, e depois alargada aos mais pacatos lugares do jornalismo português, a denominada imprensa sensacionalista, praticada também e sobretudo polos principais meios da época, serve aos seus leitores quase diárias *refeições* de toda a série de crimes contra a moral pública de então... que são

lidas avidamente, a julgar pola efervescência da época. E muitos escritores, ativa ou passivamente[193], participavam dessa roda.

Para *já,* os leitores de romances podiam encontrar habitualmente os seus autores favoritos nas colunas dos jornais, porque era este o principal meio de subsistência daqueles. Com diferentes óticas, mas partilhando iguais conceções, Abel Botelho, Teixeira de Queirós, Albino Forjaz Sampaio ou Manuel Laranjeira eram dos mais lidos na altura.

Este último foi possivelmente o melhor representante do pessimismo e da equiparação entre o "mal das pessoas" e o "mal da nação". Foi aliás Laranjeira quem animou Unamuno, com quem confraternizava naqueles quase "veráos espanhóis" de Espinho (onde os muitos nem sempre bons vizinhos iam passar férias), para escrever o que será *Por tierras de Portugal y de España;* o caráter suicida do povo português (presente já em Sampaio Bruno, Junqueiro ou Eça, como nos lembra Ramos) que o agonista espanhol nesta obra manifestava não parecerá ainda suficiente ao escritor de Feira. "Fué Laranjeira quien me enseñó a ver el alma trágica de Portugal... y no pocos rincones de los abismos tenebrosos del alma humana", afirma Unamuno[194]. Admirador e devedor do teatro de Ibsen e de Nordau, mui na moda no Portugal finissecular, este boémio, bom desprezador dos simbolistas, cumpria tragicamente o destino que augurava á sua nação dum tiro na cabeça em 1912. Na verdade, o caminho naturalista era em parte também suicida. O seu reinado, o seu centro polissistémico, foi bastante efémero. A ciência não podia explicar outros "males da alma" que rondavam o ambiente literário luso. Já nesta primeira década o impulso simbolista, e, cada vez com maior intensidade, um nem sempre renovado tradicionalismo, iam deslocando o naturalismo (e com ele os seus géneros fundamentais, romance e drama, aquele sobretudo) para as periferias sistémicas, tomando dele no entanto e embora em sentido inverso, a sua preocupação e empenhamento (Ramos, 1994:320) :

> "A biologia, dotada do microscopio, investigava as células; a física, com a sua «teoria mecânica do calor», demonstrava como as forças do Universo se transformavam umas nas outras; a química provava como o carbono era a «base química da vida», etc. No entanto, as convenções e os preconceitos continuavam em vigor. Era isso que provocava o «mal-estar», a «cisão interna» dos indivíduos".

Nesta época, comenta Ramos, começa a popularizar-se a ideia e o sentimento da neurose; a desproporção entre o que se deseja e o que realmente se alcança. "Para os sábios «naturalistas», o problema estava na contradição entre os progressos da ciência e o atraso da «vida moral e das relações sociais»"[195].

---

193 Como o caso de Maria Amália Vaz de Carvalho, que, lamentando o tratamento que Zola fazia de homens e mulheres, acabava por o asumir nas suas *Cartas a uma noiva* (Ramos, 1994: 315)

194 Citado por Urbano Tavares Rodrigues, em Prado Coelho, coord. 1969, II: 520.

195 Haeckel, *Os enigmas*, pp. I e segs., in Ramos, 1994:320.

Ora, nalguns destes naturalistas, o ceticismo e a retirada de Eça para o rural tivera continuadores. Da violência citadina, e do cientismo de Zola, passa-se à valorização da aldeia e àquele franciscanismo laico que o último Tolstoi[196] pode significar, já na última década do séc. XIX, a que não é alheio Teixeira de Queirós. Esta tendência, normalmente *contista,* tem em Trindade Coelho um expressivo exemplo, inclusive no encontro com o tradicionalismo, com o novo *nacionalismo* que se está a gestar perante o avanço do simbolismo *estrangeirado*[197], e a desorientação, ideológica e de valores, ainda mais generalizada.

Mais crisol de modelos é progressivamente a obra de Fialho; longe já das sólidas construções romanescas de Eça, Fialho restringe-se à crónica ou então à narrativa breve, que nele vão da sátira feroz, e em ocasiões injusta, ao impressionismo mais amável, do fantasmagórico e terrificante aos quadros mais costumistas, e até piedosos. O decadentismo e o simbolismo não lhe são alheios, e por vezes o seu trabalho de estilista consegue tirar forte partido a temas que poderiam passar por insignificantes. Como tão-pouco abandonou a tradição da viagem, que desde o realismo se empenhara em divulgar as novidades do mundo à sociedade portuguesa que havia de ser reformada, e em que se destacarom Ramalho Ortigão, Oliveira Martins ou Coelho de Carvalho. Só que agora, em Filaho, eram a expressão da vida da periferia (quer a Galiza, quer o Alentejo) podiam proporcionar.

Demais, ele não se resiste a ser um produto do seu tempo; Fialho participa dos sentimentos da época, não como um homem de gerações precedentes. A observação devemo-la ao Mestre Jacinto do Prado Coelho (1977: 160); ela carateriza, aliás, umha época:

> "Fialho espontaneamente comungou no clima espiritual da geração de 90, integrada por Alberto de Oliveira, Raul Brandão, D. João de Castro, João Barreira e outros; vemo-lo participar do pessimismo desses «novos», que definem a vida polo absurdo e o tempo a que pertencem pola morbidez duma civilização a exaurir-se; vemo-lo defender a plena liberdade na criação artística -um mundo à parte, irregular e delirante, com arroubos ideais e satânicos refinamentos -o proclamar que à literatura

---

196 A receção de Tolstoi nos ambientes literários galego e português é, em nossa opinião e nas nossas lacunas, um dos aspetos pendentes para o estudo desta época, porque as duas direções que ela parece tomar (a citada, e a mais próxima das ideias anarquistas) podem pôr ao claro alguns aspetos ideológico-literários (em relação ao Simbolismo e também ao Tradicionalismo) do período. Nos finais da década de 80, Tolstoi, Dostoieski e outros seus compatriotas eram mui divulgados, em francês, polo Visconde de Vogüé, "numa apropriação das peculiaridades do realismo eslavo por parte das tendências psicologísticas, místicas, irracionalistas ocidentais" (Lopes, 1973:315). Óscar Lopes dá notícia também da viagem à Rússia de Jaime de Magalhães Lima em 88, para conhecer Leão Tolstoi, cuja "sabedoria anárquico-cristã e agrária" exalta em 90 na *Revista de Portugal*, um privilegiado lugar de encontro das gerações de 70 e 90 (Lopes, 1973:315).

197 É curioso o fenómeno do estrangeirado em Portugal. O naturalismo acaba por se integrar com extraordinária entidade na nacionalidade literária. João de Deus, no qual a influência francesa não é alheia, é constituído como o maior dos poetas nacionais por muitos. Tanto como *estrangeirizado* o simbolismo vai aparecer mais prosaicamente como *ininteligível*.

> desses anos de transição, de crise, não se consente o definitivo, mas tão-só a busca atormentada- busca, em especial, duma linguagem inédita, infinitamente dúctil, ajustável «a todas as mímicas da alma e a todas as microscopias da impressão».

Fialho é, de regra, perspetivado como um escritor da Geração de 70, mas com capacidade para modelar a prosa portuguesa mais recente.

IV.2.3.1.4. A poesia de intervenção

Na seção da produção literária *engagé* militavam, no último quartel do séc. XIX, cada vez mais poetas; a poesia combativa contava com prestígio, que o decorrer dos acontecimentos em Portugal não fazia mais que avivar. No centro está sem dúvida a obra, e, mais tarde, a vida quase lendária, do mais popular dos intervencionistas: Guerra Junqueiro, aluno da escola de Victor Hugo, que haveria no entanto de percorrer outros sendeiros. Interessa-nos nesta breve referência pôr apenas em destaque a evolução seguida polo autor, que viria confirmar novas formas poéticas que lutavam por fazer-se notar. Com efeito, o poeta anticlerical que em 1885 escrevera *A velhice do Padre Eterno,* sem renunciar à sua linha, evoluía agora para umha posição próxima do simbolismo a que o seu panteísmo não era alheio. Em obras como *Os simples* é notória umha certa confluência do baudelairiano com o naturalismo, talvez influído polo também popular na época Guilherme de Azevedo. Por outro lado, o seu autêntico magistério (era fama andar sempre rodeado e atencioso por e para qualquer novo poeta que dele se abeirasse; e eram muitos que o faziam), apoiava-se também numa certa simplicidade ideológica e formal no seu canto dos pobres e míseros, que o aproximava de João de Deus.

IV.2.3.1.5. Cesário Verde

Outro poeta do momento, embora de mais tardia capacidade modelar que João de Deus, é Cesário Verde, nascido em 1855, formado igualmente no realismo e no parnasianismo, mas cuja obra começou a se tornar conhecida após a sua morte, em 1886, na compilação, incompleta, que dos seus poemas fizo o seu amigo Silva Pinto, O *Livro de Cesário Verde,* que possivelmente impediu umha funcionalidade sistémica à obra deste autor até essa altura, para além da particular seleção e arrumação de que os textos foram objeto. Por meio deste colega "passou a frequentar a boémia do Café Martinho, onde estabeleceu as primeiras, e algumas das mais duradouras, relações literárias. João de Deus, Gomes Leal, Junqueiro, Fernando Leal, Luciano Cordeiro, o conde de Monsaraz, Cristóvão Aires, Coelho de Carvalho, H. Lopes de Mendonça, Fialho de Almeida, (...) contam-se entre os homens do seu tempo com quem privou (...)" (Lisboa, coord., 1995, III, 381), enfim, com o ambiente realista e parnasiano da época.

Não foi poeta de larga audiência, e, talvez por isso, mesmo publicou pouco. A crítica censurou-lhe o seu *prosaísmo* que detetou neste poeta do quotidiano, e a sua sensibilidade ferida afastou-no longo tempo, quase até ao fim da sua curta vida .

Janet E. Carter (1989:13), talvez a sua melhor estudiosa, define assim a sua posição sistémica: "frequentemente reconhecido como o pai da poesia moderna portuguesa e como um dos expoentes máximos da estética parnasiana, foi Cesário Verde quem estabeleceu firmemente em Portugal a observação objectiva como atitude poética"

Influído polo diretor de *A Folha* nos seus primeiros poemas, o parnasiano João Penha, Cesário evolui para um aperfeiçoamento da expressão, dentro da "tendência poética da nova escola portuguesa" com "alguns versos do género baudelairiano" (Ramalho Ortigão, 1874, in Lisboa, coord.,II, 1995*),* passando da *musa que ri*, de Penha, para um realismo poético, adaptando (e não adotando) a conceção literária do poeta francês. Ao dizer de Lopes de Mendonça *(*Lisboa, coord., II: 371) na sua obra destaca

> "a procura intencional de originalidade, que destrói a espontânea e brilhante factura dos versos; a excêntrica invasão do prosaísmo, que perverte e corrói a poesia na sua própria essência; a substituição das estafadas metáforas do lirismo romântico por outras, sem dúvida mais extravagantes, mas com certeza menos racionais e compreensíveis; a adjectivação imprevista e abstrusa, que frequentemente dirime [...] a poética singeleza do pensamento"

O que, por outras palavras, pode ser entendido como aquilo que o enfrentou ao horizonte da época.

Das ruturas operadas por Cesário, dá conta a opinião do próprio Eugénio de Castro *(Cartas de Torna-Viagem,* 1926, p. 96 in Carter, 1989:40): "Cesário Verde [...] detestando a basófia e a promiscuidade, nobremente se isolou, e no seu isolamento pegou a versejar, não segundo os preceitos correntes, mas segundo o afinado critério do seu temperamento artístico".

IV. 2.3.1.6. João de Deus

No meio da linha poética representada polo realismo, um autor singular aparece no panorama literário. No seu caso, mais que a conjuntos sistémicos, é obrigado aqui referir-nos a umha individualidade que se fizera lugar no espaço *subcentral* que a poesia ocupara desde os anos sessenta: trata-se de João de Deus. Neste espaço de fim de século, dá-se um fenómeno na vida sociocultural portuguesa consistente no aparecimento de individualidades em quem se refletem, projetam ou simbolizam determinados valores necessários para essa sociedade ter *razões de futuro,* em época de forte pessimismo. O caso de João de Deus, quanto à sua funcionalidade, não dista muito, em nossa opinião, do da comemoração do tricentenário da morte de Camões; em tempos de crise,

tende a sociedade a procurar modelos em que espelhar-se (ou, sobretudo, a que poder recorrer).

Não estamos em condições de formular agora sequer mínima hipótese sobre o lugar sistémico deste autor singular no nomenclátor poético da época. Quiçá não atendendo às formas marginalizadas e à periferia sistémica do momento (o que é conhecido sob o cómodo rótulo de *poesia popular*), a sua posição pareça mais singular do que realmente é. Ele aliás parece simpatizar com a sensação de insuficiência e desgosto que se manifesta de maneira importante na perspetiva decadentista finissecular. Por vezes, dá a impressão de ser a outra face da ação revolucionária de Antero e Junqueiro, sem com eles colidir, e de quem era completamente diferente. Os primeiros podem representar o movimento de ação; João de Deus, o de reação; aqueles a crítica viva da realidade portuguesa, este o enraizamento que pairaria durante anos no futuro imediato português. Com a passagem do tempo vamos encontrar uns e outro partilhando páginas de revistas dos anos dez e vinte. Se os grupos dirigentes canonizaram o realismo e os versos de Antero e Junqueiro, não por isso os leitores deixarom de canonizar o poeta que se iniciara nas suas *Flores do Campo* (1869). A homenagem que recebeu um ano antes da sua morte e o seu funeral testemunham-no eloquentemente. Um inquérito realizado em dezembro de 1884 por *O Imparcial*, jornal de Coimbra, entre os seus leitores (Ramos, 1994: 55-56), colocava no topo da receção e popularidade do momento, e por esta ordem, Camilo, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, Eça, Ramalho, Teófilo, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, António da Costa, João de Deus, Tomás Ribeiro, Antero, Mendes Leal, nos treze primeiros lugares. Entre os romancistas, Camilo vai conservar durante tempo a supremacia (ainda depois de morto). Dos poetas, Guerra Junqueiro e João de Deus ocupam primeiras posições. Serão aliás os que maior presença terão no futuro literário imediato.

João de Deus é, com a sua linguagem singela e as suas quadras, o recitador da vida tradicional, do catolicismo popular; da lírica e também da sátira por vezes parecida à de António Fernandes Aleixo. Como corroboram Saraiva e Lopes (1985:974),

> "os seus poemas são feitos do material mais pobre da língua: repetições, exclamações, anacolutos, um vocabulário correntio e um teclado restrito mas universal de imagens, que ele, por vezes percorre enumerativamente (...) (*"De tão simples recursos, ou não se faz nada, ou faz-se uma poesia que resiste como o patrimonio oral das nações"*[198].

A oralidade era, aliás, um dos elementos nucleares da sua poética. Ainda, e num dos períodos da história portuguesa em que as circunstâncias fizeram virar olhos para o passado simbolizado em Camões, a ele é devida, em opinião

[198] O sublinhado é nosso, e é interessado, adiantemo-lo, para explicar o relacionamento galego-português.

de Saraiva e Lopes, a reabilitação do soneto camoniano, e portanto, a recuperação lírica do que era acima de tudo proclamado como épico. O poeta de S. Bartolomeu de Messines ainda procura outros modelos. Se por biografia ele pertencia à denominada 2ª geração romântica, cedo condenou essa estética, opondo-lhe "um lirismo purificado, ligado à tradição dos cancioneiros galego-portugueses, às cantigas populares do romanceiro e a certos aspectos do Camões lírico" (Lisboa, coord., 1994, II:149).

Mas não por isso resultou um antirromântico; mui polo contrário, este poeta do amor ("amo o amor sobre todas as coisas", escrevia para Joaquim de Araújo), é "em certo sentido, um clássico do Romantismo" (Prado Coelho, 1977:140)

Classicismo, tradição medieval e gosto popular eram as três linhas fundamentais que João de Deus tirava da Tradição.

A obra de João de Deus vai ainda ver-se impulsada por um fenómeno de transferência da literatura espanhola, o caso de Campoamor. O ceticismo do autor espanhol, que usa também formas extremamente simples, por vezes lido como rípio romântico, tem êxito no Portugal da época, e vai alargá-lo até entrado o século XX no ambiente literário português[199]. A linha de lirismo erótico e íntimo do espanhol, embora apresente diferenças com as obras de João de Deus, pode ser lida, e de facto assim foi, como equivalente ao poeta luso. João de Deus criou escola, já por um caminho lírico erótico "intelectualizado e mundanizado", com Joaquim de Araújo, Fausto Guedes Teixeira, Fernando Caldeira, Eduardo Coimbra e Augusto Gil (Saraiva e Lopes, 1985:974).

IV.2.3.6. Simbolismo e crescente reação Tradicionalista

Desde os finais do século XIX até entrada a década de dez, duas tensões se percebem com certa clareza na floresta finissecular. A que responde à tendência irracional, subjetiva, que se opõe ao racionalismo realista-naturalista, e a que pretende *concretizar* a produção literária na sequência da Tradição como forma de a *nacionalizar,* frente às tentativas julgadas como evasão e *estrangeirismo*[200]

---

[199] A admiração e fortuna de Campoamor em Portugal eram mui grandes. Quando, em 1884, Curros escreve para António Feijó e critica Campoamor como plagiador, o celanovês tem de dedicar quase toda a sua missiva seguinte para justificar a sua afirmação:

> "Lamentaria haber destruido en V., al hablar de Campoamor, alguna hermosa ilusión formada al calor de su brillante poesía. Le he venerado mucho para que pueda permitirme la insensata tarea de arrancar una sola arista dei sólido pedestal sobre el que recibe la admiración de sus contemporáneos. No he querido profanar su estátua, ni manchar su nombre, que pasará á la posteridad, seguramente".

As fontes do plágio estende-as Curros aos portugueses, estes sobretudo: "á los poetas portugueses sobre todo les bebe la sangre" (Cartas, VIII: 226.227).

[200] Certo pensamento e historiografia portugueses têm visto no *europeísmo* e no *iberismo*, as fórmulas mais habituais do estrangeirismo, que modernamente nasceria com a Geração de 70. Vid. modernamente esta tendência em, por exemplo, António Quadros, 1989.

que o Simbolismo pode representar. É esse pendor, tradicional, garrettista, romântico, etc., o que podemos adjetivar sempre e com comodidade com o sufixo *neo-*, o que progressivamente ocupa com o seu repertório, difuso, aliás, o centro polissistémico português deste período. A professora Clara Rocha (1985:245), comenta assim a atitude tradicional que percebe nas diferentes linhas poéticas do momento:

> "nostalgia da poesia «novista» que fizo sensação nos finais do século XIX (para os epígonos do Decadentismo/Simbolismo); saudade do lirismo ao gosto popular e tradicional (para poetas como António Correia de Oliveira, Afonso Duarte, António de Sousa e outros); saudade como alma nacional (saudosismo) saudade do Portugal velho (nacionalismo monárquico) ou esperança do portugal ressurgido (republicanismo)".

E prossegue: "os primeiros quinze anos do nosso século são marcados por algumas correntes de tradição, **«restos»** mais ou menos requentados daquilo que paradoxalmente fora vanguarda e novidade nas últimas décadas do século XIX".

Rocha distingue quatro correntes fundamentais na altura: a herança simbolista e decadentista; o lirismo sentimental neorromântico, o Saudosismo e o Nacionalismo, estes últimos já a a partir da instauração da República. E nelas deteta, como nexo, um conceito que é escusado dizer será chave no relacionamento galego-português: a S/saudade. A síntese da vida poética lusa é excelente. Parece-nos oportuno todavia frisar que, como sucintamente defenderemos, estas correntes não vão conhecer o seu oposto no Modernismo; pontes haverá tendidas para a passagem não ser assim tão violenta como à primeira vista e a plena reação de alguns críticos poda parecer. No Simbolismo estavam os materiais daquelas pontes. Por outro lado, mas neste mesmo sentido, a linha simbolista não se apresenta, nem é lida, como tradicional, por mais que o seu anúncio tenha clarins em fins do séc. XIX; é, e assim entendemos a síntese de Clara Rocha, tradicional por não ter o seu surto no início de século, não por não estabelecer grandes ou pequenas ruturas do horizonte de expetativas da época, como Fidelino de Figueiredo reconhecia na sua *História Literária de Portugal.* O que implica relativizar a marca de rutura absoluta com que *Orpheu* pode ser interpretado. É na linha argumentativa que Fernando Guimarães fixa no seu *Simbolismo, Modernismo e vanguardas* (1982) que nos situamos.

IV.2.3.6.1. Ruturas na frente romântica e insuficiências do Realismo

Um grupo de poetas, por volta de 1880, não organizados como tais, começou a importar para a criação poética umhas possibilidades que o realismo, restrito à prosa e ao verso combativo, não lhe permitia facilmente, e o romantismo afogara na superficialidade da escola de Castilho. A corrente tinha raízes no esteticismo de João Penha, Gonçalves Crespo, Eça ou Junqueiro, e permitia

certa saída não *ruturista* com o ambiente realista dominante. Gonçalves Crespo, leitor de Gautier e Lecomte de Lisle, de Mallarmé e Baudelaire, ocasional tradutor de Verlaine, foi na altura um poeta de obra breve mas conhecida, em quem os críticos têm destacado a influência de Coppée e Heine. A expressão literária romântica é acrescentada nele com procedimentos realistas (a expressão direta, ou da prosa de Eça, por exemplo) e com a atenção aos elementos da natureza e a ruralidade; juntamente com os modos parnasianos, o romantismo, que talvez nunca deixou de existir na lírica portuguesa, evolui para a consolidação do Simbolismo.

Penha agrupou em *A Folha* (1868-1873) muitos dos vultos, quer esteticistas, quer realistas-sociais, que entrarom na nossa primeira fornada parnasiana *(lato sensu),* tais como o mesmo Gonçalves Crespo, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Guilherme Braga e Guilherme de Azevedo, a par de Manuel Duarte de Almeida, Teófilo Braga, Simões Dias, Cândido de Figueiredo e até Camilo Castelo Branco. A extrema abertura espiritual de João Penha fizo assim d'A *Folha* um viveiro de experiências, onde lado a lado germinarom progressivismo, sensualismo, baudelairianismo, satanismo e franciscanismo, tentativas de poesia coloquial e familiar, num amável tumulto (apenas pautado e morigerado por certo respeito comum da gramática e da prosódia, por umha cautela nova perante os atropelos da inspiração), que bem ilustra umha fase de transição.

Na década de 1880 manifestou-se o segundo grupo parnasiano, em que, a par de Luís de Magalhães, de Manuel da Silva Gaio, de Manuel de Moura, o autor de *Violetas e do Cancioneiro* de Garcia Monteiro, de João Verde e doutros poetas (Saraiva e Lopes, 1985:791[201]), alguns dos quais, como este, deveriam transitar para o simbolismo, já então latente, surgiu Antonio Feijó, tentado, na sua «maneira» de então, pola miragem da epopeia da Humanidade (*Transfigurações)* e igualmente polo pitoresco, polo exótico, como atesta o seu *Cancioneiro Chinês* (Prado Coelho, 1969, 11:791).

A tendência ao exotismo, banindo o que de trivial tinha o lirismo romântico, tem como cultores Cristóvão Aires, Joaquim de Araújo, António Feijó, Silva Gaio, Júlio Brandão e umha longa plêiade, onde a evasão narcótica, o preciosismo e a flexibilidade métrica preludiava e preparava a introdução do Simbolismo, de que algum deles se serviria andante o tempo.

A importação de modelos, fundamentalmente franceses, vinha então preencher lacunas, e sobretudo mostrar bem às claras as diferentes atitudes

---

[201] Alguns deles, nomeadamente Luís de Magalhães e António Feijó, provinham de origens positivistas e antissentimentalistas (Lopes, 1973:334). Ambos fundaram em Coimbra a *Revista Cientifica e Litterária* (1880-1881). Magalhães, como também, em menor medida, Feijó, acabarão por aderir à vaga nacionalista ou Tradicionalista que por várias maneiras se vai solidificar nos finais de século.

perante o ambiente de crise que se vivia em Portugal e na Europa. Como costuma ocorrer nestes casos, a Importação mais nos explica o estado do sistema recetor do que o sistema fonte. Assim, quando António José Saraiva e Óscar Lopes (1985:1007) comentam que Baudelaire foi, nos anos setenta, "compreendido às avessas pelos principais poetas portugueses": "o *satanismo* baudelairiano aflora, em geral, numa série de poetas panfletários como símbolo da podridão das altas camadas burguesas citadinas que é preciso varrer"; mas parece claro que, mais que um mal-entendido, o que há é umha leitura interessada (consciente ou não) para a intervenção que na altura se produzia, e que Cesário Verde ou Gonçalves Crespo não podiam satisfazer. Esses panfletários não se afastavam da linha dominante, antes polo contrário a ela adaptavam a sua Importação.

IV. 2.3.6.2. O Simbolismo

O crescente deslocamento que novas correntes literárias de Importação fundamentalmente francesa estão a produzir no polissistema literário português desde os finais do século XIX, poucos textos podem possivelmente acreditá-lo de maneira mais evidente que umha dissertação apresentada na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa por José Caetano de Sousa e Lacerda, poeta e prosista, médico e filósofo, alguns de cujos títulos não queremos deixar de reproduzir polo ilustrativo dos mesmos: como poeta, *Hecatombe* (1888), *Flor de Pântano* (1891) e em prosa *Os neurasténicos* (1896) e *Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia geral* (1901). Este açoriano, diretor de *Actualidades,* em 1895 em Lisboa, que foi ademais deputado por Angra do Heroísmo, é fiel representante daquela passagem do naturalismo ao decadentismo e simbolismo que censurava; no *Dicionário cronológico de autores portugueses* (1994:11:452) é assim caraterizado:

> "Reconhecia, de resto, na poesia nefelibata e simbolista versos «extremadamente belos» a par doutros «grandemente extravagentes», e a sua própria obra é, afinal, a expressão acabada dos sentimentos decadentistas («fiel expressão da deadência/da minha pobre raça», como ele mesmo diria), em que o médico neurologista, o leitor de Max Nordau, se indistingue do poeta que respirou o aroma venenoso das «fleurs maladives» baudelairianas e a atmosfera repelente e mórbida, mas inebriante, da poesia de Rollinat".

Flor de Pântano é qualificada por Seabra Pereira como propriamente transida da estética simbolista, e ao mesmo tempo "ultrapassagem da condição decadentista". "Quanto ao pretenso «Naturalismo» final, trata-se antes dum Naturismo antecipado à sua eclosão (como movimento poético) em França" (Seabra, 1975:175), expressivo anacronismo do crítico.

Pois bem, na sua tal dissertação, *summa* quase da erudição, pretendia mostrar como o "mal de viver" da época era umha forma atenuada de «melancolia», "que, embora compatível com a vida em sociedade, destruía a capacidade

do indivíduo para cumprir as suas funções sociais" (Ramos, 1994:320). E para verificar o asserto, o seu principal «filão», ao dizer de Rui Ramos, é precisamente a literatura. Esta obra, maciça mas que pola índole se apresenta deliciosa, faz desfilar as últimas «extravagâncias literárias» que começavam a assolar a literatura pátria: Verlaine, Eugénio de Castro, Maeterlink, Mallarmé, Rimbaud, Baudelaire, António Nobre e Huysmans, "para provar como a morbidez dos escritores modernos destruíra os últimos vestígios de uma arte socialmente útil" (Ramos, 1994: 320). Por suas palavras: "a poesia moderna, com sadias e raras exceções, limita- se, em lirismos cada vez mais diluídos e restritos, a arrebanhar vocábulos por pouco mais que pola rima e polo ritmo". E, para mostrá-lo, citava estes versos do *Horas* de Eugénio de Castro:

> «Kyrie eleison, Christie eleison,/ Lua deitada, marinheiro a pé/ Lua deitada, marinheiro a pé/ Kyrie eleison, Christie eleison».

Não informa Ramos se obtivo Sousa e Lacerda a vaga a que com este texto concorria (acho que não). O que sim nos proporcionou na sua caraterização da doença que atacava especialmente as classes médias ilustradas (curiosamente como umha vivência extrema *naturalista)* foi umha estupenda galeria de retratos dos autores mais influentes no meio literário português da época; e, como dantes Balzac ou Flaubert, e mais recentemente Zola (que agregava à sua presença literária a indiretamente jornalística do caso Deyfrus, umha das maiores sensações da época) ou Daudet (popularíssimo o *Tartarin)*, a relação conta com maioria francesa. Se aqueles interferiram no polissistema português quando determinada mocidade burguesa queria contar o seu meio e regenerá-lo, e acabaram por normalizar-se como Produção central, agora os novos poetas eram transferidos em virtude da atitude ao mesmo tempo evasiva e pessimista que se está a criar em Portugal no último decénio do séc. XIX. Mas nada é tão simples; se a explicação de Eugénio de Castro pode encontrar-se maioritariamente na transferência dos modelos estrangeiros, a de Nobre, e a de muitos que contribuírom para a sua canonização, convém procurá-la também na própria sequência interna dos factos literários finisseculares lusos, naquilo que diz respeito à Tradição.

A paulatina presença de correntes literárias em Portugal, no período que medeia entre 1890 e 1900 aproximadamente, se produz algumhas polémicas, não conhece a convulsão que o realismo tinha provocado. A luta sistémica apresenta-se genérica, epitelialmente, no esquema do momento, como afinal sempre acontece, entre defensores da *arte pola arte* e em detratores dessa fórmula, favoráveis ao empenhamento da manifestação artística; e, doutra parte, entre *estrangeirizantes* e *nacionalizadores.* Mas a pugna no sistema fica, neste sentido, mui restrita ao campo poético no caso do Simbolismo, e em geral diversificada segundo os géneros em questão. Mais do que um enfrentamento

absoluto entre umha corrente e o ambiente literário da época (como podia ter sucedido no caso do realismo), neste período cremos perceber mais linhas em luta, e mais diversificada esta segundo as *frentes* genéricas que se disputavam.

E, para além de tudo, o simbolismo não vinha a ser em Portugal umha rutura definitiva como o realismo tentara aparecer-se frente ao romantismo. Em textos e atitudes da *patrística* realista, de Eça, Antero, Junqueiro ou Verde, pode entrever-se que o simbolismo era umha das possibilidades num repertório onde materiais como a objetividade ou a certidão perderam a centralidade doutros tempos; a maneira de Antero encarar a Morte nos seus sonetos; ou as discussões no jantar no Hotel Central d'*Os Maias* de Eça (em que parece ser esperável aparecer um comensal *simbolista)* abrem, sem o pretender, portas ao movimento. E não apenas por preludiarem alguns novos caminhos a rutura não aparece tão determinante. Deve constar igualmente que vários dos homens pertencentes às gerações passadas, como Junqueiro e Fialho, participaram ativamente das novas estéticas e atitudes dos tempos que vão vivendo. Tudo o que, acompanhado da relativa bagunça de fins do séc. XIX, desenha um panorama onde é mais notória a procura que a rutura.

Polo que diz respeito à "arena da poesia", a pugna é, certamente, e com as sensíveis diferenças que por exemplo tradicionalistas e naturalistas apresentam, a do simbolismo "contra todos". Mas, já vimos, a mentalidade é por vezes similar, e, para além disso, a concorrência não se produz em todas as ordens sistémicas. Por exemplo, seria interessante estudar o que intuímos como umha relativa distribuição sistémica entre géneros, perspetivas e leitores (que imaginamos parcelarmente comuns), pois não se esqueça que o campo de ação predominante do naturalismo é o romance e o simbolismo expressa-se primordialmente polo poema. Com a sua peculiar perspetiva, Fidelino de Figueiredo (1944:435) sintetiza assim as oposições sistémicas:

> "A nova literatura opunha aos propósitos de acção social imediata o puro esteticismo, à fotografia fiel do realismo a interpretação alógica do conteúdo espiritual das coisas, que nem todos os leitores sabiam ver. E dum cosmopolitismo severamente crítico para com os valores e os motivos nacionais refluía para um aproveitado nacionalismo".

A opinião de Figueiredo, quase *ao pé da obra,* e não isenta dum certo simplismo que suprime a atitude epocal compartida com o naturalismo, certifica no entanto as linhas de força em que os primeiros anos do século vão movimentar-se. E mais do que umha organização de escritores que lutam contra outra anterior, assistimos a umha eclosão de várias possibilidades, o que, a juízo de Figueiredo (1944:435 e ss.), determina umha transição mais pacífica de alcanço menor e o largo triunfo do realismo no horizonte de expetativas de todo o período.

IV.2.3.6.2.1. Nefelibatas

É nesta textura, passada a efervescência social, que vamos encontrar umha atitude pessimista, de que alguns poetas não forom mais que arautos. A crença firme, o sólido ideário, tornam-se em ceticismo. A poesia já não se pode afirmar com os moldes velhos, menos com os estertores do romantismo. A vontade de inovar olha mais umha vez para o farol luminoso de Paris. As cousas processam-se, de início, como se se tratassem de alunos de Primária pugnando por serem os primeiros em levantar a mão e responder à questão do Professor. Tanto é o desejo de procurar novos caminhos, que desde as coimbrãs (afinal quase sempre Coimbra...) *Bohemia Nova* e *Insubmissos* discute-se a respeito de quem conhecia mais escritores franceses na moda parisina e sobre quem inventara[202] alexandrinos com nova *ubicação* para a cesura: um novo alexandrino para a salvação literária da pátria. A polémica pareceu encerrada "de um modo cavalheiresco, por uma declaração do «insubmisso» Eugénio de Castro, reconhecendo que uma tal inovação lhe fora sugerida, em conversa, polo «boémio novo» Francisco Bastos" (Lopes, 1973:345).

Os *novos* têm o seu «lançador», mediante livro, em João de Castro (*Alma póstuma* 1891, precisamente na *Revista de Portugal) ,* no *Azul* de António de Oliveira-Soares e, sobretudo, no *Oaristos* (1890) de Eugénio de Castro. As inovações versificatórias, imagísticas, léxicas, dos nossos primeiros simbolistas forom recebidas da mesma maneira que *Gesaleico,* ou em Espanha Azorín, 'saudava' Rubén Darío e a sua escola: público escárnio. Até naqueles que, como Fialho, apresentavam manifestas afinidades com o decadentismo, os *novistas* eram submetidos à crítica (Saraiva e Lopes, 1985:1033). "Rapazinhos joviais e bem portados, com a digestão fácil, a alegria pronta, e o coração sujeito a um *tic-tac* de que nenhuma comoção violenta altera o ritmo", definia-os em *Os Gatos*[203]. E como umha premonição, acrescentava:

> "Sempre porém que o sr. Eugénio de Castro se resolve a abandonar as esquisiteces de glossário e as comparações de matóide em demanda de celebreira, o poeta que fica é duma infinita graça requintada, jungindo aos modernismos mais acres, arcaísmos cheios de sabor de livros velhos, velhos estofos, velhos baixos-relevos, por onde aqui e além bruxuleia un estrozinho de cândido namorado. É este, me parece, o Eugénio que registrarão para a história do preciosismo lírico contemporâneo os bibliófilos solícitos do minúsculo, e aí figurará no primeiro socio o nome do meu amigo, a quem os compulsadores censurarão ter sido um dos mais incorrigíveis mistificadores da sua grei".

---

[202] Não eram, talvez, absolutamente inovadores (Simões, 1976: 29) mas tanto fazia na altura; o importante era romper, aqui estilisticamente, por algumha parte.

[203] *Os Gatos*, publicação mensal de inquérito à vida portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, s.d., vol. 6, pp 55-58 (in Ribeiro, 1994:340-342)

E assim caraterizava Bulhão Pato aquela estética de "dar nas vistas": "grenha pomposa, colarinhos folhudos, redingote até aos pés, de grande roda, cara de cabeça de vitela rapada, à porta do açougue" (Ramos, 1994: 303).

Claro que as críticas ao decadentismo/simbolismo não eram exatamente gratuitas, referidas apenas aos modos de vestirem (a si próprios e aos seus versos) estes poetas. O decadentismo era identificado como a expressão literária do anarquismo; por toda a Europa. A introspeção pessoal, a expressão irracional, o mistério, o indivíduo, eram as deduções da decadência; os moldes tradicionais de fazer política e mesmo de fazer sociedade estavam gastos. Era umha evidência que com o Ultimato inglês veu patentear-se.

Os acontecimentos políticos imediatamente posteriores põem de manifesto a incapacidade de darem respostas certas a umha situação cuja resolução os superava. O irracionalismo era, polo menos, um refúgio.

Apesar do êxito popular de alguns dos homens ligados ao realismo, a ação reformista da Geração de 70 aparecia malograda. Por vezes as suas proclamas mais pareciam tubas épicas, ou apocalípticas, apenas cheias do vento que as fazia soar. E havia já muitos anos que um fantasma percorria a Europa. A que outro, mais atrativo talvez se somava: o anarquismo de Bakounine e de Kropotkine, que aparecia como o resgate do indivíduo frente aos valores burgueses, alvo quase tópico do decadentismo finissecular.

Em termos literários, o racionalismo realista não chegava para explicar a realidade, nem aquela era única, nem a sua vontade transformadora atingira os seus objetivos. Eram determinados valores românticos, em que se combinavam o antiburguesismo[204] com a apreciação do ser individual em que o decadentismo podia encontrar antecedentes, que não é fácil distinguir na literatura da época. Em Portugal, Verlaine e Bakounine quase entram a par.

De 1891 ou 1892 data um folheto que ia trazer ao panorama literário da época sobretudo um adjetivo para definir os novos poetas: (Os) *Nefelibatas.* Andarem polas nuvens era o que restava a estes inovadores para a chança de que eram objeto. Os irmãos Brandão, João de Castro e o pintor Igo de Pinho faziam parte do grupo portuense que publicou o texto, que não parecia certamente querer evadir-se para o céu; eles apresentavam-se como "os anarquistas das Letras, os petroleiros do Ideal, ateus do Preconceito e da Opinião Pública".

Algum tempo mais tarde, Raul Brandão vai expor na *Revista de Hoje,* e já no número primeiro desta publicação mensal, de arte, e sociológica (que é, de regra, o adjetivo que costuma anunciar na altura umha publicação filiada no anarquismo), os fundamentos teóricos do novo movimento, com o título inequívoco de "O Anarchismo". Era o dia 15 de dezembro de 1894. Significativamente, esta revista portuense dirigida polos irmãos Brandão acolhe estes

---

[204] Vid. *Socialismo y consolación* (Eco, Allan Poe, Belinski, Marx, Engels), 1974.

outros dous textos: "Litteratura dramática", de João de Castro, e "Vilancete" (versos) de Eugénio de Castro. Mas quando os *nefelibatas* aparecem em cena, o decadentismo deixara já pegadas, e a sua resposta ao ambiente burguês é que desconcerta, ao perder a *evidência* da denúncia ao modelo burguês que se supunha devia ser normativa. E dizemos *evidência,* porque o que se nos apresenta é umha poética "que nem todos os leitores sabiam ver" (Figueiredo, 1955: 359). Do nosso ponto de vista, possivelmente, a pragmatização da leitura de que eram suscetíveis as leituras dos panfletários, de Guerra Junqueiro e outros, encontrava nestes *nefelibatas* umha barreira difícil de superar. É nessa pragmatização, unida ao estranhamento (entendido como o efeito da obra na receção como diferente e específica em relação à perceção comum do mundo: Shklovskij, 1926, 1929), onde estão várias das vias de escárnio a que os simbolistas forom submetidos.

O que provoca o simbolismo é o que em termos simples podemos qualificar de rutura do duplo horizonte de expetativas da época. Umha rutura que tem aparecido desvalorizada e mesmo minimizada pola tendência crítica a considerar o Modernismo de *Orpheu* umha quebra sem prelúdio. Como bem nota Fernando Guimarães (1982:19):

> "[...] o Simbolismo Português tem sido analisado fora da configuração dos novos campos de realização expressiva ou formal que criou, pela tendência manifestada pela generalidade dos críticos de, por um lado, aproximarem demasiado da geração de 1915 a obra de Camilo Pessanha e Ângelo de Lima, e, por outro, de não valorizarem os chamados *nefelibatas* -Eugénio de Castro, António de Oliveira-Soares, D. João de Castro, Júlio Brandão, Henrique de Vasconcelos, etc. -em função de uma real *modernidade* da sua poesia, cuja leitura, aliás, se tornará mais adequada se for provocada pela que fizermos dum modernismo que lhe foi posterior sem que ele se tornasse umha banal herança[205]".

Estaria a outra razão na acusação feita a decadentistas e simbolistas de serem tão-só formalistas, puros defensores da arte pola arte, em face dumha poesia de intervenção ou empenhamento cuja ênfase se prolonga de Junqueiro ao Neo-Realismo típico dos anos 40 (Guimarães, 1982:20).

A tese de Guimarães está ainda alicerçada num bom historiador e conhecedor do período simbolista, Seabra Pereira (1975:456): "na charneira dos dois séculos desagrega-se o movimento que os introduziu entre nós; mas aqueles

---

[205] Coincidimos inteiramente com a perspetiva de Guimarães. Por exemplo, e mui expressivamente, no que se refere a *Ângelo* de Lima (1982:19-20):
"Ângelo de Lima, por se ter tornado emblemáticamente «nosso», como diria Fernando Pessoa, em relação à geração do *Orpheu*, tem sido em demasia colado aos poetas dessa mesma geração, embora umha mais aturada análise de características temáticas e estilístico-formais da sua obra nos permitisse aproximá-lo antes dos simbolistas. (...) E este facto ainda mais valorizará a obra simbolista (e, liminarmente, de Vanguarda) que devemos a Ângelo de Lima, sabendo-se como o Decadentismo está próximo duma sentimentalidade sub-romântica que, não raro sem grande originalidade, se espalhou e generalizou muito mais entre nós".

estilos de época sofrem apenas umha ofuscação temporária nos inícios do Novecentos".

O simbolismo provocou convulsão na vida literária portuguesa; porque se muitos críticos se afanam no seu escárnio, novos poetas acorrem ao seu encontro. Em 1892, diz Eugénio de Castro para o *Jornal do Comércio* (Guimarães, 1982:27):

> "Fui eu o primeiro, em Portugal, a empregar o verso livre, a mobilização das cesuras no alexandrino e a aliteração; fui eu o primeiro a nacionalizar a *balada* e o *rondel* franceses; a renovar o verso, tão nacional! de onze sílabas; a empregar a sugestiva expressão simbólica, reagindo contra a expressão directa dos parnasianos; a dar uso às rimas preciosas e aos vocábulos raros: o primeiro a fazer, em suma, o que hoje é feito por todos".

E de Guimarães (1982:27) recolhemos também o testemunho de Alberto de Oliveira a respeito dos livros e autores ligados ao simbolismo: "foram lidos em Coimbra ao mesmo tempo que na França (...) íamos à garé esperar os caixotes de Paris que nos traziam os livros novos".

O poeta e professor universitário Eugénio de Castro, que começara a publicar com modelos como João de Deus, a quem apesar das diferenças estéticas sempre valorizou e sobre quem escreveu *(A Arte,* 1896), conseguiu, ao contrário doutros que o desejaram como Cesário Verde, quem lá viajou mas por pouco tempo, contatar em Paris com os grandes poetas simbolistas da época na sua breve mas intensa etapa como diplomata. Isso lhe permitiu lançar *Oaristos* em 1890 e *Horas* (este o de autêntico relevo na época, mais livre dos ecos de Verde ou Junqueiro[206]) em 1891 com a nova estética, e provocar a entusiástica adesão de muitos jovens poetas, e o surto de órgãos de expressão poéticos, onde se deixava sentir o peso simbolista.

Caso curioso nessas adesões é o de Camilo Pessanha. É este um poeta que apresenta muitas dificuldades para ser perspetivado nesta época: à sua particular maneira de conduzir-se e produzir une a dispersão dos seus trabalhos que, como sabemos, apenas com algumha entidade forom recolhidos em volume nos anos vinte. É mui significativo que algumhas histórias da literatura de antes de meados de século nem tão sequer o citem ou a ele aludam vagamente. Com efeito, ele não aparece nas de Aubrey Bell (original inglês de 1921), e Fidelino de Figueiredo (1944) apenas dá o seu nome para falar do seu silêncio (1944:444) . Podem ser invocadas razões várias para este facto (entre elas a

---

[206] Simões, 1976:31. O que realmente acontece é que *Oaristos*, para além de ser precedente, vai acompanhado de um Prefácio que é mais *ruturista* (ou que como tal aparece) do que os versos, os quais, como lembrará quase dez anos depois Carlos de Lemos na *Ave Azul* (número 3, Segunda Série, março de 19 00) forom acolhidos com mais benevolência que sarcasmo ou reprovação polos grandes canonizadores da época: Ramalho, João de Deus (seu mestre e amigo) e até Abel Botelho.

escassa atenção que os dous prestam à literatura de novecentos), mas tudo faz concluir que Pessanha não era, nos finais do século, um autor central.

E se, polo menos, era autor de referência, os que o pretendiam reivindicar não tinham à mão muito material de que nutrir-se. Quando, em 1915, Pessoa se dirige a Pessanha a pedir a sua colaboração no *Orpheu 3,* comenta sobre os poemas do simbolista (Lisboa, coord., 1995,111:56). "Se estivessem inteiramente escondidos da publicidade, [...] seria, da parte de V. Ex.ˢ, lamentável mas explicável. O que se dá, porém, não se explica; visto que, sendo de todos mais ou menos conhecidos [...], eles não se encontram acessíveis a um público maior e mais permanente na forma normal da letra redonda. [..'.] sei-os de cor, aqueles cujas cópias tenho [...], é porque muito admiro esses poemas, e porque muito lamento o seu actual caráter de inéditos (quando, aliás, correm estropiados, de boca em boca nos cafés), que ouso endereçar a V. Ex.ª esta. carta, com o pedido que contém".

O que parece evidente é que os seus primeiros trabalhos nos inícios de noventa (acabado de tomar contato com a *Boémia Nova* e Os *Insubmissos)* não tiverom grande repercussão. E, em geral, as suas colaborações são esporádicas nas revistas da época, algumha reconhecida (como *Ave Azul)* outras mais de *províncias,* e as suas adesões ao simbolismo mui discretas. Apenas em 1916 (com a publicação de quinze poemas seus na *Centauro,* por intermédio de Luís de Montalvor) e em 1920 com a *Clepsydra* editada por Ana de Castro Osório, começa Pessanha a ser um autor reconhecido. Portanto, o que, a juízo de Bárbara Spaggiari era o "único verdadeiro simbolista da literatura portuguesa e, em absoluto, um dos maiores intérpretes do Simbolismo europeu»" *(*Lisboa, coord., 1995, 111:54), profundo conhecedor de Verlaine, era neste período, um autor *minor* no polissistema português.

Entre as revistas em que o simbolismo é desenvolvido, não isento de polémicas entre elas, cita Clara Rocha (1985:247) para o século XIX *Boémia Nova, Os Insubmissos* desde 1889, *O intermezzo* (1890), *Os Novos* (1893), *Revista de Hoje* (1894), *Arte* (1895), Ave *Azul* (1899). Entrado o século, o favor deste movimento é significativo em publicações como *Sombra e Luz* (1900) *A Semana Azul* (1906), *Límia* (1910), *Apollon* (1910) *Dionysos* (1912), *Ave* (1912), *A Rajada* (1912) *Alma Nova* (1914) *A Labareda* (1914) *A Boémia* (1914) *A Galera* (1914), *Atlântida* (1915). Clara Rocha dá-nos esta reduzida mas significativa nómina de colaboradores nas primeiras: Eugénio de Castro, Manuel da Silva Gaio, Camilo Pessanha, António Nobre, Raul Brandão, D. João de Castro, António Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Júlio Brandão, Roberto de Mesquita, João da Rocha, Alberto Osório de Castro e Alberto de Oliveira. Significativa, particularmente polas mui variadas linhas poéticas que alimentarão estes poetas, e porque mesmo assim, muitos deles "continuam

a garantir colaboração em revistas dos começos do nosso século", já citadas. Ora, já não o vão fazer com as mesmas fórmulas finisseculares.

Mas, como lembra Seabra Pereira (1975, Cap. I), cousa distinta era a *sensibilidade* decadentista da *estética e doutrina* simbolistas. Não poucos encontrarom no ocasional uso da doutrina resposta à sua mais permanente sensibilidade. E a reação de muitos simbolistas não foi de puro estoicismo. A evolução que seguirom foi a de caminhar para umha maior contenção formal, "de uma disciplina clássica cada vez mais sóbria, até se aproximar, em 1900, do folclore". Esta apreciação de Saraiva e Lopes (1985:1031) sobre Eugénio de Castro, no sentido do abandono do mais 'chocante' da estética simbolista pode ser estendida com maior rigor ao resto dos seus cultores lusos, a começar por Silva Gaio. Mais ainda, Eugénio de Castro obtivo (porque talvez ali o procurou) maior reconhecimento fora das fronteiras polissistémicas lusas (em 1896 partilhava banquete em Paris com, entre outros, Henri de Régnier ou Catulle Mendès[207]; Rubén Darío dedicou-lhe umha conhecida composição, "El reino interior") do que dentro. Virou-se progressivamente sobre temática mais portuguesa (a que lhe assegurara o êxito ao em parte seu discípulo Nobre), mas continuou fiel à linha inovadora que a sua filiação francesa supunha. Em resumo de Saraiva e Lopes (1985:1031) :

> "representante típico do cunho artificioso e completamente desenraizado dos nossos primeiros grupos simbolistas, este poeta denuncia no entanto, pelo contraste, a penúria imaginativa de quase toda a poesia sua contemporânea, a incapacidade de transcender as banalidades de um murcho ou vago idealismo romântico formalmente desleixado".

Com efeito, o contributo de Castro conseguiu *vencer* o mundo de inspiração romântica que os parnasianos não puderam derrotar. A impersonalização poética e a perfeição da forma forom as suas principais armas, que os Modernistas de *Orpheu* seguirom, e que ficarom impossibilitadas na sua extensão polos limites impostos no Portugal *fin-de-siècle.*

IV.2.3.6.2.2. As dificuldades de progressão do Simbolismo

O simbolismo era, pois, quanto à sua posição sistémica, um movimento cercado. Com grande sucesso de autores e órgãos (não assim de público, que deles conhecia apenas a sua deformação), o reinado foi efémero. Carente de tradição, também não dispunha de meios de legitimação, a não ser as revistas em que se afirmava. Não era igualmente um grupo organizado, que pudesse defender as suas posições preparado para a resistência que toda a inovação significa: o seu chefe de fila indiscutido, Eugénio de Castro, acabava por ser percebido como um erudito académico isolado. Nem tinha vagas académicas

---

[207] Simões, 1976: 34.

por que lutar, nem Conferências de Casino. Nos escritores que na altura se situavam no centro sistémico, mas em posição inovadora, não encontrou os sólidos apoios precisos (como o caso de Fialho), sendo então a sua efervescência reduzida. O ambiente social também não o favorecia. Havia necessidade de mudança na sensibilidade decadente, o que os favorecia, mas havia que *falar de nós* com urgência, o que acabou por prejudicá-lo. Rejeitado na sua função de não empenhamento, considerado estrangeirado, utilizando metros, temas, imagens estranhas para o público acostumado a *entender* Junqueiro, o ainda vigente drama romântico ou o romance realista, as suas possibilidades eram escassas; assentava numha rutura de horizontes excessiva. Por se pouco fosse, a evolução doutras atividades literárias produziam o deslocamento inovador do em princípio numeroso grupo. Nobre foi, em nosso entender, tão devedor do simbolismo como agente da sua perda de força no sentido mais primigénio do movimento, ao entroncar poeticamente com a linha mais tradicional e não esquecer *falar de nós.* O caminho seguido polo antanho vigoroso realismo de Eça nos seus últimos romances vinha a confirmar umha *volta às raízes.* Portanto, para muitos dos poetas da primeira hora simbolista, três possibilidades se abriam: continuar na linha aberta por Eugénio de Castro; procurar fórmulas que fossem ao encontro do público; ou *suicidar* (-se) (como) o movimento. A primeira, tendo em conta o panorama, era quase impossível, e nem o próprio Castro a secundou.

Para além disso, outros grupos e correntes incorporarom aspetos da nova estética. A própria evolução de algumhas formas naturalistas, como as de Fialho por exemplo, indica que escritores com obra consolidada não deixarom de nutrir-se do impressionismo ou do simbolismo importados. A criação literária no seio deste movimento acabará por lindar com aspetos fulcrais do outrora combatido sem muitas contemplações, como o que poderíamos denominar com Saraiva e Lopes (1985:1008) "metafísica do mistério", que fundia raízes no Romantismo, mas também e particularmente no Simbolismo:

> "Às correntes que partem do simbolismo opõem-se, em geral, na literatura, as que continuam o realismo-naturalismo. [Mas] o naturalismo, pela contradição fundamental que lhe é inerente (a impossibilidade, inerente à arte, de eliminar o próprio trabalho artístico), pela indeterminação, insuficiência ou unilateralidade do seu critério de selecção e valorização dos dados reais, desliza frequentemente, neste ou naquele sentido, conforme os autores e seus meios, para uma metafísica do mistério, passando ao campo oposto".

O fenómeno não é, aliás, exclusivo de Portugal. Os mesmos Saraiva e Lopes assinalam como outra derivante do naturalismo, agora pola via do decadentismo e do expressionismo, a constituição dumha literatura radicalmente pessimista que em dada altura "se entreapoia nas doutrinas existencialistas", e que tem em Kafka o seu principal mentor.

Assim, entre o fim de século e a Primeira Grande Guerra, naturalismo e pós-simbolismo são as duas correntes fundamentais da vida literária europeia.

Sagazmente, resume para Portugal Rui Ramos a dominância, por breve período de tempo, dos modelos naturalistas e simbolistas. Apesar de extenso, não nos resistimos a transcrever o seu elucidador comentário (1994:302):

> "Uma grande parte dos escritores estreados entre 1890 e 1900 foram «simbolistas» ou «naturalistas», ou as duas coisas «Simbolismo» e «naturalismo», mais do que as duas modas literárias dominantes, eram atitudes que correspondiam à crença de que a sociedade europeia estava «decadente». Os «naturalistas» queriam corrigi-la pela aplicação da ciência; os «simbolistas», pelo regresso à sageza. O «simbolismo» era uma maneira de fazer poesia, popularizada em Paris por volta de 1880, para a qual a vida era apenas uma superfície, além da qual, expressa em símbolos e só acessível através de complexas cerimónias iniciáticas, estava a verdadeira realidade, feita de harmonia e força. A «decadência» indicava o ambiente ambíguo, em que, ruídos os últimos freios morais e sociais, o indivíduo entreveria a sabedoria. Para os «naturalistas», a decadência era um fenómeno mais simples. Significava apenas, quer num organismo biológico, quer num social, a incapacidade dos órgãos para desempenharem a sua função no quadro da luta pola sobrevivência, única realidade admitida pela análise científica".

A perspetiva (não a resposta) dos naturalistas e, em geral, dos decadentistas converge perante o que olham como a degenerescência finissecular.

Mas sozinho, o simbolismo tinha pouca *chance.* Ele vai sim informar poetas e movimentos; do seu repertório ficam em geral a sua tentativa de renovação e perfeição métrico-estilística, e o seu refinado trabalho da linguagem. Escreve Seabra Pereira (1975:458):

> "no panorama geral da literatura portuguesa, os temas e motivos da poesia *novista* vão sendo relegados para plano secundário ou reelaborados por valores estranhos; os seus caratere**s** estilísticos-formais vêem sobrepor-se-lhes outros mais depurados ou de diversa origem. Mas, se em todo este campo há já um legado seu irrecusável, é em especial na renovação prosódico- versificatória (acompanhada polo florescimento da prosa poética, em João Barreira, Magalhães Lima, Teixeira Gomes ou ainda no primeiro Malheiro Dias[208]), e na consciência de que a poesia é essencialmente arte da linguagem que as suas conquistas -como intuíra Armando Navarro, em 1894, n*'Os Novos*- se afiguram mais decisivas, para a própria realização das orientações literárias subsequentes".

Na realidade, o simbolismo acaba por ser o que os seus críticos moderados quiserom que fosse. Referimo-nos com a frase "críticos moderados" aqueles escritores que percebiam a necessidade de renovação do panorama poético (e aí se serviam das correntes literárias francesas) mas sem *desnacionalizar* em

---

[208] É sintomática dumha época a evolução de Malheiro Dias. Pondo de parte outras obras anteriores, em 1900 dá a lume O *Filho das Ervas*, que anunciava novos rumos do romance na sequência de Eça de Queirós, atento ao difícil presente que à sua volta se vivia; mas, depois, passou ao romance histórico, agora na sequência, mais cómoda em termos de repertório a que aderir, em que os valores pátrios, sentimentais, etc., são os materiais privilegiados.

excesso (por preconceito ou convicção) a produção literária; *desnacionalizar* significando normalmente nestes casos, não tanto *estrangeirizar* como utilizar materiais poéticos distintos aos habituais na época e cujo grau de intervenção e/ou ligação com a Tradição é ou menos percetível ou mais distante do que *é necessário.* Em ocasiões, como esta, as transações entre a nova estética e o horizonte de expetativas maioritário na época nos autores não são difíceis. Quanto ao movimento simbolista em questão, a transação fizo-se quase exatamente sobre a base do que Fialho vaticinara para o futuro poético de Eugénio de Castro. O simbolismo deixou imagística e cedeu em opacidade; mantivo a atenção à linguagem e à construção do poema em troca dumha progressiva nacionalização dos temas.

O século começa então com a aceitação de várias das propostas simbolistas e com a sua instalação em várias publicações do momento. A melhor fotografia de família da passagem literária do século fornece-no-la, em nossa opinião, a *Ave Azul,* aquela publicação de Viseu que pedia licença para se apresentar em sociedade. Nomes da fotografia: diante, entre outros Eugénio de Castro e Afonso Lopes Vieira (já logo no número primeiro); e depois Manuel da Silva Gaio, Fausto Guedes Teixeira, Correia de Oliveira, Carlos da Mesquita, o seu irmão Roberto, um Pessanha não bem reconhecível (aparece no número 6), etc. A fotografia, já o dissemos, era tirada por Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos, que preferiam focar mais os tradicionalistas do que os simbolistas; mas *pagava-a* entre outros Carlos da Mesquita, professor do liceu da cidade na altura, amigo de Eugénio de Castro, por cujo intermédio talvez os poetas que foram *nefelibatas* eram retratados.

Vamos ainda demorar-nos um pouco nesta revista. Porque é umha publicação que representa mui bem as orientações presentes e sobretudo futuras que o mundo literário português vai tomar, está já a tomar. O nacionalismo incipiente é já óbvio: Guedes Teixeira, pola via sentimental que enlaça, no imeditato, com João de Deus e António Nobre, e sobretudo Lopes Vieira (atenção: ainda o anunciado livro *O Poeta Saudade* não saíra, e já ganhara para si a qualificação[209]) e Correia de Oliveira (poderoso elo na alimentação de imagens ruralistas para o Portugal salazarista, como mui bem notou Eduardo Lourenço[210]), dous dos poetas mais vulgarizados nos anos seguintes, até aos trinta, polo menos, particularmente o último citado, o confirmam.

Tão ilustrativa como a orientação a respeito da produção nacional é a presença/ausência doutras literaturas na revista. Mui presente estava a atenção pola audiência que a vida cultural portuguesa alcança fora. Em épocas de crise, a validação dos *Outros* interessa sobremaneira. Neste sentido, *Ave Azul*

---

209 *Ave Azul*, números 10 e 11, Segunda Série, novembro de 1900.

210 Eduardo Lourenço, 1982: 60.

é quase a síntese das linhas que nos imediatos quinze anos vão seguir muitas publicações. Já no número primeiro começa a ser publicado um artigo sobre os lusófilos, da autoria de Carlos de Lemos, referido exclusivamente a franceses e italianos. No número seguinte, Trindade Coelho traduz um trabalho de Rafael Altamira editado em Barcelona sobre o mesmo tema, pretexto que Carlos de Lemos utiliza para lamentar que os portugueses apenas estivessem virados para a França e virados também, mas de costas, para a "nossa visinha e nossa irmã Espanha". Cita Lemos alguns nomes do panorama espanhol, entre os quais interessam ser referidos os de Emilia Pardo Bazán como romancista, de Verdaguer como poeta (os catalães já tinham presença autónoma desde anos atrás no ambiente literário luso) e Fernán Caballero como crítico/a.

Prossegue o artigo no número 3, onde a referência à lusofilia espanhola toma mais corpo, e onde com certa extensão se fala da literatura catalana; galegos não há.

Aparece igualmente algumha crónica de letras espanholas e italianas. E traduções, do italiano, entre os quais, Marradi e Mazzoni, elaboradas por Carlos de Lemos; do francês um poema de Marc Legrand, reproduzindo-se o texto original e outro de M. René d'Yvermont.

Significativa é a aparição, em vários números, de Philèas Lebesgue; o que acabará por ser, talvez, a figura mais decisiva do relacionamento galego-português (assim interpretado polos nacionalistas galegos), é já saudado como "ilustre poeta"; Lebesgue envia para o número 11 da publicação um soneto, em francês, dedicado aos dous diretores da revista.

No número 3 da Segunda Série, já em 1900, torna Rafael Altamira com um artigo, "Extracto dum romance"; e no último, o doze, é resenhada *Atravez da Espanha Litterária* de Cervaens e Rodríguez, escritor de origem galega cuja obra é umha magnífica oportunidade... perdida, para poder vulgarizar a literatura galeguista, de que não fala este futuro colaborador em empresas regionalistas, mais galaico-minhotas do que galego-portuguesas.

Mas devemos retornar à instalação do simbolismo nos inícios de século. Assim o comenta Clara Rocha (247-248), incluindo um interessante texto de Raul Brandão:

> "A colaboração poética e mesmo certos textos programáticos inseridos nessas revistas [*Sombra e Luz, A Semana Azul* entre as citadas por Rocha antes de 1908] espelham uma temática e umha imaginística ao gosto finissecular. E isto, apesar da acerba crítica que José Coelho Moreira Nunes, em *O Simbolismo como Manifestação de Degenerescência* (1899), ou Manuel Laranjeira, na lisboeta *Revista Nova* (1901), fazem à escola simbolista. Nesta última publicação colaboram, entre outros, Raul Brandão (que aí insere uma página de prosa intitulada «O Gebo», João de Barros, António Patrício e Augusto de Castro. Mesmo assim, o médico de Espinho e futuro colaborador *d'A Águia* põe fortes restrições ao movimento simbolista, num artigo intitulado «Arte Nova»:

> «Assim o simbolismo. Basta pegar num livro dum simbolista para imediatamente ficarmos convictos que esse livro é o produto dum cérebro desordenado -o que há de menos simbólico, enfim.Confundem deploravelmente símbolo com mistério, com tudo o que há de vago e nebuloso. (...)
>
> *A arte deve sugerir, nunca exprimir-diziam;* e, com este princípio como escudo, gaguejavam um *ragotage* híbrido, desconexo como o fumo. De resto, a escola simbolista é-o de facto, quando menos pretensões tem a sê-lo.» (...)[211]"

A crítica de Brandão, a pouco que se repare, não é tão forte e frontal como poda na aparência parecer. Há, por trás das duras palavras, umha interiorização das propostas simbolistas, passadas polo crivo da própria ideologia e estética. Brandão deixava ir o fumo, mas ficava com o combustível. Prova eloquente era o seu romance finissecular *História dum Palhaço -vida e Diário de K. Maurício*, onde assomam também elementos próximos do misticismo russo à Tolstoi ou à Dostoievski.

A *Revista Nova* estava realmente empenhada no combate ao simbolismo; mas não apenas. Por exemplo no número dous[212], aparecem duas críticas demolidoras de *Poema do Lar* de Agostinho de Oliveira e de *O Poeta Saudade,* da autoria de Afondo Lopes Vieira; número aliás ilustrativo do pendor da publicação: nela escreve Nunes Claro sobre "A consagração de Eça de Queiroz ou a vingança do conselheiro Accacio".

Não eram mesuradas as críticas. Thomaz da Fonseca afirma existir umha série de poetas que

> "sabem de antemão que morrerão na tranquillidade lôrpa da sua nullidade, sem que ninguém lhes peça contas nem pelas offensas feitas ás divindades, como a Eschylo, nem pelas maldições louçadas [sic] á face dos imperadores, como a Juvenal e a Hugo, Porque ser poeta, assim, é ser consagrado, é ser inviloável. É o que vulgarmente se chama *nullo*",

entre os quais, estabelece duas espécies: os *faldriqueiros* ("porque se servem das faldras para alcançarem a celebridade") e os *louvaminheiros* ("Os do elogio mutuo, esses que apparecem em toda a parte, subindo a enconsta da gloria ás cavalleiras" de um parceiro, "o mau critico e o mau leitor"), onde concede estar o poeta em foco ("se quer, ó Agostinho d'Oliveira, fique n'estes que eu dispenso-o d'aquelles").

O certo é que a posição conservadora, e ainda integrista no religioso, de Agostinho de Oliveira, estava nos antípodas do pensamento de Tomás da Fonseca e os seus companheiros. Na realidade, estes utilizavam a crítica literária para realizar crítica política, para o que o *Poema do Lar* e sobretudo o seu autor era peça perfeita:

---

211 *Revista Nova*, nº 2, p. 34.

212 De 25 de abril de 1901.

> "Porque esta invasão de aduladores faz mais estrago na educação artística d'o povo, do que uma matilha de lobos n' um rebanho.
>
> E se nós já temos, graças ás instituições vigentes, para cada burro sua facha, isto é, o açaimo para o cão, o peso do tributo para o Povo, o juiz Veiga para o pensamento, e para o jumento a espóra, porque não haverá o chicote para o adulador? Se Agostinho d'Oliveira tivesse pensado n'isto, não teria a estas horas um livro que lhe ha de apodrecer nas montras, e de que se ha de arrepender antes que lhe venham os cabellos brancos, se é que já os não tem.
>
> E depois, que diabo, ha tanto que fazer! Porque é que se não educa o Povo em vez de o explorar?
>
> Prégue-se a Cruzada santa da Humanidade, a aspiração dos entenebrecidos, o sonho dos opprimidos, fazendo, com o exemplo, calar-lhe as nossas palavras no coração. É n'isto que se resume toda a utilidade do homem sobre a terra.
>
> Por isso, companheiros de trabalho, vamos..."

O programa ficava pois, mais umha vez, exposto; o êxito desta tendência é que seria mais difícil de conseguir, particularmente na sua concretização: era a expressão dumha conceção da literatura que estava a perder o lugar privilegiado que conhecera mesmo dez anos antes, e que percebia como cedia terreno frente aos que censurava.

Porque, mesmo nas páginas a seguir, Manuel Cardia encarrega-se de similar combate, agora com o livro de Lopes Vieira que viera a lume em Coimbra esse mesmo ano: *O Poeta Saudade.*

O principal problema da obra de Vieira, a juízo de Cardia, é a que situa já no frontispício da extensa crítica: ele é um lírico; portanto, ele não pode enviar umha mensagem de intervenção ao Povo: "Affonso Lopes Vieira é afinal um lyrico, e comquanto tenha pretendido por vezes guindar-se ao tom épico de certos *romances* medievaes, o seu verso traz sempre um subjectivismo egotista exprimindo o mal de viver, de que o poeta não consegue libertar-se".

E, se antes Tomás da Fonseca, explicitava modelos ao grupo da *Revista Nova* caros, agora obra à inversa Cardia:

> "Desde que em Recanati, com esse enfermiço Leopardi, nasceu a poesia pessimista, toda cheia de imagens, enfermiça também, durante um século inteiro, se abstrahirmos da corrente pantheista dos Tennysons e dos Junqueiros, vem essa especie de boi de nóra arrastando o *ritornello* das suas monotonias, moldar-se ora no mystico ramerrão do preraphaelitismo, ora nas romanticas toadas populares de Steccheti, aqui alterando a fórma, ali envolvendo nas arestas da ironia os seus conceitos, mas sempre banal, enfadonha já de tanto usada, anodina emfim."

Lindo resgate do padroeiro Junqueiro, segurando na corda da sinceridade, não facilmente justificável. Era o pessimismo, considerado, aliás, postiço, que realmente irritava a publicação de Illydio Andrade da Costa. Ele, o pessimismo, era umha postura burguesa, descomprometida: "No *Poeta Saudade* abundam as imagens originaes, mas não ha imagens fortes; procurei ali o Sentimento, confesso que achei só o Sentimentalismo".

Era um caminho produto da decadência, e de certa autocompaixão. Dura crítica a de Cardia a umha linha poética (e ideológica) que ia triunfar rotundamente:

> "[...] nota-se no poeta umha nostalgia do passado, que já existia nos seus precedentes trabalhos e que produz a evocação de glorias idas, como uma evocação de espectros.
>
> É este um dos stygmas de impotencia que mais comunmente encontramos indicados; e denota ainda um espirito completamente vazio de aspirações".

Talvez tivesse razão Cardia; frisando um pouco mais, cabe salientar que mais que vacuidade procurava-se bálsamo conciliador; o passado é sempre o melhor alibi; "o messianismo primitivo encontra em Afonso Lopes Vieira um visionario" acertava o crítico.

E, a propósito da utilização da cábala, aproveitava Cardia para apresentar, desqualificando-a, toda umha linha poética que se resumia em Simbolismo para o caso português:

> "Ainda ha, digno de nota, um outro artificio empoiradissimo que atravessou sessenta annos de uso constante, desde Rossetti e Swinburne até ao senhor Lopes Vieira, passando por Péladan, Maeterlinck, e mesmo em Portugal, por Julio Brandão e Eugenio de Castro: é a preoccupação dos números cabalisticos e a crença que só aos fracos de espirito acode, nos prognosticos e nos signos de superstição".
>
> A comentar um poema de Vieira sublinha Cardia: "Não é um soneto, é uma cabala de astronomos egypcios!"

Repare-se pois, e como consequência, que a *contradição principal* do polissistema não é sempre a de *estrangeirizantes e nacionalistas.* Ao lado dela, por vezes com mais força (a *Revista Nova* é digna expoente), a pugna sistémica é estabelecida sobre o caráter empenhado ou não da atividade literária, na qual aquela volta ao passado, que desde há anos se está a operar na vida cultural portuguesa (o caso dos painéis de Nuno Gonçalves é todo um símbolo), é combatida polos que persistem em chegar à República social por via da expressão literária, e, consequentemente, censuram, como Cardia em Vieira, "a pretenciosa affectação e simplicidade quinhentista" que lhe faz lembrar "o conceito d'um logogripho escripto em portuguez de modos e confecções".

A *Revista Nova,* que editava a Livraria Central, insere-se numha linha que, em boa medida, enlaça com o intervencionismo da Geração de 70, agora reforçado polas correntes político-sociais que visavam a educação do Povo para a regeneração da sociedade. Tudo o que não for isso em Portugal é censurado; em Portugal, porque, surpreendentemente, nela aparecem colaborações de Juan (Ramón) Jiménez (neste número "Paisaje del corazón") , Gómez Carrillo (aqui com "A Canção em Paris"), e até de Rubén Darío; nada menos; Eduardo Pérez e Miguel de Unamuno fazem parte também dumha abundante lista de

autores espanhóis no contraditório rumo da publicação que não se acaba de perceber mui bem.

Não apenas da *Revista Nova* vinham as críticas. João dos Passos ataca em 1894 desde a portuense *Renascença,* que dirigiam Amadeu de Vasconcelos e Cristiano de Carvalho, todas as revistas que defendiam "a arte pola arte", e não poupando alguns elogios para a *Revista Nova* lisboeta.

Ainda mais caraterística do decorrer epigonal da Geração de 70 é a *Revista Internacional,* já nos começos do século XX. Esta situa explicitamente como os seus referentes alguns dos nomes daquela época. Na introdução que a *Revista Internacional* dedica a Fialho, precisamente para apresentar neste irregular meio os seus artigos "De Vigo a Cangas", é reunido parte do Parnaso Português empenhado da citada geração, cuja decadência era um ponto de partida. Fialho é:

> "[...] o grande mestre da moderna prosa portugueza, o revoltado pamphletario dos GATOS, o ironista implacavel e tremendo, cuja obra tem sido o estandarte sagrado de todos os verdadeiros prosadores da moderna geração.
>
> Se Guerra Junqueiro e Gomes Leal foram os apostolos da poesia que mais revoltas e incitamentos semearam, fazendo erguer a espinha aos derreados discipulos do Romantismo, Fialho de Almeida tornou soberbamente moderna a prosa nacional, não só com a fina ironia de Eça de Queiroz, mas tambem com os arrojos gritantes da irreverencia. Para os que hoje armámos tendas de combate, n'este dizimado campo das letras, Fialho é o Mestre inconfundivel. Honremo-lo".

Nos começos de século surge também umha outra tendência poética que esta sim se vai situar frontalmente perante o simbolismo, embora o seu principal cultor, João de Barros, tome algum material da linha combatida: é o «naturismo» importado da França, que tem como mentor Saint- Georges de Bouhélier, como órgão *La Revue Naturiste* e como patrono Zola. Barros reconhece a importância que para a renovação tivo o Simbolismo, mas "o que determinará o seu estilo poético é essa mesma atitude de combate contra tudo que se lhe afigura moleza decadentista, derrotismo nefelibata, estesia romântica, requinte esteticista" (Simões, 1976: 95)

Mas, para combater alguns adversários, bastavam arraiais pequenos e de curta duração. Se o inimigo era o estrangeirismo poético de Importação francesa representado em Verlaine e companhia, e cá nos "eugenios castrados" como alguns denominavam os inovadores, com os seus, agora para muitos, ininteligíveis versos e pretensas fugas, podiam os guerreiros estar descansados e cedo levantar as tendas. O simbolismo acabou na maior parte dos seus cultores por ter que adaptar-se à realidade dos factos literários, mais teimosa do que eles, e esperar melhores tempos. A.J. Saraiva e Óscar Lopes (1985:1013) explicam essa adaptação e aventuram as suas causas:

> "Os temas do sonho evasivo, da intuição vidente, da mítica oculta, em como a respectiva estilística de símbolos multivalentes e de sinestesias, tenderam, na literatura portuguesa, a agarrar-se ao historicismo, ao pitoresco regional, ao moralismo discursivo, a um nacionalismo mais ou menos *sebastianista,* a um idealismo pronunciadamente religioso, embora com maiores ou menores veleidades heterodoxas.
>
> Esta sobrevivência das tendências românticas através de uma época já bafejada polo simbolismo-decadentismo europeu condiz, sem dúvida, com uma sociedade ainda muito predominantemente agrária, comercial e burocrática, com o seu setor industrial em grande parte atrasado e condicionado ao capital estrangeiro".

Nesta atmosfera progressivamente tradicionalista-nacionalista, umha tendência, talvez pouco salientada, nasce com força nestes anos. Trata-se da procura da aliança cultural com o mundo lusófono (em que mais tarde João de Barros vai empenhar-se profundamente), nada desprezível já na altura, e muito menos para o tema que nos ocupa, porque vai ser por esta via por que primeiro o regionalismo e depois, com força apenas na aparência surpreendente, o nacionalismo galegos vão penetrar no polissistema português e acabar por ocupar, nos finais dos anos vinte, umha posição relativamente privilegiada em vários dos centros mais importantes da vida literária lusa.

A aliança postulada é agora com o Brasil. Caraterística dela é, por citarmos umha publicação coincidente no tempo com as comentadas *Revista Nova,* e *Ave Azul,* a *Revista de Lisboa*[213]. "Noticiosa e litteraria", "Orgão da academia litteraria", eanunciando no cabeçalho a "collaboração dos melhores escriptores portuguezes[214]" era o seu diretor Óscar Leal e como secretário e editor aparecia Décio Carneiro. Apresentou-se esta em sociedade em dezembro 1901, com estas palavras: "os nossos sinceros desejos de fomentar tanto quanto possivel o estreitamento das relações entre os homens de lettras de Portugal e Brazil e de fazer conhecidos os trabalhos escriptos de toda a ordem apparecidos num e noutro paiz, abrangem a publicação duma modesta revista".

O tom utilizado para o relacionamento luso-brasileiro, "quasi a mesma patria", vai ter fortuna no futuro em outras publicações que visam igual objetivo para o caso galego- português.

De resto, o desejo era que o "bello Portugal" e o "risonho Brazil" caminhassem unidos "em idêntica aspiração de progresso, que é dizer-se aspiração de luz; aspiração de Bem, aspiração de bello e de justiça".

---

213 É esta umha das publicações compreensivelmente ausente dos vários censos de revistas estudadas na década de oitenta. Há mais casos. Compreensível porque existe um certo *seguidismo* acrítico de estudos inaugurais, como é o de Fernando Guimarães (1982), onde a ausência da *Revista de Lisboa*, relativamente justificável dado o caráter do estudo, trespassa-se aos, aliás mui valiosos, de Clara Rocha (1985) e Daniel Pires (1986). Talvez também não estejamos livres nós de importantes ausências.

214 Este tipo de informação, a respeito da colaboração, mais umha forma de vender o produto, vai ser curioso objeto de polémica em algumhas publicações da época, tanto galegas como portuguesas.

A imagem que se transmitia sobre a orientação da revista, ficava completada com a homenagem que nesta primeira página é rendida a Augusto Peixoto, que fora o primeiro secretário do órgão. Peixoto, de quem Júlio Brandão afirmou pertencer "à ala excelsa dos mais nobres historiadores da nossa terra, dando à História uma amplitude de novas fontes científicas" *(*Lisboa, coord.*,* 1995, III, 78) era umha das primeiras figuras da época em matéria de estudos históricos e naturalistas, sócio da Academia das Ciências e do Instituto de Coimbra. A ciência e o estudo continuavam pois em lugares de privilégio.

IV. 2.3.6.3. O retorno às essências. Nobre não estava só

Em nosso entender, poetas como Nobre indicarom o caminho. "Nobre dava aos seus leitores a subtil e delicada fórmula, mistura de cepticismo e patriotismo, que ia moldar a relação dos portugueses educados com o país em que viviam" (Ramos, 1994:306).

Nobre, influenciado por Junqueiro, e mais tarde polo simbolismo francês, traz para a poesia o Portugal provinciano nortenho; ele anuncia a tendência regionalista de vários poetas finisseculares.

Da preparação simbolista serviu-se pois um poeta, singular como o título do seu livro, *Só,* mas não tão isolado como o título do livro poda dar a entender e nalgum manual aparece descrito. Não dizemos isto sustentando o juízo na sátira ao *Só Nós todos. . .* que Estephânio Rimbó (Eugénio Sanches de Gama) publicaria em 1902. Nem tão-pouco no que de expressão coletiva poda ter o seu poemário: "... falo só de mim. Mas não sou eu o intérprete das dores do meu País?".

Nobre é a simbiose do trânsito do parnasianismo para o simbolismo que não esquece a linha de João de Deus, e referencia a sua obra ao mundo português, limando assim o estranhamento que por exemplo Eugénio de Castro podia causar no horizonte recetor. E é também um livro que exprime umha tendência de volta sobre si e o contorno já anos antes anotada. Eis nessa convergência a chave do seu êxito na época (com morte trágica infelizmente incluída). Via-o assim Fidelino de Figueiredo (1944:437) quando comenta as duas atitudes poéticas:

> "Eugénio de Castro […]muito mais simbolista que nacionalista, portanto mais de acôrdo com a evolução geral do gôsto de além fronteiras e menos com as reacções locais, foi quási excepcional continuador daquela difusão prestigiosa, a que nos habituaram os escritores do realismo. (...). Mas António Nobre (...) foi o de mais funda influência e o mais querido a dentro delas. O *sòsismo* foi uma verdadeira idolatria".

Talvez nalgumha cousa discrepamos de Figueiredo, particularmente na *influência* futura de Nobre, polo delicado do conceito (sempre de complexa análise e difícil demonstração na sua índole direta) e pola própria confirmação do facto. Em nosso parecer, e como magistralmente tem demonstrado Fernando

Guimarães, sem a atitude de poetas como Eugénio de Castro, o modernismo português tomaria sem dúvida outros rumos.

Lembra Rui Ramos que António Nobre tinha nos parnasianos, em Gonçalves Crespo e em Junqueiro, a quem adorava (sobretudo Junqueiro, de quem era amigo), a sua aprendizagem poética. Forçando um pouco as cousas, sobretudo as de Junqueiro, António Quadros (1989:68) encontra na produção após-Ultimato dos dous poetas a acabada reação perante os factos pola via do regresso às Tradições, às essências, ao, sem a ele aludir, *génio da nação*:

> "Guerra Junqueiro e António Nobre são os poetas deste último decénio do século XIX, que é por um lado acusatório e crítico, mas é sobretudo o apelo às vozes antigas e profundas da nação. De Junqueiro, logo em 1890, o *Finis Patriae* é um canto fúnebre sobre o país vexado e vencido, mas o sentimento patriótico está subjacente em todos os seus versos, explodindo mais tarde sem limitações na *Pátria,* de 1896, onde a par do escárneo e do sarcasmo contra os considerados responsáveis pela decadência tornada visível polo *Ultimatum,* emerge um sopro épico, messiânico e redentorista. Mas é porventura no *Só,* de António Nobre, de 1892, que melhor se exprime o ambíguo sentimento decadentista e regeneracionista, saudosista e profético, próprio desse período transitivo, de crise mas ao mesmo tempo de esperança. Na *Pátria* de Junqueiro já despertava o renovo sebastianista, que no saudosismo do *Só* principiara a revelar-se e que Nobre vai colocar no centro do grande poema por acabar que se chamou *O Desejado* (1895-1899)".

E lembra também Ramos que, quando a revista de Coimbra em que colaborava, *Boémia Nova,* foi acusada de medíocre por não mais fazer que repetir as fórmulas da geração anterior, desde os *Insubmissos* e por palavra de Eugénio de Castro, Nobre aderiu aos simbolistas franceses (mui lidos na época), por via do autor de *Oaristos*. Mas, em nosso entender, não esqueceu totalmente o objetivo de «escalpelizar» a alma humana, como sugere Rui Ramos; simplesmente modificou objetivo e alargamento, e converteu em perspetiva íntima o que parecia ser chamado à objetivação coletiva dos realistas. Outros tempos (os derivados do decadentismo como sensibilidade), outras formas, criavam novas identificações nos leitores. Enormemente esclarecedor é o comentário de Pinheiro Chagas ao *Só,* que recolhe Ramos (1994:299[215]) e a seguir transcrevemos:

> "Estes poetas agora fazem uma lamúria babosa, têm sempre na boca Nossa Senhora, rezam pelas suas contas, não usam senão diminutivos -a *sombrinha* da árvore, e o António *sãozinho,* e a menina *purinha* [...] Se a geração a que pertence o Sr. António Nobre está efectivamente naquela afinação, ou antes naquela desafinação suprema!, se está dessa forma desossada como os versos desarticulados dos poetas das escolas novas, decadente, delisquescente, fatigada sem ter trabalhado, enervada sem ter lutado, que pífia geração, que geração sifilizada e dessorada, sem músculos e sem sangue, que tem de carregar com o peso das grandes tradições do passado e dos graves problemas do

---

[215] Em Castilho, 1980: 133.

futuro! É uma geração incapaz de lutas e de revoluções, de trabalho científico e de esforço moral".

Como nota Ramos, Chagas não reparara na obviedade de pertencer Nobre precisamente à geração que em janeiro de 90 se mobilizara polas ruas das principais cidades portuguesas; muita da qual tinha militância republicana; e ainda podemos acrescentar à observação de Chagas não poder acusar Nobre de *evasão exterior*, porque afinal era de Portugal que o novo poeta falava.

Era assim que se conjugavam simbolismo e patriotismo; e assim era como reagiam as velhas escolas, representadas por Pinheiro Chagas perante a atitude provocativa dos novos. A. J. Saraiva e Ó. Lopes (1985:1013) falam de certa quebra da continuidade e "brusca adaptação da literatura portuguesa a formas cosmopolitas da arte poética"; talvez seja esta umha boa definição, que nos situa não longe do perspetivismo em que um elemento tão caraterístico como Eça alinhara. A brusquidade está então nessa adaptação cosmopolita, e nem era tão violenta se tivermos em conta o caminho aberto polo parnasianismo. Não seria arriscado anotar que, naquela admiração camoniana que preside à década de oitenta e seguintes, as duas possibilidades de reação perante o mundo, umha épica coletiva e um ceticismo individual, estão nos *Lusíadas* (que, aliás, Nobre não leria até 1896; vid. Ramos, 1994:305), e vigoram também nos sonetos do adorado poeta.

Em geral, o movimento realista viu o *Só* como o sintoma quase dumha degenerescência. António Nobre era mais visto como um produto epigonal da ressaca noventista (qualificativo suave se tivermos presentes as palavras de Pinheiro Chagas) do que um poeta quase fundacional dumha tendência que, por vários caminhos, ia dominar o centro polissistémico em escassos dez anos.

Tem razão Fidelino de Figueiredo (1944: 43 6) quando considera que "foi um episódio crítico, o do juízo severo de Moniz Barreto sôbre o *Só* de António Nobre, a obra iniciadora do retorno não somente a Garrett, mas a tôdas as poéticas morbidesas e a tôdas as pitorescas debilidades do espírito nacional". Razão por que o tal episódio representava umha rutura entre movimentos literários e atitudes cívicas. Apesar do desacordo para com as opiniões de Figueiredo, transcrevemos no entanto o passo (1944:436) em que este se refere aos juízos de Barreto, porque, em nosso entender, elas refletem com muita precisão a perceção que da nova literatura deviam ter os que postulavam o retorno a umha determinada Tradição, por via da *nacionalização* do *nacional*.

"Moniz Barreto, pôsto que mais novo que as figuras centrais da geração realista, era bem o crítico literário dela, pela sua identificação com a estética do realismo, pelos seus processos críticos, pela sua conceção da literatura como acção social e até pelo desenraizamento do solo português, onde nem sequer nascera. O seu elevado sentido crítico fê-lo reconhecer que no *Só* se revelava um novo e original poeta, mas a sua mente obstinada em certa filosofia da arte não o deixou compreender a oportunida-

de quási genial dêsse incomparável poema, que expressava um corajoso regresso ao passadismo, ao sebastianismo, ao popularismo ingénuo, a um pessimismo irracional e misterioso, muito peculiar da alma portuguesa, que sempre acaba por vencer as contenções da crítica".

Foi então assim que António Nobre, *Só,* começou a elevar-se como símbolo dumha nova atitude, e, em algum caso, como a consequência inevitável dumha situação nacional que, se não retornava às suas essências, podia encontrar-se com o profundo pessimismo que em versos do livro aparece. E, mais ainda; o êxito do *Só* deve-se, em boa medida, a que justificava para muitos as misérias da inanição.

IV.2.3.6.4. Os movimentos neo- no Portugal finissecular. A volta atrás do Neogarrettismo: explícita expressão do Neo-Tradicionalismo

"Se interrogarmos a Crítica sobre o que nos convém fazer para não nos deixarmos afundar na esterilidade e na ruína espiritual ela nos responderá com três conselhos: lº -a regressão ao génio nacional, pelo conhecimento das nossas aptidões étnicas peninsulares e especiais portuguesas, pela preferência dada aos temas nacionais nas criações literárias e pola convivência com os nossos grandes mestres da Renascença e do Romantismo; 2º- o estudo das literaturas estrangeiras no que elas possam ter de largamente humano ou particularmente análogo ao nosso génio; 3º-a elevação da cultura filosófica que na aparência estranha à Literatura e à Sociedade inspira a primeira e governa a segunda, e pela sua ausência ou inferioridade determina a decadência e a morte de ambas"[216].

Desconhecemos se o tradicionalismo alá acudiu ao oráculo de Barreto na influente *Revista de Portugal.* O que sim parece claro é que este texto, escrito quando ainda o Simbolismo não aparecera com força na Produção portuguesa, indicia, particularmente no seu ponto primeiro, o sentido que as cousas literárias tomarom no final do século que ele estudava.

Não se verifica então a linha tradicionalista como simples reação opositora ao movimento simbolista, como poderia deduzir-se dum estudo sequencial dos triunfos dos diversos movimentos em jogo. Talvez seja mais correto interpretar que o tradicionalismo encontrou um motor acrescentado na tendência de Importação francesa, que punha aliás mais em claro as contradições e particularmente o caminho que os defensores daquele queriam seguir. O simbolismo foi, neste sentido, de grande ajuda, porque aparecia, para os seus detratores como exemplo evidente do que não queriam. E, em parte, as correntes nacionalistas nutrirom-se, por oposição, de renovados materiais, sobretudo temáticos, ao mesmo tempo que o movimento *afrancesado* deixava algo do seu pouso nelas.

---

[216] Moniz Barreto, *A literatura portuguesa no século XIX,* 1889.

Havia, porém, outras circunstâncias em concurso. O simbolismo era, entre outras cousas, inquietante. Difícil era que os indivíduos procurassem nele, numha época em que a literatura substitui quase a função doutras instituições, como a religiosa (Ramos, 1994:331) as certezas de que haviam necessidade. Repare-se ademais que, politicamente, o simbolismo conhecia adeptos... na intelectualidade anarquista (Litvak, 1990 e Guimarães, 1982): convulsão demais. Como indica Rui Ramos (1994:331) "no fim de século instalara-se a ideia de que era necessário criar um meio espiritual que poupasse aos indivíduos as dúvidas que os paralisavam". As teorias do «espírito forte», "do céptico à Renan ou do «naturalista» à Max Nordau" são finalmente refutadas pola teoria do enraizamento. Renan, guia espiritual da já velha geração realista, era enterrado, e com ele umha época, nas *Palavras loucas* de Alberto de Oliveira, o mesmo que apenas três anos antes teimava, desde a *Bohémia Nova,* "em rebater Francisco Bastos nas questões prosódicas, continuando a comprovar que tanto ele como Osório de Castro[217] liam os decadentistas franceses" (Seabra, 1975: 139), e que desde aquelas páginas começara a defender o nacionalismo literário; e já em 1892 reivindicava o *Só, Lusíadas* da decadência, "para se promover a si próprio nos jornais, em polémica contra o «gongorismo francês» de Eugénio de Castro *(Novidades,* 25 de junho de 1892) (Ramos, 1994:305).

O nacionalismo, cuja expressão política é muito mais fraca do que a propriamente literária, vai recolher pois a relativa angústia que se apodera de determinados setores perante o futuro, propugnando umha espécie de regeneracionismo pola salvação, de resto impossível, do Velho Portugal. Augusto da Costa Dias (Lopes, 1973: 301), salienta este aspeto:

> "O nacionalismo literário rotulado com a colheita de 90 não tinha programas económicos explícitos; importa, porém, não desprezar os elementos ideológicos que nos fornece. Eles fizeram (consciente ou inconscientemente) sua missão exprimir o desespero de todos quantos sofriam (em parte por motivos reais, em parte por uma angústia de antecipação) a morte do Portugal Velho, da venerável «nação» feudal ou semifeudal que, na infância e na adolescência, lhes afeiçoara a sensibilidade, incubada no calor de relações humanas directas com um povo humilde, de chapéu na mão (expressão típica do poeta do *Só*), servos, amas, -todos eles figuras duma sociedade de clero, nobreza e povo, na qual não perpassam operários [...].
>
> Impotentes, e cônscios de que lhes é impossível suster o fluxo inalterável da História, refugiam-se na saudade, na tradição e procuram reconstituir literàriamente o universo que os criou. Cantam a «pátria morta», mas essa pátria é uma absolutização ideológica do seu paraíso perdido".

"En tiempo de desolación nunca hacer mudanza". A frase de Santo Inácio de Loyola parece a mais apropriada para a atitude finissecular dos movimentos

---

[217] Alberto Osório de Castro é umha das expressões mais claras da procura de novos caminhos perante a confusão gerada polo Ultimato, de que deixou testemunho em *A agonia da Pátria* (1890) .

neo. Porque perante a talvez fugida para a frente que era a atitude decadentista e representava o simbolismo (mas afinal, mais decidida na procura de novos rumos) e o beco naturalista, a maioria dos agentes literários portugueses vai virando para o tradicionalismo, refúgio sempre certo[218], e facilmente revestível de essencialidade, mas com o risco da parálise, de "perder o americano" de João da Ega e Carlos da Maia. Dos lemas de Moniz Barreto, o segundo acabou por deixar a sua pegada, e o terceiro por quase não aparecer.

Não fazendo mudança, fizerom "retôrno franco ao pacífico e satisfeito sentimento nacional e aos tipismos etnográficos" (Figueiredo, 1944: 436); viverom os tradicionalistas em parte da saudade do Romantismo, e, em parte também, da produção historiográfica (da etnológica de Teófilo e da parte antirracionalista sebástica de Oliveira Martins[219]) dos anos anteriores. Isso sim, revestida a atitude da já citada teoria do enraizamento. Rui Ramos (1994:331) sintetiza-a comentando que nela o indivíduo deve inserir-se e resolver-se no quadro que lhe é próprio, situar-se "dentro dum meio homogéneo e harmónico, dentro de uma «cultura» que só podia ser nacional, porque só as nações modernas estavam em contacto com a térra e a vida". Cria-se umha nova co-responsabilidade e, ao mesmo tempo, umha atitude menos crítica, mais autocomplacente, mais propensa à sobrevivência do que ao perigo do suicídio. Os problemas começam agora a ser perspetivados em termos de país: "Em Portugal não havia neuróticos -era o país que era neurótico; em Portugal não havia preguiçosos -era o país que era preguiçoso-" (Ramos, 1994: 331).

E se Portugal não podia ser nacionalizado por via do cosmopolitismo, era por via do tradicionalismo que devia regenerar-se. O realismo trouxera umha particular tensão ao meio português, porque no seu intuito regenerador olhava a realidade lusa com sentido crítico e por vezes distante, que acabava por magoar os já magoados espíritos burgueses; para além disso, numha sociedade como a portuguesa, mais parecia soberba inalcançável do que autêntica possibilidade. Mas há um aspeto mais concreto que, em nossa opinião, desenha o panorama em que surge o tradicionalismo. Se, em certa medida, pode ser estabelecida umha linha divisória entre o simbolismo e o resto dos movimentos da época, aquele *estrangeirizante,* estes *nacionalizadores,* há outro confronto, talvez menos atendido, que situa o realismo em frente tanto do simbolismo como das várias correntes nacionalistas: o do caráter intervencionista ou não da literatura.

Na realidade, o movimento realista era acusado polo geral como o movimento da politização literária. Dada aliás a particular feição que logo toma o

---

[218] Por vezes, permita-se-nos mais umha vez a banalidade, parece que os quinhentistas foram por mares nunca dantes navegados para profeticamente solucionar os problemas espirituais coletivos dos dous últimos séculos...

[219] Assim o nota polo menos António José Saraiva, 1946: 235 ss.

simbolismo em Portugal, para não poucos o beneficio dos movimentos que se opunham ao realismo radicava na sua aparente despolitização (o que no mais profundo significava tentar passar a página da crise finissecular) e na aparição da terra *essencial*, como norma central do novo repertório. Com os seus interessantes por reveladores pontos de vista, Fidelino de Figueiredo (1944:443), alinhado na sua crítica com o tradicionalismo, carateriza assim este "retorno":

> "Pela sua literatura novecentista Portugal perdeu ascendente; essa perda vem do carácter hermético dessa nova literatura, que fechou o cálice da alma nacional e procurou recompor das ruínas polémicas do realismo o espirito portugués, restabelecer os créditos do nosso passado, cotizar de novo os nossos valores e -foi éste o seu serviço maior nos dez primeiros anos- sacudir a arte da poeirada da refrega e das paixões revolucionárias para a restituir à sua pureza estética. Sol de pouca dura, que logo em 1910 declinava[220].
>
> Êsses dez anos, que vão do fim do século XIX à proclamação da República, são o período sereno dessa desintoxicação da literatura do seu *vírus* político. Iniciam-no António Nobre, M. da Silva Gaio, Eugénio de Castro, Júlio Brandão, Alberto de Oliveira, António Feijó, todos trazendo ritmos novos, motivos e atitudes estéticas novas e metaforismos audaciosos . Segue-os plêiade distinta de poetas e prosadores, muitos dêles vivos ainda e em plena força criadora, todos exaltando a terra portuguesa na sua paisagem e na sua expressão humana, alguns confinando-se até no regionalismo pictórico e no provincialismo dialectal"[221].

Se esta era a crítica ao realismo e os seus representantes, difícil era que no simbolismo importado da França encontrasse sombra grácil a tendência passadista (exceto que, como em boa medida aconteceu, fosse *nacionalizado)*. Já em 1894, Alberto Oliveira, simbolista dos primeiros tempos, amigo de Nobre, e inventor do termo "neogarrettismo", expressava nas suas *Palavras Loucas* o desejo de criar "uma literatura portuguesa nova, pujante, toda de regresso às tradições, com a melancolia e o maravilhoso do povo". Claro que, como indica Óscar Lopes (1973:318-319), "o folclorismo neogarrettista vê o povo como museu natural do passado, para onde foge dum presente a que não acha outro remédio". O povo é sempre bom alibi nestas propostas.

---

220 Refere-se aqui Fidelino ao Saudosismo, um novo movimento político-literário.

221 Estes últimos são, como vemos, um material cada vez mais importante no repertório nacionalista ou regionalista da época. Obviamente vai ser um ponto de encontro com o movimento galeguista, já nestes momentos (com João Verde) e sobretudo nos anos vinte, com o nacionalismo. Mas vai, no entanto, colocar um problema não pequeno ao galeguismo, posto nos seguintes termos: Com que grupos devia relacionar-se de preferência? Com os regionalistas (por exemplo representados no Instituto Histórico do Minho), ou com os nacionalistas? Com umha parte ou com o todo? O relacionamento galego-português vai substantivamente bifurcar-se, preterindo (mas não esquecendo) os nacionalistas galegos o primeiro tipo e alinhando os regionalistas com os seus homólogos portugueses, o que manifestava mais umha vez a diferente conceção de regionalistas (Galiza é parte de Espanha como o Minho é umha parte de Portugal) e nacionalistas (Galiza e Portugal são duas nações). Esta situação vai provocar mais dumha dificuldade melindrosa para alguns significados agentes portugueses.

Este *neofolclorismo* não era novo. Sem ligação teórica com as reflexões de Alberto de Oliveira, *Os Meus Amores* (1891) de Trindade Coelho podem ser perspetivados como um antecedente claro. Estes contos, "cuja sã orientação estética e pedagógica se integra muito mais consequentemente no espírito renovador e democrático do nosso primeiro Romantismo" (Lopes, 1973:339), eram passíveis de serem lidos como a postulação dum retorno à sabedoria popular, e umha reação ao *estrangeirismo.* Acolhida a sua obra desde o início com grande sucesso, Trindade Coelho vai ficar como um referente de determinadas linhas folclorizantes, como acontece no caso de João Verde, quem dedica ao autor de *A Minha «Candidatura» por Mogadouro* e dos *Folhetos para o Povo* (1901) umha parte dos seus *Ares da Raya* (1902).

E, como diz Rui Ramos (1994:305), "para patrono escolheu o poeta Almeida Garrett. (...) Oliveira explicava que Garrett «copiou Portugal para os seus livros», onde estavam recuperados os «velhos nobiliários», o «pitoresco da nossa paisagem e da nossa antiga literatura», o «sensualismo e fatalismo» da «nossa raça». Não escolhera mal, porque cinco anos mais tarde se celebrará o centenário do nascimento do autor das *Viagens na minha terra.* Para além dessa linha, outra não pode passar despercebida na proclama deste diplomata, como o seu admirado Garrett: a do regionalismo político que postulava, como solucionador dos males da pátria; o que, em palavras literárias equivalia a esta sua argumentação: "em Portugal seria necessário que nós, os poetas, emigrássemos às aldeias"; e o que, em palavras mais *políticas*, significava o travão ao progresso desnaturador. "Horroriza-o", lembra Óscar Lopes (1973:352), "a visão profética dum Portugal desnaturado, com hotéis ingleses de turismo, chaminés de fábricas, riscado de fios telegráficos, e dominado polos «bárbaros do Norte». Por isso, «quanto menos livros e menos comboios, melhor»". Das tensões desta linha dão conta as lutas que no início da década de noventa trava este escritor contra o gongorismo francês de Eugénio de Castro e contra o seu admirado Eça (Ramos, 1994:305).

Oliveira reclamava "fundar un *neogarrettismo*, e fazer decorar aos Novos o *Frei Luís* [...]» (Prado Coelho, 1969, II: 712) .

Este neogarrettismo (que, no sentimento lato, se confunde com nacionalismo ou lusitanismo) frutificou com exuberância nas primeiras décadas do séc. XX, e não deixou de desdobrar-se em expressões individuais até aos nosso dias. Assumiu por vezes umha feição estreita, xenófoba, circunscrita ao pitoresco ou molemente nostálgica e verbalista -donde a crítica acerada de Eça de Queirós: «A humanidade não está toda metida entre a margem do Rio Minho e o Cabo de Santa Maria- e um ser pensante não pode decentemente passar a existência a murmurar, extaticamente, que as margens do Mondego são belas!» (carta 6-VIII-1894 a Alberto de Oliveira) tentou conciliar ou fazer coincidir europeísmo com portuguesismo.

Se claramente percetíveis na lírica, o Tradicionalismo e a volta à ficção histórica nunca sumirom realmente no Portugal do séc. XIX. No caso do romance, as tendências novi- românticas colocam essa temática no centro da produção do momento. Mas a revisão que se faz dos clássicos românticos, Herculano e Garrett, é submetida a umha forte esquematização, coincidente com os gostos do público e a progressiva perda de caráter reflexivo das obras de ficção histórica. Assim, "os temas", comenta Óscar Lopes (1973:319) "tendem a reduzir-se a estes que um dos seus mais dotados autores, Júlio Dantas, reuniria mais tarde no título dum livro: *O Heroísmo,* a *Elegância e o Amor",* mas, como frisa o citado historiador da literatura: "um heroísmo de valores morais antigos (ao contrário do profundo e criador heroísmo, que é sobretudo uma afirmação de novas dimensões humanizantes), uma elegância de cortes e tempos idos, e um amor à procura de pretextos cénicos para declamações monologais, entretecidas com determinados tópicos da retórica romântica na sua fase de fixação académica".

IV.2.3.6.5. O teatro, um sintoma apurado do misto finissecular

O teatro é género à parte. Se, considerado apenas o texto teatral, ele funciona de maneira praticamente similar ao resto dos géneros que conformam a produção literária impressa nos nossos dias, perspetivado como espetáculo sai desses limites para se converter em matéria extraordinariamente singular.

Por volta dos anos oitenta, a cena portuguesa, para além dos dramas históricos que bebiam direta e, por esquemáticos, mui filtradamente nas correntes românticas, estava dominada por produtos epigonais de Importação francesa, oferecendo, aliás, um panorama pouco dinâmico: representações das "peças «bem feitas», mais ou menos do tipo ligeiro *«vaudeville»,* de Scribe, Labiche ou Sardou", e também as dumha "razoável ou sensata crítica de costumes compatível com a respeitabilidade doméstica burguesa de Augier e Dumas Filho" (Lopes, 1973:319).

Neste pequeníssimo apontamento sobre o teatro da época na vida literária portuguesa em foco, a atividade teatral, perspetivada desde as novas correntes literárias de Importação gala, não é precisamente um campo privilegiado de combate para os simbolistas. Não o era tão-pouco na França. O traslado da estética simbolista para a cena era um ato bastante mais complexo do que a utilização dos novos materiais na criação poética; sendo o teatro umha atividade em que autores e público convergem numha comum aceitação do género como *representação de histórias*, dumha situação qualquer e o seu desfecho, os postulados simbolistas não podiam penetrar com igual vigor que os outros géneros, que já de seu encontravam não poucas dificuldades. Exprime-o assim Luís Francisco Rebello (1979:13), tomando como exemplo palavras de Mallarmé:

> "Compreende-se que aos simbolistas o teatro parecesse «demasiado banal» para revelar «a divina beleza» do drama, e lhe preferissem «a leitura sob a claridade solitária duma lâmpada». São palavras de Mallarmé que acrescentava: «Um livro, em nossa mão, se enuncia alguma ideia augusta, supre todos os teatros".

O teatro, espetáculo mais custoso do que a edição dum livro e por tal razão mais exposto ao desastre económico, é, em ocasiões mais conservador na sua tendência central à homeostase. Os próprios teóricos teatrais atuam com umhas balizas críticas, mais ou menos amplas, as quais a proposta teatral não pode ultrapassar. Quiçá hoje, momento em que a Semiologia parece insuficiente para realizar umha apurada tarefa hermenêutica de novas tendências, começam a cair os supostos universais inerentes ao espetáculo. O simbolismo fracassava neste campo (pondo de parte a perícia dos seus agentes) porque o horizonte de expetativas de obra e público era abismal. De tudo o que dizemos nos parece ser bom exemplo este comentário de Rebello (1979:15), precisamente sobre o teatro simbolista:

> "Mas o teatro, de Esquilo a Shakespeare e de Moliere a Brecht, tem os seus cânones, as exigências específicas de uma linguagem própria (o que não implica serem aqueles fixos e invariáveis, porque, também esta evolui em função do substracto histórico de que se nutre), e a transgressão dessas regras foi quase sempre fatal aos dramaturgos simbolistas".

O teatro simbolista ficava mais bem reduzido ao texto teatral simbolista. O impulso que o naturalista conhecera com a influência das companhias estrangeiras que percorreram os cenários mais representativos do Portugal finissecular, não vai ser em absoluto arma do simbolismo, que não contou com esse aliado. Por consequência, o verismo na cena de tensos conflitos acabou por dominar sem grandes oposições desde a renovação.

Também as tentativas teatrais dos simbolistas, como João de Castro e Eugénio de Castro, forom tímidas e de escasso êxito. Do alinhamento simbolista procede também a obra de Manuel da Silva Gaio, que acaba por escrever um drama histórico, *Na Volta da Índia,* para o concurso comemorativo do quarto centenário da viagem de Vasco da Gama (Rebello, 1979:31).

Na realidade, e mais aceleradamente que noutros géneros, o pouco simbolismo teatral português acabou nesta época por convergir e diluir-se noutras tendências mais vigorosas. E todas elas, com raízes no romantismo. Talvez fosse o drama romântico o género em que a renovação foi mais profunda no século XIX, profunda no sentido de deixar maior pouso, e cuja essência não foi alterada polo menos até bem entrado o século XX. Como coincidem em indicar os estudiosos desta época, todo o teatro da época é romântico[222]. Tam-

---

[222] Há um debate pendente na historiografia literária portuguesa, colocado por algumhas arrumações periódicas da literatura feitas, nomeadamente a de António José Saraiva e Óscar

bém o naturalista, que desfruta de notável apreço do espetador. Para Rebello (1979:27), por exemplo, o naturalismo, "entre nós, se reduziu a um ruralismo e um panfletarismo de fundo romântico", "que nunca se desprenderia inteiramente desse mesmo fundo e, até, dum certo vocabulário inerente ao romantismo".

Ocorre também que a realização teatral das ideias naturalistas, que já nos finais dos anos setenta chegaram ao meio português, é muito mais tardia relativamente ao romance. O que significa que a situação de *misto,* com que caraterizávamos o período que acotámos, aparece ainda mais aguçada na arena da dramatúrgia, porque aí as propostas naturalistas e simbolistas coincidem no tempo. Contexto que se complica com a tendência ao renovado drama histórico que o neogarrettismo postula. O teatro naturalista deste momento conta com exitosos antecedentes imediatos, particularmente no drama de *tese* crítica, sobretudo anticlerical, e a comédia de costumes, de que António Enes e Gervásio Lobato são, respetivamente, os seus maiores representantes (cfr. Lopes, 1973:434 ss.). São, agora, os seus cultores no romance os que se debruçam sobre a produção de textos teatrais de similar inspiração, nomeadamente Teixeira de Queirós e Abel Botelho (Abel Acácio para a historia teatral portuguesa), mais escandalosas as suas peças se calhar que os romances. O facho naturalista ia ter aliás novo sustentáculo com a fundação do *Teatro Livre* de Luciano de Castro em 1904, conhecida imitação do de Antoine em Paris de 1887, e um ano mais tarde com a companhia de iguais caraterísticas *Teatro Moderno.* Dotava-se pois o naturalismo de plataformas estáveis para a propalação das peças que produziam os dramaturgos afins, entre os quais Manuel Laranjeira.

O naturalismo acabou também por ir ao encontro da tendência cada vez mais firmada do drama histórico. Nunca ela perdera pé. Marcelino da Mesquita, Júlio Dantas, João da Câmara (este caso sendo mais complexo) e outros iniciaram no polémico movimento a sua produção, passando-se progressivamente às fileiras do drama histórico.

Havia várias razões. Como lógica sequência dos processo, estético-ideológicos do momento, não decai a moda do tratamento da burguesia rural e os seus valores, que normalmente acaba por qualificar-se como um género de imitação à Júlio Dinis. Se *A Morgadinha de Valflor* (1869), de Pinheiro Chagas, "combinando o sentimentalismo ultra- romântico, -urnas tintas de pretenso ambiente do século XVIII e a exaltação à Júlio Dinis (ainda mui lido na época), dos valores da burguesia rural (anunciando a regionalização também no

---

Lopes, a respeito de como qualificar o caráter da literatura desde o século XIX à atualidade, que eles optam por definir como globalmente romântica. Opiniões como a de Rebello para o teatro deste período parecem confirmar essa definição que, aliás, é alargável a toda a produção literária europeia.

teatro), manteve-se anos e anos como um dos grandes êxitos de cartaz" (Saraiva e Lopes, 1985:1010), a Importação do drama histórico de Ronstand impulsava ainda mais essa trajetória. Mesmo alguns autores teatrais vão dedicar-se à tarefa de o traduzir, como é o caso de Júlio Dantas e Manuel Penteado com o *Cyrano.* O autor do *Nada* de 1896, cujo quinhentismo ele qualificava, corridos os anos, de "sabor agradavelmente arcàico", e que já fora detetado polo seu prefaciador, Lopes de Mendonça, que o definia como "neo- quinhentismo um pouco estreito", vai alcançar definitiva celebridade com a sua *A Ceia dos Cardeaes* (1902), onde o pendor nacionalista assoma por várias formas, entre outras fazendo que as outras eminências reconheçam que apenas o seu colega português amou autenticamente. O alargado sucesso desta peça, explica-o Óscar Lopes (1973:328) polo facto de Dantas reunir nela umha linha temática que tomava raízes antigas...:

> "As causas deste êxito dum acto único de representação que, aliás, quase se resume em três monólogos autobiográficos, portanto a três narrativas pretextadas por uma ceia, reside nestes elementos: aproveitamento de três estereótipos, já há muito em elaboração preconceituosamente colectiva, acerca de três temperamentos amorosos nacionais, adulando o ideal de «o amor- paixão, o amor-sentimento» saudosista português em contraste com o galanteio francês e a pretensa e consabida fanfarronice castelhana; a amplificação até ao extremo daquela tendência, que tanto então agradava na obra de Marcelino Mesquita, para transformar o teatro em pretexto de certa eloquência sentimental; a imagem dum cristianismo condescendente ou, mais do que isso, santificador relativamente às grandes paixões amorosas, evocadas com saudade numa atmosfera do mais luxuoso requinte."

O drama histórico vinga. Nunca, aliás, deixara de o fazer, desde os anos trinta. Henrique Lopes de Mendonça destaca-se agora como um dos primeiros dramaturgos; Marcelino Mesquita escreve, também em verso[223], a sua *Leonor Teles* já em 1889. Malheiro Dias, autor de *Os Teles de Albergaria* e de *Paixão de Maria do Céu,* produz *O Grande Cagliostro* em 1905.

Obviamente cada um seguiu o seu próprio percurso. É sem dúvida o mais rico o de João da Câmara, a quem as primeiras valorizações historiográficas ulteriores consideravam o dramaturgo mais notável daquela época (Bell, 1921:419). E talvez seja nele em quem melhor se percebe a simbiose que o simbolismo alcançou com outras correntes teatrais triunfantes.

João da Câmara iniciara-se numha produção de temática histórica (os títulos já a iluminam: *Afonso VI,* 1890, de grande êxito de bilheteira, e *Alcácer--Quibir,* 1891, na qual, porém, o elemento irracionalista e já o *modo* simbolista fazia ato de presença, de que ele foi o primeiro utente português em teatro.

---

[223] Estas peças em verso permitiam com maior facilidade selecionar nelas trechos para serem interpretados por um ou dous atores em veladas literárias, que era umha forma de as vulgarizar e de propiciar trabalho aos atores, alguns de tanta popularidade na época como Chaby Pinheiro (que a manterá até aos anos vinte), os irmãos Rosa, Eduardo Brasão, Rosa Damanesco, etc.

Neste sentido, têm sido assinaladas como modelo as propostas teatrais de Maeterlink a partir da evolução do teatro naturalista de Ibsen. As suas peças de maior peso simbolista não conhecerom todavia grande sucesso. Segundo Luís Francisco Rebello, *O Pântano* (1894), que se estreava ao mesmo tempo que Eugénio de Castro publicava *Belkiss,* no Teatro Nacional, "surpreendeu, desconcertou e acabou por deixar indiferente um público acostumado à cadência dos alexandrinos do teatro histórico, aos lances e às tiradas grandiloqüentes do melodrama romântico". *O Pântano* fracassou, e, segundo Óscar Lopes (1973:325), isso leva João da Câmara "regressar ao realismo de costumes burgueses", cuja primeira manifestação será *A Tutinegra Real* (1895).

Maior triunfo parece ter alcançado *Os Velhos* (1893), "obra-prima do nosso teatro naturalista", afirma Rebello, que focaliza ambientes da burguesia rural e onde precisamente o simbolismo está marcadamente ausente, em troca dumha recolha da linha romanesca de Júlio Dinis. Oliveira Barata (1991: 298) comenta:

> "*Os Velhos* são assim**,** uma fábula rural, que, de forma simples e agradavelmente expositiva, resume verosimilmente o conflito entre uma *velha realidade social,* agora confrontada com o advento de *novas conquistas sociais,* e o consequente aparecimento duma classe social que é já fruto de novas estruturas socioeconómicas" .

Em definitivo, o teatro é talvez o lugar sintomático da situação do polissistema português no momento quanto às normas utilizadas no repertório literário. Triunfa o historicismo, determinado nacionalismo, e o regionalismo, já antigos, banhados agora ambos nas águas da corrente neotradicionalista que se estava a desenvolver.

IV.2.3.7. O surto nacionalista triunfa

Por três setores vemos repartir-se o surto nacionalista: o da doutrinação, o da pesquisa erudita e o da criação literária. Na realidade, estamos em pleno Romantismo, que nunca perdera o seu lugar central e que, reformulado, mantinha a sua posição proeminente. Entrado o século XX, já na década de dez, exemplificarão o apostolado teórico, além de Teófilo Braga, que era considerado um "Pai da Pátria" (Ramos, 1994: 64) e de Alberto de Oliveira, já citados, os poetas Teixeira de Pascoaes, com a *Arte de Ser Português,* destinada a contribuir para a «reintegração dos Portugueses no carácter que por tradição e herança lhes pertence», revelando aos jovens «a verdade portuguesa», *Os Poetas Lusíadas,* etc., e Afonso Lopes Vieira, "que propôs o lema, um tanto oco, mas eufónico, «reaportuguesar Portugal tornando-o europeu» (cf. *Em Demanda do Graal,* 1922)"; e Sardinha ("aceite-se o legado de Garrett, de quem somos herdeiros universais").

Sardinha exaltou alguns desses homens que «surgem, de enxada em punho, a arrecadar os despojos dispersos da nossa herança tradicional»; são eles um Fco. Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos et alii, e também Alberto Sampaio, Ricardo Severo, etc. (Ramos, 1994: 712).

Este tradicionalismo conta, com diferença ao simbolismo, com notáveis argumentos na Tradição portuguesa. Um dos pontos de partida é sem dúvida o que marcara, e ainda está a marcar, João de Deus; outro o que provém da intensa atividade historiográfica filológica e etnográfica, que sobretudo a partir de 1880 é desenvolvida em determinados meios intelectuais e académicos portugueses. A corrente, que tivo em Herculano umha perfeita síntese, corre paralela a umha crescente literatura historicista. Mas outros procedem das sobrevivências e ressurgimentos românticos. As correntes românticas, longe de desaparecer, nunca perderom o favor do público. O exemplo mais claro pode ser precisamente o de A *Morgadinha de Val flor*; assomam com evidência nos finais de século e primeiro quartel do XX, assumindo elementos naturalistas e ainda alguns simbolistas, mas prolongando o historicismo "cuja extensão corresponde, sem dúvida, a um certo tradicionalismo em decadência na burguesia rural e ao que havia de vago, como que de sebastiânico patriotismo, no espírito da pequena burguesia urbana" (Saraiva e Lopes, 1985). O historicismo dramático e com elementos naturalistas teria, entre os seus numerosos cultores, um escritor que, polo seu caráter camaleónico (dito seja sem nengum sentido pejorativo), é difícil de instalar: Júlio Dantas, de formação parnasiana e de sensibilidade decadentista, hoje mais conhecido por ter sido alvo da chança modernista; na altura, com umha posição central no sistema português quase ininterrupta, e, especialmente, pola enorme popularidade da sua *Ceia dos cardeaes.* Mesmo não era alheio a esse tradicionalismo a "fase descendente e final do ímpeto crítico e reformador da geração realista" (Saraiva e Lopes, 1985). Ramalho e Eça, embora tenham criticado o ar livresco destas tendências, alinhavam já no descrédito das ideias que tão vigorosamente defenderam. Eça está já n'A *Cidade e nas Serras.* A geração que vencera na Questão Coimbrã, bate-se agora em sossegada retirada, vencida da vida.

Os modelos deste tradicionalismo estavam, pois, situados na tradição popular, e, por via culta, nas recriações da sequência que ia desde João de Deus até António Nobre. Coincidimos inteiramente com Clara Rocha (1985:262): "ora se inspira nas trovas e quadras populares, ora no lirismo elegíaco de João de Deus, ora no estro poético de António Nobre".

Ele triunfa definitivamente na primeira década do século.

E do simbolismo, o que ficara? Diz-nos Clara Rocha (1985:265-266) :

> "os contactos com o Simbolismo não deixaram de produzir-se. [O lirismo sentimental de raiz autóctone] indissociável, aliás, da poesia epigonal decadentista e simbolista -porque esta se enxerta, muitas vezes, no nosso tronco lírico tradicional-, (...)

> polariza-se em vozes como João de Barros, Augusto Gil, A. Duarte, António de Sousa, A Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, etc. "

Como normas temáticas do repertório do lirismo tradicional, Clara Rocha (265-268) anota a *evocação do campo,* elemento integrante da *literatura nacional*; a *espiritualização do real* e *da natureza.* Por esta via, a linha tradicional é riquíssima: Sá de Miranda, Rodrigues Lobo e mais recentemente Eça e Fialho, sem esquecermos João de Deus e Nobre. Não é aliás umha linha apenas lírica ou narrativa. O reestabelecimento dumha sensibilidade deste tipo tinha necessariamente que lembrar Garrett, o "patrão", em contraste com o relativo fracasso do teatro realista.

Ideologicamente, significativos cultores deste tradicionalismo alinham com as correntes mais integristas; em palavras, para o caso mui autorizadas, de Fidelino de Figueiredo (1944:439-440):

> "A inflexão tradicionalista, determinada polos exageros da doutrina democrática, ostenta-se com clareza nalguns espíritos, que puderam acompanhar tôda esta época, desde 1900. Antero de Figueiredo[224] vem do lirismo para o historicismo e chega ao catolicismo integral. Correia de Oliveira parte da arte pura e popularista, e torna-se o poeta oficioso do sector católico das letras e da política. Manuel Ribeiro, ardente militante da ortodoxia religiosa, fôra antes um militante da acção directa revolucionária" .

Nem todo era absoluta unidade na linha tradicional. A partir da implantação da República, na qual eclode o crescente anticlericalismo (e particularmente antijesuitismo de vários setores sociais) e a secularização da vida pública, perfilam-se posições e linhas poéticas. Este tradicionalismo mantivo-se sem grandes cisões até depois de proclamada a Primeira República Portuguesa, onde se bifurca, segundo Figueiredo (1944: 438), entre os conformes e os disconformes, nunca deixando de puxar a brasa para a sua sardinha:

> "O advento da República em 1910 não podia deixar de trazer ao campo espiritual uma comoção profunda. O seu acentuado carácter anti-histórico e esquerdista deu a causa emocional para duas opostas direcções literárias: a dos espíritos conformes, que pretenderam dar-lhe cérebro, compor-lhe uma doutrina e uma literatura; e a dos espíritos inconformes, que da experiência republicana extraíram corolários confirmadores da necessidade de continuar em pacífica evolução um velho passado, -uns e outros afinal obedecendo às suas espontâneas inclinações e ambições políticas, porque as idéias quási sempre se organizam para justificar gostos preexistentes".

Entre os conformes gesta-se o saudosismo. Estamos já na República, superado o período de análise que aqui nos determinamos. Mas não está de mais fazer ao seu respeito algum comentário, porque ele pode ilustrar a linha seguida polas tendências apontadas nos finais do século XIX, e porque, de resto, vai ser no Saudosismo onde, muito mais tarde, encontrará o nacionalismo galego

---

[224] Antero de Figueiredo é, aliás, já nesta época finissecular um cultor do regionalismo minhoto.

um parceiro extraordinariamente valioso para a sua expressão literária e, em geral, para a sua acção (ou não) política.

O tradicionalismo, da mão do seu principal doutrinador Alberto de Oliveira, ocupara o centro do polissistema português. Como indica Jacinto do Prado Coelho (1969: 1005-1008), "a própria Renascença Portuguesa vai encontrar na produção de Oliveira bases para a sua orientação", particularmente nas fixadas em *O Encoberto* (1904), que «exerceu influência decisiva, conquanto difusa (como é timbre do esoterismo) nas ideias-forças da 'Renascença Portuguesa' (1912) e constituiu, possivelmente, um dos impulsos iniciais do saudosismo», acrescenta Prado Coelho citando palavras de Joel Serrão.

Na sequência daquele caráter "anti-histórico e esquerdista" nasceu em Portugal a Renascença Portuguesa, que passaria à História como a "mais ambiciosa organização de intelectuais alguma vez vista em Portugal" (Ramos, 1994:532). Com efeito, para além dos órgãos de expressão que lhe forom próprios, a Renascença editou livros, organizou cursos e Universidades populares, etc.

Teixeira de Pascoaes é o seu indiscutível mentor. Resumir este movimento, e resumi-lo em Pascoaes não nos resulta tarefa fácil. O saudosismo é a expressão coletiva dumha tendência que já desde os finais do XIX se vinha alimentando em individualidades como a dele. Note-se que quando a revista *A Águia* começa a ser editada o ainda relativamente jovem Pascoaes (de trinta e três anos) tem já publicados dez livros, sem contar o seu *Embriões*, cujos exemplares diligentemente procurou destruir, depois que, entre outras críticas, recebera a de Guerra Junqueiro, que em resposta ao exemplar que o pai de Joaquim lhe enviara, recomendava ao seu progenitor convidar o filho a que se deixasse de versos. Naquele texto já se anunciava o caráter de fidelidade a si próprio que a sua produção terá.

O repertório de Pascoaes, em aparência simples, está constituído por múltiplos modelos. Raça e Saudade vão ser as palavras-chave. A sua filosofia da Saudade permitirá-lhe usufruir grande parte da tradição portuguesa. Camões no cimo. Mais recentemente, a sequência que desde Antero passava por Junqueiro, Gomes Leal e Nobre. Mas a presença temática do Simbolismo deixa também a sua pegada, no vago e indefinido, ou melhor no Vago e Indefinido presente em Pascoaes. "Na sua forma de olhar o país, Pascoaes assumirá inteiramente a imagem dum Portugal debilitado e inequivocamente decadente" (Moreira de Sá, 1989:29).

O que nos parece claro é que este homem, de alargada biografia e bibliografia, foi sempre, como afirma a estudiosa da sua estética Maria das Graças Moreira de Sá, "um homem preso, em termos de herança histórico cultural, às consequências do ambiente finissecular" (Moreira de Sá, 1989: 21).

Ele representa aliás a tendência idealista do fim de século, "na linha espiritualista que defende o regresso à Natureza como forma de preencher o vazio

deixado pelo artificialismo do excesso de civilização a que o espirito científico do tempo levara o Homem".

E pouco depois, o nacionalismo integrista ia alcançar também formulação doutrinária em António Sardinha e no Integralismo Lusitano. *Alma Portuguesa, Nação portuguesa* e *Ideia Nacional* vão, a partir de 1914 e 1915, ser os seus primeiros órgãos de expressão.

Umha das caraterísticas marcantes dos diferentes grupos que sucederam ao por momentos sólido grupo da Geração de 70 foi a da sua atomização. Resulta evidente que no "misto finissecular" que percebemos na vida literária portuguesa deste período, não existe um núcleo forte e central assediado por diferentes frentes. Mais parece o panorama umha intensa procura de mui diferentes caminhos, muitos deles por definir. Temos que esperar à década dos dez para encontrar um grupo autossuficiente e suficientemente organizado (mesmo com estrutura formal) para perceber com maior clareza o que desde os anos noventa do século XIX se vinha a gestar. A «Renascença Portuguesa», vai ter, significativamente, como primeiro Presidente "a figura tutelar de Guerra Junqueiro[225]" (Rocha, 1985:285), cujo objetivo será, entre outros, e no dizer de Jaime Cortesão, o de reunir "os grupinhos literários entre nós dispersos" (Ramos, 1994: 536).

Embora de novo fora das balizas temporais em que aqui nos movemos, a caraterização do panorama imediatamente futuro que Rui Ramos descreve é extraordinariamente expressiva do que foi a vida literária portuguesa desde os finais do século até, polo menos, 1915 Ramos, 1994: 537):

> "Entre 1900 e 1930 publicaram se em Portugal cerca de dez revistas literárias por ano, os mais altos valores do século XX. Ora, esses «grupinhos» encarregaram-se de mostrar à Renascença que não queriam ser congregados. Os 29 literatos que no jornal *República,* de Lisboa, responderam, nos fins de 1912 a um inquérito sobre a Renascença Portuguesa não esconderam a sua animosidade. Os rapazes das pequenas revistas literárias, como as da *Rajada* e *Dionysos*, de Coimbra, ressentiram-se por serem esquecidos e carregaram sobre a Renascença, acusando-a de ser uma pequena sociedade de elogio mútuo portuense em busca de publicidade. Em breve, em Lisboa, as poderosas *coeries* político-literárias de João de Barros, que em 1915 ia lançar a sua própria revista, *Atlântida,* e de Afonso Lopes Vieira, moviam uma guerra feroz a Pascoaes e ao seu grupo (apesar de em 1911 terem sido convidados para o integrar). Havia quem estivesse contra o «saudosismo» com o argumento de que o que convinha era o «sebastianismo». Todos juravam ansiar por umha «renascença» nacional, republicana, antifranquista, animada por um grande ideal colectivo".

---

[225] Afinal, parte da obra de Guerra Junqueiro acaba por ser umha das vias de enlace mais poderosas entre o após-Ultimato e os movimentos literários da década de dez. Por exemplo, apreciando a figura do Doido, diz Maria de Lourdes Belchior (1980: 108):

> "Não se esqueça que este Doido congrega as puras imagens de uma pátria a redimir e se projectará no saudosismo e no modernismo, nos seus anseios de libertação anti-racionalista, nos sonhos frustrados e angústias que os fecundam. Nobre, Pascoaes e outros devem, neste capítulo, algo a Junqueiro [...]"

Tudo o dito apresenta um panorama polissistémico dominado polo repertório neotradicionalista que se vinha a forjar desde vinte anos atrás, mas dumha maneira difusa, em que não sobranceiam grupos nem individualidades suficientemente fortes para se constituírem em modelos únicos. O vigor desse neotradicionalismo não alcançava as cotas que o romantismo, e, mais recentemente, a Geração de 70 conseguiram como forças centrípetas. Rui Ramos (1994:537) carateriza expressivamente a situação:

> "Todos estavam numa disponibilidade vaga, com os poetas a gerir a herança de António Nobre e o resto sem saber muito bem o que fazer, a não ser escrever crónicas jornalísticas com a ironia de Eça ou o vocabulário de Fialho (Portugal, *Inquérito*, pp 247-248) -embora nada disto significasse satisfação com a herança, antes pelo contrário".

Como expressivo é o uso alegórico dos verso da *Nau Catrineta* a que João Gaspar Simões (Simões, 1976: 90) procede para definir o ambiente literário, oposto ao do comboio finissecular, retrotraído à *essência* marinheira:

> "De facto, caíra-se no domínio da pura imitação. Embora Coimbra continuasse a ser o cesto da gávea da literatura nacional, o certo é que ninguém subia ao mastro real na esperança de enxergar de lá novas terras ou novos horizontes literários: toda a marinhagem lírica se mantinha no convés da embarcação, roendo a sola de molho das escolas poéticas passadas. Havia, realmente, muitos poetas -sempre Coimbra fora pródiga em poetas-, mas, na sua generalidade, apenas repetiram os mestres preferidos."

Oportunamente retoma Gaspar Simões (1976:90) as palavras dum novo autor da época, Veiga Simões, que perspetivava com agudeza aquela textura literária:

> "'De todo esse momento ficou apenas a ideia lisa que a imitação entrou em tal ordem no hábito geral que se tornou -*um género.* Assim, versos satânicos capitulavam-nos de *Junqueiro -, género Junqueiro*; seriam melancolias simplórias, do género -*António Nobre;* e toda a poesia onde Elvira não entrasse ou não estrugisse um grito ao Rei, era logo Antero puro' *(A Nova Geração,* 1911: 18)"

Numha época de crise, palavra sempre de fácil recurso, como a que apresenta a literatura portuguesa dos inícios do século XX, as instituições, num polissistema consolidado, não se aparecem precisamente aos olhos dos que a vivem como um recurso salvador. Na mesma época em que alguns galeguistas viam um dos seus sonhos constituídos, a Academia Galega, embora não da mesma maneira que lembravam o sonho, a sua homóloga portuguesa atravessava momentos de pouca consideração social. Como também a Universidade, considerada em conjunto, enferrujada e fora da realidade, aqui sim similar à perspetiva que tinham sobre a de Santiago de Compostela, mas com a diferença de que esta nunca atendera o movimento cultural emergente na Galiza. Transcrevemos na continuação as palavras do livro de Rui Ramos (1994:537), porque, em nossa opinião, desenham com precisão o que comentámos:

> "A vida literária portuguesa não tinha em 1910 um princípio de organização. Não havia o domínio que na Alemanha exerciam os professores das dezenas de universidades que cobriam o país. De Coimbra, todos repetiam a frase de Junqueiro: se se quisesse que a Universidade de Coimbra desse luz, era preciso deitar-lhe fogo. Em quase todos os ramos das letras predominavam os amadores, e discutia-se nos cafés, jornais e revistas literárias, e não nas universidades. [...] É que, ao contrário de França, não havia em Portugal grandes instituições que fossem o objectivo dumha carreira intelectual, como a Academia Francesa ou o Colégio de França. A Academia das Ciências era universalmente menosprezada. Os grandes escritores da última geração não tinham lá entrado, e mesmo Teófilo a abandonara, tentando formar uma academia alternativa".

A alternativa institucional, para muitos, vai estar na Renascença Portuguesa; outros procurarão os caminhos integristas que, paradoxalmente, também vinham da França, no Integralismo Lusitano. Apenas em 1915 vão tentar alguns, já *modernistas*, que triunfe a viragem que propõem. A época da Grande Guerra, e as vicissitudes da República, não vão permitir grande sossego.

SEGUNDA PARTE
Portugal na Galiza

V.

PORTUGAL NA GALIZA

V.1. O estado da comunicação de Portugal na Galiza

Como temos pretendido esclarecer, as vias autónomas de comunicação exteriores do sistema regionalista galego eram bem reduzidas. O polissistema espanhol proporcionava normas e modelos, instituições e mercados, intermediários e produtos.

Safar-se desse circuito era, por mais que a proximidade de Portugal poda fazer pensar o contrário, bem dificultoso. Se hoje, passado um século do momento que estudamos, não se pode encontrar em nengum ponto de venda na Galiza um jornal português do dia (e sim ingleses, alemães, franceses, italianos, e espanhóis evidentemente), podemos intuir qual podia ser o panorama de intercâmbios a finais do século XIX. Para além dos contatos raianos, esses de todo o género que nunca as fronteiras conseguirom apagar, as possibilidades eram escassas. A respeito dos intercâmbios económicos anota o prestigioso professor compostelano Ramón Villares o comércio de gado bovino e "un copioso movimento migratorio en ambas direccións", como os "millores exemplos destas relación", cuja exposição pormenorizada exigiria, como ele diz, quantiosa dedicação à pesquisa, e sobre cujo particular apenas dispomos de trabalhos que a ele se referem de maneira colateral[226].

A ponte sobre o Minho, a unir as cidades de Tui e Valença só em 1886 é inaugurada. A sua construção era um verdadeiro anseio desde a Galiza, sem exclusões. Ainda a quatro anos da sua inauguração, *El Eco de Galicia* de Havana

---

[226] Sobre o tema podem ser conferidas, como anota Ramón Villares (1983:301) as pesquisas de Alberto Meijide Pardo e de García-Lombardero/Aurélio de Oliveira "relativas aos intercambios comerciais no século XVIII e principios do XIX", e, especialmente, sempre segundo a indicação de Villares Paz, *Economía e poboación en Galicia*, A Corunha, Edicións do Rueiro, 1979, de López Taboada, que nas páginas 76 e seguintes "aporta datos concernientes ao comercio do gado". No intercâmbio comercial deste período encontra Margarita Ledo Andión (1982: 76) um dos estímulos "que levan aos nacionalistas a poñeren os seus ollos nos «irmaus portugueses»". Com independência de que assim fosse (cousa que colocamos abertamente em dúvida) essa "memória recente" é, na realidade, a continuidade do relacionamento que aqui estudamos.

transcreve um artigo do *Faro de Vigo* em que se cifra na ponte a superação de não poucos males galegos[227]:

> "Los deseos de que el puente internacional se termine en breve plazo son generales, porque á él va unido gran parte del progreso local, la importancia de este magnífico puerto, la prosperidad de Galicia, porque, lo que ganar pueda Vigo, lo gana la región gallega, esta querida región que yacía olvidada y entregada á la indiferencia de sus hermanas del interior, que apenas le concedían una limitadísima ilustración en todo".

O jornal indica que os benefícios hão-de ser mútuos, "proporcionando nuevas y más cordiales entre una y otra nación" (quer dizer-se entre Espanha e Portugal, para o leitor pouco avisado); mas nem pola sua parte, nem polo semanário que transcreve aparece alusão nengumha à fraternidade ou às possibilidades culturais que para o relacionamento galego-português pode ter o que acabaria por converter-se num símbolo disso mesmo. Item mais, os comentários do *Faro* sobre a Galiza. "país bellísimo, lleno de recuerdos, tradiciones, templos y riquezas artísticas; es un tesoro para los que no lo conocían", mais parece ter sido escrito para "los literatos, los artistas, la aristocracia de la sangre y el talento", que antes os desprezavam e agora "nos hacen justicia" que para os seus naturais.

No entanto, algumha via de comunicação cultural existia. E ainda utilizada com mais profusão que hoje. E ela, aliás, já nos dá preciosa informação sobre os interesses sistémicos. Algumhas publicações de finais dos anos oitenta e princípios de noventa, especializadas em ciências humanas e sociais, eram suscetíveis de serem adquiridas por particulares ou instituições interessadas em aspetos de história ou etnografia fundamentalmente. Isto pode explicar que publicações como *Galicia Diplomática* tenham fixado preço para Portugal. De facto a publicação anuncia receber revistas e livros portugueses, e mantém contato com a Academia das Ciências de Lisboa. Esse tipo de interesses, com relação a Portugal, também começam a assomar noutras publicações; é o caso da revista *Galicia* que, no número 4 de abril de 1887, oferecia umha colaboração de J. Neira Cancela sobre "La Procesión d'os Santos Pasos en Valença d'o Miño", sob o rótulo "Portugal Religioso".

Vinte anos mais tarde (para fornecer um dado do outro extremo da fase temporal aqui considerada) aproximadamente, *La Temporada em Mondariz*, que tinha leitores de vários países da Europa, informava no seu número 11 de 1907, que recebera, entre outras "la visita de nuestros apreciables colegas: *La Mode Parisienne*, de París*, The University Correspondent* de Londres, *Diário Nacional,* de Porto y *Soberania do Povo* de Agueda (Portugal)*; Monitor del Ahorro*, de Barcelona, *Revista del Ateneo Obrero Manresano,* de Manresa,

---

227 Número 26 de 24 de dezembro de 1882.

Galicia Solidaria y A Nosa Terra...". Tirante o caso das publicações francesas, mais habituais na época, e fazendo exceção das espanholas que aqui não aparecem, a relação dá ideia da proporção e objetivos de informação que umha publicação atenta ao processo galeguista como *La Temporada* procurava assinar; o qual, para o caso das relações galego-portuguesas, supõe a informação diária (não literária nem científica) de Portugal, e os dous semanários mais ativos na época de credo regionalista-agrarista.

Por sua vez, Eugénio Carré, que se servia das páginas da *Revista Gallega* para anunciar as novidades da sua livraria, informa-nos, e já no número 9 da publicação, em 1895, que dispõe, entre as suas novidades, das *Obras dramáticas y líricas de José Zorrilla*, e de ter à venda "obras portuguesas de los primeros escritores del reino hermano, desde 1'75 pesetas tomo", não mui caras, se a revista ilustrada *Actualidades* (por onde, por exemplo o escritor canónico e canonizado por excelência ainda vivo, Curros Enríquez, se informava das novidades portuguesas[228]), de muito luxo, isso sim, era vendida a cinco pesetas. Note-se que as obras do país "hermano" não se singularizam: deviam, para os seus compradores, ter interesse pola marca de origem. O que dito por outras palavras significa que, tal e como a produção textual galega tendia a nivelar-se no MacroTexto, assim acontecia com o referente de reintegração, onde tudo o que dali procedesse era de regra atrativo por ser português.

Mas, como veremos, a presença de jornais e semanários portugueses na Galiza existia, e se não em grandes proporções, sim polo menos o suficiente para manter umha razoável informação sobre aquele Além-Minho. Ao longo da nossa exposição teremos oportunidade de ir indicando fontes, mui diversificadas, de informação mediática que os jornalistas galegos utilizavam para o seu trabalho: desde jornais tão afamados como o *Século* (e mesmo outros lisboetas menos conhecidos talvez para o público galego, mas destacados por exemplo no empenhamento antimonárquico, como *Os Debates*[229]), até revistas especializadas, como a *Revista Lusitana* ou o *Archeólogo Português*, sem esquecer a imprensa regional, particularmente a das localidades raianas[230].

---

228 Em carta a António Feijó, de 28 de outubro de 1884, escreve Curros: "Por la «Actualidades» supe, antes que por su carta, que el autor de la *Muerte de D. Juan* se ocupa en dar la última mano á la *Velhice do Padre Eterno* (...)" [in *Occidente*, nº 18 vol. VII, outubro de 1959, pp.177 e seguintes]. Carta esta que prova várias cousas, para além da admiração de Curros por Junqueiro, entre outras que o poeta de Cela Nova falava desde o polissistema espanhol, mesmo traduzindo o título a esta língua dumha das obras do seu admirado. Esta era a praxe real de elementos tão significados do sistema regionalista, não outra.

229 Vid. Vázquez Cuesta (1975:49), por exemplo.

230 Em alguns casos, os contatos vinham de atrás, particularmente no ativo núcleo ourensano. Por exemplo *Galicia Literaria,* dirigida por Juan Neira Cancela, dá conta da receção, no seu número 23 de 30 de maio de 1884, da *Juventude*, "ilustradísimo semanario portugués que vé la luz pública en Villa Real". E no seu número 25, de 30 de junho, comenta: "Son muy ingeniosas las caricaturas que el lápiz de Sebastiao Sanhudo escogió para su *Processao das Celebridades Portuenses*, mereciendo especial mención la suya, que titula *A caridade bem entendida...* la del

V.2. O relacionamento galego-português perante umha conjuntura adversa: o estereótipo português e a vaga de espanholismo

Ora, para que os acoplamentos pudessem verificar-se, havia que proceder a algumhas reformas: por um lado, e previamente, defender a mesma composição dos materiais sistémicos, e convencer ou então lutar contra aqueles que não acreditavam nessa identidade da composição, ou que aceitavam similitudes, mas não para todos os elementos. E por outro, aproximar as peças que, sob o prisma de vidros como os que tinham origem no polissistema de que formava parte Campoamor (para quem tudo dependia do "cristal con que se mira") acabavam por ser vistas com lentes anamórficas, deformadoras e distanciadoras.

E umha dessas poderosas lentes era, indubitavelmente, o estereótipo que a respeito dos portugueses se criara.

V.2.1. O estereótipo

> "Hay portugués que se da de bruces contra un poste del telégrafo y se lía á cachetes con el poste".
>
> "Nosotros los hispanos no podemos pegar ojo, y ellos, los lusos, duermen á pierna suelta en estas camas pedregosas.
>
> Una señora de Cáceres, que está aquí bañando a un perro convaleciente de la tos ferina, quiso acostarse ayer de golpe y comenzó a pedir socorro. Acudimos varios españoles, y notamos con sorpresa que nuestra infeliz compatriota tenía las carnes amoratadas.
>
> -Ese color es de nacimiento? -le preguntamos.
>
> -No señor; es de los colchones portugueses -nos contestó lacónicamente".
>
> "En Portugal todo hombre público importante se baña con los atributos correspondientes á su rango y sin perder nada de lo que constituye su alta jerarquía. El que tiene la cruz de Cristo ó la de Villaviciosa entra en el agua con la condecoración cosida al traje, para que le respetemos todos; y los bañeros, al verle, tocan la marcha real portuguesa".
>
> "La amabilidad es la nota saliente de estos habitantes. Todos se quitan el sombrero respetuosamente para saludar á los bañistas, sobre todo cuando esperan obtener algún beneficio".
>
> "Poco á poco va animándose esto; pero aun no encienden los faroles de las calles ni se persigue á los perros. Hasta que vengan los bañistas carecemos de alumbrado público y estaremos en peligro de ser devorados por los perros".
>
> "[Simeón] Cuando nos registraron los baúles en la frontera y vió que los carabineros portugueses se apoderában de nuestro botijo creyendo que era una bomba de dinamita [...]".

---

autor dramático y poeta *Mattos Angra*, la del *Maestrino* Frederico y la del Comandante dos Bombeiros, Guilherme Gomes Fernandes" (respeitamos os erros de transcrição).

> "Aparte el concierto nocturno de los perros que no nos deja descansar, tenemos el sonsonete de los mosquitos, que cantan en portugués y levantan roncha".

Não é a que antecede umha colectânea de anedotas contadas por espanhóis em cafés ou serões a gozarem com os portugueses. Não o é mas bem podia ser assim, dada a popularidade de quem as escreveu. São estas algumhas das impressões que Luis Taboada, cronista da corte, transmite para a Espanha do momento[231]. E esta é a imagem que comummente nessa Espanha se tinha na altura dos portugueses. O português é bruto, atrasado, fanfarrão, interesseiro e estúpido. Nos comentários de Luis Taboada não encontramos nengum elemento positivo a respeito de Portugal e dos portugueses, num artigo onde até os "mosquitos" "cantan en portugués y levantan roncha". Mais ainda, por passiva até são covardes, porque, ao auxílio pedido pola senhora de Cáceres, lá não acode nengum luso. É caraterístico neste artigo um olhar distante sobre o Outro, que quer *in absentia* sobrevalorizar o próprio minusvalorizando o alheio. Há umha atitude de persistente *fobia* (no sentido de Machado e Pageaux[xxi]). Não aparece oculta a intenção:

> "Aquí nota uno que se le excita el sentimiento de la patria, tanto que el mismo Fabié aparece a nuestros ojos grande y sublime. A través de la frontera, Cañete es un dramaturgo inmenso y Frontaura[232] una de las bellezas indiscutibles del presente siglo. Todo desde aquí resulta amable, y daríamos cualquier cosa por poder abrazar á Pepito Carulla, que quizá esté á estas horas (tres de la tarde) durmiendo la siesta en calzonzillos"[233].

O seu autor, o galego Luis Taboada, não era qualquer um, nem passava por jornalista ocasional. Apesar de Rodríguez Seoane o colocar anos mais tarde como seguidor da escola naturalista, a generosidade teórica de Seoane (quem compartilha página com estas linhas de Taboada, a falar da Universidade de Santiago e do "decadente materialismo de nuestra época") oculta a principal ocupação de Taboada: o jornalismo burlesco e festivo, frívolo. Era profissional de seção fixa numha das publicações mais lidas da época, *Madrid Cómico,* que, como ele "sólo pretendía entretener y divertir, com un humor fácil y huyendo de cualquier postura comprometida, tanto en el terreno ideológico como estético" (Celma Valero: 23)[234]. Mais ainda; Taboada é, com José Fernández Bremón, o escritor mais prolífico em revistas literárias entre 1888 e 1907; e embora mui restrito ao *Madrid Cómico*, publicou entre outras em *La Caricatura*, *Vida Nueva* ou *La Vida Galante*. Ele e a revista tinham audiência; na ressurreição efémera que em 1905 tem *Madrid Cómico*, que conheceu cinco

---

231 *El Eco de Galicia* de Havana, número 478 de 22 de agosto de 1891.

232 Escritores e articulistas espanhóis da época.

233 *El Eco de Galicia* de Havana, número 478 de 22 de agosto de 1891.

234 A citação é transcrita por Celma Valero do artigo de Luis Taboada em *Madrid Cómico*, "De todo un poco", 20 de maio de 1905, na sua efémera reaparição.

épocas, pode afirmar o próprio Taboada: "la reaparición de *Madrid Cómico* estaba en todos los cerebros, su resurrección se imponía, pedíanla a voces grandes y pequeños, porque *Madrid Cómico*, señores, viene a ser por derecho propio e imposición de los tiempos, el órgano oficial de la España contemporánea"[235].

Também não era um estranho Taboada para certo galeguismo; como nos informa Luís Carré (1953:61) ele fizera parte, como fundador, de "Galicia Literaria": «Era ouxeto da sociedade asegún o párrafo segundo da primeira base do seu regramento «... contribuir a la prosperidad de Galicia, velando por sus intereses morales y materiales, y procurar el solaz y adelanto de sus individuos en el cultivo de las Bellas Artes»»[236].

Taboada escreve desde Espinho, um dos locais na moda na época para os espanhóis, onde anos mais tarde veremos Unamuno a passar férias e encontrar-se com Manuel Laranjeira. A crónica desde Portugal, em concreto da cidade citada, era frequente nas férias, e os jornais costumavam nutrir-se delas. Por citar apenas dous exemplos, J. Jordana y Morera assina "El verano en Espinho" o 16 de julho de 1899, para *La Idea Moderna*, "diario democrático" de Lugo, jornal da propriedade de Antonio Menéndez Franco[237]. E Alfredo Vicenti[238] publica para os "aquistas" do estabelecimento de Mondariz, quase metade portugueses, em *La Temporada*[239] (cuja vulgarização e influência tres-

---

235 Cfr. a nota anterior.

236 *O fraquinho* de Taboada polo caricaturesco vinha também de longe. Numha reunião do efémero grupo madrileno de galegos propusera, juntamente com Curros e outros, "escribir unha obra tiduada 'Los gallegos pintados por sí mismos" na que colaborasen todol-os membros do grupo" (Cfr. Carré, 1953:61).

237 Antonio Menéndez Franco é o filho do proprietário da "Tipografia de Juan Antonio Menéndez", na rua da Rainha de Lugo, imprimiu vários livros de regionalistas: *O terruño,* novela de Francisco Camba, 1900; *O Castro de Cañás, Diego de Samboullo (Leenda histórica). Poemetos*, 1903; *Mágoas/ Poesías de Florencio Vaamonde*, 1901. A esta imprensa enviava Carré a imprimir alguns dos livros que editou, como no caso de Tettamancy. Parecia haver boa conexão então entre o "diario democrático" de Lugo e a *Revista Gallega*.

238 Já vimos antes Vicenti à frente de *El Globo*. Colaborou, esporadicamente, em revistas literárias espanholas, particularmente em *La Ilustración Española y Americana*, onde dedicou dous artigos a Guerra Junqueiro, nos números 36 e 37 de 1898, e um a Mondariz, um ano mais tarde (no número 23).

239 Número 13 de 25 de agosto de 1901.
A importância desta publicação e do estabelecimento que a editava são notórios até à sua desaparição em 1931 sempre ligados a atos da Academia Gallega. Dous momentos diferentes no tempo assim o ilustram. Nos números 6-7 do *Boletín de la Real Academia Gallega*, correspondentes ao ano 1907, é transcrita a "Mensaje de la Asociación Iniciadora y Protectora de la Academia Gallega en su inauguración oficial" que os galegos de América, entre eles Curros Enríquez, Nan de Allariz, J.B.Cerdeira, e José Chané, enviam desde Havana em 18 de dezembro de 1905; nela dizem que "un hermoso artículo de nuestro ilustre presidente acerca de la necesidad, tan sentida, de un buen léxico gallego, fué la pequeña causa" que produziu "o grande efeito" da fundação da Academia. E prosseguem: "Publicado el trabajo en La Temporada, de Mondaríz, reprodújolo en buena hora, una revista gallega de la Habana. El artículo encontró eco en las iniciativas de un buen gallego, de esfera modesta, pero de gran corazón: D. José Fontenla", assinante também da carta. E em 1920 ali vai ter lugar como veremos a canonização do já *Poeta da Raça* R. Cabanillas, na sua entrada como membro da Academia, num ato a que se concedeu talvez a maior importância dos realizados pola Academia de pré-guerra.

passava os limites do balneário), "Las playas portuguesas", onde, após criticar a bagunça e o jogo em Espinho, passa a cantar as excelências de Granja, em "razonable aislamiento de la turba democrática que veranea en Figueira, Póvoa ó Espinho", e, sobretudo, de Vila do Conde, "pintoresca y costanera", onde certa tendência, interessada como veremos, a valorizar o Norte frente ao resto de Portugal por parte dos galegos pode ser percebida.

Com textos como os selecionados, Taboada publica em 1904 o seu livro *Portugal en broma*[240], cuja sátira é mui superior em desprezo ao seu outro *Madrid en broma*, que por esta altura vinha a lume (1891 e 1892). O livro é enviado polo autor à *Revista Gallega*, que o cita na sua "Sección Bibliográfica" do número 382, mas que guarda decoroso e eloquente silêncio a seu respeito.

Mui difícil tinha o regionalismo então o relacionamento. Se esta era a imagem dos portugueses em Espanha, podemos ainda supor que o espírito de fronteira carregava ainda as tintas, embora não fossem de jornais, aonde por algumha delicadeza não passavam habitualmente. Os regionalistas tinham que, se não convencer, polo menos sobreviver com as suas ideias e iniciativas, e fazer de Portugal umha ideia crível para os seus compatrícios. Porque, além disto, e dito por meio de palavras simples, "o inimigo estava na casa". Com efeito, as linhas transcritas acima de Luis Taboada, não são reproduzidas de jornais madrilenos, mas do próprio *Eco de Galicia*, que Eugénio Carré contava, a princípios de século, entre os poucos destinados a defender a ideia e o ideal regionalistas. À publicação galeguista parece mais interessar a *vis comica* do artigo que o ataque, mesmo direto, que à causa que presumivelmente defendem assoma em Taboada. Para além do desprezo polos portugueses, não a outros que aos regionalistas parece ir dirigido este parágrafo[241]: "Muchos se dedican á describir á Galicia, como si la hubieran descubierto, y más que bañistas parecen exploradores valerosos, á lo Serpa Pinto". E, porque o Tejo passa por Lisboa, aproveita:

> "Yo no soy de esos, yo estoy aquí hace veinte días y todavía no sé quién ha sido el fundador de Espinho, ni cuántos habitantes tiene, ni à que se dedican ni lo que comen. Lo único que he podido averiguar es que se lavan los domingos únicamente, y

---

240 O livro leva o seguinte "Pórtico":

> "Conste que á causa de mis repetidas excursiones á Portugal, y como resultado de una larga y provechosa observación, profeso á aquel país cariño sincero. Reconozco y amo sus virtudes, y me honro con la amistad de muchos portugueses.
>
> Nada de lo que digo en estas páginas reviste propósito alguno de ofensa para aquellos buenos ciudadanos; y si, obedeciendo a mi punto de vista cómico, he podido emitir apreciaciones que les molesten, desde ahora las retiro.
>
> Me propongo seguir veraneando en Portugal, y no es cosa de que me cierren las puertas de la nación los que suelen tomar el rábano por las hojas".

Com o "rábano" na mão, havia carinhos que matavam...

241 *El Eco de Galicia* de Havana, número 479 de 29 de agosto de 1891.

> el resto de la semana andan por aquí con la faz teñida como si se la hubieran rebozado en harina de centeno".

No *El Eco de Galicia* vai aparecer umha longa colaboração que se estende ao longo de seis números, e onde, sob a epígrafe "Galicia y sus hijos en Portugal"[242], o seu autor, José María Pérez, que não soubemos identificar, queixava-se das críticas que a colónia galega em Lisboa recebia por parte dos portugueses, e aproveitava, mais que para abundar na atitude portuguesa, para fazer umha alargada digressão sobre as virtudes do caráter e da história dos galegos; mais dirigido portanto a aumentar a autoestima dos seus conterrâneos do que a atacar os portugueses. Nela podemos confirmar os estereótipos que na altura circulavam em Portugal, e mais em concreto em Lisboa, a respeito dos galegos; e, também os que, polo menos este galego, mostrava desde as páginas de *El Eco de Galicia* em relação aos portugueses (vaidade, soberba intelectual, etc.), o que não o impede de indicar em princípio a unidade étnica:

> "Ridículas presunciones tradicionales, y tambiém una supina ignorancia con fueros de erudición, hacen con que nuestros vecinos portugueses hablen con orgullosa vanidad de todo cuanto se refiere al ser moral y material de Galicia en un tono asaz desdeñoso que ni les honra como nuestros hermanos de raza, ni les eleva como pueblo culto en la humana paternalización universal que en estos tiempos de luz y de verdad viene operando la moderna civilización".

O autor desculpa essa atitude no "vulgo inconsciente", mas, e como acontecia nos jornais de Madrid a respeito dos portugueses, e galegos, "duele en extremo ver en la prensa, augusta tribuna de la opinión pública, salir á luz frases que encierran algo de sarcástico, y si cabe ofensivo para el caráter de los gallegos; y no raras veces también ideas y razonamientos de todo punto destituidas de razón y de verdad". O autor lamenta-se desta atitude, sobretudo porque, afirma, a Galiza "no abrigando ninguna clase de odios ni resentimientos, no merece, por tanto, ocultos rencores de nadie".

Pérez afirma que é o seu dever de patriota, "por el amor que profesamos á nuestra madre patria", o que motiva a sua réplica das «difamaciones torpes, de las asechanzas imbéciles» que, e agora sem sentimento de irmandade, mas de distanciamento genérico, "en el extranjero pretenden ofenderla".

Pérez sustém na continuação que o caráter do galego é detratado porque tem de emigrar, e vai impugnando as possíveis desqualificações que a imagem do galego supõe polo mundo fora, apondo-lhes o esclarecimento, que, a seu juízo, têm. Assim, a habitual acusação de indolência e falta de orgulho, é "espíritu de prudencia" perante os "epigramas ásperos y mordaces", e se não pede justiça é "porque detesta interiormente todas las gestiones de justicia". E assim para a frente: "el gallego es, por regla general, el modelo de la cordura

---

[242] *El Eco de Galicia* de Havana, número 389 de 7 de dezembro de 1889.

y de la sensatez"; "pacífico, digno y laborioso", "de ahí que sea procurado é iniciado en la práctica de distintos negocios comerciales, y que la palabra *gallego* sea en muchas partes sinónimo de honradez e seriedad". O galego tem, aliás, "ardiente sentimiento de amor patrio". "Por lo demás, sin tener el genio vehemente, entusiasta y aventurero de los pueblos de otras regiones de España, el gallego distínguese por su carácter eminentemente filosófico y reflexivo, su sentido práctico y positivo y su índole honrada y laboriosa". E, num gesto retórico, porque duvidamos que tivesse audiência em Portugal, dirigido como dizemos a fornecer argumentos aos que pudessem sentir-se ultrajados, conclui o primeiro dos seus seis capítulos: "Pero es preciso que los detractores de Galicia sepan, aunque en ligeros trozos, lo que es y lo que vale esta hermosa región. Esto será precisamente el objeto especial de nuestro próximo artículo". Com efeito, este e o resto dos capítulos estão dedicados a elogiar a terra galega e as suas gentes. Nalgum caso, é curioso como o sentido de patrimonialização que toma o galeguismo (precisamente *legitimizado* e impulsionado tanto polos Murguía como polos Teófilo) chega aqui a requintes como estes: "A este noble pueblo le debe su nacionalidad Inglaterra, pues gallegos fueron los soldados que la conquistaron y defendieron./Los portugueses le deben igualmente muchas de sus glorias, puesto que han sido soldados gallegos los que ayudaron á fundar Portugal". Mesmo afirmando a unidade galego-portuguesa, étnica habitualmente, por exemplo, verificada no elogio que o "generalísimo inglés, jefe del ejército en operaciones" dirigiu aos soldados galegos e portugueses na guerra contra o exército napoleónico, chega a apropriações como esta, que transcreve em nota de rodapé ao texto "unida Galicia á Lusitania para combatir bajo el mando del gran guerrero Viriato": "aunque Portugal afirme ser la patria de aquel célebre guerrero, hay historiadores que reclaman esa gloria para Galicia, y creemos que con bastante fundamento"[243].

E, dito seja também de passagem, não era só disto de que se lamentavam os emigrantes galegos, se atendermos à carta que o diretor da *Revista gallega* recebe anos mais tarde. Nela, "Un gallego" de Lisboa, que recebe casualmente a publicação da Corunha e decide iniciar umha subscrição para custear o monumento aos mártires de Carral, censura abertamente a atitude antigaleguista das associações galegas de Lisboa, e permite-nos, ao mesmo tempo, intuir o estado do *enclave* a respeito do processo regionalista. Em concreto, o assinante comenta que "es de extrañar, Sr. Director, que no cupiese esta iniciativa á alguno de los señores que constituyen los cuerpos administrativos de las Sociedades de Socorros Mútuos que aquí existen, denominadas «Galáica» y «Fraternidad Española»"; mais ainda, critica-os por rejeitar

---

[243] *El Eco de Galicia* de Havana, número 396 de 12 de janeiro de 1890.

> "tenazmente todo cuanto á Galicia se refiere, empezando por no hacer uso del rico idioma y de todo lo que entre nosotros es tan grato y característico, repudiándonos constantemente, porque aun á pesar del tiempo que aquí llevamos no hemos aprendido á la perfección el idioma de Camoens, sin cuyo requisito no podremos estar aptos para abarcar mayores latitudes, puesto que esa acentuación tan gallega nos perjudica y que más debemos á este país de los lusitanos que á nuestra «terriña»»,

acrescentando que esses "prohombres" lhes aconselham investir em Portugal e não na Galiza.

Postas de parte outras considerações, parece que o mal do galego em Lisboa tinha bastante a ver consigo próprio[244].

Tornando aos estereótipos que na época circulam sobre Portugal, o nosso percurso polas publicações, e para o caso particularmente as satíricas, não nos oferece muitos exemplos deles. Ora bem, normalmente, as únicas referências que nessas revistas aparecem a Portugal são deste género, sempre à volta do cliché mais cunhado sobre Portugal e os portugueses: o de fanfarrão, espécie de *miles gloriosus*, que é alargado a umha consideração do luso que arrasta as suas glórias (nunca superiores às espanholas, decerto) pola contemporaneidade decadente da sua realidade, atrasada[245], e dependente do leão inglês[246].

O galego velho não se deixa avassalar polo português. Na *Galicia Moderna*, numha charada intranscendente, publica-se, sem assinar (talvez da autoria do seu diretor Enrique Labarta) um "pisto blingüe"[247], em que um português pretendia gozar com um galego, onde se reitera a linha do estereótipo da "impostura" que se aplica aos portugueses[248].

---

244 E não apenas em Portugal; em *El Eco de Galicia* bonaerense, no número 91 de 1 de maio de 1894, outra vez "Un gallego", agora "enxebre" queixava-se do trato que recebiam os galegos na Argentina e da passividade dos seus compatrícios.

245 Nestas cousas do atraso a estatística também não ajudava; nem a estatística nem o regionalista que em *El Eco* bonaerense a comentava. No número 196 de *El Eco de Galicia*, de Buenos Aires, era publicado um comentário a respeito dumha crónica da *Ilustration* francesa, em que o publicista "que sabe de España lo que Alejandro Dumas y Teófilo Gautier han dicho de ella", se admirava de que "un sabio publique en el *Scientific American*" umha estatística a respeito do grau de alfabetização de países europeus, onde Espanha ocupa o quarto lugar e Portugal o último. O jornalista de *El Eco* manipula a informação e diz: "En la estadística en cuestión, Portugal es el país que figura á la cabeza de los menos inteligentes". O estereótipo dos portugueses como povo inferior ao espanhol, sempre pronto em mente hispana para vencer complexos em caso de necessidade, ficava ainda reforçado.

246 Esta presença do "leão inglês" vai provocar críticas habituais desde o estado vizinho a Portugal; também desde o regionalismo, que vê nessa dependência um travão para a sua ansiada unidade ibérica.

247 *Galicia Moderna*, nº 12 de 15 de outubro de 1897.

248 O texto, que pola sua brevidade e especialmente por indicar qual era a perceção da fala portuguesa para o transcritor em termos de *distância linguística*, transcrevemos, diz assim:

> "Querendo un portugués bulrarse d'un probe gallego moy velliño qu'estaba cavando n-a terra c-o a testa descoberta y-a calva ô sol, arrechegouse á él é díxolle:
>
> -Vonsé é un burro en andar con esa calva, podendo ter o polo que quixere.
>
> -¿E como, meu amigo?

Noutro semanário satírico da Corunha, *La Semana*[249], *Narcisito* transcreve de *O Século*, que habitualmente era recebido na cidade, "un delicioso cuento con que nuestros vecinos ridiculizan la fama de que goza Portugal en el extranjero", e que aproveitam para criticar o Partido Regenerador que na altura governava o Estado: "y que viene como molde para hablar de la que, por virtud del bendito gobierno que nos *regenera*, gozamos nosotros también por esos mundos de Dios". O conto, em que um trolha muda o texto encomendado polo proprietário dumha loja de "A fama d'esta casa não anda;...voa!" para "A fama desta casa não anda boa!" é, ademais, utilizado para criticar o diretor da *Revista Gallega*: "Pero quiso el demonio que el pintor fuese natural de Vizeu y que anduviese tan bien de ortografía como Galo Salinas de sintaxis".

Obviamente, o conto, ao mudar de contexto, passa para o novo recetor a ser usado em leitura heteroespacial[xxii] como confirmação de como os portugueses se quer que sejam, do que no *Século* não passaria dumha anedota para chatear hoje os de Viseu, amanhã os alentejanos.

Esse estereótipo, entre a fanfarronice e a impostura, aparece por exemplo na segunda época de *La Comadre*, o semanário "Jhoco sério" que se publicava em Santiago a princípios de século, e que, particularmente na sua segunda série, de 1904, contava com a presença de regionalistas nas suas páginas, alguns tão *lusistas* como Martelo Paumán, acabando por ser mais sério que "jhoco". No número 12[250] desta segunda época aparece um "Panorama" satírico da autoria de Julio Martínez, onde sobre os ventos de guerra que percorrem Europa, não deixa de assinalar a bravata portuguesa.

Parece este ano de 1904 momento particularmente ativo para que assome a chança sobre os portugueses, mas, reiteramos, não com a mordacidade mostrada por Taboada.

No "Almanaque Gallego" que para esse ano publica Castro López, a mesma pessoa que sustinha o outro *Eco,* de Buenos Aires, com "esfuerzos titánicos", como nos informa Carré, "Almanaque" que sairá ininterruptamente desde 1898 até 1927 (ano este que ele já não pode editar), aparece "Un día de mercado y feria en Tuy", assinado por Numael Ezper (óbvio anagrama de Manuel Pérez, que não conseguimos identificar, talvez um filho ilustrado

---

-Mais lá paresce mentira que vonsé tan vello como é, inda nao sepa unha coisa.

-Si vosté non m'a dí...

-Pois ha de saber qu-o cuspe tén a virtu de facer nacel-o polo en calquer parted'o corpo á onde s'aprica. Y-eisí vonsé non tén mais que cuspir n-as maus a frotar despois a testa, y-enantes de sete días ha de estar mais peludo qu'ôs vint'anos.

-Eso non ll'e verdá meu amigo- repricou o vello con sorna - faille satenta anos que teño eu a língoa chea de cuspe, y-einda non me naceu n-ella ¡ni siquera un pelo!"

249 Número 11 de 11 de junho de 1899.

250 Do dia 19 de março de 1904.

de Tui residente em Buenos Aires[251]), mui próprio do "espírito de fronteira" que antes comentávamos. As alusões gastronómicas para estas humoradas são engraçadas, e se antes tínhamos "pisto", agora o subtítulo deste conto é "ensalada trilingüe". No relato assistimos a como "un enjambre de chicos traviesos, desertados de la escuela, apedrea desde lejos el coche en que un portugués charlatán exhibe vistas de las cinco partes del mundo, ante un círculo de aldeanas curiosas que, mediante *dous cartos* por cabeza, compran el derecho de embelesarse un momento, en contemplarlas". Os rapazes partem um *"óculo* del ambulante panorama", e "el portugués, *botando mao ao pau*", conta o narrador desta *salada*, "se lanza en persecución de aquella bulliciosa *camada de filhas da mâe* [sic]". É a isto que se limita a fugaz representação lusa no conto, agora sob o estereótipo de "charlatán".

Ora, os portugueses podiam ser alvo de qualquer apreciação que os fizesse aparecer como inferiores aos emissores. Por exemplo, no número 237 de 15 de junho de 1888 de *O Tío Marcos da Portela*, podemos ler esta breve notícia:

> "O alcalde de Valença d'o Miño mandou prender â Virxen.
> ¡Boa portuguesada!
> Non s'estreveu á tanto Herodes",

mui na linha do semanário, em que o mundo português como referente de reintegração fica a considerável distância...[252] Esta publicação quase só fala dos portugueses para fazê-los objeto de chança. O clero luso (em semanário tão catolicista) é alvo da brincadeira, neste caso a reforçar a ideia de ruindade fixada como estereótipo no imaginário dos espanhóis:

> "Un gallego que acaba de morrer en Lisboa, dempois de pasar a vida n-a mais grande miseria, deixou un millon de reás.
> ¿Medio cento de miles de pesos n-as maus d'un gallego?
> ¡Ave Maria Purísima!
> Que morrese n-a miseria non me pasma; conécese que s'afixera á pasalo mal, e por non perder a costume...
> O que me deixa parvo é que acuntase tantos cartiños e que non houbese un bigairo portugués que ll'armara unha gayola"[253].

Curiosamente, o centro da ironia não é a avareza do galego, mas a surpreendente ausência dum *logreiro* português.

---

[251] O que sim conhecemos são as suas colaborações, bastante habituais, em *El Eco de Galicia* bonaerense; são poemas normalmente de exaltação espanhola, ou devedores de modelos da literatura espanhola; estes são alguns dos títulos dos seus poemas: "Colón e Isabel", no número 86 "poema de numael ezper"; "Esclavos", no número 90; ou "La eterna duda", no número 203, "imitación de Calderón de la Barca".

[252] De facto, os presentes exemplos mais expressam o estado dos estereótipos que funcionavam na altura sobre os portugueses do que umha animadversão particular da publicação para com os vizinhos de além-Minho.

[253] Número 264, de 24 de fevereiro de 1889.

Da ironia não se safa o Rei de Portugal, numha crónica desde Madrid de Xan Balandrán, que comenta umha jornada de caça do monarca em Madrid, em que o faz aparecer tão levado da *hipercortesia* portuguesa que "as millores pezas que viu, lonxe de cazalas deixounas pasar facéndolles unha cirimonia"[254].

Esta atmosfera geral, estado de *estereotipação* podemos dizer, que na altura se vivia contava habitualmente com a resposta do regionalismo. Mas não por via do enfrentamento direto com os acusadores. Só algumha vez, quando o ataque transcendia o Minho, e as circunstâncias o reclamavam, se respondeu. Por exemplo, e semanas mais tarde do afervorado recebimento de que fora objeto a tuna coimbrã na sua estadia algo antes na Corunha polo Carnaval, em maio de 1898[255], nada menos que *Viriato* (pseudónimo cuja propriedade atribuímos a Galo Salinas), rejeita a publicação dumha caricatura na imprensa madrilena em que se ridiculiza os portugueses, e perante a reação irada de alguns meios lusos, recomenda-lhes indiferença, indicando que essa não é o sentir comum, «que no representa la opinión de nuestro país» (=Espanha), ao mesmo tempo que aproveita para afirmar a sua solidariedade e identidade:

> "tengan en cuenta que los periódicos del Centro siempre han contribuido con sus burlas y chacotas á dificultar la fraternidad que debe existir entre los diferentes pueblos ibéricos. Galicia es de casa; y bien sabe Dios cuanta burla y desprecio merecieron siempre á algunos periódicos de la Corte nuestras cosas. Portugal es nuestro hermano por la raza, el idioma y el territorio que ocupan".

E acrescenta, ciente talvez do interiorizado do estereótipo até nos seus leitores: "A los hermanos se les defiende *con razón* ó *sin ella*, pero es criminal zaherirlos" (o sublinhado é nosso). Talvez o *sin ella* venha motivado porque são tempos de forte crítica a Portugal e ao que se denomina a aliança anglo-lusitana. Mesmo na continuação do texto transcrito, embora referindo-se a um discurso de Lord Salisbury, se reclama, porque "nada podemos esperar de la Cartago moderna", a unidade da 'raza latina', a começar polas duas "naciones cristianas sin vigor y sin administración aludidas por Salisbury", Espanha e Portugal, cujas colónias em África "fueron siempre discutidas y codiciadas por Inglaterra". E é que não corriam bem as cousas para os dous impérios em decadência, um constrangido desde o Ultimato, e o outro a ponto de perder a sua maior parte. Alguns movimentos, aliás, de grupos entre Espanha e Portugal vão ter nesta altura umha espécie de atos de afirmação *ibérica* perante os depoimentos do Ministro inglês em particular e a ameaça inglesa em geral (Cfr. Vázquez Cuesta, 1975).

Mesmo em algumha ocasião, em publicações filorregionalistas, não deixava de assomar o recurso à caricatura do *português*. Por exemplo, no número

---

254 *O Tío Marcos da Portela*, número 250 de 21 de outubro de 1888.

255 Número 167 22 de maio.

61, de 29 de abril de 1906, a *Coruña Moderna* recolhe um brinde *em português* que num jantar na Corunha realiza um comensal, com frases "ingeniosas" e "humorísticas" de imitação caricaturesca. Ou, no número 118, de 1 de junho do ano seguinte, também aparece umha alusão à fanfarronaria do português, claro que, neste caso, em pena do antiescola corunhesa Riguera Montero...

Porque, certamente, algum regionalista, contrário à tendência lusista[256], também contava entre as suas colaborações algumha em que a fanfarronaria atribuída aos lusos sustentava as suas humoradas. O linguista Juan Cuveiro Piñol, abria o número 10 de *A Monteira*[257] com "Os Misterios d'unha empanada" em que comentava um episódio de que fora testemunha após a última guerra civil portuguesa. A sua mãe acolhera na sua casa o capitão Manoel Leite, "en compaña do seu asistente Lourenzo, é do seu can Marruco", quem "tomou posesión de toda á casa, sin deixar a cuciña, pois era o tal Capiton un grande larpeiro". No segundo dia da estadia do militar, percebeu o menino Juan "certo cheiro a pan quente", que o animou a ir para a cozinha, descobrindo que se tratava dumha *empanada*:

---

256 Utilizamos os termos "lusismo", "lusista" para referir-nos, por vezes como sinónimos de "reintegracionismo" e "reintegracionista", à tendência que preconiza nesta altura a adoção, do tudo ou dumha parte da codificação linguística portuguesa para a variante galego-lusa do norte do Minho, e, também, para os que postulam a constituição dum sistema interliterário galego-luso(-brasileiro) ou mesmo de um polissistema galego-português. Porque na época que analisamos, à luz dos dados de que dispomos, devemos discrepar de juízos talvez um tanto apressados sobre o lusismo na época, no sentido de não existirem propostas deste tipo no século XIX; algum de pessoas de tanto crédito na historiografia galega como o Professor Alonso Montero (1970:45):
"Para los escritores gallegos del XIX el gallego y el portugués son dos lenguas distintas o, por lo menos, dos modalidades muy diferentes de una lengua hasta el siglo XV común. Nadie plantea la posibilidad de acercar el gallego al portugués de lo cual hay intentos en el siglo XX. Es más: el número de portuguesismos que podemos registrar antes de 1900 es muy escaso. Todo ello no está ajeno al prurito, tan de la época, de destacar lo propio, lo distintivo. El gallego-polemiza Pérez Ballesteros con Florencio Vaamonde Lores-no debe aproximarse al portugués, debe mantenerse independiente".
Nada disto é certo: as propostas forom várias, até ao ponto de fazerem em ocasiões central a polémica a que derom lugar. Veremos, entre outras, sobejas provas de como alguns dos mais significados regionalistas não permitirom que lhes fosse furtado Camões por via linguística. A prática ortográfica, gramatical, léxica do grupo corunhês em geral era nitidamente portuguesista. O próprio Alonso Montero cita neste texto o comentário de Pérez Ballesteros, mas (talvez por desconhecê-lo na época) não oferece o motivo que o provocara: as propostas lusistas deste e doutros na *Revista Gallega*, como veremos. E, como o Professor da Universidade de Santiago afirma, Carré, ao defender ao em lugar de ó para representar a contração entre preposição e artigo, "no aceptaban se les tomase por portuguesizantes", o que implica, antes de mais, reconhecer que essa forma era considerada lusista.
De resto, para alguns proeminentes regionalistas da época, o número de lusismos era tão alto que textos de alguns autores, (e veremos o exemplo precisamente em Pérez Ballesteros a respeito de Vaamonde, para não sairmos aqui dos exemplos de Alonso Montero), eram qualificados como "casi portugués". Repare-se: a princípios de século *ao* e *libertade* [sic] vão ser percebidos como dous lusismos flagrantes, para não citarmos outras propostas mais atrevidas.
Depende, pois, da ótica que se aplicar no exame do fenómeno. E é que, apesar de tudo, o galego conheceu algum progresso na sua codificação neste século.

257 7 de dezembro de 1889.

> "Cal sería o meu asombro ó ver qu'o Sr. Manoel Leite, coitelo en mau abre á dichosa empanada é apareceu n-o fondo d'ela, nada menos que duas grandes chalrreteras de prata, tan limpas cal si acabasen de sair da frábica. O desencanto foi, como poden supoñer os meus leitores, grande, e perguntando de certo modo á Lourenzo, díxome que asin se limpaba á prata é ó ouro no Portugal".

Desta maneira queria ridiculizar o modesto literato o militar português.

V.2.2. A vaga de espanholismo no fim de século

Os comentários precedentes, situam-nos perante o segundo dado que nos parece sublinhável e que, do ponto de vista da expansão sistémica, queremos denominar a *má fortuna* (apesar do *amor ardente*) do sistema galeguista nesta fase de procura da consolidação. Tanto o momento de surto prolífico de publicações mais ou menos regionalistas (em fins dos anos oitenta e inícios dos noventa), como a época mais propriamente finissecular e de inícios do séc. XX que aqui tratamos (caminhando para a pretendida consolidação institucional na "Academia Gallega"), estão presididas no estado espanhol por umha vaga enorme de espanholismo, que se traduz na conceção da *unidade ibérica*, em diferentes versões e articulações (sociais, culturais, políticas) entre a Espanha e Portugal. E, em Portugal, semelhante pendor existe. A época do Ultimato e a do *desastre* espanhol de 98 renovam patriotismos antigos, onde, mui concretamente para o contexto do reino borbónico, qualquer assomo de particularismo é imediatamente atacado como insolidário, antipatriótico, covarde ou desertor, perante "los males de la Patria". Não é insólito encontrar poemas como o que, assinado por Ricardo Conde Salgado, aparece no número 227 de *El Eco de Galicia* desse ano 1898 intitulado "Os porcos vencedores", ou, na mesma publicação, semanas mais tarde outro dedicado a cantar as excelências do vinho espanhol frente ao uísque[258]. Essa vaga chega, é claro, ao regionalismo, e nas próprias páginas da *Revista Gallega* da época (não digamos noutras) é frequente encontrar chamados ao patriotismo espanhol, de maior tom por vezes que noutras publicações, forçados pola suspeita *separatista* que sobre eles se alargava[259]. Talvez foi este um dos momentos em que o *cerco* ao regionalismo mais se apertou em toda a sua história, ficando praticamente sozinho, a que há que acrescentar o enfrentamento aberto que meses mais tarde vai ter o grupo corunhês com o tradicionalista de Brañas (Máiz, 1984: 186 ss.). Um dos membros do grupo corunhês, M. Lugris Freire, escreve e publica em *El*

---

[258] "El whisky y el vino español" em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, número 237, de 20 de junho de 1898. Não era isto surpreendente nesta publicação, com um pendor marcado para o regionalismo menos autonomista, e com frequentes cantos à(s) glória(s) espanhola(s).

[259] Podem também verificar-se estes aspetos em Máiz, 1984: 182 ss. A ofensiva contra o regionalismo foi tal que até chegou a setores liberais "que até entón se mantiveran nunha actitude, senón favorábel, polo menos neutral co movimento" (Máiz, 1984: 185).

Eco bonaerense[260] «¡A Loitar!», onde anima os galegos ao combate. Por sua vez o apoio que os portugueses sentiram da *Espanha*, indiferenciada, aquando do Ultimato, propiciava essa realidade em muitos setores. A interlocução sistémica do regionalismo galego encontrava, pois, mais umha dificuldade.

Essa fase, a do Ultimato, vai disparar consideravelmente a interferência literária hispano-lusa[261]. Nas publicações que, como mostras de solidariedade, vão ser editadas neste período, convidando para as suas páginas escritores estrangeiros, a presença espanhola vai ser notória. Campoamor e Pardo Bazán participam no número único de *Lusitânia*, «Jornal comemorativo da reviviscência pátria», de 11 de fevereiro de 1890, ao lado de Guerra Junqueiro, Gomes Leal "e outros escritores portugueses de menor renome[262]".

Textos da escritora de *Los Pazos de Ulloa* e do autor das *Doloras* (mui populares em Portugal) vão estar também presentes, juntamente com Rafael R. Labra, Pi i Margall, Giner de los Ríos e o galego J. R. Carracido, entre outros, na *Anátema*, publicação do mês de junho destinada "a engrossar os fundos da «Grande Subscrição Nacional»", dirigida polos estudantes António Vaz de Macedo e Artur Pinto da Rocha. Vázquez Cuesta (1975: 58,59) informa-nos que, de entre as estrangeiras, a colaboração espanhola foi a mais numerosa e importante. Do polissistema português participa nela, quase sem exceção, o seu conjunto central: Antero, Eça, Oliveira Martins, Junqueiro, T. Braga, Camilo, Bulhão Pato, J. de Deus, J. Penha, M. Amália Vaz de Carvalho, Fialho, Joaquim de Araújo, Bernardino Machado, etc. Entre os escritores de fora da Península Ibérica podemos acrescentar que figuram nomes como Juilettte Adam, Enrico Ferri e Jena Richepin.

É momento também de intensa divulgação do mundo português em Espanha. No mesmo ano, 1889, em que Silveira da Motta publicava as suas *Viagens na Galiza*, Labra fazia o próprio com o seu *Portugal contemporáneo*. Nesta tarefa, os galegos vão jogar um papel mui relevante, sempre situados no polissistema espanhol, contribuindo à penetração em Espanha dos setentistas portugueses. Tinham um valioso precedente em Romero Ortiz que no seu livro de 1869 *La Literatura portuguesa en el siglo XIX*, cita Braga, Antero, Vaz de Carvalho, ao lado do Pe Macedo, a Marquesa de Alorna, Filinto Elísio, e de Bocage, Garrett, Castilho, Herculano Camilo ou T. Ribeiro[263]. J. R. Carra-

---

260 Número 240, de 20 de julho de 1898.

261 Felizmente, dispomos dum rigoroso estudo da relação luso-espanhola neste contexto, *A Espanha ante o "ultimatum"*, da Professora Pilar Vázquez Cuesta, o que nos exime de pesquisas neste campo. É este texto que seguimos na nossa exposição.

262 Vázquez Cuesta, 1975: 54.

263 O livro do galeguista Romero Ortiz fazia algumhas apreciações de que eruditos espanhóis não gostavam demasiado. Por exemplo, Menéndez Pelayo escreve em 1876 para Laverde Ruiz: "Fuera de Castelo Branco no tienen novelistas y aún ése está muy lejos de ser 'el primero entre los de la Península Ibérica' como quiso persuadirnos Romero Ortiz, que en esto, como en otras cosas, se mostró bien ayuno de sentido crítico". Nessa mesma carta valoriza Herculano, "cuyo

cido, em 1 de fevereiro de 1890, tinha escrito sobre T. Braga em *El Imparcial*. Mas vão ser especialmente Pardo Bazán e Curros Enríquez que mais atenção prestarão à literatura portuguesa.

É também, e sobretudo, momento de grande agitação da mocidade, particularmente da universitária, desamparada politicamente (cfr. Vázquez Cuesta, 1975: 111 e ss.), e isto é mui importante para entender o relacionamento ou galego-luso ou luso-espanhol, que movimenta exaltadas vontades no estado vizinho. Nesse ano de 1890, representantes das Associações Académicas lusas dão a conhecer o seu propósito de criar umha Federação Escolar Ibérica; na Páscoa visitam Salamanca e Madrid, e no dia 13 de abril fica proclamada, no Teatro Martín, a tal Federação[264]. As visitas dos estudantes cobram então um valor político de muita maior altura: são autênticas embaixadas que, em ocasiões, provocam delicadas situações mesmo para a diplomacia de ambos os estados, particularmente do lusitano. Esses viajantes estudiantis, divididos em comissões, visitam Pi i Margall, Labra e Curros[265] (conhecidos republicanos), com umha representação formada po Guedes de Almeida, Cunha da Costa, correspondente de *Os Debates*, e João Novais, redator de *O Rebate*.

A triunfal estadia em Madrid dos estudantes portugueses alcança, conforme comenta Vázquez Cuesta (1975:127), o ponto mais alto do movimento de fraternidade juvenil hispano-portuguesa, após o recebimento grandioso em Salamanca "a bombo e pratos", com a presença das autoridades.

Em Madrid, celebram-se vários saraus, com participação de poetas e políticos. Na capital do estado espanhol são guias dos estudantes quatro professores da Institución Libre de Enseñanza, entre os quais Giner de los Ríos e Bartolomé Cossío (Vázquez Cuesta, 1975:130). Por outro lado, no Hotel Oriente, alguns estudantes lusos recebem umha delegação de galegos residentes em Madrid "que a Universidade de Santiago tinha encarregado, telegraficamente, para a representar em todos os actos que se celebram na capital em honra dos estudantes portugueses" (Vázquez Cuesta, 1975:131).

---

valor (grande sin duda) se ha exagerado notablemente", e o "infatigable" Teófilo Braga, cuja *História da Literatura portuguesa* parece a Pelayo "en muchas cosas excelente pero llena de errores graves e inspirada por un espíritu anti-católico y revolucionario de mil demonios..." Citamos por Vázquez Cuesta 1970: 145)

264 Vázquez Cuesta, 1975: 57, 132 ss.

265 Particularmente estes três, escritores e políticos, estão mui empenhados no conhecimento do mundo português, que vão difundir na imprensa da época. Rafael María de Labra, aliás, deputado republicano, faz nas Cortes espanholas várias interpelações ao Governo para que este explique a atitude que pensa adotar em relação com o conflito luso-britânico. Textos de Pi i Margall e de Rafael María de Labra vão aparecer nas revistas galegas do período que estudamos; nunca no entanto na *Revista gallega*, a mais filolusa de todas; porque as perspetivas de uns e outros eram contrárias. E menos Curros Enríquez, facto paradoxal, mas apenas na aparência: o celanovês vai empenhar-se em mostrar como entusiastas de Espanha alguns de aqueles portugueses que os membros do grupo corunhês queriam converter em legitimadores do seu sistema: qualquer cousa incompatível; dedicaremos umhas breves linhas no seu momento a esta questão, mui importante.

A solidariedade que procuravam os estudantes portugueses, cedo a encontrarom nos seus colegas espanhóis. "Foram sete as mensagens de estudantes espanhóis que encontrámos na imprensa espanhola ou portuguesa da época e, sem dúvida, existiram mais" (Vázquez Cuesta, 1975: 125 ss.). No Carnaval desse ano tão intenso, tem lugar umha viagem a Portugal da Tuna salmantina, que atua no Porto e em Coimbra, suscitando vivas à Espanha e à Federação Ibérica, o que vai provocar que sejam impedidos polas autoridades de ir para Lisboa (Vázquez Cuesta, 1975:127 ss.).

O Iberismo é então utilizado como arma política por uns e outros (Vázquez Cuesta, 1975: 71): "era já umha velha táctica no Portugal do séc. XIX de vestir ao adversário político o sambenito do iberismo. Sempre eficaz, revelava-se agora dumha eficiência sem par, visto que acertava o golpe ao inimigo na própria raiz de onde provinha o seu poder: o nacionalismo".

Os monárquicos acusarom os republicanos de iberistas, e estes tentarom fazer o próprio com os monárquicos (Vázquez Cuesta, 1975:81).

Como diz Vázquez Cuesta (1975: 74 ss.) os republicanos lusos não eram iberistas, mas viram-se obrigados polas circunstâncias a jogar "a perigosa carta da aproximação com a Espanha". O republicanismo português era mais bem confederal peninsular, e assim o manifestavam nas publicações espanholas. Nessa opinião pública achou um eco verdadeiramente extraordinário a ofensa da Grã-Bretanha e reclamou-se a união ibérica. E são os republicanos espanhóis os que agitam a solidariedade. As páginas de *El Liberal, Las Dominicales del Libre Pensamiento, El País*, etc., acolhem a agitação.

Devemos ainda, para concluir, fazer, a respeito desta vaga de interferência luso-espanhola, umha última consideração, que, se calhar por tão óbvia, costuma passar despercebida. A própria atividade sistémica galega desenvolve-se maioritariamente em espanhol. A interlocução galeguista, para além das suas produções veiculadas em galego, desenvolve-se na língua do referente de oposição, referente em muitas ocasiões comum aos portugueses. Os autores galegos pertencentes ao sistema regionalista são todos, sem exceção, bilingues. E, se esta realidade era já limitadora, por vezes elementos do sistema, no seu nome, pretendem fazer próprios obras e autores que pertencem ao sistema espanhol, mas que nasceram, vivem e/ou tratam temas galegos, para cúmulo os mais conhecidos em Portugal (caso de Pardo Bazán). A relação estava, pois, viciada de início. Conhecerá substantiva mudança a partir do movimento nacionalista; mas as decisivas bases coloca-as o regionalismo corunhês. Esta, e não outra mais candorosa e complacente, é a realidade sistémica galega.

Repare-se, aliás, em que o relacionamento entre um sistema como o *regionalista*, vacilante entre a sua autonomia e a sua pertença ao polissistema espanhol, em todo caso sem soberania cultural, e menos política, e umha nação soberana, com estado, reportava sem dúvida, aspetos melindrosos para

os portugueses, sempre a recearem da reação espanhola, e, sobretudo, sumiam o discurso galego numha polifonia polo menos ambígua, mesmo quando os lusos afirmavam umha unidade, e particularmente concediam umha entidade ao movimento regionalista (são os casos de Teófilo Braga e Leite de Vasconcelos, por exemplo), que, parece, ia mais além do que muitos dirigentes regionalistas estavam dispostos a admitir.

O reflexo dos elementos referidos será, como veremos, constante no ambiente literário da época.

V.3. A ambiguidade do sistema regionalista perante as suas carências, e sentido das transferências

Quando um sistema é jovem e o seu repertório é como consequência limitado, os grupos que nele participam tendem a recorrer a outros sistemas disponíveis. E, no caso de sistemas com repertórios ricos, o uso da reciclagem é um elemento a que tenderá o sistema em períodos de mudança, embora não sendo a riqueza do repertório o único fator a considerar. Na verdade, como vimos, esta é umha magnífica definição dos sistemas regionalista galego[266] e português.

A manifesta insuficiência sistémica do *regionalismo* precisava de correção, para aqueles que assim a sentiam, e respondia à fórmula, a proliferação, que páginas atrás recolhíamos de Even-Zohar (1990) como lei universal: a de que os contatos são estabelecidos quando umha literatura-destino não está em condições de resistir ou quando mostra carências evidentes.

Perante essas evidentes carências sistémicas com que se encontra o sistema regionalista galego, a sua *proliferação* vai ser ativada; para não poucos, vai estar centrada nos *restos do naufrágio* da cultura galega (aquilo que vão entender como as "essências" do povo"), e aí vai acabar; o resto, abrumador, das carências já vão estar preenchidas polo polissistema em que se sentem *ubicados*, o espanhol; aí não faz falta proliferação.

Mas, para outros, nomeadamente para o grupo corunhês, a *proliferação* vai ter como alvo fundamental o polissistema português; em duas direções fundamentais: no reforçamento das bases da Tradição (Lambert, 1986) e na validade do repertório proposto. E isso amparado na linha argumental da recuperação da fraternidade ibérica, e do referente de reintegração. Portanto, o sistema regionalista vai viver numha profunda ambiguidade, particularmente

---

[266] Como já anunciámos na Primeira Parte deste trabalho, vamos adotar este conceito, o de *regionalista*, para referir-nos ao sistema emergente galego que começa a desenvolver-se nesta época. É o esclarecimento da verdade, no possível, o que procuramos, e não satisfazer "Platões". Só deste ponto de vista, ou, por melhor dizer, sem mistificações tão autocomplacentes como mascaradoras e narcóticas, pode perspetivar-se, em nossa opinião, o que foi, e é ainda, a luta de grupos cada vez mais alargados de galegos, por fazer do seu idioma não apenas língua literária do seu País, mas, como dirá um galeguista nas páginas que seguem, "el idioma de un pueblo".

no seu relacionamento com Portugal: ora podia ser feito dum ponto de vista espanhol, ora olhado sob umha autonomia sistémica. Essa ambiguidade tem consequências no campo da literatura, porque, dado o caráter problemático da Importação (que se alimenta dum sistema em que são projetadas as próprias expetativas culturais, e para cuja importação são invocados elementos essenciais de comum unidade; etnia, história, língua e ainda aspirações similares) significa em termos de sistema interliterário[xxiii] a não sempre determinada posição das transferências. Com efeito, a própria indefinição sistémica do *regionalismo* a respeito do polissistema espanhol, traslada essa mesma indefinição ao campo do relacionamento galego-português. Recuperando as ilustrativas considerações de Naftoli Bassel, é evidente que o sistema regionalista[xxiv] sofre a tensão de sentir-se, e *argumentar-se,* inserido no sistema literário *etno-linguístico* galego-português (reforçado ainda pola compartição espacial e do mesmo referente de oposição, e polas peculiares relações que mantém com o referente de oposição) e a sua participação (também em muitas ocasiões deliberada) de pertença ao sistema interliterário zonal, ou político-cultural, a que o impele a sua condição de espanhóis[xxv]. Eis a tensão mais importante no seio do sistema: ou é autónomo, assumindo-se como independente do polissistema espanhol, o que tem como consequência o seu relacionamento com o polissistema português numha determinada orientação -a de constituir um mesmo sistema interliterário, ou polissistema galego-português-, ou então não o é, e passa a ser um (sub)sistema do polissistema espanhol, passando a relação com Portugal a ser posta em termos mui diferentes, como veremos. Porque as duas orientações vigoram no sistema regionalista relacionado com Portugal.

A mesma ambígua articulação dá-se entre as caraterísticas que no estado partilha com outras literaturas emergentes, o que perfila um sistema interliterário formado como já anotámos polas literaturas dos Países Cataláes, "Euscádi" e Galiza, e o polissistema espanhol como integrador desse sistema. Estas tensões interliterárias é que vão sumir na indefinição paralisante o sistema regionalista, e não o vão deixar progredir expansivamente até à fase nacionalista, onde o polissistema político-cultural espanhol é abertamente posto em causa[267].

---

[267] Fora do objeto de estudo que do ponto de vista cultural delimitámos, queremos indicar que, em nosso entender, esta é a principal tensão que se verifica para o sistema galego na atualidade, em absoluto resolvida: um século passado, noutras circunstâncias já obviamente, o problema subsiste, embora permaneça oculto.

V.3.1. O caráter genérico da Importação. As suas bases e os seus obstáculos

V.3.1.1. Conjunto de possibilidades e agências no relacionamento galego-português: o caso da *Revista de Galicia* (1880) e da *Liceo Brigantino* (1882-1884)[268]

Vou servir-me do caso da *Revista de Galicia*, dirigida na Corunha por Emilia Pardo Bazán, em 1880, e da também corunhesa *Liceo Brigantino*, dirigida entre 1882 e 1884 por Ricardo Caruncho, no seu relacionamento com o mundo português, para exemplificar como o conjunto de possibilidades disponível para a agência no anfissistema era acessível de modo similar para diferentes e até contrárias tendências, das quais algumha fizo uso e outras não.

O caso da *Revista de Galicia* leva-nos a recuar umha década sobre o tempo em foco considerado neste trabalho. Ainda que, quando o abordar, exemplificarei algumhas presenças com dados da década de oienta, tomar esta distância temporal permite-me duas cousas valiosas para a análise: colocar o foco num momento intenso da elaboração galeguista (é o ano da saída de *Aires da Miña Terra*, *Saudades Gallegas* e *Follas Novas*, e está em pleno vigor *La llustración Gallega e Asturiana*, que conta com galeguistas de primeira fileira na colaboração, caso de Manuel Murguía, como também ainda está funcionando *O Tío Marcos d'a Portela* na sua primeira época); e considerar nesse mesmo momento o conjunto de possibilidades que na altura se tem e o tipo de relacionamento que é fixado, para melhor avaliar as linhas de força que serão seguidas posteriormente. Convém, neste sentido, colocar um nome como elemento axial do relacionamento do campo português: Teófilo Braga, pessoa do conhecimento de Pardo Bazán ou de Manuel Murguía, e que, provavelmente, representa bem o tipo de usos potenciais e reais desse conjunto de possibilidades e a sua acessibilidade: por exemplo, a da sua vertente historiadora ou da sua vertente influente nas novas correntes literárias portuguesas[269].

A *Revista de Galicia*, dirigida em 1880 por Emilia Pardo Bazán, na sua relação com Portugal constitui-se num caso singular no âmbito regionalista, em aberto contraste com as práticas doutros meios (por exemplo, da supracitada coeva *Ilustración Gallega y Asturiana*). Nas suas páginas prestou umha intensa atenção ao movimento literário e cultural português contemporâneo, como

---

[268] Este capítulo não foi introduzido no seu momento na Tese de que resulta este livro. Acrescento-o agora porque me parece elucidativo para o assunto em foco posterior, mostrando o que podia ser feito e o que foi realmente feito.

[269] Havia, ao menos, um antecedente claro do tipo de atenção que vamos conhecer na *Revista de Galicia* ao mundo literário português seu coevo: o de José López de la Vega com "La poesía portuguesa y la poesía gallega", na *Galicia : revista universal de este reino*, no volume III, de 1863: pp. 39-40, 43-45, 54-56, 68-72, 74-76, 95-98, 109-112, 142-44, 153-55, 179-81, 192- 94 e 240-43; e no volume IV, de 1864, pp. 6-10, 74-76, 85-90, 104-109, 126-30 e 144-45.

o prestou, publicando textos de alguns poetas ou fazendo recensão de livros, ao movimento contemporâneo galeguista (no número 13, de 10 de julho, a diretora dedicará um extenso artigo a *Aires da Miña Terra*) e ao espanhol (caso da recensão no número 19 de 10 de outubro de *Renglones cortos: ensayos literarios*, de Salvador Rueda).

Essa atenção ao mundo luso foi dada de vários modos; em algumha ocasião, na sua seção de "Crítica Literaria", como no número 11, de 10 de junho de 1880, que abria com a entrada " La literatura gallega en Portugal", com esta informação sobre dous volumes de que, aliás, não voltou haver notícia:

> "Sabemos que dos conocidos y notables literatos portugueses, los Sres. Don Teófilo Braga y Don Lino Macedo, están escribiendo obras que versan sobre las letras en nuestro país. ... El libro del Sr. Macedo se titula *Poetas y literatos gallegos* y el del Sr. Braga es una *Memoria sobre los poetas modernos de Galicia*. Nos apresuramos a adelantar al público literario de Galicia tan buena nueva, porque consideramos de la mayor utilidad para ambos países el conocerse recíprocamente, el estudiar sus respectivas hablas—cosa tan fácil —y el hacerse así dueños de los tesoros de una literatura que hoy del todo ignoran".

Teófilo e Macedo serão dous nomes referenciais na revista. O primeiro como intelectual consagrado. O segundo, como responsável, desde o número seguinte, o 12 de 25 de junho, e com algumha irregularidade, da nova seção "Revista Literaria Portuguesa". Essa seção vai permitir, sob o filtro de Macedo, que leitoras e leitores da *Revista* conheçam parte da atualidade lusitana, tanto de nomes incipientes como consagrados.

Já nesta primeira achega encontramos um juízo crítico sobre o que Lino de Macedo [1858] considera baixa qualidade linguística e literária dos escritores portugueses: "No quiero yo decir que en mi país no hay literatos de gran talento, hombres de mucha ciencia, y escritores de mérito mucho", adverte Macedo: "merecería una rigurosa corrección administrada con el junquillo con el cual el señor D. Arturo Barreiros amenazó poco há al Sr. D. Camilo Castello Branco [1825][270]" .

Citava Macedo um consagrado, Camilo (que estava, aliás, em plena pugna polo centro sistémico com o grupo realista ascendente, conhecido como Geração de 70). A crítica é severa; Macedo fala de "libros estólidos, sin estilo ni idea, en disfrazadas traducciones de pésimas obras francesas, que en libros de valía, dignos de seria y merecida crítica", espelhando polémicas sobre simbolistas, realistas, românticos, que só ao de leve irá conhecer o protossistema literário galeguista nos finais de século… Trata, aqui, no caso, Macedo de "las dos escuelas que ahora combaten, realista y sentimentalista", que, considera,

---

[270] É umha das muitas polémicas (neste caso com esse contista e jornalista brasileiro) que Camilo traça no seu *Os Críticos do Cancioneiro Alegre* que saíra no passado ano (Castelo Branco, 1989: pp.1390-1391).

"tienen dignos representantes". Neste quadro, julga e glosa a obra "de la notable escritora Sra. D. a María Amalia Vaz de Carvalho [n1847] , titulado ¿Mujeres y niños" o melhor que se publicou na altura. Alude também a "La Ventana de Natercia (A *Janella de Natercia*)", como novidade próxima, do " Sr. D. Alberto Pimentel [n1849], redactor del *Diario Ilustrado*, y escritor de mérito".

No mesmo artigo, Macedo critica umha publicação escolar, aliás, efémera, *O Pensamento, de Coimbra*, "revista feita por "poetas errados", segundo ele; e elogia o portuense *O Operário*, indicando vir com colaborações de Antero de Quental, Bertrand e Malon.

A colaboração de Lino de Macedo indica, em nota, que "Todos los escritores portugueses que deseen ver sus publicaciones sean mencionadas en esta Revista, deben enviar un ejemplar á Lino de Macedo, Pombal", nota que, em diversas formas, irá aparecer em numeros posteriores e que mostra o caráter publicitário e de atualidade que a sua crónica pretendia. Macedo fará, no número seguinte, no número 13, de 10 de julho um elogio de Braga [n1843], qualificando-o como "uno de los más incansables trabajadores del siglo XIX, escritor que en el corto espacio de trece años (1864-1877) publicó cincuenta y tantos volúmenes", acrescentando:

> "el gran pensador y austero filósofo, ha ejercido poderosa influencia en la literatura portuguesa. Él fué el iniciador de la gran pugna literaria que tiene lugar entre la llamada *escuela de Coimbra* y los paladines del antiguo provincialismo: desde esa época data el movimiento innovador de la literatura lusitana".

Mesmo na continuação, Lino de Macedo dará conta de alguns autores, inserindo o trabalho de Teófilo em termos dumha modernidade cultural e social não comum no caso galeguista:

> "Desde entonces, nuevos obreros inauguraron la ciencia de la lingüistica y de la filología románica, y la arqueología artística. Elevóse la educación científica y la crtica de las costumbres halló su dirección en *As Farpas* [1871-1882; publicação periódica de Ramalho Ortigão, n. 1836, e Eça de Queirós, n. 1845, este só nos dous primeiros anos], y la novela alcanzó su admirable perfección realista en los *Noivos* [romance de Teixeira de Queirós, n. 1848, publicado em 1879]. A los trabajos de estos incansables obreros debe la generación moderna su dirección espiritual y las letras portuguesas la gran transformación que están experimentando. Entre la pléyade de los nuevos escritores figuran algunos nombres bastante dignos de nota, que ofrecen glorioso porvenir, y que trabajan con ardor en la construcción del edificio social contemporáneo. En este grupo no podemos dejar de citar los ya laureados nombres de Teixeira Bastos [n1857], Alfonso Vargas [n1859], Carlos de Mello [não sei de quem se trata. Será lapso por António Vasco de Mello, o conde de Sabugosa, n1851?], Lobo de Avila [n1860], Fialho de Almeida [n1857], Jaime de Seguier [n1860] y Angelina Vidal [n1847], que lucen entre los de los publicistas modernos cual el diamante entre montones de carbón".

Coloquei entre [ ] as datas de nascimento dos autores e da autora que aparecem na citação e utilizarei mais para a frente este recurso noutros casos. Todas estas pessoas tinham e terão grande relevo no campo literário e cultural português. Exceto Angelina Vidal (na altura, de 33 anos) e o conde de Sabugosa (29) ninguém passa, nesta última relação, dos vinte e três anos. Teófilo tinha 37, como Vaz de Carvalho; salienta apenas o romântico Camilo, na altura com 55 anos; de resto, eloquente prova da atenção que estes meios prestavam, em vivo contraste com os galeguistas, à modernidade e à inovação no campo cultural português. Ramalho Ortigão, 44 e Eça, 35, estavam no centro polissistémico português juntamente com os seus companheiros de Geração, Antero e Junqueiro, além do mesmo Teófilo.

Revista de Galicia, veremo-lo, não por isto vai deixar de dar espaço a outros períodos e assuntos portugueses, caso de Camões, que adiante referirei, ou de temas como o que, no número seguinte, abre-o com um extenso artigo, intitulado "Descripción Física de la Sierra del Gerez", assinado por Ramón Barros Sivelo. Entretanto, a vulgarização da atualidade literária portuguesa continua:

> "Después de la enorme tempestad literaria que se desencadenó en Portugal el dia 19 [sic; eu pensó que erro por 10, com motivo da homenagem a Camções] del pasado Junio, y que hizo brotar de todas partes una lluvia de publicaciones de todos los tamaños y estilos, el cielo de la literatura portuguesa ha estado sereno y bonancible. Apenas, de tiempo en tiempo, se ha observado algún resplandor producido por el movimiento de algún astro rutilante.
>
> De estos pequeños bólidos es de lo que, lijeramente, nos vamos á ocupar."

E, assim, informa que Juan [sic: há tendência a traduzir, na revista, os nomes das pessoas e os títulos das obras, evidência de distância] Félix Pereira, acabava de concluir a publicação da sua tradução " dela epopeya de Klopstock (*El Mesías*)" e de anteriores traduções por ele feitas; do livro de versos *Cânticos da Aurora*, de Narciso de Lacerda [n1858], editado pola célebre Ernesto Chardron, de que comenta:

> "Si bien la mayor parte de sus composiciones son inspiradas por la antigua musa romántica, y subordinadas á un subjetivismo trascendente, que positivamente no está ni en la índole, ni en las tendencias, ni en las convicciones del mundo moderno, no por ésto dejan esas composicnes de ser en su mayor parte, de una belleza incontestable. En el fondo de ese lirismo insaciable y vago, hay sinceridad que nos domina y convence, suavidad y sencillez camoneanas. gérmenes de una hermosura grandiosa y épica".

Dá conta de que "Juan de Dios [n1830], el primer lirico portugués", "va á publicar dentro de poco otro nuevo volumen de poesías, que intitulará *Despedida[s] del Verano*". "Aguardamos ansiosos la aparición de esta producción más del suave poeta, para gozar de algunas horas de agradable lectura", acrescenta. E da publicação que o *Diário de Portugal* "está dando en folletín á sus lectores" da "novela original del Señor don Eça de Gueirós, [sic] de *O*

Mandarim, o " Zola portugués" a quem critica duramente, evidenciando as tensões que a nova escola realista provocava entre quem se sentia parte do seu núcleo ou à corrente aderia:

> "sus novelas tienen el inconveniente de no poderse leer con la nariz destapada. Tienen todas un tufo nauseabundo, deletéreo, repugnante: parecen escritas en un cuartel, después del toque de queda. Somos apologistas sinceros de la escuela realista, de esa escuela que tiene por fin exponer á la reprobación del público las pústulas asquerosas que infectan nuestra sociedad, y que la corrompen; mas no queremos que la decencia sea sacrificada al realismo, ni la moralidad al gusto del autor. Eça de Gueiros [sic] es un talento pujante, uno de los más preciados ornamentos de la moderna escuela, y un profundo analizador; pero es muy utopista y tiene excentricidades enormes".

Concluindo que dedicará a obra futura crónica.

Nesta, ainda dedica elogioso espaço e pormenor a "uno de los más explén-didos [sic] homenajes hechos á Luis de Camoens con motivo de su tri-centenario", "a publicación de la *Bibliografía Camoneana*, por Theófilo Braga, de la cual fué editor el Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro", sublinhando que "esta expléndida [sic] publicación no fué puesta á la venta; su ilustrado editor ofreció todos los ejemplares a las personas de su trato y á las del de Theófilo Braga"; e comenta também que " La 'Empresa 'Editora de las Obras Clásicas' de Oporto, está publicando un diccionario Portugués-Español, que, según nos pareció á primera vista, es harto incorrecto".

A crónica conclui com o anúncio de un novo volume de poesias a publicar por Angelina Vidal e que, no Porto, irá começar a publicar-se "una revista literaria ilustrada, que llevará el título de *Camoens*. E informando, por último, de que "ya está puesto á la venta el nuevo libro del Sr. Goncalves de Freitas" Oscillações (Oscilaciones). E de que tem no seu poder "algunas otras publi-caciones, más no podemos hoy hablar de ellas por absoluta falta de tiempo", pedindo por isso "a sus autores y á los amables lectores de la *Revista de Gali-cia*" "disculpen esta nuestra involuntaria falta."

Aparece no Número 15 - 10 agosto 1880, um extendo trabalho assinado por "Torre-Cores", que se prolongará no seguinte número como parte segun-da, intitulado "La *Revista Galicia* y la escuela realista portuguesa", em evidente consonância com algum dos conteúdos expressos por Macedo. Se já o título marcava estar o texto vinculado à linha editorial da publicação, o pseudónimo seria transparente para quem conhecesse, por exemplo, que algum antepassa-do da condessa, como Pedro Bazán de Mendoza" se intitulava e mesmo assina-va algum texto (caso da tradução do *La Henriada*, de 1816) como o "antiguo señor de Torrecores".

O texto manifesta um nível de relacionamento, do ponto de vista sistémi-co, mais potente e sólido que o vincualdo a presenças, alusões, imitações ou glosas recíprocas, porque se situa no campo da polémica efetiva entre agentes

dos dous sistemas em causa, de evidente fruto se este for prolongado em termos de intersistema linguístico galego-português, cousa que, evidentemente, não se produziu nem produzirá no futuro protossistema, pois o relacionamento é estritamente processado em termos de relacionamento hispano-luso. Igualmente, cumpre sublinhar a atenção à atualidade (Produção) que ele, como boa parte da atenção dada na revista ao panorama literário português, implica. E o seu potencial Importador para o protossistema que, como pode aventurar-se, não se produzirá. Seleciono, só a título de mostras, alguns passos do texto.

Torre-Cores começa assim a sua análise:

> "Al aceptar el desempeño de la sección bibliográfica, que me confió la señora Directora de esta Revista, ya barruntaba yo que no me faltarían escaramuzas y combates más ó menos reñidos: pero no pude imaginar que los primeros adversarios que me cayesen por banda serían extranjeros, y extranjeros tan distinguidos como el crítico del *Jornal de Viagens* y el Sr. Cunha Vianna. ¡Y con qué fuego salen á la palestra, y qué fieros que aparecen!"

O texto, de longa extensão para os limites da revista, está motivado polas reações das pessoas apontadas resultado da censura, que, em resenha do *Portugal a Camões*, o seu autor [atribui-se o género masculino] fizera a "dos poesías insertas en aquella notable publicación y tituladas *Sentimento d' um occidental* [de Cesário Verde, n. 1855] y *Scena Vulgar* [de Cunha Vianna, n. 1851]. Especialmente á esta segunda la califiqué de poco honesta, porque no lo es poco ni mucho". O crítico e Cunha Vianna reagiram no *Jornal de Viagens* "con apologías de los versos en cuestión, y con muchas cosas más, entre las cuales descuellan ciertas defensas, del todo oficiosas, de la escuela realista, y ciertas amenidades *á l'adresse* de mi humilde persona".

Implicitamente, identifica-se Torre-Cores com Pardo Bazán do mesmo modo que insinua ser a mesma pessoa a do crítico e a do diretor do *Portugal a Camões*, Emygdio d'Oliveira.

Não vem ao caso aqui entrar na perspetiva pormenorizada que Torre-Cores faz do realismo, que julga ter sempre existido, e do francês "realismo artificioso y exagerado, cuyos corifeos son Zola, los Goncourt, y algunos otros escritores de talento" (surgido a seu juízo como "reacción contra los radicalismos románticos"), que conta com imitadores em Portugal.

Torre-Cores exibe na sua crítica erudição e cosmopolitismo (a partir da citação de revistas literárias europeias influentes) e de conhecimento, fixando posição realista ("por lo que toca al criterio de la Revista de Galicia, mal pudiera ser sistemáticamente opuesto al realismo, cuando su señora Directora ha sido clasificada, (y con razón según entiendo) entre los *realistas*, por su novela *'Pascual López*". " Lo cierto, señor crítico", continua, em consonância com a linha exposta por Lino de Macedo "es que hay *realismo* y *realismo*, y que la cuerda realista, como todas las cuerdas literarias, puede sonar desafinada si la

pulsan con violencia". A crítica ao crítico estriba-se em que a temática e focagem do texto, que lhe parecem impúdicas, não deveriam ter sido divulgadas na publicação.

A crítica mais dura recai sobre Cunha Vianna, a quem começa por reprochar pensar que Torre-Cores visse perante ele "la desnudez de la Venus de Guido ó un cuadro de Courbet, quedaría aterrado y al día siguiente me confesaría del nefando caso. Pero, por los clavos de una puerta cochera, Sr. Cunha, que yo no soy así". Para concluir: "Por despedida, debo un saludo á los poetas y escritores portugueses, á quienes admiro y considero, y con los cuales no pienso tener *maille a partir* porque imagino que no todos profesarán el *realismo* militante, impaciente y dogmático del Sr. Cunha Vianna".

A segunda parte do artigo aparece no número 17, de 10 de setembro, em que combate a reação de Cunha Vianna: "conozco demasiado el temperamento del Sr. Cunha Vianna en particular y el de los neófitos literarios en general, para no adivinar de antemano que iba á ponerse hecho una furia con mi ratificación", afirma, perante a reação daquele, que "maltrata con inconvenientes y descorteses sinrazones á la Coruña y demás tierras de España, con la maligna intención de que yo le conteste insultando á su país, y él responda defendiéndolo, y asi se pongan de su parte todos los escritores portugueses". Torre-Cores desqualifica os argumentos e conhecimentos de Cunha Vianna, acrescentando que "no contiene el artículo del Sr. Cunha más cosas de bulto que un nuevo panegírico del realismo *zolista*, y la aseveración de que Zola (prepárense Vds. á la una... á las dos... á las tres... cataplum...) vale más que Cervantes", replicando Torre-Cores que o nome de Cervantes é universal e "vá de par con esos nombre únicos den la historia, Homero, Dante, Shakesperare" (note-se que omite Camões); "no es que lo digamos los españoles, que en materia de volver por nuestras glorias somos más que descuidados, sino que lo afirman unánimes todos los críticos del mundo todo".

Por sua parte, no número 15 volta haver um novo artigo de Lino de Macedo na seção "Revista Literaria Portuguesa". Na sua explícita intenção de focar a novidade no campo literário, ele mostra umha atitude crítica que se sobrepõe a qualquer tentativa propagandística. Se podia esperar-se que, quem falava desde outro sistema e a ele pertencia, também por nação, adotasse umha posição publicitária e exportadora de bens, a atitude de Macedo transmite, por isso, confiabilidade (pola consideração *autocrítica*) e atua sem alfândega nesta parcela do sistema espanhol em que funciona. Isto, em termos sistémicos, espelha um fluxo que é determinante nas relações intersistémicas. "Disculpe el amable lector si es exigua de noticias; pues las obras publicadas durante los últimos quince dias son tan pocas y de tan pequeña importancia, que no me fué posible escribirla en otra forma", começa por escrever Lino de Macedo.

O crítico alude positivamente e por extenso a *A Varanda de Natércia*, de Alberto Pimentel. Depois aborda *La Escuela Realista y la Moral* (que já fora citado por Torre-Cores em apoio das suas teses, no artigo supracitado) de Alberto Carlos, "un joven que estudia mucho y escribe razonablemente". Macedo critica "este libro es ofrecido á las madres y destinado á *descomponer*—es el término—la moderna escuela literaria que el autor denomina *realista*", por o seu autor se colocar "en un punto de vista falso y antipático, considerando la escuela realista como un comercio vergonzoso con la literatura", atribuindo os seus "sectarios" duas finalidades "*conquistar fama por el escándalo y de ganar dinero por la divulgación del vicio*".

Macedo aproveita para indicar que "nos abstenemos de entrar par ahora en la apreciación critica de las dos escuelas de literatura, nos queremos en este momento, conservar neutrales, enteramente ajenos á esa lucha gigantesca trabada entre el romanticismo y el naturalismo", manifestando a classe de tensões fortes que, em diversos campos literários europeus e americanos, se viviam.

De resto, quem na altura ler a crónica podia situar-se a par das polémicas que estavam acesas no sistema português, ao aludir, livro e crítico, ao *Eusébio Macário*, de Camilo Castelo Branco, romance que Macedo considera realista e brilhante, que acabava de ser publicado gerando contorvérsias entre românticos e realistas-naturalistas.

Macedo informa também de novidades historiográficas [do início da publicação de *Descubrimientos y conquistas de los portugueses, en las tierras de ultramar en los siglos XV y XVI*, de E. A de Bettencourt (n1825)]. E acaba informando sobre um romântico central e um incipiente naturalista; assim, dá conta de que "ya se publicó la dulce poesía *Surrexit* que el egregio poeta Thomas Ribeiro [n1831] escribió con ocasión del centenario de Camoens"; e que "la biblioteca del *Cura de Aldea* también expuso há pocos dias á la venta un libro más del Sr. Augusto Vieira [n1856], intitulado *Os nosos* [sic] *vestidos*".

Nos números 16 e 17 não se publica a "Revista literaria portuguesa", que volta no número 18, de 25 de setembro, e com ela, a mesma censura de Macedo ao panorama literário do seu país, justificando a sua ausência por "apesar de indagar y escogitar mucho, de leer muchos libros y periódicos", não ter conseguido "obtener asunto para escribir mi modesta reseña en los dos últimos números de la *Revista de Galicia*".

Macedo principia, "por dar algunos detalles de los preliminares del Congreso literario internacional, que debe reunirse en Lisboa el dia 20 del corriente, por parecerme que deben interesar á los ilustrados lectores de la Revista" e da chegada dos primeiros participantes. Da reedição da *Historia de la Música Portuguesa* de Sebastian da Rocha Pita; da auto-edição de *Podridões modernas*—(Corrupciones modernas), de Roberto Valença [pseudónimo de

Domingos Manuel Fernandes, provavelmente: desconheço a data de nascimento], prefaciado por Camilo, que lhe parece "un estreno excelente" e de que transcreve alguns versos. Por comparação e apontando-lhe algum defeito, alude a que em "*A Morte de D. João* (Muerte de don Juan) de Guerra Junqueiro, por ejemplo, también la falta de unidad se reconoce luego á primera vista". "Por estos versos", conclui Macedo, "pueden los lectores analizar el mérito de algunos trozos, de este volumen, cuyo principal valor está en ser un producto de nuestra época revolucionaria; y como tal, venir en la corriente moderna de la idealización naturalista".

Encerra a crónica anunciando "otro libro más de la erudita escritora D. a María Amalia Paz de Carvalho, intitulado *Contos é phantasias* (Cuentos y fantasías.) e que "el Sr. D. José de Arriaga [n1844] acabava de publicar um livro "importantísimo, bajo el titulo de *La política conservadora y las modernas alianzas de los partidos poíticos portugueses*", "un ilustrado é independiente resumen de la historia política, de las luchas políticas y de los partidos políticos de Portugal, hecho con el elevado criterio y profundos conocimientos que posee su autor".

Como o próprio Lino de Macedo indicará, no número seguinte, o 19 de 10 de outubro, a "Revista Literaria portuguesa" será substituída por umha crónica do "Congreso literario internacional" que se celebrava em Lisboa, e que fora aberto com a intervenção do político e escritor romântico Mendes Leal [1820], dando conta de várias das personalidades internacionais que assistiram, e em que se trataram assuntos como o "derecho de propiedad y de reproducción con respecto á la música", falsificações de obras, direitos de autoria, propriedade literária e tradução (incluindo "el hecho de que algún autor de mérito puede tener el capricho de no consentir la traducción de su obra, privando así á las naciones extrangeras de apreciars us buenas producciones"), fundamentalmente no quadro inernacional. Também da criação dumha revista com esse âmbito e a decisão de ser o próximo congresso em Viena de Áustria.

A extensíssima crónica detem-se em ações que são de interesse ao nosso propósito, particularmente, nos votos que são formulados no Congresso. Assim, conhecemos que "el Sr. Baetzmann exhibió la manifestación de un voto extremadamente lisongero para Portugal y en cuya exposición elocuente y entusiasta se leen las más francas expresiones de cariño":

> "Este voto fué consagrado por ardientes aclamaciones. Es el siguiente:
> 'El Congreso literario internacional preocupándose acerca de la dignidad de los escritores é inspirándose en el ejemplo que le es dado por el país del cual es en este momento huésped agradecido, expresa el voto de que en todos los países la literatura, sea cual fuere la forma en que se manifieste, sea libre de los embarazos que sobre ella le hacen pesar las leyes de excepción, y no sean admisibles sino las leyes que rigen el derecho común'.

> Igualmente, informa que "el Sr. Cazado [sic] elogia á Portugal, saluda la libertad y salúdala en la persona de Víctor Hugo; habla de nuestra libertad y de la Carta constitucional, elogia al Sr. Mendes Leal, á Pinheiro Chagas, *verdadero autor*, y á Eduardo Coelho, *verdadero periodista*". Também que "el Sr. Dr. Conrad hace el elogio de nuestro pais, habla con entusiasmo de Lisboa, de la que se ocupó Lamartine, hace asimismo el elogio de Camoens", afirmando que "la Asociación internacional hizo una revolución en los pensamientos de todo el mundo" e que 'El principio de *propiedad literaria es un principio de moralidad y de progreso'.*

Dá conta Lino de Macedo dumha "brillantísima improvisación" feita por Pinheiro Chagas [n1842], e cumprimentando "entusiasmadamente á la Francia, á Alemania, á Italia, á España, á Polonia, a Escandinavia y al Brasil y agradece de nuevo á los señores del Congreso literario en nombre de los escritores portugueses, la distinción de ter escolhido Lisboa como sede deste.

E acaba a sua crónica indicando que "el Sr. Ulbach, dando por finalizada la sesión del Congreso, profirió algunas palabras muy elocuentes y muy expansivas de estima y consideración por el pueblo portugués, que dijo poder servir de modelo á los pueblos libres de Europa, y terminó diciendo: *Acabo este grito del corazón ¡Viva Portugal*"

Por parte portuguesa, são salientados os nomes do Duque d'Ávila [n1807], Silvestre Ribeiro [n1807], Joaquim Vasconcellos [n1849], Silva Tullio [n1818], Fonseca Benevides [n1835] e Eduardo Coelho [n1835], além dos citados Mendes Leal e Pinheiro Chagas.

Assim concluía as crónicas do mundo cultural português na *Revista de Galicia*. No número seguinte e derradeiro, o 20 de 25 de outubro, não houvo já presença de atualidade portuguesa.

Ora, brevemente: podemos constatar que forom, ao menos, citadas várias das figuras centrais do complexo campo português da altura e que se deu especial atenção à emergência de novos agentes de campo; igualmente, forom dados nomes que, ainda que secundarizados, tinham umha presença relevante nesse campo (e, como veremos, da atualidade camoniana vinculada à celebração do tri-centenário da morte do escritor). Deu-se conta de acontecimentos editoriais e sociais de relevo, exerceu-se crítica e reflexão sobre assuntos de forte tensão em diversos campos, centrados no português, com indicação de algumhas das suas principais figuras. Isso, tanto da parte do cronista Lino de Macedo como da diretora da revista, amparada no seu pseudónimo de Torre-Cores, prova, um caso e outro, dos contatos por ela estabelecidos. E também de assuntos de atualidade internacional e diretamente relacionados com o ofício da escrita profisional ou amadora.

A essa atualidade estava também atento o *Liceo Brigantino: Eco de las secciones de literatura, ciencias, música y declamación*. No seu número 9, de 20 de outubro de 1882, é anunciada a colaboração de Alberto Bessa [n1861], na altura

colaborador dos jornais socialistas do Porto *O Operário* e *O Protesto Operário*, por convite do diretor do *Liceo*, o militar Ricardo Caruncho [n1848], para fazer umha "Revista de Portugal" para este periódico. Bessa é introduzido como

> "distinguido escritor de aquella nación, amante de este pais y entusiasta por la prosperidad y adelanto de todas las asociaciones y centros que como el Liceo. Brigantino tienen por objeto difundir la enseñanza entre las clases todas de la sociedad y que tan alto renombre las clases todas de la sociedad y que tan alto renombre ha sabido conquistarse desde su fundación, debido á sus certámenes musicales y á las diferentes secciones en que se halla dividido".

E, certamente, no número 10, de 30 de outubro de 1882, começa este discípulo de Teófilo a sua colaboração, a cuja motivação não seria porventura alheia a mão da também colaboradora do *Liceo* Emilia Pardo Bazán. Este periódico, que presta algumha atenção à atualidade regionalista, situa-se claramente no sistema espanhol e assim situará também e ainda mais determinamente, o relacionamento com Portugal. De facto, a introdução à primeira revista abre com estes versos do poeta da Extremadura espanhola P. Vicente Barrantes Moreno [1829]: ¡Vedle ! Pasó.— Es el Caya,/ que apenas moja la abrasada tierra/con las campiñas portuguesas raya/ y las campiñas españolas cierra", apesar de o rio Minho ter sido mais utilizado por agentes da Galiza no esquema relacional e estar mais próximo…

O tradutor (Ricardo Caruncho, o diretor do *Liceo*) afirma sentir "tener que traducir las correspondencias de nuestro inteligente corresponsal, porque de seguro en nuestras manos perderán la naturalidad y galanura que les carateriza: pero de antemano contamos con su benevolencia, confiados en su galantería y cariñosa amistad".

E começa a revista, com umha nota de rodapé com dados sociodemográficos, administrativos, geográficos, etc. de Portugal.

A perspetiva é mui similar à de Lino de Macedo no caso da *Revista de Galicia*, manifestando, assim, pertencer a umha atmosfera intelectual que, mui provavelmente, tenha em Teófilo o seu principal referente. De facto, o primeiro enunciado vai referido a manifestar que, depois das honras àquele "gigante que inmortalizó en versos de oro la fama de este pueblo, parecía que un renacimiento se operaba en Portugal que en realidad no correspondió á la espectativa". "Estamos en un pueblo muerto y nada hacemos por salir de esta postración" [sic: lembre-se que tentamos ser sempre fiéis ao original]. "Nuestra literatura nada produce, y tanto en esta, como en el teatro, como en las artes. Nos limitamos a imitar, sin esforzarse en obtener originalidad", remata.

Com estas expressões, e após falar de diversas traduções feitas na altura, ganha maior fortaleza o comentário que fará a umha das "honrosísimas excepciones", a *Lyra íntima* de Joaquim d'Araújo [n1858], distinguido poeta cuanto escelente caballero; *Nocturnos*, de Goncalves Crespo [n1846], elegante

rimador; y *los Sonetos* de Anthero de Quental [n1842], fllósofo admirable que tiene la paciencia de darnos unas lecciones magníficas bajo forma encantadora y aprovechable".

A propósito do libro de Araújo, informa que, em próximos números, será publicado em tradução o folheto *A Poesia na actualidade: a propósito da Lira intima de Joaquim Araújo: estudo crítico*, que se publicara no Porto (Porto, Off. Tip. de José Eduardo Alves), em 1881, da autoria de Antero de Quental, e que, diz Bessa ser "un pequeño folleto sobre el arte poética, denominado *A poesia na actualidad*e, y que me acaba de ofrecer, que ha dejado profundamente apesadumbrado al festejadísimo autor de la *Lyra intima*". "En la próxima revista diré á Vs. lo que pienso sobre ese folleto que solo por lo poco que en él he leido me parece de alta trascendencia, por lo atrevido de algunos de sus pensamientos", afirma Bessa.

Dá conta depois de ter assistido à representação de *Casamento civil,*obra realista, da autoria de Cipriano Jardim [n1842] . "Hay quien afirma que el drama no satisface al título que envuelve una tesis de grande importancia", comenta. Trata outros aspetos da atualidade e conclui, em *post scriptum*, informando da publicação dumha *Nova Gramática da Língua Portuguesa*, de Francisco José Monteiro Leste, autor também doutro livro "útilísimo": *Subsídios para ó estudoda língua portuguesa*, dando evidência do elogio internacional por este merecido e recomendando estes livros a "todas personas que se dediquen al estndio de la lengua de Camoens". Sobre eles, como sobre a obra de Jardim, voltará no número 12.

Enfim, que, com o filtro da sua escolha e impressão, o cronista passa em revista, como Macedo antes, a atualidade editorial portuguesa no campo literário, *sensu amplo*.

O número 11, de 10 de novembro, inclui o artigo "La Idea" ("Ideia Nova" era fórmula usada por intelectuais portugueses para referir-se ao realismo português e as ideias que o sustentavam), de Lino de Macedo. Macedo faz um excurso polo conceito inteletual da ideia desde o "hombre primitivo" até aos dias coevos, para afirmar que "la humanidad penetra en el siglo XIX entonando un canto de redención y de progreso", chegando a "alcanzar su eterno triunfo y asegurado el porvenir de la humanidad", tendo vencido "las guerras feroces de los opresores": "Gloria, pues, á la inmortal Idea, que ha de llevar á la humanidad al mas alto grado de perfectabilidad humana", exclama conclusivamente o autor em tradução de Caruncho.

No número 12 de 20 de novembro (em que se publica o poema "Ay" de Curros, traduzido para espanhol), Bessa situa a sua colaboração no quadro

iberista que estava em debate na altura, no relacionamento luso-espanhol e em que a Galiza está ausente[271]:

> "En verdad, España y Portugal son dos naciones cuya historia es igual, como iguales son sus costumbres, sus iradiciones y sus merecimientos. Estos dos países, son dos hermanos que debian vivir unidos: pero que por pequeñas rencillas, se conservan aún separados. No me parece, sin embargo, muv lejano el dia en que la unión de España y Portugal, la unión de estos dos pueblos peninsulares será un hecho, cuando el buen sentido se digne presidir nuestros actos. Esta es al menos mi opinión franca y lealmente espuesta, sin preocupaciones ni recelos de ninguna especie".

Na continuação, comenta o "atrevido cuan justo folleto" de Antero, que sugerece ser citado como tomado d'*O Povo de Aveiro* (que recebia e resenhava em algumha ocasião a *Liceo Brigantino*, como pode ver-se, por exemplo, no número 62, de 1 de abril de 1883), "escelente [sic] periódico que se publica en la tierra que se envanece con haber sido la cuna del gran tribuno portugués,don José Estevao Coelho de Magalhaes", e que começará a publicar-se no número seguinte.

De resto, comenta que, "respecto á literatura nada nuevo se ha publicado digno de mencionar. Publícase en la actualidad una biblioteca espiritista que ninguna importancia tiene para los que piensan en serio". Alude à atualidade treatral, já comentada no número anterior, e musical. Também a reação contrária, concretizada num artigo de Jaime Víctor, "un famoso talento portugués, redactor del *Diario da Manhã*, de Lisboa", a um "artículo escandaloso del Fígaro del 26 de Octubre firmado por Octave Mirabeau y titulado *Le comedien*".

Anuncia ter recebido "de España la novela de D. Ubaldo Quiñones [1843, escritor naturalista], *Juan de Avendaño*, que pienso leer".

No número seguinte, o 13, de 30 de novembro, começa, pois, a publicação do artigo de Antero de Quental (que se indica ter sido publicado originariamente no número 8.228 de 7 de julho do *Jornal do Comércio*), antecedido dum "artículo crítico por Alberto Bessa".

Bessa começa a sua "lijera apreciación sobre el trabajo trascendental de Anthero" indicando que ele senta "aseveraciones que ha de costar trabajo sean aceptados por algunos; pero que para mi -un pobre diablo que no es poeta- para y muchos mas son verdades descritas con una precisión matemática". Após dar conta da polémica havida entre Antero e D. Henrique das Neves por causa do folheto, sintetiza a sua apreciação:

> "Dice Anthero, con mucha razón y con no menor justicia que la poesía ya no tiene misión social que cumplir. Y es verdad: hoy que los progresos en las manifestaciones po-

---

[271] Até um autor, assíduo na revista com as suas publicações, Alejandro Carré, talvez familiar de Carré Aldao e que assina desde Lisboa os seus textos, nunca aparece nas coordenadas de relacionamento galego-português; polo contrário, nos seus textos as suas referências identitárias explícitas são as do Siglo de Oro espanhol (vid. número 20, de 10 de fevereiro de 1883).

> derosas del espíritu humano, las modernas conquistas de la ciencia, los recientes descubrimientos de los sabios que ocupan la atención del universo ¿merece la pena de cambiar un universo por otro, que se distraiga la atención de cosas de una actualidad real para oir exclamar á un poeta, cosas muy lindas, si, frases más huecas, más sonoras; pero que en el fondo nada valen, comparadas con la noticia de un descubrimiento geográfico, con una demostración de la ciencia astronómica, ó menos aún; con la simple invención de un aparato nuevo destinado á simplificar cualquier trabajo de la vida social?"

O texto de Antero e a reflexão consequente de Bessa concentra a nossa atenção a vários títulos mas aqui e para o que nos ocupa, apenas queremos indicar que este era um debate forte em muitos campos literários e intelectuais europeus e americanos que, no caso português, começara por provocar fortes polémicas estético-ideológicas entre românticos de diferente tipo, realistas, defensores da Ideia Nova, etc., que tivera na polémica *Bom Senso, Bom Gosto*, também denominada *A Questão Coimbrã,* entre 1865 e 1866, um prólogo extenso. E que Antero, um dos fundadores do Partido Socialista Português, em 1875, republicano e positivista, era, como figura e na sua obra, um elemento central do debate e referencial para os grupos seus parciais.

Com o texto de Antero, quem ler na altura o *Liceo Brigantino* podia estar acedendo às tensões mais fortes presentes no campo português e a um dos debates europeus de maior envergadura no âmbito literário e cultural.

E, antes de transcrever algumhas frases de Antero de Quental, afirma a sua dívida com ele, sentenciando, como Antero faz, que "la poesia, propiamente dicha, la poesía considerada como institución social", tiende á desaparecer, y lo que es más, la poesía misma fué la que apresuró el periodo de su decadencia: se suicidó, no fué asesinada". "Anthero", continua Bessa, " asi lo dice , aunque valiéndose do otras frases: "… la propia poesía se encargó del oficio cruel, oficio que seria impio si no fuese fatal, de publicar su absurdo, de contradecir su íntimo principio, de renegar de su importancia".

E enfatiza Bessa:

> "Asi es: la poesía a fuerza de tanto idealizar, va declinando en el horizonte presto á desaparecer. Como cosa útil ya no tiene existencia posible. Anthero no dice, no puede decir, creo yo, que el versificar concluya, no, señor; lo que dice Anthero es que: «La poesia épica, trágica, lírica—esa hermana de la metafísica y de la religión — tendrá que desaparecer; pero que subsistirá la poesia subjuntiva, familiar y personal, como espresion de los estados del espírito, bien sean particulares, estraños ó pasajeros»".

> "«La poesia se conservará, pues; mas habiendo perdido su antiguo caráter, de ser una de las grandes fuerzas sociales y espirituales de la Humanidad; el de agente poderoso de la civilización. Ya no se levantarán ciudades ni se civilizarán pueblos al acorde augusto de la grave Lira de Orfeo: esas cuerdas solemnes y soberanas han enmudecido para siempre; pero las más tenues, las más dulces seguirán vibrando solo para dar gusto, para consolar á algunas tiernas y juveniles almas.»"

E conclui Bessa os seus comentários:

> "De cuanta verdad encierran estas líneas pronto han de llegar á convencerse los que aún hoy no las reconocen. Demos tiempo al tiempo. Del resto del opúsculo *La poesía* [en] *la actualidad*, firmado por el respetable nombre de D. Anthero de Quental, solo diré, que es muy digno de reflesión. Hay en él frases y pensamientos de mucho valor, y raras veces en el agostado campo de la literatura portuguesa aparecen libros tan importantes y trascendentales, como este folleto de que nos ocupamos á largos trazos, temiendo hacernos molesto á los lectores de este periódico, agenos á estas cuestiones"

"temiendo hacernos molesto á los lectores de este periódico, agenos á estas cuestiones": mas o folheto será publicado na íntegra. Se o *Liceo* o publicava era ou por calcular o interesse para @s leitor@s e/ou polo prestígio do nome que estaba em jogo. Convertia-se em atualidade o debate português para o universo leitor da publicação, que acediam a e, assim, faziam parte de, o sistema literário português através do opúsculo e da sua introdução.

Com estas teses, não era difícil imaginar certa refração do galeguismo em geral; este provavelmente sentia a necessidade de e, em todo o caso, funcionava no seu relacionamento com Portugal, mais em, a procura e consolidação de vínculos comuns essenciais e orgânicos do que propriamente no desenvolvimento de géneros e ideias estéticas e políticas que estavam sendo centrais no âmbito luso, com umha expressão escrita difícil para o hábito leitor português. O terreno da poesia ainda oferecia alguns vínculos de *modernidade*, no caso galego, mas, no resto do repertório, o afastamento era evidente, ocupado o espaço sistémico quase absolutamente pola Produção espanhola e em espanhol.

E, em minha opinião, há outra razão condicionante: o grupo da Corunha, sem dúvida dentro dos grupos galeguistas o mais dedicado e autonomista e que apresentava um leque repertorial mais alargado, estava, fundamentalmente, composto por historiadores, filólogos, editores… , mais ainda com o principal escritor a ele vinculado, Pondal, em parte retirado, e exclusivamente poeta. Isto explica, em parte, por um lado falta de interesses noutras esferas, a orientação e as carências no mundo literário por eles promovido. Também não tinham modelos próprios bastantes e abrangentes... E a materialidade do código escrito não ajudava para umha mais fluído funcionamento no campo português. Baste comparar a rede de Pardo Bazán, que mostra o alargamento dos seus interesses e os campos em que quer funcionar com a atividade e redes do grupo corunhês.

Significativo da consideração de assimetria com que alguns agentes regionalistas enfrentavam o relacionamento galego-português e o conhecimento mútuo é o artigo do Marquês de Figueroa, no *Almanaque de Galicia* (de 1 de janeiro de 1891, PP. 40-44), "Carta al diretor de *La Monarquía"*. O autor alude à renovação do relacionamento galego-português através da literatura como necessário. Mas vai ir além na crítica à intelectualidade portuguesa,

no sentido de desconhecer a atualidade cultural galega. Assim, a propósito do livro de Silveira da Motta, Juan Armada afirma que esse autor (p. 44) "no sabe de Pondal, ni de Curros, Lama, Losada, ó García Ferreiro", anotando que, "en cambio, nuestros poetas gallegos conocen la literatura portuguesa". Armada, como ele mesmo já indica, cita apenas poetas (com a parcial exceção de Losada). Mas, fundamentalmente, coloca um comentário que manifesta, em parte, a complexidade do proceso galeguista e de algumha assimetria de intereses: "los escritores portugueses que como Braga rehabilitan nuestro pasado", diz, "deben conceder su atención al movimiento literario actual tan digno de estudio". E, um pouco mais para a frente": "más que los portugueses de nosotros conocemos nosotros de ellos", sublinhando os "estudios sobre literatura portuguesa muy dignos de recordación" de "D. Antonio Romero Ortiz". Dez anos mais tarde da publicação da *Revista de Galicia*, a *Liceo Brigantino* ou *La Ilustración Gallega y Asturiana*, e na antesala do período que aqui focamos, os comentários de Armada colocam o assunto de presenças e relacionamentos em termos complexos: setores galeguistas (sempre com escasseza de agentes, forças e recursos) entendiam que deviam legitimar, em boa medida, a sua existência no *passado*. E, nesse sentido, reclamavam essa *costela* de agentes como Teófilo ou Leite e neles encontravam correspondência de interesses. Essa prioridade preteria (juntamente com problemas comunicativos doutra índole, materiais e de código escrito, por exemplo) um trabalho de maior difusão da produção coeva, prioridade que para nada sentiam agentes subsistémicos galegos e que podiam destinar energia a um relacionamento sustentado na atualidade produtiva. Dessa prioridade deprendia-se o correlato de *importar legitimidade*, que, na congruência com aquele passado, pretendia alicerçar-se em modelos clássicos e consagrados (a começar por Camões), o que era mais um reforço do investimento na Importação da Tradição, mais do que na da Produção. Se a isso unirmos razões de índole ideológico-moral e estética, tanto no entendimento do caráter que a produção galeguista genuína devia ter como na perceção, ao menos receosa, da *modernidade* que muitos agentes afirmavam, as possibilidades repertoriais no relacionamento reduziam-se, reduzirão-se, de modo importante, como veremos. Ponhamos o caso de Leandro Saralegui e Medina, por citar outro nome regionalista, como exemplo dessa refração. Nos seus *Estudios sobre Galicia*, publicados por Andrés Martínez Salazar na Corunha em 1888 (La Comercial, estab. tipográfico de la Papelería de Ferrer), afirmava, a páginas 184-185:

> "Por otra parte, el caráter propio del esmero y corrección de estilo y de lengua, síntoma, como dice Renan, de una disciplina austera, un hábito de castigar el pensamiento y de sacrificar sus excesos, que son incompatibles con la inferioridad ó el desorden del espíritu, trasciende también al fondo de las poesías del vate ferrolano [Canals] que, tanto como se apartan de la licencia en las formas, distan á la vez de las desnudeces y extravíos de ese naturalismo desordenado y ciego, harto común en Gali-

> cia, así como de las exageraciones de la demagogía socialista, desesperada y declamatoria, que alientan en las producciones de muchos de nuestros poetas contemporáneos y que, más bien que fruto de la influencia germánica ó francesa, es el reflejo del espíritu revolucionario de los líricos portugueses modernos de la escuela de Guerra Junqueiro, Lousa [sic, por *Sousa*] Viterbo, Figueiredo, Gomes Leal, Bettencourt Rodrigues, cuyos cantos de exaltación fervientísima, pugnan, más bien que armonizan, con la línea propia de nuestros afectos locales, en que no han influido hasta ahora, con la profunda intensidad que en ellos, las causas de que proviene la terrible agitación palingenésica de los pueblos germánicos, moscovitas y sajones de nuestro días".

O *Liceo* publicará a tradução do folheto, concluindo esta no número 16, de 10 de janeiro de 1883. De por meio, leitores e leitoras tinham acesso a reflexões, salvo erro, inéditas no âmbito galego ou espanhol. No número 15, de 20 de dezembro, podia ler-se a afirmação anteriana de que, com o romantismo, concluiu a força social da poesia: "el ciclo poético del fin del siglo pasado y de principios del actúal, es apenas un incidente, el destello de la vieja aurora que antes de morir concentró en él sus últimos reflejos". " Esa poesía—señal bien clara de decadencia—es toda subjuntiva", continua Antero, para ofrecer esta análise, em que inclui as figuras de Herculano e João de Deus, fulcrais na receção galeguista, sobretudo o primeiro:

> "Es el individualismo, el *egotismo* en que se inspiran sus grandes representantes Byron, Shell[e]y, Schiller, Heine, Lamartine, Hugo- el más perfecto de todos— Mierkiewicx, Espronceda, Herculano, Joao de Deus –que no por venir tarde deja de pertenecer á esa ilustre familia— Leopardi y Foscolo. Todos estos no representan ya la vida colectiva del espíritu humano, la creación y las aspiraciones del mundo, la apoteosis gloriosa ó sombría de la humanidad que les tiene por sus intérpretes, no; únicamente si aciertan á representarse á si mismos, últimos de una raza condenada por la opinión a desaparecer, y que sintiéndose heridos en su interior, sintiendo que la vida se les escapa, preguntan inquietos al horizonte y, bien llorando ó rugiendo, se disponen para morir"

Antero aprofunda em Goethe, Heine, Baudelaire … E Poe, de quem afirma "sentaba la desesperación en el sagrado solio y le hacía repetir, en un sonambulismo de tédio incurable, infinito, su estribillo de muerte, «¡Never, oh, never more!»", verso que utiliza parar sentenciar que "asi fué que la poesía, en la segunda mitad del siglo XIX, profetizó al mundo, á su modo, práctica y poéticamente su próxima desaparición. El mundo la oyó, pero nada comprendía. Hasta que pasó, que entonces recordó el «¡Never, oh, never more!»"

O cientifismo na apreciação da função literária fica patente em Antero, com explicitações como esta:

> "Y hoy ¿qué es la poesía? hoy ¿qué misión tiene el poeta? ¿qué dice al mundo que valga la pena [tara que esto se detenga en su marcha á escuchar su cantar? Un experimento de Berthelot ó de Wirchow; un descubrimiento de Darwin ó de Haekel; una página de histeria do Ranke ó de Renan, hablan más al espíritu del siglo, valen más, pero cien veces más que toda la babel de estrofas sonoras de Victor Hugo"

Esta parte da tradução publicada neste número concluía com afirmações difícilmente assimiláveis por um movimiento que tinha na produção poética o seu quase único (e, sem dúvida, central) veículo de utilização (pragmática) da literatura:

> "Y el mundo ¿que le dice al poeta para que se inspire? ¿Qué le pueden decir el determinismo el trasformismo, la concurrencia, vital y la fatalidad de la Historia? El mundo real, visto a la luz de la ciencia, es una cosa atroz—atroz y al mismo tiempo inespresiva. ¡*Despair and die*!
>
> El divorcio es completo. La poesía dejó de tener misión social. Los pocos poetas que aún existen, apenas son restos carcomidos de otra raza, de otras edades que en breve habrán desaparecido.
>
> La poesía pasó, decididamente, a la categoría de literatura amena—al lado de la teología, otra literatura también especial; pero con la diferencia de ser más empalagosa. *Requiescant in pace*".

Com a pregunta do texto "¿Quiere esto decir que la poesía, ó por lo menos, e versificar, ha de desaparecer por Completa?" anunciava-se a conclusão para o próximo número.

E assim entra no número 16, de 30 de dezembro, a tradução, e com ela a resposta, que transcrevo e antecede às linhas selecionadas por Bessa:

> "No, no es ese mi pensamiento. Pero se me figura que quedará reducida á la espresión de pensamientos muy personales y muy limitados, y cultivada y querida tan solo por aquellas personas que, por naturaleza bien sea permanente, como les pasa á las mujeres, ó bien temporalmente, como les sucede á los jóvenes dotados de alguna fantasía, se revuelven contra la tiranía de la reflexión y tienden á aislarse en un mundo de sentimientos, de influencia mortal para el espíritu analítico y positivo de esta época"

Antero afirma que os "versos de D. Joaquín de Araujo, joven en quien brillan dotes literarias nada vulgares", "parécenme menos malos, que no representan mal la tendencia de la poesía que aún podrá subsistir dentro del estado social y mental, enteramente amoldada á la ciencia y dirigida por un espíritu de análisis y de reflexión", prosseguindo em considerações da índole das já citadas e transcrevendo alguns versos do original de Araújo e recomendações dalguns dos que julga melhores poemas.

Por sua parte, Bessa reatava a sua "Revista de Portugal" no número 10, de 10 de janeiro de 1883, na que, provavelmente, fosse a colaboração portuguesa mais estável, intensa e atualizada num meio galego em curto espaço de tempo que, na década de oitenta e em todo o período aqui focado, houvo em todo o espaço cultural galego; "acreditada revista", indica o cronista, "que está siendo, con justicia, muy bien apreciada en Portugal"; e não teria nem terá o galeguismo muito melhores canais e audiência diretos que o que tem a *Liceo*. Há, também, atenção a outros sistemas, particularmente ao espanhol e ao galeguista (textos de Campoamor e de Albino Simón, compartilham o número

24 de março de 1883), mas também ao francês, por exemplo, com a tradução dum texto de A. Daudet, no número 23.

Bessa comenta não ter podido, por doença, enviar a crónica no mês de dezembro (na realidade, *ocupado* o espaço polo texto de Antero). Bessa sublinha o valor do texto de Antero elogiando o texto e a tradução, que, em Portugal, "ha sido aquí muy bien recibida y apreciada" e que "bien merece ser trasladada á [sic, por *de*] las columnas del periódico á las páginas de un libro, que de seguro será muy bien aceptado en toda España".

Bessa fala depois de "la monotonía en que se encuentra el arte dramático en Portugal"; fala dumha bem sucedida estreia de "*Othelo* ó *el moro de Venecia*" no teatro de Dª Maria II; do *La Taberna*, no teatro Baquet, do Porto, "calcado en la tan manoseada novela de Emilio Zola, titulada; L*'Assomoir*", "un buen, arreglo y que ha sido regularmente desempeñado por los estudiosos y respetables artistas que actúan en este teatro". A seguir (e dando a impressão de que falta algum texto, polo corte abrupto sem referência) lemos:

> "*La hija del mar* [de J. L. Clarange Lucotte] es un dramón del género antiguo que tiene dado á este teatro muchos llenos y abundantes beneficios. El drama es imposible y falso; pero está tan bien ordenado, las escenas de efecto tan bien dispuestas y el desempeño es tan perfecto que el público no se cansa de aplaudir y de llenar el local cuando este drama sube á escena".

O teatro era, na altura, como se sabe, um espetáculo fundamental no entendimento do ócio burguês e no funcionamento do sistema cultural, particularmente como espetáculo masivo. A crónica teatral ganhava maior interesse (e esta é, sem dúvida, a razão da forte atenção da *Liceo* ao teatro) para esta publicação "Eco de las secciones de literatura, ciencias, música y declamación", como se subtitulava. De facto, aparecia na revista, em ocasiões, crónica da atividade teatral madrilena, por exemplo.

Dá notícia do acolhimento em Portugal "del nuevo drama de Echegaray que la crítica española acaba de recibir tan benévolamente y por cierto con toda justicia". Comenta depois que "se acaba de publicar *La ciudad del vicio*, libro de cuentos de nuestro brillante prosista Fialho de Almeida, editado por la acreditada casa Chardron", obra "muy digna de aprecio y de estudio".

Acusa recibo da "graciosa oferta de un ejemplar de la *Filosofia de la Caridad*, original de don Ubaldo Quiñones, persona que hace mucho tiempo me honra y distingue con su amistad", "obra de lectura instructiva y popular, que aprovecho la ocasión para agradecer al autor su envío y recomendársela al público".

E informa de que, nos meios portugueses, começava a "murmurarse" um plágio de *Recuerdos de Italia* de Emilio Castelar por parte dum "escritor portugués, actualmente muy apreciado y que es doctor en teología", de que não dá

o nome[272]. "El acusado de plagiario vá á defenderse en...un libro que aún está escribiendo", escreve Bessa.

O número 18, datado em 23 de janeiro de 1883, abre (era habitual que assim fosse), com a "Revista de Portugal" informando da morte do político republicano e maçon (esta condição, em que podemos incluir Teófilo, por exemplo, é mui importante para entender algumhas redes políticas e culturais[273]) León Gambetta," una de las más profundas puñaladas con que el año hirió á la gloriosa Francia". "Toda la prensa portuguesa, prescindiendo de sus opiniones, retrogadas ó avanzadas, prestó el debido homenaje al gran talento que en sí llevaba encarnada toda el alma de aquella briosa Nación". A pesar de afirmar que "aquí, en las columnas de una revista literaria, no es el lugar apropósito para hacer necrologías políticas", não deixa de exalçar o que julga os seus valores políticos, como "enemigo" da "reacción".

Informa depois dos ensaios no "teatro del Príncipe Real, en Porto" de " la opereta en tres actos *O copo de prata*, traducción hecha por el Sr. Luis de Magalhães de la opereta Francesa *Le Timbale d'Argent*" [de Léon Vasseur]. "Luego que suba á la escena daré noticia de su éxito, pues de su argumento nada he de decir por ser muy conocido el original", continua, evidenciando o caráter de comunidade intersistémica em geral das obras em foco.

Também dum drama intitulado *A Restauração* do juíz Miguel Osório, "alusivo a la llamada independencia de Portugal en 1640", com o qual se mostra crítico, "pues aun cuando haría las delicias de nuestros abuelos, no es argumento de éste tiempo, de esta generación nueva, ardiente y entusiasta, sedienta de luz y de justicia y que dirije la opinión pública del país". E afirma, como mais umha mostra do iberismo e da afirmação do relacionamento luso-espanhol:

> "Todo sentimiento que tenga por base el odio á España será repudiado por la parte intelijente de esta Nación que ya no se deja conducir por palabras vanas ni por guias absurdos Esta si que es la verdad, digan lo que dijeren.
>
> En cuanto al drama...*requiescant in pace*".

Informa também de que, sob o título *As Grandes Épocas da História Universal*, "van á empezar á publicarse en un libro las magníficas conferencias dadas en Lisboa, en la Sala de *Associação dos Jornalistas*, por el ilustre hombre de ciencias, Doctor Consighéri Pedrosa [sic, por *Consiglieri Pedroso*, n. 1851], distinguido Profesor del Curso superior de letras", deputado na altura

---

272 Tratava-se de Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro, Cónego da Sé do Porto, o Cônego Alves, que publicara em 1878, na Typographia de Manoel José Pereira *Italia. Elucidario do Viajante*. O autor defendeu-se num texto, *Os Meus Plágios*, publicado em 1883.

273 Por caso, o colaborador Alejandro Carré, residente em Lisboa, dirigirá um efémero periódico: *La Masoneria de Occidente. Revista Masónica Mensual* (1885).

do Partido Progresista mas já doutrinador do republicanismo português. E anuncia de que se trabalha na ideia de traduzir para português "obra que está publicando en Barcelona el Editor D. Evaristo Martres [sic, por *Ullastres*]y que lleva por título,-*Garivaldi* [sic]-*Historia liberal del siglo XIX*". "La obra que es un compendio de doctrina democrática, parece estar destinada á causar furor en Portugal", enfatiza Bessa.

E conclui informando que Lino de Macedo, acabava de publicar "su novela realista titulada *A Filha do Jorge*".

No número 19, de 31 de janeiro aparecem uns "Cuentos portugueses" assinados por Bessa, em tradução de Ricardo Caruncho. E nada aparece de "Revista de Portugal" nos números 20 e 21. Esta é reatada no 22, de 28 de fevereiro, voltando a abrir a *Liceo*, com umha consideração sobre o carnaval para centrar-se, mais umha vez, na atualidade teatral. Fala elogiosamente do ator José Ricardo, que acabava de pôr em cena *No Sarau*, "original de Raul Didier, "un primoroso poeta portuense que cuenta aquí con grandes simpatías y con numerosos admiradores de su poderosa vena artística" e de quem mais para a frente se anuncia a representação da sua obra *Eterno Feminino*. Volta depois sobre as representações da tradução *Le Timbale d'Argent*, feita por "D. Luis de Magalhaes, traductor de esta obra y hijo del notable tribuno de la libertad, José Estevao Coelho de Magalhaes", umha a benefício da atriz Aurélia dos Santos, outra de "la actriz española, Maria del Carmen, conocida aquí por el segundo nombre, y muy aplaudida en casi todos los papeles que tuvo á su cargo", que tinha posto em cena "la comedia en tres actos *Não Cobiçarás...* traducida del español por nuestro colega Sr. Firmino Pereira, autor de la comedia *Un soneto de Musset* y miembro de la redacción del periódico *A Lucta*".

E prossegue o cronista dando novidades teatrais, entre elas a futura representação dum drama de Carlos Hugo, filho do "sublime Víctor Hugo".

Noticia igualmente que se dá por certo a ida dos "apreciables artistas dramáticos portugueses, Fustado [sic, por *Furtado*] Coelho y su mujer Lucinda Simoes", "á representar *El Gran Galeoto*, traducido por uno de nuestros mejores escritores, en homenaje á Echegaray". Coelho e Simões constituíram umha célebre e exitosa companhia que, na altura, estava sediada no Teatro Lucinda, do Rio de janeiro. "Si el hecho se realiza tendrá ocasión el público madrileño de conocer y admirar los poderosos recursos dramáticos de que disponen los dos afamados artistas á que nos referimos".

Dá notícia também de que João Penha [1838], "uno de los mejores poetas portugueses, publicó un libro de poesías que simplemente es bello", *Rimas*. E que Ernesto Pires, "otro buen poeta", publicó dos nuevos folletos en verso, *O Legado d'um Rey* y *Canções da Canalha*, versos de propaganda y liberal". Penha, lembremos, fizera parte do círculo de Gonçalvez Crespo, Junqueiro,

Antero ou Cesário Verde, e *Rimas* era o seu primeiro livro, introdutor do parnasianismo em Portugal. Pires, propagandista republicano, colaborara com Leite de Vasconcelos no *Cancioneiro portuguez*.

E também dá notícia da saída da revista satírica *A Mosca* [acusarão recibo do primeiro número no 25, de 30 de março], no Porto, dirigida por Braz de Paiva, pseudónimo que oculta el nombre de un excelente mozo [António Rodrigues da Cruz]. E, a propósito do "último número de la *Galería republicana*, que "trae el retrato de D. Estanislao Figueras, ex-jefe de estado de esa nación y que hace poco ha muerto", transcreve, de "la biografía, firmada por G. B": «La filosofía de esos dos pueblos (España y Portugal) habia alejado de su corazón los sentimientos á os cuales solo apelan los espíritus egoístas…», acrescentando que "nos asociamos á estas frases y creemos que no dejarán de asociarse á ellos todos los españoles y portugueses que guien su pensamiento por la norma del buen sentido".

Não há "revista de Portugal" no número 23, de 10 de março. Aparece, no entanto, algumha referência significativa para entendermos os conjuntos repertoriais que podiam funcionar no relacionamento e os agentes deste.

Assim, o órgão do Liceo informa da "velada"celebrado no dia 4 desse mês em que, entre outras atuações, tivo lugar a do "concertista de cítara portugués D. Reynaldo Alvarez Varela [não conseguim identificá-lo mas, provavelmente, era de origem galega] que hizo primores en ese instrumento, acompañándole el inteligentísimo guitarrista Sr. [José Castro González, n. 1857] Chané. O concertista interpretou várias trechos de obras de música erudita, "siendo aplaudidísimo al final do cada número y obligado á presentarse en el palco escénico á ejecutar otro número, cantando luego á instancias del público el canto popular portugués, llamado el Fado, canto sentido, dulce y que dicho con agradable y simpática voz y muchísimo sentimiento entusiasmó á la concurrencia". Acabaria por encerrar a velada com sucesso "el Sr. Muñoz, pues artista aplaudido ya en todos los teatros de Galicia y Portugal, pisa las tablas con la soltura y desembarazo de quien se halla dominando la situación".

Torna a "Revista de Portugal" no número 29, de 10 de maio. Nela, começa Bessa por justificar a ausência por "un exceso considerable de trabajo y de cuidados".

Trata depois do sucesso das cantoras Pasqua e Res[t]ke. A primeira foi presenteada por um álbum "ilustrado por Rafael Bordallo Pinheiro, que es hoy indudablemente, el maestro de la caricatura en Portugal, y que consiguió desempeñar su cometido de un modo tan brillante, que ese trabajo bastaría para labrar su reputación artística, si no la tuviera ya bien asentada".

Informa da encenação do "grande espectáculo *La vuelta al mundo en ochenta dias*, tomada de la conocida novela de igual título del escritor Julio Verne". E anuncia também a futura estreia no D. Maria II de *Un drama en el fondo del mar* [suponho que se trata do quadro da zarzuela de Manuel Fernández Caballero, baseada na obra de Jules Verne *Les enfants du Capitaine Grant]*, "que se aseguran ha de hacer época en Lisboa". Também do relativo fracasso das representações da "compañía francesa de Mlle. Fabart, de paso para Barcelona", motivo polo qual já não seguiram para o Porto. Fala também admiradamente de que "en el teatro del Principe Real de Porto, han dado varios espectáculos con muy buenas entradas, los endiablados hemanos *Piriauds*, que á si propios se denominan «diablos elásticos del Norte». "Realmente", anota Besa, "son sorprendentes los trabajos que presentan la pequeña familia norte-americana": "saltos estraordinarios desde prodigiosas alturas, pantomimas llenas de gracia y habilidad, mímica de un humorismo valiente, capaces de arrancar grandes carcajadas al más sesudo mortal".

Igualmente, comenta que se dissolveu a companhia dramática que atuava no teatro Baquet do Porto , arrendando-o a empresa "Perry e Companhia", o que resulta mui prometedor, a seu juízo. "Ahora se está poniendo en escena el drama en un prólogo y cinco actos, *O Filho do Carrasco*, tomado por José Romano de otro de Alejandro Dumas". "Enseguida empezarán los ensayos *A senhora dos navegantes*, traducción de nuestro colega Borges de Avellar y aumentada con muchos números de música del maestro portuense Ciríaco de Cardozo".

E comenta também mobilidade de companhias: "asegúrase que la compañía del Gimnasio de Lisboa, que vá á Madrid á dar una serie de representaciones, á su regreso de España vendrá al teatro Baquet para poner en escena as mejores obras de su repertorio"; que "dentro de poco vendrá á Porto una compañía de zarzuela española que representará en el Príncipe Real." Ou que "la compañía de opereta que trabajó en el Príncipe vá al teatro de San Juan, por un año".

"Novedades literarias, no las hay; si hacemos escepcion [sic] de la *Vida de las flores*, de Alphonse Karr y Faxile [sic, por Taxile] Delord, traducida por una sociedad literaria y esmeradamente publicada en lujosa y deslumbrante edición, por David Corazzi, de Lisboa", o que constata, também a partir doutras referências noutros números, a importância dada à tradução na altura. E volta sobre a que julga "una esterilidad á toda prueba; nada ha salido de los portugueses que merezca la pena de ser mencionado", além do anúncio dum "Almanaque humorístico para 1884 ilustrado por el lápiz de Guedes d Oliveira [n. 1865] (Tito Lygtho) dibujante *sin nombre*, pero con grande habilidad".

Volta a "Revista de Portugal" no número 31 de 30 de maio, abrindo com extensa notícia do sucesso de "la compañia de zarzuela española que actúa en esta ciudad , que "se estrenó en la noche del 16 del corriente poniendo en escena la zarzuela en tres actos, letra de Carrión y música de Chapi, *La Tempestad*;

obra completamente desconocida para nosotros". É a companhia dirigida por Maximino Fernández com a "gentilísima tiple, Srta. Eulalia González" e também tiple "Sra. Carmona", entre outras. Maximino Fernández era um conhecido barítono ourensano, que publicara algum poema em galego no *Heraldo Gallego* (vid, Carballo Calero, 1981:466). "Deber mío es como cronista imparcial, que al hablar de los cantantes coloque en el primer lugar al simpático barítono y diretor de la compañía, D. Maximino Fernandez apreciable artista y actor consumado". Bessa informa igualmente que estão em preparação outras zarzuelas do repertório da companhia "de cuyo éxito iré dando sucesivamente cuenta para conocimiento de nuestros lectores á quienes debe ser agradable estos triunfos alcanzados por sus paisanos, en el estrangero". "El arte en la península", conclui Bessa,

> "está actualmente en animada y entusiasta correspondencia, pues que al mismo tiempo que los españoles saludan en el teatro de la Comedia, en Madrid, á la distinguida compañia portuguesa entre a que se encuentran artista de tanto mérito, como Lucinda Simoés[sic] y Furtado Coelho, los portugueses saludamos en el teatro Baquet, de Porto, á la admirable compañía español, que cuenta con artistas tan notables como Eulalia González y Maximino Fernandez. Los dos pueblos de la península ibérica fraternizan, por medio de sus talentos más probados, y el cronista investigador é imparcial, no puede dejar de ver en estos hechos que se aproxima el momento en que esa fraternidad sea un hecho, no solo en los dominios del arte, sino en los de la administración. (1)
>
> Para terminar, cúmpleme aqui agradecer á D. Maximino Fernandez, la benevolencia y lisonjero acogimiento que me dispensó como representante del Liceo Brigantino" (2)
>
> Al distinguido artista un bravo, manifestándole mi entusiasmo, y al hombre un apretón de manos, en prueba de mi amistad".

Assim concluía a crónica, dedicada na íntegra ao sucesso da companhia de Maximino Fernández, a quem, na nota de rodapé (2): agradecem o acolhimento dado a Bessa "que redunda, en prestigio nuestro y que á la par demuestra la alta estima en que el señor Fernandez tiene á la prensa y muy partlculamente á nuestra humilde revista" parabenizando-o polo seu "brillante triunfo en esa hidalga tierra de Portugal". A nota (1) diz. "Conformes en un todo con las apreciaciones de nuestro ilustrado corresponsal, hacemos votos porque pronto llega esa dia al que modestamente, desde la publicación de esta revista, consagramos, ferviente culto".

Este número da *Liceo* apresenta também uns "Ecos de la Corte", dedicados a visita dos reis de Portugal a Espanha, acompanhados dum "escojido numero de periodistas y varias personas de distinción del vecino reino, que han estrechado con efusión la mano de los españoles, recordando los vínculos que siempre debieron de unir á dos pueblos hermanos". Esses "Ecos", assinados

por CaRi [Ricardo Caruncho?] têm prolongamento extenso no número seguinte, de 10 de junho, começando deste modo: " Muchas cuartillas tendría que llenar si á darle cuenta fuera de todas las emociones esperimentadas durante el corto tiempo que los reyes de Portugal vivieron entre nosotros"; "funciones regias y de periodistas á periodistas [informando que foi oferecido aos jornalistas lusos no teatro de la Zarzuela um "suntuoso banquete", "que cerraron con dos discursos elocuentísimos, el Sr. Pinheiro Chagas –na altura embaixador em Madrid-, Presidente de la asociación de escritores y periodistas portugueses, y el Sr. Moret"]; excursiones á Toledo, al Pardo y á Aranjuez; convites, toros [afirmará mais para a frente ser nesse "espectáculo" "en donde el genio español se pone más de manifiesto; que en aquel círculo todos los españoles son *pueblo* y es el lugar menos propio para estudiar nuestras costumbres"], veladas, esposiciones, etc". O cronista anuncia que se limitará "á apuntar someramente, todo aquello que con más fuerza hirió mi imaginación", afirmando que "la pasión política no anida" no seu peito, "que solo palpita por la grandeza de su patria y por la unión sincera de cuantas naciones quieran en fecunda paz estrechar nuestros brazos".

Ao lado da crónica aparece um pequeno poema, "A Portugal", de Emilio Prieto, que começa assim: "Bienvenidos, bienvenidos/ A esta tierra castellana/ Vosotros hijos hidalgos / De la antigua Lusitania.

No seguinte número, 33, de 20 de junho, a presença lusa fica patenteada pola tradução dum Epigrama tirado da *A Mosca*.

No 34, de 20 de julho, a *Liceo* abre com a "Revista de Portugal", que começa por informar da "prematura desaparición de un distinguido y correcto poeta portugués", Gonçalves Crespo. A glosa do falecido alude ao "género Lamartiniano, que era al que con preferencia se dedicaba", a vários dos seus textos "de gran ingenio y delicado gusto artístico. "La literatura peninsular perdió uno de sus más delicados cultivadores y es por esto, por lo que de un estremo á otro del país, todos se lamentan de la muerte del poeta de *As miniaturas*", *iberiza* mais, umha vez, Bessa, expressando os seus pésames "a su inconsolable esposa, la festejada escritora Doña Maria Amalia Vaz de Carballo [sic]".

Igualmente, dá notícia da morte de "un artista ilustre cuan modesto, Thomás Angusto Soller [n.1848], arquitecto distinguido que lega á la posteridad obras tan notables como el famoso edíficio de la Bolsa, delineado por él y por él dirijida la construcción; y el teatro de Rainha [atual Teatro da Trindade (apenas en proyecto) que va á ser, de seguro, el mejor teatro de la península". Soller era, entre outras cousas, diretor, com Marques de Oliveira, Soares dos Reis, e Joaquim de Vasconcelos, da revista *Arte Portuguesa*.

Dedica depois renovada atenção às representações da companhia de zarzuela de Maximino Fernández, com menção e destaque para as composições,

atores e atrizes, numha crónica que, de novo, constitui a prática totalidade da crónica, com recurso a expressões próprias do espanhol ("con qué garbo y salero la vimos en el segundo acto de La Marsellesa", diz referido a E. González) e anúncio de que, no intermédio dumha representação "se distribuyó con profusión una poesía firmada con mi humilde nombre y que le envío á Vd. para si quiere darla á conocer a sus lectores, como sería de mi agrado", que, "impresa en oro" foi oferecida a Maximino Fernández. Entre os obséquios no palco, Bessa põe em destaque "flores artificiales y naturales", "siendo dignas de mención los que le dedicaron la empresa portuguesa del teatro Baquet y del cónsul español en Porto". "De las cinco poesías distribuidas en el teatro dos de ellas estaban escritas en español", indicando-se, em nota de rodapé, que "las publicamos al final de esta revista, como así mismo la bien escrita por nuestro corresponsal": "A la Srta. Eulalia González en la noche de fiesta artística", assinada por Jaime Filinto [Domingos Jayme Filinto Álvares d'Almeida Guimarães, jornalista, tradutor e escritor, nascido em 1855]; outro, com igual dedicatória, do também joven escritor, jornalista e tradutor Henrique Marinho; e um terceiro, dedicado ao "Primeiro Barytono e Director da Companhia, Maximino Fernández", assinado por Bessa e dado no original português.

Depois de ainda estender-se em elogios, conclui o cronista "congratulándome muchísimo de los triunfos aquí obtenidos por los ilustres hijos de la patria de Calderón".

No mesmo número, a redação da *Liceo* informa em nota que "nuestro queridísimo amigo é intelijente colaborador portugués D. Alberto Bessa, acaba de pasar por el trance cruel de perder á su amorosa madre, muerta en Porto en la mañana del dia 7", o que explicará que, até ao número 40, de 18 de setembro, não volte aparecer a "Revista de Portugal", cuja "irreparable pérdida viene á colocarme en situación bastante embarazada", afirma então Bessa, estendendo-se na expressão da sua dor.

Na continuação, dá notícia de que "el eminente tribuno de esa nación, D. Emilio Castelar, invitado para irá presidir los juegos florales de Vigo, accedió á pasar por esta ciudad de Porto", sendo "cumplimentado" "por muchas personas, éntre los cuales se hallába los Sres. Alves da Veiga,presidente del centro republicano de esta ciudad", "Alves-Mendes, notable orador y no menos distinguido escritor", "Eduardo Goncalves, miembro de la redacción del *Primeiro de Janeiro* representante en Madrid de este periódico en las últimas fiestas, y Ferreira de Brito, redactor de la *Folha da Tarde*".

Depois informa da publicação de "los Almanaques literarios para 1884: el *Almanaque de las Señoras* dirijido por la distinguida escritora doña Guiomar-Torresão, y el *Almanaque literario y charadístico*, dirijido por Matheus Peres, indicando como aquiri-los e que "traen diversos artículos en español".

Comenta também que "este año están muy concurridas las playas de baños de Portugal, especialmente las de Foz, Leça, Granja y Ancora", "los Casinos comienzan á abrirse y son esperadas con ansiedad las *soirées* que todo los años se acostumbran á formar" (lembremos que eram espaço de férias para setores burgueses do outro lado da fronteira).

Ainda informa de que "Francisco Palha [n. 1827], un valiente humorista de Lisboa, publicó recientemente un volumen de versos, bajo el título de *Musa Velha*, y me aseguran que es un tomo brillante"; e de que "está en prensa otro tomo de poesías de Guedes d'Oliveira (TitoLytho), titulado *Cáusticos*". Igualmente, de que "Chon-Kíng y Eugenio, seudónimos bajo los cuales se ocultan dos brillantes colaboradores del *Zé Povinho* de Porto, van también á publicar en un libro todos sus versos: Se titulará *Xaropes*".

Também dá conta de que "el distinguido periodista español, Sr. Oliver, redactor de *El Imparcial* de Madrid, estuvo en Lisboa y en Porto: hallándose en la actualidad en Elvas"; e que "se halla en Porto D.Ramón Alvarez y Tubau, corresponsal dela hoja madrileña *El Cronista* y que asistió á las fiestas celebradas en Vigo".

A crónica remata com a notícia de que "el dia 11 empezó á publicarse de nuevo en Porto, la *Folha nova*, ese valiente periódico democrático que bajo la inteligente y brillantísima dirección de *S'pada* (Emygdio d'Oliveira) [n. 1853, intelectual republicano do círculo de Teófilo, o mesmo da polémica antes indicada com Emilia Pardo Bazán] tanto agradó durante la publicación de su primera serie".

No mesmo número aparece a extensa resenha dum "álbum artístico-literario bi-semanal" intitulado *O Bouquet*, "revista dedicada especialmente á las señoras, y de la que es diretor nuestro querido corresponsal y distinguido literato D. Alberto Bessa", cujo programa transcrevem "por si nuestras suscritoras entran en deseos de adquirirla, y que nosotros gustosos nos ofrecemos á servirles".

São provavelmente as novas circunstâncias na vida de Alberto Bessa as que irão provocar que a sintetizada acima seja a derradeira "Revista de Portugal" havida na *Liceo*. Não acaba, no entanto, com isto, a presença portuguesa nas suas páginas; no número 46, de 21 de novembro, aparece "El atraso mental en las naciones civilizadas"; assinado polo republicano positivista Teixeira Bastos [n. 1857], "traducido del Portugués del periódico *O Tirocino*", também do círculo de Teófilo Braga.

A revista acaba no número 52, de 8 de janeiro de 1884, em cujo número e sob o título "Folk-lore Gallego" se informa da constituição da Sociedad de *Folk-lore* cabendo "la gloria" da sua organização a Emilia Pardo Bazán, sinalando-se, em nota de rodapé, como missão, segundo "dice el distinguido autor de *las tradiciones populares de Portugal*" [Leite de Vasconcelos, a quem

não citam] "recoger todos los hechos que entren en el dominio de su estudio y clasificarlos".

Achamos ter dado manifestação eloquente do alargamento repertorial (com atenção preferente à atualidade literária e cultural), do tipo de contatos e da intensidade dos mesmos, da relativamente potente transferência e junção ideológica (no âmbito do republicanismo progressista e iberista] que se processavam através destes instrumentos galegos no quadro do relacionamento luso-hispano e onde praticamente qualquer elemento galeguista estava ausente. Fica aqui esta exposição para poder servir de contraste como o desenvolvimento regionalista e galeguista posterior, que, até finais da década de dez do século seguinte, não irá alcançar, e não com muita frequência, essa intensidade.

Tomando como ponto de arranque precisamente a data de 1880, além do já visto no caso da *Revista de Galicia* e no da *Liceo Brigantino*, não encontramos umha presença tão relevante da atualidade cultural portuguesa e da atividade produtiva do seu campo literário em todo este tempo. Além da figura de Camões, a cujo tratamento em meios galegos mais adiante dedico algumha atenção, a que, em parte, pode ser considerada reverso galeguista das revistas citadas, a sua contemporânea *La Ilustración Gallega y Asturiana*, centra atenção em elementos históricos ou filológicos. É o caso do artigo "Estudios lingüísticos. El Portugués y el gallego", de Balbín de Unquera, no número 27, de 28 de setembro de 1881, falando da identidade linguística do galego e da "la lengua de Vieyra y de Camoens; ou, no número a seguir, de 8 de outubro, no artigo "El Folk-lore español", de Manuel Murguía, as alusões a Garrett, Coelho, Consiglieri Pedroso ou Braga (sobre o qual volta o autor, no número seguinte, o 30 de 28 de outubro, no artigo "El Folk-lore Gallego"), ao tratar das recolhas do romanceiro em Portugal.

O tricentenário de Camões como pano de fundo: A presença de Camões nas publicações periódicas não diárias de anos antes objeto do nosso corpus é relativamente menor a esta fase. Ela acrescenta-se e abre um ponto de inflexão com as comemorações do terceiro centenário da morte do poeta. A intermediação, neste caso, é fundamentalmente a de Emilia Pardo Bazán e de Manuel Murguía, as duas figuras salientes do anfissistema regionalista e através das revistas em que tinham participação ativa. A presença do evento, dum ponto de vista luso-galego/espanhol é quase sistemática na dirigida por Pardo Bazán, *Revista de Galicia* [nº 1, 4-3-80; n. 7, 18-4; nº 9, 10-5 e números 10, 12, 13, 14, sobre a *Bibliographia Camoneana*, de Teófilo Braga, e 15, de 10 de agosto (polemizando sobre as suas anteriores apreciações e incluindo juízos sobre textos camonianos por parte do colaborador Lino de Macedo], onde em geral

a proximidade linguística e a origem galega de Camões funcionam no quadro relacional hispano-luso. Com efeito, e por exemplo, no número 12 de 25 de junho aparece um extenso artigo, intitulado "Portugal, Camoens y el centenario", escrito como crónica dos atos havidos em Lisboa, feito dumha perspetiva hispano-lusa. Nas páginas 157-158, aparece umha "Biografía de Camoens", que começa por salientar ele ser "de antigua familia poruguesa originaria de Galicia", afirmando ter sido "el dolor que le causó la desastrosa expedición del rey Sebastián á África" facto que "apresuró su muerte, sucedida el 10 de Junio de 1579 [sic]". "Cantor infatigable de la grandeza de Portugal, mereció no sobrevivir á ella", conclui-se.

Segue-se um "Juicio crítico de los Lusíadas", em que são assinalados grandes méritos e "también sus defectos: falta de unidad, incoherencia, difusión". "Pero en suma", acrescenta-se "hace amar al pueblo que obró tales cosas y al poeta que las canta". "Lo que amó más aun Camoens que la naturaleza y la erudición", sentencia-se, "fué á su patria: justo es que, pasados trescientos años", Portugal lhe rinda tributo.

Essa perspetiva hispano-lusa deduz-se já das referências a Inês de Castro sem nelas se estabelecer vínculo com a Galiza (como será habitual no galeguismo) e fica patenteada em afirmações como esta, sob o epígrafe "Los festejos del centenario de Camoens", a propósito da intervenção do Conde de Ficalho na Sessão da Sociedade de Ciências:

> "Los portugueses hallan en camino de hacer con Camoens lo que nosotros con Cervantes, convirtiéndole en astrónomo, economista, ingeniero... por lo cual el discurso á que aludimos tiene algo de pueril discreteo, no puede desconocerse que el conde ha escrito un notable trabajo en lo que á la forma se refiere. Y notemos aqui, en honra de Portugal, que ninguno de sus escritores siquiera se dediquen á las ciencias físicas y exactas, deja de pagar tributo al buen gusto literario, que entre nosotros, solamente por los literatos es reverenciado y atendido"

De resto, a única afirmação de galeguidade nos atos constitui-na a presença do "barítono gallego D. Maximino Fernandez," director de la compañía de zarzuela de los Recreos Whitoyne," a quem "cupo" "la honra de coronar el primero la estatua de Camoens" "en la solemnidad que los actores dramáticos consagraron á la memoria de Camoens, en el teatro de Doña Maria II"

A crónica dá conta do traslado dos restos de Vasco da Gama e Camões ao Convento dos Jerónimos, os adornos e ornatos por diversos pontos da cidade, ou da "inauguración del barrio nuevo de Camoens" "frente a la Avenida da Liberdade y el monte Santa Marta" ou da publicação dumha "corona poética" por parte de "la colonia española residente en Lisboa"

Nomes próprios do campo intelectual português como Andrade Corvo ou Latino Coelho aparecem referidos (como diretivos da Academia das Ciências), com protagonismo para "Teophilo Braga, Coelho, el director del

Diário de Notícias, ó Ramalho, redactor [de] *As Farpas*", que "lanzaban el primer vitor, repetido por la prensa" "cada vez que pasaba una corporación humilde", das que foram selecionadas para fazer parte do cortejo e representar a nação". Como pode verificar-se, o protagonismo é para os membros da Geração de 70.

A crónica conclui com o que parece velada alusão ao uso ou iberista e/ou republicano/socialista da comemoração:

> Hemos omitido de propósito, al extractarlos, algunos pormenores que constan en los diarios, y que parecen tender á imprimir marcado color político á la fiesta. *La Revista de Galicia*, en su en su modesta esfera, ha sido acaso el periódico español que después *de El Globo* y *El Correo Literario*, ha acojido con más simpatía y anunciado y loado mas reiteradamente... el Centenario; pero al obrar asi, no ha pensado en confundir la política con la literatura, sino en rendir justo homenaje á la memoria de un vate incomparable, gallego de origen, ibero de espíritu y sentimientos, representante de un pueblo hermano nuestro, que no por ser corto en territorio lo ha sido en génio ni en hazañas.
>
> Considerando pues, las fiestas de Lisboa únicamente como fausto acontecimiento nacional y literario, la *Revista de Galicia* felicita por ellas á la nación, al monarca y á la prensa de Portugal".

Na página 162 aparece ainda a notícia "Crónica del centenario", em que se informa da *Sesión literaria y musical en Paris á honra de Camoens*, celebrada por "la Asociación internacional de Literatura y la colonia portuguesa de Paris" e da *Sesión literaria y musical en Madrid* á *honra de Camoens*, informando que "la Asociación de Escritores y artistas, en el artístico salón de la Escuela de Música, consagró un recuerdo al vate insigne, gloria y prez de la literatura lusitana, presidido por "el Sr. D. Antonio Romero Ortiz", sentando à sua direita "el señor conde de Casal-Riveiro [sic, por Ribeiro; era o embaixador de Portugal em Madrid, na altura]".

Após informar que recebem o *Portugal a Camoens* e o *A Mocidade a Camoens*, revistas dedicadas ao tricentenário, aparece umha "Sección Poética", com os poemas camonianos "A la margen del Tajo", um, tradução de Lamberto Gil, "Cuando el sol encubierto", e dous em português: "Alma mina gentil" e "Doces lembranças". E, sob a epígrafe "Lectura de Os Lusíadas", são transcritos os poemas procedentes do *Portugal a Camoens* "Á orillas del Tajo " de Emilia Pardo Bazán, "Divina Cantiga", de Simões Dias e outro de Ricardo Sepúlveda (repare-se em que não é transcrito o "Dend'as fartas orelas do Mondego" publicado por Rosalia de Castro naquela revista).

Já no número 14, de 25 de julho, informam da receção de *Camoneana*-Ateneo artístico-literario Camoneano, "publicación deenseñanza y educación popular" e de *Las conquistas de la civilización moderna* do Porto, publicações que glosam.

Por sua parte, a *La Ilustración Gallega y Asturiana* reedita o extenso artigo do líder galeguista Manuel Murguía publicado no *El Museo Universal*, que também tinha similar perspetiva relacional, mas desta vez o texto é corrigido, tendente sobretudo a amortecer aspetos críticos e a perspetiva espanhola em que Murguía se situava no texto de 1860, e *galeguizado* na sua leitura por umha nota de rodapé que, além dos muitos vínculos que unem a Galiza a Portugal, justifica a oportunidade da reprodução recorrendo à origem galega e invocando a *auctoritas* do importante aliado dos galeguistas, Teófilo Braga. Murguía alude à obra camoniana do erudito português: talvez à sua *História de Camões* (1873), referindo especificamente o comentário do Marquês de Santillana, que terá fortuna posterior, -ver a biografia de Camões que Marcos Argüelles traduz de *Luiz de Camões e a nacionalidade portugueza* de Teixeira Bastos na *Corona Poetica e Literaria dedicada a Luiz de Camões por la literatura y artes de España, 1880*)- ou então ao seu *Parnaso portuguez moderno*, de 1877, em que Teófilo estima (1877:XXXVI) que "a Galliza deve ser considerada como um fragmento de Portugal, que ficou fóra do progresso de nacionalidade", que "não deixou de influir nas formas da sociedade e da litteratura portugueza", "através dum grande numero de familias nobres da Galliza", que passarom a Portugal "como os Camões, os Mirandas, os Caminhas, d'onde provieram os grandes e maiores escriptores da esplendida epoca dos quinhentistas" (XXXVI); em Camões Teófilo deteta formas galegas persistentes, provindas do "dialecto em que o grande epico chegou a escrever dous sonetos", argumentando que o esquecimento das relações etnicas com a Galiza foi consequência do desprezo que os escritores tiveram pola tradição nacional, aludindo a "essa phrase injusta" de IV, 10. Não era unânime a apreciação: na sua *Galeria de Varões Illustres de Portugal* (1882), Latino Coelho duvida do "crédito de Manuel Severim de Faria", para, logo, frente ao positivismo de Teófilo, manifestar que pouco importa qualquer ascendência nobiliária e afirmar não ser satisfatória a passagem de Caamaños para Camoens. Quanto à translação do artigo de Murguía, ele constituía o primeiro estudo dum galeguista político sobre Camões; nele trata das relações hispano-lusas como presididas polo desconhecimento, que é estendido às *Rimas* (segue a edição de Hamburgo) frente a *Os Lusíadas*; alude a sonetos como *Alma Minha Gentil que te partiste*, que considera só inferiores a alguns de Góngora, La Torre e Rioja; transcreve na íntegra *Quando o Sol encoberto vai mostrando* e, opinando ser o amor o único tema do soneto camoniano, cita inteiro "oh, como se alonga de anno em anno", os dous quartetos do soneto ao rei D. João III, "desmerecidos" polos dous tercetos, e, como prova de que "manejó nuestro idioma" "Las peñas retumbaban al gemido". No número 22, de 8 de agosto, volta a referir-se à superioridade do soneto camoniano sobre Petrarca e acrescenta considerá-lo igual a Góngora "en sus fáciles y hermosas letrillas", toma "Falso cavalleiro ingrato",

como exemplo de "sencillez", "sentimiento", "amor"; introduz *Descalça vai para a fonte* indicando que "en los siguientes versos se hallan reunidas á lo fácil y fluido de la versificacion, una verdad y una gracia descriptiva que harian honor al mismo Baltasar de Alcázar", e, também admirativamente, *Aquella captiva* em que vê ecos de *La Vaquera de la Finojosa* de Santillana: "para comprender la fuerza de expresión que encierran estos dos últimos versos [pretos e cansados/ mas não de matar], para saber lo que son esos *ojos negros y cansados* de que nos habla el poeta, es necesario haber nacido en aquellos suelos, en donde, segun una enérgica frase, *hierve la sangre*", e cita como outro exemplo *Verdes são os campos*. As canções camonianas são objeto da maior crítica ("en ninguna ocasión se muestra el poeta más desaliñado é incorrecto que en sus canciones"); cita trechos da canção X, justificando a menor qualidade por o poeta estar habituado à descrição, "que es verdaderamente el alma de los poetas épicos, (…) porque en las canciones debe campear por entero y sobre todo el sentimiento"; "lo mismo sucede con las odas", diz, citando a IX, em que vê semelhanças com a III de Frei Luis de León. O artigo conclui no número 31, de 8-11-80 sobre o género bucólico, que "puede sostener comparación con los mejores poetas bucólicos posteriores á aquéllos [Teócrito y Virgilio], sin que la fama del ilustre cantor portugués sufra menoscabo alguno".

Entretanto, o periódico publicou na sua "Revista de la decena", do número 16, de 18 de junho) um comentário de Camilo Placer Bouzo, de expressivos apropriação galega e quadro relacional galego-português em que afirma "pronunciar el nombre de Camoens, no sólo con el respeto y veneración que inspiran los hombres que hacen época en la historia", mas que ele

> "pertenece á las glorias inmaculadas de un idioma cuyos vocablos fueron los primeros que balbucearon nuestros labios; porque Camoens no es sólo el poeta de Portugal; no representa sólo el genio humano, sino que es también el maestro de nuestra genuina literatura provincial, Camoens, oriundo... Camoens, oriundo de Galicia, habiendo oido á sus padres desde niño hablar dialecto gallego, dejó impreso en *Os Lusíadas* el sello de esta lengua; y más aún, dejó admirables poesías líricas escritas en la misma habla. Por eso cuando nuestro dialecto se consolide, por decirlo así, como lengua literaria, á Camoens habrá volver los ojos para estudiar en sus obras el verdadero monumento de nuestras letras; por eso nos unimos más y más estrechamente... manifestación del reino lusitano en honor de su poeta; por eso repetímos su nombre con el mismo amor y con el mismo orgullo nacional que nuestros hermanos de la Península"

E, o número seguinte, o 18, de 28 de junho, inclui "El centenario de Camoens", umha crónica sobre os festejos de Lisboa do conhecido jornalista e diretor do periódico Alfredo Vicenti, com marcante perspetiva galego-lusa, na paisagem, na religiosidade popular e na língua; e de grande louvor ao povo português, em que este sublinha as similitudes galego-portuguesas, em diversas dimensões, embora incluindo "el blando lenguaje" dentro das similitudes hispano-portuguesas. Vicenti lembra a origem galega de Camões

no "aportillado torreón de Lantaño", como também a presença de Maximino Fernández nas homenagens e os contributos de "Rosalía Castro de Murguía, Emilia Pardo Bazan y Antonio Romero Ortiz, cuyos nombres dignísimamente aparecem como autores de textos" no *Portugal a Camoens*. Vicenti sublinha o contributo que *La Ilustración Gallega y Asturiana* dera às celebrações e que, do lado espahol, foram representantes desta e do *El Telegrama* as que assinarom a ata de celebração, reprensentando os meios jornalísticos.

Conclui Vicenti indicando, em relação ao povo português que "todo lo merece por su ilustración y su cultura, superiores acaso á las de nuestra España", e enfatizando umha das que serão ideias chaves para determinados setores galeguistas e não só: a da Galiza como ponte no relacionamento luso-espanhol: "no puedo menos de congratularme al reconocer que Galicia está llamada á ser la intermediaria y el vínculo de unión entre las dos vigorosas ramas de la gran familia ibérica".

Enfim, o sistema *galeguista* não procura os elementos inovadores portugueses. Obviamente não importa os simbolistas, mas também não deita mão da linha tradicionalista que ficou impregnada polo movimento de raiz francesa. A estratégia sistémica galega aparece sempre mui concentrada na afirmação das normas do seu repertório, mais do que no avanço e alargamento sistémico. O recurso aos elementos mais secundarizados do polissistema luso vai ser então o objetivo fundamental da proliferação galeguista. A outra possível estratégia, a da inovação, que podia convergir com esta, dada a tendência sistémica regionalista à nivelação textual, não apareceu, e a nosso juízo tem como primeira causa essa mesma tendência niveladora; quer dizer-se: umha transferência sustentada também na inovação conduziria o sistema galego a ter que estabelecer umha hierarquia sistémica muito mais acusada, o que poderia acabar por dividir o sistema e mesmo anular muitos dos seus partícipes. Obviamente, ao lado destas causas estão outras como a própria sensibilidade estética e ética dos regionalistas, que já verificámos; o seu forte conservantismo; e umha outra razão que pensamos não deve ser negligenciada, e que formulamos mais como hipótese que como asserto, embora estejamos mui persuadidos dela: a proliferação sistémica para outros géneros e modelos diferentes dos próprios romperia a ambiguidade (calculada ou não) do sistema a respeito do espanhol: abriria umha nova frente de luta, que obrigaria a umha definição literária (e política) muito mais apurada, e por isso mesmo, difícil, sendo já complexo nas suas circunstâncias defenderem-se os galeguista de que nada havia de separatismo e/ou incorporação a Portugal nas suas formulações. Mais ainda, e dito com palavras mais cruas para a evolução sistémica regionalista que o amor por ela não pode cegar: os que tentarom a proliferação a respeito do polissistema

português, e que minimamente conseguirom os seus objetivos (os de evitar o seu desastre ancorada no folclorismo mais negador) tiverom mesmo que lutar contra muitos dirigentes e utentes desse sistema para consegui-los. Vamos ver continuamente por parte do grupo que pretendeu salvar o sistema (estendendo-o em géneros, dignificando-o em língua, ampliando-o em repertório, tentando alargá-lo em mercado, etc.) realizar todas estas operações, sustentadas na ideia basilar do relacionamento galego-português, tensionar e distender, *puxar* polo sistema mas nunca quebrá-lo; tudo numha estratégia não apenas incompreendida, mas impugnada por aqueles que queriam fazer do sistema um subsistema do espanhol, dumha ou doutra forma.

Note-se a este respeito que, sendo a literatura o lugar para o qual são transferidas as aspirações regionalistas, o que na literatura se manifestar (e é secundária a sua maior ou menor intenção retórica) tem umha repercussão imediata nas valorizações políticas.

Significa o precedente que a proliferação galega não visou a acumulação "de um inventário crescente de opções alternativas"? Não em termos absolutos; mas reduziu-no às suas próprias possibilidades, procurando mais o reforço do que a expansão.

A tradução (o traslado digamos aqui), como afirmava Even-Zohar, pode ser um veículo para afirmar novas normas e modelos ou umha componente conservadora no sistema-meta, umha vez perdido o seu contato com a literatura-fonte e preservada polos que já deixarom de aparecer como inovadores. E, seguindo com o seu razoamento, logicamente, a posição central ou periférica da literatura traduzida depende do estado e fortaleza da literatura em que opera. Ela também estratificada, concluía Even-Zohar, a literatura traduzida pode ter um setor como centro, e outros como periferia.

Com os matizes que já apontamos no seu momento, este vai ser exatamente o resultado da sempre singular Importação do polissistema português. E, constituída a literatura *traduzida* como sistema, vai consequentemente situar, nestas fases prévias, os componentes filológicos, históricos e clássicos, os legitimidores da validade do sistema regionalista, que é o urgente, no centro, e na periferia a Importação do que era centro no sistema-fonte: a produção literária contemporânea, com os seus diferentes centros por sua vez. Para entendermo-nos: vai importar *centralmente* Camões e Teófilo Braga; vai atender, menos, João de Deus; e fazê-lo muito na sua periferia com Junqueiro. Eugénio de Castro foi durante muito tempo, para os que o conheciam na Galiza, apenas um professor universitário...

V.3.2. As duas direções genéricas da Importação: legitimação e proliferação do sistema regionalista

A importação do polissistema português, por índole e objetivos, apresenta duas direções nítidas, que, sem desaparecer umha ou ainda não aparecer a outra, vão corresponder-se com duas fases perfeitamente separáveis no processo de transferência: a primeira é a fase da justificação, da legitimidade do sistema regionalista; a que se vai referir precisamente ao contínuo prestígio do material utilizado; essa é a fase que tem como cabeça visível Manuel Murguía, e como eclosão os Jogos Florais de Tui em 1891.

Passados alguns anos, com o progressivo desaparecimento de publicações galeguistas, entra-se num segundo momento: o que queremos denominar da regeneração ou reorientação do sistema regionalista[274]. Esta tendência, que também vai usar mui principal e decisivamente a transferência do polissistema português como central, visa já não tanto a demonstração da validade do sistema, como a sua urgente mudança de rumo. Normalmente, os estudiosos que se têm debruçado sobre o relacionamento galego-português têm caraterizado a presença portuguesa na literatura galega como umha procura do prestígio do galego por parte dos escritores da Galiza, e, quanto muito, de fomento da atenção ao estudo do galego e ao seu processo de normalização. Hermida Gulías (1991: 173), que fizo umha rigorosa aproximação desse processo no Ressurgimento galego desde as suas origens até 1891, resumia assim o que denomina "utilización do parentesco":

> "O parentesco entre os dous idiomas foi utilizado, amais de con el intentar aumenta-lo prestixio do galego fronte ó español, para reivindica-lo seu estudio e as súas condicións e aptitudes. Por outra parte foi posto como exemplo do que o galego podería chegar a ser se as circunstancias políticas non lle foran adversas".

Não opinamos nós assim. Polo menos desde meados da última década do XIX é nitidamente percetível a tendência regeneracionista que comentávamos. É a representada pola (em 1895) incipiente "escola corunhesa", que se vai dotar dum órgão de expressão, também político, para a propalação dos seus objetivos. Formada arredor da "Cova céltica"[275], "constituiu o núcleo in-

---

[274] Não cremos inconveniente indicar aqui um aspeto que, do ponto de vista metodológico, nos parece relevante: esta parte do trabalho foi elaborada sobre a base da deteção das carências sistémicas da literatura regionalista e os estudo das transferências portuguesas. Pois bem, exceto na primeira das três polémicas linguísticas a que nos referiremos (e que apresenta já as caraterísticas da fase posterior) é extraordinariamente nítida a sequência de objetivos e tipos de transferência em duas fases, o que dá como resultado, em não poucas ocasiões, que a exposição pareça feita sobre umha base estritamente cronológica, que em absoluto foi adotada como princípio: tal é a coerência do comportamento sistémico que estudamos.

[275] O que começou por ser um nome satírico foi adotado como emblema. Segundo Máiz (1894: 169) fora Leopoldo Pedreira no seu livro *El Regionalismo en Galicia*, frontal ataque ao galeguismo, quem assim batizara o regionalismo da Corunha em 1894. Em opinião de Barreiro,

telectual central do rexionalismo galego a partir de 1894, do que partiron as principais iniciativas e protagonistas intelectuais e políticos do movimento" (Máiz, 1984: 169). Os seus propósitos são, em síntese e polo que diz respeito ao plano cultural, o de tentar fazer do sistema regionalista um polissistema galego. Por isso, e sabendo do arriscado do uso, vamos sempre falar da literatura galeguista da época em termos de sistema, ou mesmo subsistema, pretendendo que fique elucidado como muitos dos seus utentes não desejavam estendê-lo mais além do seu estado nos finais de século; o que dito por outras palavras significa ser, se não na intenção sim na prática, um subsistema do polissistema espanhol. Porque, se a literatura regionalista daqueles momentos não visava decididamente remediar as múltiplas carências que apresentava, de todo o género, isso significava a aceitação do polissistema espanhol como fundamental complemento (perante o qual, paradoxalmente, pretendia afirmar-se, embora apenas na aparência).

O que tentou a escola corunhesa foi atender a própria frente que no interior do sistema regionalista se abria para eles: a daqueles que pretendiam (e eram a maioria na época) não ultrapassar os limites sistémicos estabelecidos. E, para essa tarefa de regeneração, deitarom mão do principal (embora sempre *perigoso* perante os cercos a que o sistema estava submetido) auxílio que tinham: o polissistema português.

O comportamento da "escola corunhesa" nos seus inícios é o mesmo que o dumha vanguarda; parte da periferia e faz propostas ruturistas, algumhas das quais, acabará por pactuar com os núcleos a que se opõe. Paulatinamente vai caminhando para o centro: a fundação da Academia em 1905 vai dar-nos a autêntica medida da sua força. A estratégia seguida é tão curiosa como expressiva dos momentos que se viviam; por exemplo, veremos que, quando se trata de debates linguísticos, recorrem ao pseudónimo, talvez dando sensação de força, mas talvez temendo reações iradas e virulentas, que receberom.

Fazemos também estas apreciações porque, como vimos, é doutrina comum na historiografia literária galega considerar o período que aqui selecionamos, mais ou menos entre 1890 e 1915, como o período da depressão literária galeguista. Essa afirmação só é certa se se atender à produção literária, umha parte importante do sistema, mas não a única, nem sempre a decisiva. Em nossa opinião, não pode ser assim denominada esta fase pola qual atravessa o sistema; é mesmo, e totalmente, todo o contrário: a nosso ver, é a fase da regeneração, ou da sua tentativa, que, a não existir, poderia situar o sistema em transe dumha ancilose dificilmente superável depois. Mais ainda; se o regeneracionismo da escola corunhesa não atuasse (e vamos jogar ao contrafacto), o

---

a paternidade do apelativo é de Celso García de la Riega, que depois usarom, sarcasticamente, Pedreira, Riguera Montero e o médico Rodríguez (Barreiro, 1982: 384)

decorrer sistémico da literatura galega seria ainda mais problemático, restrito nas propostas e impedido de renovação dos repertórios do que o havia de ser e ainda é hoje[276].

V.3.3. A Historiografia e a Filologia portuguesas como legitimidade do sistema regionalista no fim de século[277]

Polo que respeita aos regionalistas galegos, e como já tivemos ensejo de anotar, eles situavam a sua defesa da especifidade da Galiza em determinados elementos como particulares alicerces da sua reivindicação: aqueles que, vindo do período medieval, no caso mais próximo, ou perdidos no remoto dos tempos, definiam as caraterísticas do País e a sua sociedade: *raça* [etnia; *raz/ça* era o termo usado habitualmente...], origem celta, história e língua eram as suas bases. Beramendi (1995a:1) expressa assim as funções da História (e da historiografia) no regionalismo galego, que os portugueses vão contribuir a alicerçar e/ou complementar:

> "Desde unha perspectiva orgánico-historicista -que é a exclusiva do nacionalismo galego ata c. 1960- a historicidade funciona ideoloxicamente de varios modos. En primeiro lugar, como criterio de verdade da existencia da nación galega. En contra do que os nacionalistas din ás veces, a historicidade non é realmente para eles un ingredente do ser nacional de Galicia -que radica esencialmente na etnicidade -mais sí a vía maior para probar a súa perennidade e, xa que logo, a súa indestructibilidade. Definida a nación en xeral como organismo étnico xerado pola historia, abonda constatar a antigüidade da etnia galega para que fique demostrado que Galicia é nación. [...] En realidade, o historicismo nacionalista precisa precisa ser ahistórico para que a historicidade cumpra a súa verdadeira función de metáfora da naturalidade, inmutabilidade e eternidade das esencias nacionais.
>
> [...] En segundo lugar, a historicidade actúa como un dos fundamentos principais da lexitimidade das reivindicacións nacionais e do propio movemento nacionalista".

Estas "urgentes funções" do regionalismo galego vão fazer que os seus historiadores passem para primeiro plano da atividade literária, ou que vários

---

[276] Quando, a respeito da unificação linguística e do estado polémico da codificação nos nossos dias, se afirma que a Galiza não tivo o seu Pompeu Fabra (a autoridade linguística unificadora do catalão), comete-se, a nosso ver, um erro histórico de certa magnitude: era impossível que a Galiza o tivesse; qualquer tentativa não seria reconhecida (não o foi de facto) porque o sistema está a viver permanentemente as tensões que já nestas fases vamos verificar. E, se se estudar o processo das revistas na altura, até 1936, pode verificar-se (e cremos estar em condições de afirmá-lo) como o caminho seguido polos grupos nacionalistas é o mesmo, sem praticamente exceções, que o iniciado polo regeneracionismo corunhês; em todas as ordens. A saudade dum Pompeu Fabra é a saudade do processo que a violenta rutura fascista reprimiu de vez; aquele processo não tivo continuidade no interior; sim, mais, no exílio e nos *enclaves* galegos. Nestes termos, a situação da literatura galega não melhorou. Piorou, porque os grupos dirigentes actuais não recuperarom a solução de continuidade de 1936.

[277] O fenómeno está em consonância com o facto de constituir a história o ponto de partida da recuperação política e cultural (Barreiro, 1982, II: 283-313).

dos elementos dirigentes se dediquem a esta atividade, por via propriamente histórica ou filológica.

O direito a existir como diferentes assentava não apenas no presente, mas na Tradição. Surgido o *regionalismo* em época de reinvindicação orgânico-historicista, interessava-lhe perentoriamente poder justificar-se. Justificar-se perante o seu referente de oposição, nas suas analogias, e, claramente, no seu referente de reintegração. Em termos de sistema cultural, o sistema regionalista tinha no entanto umha imposição e várias alternativas: a imposição era naturalmente a sua participação no sistema cultural espanhol. As possibilidades podia procurá-las mais livremente, e não por isso com menor urgência. A mais importante, de natureza *intencional*, vai procurá-la a Portugal.

Nestes contextos, o grupo que se sente ameaçado, tende a valorizar o passado porque nele encontra os sinais de identidade que lhe faltam no presente. E, como ilustra Figueroa (1988:94-95), procura a elaboração de modelos deliberadamente diferentes do seu polissistema agressor, indo para espaços e tempos em que se supõe a ameaça não existir. Nessa linha, o autor galego indicava que as valências propostas ao grupo nesse quadro vão impedir a reorganização constante da matriz social, e a constituição de novos valores. Enfim, que esca(r)vando no passado lá fica enterrado o sistema. Isto é radicalmente certo para o sistema galeguista. O que acontece é que ele, quando procura na Tradição encontra Portugal; e Portugal, não é apenas os celtas, a lírica medieval, o conde Andeiro e Inês de Castro; Portugal é, com diferença a esses referentes, ou à Irlanda, presente. E isso é, e vai ser, o decisivo. Portugal é Camões e Teófilo, Garrett e Oliveira Martins; Duarte Nunes de Leão e Herculano. Perante tanta *má fortuna*, esta será a grande *sorte* do sistema galego, não isenta para outros, obviamente de perigos...*portugueses.*

E, como já vimos também, um dos elementos sistémicos que vai cobrando crescente importância no reforçamento da linha tradicional no polissistema português é o das investigações arqueológicas, históricas, etnográficas e filológicas. Longe de constituírem compartimentos estanques, produzidos à margem do curso sistémico da literatura, elas participam ativamente na vida literária, como o fazem aliás os seus impulsores, com Teófilo Braga à cabeça. A ele somam-se nomes de prestigiosos estudiosos, como os de Leite de Vasconcelos, Oliveira Martins e Adolfo Coelho (estes dous da mesma geração de Teófilo, e, como ele, empenhados nas várias lutas políticas nos anos de setenta a noventa[278]) e, mais tardiamente, Carolina Michaëlis[279], sem esquecermos o pano de fundo que significa Alexandre Herculano.

---

[278] Vid. Vázquez Cuesta, 1975.

[279] Por exemplo, encontraremo-la em janeiro de 1899 colaborando com 20 pesetas, umha das quantias maiores, para o monumento aos mártires de Carral (*Revista Gallega*, número 201)

Para um sistema cercado, ao qual se pretende travar sobre a base da sua inutilidade diante do espanhol, e reduzir então à consideração dialetal e marginal que o seu veículo comunicativo ocupa, a linha filológica portuguesa constitui o melhor dique de contenção. Demais, de passagem, e sem não menos importância, a Tradição via-se solidamente reforçada, num esquema que genericamente podia ser o seguinte: se o português não pode ser impugnado como língua de cultura, e o incipiente sistema literário da Galiza partilha do mesmo veículo, do qual foi, para além disso, origem, o sistema galego não pode ser impugnado.

Do antedito tira-se já umha primeira evidência: a de serem transferidos os estudiosos portugueses e as suas investigações em auxílio não da criação literária regionalista, mas da sua legitimidade[280]. Da legitimidade do uso da língua própria como sistema modelizante, e, por acréscimo, do renascimento cultural da Galiza. E esse repertório legitimador vai ter duas normas fundamentais, progressivamente abrindo-se passo para o centro sistémico:

a) o galego é um idioma apto para o uso literário em todas as suas formas, e, e pois,

b) o galego e o português formam um único sistema linguístico.

Não deve surpreender então que nesta fase vejamos e analisemos mais textos teóricos, doutrinais, que produção literária, de *literatura*, como normalmente se entende, e que nós consideramos apenas umha das atividades da literatura, e, por vezes, não a de mais radical importância em alguns sistemas, como aqui é o caso. E não deve surpreender, aliás, porque essa é a realidade pura e simples das revistas galegas, mesmo de aquelas que inscrevem no seu cabeçalho o nome de literárias, às vezes em exclusivo. Mais ainda: o conceito de literário neste momento não se circunscreve no entender dos próprios participantes à atividade literária, ao poema, ao drama, ao romance, mas a tudo aquilo que fale do sistema. Não é então contexto literário, nem, por outro lado, invasão heterodoxa no terreno historiográfico, mas análise sob o ponto de vista dos polissistemas literários. Quando umha literatura emerge cai, por vezes mui infelizmente, no estéril debate da sua oportunidade que como armadilha os seus adversários lhe dispõem, em vez de mostrar na produção literária a sua validade. Ao final, para dizê-lo e exemplificá-lo de maneira mais simples (e algo simplista certamente): mais valeu Camões para a vida e continuidade do polissistema que os elogios da língua portuguesa. Os regionalistas estiverom disto conscientes,

---

[280] Sob a expressão *legitimidade* situamos as diversas funções que a transferência portuguesa vai cumprir no sistema regionalista galego: reforço, compensação, etc. Manteremos normalmente o conceito porque ele é genericamente que permite e determina os outros. Por outro lado, esta ideia sistémica estava presente, e explicitamente, no próprio Murguía, quem, no meio do artigo em que replica a Sánchez Moguel, que adiante analisamos, escreve: "Galicia busca en la historia la legitimidad de sus nuevas aspiraciones. Por eso los primeros regionalistas fueron los historiadores" (*Galicia*, número 4 de abril de 1889, p. 238)

mas enredarom-se na teia do imaginário em vez de acompanhá-lo de *obras*. E, em parte, o que em princípio foi decisivo para o sistema regionalista acabou por ser umha peja que o colocou em posições francamente difíceis. Não longe certamente, *mutatis mutandis* do que hoje mesmo acontece, mas essa, embora a história não seja outra, cai fora dos nossos domínios.

Já havia muitos anos[281] que se vinham fomentando os contatos com os portugueses, mas nos finais dos anos oitenta do passado século conhecem renovado impulso. Teófilo Braga era a figura portuguesa mais destacada na interferência. Em carta a Pondal de dezembro de 1886, comentava guardar os *Queixumes do Pinos* "como um documento affectuoso da sympathia que o meu nome tem encontrado entre os escriptores da Galliza polo muito amor que dedico à tradição d'este povo, de que Portugal é um fragmento"[282]. Um mês antes fora publicada em *El Eco de Galicia*[283] de Havana outra carta de Teófilo a Martínez Salazar, mas com idêntico motivo, onde, depois de intensos elogios à obra de Pondal e à atividade do diretor da Biblioteca Gallega, comenta esperar "com vivissima ansiedade a publiçao (sic) da *Historia da Litteratura Gallega* [a *Historia crítica de la literatura gallega. Edad Antigua* de Augusto González Besada[284]] que me parece deve exercer umha disciplina eficaz a este trabalho de renascença dum povo".

Nestes dous textos, aliás, Braga manifesta vivo interesse polo processo autonomista galego, e, como podemos ver, dirige especial atenção aos elementos de estudo histórico de que se pode rodear, num âmbito de comum unidade luso-galaica.

O polémico prólogo de Teófilo Braga ao *Cancionero Popular* compilado por Pérez Ballesteros será umha primeira culminação dos contactos dessa unidade espiritual, saudada inclusive com poemas a ambos dedicados, como o aparecido na revista *Galicia*, "regional de Ciencias, Letras, Arte, Folklore" que dirigia Martínez Salazar, assinado por Besada (número 3), a mesma revista onde a crítica do texto de Teófilo, Pardo Bazán, recebia homenagens poéticas

---

281 Umha das linhas de contato galego-português antes dos anos noventa foi a que motivara a publicação das primeiras referências dos cancioneiros galego-portugueses medievais; pode consultar-se a este propósito o livro *Névoas de Antano*, da Professora Teresa López, onde aparece rigorosamente documentado esse relacionamento, também através da correspondência, como a estabelecida entre António Maria de la Iglesia e Teófilo Braga. Por outro lado, os diferentes usos legitimadores da língua portuguesa a respeito do galego na época imediatamente anterior ao período que analisamos forom estudados por Hermida, 1991: 171-188 e 501-506

282 Ferreiro, 1992: 130.

283 Número 239 de 23 de janeiro de 1887. Transcrevemos por Ferreiro, 1992: 131, também os seus comentários..

284 A *Historia crítica de la literatura gallega. Edad Antigua* viria a lume em 1887, na Tipografia de *La Voz de Galicia*, da Corunha. À sua consideração do português como subdialeto da língua galega mereceu umha dura e imediata réplica de Leite de Vasconcelos na recém criada *Revista Lusitana* (Cfr. Rodrigues Lapa, 1983; Hermida Gulías, 1987).

de vultos como Pondal entre outros (número 7)[285]. O aparecimento do mundo cultural português estava no entanto muito restrito a essa atividade investigadora; nesse período a revista nem recebe publicações portuguesas, nem valoriza a produção portuguesa noutros aspetos. Não deixa de ser significativo que numa seção relativamente estável rotulada com a epígrafe "Álbum de pensamientos" e assinada por *Um filósofo*, não apareça citação nengumha de portugueses, e sim de galegos, franceses, espanhóis, alemães ou ingleses.

O início desta fase expansiva no relacionamento a finais dos anos oitenta, em que os contatos se incrementam substantiva e paulatinamente, coincide com o período tão efervescente como efémero que as publicações galegas de caráter literário vão conhecer nesta altura. E vai ir decrescendo (nunca chega a desaparecer) ao ritmo em que a Importação portuguesa se torna mais diversificada e a afirmação regional entra, mui devagar, numa outra fase, a partir da criação da Academia Gallega.

A Galiza e o galego convertem-se em interesse, primeiramente filológico, para os investigadores portugueses. Eis aqui um típico relacionamento do contato intersistémico: elementos periféricos da produção sistémica portuguesa (algumha vez apoiante de lugares centrais, mas, como é lógico num sistema consolidado, ocupando situações periféricas) preenchem no sistema regionalista posição central, dada a particular dinâmica emergente deste. O que num lado tem função de *complemento*, por exemplo a tendência filológica e a posterior literária tradicionalista, no galego tem valor *legitimante* de *auctoritas*. Esse encontro de interesses luso-galego definia-o Aubrey Bell em 1921 (463) com estas palavras dedicadas ao "Renascimento literário na Galiza": "Foi por isso coincidência notável que, ao mesmo tempo que Portugal recuperava para a sua literatura as poesias líricas primitivas da Galiza, que hoje são um dos seus mais valiosos elementos, surgisse um novo grupo de poetas nessa região, que agora volta a ser, como dantes era, «fértil de poetas»"

Um caso paradigmático do *valor legitimante* que referíamos é o de Alexandre Herculano. Há alguns anos, Ramón Villares comentava certeiramente a respeito da presença de Herculano no regionalismo galego:

> "Se na literatura e historiografía galegas a presencia de Portugal non acada, durante o século XIX, máis dunha representación secundaria, por parte portuguesa non parece haber tal correspondencia. De Alexandre Herculano é ben coñecida a súa insistencia no caráter 'moderno' da formación de Portugal, o que, na práctica, lle excusa o referirse á Galiza e ao processo de separación do reino portugués[286]".

---

[285] A amizade entre o poeta e a escritora era grande. Em carta a Martínez Salazar, de 7 de fevereiro de 1889, comenta Pondal estar à espera "con ansia" de receber um exemplar de *De mi tierra*, "de nuestra muy distinguida y cara Emilia" (Ferreiro, 1992:148). Desconhecemos qual foi a reação de Pondal perante a obra.

[286] Neste sentido, é extraordinariamente reveladora a carta que Teófilo Braga envia em 1913 como adesão à homenagem tributada na Corunha a Manuel Murguía com motivo do seu oitenta

Não estando conformes com a afirmação primeira do prestigioso historiador compostelano, como neste trabalho pretendemos demonstrar, o facto é que o historiador luso fala pouco da Galiza, embora o primeiro dos seus "tipos portugueses" o dedicasse precisamente ao «galego»[287]. É por essa razão que quando aparece nos textos regionalistas umha referência a ele, desta resulta um valor particular, que é duplo.

O autor de *Eurico o Presbítero* é um clássico, já mesmo desde os inícios do regionalismo, e aparece como aparecem os clássicos: sempre referenciado, nunca vulgarizado; como *auctoritas*, monológico, nunca dialógico. Essa é a sua imagem, e é usada como tal. Como é óbvio, a sua presença não se produz por via da colaboração, dado que o escritor falecera já em 1877. Mas, já o indicamos, vai aparecendo nas revistas galegas como pano de fundo. E é talvez, juntamente com Camões, a referência habitual cujo conhecimento é sempre presumido. Nunca dele aparece um texto, mas com frequência é invocado como autoridade em matéria histórica, linguística e romancística. Dele toma-se sobretudo o seu crédito, porque, sendo português (e aproveitando os galegos mais umha vez a imagem de zelosos nacionalistas dos portugueses), 'reconhecia' duas cousas fundamentais para a Galiza sob a ótica de alguns

---

aniversário. Dá-a a conhecer Eugenio Carré em Portugal no livro *In memoriam do Doutor Teófilo Braga* (1843-1924) publicado pola Imprensa Nacional em 1934.
"He aquí ese documento", diz Carré, "revelador del afecto que Braga profesaba a nuestro país y del gran interés con que seguía todo cuanto se relacionaba con Galicia, por tener con Portugal un mismo origen, umha misma lengua y una misma tradición". Transcrevemo-lo integramente, porque, para além dos seus comentários sobre Alexandre Herculano, fornece-nos alguns outros dados que confirmam as ideias do polígrafo e na altura figura já relevante da política portuguesa:

> "Com o maior enthusiasmo, á homenagem prestada n'este dia ao glorioso patriarcha das Lettras gallegas, D. Manuel Murguía, venho como portuguez apresentar-lhe a expressão mais significativa e fundamentada da admiração que bem merecem os seus trabalhos. Nos nossos Cancioneiros trovadorescos dos seculos XIII e XIV, o filão do lyrismo gallecio-portuguez vem revelar a primitiva unidade da Lusitania, representada pelas duas Patrias -Portugal e Galliza-, desmembradas por accidentes da reconquista neogótica e desconhecendo-se pela obliteração do passado social. O desenvolvimento dos estudos historicos em Portugal e na Galliza devia conduzir do ressurgimento moral d'estes dous fragmentos lusos. Don Manuel Murguía ergueu, na sua *Historia da Galliza*, o monumento imperecivel, em que pelo criterio scientifico reconstitue esse estado iniciador da civilização peninsular, tão cedo abafado pela incorporação castelhana. Em Portugal a obra de Murguía correspondia á obra de Alexandre Herculano na forma, mas não no espirito; na sua *Historia de Portugal* considera a nacionalidade formada pela implantação de colonias asturo-leonezas, desprezando os elementos anthropologicos e ethnicos do territorio luso.
>
> Todos os continuados estudos de D. Manuel Murguía, que se concentraram na realização da *Historia da Galliza*, deram-lhe um mais largo e seguro criterio, de que não dispõe o simples cronista regional. É por isso que esta obra importante fortifica a consciencia da autonomia portugueza tantas vezes amesquinhada pelos delirios megalomanicos do imperialismo iberico.
>
> É, portanto, um dever moral para nós, os portuguezes, cooperar sympathicamente a esta homenagem hoje prestada a D. Manuel Murguía, ao attingir esse pincaro da vida, que ainda mantem a caracteristica d'aquella raça á qual pertencemos, e que tira as suas energias da eterna esperança.
>
> Lisboa, 17 de maio de 1913."

[287] Foi um projeto inconcluso do historiador. Publicou *Typos Portuguezes. O Gallego. Vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé* no *A Illustração. Jornal Universal*, entre 1845 e 1846.

setores regionalistas: ser o português o galego evoluído, e ser Portugal umha 'consequência' galega. Na continuação vamos ver exemplos desse valioso contributo para o regionalismo galego. E assim vai Herculano figurar como referência clássica no sistema galeguista até à guerra civil.

E também nele vai ser visto o modelo de rigor histórico. Como mínima prova dessa condição de autoridade acrescentada polo zelo referido, vejamos como e em qué função na revista *Galicia*, "Revista regional de mayor ciculación en la República de Cuba"[288], Herculano era citado. Trata-se dumha carta aberta que, assinada entre outros por Ángel Barros, o Licenciado Secundino Baños, Plácido Lugris e José C. Chané, dirigem, encerrando-a com a frase "No más emigración" a D. Juan Rivero, que no *Diario de la Marina* de Vigo publicara umha série de artigos sobre a história da Galiza, felicitando-o assim:

> "Tal es, á grandes síntesis, su excelente trabajo. El gran HERCULANO que se olvidaba de que era portugués para escribir la historia de su patria, porque "el patriotismo puede inspirar poesía, puede avivar el estímulo; pero es pésimo consejero del historiador"[289], no podría exigir más verdad en la narración, más bellezas en el estilo, ni fondo de moral más filosófico"[290].

Mas, para além doutros escritores portugueses, neste período aparecem textos de estudiosos lusitanos em forma de colaboração a que é oportuno prestar algumha atenção. Dous são os casos mais relevantes, pola sua transcendência futura: Oliveira Martins e Leite de Vasconcelos.

V.3.3.1. Oliveira Martins

Como é conhecido, Oliveira Martins tornou-se um estudioso mui afamado na Espanha da altura, particularmente pola sua conceção da unidade ibérica, que ele modificou em várias ocasiões, e que foi objeto de viva polémica[291].

A participação de Oliveira Martins no sistema regionalista, vai estar sustentada nas mesmas ideias sobre o movimento que conhecemos de Teófilo e Leite. Mas com muitas mais dificuldades de transferência. Oliveira Martins

---

288 A revista tinha como lema "Todo por Galicia", e fora fundada por López Veiga em Havana em 1902, com Constantino Horta como diretor, nesta altura.

289 A frase é tradução da de Herculano na sua *História de Portugal* (1846: VIII, Lisboa, Viúva Bertrand e Filhos) "*O patriotismo póde inspirar* a *poesia*; pode aviventar o estylo; mas é o pessimo conselheiro do historiador"; mais umha prova, aliás, da vulgarização da obra do escritor português.

290 *Galicia*, Havana, número 29, Ano IV, 16 de julho de 1905.

291 Esta oscilante posição de Oliveira Martins tem no "Ultimatum" um dos seus pontos mais evidentes, como afirma Vázquez Cuesta: "em Oliveira Martins se agitam, com o «Ultimatum», velhos rescaldos de hispanofilia" (Vázquez Cuesta, 1975: 73). O ambíguo iberismo do autor da *História da Civilização Ibérica* no Ultimatum muda radicalmente de posição (Vázquez, 1975: 105) e diz que "é para Espanha que havemos de voltar-nos". Em 1992, a citada autora publicou um documentado artigo onde são analisadas as obras de Joaquim Pedro Oliveira Martins e o seu relacionamento, nem sempre fluido, com destacadas figuras da cultura espanhola do momento (Vázquez Cuesta, 1992; vid. também Vázquez Cuesta, 1970).

era autor controverso na sua receção peninsular. As suas ideias eram passíveis de serem utilizadas num sentido *mais espanhol*, *mais português* ou *mais ibérico*; dependia de texto escolhido e recetor. E no ambiente literário galego ocorre de igual modo, o que nunca ocorreu com Teófilo ou Leite. Adiante veremos como na polémica sustentada entre Sánchez Moguel e Manuel Murguía (com o *perigo português* como quadro geral) essa duplicidade e ainda *triplicidade* intepretativa assoma. Fora de qualquer ambiguidade é o caso dumha colaboração no *El Álbum Literario*[292] de Ourense que em seguida comentamos. Ela mostra como a atenção ao relacionamento com Portugal através de Oliveira Martins existia já, mas com clara vocação de perspetiva e apropriação espanholas. Eram estes também os pequenos *cavalos de Troia* no regionalismo.

Com efeito, ano e meio antes do "Ultimato", publicava-se na revista um extenso artigo, publicado ao longo de três números[293], no privilegiado lugar da portada e página seguinte. O trabalho, intitulado "Portugal contemporáneo", é da autoria de Manuela Barja.

A autora começa por considerar a ignorância mútua em que se acham "ambas naciones peninsulares", o que explica "que sea común en Portugal ver personas" que conhecem os principais autores europeus "y desconocen totalmente á Galdós, Meléndez ó Nuñez de Arce". Da mesma maneira que há "infinitos literatos en España" que ignoram a existência de Antero "poeta de altos vuelos", Eça, "novelista tan eximio", "y un escritor de ciencias sociales é históricas como Oliveira"[294]. "Pocos novelistas podemos poner al lado de Eça de Queirós, menos poetas que no pierdan comparados con Quenthal y ningún escritor -aparte de Pi- capaz de profundizar las cuestiones sociales como Oliveira Martino [sic]"[295].

---

[292] O semanário fundado e dirigido por Luciano Cid Hermida era, como assinala Barreiro, "una especie de órgano de varios literatos de la ciudad de Orense, en donde colaborabam entre otros García Ferreiro, Benito Fernández Alonso, etc." (Barreiro, 1983, II:229).

[293] Foram estes o 22, o 25 e o 26, de 1, 22 e 29 de julho de 1888 respetivamente.

[294] Conhecer o ignorado para outros é aparecer em posição dominante, ter a *auctoritas* nos juízos. Como vemos a seguir, a autora destina o seu artigo a comentar Oliveira Martins, que, rececionado como ambíguo na sua formulação do quadro ibérico, era passível de ser brasa puxada à sardinha particular. E, ainda que os grupos dirigentes do sistema regionalista não tinham muitas dúvidas a seu respeito, não por isso Murguía obvia qualificá-lo de "paradójico", ciente da mudança que aquele intelectual manifestava, não a respeito da "Galiza" ou da "Espanha", mas em relação à defesa ou não da federação hispânica.

[295] Em bastantes cousas coincidiam os dous pólos em questão a respeito da transferência portuguesa: mais notável é que um e outro procuram a sua Importação no seio da "Geração de 70", de produção e prestígio intelectuais indiscutivelmente reconhecidos. Faziam parte da secundarização do sistema, mas eram ainda a "geração nova", e, durante longo tempo, não viverom tensões ameaçantes à sua posição, que, precisamente a partir do Ultimato vão começar a aparecer, como expusemos na caraterização do polissistema português neste período. Ora, e este texto já o aponta, a seleção da Importação é radicalmente diferente: se os regionalistas visam a linha de estudo histórico, com Teófilo e Martins, desde o polissistema espanhol visa-se também Oliveira (pelo seu *iberismo*),e Eça de Queirós, que passa despercebido na vulgarização regionalista, como veremos.

O texto vai centrar-se então em Oliveira Martins; o padrinho introdutor invocado é Castelar, representante quase oficial da intelectualidade espanhola no que diz respeito a Portugal e às literaturas emergentes, particularmente a galega. "No hay necesidad de presentar á este último después de la brillante apología que de su historia de Portugal hizo, no ha mucho tiempo, el señor Castelar en la *Revista de España*; el aplauso de nuestro incomparable orador en asunto de su especialidad, vale bien cuanto pudiéramos decir del escritor lusitano".

E, de imediato, aparece a apropriação do escritor português, usando dos "amigos", por vezes dos mais "falsos", da terminologia lusitana: o termo hispânico, ou, noutro matiz, espanhol, que não significa pertencer ao estado na altura borbónico, mas à união peninsular. Isso reconhece a autora, mas, ao utilizá-lo fora do contexto português, a receção que pode postular é a da reintegração de Portugal, na casa comum de quem *conservou* o termo para si. E, no tratamento da Galiza que Oliveira Martins faz, passa rápida a comentarista, sumindo-a na unidade hispânica, e dando implicitamente àquela a função de enlace[296] interestatal:

> "A *História da civilização Ibérica*" [...], "hermoso estudio filosófico." "[...] pero lo que le hace más simpático á nuestros ojos es observar que pertenece á la nueva generación lusitana, llena de patriotismo, que repite las palabras de aquel ilustre pensador português *'Españoles somos y de españoles debemos preciarnos'*[297].
>
> Después de señalar la filiación de su patria como un trozo de la Galicia meridional desprendida por la ambición, habla constantemente *da Hespanha*, comprendendo en esta expresión la península entera."

A continuação do artigo, nos números a seguir, é todo um exemplo da classe de apropriação espanhola; a obra de Martins, está "escrita con la mejor voluntad de hacer patente la gratitud que, cuantos creen en el porvenir del pueblo ibérico deben sentir por un libro que nos hace entrever días mejores trás la desvenrura del presente"[298]. E a conclusão converte-se num canto

---

296 A função da Galiza como enlace era já ideia corrente no regionalismo galego. "¿A quen se lle ocorrera tan xenial idea?" interroga-se Vázquez Cuesta (1990:, 198) e afirma: "De 1879 data a primeira referencia que posuímos: un artigo de Joan Sieiro -«El Porvenir del dialecto gallego»- aparecido en *La ilustración gallega y asturiana*, a revista de Murguía e Rafael Mª de Labra. Lemos nel: «Si el iberismo ha de ser algún día hecho real de nuestra vida, indicado está por la mano de la Providencia que Galicia servirá entonces, por su constitución física, por el caráter de sus habitantes, por su frecuente comunicación, por el continuo cambio de sus intereses, por su igual historia, por la semejanza del idioma, en fin, de lazo de unión que nos aproximará al vecino reino» (Ed. facsimilar, t. I, Gijón, 1979, p. 300). Mas Vázquez Cuesta conclui, e assim pensamos nós, que o mais provável fosse que a ideia flutuasse no ambiente.

297 É tradução dumha frase de Almeida Garrett contida na nota D do seu *Camões*, de 1825, que cito pola quinta edição, de 1858 (214), *Obras do Visconde de Almeida Garrett*, Lisboa, Viúva de Bertrand e Filhos: "Hespanhoes somos e de Hespanhoes nos devemos prezar", que se completa assim: "todos os que habitâmos ésta peninsula".

298 *Álbum Literario*, número 26 de 29 de julho de 1888.

épico à glória futura de Espanha, republicana (onde Portugal fica posto de parte, integrado já em Espanha, num nível mui superior ao que os galegos praticavam):

> "Propagando tales ideas en Portugal contribuirá el Sr. Oliveira á hacer realizable el ideal de grandeza para la España del porvenir, ya que infundados recelos, propios del régimen político á que actualmente se hallan sometidos ambos pueblos, hacen imposible la soñada unidad que ha de ser el origen del engrandecimiento de la raza ibérica y centro de atracción hácia el que converjan las veinte naciones españolas que, en ambos mundos, esperan la ansiada aurora que ha de anunciarles el renacimiento de sus antiguas glorias y la superioridad de nuestra raza en el mundo"[299].

No seio do regionalismo, a definitiva consagração de Oliveira Martins como elemento *legitimador* da causa regionalista tem lugar em 1891. O motivo é o seu convite para contribuir, como ele próprio diz, em carta reproduzida no número 5 de *La Patria Gallega*[300], o mais importante órgão regionalista da altura "á apotheose de Rosalía Castro, á admiravel poetisa gallega", nos atos dos Jogos Florais de Tui. A essa homenagem também enviara a sua adesão Leite de Vasconcelos. Não pode acudir Oliveira Martins, por lhe ter chegado tarde a comunicação, e responde por carta a Salvador Cabeza, secretário dos Jogos. De novo, o historiador não elude o tratamento da questão nacional. E afirma também os traços étnicos e linguísticos que unem galegos e portugueses, mas com umha particularidade, não nova, embora mui reveladora: ao considerar a evolução da Galiza e Portugal, já não em termos linguísticos, mas histórico-políticos, O. Martins afirma a origem galega de Portugal, o que *legitima* os mecanismos de apropriação galegos, similares aos que dias mais tarde Murguía vai utilizar no seu famoso discurso dos Xogos Froraes. Oliveira Martins, aliás, alarga a comunidade galego-portuguesa até ao Mondego, ultrapassando os limites, pois, do Douro (ideia em que Castelao assentará a identidade galego-portuguesa na culminação e síntese da fase nacionalista de pré-guerra que significa *Sempre em Galiza*):

> "[...] portugueses e gallegos somos um e o mesmo povo na lingua e no sangue [...] Desde o Finisterra pelo menos até ao Mondego, o povo é absoultamente o mesmo, e se nao[301] tivesse sido o facto da scizão politica pelo Minho, a lingua seria absolutamente identica. O portuguez nao é outra coisa senao o galleciano que tomou carac-

---

299 *Álbum Literario*, número 26 de 29 de julho de 1888.

300 Esta publicação era um projeto unitário entre as várias correntes regionalistas da época, que vai acabar, como tantas vezes, em cisão: "O proxecto de consolidación dun movimento rexionalista unitário, superador das diferenzas internas entre os galegos, ia topar-se con contradicións político-ideolóxicas dificilmente superábeis pola sua intensidade. En efeito, antes de rematar o ano 1891, *La Patria Gallega* comunicaba, nunha insubstancial nota, o abandono da redacción da mesma por «razón de sus ocupaciones» dos membros da mesma: Alfredo Brañas, Cabeza de León e José Tarrío". (Máiz 1984: 126). Para umha maior informação sobre a rutura cfr. Máiz, 1984: 126 ss.)

301 No original não aparece transcrito qualquer til de nasalidade.

teres proprios com a cultura principalmente quinhentista. Antes, as duas fallas nao se distinguen.[...]

Portugal porem, tornou-se independente e progrediu aparte, emquanto á Galliza como provincia da monarquia hespanhola ficava com a sua linguagem adscrita ás condiçoes dum dialecto pola primasia dada ao castelhano.

Essa independencia portugueza, ninguem o ignora, largos tempos, porem, aspirou á ser a autonomia de todo o oeste e noroeste da península; e ainda hoje, no entrelaçamento das familias é propriedades dos dous lados do Minho vemos os restos dumha historia antiga"[302].

E, após fazer referência a vários episódios em que Portugal pretendeu a união com a Galiza frente a Castela, faz ainda outra declaração fundamental na legitimidade patrimonializadora galega, com independência da *verdade* histórica:

"As empresas navaes que tao grande fizeram Lisboa, prepararam-se no Porto e a semente da força maritima do norte portuguez ha de ir encontrar-se nos armamentos do bispo de Compostella Gelmires durante o periodo da reconquista.

Galegos somos pois, qualquer que seja o aspeto por onde nos observemos quando olhamos para as nossas origens historicas".

Conta depois umha anedota sobre a identidade de galegos e portugueses sob o rótulo de "gallegos" em Portugal[303], e conclui com umha frase que nos dá conta do conhecimento que na altura se tinha da literatura galega, mais em concreto dos escritores e obras mais valorizados no país luso, Rosalia e Curros, e, sobretudo, da reivindicação nacional que os portugueses percebem no movimento *regionalista*: "Ja V.E. ve, portanto, como eu folgaria em me associar a celebração merecidissima que a sua sociedade tem a peito effectuar. O nome da autora dos *Cantares Gallegos*, esse livro em que vibrantemente pulsa a alma nacional, acode a idea de quantos respiram os *Ayres de miña terra* do seu patricio Curros Enriques."

Oliveira Martins, que faleceria três anos mais tarde, fica então como umha referência obrigada para muita da argumentação pró-unidade

---

302 É esta umha referência mais explícita (e coerente com o seu pensamento na matéria) da que fizera anos antes em *História da Civilização Ibérica*. Ramón Villares (1983: 307), comentando as, em sua autorizada opinião, quase inexistentes relações galego-portuguesas no século XIX, já reparara no facto de considerar Oliveira Martins umha entidade comum à Galiza e ao Norte e centro português:

"Oliveira Martins non repara apenas, na súa *Historia da civilización ibérica*, na Galiza, á que se refere como "región" que ficara vencellada á monarquía española, aínda que lle recoñeza a súa identidade étnica e cultural coa "metade norte" do país portugués, "nunca até agora fundida inteiramente com a metade do sul do Mondego" (Villares cita por *Historia de la civilización ibérica*, Aguilar, Madrid, 1946, p. 236, e *Portugal contemporâneo*, Lello & Irmão, Porto, 1981, I, p. 8)

303 "Ha annos, residindo eu na Mancha, regiao onde se confundem os estremenhos e os andaluzes limitrophes, succedia ter sob-as minhas ordens mineiros gallegos e mineiros beirões portuguezes. Pois a gente da terra denominava-os a ambos gallegos -gallegos de España e gallegos de Portugal". Oliveira Martins foi com efeito aos vinte e cinco anos administrador das minas de Santa Eufémia na província de Córdova.

galego-portuguesa futura; e, em concreto, as suas palavras sobre Rosalia de Castro cedo vão ocupar um lugar no conjunto de frases lapidares com que o galeguismo vai nutrir-se. Anos passados, a *Revista Gallega*, em número dedicado à autora galega[304], transcreve um trecho da carta ("O nome da autora de *Cantares Gallegos,* esse livro em que vibrantemente pulsa al alma nacional acode a idea de quantos respiran os *Ayres de miña terra* do seu patrício Curros Enriques"); o em ocasiões mimético *El Eco* bonaerense reprodu-las igualmente no seu número 201, ao lado, em ambos os casos, dumha apreciação de Pardo Bazán, mas apenas a referida aos *Cantares gallegos* ("En los *Cantares Gallegos*, Rosalía de Castro traduce á maravilla el alma del país").

É este um momento particularmente intenso da receção de Oliveira Martins; não podemos esquecer que na altura, Portugal está a viver os resultados políticos e sociais do Ultimato inglês, e, neles, Oliveira Martins tem não pouco protagonismo. Da atenção ao grande historiador, como também da contínua apropriação de elementos portugueses para explicar a própria realidade, dão conta as seguintes palavras introdutórias a umha carta que Oliveira Martins escrevera dias atrás sobre o momento político português, dirigida ao Ateneu Comercial do Porto, em *La Patria Gallega*, no seu número 10:

> "Toda la prensa se ha ocupado de la notable carta del sabio publicista portugués, señor Oliveira Martins acerca de la situación de Portugal. Nosotros la insertamos con mucho gusto, porque no sólo retrata la situación de aquel país, sino que, sin quererlo, traza de mano maestra el estado de nuestra *feliz* España, y las consideraciones que alega son en su mayor parte aplicables entre nosotros".

---

[304] No número 120 de 27 de junho de 1897. Neste número são transcritos trechos de opiniões de Pi i Margall, Castelar, o Marquês de Figueiroa, José R. Carracido, Narciso Pérez Reoyo e poemas de Teodoro Cuesta (poeta asturiano) e de Joaquin Rubio y Ors, poeta catalão. Juntamente com eles aparece o comentário de Emilio A. Villelga Rodríguez, que situa o nome da autora ao lado de Homero, Virgílio, Dante, Milton, Camões e Goethe. Prova da *pluralidade* recetiva da obra de Rosalia, e de como já o sistema literário regionalista era visto como um perigo separatista, são as palavras do na altura recentemente falecido Juan M. Paz Nóvoa:
"En la unidad inquebrantable de la unidad de la gloriosa patria hispana, será de hoy más Galicia uno de los elementos valiosísimos de la intensa atividad, por su historia, por sus tradiciones, el caráter valeroso y prudente de nuestra raza y por su dulce lengua, madre de los idiomas harmoniosos y opulentos en que escribieron Cervantes y Camoens felizmente restaurada por la inspiración de Rosalía".
Nóvoa, que fizo parte da fração esquerda dos partidários de Castelar, fora o advogado defensor de Curros Enríquez na denúncia que contra o seu *Divino Sainete* fizera o Bispo de Ourense, causa em que o poeta fora representado por Manuel Rodríguez López. Queremos aliás aproveitar esta nota de rodapé para indicar, timida mas convictamente, a hipótese de que os federo-regionalistas, contra o que pudesse parecer e também contra a opinião de algum com justiça reconhecido historiador (por exemplo Ramón Máiz na sua magnífica obra sobre o regionalismo galego), não forom precisamente os mais decididos defensores da independência cultural da Galiza, que nunca admitirom se punha em causa a unidade espanhola em todas as ordens, por mais que as suas ideias sociais e democráticas fossem realmente progressistas. Desta afirmação daremos provas mais adiante.

V.3.3.2. Leite de Vasconcelos

Alguns dos filógogos lusitanos de maior lustre, como é Leite de Vasconcelos, são progressivamente integrados nas publicações galegas, e mesmo pedida a sua colaboração para atos que se querem de singular relevo. Leite de Vasconcelos participa com um artigo intitulado "Língua e Litteratura Gallega" em *El País Gallego*, que, e como informa por exemplo o Álbum Literário no seu número 26, é publicado como extraordinário em 25 de julho "con motivo de las solemnes fiestas celebradas en la docta ciudad en honor del santo patrón de las españas". A celebração, para a qual quase será tradição editar revistas comemorativas[305], não fora ainda declarada polos galeguistas dia nacional, mas era aproveitada também para a afirmação regionalista. Em *El País Gallego* publicam colaborações boa parte dos regionalistas da época, sem faltar os habituais Castelar e, sobretudo, Echegaray. Leite fala desde a autoridade reconhecida que é aplicada na Galiza ao que vimos denominando historicismo português em geral, e a Herculano, Teófilo, Oliveira Martins e ele próprio em particular. O seu artigo é tão breve como intenso e modélico em vários sentidos[306]:

a) afirma a unidade sistémica da língua galego-portuguesa, explicitando (num gesto de evidente filologia política, que já sabemos normal para o sistema, e que pode fazer assomar o *perigo português*) que a consideração que ele dá ao galego (co-dialeto)[307] é maior da que geralmente a filologia lhe outorga: "e já lhe concedo mais do que lhe concederam muitos philologos que o consideram apenas como dialecto da lingua do meu país[308]".
b) valoriza o ressurgimento galego como umha questão de afirmação nacional (o mesmo argumento que a Teófilo valera a censura de Pardo Bazán): "É digno do maior elogio o desenvolvimento litterario que últimamente se tem manifestado na Galliza. A parte illustrada

---

305 Um dos casos mais relevantes é o de *Santiago* 1900, que se prolonga até 1902.

306 Umha interessante e pormenorizada análise deste artigo é feita pola Professora Carme Hermida (1987).

307 "Como porém o português é a lingua nacional de um país independente, historicamente definido, e além d'isso o órgão de umha litteratura notabilissima e abundante, ao passo que o gallego se limita ao uso doméstico de uma simple provincia e possue uma litteratura por ora modesta, devemos considerar este último idioma, numa classificação glottologica, como um co-dialecto".

308 A declaração não deve ser minusvalorizada; se essa era, e é, a consideração geral da romanística, não digamos qual era a opinião de elementos menos legos na matéria: não era infrequente, como se sabe, que nessa altura o galego fosse considerado, desde o polissistema espanhol, *dialeto*, como categoria enfrentada a *língua*, normalmente do espanhol; o afã de ascendência remota levava Murguía a falar de maioritária presença celta; e não era invulgar procurar-lhe origens helénicas, como Saco y Arce, particular *auctoritas* do sistema que Leite censura. Essa tendência helenizante perdura longo tempo. Em 1904, no número 17 de *La Temporada em Mondariz*, publica-se em primeira página "Recuerdos helénicos de Galicia" de Celso de la Riega, onde se afirma a procedência grega dos artigos determinados galegos. Mas a transcendência era outra: justificava o cultivo do galego, e postulava o seu desenvolvimento ao lado do português, nele apoiado.

d'este país, cada vez mais ciosa do sentimento nacional, busca todos os meios, o jornal, a poesia, o romance, para dar ao seu idioma pátrio, -o gallêgo- a maior vida e o maior impulso".

c) *filologiza* o facto literário galego, permitindo ver, também expressamente, os objetivos sistémicos do historicismo português: o texto não fala realmente de literatura, apenas de língua, e pondo ao claro a convergência de interesses que a interferência tem neste setor de contato galego-português: legitimidade para uns; objeto de estudo para os outros:

"Claro está que a Philologia Romanica ve isto com os melhores olhos, porque será ella uma causa de grande acquisição de materiais, que doutro modo havia risco de se perderem. Muitos escriptores suppoem que o *gallego* é um dialecto hispanhol, quando a verdade é que essa lingua se relaciona muito mais com o português do que com qualquer outra". (...) Com a separação de Portugal da Galiza do século XII, e em virtude dos destinos que os dous países depois tiveram, o *português-gallego* scindiu em duas linguas, *português* e *gallego*, que se foram differenciando com o tempo cada vez mais ate' hoje. Todavia ésta differença não é demasiada; o português e o gallego, quando se collocam um deante do outro, mostram bem o seu íntimo parentesco".

Neste sentido, recomendando um maior estudo filológico do galego, aproveita para desfazer definitivamente algumhas peregrinas ideias que sobre o galego circulavam, e sugerir a transferência para o sistema da sua própria atitude: " O que agora se torna urgente é que os escriptores da Galliza, ao mesmo tempo que se consagran [sic] á cultura litteraria do seu idioma natal, o estudem também scientificamente, coordenando bons dicionarios (o de [Valladares] Núñez é já muito superior ao de Piñol[309]) e boas grammaticas (a de Saco Arce desconhece ainda as relações estreitas do gallego com o português; e compara ás vezes aquelle com o grego!)".

Leite é pois um dos primeiros elementos do polissistema português que participa no sistema regionalista. Se em ocasiões são reproduzidos textos dele, noutras é pedida a sua colaboração; o filólogo português aplica as suas investigações à questão galega, e algum caso há em que, como qualquer regionalista ou simples utente do sistema da época, escreve para os jornais galegos a intervir na vida literária do momento. Com respeito, mas sem excessivas atenções. Longe os portugueses dumha atitude acaçapada, intervinherom ativamente no sistema galego, o que lhes valeu mais dum dissabor. É, por exemplo, significativa a sua intervenção na revista *Galicia*, que prestava particular atenção aos problemas linguísticos e à atividade investigadora portuguesa: numha carta,

---

[309] De quais eram alguns dos problemas de codificação linguística, e polo que têm a ver com o português, tratamos em parágrafo específico. A modo de exemplo, indiquemos que Piñol, sete anos após e em plena polémica linguística, envia para a *Revista Gallega* depois um breve escrito, publicado no número 35, em que, entre outras cousas, censura o uso de palavras como *Deus e dúvida*, por portuguesas. Supomos que ele defenderia *Dios e duda*.

motivada polas bases do "Certamen Folk-lórico gallego", Leite põe em evidência, talvez de propósito, as carências sistémicas regionalistas e a timidez com que o processo, em particular no que diz respeito a Portugal, se está a conduzir. Leite vai insistir na coerência dos argumentos por ele utilizados e na do próprio sistema regionalista. Em primeiro lugar insiste, como é de esperar na sua transferência, na necessidade do estudo filológico:

> "1º Creo[310] que no debería ser excluído del Certamen[311] un estudio filológico, con aplicación del método moderno, respecto al idioma gallego, porque éste es la materia prima de toda literatura folk-lórica de Galicia" [...]"

O segundo ponto *mexe na ferida* da, ao mesmo tempo, incoerência e debilidade sistémica regionalista, dando no alvo da sua ambiguidade e fragilidade perante o espanhol:

> "2º No sé porqué no puedan ser también escritos en lengua portuguesa los trabajos presentados. No hay más razón para excluir el portugués que para admitir el castellano, porque, si éste es el idioma oficial de España, el gallego es un co-dialecto del português; el português y el gallego fueron una misma lengua en la Edad-media, como se evidencia en muchos documentos, al paso que el castellano es una lengua perfectamente distinta de aquellas, con su desarrollo especial. La admisión del idioma oficial de Portugal al Certamen sería una prueba más de la fraternidad que ha unido siempre á gallegos y portugueses[312], y una demostración del afecto con que se tratan estos dos hermanos que viven en las orillas del Miño". [Assina: J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 20-8-88].

Dous anos mais tarde o seu nome aparece em *A Monteira*, com motivo das cartas de adesão a Alfredo Brañas com motivo da publicação de "El Regionalismo", onde se destaca: "Os siñores Rubió Ors, Guimerá, Pou Ordinas, Pidal, Leite de Vasconcellos (portugués) falicítano tamén, así com'o anti-rexionalista Nuñez de Arce"[313].

---

[310] Desconhecemos se Leite enviou o seu texto em português ou em castelhano. Seja como for, o facto de aparecer escrito em espanhol indica claramente a consideração linguística do galego, reservado fundamentalmente para a criação literária (e não para toda). A interlocução com os portugueses fazia-se também em espanhol, tendência que persistirá quase inalterada até aos anos vinte. É o caso, entre outros, da correspondência que conservamos entre António Feijó e Curos Enríquez.

[311] A Base I. do "Certamen", publicado nesse verão o programa em várias revistas do momento rezava: "Los temas propuestos para este certámen son dos: *1º Estudio sobre las costumbres de Galicia, 2º Estudio sobre las creencias y supersticiones de Galicia"*. Sem dúvida então, a proposta de Leite postulava um novo caminho complementar ao sistema, porque em tema e modelização reduzia notoriamente as suas possibilidades, neste momento importante para o seu desenvolvimento e legitimação.
A Base III, indicava: "Los trabajos presentados para optar á premio habrán de estar escritos en prosa, y en lengua castellana ó gallega, pero en una sola de las dos".

[312] Cabe indicar mais umha vez como o discurso destes investigadores portugueses sobre a fraternidade é estabelecido normalmente sobre a base da unidade galego-portuguesa, perante ambiguidade,quando não definição sistémica hispano-portuguesa dos seus convizinhos.

[313] Número 25, 22 de março de 1890. Como informa Ramón Máiz (1984: 106 ss.) o texto de Alfredo Brañas suscitou unanimidade na Galiza, preocupados os diversos setores galeguistas

V.4. 1890-1891: Um momento de intensa atenção a Portugal

Como é possível coligir, o ambiente literário está, a partir de finais de oitenta, marcado polo relacionamento, e por umha certa sensação de avanço sistémico na Galiza que funda nos Jogos Florais de 1891 não poucas esperanças. Esse ambiente faz-se explícito e estende-se a outras revistas não tão participantes do credo regionalista (polo menos como era entendido em *La Patria Gallega*): no número 126 da relativamente longeva publicação *El Álbum Literario*, "revista semanal de literatura, ciencias y artes", Cid Hermida traduz um texto de *Os Debates* de Lisboa em que se escreve sobre os atos que a sociedade *Liceo Brigantino* prepara na Corunha "para conmemorar la heróica defensa de aquella ciudad en 1589 contra la armada inglesa". No texto transcrevem-se as bases do "certámen-científico-literario-artístico.industrial y mercantil, que debe celebrarse el día 7 de Septiembre próximo".

O breve texto, que abre o número, é introduzido pola epígrafe "Portugal y Galicia", em que se justifica a tradução dum artigo iberista:

> "Ya por las simpatías que nos inspira Portugal con motivo de los atropellos de que viene siendo víctima por parte de Inglaterra; ya por haber considerado siempre á los portugueses como hermanos nuestros, y en vista del movimiento de atracción que se observa entre gallegos y lusitanos, creemos oportuno traducir el artículo del señor Carrilho Vieira[314], en él que se ve latir la aspiración de estrechar esos lazos que, acaso en día no lejano, han de unir a España y Portugal, y, que revela ademas el interés que á los periodistas y literatos portugueses inspira nuestro movimiento regionalista".

Os acontecimentos derivados do Ultimato inglês foram então determinantes na atenção a Portugal. Entre os vários exemplos que podíamos colocar dessa "corrente de simpatia" a respeito do vizinho, decidimos transcrever, e comentar minimamente, o que aparece assinado por A.M. [Amador Montenegro, siglas iguais às do periódico que fundara] no *A Monteira*; porque ele, para além do estado do relacionamento, vai dar-nos luz sobre o sentido de algumha transferência de grande importância para o sistema regionalista. *A Monteira* dedica o seu número 17, de 25 de janeiro de 1890 "Ós nosos hirmaus", censurando agramente a "soberba" de Inglaterra e solidarizando-se com as penúrias lusas, e, ao mesmo tempo, comprendendo os receios de Portugal a umha aliança com Espanha, que a conduziram aos interesseiros braços britânicos. Amador Montenegro, diretor da publicação, acha ser chegada a altura de esquecer antigos rencores, e proceder à fraternidade ibérica, para a qual a Galiza podia servir de privilegiado enlace:

---

pola unidade; e também e significativamente em setores antirregionalistas. A respeito do caso que nos ocupa, Alfredo Brañas, de forte tradicionalismo e vinculado por vezes ao carlismo, não postulava a autossuficiência sistémica da cultura galega.

314 *Vieira* é erro por *Videira*, apelido correto deste jornalista e intelectual republicano português.

> "Fora, fora tolos medos de perder unha independéncea merecida; qu'os pobos nunca prden esta si queren conserval-a. Abaixo pra sempr'esa rabecha y-ese despréceo que se tiveron españoles e portugueses y estes, aceutena amistá qu'hoxe ll'ofrecemos todos de boa gana, e Galicia, este anaquiño de terra, mais próusimo parente que nengún outro pais, Galicia, a quen Portugal debe, segun di Herculano, *a pobraceón* y-a *língoa*, sex'o lazo d'unión d'entrambas naciós".

É a esta menção de Herculano, elemento substantivo dos comentários de Montenegro, que queremos pôr em destaque. Esclarece a citação o autor nas linhas a seguir:

> "Españoles, hoxe facémonos eco d'o sentemento xeneral e gallegos dirixímonos ôs nosos irmaus n-un idioma tan parecido o d'eles, que sin dudar aseguramos é o mesmo en que Camoens esquirbiu *Os Luisiadas* [NOTA: D'unha carta esquirt'á Vicetto pol-o hestoreador portugués Alexandro Herculano, é dino de lêrs'este párrafo, que deben meditar moitos que non saben ou non queren aprecear o qu'é Galicia y-o qu'encerra.
>
> «E Galicia un pais altamente sempáteco a Portugal, A Galicia está ô meu modo de ver, en tan íntema coneusión de raza, de tradiciós, de costumes y-hastra de configuraceón d'o chan y-en produciós con Portugal (sobre todo co-as nosas provínceas d'o Norte), que con Castilla. *Galícia deunos pobraceón e língoa*. Entr'o Miño y-o Mondego tal vez non haxa unha antiga aldea cuyo nome non sex'a reprodución d'o nome d'unha pobraceón galaica, un apellido de famílea nobre que non traig'o seu remoto oríxen d'esa rexión. Cántigas gallegas pasan ainda hoxe por obras d'antiquísimos trovadores portugueses, o que, sin embargo non é imposibre. *O portugués non é sinon o dialeuto d'o gallego, civilizado e prefeucionado*[315]]".

Este documento privado, mas aqui tornado público (não será a primeira vez) é umha canonização decisiva do pensamento reintegracionista galego. O muitas vezes denominado "grande Herculano", o historiador e literato português mais respeitado da Lusitânia, *reconhecia* a comum unidade, e concedia, através precisamente das frases que Montenegro sublinha no texto, umha autoridade acrescida ao discurso galego. Eis a chave da transferência galega de Herculano.

De resto, o texto oferece-nos a que vai ser também habitual referência a Camões: que o autor de *Os Lusíadas* escreveu na variante galega a sua obra, alargando então o galeguismo a invariabilidade linguística galego-portuguesa até ao século XVI; e igualmente todas as caraterísticas étnicas, geográficas e literárias partilhadas polos habitantes de ambas beiras do Minho.

---

[315] Montenegro Saavedra adapta as palavras de Herculano. Não entrando aqui a considerar a ortografia e o estado de língua da época (que é bem eloquente) sim é preciso comentar aqui, ao menos como curiosidade, mas com implicações sistémicas relevantes, o facto de sentir os galegos (e os portugueses) as duas variantes próximas num momento em que o castelhanismo e o hiperenxebrismo estava instalado no pretendido (e inexistente) standar galego e a grafia portuguesa apresentava umha complexidade, nem sempre etimológica, que a vai fazer ser objeto de sucessivas mudanças.

Amador Montenegro conclui renovando os desejos antes expressos, e aludindo, sem citá-lo, Teófilo Braga, supomos:

> "Non fai moito tempo qu'un esquirtor portugues, chamando hirmá a Galicia, invitaba ôs dous países á facer mais fortel-os lazos d'amistá. O distinguido esquirtor non supoñía, seguramente, que tan presto un motivo com'este, ib'a persentar acaseón de facer práuticos os seus consellos.
>
> España e Galicia fan hoxe xustícea ôs portugueses e España e Galicia esperan qu'estes han de saber enterpretar aquel sentemento"[316].

V.4.1. Um olhar sobre Portugal célebre na época: o do Marquês de Figueiroa

Fruto sem dúvida desse ambiente, aparece em 1891 em *La Pequeña Patria*, publicação que continuava *Galicia Humorística,* dirigidas as duas por Enrique Labarta, e no seu número primeiro de 10 de novembro de 1890, o artigo "Portugal", assinado por "El Marquês de Figueroa". A importância de tema e artigo, para além de serem recolhidos no primeiro número da revista, manifesta-a o facto de levar acompanhada a seguinte nota da redação: "Sobre el mismo asunto publicó el Sr. Marqués de Figueroa un extenso artículo en *Les Matineés Espagnoles* que fue traducido al portugués y comentado con frases aludatorias por los periódicos de Lisboa".

De resto, o texto vai pôr, intencionadamente ou não, a nítida ambiguidade que o sistema regionalista manifestava.

Juan Armada Valdés, o XII "Marqués de Figueroa", como geralmente assinava, foi ativo político, "maurista" do partido conservador, deputado e até ministro. Foi "decidido apoloxista" da terra galega, no dizer de Carvalho Calero (1975:476), pola sua condição nobiliária e pola sua intensa atividade jornalística desempenhou destacado papel na atividade regionalista, sem nunca chegar a ocupar lugares centrais pola sua produção literária, que publicou, tardiamente, em dous volumes, *Del solar galaico* (1917) e um *Libro de Cantigas galaico-lusitanas*. *Impresiones y reminiscencias del vagar* (1928), onde "percura unha aprosimación ao portugués, que se manifesta na vaguedade das cantigas, e dende logo no léisico e na morfoloxía" (Carvalho, 476)

O texto gira em volta dumha ideia que sabemos objeto de viva polémica na época: a união hispânica (ou ibérica, em terminologia espanhola). Aquando

---

316 Na publicação não se apagam os ecos do Ultimato inglês. No número 20 de 15 de fevereiro, é traduzido um poema de Manuel del Palacio que, sob a fórmula dumha fábula, torna outra vez sobre o tema do que se considera engano britânico a Portugal; e, no mesmo número, na seção "De todo un pouco", esquecendo algo do prometido um mês antes, lemos:
"*O Noticiero* [sic, era *O Noticioso*], periódico portugués, di que certas mulleres d'a nosa terra, roubaron n-a feira de Valença nada menos 70.000 *reis*.
¡Setenta mil reis! Todal-as dinastias habidas e por haber n-o reino viciño.
Non lles quedou seguramente um pra un romédeo.
Ven que xa se sabe que baratos se venden-os reis en Portugal y-os 70.000 d'o conto non valian mais que 1.647'50 reas".

menino, comenta, não percebera a "suave y velada ironía" com a qual quem o levava indicava que estavam no estrangeiro. Adulto, compreendeu-na, na "viva simpatía" que Portugal lhe inspira, "simpatía instintiva y espontánea, tal en una palabra como la que debían compartir españoles y portugueses, si siguiesen su inclinación natural, dejando á un lado los prejuicios de la historia".

O marquês, utilizando alguns estereótipos, dando a volta a algum outro, pretende mostrar umha realidade portuguesa afundada, que sustém a sua identidade na miragem do passado, "enganados" na sua história, e no seu presente, com Inglaterra. O texto está focado numha perspetiva de subtil crítica da realidade portuguesa, envolvida em carinho, mas de abaixamento do português, cujo momento cimeiro está no ato dum espanhol que, veremo-lo, realiza umha ação quase salvífica para o povo português. Esta pode ser a mais fácil leitura aos olhos espanhóis: Portugal é pequeno, embora pareça ingenuamente grande: "qué tiene de particular que excitada mi imaginación de niño de diez años, [...], me figurase Portugal grande, muy grande? [...] Aun hoy necesito hacer cierto esfuerzo de espíritu para ver Portugal con su verdadero carácter". A seguir, somos informados desse caráter: (a fanfarronice e o delírio de grandeza). "Este pueblo se ignora: se cree muy distinto de como es en realidad. Ha formado su carácter en todo un pasado de grandezas que se reflejan en las exageraciones de su lenguaje". Conhecendo o risco dumha receção mordaz, acode o marquês, talvez sincero, mas suspeitosamente: "No se vea en mis palabras la más remota intención de burla ni de crítica". E continua, com pretensa objetividade: "El carácter portugués, además, no tiene nada de vago ni antipático: extrema el punto de honra, la presunción hidalga; es vano pero no orgulloso", o que explica pola grandeza perdida e em razão de "que la rica y fecunda imaginación de que están dotados los portugueses crea un curioso antagonismo entre la realidad y la apariencia". A fanfarronice fica aqui matizada, mas persiste na ideia da vaidade. E se, em Taboada, víamos o desprezo polas glórias nacionais portuguesas, aqui assistimos, muito mais subtilmente à mesma cousa, isolando um herói para os portugueses como Serpa Pinto, da realidade: "El portugués se muestra grande cuando Portugal ha dejado de serlo [...]. Dígalo Serpa Pinto". Fica ainda mais empobrecido nas linhas a seguir o "altivo" caráter de "una nacionalidad un tiempo famosa *"... quasi cume da cabeça/ Da Europa toda ó reino lusitano*. Qué triste eco el de los versos del gran Camoens". E, por umha aparente via de solidariedade, mas na verdade de apropriação mui comum em determinados setores espanhóis qual é a conversão do autor dos *Lusíadas* em ibérico (que por exemplo rara foi a vez que os portugueses praticaram com Cervantes): "Cómo afligen en mí al peninsular, al ibero, al amigo de Portugal, al hermano de sus hijos!". E prossegue, em expressivo contraste com a ação que depois culmina o texto: "Bien hicieron no ha mucho los manifestantes de Lisboa en cubrir con negros velos la estatua del

poeta que cantó las glorias de que el alma del peninsular siente la nostalgia". A seguir, reconhece também um estado de debilidade em Espanha (sem emitir os juízos de valor que faz sobre Portugal), que lhe parece propício para a unidade. E eis-nos chegados ao momento da ação espanhola, onde de novo não deixa de transparecer nas palavras de Figueroa, agora com maior intensidade, a tendência à apropriação, simbolizada no arrebato dum espanhol "un humilde hijo de nuestros valles gallegos", que, em plenos protestos polo Ultimato, "llevado por el movimiento popular, en un arranque de delirio patriótico[317] trepó al balcón de la Embajada británica en Lisboa y arrancó el escudo entre los aplausos de la multitud". Sobre a *façanha* espanhola, conclui o Marquês:

> "Señaló el momento álgido del entusiasmo popular el español humilde al poner sus manos en el británico escudo: bien merece Pardo Lorenzo, que acertó a dar forma á la protesta contra Inglaterra y á favor de España en plena capital portuguesa, que su hasta entonces ignorado nombre quede escrito en las páginas de esta ilustrada REVISTA".

Significativamente, o texto está enunciado desde umha atitude predominantemente espanhola. A referência expressa à Galiza aparece no final do texto, na função mediadora que os regionalistas postulam, sobre a base das duas marcas mais habituais para definir a comunidade galego-portuguesa:

> "Si portugueses y españoles se deben considerar compatriotas, gallegos y portugueses los que habitan ambas riberas del Miño y hablan un mismo lenguaje, se deben tener por conterráneos. Tal se mostró el humilde carbonero Pardo Lorenzo yendo más allá que nadie en su entusiasmo, y despertando á favor de España el del pueblo de Lisboa".
>
> Não deve ser esquecido o acto de Lorenzo nem a resposta portuguesa, finaliza o Marquês, e aproveita para assestar um subtil golpe à inoperância portuguesa: "aunque no faltará quien dé más importancia á las notas diplomáticas de Hintze Ribeiro".

Cientes com Steinmetz (1981), da distância entre receção e interpretação, esta nos parece umha leitura provável do texto e, mui possivelmente, o horizonte fundamental que dele se desprende. Um texto do mesmo 1890, a que o Marquês deu publicidade em forma de "Carta al diretor de *La Monarquía*"-nome de cabeçalho bem eloquente-, no almanaque que o diário ferrolano distribuía para o ano 1891, confirma a nosso entender a interpretação que fizemos. Nesse texto, escrito também ao calor do Ultimato, comenta Juan Armada que o almanaque "que proyecta para el año 1891 LA MONARQUÍA, ha de registrar una nueva efeméride triste pero curiosa é interesante para todo peninsular, para nosotros interesantísima; la de la ofensa y atropello de que

---

[317] O Marquês não indica o referente patriótico do delírio, português, espanhol, ibérico?-; a ambiguidade deixa passagem à especulação da receção, que, cremos, pode postular umha receção da ação do espanhol como a força moral que os portugueses não tiveram no momento; portanto, significar o necessário auxílio espanhol para a Pátria portuguesa, aqui simbolizado no *humilde*, não fanfarrão nem presumível poderoso, espanhol.

hizo víctima a Portugal, la poderosa y desconsiderada Inglaterra". Para o autor é altura de reparar o que entende como erro histórico, que levou Portugal "á inclinar la cérviz bajo el pesado yugo que en mal hora se dejaron imponer por suspicacias y recelos de España". Já não como galego, mas como "buenos peninsulares participamos del noble orgullo que deben inspirar los Bartolomé Diaz, Paiva, Vasco de Gama y Cabral", lembrando para o caso de Gibraltar, não a "inclinação de cérviz" "que se dejaron imponer" os portugueses, expressão mui humilhante que não aplica para Espanha, mas "aquella gran traición que hizo á España y al derecho de gentes". Nele reclama a união ibérica, perante o estrangeirismo, que apenas traz perda de identidade, e da independência: "Dónde hallaría Portugal la razón de la suya si Camoêns [sic] no hubiese salvado la lengua portuguesa?"

Neste texto, no entanto, o Marquês explicava com maior concretização e intensidade a posição regionalista, talvez destinado, para além do relacionamento hispano-português, ou nele sustentado, a explicar os seus leitores o sentido do ressurgimento galego.

> "Hay que encomendar esta, al asíduo trato de las letras entre ambos países. [...] Los partidarios de una progresiva descentralización, los que la aplicamos al arte y á las letras buscando en cada región sus manifestaciones propias, -por donde se afirma una personalidad que no ha de limitarse á lo literario,-sin ser fatores de ningún propósito separatista, preparamos los caminos á la aproximación de Portugal y España, que tendría su término en la federación»

Faz depois Armada outras considerações sobre o papel que o renascimento literário da Galiza pode jogar na unidade galego-portuguesa, e ao caráter primigénio galego de muitas das manifestações medievais, para as quais se apoia em Teófilo Braga, encarecendo que os portugueses "tienen que buscar en las *fontes gallegas* lo que dá origen y caráter a su nacionalidad", recurso este mui próprio dos mecanismos de apropriação galeguistas sobre Portugal. Sobre as apreciações mais diretamente relacionadas com o sistema literário que expõe Armada, mais tarde voltaremos. Cabe apenas indicar que o Marquês reforça a ideia da Galiza como ponte hispânica aludindo à renovação do relacionamento galego-português através da literatura como necessário, recorrendo à "autoridad del Ilustrado Theophilo Braga", e, indicando que os galegos conhecem melhor a produção portuguesa que vice-versa, reclama o conhecimento dos portugueses da literatura galega, "tarea útilísima que lo será mucho más desde el punto en que se haga recíproca, beneficiándonos mutuamente y elevando por tal modo á mayor altura la civilización peninsular, harto necesitada de este trabajo de reconstitución moral é intelectual que ojalá precede á la material", conclui.

Nas revistas dedicadas à história ou à filologia, o conhecimento da realidade cultural portuguesa era, como já anotamos, razoável, e nelas ecoa a

transferência dos elementos lusos a que vimos fazendo referência. É manifesto também nelas, em ocasiões, a vontade de colaborar conjuntamente, apontando, timidamente, para umha espécie de polissistema galego-português, tentando firmá-lo como "estado de opinião" pola via histórica[318]. O que se perfila é a criação dum sistema interliterário *etno-linguístico*. Juntamente com o critério linguístico funciona a consciência do escritor de pertencer a umha literatura específica, às suas tradições e ao sistema das suas associações interliterárias. Essa consciência é a que presumimos funciona hoje, e funcionou no período que delimitamos com enorme vigor.

Estes aspetos assomam nas publicações galegas. Nestes casos, o relacionamento pessoal resulta decidido elemento de reforço; alguns deles podem resultar surpreendentes, como o que a seguir indicamos, mas revelam como o sistema regionalista se preocupou de reforçar a sua *historicidade*.

Em 1892, o diretor da *Galicia Diplomática*[319], já na sua terceira série, atendia por extenso ao anúncio de publicação dumha História de Portugal que ia ser traduzida do alemão para o português, obra em que colaborariam "Carolina Michaelis, Alberto Pimentel, Bazilio Teles, Bernardino Pinheiro, Delfim de Almeida, Henrique da Gama Barros, Joaquín de Araújo, Joaquín de Vasconcellos, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas y Theophilo Braga".

A notícia abre com Bernardo Barreiro a comentar a impossibilidade de explicar a história galega sem a portuguesa ou vice-versa. Aponta o na altura arquivista da Câmara compostelana que ainda não se tinha escrito umha história de Portugal com essas perspetivas, e que é a do alemão Henrique Schaefer a que melhor responde a essas expetativas. Para isso indica o juízo de "el

---

318 Esta propensão não é desdenhável. Ela será a base, por exemplo, do impulso do Seminário de Estudos Galegos que será fundado trinta anos mais tarde. E, muito mais importante, dado o relevo que estes tipos de investigações tinham para o sistema regionalista, unidos fundamentalmente à irmandade linguística, poderemos assistir, sob certa perspetiva, a um verdadeiro polissistema galego-português, assim considerado pola quase totalidade do sistema nacionalista de ambos os países, havendo inclusive em Portugal outros setores não nacionalistas que o entendem igualmente assim. A permanente colaboração institucional, a presença de autores e livros dumha margem do Minho vulgarizados como "nossos" na outra; a pretensão dum único mercado e comunidade leitora, o comum repertório para a produção, etc., apontam nessa direção. Mas, certamente, e doutro ponto de vista, os sistemas pertenciam a estados diferentes, tinham um aparelho político-institucional mui diferente, não estavam presentes no ensino do vizinho (na Galiza nem havia ensino de galego, nem em galego, nem dos galegos), o que, para além doutros argumentos, manifesta a dificuldade metodológica para tal consideração, dado o que habitualmente se entende por polissistema, que, afinal de contas, acaba por ser restrito a um território politicamente determinado. Talvez as interessantíssimas achegas de Bassel devam ser ainda aprofundadas para poder caraterizar casos como o que nos ocupa. Por exemplo, já vimos em Pageaux o uso de polissistema para referir-se ao conjunto de sistemas literários do Estado Espanhol. Nós aqui, e matizando sempre contextualmente o seu uso, utilizaremos segundo o caso sistema interliterário e polissistema galego-português.

319 Número 5 de 6 de agosto de 1892.

gran Alejandro[320] Herculano", e o do "malogrado Victor Eugenio Hardung". O interesse no entanto para o tema que nos ocupa é a relação que Barreiro diz ter com autor e tradutor:

> "Pero tal obra, apesar de su alto mérito no ha sido vertida aun al português hasta ahora que, el señor F. de Assis Lópes, de acuerdo con nuestro ilustre amigo D. José Pereira de Sampayo (*Bruno*) emigrado en París á consecuencia de la revolución última de O'Porto se decidió á traducirla directamente del original alemán, continuándola sobre el mismo plan y hasta el presente, el citado escritor que hemos conocido á su paso por Galicia".

O artigo conclui afirmando Barreiro que "Galicia está interesadísima en esa *Historia Portuguesa* y en su colaboración", que da mão de Antonio Pereira Sampayo, "hermano de nuestro querido amigo el continuador de la *Historia* de Schaefer", será publicada no Porto[321].

O encontro de interesses motiva correspondências, presenças, leituras, e mesmo viagens. A. Marsal (não outro que *A*ndrés *Mar*tínez *Sal*azar), no *Álbum Literário*, informa-nos como Leite de Vasconcelos, que acabava de fundar a *Revista Lusitana*, preparava umha viagem à Galiza para estudar o galego. Ao comentar "al sábio etnógrafo y grande admirador de Galicia" (apelativo, o de *sábio*, que entre os galegos o acompanharia quase desde o início), algumhas das suas opiniões linguísticas, aquele diz-lhe que "había recogido interesante y copioso material para hacer un estudio serio del idioma gallego y de los subdialectos, sin excluir, de estos últimos, el berciano, y que muchos se los suministrara la obra del Sr. La Iglesia, *El idioma gallego* [...] datos y noticias que el ilustre filólogo português se propone comprobar en su próximo viaje á ese antiguo reino"[322]. O artigo fazia parte dumha série que, sob a epígrafe "En tela de juicio" endereçada ao Sr. D. J. Barreiro Meiro, defendia o critério etimológico para a codificação do galego, a que adiante nos referiremos. A. *Marsal* simulava escrever desde umha distante Galitzia...[323]

---

320 Determinados nomes de autores, eram normalmente traduzidos, tendência habitual na cultura espanhola. Casos como o de Herculano são habituais, mesmo por vezes dentro do regionalismo galego, o que, entre outras cousas, manifesta o estado da conceção linguística nesta época.

321 Por outro lado, é oportuno indicar que o contato transfronteiriço parece na altura estar mais diversificado do que comummente se poda pensar. Por exemplo, e entre as adesões à homenagem que ao músico Varela Silvari se rende em Ponte Vedra, aparecem publicadas no número 42 correspondente a 1894 as de B. Carbalho [sic], de Braga, outra de S. Reinhar, datada no Porto, outra de Coimbra, de J.K. Puchetti, e ainda umha quarta desde Augusto Oliveira, Lisboa, reproduzidas todas elas em espanhol. O mais significativo é que, para além de muitas pessoas espanholas, apenas de fora do estado aparece umha nota dum italiano, em concreto de Milão.

322 *Galicia*, número 4, p. 1.

323 Para além desta coluna vertebral do relacionamento pessoal, significada nos grandes filólogos e historiadores portugueses do momento, através das revistas podemos ir conhecendo outro tipo de relações pessoais. Algumhas de importância para a futura cooperação, como o da nomeação como comendador da Ordem de Cristo de "el elocuente orador sagrado don Marcelo Macías, Director del Instituto de Orense", de que informa *Tierra Gallega* no seu número 58 de 24 de fevereiro. De igual mérito para Nicolás Pérez informa o recém estreado *Eco de Galicia* bonaerense

V.5. Incorporação do discurso dos historiadores e filólogos portugueses para um sistema interliterário galego-português

V.5.1. O discurso de Manuel Murguía nos Jogos Florais de Tui

É bem tópico na historiografia literária galega citar como exemplo modelar o discurso emitido polo já na altura considerado o porta-voz mais autorizado do movimento (embora não indiscutível), e o seu principal agente canonizador: Manuel Murguía, nos Jogos Florais celebrados em 1891. O tópico não lhe retira a importância que tivo. Foi reproduzido em várias publicações da época, com maior ou menor fidelidade ao mesmo. A transcendência do momento em que foi pronunciado indicava-a no seu discurso Alfredo Brañas, um dos "Manteñedores" do Acto:

> "Galicia esperta, porque non estaba morta, sinón dormida. E que despertar, meu Dios! En menos tempo d'o que pode contarse, fúndase a *Asociación rexionalista*, organízanse os *comités*, ou *xuntas* provinciaes e locales, pubrícase o seu órgano oficial, estabrécense os *Xogos Froraes*, e como si esto non fora abondo, lévase a cabo a mais grande, a mais portentosa demostración d'amor que pode dar un povo libre, a apoteosis feita en honor d'a inmortal Musa gallega señá Rosalía Castro de Murguía"[324].

O discurso do cônjuge de Rosalia, que, como vimos era *canonizada* nestes Jogos Florais, vai mostrar sobretudo e perfeitamente as bases e as expetativas que são postas em Portugal (ao qual se refere boa parte do discurso). O ambiente era propício: em Tui, cinco anos após da inauguração da ponte sobre o Minho, com Portugal ao fundo[325]. É conveniente notar que todo o discurso é elaborado sobre a consideração da literatura, mas que, por alargamento,

---

no seu número 10 do dia 10 de abril de 1892. E também da relação que Sofía Casanova tinha com a família Vaz de Carvalho Ayres de Magalhães, ou polo menos com Cândida Aires, sobrinha de Amália Vaz de Carvalho, a quem a galega dedica o poema "Tempestad de una tarde de verano", aparecido no nº 19, de 1 de janeiro de 1898 *Galicia Moderna*.

324 *La Patria Gallega*, números 7 e 8 de 1891.

325 Os atos desenvolverom-se num edifício hoje abandonado e dedicado a corte de porcos, mas na altura de nobre porte e decoração, situado precisamente à beira do Minho. Muitos anos mais tarde, informa Uxío Carré Alvarellos na revista *Céltica* (1960, 4, p. 275) que guarda "do noso esgrevio «patriarca» e inmortal historiador Murguía, [...] un autógrafo no que di:

> 'Breves y tranquilas horas, tantas veces pasadas, orillas del río sagrado de Galicia, que ora marcha atropelladamente ora apacible en busca de su término como no recordaros, cuando vienen a hablarme de los días felices de mi vida, sin otro consuelo hoy que el que me dice ¡ya poco te falta!
>
> Pasa, pasa tranquilo y llena otras risueñas esperanzas tales como aquellas que en otros días llenaron mi alma diciéndome que esas orillas dejarán de estar separadas y concluirán por unirse, lo mismo que los pueblos y las gentes que en ellas tiene hoy su asiento pues son hermanas por la sangre y por la historia'".

Pouca retórica parece haver nestas confissões do velho Murguía... Em 1889 (Murguía, 1889: 266), comentava já:

> "tanto en las provincias fronterizas, como en la misma Beira, considerada como el corazón de Portugal, siempre creí hallarme en mi país y entre los míos. Todo era para mi igual, la tierra, las producciones, el hombre. La misma lengua, las mismas costumbres"

ela converte-se na definição da própria nacionalidade. Mas mui particularmente ele vai elevar a língua ao lugar central da ação regionalista que postula (a começar polo uso público dela, a primeira vez que Murguía o faz). Máiz (1984:282) repara também no facto:

> "Pero quizais fose nos Xogos Florais de Tui onde Murguía plantexara con toda radicalidade non somente a consideración da língua como un elemento central na configuración da nacionalidade galega -estreitamente vencellado co fator étnico como acontece con todos os elementos orgánicos- senón tamén como tarefa perentória dos rexionalistas a evitación da sua perda ou esfarelamento
>
> [...] As relacións entre galego e portugués, o «idioma irmán» pasan nesta orde de cousas a un primeiro plano».

Mesmo ao final do seu discurso, que não recolhemos aqui, Murguía defenderá-se dos ataques de separatismo, referência obrigada quase em todas as proclamas regionalistas da época, e mais se quem perpetrava o ataque era Castelar[326]. Todo o tom da proclama de Murguía revela o por demais evidente: que o sistema regionalista era um sistema cercado. Por alheios (que o pretendiam negar ou reduzir o mais possível), e até por próprios (mesmo não poucos cultores que coincidiam com as apreciações dos *alheios*). Por outro lado, reservamos para este parágrafo trechos referidos à caraterização do sistema regionalista, para melhor verificar os núcleos em que se postula a transferência sistémica do polissistema português.

O discurso assinala as seguintes linhas, polo que diz respeito ao relacionamento galego-português:

a) a comunidade linguística determina a existência dum sistema interliterário. A patrimonialização dos clássicos portugueses:

> "O noso idioma! o que falaron nosos pais e vamos esquecendo, o que falan os aldeans e nos achamos a ponto de n'entendelo; aquel en que cantaron reys e trovadores; o que, fillo maor d'a pátrea gallega, no-l'a conservou e conserva com' un don d'a providencia; o qu'ainda ten n'os nosos labres, as dozuras e acentos que van ô corazón; o que agora oídes coma si fose un himno religioso; o hermoso, o nobre idioma que d'outro lado de ese rio é léngoa oficial que serve á mais de vinte millons d'homes e ten un-ha literatura representada po-l'os nomes gloriosos de Camoens e Vieira, de Garret [sic: será comum a transcrição com um *t* apenas] e d'Herculano[327]; o gallego, en fin,

---

326 Os ataques de Castelar não vão impedir que à sua morte, a *Revista Gallega* lhe dedique sentida homenagem, e, paradoxos do sistema, que seja comparado com Camões, no meio dos clássicos espanhóis: "Castelar es de aquellos *muertos inmortales* como el divino Dante, como el Petrarca, Cicerón, Sócrates, Camoens, Cervantes, Calderón y tantos otros" (Número 221 de 4 de junho de 1899).

327 É de notar que a apropriação de clássicos portugueses por parte do sistema regionalista, não se detinha na fronteira do passado comum medieval, e que, umha vez desaparecida a produção literária na língua própria do território galego, a apropriação acabava, como acabava a unidade literária, impedido o código escrito na Galiza, aliás, de ser desenvolvido, e chegando ao estado de língua do séc. XIX. Antes polo contrário, e polas vias que a partir de agora mostraremos, ela alarga-se com igual legitimidade para Camões, máxima representação do imaginário literário português; e nem aí se detém: a afirmação do sistema interliterário permite ao regionalista, com

que é o que nos dá dereito â eterna posesión d'a terra en que fomos nados, que nos dí que pois somos un povo distinto, debemos selo".

b) o elemento celta: anotamo-lo aqui porque, embora nada tenha a ver diretamente com o relacionamento português, vai ser umha componente central do galeguismo nas suas diferentes fases. A invocação deste celtismo (que conduz Murguía a falar de que ao celta deve o galego a "maor parte do seu vocabulário"[328]), ao significar um aspeto fundador do regionalismo galego, não vai ter em princípio fácil acoplamento com o lusi(tani)smo que alguns regionalistas professam, e vai explicar o complexíssimo esforço de articulação teórica (e imaginística) que os galeguistas têm a fazer para complementá-los, e não renunciar a nengum deles, embora o peso céltico diminua na fase nacionalista:

"N'el [no idioma] coma en vaso sagrado en que s'axuntan todo-los prefumes, háchanse os principaes elementos d'a nosa nacionalidade, de novo negada e ainda mais escarnecida. Doull'o celta a sua dozura e a maor parte do seu vocabulario [...] Léngoa distinta -di o aforismo político-acusa distinta nacionalidade. Digámo-l'o nos tamén [...]pra espresion d'un-ha literatura tan oposta ô genio d'a de Castilla como é esta que nós temos".

c) apropriação de Camões (máximo símbolo, especialmente na altura, como sabemos, da pátria portuguesa, e elevado por Murguía à categoria de clássico universal) pola via da sua presumível origem galega e mesma etnia; ao assentar o polissistema português, consequentemente, não se produz nengumha afirmação de iberismo. Utilização e *mitificação* de Inês de Castro, e doutros como o conde Andeiro, o de Trava, o de Caminha, etc., em benefício da unidade galego-portuguesa, unidos por umha *fatalidade* do destino, e

d) comum origem literária; afirmação da comum propriedade dos Cancioneiros[329]:

"Por certo que sendo pra nos o episodio de Inés de Castro n'os *Lusiadas*, un d'os cuadros mais fermosos e patéticos qu'un poeta pode concebir, (tanto que o poño ô

---

a maior das naturalidades sem dúvida, situar como clássicos Vieira, Garrett e Herculano, estes os dous mais recentemente introduzidos (Herculano por exemplo falecera catorze anos antes da data do discurso de Murguía) no Parnaso Português.

328 É evidente a falsidade desta afirmação, como doutras em que Murguía e o regionalismo em geral abunda, como a existência de um Romanceiro Galego de raiz diferente ao castelhano; no entanto, e como já esclarecemos na Primeira Parte deste trabalho, não estamos interessados na verdade ou falsidade dos assertos, mas no seu uso.

329 Silencia-se aqui a tendência, praticada por todos os regionalistas dedicados ao estudo dos cancioneiros, de distinguir a origem galega ou portuguesa dos trovadores, como meio para reivindicar também a participação galega nos *Cancioneiros*; aqui não se utiliza, talvez pola ambiguidade a que podia dar lugar, e sobretudo porque se pretende afirmar a unidade do sistema interliterário do momento.

lado d'aquel en qu'o divino Dante contou os amores de Lanciolotto e d'a sua doce amiga) achámolo xa n'o *Siervo* , disposto, sentido, expresado, anque brevemente, por tan nobre modo, qu'as inmortaes estrofas de Camoens, parecen ser eco d'aquela narrazón [...] Sabemos por qué foi esto? N'é que de fixo, qu'o gran poeta lusitano tivese lido as páxinas d'o noso trovador, sinon outra cousa superiore: a voz da sangre e o rincón ond'un foi nado. Obedecendo Camoens e Rodrigues de Padrón ós sentimentos innatos n'o seu povo e n'a i-alma que Dios lles dera, non puderon escapar á fatalidade d'espresion. Ademais quén sabe se con un esprito qu'hoxe non entendemos do todo, respondendo ás tradicions que levaban á don Fernando de Traba á combater po-l'a libertade de Portugal, á don Payo Correa, ben preto d'aquí nado, á conquistar os Algarves, á Xoán d'Andeiro, ô conde de Camiña y ôs nobres de Galicia qu'ô deixá-l a terra íbanse á Portugal -quen sabe s'ambos á dous poetas, fiéies á esa tradición e sentimento, entendían qu'aquela encantadora muller pôido ben ser lazo d'unión antr'os dous povos e c'a sua morte partira pra sempre, o que tal ves fora millor, que non se separase; o qu'aparés xunto n-os cancioneiros galecio-portugueses d'a Vaticana; o qu'a y-alma popular levou d'un ô outro confín, sin que poida decirse po-l'a fala, nin pol-'os sentimentos, nin mesmo pol'a historia en que logares había frorecido o trovador, si baix'os d'a vella Galicia, si n'o novo Portugal?"

e) mesma poética popular. A lírica popular, elemento central do sistema regionalista, *locus* privilegiado das essências fundadoras da nacionalidade, é compartilhada com Portugal. Galiza tem romanceiro próprio, e compartilha-o com Portugal (novo reforço do sistema interliterário; e

f) auxílio da erudição portuguesa:

"É este úlimo rasgo ben importante e que merece mayor recordo, pois a y-alma d'o noso povo, late forte e pura, e sincera ná composición popular, mellor quén ningunha outra. Pois ben; ved'os romances portugueses e notaredes que son com'os nosos. Somellan duas gotas d'orballo que tembran nun-ha mesma rosa. Veñen d'un-has mesmas fontes nacionáes, e son tan iguáes n'a fala coma n'os sentimentos qu' espresan. Ás veces hastra se compretan. Os restos d'o romance *N-o figueiral, figueiredo*, estos á sua vez d'a epopeya mais por compreto galega -e que conocemos porqu'a erudición portuguesa nol'a conservou por simpre curiosidade literaria- teñen n'a nosa tradición oral, coma quen dí a sua consagrazón [...]

g) patrimonialização de Portugal no seu conjunto, através das glórias nacionais lusas, e do seu prestígio. Afirmação da unidade linguística como legitimação dessa apropriação:

"Vede, po-l'o mesmo, meus señores, si podemos decir con verdade, que nunca, nunca, nunca pagaremos ôs nosos hirmans de Portugal o que nos haxan conservado estes e outros recordos, e sobre todo qu'haxan feito d'o noso gallego, un idioma nacional. Mais afertunado qu'o provenzal, encerrado n'a sua comarca propia, non morrerá. N'outro lado d'occeano onde algúns comprácense, ô torto, ô meu entender, en por a cuna d'as nacións d'o porvir, oirase sempre a léngoa que falamos, que vamos esquecendo e que de novo tendrá a vida que meréz, s'é que temos concencia d'os deberes que por propia vontade nos impuxemos. N'a Asia, n'a Africa, n'a mesma Oceanía falarase ô lado d'as que coñece o mundo europeo e dominador. Dios que nos castigou tanto, déunos esta groria".

h) postulação da transferência intersistémica do polissistema português pola via tradicional(ista). Nova consideração do sistema interliterário etno-linguístico e rejeitamento das transferências de polissistemas estrangeiros (nomeadamente a francesa e, noutro nível, a espanhola); para isso, utiliza o referente de oposição, e censura o seu barroquismo e artifício frente, de novo, à essencialidade galego-portuguesa. Canonização de Rosalia de Castro:

"C'a lengua temos asi mesmo un-ha literatura e sobre todo un-ha poesía particular. Hay quen di que n'é certo. Por qué, eles ó saberán: pois en cant'á nos, farto estamos de sabe-l'o contrario. A nosa poesía ten por musa o sentimento, mentras qu'a da España central e meridional, soyo a imaxinación. [...]A nosa poesía ten a nota humana, a nota moderna, e tena d'antes d'agora. Non morre pol-l'as *Filis* e as *Amarilis*, nin s'encanta c'a estranxeira palma de tan probes ornatos que soyo poden ser ademirados pol-l'os que non coñecen outra que resist'as durezas d'o sol e d'a terra en qu'aquela se cría. Fala depois do componente racial ariano que fai deste um país europeu. [...] Brilan aquí os fillos do pensamento. Non son com'os que visten con fermosos roupaxes os conceutos alleos. O revés, aquí traballa o home a sua mel n'o propio cortizo. Poderán os demais vencelos n'o brilo, pro non n'a profundidade n'a doutrina. Y-é cousa de notares, qu'ô modo d'o filósofo que saca de sí todo-l-o seu, así o noso poeta é o que ten en sí, e leva como un-ha fatalidade n'a sua y-alma. E poeta subjetivo, palabra que parés feita tan soyo pra designar con outra contraria ôs poetas que nada teñen de seu, mais qu'a espresión d'o esterior. Porqu'a verdade é, qu'o poeta subjetivo é tal, en canto fala d'o que ten en si mesmo, e é objetivo en canto pode decir c'o latino, que nada d'o que toca ô home, lle é alleo. Así, meus señores, ôs esquirtores portugueses modernos, non lles costou nada ser d'o seu tempo, mentras qu'os de Castila e Andalucía, tomando o esterior por cousa pirmeira, describen pro non sinten, pintan pro non penetran n'o íntimo, en fin toman por realidades as sombras qu'os envolven.. Ós nosos poetas modernos foron os pirmeiros que sintiron e espresaron á nota humana. Hoxe mesmo están siguindo ó camiño que lles amonstrou aquela santa muller que foi nai d'os meus fillos, e de quen está tan cheo este meu corazón"

O discurso de Murguía é o pano de fundo de toda a ação posterior. Nele concentravam-se todas as linhas do desenvolvimento sistémico posterior a respeito do polissistema português.

A partir de momentos como este, a esteia dos eruditos portugueses deixa a sua pegada nítida no sistema regionalista. E, com eles, todo o mundo português no seu conjunto. O seu discurso passa a ser usado como referente de verdade para os mais variados usos legitimadores do sistema. A sua posição, enquanto um dos centros do sistema está ocupado pola *legitimidade* da prática da literatura, é central como instrumento de canonização.

À sua autoridade recorre-se então a cada passo. Mesmo por aqueles que, como Aureliano J. Pereira, regionalista federalista da época, não vão estar dispostos quando o debate chegar a aceitar outras consequências linguísticas que do seu pensamento se derivavam. As palavras que a seguir referimos vão aliás indicar-nos as razões ideológicas do seu posicionamento posterior no debate

linguístico[330]. Pereira, para argumentar a importância da nacionalidade galega, isso sim, como contributo "poderoso á la obra de la constitución de la nacionalidad española, á la formación de la unidad", diz:

> "Galicia ha sido una nacionalidad sin cuyo concurso no existiría la nacionalidad española: Galicia ha dado el idioma á Castilla, y á España y su literatura es la madre de la literatura nacional. Y éstas no son opiniones interesadas, como de un hijo de Galicia; pues, dejando aparte al padre Sarmiento, puedo citaros escritores como Argote de Molina, el Marqués de Santillana, Pidal, Amador de los Ríos, Balaguer, Milá y Fontanals, Oliveira Martins y Th. Braga, quien dice que Galicia en la reconstitución de la sociedad neo-gótica, era el foco de la civilización peninsular, adonde los reyes iban á completar su educación"[331].

E, em nota, comentava: "Quien conozca el amor propio de nuestros vecinos los portugueses en materia de esta índole, podrá apreciar cuánto vale la opinión de Braga". O tópico continuava a funcionar.

Uma das personagens mais informadas do sistema regionalista em questões linguísticas, e, particularmente, no período medieval, o galécio asturiense (Astorga, 1846) e residente na Corunha como funcionário (arquivista) desde 1872, Martínez Salazar, editor recente da *Crónica Troyana* (A Corunha, Imprenta de la Casa de la Misericordia, 1900, subsidiada pola Deputação da Corunha) publica no "*Almanaque Gallego para 1901"* de Castro López o artigo intitulado "Lingüística Española", que, dedicado a Cayetano A. Aldrey, trata o tema que no subtítulo indica, "influencia de las lenguas del oriente de España en las occidentales y especialmente en la galaico-portuguesa". O que aqui nos interessa indicar é como Martínez Salazar, que, como veremos dirá Riguera Montero em *La Temporada,* chegara a experimentar a ortografia fonética na transcrição de alguns textos, apoia as sua argumentações fundamentalmente nos filólogos portugueses, e sobre esa base (neste caso em Herculano e Coelho), propugna a definição sistémica galego-portuguesa. Com efeito, e após

---

330 Reiteramos os nossos comentários a respeito do federalismo progressista galego, agora como relação a de Portugal. Em perfeita consonância com o seu pensamento político a respeito da Galiza, o relacionamento com Portugal não vai ser pensado por estes em termos galego-portugueses, mas hispano-lusos. Como consequência, nengum projeto reintegracionista vai aparecer neles; antes polo contrário, vão fazer aparecer a sua aberta hostilidade, talvez com a exceção, não mui representativa, de Amor Meilán. A Galiza é sempre nos federo-regionalistas pensada no quadro espanhol; por isso, mesmo algumha opinião deste setor em páginas de umha publicação galega vai, como veremos, advertir contra os perigos que dumha ação autocentrada galega a respeito de Portugal podem derivar-se para a integridade de Espanha. O pensamento político dos progressistas federais galegos constitui, em nossa modesta opinião, umha das miragens de certa análise historiográfica nacionalista. O mui valioso estudo de Ramón Máiz, que muitas vezes aqui seguimos, enferma em nossa opinião de certos apriorismos como este. Já Beramendi (1987, I, 211 ss.) detetou na análise de Máiz certo pendor preconceituoso, ao entender, implicitamente, que "todo organicismo y todo historicismo son culpables de tradicionalismo mientras no demuestren lo contrario". Pensamos que é por razões similares que Máiz insiste em excesso na boa *linha* que suporia o triunfo das teses de Pereira, que nós não percebemos da mesma maneira.

331 *La Tierra Gallega*, número 101 de 20 de novembro de 1895.

invocar a compilação que das modernas teorias linguísticas sobre a origem das línguas romances fizera "el doctísimo Braga, en su obra monumental, que ahora refunde", e à qual "consagra todo un erudito capítulo", comenta Martínez Salazar que os lusos, quando estiverom certos da sua independência, puderom proceder a dar-lhe caráter particular à língua:

> "los portugueses no interrumpieron el cultivo de la lengua gallega, y, cuando creyeron segura su nacionalidad, ó sea, a fines del siglo XV, fueron modificando voces nuevas, unificando las formas múltiples, aumentando los diptongos nasales, cambiando las desinencias de algunos verbos, modificando la fonética arcaica de ciertas palabras, etc, etc,; pero en sus fundamentos, según lo confiesan[332] Herculano y Adolpho Coelho, el dialecto gallego es lo mismo que el portugués"[333].

Que a doutrina galeguista, complementada polos filólogos portugueses, da unidade sistémica galego-portuguesa calhara viva e quase indiscutidamente, mostra-o o facto de não serem formulados precisamente por um dos elementos mais próximos ao achegamento do galego-português; por pôr algum exemplo, indiquemos que no mesmo trabalho aceita, "por influencia castellana" *Dios* como galego moderno.

O nome de Martínez Salazar, aliás, vai trazer mais dumha vez o de ilustres portugueses associados à sua pessoa. Ele, que não era de origem galega, possuía geral estimação entre galegos e portugueses. Prova disso é o extenso comentário que Galo Salinas faz com motivo da sugestão de Jaime Solá que, desde *El Noticiero de Vigo*, propunha nomear filho adotivo da Galiza o malacitano Narciso Díaz de Escovar, amigo e conterrâneo como vimos, de Salvador Rueda. Nela Salinas, sem pretender restar méritos a Escovar, pondera os mais altos (decerto sem margem de dúvidas, se do sistema regionalista se tratava) que Martínez Salazar possuía[334].

---

[332] Já vimos que, em não poucas ocasiões, ao falar da origem galega de Portugal afirmada polos portugueses, os galegos utilizam os termos "confessar", "reconhecer" para a eles referir-se, como se o valor da afirmação, apoiada no zelo nacional que como imagem dos lusos funciona(va), tivesse ainda maior autoridade, vindo de quem vinha.

[333] O comentário de Salazar realiza-se significativamente como nota de rodapé à seguinte afirmação: [o galego, por causa da] "enérgica unificación política impuesta por los Reyes Católicos" tornó á ser oral y popular; fenómeno curioso digno de ser consignado en la futura historia de las lenguas [aqui a NOTA]. En este dulce idioma campesino, pobre de vocabulario si se le compara con los de las lenguas cultivadas, pero rico de formas populares y arcaicas, han producido, como en otra ocasión he indicado, verdaderas maravillas poéticas Rosalía de Castro, Añón, Alberto Camino, Losada, Curros Enríquez, Pondal, Carvajal y muchos otros que cultivam con fruto su idioma regional, la antigua lengua de los cancioneros y las cántigas". O texto é ilustrativo: reconhece-se implicitamente as carências sistémicas do sistema regionalista dado o estado do código, *funcional* em tarefas poéticas, mas dificilmente estendível se, como podemos entender polo contexto, não amplia as suas posibilidades com o idioma irmão, este sim *lengua cultivada*. Por outro lado, temos bem resumido o estado do *Parnaso* galego do momento: à cabeça, como a clássica ilustre, Rosalia; depois, agora citados cronologicamente, os mortos: Añón, Camino e Losada; por último, os autores canónicos vivos e modelares, citados talvez em ordem de importância sistémica: Curros, Pondal, Carvajal.

[334] "Hijos de Galicia", *Revista Gallega*, número 45 de 1 de março de 1903.

Esta corrente de simpatia e gratitude concretiza-se na homenagem que o erudito recebeu dos seus companheiros de fileiras, e da qual dá cumprida notícia a *Revista Gallega*, em vários números de junho e julho de 1901. A homenagem era o substituto da iniciativa que partira de Insua e o grupo de Havana para oferecer umha casa ao quase arruinado Salazar, e que, apesar do decidido apoio da *Revista Gallega*, fracassara lastimosamente (Máiz, 1984:200); servenos a homenagem como mais um magnífico termómetro para poder avaliar o alargamento e o tipo de *proliferação* que o sistema mantinha nos começos de século pola via do relacionamento pessoal. O que em conclusão -pola nómina das adesões e apesar de se tratar dum historiador e filólogo, e não portanto dum produtor literário- verifica que se mantém a linha historicista e nela a centralidade portuguesa. Ao ato central, um "banquete literario" marcado para 16 de junho de 1901 assistem todas as forças vivas da cidade e muitas ainda da Galiza. E, no número 327, informa-se das adesões recebidas para a homenagem. A maior parte procedem da Galiza; algumhas outras dos galegos na altura em Madrid, mas vinculados à Galiza e ao seu sistema regionalista (Eduardo Vincenti, Aurelio Ribalta, Waldo Álvarez Insua) e de alguns professores de universidades europeias (fundamentalmente francesas) e de Hugo A. Benner de Pensilvánia. Salienta a crónica a mensagem enviada por Menéndez Pelayo, "cuya autoridad en materia bibliográfica es indiscutible". E, a seguir, e depois de referir a adesão de López Ferreiro, o destaque é para Theophilo Braga, "el Menéndez Pelayo portugués", esclarece o jornalista, o qual "dice en otra carta que también fué leída:

> «A *Crónica* é um precioso momento da lingua é litteratura gallega no seculo XIX [sic].- Nada me podia lisonjear tanto nem aguçar meu interesse mental é so tenho á felicitar á V. S: por ter realisado tao bella empreza de glorificaçao da nacionalidade gallega./ A *Crónica* é un libro [sic] que da á altura da cultura da Galliza na Edade Media, más sobre tudo como texto linguístico para explicar á lingua portuguesa fallada, é de un valor inestimable [sic]./Prometo escribir sobre esto para glorificar ó nome de Salazar»./ Igual promesa hacen en respectivas cartas Gonçalo de Guimaraes, de Lisboa; José Leite de Vasconcellos y Carolina Michaelis".

Mutatis mutandis: os elementos *fundacionais* da história e filologia portuguesas, representados nomeadamente em Teófilo, Leite e Oliveira Martins, mantêm-se ativos, obviamente com a baixa física deste último falecido já anos antes. E são incorporados dous novos, embora a sua presença, sendo mais tardia, não seja total novidade: D. Carolina e Guimarães[335]. Por outro lado é notório que na hierarquia que os galegos operam dentro do sistema português transferido, Teófilo Braga ocupe o primeiro lugar indiscutido.

---

[335] Pensamos que deve ser na realidade o latinista J. Gonçalves [e não *Gonçalo*, então] Guimarães (1850-1919), Vice-reitor da Universidade de Coimbra nos finais do século.

O texto de Teófilo aparece, e não é a primeira vez, adaptado ao galego usado na altura. Sem entrarmos agora a discutir as adaptações concretas (que mais parecem erros de transcrição) convém anotar que esta vai ser umha das duas práticas habituais do galeguismo a respeito de Portugal: a de adaptar os textos (e em mui contados elementos ortográficos) ou, a mais comum, deixá-los sem adaptar. O mesmo e em similar proporção acontece com a receção portuguesa de textos galegos.

Verificamos mais umha vez que se mantém o fundamental interesse filológico da produção galega para os portugueses, agora explicitado por Teófilo a parafrasear Herculano: o português é o galego evoluído; portanto, a sua produção, por arcaica, informa os estudiosos lusos de diferentes estadios da sua língua. E, junto com ele, o afeto português pola *nacionalidade gallega*.

A influência da *legitimação da auctoritas* portuguesa alargará-se também, nesta primeira fase que estudamos, às novas publicações galeguistas de já avançado o século vinte, e aos novos autores. Quando algum discurso de caráter institucional ou semi-institucional tinha como autor um regionalista, particularmente da órbita corunhesa, como por exemplo nos Jogos Florais, este procedia invariavelmente a afirmar a identidade galego-portuguesa com citação lusa habitual. Assim, enquanto nos Jogos Florais de Ourense, Pardo Bazán pronuncia umha longa proclama em que reafirma para o sistema regionalista o que deixara escrito em *De mi tierra* (e com contínuas referências à literatura espanhola como quadro e polissistema acolhedor)[336], Salvador Golpe procurava fazer o contrário nos de Betanços; e, enquanto Pardo Bazán prevém o seu auditório dos perigos do regionalismo, entre referências ao Tenório e ataques ao nacionalismo catalão, Salvador Golpe fala de galego e português, "por más que esta no sea otra cosa que la anterior, perfeccionada por el cultivo y por el comercio intelectual con las demás lenguas civilizadas de Europa. Así lo entendía el sabio historiador de Portugal Alejandro Herculano, cuando dijo: «El portugués no es más que el gallego perfeccionado y civilizado»".

Essa incorporação das ideias dos historiadores e filólogos lusos não se vai já perder na história do galeguismo. Ela enlaça com as novas publicações e os jovens que se vão incorporando ao galeguismo. Ramón M. Tenreiro, por exemplo, recorre a Oliveira Martins ao falar de "El despertar de mi tierra..." que publica no número 11 de *A Nosa Terra*[337], a publicação que, em termos sistémicos, vinhera substituir, já com um caráter mais vincadamente agrarista, a *Revista Gallega*.

É esta, sem margem de dúvidas, o melhor reflexo das linhas expostas por Murguía, certificadas polos historiadores portugueses, como para o caso

---

[336] O discurso, de 7 de junho, foi recolhido integramente por *El Eco de Galicia* de Buenos Aires no número 352 de 30 de julho de 1901 e seguintes.

[337] Dia 19 de novembro de 1907.

Oliveira Martins. Nela vamos encontrar contínuas referências à historiografia e à filologia portuguesas. E também, o que aqui queremos sublinhar, à partilha das glórias nacionais lusas.

Assim por exemplo, em março de 1895, época de polémicas linguísticas, no número 55 e com motivo das comemorações do quarto centenário da descoberta das Índias que vão ter lugar no vizinho país, comenta-se que a celebração: "No debe pasar inadvertida en Galicia esta conmemoración de una de las más brillantes páginas de la historia de nuestros hermanos por la lengua, la raza y las costumbres. Galicia debe pues asociarse á Portugal en la celebración de un hecho tan glorioso y trascendental para la cultura y progreso de los pueblos modernos".

Cientes talvez da distância entre desejos e realidades, e do pouco eco institucional e social que podiam alcançar, tanto como regionalistas como quanto lusófilos, acrescentam: "De todos modos nosotros en la medida de nuestras humildes fuerzas haremos lo posible para solemnizar dignamente el recuerdo de las empresas de la conquista publicando trabajos consagrados á ellas".

E, talvez por sabedores igualmente dos riscos que este tipo de apropriação acarretava a cada passo no contexto espanhol, e acaso também por sinceridade, concluem: "Las glorias de Portugal, como las de España, son nuestras glorias".

E no número 107, um ano mais tarde, Galo Salinas torna sobre o tema das descobertas, agora com um tratamento mais amplo num texto escrito em galego: Salinas repete os argumentos anteriores, mas agora com maior contundência. Não fala das glórias espanholas; e afirma: "inda hoxe o Portugal é tan Galicia como Galicia é Portugal". Salinas retoma a legitimidade portuguesa para afirmar, com modéstia fingida: "Non diremos c'un historiador portugués (Th. Braga) que á Galicia debe o Portugal, lengua, nobreza, costumes: non temos atrevemento abondo, e sosmentes diremos que teñen un mesmo origen". A emoção de Salinas leva-o a afirmações (e a omissão clamorosa das *façanhas* espanholas) do seguinte teor: "N-estes dias de loubanza para a nación hirman vai na sua compaña a Galicia para festéxar a fazaña maor das que registra a historia". Após descrever as navegações cita versos de Pereira da Cunha[338]. E, "como dino remate do que escribimos" transcreve umhas oitavas dos *Lusíadas* "co a leenda de Adamastor, pedidas prestadas ao mais grande dos poemas da literatura de todo o mundo: *Os Lusíadas* de Camões"; nestes empréstimos havia para Galo Salinas boa relação de irmandade.

E chegam a invocação da irmandade e a incorporação de Portugal a tais extremos, que o número 223, de 18 de junho de 1899, abre, de forma inusitada, com trechos do "Código Português", em português por suposto, e que

---

[338] Historiador e romancista romântico, autor de obras de ambiente e feição similar às de Garrett, e que faleceu em 1890

se vai prolongar no número 225, duas semanas mais tarde. Nunca nos quase treze anos de vida do semanário, assistimos a desenvolvimento de matéria tão específica e tão por extenso, sem tirar a aridez que porventura, a transcrição de dezenas de artigos do código luso podiam supor para o leitor. Tudo servia para a vulgarização de Portugal, e para a afirmação dos vínculos galego-portugueses. O motivo é o debate que se está a gerar em volta do direito foral galego, de que se informara semanas atrás. Esta é a introdução, que tem muito a ver com a matéria aqui focada:

> "[...] siendo una de las instituciones jurídicas de Galicia la *sociedad familiar,* ó *compañía de familia*, que por antonomasia lleva el nombre de *gallega*, creemos que aquellos de nuetros lectores que sean aficionados á los estudios jurídicos verán con gusto el capítulo que á dicha institución familiar consagra el *Código Civil Portugués*, sin disputa uno de los mejores del mundo. De ese modo también podemos apreciar mejor el íntimo parentesco que liga, dentro de la península Ibérica, á los pueblos portugués y gallego".

E seguem, em primeira página, os artigos 1.281 e seguintes da Secção Quinta do Código Português.

V.6. Umha ameaça para o polissistema espanhol: A transferência do polissistema português para a legitimidade sistémica regionalista e a sua expansão regionalista

Ora bem, essa Importação do polissistema português não é desenvolvida pacificamente. Ela vai gerar controvérsias, crises, disputas que chegam até aos nossos dias. Como não se pode entender o início de século no sistema regionalista (no seu relacionamento com Portugal), sem olharmos dez ou quinze anos atrás, também não é possível, em nossa opinião, perceber o alcance e significado de certas polémicas circulares no sistema galego sem acudir aos aspetos que passamos a referir, e que concentramos no tema do denominado "perigo português" e no forte debate linguístico (e literário e, ainda, político) que se vai viver nesta altura.

V.6.1. *O perigo português*

Como sempre acontecerá na vida do sistema literário da Galiza, quer seja ele regionalista, nacionalista, ou aspire à normalidade de ser simplesmente galego, quanto maior é a sua solidez maior ofensiva recebe dos setores que no polissistema espanhol defendem a integração de aquele neste, mesmo fazendo-o desaparecer. E, se for o sistema português o que pode assomar no horizonte, a reação é quase imediata e fulminante. Obviamente, os benefícios que para o sistema regionalista supunham as importantes achegas e legitimações dos estudiosos portugueses não iam passar despercebidas para determinados

defensores da unidade do polissistema espanhol. O denominado *perigo português*, posto em termos de sistema literário, cultural, e já não digamos político (reiteramos o campo privilegiado em que se estabelece a literatura, e a persistente pragmatização da sua receção: a literatura como arauto), aparece como um atentado de primeira magnitude.

A leitura *pragmatizante* da literatura galega *regionalista*, feita por próprios e alheios (mais inclusivamente por estes) está na origem dessa situação.

Ora, a *ameaça portuguesa* não era umha suposição dos alheios ao sistema, umha inferência maldosa; foi um recurso utilizado polos regionalistas e de maneira constante. Se a unidade era negada no político, por uns e por outros (estes, regionalistas, taticamente), tinha então que ser respeitada no cultural. Portugal apareceu sempre como a força e/ou a possibilidade galega.

Não sabemos se *o perigo português* se criou nesse período; a fonte é mui possivelmente o *Parnaso Portuguez Moderno* de Teófilo Braga, de 1877 (Braga, 1877: LIX) onde este autor trata da nacionalidade literária galego-luso-brasileira ("Portugal, Galliza e Brazil tão separados polas vicissitudes politicas, conservam ainda inteira a sua unidade ehtnica na tradição litterária"), pioneiro então da reflexão teórica sobre o sistema interliterário lusófono. A presença da Galiza no *Parnaso* é assim justificada (1877: XXXVI): "Effectivamente a Galliza deve ser considerada como um fragmento de Portugal, que ficou fóra do progresso de nacionalidade. A pesar de todos os esforços da desmembração politica, a Galliza não deixou de influir nas formas da sociedade e da litteratura portugueza".

E, combatendo o estereótipo galego em Portugal, que atribui a umha perda de memória histórica dos portugueses, é Teófilo (1877: XXVIII) ainda mais definitivo:

> "As povoações do Alemtejo chamam *gallegos* a todos os moradores do Ribatejo, pela transmissão inconsciente duma tradição perdida. Isto bastará para explicar o assombro que deve causar aos conterraneos o vêrem a poesia moderna gallega occupando um logar devido ao lado da poesia portugueza, como uma das suas formas archaicas; seguimos o vigoroso criterio scientifico, deixando as preocupações vulgares.
>
> Pelo estudo da poesia gallega, é que se podem comprehender as formas do lyrismo portuguez; e a desmembração d'esse territorio, que ethnicamente nos pertence tem permanecido para nós extranho durante tantos seculos, é que prova a falta absoluta de plano na nossa vida politica. A verdadeira origem da tradição lyrica da Galliza está ligada á sua constituição ethnica; [...]"

E não parava aqui a reflexão de Teófilo Braga. Para ele (1877: LX) o processo na Galiza, o país, dos três considerados, a que dedica maior atenção no seu extenso prólogo, é um sintoma de modernidade, e interpreta o encontro futuro de ambas nações como incurso no seu paulatino progresso:

> "O afastamento da Galliza de Portugal provém do esquecimento da tradição nacional e da falta de plano politico em todos os que nos tem governado. Em Portugal o

> espirito moderno penetra, mas ainda, é considerado como revolucionario. Na Galliza o estudo da tradição começou já [...]"

Na parte dedicada aos galegos, aparecem poemas de Rosalia, Alberto Camino, Lamas Carvajal e Ruiz Aguilera (com "Preludio", traduzido por Rosalia ao galego), e, sobretudo, cantares populares.

Até ao momento, ninguém estudara assim a literatura galeguista; nem ninguém tinha dado a esta tanta categoria, tal que era situada na origem do que era o vasto mundo cultural lusófono.

Honor demais para alguns espanhóis. As consequências cedo se produzem. Foi mui possivelmente Emilio Castelar quem por vez primeira clamou o *Aqui d'El-Rei* espanhol perante o *perigo português.* Fizo-o no prólogo às *Follas Novas* de Rosalia de Castro; isto é, *desde* o sistema regionalista. Estas forom as palavras de Castelar:

> "No olvidemos que hace poco un escritor insigne del vecino reino [Teófilo Braga no *Parnaso Português Moderno*] trazaba una especie de nacionalidad literaria compuesta por portugueses, brasileños y gallegos"[339],

e este o contexto, *galego,* da frase:

> "Los dolores de Galicia hablan por boca de Rosalía, y los hombres de Estado, los que han tenido el Gobierno en sus manos, que hoy lo tienen, los que mañana pueden volver a tenerlo, necesitan, heridos por voces tan dulces como ésta, averiguar la cantidad de satisfacciones que deben darse a las justas exigencias de esas provincias y el remedio que puede colegirse entre todos para sus antiguos e inveterados males. No olvidemos [...]. Estas cosas podían pasar por juegos de la imaginación cuando no habían transcurrido horribles crisis, y no se habían visto ciertas tendencias que podrían reaparecer mañana, ora bajo la bandera del absolutismo, ora bajo la bandera de la demagogia, que tantos desastres han derramado en nuestros territorios y tantas amarguras en nuestros corazones. Para matar el provincialismo exagerado no hay medio como satisfacer las justas exigencias provinciales. No olvidemos que muchas de nuestras regiones, como Galicia, por ejemplo, tienen brillantísima literatura propia, la cual, respondiendo a una ley de la vida, a la ley de variedad, debe coexistir, sin daño de la patria, mayor a medida que crecen sus hijos y se fortifican los órganos que componen su cuerpo y se abrillantan las estrellas que pueblan su cielo. Rosalía, por sus libros de versos gallegos, es un astro de primera magnitud en los vastos horizontes del arte español".

Assim conclui o texto do tribuno. Pretendia Castelar conjurar o *perigo* e puxar a brasa para as suas sardinhas, quer dizer-se, para as suas pretensões políticas. O ilustre político espanhol é, com a sua atitude, um antecedente da doutros intelectuais que mostravam interesse pola literatura galeguista para que esta não significasse umha rutura com o polissistema espanhol. Os

---

339 Prólogo a *Follas Novas*; citamos pola edição de 1933. Imprensa de J. Pueyo Luna, Madrid.

comentários de Castelar, aliás, vão ter fortuna: tanto para justificar a legitimidade literária regionalista como para ser censuradas polos seus autênticos objetivos.

Mas, decerto, esse perigo consolidou-se totalmente no repertório do imaginário sistémico e foi surgindo cada vez que as circunstâncias, a juízo do utente, assim o requeria. A existência do *perigo português* era umha das formas mais firmes de justificar a validade sistémica regionalista: compartilhando a Galiza com Portugal tantos elementos, parte dos quais fazem do país luso um estado independente (arma de arremesso galeguista frente ao unitarismo espanhol), com umha literatura gloriosa e igualmente independente, factos inegáveis, os galegos teriam incontestavelmente razão para o seu sistema, que, mesmo, podia seguir igual caminho.

Tem-se falado normalmente de que a ameaça da união com Portugal é exclusivamente retórica, (como em geral toda a pretensão reintegracionista). Decerto o é na medida em que aceitemos ser retórica boa parte do discurso regionalista, onde a distância entre os seus enunciados desejos e as realidades concretas era por vezes quase total. Em termos políticos diríamos mesmo que clamorosamente. Parece-nos todavia não haver dúvida de que esse tipo de discursos tem normalmente um duplo valor, projetivo e tático (indica os objetivos em forma extrema, e calcula as reações), e de afirmação do próprio. Mas em nossa opinião nada tem de retórica nem a proposta regionalista nem a resposta espanholista no tema português. Não é a nosso entender exatamente, nem menos habitualmente, a união política que se debate (o que costumava mover a riso os adversários do emergente sistema e que era utilizada para a reinvindicação dos direitos regionais), mas a união em termos literários e culturais, convertendo o cada vez mais assumido sistema interliterário num polissistema galego-português, que poderia trazer outras consequências. O que se produz é sistematicamente a interessada confusão polas duas partes de fronteiras políticas e culturais, discutindo-se a validade dumhas ou outras, ou, ainda, discutindo umhas, afirmando outras, etc.

Com maior ou menor grau de credibilidade, foi isto que sempre foi temido desde o polissistema espanhol. Contra o que puder parecer, este tema é decisivo para entender como a transferência do polissistema português se processou, e o que ela mesma significava. Se o temor aos bascos era normalmente aonde os podia conduzir a sua definição *étnica*; se aos catalães o conflito cultural podia ocultar, nem sempre totalmente, interesses económicos..., o que os agentes institucionais de qualquer função e posição no sistema espanhol temerom, no período que estudamos, foi a consolidação dum polissistema cultural galego apoiado no português. E nos finais do século XIX temos as primeiras mostras. E tanto assim, que, como se verá polas datas dos primeiros artigos que

citámos, o problema apareceu desde o mesmo início da transferência por via histórica e filológica que páginas atrás comentamos.

Portanto, se os regionalistas tinham que defender-se sistematicamente, como vimos, da acusação separatista que se lhes fazia (que sempre negarom, mas que nem sempre parece ser mentira, polo menos como *boato ameaçador*), agora acrescentavam à defesa a negação da sua presumível união com Portugal. Defesa que, por vezes, exercerom com certa deslealdade para com os seus valedores portugueses.

Mas a necessidade de abordar o tema ia surgir com força anos mais tarde. Um exemplo, sobejamente significativo, fornece-no-lo já em 1888 Leandro Saralegui y Medina, quem dous anos antes publicara *Galicia y sus poetas*, recolhendo produção literária em espanhol e galego de poetas da terra. Na revista *Galicia,* e abrindo o seu número 7, correspondente a julho de 1888, publica Saralegui "El regionalismo en Galicia", indicando-se que pertence ao livro *Estudios sobre Galicia*, "próximo a publicarse en la *Biblioteca gallega*", a importante empresa cultural de Martínez Salazar.

A ideia central que afirma Saralegui é a de que o regionalismo nada tem de separatista. Mas todo o discurso deste militar tudense está transido de (e resulta-nos obrigado recorrer muitas vezes a esta expressão) ambiguidade: ora parece afirmar a unidade galego-portuguesa, ora parece dela afastar-se. O modo da argumentação será comum, por vezes com matizes que chegam a diferir no objetivo, a muita da produção a este respeito: argumenta-se exemplificando as possibilidades, bondades e alimentos da união galego-portuguesa, para depois pô-las de parte, como ou sem condições. Assim, o mecanismo de defesa que supõe a ameaça mantém-se significativamente intacto. E parece sugerir que o renascimento não deve ser incomodado polo risco de que as reivindicações sejam extremadas...

Saralegui, após colocar vários exemplos de unidades políticas que amparam diversidades regionais, comenta que

> "la unidad de las naciones modernas durará todo lo que dure la comunidad de intereses, de relaciones, de necesidades y de progresos entre los distintos países de que se compongan, independientemente de los caracteres, hábitos, lenguas y literaturas particulares que los especialice y los distinga unos de otros./ Y siendo así como no puede dudarse, dónde están los inconvenientes del regionalismo, dónde sus peligros, dónde sus funestas reacciones y sus perniciosas influencias?... [...]/ Realmente y prescindiendo de ese vano fantasma de la descomposición de los estados -que en último caso nunca dejaría de producir una reconstitución equivalente en el sentido de la comunidad de caracteres y las condiciones regionales".

A diversidade cultural não se pode então confundir com a articulação política. Mas parece existir umha velada ameaça para o Estado Espanhol, na medida em que se este não satisfaz "la comunidad de intereses, de relaciones,

de necesidades y de progresos entre los distintos países" de que se compõe, o que é a principal causa do ressurgimento regionalista; o estado podia ser posto em causa. Isso significaria a união da Galiza com Portugal, pois era comum na acusação de separatismo a bascos, catalães e galegos indicar que eles queriam a união com a França ou Portugal segundo o caso. Assim o evidencia já Saralegui no trecho a seguir:

> "Aplicando á Galicia el mismo criterio que emplean para combatirlo [o "vano fantasma"], respecto á los demás países de la Península en que se manifiestan iguales síntomas y tendencias que entre nosotros los gallegos, los adversarios del regionalismo no vacilan en considerar como una consecuencia del moderno renacimiento del espíritu provincial en las cuatro provincias hermanas, la posibilidad de su futura incorporación al vecino Reino, en detrimento de la integridad y la grandeza de la patria española"

Mas o trecho chave do artigo de Saralegui encontramo-lo na continuação, quando 'responsabiliza' não aos galegos, mas aos vizinhos lusos do "perigo português", na pessoa de Teófilo Braga:

> "Temores tan infundados y gratuitos tal vez no hubieran llegado á despertarse en el ánimo de nuestros compatriotas, ante la debilidad material de la nación vecina, si un distinguido escritor portugués, -el erudito é infatigable T. Braga,- no hubiese tratado de evidenciar, en uno de sus notables estudios sobre la literatura lusitana, las relaciones étnicas y filológicas que existen entre Galicia y Portugal, empezando por hacer recta é imparcial justicia á las legítimas preeminencias del antiguo Reino, como base y fundamento de la gloriosa nacionalidad portuguesa, proclamando y enalteciendo los títulos de que escritores españoles pretenden injustamente despojarnos.
>
> Esa sola y autorizada exposición de las relaciones que nos unen á nuestros vecinos, bastó para que el Sr. Castelar señalara como un germen de graves y posibles conflictos el renacimiento del antiguo y flexible dialecto gallego y para que algunos otros de nuestros escritores contemporáneos hayan tratado de atenuar la importancia de ese supuesto sueño de reconstitución de una nacionalidad lusitana, rebajando mucho más de lo justo la significación moral y política del Portugal de nuestros días lo mismo que si la potencia asimiladora de las naciones estuviese sujeta al criterio brutal de la extensión del territorio que ocupan ó dela fuerza militar de que disponen".

A mistura do literário com o político (outra cousa não seria explicável nesta altura), revela qual era o autêntico temor espanhol, e quais os mecanismos de combate: o problema tendia a colocar-se em termos de união política, e, consequentemente, os regionalistas que o postulassem seriam *réus de traição* à pátria espanhola. Mascarando-o assim (como também, mas por motivos contrários, fazia parte do regionalismo), tentava impedir-se qualquer sinal que anunciasse umha comunicação privilegiada.

Saralegui, por sua vez, continua defendendo a glória de Portugal[340] perante o desprezo de que era objeto por parte de críticos espanhóis, e renovando que

---

[340] Como tivemos ensejo de exemplificar em várias ocasiões, os regionalistas tinham que vencer a imagem e o estereótipo negativos que se forom formando ao longo dos tempos a respeito

essa possibilidade pode existir dado o potencial português, mas assumindo, isso sim, umha posição espanhola:

> "Portugal anexionando nuestras provincias gallegas para formar una fantástica nación lusitana!. Era lo último que nos quedaba que ver, -decía el Sr. Revilla[341], -olvidando, sin duda, por un momento el brillante pasado de ese pueblo, hermano del nuestro[342], con el cual compartimos la gloria de los grandes descubrimientos [...] Hoy mismo, el estado social, político y económico del vecino reino, su cultural intelectual y el espíritu que informa todas las manifestaciones de su vida, están muy lejos de corresponder á la estrechez de sus limites y á la insignificancia relativa de su material poderío".

Prossegue depois Saralegui comentando que já não se dão as circunstâncias linguísticas, culturais e políticas de séculos atrás, e que, se elas não puderam "romper ni debilitar los lazos consolidados durante ocho siglos transcurridos desde la definitiva incorporación del reino de Galicia á la monarquía de Sancho II de Castilla", menos o vão poder fazer na atualidade.

A seguir, reafirmando a unidade polissistémica do galego-português, e o caráter de sistema interliterário que atividade literária da Galiza e Portugal tem, de novo Saralegui rejeita a possibilidade da união, renovando a diferença entre fronteiras culturais e políticas, e agora sustentando que o poder cultural da presumível associação não seria tão extraordinário:

> "Por otro lado, si el renacimiento de nuestro dialecto, de nuestra literatura y de todas nuestras peculiaridades exclusivas nos colocara respecto á Portugal, en condiciones excepcionales y sin ejemplo en el mundo, todavía pudiera justificarse en algún modo, el temor de que venimos ocupándonos: pero evidentemente no es así, puesto que, entre las dos mil lenguas que, segun Balbi y Humboltd, se cuentan en la tierra, no hay una sola tal vez que se limite al territorio de un estado ó nacionalidad determinada".

Aproveita então Saralegui para comentar o próprio caso espanhol a respeito de Latino-América; e o dos Estados Unidos e a Suíça. E, de novo, movendo-se na ambiguidade:

> "Ahora bien, las condiciones respectivas de la generalidad de los pueblos, con relación á los de diverso origen que forman parte del mismo cuerpo político á que perte-

---

dos portugueses. umha das batalhas mais habituais, sobretudo se se tratava de impugnar umha atitude espanholista negadora do relacionamento, era proceder a sustentar o passado glorioso português, dado que o presente não parecia oferecer os atrativos que a França podia significar para a Catalunha no imaginário da época. Era então umha luta polo prestígio, em que os argumentos eram contrários segundo o caso; se no caso catalão se centrava no antipatriotismo de quem queria abandonar um "barco afundado" como era Espanha na mentalidade do momento por um estado mais próspero, o que manifestava o "egoísmo catalão", no caso galego era totalmente posto às avessas o argumento: Portugal era muito inferior à Espanha, o que se traduzia em exclamações como a de Revilla a que se vai referir Saralegui. Neste sentido, e aqui não o podemos fazer mais que mui tangencialmente, seria interessante comparar os discursos espanhóis sobre Portugal no Ultimato (dous anos após o texto que nos ocupa) e o produzido depois da perda das colónias de América e Ásia oito anos mais tarde.

341 "REVILLA. *La poesía portuguesa contemporánea*", informa-se-nos em nota de rodapé

342 Espanha, evidentemente.

> necen y á los de su propia raza de que se hallan disgregados, no son ni con mucho las mismas de Galicia respecto á las demás provincias de España y al vecino reino; porque Galicia ni es tan extraña al resto de la primera, ni tan idéntica á Portugal, como los finlandeses y lapones para Rusia [..]".

Depois destas considerações, comenta Saralegui que a unidade entre a Galiza e o Norte de Portugal é similar à unidade dos descendentes das "cinco tribus célticas" do Norte da Península, e a diferença com o Centro e Sul semelhante à do Centro e Sul português. E, verificando esse traslado dos postulados e aspirações políticas ao *locus* privilegiado da literatura, único em que se podia dar, Saralegui leva-o à própria língua, apontando umha argumentação, aqui mui difusamente, que a mais dum regionalista, levada ao extremo[343], lhe vai servir para rejeitar a unidade de código galego-portuguesa; não falta, é claro, a referência a Teófilo Braga:

> "Aproxímase, sin duda alguna, mucho más el gallego actual al portugués que al castellano, como que la separación del primero consistió únicamente en la movilidad del mismo dialecto, en una parte, y en su progreso sucesivo y literario en la otra, como muy bien dice T. Braga, mas sin llegar por eso á ser extraño y esencialmente distinto del castellano y, com muchísimo ménos razón todavía, á constituir un motivo de los varios que pueden hacer de dos paises acidentalmente unidos por el vínculo de la convención política otras tantas entidades distintas, con fisonomía propia y predestinadas á componer nacionalidades diferentes".

E finalmente, acaba o autor por determinar o papel a jogar pola Galiza, o da mediação entre os dous estados, com que a Galiza ocupa umha posição harmónica, e nada desconfortável para Espanha, na união ibérica, nova justificação das bondades do renascimento regionalista :

> "El renacimiento del espíritu regional de antiguo reino, informado por rasgos comunes y elementos comunes á los dos modernos estados peninsulares, puede llegar á constituir, mas bien, un meido de aproximación, inteligencía y concordia entre uno y otro, contribuyendo á realizar el generoso ensueño de la patria ideal prometida á ambos pueblos hermanos por su fundamental identidad de naturaleza, de civilización y e recuerdos".

Nesta época de agitação em volta da questão regional, um ano depois do artigo de Saralegui, a mesma revista *Galicia* acolhe, em vários números, as não tão "Ligeras observaciones al discurso leído por el señor D. Antonio Sánchez Moguel en su recepción en la Real Academia de la Historia, de Madrid, el 8 de Diciembre de 1888". "No contestación, réplica tiene que ser aquélla, en la cual y por de pronto, tratemos de desvanecer los errores de hecho y doctrina

---

[343] O de dar a sensação ou mesmo afirmar que a distância entre galego e português é a mesma que entre galego e castelhano, ou ainda maior.

en que, al ocuparse del regionalismo gallego, ha incurrido el nuevo académico de la Historia", anuncia Murguía nas primeiras linhas do seu escrito[344].

O texto de Murguía sobe o tom a respeito do de Saralegui. Mostra relativa indiferença polas críticas recebidas de "andaluces y castellanos", que não bastariam "para dar vida al sentimiento nacional de que está impregnada Galicia", e que, numha argumentação que lembra a de José María Pérez em *El Eco de Galicia,* "sólo el espíritu sumiso, tan propio de las comarcas puramente agrícolas, como lo es la nuestra, hizo posible que más de una vez, no se levantase en armas". E anuncia a sua famosa ameaça:

> "El peligro que por esto corre el Estado español, de que se ahonden las diferencias que nos separan, y conviertan en marcada hostilidad las relaciones que al presente unen á las diversas nacionalidades de que se compone, es tanto más serio, cuanto Galicia se halla constantemente solicitada por Portugal, y que puede en un momento dado venir en su auxilio y tomarla para sí, sin que nos duela, ni mucho menos".

Dous aspetos são novos aqui a respeito de argumentações anteriores: primeiro, o facto de aparecer Galiza como umha espécie de *enclave* português, território irredento a reintegrar; e, segundo, a reforçar o anterior: a feminização da Galiza a respeito de Portugal, atribuindo ao homem Portugal o rapto da mulher desejada. Este processo de feminização e masculinização vai ter fortuna na produção literária ulterior.

Com o texto de Murguía estamos pois situados na segunda via da resposta. A posição deste historiador, com diferença à de Saralegui, não vai ser a de galego-espanhol, mas galega e/ou galego-portuguesa. Os mitos e as apropriações saem agora com maior força. Nessa subida de tom, este ataca mesmo o património espanhol mais querido, Cervantes; e dumha das maneiras que, sabe, mais pode ferir o sentimento nacional espanhol: considerar o seu maior símbolo inferior ao do vizinho país, sobre o qual sempre projetou um referente *complexo de superioridade*, para cúmulo apropriando-se de Camões pola via linguística. Murguía afirma, além disto, que a história pudo ser doutro modo e estarem agora todos a falar português, que também pode ser chamado galego, porque "el gallego es el idioma nacional en Portugal", da mesma maneira que a língua da Ilha da França "tornose en lengua oficial porque el rey vivía en Paris.": "¿Quién duda de que conservándose la corte en Lisboa, la lengua oficial en España, sería la hablada en esta parte del N.O. de la península? Y en verdad que nada se perdería en ello. Camoens vale bien Cervantes".

Murguía aproveita também para enfrentar ao estereótipo e à imagem do galego em Castela e Andaluzia a que os oriundos destas terras têm na Galiza: "Nuestros campesinos afirman que *o que mata un d'esas terras* (para ellos *esas terras* equivalen á Andalucía) *non mata á ninguen*, esto es, á nadie".

---

344 *Galicia*, março de 1889, tomo III, número 3, p. 9

O *perigo português* é formulado sempre em Murguía como um desejo. De novo reitera a ideia de que são os portugueses que alimentam a ideia da anexação, agora não apenas Teófilo Braga, mas os escritores portugueses em geral; porém, com umha fórmula retórica habilmente jogada, vai convertê-la em iniciativa política constante; a fórmula utiliza o estereótipo, e consiste em mostrar como antes apontámos para outros casos, que os escritores portugueses, em quem se supõe tendência ao exagero em questões nacionais, ficam mui aquém da autêntica realidade quando censuram a sua monarquia nada ter feito para a unidade das "hermanas" que o continuam a ser após a separação; e chega mesmo, por esse caminho da falácia argumental, a que Murguía não era alheio, como no seu invento de romances, a desqualificar Teófilo Braga e outros como "flojos en historia", cônscio de que era Teófilo e esses 'outros' precisamente os maiores e melhores auxílios com os seus trabalhos para a legitimidade do sistema regionalista, mas para assomar a ideia de que o *perigo*, longe de desaparecer é *essencial à Portugal*.

> "Porque verdad es, que así como Cataluña puede, en un momento dado, acogerse al pabellón francés ["o ser anexionada (...)", em nota], puede Galicia buscar á su hora, el amparo de sus hermanos los portugueses. Ellos no habían de rechazarnos. Creencia común es entre los escritores de Portugal, que aquel estado no estará completo mientras no formen parte de él las provincias gallegas, cuando menos. Fiel á este pensamiento, Theophilo Braga increpa á la casa de Braganza, acusándola de poco previsora, porque á su juicio no trató de extender, ya que no las fronteras, al menos las simpatías portuguesas en las provincias gallegas, otro tiempo hermanas, y que teniendo un mismo origen y lengua, y siendo de una misma sangre, parece que no esperan mas que el momento oportuno para unirse definitivamente. Sin embargo, ni el autor citado, ni los que le siguen en las quejas tienen razón. Se conoce que también por allí andan flojos de historia".

Murguía prossegue a sua argumentação, de novo recorrendo a um historiador português, Oliveira Martins[345]. Sobre este autor, como veremos, vai pivotar parte do discurso de Murguía, porque está por trás a apropriação da sua autoridade por parte galega (Murguía) ou espanhola (Sánchez Moguel). E, embora não seja do agrado do galego a posição que o português mantém a respeito da federação ibérica (que matiza em nota) a ele recorre no enfrentamento *de apropriação* com o académico espanhol:

> "Los monarcas portugueses tuvieron siempre la vista fija en Galicia. Así lo reconoce el mísmo Oliveira Martins, cuando escribe en su *Historia de Portugal*, t.I, p.47, que la

---

[345] Por artigo posterior de Armada Valdés temos notícia da ironia com que alguns críticos espanhóis se referiam às ideias de alguns homólogos portugueses (em quem viam, como bons espanhóis, falta de patriotismo na reflexão), como o de Maldonado Macanaz que critica os elogios que Sánchez Moguel dedica a Oliveira Martins, dizendo-lhe, "con franqueza, que entre el regionalismo de nuestros escritores catalanes y el pesimismo indio ó tibetano de escritores portugueses, como Oliveira, es preferible el primero" "que al cabo no niega todas las glorias de la patria". (*Galicia*, 5, 1889, 284)

> hegemonía de Portugal en Galicia «era un pensamiento decisivo y fijo en los monarcas portugueses». Es una verdad que no se escapa ni siquiera á este paradójico escritor, enemigo del principio federativo [Murguía em nota: "*Portugal Contemporáneo*, t. II, p. 427 y siguientes. Llama á la federación «quimera nacida del error de suponer agregados las naciones». Las naciones no, pero sí los grandes Estados, que ya es otra cosa"].

Murguía coloca depois vários exemplos dessa possibilidade anunciada. E, perante a reação que espera dos espanhóis (a que Saralegui recolhia em Revilla) torna à ameaça, agora sob a ideia de que os espanhóis nunca acertaram nas suas previsões históricas. Na exposição Murguía reconhece a existência do preconceito a respeito de Portugal existente na Galiza, mas que, por via da razão (que é a base em que os regionalistas dão à sua causa), caraterística também do povo galego, pode ser desfeito, de novo a ideia expressa como desejo:

> "Ciertamente que el oír hablar de semejante peligro hará sonreir á los políticos centralistas que entienden que en la Plaza de Oriente y en las Cortes se encierra todo el derecho del poder legal; mas de qué no se riyeron, creyéndolo imposible, que no tuviese lugar al día siguiente. No se hable de las contingencias que pueden surgir mañana y de la posibilidad de un conflicto cualquiera entre España y una poderosa nación que conoce á Galicia perfectamente y que no se desdeñaría de poseerla, cualquiera que fuese la forma en que pudiese hacerlo, concretémonos á Portugal y hagamos notar que si en nuestro país no estuviese tan arraigado el torpe desdén con que miramos á los que viven al otro lado del Miño, si por uno de esos movimientos tan fáciles en los pueblos de razón, como lo es el gallego, tan injustificada aversión se convirtiera en amor, y rompiendo las vallas y llenándose el vacío que nos separa, nos viésemos unidos por el interés como lo estamos por la sangre; si este espíritu regional que nos anima pudiera en hora propicia desenvolverse al amparo de las cinco quinas, sería curioso, y más que curioso, instructivo, el ver lo que pasaría entonces y lo que dirían nuestros adversarios. Y que estas cosas, por remotas que parezcan pueden ser una facilísima realidad el día menos pensado, es lo que sólo pondrán en duda los poco acostumbrados á las mudanzas del mundo".

E, com sentença de historiador acrescenta: "Los hechos pueden repetirse".

Dá mais umha vez provas Murguía de que isso pode acontecer. Lembra que Pi Margall, em referência à *Historia de la Guerra de la Independencia* do conde de Toreno, afirmava que a Galiza tinha projetada umha aliança com as "provincias del Noroeste", e que nela entravam também as províncias do Norte de Portugal, cousa que nengum dos citados lembra, o que, a seu juízo, viria ressuscitar a província galaica de tempos dos romanos, um dos argumentos ancilares da irmandade galego-portuguesa.

Afirma depois a antiguidade do movimento nacionalista na Galiza, e sai ao encontro daqueles que se burlam de "los que creemos (...) que los celtas ocuparon por completo Galicia y gran parte del moderno Portugal", pois "lo dicen los antiguos geógrafos, lo dicen también los modernos historiadores", dos quais cita vários.

Numha parte do seu discurso Sánchez Moguel sublinhava no texto, e a respeito do caráter céltico da Galiza, a palavra *primitiva*, "como si quisiera agravar la culpa en que á su juicio hemos incurrido". De novo cita Murguía, para contra-arrestar a ideia, a autoridade de Oliveira Martins, para de novo tirá-lo a Moguel como base e *propriedade*:

> "Mas (...) cómo habrá leído el nuevo académico la *Hist. de Portugal* de Oliveira Martins, que nos presenta como modelo, cuando no tropezó en el tomo I. pág. 4, con lo siguiente:? «Todos reconocen hoy la indestructible tenacidad de las poblaciones primitivas», y más adelante: «La permanencia de las caracteres primitivos de los pueblos, *hecho hoy indiscutible*, permite hacer, -permítasenos la expresión- la historia al revés», etc".

E de novo torna Murguía sobre Martins, agora juntamente com Adolfo Coelho, a propósito dumha afirmação que faz dum historiador no texto, em que se indicava "que apenas hay nombre de lugar alguno que no se explique por las lenguas célticas"; o galego apõe em nota que cousa igual se passa em grande parte de Portugal, para o que cita A. Coelho como "gran autoridad en el asunto" e Oliveira Martins, "para citar nombres gratos á nuestro adversario"; Martins "confiesa que dió « importancia necesaria al elemento céltico en el genio del pueblo portugués [sic]...»". Mais umha vez o verbo *confessar* para os portugueses.

Acrescenta ainda Murguía algum outro testemunho para certificar o caráter céltico da Galiza e Portugal. Cita por exemplo o P. Fita, companheiro de academia de Sánchez Moguel que "en su discurso de recepción bien claramente afirma que los antiguos lenguajes, el gallego y el lusitano, «eran entre sí como el británico y el gaélico".

Ainda Murguía contesta os argumentos de Sánchez Moguel com os de Oliveira Martins, que tanto citava o espanhol, pondo de parte agora Herculano, que sustinha ideia diferente sobre o celtismo:

> "En vano, para demostrar la ligereza con que, según nuestro adversario, procedemos, se acude á recordar á Herculano y no hablan de su discípulo Oliveira Martins (este último reconoce nuestro origen céltico y cree en la nacionalidad gallega): la opinión general entre los escritores lusitanos, es,que fuera de los Algarbes, las demás provincias portuguesas constituyen una unidad nacional que sólo estará completa cuando se les una Galicia formando "*una nación étnicamente homogénea* desde Finisterre á Mondego» como afirma el mismo Oliveira Martins, tan del Sr. Sánchez Moguel. Y aun a más allá este autor, en obra no citada por nuestro adversario (*Portugal contemporáneo*, t.II, p.186), pues viene sin querer, ni necesitarlo, á corroborar dicha opinión, cuando refiriéndose á la revolución portuguesa denominada de María da Fonte, asienta, y así es la verdad, que en el Miño tiene la mujer las condiciones propias de las regiones en que *domina la familia céltica.*

Em Portugal, conclui Murguía tras referir a série de caraterísticas comuns galego-portuguesas, sempre creu

> "hallarse entre los míos. Oliveira Martins, en su *Hist. de Portugal*, capítulo «Os lusitanos» nos da la razón de ello. Señalando las diferencias esenciales entre el español y el portugués, hace patentes las que existen entre el gallego y el hombre del mediodía. Y más aun, cuando [...] añade que vale más que todas ellas, «la analogía evidente entre las manifestaciones particulares de los lusitanos y de estos y de los gallegos y aquella fisonomía que los estudios eruditos sobre los celtas de Francia y de Irlanda tiene determinado á estos últimos» No dirá el Sr. Sánchez Moguel que citamos autores para él desconocidos y poco aceptos; tampoco dirá, en su vista, que la manía céltica es nuestra tan sólo".

Finaliza o texto Murguía reafirmando mais umha vez a unidade galego-portuguesa, comum até no acento céltico que há como substrato na sua opinião, e caraterizando o Noroeste Peninsular como umha nação. E não deixa mesmo de fazer referência à iminente promulgação do *Código Civil Español*, que leva data de 1888, no que diz respeito ao atentado que pode supor para a identidade e costumes galegos.

Mais umha vez, estão contidos no discurso de Murguía (até na referência ao *Código Civil*[346]) os argumentos e problemas que anos depois a *Revista Gallega* vai retomar no seu labor de relacionamento galego-português.

A revista *Galicia*, dirigida por Martínez Salazar, converte-se na época no campo para a *batalha regionalista.* Ainda no mesmo número, por exemplo, replica também o Marquês de Figueiroa às palavras de Sánchez Moguel, agora em forma de carta endereçada com o expressivo título de "'La cuestión Magna', al Sr. Joaquín Maldonado Macanaz", que saíra em apoio do académico espanhol. De que o debate era entendido como a legitimidade do sistema literário, dá-nos já notícia nas primeiras linhas Armada, o Marquês, ao referir-se ao "miramiento" e à "cortesía, no por todos guardada, que cuadran tan bien á los que andan en estos tratos literarios". De resto a colaboração de Armada quase não se refere ao tema que aqui nos ocupa, embora, isso sim, também argumente com T. Braga a unidade étnica galego-portuguesa.

A partir deste momento, a questão do reitegracionismo galego, literário, cultural e/ou político será polémica que sempre poderá assomar desde a perspetiva espanhola, às vezes quase como obsessão. Na segunda série de *Galicia*, no número 1 de julho de 1892, publica José Rodríguez Carracido "Gallegos lucenses y bracarenses", referido aos elementos comuns entre os dous territórios; na glosa dum texto de Eduardo Saavedra, acode rápido a matizar o na altura prestigioso catedrático de Química Orgânica da Faculdade de Farmácia de Madrid, e colaborador ocasional na causa regionalista, a possível receção pragmática que do, a nosso juízo, inofensivo comentário (antes polo contrário,

---

[346] O assunto do código civil foi objeto de atenção sempre polo galeguismo, em todas as suas fases, na ideia de que no português estava compilada a essência do que o galego devia ser. Em 1918, diz A. Villar Ponte num contexto de afirmação filolusista: "A nosa alma atópase viva no Código Civil portugués" (*A Nosa Terra*, número 58, 20 de junho de 1918)

feito desde umha posição "patriótica" espanhola) do seu colega pudesse ser deduzida, o que só é explicável polo ambiente que ao respeito se vivia (p.25):

> "En un discurso académico dijo D. Eduardo Saavedra: «nuestros hermanos del Noroeste tienen en la historia contemporánea marcado un papel noble y patriótico, el de acercar con lazos de simpatía los dos reinos, por nuestro mal divididos, y hacer que su frontera, según expresión muy reciente de un publicista portugués, sea línea divisoria á través de la cual se estrechen manos amigas, y no barrera de aislamiento por donde crucen sólo las balas». Esta misión diplomática creo que puede cumplirla Galicia, aún por modo más perfecto que el imaginado por nuestro semipaisano el señor Saavedra, merced á su doble aspeto lucense y bracarense, dando, no las dos manos a Portugal,en cuyo caso tendría que volver la espalda á Castilla, sino una al primero y otra á la segunda [...]".

Mas a polémica e o uso da *ameaça* não arreda. No número a seguir de agosto do mesmo ano, Waldo Álvarez Insua publica um artigo destinado, segundo Ramón Máiz (1984:130), a abordar "a necesidade de concreción programática e de fixación clara de aspiracións rexionalistas en base fundamentalmente a acadar apoios sociais ao movimento. O tono do artigo amosa unha grande concreción, vaguidade [...]", para eludir os aspectos mais polémicos. Nele tem que indicar[347] Insua, referindo-se sem citá-los a Castelar e Sánchez Moguel:

> "Ningún daño encierra el principio regionalista para la unidad geográfica de la nación, ni rompe ningún anillo de la cadena que une á todas las provincias; es menester, en una palabra, que nos expliquemos de modo que ni los grandes oradores del Parlamento español nos denuncien como separatistas, y los sabios de la Academia de la Lengua nos pongan fuera de la legalidad constitucional".

Se nos deixássemos guiar por um certo pendor irónico que sem dúvida a alusão aos dous intelectuais espanhóis tem, o trecho reproduzido seria todo um modelo de irredentismo: não se afastarão da unidade geograficamente, que é a única que do ponto de vista físico não pode ser quebrada; e ademais o movimento, então sim desgraçadamente, não pode partir a cadeia que os une (oprime) a Espanha[348]. Mas, salvando esta possível receção, o facto é que o termo *geograficamente*, parece indiciar que a rutura sim pode processar-se

---

347 "Lo que queremos los regionalistas", *Galicia*, agosto de 1892.

348 Outros textos não usavam tão veladamente a imagem, mas com notória contundência a respeito de Castela. Urbano Ferreiroa, no número 10 de março de 1893, p.582, da mesma revista nesta a sua última fase, escrevia desde Valência:

> "Aún hoy, después de haber transcurrido tres siglos del XVI, por lo general harto se comprende que no es nuestra lengua materna la que manejamos.
>
> Portugal se levanta lleno de brío, majestad y grandeza, cantando en su propia lengua, que era también la nuestra [agora substituída pola castelhana], y asombrando al mundo con sus descubrimientos marítimos, porque es independiente. Galicia, encadenada á los pies de Castilla, sólo sabe gemir y llorar"

Como se vê, para além de usar o referente português, Ferreiroa aponta para umha tendência da produção, e sobretudo da receção da ação galega, também transladável ao campo da literatura: o lirismo convertido em "gemir y llorar".

noutras ordens, nomeadamente a cultural. E na continuação, o texto do diretor de *El Eco de Galicia* de Havana, (de que o seu homólogo bonaerense se fará *eco* no número 68[349] para afirmar que "Galicia no es separatista"), que está escrito para a mocidade ("esa juventud sobria, ciegamente enamorada de su «pequeña patria» por cuya libertad siente vivas ansias de luchar, debe conocer el alcance y extensión del dogma regionalista") sentencia: "[...] *el regionalismo no es el separatismo*".

Não é, mas pode sê-lo; por meio da já conhecida argumentação de "poder mas não querer", Insua indica que já foram nação e Estado, e, após referir também leis e costumes próprios antigamente possuídos, sublinha que os galegos fazem parte dum sistema linguístico de nações poderosas, afirmando:

> "No, nosotros, que hemos formado una nación independiente; que hemos constituído un Estado [...]; que hemos hablado un idioma dulce, expresivo y suave, que conservamos como inapreciable tesoro, y á la hora presente, con ligeras variantes, sirve de lengua oficial y popular á dos naciones tan importantes como Portugal y Brasil; nosotros, que, cerradas las fronteras que nos unen á Castilla y con el mar, que casi nos rodea, por vía de comunicación, podíamos vivir perfectamente; no queremos romper ni quebrantar la unidad ibérica";

note-se: ibérica e não espanhola.

A argumentação prolonga-se na conclusão do texto, mas com o elemento renovado de que são os centralistas, *Madrid*, os que têm na sua mão que a Galiza não se separe, ou lute pola sua incorporação a Portugal (agora, e dada a conjuntura política, com dous não pequenos matizes no discurso: seria a fórmula para ele safar-se da rapacidade saxona [a], reintegrando a Galiza, *enclave* lusitano em Espanha; e, [b], são os centralistas os responsáveis de que isso poda acontecer se não atendem às reivindicações regionalistas; o que parece que será assim, porque parece impossível que o centralismo aceda às pretensões regionais). Pois que, entende Insua, os galegos morreriam, *medulicamente* (novo mito fundador a socorrer a base expositiva), antes que serem absorvidos:

> "Como aun no nos hemos persuadido los regionalistas de la imposibilidad de conquistar este ideal supremo [a descentralização], no pensamos todavía en la insurrección, ni siquiera dirijimos la vista hacia Portugal, que nos mira con ojos amorosos, para completar su nacionalidad y escapar, con la extensión de su territorio, á la rapacidad sajona: cuando se nuble tanto el horizonte, que no nos sea dado vislumbrar ninguna luz de esperanza, entonces mediremos nuestras fuerzas, aquilataremos nuestras energías y estudiaremos la forma de morir más dignamente, si el buen Dios nos negase la victoria.

Este tom anticastelhano não devia ser infrequente no cofundador de *La Nacionalidad* "periódico católico-monárquico, de matiz carlista (Altabella, 1960: 19), Urbano Ferreiroa; no número 33 de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, de 18 de setembro de 1892 abria número com um extenso relatório dos ultrajes espanhóis aos galegos, e chamava mesmo ao boicote das publicações que os incluíssem.

349 De 10 de setembro de 1893.

> Pero no hay, por ahora, preludios de tormenta. Estamos dentro de la legalidad y dentro de ella nos conservaremos, á no ser que con sus excesos pretorianos nos echen fuera los que, desde Madrid, quieren tener jurisdicción, no sólo en nuestras ciudades y villas, sino también en los más nimios detalles de nuestros modestos y aniquilados hogares"[350].

Portugal então persistia como referente.

V.7. O relacionamento galego-português nas revistas galegas desde o *desastre* espanhol de 1898

Ora bem, a estratégia de transferência intersistémica a que procedia o sistema regionalista desde o polissistema português não passava despercebida. Autores inseridos em (ou auto-inseridos, atuantes *desde*) o polissistema espanhol, mas por vezes também participantes no regionalista galego, tendiam a interpretar os portugueses, refletidos nos seus símbolos ou nas opiniões dos seus intelectuais, como portadores de mensagens a favor da união ibérica centrada na união dos estados, ou das "duas nações": este vai ser o objetivo central deste tipo de apreciações, numha situação política que, reiteramos, tendo entre as suas balizas o "Ultimato" e o "desastre" espanhol, era propícia a esse tipo de discurso; o modo de conceber a unidade, da qualidade das partes em questão, das apropriações produzidas é que varia em cada caso.

Cabe indicar também que, normalmente, a apropriação não tinha como referente imediato combater o reintegracionismo galego. Mas, como não podia deixar de ser, se a perspetiva a partir do polissistema espanhol era a correta, então o sistema regionalista perdia o seu principal elemento legitimador. Portanto, na prática, as duas orientações significam para o sistema regionalista a tensão no seu próprio coração: está em causa a sua norma sistémica, consistente em que o galego pode ser utilizado na medida em que tem como Tradição, polissistemicamente falando, o português, e em que com ele constitui um sistema linguístico, e, como consequência, um sistema interliterário. Se este se desfaz, e fica diluído noutro de índole política, cultural, literária hispano-lusa, sem personalidade própria, mas apenas em função da unidade das duas entidades do termo, o sistema regionalista perde qualquer possibilidade de progresso. Porque, lembremo-lo, na sua outra tensão, a que vive o regionalista a respeito do polissistema espanhol (pertencer ou não a ele como subsistema), a unidade em termos hispano-lusos coloca-o na órbita do primeiro elemento do par. Por isso a invocação do papel mediático entre Portugal e o resto do Estado Espanhol pode desempenhar, significa, umha ou outra *ubicação* (e aqui não há termo médio: ou o sistema se afirma

---

350 *Galicia*, agosto 1892, tomo I, número 2.

galego-castelhano, ou se afirma galego-português), em função da perspetiva adotada; enfim, e resumido no imaginário político, tantas vezes presente na doutrina nacionalista, até 1936: a unidade, ou se produz entre Espanha e Portugal, ou se produz entre as nações do Estado Espanhol (onde Castela significa *Espanha* em termos literários) e o Estado Português. Nesta última hipótese, a Galiza, em igualdade com o resto das partes, pode verificar o seu reintegracionismo; da outra maneira, a fronteira e a determinação políticas antepõe-se à diluição da raia: o sistema regionalista é então a periferia do polissistema espanhol que permite o contato.

Mais umha breve apreciação: a Espanha aparece, de regra, quer explícita, quer implicitamente, como o elemento *forte* da união ibérica: se não por outras razões, que também vão ser *esgrimidas*, pola evidência que subjaz sempre da sua maior extensão geográfica e maior número de habitantes dentro da península. Para os espanhóis, o iberismo nunca se apresenta como umha ameaça para eles; a sua identidade vai ficar sempre a salvo; então nunca vão ter problema, nesse sentido, em considerar-se *ibéricos*; exatamente ao contrário do que motiva os principais receios portugueses. Como consequência, *iberizar*, ser ibérico, significa *espanholizar*, *captar*, apropriar-se. E, por isso mesmo, o discurso espanhol pode ser sempre feito em termos de igualdade, de "hermanos": um é o maior, e outro o menor.

Se o discurso regionalista a respeito de Portugal era por vezes ambíguo, noutras era absolutamente claro na sua não consideração autónoma, mas puramente espanhola. Isto acontecia em casos que, logicamente, não podiam ser doutra maneira, como por exemplo os referidos à relação ou à cooperação oficial entre os dous estados; mas, na sua crónica, não aproveitavam os regionalistas que a emitiam para introduzir a Galiza por algumha parte.

É por exemplo o caso de *El Eco de Galicia* que resenha o agradecimento português por um empréstimo espanhol, e que intitulam "Lenguaje de Hermanos"[351].

Os acontecimentos de 1898 provocarom que em todas as publicações fossem aparecendo proclamas de afirmação nacionalista espanhola. A *Revista Gallega*, mais comedida, aproveita para censurar os governantes e os "ricos", como no seu número de 22 de maio.

El Eco de Galicia, vive com a maior exaltação os factos. As suas páginas enchem-se de poemas de ánimo para os combatentes espanhóis. O número do 20 de abril vai abrir com um ¡Viva España! a toda a página, e comenta: "¿Cobrarán nuevo verdor en 2 de mayo de 1898 los laureles conquistados por nuestra patria el 2 de mayo de 1808 y el 2 de mayo de 1866?"

---

[351] *El Eco de Galicia* de Havana; número 759 de 9 de janeiro de 1897.

1900 e os anos imediatamente seguintes forom prolíficos em declarações de irmandade hispano-lusa. Parece como se, com o começo de século, vários setores espanhóis e portugueses quisessem curar recentes feridas no encontro ibérico.

Por outro lado, na passagem de século, dá a impressão de que o sistema regionalista conseguira manter umha, polo menos, leve *ameaça de futuro*, o que significava manter vivo o *perigo* para o polissistema espanhol.

E o movimento não era apenas alvo de iras mais ou menos conservadoras; o próprio federalismo progressista, ou polo menos alguns setores dele, combateu duramente um *regionalismo* que ia mais além das propostas federalistas, e que tinha na língua um sinal de identidade irritante.

Em *La Idea Moderna*, jornal de orientação federalista, aparece também referência neste início de século ao relacionamento luso-espanhol; fiel às suas ideias, este jornal nunca põe o relacionamento com Portugal em termos galegos, mas em termos espanhóis. Assim, comentando as visitas frequentes que galegos e portugueses estão a fazer uns aos outros, diz: "El recibimiento que los portugueses han dispensado á los españoles ha sido digno de la proverbial galantería lusitana"[352].

O jornal indicava a realidade dos contatos: "Ambos pueblos que tantas afinidades tienen, están unidos hoy por otro vínculo, que suele acercar á veces más que otro alguno, y es que el vínculo de la desgracia en que las dos se encuentran [...] ahora advierten que son hermanos, que han vivido por erróneos prejuicios [...] distanciados entre sí"[353].

A publicação, que não era polo geral beligerante com o regionalismo, aproveita para a formulação da sua estratégia política ao respeito, onde a Galiza,- como já acontecera com os galegos federalistas de havia quase trinta anos, não aparece no esquema[354]:

> "España y Portugal debieran estar estrechamente unidas para todos los fines de la vida común, sin prejuicio de la independencia de cada cual, pues los principios de la moderna política, que aconsejan la creación de grandes nacionalidades para mejor vencer en la lucha por la existencia, las excita á concertar una estrecha alianza que dé

---

352 *La Idea Moderna*, 3 de agosto de 1900. Este "diario democrático de Lugo", tinha-se já referido neste mesmo ano à questão em similares termos (3 de março). Note-se que, quando a atenção a Portugal desde Espanha é formulada em termos de solidariedade ibérica, os estereótipos são mudados em elogios. Aqui a adulação interessada que criticava Taboada é já "proverbial galantería".

353 *La Idea Moderna* era também um diário atento ao processo político português e as suas relações com Inglaterra. Em ocasiões transcreve notícias de jornais portugueses como o artigo que publica o 20 de outubro de 1899, "La alianza anglolusitana", tomado de *O Jornal do Commercio*.

354 Nunca conviverom bem as famílias regionalistas. Por exemplo, no número 512 de 7 de janeiro de 1905, a *Revista Gallega* publica "A los regionalistas gallegos", em que, a propósito de erigir um monumento a Brañas em Santiago, o assinante diz não dirigir-se apenas "á los regionalistas *enragé*, puros, podríamos decir, dogmáticos, que comulgan en un federalismo estrecho con gorro frigio ó con corona, sujeto á los inflexibles estatutos de un programa concreto".

> origen al Estado ibérico, que por su exepcional posición de un lado frente al Nuevo Mundo y de otro el Viejo, teniendo á sus pies el África y el Estrecho, había de ser fator importantísimo en la política internacional y en ese problema de Occidente cuya solución es una de las más difíciles cuestiones que debe ventilarse en el siglo XX".

Mas na própria *La Idea Moderna* podia verificar-se o extremo em que estas ideias, como consequência, situavam os regionalismos, e, em particular, as suas línguas; um número antes, a publicação luguesa incluíra, agora não como editorial, mas assinada, umha duríssima censura ao regionalismo.

Com efeito, os compradores do exemplar do domingo 29 de abril de 1900 de *La Idea Moderna*, "diario democrático de Lugo", iam encontrar em destaque logo na primeira página um artigo a duas colunas intitulado "La lengua española", assinado por Constantino Piquer[355]. O artigo começava com um extrato dum discurso de Mariano José Madueña, que pronunciara dias atrás num "banquete literario" em Barcelona:

> "«En América se eternizará España puesto que, entre otras herencias, allí se expresa el alma en el hermosísimo idioma de Cervantes. [...] No se ofendan ni apenen las lenguas regionales de la península, así lo ha querido el destino. [.....] renunciar a esa lengua gigante por espíritu de estrecho regionalismo, es querer ser suicida de su propia gloria y de su propia grandeza. Cultivad si queréis vuestras lenguas provinciales; pero cultivad con preferencia "la lengua intercontinental, si queréis entender y ser entendidos en vuestras obras, por un mundo que á todos los españoles os sigue perteneciendo por igual lingüística y etnológicamente...»"

Transcrito o parágrafo, Piquer tirava como primeira consequência das palavras do "distinguido escritor americano", a ideia de haver "muchos hijos descastados de la pobre España"; a quem Madueña veio "enseñar patriotismo".

Este era a habitual abertura do ataque ao regionalismo, máxime se apenas tinham passado dous anos do *desastre* colonial.

Umha segunda sensação que lhe produz o artigo é o "de protestar contra los que con sus egoísmos y locuras se oponen de algún modo á que la unidad forme una sola familia, á que se borren las diferencias de raza, á que concluyan las guerras inicuas". Portanto, o regionalismo é acusado de insolidário, antiecuménico, racista mesmo, e garante de guerras certas.

A sua "indignación sube de punto cuando los que presentan obstáculos á la marcha del progreso pertenencen á una misma nación, que en lugar de engrandecer con su amor y su trabajo, pretenden fraccionar en tribus siempre en lucha encarnizada, ó en microscópicos reinos medioevales, con distintas costumbres y distintas lenguas que aislan y hacen rivales á hombres nacidos bajo el mismo cielo [...].

---

[355] Assina a carta em Valência. Encontramo-lo como colaborador, mas doutros temas que aqui não fazem ao caso, de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires.

"Es incalificable, es bárbaro el odio que sienten ó aparentan sentir *catalanistas* y *bizcaitarras* contra los habitantes del resto de España".

Num artigo como este, que se intitula "lengua española", esta, a não ser polo código utilizado, não parecia vertebrar o artigo; na realidade sim o fazia, porque era na reivindicação linguística que se centravam os ataques espanholistas, e, neste caso, do ponto de vista do federalismo progressista: "Yo admiro y venero á un catalán eminentísimo que con perseverancia inquebrantable[356] viene demostrando desde hace muchos años las ventajas de la federación y autonomía de las regiones y los pueblos".

O autor prossegue o seu razoamento, e postula a unidade ibérica, que, polo que parece, era negada polos regionalistas[357]:

> "Pensaran como él los REGIONALISTAS vascos y catalanes y serían hombres de progreso, amantes de su región, sin que por esto dejasen de coadyuvar al engrandecimiento de la patria que podría ensancharse algún día federándose con el vecino Portugal y estableciendo una poderosa alianza comercial, mejor que guerrera, con las jóvenes y prósperas repúblicas americanas".

O regionalismo é, para Piquer, mui em linha com o federalismo progressista, um movimento reacionário: "Nada tienen en común, sin embargo, regionalistas y autonomistas ó federales. Aquellos miran hacia atrás; estos hacia adelante. Aquellos son en su mayoría egoistas burgueses ó *desclasés* impotentes. Estos son trabajadores honrados ó pensadores filántropos [...]".

Curiosamente, no entanto, coincidem uns e outros nos modelos por vezes propostos: "[...] no es una utopía la idea federal y ofrecen como modelo los Estados Unidos y la Confederación Helvética, donde impera su sistema [o dos federalistas]", mas era óbvio que era talvez distinta a articulação política e a cultural, como o modelo *ianque* era distinto do suíço.

Outra acusação típica do federalismo progressista era, derivada do seu antijesuitismo, que veremos em Portugal ainda mais vivamente acentuado, acusar os jesuítas de alimentar o regionalismo basco e catalão (o galego ainda não constituía sério perigo): "Alguien ha dicho que los movimientos nacionalistas vasco y catalán están inspirados por los hijos de San Ignacio de Loyola. No tiene nada de inverosímil esta aseveración". E a seguir, aparece o ataque direto às línguas "regionales", este mais virulento que o procedente doutras instâncias:

> "Dentro de España me he creído muchas veces en un país extranjero porque oía hablar lenguajes extraños á los cuales he cobrado desde entonces aversión tremenda. En cambio, á dos mil leguas de distancia de la patria acariciaba mis oídos y llenaba mi

---

356 Pi i Margall, devemos supor.

357 Na verdade, boa parte do catalanismo e do galeguismo, polo menos, foram ativos combatentes em prol da Unidade Ibérica. O caso catalão, onde não concorriam as circunstâncias que o faziam no galego, é paradigmático, precisamente porque nela via a possibilidade de acabar com a hegemonia espanhola/castelhana.

> alma entristecida de infinito consuelo, la armoniosa lengua de Lope de Vega y Calderón de la Barca.
>
> Tiene que ser obra de reaccionarios este prurito de resucitar lo que está muerto."

Para ele o regionalismo é um "movimiento antisocial y antipatriótico": "Los humildes, los que trabajan, los parias de siempre [...] han comprendido por fortuna desde hace tiempo que los pobres no tienen patria [...]."

E, a seguir, o habitual assomo do perigo português, agora acompanhado do francês: "No apoyarán tampoco el descabellado propósito de unirse á Francia y Portugal. Estas naciones tratarían y con razón, como á vil rebaño, á las provincias cobardes que renegasen de su historia y su familia".

O texto acaba com renovados ataques às línguas, arvorando o símbolo máximo do espanhol, Cervantes:

> "Ni el catalán, ni el vasco, ni el gallego, podrán llegar nunca á la sublimidad y grandeza de la lengua castellana, de la lengua española.
>
> La lengua en que escribió Cervantes su *Quijote* es inmortal y los *dialectos* regionales, incluso el catalán, son cadáveres putrefactos á los cuales no podrán dar vida todos los Guimerás y Verdaguers del mundo".

Certos setores do federalismo constituíam então um novo obstáculo para o regionalismo. Ao longo de *La Idea Moderna*, se, nos anos que pudemos consultar, não se percebe umha aberta hostilidade contra o regionalismo (nas suas páginas, por exemplo, apareceu em julho do ano anterior o "Manifesto de la Liga Gallega") sim é nitidamente percetível um pendor polissistémico espanhol. É possivelmente um dos jornais que mais autores em espanhol publica, de toda a época, e cujo ideal de literatura regionalista, ainda dando acolhida a autores em galego, e mesmo ao grupo da Corunha (como fizera seis meses antes com motivo da morte do compositor musical célebre na altura Juan Montes[358]), ou a poemas como o de Leite[359], talvez condissesse mais com o que Noriega exporá três anos depois, de cujas opiniões demos conta no capítulo dedicado à caraterização do sistema regionalista galego.

V.7.1. O início da presença de Miguel de Unamuno nas publicações galegas da época

O relacionamento hispano-luso nunca foi fácil. Se o galego-luso encontrava em velhos estereótipos, medos a suspicácias diplomáticas e nem sempre unanimidades de ambas as partes, o luso-espanhol estava sempre marcado polo

---

[358] Publicarom colaborações em galego Tettamancy, Eladio Rodríguez, Carré, e Galo Salinas, enfim, o grupo da Corunha, em 8 de outubro de 1899, número 2638. No mesmo número apareciam notas, ou telegramas de pêsames de, entre outros, Salvador Golpe, Manuel Lugris, Martínez Salazar ou a mesma redação do *Revista Gallega*, assinado por Salinas.

[359] Referimo-nos ao poema que o filólogo português deixará aos seus amigos corunheses em 1902, e de que trataremos mais adiante.

receio português, que via em Espanha normalmente o inimigo da independência que, a grande custo, fora dela ganhada. Unamuno[360] exprime-o assim:

> "Y siendo así, ¿a qué se debe este alejamiento espiritual y esta tan escasa comunicación de cultura? Creo que puede responderse: a la petulante soberbia española, de una parte, y a la quisquillosa suspicacia portuguesa, de la otra parte. El español, el castellano sobre todo, es desdeñoso y arrogante, y el portugués, lo mismo que el gallego, es receloso y susceptible"[361].

É nesta conjuntura que um afamado já Miguel de Unamuno entra no contexto galego através das suas revistas. Remontam-se a oito anos antes, talvez, as suas primeiras relações com portugueses[362]. O primeiro texto que numha dessas publicações aparece, se não estamos em erro, é de 1906. Nesse ano, e como suplemento ao número 50, de 11 de fevereiro de 1906, *Coruña Moderna*[363] publica um extenso artigo de Miguel de Unamuno, já na altura intelectual reconhecido como um dos homens de letras preocupados pola regeneração espanhola após a perda das colónias ultramarinas. O título deste é «La crisis actual del patriotismo español», tomado do número seis da barcelonesa *Ciencia Social*, "revista de sociología, artes y letras", mui na linha das publicações que a começos de século surgirom na península, para tratar temas sociológicos e inovações ideológicas de diferente tipo[364]. É o primeiro texto,

---

360 O melhor estudioso do relacionamento de Unamuno com Portugal é sem dúvida o Professor Ángel Marcos de Dios, que tem dedicado ao assunto vários rigorosos trabalhos (cfr. Bibliografia).

361 Citado por Ángel Marcos de Dios in "El iberismo de Unamuno", *Homenaje a Camoens*, p.157.

362 Marcos de Dios (*Epistolario portugués de Unamuno*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, 351-354) documenta em 1898 as primeiras cartas cruzadas entre Unamuno e os portugueses (com Leite de Vasconcelos), e o primeiro artigo sobre Portugal em 1900 ("Turrieburnismo")

363 Esta revista, com ar de magazine (na sua segunda época, dirigida por Juan Tejada y Velasco, saiu como "semanario ilustrado"), é um curioso exemplo de ecletismo, ou, visto sob outro ponto de vista, de amálgama. Nas suas páginas encontramos textos de Pérez Ballesteros, Tettamancy, Pondal, Alberto García Ferreiro, Noriega Varela, Lugris, ou primeiras colaborações de López Abente; e, por outro lado, de Campoamor, Pardo Bazán, Valle Inclán, Azorín ou Gómez de la Serna. Todas sem nengum género de apresentação, e sem desejo aparente de incidir em nengumha direção, mas sempre atenta a revista às notícias procedentes da capital do reino, por exemplo sobre Montero Ríos, e sobretudo literárias, como os atos de homenagem ao Quixote. Por outro lado, este magazine provincial preenche parte das suas páginas com notícias de sociedade da Corunha e a sua comarca.
Por falarmos em Montero Ríos, o chefe do Partido Liberal anos, não queremos perder o ensejo de frisar que urge em nossa opinião um estudo da atuação do denominado "cuco de Lourizán" no sistema literário regionalista da época, como também de Elduayen ou Linares Rivas; numha literatura como esta, presidida pola pragmatização, esses políticos tiverom com segurança interesses na sua orientação; não atuarom eles diretamente, mas com certeza o fizerom por pessoas *interpostas*; e a sua mão deveu estar por trás de alguns momentos decisivos na vida literária galega. Já Curros, num texto que ao tratarmos da fundação da Academia e a presença portuguesa veremos, detetava a sua *mão* na tentativa abortada de 1895.

364 São por exemplo caraterísticas desta época as portuguesas *Amor e liberdade*, que tirou três números na Lisboa de 1904 coordenados por Mário Gollen, e *Luz e Vida*, que saíu em 1905 no Porto, sem indicar diretor, e que, segundo as nossas pesquisas, apenas tirou um número.
À Galiza também nesta altura chegarom as novas ideias em forma de publicação, como as portuguesas, de certa inspiração anarquista; é o caso singular de *La Acción*, "Periódico de

embora seja através doutra publicação, que encontramos do naquela altura reitor da Universidade de Salamanca numha publicação galega não diária.

O trabalho de Unamuno, que abre com um significativo paratexto de *El Quijote,* centra-se em analisar as causas da crise desse patriotismo, que encontra no crescente militarismo espanhol.

Nele responsabiliza os poderes públicos da "anarquía que parece estar devorando a España"; critica o militarismo, e entende que nos regionalismos há na verdade um profundo anticastelhanismo; e propugna a volta a um espírito "quixotesco", chamando os diferentes regionalismos a umha nova tarefa, a de reconstruir a organização espanhola.

Mas o verdadeiramente significativo é que, duas semanas mais tarde, no número 52 de 25 de fevereiro da mesma revista, se publica umha carta de Unamuno intitulada "Por Galicia y por España". Nela, Miguel de Unamuno transplanta à Galiza as conceções que no artigo referia particularmente a Catalunha e a Euzkadi. Em geral, vamos assistir a um discurso assente nas seguintes bases, que surpreenderiam dado o título dele:

a) a Galiza deve virar a sua atenção para o fortalecimento da Espanha
b) Portugal não é um bom exemplo.

Já desde o início do artigo Unamuno encadeia Portugal e a Galiza, mas, e isto é o significativo, sem esclarecer porque "[...] preparando sobre todo un trabajo sobre el estado íntimo del Portugal contemporáneo, he recordado muchas veces mi gratísima visita á esa noble y culta Galicia"

Continua indicando Unamuno que a Galiza foi o refúgio da tradição e a cultura espanholas no Medievo e que ainda conserva essas caraterísticas. E acrescenta: "Los buenos hijos de Galicia, á quienes Dios les haya deparado una inteligencia despierta, deben dedicarla á levantar el espíritu de sus paisanos é impulsarlos á que intenten dar su tono á la cultura española".

Portanto, parece indicar que o esforço regionalista deve estar focalizado ao contributo para com a nação espanhola.

A propósito de comentar que os galegos, logo que ocupam cargos de responsabilidade em Madrid, "se desgalleguizan", vai Unamuno atacar o sistema regionalista, sem citá-lo, num dos seus flancos mais débeis: o de que só resulta útil e conhecido o movimento se se veicular em espanhol, se se referenciar em Espanha; para esse fim, procede, como é de esperar, ao elogio da principal combatente da tendência contrária, Pardo Bazán:

> "Más conservan su manera de ser en las letras y es evidente que en el respecto espiritual -que es el duradero-la Pardo Bazán ha hecho por Galicia más que cualquiera de los innumerables ministros gallegos y más que muchos de ellos juntos.

Sociología, Ciencia y Arte" que se publicou em Ponte Vedra semanalmente entre 1905 e 1906, dirigido por José Juncal Berduya.

> Y el nobilísimo empeño de corroborar y elevar y ahondar el sentimiento colectivo gallego, la fecunda labor de hacer que sea en todos los gallegos consciente el alma gallega, sólo puede llevarse á cabo tratando de imponerla á los demás pueblos y de influir por ella en ellos".

E, outra vez, de novo sem justificar a razão (que está por detrás: o já velho *perigo português*), torna Unamuno a falar de Portugal; e fá-lo dumha maneira demagógica: Portugal nunca deveu independizar-se da Espanha; não tinha para isso motivo; deveu foi tentar *aportuguesar* a Espanha; o nível em que situa Portugal não é o dum estado soberano independente, em igualdade com a Espanha[365]; Portugal não é como a Espanha, é como umha parte dela (v. gr., Catalunha). Os portugueses perderom o seu patriotismo por querer a independência (isto vem dizer) e caírom em mãos da Inglaterra (por meio dumha monarquia sobre a qual havia acordo na crítica); eles, que puderam (nova demagogia indicando umha hipótese impossível de verificar) fixar a capital da Península (=Espanha) no Porto ou em Lisboa. Portugal é, podemos deduzir como consequência, e por exemplo se o compararmos com o discurso de Murguía, algo absolutamente às avessas do que alguns regionalistas, antipatriotas também, pretendiam: o referente do que não se deve fazer:

> "Conviene no perder de vista que á Portugal le ha perjudicado el recelo hacia España y su temor á ser absorvido por ésta. Se ha puesto á la defensiva, en vez de tratar de aportuguesarnos, y así le ha ido. La independencia puede no ser sino una independencia huera, sin contenido verdadero, sin finalidad, una independencia por la independencia misma, como si esta fuera más que un medio. En Portugal la independencia la han comprado á costa de su personalidad y su patriotismo. Unidos á España hubiera surgido allí un portuguesismo en obras de espíritu como el catalanismo es en Cataluña, y acaso les habría dado vida el empeño por llevar a Lisboa ú Oporto la capitalidad de España. Ahora, por una sombra de independencia, se ve postrado á los piés de una dinastía funestísima, esclava de Inglaterra. La lección es dura."

E acaba por anunciar o seu próximo livro, *Por tierras de Portugal y España*:

> "Y como de esto pienso escribir largamente, lo dejo aquí"[366].

---

[365] Isto é o que aqui nos parece. Mas o estudioso Ángel Marcos de Dios opina o contrário: "Unamuno no trata a Portugal como una región española cualquiera, sino como nación independiente" (1978:156).

[366] Fagamos um jogo "interliterário": mal sabia Manuel Laranjeira que não estava prestando forte serviço ao incipiente sistema regionalista galego com as suas valorizações a respeito de Portugal. Porque, e a partir da análise que das publicações não diárias fizemos, tanto galegas como portuguesas, cremos estar em condições de afirmar que Unamuno, que nunca que saibamos modificou estas teses, foi um dos elementos do polissistema espanhol mais lesivos para o relacionamento galego-português. Galegos e portugueses, desde Cebreiro a sobretudo Teixeira de Pascoaes, acreditarom na bondade das formulações do grande intelectual espanhol, que chegou a converter-se em referência, particularmente para o mundo luso, já desde finais do século XIX (vid. Marcos de Dios, 1978). Talvez mais dum palidecesse quando, já em 1930, leu no jornal *Diário de Notícias* as respostas de Unamuno às perguntas que o escritor António Ferro lhe fazia; nelas negava a viabilidade das literaturas peninsulares que não fossem veiculadas em

A proposta de Unamuno cedo alastrou; sem ir mais longe, no número a seguir, o 53, aparece publicado um poema de Urbano González onde se que indica que a Catalunha e a Galiza são "alas de la patria" para que "resurja el fenix español".

A partir deste momento, diríamos inaugural, da *Coruña Moderna*, a presença de Miguel de Unamuno nas páginas galegas vai ser umha constante[367].

Ora, as opiniões de Unamuno não passavam despercebidas, particularmente para os galeguistas. Já anos antes empreendera o pensador espanhol a sua campanha contra as línguas *regionais.* Em dezembro de 1901, no número 365 de *El Eco de Galicia*, era Unamuno criticado por ter falado "en contra de la lengua y de otras cosas de sus comprovincianos", nos Jogos Florais em que actuava como Mantedor.

E em 1903, a *Revista Gallega*[368] replica algumha opinião de Unamuno, com o expressivo título de "Pero, Sr. Unamuno...". Nele censuram um de Unamuno, "Méjico y no México" aparecido em *La Ilustración Española y Americana*, onde Unamuno mostrava estranheza polo facto de encontrar "a cada paso" num livro galego *unha* "en vez de «una»". Chegou a suspeitar se fosse português, "Porque se observa en algunos escritores el empeño de aportuguesar su habla para descastellanizarla así", como, segundo ele, fazem os catalães com o francês; mas, como ele diz "la nh portuguesa equivale á nuestra ñ, y los gallegos no dicen *uña*, sino que lo dicen exactamente como nosotros". O ilustre catedrático não parecia muito a par da matéria...: "A peores cosas nos tienen acostumbrados los ajenos que tratan de Galicia", comenta a redação, Galo Salinas sem dúvida. A réplica lembra como umha "respetable autoridad

---

espanhol, e de nada serviram os protestos de Ferro para tentar modificar a opinião de Unamuno polo menos a respeito da portuguesa:

-Fui sempre contrário à fragmentação da Península. Discordo das aspirações separatistas da Catalunha, das próprias Vascongadas, minha terra [...].

-Mas Portugal tem umha tradição, tem umha história, tem uma língua.

-Claro... Só os senhores têm o direito de se governar, de saber o que lhes convém. Eu tenho, porém, as minhas idéias, de que não abdico, sôbre a língua. Penso que vale mais escrever numa só língua, em benefício da própria cultura, do que ficar encerrado numa língua inacessível, pouco divulgada. Que ganham os catalães escrevendo em catalão? Que ganham os vascos escrevendo em sua língua? A cultura catalá, afinal, é conhecida através dos escritores que escrevem em castelhano [...]

"Também dizem que o galego é uma forma do português e não é assim [...]

-... compreendo o caso dentro da Espanha, mas Portugal -perdoe-e a insistência- tem uma língua e uma literatura... Nem umha nem outra estão mortas..." [etc.]

António Ferro reproduziu a entrevista no seu *Prefácio da República Espanhola*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933.

367 Um ano mais tarde, e para não sairmos dos limites cronológicos que nos impusemos, em 1907, no número 34 da revista *Galicia* de Madrid, aparece outro artigo dele, agora a falar das suas impressões sobre a Galiza intitulado "Trozos Galaicos".

368 Número 444, de 20 de setembro de 1903.

filológica castellana" tentara pôr em questão estar o códice da *Crónica general de España* em *português* "cuando está fuera de duda que está escrito en *gallego*"[369]

Lamenta a revista a ignorância do "sabio" espanhol, que creu saber tudo sobre a Galiza na sua estadia durante uns dias na Corunha, "Pero los pasó *secuestrado* (passez la mot) pues ya se sabe lo que sucede cuando se hacen viajes en ciertas condiciones"[370].

E em novembro de 1907[371], *Galicia Solidaria*, que apenas levava quatro meses andados, recolhe nas suas páginas umha "Carta Abierta al Sr. Unamuno", assinada por Pedro Rivas desde a Corunha, onde censura os, em sua opinião, ataques de Unamuno à Catalunha e à sua língua (num momento em que esta publicação estava mui recetiva às notícias que provinham do Noreste peninsular); o crescente nacionalismo na Catalunha era, na altura, a principal preocupação para Unamuno a respeito dos regionalismos peninsulares[372].

V.7.2. A atitude da *Revista Gallega*

No meio desse contexto, a *Revista Gallega* vai também somar renovados esforços para tentar converter o crescente movimento hispano-luso em luso-galego na Galiza, onde vai destacar a publicação das memórias de viagem que Federico Maciñeira realizara a Portugal pouco antes, e que veremos mais adiante. É nesta altura, no entanto, que, dentro do mesmo regionalismo corunhês, vão aparacer artigos, nunca da própria autoria, em que se fala em unidade hispano-lusa, obviando a Galiza; dá a impressão que mais do que umha mudança de orientação, o que interessa à publicação é que se fale em termos de unidade com Portugal, embora isso suponha que não apareça a Galiza de permeio. Em algumha ocasião, até, assoma a crítica a Portugal (ao *oficial*, não ao *real*); esta surge em 1900, quando o império inglês parece acrescentar o seu domínio. Nos finais de 1900[373], a *Revista Gallega* abre com essa referência. O que motiva o artigo[374], "Consecuencias", são as lutas que entre jeiteiros e trainheiros estão a acontecer nas Rias Baixas e os protestos individualistas a que dão lugar em Vigo e em Ponte Vedra. Em Ponte Vedra preparam umha manifestação de

---

369 Os sublinhados no original; a este tema, que motivou um artigo do editor da *Crónica Troyana* Martínez Salazar, referimo-nos mais adiante.

370 Umha crítica, não velada, à Pardo Bazán?

371 *Galicia Solidaria*, número 18, de 17 de novembro de 1907.

372 A ambígua, quando não hostil, atitude de Unamuno a respeito da Galiza, Portugal e o seu relacionamento, foi já notada, entre outros, polo Prof. Ramom Lôpez-Suevos (1984).

373 Número 300, de 16 de dezembro de 1900.

374 O artigo é na realidade umha desconsolada crónica dos regionalistas corunheses. Após quase seis anos de atividade, verificam a desunião existente entre os galegos (o que neles equivale a dizer entre os regionalistas). Nela queixam-se da soledade da Corunha na defesa dos interesses do país, o que significa umha censura ao resto por não querer constituir a Liga Regional.

simpatia à armada inglesa e em Vigo aos estudantes portugueses. Pois bem, para censurar os métodos de pontevedreses e vigueses, não duvida em indicar que umha e outra cousa é "igual, pues Portugal no es otra cosa en sustancia que una colonia inglesa"[375].

A explicação do recurso a este tipo de texto, encontra o leitor explicitada meses mais tarde. Em domingo 8 de setembro de 1901, após muitos meses de campanha, a *Revista Gallega* escreve na primeira página e sob o título "España y Portugal":

> "Nosotros, que por el origen y tendencia de nuestras ideas regionalistas, vemos con tanta fruición las corrientes de simpatía que se observan entre españoles y lusitanos, no podemos menos de sentir legítima alegría siempre que aquellas simpatías adquieren un caráter práctico y determinan una aproximación personal que consolide la reciprocidad de afectos.
>
> Por eso hemos apludido con entusiasmo las visitas que hace algún tiempo se han hecho gallegos y portugueses, y por lo mismo aplaudimos la que recientemente acaban de hacer los madrileños al vecino reino lusitano, porque somos apologistas de todo lo que implique homogeneidad de cariños e intereses."

Mas, esse movimento de aproximação deslocara o centro de gravidade que pretendiam manter desde a Galiza os regionalistas corunheses. Do que fundamentalmente se falava na época era da irmandade entre espanhóis e portugueses, não do encontro luso-galaico.

Talvez por essa razão, ou quiçá também porque se considerava que o "leão inglês" estava à espreita, comentem a seguir:

> "Pero, a fuér de experimentados, recelamos escarmentados de la espontaneidad de esa demostración de simpatía, precisamente cuando por nuestra decadencia nada podemos ofrecer en cambio de lo que se nos da más que nuestro reconocimiento, y este es asaz insuficiente para ser hecho como pago de atenciones prodigadas entre naciones que siempre tienen el interés del egoísmo sobre todos los otros intereses.
>
> No recelaríamos de esta duplicidad afectiva si Portugal fuese un país de hecho y de derecho independiente, pero todos sabemos que en la corona que ciñe Carlos I de Braganza influye mucho el cetro de Eduardo VII de Inglaterra [...]"

E, a partir de aqui, o texto estende-se em considerar que a aproximação hispano-lusa pode responder a umha estratégia inglesa para afastar a Espanha doutras alianças europeias mais ameaçantes para a monarquia britânica...

---

375 Talvez para acreditar que a união ibérica é ja um velho anseio galeguista, anterior a esta vaga recente para eles tão lesiva, recorrem, no número 267 de 24 de março, a um poema de Martínez González, falecido em 1882, cuja Ode intitulam "A Unión Ibérica", e à qual apõem significativamente o rótulo "Del Pasado". Tudo parecia servir para o seu propósito, pois o poema, escrito em galego, não faz referência à Galiza, mas a Espanha e Portugal. Mesmo no poema, as caraterísticas de história, *raça*, etc., menos a língua, que eram o sustento do relacionamento luso-galego, aparecem atribuídas a Espanha, que, para cúmulo, aparece como o "tronco" de que saíu a "pola" Portugal.

Mas não desmaia a *Revista Gallega* no seu afã vulgarizador de Portugal. 1901 e 1902 tornam a ser uns anos especialmente intensos. O Estado vivia numha situação inquietante perante "el estado casi anárquico en que se halla", afirma a *Revista Gallega*, que intitula o seu editorial de 17 de fevereiro de 1901 com "La patria en peligro", onde indicam que "no por amar entrañablemente á nuestra región han de sernos indiferentes los males de la patria común, á la que profesamos también cariños y respetos compatibles con nuestros afectos regionales".

O relacionamento está também então no centro das atenções.

No 30 de junho de 1901, publicam, com a epígrafe "Crónicas de Galicia", o artigo "Portugal y España" de *La Veu de Catalunya*, com quem sempre mantiverom ligação, da autoria de Tomás Miranbell y Maristany, catalão residente em Vigo. Este federalista, que, com diferença a Pereira, "lonxe de toda abstracción, atopase cheo de contido orgánico galeguista como amosan as referéncias á lingua e historia de Galiza, a conceituación desta como nacionalidade" (Máiz, 1984: 197) saúda a efusão popular de relacionamento existente entre a Galiza e Portugal. O artigo, que é umha agra crítica ao centralismo e ao espanholismo, apresenta como fundamental novidade o renovado *perigo português*, mas agora comentando algo que nunca, ou quase nunca, os regionalistas formularam com a franqueza que o fazia este catalão: "Si Portugal fuese Francia; si en vez de una nación débil y pequeña, fuese grande y poderosa, dado el estado fisiológico de Galicia, sería favorable un movimiento de anexión á Portugal".

E, acompanhando o que já começava a ser axioma catalanista na época, a unidade nacional galego-portuguesa, que irá in crescendo nos anos sucessivos (em que se percebe umha orientação contrária à federalista), acrescenta enfaticamente:

> "Nosotros que combatimos las anexiones todas, porque son el signo más característico de apocamiento y decrepitud, en la ocasión presente habíamos de disculparlo y tolerarlo, porqeu al fin valdría más el ideal de una inteligencia con gentes de la misma raza, que entregar mansamente al cuello á la espantosa cuchilla de Inglaterra."

E, com estas bases, senta Mirambell os desejos do regionalismo catalão: "queremos, en fin, vivir con nuestros genuinos elementos de civilización y de cultura, para fundirlos en su día, por medio de la confederación ó autonomía, con las demás regiones de la Iberia y constituir un Estado [...]"

O trabalho de Mirambell prolonga-se polos dous números seguintes. A sua argumentação vai centrar-se na diferente atitude de portugueses e espanhóis perante as suas próprias realidades, perguntando-se por que "ellos, los portugueses, han podido conservar vivo el más acendrado patriotismo y salvar, al fin, sus colosales posesiones del África y del Ásia". Faz então um repasso em forma de apologia, aos diferentes povos que conformam o Estado Espanhol, onde renova a identidade linguística, étnica e histórica galego-portuguesa,

para concluir que a génese dos males do estado radica na sua articulação política. O seu razoamento condu-lo a situar aí o receio português a fazer parte dum futuro estado ibérico; o que, em termos de identidade galego-portuguesa, se manifesta assim:

> "Es hoy Portugal lo que es Galicia, si Galicia hubiera conservado los signos caracerísticos de su nacionalidad, ó en otros términos Portugal sería menos que Galicia (por la falta de puerto) si como Galicia la política centralista española la hubiera despojado de su autonomía, privándola del libre desenvolvimiento de su riqueza y de su cultura".

Tudo o que tinha a ver então com Portugal, neste sentido, aparecia na revista. Por exemplo, em agosto de 1902, o semanário corunhês torna a recorrer a artigos e colaborações alheias mesmo que não toquem a corda para eles mais desejada; neste caso vai publicar um artigo de Rafael M. de Labra sobre a unidade ibérica hispano-lusa, que aparecera um mês antes na revista estival *Santiago*, de 1902, com o título "España y Portugal"[376], também incorporada esta publicação ocasional ao movimento em moda na época. Nele, o autor admira-se do facto de que, à hora de falarem em relacionamentos, Espanha e Portugal apenas o fizessem de Toro, Ourique, Aljubarrota ou Montes Claros, isto é, os conflitos bélicos entre castelhanos e portugueses que, em opinião de Labra, só acarretaram desgraças. Prossegue o autor comentando o para ele paralelismo histórico entre os dous estados, que o leva a concluir na necessidade geo-política da união ibérica, não sem antes augurar um *desastre* português iminente na África[377].

Não vai triunfar o autor no vaticínio.

---

[376] *Santiago*, 19 de julho de 1902, número 1.

[377] Também por esta época, o "Almanaque Gallego", que Castro López vinha publicando desde 1898, insere artigos nessa linha. De resto, para o caso do diretor de *El Eco de Galicia*, a orientação espanhola dos contatos não era inovadora, pois já desde os inícios da publicação tinham passado polas suas páginas todas as glórias espanholas, que o *desastre* outra cousa não fizo que acrescentar. Daniel Granada é quem assina o breve artigo "Fraternidad luso-hispano-americana"; nele alegra-se do movimento de simpatia entre galegos e portugueses (que nunca mais torna a mencionar), lembrando a atenção que Pi i Margall lhe prestara; reconhece os receios que a unidade ibérica inspira em Portugal, "como nación menos poderosa", desejando que se superem para constituir a unidade "luso-hispano-americana" com que intitula a sua colaboração. Granada acaba recordando que foi, em sua opinião, durante o reinado dos Filipes a época de maior esplendor da Península.
A linha que apontam textos como o de Labra não vai triunfar na futura fase nacionalista. Vejamos, por meio do máximo representante dessa fase, Vicente Risco, como ela é desqualificada e como também é contestada pola linha murguiana. A referência é mui ilustrativa mesmo para conhecer o panorama da época que analisamos:
«O Ramón Otero vai falar na Festa da Raza en Santander. Escribinlle: "Querido déraciné: Con certa malenconía, leo no xornal de Juan de Aragon que vas tomar parte na Festa da Raza. Non fixeches mais que chegar e xa s'adonou de ti o Paniberismo. Eu non che digo nada. Que Murguía [estava vivo ainda] che perdoe, e que Don Rafael María de Labra che bote a bendición dend'o Limbo. Olé, et vive l'espagnolade!"». Carta de Risco a Lousada Diéguez de 13 de outubro de 1919. In "Cartas a Antón Lousada Diéguez", *Grial*, 469-485

Noutro dezembro, agora de 1903[378], a publicação corunhesa torna sobre o "Portugal oficial". Agora, por ocasião da visita de Alfonso XIII a Portugal, umha esquadra inglesa honra em águas do Tejo a visita do Rei de Espanha «à un país donde Inglaterra tiene tanto ascendiente que bien pudiera traducirse por fuero, y cuado el sagaz leopardo agasaja y se convierte en galantería su provervial [sic] fiereza, es sin duda porque prepara alguna celada por las vías diplomáticas [..]".

No artigo referem-se à política espanhola, e, caso mui infrequente na publicação, reivindicam o *panlatinismo*: "Los gobernantes de España que contra las corrientes populares no han querido, obedientes á indicaciones superiores, llegar á una alianza con Francia, ni aceptar la unión de la raza latina, ni tan siquiera intentar la solidaridad ibérica juntando lo que en mal hora separó um malhadado convenio egoísta y leonino [...]".

Ora bem, a crítica ao português, não evita, nem em casos como este, que acrescentem os responsáveis do semanário:

> "[...] para nuestro orgullo patrio es satisfatorio el proceder de Portugal para con el Soberano español y lo celebramos por lo que de españoles tenemos, por lo que á España amamos y por lo que nos afectan sus penas que son la desdicha nacional.
>
> Tierra es la lusitana que por su hidalguía merece todas nuestras simpatías, y las que en varias ocasiones se evidenciaron entre gallegos y portugueses, que en su fuero interno por muchos conceptos se consideran recíprocamente todos ellos gallegos ó portugueses, aquellas simpatías, repetimos, se acrecientan, reviven y son manifestación de ideas y aspiraciones que llevan consigo el ansia de que cristalicen y se solidifiquen, porque como previsión de un algo grato y realizable [...]".

V.8. As excursões de galegos e portugueses ao país vizinho. As tunas

Toda esta atmosfera de relacionamento hispano/galego-luso vai estar apoiada nestes anos polas contínuas visitas que excursões de vário tipo, grupos profissionais, e sobretudo tunas, vão realizar. Essas visitas, longe de ser umha notícia de páginas interiores, ocupa as primeiras das revistas.

Por exemplo, o número 148 de setembro de 1904 da *Revista Popular,* já instalada em Vigo[379], abre com a fotografia, como "Recuerdo de la excursión portuense", de D. Crispin Ferreira da Silva, "Primer Secretario del Real Cuerpo de Bomberos Voluntarios de Oporto y uno de los promovedores de la última excursión portuguesa á Vigo", e reforçava a notícia com as fotografias

---

[378] Número 457, de 20 de dezembro de 1903.

[379] Antes em Ponte Vedra, onde, mantendo o mesmo diretor, Ramiro Vieira Durán, tivo umha primeira série entre 1892 e 1896 e umha segunda em 1899, e duas intermitentes, umha de 1899 e esta terceira, em Vigo, em 1904.

doutros dous membros do corpo em páginas interiores, ao lado da do poeta Alberto García Ferreiro, recentemente falecido.

E verdadeiro interesse mostra *La Temporada em Mondariz*, cuja estação balnear tinha muita clientela portuguesa, como sabemos, e que abre o seu número 2 desse ano com o escudo do Porto e o seguinte título:

> "Fraternal bienvenida a los bomberos de Oporto y a los escolares de Braga,"

E comenta: "Es tradicional en nosotros el entusiasmo por estas dobles corrientes de solidaridad, que de año en año se acentúan".

Comentam depois que "el viaje actual más importancia que ninguno", e estendem-se a comentar a "trascendencia del suceso, lembrando que em 1901 tivera lugar umha "expedición" análoga, e concluindo que "entre los minhotos de allá y los minhotos de acá no habrá nunca enemistades serias [...]".

> "En vano el carabinero y el *guardinha* apostados en los dos extremos del puente internacional, les dirán, cuando lo crucen, que pertenecen á distintas naciones. Se lo dirán en la misma lengua, y la Naturaleza, burlándose de la razón de Estado, les hará entender que todos son unos [...]
>
> Bien hallados viven ellos, y bien hallados nosotros con las patrias respectivas [...]
>
> No por eso lograremos ni querremos jamás sustraernos á la influencia del idioma, de los habitantes, de la geografía y de los orígenes comunes [...]".

No número 10 do mesmo ano publicam um artigo sobre o "industrioso" Porto, (onde, segundo as suas contas, moram seis mil galegos) e renovam a fraternidade luso-galaica, a falar sobre a ponte que unia Tui e Valença agora *puxando a brasa para a sua sardinha:* "No es el símbolo verdadero de la unión y de la separación entre Portugal y Galicia. El verdadero símbolo es el puentecillo de Varzea, tendido en la aldea de San Gregorio sobre el arroyuelo Troncoso, formado con troncos de roble y que se franquea cómodamente de un salto".

Como é frequente para estes misteres, é citada a autoridade de Teófilo Braga a certificar a identidade galego-portuguesa: "Galicia, dice el insigne Teófilo Braga, principal foco de la cultura peninsular en la Edad Media fué el sitio donde surgieron las tendencias de autonomía social que determinaron en un preciso momento histórico la formación de la nacionalidad portuguesa", sem deixar, depois, de fazer referência ao relacionamento entre portugueses e espanhóis.

Qualquer oportunidade é boa para *La Temporada*, particularmente neste ano de 1904; desde a tradução dum discurso do Bispo de Coimbra no número 4, até ao banquete em honra do Conselheiro da Justiça Ezequiel Campos[380] que os visita. Sem mudarmos de ano, no número 13 insere um artigo sobre a fraternidade ibérica, em que se defende não a união "de nuestros progresistas

[380] Em muitas publicações portuguesas de investigação dos anos dez e vinte que assinavam nacionalistas galegos vão encontrar trabalhos da autoria do ex-conselheiro.

históricos equivocados", mas a união "social". Nele salienta-se o desenvolvimento económico e cultural português, lembra-se as glórias comuns, desde Andeiro a Pedro Madruga, e reitera-se o valor da Galiza como enlace entre os dous estados peninsulares[381].

As notícias cruzavam também o Atlântico. Já em 1901 o *El Eco de Galicia* bonaerense publicava o artigo de Pi i Margall "Los portugueses en Vigo", onde este saúda os lusos com efusão, perguntando-se, ao mesmo tempo que criticava o pouco que no Estado Espanhol se sabia do vizinho, que traduções, gramáticas ou dicionários eram conhecidos dos portugueses[382].

Passado este período de intenso relacionamento, e desde publicações menos favoráveis ao estabelecimento deste tipo de ligação com Portugal, o olhar sobre o vizinho torna-se mais próximo dos velhos estereótipos. Em 1906, viaja a Portugal um "grupo de telegrafistas y sobrestantes" cujas "Impresiones de Portugal" são recolhidas na *Coruña moderna* por Guillermo S. Thomson, um dos viajantes. Não é um artigo particularmente beligerante; mas dista muito da atitude galeguista que vimos páginas atrás. A perspetiva galego-lusa desvanece-se na hispano-lusa, já desde que, ao princípio da crónica, "llegamos á la frontera" e "damos nuestro adiós á España". Aí já tudo são problemas e empecilhos, inclusive os legais acordados entre ambos os estados, porque os lusos não fazem vista grossa: "Nos hallamos en Valença do Minho, donde tuvimos que enseñar el contenido de las *malas* (maletas) á esos *alfándigas*, que no dejan pasar... nada ni por nada, que tenga que pagar derechos de aduana". "Y una vez terminado este «principio»", prossegue o cronista, "qué desencanto al llegar al hotel para reposar la noche cuando hay que dormir sobre colchones (sin jergón) y almohadas rellenas de serrín, tan duras como la misma madera que formaban antes de ser serradas".

A perspetiva era mais umha parte do *eterno retorno* do estereótipo do português que enunciava quinze anos atrás Luis Taboada. Sempre coincidente este olhar com a afirmação espanhola de quem o emite, e, como consequência, longe de qualquer procura de relacionamento cultural e menos de *transferência* lusa, valoriza no entanto Thomson algum progresso em Portugal: "Tiempo hermoso, magníficos panoramas, pero más agradable aun es la velocidad y el confort de esos trenes después de estar acostumbrados á los *cangrejos* de la Coruña".

E sempre assoma o ponto de vista que comentávamos: "Llegando á Oporto, valientes como un Don Quijote, preparaos á las aventuras que hallásemos en un país donde no podíamos hablar casi ni una palabra de su idioma, encaminamos nuestros pasos hacia uno de los hoteles de la ciudad".

---

381 E é que, na verdade, 1904 foi ano especialmente ativo para a vida do balneário; para além destes temas, aparecem artigos dedicados à "Rainha Santa", a Inês de Castro, à filiação galega de Camões...

382 *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, número 352, de 30 de julho de 1901.

Mas, "teníamos que mudarnos el *fato*": "Poniéndome yo mis calças (pantalones) cortos y mis *piujas* (medias) largas, salimos vestidos á lo *touristas* y así, las *raparigas* nos mirabam con algo de curiosidad como si ellas nunca vieran á dos simples mortales como nosotros".

Enfim, tras comentar que a cidade não é "atrativa", embora tenha um "edificio magnífico y acaso uno de los más bellos de su clase en el mundo", conclui Thomson, sem perder a oportunidade de comentar a grandiloquência com que se conduzem os militares portugueses; e pondera a gastronomia da zona ("sabrosas viandas á lo «Picadillo» de este país"), apesar de criticar que "el desayuno es casi desconocido en estas tierras").

Com independência das apreciações de Thomson, umha linha estritamente divisória distingue como vemos as valorizações dumha ou outra tendência no olhar: a distância. Todos os olhares galeguistas, mais ou menos críticos, mais ou menos elogiosos com "o luso" são olhares feitos *desde a proximidade*. Os olhares que não participam dessa perspetiva, costumam estabelecer considerável afastamento. O texto de Thomson, como o de Taboada, poderiam substituir as referências lusas por chinesas, como já temos dito, e tudo ficaria na mesma. Não assim as galeguistas.

V.8.1. As viagens das tunas

Isto vamos verificá-lo sobejamente num fenómeno particularmente interessante do relacionamento galego-português: o da visita das tunas lusas a terras galegas. Estes encontros, aliás, podemos classificá-los, sem medo ao exagero, como os mais largamente noticiados pola *Revista Gallega* ao longo da sua história. A razão é clara: o que menos interessava aos regionalistas era a qualidade artística e interpretativa dos estudantes lusos; e, se por algum motivo era destacada, não tinha outro objetivo que o de manifestar a relevância da legação lusa; porque as estudantinas portuguesas são recebidas como autênticas legações do país vizinho. E isso vai ser mesmo diretamente refletido na produção literária regionalista. Como na continuação veremos, na maneira de receber e *introduzir* as tunas lusitanas na Galiza, convergem, sobretudo na *Revista Gallega*, todos os elementos, diríamos sem exceção, desde elementos do imaginário à unidade polissistémica, passando, mui decisivamente, pola apropriação da glória lusa, que até ao presente temos relatado.

O momento de eclosão da celebração vai chegar a fim de século, a partir de 1899. Não é por acaso. O regionalismo está a sair do *impasse*, como o define Máiz (1984:185), em que o *desastre* do império espanhol o sumira. Que assim seja explica-se, em nossa opinião, por umha razão poderosa: o *desastre* espanhol acabava de ter lugar; estas viagens vão ser aproveitadas como manifestações cívicas de solidariedade. O regionalismo galego mais ativo não pode deixá-las em mãos da apropriação espanhola. A esse propósito vai dispor

umha estratégia de apropriação galeguista, que, se pobre em alargamento, dada a debilidade sistémica, vai ser intensa na intervenção. A visita das tunas lusas supõe então umha magnífica oportunidade para expor o seu programa regenerador; mas vai igualmente defrontar-se com toda umha maquinária institucional *espanholizante*, em que também intervêm regionalistas, que define até onde determinados setores galeguistas estavam dispostos a chegar.

Anos antes, a notícia da viagem da tuna compostelana ao Porto era saudada no número 64 de *La Tierra Gallega*[383], no meio dumha ampla crónica assinada por CES, com pouco crédito na eficácia que poderia ter, e, se o cronista albergava algumha hipótese de relacionamento galego-português, de nengumha maneira a punha nos "tunantes": "no es seguramente dando sablazos, tocando la pandereta y haciendo cabriolas, como se levanta la patria". Não deixava por isso CES de exprimir maior confiança no futuro, e pensava que, "entrados los años", os estudantes "volverán los ojos y aplicarán todas sus facultades á la causa que tantos y tan buenos adalides cuenta hoy"[384].

A notícia também a recolhe *El Eco* bonaerense; o tratamento é diferente; inclui também comentários do estilo do semanário havanês, mas descreve-se o recebimento dos tunos no Porto, e interpreta-se a visita como um ato de fraternidade luso-espanhola[385].

Por sua parte, a *Revista Gallega*, que acabava de nascer, nem sequer dá notícia.

Também o leitor das páginas da publicação corunhesa que esperasse comprido relatório da visita da tuna de Coimbra a Santiago não poderia satisfazer minimamente a sua curiosidade ou interesse, polo menos na semana da

---

383 De 7 de abril de 1895.

384 Eis um elemento mui importante, particularmente repetido ao falarem os regionalistas das tunas. Nelas projetam o sentido de esperança no triunfo do movimento. Parece claro que o regionalismo, entre as suas carências de audiência, encontrava no setor da mocidade ilustrada especiais dificuldades. Poucas vezes se fala dumha juventude ativa na defesa da causa. Vários artigos de importância para a teoria regionalista, por exemplo o de Álvarez Insua nas páginas de *Galicia* anos atrás, vai dirigido à mocidade. Máiz (1984:115), ao informar-nos da composição da Asociación Regionalista, diz contar apenas dous estudantes de universidade entre 52 membros; similar ao da Asociación Regionalista Gallega (4%, Máiz, 1984: 115-116) e em aberto contraste com a participação dos estudantes universitários no primeiro provincialismo, que era de 55,8% (Beramendi/Núñez, 1995:11). E, no número 457, de 20 de dezembro de 1903, Galo Salinas (?) escreve um artigo sobre a "Juventud Gallega"; dedicado a Antón Villar Ponte, em que diz "continúo opinando que en Galicia no hay juventud intelectual"; e, mais adiante: "ni hay jóvenes, físicamente hablando, en la cantidad necesaria que se distingan en la literatura gallega ó castellana". Veremos em páginas sucessivas como os jovens chamados a saudar os estudantes portugueses desde a *Revista Gallega* são os menos regionalistas dos anfitriões. Como noutros aspetos, não estamos aqui em condições de enfrentar um estudo sobre a questão, que nos parece de importância para a evolução do sistema regionalista. Não por isso queremos deixar de arriscar umha nova hipótese: em nosso entender, umha das causas da progressiva ancilose do sistema é a sua mui escassa capacidade de renovação também generacional, de recursos humanos.

385 Números 123 e 124 de 30 de março e 10 de abril de 1895.

chegada. A visita é devolução da dos escolares compostelanos, e tem lugar em plena campanha espanhola em Cuba (são os finais de fevereiro de 1898).

No número 154[386], na página sexta e no meio de notícias do "Colegio Pericial Mercantil", dos "Vailes [sic] públicos" do Carnaval, ou do saúdo às revistas e jornais "dignos de la fama que han logrado alcanzar", "*Blanco y Negro, Madrid Cómico, El Teatro Español* y los varios catalanes" que os favoreciam "con el cambio", podia ler-se o manchete: "Estudiantina portuguesa". Ora bem, apesar da imprecisa informação "anteayer debieron haber llegado á Santiago", alguns traços do tratamento (in)formativo que ulteriores presenças vão ter aparecem já na resenha: a tentativa de situar essas visitas em termos galego-portugueses e não hispano-lusos. Informam que será publicado um jornal comemorativo, *Galicia y Portugal*, os estudantes santiagueses tratarão-nos como "hermanos", e a expressão dum desejo: "Ojalá que algún día puedan también estrecharse fraternalmente las dos regiones á las que, si bien separadas, por contingencias históricas, las unen unas mismas costumbres é idioma!", a trasluzir todavia que não se tinha muita esperança neste futurível.

Mas a revista, informativamente, dá um giro, algo inesperado a teor do tratamento feito na semana anterior. Com efeito, no número a seguir, 155, passa a sua crónica sobre a tuna de Coimbra à página duas, e estende-a à maior parte da três. A notícia da passada semana era o anúncio da reportagem atual; como é óbvio, não podia a revista permitir-se ter um correspondente em Compostela.

Assim introduzem a notícia:

> "La nación hermana, Portugal, ha enviado á esta tierra gallega, que en tiempos más dichosos constituía una sola, con la portuguesa, hermosísima representación de la juventud portuguesa, juventud que vale y piensa, y grata esperanza para el porvenir del pueblo lusitano [...]
>
> Nosotros queremos ver en esta visita una corriente de atracción que si pequeña en sus comienzos ha de ser grande para el futuro [...]".

E enviam "un saludo", "salido desde lo más hondo de nuestra alma y en el que van envueltas esperanzas de ver llegar mejores días para Portugal y Galicia."

As chaves do sentido da receção na *Revista Gallega* ficam expressas: o relacionamento põe-se em termos galego-portugueses. Os tunos são umha representação do futuro português, futuro que se quer seja de intenso relacionamento, porque esses vão ser, como foram os passados, os "tiempos más dichosos" para ambos os países. Portugal é a esperança da Galiza.

Se aqui ficasse a notícia poderia pensar o leitor que esta era a perspetiva com que os portugueses eram acolhidos; mas, como não resulta difícil entender, acontecia mais bem tudo o contrário.

---

386 De 28 de fevereiro de 1898.

Não vão poder ocultá-lo os redatores do semanário corunhês, quando, faltando correspondente, tomam as notícias da imprensa compostelana. Por ela informa-se que os estudantes lusos são recebidos por "la comisión escolar comisiones del Excmo Ayuntamiento de Santiago, la Universidad, la milicia, la Sociedad Económica, centros de recreo, *Ateneo León XIII*, Cámara de Comercio, etc., etc".

Mais ainda; a legação é saudada polas "bandas de música de Cazadores, municipal e infantil", no meio dumhas ruas "ocupadas totalmente por el pueblo santiagués" que "vitoreaba á la tuna". E ainda "las damas desde los balcones arrojaban lazos, flores y versos de Santaló, Salinas (D. Galo), y A. Barbeito (*Noé Vila*).".

Enfim, frente aos bons desejos da publicação corunhesa, a única distinção galeguista que podiam encontrar os portugueses era aguçar o ouvido para sentir os versos de Galo Salinas ou A. Barbeito.... De resto, todas as instituições ali presentes, não pareciam pôr nos mesmos termos que os corunheses a transcendência que uns e outros davam à viagem dos escolares lusos.

Tanto é assim, que, prosseguindo com a narração, e descrevendo o ato de receção no teatro principal da urbe compostelana, ornado com «escudos y banderas de Portugal y España», e onde estava «lo más distinto de la sociedad compostelana que realzó con su presencia la majestuosidad del recibimiento», têm que colocar a sua primeira nota de rodapé: «Llámanos la atención que entre los vivas que adornaban el salón no hubiese alguno dedicado á Galicia.» Talvez o otimismo de Eugenio Carré fora contagiado ao resto do grupo corunhês.

À hora de transcrever os discursos, selecionam o do presidente da tuna, para não estender-se em excesso, comentam; de novo têm que lamentar-se, agora de que o discurso fosse traduzido para castelhano, explicitando que perde assim beleza: "[...] nos concretamos á dar un ligero extracto del brillantísimo discurso del presidente de la Tuna, Egas Monís[387], discurso que sentimos hayan traducido al castellano los periódicos de Santiago, pues aparte de otras consideraciones, así, indudablemente, habrá perdido gran parte de su belleza", silenciando porventura outras opiniões mais comprometidas e já reiteradas.

No discurso do estudante lusitano, em que, falhada a esperança de conversão num ato galego-português o que era perspetivado como um encontro hispano-luso, podia o leitor correligionário da *Revista gallega* esperar um canto à unidade da Galiza com Portugal, em qualquer ordem, aparecem trechos como este:

---

[387] Conceda-se-nos, só por satisfazer curiosidades, o salto anacrónico cronológico: é o futuro Prémio Nóbel de Medicina português, que manterá umha colaboração estável com a Faculadde de Medicina da universidade compostelana nas décadas de vinte e trinta, quebrada polo golpe de estado de 1936.

> "Y de que somos nosotros queridos, hermanos por el trabajo y por la raza, hartas pruebas tenéis dado. [...] Junto á la gloria de nuestro Portugal íntimamente unida á sus destinos, ha caminado esta hidalga tierra de España".

No texto de Moniz, aparecem referências à Galiza, mas possivelmente não as mais caras aos ouvidos dos regionalistas corunheses; alguns dos mais importantes mitos luso-galaicos apareciam destruídos:

> "Y Galicia tiene aún contrastes más íntimos con nuestra patria. Nuestros Reyes encontraron á veces fieles compañeras suyas en antiguas villas de esta provincia; y dignos compatriotas vuestros, más de una vez brillaron cerca del trono portugués. De esta vuestra tierra salió la infeliz protagonista del doloroso drama desarrollado en las márgenes del Mondego, y para recuerdo de cuyo drama legó á la posteridad algunos versos el inmortal Camoens.
>
> Al recordar á doña Inés de Castro, la infeliz enamorada de D. Pedro I de Portugal, nacida en tierras de Galicia y de quien reza la crónica que era hermosísima, nosotros, hoy, después de admirar la gracia y donaire de vuestras compatriotas, vemos que esta tierra sigue siendo la pátria de las mujeres bonitas".

Após o excurso sobre as mulheres galegas, retorna Moniz à sua linha argumental: "Después, recorriendo la historia, ¡cuántos puntos de unión encontramos, que expresan y ponen muy por lo alto, la uniformidad de tendencias, de aspiraciones, y de atividad de estos dos pueblos!"

Não se referia à Galiza e Portugal; a seguir cita Vasco da Gama e Colombo, que trazia para os Reis Católicos "prisioneros de una nueva raza y de un nuevo mundo", aproveitando para cantar as glórias que espanhóis e portugueses esperam do presente: "La campaña de Cuba perpetuará en la história el brío de un pueblo heróico y guerrero, y nuestras campañas de África nos unieron más de una vez [sic: talvez seja um erro de tradução de "mais umha vez"]".

As palavras a seguir são mesmo demolidoras para as aspirações dos corunheses, particularmente em termos literários:

> "También nos unimos en los áureos períodos de la literatura [...]
>
> En esa época muchos de los gloriosos poetas y prosistas portugueses, componían en castelhano[...]
>
> Camoens, á pesar de ser portugués, puede considerarse como poeta de la Península, porque tiene maravillosos sonetos á los cuales la dulce armonía de vuestra lengua dá mayor realce. Cervantes, Espronceda[388] y tantos otros abrieron en el vastíssimo campo de la imaginación, verdaderas fortalezas de prodigioso talento que los hacen inmortales para desafiar la obra destructora del tiempo."

E sempre mais a par em tudo das cousas do vizinho do que vice-versa, cita o estudante lusitano "o sabio histólogo Ramón y Cajal", para concluir: "No

[388] Não deve estranhar a seleção deste romântico, autor de *El Estudiante de Salamanca*, a cidade espanhola com quem normalmente mais se relacionou Coimbra, mui conhecido na época em Portugal.

es precisa la historia para demostrar que somos hermanos, ni tampoco se precisan los hechos; tenemos nuestro íntimo sentir, «terminando» diz o cronista santiaguês, «su elocuentísimo y aplaudido discurso con estas palabras: ¡Gloria, gloria á España!»".

Assistia então o recetor regionalista a um discurso português na mais pura linha espanholista, ou, o que é o mesmo, ao contrário do que desejariam e fariam os galeguistas do grupo corunhês: tudo ele falava das glórias espanholas e portuguesas; a Galiza ficava quase como *reserva* de mulheres bonitas; nem o papel de enlace lhe era atribuído; até o máximo símbolo de Portugal, e também para os galegos, Camões, era, se não espanholizado, polo menos *iberizado*.

Pois bem; longe de impugnar umha mínima vírgula do discurso do presidente da tuna coimbrã, afirma a revista:

> "Todos los oradores fueron aplaudidísimos, y nos ha causado gran estrañeza que en población tan regionalista como Santiago y donde tanto se conoce nuestra historia, haya sido el distinguido presidente de la Tuna, el único que en la recepción diera verdadera interpretación á lo que significa la visita de los estudiantes portugueses, corroborada por el discurso de nuestro querido amigo Sr. Cabeza de León, en la velada del «Ateneo León XIII»".

Admirável, sem dúvida. Porque, se o único que dera "verdadera interpretación á lo que significa la visita de los estudiantes portugueses" fora o "distinguido presidente de la Tuna", pode o leitor imaginar qual seria o sentido das outras proclamas. Talvez, como costumava ocorrer, pesasse mais no ánimo da *Revista Gallega* que se lessem ou ouvissem palavras de portugueses que o seu próprio conteúdo. Como se vê, aliás, não oculta o texto a crítica ao grupo regionalista compostelano, de Brañas, a quem parece responsabilizar, não sem certa ironia, do curso seguido polos atos[389].

---

[389] Anos antes, em 1891, verificara-se o primeiro conflito sério no seio do regionalismo político, como já apontámos ao tratar da saída do grupo santiaguês de *La Patria Gallega*. Máiz trata alargadamente a questão, em que se misturam discrepâncias políticas, ideológicas e pessoais, marcadamente as primeiras: "As fortes discrepáncias ideolóxicas mantidas até ese momento en estado latente e a filiación política dos separados abonan patentemente unha tal hipótese. En efeito, e este dado é realmente decisivo, Brañas, Tarrío e Cabeza de León eran as figuras sobranceiras do setor tradicionalista da Asociación e do seu Comité central. Todo iso suxire que, por riba das loitas internas polo poder, achamo-nos diante do primeiro conflito aberto entre as duas fraccións representadas nese momento no Comité central rexionalista: o setor *liberal* e o *tradicionalista*" (Máiz, 1984: 128). É oportuno indicar que, sem embargo disto, não será esta a polarização que no âmbito cultural vai aparecer a respeito do futuro do sistema regionalista, onde, nas linhas conservadoras aparecem também os regionalistas federais; doutra parte, falecidos Tarrío e Brañas, Cabeza de León vai ocupar umha certa posição de privilégio, embora secundarizada, na fase nacionalista. O *resgate* de Salvador Cabeza, professor da Faculdade de Direito, já começa nesta época. De resto, convém precisar que a linha federo-regionalista praticamente desaparece nos finais de século, e que, com o traslado de Manuel Murguía à Corunha, nos tempos da Xunta de Defensa, vai firmar a polarização dos dous grupos em confronto (Corunha vs. Santiago), e consolidar o grupo da capital galega do norte, com o contributo do velho "venerado do rexionalismo" (Máiz, 1984:167)

Não ficariam por aqui as deceções para os da Corunha. O jornal comemorativo que anunciaram como *Galicia y Portugal*, sai à rua com o nome de *España y Portugal*. Evitam os corunheses pronunciar-se sobre o facto, mas não obviam comentar: "En otro lugar de este número verán los lectores los trabajos para dicho número, que por cierto son los únicos que aparecen escritos en gallego y en sentido regionalista[390]".

A crónica acaba com esta mensagem à *legação* corunhesa:

> "[...] no se olviden nunca como les dijo muy bien en la terminación de su discurso el Sr. Cabeza de León: «que los fervientes votos de los gallegos son los de que todo portugués considere esta noble tierra gallega como tierra propia, como una prolongación de su familia y de su patria.
>
> Llévense feliz viaje los tunos portugueses y háganse intérpretes en su nación de lo sentimientos que hacia ella abriga esta región."

Sentimentos em todo o caso não mui compartilhados.

Parece então óbvio que o movimento regionalista não tinha significação nos meios académicos lusos. No texto de Moniz não aparece nengumha referência à partilha de elementos comuns, nem à literatura regionalista, nem a Rosalia de Castro ou Curros Enríquez, os nomes mais conhecidos em Portugal. Era a corrente de atração iniciada demasiado "pequeña en sus comienzos".

Mas, não o esqueçamos, era quase tão pequena como a que a juventude académica galega sentia polo regionalismo. Lembre-se que esta era a devolução dumha visita dos compostelanos a Coimbra, e não era a primeira vez que lá iam. Resulta então também patente a incapacidade do regionalismo de penetrar minimamente nas esferas académicas, polo menos nos seus estudantes. O *termómetro* das tunas é um bom instrumento de medição.

O que fundamentalmente interessa, porém, aos corunheses é tirar proveito da visita para vulgarizar as suas expetativas. Desde a única plataforma semi-institucional que têm, a revista.

A seção de "Prosa y verso" acolhe então a saudação de diferentes instâncias da cidade. Nos seus textos vamos ver, por vezes com certa surpresa, afirmadas muitas das linhas que o futuro nacionalismo vai seguir a respeito de Portugal;

---

[390] O grupo corunhês foi sempre o que maior coerência mantivo no uso do idioma da Galiza. Parece aliás clara a acusação ao grupo regionalista de Santiago, onde, entre outros, se significara Alfredo Brañas. A propósito deste regionalista, é de notar como ele, em quem nunca se viu manifestação de lusismo, aderiu ao celtismo, como mito fundador, e *substituidor* do mito fundador português. Na autêntica batalha que já está desatada para a definição do sistema, Brañas já não aparece (e morrerá em 1900). Parece-nos haver algumha relação, que aqui não pode passar desta pobre nota, entre os utentes *exclusivos* do mito céltico e a conceção do sistema como restrito nos seus repertórios, temas e modelos e possibilidades, frente à tendência reintegracionista, que caminha para o polissistema, em que sim pode ser afirmada a equação *lusismo* e tendência ao polissistema autossuficiente. De resto, na publicação, que incluía os retratos da diretiva da tuna, colaborarom Lugris, Torreira, Requejo, Cabeza, Santaló, Rivas Mateos, Rodríguez Otero, Varela, Menéndez, Búa Carón, Bacariza, Cerdeira, Carré, Brañas, Martelo Paumán, Galo Salinas, A. Barbeito, etc., até um total de vinte e dous nomes.

na sua receção e no seu relacionamento. O que, em nossa opinião, manifesta como o labor regenerador corunhês foi o que estivo no fundo do surto nacionalista iniciado em 1916, adquirindo, assim, aqui temas, formas e pensamentos um certo valor fundacional.

Falar do Outro é falar do Eu, e agora mais que nunca; os textos a seguir vão revelar os diferentes olhares que sobre Portugal e sobre si próprios tem a "escola corunhesa". E os discursos, poemas e proclamas, mais que à *legação* portuense, dirigem-se aos próprios galegos.

Sob o rótulo "Aos estudiantes lusitanos", Manuel Banet Fontenla, "Abogado do Ilustre Colegio da Coruña"[391] diz lembrar ainda como no ano 1888 foram recebidos os seus companheiros tunos em Portugal: "[...] á ninguén se lle oculta que o pobo portugués quixera ver d'aquela nos coores das facultades académicas, e no escudo de Galicia, que levaban superposto na bandeira, mais que a «Tuna compostelana», a representación mais nobre i escolleita d'un pobo irmán."[392]

A seguir, mostra Banet a sua satisfação "pois non en van Portugal e Galicia, ainda que divididos hoxe por unha faija de locente prata, son dous pobos, ou mellor dito, un pobo da mesma raza, e que fala o mesmo idioma."

E conclui a sua expressão do que era o pensamento regionalista corunhês com *vivas* a Portugal e à Galiza.

Na continuação, aparece um poema de *Noé Vila* em que renova os desejos da união ibérica: "queira Dios que seia esta visita/precursora d'ansiada Unión Ibérica."

Nos mesmos termos insiste o texto de Florencio Vaamonde que segue o de Avelino Barbeito; mas aqui aparece, junto ao recurso às glórias comuns que, em sua opinião, puderam possibilitar a unidade galego-portuguesa, um recurso estilístico (o texto está em prosa) que lembra o último romantismo português, e preanuncia umha das vias poéticas mais determinantes do que será o futuro relacionamento, o da linha saudosista de Teixeira de Pascoaes. Assim, tras falar do rigor do Fado, diz: "¡Afonso Enriques!, ¡Gelmíres! se as regiós misteriosas e sombrías da Noite e do Silencio onde pousades, pode chegal-o acento dos viventes; deixade que eu teña unha lembranza para as

---

391 O prestígio da assinatura era procurado por pequeno que fosse. O futuro notário e membro fundador da academia era o único "cargo" que podiam somar os corunheses à saudação, juntamente com o de Galo Salinas, que assina como diretor da publicação. O que se omite é o facto de ter sido nomeado Banet Vicepresidente da «Liga Gallega» em 1898...

392 Obviamente, ainda não podia jogar Banet Fontenla com a identidade de cores das bandeiras lusa e galega, porque esta, cujas cores vão estar em causa até aos anos vinte, ainda não era reconhecida como azul e branca. A identificação das cores foi no entanto mais dumha vez utilizada para afirmar a comum origem, até 1910, logicamente, ano em que o estado português adota a atual bandeira republicana. Ora o interessante é o que têm as palavras de desejo, e a interpretação, mais umha vez, da visita como umha embaixada do povo irmão.

vosas venerandas sombras; permitide que eu pida para nós a gloria dos vosos días [...]"[393].

Como é habitual, o texto encerra com o desejo de que os jovens portugueses, que levam "o sangue dos Gamas e dos Alburquerques, e a lus de Camoes" sejam benvindos e trabalhem para que desapareçam "as barreiras que os separan".

Um breve texto poético de Carré faz incidência na unidade étnica, com também umha significativa alusão às "Soidades e lembranzas" que guarda para ela a terra galega.

Mas, se o texto de Florencio Vaamonde oferece novos elementos do ponto de vista estilístico, será o de M. Lugris Freire o que as forneça sob umha perspetiva ideológica. Lugris desce do que, por tão usado, estava a fossilizar-se num *cliché*[394], e procede a, dumha parte, assinalar o proveito que o relacionamento pode ter, e, doutra, a salientar as circunstâncias e os interesses, não do passado, mas agora do presente, que impedem o relacionamento. Está aqui, também com certa novidade, a direção crítica que, a respeito do referente de oposição como *presente* vai seguir o nacionalismo galego de pré-guerra[395]:

> "[geografia, história, raça, poetas medievais...] constituen, pois, unha sola pátria étnica para portugueses e gallegos.
>
> Erros dos homes impidiron unha xuntanza que tan proveitosa sería para todos. [...]
>
> Os feitos providenciais da historia non se borran nin descamiñan os políticos de Madrid e Lisboa. Galicia e Portugal non foron fundadas por ningún político; asi nol-as deu Dios".

O texto vai além; formulado em termos políticos, aponta ainda mais longe do que Castelao em *Sempre en Galiza* acabará por sintetizar como pensamento nacionalista:

> "Poden ser duas naciós libres dentro d'unha Iberia libre. Despois os acontecimentos axuntarían ó que sô debe ser unha nacionalidade xa que de feito é unha entidade étnica. O *rexionalismo* ten no seu programa medios d'abondo para dar vida á ese grande estado ibérico en que soñan todol-os peninsulares de bon corazón.
>
> Estudiantes portugueses, ben sabedes que é muy certo ó dito. Poñede pol-a nosa causa á vosa intelixencia e todo o voso amor".

"Aos estudiantes de Coimbra" intitula a sua composição poética Galo Salinas. Aqui, o diretor da *Revista Gallega*, formula poeticamente o motivo poético que João

---

393 O texto resulta-nos surpreendente, pois não encontramos para ele explicação na produção literária galeguista anterior. Suspeitamos que se trata dumha transferência portuguesa, no, de resto, mais *lusista* dos escritores da época. Mas não estamos em condições de precisar qual...

394 *Cliché* e não elemento *retórico* ou vácuo, como muitas vezes se qualificou esta prática, de que, pensamos, vimos sobejamente verificando o contrário.

395 Já Justo G. Beramendi (1987, I, 197) assinala como este autor vai produzindo no seio do primitivo regionalismo liberal avanços que, próximos do republicanismo, "sobre todo durante la experiencia de Solidaridad", vão permitir a nosso entender a génese de ideias nacionalistas, que ecoldem em *A Nosa Terra*. de 1916 (Cfr. Beramendi, 1987, I, 266)

Verde, e sobretudo Afonso Lopes Vieira ("Galiza, deixa Castela e vem a nós"), vão utilizar nos seus poemas à Galiza: "E pois un mesmo idioma as duas falan/e teñen por curar abertas fridas.../¡o Portugal se veña aos nosos eidos/ ou vaia aos vosos a exemprar Galicia!".

O conjunto de textos encerra-o Martelo Paumán, com o seu peculiar estilo, em que se afirma o "arrependemento galego" por não ter seguido a esteira de Afonso Henriques, e onde Paumán aproveita para reiterar o *pecado* português cometido contra o seu antepassado o conde de Andeiro:

> " [...]fidalgos irmáns de aló do Miño, ¡ou, Brácaros! preto dos Lucenses [...]
> Sede ben vidos. Non os erros da historia, non os feitos contra natura teñen forza...
> Se os Lucenses hoxe podemos co á frente roxa morder o arrependemento vendo alta, do Miño aló, á bandeira de Alfonso Henriques que era a nosa; vos, Bracarenses, tamén tendes na concencia unha pesada lousa; a que cobre as nobles cinzas do noso Andeiro, voso conde de Ourém, mártir da unidá gallega, ao pé do voso trono[396]
> Xuventú valente! [...] A hexemonía da Península Ibérica é vosa."

El Eco de Galicia de Havana vai publicar dous meses mais tarde, no seu número 824, os textos de Lugris e Martelo, que não por acaso eram os mais vigorosamente acesos na reivindicação da unidade galego-portuguesa. Aparecem naquela publicação sem introdução nengumha; apenas o rótulo "Portugal e Galicia (aos estudiantes lusitanos)", o que, descontextualizando-os, dá a impressão de aparecerem ainda como mais *exemplares* da atitude que, a respeito de Portugal, também alcança à revista de Álvarez Insua; mas, na mesma página, escreve Luis Taboada umha das suas habituais crónicas; esta vez, não era Portugal o seu tema...

Três anos passados, em 11 de fevereiro de 1901, a *Revista Gallega* informa da intenção da "estudiantina de Coimbra" de fazer umha viagem à Galiza, e visitar, entre outras povoações, Corunha. Da importância deste eventos dá conta a convocatória que o Presidente da Câmara realiza "á varias entidades y representantes de colectividades de esta capital". A Câmara responde aos coimbrãos que nada pode fazer "por carencia total de recursos", mas que o povo corunhês os acolherá com viva simpatia. A crónica conclui com as habituais boas-vindas ao portugueses e reiterando a unidade entre o povo luso e o galego.

Mas na semana seguinte, a publicação informa que a tuna coimbrã, por esperar a visita dos colegas compostelanos, já não pode vir. Lamenta-o a redação, que informa assim:

---

396 Curiosa coincidência com o texto de Moniz. O de Paumán está assinado em 13 de fevereiro, e Moniz pronunciará o seu discurso quinze dias mais tarde; se a publicação *España y Portugal* estava já na rua nesse momento, pudo Moniz tomar de aqui a referência; e, se assim for, fica ainda mais patenteado o diferente rumo com que Moniz queria conduzir-se; ou, então, fizo umha síntese dos diferentes textos que na referida publicação apareciam.

> "En cambio desde el miércoles son huespedes nuestros los tunos vallisoletanos, que por segunda vez llegan á la Coruña á proporcionarnos el placer de estrechar sus manos.
>
> En la Coruña han sido los tunos muy bien recibidos y la acogida que se les ha hecho les demostrará que Galicia es una región cultísima, mal que piensen lo contrario allá en el interior de Castilla".

Achamos não merecer muito comentário a evidente crónica, que contrasta vivamente com a atitude perante o referente de reintegração. Aliás, não muito mais poderíamos dizer, porque é esta a única ocasião em que, através desta revista, temos notícia da estadia dos tunos espanhóis na Corunha.

1902 sim vai ser ano de visita dumha tuna lusa à Galiza. E, se calorosa fora a acolhida literária dispensada pola revista à de Coimbra, a proporcionada agora à do Porto ainda vai ser maior; talvez preparassem melhor o recebimento. O facto é que já em 2 de fevereiro, umha semana antes da chegada dos estudantes, a *Revista Gallega* abre o seu número com "A Tuna Portuense", numha das escassas vezes em que, em seis anos, o semanário utiliza o galego na sua primeira notícia.

A começar, a revista vai inserir a viagem no quadro do relacionamento galego-português, indicando ser essa a intenção dos visitantes: "Os estudiantes portugueses, no seu desexo de ligar mail-os lazos que á Portugal unen con Galicia, acordaron nos facer de novo unhas visita nos días do presente Carnaval".

Em segundo lugar, trata a editorial da união ibérica; mas acontecem duas cousas também novas. A crónica, ao falar da Galiza e Portugal, e não da Espanha e Portugal, como esclarece, coloca os dous países ou nacionalidades (são estes os termos utilizados) no mesmo estatuto; eleva a primeira à categoria do segundo; e, assim definidos, vai, surpreendentemente considerar que, ou bem a Galiza e Portugal efetivam a união ibérica, ou então devem unir-se eles num mesmo e único Estado, "chámese como se chamare":

> "[...] queira o ceo que á mocedade de ambos países, Portugal e Galicia, lle sexa dado levar á práutica esa ansiedade que anima aos que ven indinados a separación de dous Estados que deberan de conformar un sóo; mais, a non se poder realizar a soñada unión ibérica, veña algunha fada e leve á cabo a luso-galaica, xa que unhos mesmos son o noso orixen e a nosa fala, e iguales os usos e costumes, ideias e aspiraciós de gallegos e lusitanos.
>
> A tuna portuense tivo á ben nos dirixir unha carta na que ademostra os seus levantados sintimentos, y en proba da reciprocidade publicámola á continuación, non sin antes facer votos pol-a dita das duas nacionalidades, portuguesa e galiciana, co a espranza de que cheguen á seren un solo Estado, chámese como se chámare [sic]"

Mais de quinze anos depois, a declaração programática das Irmandades da Fala, reunida em Assembleia em Lugo, vai recolher no seu ponto sexto que, sendo para eles acidental a forma de Governo, vão ser favoráveis àquela que permita de melhor maneira a federação com Portugal, a respeito do qual

reclamam igualdade de relacionamento no ponto anterior[397]. E é que, com todos os matizes que merece a questão, entre os pronunciamentos do regionalismo corunhês e os de Villar Ponte anos mais tarde a respeito do "nacionalismo galego", *nihil novo sub sole*: já em 1898, Álvarez Insua formulara na *Revista Gallega*, convidando à realização dumha Assembleia Regionalista, a questão da acidentalidade das formas de governo com tal que o regionalismo pudesse conseguir os seus objetivos (Máiz, 1984: 190)

A carta dos portuenses não está na mesma linha que a introdução que se lhe fizo; mas também não está na contrária. Não menciona Espanha, o que já é significativo, e refere-se ao motivo da viagem com estas palavras: "esta nossa visita tem, não só por fim estreitar bem os elos d'esta cadeia de fraternidade que ha tantos annos nos liga aos estudantes das Universidades da Galiza, mas também conhecer toda essa expléndida região de que possuimos unna [sic] amostra no nosso ridentissimo Minho".

Assinam o Presidente, Abílio Campos Monteiro, e o Director, Armando Chaves.

Parece então que a revista, passados alguns anos, conseguira converter-se num ponto de referência na Corunha, o que era já um avanço ("distincto ornamento da imprensa dessa cidade", dizem os portuenses).

Ora, deparava para o futuro esta missiva um facto de transcendência; não polo conteúdo, nada admirável em termos de relacionamento galego-português, mas sim pola identidade dum dos assinantes: Abílio Campos Monteiro[398]. Este homem, agora com vinte e cinco anos, vai dirigir a revista portuense *Argus*, "mensal ilustrada", em 1907, que apenas tirou três números, e, durante algum tempo com Ferreira de Castro, a *Civilização*, o "grande magazine mensal" que veu a lume ininterrompidamente entre 1928 e 1937. Esta última, dumha audiência e luxo extraordinários, vai acolher nas suas páginas textos de Valle Inclán, Pardo Bazán ou R. M. Tenreiro, mas também de Correa Calderón, Aquilino Iglesia Alvariño, etc.; vai igualmente estar atenta às novidades do Seminário de Estudos Galegos; contará nas suas páginas com Vicente Risco ou Otero Pedrayo. Será, enfim, a entrada no *todo Portugal* do movimento galeguista dos anos vinte e trinta, como veremos. E, sem dúvida, a origem de tudo aquilo está nesta visita estudantil.

Mas a apoteose da receção aos portugueses estava por chegar. O número seguinte da revista, de 9 de fevereiro, dedicado integramente à visita, abre já com a notícia sobre os estudantes do Porto em exclusivo, já não partilhada,

---

397 Vid. por exemplo, *A Nosa Terra*, números 73 e 74 de 5 de dezembro de 1918.

398 Tão centrada estava a revista com o pretexto da visita portuense que nas muitas páginas dedicadas não se nos dá o nome nem do resto da direção da Tuna. Apenas nos começos de 1903, quando quatro estudantes venham à Corunha e visitem a *Revista Gallega* (que é nela notícia) conheceremos a sua identidade, deixando aliás Manoel Bragança umhas estrofes de fado que são publicadas no mesmo número, o 415, 1 de março de 1903.

como no número anterior, com a homenagem a Castelar. E não apenas isto; a revista dá a notícia a toda a página, sem colunas; muda os tipos por outros mais chamativos; e insere ao lado do titular "Aos académicos lusitás" (já não portuenses) não o escudo da cidade invicta, mas o de Portugal: o de menos é a função musical dos tunos. Com ressonâncias pondalianas, saúda a revista:

> "Fillos da noble Lusitania, ben vidos sexades á esta nosa terra galáica, nai da vosa."

A visita dos portugueses é, expressivamente, momento para audácias nacionalistas,

> "A REVISTA GALLEGA, que sin temores de ningún xeito ven loitando e loitará en defensa dos direitos que negar quérenselle à Galicia por homes desleigados, coida cumprir seus deberes ao vos saudar gabándovos coma ó merecedes, e ao tribultal-a espresión do seu afecto",

que não ficam por aqui:

> "Galicia, prolongación de Portugal, forma unha faixa na parte oucidental de peninsula española, prefeitamente sinalada, e se a Natureza quixo facer tan marcada división, non entendemos por que ese retal de terra co a nosa cinguida pol-o mar atlántico, eisiste separada de nos, sendo así que, pol-o que respeita âs duas, unhos mesmos son os costumes, cuase igual a indumentaria e un solo o linguaxe, ese lazo que con máis forte nóo liga aos homes, por que comprendéndose, nascen no seu corazón eses amores que unen aos humanos con vínculos fraternaes.
>
> ¡ Ben vidos, sí, académicos lusitás á esta patria tan vosa como nosa!"

Prossegue o texto chamando à juventude portuguesa ao trabalho intelectual futuro, elogiando-os como "representación escollida da intelixencia do viciño reino", e concluindo:

> "Chegade, pois, e cando vos devolvades â vosa tera, decide aos portugueses que en Galicia hai homes en cuyos peitos latexan os corazós con fraternaes impulsos, e que as ansias de todol-os bós gallegos, d'aqueles que procuran o engrandecemento do seu país, son as que aconsella a redentora unión luso-galáica".

De novo o sentido de embaixada que a visita tem: o que por carência de instituições próprias não se pode efetivar, traslada-se a este tipo de representação, efetiva-se neste imaginário.

Na página número dous começam os textos de salutação. Agora, com diferença a anos passados, consegue a revista reunir maior representação institucional da cidade: o Presidente da Câmara, o Abade da Colegiata, o "Director de la Escuela gratuíta de ciegos y niños pobres", um "representante de la Escuela de Comercio".

O discurso do presidente da Câmara, Antonio Fernández López, mostra como determinadas ideias do galeguismo da época faziam parte já do esquema geral a respeito de Portugal, e constituíam verdade incontestada, teoricamente. Fernández López comenta estarem os galegos «ligados a vosotros por los nexos

de la raza, el idioma y otros vínculos igualmente respetables»; e expressa o seu desejo e interesse institucional para os portugueses: "[que ao regresso podam dizer:] -Venimos de un pueblo culto que ha sabido tratarnos con la simpatía y el cariño de hermanos", o que manifesta o profundo complexo de inferioridade que na Galiza se vivia.

O texto do Abade da Colegiata prolonga o que comentávamos do de Fernández López, no sentido de determinadas ideias calharem já no corpo institucional galego; é breve, mas apresenta, num homem não ligado ideologicamente ao regionalismo corunhês, que saibamos[399], duas particularidades de interesse: está em galego, e lamenta o tempo perdido para a unidade:

> "A *raya* seca evos unha raya d o aire; y-o Miño sempr'aloumiñou tant'ós d'alá com'ós de acá.
> Logo, entre galegos e portugueses no pod'habr barreiras.
> ¡Lástema d'o tempo perdido é d'as enerxías gastadas!..."

O texto de José María Salgado, escrito em espanhol, refere-se à Galiza para lembrar aos portugueses que esta terra "fué de vuestros abuelos", perguntando-se a razão de viver separados e maldizer aos que consentiram que tal cousa acontecesse. Fala da "gloriosa patria de Camoens, Vasco e Almeida", a tríade mais representativa dessa glória para os espanhóis, e cita logo um extenso trecho, cuja autoria deconhecemos, em que se põe em destaque a unidade das duas "naciones ibéricas", Espanha e Portugal, defendendo Salgado a "federación como mejor régimen de vida", para resistir ao "brutal imperialismo" que vê na época.

Um segundo grupo de representação *institucional* é o formado polo presidente de honra e o efetivo da "Comisión de los escolares coruñeses". Os dous textos, escritos também em espanhol, obviam qualquer referência à Galiza para situar-se dentro do contexto espanhol. O do presidente de honra, Luis Cornide, que salienta em itálico as palavras *hermano* e *fado*, lembra os vínculos de *raça*, história e aspirações comuns, e a visita que ele como estudante realizara anos atrás a Portugal. O que mais interessa aos nossos objetivos é no entanto o paratexto com que abre Cornide: "...Sede bemvindos!/Salve, alegre mocidade,", da autoria de Amélia Janny. Como se explica esta presença literária aqui, dumha autora mui na moda da época? Pensamos que como nos informa o *Dicionário Cronológico* (Lisboa, coord., 1995), Amélia Fanny, admirada por Castilho e João de Deus, era autora repentista de versos em toda a classe de saraus e encontros literários, e muitos jornais da época publicavam os seus textos; possivelmente estes circularam na visita que lembra Cornide e, quem sabe se a própria autora não os recitou ali de viva voz. O que sim

---

399 Tradicionalista, o Dr. Cortilla será académico fundador da Academia Galega.

sabemos é que Fanny recitou uns versos no espetáculo oferecido polos tunos compostelanos em Coimbra, no ano 1902.

"¡Todos unos!" saúda o Presidente da citada comissão Manuel F. Labreda, num dos discursos mais acesamente espanholistas, onde, longe de qualquer referência à Galiza, cantam-se as glórias passadas, e reclama-se a união das "dos nacionalidades".

E é que o pensamento desta mocidade galega, que tinha acesso à formação superior, 1.173 em 1907 (Barreiro, 1982, II: 118), era o mais afervorado na defesa da entidade espanhola, e o que mais silenciava a Galiza. Como se pode verificar, estão ficando aqui em contraste as duas atitudes dos galegos a respeito de Portugal: ambas as duas invocam iguais argumentos (inclusive o de língua, pois algumha vez é comentada a relação de espanhol e português em termos de íntimo parentesco). E as duas requerem unidades, laços estreitos, etc, e combatem estereótipos da mesma forma. Mas é na ubicação do enunciado que diferem. E que a mocidade estava de costas viradas para o pensamento regionalista, logo o confirmam outros textos de estudantes nestas mesmas páginas, situados depois dos do núcleo galeguista, a que na continuação nos referimos.

Francisco Fadón, breve, "Tesorero de la Comisión de escolares coruñeses", fala das duas "naciones un día hermanas", que lamenta ver separadas. Román Iglesias Amado invoca o "peculiar modo de ser de la raza latina", para renovar "el sentimiento de fraternidad luso-hispana". Pachín Terla, de Direito também, deseja que "si llegaráis algún día alguno de vosotros á regir las alturas del gobierno de vuestra noble e hidalga nación", e o mesmo acontecesse com um galego, trabalhassem por "estrechar más y más los vínculos de la amistad que se profesan" os dous povos. E José Morales Vilar, em nome dos estudantes de Ciências, embora falando do carinho que os galegos sentem por Portugal, coloca igualmente o relacionamento em termos hispano-lusos.

O que está a mostrar este facto? Em nossa opinião a já comentada incapacidade do galeguismo de penetrar na mocidade universitária, o que vai impedir a sua renovação; e o vivo contraste que se vai produzir com a situação de vinte anos depois, com o movimento nacionalista e o Seminário de Estudos Galegos: aí sim o nacionalismo vai poder agrupar setores particularmente ativos da juventude universitária, o que lhe vai assegurar a continuidade e o achegamento a outros segmentos da vida académica e social galega; e o que lhe vai permitir firmar os laços mais frutíferos da atividade conjunta galego-portuguesa em toda a sua história.

O primeiro dos escritores galeguistas que aparece na lista da saudação aos portugueses é Eduardo Pondal, deferência para com o antigo provincialista

progressista[400], quem, estranhamente, não estivera presente nestas mesmas páginas na anterior visita. Agora a sua presença verifica-se por um poema, "¡Eles...!". O que nos permite definir qual era o tom mais caro do autor de *Queixumes do Pinos* para destinar aos portugueses: o que canta em tom nitidamente camoniano[401] (mesmo no léxico e em escolhas morfológicas) a glória "d'aquela forte gente,/Que nos pasados tempos,/O paso abrío ao luminoso Oriente", e situa a Galiza como a origem inspiradora dos factos que ela não pudo alcançar e em quem se espalha: "De Lusitania fono,/Os esforzados peitos,/Do robusto Camões,/Os sublimes afeitos;/Destino foi glorioso, certamente;/Da boa Lusitania fono os feitos/Famosos: -De Galicia a musa ardente".

"A los estudiantes portuenses" (já não portugueses) dirige a sua saudação Martínez Salazar, "Cronista de la Coruña y Director de la «Biblioteca Gallega». O relacionamento é posto por ele entre a Espanha e Portugal. Cita "un eminente sociólogo español" para dizer que ele não vai chegar ao exagero daquele no sentido de considerar a "separación de España y Portugal" como "una monstruosidad"; mas diz sim que os "dos pueblos" são "hermanos por la raza, la historia y la lengua". Lamenta o desconhecimento mútuo entre eles, e diz que na Galiza vão estar os escolares portugueses como na sua "propia casa[402]".

Também participa neste número Tettamancy Gastón; no seu poema recolhe algum dos mitos fundacionais do galeguismo: *Artábria* saúda os seus irmãos do Douro; cita, como era quase obrigado *Os Lusíadas*, e encarece o facto de estarem os portugueses na sua pátria, como os galegos o estão em Portugal.

De Ramón Arana, *Pizzicatto*, é o seguinte texto; no alargamento de vozes, procuraram os regionalistas corunheses a deste crítico musical de *El Correo*

---

400 Neste período já Eduardo Pondal não aparece na primeira fileira do regionalismo corunhês, moderados os impulsos doutras épocas, e fiel seguidor da linha de Murguía (Beramendi, 1987, I, 219)

401 Tem sido na obra de Eduardo Pondal onde mais se tem assinalado a presença camoniana entre os autores galegos. Vid. Bouza Brey, 1935; Carvalho Calero, 1960, 1961, 1968, 1980; Xoán C. Verdini, 1983, e Manuel Ferreiro,1992.

402 Confessamos não saber explicar a razão desta linha em Salazar, nem, à vista do corpus utilizado, determinar com exatitude o seu posicionamento. Nunca se distinguira por aparecer como afervorado galeguista o federalista asturiano, que preferiu sempre o termo "rexión galega" ao de "nación" teorizado por Murguía (Máiz, 1984: 260) mas fora sempre objeto da estima dos regionalistas corunheses, a quem, sem dúvida, dececionaria o texto publicado. Normalmente, vemos Martínez Salazar partilhando ideias com os corunheses, por quem era mui respeitado como filólogo. Mas nem sempre parece coincidir com eles linguisticamente. Por exemplo, no seu breve artigo "Por la lengua gallega", publicado em *Galicia Histórica*, tomo II, pp. 809 a 910, defende que o texto "que lleva el número 3.746 en el catálogo del inteligente librero de Madrid, Sr, Vindel", está escrito em "lengua gallega" e não na "portuguesa". Sem querermos ser excessivamente *frisantes*, digamos que "lengua" aqui (ou "mano", como diz noutro caso) parece não ter um sentido de separação linguística, mas de reivindicação patrimonial, ao teor dos poucos (e nalgum caso errados) traços que utiliza para a distinção. Mas o caso é que o texto em questão, datado em 1404, é reproduzido com toda a solenidade no número 433 de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, a abrir número, no momento em que já se manifestavam grandes discrepâncias entre o grupo bonaerense e o corunhês. Tal destaque indica umha receção interessada polo grupo de além-mar que, que saibamos, Salazar nunca desmentiu nem corroborou.

Gallego ferrolano, que, sobretudo com Silvari, era um vulgarizador da música galega nas páginas dos jornais. *Pizzicatto* estende-se na identidade musical galego-portuguesa, sem esquecer os tais vínculos de *raça*, história e língua, e proclama que a unidade galego-portuguesa será algum dia alcançada.

Não falta na saudação aos portugueses Martelo Paumán; como no caso de Pondal, agora o descendente do Conde de Andeiro publica um texto en verso fragmento do seu poema dedicado ao nobre medieval, o que, como no caso do de Bergantinhos, quer com certeza dar ideia de não ser ocasional a *presença* portuguesa na Galiza, mas integrada no seu discurso literário. Andeiro vai ser, aliás, a bandeira do relacionamento galego-português que Paumán levanta a cada passo. Nele sublinha a irmandade de língua, sangue, história etc., entre os dous países, e maldiz "pasadas faltas"[403].

Salvador Golpe indica existir "una ley atávica" que move os estudantes portugueses a visitarem a Galiza: a que assenta na identidade galego-portuguesa. Lembra que no seu livro *Patria y Región* já se tinha referido à presença da tuna do Porto como reflexo da confraternidade desejada para os povos ibéricos; exemplo do pensamento regionalista corunhês, situa a sua saudação, em espanhol, no quadro da unidade galego-portuguesa que pode conseguir banir as fronteiras e chegar à federação dos estados.

Após uns versos em espanhol em que Ramón Martínez Esparís[404], vereador e advogado, saúda, como velho tuno festivo, a estudiantina portuguesa, aparece o texto de M. Lugris Freire "Aos Estudiantes Portugueses".

Se os textos deste escritor iam além dos discursos habituais do regionalismo, e apontavam para a fase nacionalista que também ele vai protagonizar, em *novidades* supera igualmente os anteriores.

Para já, é desde o início, a beligerância de Lugris, tão lusitanista como antiespanholista: "¡Non sodes estranxeiros! Aquí veñen sin pasaportes moitas xentes que nin son da nosa raza nin teñen o *nexo* do idioma que nos axunta con vós".

---

[403] Reservamos maior atenção ao poema ao tratarmos da presença de autores e textos literários portugueses na Galiza.

[404] Mas, apesar de tudo, o objetivo para os regionalistas corunheses era o de conseguir o melhor prestígio para a causa lusista. Não por outra razão que pola posição que ocupava pode ser entendida a presença de Esparís na saudação aos portugueses, máxime se tivermos em conta que anos antes, aquando das lutas da Xunta de Defensa criada para evitar o desaparecimento da Capitanía General da Corunha (o qual era considerado por galegos das várias ideologias um ataque à Galiza), censurara, precisamente os que agora o convidam, a *politização* anticentralista do protesto. Do rigoroso livro de Ramón Máiz (1984:146) transcrevemos a crítica de Esparís, porque elucida mui bem o que *não era permitido* ao regionalismo: constituir-se em formação política para dotar-se de instituições próprias:

> "¿No hay nada de política en las ideas regionalistas? ¿Entonces a qué hablar del gobierno de la región por la región? ¿a qué pensar en constituciones y en leyes y en Cortes y en todo eso que constituye el programa?... ¿Tiende el regionalismo a establecer sobre tales o cuales bases la vida pública regional? ¿quiere que el sentimiento de amor a la región se manifieste precisamente con el ropaje de una idea descentralizadora y viva a la sombra de un sistema federativo?... la campaña es política, el nuevo partido político nace" (*La Resistencia Gallega*, p. 45).

Na continuação vai Lugris pronunciar-se com nitidez por um polisssistema galego-português (também político), na linha que vai partilhar com Carré Aldao, os dous membros do grupo da Corunha (e, polo que levamos visto, de todo o regionalismo galego), que vão formular com maior clareza este aspeto[405]:

> "¡Non sodes estranxeiros! Sodes nosos irmás pol-o chan en que vivides, pol-o sangue que corre nas vosas veas, pol-a fala valente e doce que deu días de groria á nosa nacionalidade galáico-portuguesa, pol-a labor dos nosos grandes poetas, entre outros, Camoens, Castilho, Guerra Junqueiro, Curros Enriquez e Rosalía de Castro, grandes luceiros qu'escentilarán por sempre no ceo esprendoroso da nosa literatura".

Como se vê, dá-nos indícios Lugris do cânone sistémico que na literatura-fonte portuguesa é estabelecido desde a Galiza, embora, incontornavelmente, crivado pola sua própria opinião: Camões é indiscutível; mesmo dá a impressão que não é atribuído; é o Clássico do polissistema no seu conjunto; Castilho também é indiscutível, embora talvez o fosse só para Lugris, quiçá ao contrário do que ocorria com Guerra Junqueiro, que significa a entrada dum escritor *em ativo*. E, para o caso galego, o cânone é sim indiscutido: Rosalia e Curros: Pondal, reiteramos mais umha vez, não atingira ainda tal honra.

Lugris, já o vimos, vai colocar o problema da identidade em termos mais concretos; e, com diferença a Paumán, quem lamentando o erro de os galegos terem combatido os portugueses, vai situar Andeiro como alvo da afronta contrária, o escritor que assinava por vezes com o pseudónimo de *Asieumedre* inculpa decididamente a Galiza (no passado, mas também no presente) polo que para ele significou a perda da identidade galega: "Se n-outros tempos os fillos de Galicia loitaron contra vós, ben pagado temol-o erro, pois perdimos a nosa personalidade como pobo vivindo influenciados por un medio que non está d'acordo co noso modo de sere".

E, para um movimento necessitado, e pleno de tanta referência mítica, em que nengum antepassado destacado faltava no repertório, prossegue Lugris, com igual simbologia: "Os nomes dos caudillos que nos levaron ao combate, témol-os esquecidos para sempre na nosa historia galáica".

Portugal é o que a Galiza não pode ser: "Portugal ainda é mais que a nosa patria gallega; é a patria tal como a soñan as almas xenerosas, tal como pol-as leises da natureza debía de sere esta Galicia infortunada".

---

[405] E não por acaso: quanto maior intensidade cobrou, desde sempre, o discurso nacionalista galego, mais forte e intenso foi o relacionamento postulado com Portugal: em termos políticos, linguísticos e literários. Não será tão-pouco por casualidade que sejam, como veremos, precisamente estes dous regionalistas os que vão jogar o papel mais ativo na fase nacionalista de todo o regionalismo de finais do séc. XIX e princípios do XX. E que junto deles apareçam Banet Fontenla e Florencio Vaamonde.

E acaba com um chamamento à mocidade portuguesa para que trabalhe polo "Progreso", e pola unidade galego-portuguesa, "e despois que veña a desexada irmandade de todol-os pobos ibéricos, irmandade que permita o libre desenvolvimento de todal-as nacionalidades peninsulares./ ¡Viva Portugal! ¡Viva Galicia!"

Continuam as saudações na revista. Eladio Rodríguez González, futuro presidente da Academia, saúda com uns versos em espanhol os lusitanos, repetindo que não devem sentir-se no estrangeiro, porque "llegais a pueblos iberos y estais en pueblos hermanos". Avelino Barbeito sublinha a irmandade linguística de Portugal e "este hermoso trozo del Estado español", acabando com vivas à Galiza e a Portugal. Florencio Vaaamonde sauda "aos xóvenes fillos da nobre terra do gran Camoes", e expressa o desejo de que "todos voltaremos a ser us, que se o porvir non se lé, casemente se adiviña". E Daniel Álvarez, "poeta, pintor e bon repubricano", em opinião do filho de Carré, Uxío, (*Céltica*, 1960, 4, 275) saúda em versos de arte maior com certo sabor medieval.

Mas o conjunto de todos os textos, vinte e cinco em total, encerra-se com Carré Aldao e Galo Salinas; se a posição final deste é lógica, por ser o diretor, não nos parece haver dúvida de que a de Carré deve ser explicada em função do seu ascendente sobre o grupo corunhês, reservando-lhe a revista lugar proeminente, quase como porta-voz.

Carré sauda os que chegam "en bon hora á casa petrucial, este vello solar gallego". E, após indicar a identidade entre a Galiza e Portugal, simbolizada no Minho, diz: "Vosoutros e nosoutros somos uns. Témol-o mesmo orixen: a nosa é a vosa fala hasta Camoes. Tan gallego é Portugal como Portuguesa é Galicia."

Portanto, Carré, como já fizera Murguía, situa Camões como autor na variante galega, ou, polo menos até ele faz chegar o uso literário da variante[406].

O papel regenerador da aliança luso-galega fica também expresso: "De seren un Portugal e Galicia outra houbera sido a sorte da Península".

E conclui, como Vaamonde, desejando um porvir que "será noso".

"Boa Nova" o poema de Galo Salinas, nada acrescenta às linhas de receção já expostas: faz um jogo poético tomando como motivo a bandeira portuguesa, e lembra «os que fixeron concebir o hino agoreiro da unión».

A crónica semanal "Palique" de Chinto e Mingote é dedicada também ao recebimento. O "Palique" destinava-se na revista a *popularizar* os temas principais que esta tratava cada semana. Era umha tentativa de notar, através de dous populares lúcidos, qual queriam que fosse a resposta do povo a respeito dos assuntos tratados. Com o humorismo habitual, *Janiño*, *pola copia,* convida

---

406 Este era um dos principais mecanismos de apropriação de Camões: sustentar que a mais alta glória lusitana utilizara a variante de Aquém-Minho; o que não tira, mas reforça, a identificação linguística posterior, onde triunfa a portuguesa; continua Carré: "Se os feitos políticos separárannos, raza, lingua, tradicións e historia únennos". Repare-se que hoje determinada doutrina filológica situa a comunidade linguística galego-portuguesa até ao século XIV, e mesmo há opiniões que a negam desde o início.

à receção dos lusos e explica o programa de actos. Mas não esquece sublinhar a identidade galego-portuguesa ("Todol-o merecen eses compatricios nosos"/ "por que digan en contra canto quixeren, portugueses e gallegos todos somos irmaos") nem mesmo fornecer algumha informação sobre o vizinho, explicando por exemplo o que são os *reis*.

De entre os numerosos textos resenhados, podemos então tirar algumhas conclusões:

- o regionalismo corunhês conseguira que a consideração de identidade linguística, histórica e cultural fosse aceite genericamente.
- na mocidade, talvez a expressão menos condicionada pola revista, não calha o sentimento lusitanista dos regionalistas, o que equivale a deduzir em consequência que também não o faz o regionalismo no seu conjunto, mais debruçados os estudantes da Galiza na vaga de saudações juvenis hispano-lusas que vinham desde os tempos do Ultimato.
- no regionalismo corunhês e setores afins debuxam-se várias linhas: umha menos ardorosa na irmandade galego-portuguesa; outra condizente com a afirmação que dessa identidade costumava fazer o grupo (poética ou *pragmaticamente*), e umha terceira, para que apontam alguns textos poéticos, Carré Aldao e sobretudo Lugris, que quer colocar o relacionamento em termos mais nítidos e atuais, dando-lhe maior concretização. Todas elas vão estar presentes no futuro. E, dentro da linha galeguista, a primeira vai ficar representada polo regionalismo (absolutamente automatizado, mas com porta-vozes poderosos como *Vida Gallega*) nos anos dez, vinte e trinta; as segunda e terceira, particularmente esta última, vão informar o nacionalismo.

Passado o Carnaval daquele ano, e com ele a visita dos estudantes portugueses, ainda os rastos da sua presença estão vivos na revista corunhesa. No número seguinte[407] publicam um longo artigo de Aurelio Ribalta que não vinhera a lume com os outros por estar já composto o número anterior. De novo ocupa o tema português a primeira página, e de novo é o galego o idioma utilizado; após ser introduzido o trabalho de Ribalta, com o rótulo de "Aos académicos lusitás" transcreve-se o texto do foneticista, que leva por título "O labor da mocedade".

O artigo de Ribalta, que trata por arautos os jovens portugueses, vai utilizar o exemplo que vê neles, estudantes amantes e defensores da sua terra e os seus valores, para reclamar igual compromissos da juventude galega. O discurso não vai ter o tom de irmandade galego-portuguesa dos regionalistas

---

[407] Número 361, de 16 de fevereiro de 1902.

corunheses; e vai mesmo focalizar por vezes a sua intervenção desde a perspetiva de Espanha.

Dos portugueses deve tomar esta "isa fidalga braveza, isa forza do esprito, isa santa adicación á terra propea", valores, aliás, nada coincidentes com os que anos atrás apreciara Taboada na sociedade portuguesa. Convida Ribalta os portugueses a darem exemplo aos galegos, para que "Galicia sexa Galicia" e "poida dar cumprimento á sua misión histórica, e volva á salvar á España, guiándoa na nova reconquista, tan necesario hoxe, do cuasque morto esprito nacional".

Significativamente, entre as muitas afinidades a que apela Ribalta, não figura a linguística[408].

No mesmo número, onde é resenhada a morte de García Ferreiro ("uno de nuestros mejores poetas, y no era el mejor de todos porque no se propuso serlo"), e a atenção que na Universidade de Pensylvania-Philadelphia presta Hugo Albert Rennert, "sabio porfesor de Filología romana [sic]" à *Crónica Troyana* editada por Salazar e à produção medieval, aparecem mais notícias sobre a estadia dos tunos: "Hemos presenciado entradas de reyes y caudillos en las poblaciones y los agasajos que se les hicieron pero entusiasmo tan delirante, simpatía tan espontánea, regocijo tan verdadero nunca, nunca lo hemos visto ni verlo pensábamos".

Na mesma crónica informam terem enviado cem exemplares da revista aos estudantes portugueses, acompanhados dumha carta, dirigida a Armando Chaves, quem responde agradecido.

A crónica conclui com o desejo de "tener la honra de tener como paisanos á los cultos é ilustrados portugueses."

E de novo o didático "Palique" é dedicado à visita. Agora, as palavras em cursivo são *nosa* (para referir-se à tuna, "a *nosa*; a portuguesa); *muinto janotas* ("quer decir elegantes [...]-sonlle cultos, ilustrados e amables"), e *meninas* "que botaban flores, serpentinas, confetis" ao passo triunfal dos académicos.

O "Palique" termina com um longo parlamento, inusitado no esquema desta "crónica semanal", que 'Mingos' ouvira dos discursos,

> "-Pois en diferentes lugares pronunciáronse discursos por gallegos y portugueses pra pedil-a unión entre os uns e os outros, e póidese decir que un mesmo sintimento aniñou nos corazós de todol-os coruñeses; o sintimento de que esa prolongación da nosa terra que se chama Portugal non esté por mais tempo separada de nos, xa que ao Eterno lle prugo xuntalas",

acompanhado dos desejos de Chinto e Mingote de que se realizem.

---

[408] Aurelio Ribalta, principal defensor do foneticismo para a codificação do galego, vai protagonizar boa parte da vida literária galega até à fase nacionalista; a sua orientação, no que diz respeito ao sistema literário já tivemos oportunidade de verificá-la na crítica do livro *Volvoretas* de García Ferreiro, e que é explicitada no seu mais famoso poema "Á Montaña". Ele vai enfrentar-se duramente à campanha da Liga Coruñesa em favor da autonomia para a Galiza.

Tanto prende a visita no semanário, e ainda na sociedade corunhesa, que com satisfação intitula na semana seguinte, de novo a toda a página: "¡A Portugal!" Na crónica informa-se que há já várias iniciativas para organizar umha excursão a Portugal no próximo Verão: "lazos de unión y cariño, y corrientes de simpatía y fraternidad se han establecido entre los de allende y aquende el Miño, y esos sentimientos hay que probarlos de un modo práctico y de manera que no se quede todo en simple palabrería ó en palabrería simple".

Mas de novo desejos e realidades viajavam em carruagens e ainda em comboios diferentes. Ainda neste número, o correspondente da revista em Ordes informa da visita à vila dos tunos portuenses. À sua chegada, estes correspondem ao entusiasta recebimento com vivas à Galiza e a Ordes, e a interpretação de *fados*. No restaurante, "luciendo en lugar preferido dos grandes banderas que en sus colores representaban la unión ibérica", "el joven y distinguido letrado D. Jaime Iglesias Rapela" (um *filho escolhido* da vila, juiz municipal e antigo diretor da *Claroscuro*, revista corunhesa que tirara 4 números em 1900, de que mais adiante daremos breve notícia) entregó al Presidente de la Tuna Sr. D. Armando Chaves una hermosa cinta", pronunciando com tal motivo um discurso, que assim sintetiza o correspondente: "Hizo el orador una rápida reseña histórica evocando la memoria de Alfonso Henriquez, de Felipe II y de Felipe IV, demostrando que España y Portugal deben formar la tan deseada unión ibérica".

Na continuação fala do *fado* e do *alalá*, e diz aos portugueses que digam ao seus compatriotas "que no hemos salido de España", pois não deviam aqui sentir-se estrangeiros".

Enfim, que todo o discurso dos elementos que uniam a Galiza e Portugal para os regionalistas, são aqui transformados nos filipes e na irmandade luso-espanhola.

Os estudantes lusos deviam regressar a Portugal quanto menos desconcertados, tal era a complexidade de interesses contrapostos que ouviram durante a viagem.

A teor das cartas de agradecimento que chegam dos estudantes, estes não parecerom mui convencidos polos responsáveis da *Revista Gallega*. Falam da Galiza "paiz mais bello e generoso não debe [sic] haver no mundo", transcreve o semanário, referindo-se à sua "viajem ao Norte de Espanha"[409].

Não tão confusos ficarom alguns jornais lusos, escolhendo aquelas referências que mais os podiam interessar.

Recebidos sem dúvida os exemplares que da sua revista enviaram para Portugal os da Corunha, vários são os jornais que dão notícia do recebimento à tuna na Galiza, e que utilizam a *Revista Gallega* nas suas crónicas. Assim o

---

[409] Número 364 de 9 de março. Vai receber a revista outros textos, mas pola sua índole *literária* reservamos a sua apreciação para a seção em que comentamos a vulgarização na Galiza de escritores portugueses.

indica o semanário no seu número seguinte, em que seleciona o que afirmara *O Século*, "importante xornal de Lisboa" e do que informam ser o de maior tiragem de Portugal.

O jornal lisboeta salienta a visita "verdadeiramente triumphal" dos estudantes; diz que "os nome da Galliza e Portugal eram pronunciados commovidamente por todas as boccas". Nengumha referência vai fazer a Espanha. E, já logo, faz menção da *Revista Gallega*, "que personifica na Galliza a tradição e os sentimentos patrioticos da provincia".

E da revista vai *O Século* selecionar trechos de três saudações: da portada, de que extrai "os ultimos periodos, para se avaliar do *estado d'alma* da heroica e fidalga[410] Galliza a nosso respeito". E acrescenta significativamente: "Vae sem traducção, por ser escusada". Transcrito o texto conclui: "Pedem, sem disfarces, a união da Galliza com Portugal".

E continuam "transcrevendo na pittoresca e musical lingua gallega[411]", selecionando dous dos textos mais vibrantes e comprometidos com a receção que eles fazem: os de Lugris e de Florencio Vaamonde.

O que acontecia? Obviamente o jornal português selecionava em função dos seus interesses; e estes, polo que podemos comprovar, não eram pôr em destaque os cantos à união ibérica, nem menos ao relacionamento hispano-luso. O objetivo, quiçá também para fazer sobressair a nação portuguesa, era indicar um assomo de irredentismo, lusófilo para mais, na *ameaçante* Espanha. Nada irrelevante, porque este tema vai acabar por se converter em motivo poético e ainda político, com pontos de vista e olhares diversos, em Lopes Vieira e em Teixeira de Pascoaes, e, nos anos trinta, nada menos que no líder integralista Rolão Preto. A Galiza era assim *integrada coerentemente* em Portugal[412].

Ora, a visita dos portuenses não fora a única que na altura se verificara na Galiza. Aproveitando as férias, agora da Páscoa, a de Coimbra visitara Lugo na primavera daquele ano, onde forom igualmente recebidos com entusiasmo. As páginas de *El Norte de Galicia*[413] vão dar também pontual informação,

---

410 Adjetivos coincidentes com os mesmos utilizados polos galegos: os dous combatiam similares estereótipos.

411 Este lugar comum (unido ao de língua arcaica, antiga, que lembra tempos passados, etc.) vai manter-se longo tempo, e presidir à receção de textos galegos, dadas as *peculiaridades* do código utilizado.

412 Dizemos *integrada coerentemente* porque a perspetiva de determinados setores portugueses sobre a Galiza estivo normalmente trespassada de várias tensões contraditórias: entre passado(mítico) e presente, entre a Galiza e Espanha, etc., muitas vezes motivadas polos próprios galegos. Há anos tínhamos a honra de conversar com talvez o mais reconhecido pensador português contemporâneo a respeito destes temas, o Professor Eduardo Lourenço, comentando-lhe que a Galiza nunca aparecia nos seus escritos a falar de nacionalismos e identidades europeias, e sim o faziam Catalunha ou Euscádi; a que ele respondia argumentando que o problema da Galiza para os portugueses era precisamente não ser um problema... de alguns pontos de vista; resposta, aliás, tão eloquente como difícil de interpretar...

413 Também não citamos este jornal como corpus do nosso trabalho. Utilizamo-lo aqui para complementar as nossas observações num momento em que a Galiza não dispõe de muitas

o que nos serve para contrastar a perspetiva com que este jornal conservador recebia os portugueses com a conhecida da *Revista Gallega*. O número 351, de 2 de abril de 1902, intitula a toda a página a sua portada com "Portugal e Galicia". Artigos de Aurelio Ribalta, Ramón Robles e Ildelfonso Fernández Rivero somam-se ao da redação na saudação aos portugueses.

Com o título "Portugal" faz o jornal um longo excurso pola história medieval, em que diferentes acontecimentos são lembrados;

> "las dos regiones amigas estuvieron a punto de formar un estado solo. Las aguas del Miño nos separaron más tarde, pero Galicia continuó amando á Portugal en los tiempos de Gelmírez, y, aún hoy, después de largos siglos, siente en su sangre el afecto del fuego primitivo y lleva en sus labios las suaves modulaciones del habla de Camoens".

A estas caraterísticas une o comentarista os vínculos de história e etnia; lembra passadas glórias[414], e quer esquecer as lutas entre ambos. A doutrina regionalista[415] é nestes aspetos assimilada; como noutros:

> "Nuestra lengua que era una sola hasta el siglo XVI, dividida desde entonces en dos ramas, canta en las riberas del Sar las melancólicas estrofas de Rosalía Castro, y arrastra en pos de sí la admiración del pueblo lusitano, cuando repite los dulcísimos versos de João de Deus[416]".

O artigo conclui assinalando os laços de etnia, língua, "ternura de corazón y dotes de inteligencia" que unem os dous povos, referindo-se a seguir às "dos gloriosas naciones llamadas Portugal y España".

Era pois um discurso que cabia esperar, mesmo estava mais virado para focar desde a Galiza o relacionamento com Portugal do que poderia esperar-se.

Ribalta, no seu "Na vinda a Lugo dos estudeantes portugueses", vai sustentar a identidade étnica galego-portuguesa como principal argumento. Comenta como os povos retificam a política dos seus governantes, tal e como fazem

---

publicações não diárias ativas, e, em parte, essa carência era suprida polos jornais. *El Norte de Galicia*, "diario político y de información", começou-se a publicar em Lugo em 1901 e chegaria até 1913. Era um jornal de caráter conservador e certa sensibilidade regionalista, que terá como diretor Emilio Tapia Rivas, um dos destinatários da obra *Montañesas* de Noriega Varela, e futuro membro fundador da Academia Gallega. Essa sensibilidade foi a que permitiu sem dúvida a saudação efusiva à estudantina portuguesa no seu número 351 de 1902, realizada por Ildefonso Fernández Rivero, e Aurelio Ribalta e a seleção de poetas feita, suspeitamos, polo mesmo Ribalta.

414 Não faltam os comentários de admiração polo desenvolvimento português, nem as referências a Álvares Cabral e aos *Lusíadas*. E, dado curioso, explicitamente se atribui a Portugal em exclusivo a viagem e conquista de Magalhães, sem citar Elcano, frente à historiografia oficial, polo menos a escolar, espanhola, que sempre fizo do marinheiro português quanto muito umha glória partilhada.

415 Ao menos isso parece, apesar da desconcertante alusão a *En las Orillas del Sar*, texto em espanhol; talvez ficava a alusão apenas polas beiras frequentadas pola poeta...

416 Teremos oportunidade de verificar como João de Deus era um dos poetas contemporâneos mais conhecidos na Galiza.

o galego e português, afirmando: "Diferenzas fondas sepárannos ôs gallegos doutras terras da península, lembranzas de agravios, picor de inxusticias; pero non de Portugal, chao aberto ô noso esprito étnico, prolongaceón do nosso tarreo, similitude espiritual e física do país que nadie nega, comunidade de raza que non se oculta a ninguién."

E conclui com o chamado à juventude portuguesa no sentido do texto publicado na *Revista Gallega*.

Eram pois os assinalados por Ribalta todos os ingredientes da invocação regionalista a respeito de Portugal. Todos, menos dous; um, significativo: não falava da unidade linguística; apenas no seu texto aparece esta vaga referência: "Veñen a unha terra amiga que amostraráselles n'unha lingoa que foi fonte da sua"; o outro, também sintomático: Ribalta não menciona, e portanto não se *apropria* das glórias portuguesas, como tão-pouco cita nengum escritor português. E isto não é por acaso: Ribalta não vai sustentar a unidade linguística nem a possibilidade dum intersistema[417] galego-português; Portugal não se apresenta como a Galiza que deve ser. Este pensamento vai ter lógicas repercussões na ação de Ribalta, como veremos mais adiante.

O de Ramón Robles é um comentário entre erudito e afetivo. Indica que da Universidade Coimbrã saíram Ferreira, Sá de Miranda, João de Barros e Camões; incide, como quase era obrigado, nas "grandes semejanzas entre Portugal y Galicia, así en la antigua historia como en el lenguaje, tanto en la nobleza de sentimientos como en las costumbres y terneza del caráter", que "se acentúan más tratándose aisladamente de Coimbra e Lugo", a que unem, entre outras cousas, segundo Robles o serem baluartes para que não as penetrem "erróneas y destructoras ideas".

Ildefonso Fernández Rivero vai ser o único de todos os discursos e saudações até agora vistos que vai referir-se à música dos visitantes, sem esquecer e desejar que no futuro estes estudantes governem para bem da Península "la cosa pública".

Ainda mais umha saudação aparece nesta primeira página; é a de Júlio (ou Julio) [Lourenço] Pinto (o teórico realista-naturalista autor de *O Bastardo*?), que escreve desde Ponte Vedra uns versos em português dedicados "Aos estudantes portuguezes", em que lhes dá a boas-vindas, com os tópicos habituais, entre os quais um similar ao que nesse mesmo ano vai poder conhecer o público galego que ler João Verde: "São Galliza e Portugal/patria de velhos amores;/ são duas fragrantes flores/nascidas n'un só rosal".

O jornal luguês vai aproveitar para se acompanhar no seu desenvolvimento informativo dumha seleção de autores portugueses, a que nos referimos em

---

[417] Apesar de termos acompanhado o conceito de sistema interliterário de Bassel, começamos a introduzir o que para nós é mais adequado, em geral, para casos como este: um *intersistema*, relação entre sistemas, mais do que um sistema, que apagaria os constructos básicos pre-existentes.

capítulo específico. E, mais interessado em informar do tema concreto, quer dizer-se, da estudantina, inclui as biografias e retratos dos diretivos da mesma Tuna: António Aurélio da Costa Ferreira, Francisco Martins Grillo, Mário Sodres Duque, Francisco López Lima de Macedo e Amadeo Ferreira d'Almeida. Nengum deles, que saibamos, tivo relacionamento cultural ulterior com a Galiza. Nengum, aliás, segundo os nossos dados, se dedicou à produção literária, embora o primeiro deles fosse um prolífico escritor científico: em 1901 fora já redator, com J. Oliveira Guimarães e J. Teixeira de Carvalho, da *Gazeta Illustrada* "revista semanal de vulgarização scientífica, artística e litterária", que se publicou em Coimbra semanalmente, e da qual saírom vinte e seis números. Nela não aparece nengumha referência à Galiza[418].

Mantendo como manchete de momentânea seção "Los escolares de Coimbra en Lugo", *El Norte de Galicia* vai dar conta dos atos nos dous dias posteriores. O desenvolvimento destes é similar em ambiente e formas ao que narrava anos antes a imprensa compostelana e recolhia a *Revista Gallega*. Nos atos está presente o escritor regionalista Rodríguez López, como vereador da Câmara lucense. Os vivas a Espanha e Portugal, "y a la unión de ambas naciones" são frequentes, embora no Teatro-Circo informe o redator que se deram vivas à federação de galegos e portugueses; mas não acrescenta nengum comentário.

No ato celebrado sexta-feira no Teatro, intervém Amor Meilán, que faz um brinde fazendo a evocação de Inês de Castro, umha das suas especialidades, que, segundo diz o cronista, "ha unido para siempre, en la historia y en la región de los profunsísimos sentimientos, á la provincia de Lugo con la noble nación portuguesa[419].

1903 volta a ser ano de tunas; agora a lisboeta, mas, nesta ocasião, e como informa a revista em 8 de março, não vai poder visitar Corunha por ser a altura fixada (na Páscoa) a de "más desanimación" na cidade. Não por isso vai deixar de saudá-la desde a primeira página do seu número 422, de 19 de abril.

E 1904 também vai ter visita estudantil lusitana para os galegos. Mas as forças vão esmorecendo. A saudação, que em conteúdos não varia, também não motiva a mobilização a que assistíramos dous anos antes. Para a notícia, agora partilhada com outra, reservam a primeira página do número 465 de 14

---

418 Esta revista desfrutava de bom acolhimento em Portugal; vai aparecer resenhada em vários meios de comunicação, mesmo em regionais como *O Arcoense*, onde é frequentemente citada.

419 Um facto curioso vai ter lugar nesta visita: os portugueses acodem ao Palácio do Bispo para o cumprimentar, mas ausente este, são recebidos polo secretário, Lago González. O galeguista tudense surpreende os estudantes com um discurso erudito sobre a história e as glórias lusitanas. E acrescenta o redator:
"Los escolares salieron del Palacio diciendo á la una -*Iste Padre vay pra Bispo*.- Que la profecía se cumpla es lo que deseamos de todo corazón. Lago foi consagrado Bispo de Osma em 1910; de Tui, em 1917, e em Santiago entrou como Arcebispo em 6 de abril de 1924, falecendo um ano mais tarde.

de fevereiro, sempre em galego[420], e dão um breve na número 4. Reiterando as linhas argumentais conhecidas, renovam a saudação outra vez na primeira página do número seguinte, agora acompanhado do escudo português.

Meses passados da visita, escrevem umha espécie de editorial intitulada "Ellos y Nosotros". Nele proclaman de novo a unidade de língua, *raça*, história e sentimentos, sempre demonstrada polos afetos que se professam os dous povos. Mas agora, vão focar sobretudo aquilo que impede o relacionamento efetivo, o que constitui umha novidade no discurso regionalista. Para eles esse desejo de unidade tem um poderoso travão em Inglaterra, e na dominação que exerce sobre Portugal; já antes expressaram o seu mal-estar por esta circunstância; e dizem preferir a *pobreza honrosa* do que a aliança para o Progresso com domínio britânico. As viagens dos portugueses à Galiza interpretam-nas como um desejo de libertação do povo português; e, renovando a saudação aos portugueses, terminam assim:

> "Saludamos una vez más á nuestros hermanos y hacemos votos porque los suyos como los nuestros se realicen, cosa que dudamos, porque mientras sobre ellos se deje sentir la pesantez del autocrático cesarismo, y sobre nosotros se cierna el rapaz y bastardo caciquismo, ni ellos ni nosotros podremos entonar el esperanzado y redentor *Eureka*".

Tornará ainda a Tuna Coimbrã em 1905; vai permanecer "breves horas" na cidade; mas agora já não são umha novidade; nem propiciam o objetivo já noutras ocasiões cumprido; tentar *captá-las* não deve ser tarefa fácil. O semanário apenas lhes dedica quinze linhas dumha nota na página cinco[421].

V.8.2. Umha viagem galega

Entre tanta viagem coletiva à Galiza, a *Revista Gallega* vai abrir largo espaço a umha significativamente individual a Portugal. A transição dos dous séculos é, como fica assinalado, um momento de ativação do referente português em várias frentes da *Revista Gallega*: a visita das tunas, a propaganda de autores portugueses, a apropriação das comemorações lusas, etc. O semanário corunhês vai reforçar essa linha vulgarizando umha perspetiva diferente da comum estereotipada que se tinha de Portugal e os portugueses. Passar do desprezo, ou normalmente, da

---

[420] Sempre indicamos o idioma utilizado porque dá luz sobre a justificação que para o seu uso encontravam no facto de partilhar língua com os portugueses; e isto não é, em nossa opinião, secundário; repare-se em que, por exemplo, a notícia que é colocada ao lado da da tuna refere-se ao relacionamento entre Corunha e Santiago, e está em espanhol, o que era quase de regra nesta primeira página.

[421] *Revista Gallega*, número 521, de 11 de março de 1905. *A Coruña Moderna* no seu primeiro número, aproveita também para dar notícia, breve, da tuna, e publicar umha caricatura com o texto: "En la Coruña: Unión Ibérica", onde um jovem que representa Portugal tenta requestar umha dama que parece ser Espanha. De resto, as relações entre as duas publicações não eram boas; já na saudação da revista (que se apresenta como frívola e regeneradora culta), esta cumprimenta as suas colegas *La Voz de Galicia, El Noroeste, Tierra Gallega,* e esquece a *Revista Gallega.*

consideração dos portugueses como povo inferior, hoje ainda vigente na sociedade espanhola e também na galega, a manter que os *braços amigos* da Lusitânia eram não apenas iguais, mas o lugar donde havia de vir a ajuda para a redenção galega, em fraternal comunhão, entre as categorias de *mania* e a *filia* como expostas por Pageaux: tirando então partido da outra imagem que nunca fora impugnada por óbvia: a de os portugueses serem "nossos irmãos", o que não estava isento de problemas e indefinições: irmãos de quem? como? para quê? e, como consequência e mui determinantemente, até onde chegava e em que se concretizava a tal irmandade? Como se reduzia a distância que ia da invocação do *cliché* "nosso irmãos" à sua efetivação?

Fatores de ativação como aqueles a que fazíamos referência, e o sentimento de derrota que se vive em Espanha (que move ánimos espanholistas também nas fileiras regionalistas), motivam o debate sobre a união ibérica, e provocam umha maior presença portuguesa nos meios. Fruto dumha ou doutra circunstância, aparecem mais notícias referidas a Portugal, e algum artigo destinado a comentar a conveniência ou não do relacionamento fundamentalmente hispano-português, embora em ocasiões, as menos, seja o luso-galaico o relacionamento privilegiado.

É precisamente em 1899 que os responsáveis da publicação deitam mão do artigo do Marquês de Figueiroa que vinhera a lume nos começos da década. Significativamente não se indica procedência, e a única alteração sofrida é a mudança de "quede escrito en las páginas de LA PEQUEÑA PATRIA" por "quede escrito en las páginas de esta REVISTA". O texto aparece com igual título, sob a epígrafe "Prosa y verso".

Este facto é interessante, porque o texto pode ser lido num contexto de solidariedade com Portugal polo Ultimato, ou, agora, com a perda importante das próprias colónias por parte espanhola. Como o texto não é alterado, a sua leitura em 1899, sem referência ao ano em que foi escrito, pode acentuar umha leitura mais *espanholista*, em razão de que Portugal aparece maltreito e enganado, e Espanha, débil também, parece o braço amigo e mais decidido, a que Portugal pode segurar-se. 1899 é um ano aliás de renovado impulso galego-lusitano. Dá a impressão que para responder a esse fim, ou *prologar* umha colaboração mais intensa, é o texto de Armada Valdés recuperado.

Porque outra vai ser a colaboração mais relevante nas páginas do semanário corunhês. Um dos elementos mais importantes de que as pessoas com sensibilidade galeguista dispunham na época (e sobretudo a *Revista Gallega*) foi o contato direto com a realidade portuguesa. Na medida em que podiam. Nalgum caso, como o que nos ocupa, o contato passou à letra impressa. Contando a experiência vivida nas estadias em Portugal, contribuía-se a mudar o estereótipo secular. A viagem foi então um instrumento privilegiado. Já não a viagem aventureira e romântica, mas a mais costumista e ideologizada, precisa

e interessada, que tanto era praticada na Europa. Parece claro então que, no caso particular da viagem regionalista a Portugal, poderemos verificar as deficiências sistémicas que com a presença lusa se pretendem corrigir.

Este tipo de viagens permitia situar outras, como a de Taboada, no mundo da farsa jornalística, para desqualificá-la. Ora bem, esta viagem regionalista, que não realiza nengum membro do *núcleo duro* corunhês, vai mover-se continuamente na ambiguidade e na indefinição que já adiantámos; e não tanto polo que ao seu objetivo diz respeito (fraternidade luso-galaica ou luso-espanhola: qual, em que prelação, como), mas mui fundamentalmente pola identidade do interlocutor de Aquém-Minho: é e apresenta-se para os portugueses como galego?; como espanhol?; como galego-espanhol[422]?; sendo assim, em que grau? Já Teófilo Braga sofrera a crítica de Pardo Bazán por tentar interpretar o renascimento galego cabalmente (reduzindo a distância) e não tivera muitos valedores na disputa.

Certos ou não na nossa interpretação sobre a crónica de Armada, o facto foi que um mês mais tarde de "Portugal" começa a publicar-se nas mesmas páginas da *Revista Gallega* umha extensa colaboração, de teor por vezes parecido, mas noutras ocasiões diferente, da autoria de Federico Maciñeira Pardo: "A través de Portugal (notas de viaje)", que o cronista dedica a seu amigo Antonio Garrido, prolífico jornalista e ainda ocasionalmente dramaturgo, que fora oficial do exército carlista. O artigo, por sinal, parece, dado o tom que cobra nalgum momento, que foi escrito para umha publicação não galega, o que acrescentaria o valor e o interesse posto polos responsáveis da *Revista Gallega* na inclusão nas suas páginas.

A participação de Maciñeira Pardo no sistema regionalista, como não poucos da época, fazia-se sob a óptica *institucional* e de mercado, no pouco que na altura podiam influir, e no escasso espaço institucional que o regionalismo preenchia (lembre-se que estimamos aqui como *institucional* todo o espaço legitimador, por exemplo as publicações periódicas). Maciñeira era já investigador dos mais variados campos do saber, da filologia à horticultura, da economia à arqueologia[423]. O que será académico fundador da Real Academia Gallega é representante típico da importante função que o historicismo representa na configuração do incipiente sistema galego.

---

422 Entenda-se que com este tipo de formulações aludimos ao posicionamento sistémico que os emissores adotam e/ou atribuem aos seus interlocutores; no entanto, e obviamente, quanto mais o discurso literário e cultural acolha a transferência do imaginário político, mais determinação política terão os termos usados.

423 Pensamos que por esta última via chegou ao encontro com Portugal, ao estudar os traços similares dos países de entre ambas as margens do Minho. Como sabemos, foi pola arqueologia que convergirom muitas vezes os primeiros interesses mútuos de galegos e portugueses. De Maciñeira, por exemplo, aparece em *El Eco de Galicia*, no número 389 de 10 de agosto de 1902, o artigo "Ejemplares gallegos y portugueses", tomado do *Boletín de la Real Academia de la Historia*.

A relevância deste tipo de viagem é, em termos sistémicos, maior da que poderíamos pensar. Repare-se que ela abre caminhos, confirma-os ou desmente-os. Para o sistema regionalista é ainda quase vital: é-lhe conferido o valor dumha espécie de embaixada do sistema, que procura a sua legitimação e justificação noutros lugares e instâncias que não sejam as espanholas ou as próprias galegas, em muitos casos decididas a negá-las. E, para além disto, é das primeiras vezes que, *o sistema* viaja, com voz própria e não emprestada.

> "Después de cruzar las áridas llanuras de Extremadura, parece que el alma se ensancha al descender á los campos hermosos de la tierra lusitana por el Tajo regados, donde vegas frondosas muy cultivadas que matizan caseríos blancos como copos de nieve, sirven de grandiosos marco á pueblos de simpática fisonomia, realzándolo todo el espléndido sol meridional que luce en aquel cielo siempre diáfano y siempre azul".

Assim dá começo o texto de Maciñeira, e este será o tom mantido, com mui singulares exceções, ao longo da sua extensa narrativa. Deliberado parece que o autor comece a sua viagem, não na Galiza, mas na Extremadura espanhola; e o contraste entre a aridez e o vergel é eloquente. Maciñeira entra em Portugal caminho de Lisboa. Já não escolhe o genérico Portugal, nem o Espinho, que se era *espanhol* por "bañistas", era para estes *português* por atraso. No espaço eleito explora ao máximo as suas possibilidades e conotações positivas, até ao ponto de parecer concentrar-se nos lugares que descreve todas as maravilhas europeias. Antes, passa polo castelo de Almourol "que trae á la memoria por su disposición y grandiosidad, los que se ostentan en medio del poético Rhin"; os "vaporcitos y embarcaciones de diversos tamaños" são "semejantes a las ligeras góndolas venecianas". Não faltam as evocações dos autores latinos sobre estas terras. E chega ao destino fundamental: Lisboa. Agora, aquelas palavras-chave de Taboada, ou as mais ponderadas do mesmo Armada, são transformadas. Em Lisboa não há atraso nem preguiça; ela é "industrial e trabajadora". O seu urbanismo para nada lembra a falta de "alumbrado público" do Espinho de Taboada; ainda mais, ela recorda-nos "aquella Alejandría que el gran rey macedonio levantó en el itsmo africano". Se aparecem ruas "tortuosas y angostas" é na parte que identificamos como Alfama, e isso é porque foram "delineadas en tiempos antiguos cuando aquellos árabes de tan superior cultura que dominaban el mediodía de la península ibérica imponían su gusto". Não é aos olhos do viajante Portugal povo pouco ou nada ilustrado; antes polo contrário; se os cafés são poucos, pequenos e de "no lujoso menaje", isso é porque "existen magníficos teatros donde se cultiva la ópera italiana, la zarzuela y la comedia españolas, y con más frecuencia, á juzgar por lo que yo he visto, el drama francés traducido á la lengua nacional", e não rareia, afirma, todo o tipo de centros de cultura.

A mesma sensação dum Portugal culto e em progresso tira-a Maciñeira das proximidades, como Cascais, ou Sintra ("al contemplar Cintra créese uno

transportado á Suiza"), aonde o seu deslumbramento polos comboios portugueses faz que cheguem de Lisboa "en pocos minutos" (diga-se também que a situa só a uns quinze quilómetros da capital), o que não poupa umha das mui escassas críticas que introduz, polos "escandalosamente caros" que lhe parecem os serviços dos "empalagosos «cicerones»" que se oferecem a mostrar a zona. Em Sintra, o palácio da Vila parece-lhe "una residencia modestísima, de escaso valor artístico" um de cujos quartos ocupa no verão "la reina madre, á cargo de un solo y modesto servidor"; em geral, um lugar singelo e pouco fornecido, que, longe de merecer censura por parte do visitante, mostra "el simpático espíritu patriarcal y democrático que forma el fondo del pueblo lusitano desde sus monarcas hasta las más humildes clases".

O autor conta no capítulo IV da sua crónica que parte de Lisboa para o norte. Cruza de novo campos que, "según Strabon, eran ya en su tiempo ricos y fértiles, y estaban habitados «por las más poderosas naciones ibéricas»". Ao chegar a Alfarelos, o viajante toma o caminho da Figueira "para ir á visitar la célebre playa lusitana de baños". Para além das belezas naturais que circundam a povoação, "campiña regada por caudaloso río, compuesta de vegas ricas en huertas y viñedos y colinas de lujuriosa vegetación", "larga playa de arena fina que presenta su frente de semicírculo al Atlántico, donde las olas vienen á exhalar su postrimer aliento, festonando de blanca espuma aquella concha, digna de ser la cuna de Venus"-, entra o viajante na cidade. A parte antiga "vale poco y nada encierra digno de especial mención; únicamente el magnífico muelle, la estación ferroviaria y algunas calles nuevas á medio construir". "En cambio el barrio que se ha formado expresamente para la colonia de veraneantes en la parte de la concha de la costa donde alguna gente por necesidad, otra simplemente por gusto y mucha por rendir pleito á la moda, disfruta ó aparenta disfrutar de los placeres del baño marítimo al «arrullo» de las olas resulta más acreedor al encomio con sus calles llanas tiradas á cordel y excelente caserío". O tom é radicalmente diferente ao de Taboada; e mesmo sobre aquilo que tanto incomodava Vicenti em Espinho, os casinos, aqui o visitante gostou "en extremo" dos seus dous casinos, Mondego e Peninsular, "especialmente el último, cuyo salón de fiestas es espléndido por su capacidad y decorado; en ellos, según me enteró este amigo ["el simpático y predilecto médico de la colonia española, Carvalho Pessoa] no faltan en la estación estival todo género de distracciones, y los miles de compatriotas nuestros que allí van de temporada encuentran en tales círculos del barrio moderno grandes elementos de distracción". Esta é a visão positiva de Maciñeira, de mais relevo ainda se tivermos em conta o que reconhece no último parágrafo do capítulo: "á la verdad no está aun á la altura de su nombradía como residencia veraniega".

Visita depois Coimbra, "la venerable Atenas Lusitana". Após cantar "las delicias que encierra aquel extenso valle" e as mulheres ("allí fué donde más guapas

mujeres he visto en mi viaje a través de Portugal"), fala da cidade. Nela sobranceia, para além da sua Universidade, o atrativo valor artístico que lhe merece a cidade, ainda que veja as suas ruas "estrechas, pendientes y tortuosas, formadas por casas modestas y viejas, con muy contadas excepciones". Também não acha bem composto o monumento a Camões, que "deja mucho que desear".

Torna o viajante ao comboio; ao chegar às regiões de Douro e Minho, considera-as não "superiores en belleza á las demás provincias portuguesas", como "había oído muchas veces" durante a sua excursão por aquelas terras, belas, mas pola sua "frondosidad" faltas de contraste. Sai de Viana "bonita población", e cruza a fronteira: "resulta bella la vista del más importante de los ríos gallegos que divide por el Norte las dos naciones hermanas". E conclui: "Ya estoy en España; ya veo los severos torreones góticos de la catedral tudense, por ante los cuales cruzo, y poco después pierdo de vista los campos deliciosos de la democrática y culta nación lusitana de hospitalarias y cariñosas gentes, que tan gratos recuerdos dejó impresos en mi alma".

Se não resulta surpreendente que o viajante não vá para o Algarve (por demais distante, e, em ocasiões considerado menos essencialmente português e mais árabe), é quase insólito (e por isso mesmo significativo) o facto de Maciñeira não se deter na região minhota, quando o regionalismo invoca *sistemática* e *sistemicamente* a identidade com o Norte de Portugal, e que a sua valorização deste espaço seja inferior ao de Lisboa. As explicações podem ser diversas, mas podemos deduzir umha tentativa de mostrar *outro* Portugal, mais desconhecido para galegos, e menos *atrasado* do que o Minho (como a Galiza) a olhos de aquém-Minho. A legitimação do movimento está em encontrar-se com o *Portugal* do progresso (cultural, científica, industrialmente), e ali entender-se, a falar de arqueologia, filologia, ou da própria identidade celebrada com vinho do Porto. Observe-se que em nengum caso transparecem desencontros na comunicação em todas as suas dimensões.

A conclusão, portanto, da viagem é mui diferente da de crónicas e imagens anteriores. Portugal é belo, industrioso, culto e democrático. As suas gentes, hospitaleiras e carinhosas. Por outro lado é percetível na crónica não apenas o sentimento de pertença política a Espanha, mas também o cultural e literário, perspetiva não rara entre os cultores do sistema *regionalista*. Por exemplo, na visita ao convento do Carmo vê no interior "tales grandiosas figuras, que por el aspeto fantástico de que se hallan revestidas parecen requerir el lápiz de Gustavo Doré y la pluma de Zorrilla".

Mas esse sentimento surge mesmo quando é comentado um dos episódios de que mais se apropriavam os regionalistas na época para simbolizar nele a irmandade galego-lusitana: o de Inês de Castro.

Quando Maciñeira visita a «Quinta da Lágrima» em Coimbra, e depois de fazer descrição demorada da paisagem e dos sucessos que acabarom no

assassínio da galega, ou, por suas palavras, "los célebres amores de la infortunada espanhola Inés de Castro", lembra Maciñeira os escritores que trataram o asunto: "Para la poesía constituyeron estos trágicos sucesos un caudal inagotable de inspiración, sirviendo de argumento á nuestro ilustre poeta dramático Luis Velez [sic] de Guevara para una de sus más célebres comedias [sic] históricas, «Reinar después de morir»", e, depois doutras considerações, recorre Maciñeira a Sánchez Moguel, que, se por algumha cousa era conhecido nos meios regionalistas, não era precisamente pola defesa da causa regional; e é por boca e sentimento dele que se refere, por fim, a Camões, "ante aquel consorcio de la poesía humana, más y más engrandecidas con los sublimes versos debidos á la lira inmortal de Camoens, allí esculpidos en granítica piedra", com o que perde o ensejo, habitual no regionalismo, de se apropriar do vate português tratando tema tão importante para a particular mitologia galaica.

Umha apropriação que, no entanto, sim aplicará ao falar de Vasco da Gama e das suas conquistas, "memorables que tanto han enaltecido el hogar ibérico en nuestras épocas de oro", agora deitando mão do político e escritor conservador Pérez Nieva para contar umha lenda sobre o herói nacional português.

Nengum caso lhe inspira apropriação galega, nem à mente lhe traz autor do sistema regionalista. É claro que esta ótica não pode ser aplicada ao conjunto dos autores do sistema regionalista, mas é também significativo que tivessem cumprido albergue nas páginas da *Revista Gallega*.

Mas, onde ficava então o sistema regionalista? Que procurava para ele Maciñeira em Portugal? Deste aspeto, e mui por extenso, também nos informa o que fora presidente da Câmara municipal de Ortigueira, com diferença a Armada, que nunca nos fala em termos de Importação com relação a Portugal.

Na sua estadia em Lisboa, o lugar que mais o impressionou de Portugal, o seu anfitrião é Leite de Vasconcelos, "ilustre lusitano", conhecido e ainda amigo de vários regionalistas fundamentalmente corunheses, e também ele viajante por terras galegas tempo atrás; Leite é, e ainda será mais, um dos contatos mais importantes com que o regionalismo contava em Portugal, e um dos melhor firmados alicerces da defesa teórica do regionalismo. Toda a ponderação será então pouca no escrito de Maciñeira; este "passa largos ratos á su lado conversando sobre asuntos arqueológicos" que lhe servirom "de provechosa enseñanza". O diretor que foi da *Revista Lusitana* e agora do *Archeólogo Portugués* [sic], "es uno de los mejores y más fecundos publicistas de Portugal". Os elogios ao na altura professor da Biblioteca Nacional, conduzem o admirado Maciñeira a colocar Leite numha posição central na produção literária portuguesa, que na realidade nunca tivo, nem dela se aproximou: "Muchas obras poéticas ponderadas por la crítica se deben á su inspiración, pues las musas le son propicias". A sua obra etnográfica "es admirable, de lo mejorcito que se ha hecho en la Península". Ele é, "entre los hombres científicos europeos",

"uno de los más aventajados investigadores de la Historia". Possui "la modestia propia de los sabios y un caráter bondadoso y expansivo". Estes são alguns dos rasgados elogios do jovem Maciñeira perante o não muito mais velho Leite. E é neste contexto que se produz com toda a naturalidade, e sem nengumha colisão com as valorizações que acima transcrevemos, comentários como este: "Este muestra por Galicia, y todo cuanto á ella atañe, gran predilección, considerándola en el orden moral integrante de su país, tanto que entre las obras que ahora tiene en preparación, ocúpale una de filología, en que trata con algún detenimiento del gallego[424]".

A seguir, Maciñeira recolhe um dado importante para sabermos, num meio como o Lisboeta, o grau de conhecimento que da produção literária regionalista se tinha em Portugal: "por eso en su biblioteca figuran en lugar preferente la mayoría de las obras escritas en el dialecto de mi región, y me hablaba con entusiasmo de Rosalía de Castro y Curros Enríquez, cuyas sentidas canciones han adquirido carta de naturaleza en la patria de Camões". Tanto como "carta de naturaleza" não, sem dúvida, mas esses são os nomes conhecidos nos meios lusos.

Na estadia na capital e sempre acompanhado por Leite, conhece "hombres tan universalmente ilustres como el presidente de aquella colectividad científica [a Sociedade de Geografia de Lisboa], el *Consiglieri* y políglota Pedrosa [sic]", e "Gonçalves Vianna, filólogo y distinguido fonetista". Na sua companhia, percorre o centro, "uno de los más insignes centros científicos de Europa", e lembra acontecimentos recentes, "que mucho dicen en pro de la riqueza intelectual del vecino reino".

Visita também a Academia das Ciências, Museus, e conhece o discípulo de Leite, Antonio Mezquita de Figueiredo, "bien conocido en el campo de la arqueología"[425], e o "ilustrado teniente de ingenieros militares Vieira da Silva", que os guia na visita a São Jorge. Na coda da jornada, é então a altura de proclamar a irmandade galego-portuguesa, para o que o contexto descrito e a companhia parecem propícios:

> "Aquella misma tarde un amigo excelente á quien soy deudor de inmerecidas deferencias, que nunca olvidaré, honróme en su señorial morada con sabrosa comida á uso del país, acreedora á mis mayores elogios gastronómicos, la cual terminó con no escasas libaciones de dorado Porto por la prosperidad de Portugal y Galicia, los dos países hermanos por la sangre, la lengua y las costumbres".

---

424 Em 1903 chegam à *Revista Gallega* os seus *Estudios* [assim transcrito] de *Philologia Gallega*, publicado na *Revista Lusitana*, Vol VIII, Porto, 1892 [sic, mas deve ser 1902]. Citado no número 432, 28 de junho de 1903.

425 Com efeito, Figueiredo foi um brilhante e prolífico investigador, mas na altura contava dezanove anos e nengumha obra publicada.

Talvez, para leitores pouco avisados, estes trechos não pareçam corresponder-se aos outros sobre a Castro por exemplo referidos; mas, reiteramos, era atitude não infrequente na época, em que diversas lealdades conviviam.

De resto, bem podemos deduzir o interesse que o texto tinha para os leitores, ou, por melhor dizer, o que lhe atribuiriam os responsáveis da publicação: afirmar as qualidades físicas, humanas, artísticas e intelectuais do povo irmão, e indicar o valor nutricial que a sua investigação tinha para a Galiza e o seu sistema cultural, ao mesmo tempo que se tentavam banir os preconceitos que a sociedade galega albergava a respeito dos vizinhos portugueses.

No artigo, e para o caso concreto das interferências sistémicas, resume-se com bastante nitidez a dupla atitude que o sistema regionalista, e ainda mais a atividade literária galega no seu conjunto, mantém no seu olhar sobre Portugal, ora distanciado, ora aproximado; ora galego, ora espanhol, ora galego-espanhol. E umha direção, talvez a mais importante na altura, que toma a transferência derivada da proliferação sistémica galega: o historicismo português[426]. A presença não vai ser inofensiva, por mais que quisesse pretendê-lo: o para os adversários do sistema regionalista, *perigo português*, visto de muitos modos e maneiras, e não apenas sentido por elementos polissistémicos espanhóis, mas também por alguns cultores do sistema regionalista, que, em nosso entender, sustinham mais um subsistema regionalista dentro do polissistema espanhol do que a sua independência ou autonomia suficiente, com suficiência sistémica. Tudo isto converge de maneira mui particular nas polémicas ortográficas, e a tudo portanto nos referimos na continuação.

---

[426] O sistema galego tentou para a sua legitimimação acudir a estudiosos doutros países, de novo historiadores e filólogos principalmente, na sua procura legitimadora, para prestigiar o sistema, sobre a base da atenção de que podia ser objeto além fronteiras, e usá-lo como elemento opositor ao polissistema espanhol. Por exemplo, no número 95, de 27 de dezembro de 1896, falam da "literatura gallega en el extranjero", "mal que pese á todos aquellos que aparentan prestar poca ó ninguna atención al movimiento literario que se viene efectuando en Galicia de algún tiempo á esta parte". Citam "Inglaterra, Alemania, Suecia y casi todas las naciones del Norte". "Y no es sólo [...]: "En la meridional Italia también es estudiada nuestra literatura al par que la portuguesa, y un distinguido literato napolitano, don Antonio Padula, tiene en preparación un estudio acerca de la literatura gallega en el siglo XIX que a juzgar por sus anteriores obras [...], será un florón más que añadir á los loores que en honor de nuestra bendita tierra prodigan los extranjeros que nos conocen y parecian mejor que en nuestra nación".
Dos trabalhos de Padula sobre a literatura galega não temos notícia. Sim dos que na continuação fala a revista: os de "Goran Bjorkman de Stockholm, especialmente", que traduziu "versos de Rosalia, Curros, Pondal y otros" (note-se a citação da tríade canónica) para "diversas revistas suecas y en sus volúmenes *Ecos de la Hesperia*". Bjorkman será anos mais tarde sócio correspondente da Academia Galega.
E no número 370 da *Revista Gallega*, no texto em que a redação louva Lago González, comentam, perante a indiferença ou desprezo de que são objeto por parte dos espanhóis, ser conhecidos na França, na Bélgica, na Suécia, na Itália e nos Estados Unidos. Mas significativamente, num e noutro relatório prestigiador, falta sempre Portugal; não cremos que a razão seja a de que os lusos acarretariam pouco lustre; como veremos, e polo contrário, antes é indício de que os portugueses fazem parte natural do movimento. Dos estudiosos estrangeiros, o mais citado com muita diferença é Padula, cuja utilização funcional mais importante será precisamente a de fornecer de textos e estudos sobre os escritores portugueses o sistema regionalista.

V.9. As polémicas linguísticas: polémicas sistémicas, também literárias, e com Espanha e Portugal ao fundo[427]

V.9.1. Umha primeira polémica como antecedente: primeiras tentativas de reorientação sistémica

Como é conhecido, nos debates linguísticos na Galiza não se polemiza apenas, nem fundamentalmente, a respeito dumha codificação intranscendente para as outras parcelas do sistema. Antes polo contrário, a disputa situa no seu fundo normalmente os sistemas espanhol e português; para além disso, e polas razões já explicadas, a problemática da fixação afeta indiscutivelmente aos aspetos de Tradição, Produção e Importação *estritamente* literários; ela informa da trajetória deles, nas várias direções possíveis; diz respeito à posição e função do sistema no seu conjunto com relação ao português e ao espanhol. Mui longe enfim de debater-se parcelarmente a conveniência de tomar do *repertório ortográfico*, x/*j*/*g* ou *x* apenas, o que está em causa é todo o sistema.

Este tipo de polémicas, entre as muitas deficiências que punham de manifesto no sistema regionalista, levantava a decisiva ausência de apoio institucional, ou de reflexo legitimador das diversas posições. Martínez Salazar assim o reconhece quando no segundo dos seus dous primeiros artigos publicados no *El Álbum Literário* de Ourense, transcreve em nota o seguinte, a propósito da urgência "de remedio" que a situação do código demandava:

> "Con posterioridad á la escritura de estos apuntes, se me ha informado que no existe en Galicia Academia, ni Centro alguno que, por su índole especial, pueda ocuparse en este género de trabajos: que, únicamente, la *sociedad económica de amigos del pais*, de Santiago, compuesta por las eminencias de esa región y que ha dado y da frecuentes pruebas de celo é interés por cuanto á Galicia pudiera interesar de algún modo"[428].

Para Marsal, os objetivos são os mesmos que na altura eram defendidos para a futura Academia, e a Sociedade "es la que se halla en excelentes condiciones para impulsar el estudio del idioma gallego, formulando al efecto

---

427 Informação sobre este tipo de polémicas pode ser encontrada, entre outros, nos trabalhos de Carme Hermida, Alonso Montero e González Seoane citados na Bibliografia.
Aqui apenas nos referimos às polémicas que, dentro do corpus por nós delimitado, introduzem a postulação de procurar subsídio no polissistema português, e as suas implicações na produção literária e em geral no sistema literário regionalista. Óbvio é que este tipo de polémicas já apareceram nos inícios da emergência regionalista. Assim, López de la Vega, vulgarizador da obra poética de Camilo em *Galicia. Revista Universal de este Reino*, escrevia nessas mesmas páginas, "La poesia portuguesa y la poesia gallega", (T. IV, n. 5 (01.03.1863, p.39), onde afirmava "la analogía que hay entre el idioma portugués y el gallego, nos hacen creer que es fácil unir ambos y formar un lenguaje rico y sonoro, que pueda revitalizar en expresion y dulzura con el italiano, y en fecundidad con el germánico". Informação tomada de González Seoane (1992:36)

428 O que era certo; foi especialmente ativo este período da Sociedade, a que, se não estamos em erro, presidia Luis Rodríguez Seoane

un "Prontuario de ortografía" encargando á comisiones de su seno ó á socios competentes el estudio de los subdialectos [...] á fin de construir después una Gramática y un Diccionario [429]".

El Álbum Literario de 1888[430], abre com o seu número 4 de 26 de fevereiro, através do artigo de A. Marsal já citado, não apenas número, mas umha polémica linguística que tem no uso ou não de *g*/*j*/*x* para a ortografia galega a sua ponta de icebergue. Acompanhando a doutrina de Leite de Vasconcelos, Marsal acusa Saco y Arce de vir dividir os escritores com a sua proposta *equista* (= "x"), e propunha "corregir los defectos ortográficos y etimológicos":

> "Poniendo á salvo el respeto que me merece el erudito trabajo del Sr. Saco y Arce, creo que las conclusiones que sienta en su ortografía, relativas al uso de la *g*, *j*, y *x*, perjudicaron en gran manera la pureza del idioma gallego y ahondaron profundamente la división que reina entre los escritores galicianos."

Mas não é a intenção explícita de A. Marsal defender umha determinada opção linguística, mas suscitar o debate. O motivo imediato que o provoca são só comentários que Barreiro Meiro fizera pouco antes em *El Ciclón* sobre a ortografia usada por Benito Losada em *Contiños da terra.*

Portanto, e a esse efeito, Andrés Martínez Salazar faz umha exposição da, a seu juízo, realidade linguística do sistema, desde a distância do seu nome e das terras onde escreve (Bucolagna, Gallitzia), tomando como pretexto a crítica do livro *Contiños* que em *El Ciclón*[431] de Santiago, semanário satírico de Santiago, fizera J. Barreiro Meiro[432], e pedindo solução urgente. O estratagema vê-se completado polo recurso a publicar as suas opiniões longe da Corunha,

---

429 *El Álbum literario*, número 5, 4 de março de 1888.

430 No número 3, de abril de 1888, da revista *Galicia* são publicados estes primeiros artigos de Marsal. Digamos, de resto, que o debate vai ter eco. Por exemplo Pesqueira Crespo saúda a polémica, «dina de todo aprauso», e aproveita para reclamar a criação dumha *Academia Gallega*, projeto "iniciado pol-o incansabre periodista Aureliano J. Pereira" (*O Tío Marcos da Portela*, 251, 3 de junho de 1888).

431 Várias publicações que consultámos não forom inseridas no corpus ao não podermos reunir umha quantidade suficiente de números que nos permitisse cabalmente conhecer a publicação no período que delimitamos, desde 1888. Este é um dos casos, que, sabemos, tivo polo menos duas fases. Começou a publicar-se, segundo os nossos dados, o dia 6 de outubro de 1883, dado ser o número 7 de 17 de novembro de 1883, e tratar-se de publicação semanal, em Santiago. No cabeçalho figura a indicação de "Periódico satítico", que "sopla todos los sábados". Na sua segunda época, esta de 1891 e iniciada no dia 10 de abril (conhecemos o número 2 do 17), "sopla todos los viernes", e desconhecemos a sua duração exata, podendo afirmar que se estendeu ao longo de quase todo este ano polo menos. Não indica direção nem outras responsabilidades, como jornal satírico que é, e as suas páginas estavam atentas à atualidade em geral, não se circunscrevendo à índole do seu lema e subtítulo. Nelas podemos encontrar desde as "Cousas" do Tío Marcos da Portela, publicadas por J. Barcia Caballero (número 81 do 18 de abril de 1885), à "A la Libertad", sentido poema de Narciso Díaz de Escovar (número 22, 21 de novembro de 1891).

432 Barreiro Meiro era, segundo informa Couceiro Freijomil (1953, I), notário e doutor em direito. Não lhe conhecemos produção literária, nem grande protagonismo sistémico, fora desta polémica e da sua atividade em *El Ciclón.*

em Ourense, possivelmente a outra zona mais ativa da Galiza em termos de sistema regionalista, e no *El Álbum literario*, fora do seu âmbito corunhês onde a polémica era praticamente inexistente na maioria etimologista. Vai então a um lugar onde a discussão pode ser mais viva, e completa o seu esquema republicando na revista que dirigia, *Galicia,* boa parte dos textos polémicos, *tomados* do *El Álbum literario*, mas sem lá ir procurá-los.

Não deixa porém Marsal de defender o pensamento normativo do grupo a que pertencia, "suponiendo en el que escribe en gallego el conocimiento del orígen latino de la inmensa mayoría de las voces gallegas[433]", postulando recorrer aos materiais "reunidos y estudiados" nas línguas originárias do latim

---

[433] Logicamente, vamos prescindir no tratamento das polémicas linguísticas doutras considerações que nos afastem do relacionamento galego-português, mas, como já expusemos, a discussão em volta do sistema modelizante, do tipo de língua literária e da sua codificação afetam diretamente o relacionamento. Em todo o caso, devemos insistir em certos aspetos para melhor compreender a tal polémica; por exemplo, e aqui aparece, no pouco crédito que tinha ainda em alguns setores o facto de o galego proceder, com poucas incorporações doutras línguas, do latim; e a insistência, por parte destes, em que essa razão, unida ao desconhecimento do étimo de muitas voces, era suficiente para simplificar o sistema. Quando se discute, como se discutirá, que o *j* de "hoje" não responde à etimologia, estamos já entre outras cousas, não perante umha prova da pouca consistência teórica do debate, mas polo contrário perante um requinte linguístico considerável: "También hemos notado que por descuido, sin duda, uno de los más ilustrados partidarios del sistema etimológico, el Sr. La Iglesia González (D. Antonio), emplea la *j* en lugar de la *x* en el adverbio gallego *hoxe*, siendo asi que el correspondiente latino *hodie* no lleva *g, j* ni *x*" (*El Álbum literario*, número 5, de 4 de março de 1888). Muito nos tememos, para a opinião de Martínez Salazar, que o grande amigo de Teófilo Braga não empregasse *descuidadamente* o j em "hoje". Como se vê, para vários utentes do sistema, etimologismo equivalia à presença da grafia postulada no étimo originário; não é estranho, se se tiver em conta que sobre muitos dos aspetos do sistema, não apenas linguísticos, prima *origem* sobre *evolução*; isto explica a não adoção doutras grafias portuguesas, como *nh* e *lh*, menos problemáticas para a codificação, mas mais emblemáticas em termos lusistas: g/j/x era umha discriminação comum ao português que podia ser justificada no étimo; outras grafias portuguesas, não. Se a isso unirmos o profundo desconhecimento de aspetos filológicos que hoje podem parecer triviais, e também do português, a necessidade de se não afastar muito do povo em nome do qual se insurgiam (e que, a conhecer algumhas grafias, apenas conheceria as espanholas, como os próprios escritores em muitos casos), o conservantismo sistémico, etc., o resultado não podia ser outro. No que diz respeito à alfabetização exclusiva em espanhol, e a identificação da grafia j unicamente com a língua espanhola, aparece o exemplo no mesmo número, e por mão de um elemento importante do sistema, Pérez Ballesteros, com a composição "Custión gramatical", onde ironiza sobre o etimologismo, no estilo "popular" típico do *Tío Marcos da Portela* (em que também é publicada o 9 de dezembro de 1888, número 257), e onde, como ele mesmo indica em nota, o *j* deve ser lido em castelhano nas treze vezes que utiliza.
Já agora, e no sentido antes referido da incorporação de *nh lh*, há um caso que não sabemos explicar com correção: no *El Álbum literario*, no seu número 42, suscita-se umha polémica com *Galicia Moderna*, publicação de Havana, enfrentada com o *Centro Gallego*, cujo presidente, Waldo Álvarez Insua, fora objeto dumha homenagem em Ourense auspiciado polo *Álbum*. Pois bem, no texto de réplica da publicação ourensana, a sociedade cujo órgão oficioso era *Galicia Moderna* é sempre denominada *Aires da Minha terra*: por quê? Porque como era galego, escapava ao diretor Luciano Cid o *lusismo* gráfico? Era talvez umha ironia que não conseguimos entender a respeito da publicação (nela colaboravam Murguía e Pondal entre outros, cujas ideias já conhecemos); denominou-se assim (o que nos parece francamente estranhíssimo) algumha vez a sociedade)? Não o pudemos verificar até à data, mas este curioso uso do *nh* era sem dúvida deliberado.
A polémica linguística, do ponto de vista ortográfico e gramatical, é tratada por extenso por González Seoane na sua Tese de Doutoramento (1992).

"Para fijar la prosodia y ortografía gallegas, especialmente en la portuguesa, que es la misma gallega, cultivada y profundizada científicamente. y con no más voces extrañas que las que ha menester toda lengua que es *viva* y progresa. Por eso no me sorprende que le gallego adopte giros, frases y palabras portuguesas y castellanas[434]"

O texto prossegue no número 5, de 4 de março, onde Marsal (e Martínez Salazar estava bem inteirado) informa da motivação camoniana da escrita de alguns dos autores centrais do sistema na altura, ao indicar umha "flagrante" contradição nos partidários do sistema etimológico, "como por ejemplo, los Sres. Pondal y Posada, quienes emplean la *h* en la segunda y tercera persona del singular del indicativo del verbo *ser*, fundándose, sin duda, en que Camoens la usó en *Os Luisidas* [sic] y en que se lee en escritos gallegos antiguos". Óbvio aparece que Camões, o clássico dos clássicos no sistema, era então modelo produtivo, e não apenas literário, mas também linguístico[435].

Com o título "A uno, á otro y á todos", de 15 de abril, e sempre tendo como destinatário a Barreiro Meiro, torna Marsal sobre os seus argumentos, impugnando as alegações de Meiro a respeito do presumível desconhecimento de "el orígen de gran número de voces galegas", o facto de que para redigir um dicionário etimológico houvesse que conhecer muitas línguas (árabe, latim, hebraico, grego, e até eusquera, argumentara Barreiro), e da adoção da ortografia fonética que ele e Pérez Ballesteros (que entretanto entrara na lide em apoio de Barreiro Meiro desde as mesmas páginas de *El Ciclón*) sustentavam, pedindo expurgar o galego das "*geadas* y barbarismos" que muitos escritores costumavam.

---

[434] Não é de estranhar esta inclusão das formas castelhanas na Importação galega, por duas razões: o caráter político que toda a codificação, e esta mais, dadas as circunstâncias, tem, pertencente a Galiza ao Estado Espanhol, do qual segundo um ponto de vista não filológico, mas político, seria lógica a transferência; e, em segundo termo, a assunção, de que noutro lugar damos exemplo, do castelhanismo como parte integrante, em maior ou menor medida, do galego *moderno*.

[435] O posicionamento de Martínez Salazar está a indicar já o mais geral do grupo corunhês, que será ulteriormente relançado desde a *Revista Gallega*. A respeito dessa atitude, e em concreto também do modelo camoniano, escreve Pondal para Martínez Salazar o dia 22 de abril de 1889, mostrando a sua satisfação pola resposta dada a Barreiro Meiro, e frisando que Salazar e Valladares (que vai intervir depois na polémica) "en sus conclusiones no hacen otra cosa que corroborar más y más mi sistema ortográfico". Na mesma carta patenteia Pondal umha tensão que, com novos rumos, vai percorrer o sistema durante muito tempo:

> "Ha tiempo recuerdo haber manifestado a V., en esa, y al Sr. Valladares, en Santiago, mis opiniones explícitas sobre el particular; y este señor y todo el mundo saben que soy un *etimologista* sin eufemismos ni ambages.
>
> Y, en verdad, que cuando leo las soluciones, a todas luces empíricas, que a este respecto dan algunos individuos de nuestra tierra, en quienes debe suponerse siquiera una mediana instrucción, confieso que mi admiración sube de punto".
>
> Conclui Pondal interrogando-se: "¿Dónde intentan llevarnos esos señores?..."

Citamos por Ferreiro, 1992:149.

Já na revista *Galicia,* no número correspondente a maio, o 5, responde, e por vezes contesta, Barreiro Meiro os comentários de Marsal, com o título "Á todos y á uno" endereçado ao Sr. D. A. Marsal, o seu "muy estimado señor mío y... vecino[436]".

Barreiro Meiro defende umha língua cujo modelo encontra em Rosalia e Añón, e rejeita o reintegracionismo no português como procedimento, que percebe, sem citá-los, nalguns escritores: "Hay escritores -admita V. la palabra- que cuanto más zafio y cerrado vá, mejor y más castizo les parece. [...] Composiciones, ó lo que sea, he visto, y guardo quizá para solfear algún día, que nunca las pude leer; tales están de aportuguesadas y rústicas[437], como yo digo".

Como indicávamos, isso não lhe ocorre com Rosalia e Fancisco Añón, «porque en estos libros veo á mi pueblo tal cual es, usando, no desabrida y ruda jerga de palabras montunas, sino *feiticeira faliña* tan dulce á mis oídos como los matinales gorjeos de la alondra".

Repare-se que do idioma é reclamada umha perceção semelhante ao repertório temático que se quer *ouvir*, longe o deste autor de, por exemplo, Eduardo Pondal, um dos poetas mais lusistas da Galiza de então. Parece que Meiro se inclina por umha poesia mais popular, e essencialista, nesse sentido.

Barreiro aceita no entanto a importação do português e do espanhol, mas com mesura, entendendo que o corpus galego pode bastar-se:

> "No he de negarle á V. la necesidad de introducir en nuestro dialecto palabras y giros portugueses y castellanos; pero eso debe hacerse con cuenta y razón: por necesidad: que como dice muy bien nuestro primer novelista[438] por motivo análogo a este, «cada cual en su propia casa, siendo hacendosito y cuidadoso, puede arreglárselas con los recursos que tiene á mano, vivir tan guapamente y campar por sus respetos como el más runflante de sus vecinos, sin copiarle el modo de andar ni pedirle un real prestado[439]».

---

436 Barreiro Meiro, que, ao que sabemos, residia em Vila Garcia, identifica também Martínez Salazar sob o pseudónimo de A. Marsal, fazendo várias insinuações de conhecê-lo; mesmo no final do artigo despede-se chamando-o "Sr. Mar...sal".

437 É particularmente curiosa esta em aparência sinonímia entre os dous termos, *aportuguesada* e *rústica* quando precisamente eram utilizados como antónimos para o caso galego. Talvez a ideia exata de Barreiro haja que procurá-la nos adjetivos anteriores, "cerrado", por exemplo, que era como alguns galegos percebiam os falares de além-Minho, nomeadamente os centrais e meridionais. A qualificação de *feiticeira faliña* para a koiné por ele proposta a seguir, expressa bem às claras o conceito de língua que o autor tinha e procurava.

438 "*Nuestro* novelista" é José María de Pereda, um produtor central do polissistema espanhol (e do subsistema cântabro/regionalista espanhol?); por suposto não do sistema regionalista galego. A frase procede do Prólogo ao romance *Sotileza* (1885)

439 Contra o que em aparência poda parecer, este trecho transcrito tem muito a ver com o relacionamento galego-português e é mesmo de grande importância para a sua compreensão; esta afirmação da bastante autonomia do sistema será a via argumental que conduza depois a referenciar-se alguns dos seus mantenedores na ligação com o espanhol para não se aproximar do português. Além disso, nestes tempos de pragmatizações e legitimações, o que se diz para a língua é trasladado para a literatura, com similares posições a respeito de transferências e oposições. Esta ideia da suficiência sistémica é umha das causas fundamentais da parálise sistémica da literatura regionalista. A invocação da autonomia pressupunha, em muitos casos, que as deficiências e carências sistémicas enormes que o sistema regionalista tinha estavam

E combatendo a corrente etimologista: "lo que no me parece acertado es ese culto que algunos rinden á las etimologías (...) porque si es fácil conocer el origen de palabras como *ligon* y otras, vaya V. á saber de donde se derivan muchas más".

A seguir, Barreiro torna sobre a necessidade de dominar muitos idiomas para poder adotar umha ortografia etimologista, e cita Gregorio Herrainz, foneticista que, no seu texto *Contra privilegio, escalpelo*, sobre a gramática castelhana, comentava que havia que dominar "vascuence, fenicio, griego, latín, godo, árabe, francés, italiano, alemán", etc., por certo sem o menor assomo de ironia. E, citando agora como *auctoritas* Pérez Ballesteros[440], comenta Barreiro que a influência do latim foi grande, mas mais na Celtibéria, "que no aquí, "donde el *sermo rústicus*, fundido con el celta, produjo el gallego."

Marsal replica ainda no número 6 de junho do mesmo ano em *Galicia*, transcrevendo do *El Álbum literario*[441]. Nele, Marsal reafirma-se no dito, e entre outras muitas considerações, comenta, em resposta a um comentário de Meiro, que ele escreveria *carballo* com *v* "por si pudiera ser ésta una palabra compuesta de *car* (junto á) y *vallo* (el vallado), ó junto al valle, y porque los portugueses usan de dicha letra en la misma palabra; y más lógico sería hacerlo de este modo, que escribir *gente* con *x et sic de coeteris*", prova evidente da tensão entre *origem* e *evolução* que antes referimos.

Comenta depois Marsal que o galego está mui castelhanizado "y hasta parece, á veces, que aquéllos han leído y pensado en castellano y expuesto sus ideas en gallego", e reitera também a necessidade de banir do repertório os barbarismos, informando assim mesmo sobre o estreito relacionamento entre código linguístico e repertório literário:

> "no faltando algunos escritores que, a trueque de originales, copien las más rudas y extrañas voces usadas por los labriegos, con todos sus barbarismos é impropiedades, lo que vale tanto como introducir en la culta lengua castellana todas las palabras empleadas por el pueblo insipiente de Castilla e Andalucía"[442].

E, referindo-se a Añón, põe de manifesto, transcrevendo dous poemas do autor numha época exilado em Portugal, que "en el uso y el abuso de la *j*, iba

---

preenchidas polo polissistema espanhol. A proliferação sistémica, particularmente no caminho português, mas também orientada para outros sistemas q*ue não fossem o espanhol*, referente de oposição, era um novo travão. E podemos afirmar que cada vez que isso aconteceu em partes do sistema, este perdeu capacidade *competitiva*. Cremos que também a esta luz deve ser estudada a evolução da literatura galega, mesmo movimentos como o Neotrovadorismo, para o qual, no caso galego, contamos com umha excelente tese de doutoramento (López Fernández, 1993). A polémica vigora também nos nossos dias.

440 Como lembra Alonso Montero (1970:67) a posição antietimologista de Pérez Ballesteros vai ser elogiada polo, por sua vez, aberto antirregionalista Leopoldo Pedreira (*El Regionalismo en Galicia*, 1894:128)

441 Número 12, de 22 de abril de 1888

442 Estaria entre eles o mesmo Lamas Carvajal, ourensano?

el poeta más allá que el señor Valladares [...]; y hago de propósito estas citas para conocimiento de aquellos poetas que, usando siempre la *x*, dicen seguir la ortografía empleada por Añón[443]".

No mesmo número, entra também em liça Marcial Valladares. Este escritor defende a ortografia etimológica, "como hacen los portugueses" (e referindo em anexo quase cem palavras portuguesas com uso da *j*), sustendo, quase como novidade, que deve ser distinguida grafia de som. Mas, noutro lugar, mostra o seu hesitante modelo de língua, e escasso conhecimento do proposto, o português, quando comenta que o sistema deve "deshacerse de la *x* como el castelhano se deshizo en las voces *Alejandro, ejemplo, ejército* y otras", e apenas utilizá-la em caso de dúvida. Também defende a adaptação do castelhano o menos possível.

Apenas estamos utilizando aqui os textos *doutrinários* sobre a polémica; mas, e para citar um par de exemplos do mesmo ano, vejamos aqui o seu alargamento ao sistema literário, e a incidência nele. Trata-se do comentário que Luciano Cid, o diretor do *El Álbum literario*, que não se distinguia por aberta militância regionalista, fazia à obra do seu homólogo Rogelio Lois de *O Galiciano*, *Perla... antre seixos*, na "Sección Bibliográfica do número 46 de 16 de dezembro.

O comentarista, depois de transcrever estes versos da introdução poética de Rogelio Lois:

"Serei o mais iñorante.../mais xa son d'o Apostolado/gallego, que pol-o mundo/difund'o linguaxe pátreo", apostila:

> "No hemos de ser nosotros quienes neguemos tan honroso título al señor Lois; pero, si desea ostentarlo con justicia, parécenos que no debiera emplear palabras tan esencialmente portuguesas como *desgrazados*, ó italianas como *bela*, ni cambiar la estructura esencialmente gallega de otras como *estanios* [sic] por *extranos* (...) sin que nos veamos en la precisión de recurrir á lenguas extrañas, como lo hace el señor Lois y otros muchos escritores gallegos de nombradía, que adolecen del mismo defecto."

Assim de viva estava a pugna, e assim também o não mui *belo* conhecimento linguístico da época. Com razão Luciano Cid reclamava no artigo, como era habitual, a criação da Academia. E ainda demoraria quase vinte anos.

E no quinzenário *Galicia Humorística*, coincidindo com o debate antes assinalado, aparece umha longa réplica em verso de Antonio de la Iglesia[444], a respeito da manipulação ortográfica sofrida por alguns dos seus poemas

---

[443] Añón era considerado um clássico, o primeiro cronologicamente para muitos, e, portanto, de certa maneira *fundador* da literatura regionalista; de aí a sua capacidade modelar nestes temas, sempre à volta das origens.

[444] Nos números 10 e 11, da segunda quinzena de maio e primeira de junho, respetivamente.

n'*O Tio Marcos da Portela*[445], intitulada "Ortografía gallega". O texto vai mudar no entanto de apetrechos. Totalmente. Vai sair dos limites do debate ortográfico, para fazer umha extensa exposição das razões da Tradição, a culta, principalmente, e da Importação-Tradição do polissistema português no seio do sistema interliterário, que resume perfeitamente a orientação linguística e literária por ele pretendida para o regionalismo[446]. Este é, em esquema o curso da sua exposição:

a) reivindicação da Tradição medieval. Ao primeiro que procede De la Iglesia, é à reivindicação definitiva da produção medieval, mas agora, *Cancioneiro da Vaticana na mão,* tirando expressivamente da tríade que normalmente se invocava, Macias, Rodriguez del Padrón e Afonso X (também por vezes outros como Villasandino), os que produziram em espanhol, e acrescentando os nomes dos escritores galego-portugueses recentemente conhecidos: Ayras Nunnes, Bernal de Bonaval, Pero da Ponte, Alfonso d'o Cotom, Meendinho, Martin Codax, "para o caso é moi bastante/Prantarvos 'n o siglo *once*".

---

[445] Este texto, *fonetizado*, foi publicado no número 232 de 10 de junho de 1888 no *O Tío Marcos da Portela*. No semanário que dirigia Lamas Carvajal vão aparecer bastantes trabalhos em que se censura a tendência etimologista. No 239 de 29 de julho de 1889, "A custion X. Cartas d'um maestro d'escola ô Tio Marcos d'a Portela", continuado no número seguinte e no 242, 243 e 244, por Alberte Vidueiros. Um poema, "Cháchara, cháchara, cháchara", anónimo, ironizava também sobre o *jotismo* de De la Iglesia no número 239. E, na mesma linha, no 240 de 5 de agosto, "¡Alá eu vou co-a miña moca!", anónimo e no 242, de 19 de agosto, "¡Arde o eixe!", igualmente anónimo. Ainda no número 241, de 12 de agosto, "A X n-un «intrewieu» [sic}, que assinava "pol'o orixinal, Pedro d'Ourelo" vai dedicada à questão; o número 247 de 30 de setembro de 1888 abre com "Que sigan", de Manoel de Lence, sobre o mesmo problema; e no 258, de 23 de dezembro de 1888, publica-se "Victoria", de De la Iglesia, que a redação se abstém de comentar porque consideram que a qualidade do poema é evidente.
Aqui não analisamos nengumha dessas contestações porque em nemgum caso é aludido o referente português, nem se põe a questão em termos reintegracionistas. Quanto ao caso concreto de *O Tío Marcos*, o seu posicionamento, implicitamente, é contrário à reintegração, à luz da sua prática linguística, e de nunca aparecer na revista a língua ou a literatura portuguesas como referentes.
É esta umha das publicações que talvez melhor mostrem umha das impugnações que ao uso do idioma como central e definidor do caráter de "literatura galega"podem ser feitas nesta época. Já Ramón Máiz reparara no facto, ao falar da imprensa escrita em galego nos finais do século XIX: "É preciso lembrar ao *Tio Marcos da Portela*, revista en galego que dirixía desde 1876 en Ourense o poeta e periodista Lamas Carvajal, de contido humorístico e orientación campesina, mais situada ao marxe do rexionalismo". E, em nota de rodapé: "*O Tío Marcos da Portela*, Ourense 1876-1890, mália a colaboración nel de rexionalistas como Amor Meilán, Barcia Caballero, García Ferreiro, Lugris, Pereira, Pondal, Rodríguez González, etc. non revestiu en nengun momento un caráter rexionalista no sentido estrito con que nós utilizamos o vocábulo: o emprego do galego e o campesinismo do mesmo non abondan para integrar nalquel unha publicación allea por completo aos eixos ideolóxicos do movimento" (Máiz, 1984: 74). "Galicista", definiu publicação e diretor expressivamente J.A. Durán, para indicar a diferença que neles percebia a respeito do galeguismo (1974, 15-35). Deliberadamente obviamos nós aqui introduzir, na análise, estes parâmetros por tangenciais e merecedores de estudo específico. Mas permita-se-nos apenas assinalar que para nada o uso do galego significava, per se, qualquer postulação de avanço normalizador, do ponto de vista cultural e linguístico.

[446] O texto apresenta numerosas intertextualidades com os antes transcritos, que obviamos se não se relacionam diretamente com o objeto do nosso estudo.

b) desligitimação do referente de oposição, como ainda non nata na altura, e consequente legitimação e prestígio do próprio; apoia-se na *origem galega* do *português* para ainda acreditar mais a legitimação da própria, e justificar a sua ulterior argumentação lusista:

"Non sabés que a de Castéla/ No' er' ainda nâda estonces/ Pois naceu máis adiante/ Filliña d'esta mai nobre? /Non sabés que a portuguesa/ Lle debe canto éla póde /E se o gallego lle furtan/ Os labros non se lle moven?"

c) depois, então, a apropriação de *Camöens*:

"Non sabés qu'escrita está /Pol o gran poeta Camöens /'N o gran poema «Lusiada» Un d'os millores d'orbe?"

d) o idioma dispõe de estudo suficiente para poder ser usado sob a orientação etimologista. Uso modelar da Tradição Medieval e da Produção Portuguesa:

"(...) Non sabés q'hai Académias /Estudiándoa de cóte /'No *orige* d'estas palabras, */Uso e pronunciacionhe?* /Non sabés que já nos téñen /Tan adiante 'n eses nórtes /Que hai forza de diccionarios /Case con todal as vóces? /E que non hai máis que ler /O que 'stá 'n aqueles códeces /Para impoñerse calquéra 'N o saber que non conóce?/ Lusitanos e gallegos/ Temos diccionarios hoje"

E, após censurar o foneticismo e o uso do *x*:

"Vedes facer outro tanto/ Os poetas e scriptores/ De Portugal, sendo a mesma Vosa língua e vóso corte?"

e) justificação do modelo luso para a proliferação do sistema, para a sua solidez polissistémica e a criação dumha literatura culta:

"Así adiante bogaredes/Alumiados pol os sóles/D'os progresos e d'as céncias/Cruzando estélas de frores" [...] "Ó fin o próbe soldado/Screbeull'á Maritornes/ E vosoutros escrebedes Para lidos e doutores!"[447]

O reintegracionismo como modelo estava pois postulado. Não era a primeira vez; Alonso Montero (1970:24, 25) documenta como primeira polémica

---

[447] O texto alarga-se até ao número 11 (mas nada substantivo acrescenta ao visto) onde conhece a réplica de Manuel Martínez González, quem não tira a razão abertamente a De la Iglesia, mas argumenta que é desnecessária e tem pouca audiência no povo. Acusa-o de ter comprado o silêncio de Valladares (mas, como vimos, Valladares *estava a falar*, e em sentido favorável às teses de De la Iglesia, nesse mesmo momento). O seguinte texto resume a conceção de Martínez González: "-Vah...léria/ dígame, si está no xusto, sinon... vóume c-os d-a feira/qu'hoxe todo vai á votos/y eles pasan de corenta,/é vosté y eu... somos dous [...]".
Também desde *O Tío Marcos da Portela* eram contestados os jotistas, como eles diziam; para os seus responsáveis, seguindo a doutrina de Saco y Arce, o uso da j era "causonante d'as geadas que son tan comús entr'as xentes indoutas d'a nosa terra". E, nesse sentido, afirmavam, com a sua habitual ironia, que "Ese señor d'a Igresia vay á dar en terra c'os que non empregan a gota, como din cuasque todol-os Sancho-Panzas, escudeiros d'os Quixotes d'a nosa terra"(número 238 de 22 de julho de 1888).

sobre "la dimensión literaria del gallego" em 1876 , onde já é enunciado, no *Diário de Santiago,* "el argumento de que el gallego pervivirá por ser la lengua de Portugal y de Brasil".

Sem dúvida, entre os resultados dessa polémica, como doutras, foi assentando na Galiza a ideia de Portugal como um referente, se não de reintegração, ao menos de *emulação*. Mas o galego enfrentava, por mais argumentos que a seu favor se pusessem, o principal problema da vontade e dos interesses contrários da imensa maioria dos leitores galegos. Assim o reconhece "A Redaución" de *A Monteira* na sua editorial "Ós [sic] nosos peisanos», tras dar invocar os nomes de Afonso X de Castela, Rodrigues do Padrão e Rosalia: "A consideración de que Portugal chegou, cultivandoo, donde chega un pobo en qu'a literatura frorece, non é bastante, por outra parte, tan inxustificada prevención".[448]

V.9.2. Umha segunda polémica linguística. A tentativa do grupo corunhês da reforma do sistema por reintegração: 1896

Anos mais tarde, vamos assistir a umha segunda polémica desenvolvida na *Revista Gallega*, quando cumpria um ano aproximadamente da sua existência, a começos de 1896.

O novo debate tem aliás bastantes parecidos com o modo de suscitar-se do que acabamos de analisar. Produz-se em *Campo Neutral*, nome dado à seção em que se acolheu a disputa na altura a única revista regionalista que se publicava na Galiza, a *Revista Gallega*. Joga bastante o anonimato, ou por melhor dizer, o *encoberto*, não sebástico, mas como umha forma de abstrair-se de conotações óbvias entre ideias e pessoas numha polémica gasta por recorrente. Não por isso dotada de novos argumentos. Porque, veremo-lo, de algumha maneira o pano de fundo, por vezes mui ténue de Espanha e Portugal, vai aparecer aqui com maior nitidez. E porque, aparecendo novas propostas, manifestam-se igualmente os perigos a que o progresso do sistema está submetido; aqueles que resumíamos numha ancilose excessiva na Tradição, preso ainda o sistema da procura de origens, ancorado numha consideração não já popular mas próxima do grosseiro, que o está paralisando, impedindo-o de avançar, e isso pode ser letal para ele[449].

---

448 Número 1, de 5 de outubro de 1889.

449 Em 1896 ouvem-se então as primeiras vozes nítidas neste sentido, e aponta-se a precária trajetória que vai acabar por chegar a 1916, ano da fundação das Irmandades, com umha pobreza tal que provocará a reação, tardia mas reação, encabeçada por Antón Villar Ponte, e fará que o conhecido manifesto *ruturista Mais Alá*, de Manuel António e Cebreiro (já dos anos vinte!) não apareça como óbvio e mesmo tardio, mas como umha pose insultante para a Tradição. Em Portugal, a rutura modernista de sete anos antes escandalizou também, mas a estética de Álvaro de Campos era ainda mais violentamente ruturista que a de Manuel António ou Cebreiro.

Esta polémica, de certo ponto de vista, é mais um capítulo da ininterrupta que vem desde fins dos oitenta, e, em geral, desde os inícios da emergência sistémica. Mas, vai adquirir aqui carateres extraordinariamente novos, que a vão converter na exposição das diferentes alternativas que se formulam para o futuro do sistema regionalista no seu conjunto.

Ela tem um ponto de partida nos artigos que em 1893 escreve *Ortófilo*, e que são reproduzidos em várias publicações da Galiza e no enclave bonaerense através de *El Eco de Galicia.*

Com efeito, num artigo intitulado "Sobre el Gallego" 13 de abril de 1893 em *El Eco de Galicia*, *Ortófilo* defende a grafia etimológica, "como muy cuerdamente (si bien no en absoluto) han hecho nuestros hermanos los portugueses que han elevado su lengua a una envidiable altura"; cita várias etimologias latinas e gregas, para justificar g/j b/v (*carvallo) como hacen los lusitanos*; mesmo defende o acento no artigo determinado, como faziam os gregos para não confundi-lo com o neutro.

O trabalho de *Ortófilo* continua em números sucessivos. A sua segunda parte intitula-se "Más sobre el gallego"[450]; nela põe de relevo a carência sistémica de géneros por parte do sistema regionalista[451]: "El renacimiento literario de Galicia es muy digno de loa pero [...] los trabajos que se dan á la estampa son todos en verso. La prosa queda casi olvidada".

Em sua opinião, o problema está na ortografia utilizada: "el sistema etimológico es el que se debe seguir como hermano del que tienen los portugueses cuya lengua es, como todos sabemos, parecida á la nuestra, y de ella derida [sic]".

Na terceira parte, que publica no número seguinte, pretende demonstrar num longo excurso, como a sua argumentação é perfeitamente aplicável aos domínios da gramática, concluindo que "la lengua gallega no progresa, queda atrofiada".

No número a seguir, o 56[452], critica a influência do espanhol nos autores galegos; é neste contexto que recomenda o uso modélico dos escritores portugueses, e o consequente rejeitamento do dos espanhóis, tão habitual na época; nesse conselho faz, aliás, umha diferenciação terminante por breve e clara entre o polissistema espanhol e o sistema regionalista: a sua apreciação dum sistema interliterário galego-português, abre passo à constituição dum único polissistema:

---

450 No número 54, de 20 de abril de 1893.

451 Em nota de rodapé, consigna no entanto alguns artigos em galego que tiveram lugar na revista *Galicia* que dirigia o seu "querido amigo el distinguido D. Andrés Martínez Salazar". Também se refere à publicação de *Gallegadas* de Lamas Carvajal e dos *Contos* de Heraclio Pérez Placer. Que não aproveite para elogiá-los mas fiquem na citação, é significativo do juízo não mui positivo que deviam merecer-lhe.

452 De 10 de maio de 1893.

> "La influencia y los giros castellanos son frecuentes en demasía en el gallego; por ello recomendaremos á los escritores que no tomen por modelos, como acostumbran, á Espronceda, León, Quevedo, Cervantes, Quintana, y otros insignes sin duda para sus compatriotas, pero no para nosotros que debemos seguir las huellas de Camoens, Alfonso el Sabio, Ferreira, Brito, Miranda, Garção, Ribeiro, Macedo, etc. por las circunstancias indicadas anteriormente; así como también creemos que puesto que el portugués y el gallego han sido uno mismo hasta casi el reinado de los Reyes Católicos, nos asimilaremos su ortografía y su genio que han sido los nuestros y hemos olvidado, y no hay razón ninguna para que no volvamos á tomar lo que ya teníamos y con memos razón aun, hemos dejado".

Ortófilo vai neste momento recorrer a umha autoridade portuguesa para sustentar as suas afirmações de unidade linguística galego-portuguesa e da necessidade de reunificação linguística e literária; cita um trecho do *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*, de Costa Silva, onde é descrito o processo de degradação a que a língua foi submetida no Aquém-Minho desde os finais da Idade Média:

> "Los mismos portugueses lo dan á entender así: por eso no podemos menos que transcribir los siguientes párrafos de Costa Silva:
>
> «Portugal e Galliza fallarán [sic][453] sempre a mesma língua; è a historia quem testifica esta asserção-
>
> Mais [sic] qual é a razão, preguntará alguén, porque o mesmo idioma aparece tao outro na bocca das duas naçôes de quen elle é a linguagen natural? A razào é muy fácil de deduzir. Portugal constituióse reino sobre sí..., Galliza ficou sempre provincia de Espanha... a lingua popular circunscripta aos usos caseiros e as necesidades do vulgo, foi condesunada a ficar na sua rudeza... de que so poderá sahir, si por algún caso inesperado torna unir-se comnosco.
>
> Apesar contudo dessa barbarez e rudeza, ella foi sempre julgada máis suave e máis harmoniosa que o antigo castellano, pois vêmos que si esses tempos remotos era preferida, mesmo na corte dos Reis de Castella, para as poesias eróticas, e para as que se destinavam para serem acompanhadas polo canto".

O artigo conclui a anunciar por parte do autor que está a preparar algum outro trabalho de estudos etimológicos, conclui o artigo.

Meses mais tarde nas páginas de *El Regional, Ortófilo*, isto é, segundo o nosso entender, Florencio Vaamonde, defende, em janeiro de 1894 que "El idioma portugués es nuestro idioma[454]", atribuindo a falta de unidade no có-

---

[453] Transcrevemos, como sempre, literalmente do texto.

[454] El Regional, dias 9, 16, 20 e 24 de janeiro de 1894. Vid. Mª X. Rodríguez Valcárcel (1993, 172 ss.); por esta autora citamos (p. 172 e ss.). Estes artigos, à luz da informação fornecida, devem ser praticamente similares em argumentação e objetivos aos vistos de *El Eco de Galicia*, como também muit parecidos (se não aqui já os mesmos) com os que o mesmo Ortófilo publicou em *El Eco de Vivero,* com o título genérico de "Más sobre el gallego". Apareceram quatro, mas a fonte que seguimos (González Seoane, 1992) informa-nos não ter podido recolher o primeiro, aparecendo os restantes três nos números 238, 242 e 244 de 12 de fevereiro e de 2 e 26 de março de 1893 respetivamente. Não considerando *El Eco de Vivero* como corpus do

digo ao "desconocimiento que se tiene de la literatura portuguesa". *Ortófilo* apoia as suas ideais em Costa e Silva, Martínez Salazar e Murguía, e reproduz versos de Camões, Garção e outros escritores portugueses. Como indica Rodríguez Valcárcel, *Ortófilo* "afirma que entre estes dous códigos non hai máis distancia cá que existe entre o castelán e o andaluz". Sobre os versos de Camões, comenta *Ortófilo* que "están igualmente en un gallego digno de tomar por modelo"; "este si que es gallego puro y correcto. En él no se halla (salvo las dos *nao* que quedan subrayadas) un vocablo ni una sílaba que no pertenezca á nuestro idioma. Curros ni Ferreiro no lo hubieran escrito mejor".

Ortófilo (e sempre conforme as indicações de Rodríguez Valcárcel), após argumentar contra os que consideram que o idioma pode desaparecer por esse caminho, indica que se a ortografia não se unificar "tendremos tantos lenguajes como escritores, yendo á parar muy pronto el gallego á manos del enterrador", e, citamos Rodríguez Valcárcel, "remata recomendando que se estudie a literatura portuguesa e remitindo ás palabras de Balbin de Unquera en *La Ilustración Gallega y Asturiana* nas que afirmaba que os galegos, a falta de literatura propia, tiñan a portuguesa que podía servirlles de modelo e que «tomar lo que se necesite de allende el Miño para escribir en gallego, es como tomarlo del propio peculio»"[455].

Tudo isto explica em parte que sejam autores lucenses os que entrem na polémica. Na citada publicação lucense, aliás, dirigida por um interveniente na disputa, Aureliano J. Pereira, vão aparecer os trabalhos de réplica às ideias partidárias do reintegracionismo, mas não[456] os da *outra parte*.

A substancial diferença a respeito doutras polémicas é que esta vai responder a umha estratégia previamente desenhada polo grupo da Corunha. Perante o caminho suicida que a seu entender leva o sistema regionalista, vão defender umha reforma ortográfica que significa muitas outras cousas, que podem ser resumidas numha determinada viragem para o mundo português como salvação do sistema. E é talvez na discussão linguística onde com maior clareza aparecem as (duas) tendências principais em jogo dentro do sistema nacionalista. Ou, por melhor dizer, como o grupo corunhês, primário, tentou reorientar a situação em que o sistema estava nestes finais de século. Ao longo do debate, pode entrever-se, por trás dos argumentos usados, o tipo de repertório e o alargamento sistémico que se pretende em cada caso.

---

nosso trabalho, e sobre ele não dispondo de mais informação, servimo-nos das apreciações de Rodríguez Valcárcel.

455 Maior informação sobre os trabalhos dedicados a estes aspetos em *El Regional* pode encontrar-se em *Língua e literatura galegas* en *El Regiona*l, Rodríguez Valcárcel (1993:177 e ss.).

456 Ou polo menos não aparecem no útil trabalho de Rodríguez Valcárcel (1993).

Algum voo toma o debate no número 35[457], no já referido comentário de Cuveiro Piñol, onde este lamentava um uso do galego "inventado" nas páginas desta e outras publicações, utilizando, "para hacer gala del dialecto, términos y aun frases poco acomodadas al estilo gallego castizo, que no necesita en verdad, de rimbombancias ni adulteraciones". A revista manifestava respeitar, mas não partilhar as opiniões que Piñol enviava desde a sua residência em Valladolid.

Mas o ano seguinte começava, entre outros temas na revista, com um artigo que, assinado por Santiago Fernández Neira em Menado, nas Islas Celebes, se intitulava "Los orígenes del gallego[458]". Mais umha vez pensamos que tanta distância apenas desejava tomá-la algum regionalista corunhês, ou então algum indivíduo ligado ao grupo da Corunha, polas ideias que sustentava. Em nossa opinião trata-se agora de Florencio Vaamonde. A razão fundamental encontramo-la no primeiro artigo que suscita a carta de Fernández Neira, quando o assinante, *Otro Fernández* [que, pensamos, é Carré] afirma que "bajo esos nombres patronímicos escóndese un distinguido escritor gallego muy aficionado á los estudios clásicos y no muy conocido por ocultar siempre modestamente sus trabajos bajo pseudónimos ora griegos, ora latinos". Estas caraterísticas apenas podiam ser referidas a quem usava nomes com *F*ulvio *V*ergodense [*F*lorencio *V*aamonde] e recolheria umha ano depois as suas traduções das Odes de Anacreonte em livro[459].

Na sua colaboração, Fernández Neira reclama a necessária unificação do código, e comenta parecer-lhe lógica a disputa sobre as origens do idioma, tendo em conta que os portugueses disputaram também sobre ela, para o que cita umha documentada bibliografia de vários autores lusos, entre os quais Pedro Ribeiro, Almeida Garrett, Herculano e Costa e Silva[460].

---

457 De 10 de novembro de 1895

458 *Revista Gallega*, número 45 de 19 de janeiro de 1896..

459 O pseudónimo era prática bastante habitual, especialmente para tratar temas como o que nos ocupa, e mui particularmente no seio do regionalismo corunhês-. A suspeita deste *Otro Fernández* alarga-se ainda a parecer identificar Fernández Neira com *Ortófilo* (assim o faz em seguida R.G.V.), pseudónimo que defendia iguais ideias às de Fernández Neira e a quem faremos referência. Estas intervenções *pseudónimas* ainda se complicam mais quando, em *La Idea Moderna*, *Otro más* publica dous textos em apoio de Fernández Neira. Quem seja *Otro más* também não o sabemos. Esta vontade de conhecer as pessoas contendentes não é vã a nosso ver, porque permite conhecer os setores em liça. E falamos de setores, porque temos o convencimento, que não pudemos abordar aqui, de que a literatura regionalista da época deve ser atendida também como um conjunto de centros sistémicos: Lugo, Ourense, A Corunha, Vigo, Santiago, Ponte Vedra etc., que costumam partilhar ideias literárias e, em ocasiões, unidos mesmo por vínculos políticos.

460 Na altura, existia também um forte debate a este respeito dentro do polissistema português. A ela refere-se González Seoane por extenso (1992, p. 60 e ss.) Vid., para o tema, Castro, 1987 ou, mais recentemente, Edite Estrela, 1993.

O autor expõe a discussão que propõe (qual é a evolução seguida polo galego) e renova que a separação da Galiza e Portugal foi um ato de que nengumha das partes, mas sim *Espanha* (na pessoa de Afonso VI), tivo a responsabilidade.

> "Ahora bien, la conformidad que hay entre nuestra lengua y la portuguesa dicen los lusitanos que no proviene tanto de la influencia latina como de la homogeneidad que entre ellas hubo hasta que en las diversas tentativas de la unidad española de Alfonso VI separa de esta región el condado de Portugal".

E, mais umha vez, usando o estereótipo do zelo nacional português em benefício da sua argumentação a respeito da unidade sistémica galego-portuguesa, Fernández Neira supõe, ele que leva vinte anos fora da Galiza, que os galegos partilham as mesmas discussões dos autores lusos, e, a seguir, *chama* à polémica.

> "Llegan algunos escritores portugueses, aun á trueque de herir en algo su amorcillo nacional, á afirmar ciertos visos de paternidad al gallego, que se confunde fácilmente, salvo la ortografía, con el portugués de siglos anteriores. De dicha discusión se desprende que las mismas discusiones que dividen á los filólogos portugueses deben ocasionar igual división en los filólogos gallegos, y [...] que [...] puede muy bien que haya campeones dispuestos á romper lanzas por una y otra, sino subsiste aun una tercera en discordia, ó sea la de los helenistas [...]".

A luva do repto é recolhida quinze dias mais tarde por *Otro Fernández*[461]. A proposta deste escritor, que envia desde Tui, é das mui poucas (nas revistas estudadas não encontramos outra similar), em toda a época que analisamos, que situa a polémica em termos de sistema, e faz entrar explicitamente em jogo muitas das mais importantes carências que no capítulo correspondente focalizámos; enfim, que trata o assunto em termos sistémicos.

Para já, começa por tentar recolocar o debate proposto por Neira ("creo que no ha estado muy acertado al hacer eco su misiva de las opiniones que se disputan el origen de nuestro idioma regional[462]), e assinala como problema fundamental a castelhanização, cujo avanço resulta perentório travar:

---

461 *Revista Gallega*, número 47, de 2 de fevereiro de 1896

462 A estratégia dos regionalistas corunheses, que cristalizará nas ideias que animam a inauguração da Academia Gallega, era a de fazer triunfar o seu pensamento linguístico afirmando-o por via etimologista, indo à Tradição. Mas o posicionamento de Otro Fernández levanta o autêntico problema sistémico. O certo é que nos parece haver nas propostas de Martínez Salazar a manifestação das suas próprias dúvidas a respeito da correta codificação ortográfica do galego. Defensor da corrente etimologista, todavia algum tempo atrás apresentara um texto escrito conforme às teses foneticistas, prática que nunca continuou, mas que tivo certo eco. De facto, Riguera Montero, tempo mais tarde, alude a Martínez Salazar como referente da proposta foneticista. Assim, Riguera Montero informa-nos do caso, a propósito do código utilizado por Noriega Varela nas *Montañesas*, e recomendando a Noriega, que lhe pedia opinião sobre a matéria, que seguisse os conselhos de Pedreira, quem, no citado prólogo, encarecia-lhe:

> «[...] en Pérez Ballesteros puede V. aprender la excelente ortografía gallega, que así se aparta del imposible etimologismo de D. Antonio de la Iglesia, como del foneticismo exagerado que empleó Martínez Salazar en alguna de sus publicaciones».

> "Al extremo que hemos llegado hoy [...] debemos emplear nuestras energías y nuestro tiempo en dar al idioma gallego todo el esplendor posible sino queremos que a pasos agigantados desaparezca [...]. Las corrientes por ahí van pese á los esfuerzos de nuestros literatos que no pueden contrarrestar con sus trabajos la corrupción y aniquilamiento de nuestra lengua por la emigración y comunicación cada día mayor con el resto de España."

Como se vê, a questão da comunicação com "el resto de España" como causa da deterioração sistémica (aqui linguística, mas *Otro Fernández* vai transcendê-lo) é posto polo autor nos termos em que, como insuficiência sistémica, a definimos anteriormente.

E, na continuação, propõe, como consequência da unidade linguística galego-portuguesa pregada, a adoção por parte do galego do português como norma. É esta umha das afirmações mais nítidas a este respeito que até à data se escreveram; o grupo corunhês, por assim dizê-lo, "mede forças". Afirma que a gramática (e o dicionário, "el léxico", a que se refere mais adiante) já está em português; e assim é reconhecido por instituições prestigiosas. Com essa adoção, pois, a necessidade de legitimização estaria subsanada, e igualmente, em parte, cobraria poder institucional o galego:

> "Dícennos todos que el gallego y portugués, ó el portugués y el gallego, que tanto monta, son sino padre é hijo, hermanos, y que hubo un tiempo en que no se diferenciaban uno de otro. Siendo esto una verdad inconcusa á qué perder el tiempo inútilmente en trabajos de gramática, ortografía y demás? Tenemos ya todo hecho. Portugal nos ahorra tiempo y estudios y nos ofrece hermosa y ancha vía por donde dirigir nuestros pasos. *Ortófilo* nos lo dijo en sus artículos que, si mal no recuerdo, titulaba *El portugués es nuestro idioma*. También el Instituto de Francia, si no me equivoco, al acusar recibo á la *Gramática gallega* del malogrado Saco y Arce, le dió una desconsoladora contestación al elogiar su trabajo pero al decirle también que ya todo aquello era conocido por existir la *Gramática portuguesa*.
>
> No nos cansemos ni malgastemos, pues, nuestras fuerzas. Aceptemos, como proponía *Ortófilo*, en todo lo posible el idioma portugués, sobre todo por ser los mismos sus orígenes y confundirse en ellos sus literaturas".

Para o autor do artigo, o sistema está a perder tempo precioso perante o avanço da castelhanização; censura então a tendência paralisante, *arqueologizante*, em que grupos dirigentes do sistema estão empenhados, o que impede a autêntica proliferação sistémica, a sua expansão; e, o de mais novidade e interessante, a conversão do sistema regionalista em polissistema galego ("el idioma de un pueblo").

Ao que Montero acrescentava:

> "en la excelente Gramática Gallega dada á luz por el esclarecido filólogo D. Juan A. Saco Arce puede también perfeccionarse en la respectiva Lexicología, Sintaxis y Prosodia, sin cuyo conocimiento ningún gallego debiera escribir *en gallego* para el público" (Número 7 de 17 de julho de 1904). É oportuno indicar que Montero vai ser umha das figuras centrais do regionalismo subsistémico na fase nacionalista.

> "Dejémonos de gastos inútiles publicando antiguos cronicones y rebuscando en extinguidas fuentes nuevos manantiales con que reforzar el caudal léxico de nuestro idioma. No es ese el camino [sic, sem "vírgula"] pues al traer al gallego voces arcáicas no hacemos sino dificultar cada vez más su reconstrucción. Por ese medio haremos de él un idioma literario pero nunca el idioma de un pueblo"[463].

Não é esta última umha frase intranscendente, ou, sob outro ponto de vista, contraditória. Pode parecer que o autor afirma ser a reintegração no português a maneira de fazer a língua "popular" como oposta a "culta", "literária", então. Nada mais longe. *Idioma de un pueblo* quer dizer, sem dúvida, a proposta de unilinguismo para a Galiza, novidosa formulada nestes termos e filiações. Repare-se que, em termos polissistémicos, no fundo da proposta está o facto de criar umha literatura identificada com umha massa de leitores, legitimada institucionalmente, e com mercado. Que esta era a receção esperável da frase (não apenas de cultivo literário, mas alargável a todos os âmbitos comunicativos) confirmará-o a resposta que Aureliano J. Pereira dará ao artigo, e o próprio autor, com lucidez extraordinária, na continuação:

> "Aceptemos los hechos tal cuales son y no vayamos reconstruyendo por diferente sendero un camino abierto ya. Gallegos y portugueses son lo mismo. La unidad española destruyó lo nuestro, mientras Portugal prosiguió su labor. De seguir unidos, Portugal y Galicia, hablaríamos todos la misma lengua. Aún hoy se confunden. Por qué no tratar de unir lo que no debía haberse separado nunca?. [...] Por el lado del egoísmo, sino queremos mirarlo por otros más elevados, también nos conviene. El mercado gallego y el mercado portugués tendrán mayor esfera de acción en el terreno literario".

---

[463] Convém notar, em reforço do comentário a respeito da estratégia corunhesa para o reintegracionismo, que é precisamente aqui (e não antes, quando se afirma sem paliativos a adoção do português) que, em nota de rodapé, indica a redação da revista não estar "conformes con el autor de este artículo", num momento em que, precisamente, Martínez Salazar estava a preparar a edição da *Crónica Troyana*, esperada com autêntico interesse *etimologista*.
Esta ideia aparece em algumha ocasião, doutro ponto de vista, aliás, nas páginas da *Revista Gallega*, formulada na ideia de fazer parte da comunidade linguística luso-afro- brasileira: "ningún que por bon gallego se teña debe abandonar pol-o castelán o idioma da terra", comentava M.B.F. na primeira página do número 116 do 23 de março de 1897, e acrescentava:

> "Temos todos a estreita obriga de conservalo, e perfeitalo, como cantas boas tradiciós nos veñen dos maores, non sô porque está n'eles latente o esprito d patria, senon tamén, e esto é ja por comenencia do momento e mais ainda por caridade, porque é a maneira de ir pouco á pouco tirando do meio as barreiras que separan á clas que pode, de esa gran masa ingente de hirmás nosos que traballa os campos, que sofre e emigra, e que pol-o idioma, síntese hoje entre certos gallegos das vilas moito mais alléa que no Portugal ou no Brasil.
>
> Depréndase, pois, o castelán ja que é o idioma que podemos nomear oficial nos dominios españoles e ja que temos estreitas relaciós con Castela, e apréndase tamén o portugués (variante do gallego), e o ingrés, e o francés (que tamén con eles e outros países temos e teremos relaciós [...]".

Em não poucos momentos tem-se a impressão de serem mãos mui parecidas se não iguais as que escrevem trechos como o antedito.

Tivesse ou não certo consenso a proposta, *Otro Fernández* leva a análise sistémica da literatura regionalista ao coração da sua problemática, em termos até então nunca formulados. O mercado literário é a garantia de futuro para a literatura que se quer galega. Nega então o caminho da comunicação com Espanha, e afirma a mudança radical da interferência: agora com Portugal.

Mas a argumentação ainda é reforçada por dous juízos de valor decisivos, particularmente para o sistema regionalista: o prestígio da literatura portuguesa, e a possibilidade de dar um passo em frente na união ibérica.

> "Nosotros siempre iremos ganando al asimilarnos una literatura superior á la castellana. Tambiém bajo el punto de vista histórico sería conveniente porque la unificación del idioma gallego con el portugués vendría a ser un lazo más para llegar á la realización del hermoso sueño de la unión de la península ibérica".

A formulação é de todo o ponto provocadora no momento, especialmente a primeira. Se, para Murguía, "Camoens vale bien Cervantes", para *Otro Fernández*, é a literatura portuguesa no seu conjunto a que *bien vale*, e ainda ultrapassa, a castelhana. E, sendo a literatura lide de ideias na altura, isso significava dizer quase que o português (como adjetivo de literatura, mas de cultura e ainda de povo) era *mais* do que o castelhano. Inaceitável opinião, mesmo para muitos regionalistas. E máxime se se ligar à união ibérica, o que também podia vir a sugerir que o peso cultural português constituiria o componente fundamental da unidade. Qualquer cousa, afinal, como *Roma vence polas armas Grécia, mas Grécia vence Roma pola cultura*.

Portanto, adoção do português como norma linguística, negação da Importação espanhola, legitimação por meio dos estudos portugueses; constituição do polissistema galego, criação de mercados para a produção literária, unidade ibérica eram os conceitos-chave utilizados por *Otro Fernández*; não há dúvida de que colocava a proposta de Neira (ou, quase podemos dizer, do regionalismo corunhês) em termos bem diferentes. E apontava caminhos de solução para o problema. Mas, infelizmente, a discussão proposta seguiu outro curso, de resto o esperado.

Na semana seguinte, R.G.V[464]. saúda os artigos anteriores, precisamente por centrar-se nos assuntos que interessam realmente ao sistema regionalista. Para o autor, urge que os seus literatos dediquem esforços à fixação definitiva

---

[464] *Revista Gallega*, número 48 de 9 de fevereiro de 1896. Trata-se, sem dúvida, de Ventura García Ribera, colaborador ocasional da *Revista*; umha prova definitiva temo-la no exemplar conservado na Academia Gallega, da propriedade de Evaristo Martelo Paumán; como bem notou o Professor González Seoane (1992:38), as iniciais forom completadas nesse exemplar formando o nome de "Valentín [sic] García Rivera [sic]", diretor do *La Mañana* corunhês. Seoane indica prudentemente que "se o lugar en que asina a carta, Arousa, é real, habería que revisar a hipótese". Pensamos que não há que fazê-lo; neste jogo de pseudónimos, também os lugares de origem são inventados; talvez para dar impressão de maior participação e pluralidade num debate que se reduzia a mui poucos interessados, porque mui poucos eram os escritores regionalistas na altura. Seria mui conveniente, em nossa opinião, que se fizesse um estudo

do idioma, cuja carência anota como perniciosa desde as origens do renascimento literário: "Por fin los escritores gallegos van tomando en serio la misión á la que están llamados, y hora es ya de que se vayan desterrando de sus escritos, como lo hacen ya por fortuna, las *jeremiadas* á que tan aficionados se mostraron en los comienzos del actual renacimiento literario".

E, assumindo o caminho sugerido por *Otro Fernández*, considera que é o verdadeiro problema o que este coloca: "no estamos para perder el tiempo en discusiones bizantinas".

"Descartado ya del campo un enemigo", como ele diz, sai ao passo dos argumentos do suposto tudense: "De dónde saca el buen Fernández que el idioma gallego está corrompido por la influencia del castellano y la emigración?. No [...] La culpa la tienen los mismos escritores y poetas gallegos".

Para R.G.V. então a solução ao problema está não no castelhanismo derivado da emigração e da comunicação com Espanha, mas no mal uso que do léxico galego fazem os escritores. E, para sustentar estas ideias, invoca como *auctoritas* a obra de Evaristo Martelo Paumán, em que este censurava os literatos galegos o caráter espúrio das suas escolhas. Dele cita estes versos eloquentes: "Van as fontes donde fan ruadas/ sentadas nas caldeiras as criadas;/falan c'os arrieiros, e deprenden/reboldos, e palique, e patuxadas[465]"

R.G.V. acrescenta que, sem dúvida por sentirem-se atacados no seu pensamento linguístico pessoas como as que estão por trás da revista, passou despercebido o seu fundamental livro:

> "[...] en *Las líricas gallegas* verá V. marcados graciosamente defectos e incorrecciones en que incurrieron los *dioses mayores y menores*[466] de nuestro Parnaso ó Parnasillo [...] y ya que de Martelo hablo, no tomeis á mala parte mi observación, pero creo, y no es osadía afirmarlo, que más bien que no ler dicha crítica, se ha hecho por los interesados la conspiración del silencio porque a nadie le gusta ser, aun con razón, fustigado. Digo esto porque no he visto, fuera de dos ó tres articulitos bibliográficos, que nadie se haya ocupado de tan importante trabajo, cuando vemos en cambio tanto y tanto artículo sobre obras insustanciales y sin valor.

---

a respeito das atitudes psicológicas, ou psicossociológicas, dos participantes em literaturas emergentes como esta, na sua vontade de aparecer mais, ocultar os conflitos, etc.

[465] Os versos pertencem a *Os afillados do Demo*, onde Paumán, para além de combater o, a seu juízo, erróneo uso de formas no galego, de que os versos transcritos são exemplo, criticava o aproveitamento que alguns poetas de última vaga tiravam do incipiente movimento.

[466] O sublinhado é do autor e não nos passa despercebido; mas não sabemos interpretá-lo corretamente; pode ser um puro efeito, mas talvez faga referência a algumha pessoa ou matéria. Arriscando muito, mesmo pode ser indício da identidade de *Otro Fernández*. A expressão quiçá fosse corrente. É a utilizada, mas sem marcá-la, semanas depois, por Carré ao recensionar um livro de Antonio Padula. Seria frase habitual deste livreiro, sobre o qual bem podemos pensar que estivesse interessado no mercado do livro? Devemos deter aqui a especulação. Por outra parte, a palavra *Parnasillo* parece aludir à mesma forma utilizada por Pardo Bazán em "Vides y rosas", recollido em *De mi tierra*.

> He aquí amigo Sr. Fernández, porque no estoy conforme con la idea de V. ni la de *Ortófilo* (c.m.b.) de amalgamar nuestro idioma on el portugués, pese á todas vuestras razones y argumentos".

Reiterando a responsabilidade dos escritores, R.G.V. sentencia: "Tenemos idioma y literatura propios. El primero es más rico en su léxico de lo que se cree".

O sistema é suficiente para a codificação linguística: "Nada pues, de asimilación con el portugués. A qué pedir prestado lo que tenemos en abundancia?"

Ainda acrescenta mais umha citação da obra de Martelo Paumán, proclamando: "correspondamos á la invitación que hace Martelo Paumán al celebrado autor *D'a Campana*[467]", no sentido de vir o vate ajudar «á corre-l-os abellons/dás cortizas do lugar».

R.G.V. conclui, chamando *Otro Fernández* a colaborar na restauração do antigo esplendor:

> "No dudo que V. Sr. Fernández con su buen criterio se convencerá del paso en falso que ha dado, y tornará de nuevo al buen camino, uniéndose con todos los que como yo deseamos emprender la meritísima labor de devolver á las letras é idioma gallego su pasada majestad[468]".

Como pode comprovar-se, a resposta de R.G.V. não entrava nalguns dos conceitos importantes que *Otro Fernández* colocava: negando a orientação deste, não respondia às consequências que o *tudense* entendia derivarem-se da proposta.

Sete dias mais tarde, sai publicada a primeira das duas colaborações com que Aureliano J. Pereira, diretor de *El Regional* de Lugo vai intervir na polémica[469].

---

[467] Note-se como Pondal, já publicados os *Queixumes*, continua a ser identificado com o seu poema de 1854; é prova de como dirigentes do sistema, ou pessoas nele incluídas valorizavam a produção da época.

[468] De novo essa vontade justificada na Tradição.

[469] Número 49 de 16 de fevereiro. No texto, Aureliano J. Pereira dá a entender que a sua colaboração foi solicitada por Galo Salinas. Parece que nunca se quebrou a amizade entre o lucense e o grupo da Corunha ou, polo menos, o respeito por ele. É isso que em 1891, comentando em *El Regional* (5 de abril de 1891) *Leenda de Groria* de García Ferreiro qualificava de "desventurado engendro" *A Torre de Peito Burdelo*, de Salinas (Rodríguez Valcárcel, 1993: 69). Anos depois desta discussão, Pereira abandona Lugo para ocupar um cargo político em Madrid, afastado já do regionalismo como corrente ideológica, onde falece nos finais de 1906. O número 609 da *Revista Gallega* informa da sua morte nestes termos: "Ha fallecido en Madrid, casi olvidado por los mismos políticos á quienes había contribuído a encumbrar, -pues el destinillo que le dieron no compensaba sus sacrificios- el prestigioso literato, escritor correcto é inspirado poeta". Prossegue a nota necrológica com elogios e nengumha crítica, reiterando o esquecimento de que fora alvo o lucense. Também *A Nosa Terra*, tempo mais tarde, dedica palavras de reconciliação a Pereira, no sentido integrador que a nova publicação queria prolongar da *Revista gallega* (exemplo dessa tentativa integradora pode verificar-se no facto de incluir na página anterior ao texto que em seguida transcrevemos um poema de Lamas Carvajal "O falar das fadas", certamente um dos que mais podiam condizer com o repertório postulado polos corunheses):
"Ahora, que entró en el reino de las sombras, deben callar todas las malas pasiones y sólo deben albergar las almas cariñosos recuerdos y piadosa conmiseración". *A Nosa Terra* adere à

O regionalista federal sustém antes de mais que é preciso conhecer as fontes do idioma "porque no conociendo las fuentes, no estudiando la etimología, no buscando en fin, la prioridad, no es posible llegar á tener el *idioma nuestro*".

"Claro está que el gallego ha ido adulterándose", condiz com *Otro Fernández*, e que, a adoptarem a sua proposta "claro está que eso [o esforço "inútil" a que *Otro Fernández* aludia] no vendrá al caso trayéndonos el portugués a Galicia".

Aceitando a origem comum galego-portuguesa, embora não pareça mui convicto, hipotetiza:

> "Pasemos porque nuestro idioma y el de los lusitanos haya sido el mismo -que el tiempo por lo menos ha ido separándolos bastante. Cabe preguntar si la adopción del portugués sería, como quiere el citado articulista, *unificar* el idioma gallego; sería como el parece pretender y desear «emplear nuestras energías y nuestro tiempo en dar al gallego todo el esplendor posible».

Mas Pereira rejeita a possibilidade porque se trataria dumha Importação doutra língua, alheia, perniciosa, que acabaria com "el poco ó mucho idioma que nos queda".

> "Francamente no veo la relación entre esto y la adopción del portugués. Tal solución sería en puridad tirar al arroyo el poco ó mucho idioma nuestro que nos queda, para tomar lo ajeno".

Aureliano propõe a via da recolha de materiais e a limpeza posterior do recolhido, porque o caminho tem já dado resultados positivos:

> "Reconoce *Otro Fernández* que en esto de la reorganização de nuestro idioma «de algún tiempo á esta parte no ha dejado de ganarse mucho en este sentido» y esto demuestra que siguiendo por ese camino se adelanta con seguridad y con éxito".

Para Pereira, verifica-se umha incongruência entre "premisas y conclusiones" de *Otro Fernández*". E lembra a este que essa, a recolha de materiais, é a prática generalizada "en todas las naciones cultas".

A estas alturas da polémica, no número seguinte, a redação da revista anuncia ter recebido várias cartas sobre o tema, que irá publicando na medida em que tenha espaço. Entre esses textos está um de Evaristo Martelo Paumán, que é imediatamente publicado[470].

Em má hora para a sua defesa tomou R.G.V. o descendente do Conde Andeiro por patrono. Paumán começa por indicar que escreve estes "renglóns" "levado á poñelos por me furgar un Sr. R.G.V (óu V.G.R. pois púxenme en lêr do revés as iniciás)". Sabe o diretor, segundo ele, as razões por que escreve em

---

homenagem que se vai dedicar ao federalista, para o que fora formada umha comissão de que, juntamente com Marcelo Macías e Benito Fernández Alonso por Ourense, e Rodríguez López por Lugo, vai fazer parte Lugris Freire pola Corunha.

[470] Número 50 de 23 de fevereiro de 1896.

galego[471], "anque ó meu idioma propio e corrente, sea o tan fidalgo de Castela, que por mellor de todo o mundo ó teño, e n-el aprendin ó pouco que sey, e hasta n-el penso".

Martelo afirma ter sido pioneiro em querer que a polémica se suscitasse: o primeiro que quis "dar comenzo á un tempo de crítica", foi ele, e como diz RGV, sem medo "que eu sempre firméi os meus escritos". Depois indica ser certo que a sua obra foi silenciada.

Convidado a opinar, vai fazê-lo, esclarecendo, se pouco claro estivesse, o que ele quis dizer no seu texto:

> "Agora ben; tratan do orixe da lengua gallega e, colleito o fio, vir ao novelo (que hé[472] bó) de este renacemento, que eu non penso que o sea senon que hé o que dixen n-a miña lenda «os afillados» ¿Non abonda? Queren saber a miña homilde idea cinguida ao vosté e eses Fernández cachean».

Para isso, anota Paumán, "imos falar como académicos". E, afirmando não ser plausível remontarmo-nos aos tempos de Adão, e afirmando a origem latina do galego, diz:

> "Non o castelán ten tan pura a forma latina, porque o gallego hé fillo primoxénito, hé o vinculeiro do latin, o castelan o neto, e o portugués (non darlle voltas) non hé senon o gallego; como Portugal hé Galicia Bracarense, e nosoutros foramos Portugal, se o movemento de Alfonso Enriquez houbérase con bo consello atendido, como hoxe se atopa debéu ser, que á moitos nos dóe[473]. As márxes do Miño son gallegas".

E acrescenta a doutrina comum na Filologia portuguesa, e em vários setores galegos: o português é o galego evoluído:

> "Fincado n-a historia, e n-a forma, n-a ley e ó feito, coido que o Portugués hé o gallego coltivado (algunha vez con mal enxerto) que o gallego hé o primoxénito do latin coos mais salentes membros n-o seu corpo, é as cores e perfecciona da sua nay como in espello; coido que o gallego hé a lengua neolatina mais pura de cantas hay, (non hoxe senon nos seus bos tempos)".

O tom de Martelo Paumán não deixava lugar a dúvidas: "vayan á estudiar o Latin os que do outro modo pensen"; mas as propostas de *Otro Fernández* continuavam a passar ignoradas.

Nos três números seguintes, aparece umha nova polémica, mas não exatamente na sequência dos textos referidos. Ela, aliás, mostra bem às claras que, em bastantes ocasiões, o que suscitava o debate não era a linha temática, a criação artística, ou a estrutura narrativa, a respeito da qual Galo Salinas contesta

---

471 É a primeira colaboração desta série escrita em galego. Martelo lembra como recriminou o Presidente da gestora da Academia galega que se quei lançar o uso do espanhol.

472 Também Martelo Paumán seguia o exemplo de Camões.

473 Martelo mostra mais umha vez a sua conceção dos factos medievais que levaram o afastamento entre a Galiza e Portugal: um erro da nobreza galega, por *castelhanizar-se*. No seu poema "O Conde Andeiro" é comentado também o aqui alulido.

umhas afirmações de Manuel R. Rodríguez referidas a outras de Salinas sobre o prólogo da *Tecedeira de Bonaval*[474]. Apenas no número 53, onde é publicada a terceira das partes em que o artigo de Salinas é dividido, aparecem elementos

---

474 A questão é como segue: R. (Rodríguez, segundo apelido de Galo Salinas? R. de Redação e, portanto, albergando qualquer dos membros dela?) dá publicidade a um extenso trabalho, "Los romances arcáicos gallego y portugués", no número 51 em que contesta um outro publicado por Manuel R. Rodríguez, em *El Alcance* de Santiago. Nele, Galo Salinas, renova os já trilhados argumentos em favor da unidade linguística, e assume o *Cancioneiro da Vaticana* como património compartido: Esta pequena 'tenção' foi provocada polo comentário de Galo na sua nota bibliográfica sobre o prólogo da *Tecedeira* em *La Voz de Galicia*: *El Alcance*, reproduzindo de *La Voz de Galicia* diz, a respeito da *Tecedeira*:

"Siento no estar de acuerdo con el autor en algunos puntos filológico-ortográficos, que expone en su prólogo á *A Tecedeira*. No creo que el idioma portugués sea hermano, ni hijo del gallego, sino este mismo romance olvidado en parte y en parte modificado y alterado, desde el siglo XVI principalmente, por el arraigo que había adquirido ya la nacionalidad portuguesa, por sus relaciones internacionales, por su comercio literario, por los viajes, invenciones y descubrimientos y por el genio de sus grandes poetas y escritores. Portugal fué Galicia; y entre los escritos gallegos y portugueses de los siglos XIII al XV no hay diferencias más esencilaes que las que hoy mismo existen entre el gallego hablado en Betanzos y el en Vivero [sic], entre el usado en Santiago y el de Verin. [...]."

Entre as muitas citações: "No creo que haya filólogo tan perspicaz que pueda señalar en el *Cancioneiro de la Vaticana,* y sólo por el lenguaje empleado, cuáles sean los cantares genuninamente gallegos y cuáles los portugueses, y salvo su forma gráfica, tienen los portugueses tan perfecto derecho como los gallegos, para creer que las *Cantigas* del Rey Sabio estén escritas en su lengua respectiva".
A este texto replicava Manuel R. Rodríguez em *El Alcance* que não eram o mesmo idioma, e que o português era inferior ao galego: "nuestro convecino [...]está en lo cierto al manifestar en el prólogo de dicha obra que «ó idioma portugués que é noso *hirman*, ou, por mellor decir, noso *fillo*, algo olvidadizo, non pode competir con nos»; e frisava ter sido do mesmo parecer o Padre Sarmiento e outros.
Manuel R. Rodriguez vai além, e anota que não são o mesmo idioma *ab origine*; com este razoamento, a consequência é bastante engraçada:

"el erudito de *El Alcance* "se convencerá que llamar un mismo romance á ambos idiomas, equivale á decir que el gallego y el castellano son una misma lengua, el provenzal y el catalán son idénticos lenguajes, y en suma que el gallego y el latín son una misma habla, lo cual sería un error imperdonable".

A seguir, começa a contrarréplica de Salinas; nela atribui as ideas de Sarmiento à sua "inquina" em relação aos portugueses, e não deixa de anotar as, a seu entender, contradições do beneditino:

"Nadie respeta y admira más, que el que esto escribe, al gran polígrafo, adivino á veces, al *Gran Gallego*, como acertadamente ha apellidado al ilustre Fr. Martín Sarmiento el docto Magistral de Lugo; pero tampoco pude desconocerse su ciega pasión por Galicia, ni su inquina á los portugueses y á sus cosas; ni las dudas y vacilaciones [...].

En lo referente á los dialectos (así les llama) gallego y portugués, sostiene el P. Sarmiento: que son distintos, al parecer, *ab ovo*; y, esto no obstante, asiente á la opinión del 'doctísimo' Duarte Núñez de Leáo de que «as quaes (linguas) ambas eráo antigamente quasi húa mesma *nas palavras, e nos diptongos é pronunciação* que as outra partes de Hespanha náo tem".

Torna depois sobre a sinonímia "gallego portugués" no Marquês de Santillana; invoca a autoridade do português João Pedro Ribeiro, "quien no era por cierto muy amante da Galicia"; e depois a de T. Braga, segundo a qual "Portugal recibio de Galicia la *lengua*, la poesía lírica y la aristocracia". Apela mais umha vez Salinas aos *Cancioneiros* para dizer que não precisavam, "pues, los portugueses recibir de nadie la lengua, ni la poesía lírica que ya tenían". O texto de Salinas estende-se por mais dous números, nos quais torna sobre a autoridade de Braga, mas o seu conteúdo não afeta os termos da polémica.

argumentais que dizem respeito à transferência sistémica do português. O autor (Salinas Rodríguez, oculto sob o e habitual rótulo de *R.*; Martínez Salazar, como indica González Seoane[475]?) dá um texto dos *Lusíadas* (canto terceiro, I, II) adaptado do original para o galego, ao lado de aqueles, em que pretende mostrar por comparação a unidade de língua. O procedimento é introduzido por um comentário em que Camões é tratado por valente e, subtilmente, denomina-se "desvío" as referências camonianas de "sórdidos" e "duro bando", sem as citar. O autor apela a que não seja entendida a apropriação a que procede como um "correctivo" ao poeta:

> "Cualquiera pude ver en los léxicos portugueses más de la mitad de las voces usadas en Galicia, y más aún en los que contienen las anticuadas. Con haber sido el gran Camoes [sic] uno de los grandes innovadores de su lengua nativa, algunas de sus valientes octavas, exceptuando tal cual forma gráfica, son por completo gallegas. Sirva de muestra la siguiente, que nos envía un estimado amigo, y no se tome como correctivo impuesto al gran poeta, por el desvío con que trató á los gallegos, hermanos y antepasados suyos"

De resto, a *via corunhesa* para a reintegração é mais umha vez reafirmada:

> "Con estos elementos vivos, trayendo á los léxicos los olvidados en antiguos escritos galaico-portugueses, corrigiendo los defectos del lenguaje rural y aprovechando con inteligencia aquellos adelantos de la Lingüística que sean aplicables á su arquitectura y genio, podrá el dulce idioma salir del estado rural en que se halla, para convertirse en regional y literario. Amor al estudio en algunos y patriotismo en todos es lo que necesitamos para lograr tan noble propósito".

Mas, agora, R. liga essa transferência linguística à literária, recomendando, para além de escritos antigos "léxicos e gramáticas portugueses y los mejores trabajos filológicos que se han escrito sobre esta lengua, no olvidando tampoco la castellana y lemosina, más afines al gallego que lo que algunos creen".

A sequência do debate, longe de perder-se foi retomada. Fizo-o Aureliano J. Pereira neste momento[476], por fim, entrando a apreciar os conceitos que antes, e do ponto de vista sistémico, consideramos nucleares.

A começar, e para evitar "disquisiciones verdaderamente *estériles*", cita as palavras de *Otro Fernández* sobre a aniquilação que supunham a emigração e a comunicação com Espanha, acrescentado algumha apostila:

---

[475] Ernesto González Seoane considera que se trata de Martínez Salazar, pola "abondosa documentación medieval que manexa", "polas referencias a un traballo que di estar preparando para demostra-la orixe latina do artigo galego". Seoane conclui que "non é difícil identificar este traballo co opúsculo titulado *Antiguallas de Galicia. Apuntes acerca del origen e historia del artículo definido gallego-portugués*, Imprenta y Fotograbado de Ferrer, A Coruña, 1907". A hipótese é bem possível; se assim for, encontramos um nítido posicionamento de Martínez Salazar ao lado da "escola corunhesa".

[476] Número 56 de 5 de abril de 1896.

> "«La unidad española destruyó lo nuestro» y por eso es necesario trabajar en su reconstrucción; y tan allá vá en sus buenos propósitos el escritor citado, que aspira á que se haga el idioma de un pueblo".
>
> ¿Es decir, reduciéndolo á sencilla expresión, que debemos procurar por la restauración de nuestro idioma? Así parece que opina el articulista de Tuy, si al final no abogase por la adopción del portugués; lo cual sería, en todo caso una sustitución".

Metido então Pereira na questão central de *Otro Fernández*, o pano de fundo que antes referimos aparece com nitidez:

> "Y francamente, á no hacer otra cosa que eso, bien estamos así; dejemos que el castellano continúe la destrucción del gallego, que siempre habrá más lógica en nuestra unificación, si así quiere llamársele, con España, que en pretenderla con Portugal, siquiera el escritor de Tuy considere que esto último sería «un lazo más para llegar á la realización del *hermoso sueño* de la unión de la península ibérica».

A reação portanto de Pereira é, em caso extremo, *aut vincere aut mori,* optar por morrer, polo espanhol. Antes que a assimilação, que a confusão com o português, Pereira prefere a confusão com o castelhano, "más lógica". O comentário de Pereira indica, sem dúvida, umha direção no entendimento do sistema regionalista: a espanhola; repare-se que, em termos de produção literária, isto vem admitir a *ubicação* sistémica dentro do polissistema espanhol, e a negação do sistema interliterário galego-português.

E, por má fe, ou por incompreensão da proposta de *Otro Fernández*, Pereira entende a *assimilação* como a adoção do português na fala[477].

> "Pero ¿crée de buena fé el *otro Fernández* que para realizar eso que él mismo llama «sueño» sería un paso que en Galicia hablásemos portugués? Si dijésemos para la anexión de Galicia á Portugal; vaya en gracia!".

O assunto portanto da unificação linguística é contestado por elevação como costumava passar nestes debates, com a reafirmação da unidade espanhola.

Mas Pereira vai ainda referir-se ao problema de mercado que *Otro Fernández* assinalava como fundamental para o desenvolvimento do sistema regionalista. Para a questão da solução sistémica, porém, a apreciação do ativo político lucense não coloca o tema acertadamente: *graecum est, non legitur*. Esta é a alusão do diretor de *El Regional*: "Declaro que esto es incomprensible para mí ¿De que *mercados* se trata? ¿Quiere indicarse con esto que acrecerían las relaciones comerciales entre uno y otro país? ¿Se trata solamente del mercado literario?..."

---

[477] Não era infrequente do todo esta interessada confusão como ataque à tendência lusitanizante do sistema regionalista. Neste caso o tom de Pereira lembra por exemplo o exibido por Revilla e criticado por Saralegui.

Pereira, a seguir, renova a unidade espanhola, e ratifica a consideração do português como língua estrangeira: "Supongamos que se adoptase el idioma portugués, creyendo que se vá á la unión ibérica por el camino de la separación de España, y tomando por *restauración* del gallego su sustitución mucho más difícil sería, imposible pouede decir, propagar otra lengua que no es la nuestra."

O autor de *Cousas d'aldea*, que tinha sem dúvida umha conceção polo menos algo ruralista do idioma e do repertório literário[478], invoca a população rural galega, alheia como se sabe ao movimento literário, e salienta que a proposta de *Otro Fernández* suporia umha agressão para ela:

> "¿Como, por qué medios, habríamos de sustituir en la población rural un idioma con otro, tropezando con las resistencias naturales en quien vé que se les quiera quitar lo propio para imponerle lo ajeno?".

Dos limites que o setor que em Aureliano J. Pereira podiam sentir-se representados punha às possibilidades de expansão do galego, dá conta o seguinte trecho, que é a apreciação de Pereira a respeito do "idioma para un pueblo" que o autor que trata fazia. Nele pode inferir-se a consideração do sistema regionalista como reivindicação do uso do idioma na literatura, mas tirando-lhe os macrofatores que o poderiam fazer autónomo: *"Otro Fernández* aspira, como queda dicho, á un idioma, no literario, de un pueblo: de aquí síguese ó con mucha torpeza he comprendido su pensamiento, una enseñanza oficial imposible de llevar á cabo".

E era relativamente certo; anos mais tarde a Catalunha vai dispor de ensino optativo de catalão, e presença dos seus estudos na Universidade; mas, seja como for, e significativamente, Pereira deixa aqui a referência, e não acrescenta nengum desejo de que poda efetivamente levar-se a cabo.

O federalista galego conclui indicando que "el camino hasta hoy seguido ha dado resultado"; portanto devem ser recolhidos os documentos escritos "en gallego, recuperar giros, frases", particularmente da montanha[479], para enriquecer a língua, e depois purificá-la desterrando "los vocablos castellanos que tienen su equivalente genuino en gallego".

---

[478] Mas não até ao ponto de serem opostos. Pardo Bazán ao falar desta obra compara "a Pereira con Lamas e concretamente este volume de poemas con *A musa d'as aldeas*" e comenta que ámbolos autores responden ó mesmo tipo de poesía pero que difiren no xeito de encara-lo tema, dado que un é un temperamento máis optimista có outro, e, asemade, Lamas sería o mestre e Pereira un discípulo avantaxado"; no entanto, Curros vê a obra situada no decadentismo francês e com um excesso de simbolismo que "lle parece perigoso" (Rodríguez Valcárcel, 1993: 72). Pedreira considera estas opiniões de Curros como umha tentativa de ver méritos literários onde não os há (Rodríguez Valcárcel, 1993: 145).

[479] Era na montanha onde se acreditava estar a língua mais genuína. Esta consideração era comum a outros segmentos do repertório galego, resumindo-se na ideia de que a montanha era o lugar por antonomásia da Tradição. Isto contribui a explicar a tendência ruralista de boa parte da produção literária galega.

Parecia apagada a polémica, quando, mês e meio mais tarde, em reforço das ideias de Pereira, e motivado também polos comentários de R., vai publicar Manuel R. Rodríguez o seu "La lengua lusitana no es el idioma propio y natural de los gallegos", nos números 62 e 63[480]:

Mais umha vez o alvo são as propostas de *Otro Fernández*, tidas por exageros sem conta, "llegando hasta el extremo de considerar la literatura de los lusitanos superior á la de los españoles", ideia que atribui à origem tudense do interpelado[481].

Rodríguez muda um tanto a sua opinião a respeito da origem de galego e português que agora reconhece, sob o ponto de vista filológico, ser a mesma, mas "la organización" não o é.

Rodríguez, que afirma escrever para elogiar Pereira, e aproveita para qualificar, com explicitação maior que o seu parceiro, como antipatriota espanhol *Otro Fernández*; escreve então para "ensalzar hasta el pináculo del encomio las atinadas frases y noble tono de independencia y firmeza con que el Sr. D. Aureliano J. Pereira sabe rechazar el antipatriótico, rutinario y gastado sistema de reforma propuesto por el tudense «Otro Fernández»".

O fervor patriótico de Rodríguez, que publicará duas novelas em galego em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires a começos de século, prossegue:

> "Conserve siempre vivos é indélebles el señor Pereira esos patrióticos y levantados deseos en el fondo de su corazón, no sólo para combatir á los que opinan como el escritor «Otro Fernández», sinó también para estimular á los buenos gallegos á que cooperen con todas sus fuerzas intelectuales á la completa restaruración de nuestro

---

480 Número 62 de 10 de maio, e número 63 de 17 de maio de 1896. No último dos números citados, aparece um soneto assinado por Carlos Florencio (Carré Aldao, como sabemos), mesmo na página a seguir do texto em que Manuel R. Rodríguez defende no "Campo neutral" que "la lengua lusitana no es el idioma propio y natural de los gallegos". O poema, a que segue "De min mesmo" -«de Anacreonte»-" assinado por Florencio Vaamonde, intitula-se "Cousas da España", e leva entre parênteses a para nós durante tempos enigmática referência "de Angel R. Chaves". Parece umha mistura de ironia e raiva perante Espanha, personificada nas conquistas do "Rei Felipo" espanhol. O poema conclui com estes versos: "¡É lástima, pardiola, que o gemido/Traia en tal hora o eco vergoñoso/Que che relembra o Portugal perdido!". Mas o caso é extremamente curioso: o texto pertence a Ángel Rodríguez Chaves, a quem, um ano antes, faz-se referência no *Diccionario Enciclopédico hispano-americano de literatura*, ciencias y artes. Mautser y Simón Editores, tomo XVII, 1895. Nascido em Madrid a 13 de abril de 1849, dele informa-se-nos que foi autor de várias peças de teatro com sabor romântico, e jornalista de "los principales periódicos literarios de la época". Tradutor de Musset, Byron e V. Hugo, fizo zarzuela e, anuncia-se, "hoy está próximo a publicar un libro en prosa, C*uentos Nacionales*, y otro en verso, *La Corte de los Felipes*". Não dispomos dos textos do autor, mas parece evidente que Carré tirou do último livro citado a composição que traduz para o galego, onde aparece a ironia sobre Filipe IV de Espanha e III de Portugal, pola independência deste último país. Carré procedia então a umha importação mui interessada...

481 Não podemos obviar aqui o testemunho pessoal, e não por imodéstia mas por pura casualidade originária. O autor deste livro nasceu em Tui, e pode garantir que é tradição na vila fronteiriça ter relações comerciais, isso sim, de todo o género, com os portugueses, e afirmar-se como *espanhóis*, e não como *galegos* a respeito dos vizinhos. Tui e Valença, do ponto de vista cultural e linguístico, viverom normalmente de costas viradas, encasteladas nas suas fortalezas.

> hermoso, suave y eufónico idioma, con el fin de que éste adquiera su antiguo esplendor ante las naciones civilizadas".

Mais umha vez portanto, a ideia da recuperação do "antiguo esplendor" dum sistema que não deve pôr em causa o polissistema espanhol. Que este é superior ao português dá-o Rodríguez por assente; mais ainda, o luso aparece neste contexto se não como um referente de oposição, sim como um referente de *superação*: "No está lejos el día en que sobre la formidable base que queda de nuestro antiguo romance, levante orgullosa y potente su cabeza la literatura de los gallegos para sobrepujar á la de los portugueses".

Rodríguez continua com a publicação de "Ineficacia de la duplicación de los finales en la lengua gallega". Nela conclui com a sugestão de estabelecer para o galego a classificação das sílabas "lo mismo que en castellano". O apoio sistémico neste era evidente:

> "Ahora bien, vista la sencillez de la anterior doctrina ¿por qué no hemos de apelar á nuestra incomparable lengua castellana para suplir lo que falta en la lengua regional de los gallegos?" "¿no sería ventajoso que tratáramos de cultivar las dos lenguas, toda vez que están unidas por vínculos tan estrechos, que no pueden romperse, á no ser por medio de la emancipación, perjudicando así la unidad del territorio?"

E não falta no texto a alusão aos portugueses como renegados da unidade pátria, com que o uso de transferências da parte lusa ficava não já inutilizada, mas desqualificada:

> "¿por qué, como los portugueses, hemos de renegar de nuestra gloriosa patria española, cuyos hijos llevaron sus armas victoriosas, su religión, su civilización y su cultura hasta los últimos confines del Universo?
>
> Cese ya esa infundada manía de censurar todo cuanto dicta la Academia española En su seno hay individuos tan eminentemente ilustrados que, no solo son la gloria de nuestra patria, sino la admiración de las naciones civilizadas [e cesse] el injustificado desdén con que algunos Aristarcos modernos suelen tildar los acuerdos de la insigne Academia, cultivadora de la incomparable lengua española".

Vemos então, nesta série de comentários absolutamente contrários à doutrina lusista, a outra face das possibilidades do sistema regionalista.

Certo ar de desprezo depreende-se da sua argumentação para não adotar a norma portuguesa, pondo de manifesto a sua atualização na matéria:

> "[...] bien parados estaríamos, si echáramos mano de las insulsas reglas de Bento José Oliveira, publicada en 1892, en la de Adolfo Coello, editada en 1891 y finalmente en la de Macedo[..].
>
> Bien parado quedaría el idioma gallego, si para establecer con decoro la ortografía de la misma, mendigáramos las vetustas reglas de los lusitanos, letras dobles [...], letras compuestas, etc., inventadas poco después de la salida del Arca de Noé"

"Los portugueses", conclui, "son tradicionalistas hasta el extremo [...] sólo nos resta añadir que edificar nuestra ortografía sobre los nobles restos, que

aun nos quedan del romance gallego bajo al protección de la lengua lusitana, equivale á desprenderse de un hermoso ropaje para engalanarse con otro más modesto".

O debate vai concluindo, por esta vez, quinze dias mais tarde[482], com a intervenção, em galego (único caso juntamente com o de Martelo Paumán) de *F*ulvio *V*ergodense (*F*lorencio *V*aamonde), com o título "Do idioma galego". Era pois, a voz *autorizada* da revista e do grupo que a sustentava.

Vergodense começa por lamentar algumhas afirmações "peregrinas", que prolongam os desatinos de passados debates a respeito da qualificação do galego como idioma ou dialeto, que poderia ter-se poupado, como a de foneticistas e etimologistas que nada pusera em claro.

Entrado em matéria, Vaamonde alude duramente às opiniões de Rodríguez:

> "Hai quen chama incomparable ao idioma castelano, e verdadeiramente é incomparable para quen non sabe outro; hai, en fin, quen da a entender que a gramatica da lingua castellana e a da galega son iguales e a da portuguesa diferente".

Recorre de novo às cantigas medievais e à consideração do português como galego evoluído. Situa no cimo desse polimento Camões outra vez então apropriado:

> "O idioma das *Cántigas*, comun á Galizia[483] e Portugal, [...] e desde aquela esquencido o seu cultivo, foise castellanizando paulatinamente, ao paso que en Portugal, seguiu de idioma nacional, perfecionándose e pulíndose hastra ter un século de ouro: o século de Camões.
>
> Apesar de todo, son un mesmo idooma, salvo a ortografía e algún que outro vocábulo que si desparecéu do galego actual atópase por eso nos documentos antigos".

Recomenda a exumação dos documentos antigos, não poupa a crítica a Saco e Arce, e, por segunda vez na polémica, aparece a postulação da literatura portuguesa como modelo produtivo, e o rejeitamento dessa condição, por perniciosa para o sistema, da castelhana:

> "Tamén lles recomendarei o da literatura portuguesa, a mais rica entre os povos da península ibérica. En cambio deben fugir de toda influencia castellana porque esta corrompe o noso idioma [...]; por eso debemos aleixarnos tanto do castellano canto debemos nos acercar ao portugués, porque as reglas da sua gramática son as mesmas que a da nosa, e parez mentira que ahija quen coide o contrario, como lle pasou ao autor de unha *Gramática Galega* que, ao ser o seu libro juzgado pol-os críticos estranxeiros,

---

[482] Número 65 de 31 de maio de 1896.

[483] Se não estamos em erro, é a primeira vez que encontramos esta forma (*Galizia*) para denominar o território do Minho para cima. Fazemo-lo notar por duas razões: informa do máximo que na altura um escritor *lusista* chegava no seu código (e pode que fosse Florencio Vaamonde o que mais além fosse), e como curioso dado de evolução sistémica, porque a forma Galiza será maioritária na época das Irmandades. Não estaria mui afastado do nosso trabalho o estudo das formas utilizadas em textos como este, mas levaria-nos longe demais.

> estos o louvaron, pero dixeron que era un traballo inutil o que se tomará [sic] porque já había gramáticas portuguesas.
>
> Direi finalmente que o modo de restaural-o galego, ao meu modo de ver, é o alimpalo de castellanismos que ten, e das voces bárbaras que inventaron dos camponeses".

Para concluir e demonstrar as suas afirmações, recorre ao procedimento, já usado por R., de reproduzir textos de autores portugueses e adaptá-los ao galego.

Ainda no número 66, de 4 de maio, é publicado um artigo de Juan Fernández Merino[484], que este enviava para a revista desde Havana, e, que na mesma data era publicado também em *Tierra Gallega*, a revista havanesa que dirigia Curros Enríquez (assim chegou este debate ao *enclave* cubano).

No artigo volta Merino sobre a necessidade de recuperar os textos, e faz um repasso da polémica, na qual lhe parece adequada a resposta de Pereira à "tan extraña manifestación" de *Otro Fernández* de prescindir da documentação antiga.

Depois de citar alguns linguistas portugueses, a respeito do debate das origens, informa que já *Otro más* em *La Idea Moderna* "escribió dos bien pensados artículos" favoráveis às teses de Fernández Neira, o que mostra que a polémica passara para outros meios.

A seguir apela a Leite de Vaconcelos, "persona, para cosas tales, eruditísima", talvez ao artigo deste em *El País Gallego* de anos antes, para suster a identidade que tiveram galego e português, estando para ele fora de dúvida que têm umha base latina comum, o que espera ver ratificado na edição que Martínez Salazar prepara da *Crónica Troyana*.

Lamenta na continuação a falta de critério dos gramáticos galegos: "parece mentira que tengan que decirnos los escritores portugueses que la de Nuñez supera a la de Piñol y que la de Saco y Arce desconoce las relaciones estrechas del gallego y el portugués".

Renovando a ideia da origem latina do galego, recorre de novo ao conselho de Leite de Vasconcellos: "distingamos las particularidades de pronunciación de cada localidad, como aconseja el señor Leite de Vasconcellos y en sus raices se verá que obedecen á la misma fuente latina", e acaba com umha proposta de síntese: "estudiemos pues , y conozcamos el verdadero origen de nuestro idioma,

---

[484] González Seoane, no seu documentado trabalho, considera que Fernández Merino é pseudónimo de Martínez Salazar (González, 1992, p. 39). Opinamos ser este um pequeno erro de apreciação, consequência lógica de toda a maranha de pseudónimos e nomes próprios com que a polémica tem lugar, sendo, aliás, mui secundária a identificação no tipo de estudo a que o professor compostelano procede. Couceiro Freijomil dá pequena informação biográfica sobre Fernández Merino, "emigrado a comienzos del siglo actual en La Habana", colaborador de imprensa, em ocasiões com o pseudónimo de *Fernán Minero*. "Ejerció el profesorado. En 1918 se le premió en Lugo el poema *¡Galicia!*. El 12 de marzo de 1920 estrenó en La Coruña el poema simbólico *Dorinda Galicia*, que luego retocó y aumentó haciéndolo drama". (Couceiro, 1953, II:58). Digamos, de passagem que de nengumha maneira nos consideramos nós livres de incorrer em erros de identificação entre pessoas e pseudónimos.

como dice Pereira, y luego se podrá limpiar las voces, vocablos y giros que loa afean, como desea *Otro Fernández*. La obra se hace perfecta ó no se hace".

A linha portanto de Fernández Merino é similar à do regionalismo corunhês. No entanto, na sua proposta aparece um aspeto novo, e que nunca seria levado à prática. Fernández Merino propõe que se constitua umha comissão linguística para resolver a questão, de que devem fazer parte os escritores mais "insignes" da "región", "y mejor", em coerência com a teoria formulada sobre a língua, "una comisión mixta de portugueses y gallegos dedicados á esta clase de estudios". Quando em 1906 seja constituída a comissão ortográfica da Academia, presidida por Pérez Ballesteros (antietimologista) e secretariada por Lugris Freire, os seus membros portugueses, Teófilo Braga, Leite de Vasconcellos, Carolina Michaëlis, etc., correspondentes, não de número, não vão fazer parte dela.

Mas a linha de debate apontada por *Otro Fernández* vai ainda ser reiterada. É a vez agora de Cristóbo das Viñas, que assina o seu artigo em Riba d'Ávia, em junho de 1896[485]. Quem seja das Viñas desconhecemo-lo. Ele já, de maneira enigmática, começa por dizer:

> "Tarde, y con daño seguramente, tercio en esta debatida cuestión y no por imposiciones ajenas, sino movido espontáneamente por mi voluntad. Esto que parece no venir á cuento y algo así como un desplante genial, tiene su *intringulis*, y si los lectores no se lo encuentran, basta y sobra con que lo entienda aquél que está en el secreto[486]".

Para Cristóbo, a origem e fundamento do galego estão claros. Como autoridade, cita Manuel Murguía, não mui invocado nestes tempos:

> "La autoridad más elevada hoy en Galicia en achaques literarios, históricos y filológicos, ya ha dicho lo bastante. Don Manuel Murguía en su *Historia de Galicia*" ha dictado ya hace tiempo el fallo; y me apena ver que fuera de don Manuel Lugris en su artículo "A Fala Gallega", publicado en *A Gaita Gallega* de la Habana en 1893 [...] sea el único que lo haya citado"[487].

---

485 Número 67, de 14 de junho de 1896.

486 Não parece haver dúvida que é pessoa ligada ao grupo corunhês; para além da confiança de quem está "en el secreto" (algum (ns) dos responsáveis da revista), as suas opiniões condizem muito com as da *Cova Céltica*. Tanto por vezes, na argumentação, que parece o próprio Carré, ou, melhor, *Otro Fernández*.

487 Produz-se aqui um lapso em Cristóbo das Viñas. Na realidade, o artigo é reproduzido por Lugris no seu livro *Soidades* de 1894 (não 1893), mas, como ele indica em nota de rodapé, fora publicado "no periódico *A Gaita Gallega*, de Havana, de que o poeta fora "un dos direutores e fundador, no mes de Novembre de 1885". Armada Teijeiro era o outro diretor desta publicação que cessara em 1889. O artigo é interessante para as questões que aqui tratamos. Nele, Lugris refere-se ao *perigo* português, ao comentar a reação de Emilio Castelar às palavras, de T. Braga, a respeito da "nacionalidade literária" (ou "sistema interliterário" na nossa terminologia) galego-luso-brasileira:
"España, que hastra estonces non tivera mais que desleigamentos pra nós, puxo en Galicia a sua atención, mirándoa, sinon con medo, ô menos con respeto.
O mesmo Castelar, ô ver o noso renacimento, dixo: «Non-os deslembremos que fai pouco tempo que un escritor do reino viciño trazaba unha nacionalidade literaria composta por

Para ele, a origem latina do galego é já verdade assente, e coloca mais umha vez a questão na adoção ou não do código português:

> "Descartado ya este punto, que dicho sea de paso, fué de lo menos que se trató en la discusión, debe titularse esta *O gallego* ó *portugués* porque tales son los extremos á que se contrae hoy el debate".

Para C. das Viñas

> "está fuera de duda que portugués y gallego ó gallego y portugués, son lo mismo. Bien nos lo ha probado *Fulvio Vergodense* en su último artículo, si alguna duda pudiéramos abrigar aun en contrario, así como no nos puede probar que el castellano y el gallego sean lo mismo D. Manuel R. Rodríguez de Santiago, en un artículo publicado en *El Alcance*, volviéndose contra las opiniones del escritor el argumento que nos presenta de un *Soneto* castellano traducido al gallego".

Descohecemos o artigo de *El Alcance*, mas, a serem certas as palavras de Cristóbo das Viñas, resulta evidente qual era, na verdade, a polarização das propostas. Manuel R. Rodríguez usava o mesmo procedimento que os reintegracionistas corunheses, mas agora para mostrar (intuímos que com algumhas dificuldades) que o galego devia adotar a ortografia espanhola. O debate,

---

portugueses, brasileiros e gallegos. Esto podía maxinarse qu'eran toladas da chencha cando non viñeran ainda harripiadas crísis, e non se viran certas incrinaciós que poden volver mañan...". Fica evidente então o verdadeiro temor *espanhol* perante esse *perigo*.

Demais, para argumentar a antiguidade da língua a respeito da castelhana, e "mais vella" do que o latim, recorre ao "intelixente lusitán Francisco S. Luiz" e ao "doutor Hervás". O autor segue em todo momento a obra de Antonio de la Iglesia, defensor da ortografia etimológica, em apreciaões similares às de Murguía no seu discurso de Tui. Assim, citando o poema da Cava, diz: "dóunolo a conocer Miguel Leitão d'Andrade na sua *Miscelánea*, e Teófilo Braga mo *Cancioneiro do pobo*. E, defendendo a consideração de *idioma* para o galego, diz: "¿danlle ô portugués o nome d'idioma? ¿Pois estonces como negarllo á unha lingua, nai d'esa fala según o reconocen hoxe en día escritores do reino viciño, tales como Teófilo Braga, Bonança e outros mais? [...] Quede, pois, por sabido que a nosa fala é un idioma d'abolengo e tradiciós craras e ben definidas; e que esa fala "vive ainda" [em nota de rodapé: "*El idioma Gallego.*- Antonio de la Iglesia] vizosa e feiticeira, e no espello relumante dos seus ollos pode agarimosa e tenra retratar ainda c'o grande e sempre sol d'un Luis de Camoens, da familia dos Caamaños de Galicia, os feitizos e bonitura da sua filla portuguesa, que dominando na Europa, estendeuse despois pol-as terras non conecidas dos Novos Mundos pra non morrer nunca".

Não deve surpreender o nome de Bonança ao lado de Teófilo; João Bonança era citado com frequência por Curros, prologuista da obra.

Os objetivos que o autor coloca para o sistema regionalista são nitidamente os de constituir um polissistema galego, independente do espanhol. As aspirações políticas são mais umha vez transferidas ao campo literário:

> "[...] Nosoutros que non puidemos, ou non quixemos levar a têrmo a nosa independenza, fundemos pol-o menos unha literatura independente".

De resto, o livro é um bom exemplo do uso de alguns dos elementos do repertório galego vigentes na época. As glórias galegas do passado, e os problemas prementes do presente (como o da emigração) ocupam lugares centrais neste texto dum homem que, segundo a carta-prólogo de Curros Enríquez, "se había impuesto" "el sacrificio de hablar el gallego á todo el mundo": nele não faltam as traduções de Bécquer ("El y-ela"), ou o uso modelar de Camões ("Colombo"). Curros Enríquez e materiais populares estão presentes em muitas páginas.

então, remetia para a *ubicação* sistémica que se pretendia do sistema regionalista, o que era, aliás, o autêntico núcleo da discussão.

Esta, até este momento, nunca chegara a situar-se na análise em termos de interesses das ideias defendidas pola parte contrária; sustentava as próprias, e manifestava, como no caso de *Otro Fernández*, os benefícios sistémicos que eram passíveis de ser alcançados com a reintegração. Cristóbo das Viñas não vai proceder dessa maneira; vai combater os motivos reais que entende têm os opositores à reintegração; vai dar-nos umha informação preciosa sobre o sistema, e as pugnas pola posição central que nele se verificam; a serem as cousas como Cristóbo das Viñas as conta (temos nós a convicção de que assim é, polo menos em certo modo), a crítica a seguir é demolidora. O *ribadaviense* comenta que a identidade linguística galego-portuguesa é incontestável: "y no es solo *Fulvio* el que opina así ajustándose á la razón, son todos ó casi todos". E na continuação, acrescenta:

> "Lo más extraño es que alguno ó algunos que en sus conversaciones privadas están de acuerdo con esta nuestra opinión, públicamente sustentan todo lo contrario. *¿Cur tam varia?* Sencillamente lo diré, y descorreré, á trueque de merecer excomunión mayor, el velo que oculta estos misterios.
>
> Temen, especialmente los *dii* mayores del parnaso gallego, que de convenir que el gallego es lo mismo que el portugués, se sume el primero en el segundo, desaparecidas las pequeñas diferencias que hoy los distinguen; y sumados ambos, se sumen ambas literaturas y pasen á figurar en la portuguesa las obras que hoy figuran en la gallega. Temen que de ser así, los que hoy son las primeras figuras del *Parnasillo galáico* pasen á ser *secundarias* en el *Parnaso Portugués*, y no digo más, que ya dije bastante, y á buenos entendedores..."

Juntamente com o desejo de não se afastar do polissistema espanhol, aparece então o de não perder a posição sistémica nos partidários da opção contrária à de Viñas. Essa posição não se perde se não se pugna com o referente de oposição, e aceita-se a integração sistémica nele. Nunca até ao momento encontramos umha acusação similar, extremamente dura. Talvez feita a custo polo autor do artigo. Ora o significado dela é dum alcanço enorme no sistema regionalista. Explica, sempre segundo Viñas, umha das razões decisivas para não acudir ao polissistema português por parte dum setor do regionalismo, ciente de qual seria o caminho, *lógico*, que não quer percorrer. Para Viñas, e, segundo ele, para muitos regionalistas, o sistema levado até às suas consequências últimas, deve confluir com o português; mas, precisamente polas implicações que essa trajetória supõe, pretende-se que não vá além; que fique como subsistema do polissistema espanhol.

Repare-se que assim, *ubicado* como subsistema do espanhol, não concorre, em nengum caso, com ele; não gera conflito: aceita a sua posição menor e periférica, e sobre essa base se estrutura, com os seus centros e periferias internos; evita colidir com o espanhol, pois assume a sua quota-parte, mui pequena, no

polissistema maior. Fica salvo e reduzido curiosamente polos materiais utilizados, e renuncia, portanto, à proliferação. Com efeito, esses materiais seriam definitórios do diferente nível em que se pretende situar o subsistema regionalista do polissistema espanhol. O primeiro, ficando como está, não põe em risco o segundo; não alargando o seu repertório, consegue sobreviver. Trocariam os seus elementos centrais: a possibilidade de independência pola assunção da sua subalternidade. Por exemplo, *A Cruz do salgueiro*, de Rodríguez López, não aspiraria neste caso a concorrer com a produção de Pérez Galdós; não visaria pô-la em causa. Aceitaria a sua supremacia, reservando para si o espaço "regional", partilhado com o espanhol.

Mas, incluído no polissistema português, a situação mudaria radicalmente. Quisesse ou não, partilharia os seus materiais com o resto do polissistema; outra cousa seria que deles fizesse uso; o sistema *existiria* sempre; e o problema radicaria então na capacidade de alcançar o centro por parte dos escritores, não do subsistema regionalista no seu conjunto. Este deixaria de atuar como tal, e, dentro do polissistema galego-português, passaria a fazer dos seus limites sistémicos, apenas normas dum repertório comum. Dito por outras palavras: se alguns dos materiais utilizados polo sistema regionalista (língua, temática, ruralismo, etc.) eram limites que garantiam a sua posição autónoma e subalterna no polissistema espanhol [a sua possibilidade de permanecer diferenciado sempre que mantivesse essa posição subalterna, enfim, ao modo do "carnaval" de Bakthine (1987)] partilhando espaço com o polissistema português, apenas constituiriam normas similares às de, por exemplo, o regionalismo de João Verde. E, dado que o polissistema espanhol apareceria assim como o seu referente de oposição (e não de *integração* como no primeiro caso), o conflito aguçaria-se com aquele, porque o regionalismo faria seu o polissistema português.

Por outro lado, a concorrência sistémica tem de aparecer, porque o veículo linguístico se situa como a norma fundamental do repertório sistémico, o que obriga à competência com o resto do polissistema português, não já do sistema regionalista no seu conjunto.

A consequência do antedito seria a seguinte: a identificação entre subsistema e determinados escritores regionalistas e a sua produção, que se estava a manter, desapareceria. O presumível prejuízo não o seria para o movimento literário regionalista, mas para alguns dos seus produtores *centrais*, forçados a competir. E o benefício apareceria, deduzindo sempre das palavras de Viñas, para o sistema regionalista.

Viñas salienta algum destes aspetos na continuação, onde reclama, sem margem para dúvidas, a constituição dum polissistema galego-português, já não dum sistema interliterário comum:

> "No debemos hacernos ilusiones los gallegos. Nuestro idioma tiende á su completa corrupción y á vaciarse por completo en el castellano. Podrán los esfuerzos de los amantes del país, sostenerlo y dejarlo reducido á lengua poética, pero nada más, sino se determinan valientemente á seguir antes que la influencia castellana, la influencia lógica del portugués, y no se preocupen si las dos literaturas se funden en una. Mejor que mejor, lo bueno siempre será bueno, á no ser que sólo en mérito sea relativo, no absoluto".

As similitudes, aliás, com *Otro Fernández*, são evidentes... Viñas considera que o sistema regionalista pode estar em transe de desaparição: "de todos modos debemos regocijarnos del progreso que se nota en el cultivo, en literatura, del gallego. ¡Quiera el cielo que los brillantes resplandores del presente, no sean los últimos destellos de la luz propia pronta á extinguirse!"

Reiterando o publicista a linha argumental anterior, vai fazer referência a elementos-chave; considera que a produção literária atual é fruto da "influencia portuguesa"; reconhece ainda mui escassa a produção literária regionalista, e deteta um aspeto que, se é possível deduzi-lo da análise do sistema, ninguém que saibamos tinha formulado com a clareza que Viñas o faz: o medo à proliferação do sistema; à sua autossuficiência; a própria insegurança, e o temor, implícito, à resposta *espanhola*. Não doutra maneira interpretamos a sua valorização da situação que en seguida transcrevemos:

> "el renacimiento actual es debido, más que nada, á la influencia portuguesa que se nota en lo que hoy se escribe en nuestro idioma. Si á pesar de ser tan poco, y hecho casi con miedo lo que hoy se hace, se notan sus maravillosos efectos, puedo asegurar que de emprender la ruta no debemos abrigar temores de que las brillanteces de hoy sean precursoras de la obscuridad de mañana",

e as consequências a que deu lugar:

> "Ya los periódicos regionales publican cuentos y artículos en gallego; ya hoy destinan un espacio que antes negaban á nuestra literatura.
>
> *La Voz de Galicia* que pese á su nombre y sin duda por la ley de los contrastes, no tenía sino tonos despreciativos para todo lo que se escribía en gallego, ya hoy HONRA sus columnas con trabajos en gallego. La prensa católica sigue igual camino, y de seguir así, purificando nuestro idioma, huyendo de castellanismos y barbarismos y aproximándonos tanto á Portugal cuanto distanciándonos del idioma castellano podremos considerar el movimiento literario actual como la aurora de nuestro renacimiento".

Falta-nos na Galiza um autêntico estudo da poética destes autores regionalistas; mas a afirmação de Viñas "el renacimiento actual es debido, más que nada, á la influencia portuguesa que se nota en lo que hoy se escribe en nuestro idioma", não nos deve passar inadvertida. Se, na altura, são os elementos mais *avançados* do sistema os constituídos polo grupo corunhês e polos poetas García Ferreiro e sobretudo Curros Enríquez, todos eles sem exceção *influídos* por autores portugueses, e com eles em contato, a apreciação de Viñas coloca-nos numha posição até agora nunca formulada: a regeneração e a proliferação

sistémica regionalista, a consolidação do seu repertório, fora feita sobre a base do polissistema português. Não podemos ainda pronunciar-nos a este respeito porque carecemos dos suficientes elementos que a prudência aconselha para elaborar um juízo cabal. O caso é que Viñas está a detetar umha presença nem sempre reconhecida, talvez num jogo de ocultamentos que justifica a sua afirmação anterior: "lo más extraño es que alguno ó algunos que en sus conversaciones privadas están de acuerdo con esta nuestra opinión, públicamente sustentan todo lo contrario".

E não podemos evitar recolher aqui umha das hipóteses que presidem a este quiçá insuficiente trabalho: a de que praticamente toda a proliferação sistémica literária galeguista, e boa parte da sua inovação de repertório, em normas e modelos, (a que lhe permitiu avançar e pôr em causa a hegemonia do polissistema espanhol) foi feita sobre a base do polissistema português, polo menos até 1936.

Mas, tornando aos limites da asseveração de Viñas, quando menos temos explícita a vontade de uso do polissistema luso que o labor regenerador da "escola corunhesa" pretende para o sistema regionalista.

O sistema regionalista vai cobrando legitimidade; a que por exemplo lhe fornece ser já objeto de estudo:

> "Nuestra literatura se estudia, se reconoce, y últimamente el P. Blanco García en su tomo dedicado en *La literatura española en el siglo XIX* á las regionales conságrale un buen espacio.
>
> Animo pues y adelante sin vacilaciones".

O artigo conclui com umha interpelação direta a determinados agentes do sistema regionalista:

> "Lo que yo quisiera era que en esta cuestión del gallego y el portugués nos dieran su opinión poetas y escritores como Murguía, Curros, García Ferreiro, Barcia Caballero, Pérez Ballesteros y tantos otros escritores gallegos así como el peritísimo Andrés Martínez Salazar quien á pesar de no ser gallego, conoce él más nuestra filología, que todos juntos, los que con demasiado atrevimiento venimos terciando en este debate. De interés sería también que lo hiciesen Theóphilo Braga, Leite de Vasconcellos y otros lusitanos".

Repare-se nos nomes citados na ausência de alguns nomes do *núcleo duro* corunhês; estes, óbvio é, já tinham intervido. E, entre os citados, aparecem escritores que sustentavam pontos de vista opostos, como o caso de Pérez Ballesteros. E aparecem também os dos dous filólogos portugueses mais reconhecidos na altura, Teófilo e Leite, numha consideração similar à que já Fernández Merino fizera.

Mas não pudemos conhecer nas páginas da *Revista Gallega* as opiniões dos interpelados. A polémica no semanário ficou aqui e nela ninguém respondeu às duras acusações e concludentes propostas de Cristóbo de Viñas. Os seus

desejos, e com eles os da "escola corunhesa", iam mais umha vez permanecer frustrados:

> "¡Plegue al cielo, que lo que se escriba de hoy en adelante sirva de provechosa lección y firme base para sobre ella levantar el esplendente edificio de las reconstrucciones de nuestra dulce *fala gallega*[488]!"

Frustrados, mas não totalmente; porque José P. Ballesteros vai dar réplica à linha do regionalismo corunhês expressa nas páginas da revista, embora não a Cristóbo Viñas. Calculamos que nos começos do verão de 1896 sai da imprensa de Anxel Varela, em Vigo, o livro *Muxenas* de Amador Montenegro Saavedra, "con un prólogo de Xusé Perez Ballesteros". Este prólogo está assinado em maio desse ano, razão por que Ballesteros não podia ter conhecido no momento de o redigir o artigo de Cristóbo, mas sim, *in extremis*, o de *Fulvio Vergodense*; é este que está, mui possivelmente, no centro da resposta de Ballesteros.

O autor do *Cancionero Popular Gallego* dedica as últimas cinco páginas[489] da sua Introdução ao problema linguístico: "Cúmpleme ahora patentizarle al autor de MUXENAS que con toda mi alma me congratulo de que adopte la *Ortografía y Prosodia* que respetadas aparecen en dicha obra".

E, em nota de rodapé, esclarece sobre essa *Ortografía e Prosodia*: "Iniciada por el prologuista, respecto de la última, en el gallego, la reforma no ha muchos años verificada por la Academia Española".

Ballesteros seguia, pois, o modelo que a Academia espanhola tinha propugnado.

Para o prologuista, a criação da Academia Galega é "exagerada": "y, con tal motivo créome en el deber de manifestar que hallo exagerado cuanto por algunos escritores se afirma acerca de un supuesto estado de confusión en la manera de escribir el gallego, y, por ende, la necesidad de crear una *Academia* que le purifique y dé fijeza".

A razão é que entende que "vínose presentando, sin hondas diferencias, la escritura del gallego en los treinta años que acaban de transcurrir". Cita em seguida vinte e três autores em que pode ser verificada umha praxe comum, entre os quais Rosalia, Añón, Curros e Pondal, e acrescenta: "á la lista de los cuales hasta pudiera agregarse la de la minoría, ó sea la de los partidarios de que la J tenga no sólo el sonido de tal, si no también el de la ch francesa, cual

---

488 Parece-nos não estar aqui esta expressão, "dulce *fala gallega*", isenta dumha forte carga irónica, mui reveladora na intenção da posição e função do sistema regionalista no polissistema espanhol: "dulce *fala galega*" versus "lengua espanhola", com todos os adjetivos de grandeza que a ela se quisessem acrescentar.

489 Amador Montenegro Saavedra, *Muxenas*, Vigo, 1896, pp. XX a XIV. Na verdade, já nas nove páginas anteriores comenta Ballesteros aspetos da polémica que se verificara nos finais dos anos oitenta, e que motivara as suas "Indicaciones acerca de la Prosodia y Ortografia Gallegas", publicadas no número 8 de *Galicia*.

debió tenerlo la X en *enxiemplo* que figura en Ordenamientos dados en Alcalá por don Alfonso XI".

Na "lista" dos "etimologistas" cita sete, entre os quais "los todavía jóvenes Galo Salinas, Martelo y Florencio Vaamonde".

Mais umha vez, então, e como já noutras ocasiões fizera, Ballesteros identifica a grafia *j* com o som que representa em espanhol; e define o som que se pretende representar por parte dos etimologistas como o de *ch* francesa. E mais ainda: recorre a um texto medieval espanhol para precisar essa atribuição, facto que confirma qual é o modelo seguido por Ballesteros, e, em conclusão, a *ubicação* sistémica pretendida. Ballesteros sempre apoia as suas formulações no processo da língua espanhola:

> "Debo aseverar igualmente que persisto en mi opinión acerca de la probable esterilidad de toda Academia en el período que pudiéramos denominar de verdaderos comienzos literarios del dialecto[490], como fácilmente puede inducirse de lo que hoy ocurre al idioma castellano, á pesar de los plausibles esfuerzos de la Academia Española en frente de ciertos escritores que, rebeldes á elevadas indicaciones prosódico-ortográficas [...]".
>
> Si esto ocurre respecto de un idioma literariamente cultivado durante siglos [...] puede sin esfuerzo grande suponerse lo que hubiera de ocurrir en lo que concierne á nuestro dialecto y á su proyectada Academia, no sólo ante la dificultad de hallar bastantes personas de respetable y respetada autoridad gramatical y filológica[491] [...] si no también por lo ineficaces que habrían de ser los trabajos que encaminados fueren á purificar el lenguaje y á dar sanción justificada a su *uso*".

A afirmação de Ballesteros é algo contraditória. Para ele o galego está suficientemente unificado e *institucionalizá-lo* seria fonte de divisão; sendo inútil o esforço prefere que as cousas continuem como até ao momento; momento em que alguns escritores, como mais adiante afirma, seguem as suas orientações prosódicas e ortográficas. É Pérez Ballesteros um dos *dii* do Parnaso galego acusados por Cristóbo das Viñas?

O autor comenta a desunião existente. Para o demonstrar diz Pérez Ballesteros que nem aos mortos se deixa em paz, aludindo ao artigo de *Fulvio Vergodense* na *Revista Gallega*, "en gallego, donde resalta entre sus períodos uno casi en portugués[492] con la contradictoria afirmaciòn de que [e cita a crítica à

---

490 Aqui o uso do termo *dialeto* não é sinónimo de língua.

491 Ballesteros, como já noutro lugar comentámos, será o presidente da comissão de ortografia da Academia. Obviamente, não vai recorrer à *auctoritas* portuguesa, por mais que cinco dos seus mais reconhecidos filólogos ou escritores figurem como membros correspondentes. Por outro lado, pode ir verificando-se como a fundação da Academia Gallega é fruto dum pacto entre as diferentes correntes no sistema.

492 Neste trabalho, queremos sempre substrair-nos à polémica estritamente linguística. É oportuno no entanto esclarecer, como já vimos em vários casos, que o conceito de *lusismo* na época era algo diferente ao conceito que na atualidade têm os partidários de reintegrar o galego no português. A controvérsia causada polas palavras inscritas no monumento aos Mártires de Carral anos mais tarde refletem, como veremos, o que dizemos. São elementos que devem estar presentes para

Gramática de Saco y Arce antes reproduzida, o que, aliás, confirma a identidade de *Otro Fernández* como sendo Vaamonde]".

Censura Ballesteros a *Vergodense* que critique a quem já não pode responder, e que não citasse o nome do autor da tal *Gramática*, "á quién hasta aquí nadie osó en España atribuirle la pretensión de hacer pasar gato por liebre"; e assinala que "cuánto de sus labios llegó a mi oído", e na correspondência que Saco mantivo com "algunas ilustraciones científico-literarias de dentro y fuera de España, abiertamente se opone á la afirmación, acaso deliberada, que á volar echó el anónimo *Fulvio Vergodense*".

Conclui o prólogo com o agradecimento a Montenegro Saavedra "por haber permitido que me ocupase, preferentemente aquí que en un periódico, [...] en algo que al progreso del dialecto atañe". Felicita o autor pola sua "Obrita" e afirma ser-lhe ainda mais grato fazê-lo "puesto que en aquélla practicadas veo mis antiguas indicaciones prosódicas y ortográficas"

A disputa entre as diferentes linhas do sistema regionalista por ocupar o seu centro prossegue; mas carente já da intensidade e da colocação do debate nos termos em que fora situada. O fio condutor que abriram Neira e *Otro Fernández* naquele janeiro de 1896, acabava com a intervenção de Cristóbo das Viñas, com o verão às portas. Foram nada menos que seis meses de debate, em que o grupo corunhês apresentava, meses mais tarde do aparecimento do seu órgão oficioso, a linha que defendia para o sistema regionalista.

Mas, como dizíamos, dumha ou doutra maneira, a polémica sobre a transferência sistémica do português continuava. Nela discute-se sobre o código, mas sempre aparecem outras insuficiências. Citemos apenas, e à maneira de exemplo, a crítica que *Orsino*, outro pseudónimo dos regionalistas corunheses, faz de *Pasaxeiras* na seção "Críticas" da *Revista Gallega*, e a réplica que o seu autor, Jesus Rodríguez López publicou quinze dias mais tarde.

Com efeito, no número 174[493], *Orsino* comenta que, "o tan acreditado poeta lucense, Jesús Rodríguez López" [494], "deu á lus da publicidade un novo libro".

---

entender cabalmente a polémica verificada. Repare-se, para o caso do comentário de Ballesteros sobre o código de *Vergodense*, que para o primeiro o escrito por Vaamonde é "casi" português. Dito por outras palavras, representava a tendência lusista plena; como exemplo, sirva o facto de o corunhês escrever *Galizia* e Amador Montenegro *Galícea*. Da mesma maneira, e como veremos, a inscrição no monumento aos mártires de Carral, ("Aos mártires da libertade") vai ser reprovada por vários regionalistas como lusismo ortográfico intolerável. Nem as afirmações de Alonso Montero, no sentido de que não se registam propostas lusistas no século XIX, nem as de Hermida Gulías ("a equiparación entre galego e portugués, isto é, a consideración de que se trataba do mesmo idioma, non deixaba de estar exenta de contradiccións entre os seus propios defensores. Unha delas era que en ningún dos autores citados había ningunha insinuación dun lusismo ortográfico", 182), correspondem à realidade dos factos.

493 De 10 de julho de 1898.

494 Desfrutava de reconhecimento este poeta, cujos textos apareciam com frequência nas revistas da época, também vários na *Revista Gallega*, e ainda em posteriores, e de quem Carvalho Calero

Mas da estilística dos versos de Rodríguez López não se fala. Como era habitual nestes casos, era a língua do poeta que centrava a atenção, apagando por vezes, como o caso, qualquer consideração estética, ou, por melhor dizer, centrando-a no código utilizado; tal era o estado do sistema regionalista, perdido nestas discussões.

Começa *Orsino* por censurar que López imprimisse em Madrid, "cal se na nosa Galicia, y en Lugo, mesmo, non tivésemos boas emprentas". A seguir é na língua utilizada que a focagem de *Orsino* se situa, dado o nível vulgar que aprecia nos textos, e frisando a missão de reconstrução do idioma que têm os escritores, "para que chegue á reinar ispido de toda influencia estranxeira[495]".

A seguir, *Orsino* critica os seus *galeguismos castelanizados,* que pode corrigir acudindo aos dicionários portugueses, momento em que *Orsino* parece cair numha contradição, porque, suavizando o sentido da transferência, acaba por afirmá-la quase totalmente:

> "a pouco que se dedique á consultar o diccionario portugués, que mal que pese aos antilusitás, o portugués non é mais que o *gallego perfeccionado*, que, se ben non o podemos acetar en ausoluto para reconstruir o noso idioma, danos, non oustante moitas luces para falar o gallego, para lembrar infinitas palabras esquencidas e para tirarnos de dúbidas na comprensión de certos modismos, giros e concordancias.[496]"

(1975:441) comenta: "un labrador que soupera escribir, escribiría como escribíu Rodríguez López. Non hai nas suas obras verdadeiro lirismo, nen retórica culta, nen preocupación pola consecuencia filolóxica. Nunca tencioou crearse unha fala literaria persoal".
De resto, convém indicar que a história do galeguismo está muitas vezes marcada polas tentativas das vanguardas que chegam a ocupar os centros de *resgatar* para os seus objetivos outros elementos que iam ficando na periferia, com resultados normalmente negativos. Referimos já o caso de Salvador Cabeza; talvez o mais significativo seja o de Noriega Varela, na fase nacionalista. Aqui, sem dúvida, os corunheses estão a tentar a mesma tática, que vai fracassar, embora nesta altura Rodríguez López acabasse de ser nomeado correspondente da Liga Coruñesa em Lugo.

495 O termo *estranxeira* é mui provavelmente aqui sinónimo de espanhol; antes aludia *Orsino* à fala «corrompida» das aldeias polos que «chegan de servir ao Rei e das Américas». Veja-se para o caso o texto a seguir de Carré sobre Saralegui. Algumha consideração do *Otro Fernández* está aqui; serão *Orsino* e *Otro Fernández* a mesma pessoa?; Talvez Carré? A preocupação que mostra polo lugar de imprensa parece sugeri-lo. Mas as observações a seguir a respeito da transferência portuguesa parecem desmenti-lo; se é que não é, como pensamos, a outra face da estratégia de *Otro Fernández*. Porque *Orsino* dá um dado que parece decisivo; quase a concluir o artigo, indica que Rodríguez López lhe dedicou um poema do livro; ora, apenas dous membros do grupo corunhês aparecem entre as dedicatórias de poemas de *Pasaxeiras*: Galo Salinas e Carré. E não parece ser o do artigo nem o tom, nem o estilo nem o nível linguístico de Galo. *Orsino* é Carré (e não devia na altura guardar-se muito por ocultá-lo, dado que dá algumha referência bastante explícita) e sob o pseudónimo de Otro Fernández também mui possivelmente se oculte o livreiro da Corunha.

496 Rodríguez López vai ter oportunidade de devolver crítica, suavemente, em similar contexto; comentando *Rayolas* de Carré, indica anos mais tarde (*El Regional*, 14 de julho de 1898) que determinadas palavras e giros usados polo livreiro não são de uso polo menos em Lugo, "e incita os estudiosos a que recollan estas diferencias e estudien a súa orixe ó tempo que anima os afeccionados a escribiren en galego [e] a que recollan a lingua do pobo". (Rodríguez Valcárcel, 1993:67)

Orsino recomenda "empregar con discrección o etimológico facendo surgir as palabras da sua verdadeira raíz que a teñen no latín".

Na continuação, critica *Orsino* a apreciação de López no sentido de o escritor lucense não precisar de *academias* e entender estas como um posível foco de separatismo, o que nos informa de qual era umha das opiniões ao respeito na altura[497]: "o poeta [...] dí que sin necesidade de *Academias Gallegas*, para o bon uso do lenguaxe poidese sentir moito amor á Galicia... Eu non o entendo [...] nem me esprico que revolva tan sin concerto o regionalismo co as Academias e o separatismo".

Quinze dias mais tarde, como fica dito, aparecem as "Acraraciós" de Rodríguez López.

A respeito da impressão do livro, fala dos seus elevados custos. E, a respeito do idioma literário, comenta:

> "Eu ó que ouservo é que os autores generalmente escriben o gallego que oíron ás xentes do vulgo [...]. Por eso se diferencia tanto o gallego literario que usan os escritores da Cruña, do que escribiron Alberto Camino, Benito Losada y-a mesma Rosalía Castro, e do que usan Lamas Carvajal e Curros Enríquez.
>
> O gallego de Lamas Carvajal gusta y-está máis asimilado co que fala o vulgo en Orense, en Pontevedra, en Lugo y-en Santiago."

O seu posicionamento sobre a recomendação de *Orsino* para acudir a dicionários portugueses, é lida obviamente por Rodríguez López nos termos em que se pusera a polémica linguística de tempo atrás: "se o português é o *gallego perfeccionado* escusamos de Academias gallegas. [...]". E afirma preferir galeguizar o castellano "por salir do apreto cando non me ven á memoria a palabra gallega adecuada ao caso, que galleguizar buscando no dicionario portugués".

De resto, o médico lucense define-se como anticentralista e anticaciquil, mas não autonomista[498].

Com este panorama, entra o sistema regionalista no século XX. A esperança duns e doutros, posta de parte a via de *Otro Fernández*, continua centrada na exumação e estudo dos textos medievais e na acumulação crescente de materiais recolhidos do povo. Grande parte então dos escritores vai, se não dedicar esforços a esta tarefa, sim fazê-la presente em temas e formas utilizadas nas suas composições, romances ou dramas: a tendência historicista e ruralista não cede. Os dirigentes do sistema situam boa parte daquela sua esperança na

---

497 Talvez para garantir que não houvesse *perigosos desvios* aparece anos mais tarde Rodríguez López entre os sócios fundadores da instituição.

498 No "proemio"às suas *Pasaxeiras* Rodríguez López é ainda muito mais terminante: "Mi regionalismo desea que jamás se tienda á aflojar los lazos que nos unen con España. [...] Yo prefiero ser un español gallego que un gallego español". Obviamente, a segunda hipótese podia supor que se podia ser galego sem ser espanhol, ou sê-lo doutra parte. São estes momentos em que o conceito de *autonomia* toma já umha cor vincadamente política, o que não suscitava, como vemos, total coincidência, apesar do afirmado por Máiz (1984:181)

constituição da Academia Gallega, que poderia unificar e legitimar o código linguístico para a literatura. Entretanto, trabalham e esperam. Portanto, foi um caminho de *escavação* o que se impujo, ainda mais premente se tivermos em conta as disputas na altura vigentes, onde não estava clara nem sequer a origem latina do idioma. E os recursos humanos e materiais de que dispunha o sistema eram escassos, fracos demais, se se tinha em conta a omnipresença do polissistema espanhol. O que contribuiu para negligenciar outros macrofatores decisivos para um polissistema. Esta será outra das causas da languidescência sistémica do galego nesta época. Como vimos, enquanto estas polémicas são desenvolvidas, decresce o número de publicações na Galiza, o que, segundo a contagem de Carré, chega a passar de 149 em 1899 para 90 um ano depois. Para além disso, Carré não pode contar nengumha produção literária em livro escrita no idioma objeto de debate. E, das seis revistas que começam a ser impressas no primeiro ano do século, nengumha está escrita integramente em galego[499], e umha sim exclusivamente em espanhol.

Por sua parte, os *enclaves*, particularmente o de Buenos Aires, muito mais ativo nesta época que o de Havana, vão progressivamente incorporando-se à discussão.

No de Buenos Aires, chegaram *ecos* desta polémica, que, sem praticamente solução de continuidade, vai aportar, no meio que dirigia Castro López e em vários da Galiza, às mesmas beiras da fundação da Academia. Parece como se, aproximando-se a data, toda a gente quisesse tomar posição.

No número 270, de 20 de abril de 1899 de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, publica *Ignarus* (Bernardo Rodríguez) "Sobre el idioma gallego", que escreve desde o Uruguai. Neste artigo, Rodríguez defende, em síntese, a adaptação "al gallego la actual ortografía de la Academia Española de la Lengua", e, sobre a costumada pugna entre *equistas* e *jotistas*, defende o x, argumentando, frente aos etimologistas, que o castelhano também convertera *ferrum* em *hierro*, e que, para além disso, "nuestros paisanos" não entenderiam o que os sons *g* e *j* quereriam representar.

No entanto, o mais substantivo da colaboração é o comentário que, dirigindo-se a Castro López, faz no sentido de lhe indicar que em Buenos Aires vive um homem mui ilustrado em gramática castelhana que "con un poco de estudio podría dominar con la misma fuerza la literatura gallega"; é um convite para que Cayetano A. Aldrey se pronuncie.

---

[499] Nem é preciso dizer que quando Carré fala de revistas bilingues, apenas considera o facto de aparecer o galego por algum canto da revista. O uso deste era sensivelmente menor nesse tipo de publicações que o espanhol, e normalmente restrito ao conto ou à lírica. A *Revista Gallega*, o principal órgão não diário que neste período tivo o regionalismo, era um vivo exemplo; e isso, apesar de algumhas audácias galeguistas a abrir algum número da revista em galego-português.

Assim o faz o gramático. E um mês mais tarde, no número 273, publica "Algo más sobre el idioma gallego"[500], onde argumenta as propostas de *Ignarus*: "siendo la índole acentuativa de este medio de comunicación igual à la del castellano con levísimas excepciones, natural es que se tome tal idioma por modelo y se sigan sus leyes ortográficas". E a respeito do uso do *x*, frisa: "[...] ¿hay en gallego vocablos, aunque sean técnicos ó designen sustantivos propios, en que aparezca el sonido de *f* o *g* aspirada, y que por etimología deban contener estas figuras? Yo recuerdo haber oído invariablemente *majadero, Geo, Teología, José, majo*, etc. con pronunciación castellana".

E, após estas valorizações, o futuro académico fundador da Gallega, censura os que acodem ao castelhano ou ao português para procurar o que, segundo ele, têm em casa.

Um mês mais tarde também, já em junho, Ricardo Conde Salgado, cuja língua fora louvada por Aldrey, publica "Un poquito más sobre gallego".[501]

O artigo, um tanto confuso, reclama a urgente criação dumha academia, e critica os etimologistas porque, ao seu entender, apoiam-se no castelhano, quando este é filho do galego.[502]

Ficava pois exposta, desaparecido já havia alguns anos o grupo corunhês das páginas da publicação, a doutrina *oficial* do grupo bonaerense representado em *El Eco de Galicia*[503].

Mas no número 282, de 20 de agosto de 1899, é publicado um artigo de Martín Díaz Spuch, que anos atrás fora premiado nos Jogos Florais de Tui (Máiz, 1984: 123), e que, andado o tempo, como cofundador da Academia, será correspondente em Tánger. O autor escreve para impugnar a tese da acentuação à castelhana que propusera *Ignarus*, e sustém, tangencialmente, a identidade do galego-português[504].

---

500 *El Eco de Galicia*, 20 de maio de 1899.

501 *El Eco de Galicia*, 20 de junho de 1899.

502 Nestas filiações de parentesco, as *paternidades* atribuídas nem sempre eram metafóricas. Por exemplo, havia umha corrente que considerava ser o galego pai do castelhano, origem dele, o que levava consequentemente alguns a defender a ortografia castelhana para o idioma da Galiza.

503 Não significava esse desaparecimento inimizade. O que acontece é que o grupo corunhês contava desde 1895 com órgão próprio, e não tinha que acudir já ao que até então fora o seu veículo fundamental de expressão.

504 Mais ainda; no artigo fala do "galaico-portugués", fórmula, se não inovadora, sim atrevida na época, mas, embora pareça referida à atualidade, pode ser também denominação da língua para o período medieval.
Recém fundada a Academia Gallega, aparece um artigo nas primeiras páginas de *El Eco* muito mais explícito nest sentido (*El Eco de Galicia*, portada, número 509 de 10 de dezembro de 1905), da autoria de Laureano Rodríguez: "¿Será aventurada nuestra pretensión de llamar idioma gallego á la lengua que cantaron Pondal, Añón y La Iglesia, que es el idioma de D. Donis, de Camoens, de Flínton [sic] y de Herculano?
Pues qué ¿los herederos de este grave y melancólico lenguaje lo habíamos de entregar mutilado á nuestros sucesores, viendo su decaimiento con estoica indiferencia? No, eso no puede suceder, no sucederá jamás".

Ignarus replica vinte dias mais tarde, e, no número seguinte[505], Díaz Spuch, que antes argumentara tanto com o francês como com o português em apoio das suas teses, comenta agora:

> "Dice el mismo señor en su réplica: «No cometeré yo la puerilidad de probar la inmensa diferencia que hay entre el alfabeto francés ó portugués y el gallego con respecto á la que existe entre éste y elcastellano, porque tal *novedad* está al alcance de todos. Esto me exime de demostrar lo que es evidente, á saber, que es incomparablemente más aplicable al gallego la acutal ortografía castellana que qualquier otra, sea la que fuere».
>
> Contra afirmación tan dogmáticamente expresada, presento un hecho irrebatible. Todas, absolutamente todas las palabras y frases del gallego pueden escribirse ortográficamente en portugués, *sin quitar ni poner tilde*, lo cual sería absolutamente imposible de conseguir con la ortografía de la Academia de la Lengua Castellana. Este hecho tiene, de otra parte, muy clara razón suficiente por no ser el portugués otra cosa que el gallego, literaria y oficialmente fijado, habiendo entre ambos la relación que entre el castellano de Cervantes ó los dos Luíses y el de Berceo ó los traductores del Fuero Juzgo".

De novo contesta *Ignarus*[506]; e, para demonstrar que a identificação galego-portuguesa feita por Díaz Spuch é incorreta, transcreve duas frases*, em galego* e *em português,* com o seguinte resultado:

> «Gallego: "Usar palabras ou frases estrañas é barbarismo".
> Portugués: "Usar pala*vras* ou *ph*rases e*x*tra*nh*as é barbarismo".
> Gallego: "Frase é unha reuinión de palabras que fan sintido".
> Português: *"Ph*rase é *uma* reunião de pala*v*ras que fa*zem* se*n*tido"[507]».

Ainda vai intervir na polémica o viguês de origem tudense Justo E. Areal[508]. Este, desde Vigo, envia um artigo, mais bem conciliador entre o seu "amigo y paisano Díaz Spuch" e *Ignarus*, mas centrando a discussão em apóstrofos e traços, que nada tem a ver com o problema que aqui nos ocupa.

O sistema regionalista continua, pois, hesitante e tensionado na orientação da *ubicação* interliterária a seguir. Salinas, na mesma página em que Carré faz o pobre balanço do ano literário de 1900, vê-se obrigado a contestar o prólogo que Saralegui y Medina fizera para a publicação dos poemas de Aurelio Aguirre na "Biblioteca Gallega", em que aquele, "haciendo coro á los escritores «extranjeros», confunde el regionalismo con el separatismo, y, forzando el argumento conceptúa odio á la nación ibérica el amor á la nación gallega[509]."

---

505 *El Eco de Galicia* de 20 de setembro de 1899, número 285.

506 *El Eco de Galicia*, 10 de outubro de 1899, número 287.

507 Os sublinhados são do autor.

508 *El Eco de Galicia*, número 291 de 20 de novembro de 1899. Areal mantinha relações com o grupo regionalista corunhês, com que se solidarizara no momento do enfrentamento com Brañas em 1898 (Máiz, 1894: 188)

509 *Revista Gallega*, 10 de fevereiro de 1901, número 308.

Por exemplo, também, manifesta-se umha linha nada nova, como já vimos no caso de Aureliano J. Pereira, consistente em fazer aparecer a Galiza como contributo essencial do sistema espanhol, neste caso por via linguística, noutros polo caminho da apropriação de heróis espanhóis como Colombo ou Cervantes. Em vários números da *Revista Gallega* do ano 1901[510], que, embora com umha orientação nítida, acolhia outros trabalhos nada condizentes com os seus critérios, publica Manuel R. Rodríguez um comprido artigo que leva por título "Derivación de las terminaciones en los nombres del romance castellano por modificación de la lengua gallega", em que pretende mostrar a origem linguística do para ele idioma pátrio espanhol no galego[511].

Reflexos da polémica nunca faltarom nestes anos. E é significativo que, por exemplo, no "Almanaque Gallego para el año 1903" que editava Castro López, o editor inclua a seguinte nota ao lado dum poema de Avelina Valladares, "Miña Joya" publicado nas suas páginas: "La *j* y el *ge gi* se pronuncian como en francés ó como la *x* en gallego", com o que podemos deduzir, de maneira irónica, sim, mas expressiva, que mais se conhecia o francês que o galego.

V.9.3. A polémica sobre o texto da inscrição no monumento "Aos mártires de Carral: a evidência dum sistema paralisado[512]

O cerco ao sistema era umha constante crescente. Mesmo umha excessiva prática do idioma podia significar nalgumhas mentes mostras de desmedido separatismo. E, se já essa prática estava cercada, era ainda aguçada se o que se aventurava era o mínimo indício de lusismo, em qualquer ordem ou seção daquele. O assédio continuava desde as fileiras do polissistema espanhol, instituições incluídas. Se há um caso que reflete paradigmaticamente esta questão, é o do monumento que, há anos, querem os regionalistas levantar em honra dos denominados «Mártires de Carral», um dos atos de afirmação regionalista mais importantes do momento. Quase seis anos decorreram entre a maturação do projeto e a ereção do monumento, mais modesto na prática que na conceção. O caso: no mesmo número em que era noticiada a confraternidade dos regionalistas com Leite de Vasconcelos, e publicado o poema deste, Xan do Pobo[513] informa na página terceira que a "Academia de San Fernando", instituição dedicada à estética artística, considera "oportuno" "inmortalizar los

---

510 *Revista Gallega*, número 304, de 13 de janeiro dde 1901 e ss.

511 Com o seu mimetismo habitual, o artigo é reproduzido por *El Eco de Galicia* de Buenos Aires no seu número 383.

512 Nota de revisão: no volume *Portugal para quê? Seis marcos no relacionamento galego-português* (Santiago de Compostela, Andavira, 2019) publiquei este capítulo referido à polémica da inscrição no monumento com alguns aditamentos sobre a história dele que aqui, sendo que acompanho o elaborado na minha tese de doutoramento em que interessava a polémica quanto ao relacionamento galego-português, não incluo.

513 Número 390 de 8 de setembro de 1902

nombres de Solís y sus compañeros de desgracia", e indica que "la inscripción «de no redactarse en castellano, se haga en el dialecto provincial más correcto sin mezcla de portugués»", graciosa concessão. E é que, no mesmo seio do regionalismo, era discutida, e vivamente, a escolha de *aos* e liber*tade*, impugnados como imperdoáveis lusismos[514].

Xan do Pobo (Tettamancy Gastón) responde que "nos permitiremos argüirle" a "corporación tan respetable" "que la inscrición está escrita en idioma gallego", e aproveita para emitir a interpretação regionalista habitual da *Revista Gallega*:

> "como que el portugués es hijo legítimo de este último; aunque andando los tiempos, y con ellos la bienhechora ley del progresso, el portugués buscáse su perfeccionamiento; y el gallego, quedáse relegado al uso puramente familiar; gracias á la indolencia de sus mismos naturales, que muchos, se denigran hasta en conservar la lengua melosa, que para mejor expresar sus sentimientos escogían aquellos reyes castellanos que, en los gloriosos días de su reinado, habían hecho tan feliz á su pueblo"[515],

o que parece aberto contraste com os tempos borbónicos que viviam.

Mas a réplica à instituição espanhola ia provocar umha nova polémica no seio do regionalismo galego.

Mais de dous anos depois inicia-se nas páginas da *Revista Gallega* umha terceira polémica linguística, que tem como centro concreto precisamente o texto da inscrição do monumento aos Mártires de Carral que fora definitivamente levantado em 22 de maio de 1904.

Com o título "Del idioma gallego", os leitores do primeiro número de 1905[516] da *Revista Gallega* encontram na primeira página a extensa réplica que dá *Fuco de Sergude* a umha *consulta*, como ele escreve, que lhe fizera Julio

---

514 Nesta ocasião, triunfou a linha *lusista* e alá ficou no monumento "Aos Mártires da libertade". E ainda bem que não havia na legenda palatais fricativas que representar graficamente. Talvez poucos visitantes do monumento saibam que o que olham como a mostra dum estado de codificação da língua ainda não mui evoluído (*libertade*) foi a máxima expressão de lusismo público que se conheceu na época e que provocou umha longa polémica. Um nome tão autorizado como Rodrigues Lapa valoriza assim a atitude dos corunheses a respeito desta polémica: "Infelizmente, os corunheses da «Cova Céltica» não levaram a melhor a sua campanha de aperfeiçoamento da língua, cingida ao português, como se verificou na erecção, em 1906, do monumento aos mortos da revolução de 1846. A legenda em galego, *Aos mártires da libertade* foi tida como português por ignorantes e fanáticos" (Rodrigues Lapa, 1983: 322). O saudoso professor não tem em conta precisamente a evidência do que afirma: que, naquele contexto, a inscrição estava para muitos *em* português, tal era o estado do sistema regionalista, e que a "campanha" dos corunheses enfrentava o problema fundamental de ter que optar por umha rutura que, pode deduzir-se facilmente, estimarom estrategicamente negativa.

515 Vai entrar assim Francisco Tettamancy em controvérsia sistémica, talvez sem o esperar; não vão ser vozes do polissistema espanhol mas, em princípio, do próprio sistema regionalista as que combatam imediatamente as suas opiniões. Tettamancy seguia, como se pode verificar, a linha corunhesa ortodoxa.

516 Número 512 de 7 de janeiro.

Dávila[517], do grupo de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires. O que *Fuco de Sergude* (enfim, Tettamancy Gastón) entendera ser umha *consulta* particular a respeito do texto da inscrição, fora publicada em *El Eco de Galicia* no número correspondente a 30 de outubro de 1904, comentada polo próprio Dávila, não conforme com as apreciações do escritor corunhês. Afirma agora Tettamancy que ele não quisera na altura contestar, mas sim o fizera um vogal da *Liga Gallega na Cruña*, Marcial Miguel de la Iglesia, nos números 2, 7 e 8 de dezembro desse mesmo ano de 1904 em *La Idea Moderna*[518]. Após ouvir *Fuco de Sergude* carta e saberes do seu correligionário, prossegue contando que no dia 10 desse mesmo mês, saíra ainda outro texto de Bernardo Rodríguez em *El Eco*, em que este defendia as ideias de Julio Dávila.

A polémica, mascarada em subtilezas linguísticas, coloca mais umha vez o problema da direção a tomar na codificação linguística; o que, como sabemos, significa falar *do português.* Que cousa impugnava o grupo bonaerense? Pois, em resumo, considerava no texto "*Aos mártires da libertade mortos o 26 de abril de 1846. Liga Gallega n'a Cruña", aos* e *libertade* como um arcaísmo e um lusismo respetivamente; e em relação a *mortos*, entendia que não expressava (filológica, que não ideologicamente) a causa da morte, e que devia ser substituído por *afusilados*.

Assim conclui *Fuco de Sergude* ("por la copia *Xan do Pobo*"):

> "Aquí no mendigamos arcaísmos. Sr. Rodríguez: los que unas veces pecan de *oistas* y otras de *aoistas* supone que varían de consejo, como buenos *sábios*. Los que utilizan la última forma, indican que van evolucionando, que se civilizan, que cultivan la lengua gallega inficcionándose de lusitanismos, por ser los más humanos, teniendo

---

[517] Como vimos repetindo, a polémica, que por clareza expositiva estamos expondo aqui por fases, para entender como o código era na realidade umha expressão do tipo de sistema que se desejava e das transferências e ubicações sistémicas que eram postuladas, nunca cessou. O número 430 de 30 de setembro de 1903, inseria um artigo de Dávila, "El porvenir del lenguaje gallego", ocupando as suas duas primeiras páginas e parte da terceira. O motivo era o facto de este, no seu citado trabalho sobre o gentílico de Ortigueira, comentar que o galego estava próximo de desaparecer, e que apenas sobreviveria como língua literária. A apreciação mereceu a contestação de Aurelio Ribalta, quem replica que, se morresse a língua era o povo quem desaparecia. Dávila aqui tenta mostrar outros elementos constitutivos da Galiza e diz que se esta fosse anexada (e não por acaso indica como *anexador* Portugal), continuaria a ser a Galiza. Mas o de maior interesse para nós é o seu comentário a respeito do necessário estudo das fontes do idioma (que, citando *El Idioma gallego*. *Su antigüedad y vida*, de de la Iglesia, situa no século VI), para "recuperar el gallego verdadero libre de lusitanismos".
O recurso à Antonio de la Iglesia é mais próprio de malabarismo argumental que de adequação à linha de quem fora secretário dos Jogos Florais de 1861; no seu livro afirma o galego ser falado "con ligeras variantes por más de once millones de personas"; e, no tomo III da obra citada, (de 1886, p. 256) diz: "Aún hoy se habla el idioma galaico no sólo en el país ya mermado de las dos Galicias Lucense y Bracarense sinó en parte de sus dominios que abrazaron á la inmortal Numancia (...) Háblalo por precisión Portugal que es raza, sangre y reconquista nuestra y con él sus extendidas posesiones de África, Asia y Oceanía y ese vasto y riquísimo imperio del Brasil en la meridional América". A citação pode também encontrar-se em Vázquez Cuesta, *Trabe de Ouro*, 6, 193. Enfim, recorria Dávila ao amigo de Teófilo Braga, umha das primeiras *auctoritas* galaicas do reintegracionismo.

[518] Números que não pudemos consultar.

> en cuenta que el lenguaje gallego es el lenguaje portugués; y que éste se formó, y se civilizó, desde que Portugal ha formado su nacionalidad.
>
> Y de aquí vengo á deducir, mejor diré, a reafirmarme en mis opiniones expuestas en otra ocasión, de que por aquella parte de Sur América «carécese de elementos para averiguar ciertas particularidades respecto al origen de la lengua gallega» que desde que comenzó á sufrir en el siglo XVI la influencia de la castellana, se barbarizó, créame usted, Sr. Rodríguez, ó como suele decir un amigo mío, se *esmendrelló*; y «es necesario retrotraerla y al mismo tiempo civilizarla"[519].

Na semana seguinte, outra vez na primeira página da publicação, aparece a transcrição dumha carta que Marcial Miguel de la Iglesia envia a Xan do Pobo. Na introdução, este salienta os artigos de A. de la Iglesia em *La Idea Moderna*, e aproveita para combater o *decadentismo* que começava a assomar nas publicações do momento, combate em que, como sabemos, Tettamancy estava particularmente empenhado:

> "Leí los artículos del amigo de la Iglesia publicados en *La Idea Moderna*, de Lugo, y como «lo que se ve no se esconde», observé en ellos mucho que [sic] enseña en estos tiempos decadentistas de la *esgrima* del *automóvil*, de la *timba* y de la literatura insulsa que a menudo nos endilga estos periódicos de alta y baja información."

De resto, a carta de Marcial Miguel de la Iglesia nada acrescenta à polémica, a não ser a invocação que faz de Martelo Paumán, ao comentar " el funestísimo estrago que así en gallego como en castellano están causando esos *afillados do demo*", "ávidos de notoriedad y fama".

A polémica não estaca. No mês seguinte[520], Eugenio Carré publica umha carta aberta dirigida a Julio Dávila com o título de "Del idioma gallego". Carré atua aqui com evidente prudência. Teme que a polémica não traga outros resultados que o enfrentamento pessoal. A sua réplica apenas se refere ao caso de *ao*, e, como dado ilustrativo, nunca fundamenta a sua argumentação no português. A discussão é levada para a *auctoritas* galega na matéria, centrada no uso que Curros Enríquez faz de *ó* ou *ao*, que, segundo Carré, é o recentemente preferido polo autor de *Aires da miña terra*; demais, Carré justifica a razão de converter em *ao*s todos os *ós* que apareciam na coletânea de poemas que acrescentara na sua *Literatura Gallega en el siglo XIX* procedentes do grupo sul-americano.

Talvez no instante em que Carré redigia estas linhas, começasse a escrever Aldrey o conjunto de artigos que, sob o título de "Barbarismos de la inscripción *Aos mártires da libertade mortos o 26 de abril de 1846. Liga Gallega. Na*

---

519 Por estas datas, outro Rodríguez, agora M. Rodríguez y Rodríguez, publicava o seu livro *Origen filológico del romance castellano*, em que impuganava a forma aos como "lusismo intolerable" (p.321)

520 *Revista Gallega*, número 518 de 18 de fevereiro de 1901.

Cruña"[521], vai publicar a partir dos finais de fevereiro em *El Eco de Galicia*[522] bonaerense. O futuro académico, Cayetano A. Aldrey[523] impugna a forma *aos* e *libertade* por espúrias e contaminadas de lusismo. Para o segundo caso indica que a forma correta é *libertá*, procedente do castelhano, onde também é aguda, e que, para a formação do plural deve acrescentar-se *-des* e não utilizar o "vulgarísimo" *-libertás*:

> "No sé si esto satisfará los deseos de los retrógrados; pero estoy casi seguro de que los gallegos amantes de la corrección de su lengua preferirán decir y escribir *libertá* y aún *libertad*, al arcaísmo y lusitanismo *libertade*.[...]
>
> *Aos* y *libertade* no son palabras gallegas; y, por tanto, su presencia en un monumento histórico es un ataque permanente á la pureza de nuestro lenguaje regional."

O motivo do escrito, obviamente, é sair em apoio de Dávila e Rodríguez, não isento dumha certa desconsideração para com de la Iglesia e Tettamancy:

> "Ahora comprendo cuán fundados eran los motivos que tenían los Sres. Rodríguez y Dávila para desconfiar de la corrección de semejante letrero; y ahora me explico también la impotencia de los Sres. Iglesia y Tettamancy para desvanecer y desarraigar las dudas y argumentos de aquellos señores. ¿Qué habrán dicho, entonces, con sus cinco ó seis artículos el Sr. Director de colegio en *La Idea Moderna*, de Lugo, y el Sr. Xan do Pobo en la *Revista gallega*, de la Coruña?. Este será el tema de la próxima publicación".

E com efeito, há mais entregas do texto de Aldrey. Em concreto, no número 485, de 10 de abril de 1905, Aldrey vai tornar sobre a teoria da acentuação que *Ignarus* (Bernardo Rodríguez) expusera meses atrás, em 10 de dezembro de 1904: "lo que muchísimas personas no recuerdan o ignoran competamente son otras observaciones de Bernardo Rodríguez, y el conato de réplica que el

---

[521] Com o título *Barbarismos de la inscripción del monumento a los mártires de Carral*, publicaram Aldrey, Dávila e Bernardo Rodríguez na editora Coni Hermanos, de Buenos Aires, os seus trabalhos contra as formas utilizadas na inscrição, em 1907, o que prova tanto a importância concedida ao tema linguístico como a simbologia que o monumento alcançara. No número 130 de 22 de setembro de 1907, ainda publicará umha "Carta Abierta" Rodríguez López dirigida a Julio Dávila, em que mostra a sua concordância com as teses de Aldrey, que "há dejado muy mal parados á los coruñeses autores de la célebre inscripción". Argumenta que na costa e "sobre todo en la provincia de Coruña, el dialecto gallego no es tan puro, ni tan perfecto [sublinhado do autor], como en el interior", e que escrevam textos que "no están escritos ni en castellano ni en gallego". "Porque el dialecto gallego", acrescenta, "para los hoy existentes no es el que ha sido, sino el que es".

[522] Desde o número 481, de 28 de fevereiro de 1905.

[523] Apesar destas polémicas, os representantes do *enclave* argentino como membros da Academia, vão conviver com os Murguía, Carré, Vaamonde ou Lugris na instituição, o que dá conta de até onde chegou a vontade de pluralidade e alargamento; o que, se bem lhe concedia maior legitimidade, paralisaria os seus projetos mais audaciosos. Aldrey com as ideias que a seguir se relacionam era o *linguista oficial* do *enclave*. Com ele fizeram parte da Academia: Ramona de la Peña Castro López, Manuel Castro López, e, como diz a primeira página do número 506 de *El Eco de Galicia* bonaerense do 10 de novembro de 1905, "el eminente filólogo D. Cayetano A. Aldrey", e o "distinguido literato D. Adolfo Rey Ruibal"; de nengum temos notícia que escrevessem livros, capítulos, artigos ou produções completas em galego.

Sr. *Xan do Pobo*, idéntico al señor D. Francisco Tettamancy, le dió en la *Revista Gallega*,correspondiente al 7 de enero próximo pasado".

Para Aldrey, Rodríguez é o "autor de la teoría más avanzada y la aplicación de los acentos en gallego". E, referindo-se aos argumentos de Tettamancy, impugna-os como lusismos fora de lugar.

E a polémica continua. Em 27 de maio, é o turno de *Cidrán de Lemus*, que escreve desde a cidade do Cabe. O texto de *Cidrán* está já carregado de forte agressividade:

> "En tierra de ciegos, el tuerto es rey y así nuestro perínclito don Cayetano y algún corifeo que por Galicia le salió, en su afán de lucirse ante los gallegos residentes en la Argentina, se entretienen en tomar el polo á los que allá los tienen por oráculos,y sólo prueban á los de aquí hasta que punto pueden llegar la desaprensión y el desconocimiento de ciertas cosas. ¡Así conocen el gallego como el castellano!».

De resto, e mais umha vez, omite-se qualquer referência ao português, e utiliza-se a autoridade de Saco y Arce, com quem Aldrey argumentara, e Sarmiento para sustentar *ao* versus *ó*.

Ainda no número 533, Marcial M. de la Iglesia escreve para felicitar *Cidrán* e reafirmar os postulados que defendera em *La Idea Moderna*.

Algumha conclusão podemos tirar desta polémica que, reiteramos, é já a prévia à constituição da Academia. Para já que o caso *aos* (por *libertade* dão neste momento menos batalha os corunheses) vai converter-se em símbolo e eixo da disputa das correntes enfrentadas; e essas correntes são, *grosso modo*, as que defendem umha maior ou menor (e mesmo nula) aproximação do português, o que, como sabemos, é um debate sobre a orientação a tomar polo sistema também em termos literários.

Em segundo lugar, é oportuno indicar que, tendo em conta a fundação de Academia com diferentes grupos, parece existir um pacto tácito entre eles, no qual o grupo corunhês renunciará por exemplo a *g* e *j* como representações no código. Parece haver sempre umha tentativa de conciliação para impedir que a fundação da Academia não se leve a cabo, ou nasça irremediavelmente pejada desde o início, como, aliás, vai acontecer.

Seja como for, mas nesta linha conciliatória, a *Revista Gallega* vai fixar a sua posição meses mais tarde com um artigo que, com o título "Nuestro idioma"[524] assina G. S. R (Galo Salinas Rodríguez). Nele indica-se como prioritário a unificação de "el lenguaje literario":

> "Vasto es el campo de operaciones en que habrán de resolverse las huestes de la incipiente *Academia*; vasto y complejo, por lo que locura fuera intentar sus irrupciones por distintos flancos a la vez.

[524] Número 561 de 7 de outubro de 1905.

> [...] la primera cosa que debe acometer y solucionar la *Academia* es la unificación de nuestro lenguaje; se entiende del lenguaje literario, del lenguaje culto, que el otro, el vulgar, no podrá nunca conseguirse".

Parece que outros futuros membros da instituição queriam conferir outro caráter a esta, no sentido em que anos mais tarde orientará o Seminário de Estudos Galegos a sua atividade. Para Galo Salinas, não é o momento, e deve obrar-se no trabalho linguístico, com preferência sobre "excursiones arqueológicas, celebración de certámenes literarios y musicales, museos y exposiciones, etc., etc."

Para conseguir esses objetivos de unificação linguística renova-se a contínua aspiração galeguista; a de formar umha comissão de recolha de dados para a elaboração dum dicionário e dumha gramática.

Critica depois os Zoilos e Aristarcos que prejulgam os autores polas ideias que sustentam "siendo así que si hubiesen leído los libros de algunos que reputan como clásicos, prescindiendo de la inspiración, observarían que habían caído en idénticos defectos que los que prejuzgan, introduciendo en sus versos y en sus prosas arcaísmos, castellanismos y neologismos á granel".

Como se vê, elude-se qualquer referência ao português, sendo significativo que não se mencione o *lusitanismo* entre os "defectos" da linguagem dos escritores. Demais, Galo Salinas conclui com umha afervorada saudação a Curros Enríquez, cânone literário indiscutido da época, e *factotum* do projeto académico[525].

V.10. A presença de escritores portugueses: entre a importação e a transferência

V.10.1. A caminho dumha mui relativa normalidade sistémica

A transferência efetuada desde o polissistema português por parte de determinados setores do sistema regionalista, conhece, como pensamos deixar esclarecido, duas fases: a primeira é a protagonizada polas figuras mais importantes dos estudos históricos, linguísticos e literários do país vizinho, cuja etapa fundamental vai esmorecendo nos meados da década de noventa. O sistema regionalista importava então não os elementos centrais da produção literária portuguesa, mas os principais agentes *institucionais*, situados, em parte, na periferia do polissistema literário português, como é habitual numha vida literária normalizada.

---

[525] O relacionamento de Curros Enríquez com o grupo da Corunha, que mesmo promovera umha homenagem à sua pessoa em 1904, fora sempre excelente (Cfr. Máiz, 1984: 203, por exemplo),

V.10.2. A presença do mundo medieval

Sinal de incipiente normalização para a galega é também o facto de que, a partir do surto da *Revista Gallega*, a transferência vise já autores literários (embora não tanto textos), e que a transferência antes referida, sem de maneira nengumha desaparecer, se situar nas revistas científicas, como antes o fazia nas literárias. Assim vai ser no futuro *Boletín de la Real Academia Gallega*, e, antes, desde 1898 em concreto, no *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos históricos y artísticos de Orense*, primeira publicação no século XX destas caraterísticas.

Através das páginas desta última publicação, podemos ir verificando como a investigação portuguesa vai nutrindo os fundos da Comissão; fundos que, anos mais tarde, vão servir a Vicente Risco, Florentino Cuevillas e Ramón Otero entre outros, para fortalecer vocações de pesquisa histórica e etnográfica e aprofundar no conhecimento do mundo português. Já no número 2 do recém criado boletim, normalmente bimensal, informam das publicações recebidas, em que aparecem, indicando o sumário, a *Revista crítica de Historia y literatura española, portuguesa é hispano-americana, O Archeólogo Portugués* e a *Revista de Guimarães*. No número cinco chega à revista o livro *Novas inscripções romanas*, de Bara de Albano Belino.

Cedo começam as notícias de aquisições bibliográficas, sempre na esfera do âmbito particular dos estudos científicos. Já nos finais de 1901[526] informam da compra da *História de Portugal* de Alexandre Herculano e do *Elucidário de palavras* de Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo. As compras continuam, e com elas, as doações particulares. O número 34, correspondente aos meses de setembro e outubro de 1903, anuncia a oferta do vogal D. Benito Fernández Alonso à Biblioteca do *Novo diccionario da lingua portuguesa*, publicado em Lisboa em 1817, no mesmo número em que *Portugália* é qualificada de excelente publicação, merecendo comentário singularizado. A primeira doação dum autor português de que temos notícia é o de J. Fortes, *Restos duma villa lusitano-romana*, editado na Póvoa de Varzim no ano do envio, 1905[527].

A apropriação de elementos de referência mítica ou fundacional da história portuguesa podia chegar a extremos talvez surpreendentes, mas perfeitamente *atuantes* na época; contribuíam para que assim fosse duas circunstâncias: o geral desconhecimento que produtores, e especialmente leitores, tinham do passado galego e português, e o próprio discurso galeguista (e também da historiografia portuguesa), que, ao criar um imaginário em que a Galiza e Portugal caminharam juntas até polo menos a época dos Reis Católicos, e fazer da

[526] Número 23 de dezembro de 1901.
[527] Informa-se no número 45 de julho e agosto de 1905.

primeira origem da segunda, permitia certas assunções de factos históricos de maneira absolutamente normalizada.

Não deve estranhar então que, como vimos, José Pérez, no artigo em que cantava as excelências da Galiza tomando como pretexto o trato que os emigrantes galegos recebiam em Lisboa, *capte* Viriato para glória pátria galega: "aunque Portugal afirme ser la patria de aquel célebre guerrero, hay historiadores que reclaman esa gloria para Galicia, y creemos que con bastante fundamento"[528].

Também não deve resultar mui surpreendente que no número 238, de 1 de julho de 1898 de *El Eco de Galicia*, apareça na página quatro este curioso título assinado por Xan de Masma[529]. "Martín Muñiz. Tadición gallega".

Com precisão conta *Xan de* Masma que "era un día hermoso del mes de Junio de 951", quando o "ejército cristiano estaba acampado ante los muros de Lisboa". E dá passo à glória galega:

> "Capitán era [...] Martín Muñiz, hermano de Payo muñiz, hidalgo de Orense" quem consegue expugnar a fortaleza árabe. A fonte, ele cita-a, é Manuel Faria, o historiador portugués de Seiscentos, o que prova mais umha vez que os escritores galegos estavam à par da produção historiográfica de Além-Minho.

Mas eram outros os mitos particularmente caros à recuperação regionalista. Caso particularmente singular foi o de Inês de Castro, de quem já vimos alguns exemplos. Citemos mais algum.

No número 398 de 10 de novembro de 1902, também em *El Eco* de Buenos Aires, publica Fernández Merino o seu "Inés de Castro" que dedica a "el autor de la «Biblioteca de mujeres célebres de Galicia», D. Manuel Casás Fernández", quem no seu trabalho recolhia o nome de Inês. "Dios che teña aló na groria, mártir santa e fel gallega! "Portuguesa por meu home, de Galiza por meu xenio", autodefine-se nela a infeliz galega. Indiquemos que é a primeira vez que encontramos a forma *Galiza* num escrito galego "renascente", já levado talvez polo ambiente que descreve[530].

---

528 *El Eco de Galicia*, número 396 do 12 de janeiro de 1890

529 Este autor quijo sempre aparecer com este pseudónimo, e ocultar a sua identidade. Carré foi fiel à promessa de silêncio sobre o autor de *A besta* (1911). Trata-se de Patricio Valentín Sisto Delgado Luaces, emigrado a Buenos Aires e colaborador de *El Eco de Galicia* e *Follas Novas*. (Alonso, 1977:132 a 134).

530 Reiteramos que nos referimos sempre ao corpus consultado.Costuma afirmar-se em diversos meios o uso moderno de *Galiza* no número 105, de 15 de outubro de 1886, de *O Galiciano* (eu não pudem consultar este número). Registrei o uso de *Galiza* no número 78, de agosto desse mesmo ano 1886, no *Crónica de Pontevedra*, como título dum poema "A Galiza", sob o "Lema" "¡Miña térra, miña térra! Coma ti nunca...", núm. 59 da listagem oferecida polo periódico dos textos apresentados ao concurso literário d'*O Galiciano* naquele ano. Mais para a frente, aparece num poema assinado por José Mª Moar, "¡O San Lázaro!", "composición nomeada antr'as que espricaron o tema «Poesía descriptiva de unha romaaría galega n'o certame de Pontevedra conmemorativo d'o centenario d'o Quijote"no número 188, de 23 de agosto de 1905 do *Gaceta*

O tema de Inês de Castro era um motivo caro a vários escritores; particularmente a Amor Meilán, que já em 1889 se lamentava em *El Álbum Literario*[531]:

> "Pródigos en glorias, los gallegos las tienen en el olvido [...].
>
> Sin embargo de esto, el nombre de *doña Inés de Castro* vivirá eternamente en la memoria de todos los buenos hijos de este fértil suelo, hermano del portugués en idioma, en costumbres, en infortunios, en glorias... (...) Y la ilustre reina de Portugal es una de las glorias más puras de Galicia y para cuya memoria hay siempre guardado un rincón en todos los corazones portugueses y gallegos[532]".

Embora com mínima referência (porque a sua presença não é mui abundante) é preciso fazer aqui menção à vulgarização na Galiza dos escritores medievais. Repare-se que, embora alguns eruditos galegos conhecessem já desde havia anos a existência de muitos poetas medievos, via portuguesa, a sua produção começa agora a tornar-se minimamente conhecida, mais ainda a partir da edição do *Cancioneiro da Ajuda* da autoria de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1904); mesmo era por vezes crença que esses poetas eram exclusivamente portugueses[533].

Ora, a sua vulgarização não sempre se fazia para manifestar o prestígio ou a glória passada da Galiza. Antes polo contrário, fizo-se em algumha ocasião de maneira extraordinariamente inovadora, que uns trinta anos mais tarde vai ter eco com o movimento poético chamado "Neo-trovadorismo": o uso como modelos produtivos dos poetas medievais.

Essa filologização pode estar na base de que os modelos antigos/medievais não servissem para a produção da altura ao entender dos escritores: eram

---

de Galicia. Diario de Santiago. E a *Follas novas*, no número 545 , de 10 de novembro de 1907 reproduz o texto de J. Fernández merino "Inés de Castro".

531 Número 88, 6 de outubro de 1889; o artigo prolonga-se no 89, 13 de outubro do mesmo ano.

532 Diversas personagens medievais portuguesas, ou com a Lusitânia relacionadas, forom também objeto de apropriação: um caso singular revela-o a publicação *La Temporada en Mondariz*, a respeito da chamada Rainha Santa, tema recorrente até aos anos vinte no semanário. A referência à Rainha produz-se em virtude do seu passo por Troncoso, sede do estabelecimento balnear, cuja propaganda é um dos motivos das colaborações sobre a Rainha. Nelas defende-se, como a que nos serve de base, do número 6 de julho de 1904 (que se diz motivada polas comemorações portuguesas, agora desta personagem) ser comum na Galiza e Portugal denominar assim a infanta Isabel de Aragão, e afirmar que casou com "D. Dionisio I de Portugal" em Troncoso. A explicação da eleição do lugar explica-se bem pola piedade da Rainha, em peregrinação a Compostela, onde umha rua assim denominada lhe é atribuída, bem pola bondade que para as suas doenças teriam as águas que brotariam na zona.

533 Para todas estas questões, vid. a documentada pesquisa de Teresa López sobre o Neotrovadorismo na Galiza (1993). De resto, é curioso verificar como algum poeta medieval que com o tempo vai fazer-se célebre por algumha composição, na época é referido e tratado apenas como militar conquistador. Referimo-nos a Paio Gomes Charinho, que aparece no número 107 da *Revista Gallega* (de 14 de março de 1897) e em *El Eco de Galicia*, de Buenos Aires, (número 265) da autoria de Justo E. Areal. Dedicou também artigos à vulgarização Amor Meilán, por exemplo o publicado no mesmo ano em *El Eco de Galicia* de la Havana, no número 819. É mais umha evidência do estado do anfissistema em relação ao mundo medieval e ao pouco valor dado àquelas composições se consideradas como produtos estético-literários. Vaamonde é, mais umha vez, exceção.

antigos, e a língua era antiga... máxime se a influência espanhola era tão grande e a riqueza expressiva, própria da literatura, estava mui limitada, ou ao que os camponeses diziam ou ao que os textos antigos/medievais expressavam...

Como já se pode inferir com facilidade, essa proposta apenas podia vir das tentativas renovadoras da *Revista gallega*, neste caso da mão de F.V. (Florencio Vaamonde, sem dúvida)[534].

É significativo já o rótulo de apresentação: "Poetas antigos de Galicia". Com clareza, inserem-se os medievais na tradição da produção literária galega. Não é nada comum esta caraterização, porque os medievais, ou eram utilizados como símbolos, ou então eram (como hoje ainda o são em grande medida) *pasto filológico*, de estudo linguístico, e não literário; e, decerto, mui longe de serem modelos produtivos. Vaamonde aproveitava para defender as ideias que já sustentara um ano antes na polémica referida:

> "É verdadeiramente asombroso que hoje se diga que o gallego variou tanto do da idade media, que è mui outro do que aquél, e d'aquí ven o que nosos prosadores e poetas anden quentando os miolos para escribir cada un ao seu modo, inventando termos e locuciós con tanto amor propio que só cuidan perfeita a propia obra e defectuosa a dos mais.
>
> Semellante erro proven da falta do estudo dos poetas dos *Cancioneiros* da Vaticana e de Ajuda e das *Cántigas* de Afonso o Sabio, onde se atopa un gallego puro usado por ilustres vates. As producciós d'estes, enténdense no día perfeitamente, son modelos de linguage e de poesía, que recomendamos aos nosos literatos, e para proba d'elo encetamos esta seición c´unha cántiga de Pero Meogo[535], á que seguirán outras doutros trovadores en números sucesivos".

Sempre, continuadamente, as tentativas de modificação do sistema literário regionalista, que tanto em verso como em prosa, estava a atuar superficial e epigonalmente a respeito de modelos anteriores como os de Rosalia e Curros, onde não faltava Lamas Carvajal, aquele poeta da preferência de E. Pardo Bazán.

Mas, o conhecimento dos trovadores medievais era também motivo de usos diferentes. É o caso que vamos encontrar na *Coruña Moderna*, de cuja orientação algumha prova vimos[536]. Com motivo da publicação do texto de Manuel Murguía, o "opúsculo" *Los Trovadores Gallegos*, o historiador ocupa a primeira página do semanário. O texto que a seguir transcrevemos, da autoria de *Fuco de Tabeayo* (Francisco Tettamancy[537]), toma duas direções: a de recu-

---

534 Número 107 de 4 de julho de 1897.

535 "Levouse a velida," é a selecionada.

536 Esta interessante publicação mantinha, porém, entre as suas páginas a colaboração de alguns escritores regionalistas (Pondal, Tettamancy, Ribalta,...) apesar dum certo pendor *polissistémico espanhol.*

537 Vários elementos presentes na própria revista fazem que podamos identificar o pseudónimo; Fuco de Tabeayo coincide com as iniciais de Francisco Tettamancy, ativo colaborador da revista (onde, ademais, a presença dos outros membros significados do grupo corunhês é mais

perar para a Galiza a glória medieval que a respeito dos trovadores medievais podia ficar reservada apenas para Portugal (o que motiva umha referência entre crítica e exculpatória aos portugueses[538]) e, ao mesmo tempo e como consequência, reivindicar mais umha vez a Tradição literária galega, a que talvez muitos leitores da revista não prestassem demasiada atenção; quiçá mesmo polo caráter desses recetores (ou porque nisso acreditava o mais conservador dos regionalistas corunheses), Tettamancy situa as suas palavras no quadro espanhol[539]:

> " [...] ella nos demuestra los adelantos de cultura de la lengua gallega en la época medieval, lengua ya formada entonces con toda su dulzura y armonía; (bondades que hoy escasamente se ven por mucho que los tiempos progresen)"
>
> [...] sus cultivadores [...] abrieran la era de la poesía romana en España [...]
>
> "El códice de los *Cancioneros galecio-portugueses* que se conserva en la Vaticana y que por coincidencias inconcebibles allí existe, como existen en manos extrañas otros monumentos de nuestra exclusiva propiedad que acusan la negligencia del caráter español, ha venido á traernos, hace ya tiempo, el descubrimiento de ese hecho tan importante para nuestra poesía, y con él, la que pudiéramos llamar mala fe ó equivocacion de los editores que lo han impreso, atribuyéndolo genuinamente portugués, cuando en el cual códice, denúnciase de un modo inconcuso que en él abundan producciones de trovadores gallegos, cuya patria no puede negarse"[540].

V.10.3. A apropriação de Camões

Reservamos para este capítulo alguns comentários a respeito do tratamento da figura e obra de Camões nas publicações galegas, na sequência dos já realizados ao longo do presente trabalho. Umha das vias para a apropriação de Camões, que Murguía enunciava no seu discurso de 1891, foi a de pretender demonstrar a sua origem galega. Recorria-se de novo à investigação histórica

---

escassa); no número 62 aparece umha tradução do "Libro dos Cantares" de Heine, de cuja obra Tettamancy, como já vimos, foi tradutor de alguns passos. No número 78 Gorecho do Miño dedica a Fuco de Tabeayo um poema em que, a falar da crítica de livros, fala o tal Fuco: "¿Que fas unha enredada ben en prosa ou en verso e falas da terriña? [...]" E Tettamancy dera à luz recentemente o seu livro *Enredadas*...

538 Este tipo de denúncias vinha já de anos atrás. Um dos regionalistas mais dedicados ao estudo dos poetas medievais, Amor Meilán, já criticava em *El Regional* o que considerava exclusivismo de Teófilo Braga a esse respeito (Rodríguez Valcárcel, 1993: 103 ss.).

539 *Coruña moderna*, número 12, de 21 de maio de 1905. Assina *Fuco de Tabeayo.*

540 Não sendo propriamente umha *presença* portuguesa, é oportuno indicar aqui a vulgarização, mais umha vez, da versão, "íntegra", de "la Cancion del Figueiral (no número 309, de 7 de fevereiro de 1901 da *Revista Gallega*), porque é produto originário das apreciações de Teófilo Braga, e porque à *auctoritas* portuguesa se refere a publicação para a entrada no património do, de resto, inexistente romanceiro galego, do texto referido: "esta canción fué publicada en el siglo XVI por el portugués Fr. Bernardo de Brito en su «Monarquía Lusitana»"; e, depois de várias especulações sobre a data, indicam que Teófilo Braga situa a cantiga no século XIV, aproveitando para referir-se a ele como "acaso el primer literato de Portugal"; o que é revelador do conceito alargado de *literatura* e *literato* na altura, porque nunca na *Revista Gallega* foi citada umha linha da produção literária de Teófilo, e sim muitas da sua produção investigadora.

para fortalecer os laços de união intersistémicos. A ideia não era nova, nem respondia a um *capricho* regionalista galaico e ela já era testemunhada, como vimos, tempo atrás. Assim o vinham afirmando os estudiosos portugueses. Caso diferente é a *ubicação* de tal origem, que se alarga segundo o escritor em questão por toda a geografia da costa galega, desde o Sul até à Fisterra. De resto, a apropriação galega vai também ter como rival a que o situa no âmbito ibérico, ou já diretamente espanhol, nas próprias publicações galegas.

Já em 1888, *Galicia Diplomática*[541] recolhia umha informação do *Boletín oficial del Arzobispado de Santiago*, de "fecha jueves 7 de Junio de 1888", que trazia

> "el siguiente editorial, con el título de **Camoens**, que transcribimos y adicionamos á la *História de Galicia*.
>
> *El siglo futuro* en un artículo de crítica sensata, dice así:
>
> "Cuanto á Camoens era además español por su familia y por su nombre.
>
> «*A familia de Camoens*,» -dice su biógrafo portugués D. José María de Souza Botelho, -*he originaria de Galizia*. O seu solar era ó castello de Camoens, junto do cabo Finisterre, donde deriva ó seu apellido»".

Depois de fazer extensa referência ao esquecimento que a figura de Camões conheceu depois de morto, diz, transcrevendo do mesmo jornal português, e comentando as celebrações cívicas lisboetas:

> "Ahora viene la gloria póstuma.
>
> [...] Consigamos estos datos para honra de nuestro país y ejemplo de las vicisitudes del genio. Si el genio no fuese inmortal, ¿cómo se explicam los misterios de la vida?
>
> Oh [?] R.I.P y un recuerso á *Finisterrae!*"[542]

Em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires[543], em 1898, aparece o artigo "La ilustre familia de los Caamaños" da autoria de Ramón Álvarez de la Brata; este publicista sustém a nacionalidade galega de Cervantes e Camões, ubicando a origem deste na zona de Noia, e denominando-o "inspirado autor del primer poema épico de España, *Los Lusíadas*".

Em 1899, não passa inadvertido para *La Idea Moderna* o trezentos dezanove aniversário da morte de Camões, e em 14 de junho, nº 2564, insere um artigo sobre o autor assinado por Ramiro Blanco, em Madrid, colaborador de *La Concordia*, em cuja Biblioteca publicou *Versos* en 1894. Camões é, na opinião de Blanco, autor de "el mas grandioso poema heróico de la edad moderna", e ele, juntamente com Cervantes, em habitual equiparação, constituem "dos legítimas é inmortales glorias ibéricas". São estas glórias superiores às de qualquer escritor do mundo, como nos diz a seguir num tom épico não isento de algumha reiteração que *afeia* a frase: "al lado de ellas no aparecen ni más

---

[541] Número 34 de 26 de agosto de 1888; Tomo III.

[542] Talvez também a tradução de *A Vida de Camões* de W. Storch publicada nesta altura, e realizada por Carolina Michaëlis, teria contribuído para umha certa atenção à vida de Camões.

[543] Número 233 do 10 de abril de 1898.

grandes ni más excelsas las de cuantos genios humanos han coronado la fama con inmarcesibles coronas de laurel".

Após reiterar elogios aos dous autores, converte-se de novo Camões em *ibero* por *raça*, persistente o paradoxo de o autor da obra recebida sempre como a mais *nacionalista portuguesa* acabar sendo ibérico, que era muitas vezes umha forma de ser espanhol, quando não se declarava assim explicitamente. O argumento agora de Blanco é o de utilizar a porção pátria de Espanha, a Galiza, como meio da apropriação espanhola; de novo, o procedimento de *traduzir* alguns nomes ou palavras-chave (por exemplo nos *Lusíadas* a *isla del amor*, que estamos certos qualquer leitor entenderia no original) reforça a ideia: "Mas si como *iberos* debemos sentir un noble orgullo por contar entre los de nuestra raza á Luís de Camoens, nos será tanbién lícito enorgullecernos por ello como españoles, pues la genealogía del gran épico portugués nos pone de manifiesto que fué oriundo de Galicia", reiterando-se a habitual filiação ao Salnês por via dum tetravô Caamaño, cujo apelido se teria ido alterando até ficar em Camões.

Conta a seguir o episódio da salvação dos *Lusíadas*; na narração, o povo português não sai mui bem reputado, contando-se desde os seus abusos nas Índias até algum assomo de covardia dos seus marinheiros: Após a viagem que fizera para a Índia, "lleno Camoens de amargura (en opinión de algunos biógrafos suyos) al ver el olvido, la indiferencia y hasta el menosprecio con que era tratado en Lisboa (...) y según otros, afligido por desdenes de una dama", chega Camões a Goa. Ali, "la inspiración divina" que ditava a sua obra "no le impidió observar los escandalosos abusos que en la administración de las indias portuguesas se cometían", que, satirizadas nos seus versos, supuseram-lhe perseguição. Tempo depois, apoiado polo "virrey don Constantino de Braganza fué nombrado comisario de las herencias vacantes en Macao". De viagem para Goa ocorreu umha tempestade que, após os esforços da marinhagem, obrigou a abandonar o barco. "Sereno Camoens ante el peligro, vanamente intentó infundir ánimo á los marineros para que probaran el último esfuerzo", e, tudo perdido, conseguiu salvar o prezado manuscrito.

Da obra, por fim, fala Blanco no último quarto do artigo, transcrevendo algumhas oitavas em que o compara com Homero e Virgílio, e aproveitando para concluir dando pancada ao francês Voltaire, ao comentar como "el episodio más hermoso y admirable" o da "*isla del amor*": "a Voltaire le pareció pornográfico, como ahora decimos, este pasaje... ¿Qué calificativos daría el mismo á algunos párrafos de su *Cándido*?"

A ideia era também vulgarizada em publicações com direta audiência portuguesa como *La Temporada em Mondariz*. Em 1904, a publicação insere um artigo, sem assinar, intitulado "Camões e Caamaños", em que se sustém que "cuna de las dos ramas fué el valle del Salnés, y asiste perfecto derecho a

nuestra provincia para incluir este título entre los mejores y más gloriosos de su nobiliario". Era um de tantos escritos com esse fim. O singular do artigo é que se apoia nos dados achegados "en estos últimos tiempos" por "un excelente escritor portugués, Antonio de Campos Junior[544], que cultiva en la novela histórica la tradición de Alejandro Herculano", e que "ha establecido con numerosos datos la exactitud de aquella procedencia, altamente honrosa para nuestra provincia". No artigo sustenta-se a doutrina habitual para o género; que um tetravô do autor dos *Lusíadas* era galego e que, "lo mismo que el célebre vizconde de Andeiro", se recolheu em Portugal, perseguido por defender a causa do Justiceiro castelhano. A isto acrescenta o cronista outros dados, como os oferecidos polo visconde de Juromenha, e o facto de "los envidiosos de su mérito literario, de la intrepidez de su corazón y de sus amorosos triunfos, le daban para motejarle el sobrenombre de *príncipe gallego*". Esta interpretação sobre a origem de Camões, adubada sem dúvida por atributos que pertenceram à de Macias o Namorado (na altura já menos invocado como origem literária galega, a partir do conhecimento dos Cancinoeiros medievais), conheceu enorme fortuna no galeguismo coevo e posterior. O cronista ainda acrescentava mais algum dado para o património galaico, agora desprezando o apropriado, umha vez *possuído* o símbolo máximo de Portugal:

> "Por singular, aunque no nueva rareza, uno de los que habían inventado el apodo era su émulo el poetastro Pedro Caminha, oriundo también de la región pontevedresa y tataranieto, como Camões, de un caballero que con los Caamaños, los Andeiros y varios otros se había naturalizado súbdito portugués para no obedecer ni servir á D. Enrique de Trastamara".

O uso de Camões era estendível a vários objetivos; um deles o de corrigir o complexo de inferioridade e o uso ultrajante que o termo *galego* tinha e ainda tem: "No llevaba Camoes [sic] a mal la referida chanzoneta, ni de las manzanas camuesas (*camoesas* en Galicia y Portugal) en que vinculaban los zumbones de la corte el orígen etimológico de su apellido. Sí lo advierte en sus *Discursos políticos* Severin de Faria". A esta altura o autor do artigo acaba por vincular a origem antroponímica de Camões a um pássaro mitológico, ave "por el estilo de la que en el mismo valle del Salnés entretuvo con su canto durante dos siglos á un monje de Armintera [sic]".

A coerência e solidez dos princípios enunciados por Murguía mantivo-se inalterada. Mesmo num caso em que a situação foi posta no limite, na

---

[544] Com efeito, este oficial do Exército, dramaturgo e romancista mui popular na época, particularmente polas suas peças com motivo do Ultimato e das comemorações da descoberta da Índia, dera a lume em 1901 o seu romance histórico *Luís de Camões*; nova prova aliás de dous fenómenos: a importação galega dos elementos mais secundarizados e tradicionais do polissistema português e do peso enorme que o historicismo do séc. XIX tinha na literatura para determinados elementos de ambos os sistemas.

ofensiva que por meio de ilustres agentes e representantes do polissistema espanhol, Pardo Bazán, Castelar, etc., queria pôr cerco ao sistema, agora verificada na célebre controvérsia que Murguía mantivo com Valera a respeito das literaturas chamadas regionais, e em concreto sobre a literatura galega. O futuro presidente da Academia Gallega perante o facto de que Valera "á la gallega la condena á muerte, desde el momento que entiende que sus destinos son unirse á la portuguesa, ó cuando más dedicarse á los asuntos vulgares, propios de la gente popular", não reage apenas defendendo a produção própria; longe de afastar-se da defesa do sistema interliterário (e da identidade linguística: "la verdadera lengua, gallega o portuguesa, que para el caso es igual..."), replica, procedendo de novo a enfatizar a patrimonialização de Camões: "Es que no se la cree bastante para la expresión de los afectos más levantados? Estraña contradicción. Se nos recuerda que el gallego es el portugués, se dice que en siglo XVI el gallego se estacionó, y se olvidan que en el portugués de la décimo sexta centuria, se escribieron *Os Lusíadas*. En qué quedamos entonces"[545].

Os Lusíadas acaba por ser então património galego; e, repare-se na audácia da patrimonialização, acaba por ser considerado mais galego que português. Usando por umha parte o recurso de que o português é o galego evoluído, a frase de Herculano tantas vezes invocada, e por outra a admiração e tratamento da obra camoniana polos galegos, afirma Carré na sua *Literatura Gallega* em 1911, a propósito de *Os Galaicos* de Florêncio Vaamonde: "Hoy, «Os Lusíadas», por su lenguaje, que es el nuestro de estos tiempos, pertenece más á la literatura gallega que á la portuguesa actual".

Assim resume Carré Aldao a apropriação de Camões; queremos ainda notar a similitude, implícita, que o regionalismo galego vai sempre perfilando entre "Renascimentos": o português quinhentista e o galego do séc. XIX: em língua e literatura; por isso Camões e *Os Lusíadas* são mais galegos que a literatura portuguesa *actual*. Umha afirmação terminante dum polissistema galego-português, que, a força de anacronismo, situa como partes dele o mundo Medieval compartilhado; o mundo Clássico português e o Clássico e Tradicional (determinado conceito de Tradição) galego do séc. XIX; e coloca, embora em diferentes periferias, outros tipos de produção literária galega, e toda a moderna produção literária portuguesa. Este é o sistema que forma a peculiar Importação lusa na conceção polissistémica galego-portuguesa dos regionalistas, como a seguir iremos vendo. O sistema regionalista vai importar para o seu renascimento o renascentista luso por excelência, vai dar igual tratamento regenerador a Garrett, e negligenciar, como consequência,

---

[545] A réplica "A Don Juan Valera" foi inserida em diversas publicações. Aqui tomamo-la de *La Tierra Gallega*, nº 141, de 27 de setembro de 1896, mais umha prova da atenção regionalista das revistas galegas de Ultramar. A resposta a Juan Valera foi também publicada por *El Eco de Galicia* bonaerense no seu número 206.

tudo aquilo que não apareça como Clássico ou Tradicional aos seus olhos no polissistema português.

V.10.3.1. A escassa reprodução textual de Camões

Para a apropriação de Camões, contava-se, como vimos, com a própria *autorização* portuguesa, unida ao pouco que da vida da glória portuguesa se conhecia, e mesmo a alguns aspetos duvidosos da respeito da atribuição de textos ao autor dos *Lusíadas*. No número 91 da mesma revista, em plena divulgação de autores portugueses contemporâneos, como adiante estudamos, é publicado um "soneto gallego atribuído a Luís de Camões", o que começa com o verso "Alá en Monte Rey, en Bal de laça". Talvez os próprios responsáveis da revista não acreditassem muito na tal atribuição, que já aparece, ao lado do "Porque me faz Amor inda acá torto?", na *Terceira Parte das Rimas de Camões* de 1668, porque, contra o o que pudesse parecer, o soneto não vai acompanhado de nengum texto introdutório *apropriador*, deixando então suspensa certificado da autoria, o que, aliás, se estavam convictos de não ser certa, polo menos não os comprometia. O facto é que o segundo soneto não é vulgarizado na revista, talvez porque o considerassem de menor qualidade estética, mas sobretudo porque nele não aparece a referência toponímica, indiciadora de galeguidade, ou por outras razões que desconhecemos. Prova do dito é que, sem datar, o referido soneto aparece em *La Literatura Gallega en el siglo XIX* de Eugenio Carré, na parte dedicada ao "proceso del gallego" (1903:143), como "Anónimo", e indicando entre parênteses que é atribuido a Camões.

Mas a verdade é que, ao lado da profusão com que a figura de Camões é tratada, a reprodução da sua obra, dos seus textos nas revistas galegas, não corre paralelo a tão grande interesse biográfico. As razões são óbvias, dado o caráter do sistema regionalista, mais preocupado, como é notório no caso corunhês, por aproximar Portugal da Galiza (por via do *discurso, introduzindo-os*) que por Importar textos literários. Camões não vai faltar quando algumha publicação queira mostrar umha representação da literatura portuguesa. Adiante o veremos; mas raramente vai aparecer o "texto sem contexto". Mui polo contrário do que vai acontecer na fase nacionalista.

V.10.4. Algumhas introduções de elementos sistémicos portugueses: umha apropriação entre a incapacidade do sistema galeguista e o interesse do polissistema espanhol

V.10.4.1. Curros Enríquez mediador da interferência polissistémica hispano-lusa. Umha oportunidade perdida do sistema regionalista

Mudamos agora momentaneamente de perspetiva, para referir-nos não ao objeto Importado, mas ao papel do mediador. É sob este ponto de vista como melhor podemos compreender a atividade de Curros Enríquez, e a sua ambígua posição e função no sistema regionalista no que diz respeito ao relacionamento luso-galego.

Ao longo destas páginas, tivemos ensejo de anotar a indiscutível posição central de Curros Enríquez no sistema regionalista, posição nunca impugnada desde *dentro* da atividade literária galeguista. Grande conhecedor da produção literária portuguesa contemporânea, era o agente privilegiado para a transferência regionalista do polissistema português, o único intermediário capaz de não ser contestado.

Curros, republicano ativo, desfrutava também de prestígio em certos meios espanhóis. Neste sentido é também um elemento integrado no, e integrante do, polissistema espanhol; na sua produção e, sobretudo, na sua principal tarefa legitimadora, como jornalista de vários meios da capital do Estado. E é desde e para essa *ubicação* que o celanovês vai atuar como mediador interpolissistémico hispano-luso, como veremos; ou, se não, dumha perspetiva *peninsular*; tarefa que, em nengumha ocasião nas revistas estudadas, vai exercer diretamente no sistema regionalista. Mesmo não visando a regeneração do sistema como a escola corunhesa, Curros não estimou preciso ou oportuno, ou então não desejou, proceder a vulgarizar a literatura portuguesa na vida literária galega. Como o fizo no caso *espanhol* podia também tê-lo feito para o caso regionalista. Porque, operando na espanhola, por mais que fosse lida com assiduidade na sua nação natal, era conseguir exatamente o objetivo contrário do que era perseguido polos corunheses: a introdução e a apropriação espanhola dos autores portugueses; a que, sem dúvida, teriam que assistir insatisfeitos os regionalistas galegos que a postulavam para o seu sistema.

Porque, quando umha literatura emergente pugna com um polissistema que entende como referente de oposição, a pugna estabelece-se no âmbito concreto dos domínios de materiais autónomos; se os materiais fossem idênticos, a tal autonomia deixaria de existir. No particular caso da literatura regionalista galega e da espanhola, podem ser transferidos similares elementos dumha literatura-fonte; a maneira de os apropriar é diferente; mas, se para a emergente, a transferência é exercida no seu referente de reintegração

(potencial ou real), qualquer transferência do polissistema português que a literatura espanhola produza, pode constituir umha consequente perda de legitimação no sistema regionalista. E se o mediador da transferência é um autor galego, o mais celebrado nesse sistema, as cousas tornam-se ainda mais difíceis para essa literatura emergente.

Ainda mais apuradamente: fazer, por exemplo, que Guerra Junqueiro *olhe* para o polissistema espanhol, significa que o seu *olhar* sobre o sistema regionalista vai ser aquele que lhe permita integrar o primeiro relacionamento; a não ser que quebre a primeira perspetiva. Não queremos dizer com isto, de maneira algumha, que os dous *olhares* sejam incompatíveis; mas a índole do primeiro determina o segundo. Podem os agentes do polissistema espanhol tentar *espanholizar* ou *iberizar*[546] um autor português; o que vai chocar com as tentativas que podam ter os do sistema regionalista de *o galeguizar*. Casos recentes há deste fenómeno, algum deles especialmente caraterístico. E a não poucas circunstâncias deste tipo vamos assistir na fase nacionalista. Repare-se, a modo de exemplo, nos casos de Unamuno e de Pardo Bazán; ou intua-se na receção de Valle-Inclán em Portugal.

E, se o intermediário para o polissistema espanhol é o considerado maior poeta galego, a situação agrava-se. Curros, postulando e legitimando a transferência do polissistema português para o espanhol, e não o fazendo para o regionalista, estava a *ubicar* o referente luso neste polissistema, num quadro peninsular, aliás, extremadamente delicado, como eram os finais do século XIX. E os autores transferidos são mais dificilmente *recuperáveis* para o sistema regionalista, porque tem de *os arrebatar* à possivel *espanholização* ou *iberização* a que pudessem estar submetidos. Curros nem tão sequer exercitou a fórmula de *a Galiza intermediária entre os dous estados peninsulares* (o que significaria que essa transferência *passasse* pola Galiza): *saltou pola fronteira leste de Portugal*.

---

[546] *Iberizar* fazemo-lo aqui sinónimo, como veremos, dumha tendência dentro do polissistema espanhol consistente em considerar os portugueses parte integrante, se não dele, ao menos dumha literatura peninsular (sistema interliterário peninsular) onde o centro seria sempre espanhol e o polissistema português serviria de complemento. Curros Enríquez refere-se normalmente desde esta perspetiva aos literatos portugueses: ¡Qué labor de filigrana ofrece V. en ellos á la literatura peninsular contemporánea!" comenta a António Feijó o redator de *El Porvenir* sobre os versos daquele; e sobre Guerra Junqueiro, diz, "seguirle es un deber de honor para la juventud ibérica" (Cartas de Curros..., VII, p. 178). Veremos outros exemplos. Por outro lado, digamos que as cartas de Curros a Feijó, a quem não conhecia e com quem é posto em relação, como ele diz, por Guillén de la Cadena, são um perfeito exemplo da atitude espanholista do autor de *Aires de miña terra*, combinada com essa atitude *peninsular* . Veja-se o seguinte trecho, mui ilustrativo da atitude de Curros:

> "Causóme indecible alegria el saber que entre sus mayores hay alguno originario de mi bella Galicia. ¿Pertenece V. por ventura á la familia del Padre Feijóo? En mi país me distinguen con su amistad varios de sus descendientes. Viéndole á V. en el retrato descubro en su fisonomía rasgos de identidad notables con esa familia y aún con el sabio de Casdemiro. De ser esto así, desde ahora reclamo para España el honor de contarle a V. en el número de sus hijos distinguidos". (Cartas, VII: 329)

Talvez essa atitude de Curros confirme ainda mais os interesses *republicanistas* que animavam a atividade do celanovês, para além das suas preferências; mas o que é óbvio é que, na sua ação galeguista, não operou com a mesma decisão a possibilidade de transferir a produção portuguesa para o sistema de que também participava. Curros é, no contexto em que falamos, um agente do polissistema espanhol, filo-ibérico, mas nunca um agente do sistema regionalista. E, sendo assim, a interferência galego-portuguesa perdeu umha das suas maiores e melhores oportunidades[547].

No seu estudo sobre a reação espanhola perante o "Ultimatum" (que é também um valioso contributo à análise do processo) a Professora Vázquez Cuesta fornece-nos diferentes elementos que configuram um escritor mui a par da produção literária portuguesa, ao mesmo tempo que intensamente devotado à sua vulgarização. Vai ser nessa altura, e desde o jornal *El País*, publicação republicano- progressista, que o poeta, redator-chefe, apresenta o mais amplo e atual panorama da literatura portuguesa que na época se conheceu. Em concreto em «El Album de *El País*», que o jornal oferecia aos seus assinantes, e na denominada "pequena galeria de celebridades portuguesas contemporâneas", aparecem treze escritores (citamos por Vázquez Cuesta[548]): Serpa Pinto[549], Magalhães Lima[550] Guerra Junqueiro[551], Antero de Quental[552], Eça de Queirós[553], Teófilo Braga[554], Xavier de Carvalho[555], Camilo Castelo Branco[556] Joaquim Pedro de Oliveira Martins[557] António Feijó[558] Ramalho Ortigão[559] Luís de Magalhães[560] Manuel Duarte de Almeida[561] e Alves da Veiga[562]. Em 3

---

547 Este é um aspeto mui delicado para o sistema e para os que nele participam, muito mais delicado e importante do que aparentemente poderia parecer. Vamos colocar dous exemplos significativos do que dizemos: se, na fase nacionalista, Teixeira de Pascoaes acabasse por ser *espanholizado* ou *iberizado* (no sentido que um Unamuno poderia desejar) a causa nacionalista galega receberia um severíssimo golpe; porque era precisamente na produção e ideologia do português em que sustentava umha parte principal do seu repertório. Na atualidade, o caso do escritor José Saramago é extraordinariamente expressivo, até ao extremo de o autor desta tese encontrar algumha pessoa que pensava ser ele um autor espanhol.

548 Vázquez Cuesta 1975:165.

549 13 de janeiro de 1890.

550 24 de janeiro de 1890.

551 1 de fevereiro de 1890.

552 2 de fevereiro de 1890.

553 3 de fevereiro de 1890.

554 2 de março de 1890.

555 8 de março de 1890.

556 23 de março de 1890.

557 10 de junho de 1890.

558 14 de junho de 1890.

559 15 de junho de 1890.

560 14 de julho de 1890.

561 8 de novembro de 1890.

562 18 de março de 1891.

de junho vai ser publicada umha extensa nota necrológica sobre Camilo, e em 19 de abril um fragmento da *Marcha do Ódio* de Junqueiro. E ainda em 13 de março a 22 de maio aparece nessas páginas a tradução de *O Monge de Cister* de Herculano, por Salustiano Rodríguez Bermejo.

A razão e circunstâncias da escolha explica-as a Professora Pilar Vázquez Cuesta, que atribui, mui convincentemente, "se não todos, a maior parte de estes artigos" à pena de Curros, alicerçando-se principalmente em razões políticas. Guerra Junqueiro, Antero de Quental e Teófilo Braga não ofereciam dúvidas a respeito da sua militância republicana para o jornal ruiz-zorrilista; e os três eram "grandes amigos de Espanha, fazendo crer ao leitor que comungavam com o ideal ibérico"; por isso os três levam a assinatura completa de Curros. Honra, a da assinatura, que partilham com o menos conhecido Manuel Duarte de Almeida, afervorado antibritânico, mas sobretudo homem de "comovedor espanholismo", na opinião de Vázquez Cuesta, e também de Curros que julgava um hino de amor a Espanha o seu *Vae Victoribus*[563].

O peso político sobre o literário era ainda maior no caso dos jornalistas: Magalhães Lima (diretor de *O Século*), Xavier de Carvalho (fundador mui jovem, no Porto, de *O Combate, O Estado do Norte* e *O Norte Republicano* e que, mais tarde, em Paris, tinha participado na organização da «Fédération Universelle des Peuples») e Alves da Veiga (fundador de *A República Portuguesa* e *A Discussão*), os três republicanos; esse caráter vincadamente político da sua escolha leva Vázquez Cuesta afirmar que talvez não sejam da autoria de Curros as notas que os biografam, que aparecem anónimas.

O caso de Camilo explica-se polo facto evidente de o "romancista de renome indiscutível" encontrar-se "demasiado acima do bem e do mal".

Mas, como assinala a citada professora, "as dificuldades surgiam com aqueles intelectuais de primeira grandeza e dos quais não se podia prescindir", que não reagiram perante o "ultimato" britânico *modo republicano*: eram, nomeadamente, os casos de Oliveira Martins, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, os outros três escritores de fôlego da Geração de 70. Omiti-los seria dar impressão da quebra na unanimidade antimonárquica, o que não convinha aos interesses dos republicanos espanhóis. Aparecem então, embora Curros "tenha de fazer autênticos malabarismos" para apresentá-los "já que não como republicanos, ... ao menos como bons democratas". Esses malabarismos[564], são os que conduzem a assinar as biografias de Martins e Ramalho com um C. e o de Eça com outro anónimo T (que, no caso, pensamos ser não Curros mas o seu colega de redação Tomás Tuero).

---

563 Vázquez Cuesta, 1975: 167. O título do poema é, no entanto, *Vae victis*.

564 Vázquez Cuesta exemplifica os procedimentos de Curros no sentido apontado (1975:168, 169).

Similares equilíbrios tem de fazer Curros com os casos dos seus amigos António Feijó e Luís de Magalhães, mais ainda talvez no caso do primeiro (a obra do segundo conhece-a através de Feijó[565]), ambas as biografias assinadas também por um C. O texto sobre Serpa Pinto aparece anónimo[566].

Em opinião da professora cujo trabalho vimos acompanhando, não era vontade de Curros enganar os seus leitores dando (e manipulando) biografias daqueles que não coincidiam com os seus objetivos políticos: "Na luta, não de todo consciente, que deve ter-se dado entre o artista e o homem comprometido que era Curros, venceria o primeiro[567]".

Talvez assim fosse; mas faltam poetas de enorme prestígio na altura (João de Deus por exemplo); o pendor político da escolha não é negligenciável.

Ora bem; a vulgarização de autores portugueses contemporâneos por parte de Curros Enríquez vinha já de tempo atrás. Para *El Heraldo Gallego* e *La Ilustración Gallega y Asturiana* já o celanovês traduzira (para o espanhol, é claro) dous poemas de Guerra Junqueiro, *Lealdade* e *O Melro* a que adiante nos referimos. E, como nos precisa a Professora Vázquez Cuesta:

> "Entre 28 de maio e 12 de Junho de 1883 -e aproveitando a recente estadia em Madrid em visita oficial, dos monarcas portugueses, que dava actualidade ao tema-, publica Curros Enríquez em *El Porvenir*, uma *Lira lusitana* formada por um prólogo e a tradução de três poesias de Teófilo Braga (*Samiaza ou o amor dos Anjos, Fim de Satanás e A morte de Homero)* e outras três de Guerra Junqueiro (as já citadas *Lealdade e O Melro* e *Tragédia Infantil*, dada a conhecer aos leitores do jornal, em 19 de março anterior, numa especie de suplemento dominical, que se oferecia gratuitamente aos assinantes: *El semanario de las Familias*[568]". E um ano e meio depois dá a conhecer em *Las Dominicales del Libre Pensamiento* quatro poemas de *A Velhice do Padre Eterno*".

Antes de 1890, Curros traduziu também seis sonetos do *Elogio da Morte*, destinados a fazer parte do volume *Os Sonetos Completos de Antero de Quental, publicados por Oliveira Martins*, no Porto. Antero, em carta a Araújo, comenta ser a maneira de os traduzir "a mais magistral", e pede para que o diplomata transmita "os meus mais afectuosos cumprimentos" ao poeta galego[569].

Que Curros tinha consciência da inter-relação entre as culturas galega e lusa parece mostrá-lo o facto de aludir à segunda ao comentar a primeira. Vázquez Cuesta indica como, a propósito de *Célticos, cuentos y leyendas de Galicia*

---

565 Cartas, VIII: 226.

566 Vázquez Cuesta não esclarece o pormenor deste anonimato. De resto, o herói português tinha ganhado sobejamente lugar de honra na "galeria".

567 Vázquez Cuesta, 1975: 171.

568 Vázquez Cuesta, 1975: 190. Anota ainda a autora: "No prólogo, lamentando-se da pouca literatura que se traduzia em Espanha («A Espanha não se dá ao trabalho de traduzir do português, plagia-se»), que «tão extraordinário e florescente desenvolvimento» tem alcançado nos últimos tempos, chama a Portugal «a pátria de Herculano, de Almeida Garrett e de Eça de Queirós»".
A esta *lira lusitana*, dedicou a professora citada um interessante artigo: Vázquez Cuesta, 1968.

569 Vázquez Cuesta 1975: 201

de José Ojea, cita Antero, João de Deus, Guerra Junqueiro, António Feijó e Luís de Magalhães; a caraterização, aliás, que acompanha a citação, parece condizer bem com umha linha proeminente no repertório galego: "Portugal, que oferece hoje o espectáculo dumha poesia rica, original, carregada de aromas campestres, de crenças sãs, de oxigénio e de amor, como nengumha outra"[570].

E não apenas à poesia portuguesa dedicou o celanovês a sua atenção, pois também traduziu, com o título de *La condesita*, *A morgadinha de Valflor* de Pinheiro Chagas.

O autor dos celebrados *Aires da miña terra*, grande conhecedor e admirador da produção literária portuguesa contemporânea, não operou instalado no sistema regionalista galego, mas no polissistema espanhol na sua Importação de Portugal. Ele, que transferiu modelos para a sua própria produção e os postulou para outros, não contribuiu para a sua vulgarização na vida literária galeguista; e, nas raras ocasiões em que da sua mão aparecem poetas portugueses nas revistas galegas, fazem-no mediante a sua (in-)tradução espanhola. Pouco benefício podia tirar então o sistema regionalista: o setor corunhês encontrava-se com umha estratégia que se colocava à sua ação como umha dificuldade; mas era igualmente prejudicial para os outros setores não *reintegracionistas* (e particularmente para os que aspirassem, se realmente os havia, a umha autonomia polissistémica galega) na medida em que toda a Importação, incluída a portuguesa, chegava por via espanhola.

Ora bem, mesmo assim, e se por sua mediação a interferência galego-lusa pudo ser imensa, a atividade de Curros Enríquez influiu de algumha maneira na Importação e transferência galega do polissistema luso. Curros vai introduzir a literatura portuguesa com umha atitude mui diferente da de Pardo Bazán, por exemplo; a sua admiração rendida polos poetas portugueses não vai ter quase fissuras: "Asi se explica que cuanto con los escritores de su pais", escreve a Feijó em 1884, "tenga para mí un interés extraordinario y no me dé por satisfecho mientras no los conozca y no los trate a todos, ó logre naturalizarlos en España, aunque para ello tenga yo que hacerme portugués, renunciando por completo á mi españolismo"[571]. Se a sua amizade com António Feijó, Eugénio de Castro e Magalhães Lima (Carvalho, 1971:102) não parece significar substantivos benefícios para a literatura emergente em que se ubicava, queremos porém ser prudentes nesta afirmação. Por exemplo, desconhecemos o motivo exato da presença de Eugénio de Castro como correspondente da Academia Gallega desde a sua fundação, que é possível fosse devida ao próprio Curros; e não pomos de parte a possibilidade de alguns versos em galego de Rosalia glosados por Feijó em algumha composição, como veremos,

---

570 *El Porvenir*, 9 de dezembro de 1884; Vázquez Cuesta 1975: 202.

571 Cartas de Curros..., VII:328.

serem recebidos através do poeta de Cela Nova; como mui possivelmente a vulgarização da sua obra em galego *Aires da miña terra* em Portugal tivesse em Feijó o seu principal valedor. Mais ainda; na última carta que conhecemos de Curros a Feijó, publicada pola revista *Ocidente*, de 1885, escreve o poeta, após indicar que vai enviar-lhe livros de Pardo Bazán:

> "Entonces también le enviaré un libro raro, de Rosalia Castro, *A orillas del Ulla*[572] [sic], y algo también de Valentin Carvajal. Este poeta ha sido grande amigo mio: con el fundé *El Heraldo Gallego* y *O tio Marcos da Portela*, que aún se publican; pero diferencias de caracter, ciertas asperezas de su trato, ciertas desconfianzas y recelos, inseparables de la exagerada susceptibilidad de los ciegos (y él lo es) han enfriado bastante nuestras relaciones, ya poco activas desde los últimos años en que abandó [sic] el campo democrático para ponerse al servicio de la monarquía, defendiéndola en *El Eco*, de Orense[573]. En cuanto á Camino, dejó dos ó tres baladitas gallegas como muestra de su afición á la poesía; murió hace más de treinta años. Carvajal vale mucho más que él, incomparablemente más, como que, muerto Añón, el Júpiter del Olimpo Gallego, es el primer poeta de mi tierra[574].
>
> Mi [sic] pide V. un ejemplar de *Aires*, y yo, que tendría un placer inmenso en remitirselo, me veo imposibilitado de hacerlo, por no tener ni haberme podido hacer con ninguno"[575].

Não oferecia (também não podia) o poeta um excelso panorama da literatura regionalista ao que parece um pedido de Feijó. Curros situa em lugar proeminente Carvajal, por cima de Rosalia e Pondal, o que, se a referência é sincera, dá conta da consideração que Curros tinha da produção literária do seus país. O único juízo de valor sobre a obra de Rosalia é "raro", que não parece convidar muito à sua leitura. Camino fica como algo passado e menor. Pobre era a impressão que o celanovês dava da literatura galeguista, oferecendo como a mais valiosa a dum poeta extremamente conservador nos materiais utilizados como Lamas Carvajal, e com um ruralismo que reforçava a ideia de atraso sobre a Galiza no seu conjunto.

Mas há, em nossa opinião, outro fator que pode explicar a atuação de Curros a respeito da Importação portuguesa. Todos os exemplos que vimos

---

572 O livro saíra um ano antes; desconhecemos a que se deve este lapso; se a um erro de leitura do manuscrito por parte do editor das cartas, ou a um lapso de Curros que, se calhar, não tinha lido (ainda) o texto; como também não sabemos por que qualifica como *raro* o livro. Supomos que Feijó conhecia já *Cantares Gallegos* e *Follas Novas*, e pede agora outras produções.

573 Ainda não chegaram os conflitos mais fortes entre Curros e Lamas Carvajal, ou, polo menos, a sua manifestação mais explícita. Anos mais tarde, Lamas vai censurar, desde as páginas de *O Tío Marcos da Portela*, acidamente Curros por *O Divino Sainete*, num comentário mui revelador dos repertórios privilegiados por Lamas, pois recrimina em Curros que abandonasse "a vívida luz da inspiración cristiana" e passasse a rosnar "com'un can de palleiro ou mais ben" *ouvear* "com'un lobo da serra" (citado por Casares, 1980:47).

574 Para além doutras considerações, resulta surprendente que Curros não qualifique Rosalia como a primeira figura literária do sistema galeguista.

575 Cartas, IX: 188. Como se vê Curros vulgariza a obra de escritores galegos em Portugal, mas sem grande entusiasmo.

citados, referem-se a um período anterior a 1894, data relevante na sua biografia, pois é o ano em que emigra para Cuba. Como sabemos, é despedido com grandes honras por parte do regionalismo liberal corunhês. E, apesar da sua intensa atividade em Cuba, esta já não pode ter a incidência de tempos passados. Curros apenas vai regressar à Galiza para morrer, ou quase. Assim, é este o momento em que Beramendi assinala umha decisiva mudança (mas *tardia* para o caso que aqui nos ocupa) no pensamento de Curros:

> "Curros va templando gradualmente su progresismo y su republicanismo en la misma medida en que estrecha relaciones con los regionalistas liberales y asume sus principios. En 1895 su anterior intransigencia republicana ha dado paso ya al accidentalismo de la doctrina oficial regionalista: "La autonomía regional no está reñida con ninguna forma forma de gobierno"[576]. Ese mismo año asume públicamente lo esencial del pensamiento de Murguía y sus elogios a Brañas llegan hasta a declararse "soldado de la legión que él acaudilla"; lo que realmente son palabras mayores -y muy significativas-en sus labios cuando se dirigen a tan insigne y confeso tradicionalista como el filocarlista Alfredo Brañas"

Um ano mais tarde, em 1896, é suspendida a publicação de *Tierra Gallega*. É difícil então conhecer com exatitude o tipo de influxo que pudo exercer no poeta a "escola corunhesa". O certo é que a sua etapa republicana e a sua função vulgarizadora da literatura portuguesa coincidirom (por vezes determinando a primeira a segunda), e que a sua intensa atividade diminui nos últimos anos da sua vida.

E, para além da sua própria poética, cujo estudo transcende os limites desta obra, também na sua conceção da história galega estiverom presentes as apreciações de historiadores portugueses. Carvalho Calero (1971: 102) assinala como

> "nos seus traballos periodísticos, cita Curros frecuentemente aos grandes poetas e historiadores lusos do seu tempo, e mesmo a figuras pouco coñecidas no noso país, como João Bonanza [sic], ou Nobre Franza [sic], de cuias obras respeitivas *História da Lusitània e da Ibéria A philologia perante a história* aceitou a doutrina das orixes celtas de Grecia e Roma, doutrina que espón na súa biografía de Eduardo Chao, e que se refrexa en dous dos seus poemas".

De resto, o Professor Carvalho Calero assinalou as várias transferências da poética de Guerra Junqueiro operadas por Curros; e também como estas se dirigirom principalmente ao filão cívico do português, e não ao "lirismo suxeitivo e saudoso, místico ou panteísta de *Os Simples, Oração ao pão, Oração à luz*, obras todas pubricadas con posterioridade a *O divino sainete*, derradeiro libro poético de Curros".

---

[576] Beramendi toma a citação de *Tierra Gallega*, número 71, 26 de maio de 1895, através de Rodríguez (1972:125), (página citada que não encontramos).

V.10.4.2. O caso de Eça de Queirós: um repertório inviável para a transferência

Se fundamentalmente a apropriação galega, dadas as necessidades do seu sistema, tinha como objeto a doutrina histórica e filológica portuguesa da atualidade, e, menos a da produção literária, onde visava o elemento clássico de que não dispunha no seu território, para validá-lo como Tradição (Camões, Garrett), o polissistema espanhol, não precisado tanto dessa Tradição (quanto muito de integrar na sua a portuguesa), podia destinar-se mais e melhor à apropriação dos elementos mais relevantes da atividade literária portuguesa da época. O caso de Eça de Queirós é talvez o mais emblemático; desde cedo foi incorporado polos espanhóis; mas os galegos, por que é que não o incorporarom, ou apenas o fizerom de maneira mui circunstancial, sendo o autor dos *Maias* um elemento canónico, em produção e modelização, central no polissistema português? Não era um problema generacional: aí estavam Teófilo e Martins para o desmentir. Sem dúvida outras eram as razões, lembrando que o sistema procura mais a sua justificação (caráter intensivo da proliferação) que a inovação (caráter extensivo) indicamos algumhas: Eça era autor de romances, cujo vazio no sistema regionalista era notório; e o pouco que havia ia por caminhos conservadores, em tema, estilística, modelização, etc., mui diferentes às inovações de Eça; Eça falava do urbano, e o urbano ocupava no repertório galeguista umha posição mui periférica; o escritor lisboeta tinha como tema fundamental a classe burguesa, longe das personagens que normalmente nutriam a produção galaica, ainda, como o caso relativamente superador de *Majina* indicia, com o acréscimo da dificuldade do decoro poético, em forma de preconceito, de refletir o idioma de expressão dumha classe que o fazia em espanhol. Eça era conhecido pola índole *afrancesada* e cosmopolita da sua produção, motivo também de rejeitamento dum sistema que postulava *falar* genuína, enxebremente galego; a ironia típica do português não condizia com o humor galaico que se estilava na criação literária galega, mais virado para o contraste humorístico de situações *populares*, mais imediato, (*pragmatizado*), menos elaborado; Eça não defendia patrioticamente, pragmaticamente, Portugal; mais ainda, era um crítico seu, que, com diferença a outros companheiros de geração, não insistia a cada passo no intervencionismo, e, se o fazia, a perspetiva de Oliveira Martins, ou Teófilo, mais doutrinal, satisfazia melhor as necessidades sistémicas galegas.

Eça era lido, mas possivelmente em tradução espanhola e como estrangeiro, distanciado, engastável no polissistema espanhol, desenvolvido perfeitamente e através dele recebido; de impossível articulação com a poesia cívica, popularista, clássica, bárdica, galega. E menos ainda com o romance; lembre-se que, anos mais tarde, o aparecimento de *A Tecedeira de Bonaval*, romance histórico de sabor plenamente romântico, era saudado por setores da crítica local como um dos maiores acontecimentos do século XIX galego; e estávamos em 1894.

Eça de Queirós é, a nosso entender, um dos primeiros grandes desencontros do sistema regionalista na sua interferência com o polissistema português[577]. A mostra evidente dumha magnífica oportunidade perdida para o desenvolvimento e a proliferação sistémica galega. Só na fase nacionalista do sistema será nitidamente apropriado; e precisamente, pola sua ironia, polo seu humorismo que, em reviravolta geográfica de magnitude (e obviando as sentenças populares galegas e portuguesas que falam de que a pessoa é de onde mora e não de onde nasce), faz que seja assimilado ao considerado traço étnico galaico, em virtude de o sempre lisboeta Eça ter nascido no norte de Portugal; razão esta da proeminência da terra que, talvez, também esteja no fundo do *muito mais galego* Camilo, por temas e espaço utilizados, quase não aparecer nas revistas galegas dos anos vinte[578]. Destes desencontros infelizes, será vítima o sistema até aos nossos dias.

Eça vai aparecer resenhado umha vez na *Revista gallega*, no número 571. O momento não parece o melhor da revista, pois é percetível nela, desde há aproximadamente um ano (estamos em março de 1906), o seu profundo languidescer qualitativo, onde mesmo a presença do galego perde sensível terreno e a orientação tem mudado, sem dúvida devido ao abandono da revista por parte de praticamente toda a escola corunhesa. Sirva como prova o facto de, na mesma página em que aparece a resenha, informar-se da morte de Luis Taboada, de quem se diz que "Galicia pierde a uno de sus hijos más preclaros", no meio dum profundo elogio. Talvez o comentário fosse mais comedido noutros tempos.

Mas, enfim, Eça é resenhado. Nesses anos foram traduzidas várias obras do autor português para o espanhol[579]. Pondo de parte a receção de Eça em espanhol, facto já expressivo, tão significativo é esse desencontro que, para começar, devemos dizer que não existe na recensão nengum tipo de invocação da unidade galego-portuguesa. E pretextos, na *Ilustre casa de Ramires*, que é a obra em questão, tinha o crítico se quisesse.

A obra do "muy gran literato portugués, *La ilustre casa de Ramires*", é qualificada como "la más interesante, delicada y sugestiva" do autor. "Despierta

---

577 O Professor Tarrío Varela detetou este facto, e mostrava já a sua admiração perante ele, indicando certeiramente que, dum lado, os prosadores galegos tiverom normalmente como modelo os escritores espanhóis, e, doutro, as que nós julgamos ser contradições internas do sistema regionalista que referimos (Tarrío, 1994: 180).

578 E sim já nos meados do século XIX, em *Galicia*, *Revista Universal de este Reino*, ano V, núm. 5, 1 de março de 1864.

579 Eça já era autor traduzido com certa periodicidade desde os anos oitenta, e circulava já com certo reconhecimento polo ambiente literário espanhol. Vários dos seus artigos apareceram em publicações espanholas. Por aludirmos a um simples exemplo referido à Galiza, na biblioteca de Otero Pedrayo já encontramos obras suas com datas de tradução de 1893, do seu tradutor habitual Andrés González Blanco, em concreto as *Notas contemporáneas*, obra da série de textos de Eça que publicava Biblioteca Nueva, de Madrid. Da sua introdução em Espanha dá um bom resumo a Professora Vázquez Cuesta (1975: 189,190).

su lectura el fortificante amor á la patria", é umha das "joyas de la literatura realista". A obra é elogiada (não largamente, porque a resenha é breve), e dela diz-se que "puede leerla todo el mundo, pues en ella no cae Eça de Queiroz en las escabrosidades que con su magistral ingenio tan admirablemente pintó en anteriores novelas", o que parece manifestar o repertório ideal de que fala. Além disso, os pretextos para o canto à irmandade doutrora persistem: "el novelista, después de haberlo visto todo, de haberlo gustado todo, regresa espiritualmente á la tierra donde nació, á la tierra portuguesa «llena de gracia adorable» y bendita entre todas las tierras".

Mas o facto é que fala com enorme distância do português e de Portugal. Poderia-se substituir nome autor e país e nada seria alterado. O único aparecimento de Eça na *Revista gallega* serve para o distanciar, aqui sim, largamente.

E que não existia a cordialidade doutrora entre Galo e o grupo corunhês, mostra-o o pequenino detalhe de anunciar o cronista que a obra "se vende en todas las librerías al precio de 3'50 pesetas", e não apenas na de Carré.

E, deixado Eça em *mãos ibéricas*, espanholas, a apropriação para o polissistema espanhol correu perfeitamente cómoda, e já desde mui cedo. Por parte, obviamente, de Emilia Pardo Bazán.

Ora, a *lusofilia*[580] da condessa, centrada especialmente em Eça de Queirós, vinha de mui atrás. Como nos informa a Professora Vázquez Cuesta já "em fins de 1882, ou princípio de 1883" cita a corunhesa *O Primo Basílio* em *La Cuestión Palpitante*, em que o romance realista português é colocado "ao mesmo nível do italiano, do alemão ou do russo"[581].

Anos mais tarde, em 1886, Armand Treverret escreve para Eça a indicar-lhe que pensa dar a conhecer ao público francês *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*, que a ele chegaram pola mediação da condessa. E em 1888, torna a comunicar a Eça que na Corunha Pardo Bazán falara-lhe muito de *Os Maias*. A aristocrata mostrara já desde cedo vivo interesse pola obra do escritor português.

A atenção da galega pola cultura portuguesa verifica-se através das suas crónicas de viagens por Portugal; claro que, nesses deslocamentos, a autora prefere conceder maior atenção aos "formosos rincões, férteis e poéticos -por exemplo, a Beira Alta e o seus óasis do Bussaco, Sintra e Coimbra, com a sua fonte vermelha de sangue -e os monumentos ocultos em lugares onde não chega o comboio -a Batalha, onde Herculano situou a acção da sua célebre lenda *A abóbada*". Muito

---

[580] Assim qualifica Vázquez Cuesta a atitude perante Portugal de Emilia Pardo Bazán. Nós colocamos em cursivo o termo porque, juntamente com a lusofilia, é por vezes detetável certa lusofobia, no sentido em que Daniel-Henri Pageaux utiliza estes termos. Sobre a mui intensa *atenção* que a condessa de Pardo Bazán dedicou ao mundo cultural luso, cuja perspetiva condiz com a que aqui vamos verificar a respeito de Eça, vid. o detalhado estudo "La lusofilia de D.ª Emilia Pardo Bazán (1970: 143-160)

[581] Vázquez Cuesta, 1975:188-189.

lembra essa perspetiva bucólica à já conhecida sobre a Galiza. Como lembram outros comentários de viagem às apreciações de Luis Taboada:

> "[....] sofrendo as moléstias das mais primitivas hospedarias que conheço; dormindo em camas fabricadas a martelo e escopro, recheadas de serradura, qual monástica tarimba; derretendo-me com o calor, passando dias sem comer senão fruta e algumhas noites estendida sobre duas cadeiras, por falta até daqueles horríveis leitos nacionais".

Umha *lusofilia* um tanto particular.

Mas intensa, naquela altura. Baste como prova o artigo que *El Correo gallego*: publica, no seu número 2338, de 1888, assinado pola condessa no 27 de agosto em Mondariz "Para el Álbum del Sr. Peinador", em que alude, a propósito dumha sua reflexão, a "aquellos dos personajes de la última novela de Eca de Queiroz, *Os Maias*, que después de resolver no salir de su paso por este mundo, pues no vale la pena, se dán una carrera formidable para alcanzar el americano, ó, como diriamos nosotros, el tranvía que pasa".

Mas, aos nossos propósitos, interessa sobretudo a publicação, em *El Eco de Galicia* de Havana, já nos finais de 1889, dum artigo em que dá conta do seu encontro em Paris com o escritor luso ali residente. Meses antes, em junho, escrevera em *La España Moderna La Eloísa portuguesa*, onde, diz Vázquez Cuesta, fazia gala da sua amizade com Teófilo Braga.

O teor do artigo de *El Eco*, já a começar polo título nos indica o sentido da receção: «Un novelista ibérico (Eça de Queirós)»[582].

O texto é desde o início todo um excelente alarde das qualidades da condessa para umha estratégia da apropriação: o que se sublinha no título é que se vai tratar de un "novelista ibérico" (o importante); e o que se cita entre parênteses é o secundário: Eça de Queirós, romancista na altura já de reconhecida fama.

O autor é de grande mérito. "Mucho tiempo hacía que deseaba conocer á este portugués, el cual vale por mil... españoles (para que no se ofendan nuestros vecinos)", começa a escritora, com subtil indiferença por fazer comparações que aos vizinhos preconceituosos podam ferir. Mas Pardo Bazán, para o apropriar, começa por distanciá-lo da sua origem portuguesa; não já por afirmar que, querendo conhecê-lo, "vine a lograrlo a París", porque era onde Eça residia, "desempeñando el Consulado general de su nación", mas por indicar como primeiras caraterísticas do autor as que a olhos do leitor podem fazê-lo francês ou inglês, mas nunca português: "el retrato que adorna la edición del *Primo Bazilio* representa á un hombre de treinta y cuatro á treinta

---

[582] O artigo, segundo deduzimos dos comentários de Vázquez Cuesta, que o cita a propósito da atividade vulgarizadora da Pardo Bazán, foi enviado a outras publicações hispano-americanas (1975:204).

y cinco años[583], de aspeto elegante y extranjerizo, con más trazas de *clubman* que de literato, y más hecho a manejar el florete que la pluma".

Passa depois a oferecer um retrato elogioso do Eça atual, em 1889 ("desde que se grabó en la memoria aquella imágen habrán corrido dos lustros", novo acerto), e inicia-se a apropriação. A estratégia é conhecida: Pardo Bazán compara Eça ao seu Pérez Galdós, para tornar mais conhecido o escritor português:

> "La figura de Eça, y aun á primera vista su rostro, ofrecen curiosa y marcada semejanza con el rostro y figura de Pérez Galdós; pero bien considerados ambos novelistas, puede leerse en los respectivos semblantes la diferencia de hechura psíquica y la contraposición de temperamentos literarios: «Eça refinado, pagano, sobrio, idólatra de la forma, profundo, vehemente, acerado, desdeñoso y pesimista; Galdós enemigo del artificio retórico, natural, abundante, tierno, equilibrado, todo buena voluntad y simpatía humana".

O texto transmite em ocasiões que, mesmo vivendo Eça em Paris e Pardo Bazán estar de passagem, é Eça o acolhido, o integrado: "Tengo un remordimiento que me punza, y es no haber mandado que encendiesen la chimenea durante la larga y entretenidísima visita que Eça me hizo en mi hotel".

Cedo se estabelece a comunicação em termos hispano-portugueses; e cedo também procede Pardo Bazán à apropriação sistémica de Eça:

> "Teníamos tanto que decirnos sobre las letras hispano-lusitanas." [...] Hubo sin embargo, instantes en que el peor egoísmo hice un compás de espera al que es uno de mis autores favoritos en la Península; tan favorito, que ni por extranjero le tengo.
>
> No puedo tenerle por extranjero no. Como llamarle español pareciera descortesía impertinente, y además sería inexactitud; le llamo ibérico, entendiendo que él completa la novela peninsular, dándole una cuerda que le faltaba".

Das várias cordas da lira, ou da 'guitarra' espanhola, Portugal (por meio deste português, "tão pouco português"), apenas acarretava umha...

A seguir, explica a escritora as caraterísticas do, agora sim, "ilustre portugués", que fazem que "en España no veo quien se le asemeje"; procede a autora de *De mi tierra* ao elogio do autor:

> "Hay en Eça una fuerza interna, un subsuelo, un *calar hondo*,muy hondo, que aquí no se estilan. Ni sé si está en nuestros medios echar tales lujos. Creo -y he de decirlo con absoluta sinceridad- que esto no es culpa de los novelistas, sino del nivel general del público español, el cual ni quiere ni puede sacar el redaño á las novelas: cuando más, liba su miel".

Pardo Bazán persiste na crítica ao público espanhol, apesar de indicar os comentários de Valera sobre os avanços produzidos desde o Romantismo. Essa

---

[583] Admirável precisão caraterizadora a da escritora, digna dos bons retratos etopeicos que pintava, e que renovava o prestígio da sua habilidade, sem desdenhar o facto de Pardo Bazán saber contar, com números e dados ocult(ad)os, dada a valiosa ajuda que lhe suporia saber que Eça nasceu em 1845 e que a primeira edição do *Primo Basílio* é de 1878.

crítica ao público coloca-a com autoridade para poder determinar qual deve ser a receção correta do escritor português; isto é, para mostrar-nos os seus gostos literários: da obra de Eça não devem apropriar-se os anticlericais; nem os anarquistas; nem os boémios e libertinos; nem os neorromânticos; nem os hipernaturalistas: isso é «lo externo y elemental»: «la clerofobia del *Padre Amaro* (que talvez aprovechase *El Motín*[584] para algún suelto o artículo), los pasajes libertinos de *A Reliquia*, el neoromanticismo de la segunda parte de *Os Maias*, el drama desgarrador de *O primo Bazilio".*

Ora bem, a crítica ao público que lhe serviu para introduzir o *seu* Eça, não deixa a salvo o vizinho português, comentando que Portugal leva adiantamento a España em matéria científica:

> "Yo no sé si el público portugués capisca mejor que el español. Acaso no, si se toma por norma de este cálculo comparativo la turbamulta de lectores; tal vez sí, si se considera el número de aficionados selectos y su capacidad. Relativamente a lo exiguo del territorio y á la escasez de recursos, Portugal se nos ha adelantado bastante en la cultura científica [...]".

Mas enfim, os portugueses podem ser mesmo culpáveis da deterioração física de Eça, *pragmaticamente* recebendo o texto:

> "En Portugal, lo mismo que aquí, el oficio de novelista es combate perpetuo contra la frialdad de una atmósfera en que ni cuaja la admiración ni florecen la crítica y el conocimiento: contra un público que ni tiene corazón para *amar mucho*, ni entendimiento para *comprender bastante*. ¿Será esta lucha, más heroica que ninguna otra porque es diaria, la que ha palidecido tanto el rostro de Eça de Queirós y fatigado sus párpados así?".

Lamenta-se depois a autora de *Los Pazos de Ulloa* da ignorância mútua; porque Portugal tiene também glórias literárias:

> "He lamentado siempre que vivamos tan ignorantes de lo que en Portugal se piensa y escribe: de todas nuestras haraganerías, hé aquí una de las más criminales. A Portugal debiéramos conocerlo al dedillo, familiarizándonos con sus glorias contemporáneas, que las tiene. ¿Es mucho que ni sospechemos á los portugueses, cuando apenas nos enteramos de lo que hacen los catalanes, verbigracia, y ó les prodigamos elogios á bulto y sin examen, ó les volvemos la espalda con desdén, por no tomarnos la molestia de abrir sus libros y conocer su lengua?
>
> Fué uno de los temas predilectos de mi conversación con el autor de *A Reliquia*. Nos dolíamos de que en nuestras respectivas naciones se viesen las librerías atestadas de libros franceses, mientras en Portugal no se encuentra una obra española ni en España se encuentra una portuguesa para un remedio".

---

[584] Publicação de caráter progressista e anarquista madrilena. Aqui, por exemplo publicou Azorín um conjunto de oito artigos na sua etapa anarquista. Vid. José Payá Bernabé, 1986.

E imediatamente aparece umha afirmação que situa perfeitamente a conceção que a escritora de origem galega tinha da língua do seu país, onde, transparece umha identificação entre galego e português, que ela rejeita para relegar o galego a algo similar ao "patué", à "dialecto familiar", de que falará noutros artigos. A posição é, como se verá, a absolutamente contrária à sustentada polo grupo corunhês: aproveita a presença do português para desprezar o galego. E isto acontecia numha revista de credo regionalista: "Yo lo confesaba á Eça de Queirós que para buen número de españoles el portugués está conceptuado *gallego* puro igual que el patué de mis Mariñas".

E, sem embargo do afirmado, aparece a autora apropriando-se da 'reta' interpretação do autor, a quem lê no original, talvez mercê, entre outras cousas, aos seus conhecimentos de galego: "Queda el recurso de la traducción. Yo creo que se han vertido al español obras de Eça; pero pensando piadosamente, y calculando por la retribución que ganan los traductores, ¿qué habrán hecho del infeliz autor? [...] A Eça de Queirós es dificilísimo traducirlo[585]".

Doutro ponto de vista, Eça é apresentado como um clássico: "Su *Relíquia* es una tentativa realizada con propósito de alcanzar en una lengua romance moderna, la nerviosa concisión de los clásicos latinos".

Assimilando-o a umha leitura espanhola, o argumento de *A Relíquia*, onde Eça não conseguiu a perfeição, aproxima-se do mais vulgar do repertório temático espanhol:

> "[...] persuadido el insigne portugués de que la novela actual se anega en verbosidad [...]
>
> [...]claro está que ni soñó ni logró llegar a la meta; pero, *A Reliquia* es -en mi opinión- de la obras más *singulares* que ha producido la reciente literatura. Su argumento no difiere mucho del de un sainete (de *A Reliquia* podría sacarse una comedia primorosa, reidera y picante sin la irreverencia menor); pero que importa el argumento? Eça de Queirós elabora sátira aristofanesca, poesía bíblica y novela real."

Isso sim, com outras profundidades secundarizadas, quais são os pendores românticos da obra:

> "para una imaginación tan infiltrada de romanticismo, para un entendimiento tan bien cultivado, la retozona comedia no bastaba y de la comedia surge la tragedia ideal, la escena de la Pasión".

E, após outras comparações elogiosas com escritores franceses, desde Maupassant a Flaubert, na intepretação das suas obras, chega a definitiva caraterização de Eça:

a) Estranhamento de Eça: não é um escritor pertencente à tradição do seu país.

---

[585] Seria francamente estranho que a escritora não conhecesse várias traduções que já estavam feitas em espanhol. É mais um uso intencional da presumível ignorância.

b) Se o fosse ("lusitano ó peninsular") seria muito mais grande; portanto não o é tanto assim. A Bazán não tem problema porém em intitular o artigo como "Un escritor ibérico".
c) É lógico que não o seja, dado o atraso geral da Península, e ser ele homem moderno e culto. Novo estranhamento.
d) É um afrancesado, o que é umha debilidade, e um émulo de Flaubert, mas sem chegar à qualidade do francês. E, por outro lado, se escrevesse em francês teria mais fama:

> "Este gran artista portugués sería mucho más grande, casi perfecto, si hubiese brotado de la misma entraña de su nación, si fuese castizo, neto, lusitano ó peninsular hasta las cachas, hijo y continuador de la tradición literaria de su país. Los hados no lo permitieron, ni acaso podían permitir que un espíritu tan íntimamente moderno y culto se amamantase con la sustancia de la tierra que, aunque laboriosa y empeñada en progresar, no deja de compartir en bastantes respectos el atraso general de la Península. Así el flaco de la coraza, el talón de Aquiles de Queirós es el afrancesamiento, sus facultades no son inferiores á las de Flaubert, pero Flaubert le precede, y con Flaubert le relacionan cuantos críticos buscan su abolengo literario. Esto no tiene por qué lastimar al autor ilustre de *A Reliquia*, que es harto buen crítico (...) para no saber con qué escritor célebre de la edad moderna le ligan más estrechas relaciones de parentesco.
>
> El *Primo Bazilio*, si se hubiese escrito en francés, pisaría las huellas de *Madama Bobary*. *A Reliquia* parecería una forma más humana, menos simbólica y mística, de *La tentación de San Antonio*. Aquí, sin embargo, los *amadores* o *dilettanti* conocen mucho á Flaubert, y á Eça poco ó nada".

Se Eça tornasse pola via nacionalista, talvez criasse obras quinta essenciadas, ou, talvez, esse espírito culto e moderno, acabasse por considerar inútil o esforço para com o seu País; a escritora torna sobre a necessidade de comunicação hispano-portuguesa:

> "Es conveniente volver la cabeza de cuando en cuando hácia Portugal, y á los portugueses tambiém les importa estudiarnos, leernos, con benignidad, reanudar con nosotros: todos iremos ganando.
>
> Si Eça de Queirós á quien su cargo mantiene alejado de la patria, volviese allá con ánimo de morir en Portugal, y no como el *Primo Bazilio*, para *aborrecerse*, acaso la orientación de su talento cambiase y le entrase ese acceso de *nacionalismo* que es como el acto mecánico con que devolvemos el cuerpo extraño atravesado en la garganta. ¿Qué resultaría?: ¿un poema análogo á *Las almas muertas*, de Gogol, la quintaesencia de un país decantada en el alambique de una inteligencia poderosa, de una imaginación prolífica, de un alma ardiente, patriótica y noble?
>
> Tal vez sí ó talvez el desaliento, la convicción de la esterilidad del esfuerzo le hiciesen romper la pluma.
>
> Con lo hecho basta y sobre para señalarle pedestal altíssimo en la *Valhalla* de su tierra".

Com este tipo de receções, Eça ficava então apropriado para o mundo *ibérico*, do modo que temos visto, por meio dumha das autoridades mais reconhecidas na matéria, no polissistema espanhol, e no sistema regionalista. O pontevedrês *La Correspondencia Gallega* é caso expressivo; no seu número

3447, de 4 de julho de 1901, comenta, num artigo sobre "Españoles y portugueses", dedicado ao pouco conhecimento existente entre as "dos Naciones hermanas" e tendo como pretexto a visitua duns "excursionistas portugueses", que de Oliveira Martins só "está traducido la *Historia de la Civilización ibérica*, y de Eca de Queiroz, uno de los primeros novelistas de Europa en la segunda mitad del siglo sólo fue traducida *O Primo Basilio* y otra [*Os Maias*?] que no fue traducida por motivos literarios", acrescentando, também, que de Herculano estavam traduzidas as suas "novelas" mas não a sua "magistral" "Historia de Portugal", pudendo-se dizer o mesmo " y más todavía de otros insignes escritores portugueses". Anos mais tarde, no número 5218, de 3 de julho de 1907 da mesma publicação, mais umha vez o nome de Pardo Bazán aparece vinculado a Eça, agora por meio do crítico Pedro González Blanco na sua recensão dos contos reunidos em *El fondo del Alma*, em que vê "unos renglones que hacen recordar las mejores cosas del gran Eca de Queiroz". E cita o trecho que começa "Señores y criados se veían compelidos á oir la misa parroquial", do conto "Inútil".

Vão ter que passar trinta anos até que desde as páginas de *A Nosa Terra*, A. Villar Ponte faga a apropriação galega do ilustre referente português.

V.10.4.3. *Atravez da Hespanha Litteraria*

Dumha maneira similar ao caso de Curros Enríquez, há escritores de origem galega em Portugal que também não se constituem, polos menos em princípio, em mediadores galego-lusos, mas hispano-portugueses. Caso sobressaliente no período que estudamos é o de José Cervaens e Rodríguez, que publica em 1901 o seu folheto "Atravez da Hespanha Litterária", e quem, anos mais tarde, vai nutrir a linha regionalista do relacionamento por via do Instituto Histórico do Minho, na fase nacionalista. Mas o relevante do caso que comentamos é sobretudo a resenha que o texto merece aos responsáveis de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, mais umha prova do autêntico caráter do federo-regionalismo que se professava por parte de alguns setores no *enclave* bonaerense. A pretendida homogeneidade com que Carré definia o movimento regionalista através das suas publicações, transmitindo certa sensação de força e unidade, estava, na realidade, sustentada sobre grupos com objetivos bem diversos.

Assim começa a receção da obra na publicação regionalista[586]:

> "España y Portugal despiertan. Ayer apenas sabían la una del otro, y, viceversa, la cuna de Camoens de la de Cervantes. Y eso que la geografía, la historia la lengua y le recordaban que eran pueblos hermanos. Pero ha hablado alguien, en la tierra sajona, de naciones pequeñas, decadentes y agonizantes; y, en ello, han visto una amenaza las

[586] Número 389, 20 de agosto de 1902, de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires.

> que forman la Península Ibérica. Desde entonces, numerosa representación de portugueses visita España, que la recibe con el propio cariño y entusiasmo que Portugal demuestra á los españoles que van á devolverle el inapreciable saludo. Comienza, pues, á ser un hecho halagador el acercamiento moral de ambos reinos".

Portanto, um texto destas caraterísticas motivava umha nítida saudação espanhola por parte da revista de Castro López. O texto, aliás, faz referência ao movimento suscitado polos comentários de Salisbury que referimos páginas atrás. Galiza desaparece, quase, do quadro relacional. Porque na continuação vai ser lembrada o difuso labor de laço que os galegos podem desenvolver, mas sem conceder-lhes entidade no relacionamento. Com efeito, afirma-se em *El Eco* que já no número correspondente ao dia 20 de fevereiro de 1901 diziam que "era indispensable cultivar las relaciones literarias que entre los dos estados inició el ilustre gallego Romero Ortiz".

Como também carece de substantividade a seguinte referência, dadas as prévias apreciações: [Cervaens é] "uno de los más ardientes propagandistas de las excursiones efectuadas por portugueses á Galicia en el último año".

Bem diferente era, enfim, a atitude deste gupo do da Corunha a respeito do relacionamento, como também o era noutros aspetos do sistema regionalista.

De resto, também o livro de Cervaens não oferecia nos seus conteúdos grande possibilidade de ser rececionado do ponto de vista galeguista (talvez a isso se deva o silêncio sobre ele da *Revista Gallega*). Entre os escritores estudados, apenas um, explicitamente citado pola revista, é de origem galaica: "Concepción Arenal, sabia entre las sabias, como la dijo García Ferreiro".

O tom da recensão mantém-se à hora de comentar o prólogo do livro, da autoria de Campos Monteiro, que, como foi indicado, meses mais tarde visitará a Galiza com a estudantina portuense, com o qual se diz coincidir citando o trecho seguinte: "um passo mais na santa cruzada de approximazao en que se empenharam os espiritos liberaes dos dous paizes, commungando no mesmo sentimento, iluminados polo mesmo ideal, convulsionados pola mesma aspiraçao".

A todas as dificuldades que indicámos no processo de interferência lusogalaica, vinham juntar-se então atitudes como estas nos próprios *enclaves*.

V.10.5. Importações e transferências do polissistema português: escritores e produção

Assim as cousas, tudo parece conduzir a que a Importação de escritores nesta época tinha de ser necessariamente débil, por não dizer quase inexistente. Vários autores que se têm debruçado sobre esta questão tirarom a conclusão de serem as relações nesta época mui escassas. Um dos primeiros que fizo essa afirmação foi Carvalho Calero, que, em 1971 (101), opinava:

> "Se nas orixes foron unha a literatura galega e a literatura portuguesa, os acontecimentos, no decorrer da historia, afastaron de tal xeito a vida de Galicia e a vida de Portugal, que, cando a meiados do século XIX se produz na nosa terra unha restauración literaria, despóis dun longo período de atonía, as relacións antre os escritores galaicos e os escritores lusitanos preséntanse notoriamente raras e débiles. Este feito aberrante, xa que o estormento lingüístico utilizado por ambas comunidades é sustancialmente o mesmo, non perde a súa vixencia, malia as esceicións que se podem rexistar, ao longo todo do desenrolo do noso Renacimento".

A opinião do prezado Mestre pode ser mais ou menos certa em dependência do parâmetro que se utilizar. Se se comparar com as relações pessoais que por exemplo na fase nacionalista vão ser estabelecidas entre escritores galegos e portugueses, não há dúvida de que assim é. Temos, no entanto, que observar que Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos, João Verde ou António Feijó mantinham umha regular amizade com muitos escritores galegos. Ora, se ao falar de "as relacións antre os escritores galaicos e os escritores lusitanos", Carvalho Calero pensa em termos de transferências literárias, de modelos e/ou normas, coincidimos menos com o falecido Professor. Os modelos de análise que até ao momento se têm realizado para a literatura galega, não visam normalmente umha análise do sistema e as suas relações. Mas, curiosamente, as *influências* (= transferências de normas e/ou modelos) de escritores portugueses têm sido assinaladas em todos os escritores considerados centrais. Para cingirmo-nos só ao período selecionado, em Rosalia, Curros, Pondal, García Ferreiro, Noriega Varela..., como é óbvio em Florencio Vaamonde, Carré e em geral o grupo da Corunha, fala-se da influência lusa. Talvez um estudo das transferências que nas obras dos autores citados subjazem deite mais luz sobre o asunto.

Há porém ainda outros aspetos que aqui queremos considerar em conjunto. O primeiro é o facto de entender que a literatura regionalista deste período é quase um autêntico polissistema, no sentido de ser umha literatura que, com as suas carências, pode no entanto considerar-se normalizada, polo menos internamente. Entende-se como consequência que esse Renascimento se verificou como um surto que apenas tinha que enfrentar a sua expansão; que, umha vez que vários intelectuais galegos decidem recuperar a que entendem identidade galega pola via literária, fica constituída a literatura galega, cujo repto seria, temos de inferir, o de substituir progressivamente a literatura espanhola, para subsistir e progredir. Longe, mui longe está, em nossa opinião, de ter ganhado umha mínima consolidação essa literatura no período que estudamos: nula no ensaio, pobríssima no romance; ainda mais no teatro, refugiada na lírica com materiais extraordinariamente conservadores em boa parte e umha produção que por vezes não passava de três livros por ano, apresenta-se pouco competitiva; carente de instituições, debilíssimo o seu mercado, poucos leitores a segui-la. E, para cúmulo dos seus males, com severas contradições internas que afetam mesmo o material linguístico que se pretende (não por todos) como

definidor. A literatura galeguista dessa época vive numha indigência sistémica mui diferente da que a historiografia tem induzido a crer, por mais que quando se analise acabem por indicar-se algum dos elementos referidos. Enfim, dito por outras palavras mais precisas: os produtores da literatura regionalista eram mui poucos e mais escassos ainda os meios de vulgarização.

Convém igualmente reparar noutras circunstâncias. Na literatura regionalista não está claro para os seus próprios agentes nem como ela deve existir. O primeiro problema com que esse 'surto' se enfrenta é o de justificar-se; o segundo o de definir com que materiais, de todo o tipo, se veicula; e o terceiro, como consequência, como se *ubica* no contexto espanhol e peninsular. Em quarto lugar, traspassando os passos anteriores, situa-se o tipo de transferências que postula. E, em cada um desses passos, assoma a contínua contradição interna.

Os debates a respeito da norma que consideramos páginas atrás são talvez o melhor instrumento de que dispomos para clarificar em que pé podia situar-se o relacionamento galego-português. Negado este como prática por muitos escritores pertencentes ao sistema regionalista, e presidido por medos, interesses e preconceitos de diversa índole, ficava ele reduzido à ação do grupo corunhês (embora o mais poderoso como tal) e a elementos singulares, mas não organizados, como o caso de García Ferreiro e Curros Enríquez, com os matizes que neste último autor fizemos.

O enormemente precário sistema regionalista tem de proceder com pobres recursos a resolver todos os problemas que ficam enunciados linhas atrás. Por esse motivo, não vai ser este o momento dum amplo relacionamento pessoal nem dumha exaustiva presença de textos portugueses nas revistas galeguistas. É altura de legitimar o sistema, mais do que alargá-lo: o que tem como consequência, como pudemos observar, que seja esse o sentido da Importação. Portanto, mais que um relacionamento próprio da consolidação ou da expansão (em que são transferidos modelos de produção e aumenta a presença de textos literários) assistimos à lógica da legitimação (onde concorrem os elementos que justificam a Tradição e o Clássico, ao lado da História e da Filologia).

Mesmo assim, de algumha maneira pode ser considerado este período de relacionamento "raro" ou "débil". Apenas se o pusermos em comparação com a fase nacionalista, poderá parecer parco o relacionamento. A presença da literatura portuguesa é, em algumha publicação, superior inclusive à espanhola, e sempre nas revistas regionalistas à doutros países. Mas quantitativa, e, sobretudo, qualitativamente, o relacionamento foi intenso. Porque, há, com diferença a outras Importações, um elemento de base a apreciar: a do polissistema português é a fundamentalmente postulada como transferência de normas, como modelo sistémico.

V.10.5.1. A seleção de poetas portugueses por parte de Fulvio Vergodense como tentativa de modernização sistémica

Umha das formas mais comuns de apresentar aspetos da literatura portuguesa na *Revista Gallega*, foi a de optar por apresentar panoramas, mais ou menos extensos, dela.

Como atrás referimos, *Fulvio Vergodense* vai recorrer à prática de transcrever textos em português adaptados ao galego para demonstrar as suas ideias linguísticas. Mas, por tratar-se dumha escolha representativa de diferentes épocas da produção portuguesa, estimamos de valor analisá-la neste contexto de transferências. Da sua seleção, podemos nós deduzir as preferências que, dentro do polissistema português, este digno representante da escola corunhesa manifestava.

A seleção de Fulvio Vergodense é significativa: para já, todos os textos são poemas líricos (o que significa que, sendo de Camões um deles, se incorpora a sua lírica, novidade perante a exclusiva referência à sua épica), como o era a maioria da produção sistémica regionalista; têm todos a mulher como centro, e o amor, em variadas formas perspetivado, como tema: portanto, são poemas do sentimento amoroso, sensual, trágico, infantil, solidário. Não são escolhidos textos de tendência rural, nem "popular"; também não costumistas ou narrativos. O esquema métrico não é o do romance, habitual em certa produção galega, mas apresenta formas mais complexas. As composições são ricas em recursos retóricos, e apresentam certo grau de artifício, imaginístico, métrico, rítmico, trocadilhos, etc.

Por outra parte apresentam-se como umha brevíssima antologia da lírica portuguesa na sua história: três clássicos (um nome do Renascimento, Camões, outro do século XVIII, Bocage, outro do XIX, Garrett) e outro vivo, mas quase clássico também, modelo do Romantismo e muito popular na altura, Bulhão Pato.

É ainda de salientar que o poema escolhido de Bocage seja o da "Canção à morte de Ignez de Castro", vínculo de união com o repertório galego. Os outros três são: a letrilha de Camões: Trocas o cuidado/ Senhora comigo", "Rosa e Lírio" de Garrett, e "A Helena" de Bulhão Pato.

A seleção, embora o seu propósito seja *linguístico,* indica sem dúvida o gosto de Florencio Vaamonde, mas aponta já para umha linha de transferência bastante nítida; não estritamente inovadora, mas clássica, importando da Tradição ou de linhas já secundarizadas no polissistema português. Portanto, a transferência reforça mais do que expande, ou preeenche umha carência.

E obviamente, a sua leitura está suficientemente introduzida e *apropriada* polo contexto em que são inseridos os panoramas da literatura portuguesa.

V.10.5.2. Outra seleção poética. A de *El Norte de Galicia*

Não apenas foi saudada com vigor a visita das tunas polos corunheses; para citarmos um jornal que se singularizou na saudação, cabe assinalar o caso de *El Norte de Galicia*[587] que em 1902 dedica a sua portada e a segunda páginas íntegras à chegada da tuna coimbrã a Lugo.

Para além das notícias referidas à visita, de que noutra parte nos ocupámos, aparecem uns "Trozos selectos" de literatura portuguesa, cuja escolha atribuímos a Aurelio Ribalta. Se Ribalta é o autor, temos a seleção no polissistema português dum regionalista, que, não sendo dos mais secundarizados, é-o sem dúvida, utilizando umha estética distante da do regionalismo corunhês, usando temas populares e convertendo-os em éclogas; ou então, no talvez seu poema mais famoso, reivindicar as essências do mais puro ruralismo, em *Cantiga da Montaña*. De resto, é autor dumha obra onde pretendia justificar a sua proposta de ortografia fonética, em aberta polémica com os regionalistas etimologistas (mais *lusistas* portanto). Se a autoria é responsabilidade da redação que, devemos pensar, assume em todo o caso a autoria da seleção porque esta não vai assinada, estamos de novo diante dumha perspetiva conservadora, não mui distante talvez da de Ribalta; seja então como for, esta é a mostra que, sob umha perspetiva secundarizante, aparece nas páginas de *El Norte de Galicia* no seu contributo para a vulgarização da literatura portuguesa: Juao [sic] d'Andrade Corvo; Vizconde d'Almeida; Camilo Castello Branco; Francisco Rodrigues Lobo; A. da Silva Tullio; António de Azevedo Branco; Padre António Vieira; cedo acorrem duas impressões: não são precisamente *i nuovi poeti portoghesi* (que imediatamente veremos), e aparecem num *totum revolutum*.

A introdução diz assim:

> "Nos parece oportuno honrar hoy las columnas de EL NORTE DE GALICIA con trozos selectos de la literatura portuguesa.
>
> Las firmas y la variedad de los trabajos que á continuação publicamos, demuestran la gran riqueza literaria de la simpatica nación portuguesa, el mérito excepcional de sus escritores, y la semejanza de lenguaje y de hábitos de Portugal y Galicia".

A introdução, com certeza sincera de intenções, dificilmente alcançaria os seus objetivos. Adiante veremos as razões que cremos podem verificá-lo.

---

[587] Também não citamos este jornal como corpus do nosso trabalho. Utilizamo-lo aqui para complementar as nossas observações num momento em que a Galiza não dispõe de muitas publicações não diárias ativas, e, em parte, essa carência era suprida polos jornais. *El Norte de Galicia*, "diario político y de información", começou-se a publicar em Lugo em 1901 e chegaria até 1923. Era um jornal de caráter conservador e certa sensibilidade regionalista, que terá como diretor Emilio Tapia Rivas, um dos destinatários da obra *Montañesas* de Noriega Varela, e futuro membro fundador da Academia Gallega. Essa sensibilidade foi a que permitiu sem dúvida o saudação efusiva à estudantina portuguesa no seu número 351 de 1902, realizada por Ildefonso Fernández Rivero, e Aurelio Ribalta, e a seleção de poetas feita, suspeitamos, polo mesmo Ribalta.

Notemos antes as diferenças com os acompanhamentos a que, em similares casos, podiam proceder os da Corunha, que utilizavam estes atos não para apresentar escritores portugueses, mas para reunir a melhor produção possível de literatos galegos a saudar Portugal na pessoa dos estudantes, diferença já qualitativa. Falta então, o convite para a *pragmatização* da receção.

A primeira é o reduzido dela. Aqui não aparece longo comentário a falar das múltiplas afinidades, mas breve nota, o que pode estar justificado polas crónicas que fazem Fernández Rivero e Ribalta, que se abeiram de alguns ideologemas dos corunheses, mas sem incidir em unidades polissistémicas[588]. No entanto, a apresentação é mais fria e distante: a "Nación portuguesa" é "simpática", e mais nada; com Portugal, tem a Galiza, não aqueles laços de sangue, língua, história e terra que permitiam invocar umha mesma identidade; apenas "semejanza de lenguaje y de hábitos"; não é a decidida aposta pola unidade tal e como os corunheses a praticavam.

E o mérito dos seus escritores portugueses é "excepcional". Mas os escritores não são apresentados; *defendem-se por si sós,* e, ao mesmo tempo, representam a imagem de Portugal; nomes como o de Azevedo Branco, ou João d'Andrade Corvo não resultariam mui conhecidos para o leitor lucense. Mas não se predispõe o leitor a recebê-los; não há um ato propagandístico, como toda a vulgarização dos corunheses prescreve; nem atualização nengumha para o recetor lucense. Também não parece esta a melhor seleção, porque, salvante o gosto estético e a preferência ideológica do antólogo, o certo é que faltam, dado o ambiente criado na época, Teófilo dum lado e autores mais modernos doutro. Aparece o mais secundarizado e clássico do polissistema português, e, em alguns casos, não representado polo seus elementos centrais. No entanto, a selecão conta com umha aparente virtude: alarga os géneros da importação, porque recorre à prosa, artística, filológica e doutrinária; e apresenta um sucinto panorama da literatura portuguesa desde a quinhentista à romântica; mas, por exemplo, não parece ser a melhor escolha a de João d'Andrade Corvo para o doutrinarismo português, havendo escritores, de novo mais recentes, e mais canonizados ao efeito como Oliveira Martins ou o mesmo Teófilo, embora Corvo fosse conhecido como professor honorário da Institución Libre de Enseñanza espanhola[589]. Nem, é evidente, o texto de Silva Túlio, conhecendose, de largo, na Galiza Leite de Vasconcelos.

E estas últimas razões, as mais determinantes, a nosso ver, marcam a diferença: a seleção tem um acentuadíssimo caráter conservador, condizente apenas com umha ética moralista e religiosa (textos de Garrett ou Corvo), na linha do jornal; e, ao serem apresentados sem destaque, Camões campa ao

---

588 Vid. o capítulo dedicado à visita das tunas portuguesas.

589 Porto Ucha, 1989: 426

lado de A. da Silva Túlio, e Garrett de Corvo. De Garrett e Camões, símbolos de momentos decisivos portugueses, como vimos, não são escolhidos textos de exaltação nacional (como repetidamente fazia a *Revista Gallega*), nem aqueles em que mitos comuns podam aparecer e ser consequentemente apropriados (como o caso de Fulvio Vergodense com Bocage), mas um texto religioso no primeiro, e umha "Canção", aliás, de não fácil entendimento pola sua imaginística, no segundo. Portanto, são mais umha amálgama de escritores. E não são propostos como modelos.

Enfim, e em resumo, a importação, fugaz, não está feita da perspetiva regionalista; se fossem mudados língua e nome dos autores, e aparecessem em troca franceses, ingleses ou alemães, o funcionamento dos textos seria idêntico.

Estes não estão ordenados cronologicamente. Trata-se o primeiro, dum fragmento de Corvo sobre "A verdadeira civilização", autor do mais secundarizado do ultrarromantismo português, em extremo moralista, conservador, e antimaterialista:

> "Que valeriam a sociedade e a civilização, no dia em que o homem só obedecesse aos seus brutaes instintos de animal e não escutasse a voz da consciencia, que lhes falla do dever, que lhe ensina as leis moraes, que lhe prova a cada instante a existência de Deus?" "Quebrada essa harmonia [entre o desenvolvimento físico dum povo e o seu desenvolvimento intelectual, entre o seu estado social e a sua consciência] não há mais que cruciantes angústias, ambições insaciáveis, fanatismo cruel ou materialismo abjecto, guerra e corrupção".

De Garrett, é selecionado o seu "Ave Maria!" em que implora a virgem pola filha.

De Camilo é escolhido um texto, da novelita *Via Sacra*, dos *Serões de S. Miguel de Seide*, que é apresentado com o título de "Um primor de descripção", onde se narra com detalhe um quadro rural, em que "a ramada suspensa em esteios de pedra formava o enfolhado dócel do tanque"; "duas gallinhas com as suas ninhadas esgaravatam na lelva [sic] húmida, a cacarejarem a cada granulo ou insecto que bicavam"; e "Cacilda batia a roupa na pedra esconsa do lavadouro", quadro sem dúvida rececionado como um passo costumista, sem mais, a despeito das possibilidades sistémicas que este autor podia representar[590].

De Rodrigues Lobo é tomado o poema "A Primavera", serranilhas de lírica bucólica e reflexão sobre o tema da mudança, de filiação camoniana.

---

[590] Não deve estranhar no regionalismo corunhês a ausência de Camilo; talvez o seu suicídio não sirva para esclarecer essa ausência, nem tão sequer o facto de ser autor em prosa (com dificuldades para a sua seleção); mas, fundamentalmente, o facto de não coincidir com as caraterísticas requeridas de elemento inaugural e Clássico, nem poder aparecer como um cânone ou representar um modelo; e, com certeza, a carência de materiais sobre ele; veremos que os poetas novos portugueses são vulgarizados por *estudo interposto*, via Padula. Camilo fora nos anos sessenta autor mui atendido na *Galicia: revista universal deste Reino*, mas na sua criação em verso, já esquecida em Portugal nesta altura.

De A. da Silva Túlio, escritor que, como Corvo, não era dos autores mais relevantes do Parnaso português, é selecionado, e é esta a maior surpresa talvez da escolha, um texto dedicado a distinguir as aceções de *desapercebido* e *despercebido*, que assim se intitula o texto; o motivo francamente desconhecemo-lo. Com os habituais debates que havia na Galiza a respeito da língua, onde os portugueses *faziam parte dum bando*, e em que Ribalta era parte ativa, tomar um texto da índole do de Túlio mais parece fina ironia.

Na continuação aparece o poema "O castanheiro", canto a umha árvore em quadras[591], de A. de Azevedo Branco. A transcrição assim do nome pode induzir a confusão; mas, na realidade ele é António de Azevedo Castelo Branco, íntimo de Antero (de quem se pode ver a influência), que compartilha aqui página com o seu tio, e que publicara, em 1886 a sua *Lira meridional*, prologada polo autor da *Brasileira de Prazins*, com um certo sabor parnasiano, e de crítica social. É o autor mais *moderno* dos selecionados, mas estranha o seu nome, a não ser polo peso do seu tio, quando na altura outros poetas desta linha eram muito mais populares.

Do Padre António Vieira é escolhido o seu "Apólogo das árvores", e de Camões a canção "Por meio dumas serras muy fragosas", com os motivos amorosos dos animais, e o forte peso da mitologia clássica.

Enfim, reiteramos, o desequilíbrio, já não apenas estético, mas puramente temático e de género, e a ausência de introduções, deixam a receção sensivelmente *despercebida*, e em absoluto indiciada sob a perspetiva sistémica regionalista.

V.10.5.3. O "caso Padula": sentido das Importações e transferências desde o polissistema português por parte da "escola corunhesa"

Umha recensão, aparentemente não mais transcendente do que outras, vai aparecer dous meses antes do que os textos selecionados por Florencio Vaamonde na controvérsia linguística suscitada em 1896.

Mas apenas em aparência é intranscendente o facto; a recensão vai começar a proporcionar-nos umha das informações mais valiosas do tipo de transferência que um setor do sistema regionalista, o mais ativo na época, vai adotar do sistema fonte português. Isto vai ser possível em virtude de conhecermos o repertório mais atualizado, em forma de livro, que tinham ao seu dispor os membros deste grupo para vulgarizar escritores portugueses. Da relevância do pequeno volume, da autoria de Antonio Padula, um estudioso italiano, vai ficar constância polo uso que dele se fizo nas páginas da revista. Ela vai servir-nos, aliás, para responder a umha incógnita na interferência

[591] Certamente, e como anedota, o leitor galego podia interpretar o último verso, em que diz à árvore que vai cair porque "ensombras o chalet d'um brasileiro!" como umha prova de hostilidade lusa para com o povo de Ultramar...

galego-portuguesa: por que não se importou da moderna literatura e sim, e com insistência próxima da redundância, do mundo clássico e dos estudos históricos e filológicos lusos.

No meio da polémica desatada na *Revista Gallega* a respeito da unificação linguística com Portugal, e as suas múltiplas variantes, Carré, oculto sob o seu habitual pseudónimo de Carlos Florencio, que utilizava para distintos misteres[592], comenta o livro *I Nuovi poeti portoghesi*, da autoria do italiano Antonio Padula, na seção de "críticas" da revista (mui esporádica) e sob o rótulo genérico de "Bibliografias". Para começar, Carré/Florencio informa que o autor é "comendador de Isabel la Católica e Correspondente da Real Academia de Jurisprudencia e Legislación de Madrid e das de Boas Letras de Barcelona[593]

---

[592] Não são razões de elegância comercial que movem neste caso Carré a utilizar o pseudónimo, mas o seu costume sem mais, porque, de facto, o livro, "un fermoso volume de 62 follas en 4º de bon papel e mellor emprentado", "non foi posto a a venda". Suspeitamos que Carré fala do livro sem possuí-lo, e, poderíamos ainda arriscar mais, sem mesmo tê-lo lido. De facto não cita nengum texto dele. E as referências aos títulos de Padula não aparecem no texto. Pensamos que a informação chega a Carré através de Rafael Altamira, e da *Revista crítica* de que era diretor, onde aparece pontual notícia dos livros de Padula, e que este é o vínculo entre Padula e Carré. E por outra razão: Padula enviou um exemplar do texto dedicado "All ilustri Scrittore gallego Don Carlos Florencio in omaggio affettuoso il riconoscente amico Antonio Padula". É estranha a dedicatória a um pseudónimo entre pessoas que, se se conheciam pessoalmente, não deviam ter longa amizade, por mais que se tratem por amigos. E um elemento mais: o exemplar enviado a Carré, que localizamos na Academia Gallega, está assinado a trinta de março de 1896, oito dias após da data que figura na publicação da notícia. Talvez Carré o solicitasse ao autor para a sua vulgarização. Se reparamos neste mínimo detalhe, é por várias razões:

a) o relacionamento com Portugal, ou com temas portugueses não sempre se pudo fazer diretamente, mas através doutras vias, o que revela certa incapacidade por parte dos regionalistas, e, claro, um estado das comunicações precário.

b) a *Revista Crítica* exerce umha importante labor de ponte. De facto, a *Revista Gallega* é explícita quando anuncia no seu número 266, correspondente a 15 de abril de 1900, a receção de *Il Centenario di Castilho*, (mais informação de repertórios secundários portugueses) por meio da tal *Revista Crítica*.

c)são os escritores e estudiosos da Catalunha, que desfrutam de melhores meios, umha das vias de informação a respeito de Portugal.

d) a própria valorização do livro manifesta a carência de textos sobre escritores portugueses que manejavam na altura os mais atentos à produção literária lusa. Eram demasiadas as frentes abertas, e ainda, a partir de agora menos, atendendo preferentemente a estudos filológicos e históricos.

Meses mais tarde, publica Padula *Camoens e i nuovi poeti portoghesi*. Agora a obrita já não é umha "edizione fuori di commercio"), mas editada polo Instituto Casanova, e indica no seu reverso "Prezzo L. 1,00". Pensamos ser Carré um dos seus poucos distribuidores, se não o único, na Galiza. De facto, o exemplar que manejamos pertenceu à Sociedad Económica de Amigos del País, de Santiago, e na sua primeira página leva o carimbo de "Imp. e lib. Carré. Coruña", prova talvez de que, na vulgarização de temas ou autores portugueses, Carré devia ser um dos primeiros inteirados, e dos poucos ativos. E, a julgar pola escassez de materiais de que temos notícia, indireta, e polos raros anúncios de obras portuguesas na *Revista Gallega*, não devia ter muito que distribuir, ou não muito interesse em fazê-lo (que pomos em dúvida), ou então, pouca saída para os seus materiais.

[593] Mais umha vez vemos os cataláes perfeitamente relacionados com os lusitanistas, institucionalizando sempre o relacionamento, e, sempre, adiantando-se, indicando aos galegos o caminho a seguir, que, a muito custo, o grupo dirigente galego acompanhou. De Padula, por exemplo, nós não encontramos notícia nas publicações galegas até esta data, embora Carré a ele se refira como "o noso amigo". Altamira e Molins não teriam com certeza pouco que ver estes nessa institucionalização.

e Sevilla". Omite o introdutor outros títulos de Padula, indicando aqueles que mais podem interessar o seu público, informando-os assim de que estão perante umha obra de valia.

A resenha sai no número 54, de 22 de março de 1896, como bem indica também a nova edição de *Camoens e i nuovi poeti portoghesi* meses mais tarde, a qual, ao lado dos distintos parabéns recebidos, a começar polo Conde d'Arnoso e o Serviço de S.M. a Rainha de Portugal, cita as publicações que "si occupanono del libro stesso, elogiandolo"[594]. Entre as várias portuguesas, italianas e francesas (estas últimas em menor número que as primeiras, mas superior ao resto) apenas figuram como *Spagnoli*: "Revista Critica de Historia y Literatura di Madrid fascicolo di Fennaraio 1896 (Anno I nº 3)", e "Revista Gallega di Coruna, del 22 marzo 1896 (Anno 2º n.º 54)". A *Revista crítica* aliás é de novo citada porque o *Journal de St. Pétersbourg* reproduz o su artigo, da autoria de Platon de Waxel[595].

A apresentação do texto italiano torna-se ainda mais eloquente: "Quizaves moitos dos leitores faranse a siñal da cruz ao ver que imos falar d'un libro que nin é gallego nin portugués, nin siquera castellano, mais tal cal é esquirto n-a doce fala do Dante e do Petrarca[596], é noso, tan noso como se fose esquirto n-a fala de calquera das beiras do Miño".

Quem lia o texto de Carré, ou tinha escassíssima intuição linguística, nula ainda, ou não precisava que o autor esclarecesse que o livro do italiano falava de poetas portugueses; enfim, que o texto comentado não era umha obra sobre o polissistema italiano, mas sobre o português. Porque o título (*I nuovi poeti portoghesi*) figura no começo do texto, sob a palavra "Bibliografia". É mais bem um anúncio do prestígio, não do autor (cujo relevo já antes pusera de manifesto), mas do tema tratado, tal, que até importantes estudiosos doutros países nele reparam.

E, a seguir, umha das declarações mais sucintas e claras da orientação que este setor dá ao sistema regionalista: a consideração do polissistema galego-português (*tan noso como se fose esquirto n-a fala de calquera das duas beiras do Miño*) e, consequentemente, a tendência a colocar-se fora do polissistema espanhol, em cujo ambiente estão inscritos (*nin siquera castellano*).

---

[594] *Op. cit*, p. 79.

[595] É esta umha nova prova da importância e prestígio que a *Revista Crítica* tinha, e de como servia de veículo de informação para outros sistemas.

[596] Não é momento de estudar aqui a introdução e receção dos italianos na Galiza. Apenas sim enfatizar a perspetiva *classicista* sobre as literaturas (por que não Leopardi ou D'Annunzio?), que também condiz com a proliferação sistémica galega e com a índole das suas transferências desde o sistema-fonte português. Por outro lado, também de passagem, indiquemos o peculiar uso da palavra *doce*, referida à língua, normalmente interpretada como umha restrição funcional, e em excesso *afetivizante* (de *patria chica* diríamos) quando aplicada ao galego polos regionalistas, o que não é sempre assim; *doce* pode ser o principal atributo para que umha língua funcione, como é o caso.

Carré falta algo à verdade, não na orientação, que é sincera, mas no comentário de que, surpresamente, não se vão dedicar a um livro galego ou português, porque nesta revista, galego sim, mas nunca um autor português fora tratado na "Bibliografia", ou contara com espaço não partilhado com outros temas, em que dele se falasse; o que, mais outra cousa não confirma que a caraterização sistémica é feita em termos galego-portugueses, porque, sendo tratado um dos elementos, o galego, ficam tratados os dous.

Mais na mesma linha: após achegar o italiano, reduzir a distância com que ele poda aparecer para fazê-lo mais facilmente apropriável para os seus leitores ("como non faltou quen chamase ao portugués a *lengua das flores,* non faltou tampouco quen dixera do gallego que é o *italiano de oucidente*", e enfim, por estas veredas concluindo Carré que "ven ser por ende a nosa hirman, ou cando menos curman", parente próxima em todo o caso), afirma: "Así, pois, ten que nos tirar moito mais ó que seia ou veña da Italia, moito mais se ó que chega é un libro, cal ó que da geito á estos renglós, n-o que estudiase a literatura portuguesa, que hoxe, como n-outros tempos mais ditosos e que fugiron, coidamos ser cousa nosa".

E tão "nosa". Carré vai elaborar um discurso que bem poderia ser atribuído, mudadas as referências oportunas, à literatura regionalista. O tom vai estar presidido por um constante afã de prestigiar diante dos seus leitores a literatura portuguesa. Assinala o desprezo ou a ignorância com que é tratada polos espanhóis, e, polo contrário, como ela é valorizada no estrangeiro. Essa similar atitude informa-nos da consideração que os próprios regionalistas tinham do polissistema português, e de como ele era utilizado: o português era a expressão do seu próprio processo, aperfeiçoado, como o idioma comum, a melhor arma de defesa que possuíam. Se a afirmação regionalista era sustentada sobre a base da marginalização da Galiza, a possibilidade do sistema literário, não apenas como campo de confronto, mas como possibilidade de futuro estável, era colocada no *filho* ou *irmão* português.

Por outro lado, dá a impressão de que o livro é um acontecimento não apenas para os leitores, mas também para os responsáveis da publicação; polo menos neste caso para Carré. E, embora adiante indique algumhas ausências no livro, temos a suspeita de que a atualidade da literatura portuguesa não era umha das fortalezas do grupo da Corunha; muito menos então a dos outros centros do sistema. Será esta umha hipótese que utilizaremos.

E note-se: como mui bem nos lembra o comparatismo francês e reiteramos, falar do Outro é falar do Eu: não é o italiano que se está a introduzir; é o português; se aquele é quase irmão, que será então o português?; polo menos, para brincar um pouco a parentescos, gémeo. Se um italiano trata um assunto português, em razão da proximidade antes expressa, que atenção não terão os galegos para o mundo luso? Se tudo o que vinher da Itália "ten que nos tirar",

que resulta Portugal, a sua literatura, para nós. A consequência do raciocínio do livreiro corunhês é óbvia: "cousa nosa".

"Cousa nosa" frente aos espanhóis. Imediatamente das palavras citadas, diz Carré: "N-a maor parte da España sábese tanto do noso veciño Portugal como n-outros tempos sabíase do Preste Jan".

Mas Carré vai suavizar as suas palavras. Introduzir um texto sobre escritores portugueses da maneira que o faz enfrentava-se a muitos obstáculos; algum deles o desprezo com que são recebidos os portugueses manifesta-o explicitamente. E, quando quer salientar a qualidade da literatura portuguesa pede aos seus destinatários não se surpreendam com a afirmação. E é que era a primeira vez que se falava de literatura portuguesa na revista. Por isso talvez se situa na *nacionalidade* espanhola à hora de tentar prestigiar a produção portuguesa, fazendo ver a importância de Portugal:

> "Coidan moitos, e desto nos debemos doer, que os nosos hirmans os portugueses son cousa de pouco mais ou menos, esquecendo, que se nos somos os descubridores de América, eles n-o troco conseguiron o imperio das Indias. Poucos son, pois, os que adeprenderon que n-a outra nación ibérica teñen unha literatura que para nos quixeramos, pois se non é moito mais que a castellana, mais cativa non a é, teñano por certo e non se abraien da afirmación".

Carré quer ainda esclarecer as suas palavras, e recorre a umha comparação, esta sim, perfeitamente compreensível para os seus leitores: "Pásanos cos portugueses moito do que nos doemos acontez c-os outros nosos veciños os franceses, que cando falan de nos fanno ao hachou, e sabe Deus porque camiños se lles vai... a fantasía".

Prolonga ainda o autor do artigo o seu excurso sobre a ignorância da literatura portuguesa no Estado Espanhol. Combate o estereótipo existente sobre o mundo luso e as suas gentes como inferiores, ainda em pé de guerra alguns espanhóis pola independência portuguesa, e cita como primeiros vulgarizadores modernos dela dous autores, galegos como era de esperar:

> "Aquí n-a España fora d'us cantos, que para moitos non señan sinon cousas tolas, pouco se sabe ó que son os portugueses. Non valeu que houbera algús, entre eles os gallegos Romero Ortiz é Fernández é González (Camilo de Cela[597]), que esquirbiran

---

[597] Com efeito, Romero Ortiz, que falecera doze anos antes, era um daqueles novos elementos do Provincialismo galego que afirmava ter descoberto a literatura galega no seu contato com a portuguesa, forçado polas circunstâncias, porque em 1846 ele e outros se exilaram a Portugal, aonde de novo e polas mesmas razões voltaria ao triunfar a contrarrevolução de 1856. Fruto desses contatos escreveu *La literatura portuguesa en el siglo XIX. Estudio literario* (Madrid, 1869). Na Revista de España, informa Couceiro Freijomil, dedicou artigos aos escritores portugueses J. A. Macedo, Camilo e Castilho. Modesto Fernández y González (1838-1897), por sua vez, publicara em Madrid em 1874 *Portugal contemporáneo. De Madrid a Oporto pasando por Lisboa*, onde defendia a fraternidade luso-espanhola.
É curiosa, e talvez significativa, a omissão do labor vulgarizador de Curros nas páginas de *El Porvenir* de escritores portugueses, mais recente que as obras citadas. Quiçá seja devido a Carré apenas citar livros.

> sobre literatura e cousas lusitana; para os mais da nosa gente nada se dixo e siguen e siguirán como nos tempos de Aljubarrota. Tense carrage a todo o que seia portugués e hachan noxoso falar de certas cousas, sen outra razón mais que a de *porque sí*: ben que os quen con nos comparten a península pagan con boa moeda o desapego que lles mostran; desprecíannos que é o que mais que eles deben facer e ó menos que aqueles merescen".

E, por fim, fala o livreiro do livro, renovando o prestígio de que desfruta a literatura portuguesa, agora como objeto de atenção polos eruditos estrangeiros:

> "Contra o desapego dos aledaños temos o apego dos alleos, e n-a Franza, Alemaña, Inglaterra, Italia son conocidos e estudiados os literatos portugueses, e boa mostra danos o libro do distinto esquirtor italiano señor Padula, quen, despois de unha erudita «Introducción», fai en poucas liñas un estudio elegante e completo non solo das obras sinon da personalidá e influenza literarias dos novos poetas lusitanos Jáo[598] de Deus, Quental, Braga, Penha, Crespo, Duarte Almeida, Junqueiro, Leal, Araujo, a poetisa Alice moderno e outros dioses maores e menores do Parnaso portugués, sendo a obra do noso amigo verdadeiro arsenal para os que queiran conocer tal cal é hoxe a grandiosa literatura lusitana.[599]"

Mas continua a não falar do livro. A «Introducción» por exemplo, apesar do hábito dos escritores galegos a falarem nos prólogos dos livros, é obviada. Sobre os nomes citados, falaremos a seguir.

A obra que é para Carré "de verdadeiro mérito" "pois é de geito para facer conocer na península itálica ó que val a noble patria de Camoens", apresenta no entanto algumhas carências, mas polo trabalho feito, "pode perdoarse ao autor o que se esquencese d'algus poetas e poetisas que se non son os primeiros tampouco son dos derradeiros". Mas justifica-o: "A omisión foi imposta sin dúbida mais que nada, pol-o apremio do lugar".

Quem poda faltar a juízo de Carré não o sabemos. Não os simbolistas que, embora em apêndice, eram referidos polo escritor italiano[600]. Faltaria por exemplo Amália Vaz de Carvalho (bastante conhecida na época), apenas referenciada por Padula ao falar do seu marido, e a cuja sobrinha Cândida Aires dedica dous anos depois como vimos um poema Sofía Casanova, publicado

---

598 Não é, como também não em muitos outros casos, gralha; é sim mais umha prova da precariedade de conhecimentos com que o grupo que sem dúvida mais os possuía, o corunhês, atuava: aceita-se *Xan*; é etimologizado no arcaico *Jan*, e *respeita-se* depois a forma portuguesa atual.

599 Poderíamos ter aqui umha das primeiras pegadas, de caráter menor por enquanto, que nos informam sobre a seleção que faz Carré; o livreiro cita sem dúvida polo índice, porque essa é a ordem em que os poetas vêm citados. De todos apenas três são omitidos: José Simões Dias, o Conde de Monsaraz e Cesario Verde, e não por figurar ao fim do índice. Mas talvez nada queira dizer.

600 Entre eles os simbolistas, Eugénio de Castro; e cita Paolino de Oliveira, Antonio de Oliveira Soares e D. João de Castro; também dedica algum espaço a Alberto de Oliveira, António Nobre, Eduardo Coimbra, Queiroz Ribeiro, António Feijó, Fernando Caldeira, Júlio Brandão, Mendes Leal, Soares de Panos, Bulhão Pato, Guillermo Braga, Tommaso Ribeiro e Castilho. Vê-se logo que Padula dispunha em Nápoles dumha boa e atualizada informação, facilitada sem dúvida polo seu amigo e cônsul em Génova, Joaquim de Araújo, que é situado, curiosamente, ao lado de Junqueiro, Gomes Leal e Cesário Verde.

em *Galicia Moderna*. A corunhesa Sofía Casanova era colaboradora da *Revista Gallega*, e das mais prezadas; em junho de 1901, ausente em "la Polonia Austríaca", envia umha carta a Carré que é publicada no número 328, em que o anima no labor empreendido... Mas não podemos afirmá-lo.

E aqui acaba toda a referência ao livro. A sua coda apresenta, no entanto, enorme valor para umha definição mais acabada da *ubicação* sistémica do galego (se não de facto, polos menos como tendência): Carré afirma escrever de "cousas da terra": "Enchoutados como de cote que falamos ou esquirbimos de cousas da terra fumos facendonos longos abondo, e já é tempo de poñer punto. Nosa enhoraboa ao autor da obra da que quixeramos moitas somellantes que poder abranguer arreo".

E porque fala de cousas da terra, não pode esquecer pedir ao autor o que será habitual pedir aos lusitanistas estrangeiros: que dediquem um espaço para o sistema regionalista, umha das fórmulas de validade relativamente exitosas no seu difícil caminho, que lhes proporcionava tornar-se conhecidos, e com certo prestígio, para além de poder saltar por cima do polissistema espanhol:

> "E vamos facer un rogo ao Sr. Padula, que non é outro que nos seus ratos de vagar así como estudiou a literatura portuguesa, estudie a literatura gallega, que se nos comenzos da formación do idioma iba ao par e era a mesma que a portuguesa, e despois perdeuse, hoxe que rexurde das mortas cinzas cal *ave fenix* non é de menos valor o seu estudio.
>
> Dado o entendemento do Sr. Padula prestaríalle co a sua obra moito favor a esta traballada e esquencida terra gallega, facendo conocer fora da península os poetas e esquirtores do noso bendito chan".

Em conclusão, se algum leitor se aproximar da seção de "Bibliografía" com o ánimo de conhecer de maneira minimamente pormenorizada as novidades do mercado, apenas podia contentar-se com conhecer algumhas existências... No sistema regionalista não podia ser doutro modo.

Quatro meses mais tarde da resenha do livro de Padula, umha nova seção aparece na revista: "Poetas Portugueses". A polémica sobre a língua concluíra dous meses antes. Do que se vai tratar é, todavia, de dar cobertura jornalística à tradução de trechos do livro de Padula. Em quase três, o livro chegara de Nápoles, que é onde está assinado por Padula, circulara com certeza entre os membros da "Cova Céltica", e foram traduzidos algumhas das suas páginas; e selecionadas.

No número 73 então, de 20 de julho, anuncia-se que da obra em questão se começa "hoxe á traducir unha serie de biografías de ispirados poetas do viciño reino lusitano". A "erudita" introdução é omitida: nela fazia-se umha aproximação geral do panorama literário português contemporâneo.

E o turno corresponde, como não podia ser doutra maneira, a João de Deus. E não podia sê-lo por três razões: é o primeiro autor comentado no

livro. É, ademais, um escritor cuja transferência resulta não violenta, mas condizente com a tendência que os regionalistas corunheses podiam representar e que o seu público podia esperar; a começar, sem ironias, polo antropónimo do lusitano. E ainda pensamos haver umha terceira razão: João de Deus acabava de morrer no meio dumha grande homenagem do povo português; era um dos poetas *do povo*.

E, naturalmente, fala-se de João de Deus com referências italianas, e para italianos. Por exemplo Padula tinha mui presente a monarquia portuguesa, talvez polo que para ele significava o rei italiano como símbolo da unificação. O livro vai dedicado ao Rei D. Carlos; e, ao falar de João de Deus, abre com o gesto de homenagem que o monarca tivo para com João de Deus com motivo do natalício do poeta, comparado, como não, com um sucesso similar entre *Tiziano* e Carlos V. Não faltam as comparações tão-pouco com o suíço de origem italiana Pestalozzi; e isto por citar as referências mais evidentes à cultura italiana; algumha outra índole de comparação parece estar quase tão distante como o elemento comparado, como a do poeta com "o verdadeiro tipo de patriarca oriental"; muitas outras aparecem, sem dúvida, mas não estamos em condições de as estudar.

Por outra parte, algum testemunho aparece do presumível pouco conhecimento que o grupo tinha dos poetas portugueses mais recentes: no original, os nomes dos poetas aparecem em letras miúsculas; na tradução o nome de João de Deus aparece entre aspas, «Joâo de Deus», o que nos parece estranho; a não ser, e assim o cremos, que o tradutor, neste caso Galo Salinas, interpretasse o nome de *A Vida* como um pseudónimo. A escolha calhava perfeitamente com o sentir do grupo.

De resto, a tradução é integral; nela, Padula qualifica (e, portanto, a revista *traduz* e o leitor *conhece que*) o poeta como o que "millor representaba o genio lusitano"; que "fixo remozar (ringiovanito) a poesia portuguesa reconducíndoa ao oríxen, esto é, a sinxela (schietta) ispiración popular e nacional, ao estudio da lingua e da versificación de Camoens". Enfim, sem sair destas primeiras linhas, parece este todo um programa de ação para o grupo; se não a sua melhor definição[601].

---

[601] O leitor galego, particularmente aqui os responsáveis da revista, vão constantemente aplicar o seu próprio horizonte como modelo de receção de autores e obras portuguesas, mesmo que os textos não sejam de ficção. A decodificação, longe para eles de apresentar problemas, é preenchida interessadamente com a experiência própria, para assim melhor apropriar o objeto. A dupla atividade de redução e amplitude de sentidos a que se refere Stierle (1975) atua aqui perfeitamente, mesmo na receção da biografia dum escritor: apaga-se a referência do escritor ao seu contexto originário, mas não o suficiente para retirar a marca fudamental ("ser português") para convertê-lo num programa de acção galego émulo do luso. E, veremo-lo, as notas de rodapé com que o leitor semeia a sua leitura dum texto estrangeiro, já aqui vão ser postas polos responsáveis do semanário, sempre numha direção *pragmatizante*.

Nasceu para mais na aldeia, tinha "dozura" de caráter, fizo poemas a umha "mociña" que morrera e por quem se apaixonara; mesmo um "graceoso poema burlesco contra d'un profesor". Era "devotisemo de Camoens sinaladamente, lle somella pol-a fecundidade da fantasía, delicadeza de sentimento e esplendore na dición." Para cúmulo de coincidências com a linha do grupo corunhês, e com o sistema regionalista em geral, "era pouco dado ao estrangeiro, porque, asestido sempre d'unha ispiración espontánea, reproducía c'unha simpricidade encantadora n-o fondo é na forma a poesia portuguesa, místicamente tenra e sensual"; palavras, estas últimas que qualquer leitor podia relacionar com Rosalia de Castro, por exemplo.

João de Deus, nas palavras traduzidas de Padula, "non sopara jamais n-os seus cantos o amor de Deus do amor da muller". *Et sic de caeteris*. Se, para além da descrição, cita Padula Teófilo Braga como compilador dos escritos de João de Deus, parece que a coincidência entre transferência e repertório é quase total.

À tradução, Salinas acrescenta no obstante algum dado a respeito do enterro do poeta, com algumha informação não mui bem contrastada (diz que foi enterrado no "tempro *Manueliño*", que, na realidade é o estilo do panteão de Belém e não do Nacional) e cita as obras publicadas até ao momento, num complemento do texto que mais parece necrológica de jornal que cabal conhecimento.

Seja como for, a seleção de João de Deus não oferecia dúvidas: era, possivelmente de todos os poetas tratados por Padula, a que melhor se adequava ao que o grupo e o público podiam esperar.

No número a seguir, o 74, cabe esperar a continuação da seção; e, com efeito, mantém-se, agora com o acréscimo do adjetivo "modernos". Mas mantida a seção, a ordem é alterada. Porque o poeta que, juntamente com João de Deus e Teófilo Braga merecia o maior destaque de Padula, aqui, desaparece: ele é Antero de Quental.

E era lógico; nesta particular "literatura por biografia" (duvidamos que os leitores e mesmo Galo Salinas e outros conhecessem os textos de quem falavam), o perfil que Padula trata, sem exageros de maior, a respeito de Antero não podia aparecer na revista. E isso apesar de ser denominado "il capo del movimento letterario nel Portogallo"; ou de ser, depois de Teófilo, e talvez de Junqueiro, o autor mais conhecido polo público; nem assim. A seção não era nem umha tradução sem mais, nem um panorama pretensamente objetivo; era, sobretudo, um ato de propaganda. Se falar de Portugal era falar de aspirações galegas, era preciso escolher os modelos que melhor condissessem com as ideias do público e deles próprios; e o poeta cívico, revolucionário, socialista, suicida, não era o melhor. Seria um mal exemplo. A formação de Antero parecia desiludir de início os liberais, *ma nom troppo*, regionalistas; se o facto de

que "nella letteratura introdusse le dottrine filosofiche dei tedeschi e le teorie umanitarie dei francesi", não era a melhor base, um escritor que "cominciò col cattolicismo(...) per cadere nel dubbio (...) passare all'incredulità (...) ed all'ironia pessimista" era demais. Padula informa, e os regionalistas silenciam, que Antero estudou os budistas; e que na sua obra "*Inno del Mattino*", "La luce del giorno è per lui como una torcia sanguigna che rischiara l'intermo d'una cripta spaventosa ed il profumo, che la natura innalza verso il cielo, è un veleno commisto d'innumeri putridumi e d'impuri effluvii della carne". Um sensualismo e um ambiente mui afastados dos dum João de Deus.

Ele foi, ademais, quem chefiou a revolução literária contra Castilho. "l'uomo d'azione e lo stoico sopraffanno il sognatore metafisico"; "La dottrina che professava gli parve insufffciente, troppo pagana e materialista e così vide crollare le sue credenze di pensatore, come già un tempo quelle religiose".

E acaba por suicidar-se, não à maneira romântica, tal e como podia ser interpretada e ainda admitida, mas como "soluzione inevitabile delle sue teorie, delle quali risenti pel primo il velenoso influsso".

O sistema não estava nem para suicídios nem para estas influências. E também não para acolher entre as suas escassíssimas possibilidades de institucionalizar (a revista) o que supunha umha inovação sem dúvida, se for adotado como modelo. Era a ausência mais clamorosa do conjunto da tradução, particularmente se tivermos em conta que um seu companheiro de geração vai ser amplamente tratado, mas com umha bibliografia bem diferente ao *satánico* Antero. Assim, o autor mais largamente tratado no opúsculo de Padula fica posto de parte, e oito páginas do texto são passadas.

Chega a vez então a Teófilo Braga, já conhecido dos leitores, e parceiro de Antero, dado este que não é consignado. Nele valoriza-se a sua produção poética e especialmente o seu labor de historiador; a sua "alta maneira de evocal-o pasado e canto aparez escuro n-aquela idade pois el reconstrui a época con incomparabre potenza é visón"; a ele são devidos "vastos traballos sobre a poesía popular portuguesa". Ele mostrou "como Portugal é dono d'unha literatura propia rica e variada de abondo"; "o nome de *Teophilo Braga* tense por un dos mais lumeosos que Portugal deu á civilización".

Não fazia falta acrescentar apostilas ao que era a perfeita radiografia da talvez principal transferência do sistema (via historicista e erudita da Tradição), ao lado de Camões (via do modelo clássico por excelência).

Até ao numero 85, quase três meses depois, teriam que esperar os leitores atentos à seção, e não poderia ler o utente da revista, a próxima entrega. É o turno de Gonçalves Crespo, e, mais umha vez, um outro poeta é omitido: João Penha; outra lógica ausência?; por quê? Penha começa por ser descrito como un poeta "eminentemente ironico, ma nel contempo correttissimo ed elegante"; longe então do modelo corunhês, clássico ou "sentimental", não

humorístico; e longe também do humor "*retranqueiro*", muitas vezes tosco ou grosseiro, doutros repertórios que circulavam polo sistema. Nos seus versos, "improntati di cinica amarezza, campegnia l'ironia heiniana[602]"; distinguia-se pola perfeição do soneto... Não parece haver razões sobejas para a sua supressão, mas ela é plausível num poeta boémio como este; a não ser umha: as escassas trinta linhas que lhe são indicadas, que quase não dariam para meia coluna de página, talvez interpretado o pouco espaço como pouca importância do poeta tratado[603]. Mas em igual caso está Simões Dias, e é traduzido o texto que a ele se refere.

Portanto, o poeta agora vulgarizado é o que está a seguir na lista, Gonçalves Crespo; Crespo tinha larga fama no país vizinho; ele é definido nos seus versos como poeta elegante e alegre; sensual, cujo maior mérito é "o geito de poetizare", "atitude de poetizare", "ennobrecendo as mais simpres circunstancias que ó acompañan". O ambiente descrito por Padula a partir dos seus versos, pode facilmente ser confundido como romântico; aliás nunca é citada a sua filiação parnasiana. Os elementos da natureza são tratados nas suas obras com boa imaginística e singeleza. A história da relação de Crespo com Amália Vaz de Carvalho pode interessar os leitores: "fermosa e joven soñadora que moraba nun castelo"; e que "soupo apreciar a mente e o corazón do poeta"; o conservantismo neorromântico de Padula parece motivo para prender o leitor: ela "fíxoo seu esposo, non oustante ela sere de nobre linagen e de conocer o escuro nascemento d'él". A morte surpreendeu Gonçalves Crespo jovem, e "a inconsolabre viuda, que hoxe é unha literata de nome n-o Portugal, pubricou n-un volume co o título de *Nocturnas* [...] non poucos versos do chorado consorte". Mais um poeta que podia passar a alfândega sistémica.

O número 89, quase um mês mais tarde, está dedicado a José Simões Dias. De novo o tradutor salta por cima doutros nomes; neste caso é o turno de Manuel Duarte de Almeida. Também não é o espaço a causa da exclusão; o dedicado por Padula a este é superior ao de Simões Dias. Pensamos que são de novo motivos ético-estéticos que provocam a sua omissão; com efeito, Duarte de Almeida é um autor que, embora devedor de Antero e João de Deus, se situa já numha linha parnasiana (fazendo grupo com Gonçalves Crespo, por exemplo) mas fronteiriça com o simbolismo. Poupando aqui juízos estéticos sobre o autor de *Elegia panteísta a uma mosca morta*, os emitidos por Padula não eram os mais condizentes com as ideias ético-estéticas dos regionalistas. O soneto *Aromatographia* (de claro *aroma* simbolista), é assim descrito polo italiano: "E però la curva voluttuosa del colmo seno, il fulgori degli occhi e l'effluvio che si sprigiona dalle nere chiome ondeggianti trovano

---

602 Heine era um modelo em várias zonas do sistema, mas não por esta via.

603 Penha publicou pouco e mui espaçadamente; na altura apenas tinha um livro, *Rimas*, de 1899.

corrispondenza arditissima nel benzoino, nella magnolia e nell'impetuoso vento australe carco di aromi". *Modernista* demais para os galegos.

Os regionalistas procuravam na literatura portuguesa modelos, produtivos ou exemplares; e se a presença de Camões podia ser um bom motivo de incorporação ("di cui Manuel Duarte de Almeida si mostra verace discepolo"), as consequências da sua popularidade não eram a melhor propaganda: "Il suo nome è divenuto talmente popolare da servire passaporto ad alcune novelle di cattivo gusto, pubblicate in Portogallo da ingordi speculatori che non si fecero scrupolo di memorare in siffatta guisa la riputazione del poeta". Mais ainda, este proceder fora censurado vivamente por umha autoridade incontestável: "La *Rivista critica di Storia e Letteratura spgnuola* di Madrid, diretta da Rafael Altamira, ha stigmatizzato l'indegno procedere, aggiungendo che nel campo letterario non si può allegare a discolpa l'omonimia, quando riguarda uno scrittore, como il nostro, già consacrato dalla fama".

Se a isso somarmos aquele seu "amor a Espanha", a passagem de página era outra vez ineludível.

Continuava formando-se então nas páginas a seguir da revista a opinião *italiana* a respeito da literatura portuguesa moderna. De Simões Dias diz-se logo ao começo que ele pertence ao grupo de João Penha, Guerra Junqueiro, Duarte de Almeida, Gonçalves Crespo e outros que "socederon á escola de Anthero de Quental e Theófilo Braga". A fidelidade de Galo Salinas ao original, leva-o a cometer um pequeno erro, porque pode então o leitor perguntar-se (embora não conheça o texto de Padula) o motivo da exclusão de Antero, se seguem o texto e a tradução umha sequência cronológica. Mas enfim, cedo sabe por estas linhas que Dias é um "poeta feito popular", a quem portanto "bem [sic: portagens do parentesco linguístico] se lle poide chamar o Beranger portugués": *popular* e *Bèranger* eram conceito e pessoa facilmente associáveis polo leitor, afeito a ver o nome do poeta como qualificativo dos próprios (desde Pintos, Carvalho, 1975:81) e muitos poemas imitando-o. Por exemplo, meses antes voltava *Tierra Gallega* a publicar o poema "Mirand'ó chau" de Curros, acompanhado da frase do vate galego: "imitacion de Bèranger)[604]. A estas caraterísticas Padula agregava outras igualmente caras ao sistema regionalista postulado polos corunheses: os seus *Peninsulares* "teñen toda a impresión das canciós nacionás"; em composições de Dias "advírtese o sopro malencónico e soave da lírica Camoneana"; a língua é "melodiosa e delicadamente esfumada como á dos trovadores". Portanto, nele estava de novo a conjunção perfeita entre o Clássico e a Tradição (popular e culta).

---

[604] Número 106, 26 de janeiro de 1896.

E na continuação, Galo Salinas, fiel transcritor, traduz: "*José Simões Dias* goza de merecido renome en España onde os seus versos tuberon o honore de seren traducidos pol-o célebre Ventura Aguilera".

O original diz assim: "Simões Dias gode meritata rinomanza anche in Spagna, dove i suoi versi ebbero l'onore di essere tradotti dal celebre Ventura Aguilera".

Há umha ausência significativa: *anche*. Parece que Salinas preferiu marcar a popularidade do escritor (que era reconhecido polos espanhóis, quanto mais então polos galegos) que acolher a crítica implícita ao *fechamento* hispano.

Até aqui chegou a vulgarização de poetas portugueses, por esta vez, a partir do livro de Padula. A tradução, ou a sua publicação, ficara interrompida. Consequentemente, os outros poetas que eram estudados por Antonio Padula não conheceram a luz na *Revista Gallega.* Eram preteridos para já todos os simbolistas, embora fossem poetas *da terra*, como Nobre, em quem talvez o pessimismo era ainda um *excesso de peso* para cruzar a alfândega sistémica regionalista. O mesmo acontecia com os românticos mais ou menos tardios, como Castilho ou Bulhão Pato. E, é claro, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Cesário Verde; e Joaquim de Araújo, poeta amigo de Padula, e bem tratado no texto; a ausência mais notória, por enquanto; porque Araújo[605] vai aparecer nas páginas da *Revista Gallega*.

Mas, antes de comentar essa presença, impõe-se-nos umha valorização do conjunto até aqui divulgado porque encerra o ciclo, dado que a divulgação de Araújo ficará para dous anos mais tarde: olhando o repertório de escritores vulgarizados, e contrastando-o com o que anos ante aparecera nas páginas de *El País* da mão de Curros, faltam nesta todos os poetas que aparecendo no texto de Padula, também figuravam naquela "galeria" de Curros Enríquez; todos menos o do indiscutível *galeguista* Teófilo Braga, cuja ausência seria a assunção dumha *perda* que, de resto, não existia: puro acaso? Talvez nunca cheguemos a sabê-lo; mas, como hipótese mais certa, tornamos a colocar a que já anotámos: a *captação* era muito mais difícil se tinham sido já defendidos polo mesmíssimo Curros Enríquez como filo-iberistas (sem a Galiza) e mesmo como filo-espanhóis. Tão persistente ausência de Guerra Junqueiro, Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, ou inclusive António Feijó tem de ter algumha(s) explicação (-ões) não passível

---

605 Pola correspondência de Curros Enríquez com António Feijó sabemos que o primeiro, por intermediação do poeta lusitano, vai ir conhecendo pessoalmente muitos dos poetas portugueses mais celebrados na altura, entre eles Araújo; mas pensamos que não vai ser por esta via que aparece Joaquim de Araújo; talvez por mediação catalã (Altamira) ou italiana (Padula): não será a primeira vez que o sistema galeguista recorra a elementos doutros sistemas para o relacionamento com Portugal, mesmo contando com elementos tão privilegiados como Curros, o que é o caso; ou então, estava na *memória do sistema.* Lembremos o caso da *Liceo Brigantino* e pertencer Araújo a um dos círculos de pessoas chegadas a Teófilo…

de ser inventariada como casualidade, o que, por vezes, é não dizer nada. Parece-nos fora de dúvida que determinadas captações eram sentidas como umha nova cerca posta ao sistema.

Quanto a Joaquim de Araújo, não parecia lógico que o informado por Padula não fosse vulgarizado na revista. Parecia mesmo umha indelicadeza, para com Padula e a própria *Revista crítica*[606]. O seu nome tivo que esperar dous anos para ver-se refletido nas letras da publicação corunhesa. Mas passou para a primeira página do número 210 de 19 de maio de 1899; caso inédito.

---

606 Incluímos no corpus do nosso estudo esta publicação porque exercia um magnífico labor de enlace entre os investigadores e eruditos de diferentes lugares da Península e ainda doutras partes da Europa e América. O seu título completo, *Revista crítica de Historia* y *literaturas españolas, portuguesas é hispanoamericanas* é aliás bem ilustrativo, embora a presença do sistema português, e do galego, não fosse mui abundante. A revista, que saíra em 1896, e, segundo os nossos dados, chegou a 1902, era dirigida por dous prestigiosos intelectuais da época, Antonio Elías de Molins e Rafael Altamira, catalães e este, sobretudo, reconhecido lusófilo e lusitanista. A revista estava atenta às novidades editoriais que apareciam no alargado contexto que abrangia; assim, em 1898, Farinelli dá à luz os seus extensos "Apéndices a los apuntes sobre viajes y viajeros por España y Portugal", que inclui umha mui comprida série de notas bibliográficas, em que se incluem centos de títulos, sobretudo europeus. O seu interesse leva-os a variados temas, desde a obra de Benedetto Croce, tratada no volume de junho a setembro de 1898, às publicações mais recentes da França, donde por outro lado recebem o maior número de informação, a teor da grande quantidade de publicações gaulesas que assinavam (vid. por exemplo os número 8 e 9 de setembro e outubro [sic, estão mal numerados] de 1899).
Nas suas páginas, lugar de encontro de galegos e portugueses, concedia-se certa atenção às publicações científicas que, para o caso galego, se reduziam ao *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos históricos y artísticos de Orense*, cuja aparição é pontualmente saudada. Nela, a seleta presença de galegos e portugueses dá conta dos trabalhos que eram mais prezados para a comunidade que recebia a revista, e, também, da produção entendida como mais importante no sistema regionalista; e, de novo, as *nossas contas* não parecem estar erradas. Nesta revista, de História e Literatura (mais do primeiro que do segundo, tudo deve ser dito) a única atividade literária regionalista galega que aparece, numha revista que acolhe textos em catalão, é a resenha, elogiosa, de *Fugaces*, de Sofía Casanova, no volume conjunto 7 e 8 de 1899, assinada por D. L. de la T., e que fazia o número 47 da Bibilioteca Gallega que dirigia Martínez Salazar, colaborador também da *Revista Crítica*. A restante presença galega era constituída na sua totalidade por textos no âmbito da história, a arqueologia, a filologia. Ribalta publica, no volume que incluía os números 6-9 de 1898, os seus comentários ao livro de A. López Ferreiro *Galicia en el último tercio del siglo XV*. Em 1899, nos números 11 e 12, de novembro e dezembro, Federico Maciñeira publica "Castros históricos de Galicia (apuntes para su estudio)", onde também é publicado um texto do Padre Sarmiento; nos números 4 e 5 abril-maio de 1900 Carré dá notícia da sua *Literatura Gallega en el siglo XIX*, que vai publicando nesse ano, e ao longo de praticamente todo o ano 1902 publicará a primeira parte os seus "Apuntes para la historia de la imprenta y el periodismo en la Coruña".
No número 1 de 1900 figuram como os trabalhos mais importantes publicados até à data, para o caso galego e português, um de F. A. Coelho "Bibliografía de los viajes por España y Portugal"; outro de dona Carolina sobre Garci Sánchez de Badajoz, a qual analisa assim mesmo num outro artigo a obra de Gracián e Sá de Miranda; Martínez Salazar publica "Una gallega célebre en el siglo XIII"; Cotarelo Valledor debruça-se sobre obras de Lope de Vega.
No número 1 de 1902, recensiona Antonio Elías de Molins a *Crónica Troyana, códice gallego del siglo XIV*, editado por Martínez Salazar.
Em 1901, Caïel [a intelectual e pedagoga lusa Alice Pestana] assina um extenso e elogioso artigo, em português, sobre o recentemente falecido Eça.
Nos números 11 e 12, de 1900, Leandro de Saralegui escreve sobre o "Museo arqueológico de Pontevedra".

E, para além disso, os elogios que a ele se dirigiram foram seguidos por três composições dedicadas a Michelet[607], e datadas em Verona um ano antes.

Os comentários prévios aos poemas incidem no reforço da linha regionalista. Dele conta-se que é um dos poetas "que más justa y merecida fama supo adquirir en estos tiempos". Aprecia-se a sua versão do *Intermezzo* de Heine (umha das mais notórias transferências da época); os seus requintados sonetos, sobretudo, o conjunto dos consagrados a Camões, "de quien es devotísimo", "obra maestra e conmovedora". Dá notícia também o cronista da sua edição "crítica" de *Os Lusíadas*, e da fundação da revista *Círculo Camoniano*, "en la que colaboraron los más ilustres literatos de toda Europa".

A caraterização do poeta continua:

> "Corazón leal y abierto á todo sentimiento generoso, rindió tributo á la memoria de Verde, Coimbra y otros poetas contemporáneos en sus *Poetas mortos*, y sobre todo expresó su dolor por la trágica muerte del infortunado Anthero de Quental, al que le ligaba fraternal amistad, con su sentidísima oda *Na morte de Anthero*, en lo que la grandiosidad del concepto filosófico se une á la forma clásica de la poesía helénica".
>
> "Su volúmen *Occidentaes*, es maravilloso por su variedad de metros y derroche de inspiración".

E, como final do artigo, a habitual afirmação do sistema interliterário e a consequente apropriação: "Sirvan estas cortas líneas de testimonio respetuoso al insigne literato português, que nosotros los gallegos consideramos casi como propio todo lo que se relaciona con una nacionalidad á la que nos unen los vínculos de la raza, historia y lengua".

Na verdade, neste último comentário, parece minusvalorizar-se um tanto a presença de Joaquim de Araújo, mais justificados os seus méritos por ser português, do que pola sua própria obra, a qual, aliás, irrompe com certa brusquidade na linha de transferências da revista: não estranharia o leitor da época por exemplo umha ampla resenha, e de primeira página, sobre Leite ou Teófilo Braga, mas deste poeta, novo e incógnito, sim.

Por outro lado, cabalmente pode pensar o leitor, admirado, que muito ampliou o espetro de leituras portuguesas o redator da crónica, passando em dous anos de receber notícia da moderna literatura lusa pola tradução dum texto italiano, a ler o "testimonio respetuoso" na revista com relação ao insigne literato, de quem parece haver profundo conhecimento.

Nada disso, obviamente. O testemunho era emprestado; se calhar, até, o seu autor nunca tivera nas mãos um livro do diplomata português.

O caso é extraordinariamente curioso; por vários motivos. Com toda a certeza, podemos afirmar que mui pouco mais sabiam os redatores da revista de

---

607 Talvez a dedicatória a Michelet não fosse alheia à escolha, sendo o historiador um dos mais caros ao regionalismo, como se vê no caso de Murguía, por exemplo. Vid. Máiz, 1984: 257, v. gr..

Araújo que não fosse através do livro de Padula. A introdução do poeta faz-se mais umha vez a partir de *I nuovi poeti portoghesi*, mas, agora, já não se cita a fonte, mostrando umha segurança e domínio que não se tinha na realidade. A impressão de atualidade fica, e isso é positivo para o que os regionalistas pretendem representar; cumpre perfeitamente a sua função, que é o importante; mas é falsa.

Se compararmos o texto da crónica com o de Padula podemos notar que se trata dumha tradução, quase *ad pedem litterae* de vários trechos dele. São poupadas logicamente as referências a Petrarca; e elude-se umha crítica de Eça a Araújo a propósito do pouco rigor crítico na poetização da vida de Camões, entre outros fragmentos suprimidos.

Dos incluídos, o leitor (tentamos interpretar o que pudo ter sido a sua reação), tem que sentir um certo incómodo na leitura, máxime se a sua fonte de informação a respeito da literatura portuguesa fosse o semanário corunhês; porque há referências que na crónica aparecem, que nunca verificou na publicação; e a que dificilmente teria acesso nas publicações galegas. Podia ser umha indeterminação difícil de preencher. A revista cita C. Verde e nunca dele falou; Araújo dedicou parte da sua obra a Antero, e dele jamais houvo notícia na *Revista Gallega*.

Mas há interrogações mais decisivas. Que pode indicar esta apropriação, não mui ortodoxa, do texto de Padula? Para já precariedade informativa, no grupo, reiteramos, mais *avançado* do regionalismo galego en termos sistémicos. E, sobretudo, indiferença pola nova literatura portuguesa, ou, melhor, preferência dada a outras transferências: o estudo da literatura popular, a exaltação de Camões como clássico, os trovadores, o historicismo, a procura das origens, eram necessidades urgentes, ou assim o entendiam Carré, Pondal, Vaamonde ou Salinas; e eram-no em razão da própria valorização de como o sistema regionalista devia ser. Isto revela umha profunda *décalage* no relacionamento; como a verificada com Eça, com Antero e com Junqueiro, apenas vulgarizados por Curros, desde o polissistema espanhol.

Esta profunda conceção conservadora (ou procuradora doutros caminhos para a estética clássica, como no caso de Pondal, justamente qualificado por Méndez Ferrín de "o primeiro formalista": 1984, 21), anulava várias possibilidades de proliferação sistémica, em que o caso português é o mais relevante. A proliferação atentava contra a unidade Macro Textual da produção regionalista; punha em risco as essências. E, não podemos deixar de reiterá-lo, isto acontecia com o segmento mais inovador do sistema; os outros segmentos censuravam mesmo estas aberturas. O malfadado Pondal será sempre lembrado nesta época por umha composição de 1854!, *A campana d'Anllóns*; foi fruto também da má fortuna de ter sido incluído por Murguía, sem dúvida

na altura para o ponderar, no grupo dos Precursores; e alá ficou para muitos longo tempo[608].

Todo este conjunto de linhas, que não quer abandonar as "essências", não vai ter possibilidade de expansão além fronteira; apenas como produto *filologizado*, só em algum caso foi acolhidas em Portugal; e as suas possibilidades de concorrência com o seu adversário sistémico, o espanhol, de cuja Importação portuguesa damos adiante breve informação, estava anulada.

A passagem de Araújo pola *Revista Gallega* foi tão intensa como efémera. E não tinha necessariamente que assim ser, porque a sua estética e os seus temas não estavam tão distanciados das pessoas que auspiciavam a publicação; seria mesmo umha boa *adquisição* a deste poeta influente e relativamente popular; era um "neo-romântico [...] permeável polas novas vias estilísticas", como bem diz Seabra Pereira (1975:127); mas os interesses eram outros; e a publicação de versos como "Incenso alado polo espaço mudo", "Mestre supremo! Em teu marmoreo leito/chovem loiros e rosas de esperança", "Na «via-lactea» da infinita aurora!", que tomamos dos poemas transcritos pola revista, e enviados, se não por Araújo, sim por Padula ou Altamira (ou, mesmo, não o sei, se calhar, dum volume do seu poemário na posse de membros da revista…), eram mais produto da delicadeza e da oportunidade tática, do que da transferência estratégica que se pretendia.

Qual foi então a sorte doutros grupos e centros do sistema fonte português? E qual a resposta dos outros meios de comunicação que aqui estudamos? Antes de dar mais ampla resposta a estas questões, queremos singularizar parte da que devemos à segunda; porque singular é o caso do aparecimento, em abril de 1898, dum artigo rubricado por Francisco Rodríguez del Busto intitulado "João de Deus" em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, escrito expressamente para essa publicação.

V.10.5.4. João de Deus em *El Eco de Galicia* de Buenos Aires

A surpresa apenas fica compensada pola fina e multifacética sensibilidade de que este engenheiro e, geógrafo e marinheiro dá repetidas mostras na publicação. Porque o decenário não se tinha distinguido até à data (nem o fará em

608 Essa marca de precursor, que, com ser elogiosa, impedia a receção mais atualizada da obra de Pondal pode comprovar-se por exemplo em *El Eco de Galicia* de Castro López, onde em 1898, o livro *Queixumes dos Pinos* é saudado em extensíssima resenha, no seu número 249, mas dous meses antes, no núm. 243, o poeta de Bergantinhos ocupava o quadro de honra que a a página do rosto do decenário queria pôr de manifesto com a denominação de "Precursor". Ferreiro (1992: 53-54) recolhe as afirmações de Martínez Salazar no sentido de que "intentou convencélo inutilmente da [...] inoportunidade" de reformar *A Campana d'Anllóns.*

momentos posteriores) pola vulgarización de escritores portugueses[609]; mas Rodríguez del Busto fizo que um deles fosse dado a conhecer aos leitores, confirmando aliás a popularidade de que desfrutavam João de Deus e a sua obra.

O caso é ainda mais curioso, se tivermos em conta que del Busto escreve desde a cidade argentina de Córdoba, onde os ecos e os materiais sobre João de Deus seriam mais difíceis de encontrar. Del Busto era publicista habitual de *El Eco*, em que tratava os mais variados temas. Homem dedicado à História e à Literatura, Couceiro Freijomil (Couceiro, 1953, III,200), dá-nos conta de polo menos catorze publicações dele, que vão desde temas políticos a científicos. E, entre os seus artigos, deixou o que agora nos ocupa, onde revela um bom conhecimento da literatura contemporânea[610].

Há evidentes elementos que diferenciam esta aproximação de João de Deus das que conhecemos na *Revista Gallega*; e não apenas polas fonte de cada umha, que, neste caso, parecem ser de elaboração própria a partir do texto. Em primeiro lugar destaca o facto de que Rodríguez del Busto fala de João de Deus como texto, não como pretexto; certamente, e como veremos, vai propô-lo como modelo, mas depois de dedicar a maior parte do artigo a falar da obra do poeta. Ele está, pois, *livre de objetivos regionalistas*, embora faga alguns comentários ao respeito. Por outro lado, convém termos em conta que del Busto fala para os argentinos, embora também seja lido por galegos e na Galiza, e o faga *desde* a Europa.

E, sem embargo destes matizes, podemos aqui deduzir com bastante segurança, a conceção que do bom repertório poético tinha del Busto, e, por isso, o sistema regionalista, com poucas exceções.

O começo do artigo situa-nos principalmente no que sim podemos considerar critério estético comum com os regionalistas galegos da Corunha:

> "A través de mis exploraciones por la literatura europea de este siglo, heme detenido siempre complacido ante el florido renacimiento poético del Portugal. El viajero literario, después de cruzar las exóticas regiones del parnasianismo francés, perderse en las densas oscuridades del simbolismo escandinavo y oír la insufrible algarabía de la moderna decadencia allá en la Lutecia enferma de últimos de siglo, siéntese complacido al escuchar el acento de los cantores lusitanos".

---

609 Cada quem transferia o que precisava segundo a sua ideologia e valores, naturalmente: a primeira *presença* portuguesa em *El Eco* bonaerense é no artigo "El soldado español", no seu número 10, em que comenta o artigo que "el ilustrado teniente de caballería Dn. Antonio José de Mello"publicara numha revista militar lisboeta; dele tomam uns trechos que, "expresados por un autorizado órgano de la prensa extranjera que no acostumbra a hacernos la debida justicia en todos los asuntos, es prueba comprensible de que procura juzgarnos con criterios de verdad".

610 Por exemplo, no número 411, de 20 anos mais tarde, março de 1903, escreve um interessante artigo sobre "El cuento moderno", onde mostra alto conhecimento da literatura europeia, e onde diz cousas como: "Los pasteles de la mesa romántica, los guisotes y cocidos de la escuela naturalista, los confites pintarrajeados de la repostería decadente nos tienen cansados los cerebros". Decerto, e como passava também na Galiza (e em parte também no Portugal de fins de século), um dos modelos preferidos era o russo: "leed á Tourguneff, á Dsotoieswki, á Gorki y sobre todo Tehecroft [Tchekhov], ese filósofo de la pobreza y el pesimismo".

De Portugal, e deste ponto de vista *secundário* (em termos de sistema), tende-se a tomar habitualmente a linha tradicional e popular, de continuação romântica, obviando o ultrarromantismo, claro está. E põe-se de parte, para além do simbolismo (a que expressivamente del Busto não faz referência no caso português, mas sim como vimos noutros lugares da Europa), a linha de Junqueiro, um poeta para estas sensibilidades quase maldito. Apresentando João de Deus, del Busto informa de quais são na altura os poetas lusos mais conhecidos:

> "¡Oíd! Viene de lejos el eco romántico del inspirado Almeida Garret, iniciador del *tercer renacimiento*; el desgraciado ciego Castilho deja oir, en medio de la noche de su vida, sus tristezas y sus desesperaciones, mientras que Guerra Junqueiro, poseído de todas las rabias de la moderna revolución, hace chasquear su látigo infernal sobre las cabezas de todos los poderosos".

Inserido João de Deus na história recente da literatura portuguesa, é a altura no artigo de indicar o repertório do poeta. E, para ainda mais confirmarmos o tipo de transferências que o sistema regionalista tomava da produção literária portuguesa, assim define del Busto o poeta recentemente falecido:

> "[...] acento dulce y sencillo, [...] como esas músicas campesinas que en días de fiesta cruzan los caminos de las aldeas portuguesas y gallegas, mezclando sus notas con los rumores apagados de los castaños y pinares de la montaña... Es João de Deus"

Um repertório que condizia bem com umha das linhas mais bem sucedidas no sistema regionalista. Da comparação de referentes, passa del Busto à assimilação do poeta à Galiza: "Paréceme que el alma de mi tierra prestó al ilustre lírico un algo de esa dulce melancolía que flota sobre la húmeda atmósfera de aquellas campiñas".

Fica João de Deus recebido como um fino ruralista. E surge o inevitável comentário, mesmo para quem expressamente não se dirige a galegos: "nada tiene de extraño. Galicia y Portugal son hermanas; hermanas por su historia y sus bellezas[611]".

A assimilação continua. Del Busto identifica João de Deus com Rosalia, o que nos devolve à conceção, quiçá mesmo a mais estendida, que da poeta se tinha na altura: "João de Deus es a Portugal lo que Rosalía de Castro á Galicia: el alma del pueblo, el sentimiento dulcemente melancólico del suelo en que nacieron".

---

[611] O qual, polo menos implicitamente, nada diz da língua... Já vimos em páginas anteriores como desde as páginas de *El Eco de Galicia* a doutrina linguística *oficiosa* não coincidia precisamente com a regionalista corunhesa, o que não impede para monstrar como o ideologema da identidade galego-portuguesa funcionava, «en historia y bellezas».

O crítico segue a edição de Teófilo Braga que "hace poco más de un año" fora publicada. Fala a seguir dos temas de *Campo de Flores*, título que "no podía ser más acertado".

O quadro geral em que del Busto insere os seus comentários é o dos clássicos românticos, como aliás acontecia em boa parte do ambiente literário galego. Cita formas de amar desses poetas: Lamartine, Byron, Goethe, Heine, Tyneson, para indicar que o amor em João de Deus é a "dulzura infantil y pura de las grandes almas", concluindo: "Indudablemente es el primero de los poetas amorosos de Portugal; el primero ó uno de los primeros del mundo en la literatura contemporânea".

E, a seguir, dimensiona a valia de Deus, comparando-o com os clássicos da literatura universal: "sus acentos tienen algo de las mieles de Virgílio, Dante, Lamartine...", e aproveita para emitir os seus juízos a respeito do ultrarromantismo: "Su idealización de la mujer es verdaderamente admirable, no la idealización artificial, forzada, de algunos poetas románticos, que cargan sus versos de adjetivos, imágenes efectistas é hipérboles chocantes".

Após citar versos do poeta, dá conta do seu repertório temático, mais umha vez incidindo no caráter popular e sentimental desse repertório: "Los niños, las gentes sencillas, las costumbres del pueblo despiertan también en él grandes amores", sem esquecer salientar a harmonia que deles eflui: "Através de las páginas de su obra no hallaréis una maldición, un juramento, un grito de descontento".

Por vezes a dúvida religiosa iguala-o a Heine, mas neste é sempre resolvida em ateísmo, ao contrário que em J. de Deus, assinala del Busto.

Finalmente, apresenta-o como modelo produtivo para a mocidade, impregnada, como podemos deduzir, do incipiente modernismo hispano-americano, indicando ao mesmo tempo o desconhecimento que na Argentina se tem da literatura portuguesa:

> "Quería simplemente, presentar a un poeta portugués, digno de ser conocido aquí en donde se presta tan poca atención á las letras lusitanas. De pasada, y si no tomase á mal un consejo, dicho sin pretensión alguna, me permitiría aconsejar á gran parte de la juventud argentina que pretende abrirse campo en el amplio escenario de las letras, la lectura de este poeta. Es necesario que esta juventud haga por olvidar la pedantesca fraseología de las revistas etudiantiles, hoy tan en uso, y se acostumbre a la sencillez". [...] El retumbante palabrerío retórico del romanticismo murió con los poetas del Cenáculo".

E também gostaria de dar a ler os versos de João de Deus "á todos esos tamborileros ridículos de la prensa periódica" [...]", e aos que perdem o tempo "en aprender de memoria media docena de frases cursis y cuatro versos chabacanos".

Rodríguez del Busto tomava pois o elemento mais significativo na altura da poesia tradicional e popular portuguesa (o que não quer dizer 'simples' evidentemente) e convertia-o em modelo poético, também para os seus leitores galegos. Não parece o artigo estar motivado por umha causa concreta; e que na mesma página seja acompanhado do repetido "Canto a Galicia" de Núñez de Arce[612] ("Anchos valles de Galicia/Donde el alma se dilata,/Ríos de líquida plata/Agitados por el mar.../¡Dejadme sentir!/¡Dejadme soñar! [...]"), parece ser casualidade, ou mostra de temas galegos referidos sob diferentes perspetivas. Mas confessamos que a interrogação maior se nos apresenta, e não conseguimos resolvê-la, em saber por que o artigo não foi reproduzido na *Revista Gallega*. Porque, ou havia algumha razão de índole pessoal, que desconhecemos, ou então, ao funcionar a publicação bonaerense também na Galiza, dava-se por escusado (ou talvez inclusive por aparecer expressamente a propriedade de *El Eco de Galicia*). Não pensamos que a crítica a Junqueiro fosse motivo de exclusão. Pois o facto é que a perspetiva do artigo é globalmente coincidente com a publicação corunhesa, que mesmo podia tirar partido a algumha das reflexões e objetivos de del Busto. Enfim, ficamos na dúvida.

V.10.5.5. A vulgarização de Garrett como modelo sistémico

Se tivéssemos que estabelecer umha tríade dos escritores portugueses mais vulgarizados na Galiza da época, Almeida Garrett ocuparia o terceiro lugar, atrás de Camões e Teófilo. Várias são as razões que concorrem para tal facto: Garrett é já, também, um clássico, e como tal interessa ao sistema regionalista; é aliás um dos principais representantes do Romantismo português, movimento nada alheio ao regionalismo, antes polo contrário; os seus interesses coincidem com os dos galegos: foi dos primeiros coletores do romanceiro popular, e autor da obra considerada inaugural do romantismo luso intitulada significativamente *Camões*. Mais algumha razão que a seguir veremos impulsiona o seu atrativo; entre outras, umha alheia ao facto propriamente literário: em 1899, Portugal celebrava (ao estilo das manifestações cívicas que começaram pola organizada por Teófilo e outros em homenagem a Camões, e seguirom pola de João de Deus) o centenário do nascimento do visconde.

"Ayer se cumplió el primer centenario del nacimiento del ilustre poeta portugués Juan Bautista de Almeida Garrett". Esta é a primeira frase que, na *Revista Gallega*, introduz Almeida Garrett. Como noutras ocasiões, um autor português entra nas páginas da publicação por um motivo estranho, alheio à revista; o que não vai tirar fervor ao tratamento. Garrett é apresentado, «después de Camoens» como «la figura más sobresaliente de la literatura portuguesa».

---

612 Muitas revistas galegas publicarom este poema.

As comemorações, os atos de caráter *institucional* portugueses, ou que com eles tinham a ver (as próprias visitas das tunas), são celebradas também pola revista. O que se refere a Portugal toma sempre um ar de acontecimento, quer sejam os atos do quarto centenário da descoberta das Índias, quer seja a apresentação dum livro. O que não pode ser vulgarizado sem mais, sem pretextos, porque a sombra do *perigo português* é alargada, ou, dito por outras palavras, porque poderia aparecer como umha mostra de *filolusismo* que não acarretaria outra cousa que problemas (sempre a pragmatização de qualquer facto literário presente), é taticamente conduzido pola via de "ser notícia". Com efeito, quem acompanhar a *Revista Gallega*, desde 1895 a 1907, pode por exemplo verificar inúmeras referências a Camões, mas nengum texto dele ou a seu propósito que não esteja motivado por outra razão (polémicas sobre a unidade sistémica galego-portuguesa, declarações de unidade sistémica interliterária, etc.). A única exceção é o «Soneto gallego atribuído a Luís de Camões», que aparece sem nengumha introdução (quer dizer-se, "pretexto"), a não ser o adjetivo "Gallego" do título, que o justifica. E umha das raras exceções a respeito doutros poetas, é o caso, já esclarecido, de Joaquim de Araújo.

Mas, quando esses detonantes surgem, nunca tomam de surpresa o regionalismo corunhês; parece este estar sempre preparado para responder condignamente, com toda a capacidade de que dispõe. A maior e melhor reunião de escritores num mesmo número da revista produziu-se por ocasião da visita das tunas portuguesas. O centenário de Garrett, também não os toma desprevenidos.

De Garrett diz-se que nasceu no momento oportuno, quando se estava a operar umha revolução nas letras de Portugal, que até então, dizem com L. A. Rivello da Silva em *Escriptores Contemporâneos* "yacían en el *más completo y profundo silencio en los dominios del arte*". A partir de aqui, o perfil hagiográfico de Garrett caminha pola exaltação das suas qualidades ligadas ao serviço da nação portuguesa, pola sua obra transida de valores românticos, e passa-se, como sobre brasas, e com a couraça do eufemismo, por aqueles aspetos mais escabrosos para a sensibilidade da revista, que é quem assina os comentários. Falar do Outro, é sempre falar dum mesmo.

O "Vizconde" foi o "creador do teatro nacional português, que arrastraba vida lánguida desde Gil Vicente"; "en su *Romanceiro e Cancioneiro geral* están recogidos los inapreciables tesoros de la poesía popular portuguesa"; *"Dª Branca* es un cuento fantástico, escrito en el laudable deseo de sustituir la mitología antigua con la nacional"; "como poeta introdujo en Portugal el Romanticismo"; *As Azas brancas* é um "modelo de delicadeza en el que con poética melancolía se describe la primeira caída". Anunciando que vão apenas ocupar-se de "algunos de sus hermosísimos poemas", dizem que"*O retrato de*

Venus fué compuesto cuando tenía 17 años y esto disculpa ciertas crudezas enla descripción".

> "*Camões*, es el mejor de sus poemas y á pesar de la gran rudeza con que zahirió á los portugueses por el olvido en que tuvieron al gran poeta, sin embargo sus compatriotas no le escasearon sus elogios, al contrario de lo que hicieron con el P. Macedo, si bien este trató de rebajar el mérito y valoramiento del autor de *Os Lusíadas*, más que de zaherir á sus paisanos."

Transcrevem algumhas estrofes do poema *Camões* (as que começam polos versos: "Terra da minha pátria! abre-me o seio!"; "Oh! consolar-me.. exclama (e das mãos trémulas"; e "Onde jas, portuguezes, o moimento"), a que apostilam da seguinte maneira: "Con iguales apóstrofos pueden los poetas gallegos, fustigar á sus paisanos por el olvido en que se tiene a todos los hijos ilustres de la tierra gallega".

O artigo acaba lembrando o prestígio universal de Garrett, (entre muitos outros "han hecho su apología Paulina Flaugerges, Antonio Padula y cien y cien más que han llevado por todo el mundo rodeado de gloria el nombre del escritor lusitano"). E, inserindo-se como parte do sistema interliterário, "sagrado deber", realiza umha típica manifestação da missão do poeta, perfeitamente condizente com o conceito regionalista da literatura, acompanhada da coda ainda mais típica para tudo o que com Portugal se relacionava:

> "Al conmemorar hoy el aniversario de su nacimiento, cremos cumplir un sagrado deber para con la memoria del que con justicia se ha dicho «*que no era un literato, si no* [sic] *toda una literatura y que más que un hombre es una nacionalidad que resucita*».
>
> La REVISTA GALLEGA testimonia al mismo tiempo que su recuerdo al escritor, sus simpatías hácia una nacionalidad con la que nos unen los triples lazos de raza, historia y lengua".

Esta é pois a *entrada* de Garrett ao particular "Panteão de Portugueses Ilustres" galego.

De novo, persuadidos de que os regionalistas dispõem de poucos meios para vulgarizar os escritores portugueses, com o que, mais umha vez, a qualidade da sua dedicação se vê acrescentada, interrogamo-nos a respeito de se são estas palavras *originais* (com o apoio bibliográfico preciso[613]) ou respondem à transcrição de determinadas fontes imediatas para o caso. Suspeitamos, no entanto, que a obra de Antonio Padula está por trás. Semanas depois, como veremos, continua o elogio de Garrett a partir dum texto do italiano; e aqui temos vários indícios razoáveis: um, a citação da fonte portuguesa na pessoa de Rebelo da Silva; que não foi utilizada a fonte direta, e que foi via italiana o

---

[613] As sentenças em itálico procedem das páginas 35 e 36 dos *Ensaios de Critica e Litteratura* (Lisboa: Typ. da Revolução de Septembro, 1849) de A. Lopes de Mendonça que Teófilo utilizará mais tarde (vid., i.e., p. 5 de *Garrett e o Romantismo*. Porto: Livraria Chardron, de 1903).

seu uso, esclarece-o a italianização do apelido do polifacético romântico luso: "Rivello"; nunca mente galega leria num texto português o esquisito "Rivello" por Rebelo; postos na especulação, antes leria "Ribeiro"; e o único italiano ao dispor dos regionalistas corunheses era o seu futuro companheiro de Academia, Antonio Padula, cujo texto sobre o centenário de Garrett não pudemos conseguir. Não está nas páginas da *Revista Crítica*, e parece mais bem a cópia dum artigo enviado por Padula ou Altamira.

À evidência destes dados, podemos acrescentar ainda umha segunda via, que, dá como consequência um reforço da, cremos, errada estratégia do sistema regionalista, sempre falando do seu ponto de vista, não do nosso, obviamente. O texto transcrito, está claramente valorizado do prisma romântico, onde faltam referências a *Viagens na minha terra* (que mesmo passará despercebido quase absolutamente para os realistas: basta ver a sua clamorosa ausência em "A literatura portuguesa do século XIX", de Moniz Barreto); está estritamente ligado a Camões; isto era normal na altura, mas já então, cremos, o *Camões* ficara como pano de fundo, e eram as *Folhas Caídas*, aqui apenas citadas, que apareciam como mais valorizadas. A este vínculo camoniano não era precisamente alheio Padula, que, anos antes, publicara como vimos o seu *Camões e il nuovi poeti portoghesi*, onde o primeiro poeta valorizado é precisamente Garrett, e dele é traduzido algum trecho das estrofes do poema *Camões*, as mesmas com que abre aqui o texto transcrito da considerada peça inaugural do Romantismo português. Parece óbvio que Padula tinha ganhado um lugar relevante na Academia Gallega.

E um último indício é que *conhecemos a tática*; como no caso de *I nuovi poeti*, outra vez anuncia-se o tema, e trata-se em números posteriores; não doutra forma podemos explicar que a data de 4 de fevereiro que aparece ao pé do texto no número 210; o número 204, a que correspondem as linhas acima referidas é de 5 de fevereiro; e o texto de Padula está assinado em Nápoles!

Se falávamos antes em "errada estratégia" aqui facilmente percetível, é polo facto de, continuamente, ser ligado qualquer escritor português à figura de Camões; ligação de certo ponto lógica, tendo em conta o prestígio do autor quinhentista; mas, como sempre, fazia pressão sistémica sobre o caráter intensivo da proliferação Clássica, da Tradição, e apagava as possibilidades extensivas, de alargamento sistémico na transferência portuguesa; por exemplo, e no caso de Garrett, num momento em que os regionalistas corunheses, com Galo Salinas à frente, põem notáveis esforços para a constituição dum teatro nacional, ou, polo menos, regional, que vai conhecer o seu início em 1903 com a Escola Regional de Declamación (numha sequência, aliás, de passos mui similar à seguida polo autor do *Frei Luís de Sousa*, cuja influência não nos parece desorbitado polo menos referenciar), não se acudiu à transferência do teatro romântico luso nem do naturalista, de cuja presença mui periférica na

Galiza temos documentação em *La Temporada em Mondariz* em 1902, como adiante se verá. Certamente, a sua temática, polo seu caráter nacional, tinha de ser diferente, mas o seu uso e a vulgarização da obra do nobre português como modelo, não. Talvez o público não o aceitasse.

Não sabemos que o caso do teatro galego esteja estudado deste ponto de vista, mas sim, como vemos no texto, que Garrett é proposto como *modelo produtivo*; e isto é fundamental para compreendermos o sistema. Assim como Camões, que foi notório modelo para Florencio Vaamonde ou Eduardo Pondal[614], era sempre apresentado como exemplar, aqui é postulado Garrett como exemplar e modelo de produção; pola via mais óbvia para o sistema; a que nele se encaixa como boneca russa: a recuperação das glórias nacionais galegas, a imitação de Garrett, para "acordar o povo" sobre si próprio.

E, como pretexto puxa texto, e modelo produção, e também similar *nobreza obriga*, no mesmo número aparece o mais vivo exemplo do conselho da revista; justo na página a seguir, deliberadamente, encontramos, num dos maiores alardes tipográficos que lembramos na revista, o seguinte cabeçalho: "Canto Primeiro do poema ANDEIRO"[615], assinado por "Evaristo Martelo, "*A Cruña, 1899*)", que, como era sabido de todos, tinha por títulos o de Marquês de Almeiras e Visconde de Andeiro, digno homólogo então de Almeida Garrett. Não outro podia ser mais adequado para a empresa que este singular aristocrata que entre as suas paixões não satisfeitas contava com a de "almirante do mar" (Durán, 1981:187), e que fará virar o rumo espanholista de Castelao ao dizer-lhe que falar galego não era falar mal mas "diferente"...

Umha nota da redação acompanha o texto: "Debido á moita amistade que temos c'o autor do poema, podemos ofrecer aos nosos lectores as primicias do Canto 1º, que non dudamos será do seu agrado. É o señor Martelo un dos nosos primeiros líricos e dos mais elegantes, e pol-a sua gran modestia entre todos nos a sona de que inmerecidamente gozan outros". Com efeito, Martelo aparece, nessa *História oficial da literatura galega* que na altura supõem os textos de Carré, na geração que segue a Curros, e não merece capítulo à parte; qualidades maiores ou menores postas de parte, o certo é que Paumán não

---

614 Era evidente que estes autores escreviam á imitação de Camões, mas raramente saiu este do seu lugar exemplar; o regionalismo, talvez, estava a preparar o solene momento da coroação modélica do autor d'*Os Lusíadas* por meio daquele que em melhores condições estava para o fazer: Pondal, um dos três autores da tríade canónica galega, cuja obra *Os Eoas* era esperada com ansiedade desde muito tempo atrás. Mas nunca chegou o tão aguardado poema que, se prestigiado polo modelo, podia ser polémico polo tema.

615 Algo similar ao caso d'*Os Eoas* veu acontecer na infortunada literatura regionalista com o poema *Andeiro*. O poema apenas foi publicado completo em 1922, como *Andeiro. Poema histórico-brigantino da Unión Ibérica*. Na sua *La literatura gallega en el siglo XIX*, à páginas 62, Carré comenta: "Tiene en preparación Martelo [...] un poema, gallego por lenguaje y por argumento, basado en las poéticas aventuras del infortunado Andeiro, conde d'Ouren, quien pretendía que Galicia y Portugal llegasen á ser una sola"; nove anos mais tarde tem de repetir as mesmas palavras em *Literatura Gallega*.

tinha grande obra recolhida em volumes. Note-se, de resto, que a sua obra é qualificada como "elegante", um dos traços distintivos da escola corunhesa, que Carré reitera nos seus comentários. A fórmula dos "Cantos" lembra Camões, a estrutura, com versos de onze sílabas rimados em assoante, em forma de romance, evoca talvez Zorrilla ou o Duque de Rivas, como assinala mestre Carvalho Calero (1975: 429).

O poema leva um paratexto a modo de "Introducción", tomado dumha peça de título eloquente *A misión dos bardos*, "Pinga de fel carraxosa/na lousa da esclavitude/guindando estóu./Se non acudís co a vosa;/ forte eu da fe na virtude/pra atrás non vou".

Martelo Paumán contava entres os seus ascendentes este conde, de resto polémico para os lusos. O conde Andeiro vai passar à cena da mitificação galaica, como vimos; mas num giro e formulação singular. Ele é, com Inês de Castro, símbolo da grande oportunidade perdida para a unidade galego-portuguesa, o que prova, mais umha vez, que para afirmar essa unidade tudo serve. Embora fora do nosso âmbito, dada a data de publicação do poema, devemos indicar qual era a conceção de Martelo: a começar pola aparente desvalorização das glórias nacionais portuguesas, instituídas desde as *Crónicas* de Fernão Lopes, como o Mestre de Avis ou o Condestável Nuno Álvares; longe isto de significar ataque aos lusos, converte-o Martelo Paumán numha sobrevalorização do Conde de Ourém como campeão da unidade. E, como exemplo da mistificação entre História, Mito e objetivos, chega com lembrar o passo em que, como bem recolhe Carvalho Calero, recorre o poeta ao anacronismo com tal de assentar a verdade que prega, e argumenta até com Murguía, citado expressamente: "Noso historiador Murguía... divos..."[616]

O tom do poema é o reclamado pola revista, e adornado pola Tradição nas suas componentes céltica, greco-latina e medieval.

Os núcleos fundamentais, quanto ao temas, sempre *pragmatizados*, que aqui nos interessam são os seguintes:

a) identidade galego-portuguesa apropriada no conceito *Galiza* (assente na origem comum):

"Galicia e Portugal, Galicia soa,/pois Lugo e Braga sempre son ó mesmo".

b) *ubicação* de Galiza na unidade galego-portuguesa política, para cumprir a unidade ibérica, "sagrada missão":
b1) afirmação de que a Unidade Ibérica apenas se pode conseguir no eixo Galiza-Portugal (não desde a Galiza como enlace) e justificação histórica da afirmação:

---

616 *Andeiro*, p.17, A Corunha, Imprenta de Zincke Hermanos, 1922.

> e a gran Lisboa é mais a patria nosa,/que ese Madrí, dos mouros de Toledo,/ten a misión de Dios [...] esta alta raza". [...]!Se Iberia quer saber os seus destiños/a Esfinxe pousa aquí, casteláns cegos!/De Tuy era Pelayo ; se él non fora/ben renderan á España os Sarracéos,/gallego foi Charino, o de Sevilla;/o dos Velez, Faxardo, outro gallego, e assim pasa por acontecimentos históricos da Península: Andrade versus o Gran Capitán; Gil de Andrade comandando os navios de Lepanto; liquidação dos franceses em seis meses, "fale Welington[617]".

c) recomposição da ubicação do Conde Andeiro na história galego-portuguesa, por afirmação da origem primigénia (sueva). Conta que, morto D. Pedro I de Castela, "o valeroso", os nobres galegos, "de enriqueñas mercedes con desprezo", "inda que eran ricos-homes, van dereitos/ á Lisboa á loitar como fidalgos,/do lexítimo rey po-l-os herdeiros e pol-l-a unión Ibérica esperada", entre os quais, evidentemente, o Conde Andeiro.

d) elisão de qualquer fator perturbador do relacionamento, e de velhas disputas:

"Fidalgas polas do tronco suevo,/que, pé do Miño, d'alá e d'acó/no mesmo rego, na propia terra/temos un labio e un corazón!

/Non sey se sodes, non sey se somos/o fillo pródigo, ben, vos, ben, nos,/sey que nos peitos tiran as cordas/e os brazo tendense d'acá e d'aló;/ lembrar non quero pasadas faltas;/ témolas todos, ¡Dios nos cegou!/muchan os peitos remordementos/¡qué longa noite de maldición!/Mais, xa trasvexo vil-a alborada".

e) apóstrofe para o levantamento e a unidade, sobre as bases da legitimação, ainda divina, de comum origem, língua e história, *raça*: "¡Indignos fillos da raza Sueva/quen en negro día vida vos dóu! ¡Malditos sede, se ao vela esclava/non esnacades os seus grillóns!/¡Non nacéu ela pra ser do vándalo,/nón naceu ela para o bretón!/ ¡Hirmaos de sangue, de historia e lengua,/¡erguede ¡adiante! con nosco é Dios!

Enfim, dava mostras a revista da consonância com o predicado a respeito do modelo produtivo que propunha.

Mas, manifestado este primeiro contributo, a *Revista Gallega* continuou vulgarizando a obra de Garrett. E um mês mais tarde, no número 209,

---

[617] Não era infrequente fazerem os galegos "falar Welington"; o recurso era utilizado para mostrar a glória galaica, normalmente como contributo à Espanha quando se sentiam atacados. Por exemplo, no número 57 de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, reproduz-se a mensagem do general inglês com esse fim.

aparecia, por tradução do italiano de Florencio Vaamonde, os primeiros fragmentos de "O Centenario d'Almeida Garrett"[618]

Vaamonde traduz-nos até à dedicatória do texto, neste caso ao bispo de Coimbra, não por acaso "Arqueologo insigne", vínculo esperável dada a perspetiva em que se movia o mundo das ciências humanas e sociais na altura[619].

O autor começa por lembrar, como é habitual, a glória de Camões e celebra a importância "de as festas solenes pol-os centenarios de Camoens, do Infante Don Henrique o navegador, de San Antonio de Padua e de Vasco da Gama".

Sublinha Padula, e acrescenta-se como consequência o prestígio de Teófilo Braga na Galiza, como foi este autor o indigitado pola Academia das Sciências de Lisboa para "facel-o juicio sintético sobor do renovador da literatura portuguesa nos primeiros tempos do romantismo". Passa-se logo ao elogio sem reparos de Garrett, com alguns traços que eram sem dúvida lidos como programa de ação ou acicate para o "Ressurgimento galego": "val el só unha inteira literatura"; "aquel poema no que Garrett glorifica en Camoens a encarnación simbólica da alma e da sorte do povo portugués, fixo a revolta literaria à que foi compañeira a revolta política, que siñalou a ruina da monarquía absoluta".

E de "aqueles versos subrimes, verdadeiramente ispirados", em que "arrecende o prefumo da patriotica poesia camoniana", são transcritos os versos em que "mercé de Nuno, o valeroso condestabre de Joan d'Avis" (o rival do Andeiro de Martelo), vencem os portugueses na batalha de Aljubarrota.

Como se pode verificar, o tratamento de Padula, agora na receção galega, continua a fazer girar em volta de Camões a literatura portuguesa.

E num número que, postos a procurar na *Revista Gallega*, resulta ser dos mais relevantes para o relacionamento galego-português[620], prossegue a tradução. O texto vai agora dar, para além doutros dados, elementos que podem de novo incidir na receção regionalista como esse acicate que referíamos. Garrett é o criador da «novela histórica» (aqui é comparado, como é lógico, com Manzoni, mas a comparação com o italiano, longe de indeterminar ou perturbar o sentido que damos à receção, alimenta-a como exemplo próximo

---

618 Por fin aquele restaurador de tantas cousas, Florencio Vaamonde, recuperava entre os galegos o duplo *t* final para o apelido do português.

619 Tanta fidelidade pretende Vaamonde ao texto que até traduz as notas em que se informa de algumha tradução ao italiano das obras de Garrett.

620 Com efeito, nas páginas deste número, o 210 da série, de 19 de março de 1899, aparecem os poemas de Joaquim Araújo; um discurso atribuído a Tettamancy, "en verso" "escrito en gallego", pronunciado no "Banquete do Colegio Pericial Mercantil", em que o corunhês incorpora na sua justificação do uso da língua própria "Charino e Airás [não é erro nosso, é questão de rima, como se pode ver], Joan Zorro, Afonso Noveno, Bernaldo de Bonaval" prévios ao "namorado Macías, Villasandino e cen mais" e unido aos nomes de Rosalia e Pondal, canonizados mais umha vez. Sublinhamos este facto por ser prova da lenta mas progressiva incorporação da lírica medieval ao discurso regionalista. E, claro, da vulgarização de Garrett.

no tempo de polo menos parte das aspirações galegas); é o restaurador do teatro português (elogiado por Edgar Quinet); conta por extenso o argumento do *Frei Luís*, com o seu fundo sebástico, etc. Cita Padula obviamente o camoniano Joaquim de Aráujo, e acaba com um elogio rasgado ao povo português:

> "O pobo portugués, que ocupa un posto importantísimo na historia da civilización e permanece fiel no presente indiferentismo às gloriosas lembranzas nacionás, testimonia luminosamente a sua índole magnánima, a sua alteza moral, e ten o direito d'esperar un mais lisongeiro porvir".

Provavelmente muito esperaria um juízo semelhante para a Galiza o regionalismo corunhês.

De novo é tirado todo o partido a Padula; mas parece que o esforço de vulgarização não vai ter limites; impressiona, certamente, como ainda duas semanas depois, na seção "Bibliografía", aparece resenhado o texto do italiano, para ter assim nova oportunidade para o comentário galego-português. Nele informa-se-nos de ter o "folleto" 14 páginas (e nunca lembramos ter visto resenhar um texto tão breve), e ser o seu autor "el ilustrado publicista italiano Signor Antonio Padula de la Real Academia de Ciencias de Lisboa" e, a única achega de integração institucional que desde a Galiza era possível fazer, "corresponsal de la *Liga Gallega* en Nápoles"; e, mais umha vez, até ao enfastio se for preciso, com umha intensidade que pareceria ingenuidade a não ser a consciência do contexto em que vive o sistema:

> "Almeida Garrett, émulo del gran Camoens halló en Padula un biógrafo digno de su fama y nosotros para quienes todo lo que se relaciona con Portugal nos interesa grandemente por la conformidad de raza, lengua é historia, hemos publicado en nuestros últimos números vertido al gallego por el señor Vaamonde, el trabajo del Sr. Padula".

Garrett fica então incorporado ao património dos portugueses canónicos no sistema regionalista. Anos mais tarde, o meticuloso Eugenio Carré Aldao vai ainda lembrar o poeta no centéssimo quinto aniversário do seu nascimento, sempre à procura de pretextos para falar dos literatos portugueses. O título é o mesmo que o de cinco anos atrás, "Vizconde de Almeida Garrett[621]", mas o conteúdo varia parcial e significativamente.

Carré sublinha ser umha honra para a revista falar dos escritores portugueses. A manifestação a seguir ganha em vigor e afirmação a respeito de anos anteriores:

> "Para nosotros los gallegos los portugueses son tan nuestros como si hubiesen nacido en nuestro suelo.
>
> ¿Qué otra cosa es Portugal sino prolongación de Galicia? Podrán las conveniencias políticas haber hecho del poético Miño, frontera artificial; pero para nosotros no exis-

[621] Número 463 de 31 de janeiro de 1904.

> te tal barrera levantada por los hombres: antes al contrario el río gallego al desembocar en el Oceano es lazo de amor que une dos pueblos que teniendo un mismo orígen debieran tener también una misma historia.[622]"

Mais algumha novidade: a valorização de Garrett faz-se por meio de, entre outros, Romero Ortiz, um dos mais notórios provincialistas galegos. É realmente apreciável esta recuperação de Ortiz para falar dum português e relativamente estranho que não fosse antes utilizado, quando, como referimos, ele afirmara ter descoberto a literatura galega no seu exílio português; fora o próprio Carré quem o citara a propósito da ignorância sobre as cousas portuguesas que tinham os espanhóis oito anos antes, ao apresentar *I Nuovi Poeti Portoghesi* de Padula. De resto, a citação de Ortiz é relativamente intranscedente a respeito de Garrett: "puede decirse que nació a tiempo, y donde más convenía á sus futuros y espléndidos paisanos", salientando-se mais polo adjetivo "espléndidos" referido aos portugueses e polo mesmo facto da sua presença.

Na continuação aparece umha extensa citação de Alberto Bessa, "su biógrafo", nova incorporação bibliográfica, em que "o propagandista da Liberdade", o autor da "obra mais intellectual que até então fóra realizada", merece a Carré o seguinte comentário: "Bien hacen, pues, nuestros hermanos de allende el Miño, en honrar como se merece la veneranda memoria del restaurador del teatro portugués"; repara então Carré, entre a multifacetismo do escritor luso, na sua função de restaurador do teatro; e não por acaso: são tempos de tentativas institucionais (regionalistas) nesse sentido na Galiza; na mesma página, tem o leitor notícia da "Velada del Domingo", em que "La *Escuela regional gallega de declamación* interpretó el juguete *Los postres de la cena* y en esta obrita" mereceram aplausos os atores.

No texto, passa-se a ressaltar as atividades que a Sociedade Almeida Garrett desenvolve em homenagem ao autor, a que preside "dignamente el Excmo. Sr. Conde de Valenças[623], par del reino".

---

622 Algum pormenor curioso: o Minho aparece como galego, não como galego-português, porque é a Galiza quem deve tornar a unir "en lazo de amor". De resto, o pretexto, é sempre *pretextado*: ainda não se falou em Garrett, importante sem dúvida, porque mais urgente e prévio é sempre falar da indubitável unidade galego-portuguesa.

623 O Conde de Valença, sem *s*, não era talvez um desconhecido para os regionalistas corunheses e, com certeza, não o era na Galiza. Ele aparecia quase sempre nas listas de aquistas que o Balneário de Mondariz facilitava através da sua revista *La Temporada*, o que mostra ser assíduo visitante; razão suficiente para o seu conhecimento, porque essa revista chegava à Corunha; nela publicou em 1905 o conde umha série de seis artigos sobre a Galiza; por outro lado, a conexão entre os responsáveis do Balneário, galeguistas, e as publicações regionalistas era mui estável: nelas aparecia sempre publicidade do estabelecimento e as suas águas, revista e outras publicações; por exemplo, e para citarmos um caso de um número já mencionado, *Aguas de Mondariz*, "folleto de 84 páginas" "para ensalzar justamente la bondad y fama de estas renombradas aguas medicinales", aparece justo depois do comentário ao texto de Padula na "Bibliografía" do número 212 já referido.

Portugal é de novo modelo para a Galiza: "¡Cuando los gallegos haremos otro tanto por nuestra glorias!", lamenta Carré; e, após unir-se a revista à homenagem ("no queremos que en tan solemne acto falten, entre los homenajes al ilustre muerto"), transcreve, mais umha vez, versos do poema *Camões*, aqueles onde o desprezo ou desconhecimento do poeta ("Raça d'ingratos!) é enfatizado; onde, enfim, se mostra o papel revivificador de Garrett na literatura portuguesa, de quem os do semanário corunhês querem ser émulos.

V.10.5.6. Da quase nula presença de Antero de Quental à sombra presente de Guerra Junqueiro. Dificuldades e motivos para a assimilação...

Continuando com as perguntas que nos fazíamos antes do precedente excurso, convém então proceder a tentar levantar o tipo de receção (ou não) doutros escritores mais ou menos contemporâneos de João de Deus.

Das grandes correntes do período finissecular e inícios do século XX, sabemos que os simbolistas portugueses tinham francamente difícil *pôr verso em página regionalista*, sabido o repertório e os modelos que estes manejavam. Cabe então perguntar-se pola fortuna dos dous poetas fulcrais da "Geração de 70": Guerra Junqueiro e Antero de Quental, dous modelos secundários mas plenamente ativos no centro polissistémico português e que, por isto mesmo, queremos tratar em conjunto; o caso Eça, já vimos, aparecia-se com obstáculos também relevantes.[624] E algo similar se passou com estes dous poetas ao acontecido com Eça de Queirós; a sua presença nas revistas regionalistas da época é quase inexistente, no caso de Antero e constante mas ténue no caso de Junqueiro.

E não por desconhecimento. Já Curros, escritor canónico e canonizado, falara deles e os traduzira, mas, reiteramos, desde e para o polissistema espanhol. Que eram mesmo dos mais famosos poetas portugueses já o mostrava o artigo de Rodríguez del Busto, como aliás também o indiciava a receção que habitualmente dele se fazia, similar a como muitos acolheram alguns poemas do celanovês. A, na altura, mui atrevida caraterização polissistémica de Lugris Freire no recebimento à tuna do Porto, mostra que era Guerra Junqueiro o poeta de maior fama para ele(s), junto com o clássico Camões, e o eternizador romântico Castilho; mas, com diferença a este, que, morto já, e dado o seu magistério poético na vida portuguesa, é também um clássico, Junqueiro é um poeta atuante; um clássico igualmente, mas um clássico vivo. Os nomes selecionados por Lugris são representativos de Portugal, e simbolizam-no.

---

[624] E isso apesar de que os regionalistas podiam conhecer se não a sua obra, que talvez algum sim, polo menos comentários a seu respeito. Nunca apareceu Eça transferido nesta altura, nem mesmo quando em revistas prestigiosas para eles como a própria *Revista Crítica,* de que tomavam como vimos não poucas referências, aparecia em destaque; em 1901, no número correspondente a março, Caïel assina um extenso e elogioso artigo sobre o autor de *Os Maias*.

Lugris cita modelos, símbolos, exemplares, mas também elementos postulados como produtivos. Junqueiro era-o para vários setores da literatura regionalista. Ora, mesmo que todo o grupo corunhês acreditasse na bondade de transferências como a de Junqueiro (que talvez não fosse assim para certas sensibilidades, por exemplo a de Tettamancy), outras eram as prioridades, e a importação podia trazer novas e incómodas polémicas.

Junqueiro aparece, mas, neste período, quase sempre como umha *sombra*; alguém que está presente, persistentemente, mas de quem não se publicam os seus textos; não é o seu momento no sistema regionalista. A sátira social de Junqueiro, umha das linhas cultivadas polos literatos galegos, só podia ser importada para a obra de Curros ou García Ferreiro (não por casualidade, dous dos autores mais estigmatizados ideologicamente no regionalismo). O anticlericalismo do autor da "Circular", crítica implacável ao mercantilismo eclesiástico, traduzida por Curros, para espanhol, na atmosfera que criara o Ultimato, não podia ser bem vista por alguns setores regionalistas, que tinham como divisa *Patria Fides Amor*, onde *Fides* era, como punha em verso Salinas[625], o "catolecesmo" unido ao regionalismo.

A poética da missão social de Junqueiro não podia compenetrar-se com o conservantismo pouco dado a revoluções dos patrícios regionalistas.

Não era a época do autor de *A Velhice do Padre Eterno*, quando o misticismo panteísta ainda não aparecera como norma central do repertório regionalista (e sobretudo nacionalista) do sistema.

O momento de Guerra Junqueiro vai ser outro: o da fase agrarista, onde o intervencionismo social que à produção literária será reclamado, vai trazer os versos de *A Velhice*; o de Cabanillas, renovado poeta de intervenção; o do nacionalismo galego, importador do saudosismo português, com, entre outros, Junqueiro, que viverá até 1923, como santo padroeiro; o da exaltação, cívica agora, da pátria galega.

E, *mutatis mutandis*, algo similar, ainda mais acentuadamente, já vimos o caso, ocorre com o Antero suicida; nele, para a sua transferência, a passagem do tempo limará as prevenções, e banirá alguns dos seus aspetos mais incómodos[626].

---

[625] Entre outros lugares, a sua trilogia poemática intitulada genericamente "¡Galicia! (canto heróico)" apareceu publicada em *El Eco* bonaerense (nº 42), de que era assíduo colaborador; a dada altura diz: "Vóu á cantar o fiel *Catolecismo*/Qu'hirmando poida ser c'o patreotismo". Também em *La Tierra Gallega* no número 61 de 31 de março de 1895. Posteriormente, parece que Galo Salinas aprendeu língua e repertório da mão da "Cova Céltica".

[626] Não podemos porém descartar categoricamente a presença de textos dos autores referidos neste período nas publicações galegas; nem mesmo que aparecessem no original; podem mesmo encontrar-se em algum número que não pudemos consultar; mas não impugnaria, pensamos, as nossas conclusões, porque, em todo o caso, *faltam* nas revistas mais importantes da época, o que é mostra do seu periferismo.

E, no entanto, Antero e, sobretudo, Junqueiro, foram vulgarizados poucos anos antes na Galiza, fundamentalmente atendidos por setores subsistémicos e polissistémicos espanhóis, com, certamente, Emilia Pardo Bazán à frente. Assim, poderemos verificar a presença continuada mas irregular deste nos meios galegos e verdadeiramente esporádica do primeiro. Num caso como noutro, recorremos complementariamente a publicações diárias para dar umha informação mais completa.

No período que segmentamos, a presença de Antero é ocasional. É objeto de referência a sua atividade política, como presidente da Liga Patriótica do Norte; neste sentido, por exemplo, o do discurso programático que irá pronunciar no Porto nesssa qualidade, em algum meio como recolhe o *El Correo Gallego*, 1890, no número 2.850 de 27 de fevereiro, em crónica sobre Portugal, numha notícia em que também se informa dum ato de afirmação iberista entre as tunas de Coimbra e Salamanca. O seu suicídio não concita grande atenção e, em algum caso, não abre margem para a condolência, caso da notícia que dá o *Diario de avisos de La Coruña*: no seu número 10214 de 29 de setemro de 1891: "el distinguido escritor portugués Antbero Quental se ha suicidado levantándose la tapa de los sesos".

Mas não registramos reprodução consistente dos seus textos. Encontramos, sim, algumha tradução, caso do Soneto, "Á la Virgen Santísima", traduzido, não com muita perícia, por Federico Balart no *Diario de Pontevedra*, de 27 de março de 1907.

Antero está, porém, presente, de modo indireto mas revelador em alguns casos de referência regionalista. Por exemplo, nos limites do período que focamos, Prudencio Canitrot, colaborador de *Galicia*, de Madrid e outros meios madrilenos, conetado com galeguistas e regionalistas, afirma, em recensão *de En Tierra de Santos*, de Alberto Ínsua (poeta cubano, filho adotivo de Waldo A. Ínsua), no número 5367 de 30 decembro de 1907 do *La Correspondencia Gallega: diario de Pontevedra*:

> "Acaso como Quental, Insúa lleva sobre su cabeza un mundo fantasmagórico que que incesantemente lo tortura y por eso, en estas páginas, vaga una sonrisa de escéptico y hay entre sus líneas un erotismo esquisito, sin nebulosidades, revestidas de un sano humorismo, que cruza rápido ante los ojos del lector, con un interés que cautiva y atrae".

O texto pode dar ideia de qual era a ideia fundamental de autor e obra no âmbito galego: ceticismo, tormento, erotismo, um mundo fantasmagórico do

---

Por outro lado, cabe também perguntar-se por outros poetas. Qual é a razão de que não apareça António Feijó, que já desde 1885 mantinha correspondência com Curros? A mesma sem dúvida que a aplicada para Junqueiro ou Antero. Curros, um dos escritores galegos possivelmente mais informados de literatura portuguesa, importa-os para o polissistema espanhol; e a transferência para as suas obras não transcende para a vulgarização galega dos autores a que acudiu.

suicida. E pouco mais… Se formos para anos antes, como vimos, certamente o encontraremos nas páginas, já indicadas, da *Revista de Galicia* de Pardo Bazán…

Só detetamos umha exceção a esta ausência de Antero. Se, de novo, por usarmos apenas umha fórmula gráfica, quisesse o leitor de revistas galegas deste período exclusivamente, saber ao seu través algumha cousa de Antero de Quental, apenas um poema dele, e traduzido em espanhol, poderia encontrar, que satisfizesse a curiosidade que aqueles comentários de Manuela Barja em *El Álbum literario* ("pocos novelistas podemos poner al lado de Eça de Queirós, menos poetas que no pierdan comparados con Quenthal", "poeta de altos vuelos") podiam suscitar. O único lugar em que o nosso leitor pudo conhecer algumha composição foi em *El Eco de Galicia* de Cuba, que, quase três anos após a morte de Antero, em dezembro de 1893, publicava, em tradução espanhola, o poema "Lo que dice la muerte". Não é citada a autoria, mas trata-se dum dos seis sonetos do *Elogio da Morte* que Curros traduzira anos antes. O texto não é introduzido, com o que poderíamos pensar que obedece a um gosto particular dos responsáveis da revista. Mas não parece ser esse o motivo. Ele figura ao lado dum soneto intitulado "Puentedeume", assinado por W. Veiga desde Ferrol, e do poema "O qu'hai y-o que non hai" de Alberto García Ferreiro; aqui parece-nos estar a chave da sua publicação, porque a temática é idêntica; varia o tratamento, e permita-se-nos a forma piegas, *o estro poético*. Com efeito ambas as composições tratam o conhecido motivo da dança da Morte, a Dama de Negro que tudo o torna igual; mas, e a divergência é altamente significativa para caraterizar o repertório dos dous poetas, e mesmo dos seus sistemas respetivos, Ferreiro fala sobretudo dos "altos", de "próceres, manates e títolos", e Antero dos que padecem, dos que sofrem. A complementação temática é surpreendente: para Ferreiro, a Morte é a perfeita Justiça; para Antero, a suprema paz. Ferreiro é aqui o habitual poeta belicoso, defensor do povo, lutador anticaciquil, amante da liberdade; Antero é o homem resignado, abatido das lutas, digamo-lo já, o suicida; em Ferreiro vibra o elemento coletivo, o caráter épico da revolta; em Antero o peso do sentimento pessoal, da íntima desolação que trespassa o poema. Temos, pois, aqui, interesses comuns, e interesses opostos: Ferreiro usa dumha das normas mais centrais do repertório regionalista: a revolta contra a opressão do povo; Antero, abandonada essa fase, procura no mundo clássico, em forma (soneto) e tema (a placidez da morte) moldes para esta sua fase pessimista. Os pontos de contato, então, existem, mas as divergências saõ também notórias.

Ora, porque aqui este poema? Descartada a casualidade, das duas umha: ou foi arranjo dos responsáveis da revista, ou então o próprio García Ferreiro o sugeriu. A este respeito, estamos perfeitamente ignorantes para resolver a questão; para mais, Ferreiro, nem é poeta estudado largamente na Galiza. Se

a hipótese válida fosse a primeira, teríamos que supor Álvarez Insua leitor de Antero, e sobretudo esperar que D. Waldo publicasse mais poemas do autor dos sonetos anterianos ou doutros, que as traduções de Curros lhe ofereciam; não o imaginamos, nem esse é o tom da publicação; preferimos pensar na segunda hipótese, num modo que lembra a transferência de Garrett já estudada: a mão que os associou pode ser a do próprio García Ferreiro; isto é plausível no leitor de Guerra Junqueiro, adotado para a sua sátira social e anticlerical; no amigo de Curros conhecedor de Antero.

Seja como for, o facto é que a única presença dum texto de Antero numha publicação galega (das estudadas[627]) aparece vinculada aos dous poetas regionalistas (o outro era Curros) que com certeza mais podiam transferir da estética e ideologia de Guerra Junqueiro ou Antero. Um débil ponto de contato, sem dúvida, mas o único possível. Para conhecer a sua continuidade no sistema regionalista, haverão de passar anos, quase vinte[628].

Já a presença de Guerra Junqueiro é superior à de Antero, mesmo a mais saliente de escritores da sua geração, a exceção de Teófilo ou, ainda, do mais jovem Leite de Vasconcelos, mas estes como estudiosos, fundamentalmente; e, até, dos escritores centrais e coevos do campo literário português, com a relativa exceção de João Verde, como veremos e a singularidade de João de Deus, sendo ela inferior à de Camões ou Garrett.

Recuando até o período de 1880, cabe comentar que, já nesse ano, como *El Heraldo Gallego*, no número 367, de 15 de fevereiro de 1880, com "Lealtad" ou *La Ilustración Gallega y Asturiana*, no seu número 31 (de 8 de novembro), *El Correo gallego,* no 964 de 13 do mesmo mês ou *El Domingo*, 26 de dezembro de 1880, com "El Mirlo", publicam algumhas das traduções de Curros, de que outros meios como *La Gaceta de Galicia: Diario de Santiago* dão conta ao publicar o sumário dos números, caso do da *La Ilustración* no seu número 820, de 12 de novembro.

---

627 Talvez em publicações periódicas ourensanas a que García Ferreiro estava vinculado, *El Eco de Orense*, e, depois, *El Miño*, pudesse ser encontrado algum esclarecimento; mas dado o corpus fixado, não nos pudemos ocupar da questão.

628 Algo mais de um mês antes aparece umha tradução de Heine para o português na revista, "As ondinas" (número 592, de 28 de outubro de 1893), da autoria de Pérez Bonalde. Pérez Bonalde era um poeta venezuelano que morrera um ano antes em 1892. "Neorromántico, precursor del modernismo excelente lírico cuya «amarga filosofia» deploraba Menéndez Pelayo", informa Sáinz de Robles no seu *Ensayo de un Diccionario de la literatura*. Bonalde traduziu Heine (El libro de las canciones) e *El cuervo* de Poe. A razão de que apareça assinando umha tradução para português desconhecemo-la ainda. E, de passagem, foi a tradução de Heine por Bonalde a fonte utilizada por Tettamancy? Mui possivelmente. Utilizamos como fonte o trabalho de Carlos Sáinz de Robles, 1964.

Um elemento notável é o da apreciação da presença de Junqueiro na obra de Curros, em concreto n'*O Divino Sainete*, já salientada por Sánchez Pérez citando, por sua vez, Mariano de Cavia, na sua nota da *Galicia: revista regional*: no número 11 de 1 novembro 1888. E os comentários de Juan Armada no seu artigo do *Almanaque de Galicia* para 1891 evidenciam que era já dado adquirido no sistema a "influência" de Junqueiro em Curros: "su influencia [da literatura portuguesa] se descubre en Curros, que á veces recuerda la manera de Guerra Junqueiro, poeta á su vez muy influido por el gusto francés y principalmente por el romanticismo huguesco". Influência, aliás, que, mesmo com acusação de plágio, é invocada a respeito também de García Ferreiro, como o caso de Lepoldo Pedreira no *El lucense*, que dá conta também da presença de Junqueiro como criticado anticlerical. Assim, neste "diario católico de la tarde", Pedreira, no número 2692, de 14 de outubro de 1893, e no quadro dumha demolidora crítica a *Volvoretas*, de García Ferreiro, parte do que será o seu opúsculo *El regionalismo en Galicia*, acusa García Ferreiro de "execrable plagio del ilustre Bernardo López García", "mucho menos alabado que Ferreiro" e outro de Guerra Junqueiro, no poema "Bandeira literarea", informando que, a esse propósito, já se pronunciara Melchor de Palau "aunque diciendo, con su eufemismo de costumbre, que los versos del abogado de Orense recuerdan los del poeta português", para, mais para a frente, citar "como ejemplo del extremo á que puede llegar la dureza del lenguaje en las composiciones de Ferreiro", "un *trozo asqueroso de los versos* á Guerra Junqueiro, insertos en Follas de papel".

Igualmente, a sua atividade literária, bem que indiretamente, era objeto de atenção no anfissistema galego. O bonaerense *El Eco de Galicia* "órgano de los gallegos residentes en las Repúblicas Sud-Americanas" indicava, no número 63, de 20 de julho de 1893, que iria a ser feita umha tradução polo "sabio políglota" Eduardo Benot (que fora ministro na primeira República espanhola) de *A todos*, de García Ferreiro e Nomdedeu Pardo, e que o "*insigne poeta lusitano Guerra* Junqueiro" faria a versão portuguesa.

Dele, no número 5, de 1 de julho de 1897, da *Galicia Moderna* é publicado «*El Mirlo*", "traducción del portugués de Guerra Junqueiro", indica-se sob o título; e aparece assinada por M. Curros Enríquez. É, talvez, o poema de Junqueiro mais reproduzido no âmbito galego[629] e que agora aparece, não *inovado*, mas *resgatado*, mais polo tema e o seu tratamento do que pola pessoa e a linha poética de quem o compujo. Se quisessem vulgarizar *outro* Guerra Junqueiro, em espanhol, os responsáveis da revista podiam tomar o poema "Lealdade", traduzido polo autor de *O divino sainete* nas publicações referidas.

---

[629] Vázquez Cuesta, 1975:187. A Professora Vázquez Cuesta anota: "É de notar que o último [*O Melro*] só apareceria em livro -*A Velhice do Padre Eterno*- em 1885, o que nos leva a supor que existiam já então relações directas entre Curros e Junqueiro".

Aqui, pois, a origem portuguesa do escritor é indiferente, se não tivéssemos outra prova que a sua mesma tradução.

A linha da revista[630] fica, aliás, confirmada pola seleção deste poema ("inofensivo", de entre outros mais combativos de Guerra Junqueiro, dentro dos traduzidos por Curros, e que podia ser rececionado apenas como humorístico popular), que aparece ao lado de duas fotos que levam como pé: "Una merienda al aire libre"; "Gerona: ábside de la Catedral"; e "Madrid: La Virgen de la Almudena", tiradas as duas últimas de *El Correo de España*.

O nome de Junqueiro aparece igualmente associado a espetáculos musicais ou teatrais. *La opinión; diario de Pontevedra*, no número 361 de 22 de abril de 1897, informa que no teatro da cidade, na parte terceira do programa desse dia, terá lugar um "Monólogo en portugués por el autor don Alexandre de Acebedo, *Fiel*, "original del distinguido autor Sr. Guerra Junqueiro" Azevedo era um dos proprietários do cinematógrafo que funcionava naqueles dias no teatro. E o número seguinte volta informar de que este "distinguido actor portugués, recitó el hermoso monólogo *O Fiel*, del popular Guerra Junqueiro" (o sublinhado é nosso).

A tarefa político-literária de Junqueiro vai cedo também ter eco nos meios galegos. O *Ultimato* irá espoletá-la. Assim, no número de 12 de fevereiro de 1890, o 2149, do *El Regional,* alude-se a um ato de protesto havido no teatro Real de Lisboa em que "el ex-diputado Guerra Junqueiro" "recitó una poesia contra Inglaterra".

Baseando-se em meios portugueses para tratar o que intitula como "Lo de Portugal", o *El Correo gallego: diario político de la mañana,* no seu número 3019 , de 26 de setembro de 1890, tira comentários do *A República Portuguesa*, em que se recolhem afirmações de Guerra Junqueiro relativas ao rei português, entre as quais, que D. Carlos "es un D. Juan VI en cerdo" (facto,

---

630 Revistas deste tipo vão receber críticas desde o galeguismo. O caso mais significativo talvez seja o de *Claroscuro*, que publicou quatro números entre o dia 10 e o 31 de agosto de 1900. *Claroscuro* era um projeto ambicioso; bem ilustrada e a cores, contava com a colaboração de Navarro e Llorens. Nas suas páginas podemos ler textos de Salvador Rueda e Pardo Bazán. Mas, com bastante acerto, a *Revista Gallega*, ao dar fé do seu desaparecimento, dá conta da vida efémera da revista. Para esta, "era de imposición darle caráter regional -no regionalista- si la frase soliviantaba". "Para los gallegos no tenía interés alguno, supuesto que para nada se ocupaba de Galicia; y para el resto de España tampoco, pues no era otra cosa que una de tantas revistas como las que se publican mejor o peor presentadas".
Da importância dos enclaves dá conta a seguinte referência: «Si por el contrario tratase asuntos gallegos y diese grabados de paisajes, santuarios, vistas y costumbres de la región, los gallegos residentes en las poblaciones de España, Portugal y en las Américas recibirían la revista con agrado y le harían propaganda».
Esta lição vai aprendê-la magnificamente Jaime Solá anos mais tarde com a *Revista Gallega*. Mal saberiam os corunheses que estavam a abrir caminho a umha fórmula que ia contribuir decisivamente para a paralisação do sistema.

aliás, que Julio Camba lembrará anos mais tarde numha sua crónica no *Diario de Pontevedra*, como veremos) Na mesma sequência, já anos antes, o republicano federal *El regional: diario de Lugo*, no número 1107, de 15 de setembro de 1887, aludirá a Guerra Junqueiro num artigo netamente antimonárquico, recorrendo a umha expressão do "Ilustre" autor luso, "hombres-estiércol"; tomada provavelmente dumha expressão da *Velhice do Padre Eterno* (1885), o que mostra este meio estar a par e com certa familiaridade da atividade do poeta português.

Já no *La tierra gallega* de Havana, dirigido por Curros Enríquez se recolhia, no número 112 de 8 de março de 1896, e num artigo intitulado "Recuerdos Oportunos", elogioso sobre Lisboa, e sobre a reação na cidade ao Ultimato, lembra o seu autor Juan A. Freire, as composições *A Marcha do ódio* e *Finis Patriae*, de Junqueiro, aludido como implicitamente conhecido dos leitores.

De resto, cadencialmente, aparecerá na imprensa galega notícia das visitas à Galiza de Junqueiro. Consta que, ao menos desde a década de oitenta, Guerra Junqueiro será um relativamente assíduo visitante da Galiza, provavelmente desde que passara a ser Secretário do Governo Civil de Viana do Castelo. Da sua presença em 1886 em Ponte Vedra, por exemplo, dá notícia o *Crónica de Pontevedra : diario político* progressista, no seu número 18, de 21 de maio, dando conta de que receberom na sua "redaccion" "al distinguido poeta lusitano"; e a ele alude no seu livro de 1889 Silveira da Motta como também visitante de Ponte Vedra[631]. O havanês *El eco de Galicia* , no seu número 210, de 4 de julho daquele ano também informava de que se encontrava em Ponte Vedra "Sr. Guerra y Junqueiro", prova, aliás, da importância da figura e da conexão ultramarina dos meios galegos. E, em 28 de junho de 1903, no número 7070, *El Regional* informa da sua presença em Ourense, notícia que dous dias antes deram *La Gaceta de Galicia: diario de Santiago* no seu número 138 e o *Diario de Pontevedra* no seu 9127, aludindo-o aquele como "el conocido poeta portugués". Este último dará conta doutra visita de Junqueiro a Ponte Vedra, no seu número 6932, de 28 de maio de 1907, de modo singular. Desde a redação informam que tiverom a oportunidade de cumprimentar o jornalista e escritor Francisco Camba e que "anteayer" chegou a Vigo e esperam em Ponte Vedra o "ilustre publicista portugués" Guerra Junqueiro.

---

631 Visita de que, que saibamos, Junqueiro não deixou testemunho público. Ao menos pensamos que a ele alude a referência seguinte (1889:42):

"Tive hoje a boa sorte de encontrar aqui [em Ponte Vedra] o nosso querido poeta, G.J., que também é principe [estava Silveira da Motta a falar do filho póstumo de Alfonso XII] "por direito divino, porque acima de todas as gerarchias está a magestade do talento".

O crescente antimonarquismo junqueiriano alcançou maior eco ainda na Galiza com motivo do juízo a que, na primavera de 1907, foi submetido o poeta por um artigo no *A Voz Pública* de 2 de dezembro de 1906, que dizia assim:

> "Todas as tiranias são feras, e acusam portanto, na mascara do homem a descendencia do monstro.
>
> Há tiranias dominadoras fulgurantes d'olhos de aguia e há tiranias lividas, obliquas, de olhar de hiena. Ambas tragicas: um Bonaparte ou um Filipe II.
>
> A tirania do snr. D. Carlos procede *de feras mais obesas*: do porco. Sim, nós somos os escravos dum tirano de engórda e de vista baixa. Que o porco esmague o lôdo, é natural. O que é ináudito é que o ventre dum porco esmague umha Nação e dez *e dez* arrobas de cêbo achatem quatro milhões de almas! Que ignomínia! Basta. Viva a República! Viva Portugal!"

No número 8.091 do *El Regional*, de 12 de dezembro daquele ano, já se dava conta do texto, traduzido, no artigo intitulado "El poeta y el Rey", e do juízo que contra Junqueiro se preparava; lembra-se nele o poema *Pátria*, indicando que, naquela altura, o rei não se atrevera a ir contra ele, "gloria de su patria y del mundo", e afirmando que "la inmensa mayoría" estaria do lado do poeta, defendido polo líder do Partido Republicano Português Afonso Costa; quase um mês mais tarde, o nome de Junqueiro volta a ser exalçado pola sua valentia, agora no *La Libertad,* de 5 de maio de 1907, número 88, qualificando Portugal como um "povo vigoroso que não agoniza", aludindo ao enfrentamenteo entre "el gran escritor y poeta" e o monarca.

No número 6940, de 7 de junho, publica-se no periódico assinado por Hidalgo de Tor, que o *Diario* toma do *La Voz de Galicia*, intitulado "Un grato encuentro" sob o epígrafe "Mi viaje" que fará parte do volume *A través de Galicia. Los pueblos. El paisaje. Los balnearios*" que publicará em Madrid a casa Perlado, Páez y compañía, em 1908. Hidalgo de Tor é um pseudónimo Francisco Camba, que fazia um percurso naquela primavera polos balneários galegos. Na crónica, Camba afirma encontrar o "famoso poeta y notable patriota", sentado num café de que tinha visto "largos retratos", afirmando sentir-se com "la emoción del creyente que hallase, sobre el mundo, las barbas visibles de su Dios". Da sua conversa com o poeta, Camba afirma que lê muito, e que admira a imprensa e a crónica espanhola, enfatizando admirar Mariano de Cavia, Eduardo Marquina e Luis Bello.

"España, en sentir del hombre ilustre,", continua Hidalgo de Tor, "es una gran nación"; "mejor dicho", "son muchas naciones". "Y luego, va señalando la enorme diferencia que existe entre Galicia y Castilla, entre Castilla y Cataluña, entre Cataluña y Andalucía... Portugal, en cambio, es un país uniforme, un país unido. Portugal, además, es un pueblo altamente culto". O cronista transmite também que Guerra Junqueiro critica a monarquia portuguesa, que acha diferente em arraigo que a espanhola. E enfatiza logo na continuação:

> "De Portugal hemos pasado á Galicia". (...) "Galicia merece á Junqueiro largas vehemencias ditirámbicas. Habla con veneración de Rosalía, 'la inmensa Rosalía'; habla con entusiasmo y con cariño de Curros, 'uno de los más grandes y más nobles poetas que ha producido el siglo XIX español'

Para concluir: "no todos los días hablamos con Campoamor, Zorrilla o Guerra Junqueiro".

O testemunho é revelador da projeção de Junqueiro, do cânone, secundarizado (Zorrilla ou Campoamor, falecidos havia anos, nasceram em 1817; Junqueiro, no ano 1850, e a sua produção era de índole diferente, que podia estar funcionando na altura); e do conhecimento apreciador que de Rosalia que existia em determinados setores do campo literário português. No caso de Curros em relação com Junqueiro era esperável umha valorização positiva, embora esse exalçamento seja também significativo da sua *ubicação* no sistema espanhol ou, ao menos, dumha não singularidade galeguista, a julgarmos pola transmissão feita por Camba.

Deixei para o final, pola sua extensão e mostra de conhecimento, um artigo de Alfredo Vicenti. Na receção de Junqueiro na Galiza da altura, resulta ainda mais singular e significativo, certamente, este artigo, publicado em duas partes, que Vicenti dedica ao escritor português no *La Temporada de Mondariz*. Vicenti continuava ligado ao mundo galeguista. De facto, paricipará em comícios agrários e será candidato agrário-republicano às Cortes espanholas.

No número 1, de 2 de junho de 1901, aparece a primeira parte do seu "Guerra Junqueiro", que começa com esta categórica afirmação, em linha com o antes anotado por Camba: "Tuvo razón quien dijo que estando, como están, Nuñez de Arce [n. 1834, falacerá dous anos mais tarde] recluido en hosco silencio, Campoamor abrumado por achaques de la senectud[632] y Mosón Verdaguer [n. 1845, falecerá um ano mais tarde] abstraído en siniestras batallas interiores, es Guerra Junqueiro el mayor de los poetas peninsulares", que Vicenti afirma ser pouco conhecido na Espanha. Convém, em termos de canonização, considerar o que implica, em termos do campo espanhol, a sistemática consideração de Campoamor, como que se deduz do comentário de Vicenti e pode contrastarse com comentários e publicações da época num lugar central no campo espanhol. A colocação do assunto em termos peninsulares é significativa da tendência *iberista* da altura e da consagração de Junqueiro, a que não será alheia a sua fama de republicano e combatente contra a monarquia portuguesa.

---

[632] Já falecera em fevereiro daquele ano, o que leva a pensar que o artigo fora entregue para publicação antes e não fora revisto.

A crónica manifesta certa familiaridade com a vida de Junqueiro. Trata das visitas deste a Espanha, visitando catedrais e museus à procura de pinturas e objetos, familiaridade aquela que se estende ao aludir à sua vivenda na Avenida de Boavista no Porto. E comenta, a propósito do que julga um dos "primeros pensadores" do século em curso: "No bien se oye hablar á Guerra Junqueiro, ó se lee con cuidado su obra, cáese pronto en la cuenta de lo que vale y de lo que es como poeta, como psicólogo, como panteista y como cristiano". O artigo reforça os seus comentários apreciativos sobre a obra do poeta. Numha extensa comparação metafórica com o rio Douro ao passo pola terra de Junqueiro (Freixo de Espada à cinta), afirma que assim é "la musa de Guerra Junqueiro, vivificante, límpida y generadora, aunque se presente en algunas ocasiones con trazas de pitonisa ó con aspeto de convulsionaria"

Vicenti indica conviverem em Junqueiro e "en buena concordia, un positivista y un creyente; un altruista y un patriota; un luchador y un iluminado", fazendo referência também ao seu interesse polas ciencia e as "fuerzas ocultas", e acrescenta que o seu é "o cristianismo dos simples e humildes, ainda que, para ele ,"la Historia Natural es la única historia verdadera" (aproveitando para comentar que "en sus viñedos de Barca d'Alva ha aplicado al ingerto de las cepas, considerándolas como miembros de un cuerpo animal, una cura semejante á la antiséptica de [o cirurgião Joseph] Lister", sendo "de advertir que en los años transcurridos desda que el poeta-agricultor inventó tal procedimiento, ninguna de sus operaciones. quirúrgicas ha marrado").

Concentrando-se a crónica na obra do autor luso, destaca nela "dos caracteres pronunciadísimos": "el humano ú objetivo, y el nacionalista, realzados entrambos con el esmalte de una individualidad poderosa". "Responden al primero *La Muerte de D. Juan*, *La Musa en ferias*, *La Vejez del Padre Eterno* y *Los Simples*", obra que glosa elogiosamente e de que extrata "algo de su sabor y su perfume, atendiendo á lo ignorados que son para la mayoría de los españoles", parafraseando trechos de "El entierro", "In pulvis" e de "El pastor", conciliando parte do retrato que ao início dera com *Os Simples*:

> "Más que por *La Muerte de D. Juan*, más que por *La Vejez del Padre Eterno*, y más que por *La Musa en ferias*, capricho este último cuya trascendencia se eclipsa á veces bajo una lluvia de primorosas ironías literarias, será inmortal y querido de todos el nombre de Guerra Junqueiro por la adorable epopeya de *Los Simples*. Con razón la ha calificado el poeta de autobiografía psicológica
>
> Lo es, en efecto, por su extraordinaria fuerza personal, impregnada en un raro misticismo naturalista; pero es al mismo tiempo una obra de arte maravillosa, genuinamente portuguesa y fundamentalmente humana".

Como foi indicado, *La Temporada de Mondariz* era um periódico estival destinado a um público fundamentalmente de origem espanhola e portuguesa, e galega, naturalmente. Isto explica publicações nela que tendem a tentar

atrair a atenção do conjunto de hóspedes na estação balnear, caso da presente crónica e do seu teor. Nessa atualidade e intuito, a atividade política de Junqueiro apresentava particulares atrativos, no seu antimonarquismo e defesa da soberania portuguesa a partir do *Ultimato* inglês. E a estes assuntos dedica Vicenti a segunda parte do seu trabalho, publicado no número 2 de 9 de junho . "Guerra Junqueiro II" começa apresentando "además del poeta lleno de amor á la triste humanidad é identificado con el alma de las cosas, un gran de moledor político y un apóstol, que apetecería ser mártir, de la libre nacionalidad portuguesa", comparando com Alexandre Herculano a sua atitude. Lembra Vicenti que, aquando do Ultimato "combatió cuanto pudo en el Parlamento, y acabó por retirarse de él, menos vencido que asqueado"; e, como consequência, afastou-se "de la dinastía de Braganza, que al sacudir la dependencia española aceptara de buen grado la dependencia inglesa, y concretó su programa, que es hoy el de la democracia intelectual de su país, en esta sencillísima fórmula: 'una democracia, ampla, franca y sincera, en que quepamos todos. ¿Su presidente? — El mejor. ¿Es acaso un miguelista? — Norabuena'. Nessa sequência, foca a atenção Vicenti na figura do Condestável Nuno Alvares Pereira, o "famoso vencedor" de Aljubarrota que o poeta "ha tomado como símbolo" e que "después de hacer reyes y naciones, murió como un santo bajo el hábito carmelita". Aljubarrota e a figura do Condestável estavam mui de atualidade, como exemplo de independência e abnegação pátrias no Portugal finissecular. De Oliveira Martins publicara-se umha obra sobre ele em 1893 (*A vida de Nun'Álvares*), por exemplo. E essa independência se produzira em relação a Castela… Talvez por isso quer frisar o cronista na continuação que "no obedece esta regresión á ningún sentimiento de odio hacia España"; "Guerra Junqueiro profesa á la mayor de las hermanas peninsulares un afecto casi tan grande como el que dedica á la otra", quer esclarecer Vicenti. Utilizando a figura do herói português, afirma Vicenti que, como ele, Junqueiro quer "un brazo de hierro para el mando; una boca de santo para la misericordia" e ainda sublinha que, já em 1640, Portugal deveu a sua independência "en primer término al ánimo de una mujer española" (mui provavelmente se refere o cronista à Luisa de Guzmán, da casa espanhola de Medina-Sidonia, mulher do Duque de Bragança e futuro João IV).

E, após comentar o esquecimento em que Nuno Álvarez ficara e o "mesianismo que anima al gran soñador y patriota", glosa o *Pátria* (1896), motivado polo Ultimato e o levantamento de janeiro de 1891-, "superior a Victor Hugo en diatribas y rayos fulminadores": "No conocemos, ni en lo antiguo ni en lo moderno sátira política más demoledora, más violenta, más acre. Tampoco conocemos otra de forma literaria tan radiante, de concepción y ejecución tan artísticas, de atmósfera espiritual tan pura", num livro que, afirma Vicenti, não respeita nem formas nem fórmulas poéticas

"subordinándolo todo á la integridad cristalina y á la robusta expresión del pensamiento". Vicenti ainda cita os versos do Mendigo disposto a defender a pátria se não o fazem nobres nem heróis, transcrevendo os últimos versos da cena XXI e parafraseando excertos das cenas XXII e XXIII do livro. E, sublinhando a atitude cívica de Junqueiro, coloca-o ao lado de nomes já conhecidos do público galego por contraste com *Os Vencidos da Vida* onde inclui o mais novo Fialho de Almeida:

> "El poeta predica con el ejemplo á sus conciudadanos. A pesar de sus quebrantos físicos y de sus combates no tiene la *vontade de morrer* que los hombres de su generación, los Anthero de Quental, los Oliveira Martins, los Fialho d'Almeida, los Guillermo Braga, los Rodrigues de Freitas, llevaban impresa en el alma y en la fisonomía".

Finalmente, Vicenti frisa que "el culto del arte se completa en él con el gusto por las ciencias naturales y por las investigaciones psicológicas"; "poeta y hombre de su tiempo, confía y trabaja", acrescenta, completando a etopeia do poeta, como homem trabalhador, comprometido e pluridimensional, que sintetiza, através das referências à sua obra e às suas tarefas e aum protesto *iberista*:

> "Canta á humildes, fustiga á los inmorales, se revuelve contra los opresores, é incansable labrador, cultiva y mejora á la par por sus viñas a la orilla del Duero.
>
> Escribe *Patria* con la misma mano que escribió *Los Simples*, y consuela á su gente con el bendito *libro de oraciones* titulado *Infinito* después de haberla exaltado con la rugiente Marsellesa que se titula *Himno del odio*.
>
> Bien merece por todo ello ser conocido y querido en España.
>
> Y más aún, si se considera que, en las tristísimas circunstancias actuales, á los dos pueblos de la Península alcanzan por igual sus lecciones"

Estamos perante um dos poetas portugueses mais produtivos para o protossistema literário galeguista, ao menos até à década de trinta: desde a sua receção por parte de poetas galegos até ao seu uso político (de textos e atitudes), passando pola sua diversificação repertorial, que vemos aqui alicerçada e que se prolongará nas décadas seguintes.

V.10.5. 7. "Galicia, terra irmán de Portugal". O caso singular da visita de Leite de Vasconcelos

O sistema regionalista, quando procurava a Importação ou a transferência portuguesa, continuava a fazê-lo pola via que entendia mais o beneficiava, e que, reciprocamente, maior interesse pola própria atividade manifestava.

O caso de Leite de Vasconcelos é talvez o mais paradigmático do tipo de Importação procurada polo regionalismo corunhês. Aquele interesse de Leite por participar no ambiente literário galego desde polo menos os princípios

dos anos oitenta não vai esmorecer[633]. O próprio Leite de Vasconcelos comenta, em 1901, como se mantinha o seu relacionamento com a literatura regionalista: "em virtude da bondade da que têm usado para comigo os escriptores galegos, sobretudo os Srs. Martínez Salazar, Galo Salinas, Carré Aldao e García Ferreiro, possuo na minha livraria particular grande numero de trabalhos litterarios gallegos"[634].

Talvez surpreenda na citação o nome de García Ferreiro, quando essa ligação não é explícita nas publicações consultadas; mas repare-se no facto de o escritor ourensano, que vai falecer um ano mais tarde, cedo se retirar da vida literária ativa, e que, doutra parte, ser um dos escritores que, dentro do sistema, mais se servira da transferência do polissistema português.

Passado meio ano da última visita que até àquela altura umha tuna portuguesa fizera à Corunha, a *Revista Gallega* informa "c'unha de aquelas satisfauciós non ben espricadas pol o moito sentidas" que tiveram a "honra de contar uns días coma óspede noso, ao ilustre arqueólogo e linguista lusitano Sr. José Leite de Vasconcellos"[635]. Este tipo de apresentação dos portugueses, onde a emoção ofusca a pena, vai ser habitual introdução dos elementos lusos que com o o galeguismo se relacionam. Já sabemos que este não perderá nunca oportunidade de ponderar o que realmente significa para ele a visita dos que considera autênticos irmãos. A fórmula serve a um mesmo tempo para realçar a figura do visitante, "sábio", "ilustre", etc., e, como consequência, apurar ainda mais o verdadeiro relevo que, para a causa que defendem, supõe a presença e o reforço, a legitimidade enfim, que porta o introduzido. Por outro lado, é significativa a visita, na medida em que indica que era particularmente com os elementos corunheses do regionalismo com quem os portugueses mantinham mais intenso contato.

Que o sistema regionalista tem sobre si a ideia da particular importância *literária* de atividades como àquelas a que Leite se dedica, mostra-o para além dos títulos de arqueólogo e linguista, referidos a ele, a qualificação de "unha das figuras literarias mais saintes do viciño reino". A redação informa de que Leite foi convencido para ampliar a sua estadia, que apenas o ia ocupar um dia, que destinou a visitar bibliotecas e "tomar apuntes pra escribir unha estensa obra

---

633 Pode resultar mesmo admirável o caso de Leite de Vasconcelos, na sua participação e boa disposição. Vejamos umha prova. Informa *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, o dia 20 de março de 1903 na sua seção de "Bibliografía", que Julio Dávila se surpreendera de ouvir e ler chamar os habitantes de Ortigueira *ortiguenses* ou orteganos e não *santamartenses*. Isso motivou a publicação de um trabalho de Dávila de 61 páginas intitulado "Cuestión filológica -Nombre genérico de los hijos de Ortigueira", onde para além doutros juízos solicitados "incluye el del eminente filólogo portugués Dr. D. J. Leite de Vasconcellos", quem defende, por sinal, *ortiguerianos*. Até estas preocupações atendia o professor português.

634 J. Leite de Vasconcellos, *Estudos de Phonologia Mirandesa*, v. II, Imprensa Nacional, Lisboa, 1901, p. 59. Citamos por Carme Hermida,1987.

635 *Revista Gallega* número 390, 8 de setembro de 1902.

sobre dos usos, costumes e lenguaxe de Galicia, rexión que é ouxeto da predileución do noso sabio amigo" (a amizade como ponte e benefício do prestígio do "sábio"). Cumpre-se então o segundo dos objetivos da crónica: prestigiar a Galiza por ser objeto de estudo do "sábio". E, na continuação, aparece um terceiro propósito, remate perfeito na materialização destes contatos galego-portugueses, concretização aliás do que *espiritualmente* estava a ser mantido havia uns vinte anos: na casa de "Manecho Lugris" reúne a intelectualidade galeguista da época: "os Sres. Manuel Murguía, D Eduardo Pondal, D. Andrés Martínez Salazar, D. Urbano González Varela, D. Florencio Vaamonde, D. Manuel Lugris, D. Francisco Tettamancy Gastón, D. Eugenio Carré Aldao e D. Galo Salinas Rodriguez". Eis a prova mais clara da diferente consideração sistémica das viagens: se, no caso de Maciñeira (com quem Leite, segundo a notícia da *Revista Gallega*, vai encontrar-se em Ferrol) este é cumprimentado por Leite e pola sua intermediação conhece outros investigadores, acabando em casa dum amigo a brindar pola Galiza e Portugal, a visita de Leite mobiliza a centralidade do movimento regionalista, historiadora e literária, situada na Corunha. Mais ainda: o encontro cobra por momentos certo sabor institucional, como umha receção dumha embaixada: na casa de Lugris, e em honra do visitante, "a señora Dª Purificación Varela, dina esposa do señor Lugris, c'unha bondade nunca ben agradecida, executou no armonio unhas melodías gallegas"; "despois de tres horas que á todos pareceron cortas, suspendeuse tan agradabre festa, e de aquela, Conchiña, a filla de Lugris, encantadora nena de cinco anos, adiantouse e presentoulle ao señor Leite de Vasconcellos un ramillete de frores atado c'un lazo de cinta de frores dos coores de Galicia e Portugal, azul e branca, do que pendoraba una medalla que por unha cara ostentaba o escudo da Cruña e pol-a outra o feito grorioso da inmortal María Pita" (peculiar aproveitamento para a exportação do mito corunhês).

O terceiro dos objetivos da visita é, não podia ser outro, a exaltação da irmandade, onde se põe em destaque o interesse de Leite pola produção literária galega: "entre gotos de fumazo dos cigarros xeneralizouse a conversa, e a petición do Sr. Leite léronse poesías de Rosalía de Castro, Pondal, Lugris e outros poetas" (dos poetas citados, apenas Rosalia, falecida, não está presente: Rosalia estava já canonizada absolutamente), "trocándose frases afectuosas que estabreceron á familiaridade, sendo a nota principal da íntima festa os desexos por todos espostos de que Portugal e Galicia marchen xuntos hacia o seu perfeucionamento pra outer que sexan en ambos países uns mesmos os sentimentos, as aspiraciós e mail-os destinos".

Na despedida, talvez para alguns imbuído o cronista de lusismo militante expresso no dia da semana (insólito dado o nível de língua que vimos ser empregado, de resto o de maior qualidade do momento), informa-se-nos de que o "Sr. Leite Vasconcellos foise quinta feira pra visitar outros amigos", e, mostra

evidente do caráter institucional que se confere a estes contatos, "no lle dal-a despedida rogámoslle que onde quera que se atope pense que aquí deixa á uns amigos d'o corazón, autorizandoó pra que os seus lles repita no noso nome que en Galicia hai respeito á Portugal grandes afectos e cariños fraternás". Convém indicar por nossa parte, em relação à *autorização* que os galegos concedem a Leite, ser habitual também este tipo de despedidas, onde se considera o visitante arauto das aspirações galegas no seu país, prova entre outras cousas da fragilidade e debilidade do movimento, que encontra poucas oportunidades para assim o testemunhar aos portugueses, e aproveita o melhor que pode ensejos como este.

Mas, quiçá o elemento mais significativo, seja a publicação do poema que Leite deixa para os galegos: o soneto "Galicia", transcrito[636] no "co-dialecto" galego. O primeiro verso dessa composição é talvez o mais repetido para caraterizar o relacionamento galego-luso futuro.

O poema é um dos melhores exemplos, em cada um dos seus dous quartetos e tercetos, de

a) os valores que informam a unidade galego-portuguesa: "GALICIA, terra irman de PORTUGAL/ Onde voan os mesmos paxariños,/E as mesmas froles bordan os camiños,/E as mesmas almas ten o mesmo ideal";
b) do estado da receção da atividade literária galeguista (do seu repertório e cânones) nestes setores portugueses, referenciada na dupla linha de recuperação e vindicação popular (Curros) e clássica (Pondal): "Lindo berce de Curros e Pondal,/-un que escoita os murmulos dos *airiños*, Outro, que abrindo vellos pergamiños,/Canta as grorias d'un pobo colosal-:";

---

[636] É possível que o poema fosse escrito na norma portuguesa e adaptado ao galego que estes regionalistas usavam na época: entre outras provas, pode confirmá-lo o mantimento, por razões métricas, de *ten* como forma de plural do verbo ter, perfeitamente galega, mas não usada polos corunheses: "e as mesmas almas *ten* o mesmo ideal". O motivo é de novo firmar a validade do projeto regionalista, simbolizado no uso do seu código habitual... quando escreviam em galego. O caso é, aliás, umha magnífica prova da solidariedade portuguesa procurada. Fazê-lo na norma portuguesa distanciaria o produtor, cousa que não interessava, e retiraria-lhe legitimidade ao projeto. O uso do codialeto prestigiava-o e mostrava mais nitidamente ainda a unidade polissistémica galego-portuguesa no nível linguístico, e, como vemos no texto, doutras ordens. Note-se igualmente que, nesse sentido de redução da distância, as concessões léxicas, morfológicas, ortográficas, etc. de Leite são bastante alargadas...
Este é o poema completo:

> "GALICIA, terra irman de PORTUGAL/ Onde voan os mesmos paxariños,/E as mesmas froles bordan os camiños,/E as mesmas almas ten o mesmo ideal;
> Lindo berce de Curros e Pondal,/-un que escoita os murmulos dos *airiños*, Outro, que abrindo vellos pergamiños,/Canta as grorias d'un pobo colosal-:
> Eu te saudo! E chamome feliz,/Pois hoxe, preto d'estes bós amigos,/Bebín en paz dous gotos de Xerez...;
> Soño da veira-mar, verde país,/Poida eu por lonxe andar sen correr p'rigos,/Pra acó te vir saudar mais unha vez!".

c) os contatos pessoais que concretizam a unidade e a homenagem portuguesa: "Eu te saudo! E chamome feliz,/Pois hoxe, preto d'estes bós amigos,/Bebín en paz dous gotos de Xerez...";
d) a atenção e atrativo que para Leite tem a Galiza, centrada, e o elemento é de importância grande, na saudade, e nas condições naturais, mui similares àquelas de Portugal que Maciñeira apreciara na sua viagem: "Soño da veira-mar, verde país,/Poida eu por lonxe andar sen correr p'rigos,/Pra acó te vir saudar mais unha vez!"

O poema possibilita-nos detetar o único *erro diplomático* dos galegos, que ofereceram "Xerez" ao ilustre visitante, em lugar do vernáculo Porto com que Maciñeira Pardo celebrou em Lisboa a irmandade galego-portuguesa: mas a Galiza ainda não prestigiara os seus licores, e, em lugar dos "Alvarinhos" ou "Amândis" permitiu que o forâneo "Xerez" proporcionasse a Leite umha fácil rima com "vez".

Na altura, outras publicações fazem-se eco do poema. Assim, por exemplo, *La Idea Moderna* publicava-o no seu número de 13 de setembro (o poema fora assinado onze dias antes). E também *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, em outubro do mesmo ano[637].

Ora bem, em casos como este, o poema aparece com algumhas variantes, talvez prova de que tivo várias versões: no verso terceiro aparece «onde os mesmos queixumes dan os piños»; isto é significativo porque o verso, ainda mais se transcrito com as palavras *queixumes* e *piños* em cursivo (como aparece em algumhas versões), reforça muito a homenagem a Eduardo Pondal. E a partir do verso 8, diz assim:

"Cantas as groreas d'un povo sen egual-
Eu te saludo. Y hoxe son felís
Porque, eiquí, preto d'estes bós amigos
Bebín en paz dous tragos de Xerez...
Soño da veira mar, verde pais,
Líbrenme os deoses de desgraza e prigos
Pr'acó t'eu vir saudar mais unha vez!"

Não sabemos qual foi para Leite a versão definitiva. Tanto é assim que, por exemplo, quando, já nos anos sessenta, um filho de Eugénio Carré, Uxío Carré Alvarellos rememora o facto para *Céltiga* (1960: 275), transcreve a seguinte versão:

---

637 Número 395, de 10 de outubro de 1902.

"Galicia, terra irmán de Portugal
onde voan os mesmos paxariños,
e as mesmas frores bordan os camiños
e son os mesmos, pobos e ideal.
Lindo berce de Curros e Pondal,
-Un, que escoita os queixumes dos airiños,
outro, que abrindo vellos pergamiños
canta os feitos da historia rexional.-

Eu te saúdo! E atopome feliz
pois sentín hoxe, d'estes bôs amigos,
o corazón ao rente latexar...
Soño da beira mar, verde país,
viva eu de cote sin correr perigos,
pra acó mais unha vez, virte á saudar".

Enfim, podemos afirmar que só as múltiplas versões e fortuna conhecidas polo poema poderiam constituir um longo capítulo do relacionamento galego-português. A título de exemplo e curiosidade, indiquemos que, meses mais tarde, quando veja a luz *La Literatura gallega en el siglo XIX* de Eugenio Carré, a versão que ele dá (p. 101) difere da publicada na *Revista Gallega* e concide com a do *El Eco.*

Ainda por outra via, por *La Voz de Galicia*, vai chegar à *Revista de Lisboa*, que, em novembro desse ano, no seu número 3, insere o poema. O facto é significativo, porque é a única chegada da literatura regionalista a umha revista literária dos inícios de século que tenhamos detetado. O poema terá longa fortuna no relacionamento galego-português, e será mesmo usado polo *Grão-Mestre* luso da Saudade, Teixeira de Pascoaes, para, de novo, referir-se à irmandade galego-portuguesa (verificando-se mais umha vez a passagem do mundo galego desde a periferia sistémica para o centro). Particularmente, o primeiro verso acabará convertendo-se em emblemático.

De resto, a versão é a mesma que a publicada por *El Eco*. Parece então que a que mais difusão alcançou foi a que recolhe mais expressamente a homenagem a Pondal (verso 3 e versos seis e sete), sem entrarmos agora noutras particularidades do código.

V.10.5.8. Um caso às avessas: João Verde, autor secundarizado nos materiais para o regionalismo corunhês

Em 1902, um poeta de Monção, relativamente jovem, pois contava trinta e seis anos na altura, vê finalmente os seus versos impressos na tipografia e livraria de Eugenio Krapf de Vigo, recolhidos sob o título *Ares da raya*, o que já é

todo um indício das suas intenções poéticas e de *ubicação*, espacial e literária, intersistémica. Este escritor, diretor literário de *O Regional* da sua vila, e amigo de poetas ourensanos, entre os quais García Ferreiro, que acabava de falecer, assina com o nome de João Verde; e, talvez impelido por estes, envia o seu livro a várias pessoas e publicações da época. Entre outras, chega às mãos de Emilia Pardo Bazán um ano mais tarde, com a seguinte dedicatória: "À grande escriptora peninsular, Dª Emilia Pardo Bazan, toma a liberdade de offerecer estes *ares da raya* João Verde[638]", assinada em Monção o dia 10 de setembro de 1903. O poeta, como testemunha em algumha ocasião[639], estivera presente nos Jogos Florais de Ourense, de 1901, onde talvez conheceu a escritora corunhesa, que os presidia.

Também chega às mãos da *Revista Gallega*, que no número 400 dele dá conta na "Sección bibliográfica" da seguinte maneira: «Verdes [sic] (Jao)// *Ares da raya*, poesías en portugués.-Vigo, 1902».

Não parecia mui conhecido entre os corunheses o poeta; mas não por isso vai deixar de ser resenhado, e no mesmo número:

> "Un tomo elegantemente escrito impreso en la tipografía de E. Krapf, de Vigo".
>
> "En sus versos el Sr. João Verde, hace alarde de su amor por Galicia, hermana de su país Portugal, y canta las bellezas de ambos con estro de vibraciones simpáticas que hacen gratas las inspiradas lucubraciones del autor.
>
> ¡Lástima que entre tanta fragante flor descrita en el idioma patrio, aparezca aquel *cardo* que se lee en la página 105, titulado *Recuerdo*, escrito en perverso castellano!".

Inimaginável umha crítica assim anos antes: um poeta português, escreve um livro de poemas, onde apenas algum está escrito em espanhol, fala de (e canta a) a irmandade galego-portuguesa, intitula-o *Ares da raya* (em evidente jogo e filiação com a obra de Curros), envia-o para os regionalistas corunheses, e estes, em vez de o louvar, permitem-se denominar os seus versos "inspiradas lucubraciones"; que tem "vibraciones simpáticas e gratas"; e censurar, sem reparo, um texto em espanhol. Nem um canto exaltado à unidade, nem um relatório ainda mais acentuado, dado o caso, de todas aquelas cousas que unem galegos e portugueses. Mesmo é acusado abertamente de espanholismo, e o galego-português é o que é denominado idioma pátrio, dado que há mesmo composições escritas em galego (-português). Enfim, toda umha manifestação de antiespanholismo (*perverso castelhano*) e afirmação galego-portuguesa em quatro linhas. João Verde parece que chega tarde!

E, em parte, assim é, para o regionalismo corunhês. Está a viver um momento de euforia lusista; há já meses que a tuna coimbrã visitou a Corunha e a revista fizo um alarde de meios inusitado para um recebimento calorosíssimo;

---

638 Localizamos este exemplar na Real Academia Gallega.

639 *O Regional*, número 49 de 9 de março de 1902.

havia menos dum mês que se reuniram em casa de Lugris com Leite de Vasconcelos, que lhes deixara reconhecimento penhorado através do seu poema.

O que desde 1891 era secretário da Câmara de Monção, sincero regionalista português, e galego-português, tinha maiores vínculos com os setores mais conservadores e *quase pseudorregionalistas* (relativamente ao regionalismo corunhês) de Vigo (Jaime Solá) e de Ourense (não o caso de García Ferreiro, a quem conhecera pessoalmente sete anos antes; o seu vínculo fundamental era com *El Eco de Orense*, dirigido por Lamas Carvajal, mui distante dos corunheses, também na conceção de Portugal).

Por outro lado, ele não fazia mais do que responder ao repertório de materiais normativo galego, que incluía o bilinguismo como elemento marcante. Nengum poeta da altura foi monolingue; e não apenas isso: talvez Galo Salinas Rodríguez, que assina a recensão, não repare em que a está a fazer no idioma que censura a João Verde. Estas eram ainda e por muito tempo as contradições em que o sistema regionalista, mesmo no seu setor mais avançado, tinha que se mover[640]. Ainda aquele *cardo* (*Recuerdo*: "Juanita, la hermosa hilandera [...]") é umha imitação de Campoamor, um modelo para o regionalismo galego aceite, mesmo em atos *oficiais* como os Jogos Florais de Tui. O próprio Galo Salinas, embora em galego, concorrera ao prémio que consistia na imitação de "El gaitero de Gijón".

Mas, aos portugueses, já se pedia, e pedia-se mais; e é neste sentido que Verde chega tarde. Os seus versos, que haviam de desfrutar de grande popularidade [aí estão os de "Galiza e Portugal são como dous namorados (...)"] não vão aparecer nunca publicados na *Revista Gallega*, que queria ir, e ia sem dúvida, *além*. Visava outros rumos mais centrais no polissistema português; não a sua periferia; mas afinal terá que ser por periferias como esta como a Galiza entre em Portugal. Isto não era mais do que umha prova da profunda *dècalage* entre um sistema emergente e o seu polissistema de reintegração.

O caso de João Verde e dos seus *Ares da Raya* merecem ainda outra consideração. O livro começa com os versos que se tornariam quase populares: "Vendo-os assim tão pertinho [...]", declaração de *amor* luso-galega. Leva depois um paratexto de García Ferreiro; no "Envio" o tema central é a saudade; na continuação um texto sobre a emigração do prólogo de *Follas Novas* de Rosalia Castro de Murguía. Mas o semanário corunhês evita reparar nestas questões. Talvez sejam as dedicatórias, e não a estética ou o conteúdo do livro onde se fortalece o incómodo que nascera com o *cardo*. Mais umha

---

[640] Passados os anos, Galo Salinas terá que responder, no número 537 da publicação que dirigia, ao comentário de P.V na revista *Occitano* de Tolosa-Barcelona sobre o seu drama *La huelga*: "Donem l'enhorabona à son autor, mes preguntem porqué no l'ha escrita en sa llengua materna, com altres importants travalls seus que ja porta publicats!"; a razão é que "en Galicia abundan los imbéciles que se mofan de aquella lengua materna". E, após lamentar os fracassos teatrais da Galiza (a efémera escola de Declamação desaparecera), mostra a sua inveja pola situação catalã.

vez, é de importância bem maior o facto de como o livro é introduzido que o próprio texto.

Com efeito, para além de "O mal-da-terra" dedicado a Trindade Coelho, "contista", as outras partes são dedicadas a escritores galegos: "As cantilenas" para D.ª Filomena Dato Muruáis "poetisa, em Orense"; "Sonetos d'arrabalde" para D. Manuel Olivié, "publicista, em Vigo"; "Beira-Minho" para o Senhor Visconde da Torre, onde o primeiro poema "P'rá Nena leer" indica "Á memoria do poeta gallego Alberto García Ferreiro", e está escrito em galego; e outro poema, "D'a muiñeira" é subtitulado "ar de Lugo"; "Pobres rimas ao vento" para D. Benito Fernandez Alonso "historiador em Orense".

E aqui sim que podiam aparecer os preconceitos de Salinas e os corunheses; bem distanciados estariam de Olivié, colaborador entre outros de *Faro de Vigo*, e que doze anos atrás dera à luz *Aspiraciones nacionales de España*. *Primera arte. Gibraltar* (Vigo, Imprenta de *El Independiente*, 1890). Pensamos que distância também havia entre Filomena Dato, Fernández Alonso e o grupo da, na altura, considerada capital da Galiza. A razão? Sem dúvida a prática literária de ambos dous, particularmente do futuro académico fundador Fernández Alonso, dedicado à "Comisión de Monumentos históricos e artísticos de la Provincia de Orense", mui ocasional escritor em galego; e umha ainda mais poderosa: os dous eram colaboradores e amigos de Lamas Carvajal; enfim, da linha mais oposta ao regionalismo corunhês.

Se a tudo o antedito somarmos os versos finais do livro, "Ares da raya d´Hespanha,/ Da raya de Portugal,/Ungi do rio á montanha/O meu berço e o meu coval,//O lindo rincão aonde,/Entre um AI! e um ALALÁ,/A minha alminha s'esconde/E o corpo repousará", podemos encontrar perfeita justificação à atitude dos corunheses: João Verde representava o tipo de relacionamento que nunca quereriam os da *Revista Gallega* com os portugueses; era Verde um poeta quase *perdido* para a sua causa.

Outros poetas aparecem ocasionalmente na *Revista Gallega*. Algo lido e usado como modelo devia ser Mendes Leal, porque aparece como lema dum candidato a prémio para os Jogos Florais de Lugo de 1896, curiosamente com um trabalho intitulado "Cantares Gallegos". O lema tomado não lembra a sua faceta de sátira social: "Valha o desejo se não vale o canto". Ora, o aparecimento parece puramente circunstancial, e talvez vinculado à sua morte que aconteceu nesse ano, apagada sem dúvida pola de João de Deus. De facto, a revista, que estava em plena vulgarização do livro de Padula, não se faz eco do falecimento. De resto, e para termos mais um indício do ambiente literário da época, o seu nome aparece junto a lemas de Zorrilla, Pondal, Frei Luis de León, Núñez de Arce, cantigas populares ou trabalhos de Campoamor.

No número 132, de abril de 1897 aparece um poema, assinado por Berardo José Dias Limões de Carvalho, que não conseguimos identificar[641]. O poema leva por título "Nas receções da Embaixada», e apresenta, em verso fluido, o tédio e aparência da Corte na pessoa dumha arquiduquesa que acaba por ser surpreendida "nos braços nús, apertado/D'um homem que ninguém via/nas receções da embaixada». Mas o poema é um monólogo de António Macedo Papança, o Visconde de Monsaraz, bem popular, que circulava já na década de oitenta do século XIX[642]. É um caso curioso, porque nem é apresentado nem mais nada se sabe do alegado autor ou da sua eventual obra no resto de toda a publicação. Mas, aparecendo datado, no Porto o dia 4 de abril de 1897, parece que foi enviado ou recolhido expressamente polo interesse (é um poema de estrutura poética paralelística, tipo canção, que lembra Camões, por exemplo, embora divirja no tema) que podia despertar, ou polo mero facto de fazer aparecer o português nas páginas da publicação (o que, em algum caso, talvez dispensava de verificar autorias...); não o podemos determinar com certeza, mas essa parece a razão, e a receção, mais plausível.

O poema devia de ser mui conhecido em Portugal; os estudantes compostelanos que visitam Coimbra no Carnaval de 1901, vão ter a oportunidade de o ouvir, nada menos que dos lábios do célebre ator Chaby no teatro coimbrão em que celebram o seu primeiro espetáculo.

A passagem dos estudantes portuenses em fevereiro de 1902, deixou também a sua esteia literária na *Revista Gallega*. Entre aquele eclodir de desbordante entusiasmo, aparece, entrado já março[643], um texto de Vitorino Ribeiro (*Víctor Nereo*) na seção «Prosa y Verso» com o título de «Recordando». Vitorino Ribeiro era na altura um estudante de Medicina no Porto, que vinhera com a tuna desta cidade. É um singular aparecimento, porque anos depois, não podiam os regionalistas suspeitar que iriam encontrar o seu nome como ativo colaborador de *O Archeólogo Português*, que recebiam habitualmente, e que os nacionalistas galegos poderiam ler os seus trabalhos nas revistas *Portucale, Lusa* ou na *Revista de Estudos históricos* da Faculdade de Letras do Porto. O texto vai dedicado "ao Carlos dá [sic] Mesquita"; desconhecemos se se trata do lente de Coimbra reconhecido por Vitorino Nemésio como o melhor crítico que tivo o simbolismo português.

---

641 Pode que se trate dum jovem formado no Porto (*Annuario da Escola Polytecnnica do Porto*, vols. 15.-17, 1892) "facultativo de terceira classe" que faleceu em S. Tomé e Príncipe em 1902 (*Boletins Militares de Ultramar,* Lisboa, Imprensa Nacional, 1903, p. 539)

642 Veja-se, por exemplo, como o texto aparece aludido nas representações teatrais no volume *A grande catastrophe do Theatro Baquet: narrativa fidedigna do terrivel incendio occorrido em a noite de 20 para 21 de março de 1888, precedida da historia do theatro*, de Jayme Filinto (Porto, Alcino Aranha, 1888), p. 220 ou, por citar um caso extremo, no *O Paiz*, jornal brasileiro de Maranhão, número 52, de 5 de março de 1888, com o títul ode "A Archiduqueza".

643 Número 364 de 9 de março.

A índole da sua vocação para a história, o popular e o tradicional, já aparecia refletida neste texto; e mais ainda, também a tendência a ver na Galiza umha espécie de "reserva das essências" pátrias, imagem de que a Galiza nunca se desprendeu, porque também não o quiserom os dirigentes do seu sistema[644].

"Recordando" é produto dum estudante refinado, popularista, mas não precisamente voltado para determinadas intervenções populares. Ribeiro comenta o facto de o fado ser "devéras apreciado" na Galiza, ao contrário de Portugal onde "a libertinagem e a impudícia de certos bairros lhe inquinou a forma e lhe polluiu a essencia". De resto é um canto ao acolhimento de que foram objeto com rendidas lembranças, como era costume, às mulheres "galaicas", que não galegas[645].

Mas, por mais que se esforçassem os regionalistas corunheses, não podiam competir com a persistente imagem da Galiza como pedaço de Espanha (por vezes até umha espécie de Andaluzia às avessas para o imaginário português) que a sociedade galega, com as suas instituições à frente, transmitia. Tal era a precariedade. E, apesar de lhe reservar a seção artística da revista corunhesa, a imagem persistia: as únicas palavras que aparecem em cursivo no texto são, para além de *fados* e *fadinhos*, *calles*, *ventanas*, *recuerdos señoritas*, magnífico resumo da impotência regionalista no meio da exaltação luso-espanhola, mais esta do que aquela, com que eram recebidos os *embaixadores* lusitanos, como se queixavam amargurados os corunheses em 1898, polos próprios regionalistas, que nem usaram o galego na receção literária do que acabou por ser o jornal *España y Portugal*, a que antes aludimos.

Duas semanas mais tarde, publica a revista, agora como "Correspondência", umha longa carta de José dos Santos Lopes Vieira, jovem de vinte e um anos na altura, jornalista do portuense *Primeiro de Janeiro*.

A carta é umha rasgada homenagem a todas as atenções recebidas na "celestial Coruña" e à Galiza. Mas esta aparece como encantadora, todo sentimento, saudosa. Por cima aparece o canto à Espanha: "preferimos Hespanha a todos os paízes; é que nella não está unicamente nos mappas que adornam as salas das

---

644 Lembremos que o saudosismo vai aparecer por esta via no nacionalismo galego; e que tanto Risco como Castelao, por citar referências cimeiras, vão utilizar precisamente este argumento como umha das grandes ofertas regeneradoras da Galiza a Portugal. A via mais *modernizante* do sistema nacionalista nunca triunfou, por mais que conseguisse afiançar, em fins dos anos vinte, a transferência de poetas da *Presença*, vulgarizados particularmente em *El Pueblo Gallego*, ou opusesse ao Saudosismo de Teixeira-Risco o Modernismo de Pessoa, nos seus setores mais novos, com entre outros Magariños e Maside à frente, nos começos da década de trinta. O peso do elemento orgânico-historicista era quase inxepugnável. Vid Fernández Del Riego, 1983.

645 Mais umha vez, a palavra *galega/o* era evitada habitualmente por muitos portugueses para não induzir talvez a melindrosas confusões. Não era rara a sua substituição por *galaica*. Acaso fosse essa a razão por que o jornal dirigido por I. Villarino entre 1886 e 1887 em Lisboa se denominasse *La Unión Galáica*, embora tivesse mais valente precedente em *El Gallego,* de 1881, que não conseguimos consultar.

nossas escolas: está na nossa pátria, na nossa família, no nosso peito!" E à Galiza: "Oh! Galliza! como tu sabes nas redes dos teus encantos prender os corações".

E, como se pode supor, não poupa elogios às *hermosas señoritas*.

Querendo agradecer, os portugueses, vencendo os obstáculos do acostumado receio polo vizinho, ficavam penhoradíssimos ao que viram e ouviram (a presença da Espanha como referente e a Galiza como beleza), e frustravam sem dúvida as expetativas dos regionalistas.

No número a seguir, a revista publicava, ao lado de "Adios a la Coruña" de Antonio Vico (lida em 1872 no teatro da Corunha"), o soneto "Liberto?" de sabor ultrarromântico, da autoria de Santos Lopes Vieira.

Ora, apesar de as expetativas regionalistas não se verem refletidas nas colaborações citadas, um aspeto, sempre positivo, sobrepujava outros: era o próprio facto de aparecer "algo português" na publicação; e o de poder estender o relacionamento. Como vimos, mesmo tratando-se de Garrett ou Camões, e precisamente por isso, tudo o que fosse luso era um bom pretexto para a revista, embora, por vezes, como é o caso, a matéria não desse para proceder aos habituais cantos de unidade e identidade.

Essa ideia fulcral vai continuar sempre presente. Quando em fevereiro de 1903, sempre por ocasião do Carnaval, torne a tuna portuense, à Corunha, o semanário publicará os fados "cantados pol-o estudante portuense Manoel Bragança", embora a referência neles à Galiza seja pola via da despedida da Corunha e não nos versos mais conseguidos, ("Adeus, adeus, oh! Corunha,/ adeus que me vou embora/o meu coração vai triste,/oh geme, guitarra, chora!"), e, embora também, vá precedida a estrofe da imagem espanhola mais cara aos portugueses da época ("Oh! Formosa sevilhana/filha do Gualdalquivir/descerra tua ventana/vem minhas trovas ouvir"), agora em composição mais elaborada.

E, no mesmo ano de 1903, o texto do jovem jornalista de *Tierra Gallega* Antonio Carballo Tenorio, "Ayes del alma", espécie de carta dum namorado que teme a volubilidade da amada, prisioneiro do seu amor o "dolorido corazón", aparece acompanhado dumhas "Trovas para o fado", assinadas por um misterioso "UH! LÁ! LÁ!", cujo tema principal é o mesmo que o da prosa de Carballo.

Como se vê, a produção literária portuguesa vai assomando com qualquer pretexto. E o fado, aliás, parece ir deixando a sua pegada.

Com efeito. Sábado 17 de dezembro de 1904, os leitores da *Revista Gallega* encontram na publicação um nome e um debuxo de corpo inteiro na primeira página do semanário. Os dotes artísticos da cantora de ópera catalã são comentados polo miúdo na crónica, que vai atuar nesse natal no teatro da cidade. A publicidade fora grande.

Entre o repertório que interpretou, Rosa Vila incluiu (não sabemos se por atuar na Galiza) uns fados. Do que sim podemos estar certos é de que os regionalistas corunheses não deixam passar a ocasião. No número seguinte procedem a lembrar a afinidade galego-portuguesa, agora por um meio realmente original; não sendo momento de cantos à unidade nem dar para isso o evento, publicam umhas "Copras gallegas pra os fados portugueses que a ilustre prima dona absoluta ROSA DE VILA cantou no teatro da Cruña na noite de 1904, na función á beneficio da 'Asoción [sic] de la prensa'". E assim aparecem nove estrofes, em romance assonantado típico do fado, na página 5 da publicação[646].

Alguns escritores portugueses novos na altura, vão começando a aparecer na vida literária galega. Tinha em 1904 Júlio Dantas vinte e oito anos e já a sua *Ceia dos Cardiais* era então obra mui popular em Portugal; na Galiza, umha das primeiras notícias que de Dantas temos é em *La Temporada em Mondariz*, precisamente no sarau organizado na honra de Ezequiel Campos; no mesmo número 12 informa-se que no programa de atos vai ser representada a peça de Júlio Dantas junto com a quinta cena de *Leonor Tellez* de Marcelino da Mesquita, que fora estreada em Portugal quinze anos antes. Este facto, se pola sua ocasionalidade pode parecer irrelevante, não deve do ponto de vista sistémico entrar no capítulo do *vários*. Marcelino da Mesquita, e, sobretudo, Júlio Dantas, vão ser escritores habituais no imediato futuro do sistema galeguista, nas suas duas fases regionalista e nacionalista. Versos de Marcelino da Mesquita forom recitados, como veremos, aos estudantes compostelanos em Coimbra. E a tal extremo vai chegar a presença na Galiza do segundo que a sua colaboração talvez apenas com Teixeira de Pascoaes resista a comparação; mas, isso sim, de signo bem diverso. Dantas, que colaborou em *Nós* por exemplo (e com extenso artigo) vai especialmente ser o elemento de atração que o regionalismo da década de dez e vinte vai procurar em Portugal (o particularmente representado pola *Vida Gallega*, mas não apenas)[647].

---

646 Não conhecemos os textos cantados por Rosa de Vila, mas, possivelmente, algumhas estrofes estejam feitas sob a base das interpretadas pola cantora.

647 Julgamos oportuno nesta altura fazer algumha consideração orientadora em relação às fases ulteriores do relacionamento galego-português. Se olhássemos como estratégias conscientes os caminhos seguidos por regionalistas e nacionalistas galegos nos anos a seguir dos estudados (que só com ánimo exemplificador representamos na *Vida Gallega* e em *A Nosa Terra*) teríamos como consequência um perfeito desenho da luta pola apropriação do espaço *literário português* entre as duas correntes. Os regionalistas vão tentar captar os elementos mais secundarizados do sistema, com Júlio Dantas ou o regionalismo minhoto de Júlio de Lemos à frente; os nacionalistas (em que haveria no entanto que fazer várias subdivisões) vão fazê-lo com os elementos que, usando um repertório em parte também secundarizado, alcançam o centro polissistémico português mais caro aos seus objetivos: o significado em *A Águia e na Seara Nova*; outros ainda vão procurar o relacionamento e a transferência do grupo da *Presença* (Correia Calderón ou Álvaro das Casas, por exemplo). A "pugna" por esse espaço evidenciará-nos os diferentes interesses dos grupos: uns a *regionalizar* o sistema galego dentro do espanhol, procurando a homologação com o *regionalismo* do Norte luso; outros a *nacionalizar* o seu sistema com o nacional português. Isto dá conta da decisiva importância do referente português, especialmente para o nacionalismo; e de como o regionalismo galego já secundarizado vai tratar de

Em síntese; neste ano de 1904 estão a entrar no sistema regionalista os elementos, em parte já secundarizados, do polissistema português; esta estética entre neorromântica e naturalista que os autores citados representam.

Mas a presença da produção literária portuguesa neste período, se nunca fora grande, vai diminuindo nestes primeiros anos do século. *A Nosa Terra*, dirigida por Carré, era sem dúvida a mais proclive à sua introdução, e no entanto nas suas páginas não encontraremos nengum exemplo, dedicada a publicação galeguista a outras urgências.

Ora, um caso quase anedótico, mas extraordinariamente revelador, é o que nos encontramos na recentemente fundada (em 1906) revista *Galicia* em Madrid; apenas um soneto, "de Camoens", aparece -"De piedra, de metal, materia dura,"- na seção "Album poético", da autoria de Jaime Martí Miguel[648]. Entre os muitos sonetos que o autor pudo selecionar, acode Martí Miguel a um dos poucos escritos em espanhol por Camões; a escolha, para além dos interesses particulares do selecionador (que assina a escolha), manifesta a orientação seguida pola publicação, que neste ano de 1907 não vai oferecer outra presença da produção portuguesa que a referida. Que se selecione um poema da expressão cultural portuguesa por excelência (Camões), na língua do, na aparência, referente de oposição do sistema regionalista, permite calibrar quais eram os objetivos que para este reservavam muitos regionalistas: o da sua configuração subalterna ao lado do polissistema espanhol.

Martí Miguel oferece o poema, *atualizado* ou *espanholizado* (segundo qual fosse a sua ótica); com efeito, porá algumhas mudanças que, por vezes, fazem perder o sentido, ou então confundi-lo, do texto originário. Transcrevemos os dous textos, o (presumivelmente) original[649] e o adaptado.

---

impedir essa nacionalização. Sem exagero podemos indicar que se o sistema nacionalista perdesse a batalha por Portugal (que não a perdeu, mas que encontrou não poucos obstáculos), ficaria isolado e desligitimado, o que Jaime Solá e outros muitos desejariam desde o momento em que se percatassem do rumo que o nacionalismo tomava.

[648] Jaime Martí Miguel (ou Jaume Martí i Miquel) era um velho republicano federal que colaborara em *La Discusión e La Democracia*, fundando em 1865 *El Siglo*. Três anos após, e durante a revolução de 1868, funda e dirige *La República Federal* em Valência. Foi autor de poemas e ensaios políticos, e faleceu em 1910 (*Gran Enciclopedia Catalana*, 1976, IX, 648). Nas revistas galegas encontramos, em 1891 um poema da sua autoria, "Poema cosaco" em catalão, publicado no número 189 do *El Album Literario*, e assinando como Jaume Martí i Miquel.

[649] A atribuição do soneto a Camões foi posta em causa por alguns críticos. O primeiro que o incluiu como camoniano foi o visconde de Juromenha, em 1861 (reeditado em *Obras Completas* de Luís de Camões; vol. II, Lisboa, 1961), que deve de ser a fonte, direta ou indireta, de Martí Miguel. Nós transcrevemos por Maria Lurdes Saraiva, 1980, II, 441)

De piedra, de metal, de cosa dura, M.L.S.	De piedra, de metal, materia dura, M.M.
el alma, dura Ninfa, os ha vestido, pues el cabello es oro endurecido, y marmol es la frente en su blancura.	el alma dura ninfa, te ha vestido, pues el cabello es oro endurecido, y mármol es la frente en su blancura.
Los ojos, esmeralda verde y escura; granata las mejillas; no fingido, el labrio es un robí no poseydo; los blancos dientes son de perla pura.	Los ojos, esmeralda verde obscura; granate las mexillas; no fingido; los labios, un rubí recién nacido; los blancos dientes son de perla pura.
La mano de marfil, y la garganta de alabastro, por donde como yedra las venas van de azul mui rutilante.	La mano de marfil, y la garganta de nítido alabastro, donde yedra las venas son de azul, azul temblante.
Mas lo que más en toda vos me espanta, es ver que, por que todo fuese piedra, tenéis el corazón como diamante.	La hermosura sin par que en tí me encanta es la hermosura inerte de la piedra, que oculta la dureza del diamante.

Sempre evitamos neste trabalho, e aqui também o faremos, os juízos de valor estéticos, mas não podemos deixar de considerar que, a respeito do texto atribuído a Camões polo visconde de Juromenha, a adpatação de Martí converte-se num pequeno despropósito.

Já a adaptação da forma de tratamento induz à mudança de vários versos. Nos primeiros, bem pode ser rececionado o poema como que a alma dura veste a ninfa dos elementos referidos. Pior é o caso do primeiro dos tercetos, onde a adaptação converte numha pequeninha bagunça a própria coerência semântico-gramatical dos versos. E no segundo, resulta evidente que o espanto do poeta perante a simbiose beleza-dureza da Ninfa representada polo diamante, converte-se em encantamento neste particular Camões, que não é a mesma cousa, para além doutras matizações.

Enfim, o que mais nos interessa destacar é que Camões aqui nem é venerado nem é respeitado, como sempre o será nas publicações decididamente galeguistas e *antipolissistema espanhol* (mesmo que fale do "duro bando"). Escolha e adaptações de Martí Miguel singularizam umha Importação nada simbólica desse ponto de vista galeguista, e sim do ponto de vista espanhol.

Só em *La Temporada em Mondariz* vai encontrar largo espaço a produção literária portuguesa. O motivo é fácil de deduzir: é umha publicação que, sendo filo-galeguista, está pola sua índole à margem da polémica central no sistema, e, ao mesmo tempo, dado o tipo de clientela do seu estabelecimento,

compreensivelmente introduz textos portugueses, algum deles anónimo como um "Motte e glossa" que aparece no número 12 de 1907: a "Senhora de escuro olhar!"[650]

V.10.10. A eloquente ausência de Portugal em algumhas publicações

Como resulta evidente, então, a presença de Portugal foi sobretudo sustentado, dentro do sistema regionalista, pola *Revista Gallega*, que utilizou a transferência do polissistema português como elemento fundamental para o seu objetivo regenerador. As restantes *presenças* lusas em publicações regionalistas, ou com elas relacionadas, parecem sempre mais produto do acaso, ou da vontade individual, do que consequência dum programa consciente e coletivo. E nas revistas menos vinculadas ao movimento galeguista, o aparecimento da produção portuguesa, ou é inexistente, ou então é manifestado considerável dessinteresse por *introduzir* os esporádicos textos. Já vimos antes alguns casos. Outro, extraordinariamente significativo, é o dum poema aparecido nas páginas de *Coruña Moderna*, no seu número 13, de 28 de maio de 1905: "Los capullos rojos" com a indicação entre parênteses de: "del portugués". Significativo porque para nada interessa à publicação indicar autor, nem muito menos fazer nengum tipo de introdução; nem conhecemos o nome do tradutor; o poema é então do gosto dos responsáveis da revista e é Importado, traduzido. A atitude é, neste caso, a contrária à da escola corunhesa. *Coruña Moderna*, que dava atenção ao regionalismo, não tinha colocados os seus objetivos precisamente no polissistema português, como já tivemos ensejo de indicar; ainda que este tipo de *presença portuguesa* significasse, polo menos, atenção ao mundo luso.

Julgamos também conveniente referir-nos minimamente às ausências da produção portuguesa, ou da sua vida literária em geral. Há factos deste tipo de publicações que indicam bem às claras a *ubicação* sistémica pretendida, e como fazem parte, sem género de ambiguidade, do polissistema espanhol. É o caso da *Crónica literaria*, que se publicou semanalmente em Ourense entre 1903 e 1904, dirigida por Luciano Cid y Hermida, o mesmo que desaprovava nos versos de Rogelio Lois o seu recurso a "lenguas extrañas"[651]. Nesta "revista semanal de literatura ciencias artes é intereses generales" podemos encontrar as novidades

---

[650] Dia 18 de agosto de 1907.

[651] Luciano Cid era considerado um dos elementos importantes do regionalismo. Por exemplo, quando Heraclio Pérez Placer sai em contra-ataque das palavras "d'un tal Sánchez n-o 'Resumen' de Madril", é invocado entre outros "amigos predileutos" para sair em seu apoio diante da "aldraxe", sempre prontos os regionalistas galegos a entrar nestas lides: "non dismintades a amistá de que tantas probas me déstedes, deixándome soilo", assina desde Valladolid Heraclio. De resto, este caso mostra que o jornalismo madrileno criava opinião na Galiza, porque o Sr. Placer chama ao pronunciamento a vinte e sete galegos polo seu nome a contestar frases como "Para hacer desatinos/ no hay como los gallegos y los chinos" que abre o artigo "O verdadeiro rexionalismo" (*A Monteira*, número 33 de 17 de maio de 1890)

literárias da Europa do momento que estavam a funcionar nas publicações espanholas. Já no seu primeiro número[652] aparece "Un error extraño", tradução por Celso Fernández de *Le Supplement illustré du Jornal*; e o leitor pode também estar à par de algum conto de Tolstoi, como "Un juez hábil"[653], assim traduzido para o espanhol, com a informação de "cuento ruso", autor de que a revista publicará outro conto no número seguinte. No último pode ainda conhecer "La danza de las horas", "del italiano", de Arturo Graf, com a indicação também do tradutor, Moisés Numa Castellanos[654].

Autores espanhóis, e produção deste polissistema proliferam nas páginas da *Crónica literaria*. E. García, Francisco Villaespesa, Díaz de Escovar, Echegaray, etc. E, como vimos, aparecem nas páginas do semanário ourensano estudos sobre José Zorrilla, e ainda sobre *El Quijote*, como o enviado desde México por Juan Manuel Vargas, e publicado no número 16.

Atentos às novidades parisinas, várias são as crónicas sobre a capital francesa que aparecem, o que era moda nas publicações espanholas, que tinham em Gómez Carrillo[655], mas também em Pardo Bazán por exemplo, distinguidos produtores. E, como estão na moda também, usam-se numerosos pseudónimos na publicação, mas bem diferentes dos utilizados polos regionalistas corunheses. Se na *Revista Gallega* podemos encontrar *Cristóbo das Viñas*, aqui é *Aimée Fabréque* o que nos aparece a assinar "La novia ideal"[656], no mesmo número em que aparece um fragmento dum poema de Aurelio Ribalta, tradução galega de R. Robles. Não faltam pseudónimos como *El diablo cojuelo*. Talvez o espírito da publicação fique bem expresso com citarmos um artigo intitulado "*That is the question*", assinado por Ricardo Fuente e com paratexto de Espronceda[657]; e também que o único poema em galego original apareça no número 16 e final, "Un bico", do médico e jornalista H. Fernández Gastañaduy. Neste número final, aparece um poema enviado por J.L. Diz desde Rio de Janeiro intitulado "A Galicia", escrito em espanhol. Significativo exemplo de como umha publicação ourensana, dumha cidade onde o relacionamento pessoal de alguns autores galegos com escritores portugueses como João Verde era intenso, virava costas à produção portuguesa, de como igualmente virava

---

652 Do 1 de novembro de 1903.

653 20 de janeiro de 1904.

654 Número 16, de 17 de fevereiro de 1904.

655 Gómez Carrillo parece constituir-se numha espécie de "cronista oficial" das novidades parisinas na Corte, donde passam a províncias. Os seus artigos aparecem em *Madrid Cómico, Vida Nueva La Vida Galante, La Vida Literaria, Nuestro tiempo, el Nuevo Mercurio, Renacimiento*, etc. (Cfr. Celma Valero, 1991). *El Nuevo Mercurio* (1907) publicação modernista "para España e Latinoamérica", era, aliás, dirigida por ele.

656 Número 6 de 6 de dezembro de 1903.

657 Número 7, de 13 de dezembro de 1903.

costas à produção literária regionalista e, por último, de qual era o estado do *enclave* galego no Brasil, mais em concreto no Rio.

Casos como estes são frequentes. Apenas como um exemplo mais, digamos que na *Revista popular*, já instalada em Vigo na sua terceira época, a presença portuguesa resume-se no seguinte texto publicado no seu número 149, de outubro de 1904:

"En un abanico de mi amiga
PERPETUA MARTINEZ, de Lisboa:
Dios quiso ser escultor,
tomó el cincel y te hizo.
Bien se yo porque mi amor
alienta por tal hechizo
-
Suspiros del alma,
suspirillos tiernos
por ella salís del fondo
de mis pensamientos.

M.A.
Vigo, Octubre de 1904"

O mesmo M.A. que assina "Silueta parisiense" páginas antes. Esta era a tendência estética habitual e este o tipo de relacionamento que detetamos com o *enclave* galego em Lisboa na publicação de Vieira Durán[658].

Em suma, com quase perfeita exatitude, podemos afirmar que a presença portuguesa nas publicações galegas é diretamente proporcional (e a sua índole)

---

658 Mais casos poderiam ser citados desta conjunção de polissistema espanhol, *miragem* francesa (parisina mais bem) e certa distância, quando não hostilidade ao regionalismo mais firme. Mesmo que, como no caso da *Crónica literaria,* se apresentem as publicações como atentas "al desenvolvimiento de nuestros intereses regionales, generales y políticos" (número 1 de 1 de novembro de 1903). Claro que esses interesses são sempre particularmente gerais; ao lado deste texto inaugural, "Nuestros propósitos"; insere-se, na mesma página umha elogiosíssima "Carta abierta" dirigida ao "Excmo. Sr. D. Eugenio Montero Ríos", o "Glasdtone de la región gallega". No sentido referido, algumhas publicações comarcais eram particularmente paradigmáticas. *Ciudad del Cabe*, por exemplo. Com efeito, na revista monfortina, A. Lores, que semanas antes escrevera um elogio de Campoamor, combate duramente no número 7 (de 24 de fevereiro) o que julga separatismo na Catalunha. Na revista aparecem textos como a tradução por Eumenio Rodríguez, o diretor, de "El hombre en medio del infinito" de *Pensées* de Blas Pascal (número 10 de 10 de Marzo de 1902); nos números 11, 12, 13, 18 e 19 vários artigos são assinados por *The friend*. No 17 o assinante de "Sobre la naturaleza bruta y la naturaleza cultivada" é *L'un et l'autre*. Mas nas páginas da publicação, que acaba no número 20 de 30 abril de 1902, não encontramos nem um único texto produzido em galego.
O mesmo caso é o de *De todo un poco*, onde, no seu número 17, de 1 de janeiro de 1905, o federo-regionalista Amor Meilán dedica um poema, em espanhol, a "Isabel la Católica", no mesmo número em que Galo Salinas publica "la odisea de un beso", poema de clara expressão romântica. Durante vários números, esta obra vai citar muitas frases de autores ao modo de "Pensamentos", prática mui frequente na época, onde não aparece nengum português, como de Portugal não há menção em toda a vida da revista dirigida por César G. Seco Romero, nem na sua continuação *Mondoñedo*. A publicação é, em conteúdos, bastante similar às já comentadas.

ao grau do seu posicionamento galeguista e perante o referente polisisstémico espanhol… com as exceçoes que, doutro tempo, apresentam as vistas já *Revista de Galicia* e *Liceo Brigantino*…

V.11. Portugueses no polissistema espanhol: umha nova dificuldade para a importação regionalista

Do que não pareceria haver dúvida, à partida, é de que a Galiza era, de entre todo o estado espanhol, a área que em melhor disposição estava para se relacionar com Portugal; mas à partida apenas. A Galiza não dispunha dum sistema tão sólido como o catalão; e menos com objetivos definidos como este, que, com muita maior firmeza, visava, nos seus elementos centrais, constituir-se como polissistema. Ora, em toda esta situação, é oportuno interrrogarmo-nos, mesmo que a resposta seja breve, de qual era o tipo de interferência hispano-lusa. Por duas razões; umha delas radica no facto de essa interferência chegar à Galiza e à sua vida literária diretamente, através das publicações espanholas; a segunda é mais particular: como atua, para o sistema regionalista, o referente de oposição a respeito do referente de reintegração, e vice-versa.

Vimos já diversos exemplos; nomeadamente os processados através de Unamuno, Pardo Bazán ou Curros e os que se verificaram nas particulares circunstâncias do "Ultimato" e do *desastre* espanhol. Queremos agora fazer mínima referência a outros momentos e publicações, que se resumem numha constante: o polissistema espanhol vai importar elementos centrais, não necessariamente secundarizados, do polissistema português; e, dentro deles, fundamentalmente os de produção literária. Processo esse normalmente realizado desde umha atitude entre fílica e fóbica, mais da segunda que da primeira.

Na vida literária espanhola funcionavam já desde os anos oitenta (por citarmos referentes imediatos) iniciativas culturais de relacionamento hispano-português. Vázquez Cuesta refere que em 1883 fora fundada em Barcelona *La Ilustración Ibérica*, "semanário científico, literario e artístico, redigido polos mais reputados escritores de Espanha e Portugal e ilustrado polos melhores artistas do Universo", e que tinha por objetivo "popularizar em Espanha a literatura portuguesa e os conhecimentos a respeito do reino vizinho, e em Portugal a literatura e as notícias sobre o estado, condições e verdadeira índole do povo espanhol"[659]. Um antecedente, sem dúvida, da *Revista crítica*, como também um anúncio do que vai ser a forte atividade lusófila dos catalães. Juntamente com textos de Campoamor, Echegaray, Pardo Bazán, Blasco Ibáñez, Pi i Margall, Eugénio Sellés, Pompeu Gener, aparecem, especialmente desde

[659] Vázquez Cuesta, 1975: 191. Dela tomamos toda a referência.

1885, traduzidas por um Blas Quito não identificado pola investigadora[660], as colaborações de Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Gomes Leal, António Feijó ou Eugénio de Castro. Este facto verifica como a produção literária mais recente estava sendo introduzida desde mui cedo na vida literária espanhola. Na mesma publicação, e em fevereiro de 1884 aparecem dous artigos de Pardo Bazán: *Los actores portugueses* e *Vecinos que no se tratan* (este publicado também no *Almanach das senhoras* para 1885, a Pardo Bazán dedicado[661]) em que se refere às suas viagens por Portugal e se orgulha de manter correspondência "com alguns dos melhores talentos lusitanos, entre os quais devo citar Eça de Queirós e Teófilo Braga".

Por sua vez, Clarín lança em 1884, retomando velhas iniciativas a ideia de fundar um «Liga literária hispano-portuguesa», que não terá sucesso.

O projeto vai interessar algum dos escritores mais relevantes da Geração de 70, enquanto outros, como Antero, não parece terem aceitado o método do asturiano. Assim o comenta Vázquez Cuesta:

> "Segundo diz Joaquim de Araújo, no seu prólogo à versão portuguesa do trabalho que Castelar acabava de publicar na *Revista de España* sobre a *História de Portugal* de Oliveira Martins, o ilustre tribuno havia sido um dos intelectuais espanhóis que, com mais entusiasmo, aderira ao projecto de Alas. Em Portugal, o citado Joaquim de Araújo converte-se em propagandista do mesmo e trata de interessar no assunto o seu amigo Antero, mas não tem grande êxito".

De 1885 deve de datar, sempre segundo Vázquez Cuesta, o seu trabalho sobre os *Sonetos* de Antero de Quental incluído em *Nueva Campaña* (1885-1886), onde o autor de *La Regenta* comenta ter já falado de Antero como crítico, "citado por ele em um comentário à *Lira íntima* de Joaquim de Araújo, o escritor português com quem sem dúvida, primeiro entrou em contacto pessoal".

Como notável qualifica Vázquez Cuesta o trabalho que, "em proveito da aproximação literária hispano-portuguesa" realizou Juan Valera, Ministro de Espanha em Lisboa entre 1881 e 1883.

Na cidade do Tejo vai estabelecer boas relações Valera com destacados autores da época, entre os quais Oliveira Martins e Teófilo, a quem propõe a Menéndez Pelayo para correspondente da Academia Española. Reduzindo o autor de *Pepita Jiménez* o seu antigo imperialismo ao campo cultural, "trata, por todos os meios, de atrair ao redil hispânico aos que considera ovelhas desgarradas dos gauleses apriscos"; o que, mui na linha doutros autores espanhóis,

---

660 Talvez se trate de R. Blasco Asenjo, que assina, no número 13 do periódico, uns "Estudios de Literatura Portuguesa".

661 Bouza Brey, 1983. O *Almanach para 1883* publicou o poema "Dend'as fartas orelas do Mondego", que Rosalia enviara a Lisboa anos antes para a sua publicação com motivo do tricentenário de Camões.

leva Valera a criticar os escritores portugueses, como o caso que, em carta a Menéndez Pelayo, censura em Gonçalves Crespo: "o seu principal defeito, muito comum nos outros poetas portugueses da época, era a imitação servil dos franceses, a sua falta de ideal e a sua carência do ser próprio da nação e da raça"[662]. E é que não poucos escritores espanhóis nunca perdoaram aos seus vizinhos saltar por cima da literatura espanhola no seu relacionamento.

De 1887 datam três largos ensaios na *Revista de España* dedicados à *História da Civilização Ibérica* nos quais curiosamente, enfatiza Vázquez Cuesta, não se menciona nengum outro escritor setentista português, e sim muitos de gerações anteriores.

E já desde os finais dos anos setenta são comuns as viagens, coletivas ou não, a Portugal. Entre as individuais convém referir as de ilustres membros da Institución Libre de Enseñanza, Bartolomé de Cossío e Giner de los Ríos, e as de escritores como Galdós ou Pereda[663], que deixarão pegada em textos ulteriores destes escritores.

Quanto à relação entre Simbolismo português e Modernismo espanhol, o Professor da Universitat de les Illes Balears, Perfecto C. Cuadrado proporciona-nos dados da interferência em sentido inverso, e analisa a presença dos textos espanhóis nas revistas portuguesas (Cuadrado, 1988). Cuadrado comenta que em vão podemos encontrar essa presença nas revistas simbolistas dos inícios de século*: Boémia Nova, Os Insubmissos, Arte, Boémios, Nave Azul,* e que há que esperar pola *Revista Nova* (1901-1902) para encontrar em Portugal textos de Juan Ramón Jiménez e Rubén Darío, ao lado de Miguel de Unamuno.

Nos começos de século surge no panorama espanhol umha série de revistas que vai dar acolhida à incipiente produção modernista espanhola e hispano-americana. *Electra, Málaga moderna* são títulos representativos do momento. Nelas, e da mão de Francisco Villaespesa principalmente, a quem Sánchez Trigueros (1978:378) considera «el escritor [español] mejor relacionado con hispanoamericanos y portugueses», aparecem também textos de simbolistas lusos. O relacionamento de Villaespesa com os portugueses parece que se iniciou a começos de século, sendo o seu interlocutor Mayer Garção, de *O Mundo,* e animador, em 1901 da *Revista Nova*, onde se recolhem textos de Unamuno, Juan Ramón Jiménez e Rubén Darío, e para a qual o modernista andaluz vai ser importante intermediário. Na publicação espanhola *Electra,* também de 1901, publicam-se textos de Thomaz da Fonseca, Sílvio Rebello (cujo texto, umha tradução de *O corvo* de Poe, vai aparecer mais tarde em

---

662 *Epistolario de Valera y Menéndez Pelayo*, Madrid, 1930, p. 167; tomado de Vázquez Cuesta, 1975: 192.

663 Vázquez Cuesta, 1975: 204 a 210.

Helios), M. Garção, Dias d'Oliveira, Luís de Guimarães, para além doutros de Guerra Junqueiro e Eça de Queirós, sempre traduzidos para espanhol.

Dirigida polo seu amigo Sánchez Rodríguez, *Málaga Moderna* vai ser também recetora de textos *mediados* por Villaespesa. Saída em 1901, agosto, e com um êxito importante, Villaespesa em carta ao diretor oferece retratos de M. Garção, Dias d'Oliveira e S. Rebello, "tres de los mejores literatos de Portugal", que não vão aparecer na revista; em troca, umhas amplas notas de Villaespesa resenham a atividade literária dos escritores citados, a quem soma os nomes de T. da Fonseca, Nunes Claro e Alfonso Gayo [sic]. E ainda no número 6 da publicação Salvador González Anaya resenha *Dôr e vida* de Thomaz da Fonseca, destacando também o labor de Alves, Reis e os escritores citados.

A ponte entre esta publicação e a *Revista Nova* solidificou-se ainda mais com a amizade entre Francisco Villaespesa e Manuel Cardia, quem mesmo vai escrever para Sánchez Rodríguez para "entabolar relações litterarias" com o diretor de *Málaga Moderna*.

Enfim, servem estas pequenas mostras para perfilar como o caráter do relacionamento hispano-luso é muito mais extensivo do que o luso-galego, e muito mais intensivo no que diz respeito à produção literária.

Polo contrário, entre as conclusões que é possível apurar do modo e da índole das Importações e transferências do polissistema português por parte do galego neste quadro, cabe assinalar que, posto nesses termos, o sistema regionalista está ainda mais cercado: encontra no seu referente de oposição umha lógica resposta como tal (cuja epiderme é muitas vezes formulada como um perigo de apropriação portuguesa), mas tem de enfrentar também sérias dificuldades em diversos setores do próprio regionalismo. O grupo corunhês, invocando o relacionamento com Portugal em termos culturais e enunciando a aproximação linguística vê-se mais isolado no seu projeto reformista. E, quando coloca a questão da interferência galego-lusa como constituição dum polissistema galego num contexto interliterário lusófono, e nele apoiado, as contradições intrassistémicas aparecem imediatamente; quanto à sua *ubicação* e quanto ao seu alargamento.

Portanto, a interferência luso-galega é abertamente problemática. Repare-se que enquanto em Madrid se ia impondo o *Modernismo* de Rubén Darío, na Galiza debatia-se sobre se o galego vinha do latim, ou se *aos* era flagrante lusismo.[664] Tanta é a *dècalage*, e tão numerosos os impedimentos, que o regeneracionismo proposto polo regionalismo corunhês é ainda mais relevante.

---

[664] Por exemplo, na revista espanhola *Renacimiento* escrevia o brasileiro Elysio de Carbalho, no seu número 4, de junho de 1907, um extenso artigo sobre Rubén Darío, onde se fazia referência igualmente a Eugénio de Castro, considerado como "el más alto de los modernos poetas portugueses".

V.12. O estado sistémico vinte anos passados: a fundação da academia, no meio dum sistema quase paralisado

1906 é o ano da primeira institucionalização, tímida e pejada, do sistema regionalista galego. Por fim, o regionalismo dotava-se dum instrumento quanto menos *oficioso* para se legitimar; pobre recurso, mas o único de que dispunha. Chegava a ele no meio dum processo que ia marcar a sua vida futura até aos nossos dias. Com muita maior divisão do que os próprios protagonistas quereriam, e, decerto, manifestaram. Politicamente, é umha das fases de maior atonia regionalista, ideia unicamente sustentada polo regionalismo corunhês como grupo organizado (Máiz, 1984: 202). Cada grupo, setor, ou indivíduo, desejou conferir àquela primeira manifestação de esperança polissistémica o caráter que sustivera em anteriores polémicas; mesmo aqueles que não estavam conformes com a criação da instituição a que pertenciam. Que ela não respondeu às expetativas dos grupos mais progressistas, cedo vai ser evidente. A fundação das "Irmandades da Fala", em 1916, e do "Seminário de Estudos Galegos", em 1923, são duas claras impugnações à Academia, por mais que normalmente não aparecessem vistas assim[665].

Sem margem de dúvida vai ser o grupo corunhês um dos que mais claros objetivos tenha para a Academia, pondo-os em termos de progressão polissistémica; o que foi esse labor sintetizará muitos anos mais tarde Leandro Carré, filho do livreiro corunhês cujas impressões vamos conhecer a seguir com mais vagar:

> "O novo século trouxo outro pulo de interés e de sentimento pol-a fala galega. As revistas rexionaes aumentaron e fixéronse mais axeitadamente, c'unha visión, c'un fito mais ergueito e nobre. O caraute rural que era a maor tendencia que tiñan levado as devanceiras nas poesías e contos que pubricaban, foise torcando nun estilo mais puro e culto. A «Revista Gallega», da Cruña, sostivo polémicas conducentes a purificar a linguaxe e mais os temas literarios. A Real Academia Gallega foi fundada naquela cidade o ano 1906 coa xuntanza das mais prestixiosas persoalidades e escritores da Galiza"[666].

---

[665] Umha demorada análise do contexto e contradições em que nasceu a Academia Gallega pode ver-se em Alonso Montero (1991; também em 1988). Entre outros, transcreve o Professor Alonso Montero no primeiro trabalho o texto "La Academia Gallega", que atribui a Curros publicado em *La Tierra Gallega* o dia 19 de maio de 1895, número 70, em que o celanovês comenta como anteriores tentativas foram frustradas por aqueles que viam na Academia "encarnarse el regionalismo gallego" (palavras de Pérez Costales), e assinalando como inimigos da instituição os correligionários de Montero Ríos, Elduayen e Linares Rivas. De resto, o artigo mostra as contradições a que nos referimos, desde o uso linguístico aos objetivos da Academia, a que podemos acrescentar a heterogeneidade de pessoas e autoridades que no ato fundacional estavam ou deixarom de estar, a começar pola Presidenta de Honra, Emilia Pardo Bazán, que se escusa por "indisposición repentina", enfrentada com Murguía, como assinala Alonso Montero, desde 1885.

[666] "Literatura galega. Romance" in *Céltiga*, 2, 1960, p. 76). O artigo leva umha significativa nota de rodapé:

Será também em 1906 quando os produtores da legitimação canónica importada de Portugal e a sua obra fiquem definitivamente consolidados em termos de sistema regionalista. No número 4 do *Boletín* da já Real Academia informa-se dos nomes dos membros correspondentes não galegos nem espanhóis; entre eles, e para além de nomes pertencentes à Galiza ou pertencentes aos enclaves galegos, o número de portugueses resulta manifesto: cinco investigadores, por dous italianos (A. Padula e Giochino Taghatela de Nápoles), um francês (Contamine de Latour[667], de Paris), um sueco (Göran Bjorkman) um austríaco (J. Cornu[668], de Gratz) e o estadounidense Hugo H. Rennert, de Filadélfia[669]. Desses cinco nomes, três são os evidentes Teófilo Braga e José Leite de Vasconcellos por Lisboa e Carolina Michaelis de Vasconcellos, polo Porto, e dous constituem umha novidade: Alberto Bessa (ainda que menos, porque a sua colaboração vinha de antigo, embora não seja relevante neste período), também por Lisboa, e, surpreendentemente, Eugénio de Castro por Coimbra[670].

Com efeito, a presença de Alberto Bessa não é estranha. Bastava que fosse reconhecido como o "biógrafo" de Almeida Garrett. Algumha das suas obras era pois manejada polos regionalistas corunheses; por exemplo *Quem foi Almeida Garrett* que Carré utilizou no seu artigo comemorativo do cento e cinco aniversário do nascimento do romântico, publicado sendo Bessa dirigente de várias associações portuenses, e da Sociedade Almeida Garrett lisboeta. Este investigador, mas também dramaturgo, poeta e jornalista portuense, a que

---

"Para os leitores portugueses, não familiarizados com o galego, indicamos as seguintes equivalencias da ortografía empregada pelos escritores galegos a que os obriga o feito de ser a língua castelhana a única oficial e usada no ensino: x-j; z=ç; ll=lh; ñ=nh; unha =ña ou un-a".

667 O contato com este estudioso vinha já desde os anos oitenta, e o vínculo foi, mui possivelmente, Andrés Martínez Salazar, quem, por exemplo, põe em contato Pondal e o francês (Carta de Pondal a Contamine de Latour, Ferreiro, 1992: 151)

668 Deste autor publicam, entre os números 1 e 5, e nas páginas 7, 28, 52, 75, e 99 respetivamente a tradução de Fernando Martínez Morás: "Apéndice *Morfologia del gallego moderno*, da *Gramática da língua portuguesa* de Cornu, "segunda edición mejorada y aumentada", tirada do *Gröber's Grundiss der romanischen Philologie*. Citamos este caso como boa manifestação da chegada destes investigadores europeus e americanos ao sistema regionalista galego pola mesma via, posição e função sistémicas relativas no polissistema português que os seus colegas lusos. Praticamente, toda a *legitimidade* estrangeira entrou no sistema regionalista da mão dos filólogos e da filologia portuguesa.

669 Não o sabemos com exatitude, mas atrevemo-nos a afirmar que, se não todos, decerto boa parte destes correspondentes da academia forom-no polos ofícios do regionalismo corunhês.

670 Esta é portanto a seleção que o sistema, por meio da sua Academia, faz dos autores portugueses, a sua particular canonização. No entanto outros investigadores ião-se incorporando à historiografia galega, entre eles nomes relativamente curiosos a aparecerem, como o caso de Ricardo Severo, um dos exilados, como Sampaio Bruno, a raiz do golpe de 31 de janeiro de 1891, mas este para o Brasil, onde, para além dumha intensa atividade republicana, escreveu um extenso estudo sobre a pré-história de Portugal, e que aparece citado juntamente com Leite de Vasconcelos por Maciñeira Pardo num trabalho sobre o Santuário de Santo André de Teixido, publicado no "Almanaque de Ferrol para 1907". Vid. *As Relações Literárias de Portugal com o Brasil*, Biblioteca Breve, volume 130, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1992.

aludimos na sua atividade para a *Liceo Brigantino*, estabelecera-se em Lisboa em 1896, convidado polo todo-poderoso Silva Graça, para fazer parte da redação do não menos poderoso *O Século* que Graça dirigia. O seu nome encontraremo-lo em revistas como *Serões* (nos princípios de século) ou *Civilização* (já superado o primeiro quartel do XX), ambas de linha tradicional e certo perfil de magazine. E, desde 1921 a 1932, no cabeçalho do *Jornal do Comércio*, como diretor desta publicação em que colaborava desde 1910.

Essa presença há que explicá-la também pola mão de Teófilo Braga, de quem era discípulo e amigo, lembremo-lo. De facto, umha das suas obras mais relevantes, *Gíria Portuguesa*, acabava de ser publicada (1905[671]) com elogioso prefácio do futuro presidente da República, obra em que à sua condição de membro da Academia das Ciências, do Instituto de Coimbra, acrescentou o de membro da "Real Academia de Buenas Letras de Barcelona[672]" e "da Real Academia Gallega, da Coruña [sic]", em edição posterior de 1919. E, entre outras, tinha também dado a lume em 1895 *Palavra dos Lusíadas*, méritos então suficientes, desde o repertório galego, para a sua inclusão na Academia.

No caso de Eugénio de Castro, a surpresa diminui se atendermos à condição académica do autor de *Oaristos*, como Professor da Universidade de Coimbra, a principal razão sem dúvida da presença de Eugénio de Castro entre os académicos correspondentes da Galega, e nesta altura já cultor dumha poesia mais tradicional e afastada dos metros e estilística do polémico simbolismo, de difícil articulação com o sistema regionalista, e de quem a instituição a que agora pertence recebe, entre os primeiros livros vindos de Portugal (e ao lado de obras de Leite[673] e dona Carolina, entre outras os dous volumes do

---

671 Mas o *primeiro milhar* saíra já em 1901, como o mostram as datas das cartas de felicitação que o autor recebe nesse ano de, entre outros, Joaquim de Araújo, na altura cônsul português em Génova. Se o citamos aqui é porque Araújo será um dos poetas vulgarizados na *Revista Gallega*, e permite-nos perceber melhor o estreito relacionamento que entre diversos setores do polissistema português havia (agora poetas e filólogos), unidos por essa volta às fontes, *ao povo*, à Tradição enfim. Também entre os agradecimentos está Rodrigo Velloso, que, para o tema que nos ocupa, dirigia nesta época a *Aurora do Cávado* lisboeta.

672 Fica fora, ainda que relativamente, como veremos para o caso do saudosismo e *A Águia*, a relação entre portugueses e catalães, mas é oportuno indicar que ela foi intensa, anterior no que diz respeito aos estudos de catalães sobre Portugal à galega, mesmo seguida por esta nalguns passos (como este mesmo da colaboração institucional) e mui importante para o próprio relacionamento galego-português, contra o que pudesse pensar-se, caso de se entender que ela pudesse dispersar esforços e atenções sobre a Galiza. Mais ainda, adiantemos que a presença catalã vinha vigorizar, pola pertença do seu sistema quer regionalista, quer nacionalista, ao interliterário que constituíam junto com os bascos e galegos, perante o polissistema espanhol, a atenção do português, e a maior consideração deste polas outras literaturas do estado espanhol; porque, não o esqueçamos, também o polissistema português tinha em vários dos seus setores o espanhol como referente de oposição. E por outro motivo: serão catalães daqueles que primeiro teorizem, e sobretudo vulgarizem, a ideia do caráter nacional único da Galiza e Portugal. Por exemplo, em 1911 é publicado, e está à venda entre os livros da "Renascença Portuguesa", o texto *Portugal y Galicia nación*, da autoria de Ribera i Rovira.

673 A primeira obra que tivo na posse a Academia foi umha de Leite. Assim o comenta Leandro Carré, em 1967: "Recordar-ei agora que na nossa Biblioteca figura como número 1, por ser a

Cancioneiro da Ajuda, o seu *O melhor retrato de João de Deus*[674], texto, este sim, perfeitamente engastado com o repertório galego). Além disso, como antes indicámos, talvez não fosse alheia a influência de Curros Enríquez para esta consideração de Eugénio de Castro.

Loís Carré Alvarellos, em 1960 (*Céltiga,* 1960: 1, 6), lembrando as "correntes afeutivas" que desde o século XIX uniam a Galiza e Portugal, afirma:

> "Na nosa libraría e nas dos nosos irmáns Uxio e Liandre, son numerosos os libros e opúsculos portugueses adicados pol-os seus autores ao noso pai, como ele adicáballelos seus: Leite de Vasconcellos; D.ª Carolina Michaelis; Xosé Xaquin Nunes; Euxenio de Castro; Xoan M.ª Ferreira; Pedro de Meneses; Xulio de Lemus; Pedro Guisado; Claudio Basto, e tantos mais. E foi a mesma causa, correspondendo â distinzón de que se fixo ouxeto âs nosas figuras mais saintes, o que levou â nosa Academia Galega, dende a sua criazón, a nomear académicos correpondentes a tan numerosas poersoalidades portuguesas como en ela figuran, e conta, que figuraron moitas mais, infelismente perdidas por teren rendido o seu peito a morte".

As páginas dos primeiros números do *Boletín* da instituição, correspondentes a 1906 e 1907, são também o vivo exemplo de *canonização*, agora dos argumentos que forneceram as pessoas que contribuíram a legitimar o sistema.

O discurso do Presidente, Manuel Murguía, reafirma mais umha vez a unidade linguística sistémica galego-luso-afro-brasileira, e sente-se partícipe da sua glória no sistema interliterário comum:

> "No será así [a língua não desaparecerá]; no se borra tan fácilmente en los labios que la mamaron, la lengua que habló este pueblo durante más de diez siglos, que es la que hablan y entienden cerca de tres millones de gallegos, dieciocho millones de habitantes en Portugal y sus dominios, doce en el Brasil.
>
> No puede perecer un lenguaje que tiene una literatura gloriosa, y nombres que son orgullo de la inteligencia humana. Por eso, y para recoger *en* Galicia *su* verdadero léxico, dar a conocer *su* gramática, y afirmar *su* existencia, se fundó esta Academia"[675].

---

primeira recebida para tal destino, precisamente umha obra portuguesa: Religiões da Lusitânia do Dr. José Leite de Vasconcelos". Nesta mesma comunicação, o filho de Carré Aldao dá pormenorizada conta dos livros que foram doados por Portugueses à Academia Gallega (37-40).

674 *Boletín de la Real Academia Gallega*, número 3, de 20 de julho de 1906, p. 73.

675 O sublinhado, por esta vez, é nosso, porque nos parece ainda um matiz importante o estabelecido por Manuel Murguía. A justificação da Academia reside fundamentalmente na apropriação de um espaço com poder institucional que permita a respeito do galego "afirmar su existencia", e dotá-lo dos dous elementos básicos e imprescindíveis para que no seu contexto poda ser reconhecido, e praticado com umha norma uniforme: dicionário e gramática; enfim, a tantas vezes reiterada legitimação. E isto, longe dumha rutura sistémica, é o galego, ou o português, ou o brasileiro ou o africano de expressão portuguesa, em definitivo o galego-português "en Galicia". Números 6-7 de 20 de novembro de 1906. Os leitores galegos e dos enclaves latino-americanos não tiverom que esperar tanto a conhecer estes textos, ou polo menos extratos dos mesmos. Trechos do discurso de Murguía e de Salvador Golpe, e resumos da sessão inaugural da Academia são publicados em vários meios galegos. Por exemplo, a "revista semanal ilustrada" Galicia que desde o ano 1903 era editada em Havana, fundada por V. López Veiga e sob a direção de C. Horta, informa no seu número 42 desse ano (27 de outubro) utilizando como fonte *La Voz de Galicia.*

Também não faltava a consabida apropriação de Camões e a glória portuguesa, sem desaproveitar Gil Vicente ou Vieira. Assim se expressava o tudense Lago González, futuro Arcebispo de Santiago. no seu "Elogio de la Lengua Gallega", discurso proferido também com motivo da inauguração da Academia:

> "Con el predominio del castellano desaparece por largo espacio el gallego literario, pero la lengua se conserva pura y evoluciona poco a poco en los labios de nuestros aldeanos, y antes de surgir de nuevo ataviada con galas de fiesta, palpita de gozo, sin duda viendo como la portuguesa, su hija, adquiere grandeza y cobra bríos para dar al mundo la epopeya de *Os Lusíadas*, que con la gloria del reino de D. Manuel esparce por las naciones civilizadas acentos y palabras y frases nacidas en el corazón de Galicia. Era un gallego nuevo, un gallego transformado el que sonaba al otro lado del Miño y subía a las tablas con Gil Vicente y a los púlpitos con Viéira, pero gallego al cabo en su origen con la mayor parte de las belleza de la lengua galaica"[676].

A origem galega de Camões, se em ocasiões não obtida polo nascimento sim conseguida sempre pola língua comum, estava aliás permanentemente em primeira linha, e por vezes como a que segue, reforçando a Tradição sistémica. Parga Sanjurjo, no seu discurso de entrada na Academia, "El renacimiento de la literatura regional"[677], afirma:

> "Se distinguió en el siglo XIV, juntamente con otros poetas portugueses y castellanos que trovaron en idioma gallego, Vasco Pérez de Camoens, el cual bastaria para dar realce a esta centuria, no sólo por su mérito, por todos reconocido[678], sino porque fué ascendiente del inspirado Luis de Camoens".

E, após fazer relatório da decadência escrita da língua na Galiza, que "se fraccionó en dialectos en contacto con el castellano" enquanto "su hermano consanguíneo se desarrollaba y enriquecía, al compás de las prosperidades de la nación portuguesa, hasta el punto de brindar brillantes atavíos a la trompa épica de Camoens", passa a comentar a conhecida e ambígua frase *"lengua gallega o portuguesa"* com que o Marquês de Santillana em carta ao Condestável D. Pedro de Portugal, se refere à produção literária anterior ao seu tempo, no século XIV. O problema a respeito da frase, que significativamente Parga Sanjurjo deforma em *gallego-portuguesa*, não estava apenas na divisão, e grau dela, do 'codialecto' galego da língua portuguesa, mas, e como mostram as palavras do autor, também na ideia sustentada por "algunos" (por exemplo,

---

676 *Boletín de la Real Academia Gallega,* números 6 e 7, de 20 de novembro de 1906, p. 137.

677 *Boletín de la Real Academia Gallega*, números 6 e 7, do 20 de novembro de 1907.

678 "Por su mérito" talvez nem tanto, se tivermos em conta que o polissistema português sempre canonizou outros autores, na época sem dúvida Fernão Lopes, por exemplo. Mas este tipo de expressões eram fruto habitual de prestígios pretendidos a superarem complexos nunca explicitados.
Parga Sanjurjo refere-se aqui possivelmente à parte do canto III de *Os Lusíadas* citada por Antonio de la Iglesia em *El idioma gallego*, onde se narra a morte de Inês de Castro. Cfr. Vázquez Cuesta,1991. De la Iglesia usara já esse procedimento num artigo de 1862 (Cfr. Hermida, 1991).

veja-se páginas adiante o caso de Vázquez Senra) de que o galego tinha origem diferente do português, atribuíndo ao primeiro as mais peregrinas origens, helenas habitualmente, e mesmo hebraicas nalgum caso:

> "Y ya que del idioma gallego hablo, no estará demás que trate en este lugar aunque de pasada, la tan debatida cuestión referente al alcance que deba darse a la frase *lengua gallego-portuguesa* que el culto Marqués de Santillana estampa en su citada carta al Condestable de Portugal. Algunos han querido ver en ella la explícita afirmación de que el gallego y el portugués eran idiomas diferentes, lo cual es ajeno de verdad. El idioma portugués y el gallego formaron en sus comienzos una lengua común, la cual fué fruto de una sola gestación, incubó en un mismo claustro materno y fué producto de un solo alumbramiento".

A seguir, Parga vai reiterar a doutrina oficial do sistema regionalista a este respeito: as diferenças de galego e português são acidentais, e, na linha de Murguía, é conveniente estudar as particularidades que o galego apresenta na Galiza:

> "A partir de esa fecha tan señalada [a da independência de Portugal com Afonso Henriques], el idioma, que antes era común, se fraccionó en dos, quedando uno a servicio de Galicia y pasando otro a ser órgano de la brillante literatura que había de dar más tarde elocuente forma y hermoso relieve a *Os Lusiadas* de Camoens. Salta, pues, a la vista, que el Marqués de Santillana empleó como sinónimos los adjetivos *gallega* y *portuguesa* para significar que los dos idiomas eran uno mismo".

E, após citar Duarte "Núñez" de Leão no mesmo sentido, enfatiza:

> "A partir del fraccionamiento del habla común, surgido con motivo de la independencia de Portugal, se manifestaron en los idiomas gemelos, durante el transcurso de la transformación de que fueron objeto, diferenciaciones y desemejanzas accidentales; pero insuficientes para romper el nexo léxico que les une, en tanto grado que ni uno ni otro pueden ocultar el aire de familia que les hace similares, ni el tronco secular de donde proceden. Dado este íntimo parentesco, convendría que los hombres de letras de esta región estudiasen, desde el punto de vista de la fonética moderna y atentos a los principios que la informan, el idioma natal [...]".

Recomenda aqui Parga a elaboração de gramática e dicionário, para superar as insuficiências em que se moviam.

Murguía responde ao novo académico; no seu texto, Murguía torna a fixar o cânone literário do sistema na altura; e, igualmente, do repertório usado e mesmo do seu grau de receção; ele está formado, para além de Rosalia, por Curros Enríquez, «que hoy vive en amargo destierro»,

> "poeta de cuerpo entero, de estro robusto, apagado por los grandes dolores que le cercan, comparte el amor de los suyos con Pondal, en cuya lira resuenan, como en la de Ossián, las notas de los antiguos bardos, y celebra los hechos de los héroes que personificó en los lugares natales, que dichosamente llena todavía con su gloriosa ancianidad".

Murguía soma aos dous 'indiscutíveis' e embora num degrau mais baixo o nome de Lamas Carvajal, de grande popularidade, mais forçado porém pola conjuntura da morte do ourensano com quem mantivera notória polémica precisamente sobre o caráter e orientação do sistema[679] que por atribuir-lhe méritos que pudessem ser traduzidos em cânone.

Por outro lado, Murguía dá conta, e agora mui explicitamente, numha declaração que não deve passar despercebida por aparentemente trivial, da ambiguidade em que o sistema se movia, quanto ao uso da língua por exemplo, dos problemas de legitimação, e do repertório, temático aqui, do sistema, nitidamente tradicional:

> "Lo que sí conviene consignar, es que tan importante movimiento regenerador de nuestra literatura provincial, vino a plantear, lo mismo en las obras en prosa que en las de verso, el problema de su oportunidad, de su posible duración, y sobre todo, de su compenetración en el alma del país. Desde el poema al drama, desde el más declarado lirismo a las composiciones impersonales, objetivas, en que se ponen de relieve los sentimientos, las costumbres campesinas, y se refieren a sus penas y esperanzas, una nueva direción se inició en el conocimiento, y por lo tanto, en el uso de la lengua gallega, como vehículo de la verdadera producción literaria en Galicia" [...]. El hecho es, que el problema del uso cada vez más general, cada día más absorbente, del idioma gallego está planteado".

A seguir, a doutrina sobre o galego-português, agora sustentadas nas seguintes estratégias:

a) afirmação implícita de que o português é o galego evoluído, podendo apoiar-se naquele a fixação das formas galegas.
b) uso justificador dos cancioneiros galego-portugueses, não inovador, mas agora reforçado pola vulgarização do Cancioneiro da Ajuda feita por Carolina Michaëlis (que acabava de enviar a sua edição para a Academia), o que permite falar em termos de repertório comun.
c) as diferenças entre galego e português não são sensíveis, e apenas de "acento" até ao Douro (também não é novo o argumento, mas permite com maior facilidade afirmar a unidade). Por esta via
d) apropriação, *agora popular*, por parte dum representante do povo galego, dos *Lusíadas*, com umha estratégia comparativa bastante usada na época. E apropriação também, indireta aqui, mas da mesma maneira utilíssima, ao citar um texto galego de 1591 (onze anos após a

---

679 A polémica vinha já desde 1875 a propósito dumhas considerações de Murguía a respeito da imprensa da época, e converteu-se em direta Murguía-Lamas a raiz da publicação de *Espiñas, Follas e Frores* em 1874; o historiador acusa de plágio o autor nas suas (a seu entender) melhores composições e censura a pobreza das que considera saídas da inspiração de Lamas. J.A. Durán oferece-nos umha extensa e documentada aproximação da polémica, com certo pendor ao posicionamento do que Pardo Bazán considerava devia ser o modelo de poeta galego (J.A. Durán, 1974: 36-112).

morte de Camões) em que, a juízo do expositor, galego e português eram indiferenciáveis.

"El gallego se halla hoy, por su dicha, en las condiciones de un idioma en formación, -yo creo que unas más que otras, todas las lenguas se hallan en el mismo caso -pues en definitiva lo son por esencia aquellas a las cuales la cultura literaria no ha fijado. Por fortuna el portugués llegó ya a este punto y puede servirnos para contrastar las formas usadas nuevamente por los que ya las usaron en un principio. Una y otra lengua son totalmente lo mismo en sus orígenes, en su desenvolvimiento, en sus condiciones, como atestiguan los cancioneros galaico-portugueses del siglo XIII, en los cuales, la inspiración, la estructura de las composiciones, la ortografía, y sobre todo el lenguaje, es uno mismo. Se hizo la experiencia de leer un canto de *Os Lusiadas* a un campesino gallego y lo entendió todo él, y mejor que si estuviese en castellano[680]. Es más, excepción hecha del acento, que tanto diferencia un vocablo pronunciado con esta o con la otra entonación, apenas si hemos hallado gran diferencia entre el gallego que dejábamos acá del Miño y el portugués que se habla desde la orilla de nuestro río bien amado, hasta las márgenes del Duero. Esto hoy, porque en tiempos anteriores, esa diferencia no debió existir siquiera. Para probarlo bastará transcribir dos solos párrafos de las *Constituciones* de una cofradía religiosa de Galicia, redactadas en 1591, y señalarlas a la atención de los entendidos, para que nos digan si es gallego o portugués el idioma en que están escritos.

«Ca o pecado, dicen, en que descaeceron, padecemolo nos [...segue a transcrição]»

E outra vez temos os elementos centrais das normas sistémicas. No discurso de Parga, observe-se, falar do "renacimiento literario de Galicia", é falar sobretudo da língua e da sua legitimidade para o sistema modelizante secundário, a literatura. É, nesse sentido, reafirmar a unidade com o português; falar do presente, mas também e mui especialmente, do Passado justificador; apropriar-se da produção portuguesa. E, animar os "hombres de letras" do sistema, a pôr em prática a conveniência de que, para além (supomos) da produção literária, de textos artísticos, se dedicassem ao estudo linguístico.

Essa unidade sistémica é renovada na lide da polémica ortográfica. Por exemplo, quando Salvador Golpe torna sobre o debatido tema do uso de *ao*

---

680 Como já vimos em várias ocasiões, este *recurso pedagógic*o, acabou por alcançar êxito notório. Já no número 3 da revista *Galicia*, Manuel R. Rodríguez, autor pouco devoto de *lusismos* (como vimos) em 1888, ao tratar da "Declinación gallega" e da quantidade de signos, apóstrofos e vírgulas usados polos galegos que empeciam em sua opinião a leitura, dizia: "basta poner en manos de un niño dos composiciones, una gallega y otra portuguesa, y se observará que lee con más correción la segunda que la primera, á pesar de ser para él menos familiar la dicción y la frase portuguesa" (página 386). Anos mais tarde, parece que fizo a mesma operação entre galego e espanhol, como vimos. Manuel R. Rodríguez é filólogo habitual de várias publicações, mesmo das mais estritamente literárias. Assim, no primeiro ano de vida da revista *Santiago*, publicam da sua autoria "Un bosquejo filológico sobre las lenguas neo-latinas. Disertación i excelencia de la lengua castellana".

(assim estava a codificação do sistema em 1906...) no trabalho "Cuestión gramatical sobre el uso de *ao*", argumenta: "Por consiguiente, si la forma discutida *ao, aa*, del dativo del artículo gallego, es bárbara, quiere decir que es extraña, contraria a la índole del idioma galiciano y tomada de otra lengua, del portugués, por ejemplo, puesto que en la lengua portuguesa se escribe el artículo de esa manera. Ahora bien: dejando al lado que el portugués y el gallego no son más que modalidades del mismo idioma [...]" [e a seguir cita vária documentação, entre ela a *Tecedeira de Bonaval*, de López Ferreiro, em concreto a sua nota preliminar: "O caso é q'os mismos Portuxeses, cando se trata do ditongo que forma á perposición *a* co artícolo masculino *o* (el), entonces deixanse de acentos e estampan as duas vocales *ao* unha tras d'outra. Eu, que son tradicionalista hastr'os miolos, aténome tamén nesto ao que nos insinaron os nosos aboos[681]]".

Na *Coruña Moderna* apareceu o artigo de Golpe, em duas partes (no 78 de 26 de agosto e no 79, de 2 de setembro). Convém indicar que ele começa por indicar nesta "Cuestión gramatical" considerar ser "de suma necesidad y urgencia que nuestra *Academia* delibere y resuelva sobre la fórmula grafica que debe emplearse el dativo del artículo gallego" perante a grande "divergencia de opiniones en este punto, entre nuestros literatos", sendo "que unos escriben ese artículo de una manera, otros de otra y hasta hay quienes dicen que la forma *ao*, *aa*, *aos*, *aas*, es bárbara y arcaica". "Es preciso, pues", remata, "que cese pronto esa anarquía gramatical y se define y fije, por quien tiene autoridad". Tudo isto mostra a esperança normativa e de acatamento que o grupo da Corunha colocava na Academia e a índole institucional de primeira magnitude que nela colocava…...Golpe argumentará também com a obra *Fueros municipales de Santiago*, "del ilustre y sabio historiador don Antonio López Ferreiro", com "la nunca bien ponderada revista *Galicia Diplomática*, de Bernardo Barreiro e "la no menos importante Colección Diplomática de *Galicia Histórica*: la Crónica Troyana, códice del siglo XIV, traducido al gallego, que impreso

---

681 *Boletín de la Real Academia Gallega,* número 2, de 20 de junho de 1906, p. 32. Note-se como é afirmada a raiz portuguesa por tradicionalismo, que ensinaram "os nosos aboos".
De novo, então, mesmo neste relativamente pequeno exemplo, a via oficial opta pola alternativa conservadora, e tradicionalista, para apoiar a sua argumentação. Neste sentido, a estratégia institucional do galeguismo levará à sua parálise por momentos, longos, tendo em conta que apenas em 1916 começa umha mudança real de rumo no panorama, explicável entre outras cousas pola manifesta insuficiência da Academia, que, por pôr um caso, ainda defendia o galego em espanhol. Antecipemos que esse conservantismo será a causa dum dos maiores desencontros que o relacionamento sistémico galego-português conheceu, quando nos primeiros passos da "Renascença Portuguesa", esta não pode encontrar homologia no sistema regionalista galego. Mas, como noutros casos, e felizmente para o sistema, essa linha conservadora nunca chegaria a ser aceite.
De resto, que o tema continuava candente, e que era questão debatida extramuros das publicações científicas, mostra-o o facto de Golpe publicar "Cuestión Gramatical", extrato do artigo, na *Coruña Moderna*, número 78 de 26 de agosto, em resposta a um poema aparecido no número anterior e que a seguir comentamos.

conservamos gracias al infatigable celo del hijo adoptivo Martínez Salazar y otra multitud de obra"s", entre as quais as *Cantigas* de Afonso X.

"Con lo dicho", afirma Golpe", dejo demostrado plenamente que la forma *ao*, *aa* del artículo gallego no es bárbara", deixando para o número seguinte (onde, aliás, noutro texto, um "Licenciado Aguilera" afirma que o pouco que conhece so galego é "á consecuencia de mis ligeros estudios de portugués") a sua demonstração de que não era arcaica, recorrendo à sua presença em autores galegos.

Foi esta, depois da polémica a respeito do uso de *x/j/g*, a que mais tinta fizo correr nestes anos. Apenas a modo de exemplo, e porque coloca umha espécie de resumo das duas linhas, vejamos brevemente o caso no número anterior, no 77 da revista *Coruña Moderna*. Nela aparece o poema "Falar enxebre", dedicado a Amador Montenegro por Ramón da Penela, onde critica "os escritores da vila" por utilizar a forma *ao*; diz que não se diz em parte nengumha da Galiza, e que apenas permanece no português, já não optando francês nem espanhol por essa via.

O poema é comentado através de notas de rodapé por *Fuco de Tabeayo* (Francisco Tettamancy), em que afirma que já escritores de Lugo, Ourense, Ferrol, etc., escrevem *ao*; por exemplo Rodríguez López e Curros:

> "Dirán señor da Penela, dirán; mais Xesus Rodríguez López e tantos outros nos seus escritos poñen con craridá AO. [...]
>
> ¿E logo porqué Curros Enríquez, ao vire fai pouco a Galicia, modificou, e agora escribe AO?"

Mas o de maior interesse é a posta por Tettamancy da questão em termos de registos linguísticos (o que implica, também, registos literários), óbvio razoamento talvez, mas a que nem sempre se acudia:

> "O que lle pasa señor da Penela, é, que moitos non lle teñen oído; e que os seus miolos están encatrapasmados, confundindo o lenguaxe vulgar c'o culto; porque unha cousa é a *lengoa* falada e outra é a escrita.
>
> O que debemos facer todol-os que nos preciamos de bòs gallegos, é propagal-o lenguaxe con verdadeira cultura, para dar na cara á certos desleigados comechís que nos dín que os libros escritos na nosa lengua son «artículos de arder»".

Por pouco que vinhesse ao caso, o que era amiúde, tendo em conta que os regionalistas de 1907 ainda estavam afirmando-se a si próprios e o sistema que queriam praticar, os regionalistas falavam de Portugal. Mas era percetível umha certa aceitação do estado de cousas do galego. Ou, por melhor dizer, umha situação que não pode ser vista com olhos de hoje. A respeito do código mui principalmente. Por exemplo, podemos afirmar com absoluta certeza, que, se a língua no Provincialismo vai ter um valor projetivo no sistema (não é usada na produção literária, mas é o *desideratum* comum), a prática da língua vai atravessar por fases e tensões similares na codificação culta; e o português,

ficam sobejas provas dessa evidência, cobra então um valor projetivo também, na progressiva aproximação. A polémica ortográfica sobre se utilizar *g*/*j*/*x* (aliás, praticada polos elementos que produziam umha maior inovação sistémica, bem no repertório lírico, como Pondal, bem no uso da incorporação da Tradição greco-latina, Florencio Vaamonde, bem na pretensão de abrir novos géneros, Marcial Valladares), ou apenas *x*, para representar a palatal fricativa surda, ou entre os que se denominavam etimologistas e foneticistas, é umha prova.

[Caindo fora das nossas possibilidades aqui, é enormemente sugestiva a comparação que pode ser feita entre níveis de língua e repertórios e modelos, usados, e inovações praticadas, por exemplo entre os sustentadores dumha ou outra das vias ortográficas que acabamos de citar. Pretendia-se, certamente, aliás, a unidade supradialetal, (e não por todos), sem dúvida, e apontava-se para a depuração de castelhanismos, mas o código ainda assim ficava pejado por multitude deles, a que podiam ser somados vulgarismos, hiperenxebrismos, etc., que nem sempre eram percebidos como tais, máxime num sistema que, pretendendo ser tradicional e popular, vivia a tensão de não querer afastar-se daqueles a quem se devia (mas que, infelizmente não lhe prestavam muita audiência... por não dizer nengumha). Mas, lembremos que as fortes discussões se mantiverom, quanto a referentes concretos, na origem latina ou não do idioma, em se era "libertá", ou "libertade", no caso do monumento aos Mártires de Carral (não digamos já se se discutisse sobre "liberdade"), se *deus* era português e *dios* galego, ou numha praxe entre o sufixo -ceón ou ción, com o incipiente restaurador *-zón*, praticado por exemplo por Murguía em algum momento do seu discurso en galego nos Jogos Florais:" narrazón", para citarmos apenas textos transcritos.

Esta é, aliás, umha das derrotas do grupo corunhês, ou, por melhor dizer, umha das suas cessões para consolidar o pacto *académico*, que, lembremos, mesmo alguns regionalistas rejeitavam, argumentando que não faziam falta academias, mas que cada quem usasse a língua da sua terra, que isso era o *essencial* para o seu conceito de literatura galega. Apesar de o regionalismo corunhês ser a autêntica coluna vertebral da Academia (os cargos eleitos deviam ser residentes na cidade; eram Presidente Manuel Murguía, Secretário: Eugenio Carré, Tesoureiro: Pérez Ballesteros e Arquivista-bibliotecário: Galo Salinas[682]), estes deveram ter que ceder em muitos aspetos: as suspeitas de que a Academia era ninho de regionalistas ou separatistas funcionava com bastante

[682] Galo Salinas aparece neste posto citado por Máiz e Alonso Montero, mas não por Barreiro Fernández; a fonte é sem dúvida Ramón Villar Ponte, 1953; nós coincidimos com Barreiro porque não encontramos dita responsabilidade atribuída a Galo Salinas, mas referimo-lo porque não temos motivo para não acreditar na fonte. Mas não aparece o diretor da *Revista Galle*ga na relação de académicos fundadores, o que resulta estranho, apesar de ter abandonado a cidade em 1907. Pensamos que essa ausência tem a ver com dissentimentos no seio do regionalismo corunhês.

êxito na Galiza, dando-se o caso paradoxal de que convinhesse preencher a lista de sócios fundadores com muitas pessoas que não tinham nem fama nem prática galeguistas, a começar pola presidenta de honra, Emilia Pardo Bazán; os corunheses pretenderom e conseguirom que todos os grupos estivessem representados].

À hora da praxe, impõe-se de novo o pacto sobre a base da linha menos audaz e conservadora, e os *saltos oficiais* não se dão. Para a codificação ortográfica, a comissão nomeada pola Academia (notório fruto do pacto, com Pérez Ballesteros, que lia os jotas à castelhana, como Presidente, e o já nacionalista cultural Lugris como secretário, o membro mais caro a Carré do grupo corunhês) trabalha com a instrução, em forma de recomendação, na redação das "papeletas" de que "los sonidos ge, ji, jota" sejam representados "por medio de x", contrário à prática por exemplo do regionalismo corunhês, e cessão (?) lógica se tivermos em conta a lista e procedência sistémica de não poucos membros de número, a começar pola Presidenta de Honra. Os conhecimentos filológicos, aliás, não eram muitos (porque então teríamos que pensar que "los sonidos ge, ji, jota" são os que representam umha variante do fenómeno conhecido por *gheada*), mas não muito mais se podia esperar quando na página 203 do Tomo I do *Boletín* ainda assistimos a trabalhos como o que leva por título "El gallego no es hijo del latín", com a rúbrica de Vázquez Senra[683].

O acordo ortográfico no já caso famoso de *x*/*j*/*g* é disciplinadamente acatado polo grupo mais responsável do regionalismo galego a respeito do sistema. Meses antes, a *Revista Gallega* (onde já começaram os dissensos pois desaparece o grupo corunhês nesta altura quase por completo) muda a ortografia na sua seção mais emblemática, a do "Palique Semanal" que "pol-a copia" assinava *Janiño*, até ao número 566, de 20 de janeiro de 1906; desde o número 567 copia *Xaniño*.

Porque nem tudo era tão uniforme. O pensamento linguístico do *enclave* havanês fica expresso na "Mensaje de la Asociación Iniciadora y Protectora de la Academia Gallega en su inauguración oficial", a referência à comum unidade linguística fica assim refletida, ao indicar qual é o objetivo da Academia: "evitar la desaparición del idioma que prestara los documentos constitutivos del de Cervantes y de Camoens[684]". O *enclave*, que tinha em Curros[685] a sua

---

683 Em 1899, *El Eco de Galicia* de Buenos Aires resenhava umha obra de Barra, no seu número 289, e fazia o seguinte prudente comentário: "el eruditísimo Sr. Barra sostiene el origen céltico y gramática analítica de la Península, de Francia y de Italia", facto que "a muchas discusiones puede dar lugar".

684 *Boletín de la Real Academia Gallega*, números 6-7 de 20 de novembro de 1906. Também no número 42 de 27 de outubro de *Galicia*, de Havana.

685 Curros Enríquez, já com independência das propostas de codificação linguística (mas com elas relacionada) era dos setores que considerava o galego "pai do espanhol". Nestas épocas de bastante confusão sobre a origem e evolução do galego, cada escritor aderia à tendência que melhor condizia com as suas ideias a respeito da *ubicação* e função sistémicas. Curros coincidia

principal figura, recolhe um pensamento geral na coletividade bonaerense também, como vimos, e que, obviamente, vai ter repercussões na interferência galego-portuguesa.

A própria criação da Academia vai ser abertamente contestada. O caráter *institucional* que a Academia puder ter, com a possibilidade dum maior desenvolvimento do sistema regionalista, está no fundo dessa atitude. Na mesma *Coruña Moderna* aparecem os dous artigos assinados por Pedro de Visma que comentámos no capítulo dedicado à caraterização do sistema regionalista, referidos precisamente a combater essa ideia. Pedro de Visma está consciente de que o ataque à fundação da Academia, é também o ataque à própria existência do sistema. Por isso, no primeiro dos artigos, invoca o nome de Castelar[686] como autoridade justificadora:

> "Para acallar la suspicacia de que tales empresas pueden perjudicar á ese conjunto de nacionalidades que llamamos España, recordaremos las palabras del más grande orador del siglo XIX, de Emilio Castelar, al prologar el libro *Follas Novas* de Rosalía Castro: «No olvidemos que muchas de nuestras regiones, como Galicia por ejemplo, tienen brillantísima literatura propia, la cual, respondiendo á una ley de la vida, á la ley de la variedad, debe coexistir con la literatura nacional, sin daño de la patria, mayor á medida que crecen sus hijos, y se fortifican los órganos que componen su cuerpo y se abrillantan las estrellas que pueblan su cielo»".

O último dos dous artigos de Pedro de Visma concluía:

> "¿Habrá quien sostenga aun que no es necesaria la creación de la Academia?"[687]

E havia. Se retomarmos agora este texto é porque o debate que subjaz à criação da Academia é, fundamentalmente, o temor com que alguns olhavam a instituição: como *perigo* de separatismo e de lusismo; as duas *bestas negras* de

---

com Amor Meilán e Pereira em sustentar essa ideia, o que corroborava a sua ideia de ser o espanhol "hijo legítimo del gallego" como, literária e culturalmente, vai ser para eles o galego filho do espanhol...
Estas opiniões podem ver-se em *El Regional* (Rodríguez Valcárcel, 1993: 166 ss.).
A filiação filológica de Curros há que procurá-la na obra de Saco y Arce. Em carta a Martínez Salazar, datada o 4 de abril de 1887 (Alonso, 1970:101 a 103) comenta: "Una agradable sorpresa me ha proporcionado la colección del Sr. Ballesteros [refere-se ao *Cancionero*]: la de saber que el autor se halla conforme en todo con la ortografía de mi ilustre maestro Saco", defendendo "que nadie que conozca bien la influencia en nuestras costumbres y por consigiuiente en nuestra lengua que ejercieron los pobladores griegos, puede proscribir por completo el elemento helénico de nuestro idioma". Noutra carta ao mesmo, dez dias mais tarde, comenta:

> "V. sabe mejor que yo, sin duda alguna, que la ortografía de Proudhon, por ejemplo, difiere tanto de la de Víctor Hugo, como la de A. Herculano de la de Oliveira Martins. [...]
>
> Respecto del uso de la *j*, yo he creído siempre, y en los últimos años de su vida logré traer al insigne Añón a mi partido (que es el de Rosalía y de Saco) que esa letra, representante de un sonido gutural fuerte, puramente árabe, y ajeno por consiguiente a nuestra modalidad orgánica, no debe figurar para nada en la escritura puramente gallega". (Alonso, 1970:104).

686 Número 55, de 18 de março de 1906.

687 Número 57, de 1 de abril de 1906.

todo o processo para alguns. O próprio Pedro de Visma, em defesa do sistema, utilizava, paradoxalmente apenas em parte, a autoridade de quem pronunciara as palavras citadas como barreira perante o perigo português e também, perante a possibilidade *polissistémica* galega.

No combate à Academia estava também presente o combate à orientação da escola corunhesa, obviamente, apontando a esta alegadas contradições. Duas aparecem sintetizadas num artigo de Rodríguez López, de 1907, onde o eco implícito da polémica em torno à legenda do monumento aos Mártires de Carral, parece elo continuador: que os membros dessa escola desconhecem o galego e que deveriam de vez adotar a norma portuguesa plenamente. Com efeito, em setembro de 1907, no número 130, de día 22, na mesma *Coruña Moderna*, para onde parece que o debate regionalista se trasladara desde a *Revista Gallega*, Jesús Rodríguez López contesta a recorrida tese de "aquellos que creen que el portugués es el gallego perfeccionado", a quem o autor pregunta

> "¿por qué os molestáis en ir haciendo las cosas poco á poco? No intercaléis palabras ni modismos portugueses en vuestro gallego, á pretexto de perfeccionarlo, porque, los que no os conocen, creerán que lo hacéis por mejorar el dialecto, acercándolo al portugués, y entonces os tacharán de inconsecuentes, porque sería más porque sería más lógico que de hecho escribierais ya en portugués; pero yo, que os conozco, se que escribís de tal manera porque desconocéis el hermoso dialecto gallego".

Para exemplificar a corrente opositora à Academia, parece-nos oportuno comentar algo por extenso um texto aparecido na revista *Mondoñedo*, em virtude de que nos fornece muitas das chaves para interpretar a vida literária galega da época, e em função também de que nele, como veremos, vão convergir muitos dos fatores que ao longo deste trabalho consideramos iam alimentando o ataque à progressão sistémica; e por umha última razão, mais elucidativa ainda se cabe: as páginas que acolhem a crítica a seguir estão dirigidas por um membro da "Solidaridad Gallega" (Seco Romero, a quem Noriega Varela tinha dedicado algum poema), órgão político em que boa parte do regionalismo articula a sua praxe. Dito por palavras mais claras: vários setores, nada pequenos em número e influência, do próprio sistema nunca quiserom que este progredisse até estabelecer um autêntico polissistema galego; e, muito menos, como é manifesto, um sistema interliterário ou um polissistema galego-português.

Como dizemos, o número 88, de 9 de agosto de 1907, de *Mondoñedo*, abre com umha "Carta abierta al Señor Don Manuel Murguía" que é introduzida da seguinte forma:

> "[...] gustosos comenzamos hoy la publicación de la misma.
>
> Con tanta mayor satisfacción la transcribimos, cuanto que abundamos en las mismas ideas [...] por el convencimiento de que el tratar, dentro de una sola é indivisible nación, de dar al dialecto[688] de cada región importancia casi de lengua, es hacer obra contra la unidad. [...]
>
> Quizá no falte quien arguya, que tratando hoy la Solidaridad de procurar la relativa autonomía de cada región, parece que tambien debe tenderse á que el dialecto de las mismas se conserve y se perfeccione. [..] Muy bien que se tienda á desligar á las regiones del oneroso yugo del poder central. [...] Pero como esa emancipación relativa, ha de ser, -al menos para los que entendemos la Solidaridad en un recto sentido- sin detrimento alguno de la absoluta unidad de la patria, de ahí que se precise de un lazo que, contrarrestando esa autonomía, ligue fuertemente las distintas unidades que componen la nacionalidad española ¿Cual? Ninguno mejor que el idioma".

Santiago Abella, emigrante em Buenos Aires, é o autor do longo artigo. De início, começa por pôr dedo na ferida incoerente do diferente uso linguístico dos regionalistas, neste caso personificado no destinatário[689] da "Carta", comentando a seguir que o destino do galego é desaparecer:

> "Vd. no ha escrito su historia de Galicia y otras muchas obras más, en gallego, sino que lo hizo en castellano como procedía, me voy a permitir impugnar la fundación de esa Academia que viene á limpiar, fijar y dar esplendor, ó mejor dicho, que viene á apuntalar un edificio que la evolución y patina del tiempo tiene que demoler, porque, dicho se está, que su término, es el castellano".

Na continuação são já evidentes as opiniões políticas de Abella, introduzindo também a "questão portuguesa":

> "Todo español que mira lejos, debe de cooperar á que España, sea una é indivisible con la integración de Portugal, sin portugueses, ni vizcaitarras, ni catalanistas, ni gallegos, pero con todos ellos unidos bajo una sola bandera como buenos hijos de Iberia: un solo sistema de gobierno, un solo código de leyes, y si posible fuese, también un solo credo religioso".

Mas o ataque direto à linha regionalista mais defensora da progressão polissistémica produz-se nas linhas que prolongam o seu raciocínio. Aceitando a argumentação *lusista* dos corunheses[690], utiliza-a para desvalorizar a produção

---

688 Repare-se no uso, *persistentemente político*, do termo "dialecto", desde a Pardo Bazán a Pérez ballesteros.

689 O autor apresenta-se como conhecido de Murguía e aproveita a presente para saudá-lo; diz que a última vez que viu Murguía foi na "Puerta Fajera", na companhia Abella do médico Tarrío.

690 Mas que não era em absoluto original deles. Por exemplo, M. Pardo Becerra no primeiro de umha série de artigos sobre "Dá Fala Galega", em *A Monteira*, afirma a respeito da consideração oficial das línguas:

> "Proba acabadiña a estamos vendo c-o idioma d'os nosos veciños d'outro lao d'o Miño, pois debido á ser lingua oficial chegou, non soilo á conservar a grande importanza que sempre tivo e que non pode por menos de reconocérselle, sinon tammém á abrilantarse cada vez mais e á ispirar á poetas e esquirtores cuio

literária portuguesa, o que faria mais evidente que o sistema galeguista, desprovido do seu principal aliado, a nada podia aspirar[691]:

> "No hace mucho tiempo que un célebre publicista, refiriéndose á la poca importancia del habla portuguesa, hermana de la gallega, con la ventaja de que está más extendida y perfeccionada que ésta, decía: «Que los grandes escritores portugueses, venían á un Cementerio, por lo poco conocido que era ese idioma; y que sus obras aunque fuesen sobresalientes, no tenían la popularidad que tendrían si fuesen escritas en inglés, francés, alemán, ó en español; y así es la verdad, por que a no ser el gran Luis de Camoens, cuyas Luisiadas son universales[692], ¿Qué resonancia tienen en el mundo: «Herculano, Almeida Garrett, Filinto, Bocaxe [sic], la Duquesa de Alorna, y otros célebres escritores y literatos portugueses, á no ser en España, Brasil y posesiones portuguesas de África, India y China? Muy escasa".

Raciocínio o de Abella que se completa com a exaltação da literatura espanhola, que, segundo ele, é conhecida em todo o orbe:

> "[...] Me atrae más el todo de la patria que la parte, y el todo de mi lengua nacional que mi dialecto [...] porque con ella puedo ir á cualquier parte del mundo conocido, seguro de que he de encontrar en él quien me entienda, porque para eso, en cada uno de sus ángulos, encendieron sus faros los Lope de Vega, Calderón, Quevedo y Cervantes".

Sentadas já as bases da sua linha argumental, na segunda parte o artigo, no número a seguir, recorre Abella a umha estimável autoridade: Miguel de Unamuno:

> "Para llegar á esta tesis, bien quisiera ser un Menéndez Pelayo , ó un Unamuno, para que mi palabra tuviese autoridad, y para poder desencartar con erudición y lucidez, lo cosmogónico, antropológico y prehistórico; y digo también un Unamuno, porque éste insigne rector de la Universidad de Salamanca, no hace tiempo que tuvo la oportunidad de decirles en una conferencia á sus paisanos de Bilbao, que el euskaro ó vascuence, era una rémora para el adelanto de las provincias vascongadas, y cuando esta lumbrera dice esto, por algo debe de ser".

Depois entra o autor num longa consideração da história da humanidade, para concluir, na terceira e última parte do seu trabalho[693]:

> "Y que ha sido de tantas razas, lenguas, tribus, naciones, leyes y religiones que surcaron nuestro suelo? Pues las asimiló, modificó y absorbió la raza, lengua, nación, ley y religión española que resultó imperante [...].

---

nome prenunciaran con respeto todol os que se gaban d'amantes d'a literatura". (número 1, 5 de outubro de 1889).

691 No seu relacionamento com Portugal, o galeguismo vai conhecer muitas vezes este tipo de ataques consistentes em reconhecer a comum unidade para depois desvalorizar Portugal perante *España*.

692 Repare-se: se *Os Lusíadas*, aliás, *Las Luisíadas*, é prestigioso, não é português; se não o fosse, não seria universal, seria português. Óbvia *subtileza*.

693 Número 90 de 23 de agosto.

> Se espansionó España dilatando sus dominios hasta los antís del planeta, y su raza blanca, fué a asimilar y absorver á los indíjenas de América, y su lengua fué á matar las miles y miles de tribus que pululaban por sus pampas, cordilleras y bosques, y hoy, ya no hay Aztecas, ni Pieles Rojas, ni Guaraníes, ni Araucanos, ni Patagones, ni quien quiera hacer prevalecer sus lenguas imperando en ellas, como impera la lengua nacional, la castellana".

Este era, pois, o destino que aguardava ao sistema na opinião de alguns que, como Abella ou Seco Romero, se confessavam partidários dele, sempre num "recto sentido".

Ao lado desta linha, singularizada na aberta hostilidade ao sistema regionalista, *desde dentro*, outra havia que, aceitando a relativa institucionalização do idioma, para nada assumia a necessidade da sua expansão e situava mais umha vez o *lusismo* como alvo da crítica. Vamos recorrer agora ao semanário *A Nosa Terra*, porque nos permite ao mesmo tempo dar conta da linha citada, e também da sustentada polos corunheses, sobretudo, agora em volta da nova publicação por que se expressam, *A Nosa Terra*, a qual, embora virada para o ativismo político, reserva espaço para a literatura e os seus problemas. Desaparecida *Revista Gallega* (para Carré, Vaamonde e outros antes, possivelmente, já do verão de 1907) é agora sob o cabeçalho que acabará sendo o máximo símbolo do nacionalismo em todas as suas épocas, que o regionalismo regenerador vai receber a ofensiva antiacadémica e/ou antilusista[694] que em 1907 é gerada.

Numha seção "Disparates Filológicos", cuja mesma existência é já eloquente, em que o semanário respondia habitualmente às polémicas linguísticas aparece um artigo que *A Nosa Terra*, rotula "Nosce te ipsum"[695], em que se dá notícia dumha censura aos corunheses: "el autor de la *Carta abierta*, á que aludimos en nuestro último articulito *Disparates filológicos* se dirige á nosotros por medio de otra *Carta*, publicada en un colega regional." Entendendo que o texto fala por si só, embora aponham alguns comentários, copiam trechos da missiva:

> "En la costa, y sobre todo en la de la provincia de la Coruña, el dialecto gallego no es tan puro, *ni tan perfecto* (este subrayado es del autor de la carta) como en en interior; pero así y todo ya me contentaba yo conque la mayor parte de los escritores coruñeses que *cultivan* el dialecto[696] lo escribiesen tal y como se habla por los campesinos de la costa. [...]

---

694 Para nada fazemos sinónimas as noções de *Academia* e *lusismo*; o que acontece é que para alguns dos seus críticos assim era; e, ocorre também, que as polémicas a respeito da expansão sistémica e da interferência com Portugal correm numerosas vezes paralelas.

695 Número 9 de 29 de setembro de 1907. No mesmo número, quiçá como contributo à réplica do semanário inserem "¡Menten!" de Alberto García Ferreiro, com versos como os que seguem: "Mal te queren algús! Cuase no berce/ Probiña, estás, e xa te dan por morta,/ A tí que diante tés -mar sin orelas/ Xuventú, libertá, porvir e groria."

696 Mais umha vez a resistência a falar de "língua" ou "idioma" que unia muitos dos alinhados com posições similares.

> Pero lo peor no está en que olviden dichos giros y modismos, sino en que los modifiquen produciendo trabajos literarios que no están escritos ni en castellano ni en gallego, con la ridícula pretensión de perfeccionar el lenguaje, modificándolo caprichosamente [...]".

A implícita referência ao português resulta evidente. Mas este, para os leitores da revista e para nós, anónimo autor do artigo, vai ainda ser mais explícito; e vai fazê-lo elucidando o que, pensamos que sem erro, entende foi e está a ser a estratégia deste grupo a respeito da transferência do polissistema português; os indigitados não vão contestar estas afirmações do publicista:

> "A aquellos que creen que el portugués es el gallego perfeccionado yo les diría ¿por qué os molestáis en ir haciendo las cosas poco á poco? No intercaléis palabras ni modismos portugueses en vuestro gallego, á pretexto de perfecionarlo, porque los que no os conocen creerán que lo hacéis por mejorar el dialecto acercándolo al portugués, y entonces os tacharán de inconsecuentes, porque sería más lógico que de hecho escribiérais ya en portugués, pero yo, que os conozco (*conocer es*) , sé que escribís de tal manera porque desconocéis el hermoso dialecto gallego. (*Gracias. Afirmado por Ud...*) Porque no se puede escribir bien el gallego pensando en castellano
>
> {NOTA de rodapé da redação: "En esto es en lo único que anda acertado y en lo que vamos acordes. Para robustecer lo que dice transcribimos el siguiente párrafo, tomado al azar, de cierta obra" [transcrevem um trecho em prosa e alguns versos, que julgamos são de Rodríguez López, e continuam] "Ah! pero se nos olvidaba decirle que esos escritos son de un poeta del interior de una provincia de Galicia, que también tiene costa y que además es fronteriza á regiones que tienen distinta lengua que nosotros.
>
> Y lo que es nuestro *trasacordo*[697] característico. Se nos olvidaba consignar que de esa provincia todos los años van miles de habitantes á la siega á Castilla y á otros puntos. Con que, *tire* ahora la natural consecuencia, *ya que este escritor emplea también el* AO}
>
> y desconociendo el dialecto gallego (*eso según Ud.*), no puede ir á buscarse su conocimiento en el portugués, á pretexto de tener los mismos orígenes, porque también el italiano, el francés y el español proceden del latín y á ninguno se le ocurre estudiar francés para perfeccionar el castellano".

Estava ainda mui viva a polémica suscitada polo *ao* entre outros elementos da inscrição do monumento de Carral. É também nítida a alusão do autor do artigo ["«Hay que convenir en que el Sr. Aldrey, cuyos artículos me han gustado sobremanera, ha dejado muy mal parados á los coruñeses autores de la célebre inscripción, con cuya redacción tampoco estoy conforme» (Era de esperar y es, además, cosa natural: *cada oveja...*)"], tanto que a polémica não acaba aqui. Notemos, ao calor dela, como respondem os *coruñeses* a umha opinião, já nos finais de 1907, de Cayetano Aldrey, ou, o que é quase equivalente, ao *enclave* bonaerense. Produz-se na mesma seção da publicação, agora no número 16[698]: "Seguramente que nuestros lectores recordarán la trapatiesta

---

697 A sua política agrarista.

698 De 3 de novembro de 1907.

que con motivo de la inscripción gallega del monumento de Carral se armó entre los filólogos gallegos".

Referindo-se já a Aldrey, lembram como aquele dedicara um livro à questão, onde "proponía que en vez de *mortos* se pusiese la elegante palabra *tronzados*", prosseguindo: "Y excusaríamos decir que el autor de tal proposición vive en América del Sur de donde, con honrosas excepciones, proceden los filólogos de caráter agudo y fulminante".

E citam, comentando-as, as, em opinião da redação da revista, "atrocidades" de Aldrey:

> "1º Que los infinitivos de los verbos gallegos deben terminar en *ar, er* ó *ir*, y que por lo tanto es vicioso decir *pensare, sere* y *vivire*.
>
> Este señor ignora que en gallego hay verbos terminados en *or*, pues nuestra lengua cuenta con cuatro conjugaciones.
>
> 2º Que son recusables las desinencias *seren*, *pensaren, riren* SACADAS (mejor diría *procedentes*) de los verbos que provienen. Esto no le gusta, porque los portugueses hacen lo mismo.
>
> Debemos advertir que la conjugación del infinito es corriente en todo el país, y que precisamente esta circunstancia gramatical, es la que más caráter da á nuestro idioma.
>
> 3ºLlama lusitanismos á las palabras *saudades* y *leito*, y dice que son de escasísimo empleo *rueiro, xionllos* y *teito*".

Este era o estado da questão na altura. Obviando outras apreciações, repetidas noutros lugares, sim queremos chamar a atenção sobre um facto que pode passar oculto noutras evidências. Aludimos ao caso da palavra *saudade*, a palavra-chave (no sentido que dão à noção Machado e Pageaux[xxvi]) por antonomásia do relacionamento galego-português. Polo caminho seguido por este termo e este conceito, vai ser, na década dos dez, que na transferência sistémica vai passar a literatura galeguista da quase absoluta periferia no polissistema português a situar-se num dos seus centros mais ativos e decisivos na época, o saudosismo; por este caminho, também, vai conhecer o sistema nacionalista um dos seus motivos mais rendosos do ponto de vista da produção literária, e ideológica. Se a *saudade* chegasse a ser anulada como pertencente ao sistema regionalista (e pudo sê-lo se não existissem reações como as do grupo corunhês), tais processos nunca poderiam ser verificados; porque, não se mantendo a palavra embora sim o conceito, a irmandade luso-galaica de que cedo se vai falar desde Portugal, não poderia estar sustentada ao nível que o fizo, e ficaria quanto muito no *nível da anyorança* catalã, importante, mas não tão decisiva. Da relevância do termo como galego sirvam apenas dous exemplos: ele centra umha das polémicas intelectuais mais agudas e determinantes no polissistema português no primeiro quartel do século XX: entre António Sérgio com Teixeira de Pascoaes. E ela é o núcleo também de vários debates no seio do galeguismo nacionalista, entre os quais, um episódio pouco conhecido

mas ilustrador, qual foi o que Risco sostivo com os novos escritores do polissistema que opunham ao modelo Teixeira risquiano, o, não por acaso, modelo Pessoa, a começos dos anos trinta. São por vezes passos como estes com que se percorrem os caminhos da literatura...[699]

Substantivamente, são as expostas as linhas de força sistémicas que se vão enfrentar no futuro do sistema regionalista e nacionalista; e também as perspetivas com que vão olhar Portugal. Todas vão procurar esse relacionamento, mas em diferente grau e objetivo; e, salvo nos casos de nítida afirmação nacionalista, a ambiguidade (que acaba quase sempre por se resolver em *ubicação polissistémica* espanhola) vai presidir ao relacionamento. Representante típico dessa posição é *La Temporada em Mondariz*, favorável às teses galeguistas, mas, talvez também provocada pola própria atividade económica do estabelecimento, não esquecendo a identidade espanhola: "Bemvindos!" sauda " aos acquistas portugueses[700]" a publicação.

> "Mondariz [...] offerece aos nosos queridos visinhos portuguezes os mesmos seductores encantos que a sua ridente província do Minho, de que a nossa terea é natural prolongamento.
>
> [...] o dialecto, digamos antes a lingua gallega é irmá gémea da portugueza: e, que não fosse, gallegos, castellanos e portuguezes, ainda os de mediana cultura, se comprehendem perfeitamente em todos estes idiomas.
>
> [...] E portuguezes e hespanhoes, destruidos quaesquer preconceitos e abatidas as barreiras, todos fraternisam e commungam no mesmo convivio de sociedade, dando-se então a ideal união peninsular, pela affectividade dos espiritus e pela sympathia dos coraçoes.
>
> [...] Aquelles cuja tendencia não sempre se compadece com uma vida mais bulliçosa, téem no tranquillo remanso dos gabinetes de leitura uma bem abastecida bibliotheca, enriquecida com acurada selecção de producções dos mais festejados escriptores lusitanos, entre os quaes se contam as obras da consideradíssima escrptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, digna émula da nossa illustre Pardo Bazán
>
> [...] sendo também importante o contingente de brazileiros e o proveniente das possessões ultramarinas portuguezas"[701].

---

699 Neste semanário regionalista, não vinculado à Solidaridad Gallega, mas primeiramente à Liga Gallega, aparecem algumhas outras alusões à Portugal. Umha delas, produz-se em forma de crítica a um escritor, mui presente também no futuro da vida literária galega: José Salaverría. Com efeito, no número 18 de 17 de novembro, e noutra seção, "¡Oh, la sindéresis!", afirma a redação:

> "¡Soñemos, ya que somos tan soñadores los españoles con la unión ibérica!
>
> Y nosotros tan patriotas y tan entusiastas de nuestas glorias, envanezcámonos de ellas. ¡Guay de aquel malandrín y follón que intenten rebajarlas!
>
> Pero... ¡maldito pero! eso no impide que el señor Salaverría en un artículo titulado L*a cuestión candente: El espiritu anarquista en España*; diga que *los militares se dejaron vencer como portugueses.*
>
> Y á la verdad ni esto es hacer ó laborar por la unión ibérica ni es conocer la historia del reino vecino. Ellos se hicieron independientes á pesar de todo: ellos conservan sus colonias y nosotros..."

700 Número 4 de 23 de junho 1907.

701 No mesmo 1907 (no número 18 de 29 setembro), e para indicarmos um exemplo de *reviravolta* argumental no sentido de fazer da Galiza um país profundamente unido com o centro da Europa, onde aparece o referente de analogia irlandês, e cujos vínculos se estabelecem via

V.13. O balanço de Carré Aldao na sua *Historia de la Literatura Gallega*

A melhor prova do que foi a estratégia do grupo corunhês, temo-la precisamente no seu mais qualificado porta-voz, Eugénio Carré, na *Literatura Gallega* que sai à luz em 1911. É portanto umha obra situada a umha certa distância que permite, a este *olhador* lúcido, contemplar com assombrosa precisão o que foi o decorrer do sistema regionalista nos últimos anos. A melhor definição, por sintética e explícita, do que foram os objetivos do grupo corunhês são apresentados polo livreiro logo na página 21 da obra citada, no que diz respeito ao sistema modelizante primário: "las relaciones de una literatura con otra de diferente familia son perjudicialísimas. En el orden gramatical, el gallego leyendo en portugués se desenvuelve y enriquece: traduciendo del castellano languidece, degenera y muere". Adiante, como já notou Ribera Llopis (1983: 195) censura "la utilidad de la crítica sobre literatura gallega ejercida desde la educación en la cultura y psicología castellanas" (Carré, 1911: 36).

Chegado o historiador ao momento de comentar a atividade do grupo a que pertence, detém a descrição de obras e autores para realizar umha série de reflexões. E, com a prudência que se supõe a umha obra "para todos", mas com a segurança de acreditar nas ideias defendidas, comenta Carré que quer fazer "algunas consideraciones que juzgamos no sólo necesarias sino convenientes". Era então o momento de esclarecer a estratégia seguida e os objetivos visados; as suas palavras quase não precisam comentários[702]:

> "En este moderno resurgimiento del habla gallega, hanse dibujado, apenas aquél se inició, variadas tendencias, que se pusieron más al descubierto tan pronto se intentó, llegada ya la sazón de la oportunidad, poner coto al desbarajuste natural, y hasta cierto punto lógico, en toda época de renovación.
>
> Prescindiremos de la que más se señaló y más apasionamientos produjo desde sus primeros momentos, ó sea de la que defendía la mayor pureza etimológica en la escritura
>
> [Em NOTA: Uno de los puntos más controvertidos fué el empleo de la *g, j* y *x*. Sin que lo juzguemos prematuro, creemos que, hoy por hoy, no es para discutido ese punto, habiéndose casi tácitamente convenido el uso exclusivo de la *x*, pues acostumbrados todos á leer el castellano no darían adecuada pronunciación gallega á la *g* y *j*. Claro es que, en todas las lenguas escriben las palabras con todas sus letras propias, pues los extranjeros ya se cuidarán muy mucho de darles su verdadero sonido; pero en

---

portuguesa, insere a citada publicação o artigo "Galicia Europea sus relaciones con Inglaterra é Irlanda". Nele, e seguindo o autor entre outros Fernão Lopes, fala-se do *inevitável* Conde João de Andeyro, retirado a Lisboa com D. Fernando de Portugal, de Fernando de Castro (refugiado em Inglaterra, etc. E conclui-se, mui *murguianamente* que "Galicia ha vivido en comunidad más estrecha que el resto de la Península con el centro de Europa" e acaba criticando-se "la influencia arábigo semítica tan perceptible y de tan nocivos frutos en otras regiones de España".

[702] Polo vivo interesse destas páginas, transcrevemo-las quase integramente, apenas acrescentando os comentários que julgamos pertinentes para a sua interpretação à luz de toda a trajetória anterior.

> el gallego, aun cuando la pronunciación de aquellas letras sea como en francés, parece que hay empeño en darles el sonido áspero y fuerte del castellano, desvirtuando así la dulzura y armonía de nuestra habla. Por eso no podemos estar conformes con lo que dice Ribalta sobre las *geadas* en gallego en su "Reforma de la ortografía".

Ribalta, como se sabe, era defensor da ortografia fonética. Mas não é este o aspeto mais interessante da confissão de Carré. Por um lado, apresenta-nos o problema do sistema em termos de luta de grupos. E percebe-se por outro, nas suas palavras, a existência dum pacto tácito a respeito da ortografia etimológica, no sentido de não usar mais que o *x* como representação da palatal fricativa surda, pacto que, de resto, o sistema nacionalista não vai respeitar; a razão foi o duro ataque que sofreu a tendência etimologista, não por outra causa que a de lerem os seus adversários as grafias *g, j* à castelhana. Carré está a lamentar a ignorância e a má fe de, por exemplo e sem citá-lo, o próprio presidente da comissão ortográfica da Academia, Pérez Ballesteros. Lamenta no fundo o pouco amor e consideração do próprio, a respeito do qual os seus mesmos paisanos se comportam ainda pior que os estrangeiros que "ya se cuidarán muy mucho de darles su verdadero sonido" a outros idiomas.

Mas o seu labor de regeneração não foi em vão. Conseguiram polo menos, após aplicados estudos, banir (não de todo) a multitude de signos ortográficos que eram usados por muitos escritores regionalistas[703], e já se davam por satisfeitos, dada a precariedade do sistema[704]:

> "Nos concretaremos únicamente á lo que se refiere al uso de apóstrofo, guión de enlace y otros signos ortográficos[705]. [...] El uso -y abuso-que se hacía, como dejamos dicho, de tales signos, dificultaba en grado sumo la lectura, no sólo por aquel abuso ó

---

[703] Estaria o texto de Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional* (1904)detrás destas propostas do grupo corunhês?

[704] Essa precariedade, no âmbito mais estritamente literário, era denunciada na inauguração da Academia, mesmo em discursos de regionalistas moderados, e ainda temerosos de assomos separatistas. É o caso de Leandro Saralegui y Medina, quem quase vinte anos atrás víamos debatendo sobre o *perigo* português.
"[...] no admite réplica, por muy triste que sea confesarlo, que Galicia no está todavía, ni con mucho, á la altura del progreso científico y literario de otros antiguos estados independientes de la Península, con los que puede y debe aspirar á competir dignamente».
Mas havia opiniões em contrário; por exemplo, e citamos umha da mesma época, a de Casás Fernández, que acabará ingressando na Academia em 1936, e será o seu primeiro presidente durante a Ditadura franquista, em 1942:
"La regeneración de nuestras letras aparece fuerte, vigorosa y prepotente. [...] Los esfuerzos y las aspiraciones de Pastor Díaz, Murguía, Rosalía Castro, Camino, Losada, Carbajal, Curros, Ballesteros, Iglesias y otros eximios campeones de las huestes del regionalismo gallego, llenaron con los fulgores de su genio la clara y resplandeciente luz del horizonte de nuestra cultura".
Curiosa enumeração: dos citados, apenas três estavam vivos; Ballesteros e Murguía têm a mesma idade, sessenta e três anos; Curros é mais novo, cinquenta e cinco, mas vai morrer dous anos mais tarde. Qual seja a razão de que não cite Casás mais poetas vivos, mesmo da geração dos primeiros (estranha, se não outra, a ausência de Pondal), desconhecemo-lo.

[705] O tema "a que se concreta" Carré é o mesmo "a que se concretava" onze anos antes nos textos de *La literatura gallega en el siglo XIX*, "apóstrofos, guiones de enlace y otros signos ortográficos"... (Carré, 1902:72).

abundancia excesiva, sino porque á poco que se repare en algunos escritos se verá que muchos autores desconocían, y aun desconocen, su más recta aplicación.

Los primeros á simplificar todo lo posible -pues en absoluto no podía hacerse,- el uso de los signos y á unificar la forma de escribir más razonado y legiblemente que hasta entonces [omitimos nota] fueron los literatos coruñeses. Esta labor de reconstitución y unidad ortográfica fué seguida de una detenida y bien estudiada selección de voces, determinando su morfología literaria y evitando el empleo de aquellas otras que tuviesen su equivalencia gallega, lo mismo que de otras dudosas, de mal gusto, groseras y de viciosa pronunciación que algunos ecritores poco escrupulosos juzgaban y adaptaban -aun hoy quien así lo hace,- como netamente gallegas, sólo por ser pronunciadas por gentes nacidas en la región, como si los errores, barbarismos y defectos en la emisión fuesen belleza y pureza del lenguaje ó como si fuese imprescindible para modelos literarios ir á buscar las frases y vocablos en labios cuanto más rústicos y mal hablados mejor. Literato hubo que tanto más áspero y bárbaro era el vocablo tanta mayor belleza le disputaba".

É mais do que evidente o interesse que sempre presidiu ao grupo corunhês, de ampliar e modificar o repertório central usado até à sua intervenção, cientes de que estava aí um dos mais perigosos, paralisantes e autodestrutivos elementos do sistema regionalista, impedindo a sua concorrência com o polissistema espanhol, e a consecução de público e agentes para o seu desenvolvimento.

Carré define em termos de vanguarda (no contexto do sistema) o aparecimento do grupo corunhês:

"Aun en algo más se han distinguido y señalado los escritores coruñeses en esta cruzada a favor del habla regional, y por eso no titubeamos en considerar esta nueva fase de las bellas letras en Galicia, como la fecha de la aparición de una nueva escuela literaria que podemos titular en realidad de verdad y sin rebozo alguno: escuela coruñesa".

E explicita as razões da denominação, centradas na constituição, como *Otro Fernández* queria, dum polissistema galego, completo e competente em géneros, modelos e materiais:

"Ese algo más de los escritores de la capital de la región fué dignificar y elevar de todo no sólo el lenguaje tanto en la poesía como en la prosa sino el concepto de la literatura general gallega.

A la elegancia, buen decir, cultura en la frase y en el asunto, al sentimiento, dulzura y delicadeza de la poesía gallega había seguido un relajamiento grande. El buen gusto fuera sustituído por la chocarrería más desvergonzada: no semejaba sino que el gallego no podía ni debía ser empleado más que en asuntos triviales, vulgarísimos y rayanos en la impertinencia, cuando no en la obscenidad, especialmente al tratar nuestras costumbres rurales, teniendo á gala y en el loco y único afán de provocar la risa, de presentarlas ridiculizándolas groseramente y huyendo de todo cuanto pudiera idealizarlas [omitimos nota].

Escritores pulcros y atildados, al escribir en castellano, se convertían en verdaderos bufones al usar el gallego, cual si su lengua materna no fuera digna de los mayores respetos [NOTA: Basta leer los título de algunas obras, para juzgar del desenfado de sus autores, que ni aun tuvieron delicadeza para bautizar su producciones] Y no se diga que

esto lo hacían personas inominadas, gentes sin cultura ni educación, no: para mayor vergüenza los que más se excedían en dar la al gallego esos tonos de impureza eran gentes á quienes sus estudios y carreras parecían deber poner trabas á sus atrevimientos".

E Carré explica como os grupos se confrontaram, paradigma do enfrentamento entre linhas secundárias e primárias, mas agora posta em causa a expansão ou contenção do sistema emergente:

"Contra tanta degeneración y vileza se alzaron en Santa Cruzada, y á buen tiempo por cierto, para poner coto á esa desenvoltura literaria, los poetas y escritores de la Coruña. La polvareda fué inmensa. La vulgaridad y la rutina, el pésimo gusto y el poco apego al estudio y á las cosas de la tierra fueron desde luego-y á estos los tenían ya descontados desde los primeros días, -sus más principales y encarnizados enemigos. !Qué de cosas se dijeron! !Qué de atrocidades literarias y filológicas se perpetraron! Los que hasta entonces se habían considerado á sí propios como los árbitros y definidores de la opinión pública protestaron indignados. ¿Cómo, ellos los indiscutibles, los maestros, los únicos oráculos, puestos en duda y entredicho por unos cuantos desconocidos que venían á despertarles del grato sueño de la inatividad intelectual en que yacían?"

Carré vai atacar duramente a autocomplacência dos grupos que pretenderam substituir, e da sua marcada tendência a impedir a solidez, o rigor e a proliferação sistémicas; e não vai poupar a censura à subordinação desse sistema ao espanhol, e a sua consequente referência no polissistema português:

"¿Qué cosas eran esas de léxico, fonética, morfología, y demás de que les hablaban? ¿Qué necesidad habían tenido de todo eso hasta entonces para asombrarse unos á otros con los desmedrados frutos de su ingenio?

Ellos habían escrito y debían seguir escribiendo en su gallego acomodaticio, supliendo voces gallegas que desconocían por las castellanas galleguizadas con mayor ó menor acierto, empleando apóstrofos y demás signos donde mejor les viniera y escogiendo siempre los mismos asuntos que repetían con una monotonía abrumadora.

Así el revuelo fué grande, entre los tenidos hasta entonces por maestros. Fué de oír lo que se dijo contra los que venían decididos á volver por la pureza y elegancia del lenguaje. Verdaderas enormidades, que provocarían á risa sino dieran tristeza por el atraso intelectual que acusaban, vieron la luz, no siendo la menor la de quienes á los restauradores de la pureza del idioma tildaron de aportuguesados[706] y á las voces de más pura cepa gallega, sólo porque ellos las desconocían y no la encontraban en los deficientes léxicos, no tuvieron inconveniente en tildar de lusitanismos, antes que confesar su ignorancia en la lengua de sus padres [NOTA: No se juzgue que exageramos. Para los que recuerden ciertas campañas, no será desconocido el

---

[706] Esta será umha *acusação* que se fará habitual no evoluir do sistema galego, e que vai proceder sempre, dentro do sistema, do setor regionalista já secundarizado no nacionalista. Por exemplo, Otero Pedrayo, que não se distinguia por ser dos mais audazes na renovação da língua tomando como apoio o português (no entanto, no pré-guerra espanhola, irá singularizar-se como um dos seus mais vivos defensores mesmo no Parlamento Espanhol e dirigindo-se a Unamuno), é chamado (acusado para os que emitiam o juízo) aportuguesado polos seus artigos em *El Pueblo Gallego*, em 1929, desde a revista *Galicia en Cataluña*, perfeita representante do regionalismo dos anos vinte e trinta.

> caso de quien, tenido en concepto de muchos por una verdadera celebridad, negó en varios artículos que palabras tan gallegas y generalizadas en toda la región como abafar, uvtono [sic: sem dúvida gralha por *outono*] y segunda y terceira feira, fuesen palabras gallegas]
>
> Por eso, por la noble empresa de combatir viejos prejuicios y volver por los fueros de todo lo nuestro, lengua, literatura é historia; por la dignificación que iniciaron y que continuaron en sus trabajos literarios, dique opuesto á tiempo á corrientes malsanas que hicieron retroceder; por la elevación y elección de sus asuntos, belleza de los pensamientos, melodía y cadencia de las frases y pureza de vocablos y giros, se señalaron bien pronto los literatos coruñeses y el ejemplo dado, no fué perdido".
>
> Gran número de escritores regionales siguieron las huellas de los escritores de la Coruña y hoy la literatura gallega, encauzada de nuevo, volvió a recobrar la brillantez y caraterística de otros tiempos.
>
> La unificación, salvo pequeños detalles de conjunto, está hecha por completo y hoy se estudia y conoce más nuestro léxico que en los comienzos de este glorioso renacimiento literario que tan honda crisis hubiera experimentado de no haber acudido á tiempo á su remedio".

Carré não abandonava o seu otimismo. "El ejemplo dado no fué perdido", se atendermos a que impediu que o sistema acabasse reduzido a *Gallegada(s*), *Pasaxeiras*, ou, como muito, a *Cousas d'Aldea*. Que as linhas de Lamas Carvajal ou Rodríguez López fossem as únicas a que a Academia, não fosse constituída[707], ou a que a língua se manifestasse na Galiza com códigos particulares, sem critério unificador e minimamente rigoroso. O que realmente conseguiu a escola corunhesa foi aparecer como alternativa. Umha alternativa que, aperfeiçoada, vai continuar nas Irmandades da Fala; mas a linha combatida vai também persistir, e ainda triunfar durante os anos seguintes. Ela acabará secundarizada no sistema nacionalista, mas não por isso vai desaparecer. A linha que a escola corunhesa representa, significada em Lugris ou Carré, será, e não por acaso, a que se una à tendência nacionalista.

Precisamente, e na sequência do que afirmamos, o comentário a seguir de Carré não é apenas umha crítica pessoal; está a detetar por que modo elementos dirigentes do sistema a que eles se opunham, vão adotar algumhas das normas e modelos propostos polos corunheses para perpetuar a sua dominância, o que lhes permitirá não viver fortes convulsões nos anos imediatamente posteriores, por mais que Carré poda pensar que foram totalmente convencidos das inovações:

> "Y, caso extraño, prueba de la desaprensión de ciertas gentes. Algunas de aquellas presuntuosas personalidades que se juzgaban a sí mismas como autoridades y definidoras del lenguaje; aquellas que más se incomodaron contra los regeneradores que creían nuevos iconoclastas, mudaron de parecer así que vieron el firme camino por do iba la nueva evolución y comprendiendo que había algo más que hablar por hablar,

[707] Não por acaso é neste capítulo que dedica à escola corunhesa onde Carré trata da fundação da Academia.

> estudiaron, aprendieron algo que les era enteramente desconocido y luego, como si los escritores coruñeses con quienes habían contendido no hubieran sido los iniciadores y los que plantearan en el terreno las nuevas formas, se presentaron ellos como innovadores de una modificación tan esencial y que tanta influencia beneficiosa había de ejercer en nuestras letras".

Carré confia no triunfo futuro da linha polissistémica por eles proposta; como já anotámos, ela começará a vingar a partir de 1917:

> "Bien haya tan saludable corriente en la literatura gallega. Ella señala una época. Si hoy no se reconocen con toda amplitud sus méritos de la obra día llegará en que así se consigne. Nada ni nadie puede ir contra las justicias del tiempo. El será el encargado de destruir muchas reputaciones de oropel, creadas á costa de grandes y trabajosos esfuerzos; y él se pondrá en el sitio de esas falsas glorias, aquellas que lo son y muy legítimas de la literatura patria, en las hojas de cuya historia habrá una página brillante para la aparición de la escuela literaria coruñesa".

Vemos, então, e por outra parte, que o sistema ainda está procurando e afirmando a sua legitimidade, presos, e perigosamente, da impugnação a que aquele era submetido. Com efeito, forçado a dirimir polos seus adversários a sua validade, o sistema não respondeu suficientemente com inovações ou explorou a proliferação para outros campos (géneros, estilos, temas renovados, etc, mas também mercados, institucionalizações,..). Continuou a reafirmar os seus princípios, o que também já começava a ser paralisante.

Porque, como já é possível concluir, vinte anos após as primeiras manifestações que aqui estudamos, o discurso regionalista continua a reiterar e a girar em volta de ideias e problemas daquela altura. O que, por si próprio, não seria pernicioso para o sistema; mas, se carecer de renovação e de aparecimento doutras novas tendências corre o risco da sua esclerotização. O sistema regionalista, sempre cercado, sem dúvida, continuava a responder ao cerco com praticamente as mesmas armas de que dispunha em 1890, por exemplo; também na sua Transferência portuguesa não adiantava. Não inovava em géneros, estéticas, mercados, produtores nem, mui possivelmente, leitores. Empenhado aliás na luta política, agora agrarista, esta componente acabava por reforçar a linha tradicional e pragamatizante. Isto explica a nosso juízo o facto de alguns teóricos terem denominado como "depressão" esta fase. E assim foi; longe de ser casualidade, mal dos anos, má fortuna de não haver escritores, a causa ao nosso entender deve ser procurada na sobrevivência ainda da estratégia seguida por grupos dirigentes do sistema desde muitos anos atrás, que, aliás, não se renovaram quase, e se o fizerom, foi normalmente por osmose com o que havia. O que valia para 1900, como muito, não podia suster-se, e menos num sistema emergente, para 1910: "*renovar-se ou morrer*" podemos dizer em esquemática síntese. E, se não morreu, languidesceu, polo menos até ao surto das "Irmandades da

Fala". Apenas o labor regenerador do reintegracionismo corunhês, a "página brillante", e a renovação de poetas como Cabanillas, conseguirom impedir que a linha mais conservadora (menos *polissistémica galega*) se impusesse definitivamente.

PARTE TERCEIRA
A Galiza em Portugal

VI

A GALIZA EM PORTUGAL

VI.1. A imagem da Galiza, dos galegos e da Espanha no Portugal de fim de século

> "Vistam-me um peralvilho de Lisboa com uns calções de burel, uma jaqueta de abas, um colete vermelho assertoado, calcem-lhe uns sapatos grossos, dêem-lhe uma fouce, e mandem-no para o Alentejo: no Alentejo chamar-lhe-ão galego, como em Lisboa é galego todo o homem da Beira, em Coimbra o do Porto, no Porto o do Alto Minho, no Alto Minho o filho das margens do Bibey ou do Tambre, e creio que na Andaluzia o será o alentejano, como em Lugo e Compostela o é, talvez, o asturiano ou o vasconço"[708].

Isto escrevia Alexandre Herculano, no seu prólogo à narrativa inconclusa *O Galego*, que abriria umha série dedicada aos tipos portugueses. Era o ano 1844 quando o texto conhecia a luz na *Panorama.* Adereçado ainda com alguns exageros da *colheita* lisboeta do prosista, contém todo o processo seguido por palavra e pessoa até constituírem um tipo que lembra e esquece a um tempo a origem. Era, em definitivo, o resumo da trajetória que o gentílico percorrera até converter-se em íman das várias aceções pejorativas que a palavrita atraía. Era o sentido com que o termo funcionava na comunicação portuguesa. *Galego* ativava logo esse tipo de ressonâncias, mesmo que se tratasse de identificar os habitantes da Galiza, sem mais, o que já constituía um obstáculo para o labor prestigiador em que vários dos mais importantes intelectuais portugueses da época que focamos estavam empenhados.

O autor d'*O Bobo* aprofundava nesta obrita nos vários tipos de galego, que resumia em três: o galego mito; o galego história e o galego atualidade; "o primeiro um símbolo; o segundo um ovo; o terceiro um elemento social". E comentava como na História da Galiza aparece primeiro como símbolo da nação resistente e forte; depois como origem de Portugal e, em terceiro lugar

---

708 Alexandre Herculano, 1969:166.

(aqui estava o problema do estereótipo), como um aguador, um carregador de Lisboa. Passa a constituir um tipo, onde não importa a sua origem, mas o que representa.

O investigador Horácio Marçal propunha sobre esta matéria umha classificação dos sentidos da palavra[709]. As suas investigações tirando as opiniões do historiador sobre Lugo e Compostela... confirmavam a descrição de Herculano.

Com efeito, galego era o minhoto, como era também o português no Brasil, ou o da vila nortenha próxima por terras do Ribatejo, sempre com perspetiva do Sul. *Trabalham como galegos* é frase caraterística nestas e noutras zonas, e, daí, estamos já à beira dos tratamentos pejorativos, "sinónima de *incivil, rude, grosseiro, brutal, teimoso, etc.*" como indica Marçal.

A estes propósitos, cita o investigador luso como o galego ocupava no séc. XIX os trabalhos mais pesados, especialmente no Porto e Lisboa. Para além das profissões tipicamente citadinas (criados, aguadeiros, cocheiros, moços de cozinha...), outras do mundo agrícola, particularmente as temporárias, eram igualmente galegos que as exerciam. Os labores da vindima no Alto-Douro são fiel testemunho. A vinda nessa altura de muitos habitantes do Minho para acima, estendeu o vocábulo a todos os trabalhadores temporários[710].

Assim foi como o amola-tesouras e navalhas, o moço de fretes, o rendeiro, os cadeirinhas, carvoeiros, ambulantes, e outros referidos, começaram a ter ao seu lado a palavra galego como sinónimo. E a fortuna da consideração do trabalho e do caráter pola sociedade trouxo como consequência as extensões semânticas do vocábulo, e isto já, por exemplo, desde Sá de Miranda. Do séc. XII ao XVI muitas cousas aconteceram. Os temíveis galegos de que falavam os árabes alá ficaram.

E, é claro, a literatura popular, o refraneiro, os adágios, testemunharom as aceções. Assim, e sempre seguindo Marçal, há *fome galega*, mesa sem pão é mesa de galegos, e, daí, duzentos galegos não fazem um homem senão quando comem. É um galego do patrão, submisso e humilde, embora a insubordinação poda ser motivo de formar umha corja ou cambada galega. Comportar-se como um grosseiro é comportar-se como um galego, como o disparate pode ser umha fantochada galega. Ser um homem parvo é sinónimo de galego; ser ardiloso ou possante também. A brutalidade é umha galegada, e, enfim, *Deus criou primeiro o português e depois o galego para o servir*, curiosa

---

709 Seguimos para este parágrafo substancialmente as achegas de Horácio Marçal (1954).

710 A respeito disto, o próprio Horácio Marçal indica umha quadra popular recolhida polo Dr. Augusto César Pires de Lima que testemunha esta presença galaica: "Raparigas de Fontela,/Que há-de ser de vós agora?/A 'strada 'stá-se a acabar,/*Os galegos* vão-se embora» (S. Tiago de Areias, Santo Tirso).

teologia popular e revisão de cronologia digna de melhor causa, que, afinal, vai parar ao mesmo sítio.

Em definitivo, o tempo fizo que os da Gallaecia, dito seja com toda a propriedade, fossem já, não filhos da Galiza, mas filhos da terra, como escreveu Herculano[711].

O galego vai constituindo-se assim numha figura quotidiana da vida portuguesa, até chegar a ser insubstituível. A professora Vázquez Cuesta (1992:419) reproduz um testemunho recolhido por Joel Serrão[712] de princípios do século XIX nesse sentido: "Cando en 1801 se pensa en expulsalos do país por estar este en guerra con España, desístese logo da medida "*porque o intendente geral de polícia representou que, se se mandassem embora, não haveria quem servisse a cidade de Lisboa e Porto*".

Ora bem, o azar galego nem acabou nem se culminou com as apreciações dos portugueses. A maior sanha e dureza veu, não podia ser doutra maneira, do espelho quase perfeitamente convexo, dos castelhanos. Caramés Martínez (1993) é autor dum mui documentado livro sobre a matéria, em que analisa a construção do estereótipo do ponto de vista espanhol, particularmente na literatura, desde a Idade Média até aos nossos dias. Num artigo publicado pouco depois do de Marçal na mesma revista *Douro Litoral*, Jesús Taboada (1954) mostrava como a cobardia, a desonestidade, a torpeza serviam para desqualificar um povo no seu conjunto e na sua identidade. Umha lenda negra que se formou no século XVI, quando a Galiza definitivamente tinha perdido a sua independência e proeminência cultural, com umha economia desfeita e a emigração como fraco remédio no horizonte. Foi um ataque sem matizes, e de que os portugueses também não se safarom, como a literatura do *Siglo de Oro* espanhol revela e a atualidade ainda não desmente totalmente[713]. As agressões, como se vê, também devolvem identidades. Até porque, como *verbi gratia* os escritos de Herculano elucidam, dar trato pejorativo com o termo galego é insultar os próprios nacionais[714].

O estereótipo do *galego* (misturando origem e tipo) aparece nos mais relevantes escritores da época; como comenta Vázquez Cuesta (1992:419) sobre

---

711 A lembrança da Galiza fica também por topónimos o que provocou que mais dumha vila ou aldeia quisesse mudar de nome, antropónimos, potatónimos, espécies do mundo agrícola ou animal, etc. Não vamos demorar-nos nesses aspetos, menos interessantes para a nossa aproximação. Remetemos pois para o mencionado artigo de Horácio Marçal, e para o livro de José Luís Pensado *Galicia, el gallego y sus gentes* (1985).

712 Serrão, ed: *Dicionário de História de Portugal* 1965-1971, t. II, p. 321.

713 Cfr. a este respeito Taboada (1948) e Constantino Garcia (1986), para além dos citados de Marçal, Taboada e Pensado.

714 Muito haveria a dizer sobre o triângulo castelhanos, portugueses e galegos, onde estes dous últimos se encontram e confundem nas humilhações a que os primeiros os submetem. No livro de Caramés Martínez (1993) podem consultar-se alguns exemplos (v. gr. p. 99 e ss.).

a obra de Eça: "Ainda no último tercio do século XIX "pesados galegos cor de greda, de passadas retumbantes e formas lorpas" (Eça, *O Primo Basílio*, episódio doméstico, 11º ed. Porto. 1927, p. 251) circulan coma sombras sen nome nin outra identificación que a da procedencia polas novelas de Eça de Queirós".

Mui elucidativa também da consideração do *galego* e do funcionamento do estereótipo é a obra de Camilo Castelo Branco, que há algum tempo tivemos oportunidade de estudar (Rodríguez e Torres, 1994). O grande sarcástico que, por vezes, Camilo foi, preencheu o seu mundo literário de galegos de toda a classe e condição; na realidade a sua obra parece-nos umha excelente síntese da fortuna do termo em Portugal; mas reservou-lhes normalmente um lugar carinhoso e valorizador. Comentava-o assim Horácio Marçal, 1954:4):

> "Antes, porém compete-nos informar que nem sempre os nossos irmãos de além-fronteiras têm sido maltratados ou desfeiteados pelos portugueses, porquanto houve um fecundo escritor que, não obstante a evidente mordacidade que ordinàriamente empregava nos seus escritos, soube elevar bem alto a nobreza de caráter dum galego".

Não coincidia porém Jesús Taboada (1954:115) com esta opinião: "Horácio Marçal se refiere en su importante trabajo a Camilo Castelo Branco, que en una de sus obras dignifica el caráter de un noble corazón gallego. No obstante sin espigar mucho en sus obras, podemos manifestar que en otras partes escribe de ellos con el mismo desdén que era tópico vulgar".

Na verdade, na comunicação que citávamos pudemos concluir que, sendo verdade superficial as apreciações de Taboada, o resultado que a obra camiliana nos oferece, no profundo, a respeito da figura e tipo do galego, coincidem com as expressadas por Horácio Marçal. O galego é útil ao seu humor, mas nem por isso esquece o escritor que esse galego (o baixo, o bruto, o da Galiza) é origem portuguesa, o irmão da Galiza e é também o minhoto. Atacar o galego já não é apenas atacar a dignidade humana em geral, é atacar em boa medida a si próprio. Tudo o que configura a contradição que envolve a obra camiliana (e não exatamente o *pensamento camiliano*) aparece aqui com especial relevo. Lembremos que na altura os galegos não o perceberom precisamente como um inimigo da Galiza; no ano em que as segundas edições do *Amor de Perdição* vinherom a lume, publicavam-se já num periódico galego alguns poemas do autor de Ceide[715].

E essa identidade galego-minhota, galaica, da Galécia reunia numha unidade mais ampla a Galiza e Portugal. O galego não é mais então, e por dizê-lo de algumha maneira, umha particularidade quantitativa do que qualitativa. Camilo, permita-se-nos mais um coloquialismo, possivelmente também *ceava às oito*, e conhecia o que isso significava a respeito dos galegos e da Galiza. Um estudioso amante da sua obra, o Professor galego Carlos Paulo Martínez

---

[715] Referimo-nos a *Galicia, Revista Universal de este reino*, ano V, núm. 5, 1/03/1864.

Pereiro, numha recente edição do *Morgado de Fafe em Lisboa*, transcreve um trecho de «Uma epístola de Garrett e o Porto» a propósito da representação do *Morgado* em Lisboa. O texto permite ver que, querendo afirmar diferenças, o que se afirma é a comum/unidade que os avatares da História ainda não conseguirom apagar de todo, por mais que fossem os esforços nesse sentido empregados. Ei-lo o texto para se tirarem as próprias conclusões:

> "A «sórdida ignorância», dessa não há vestígios, nem do «bê», nem do «resfôlego nasal». Nariz e beiços levaram grande volta. Hoje predomina o «v». Tudo é «vom» e «vonito». As damas principalmente, mais comunicativas com as de Lisboa já penduram umha croma de sons de cada palavra interrogativa. «Passou vem»? Este «vem» é um zunido, que dura o tempo necessário para o interrogado responder com a história dumha anasarca em si e duas hepatites crónicas na família.
>
> O «sestro brácaro maldito», diz Garrett. Desgraciada calúnia! Em Braga, tirante a gente miúda, falam o português limpamente as pessoas de mediana leitura, e em perfeito grau as instruídas. O autor de «A Filha do Marquês» à fina força queria que os bracarenses fossem galegos. Por isso lhe patearam a comédia em Lisboa.
>
> Não lha patearam os bragueses: foram os pés da providência e da justiça. Em Lisboa folgam as plateias de ver que os minhotos sejam naturalizados em Galiza no teatro. Minhoto português é absurdidade que escandaliza a bazófia dos lisboetas. O insigne actor Rosa, por sustentar em cena o meu «Morgado de Fafe», agalegou-o. Com que nevralgias de coração via eu as graçolas portuguesas do meu jovial personagem injuriados pola pronúncia, como se a graça fosse exclusivo de Galiza, ou lisboetas só de chalaças galegas pudessem rir!
>
> Garrett sacrificava os seus patrícios e seu bom siso à hilaridade dos de Lisboa."[716]

O lisboeta não queria ver um compatrício ridículo e procurava-o no que sendo próprio estava sob a raia doutro País.

Se recorremos a estas breves referências à obra de Camilo é porque a sua vai ser umha atitude mui similar a que, quase pola mesma época, vai estar presente no entendimento da Galiza por parte do regionalismo minhoto. Em Camilo concentram-se os *modos de olhar* o Outro que, sobretudo João Verde (cujas ideias são, aliás, continuadoras das de Teófilo ou Leite), vai utilizar na sua particular *defesa e elogio do galego*.

Com efeito, o estereótipo oculta o que os portugueses não querem reconhecer: a dívida e a união com a Galiza hoje marginalizada e espanhola.

Algumhas das crónicas que sobre o além-Minho chegavam a Portugal serviam para cunhar a imagem da Galiza como miserável e recôndita. O que para alguns, os menos nesta época, vai ter o atrativo do misterioso e remoto, para outros *olhares*, como o de Anselmo de Andrade (1885:114[717]), o encanto da

---

[716] Martínez Pereiro,1991: 5. Texto de «Uma epístola de Garrett e o Porto», Cap. IV de *Cavar em Ruínas,* citado pola quinta edição da Parceria António Maria Pereira-Livraria Editora (Lisboa, 1927, pp. 44-45)

[717] Citado por Vázquez Cuesta (1992:420.

Galiza fica totalmente obscurecido pola conjunção do estereótipo do galego e da constatação da marginalidade daquela terra:

> "Nacionais e estrangeiros deduzem do tosco produto as suas ideias acerca da terra produtora. Aquelas individualidades sujas e desprezíveis, espalhadas polo mundo, são a causa de se formar geralmente umha ideia triste da pátria dos criados de servir do género humano [...] Não há terra menos conhecida nem mais caluniada do que a Galiza. Na Espanha é umha enjeitada. Fora de Espanha é o país hotentote de Europa. Não a julgam digna de figurar nos itinerários ou nos roteiros do viajante. Ninguém lá vai".

E, como bem anota Vázquez Cuesta (1992:419): "Galicia carecía para os portugueses do último tercio do século XIX do prestixio que a Madrid lle daba ser a Capital, e da sona tocante a mulleres e a exotismo de que gozaba unha Andalucía que promocionara turisticamente o Romantismo, sobre todo o Romantismo francés".

Imagem da mulher, a única muitas vezes que os portugueses que visitam a Galiza vão levar consigo para a sua terra, aparece progressivamente modificada nalguns meios; vimos já alguns exemplos, e na continuação, anotaremos mais algum. Mas a persistência da imagem pobre, dependente e marginal da Galiza vai também ser transmitida, estereotipadamente, através de determinadas mulheres galegas. Sintoma disto é a série "Typos Hespanhoes" da prestigiosa revista *Ocidente*, que na p. 177 do seu número de 10 de janeiro de 1899 insere, com o epígrafe de "Costumes" umha gravura de "A escabicheira da Galliza".

A imagem do galego, cuitado, trabalhador e miserável, que sai da sua terra à procura de fortuna e que consegue umha posição na sociedade respeitada ao cabo dos anos (imagem similar ao galego das *Coisas espantosas* de Camilo[718], por exemplo) é umha figura frequente, que mesmo hoje continua social e literariamente ativa. O tratamento que esta figura recebe no plano literário costuma ser o resultado dum misto de ironia, ternura e superioridade.

Com o título "*Historias Modernas*. Um gallego-portuguez" *O Alto Minho*[719] de Monção (convertido desde 1903 em órgão do Partido Regenerador) oferece ao seus leitores do Verão de 1905, no espaço dedicado ao folhetim ou à crónica histórica, umha boa prova deste tipo de literatura, adubada com outros ingredientes próprios do estereótipo:

> "Hospedou-se no Hotel Central, ainda ha poucos dias, o sr. José Leonardo Domingues, nascido ali para os lados de Orense, em qualquer mez de 1845.

---

[718] Vamos levar em paralelo o comentário do texto de Plácido Marques com a obra de Camilo porque o autor de *Amor de Perdição* é talvez o melhor paradigma (por variedade de tipos e pola proximidade temporal da sua obra com respeito ao conto objeto do nosso estudo) do tratamento da figura. Como já antes anotámos, a obra do prolífico autor é acaso a que melhor resume as classes e funcionamento do galego na literatura e na sociedade portuguesa do século XIX.

[719] Número 111 de 14 de julho de 1905.

> Foi gallego de raça, e hoje é um cidadão portuguez para todos os effeitos, -naturalizou-se como tal e fez tres vezes bem".

> "É actualmente nosso companheiro e merece todas as honras concedidas aos mais altos personagens [...] E a razão d'esse merecimento é obvia:-o sr. Leonardo entrou com o pé direito no Brasil, regressando de lá com um pé de.. meia tentador, capaz de dominar um... bispo! (Ia dizer um... santo, mas a tal heresia não me atrevo!)"

Como se vê, o estereótipo entrecruza-se com o do *brasileiro*, tipo mui habitual no Minho do século XIX, referência mais próxima dos seus leitores (e, também, personagem mui caro à pena camiliana, em que mui possivelmente se inspirava o autor, Plácido Marques).

Decidindo abandonar a sua *raça* era como o galego saíra da sua miséria, depois de *percorrer* o itinerário migratório próprio dum minhoto sem fortuna, e, *brasileiro*, donde vinhera acompanhado dumha dama *tentadora* (a sorte do novo rico), conseguir nacionalizar-se português; umha espécie de processo iniciático que Marques relata na continuação aos leitores: "Este mesmo sr. Leonardo, ainda muito novo, [...] abandonou o lar paterno, um lar onde a pobreza e a miseria se familiarisavam desoladamente, e introduziu-se em Monsão, onde residiam adventiciamente alguns patricios seus, esperando, *ipsofacto*, encontrar algum allivio para aquella miseria que quasi o aborrecia".

Resulta óbvio o funcionamento de mais alguns ingredientes do estereótipo e da imagem do *Outro* (a Galiza) no autor, que deslocam para aquele os mesmos ingredientes que ao Minho são atribuídos por *Outros* ainda: por exemplo, a Galiza é miserável, como miserável era o Norte de Portugal para *olhares* doutros pontos do País. A narrativa de Marques é assim a narrativa que sobre o Minho podia ser construída, v. gr., por um lisboeta. Já outras marcas que aparecem no texto funcionam com caráter mais exclusivo para definir o galego; é o caso do *grupo*: o galego é, de regra, apresentado como ser anónimo dentro dum grupo da sua mesma *raça*, *raça* à parte: esse sentido grupal acentua a ideia de marginalização e dumha certa solidariedade *racial* da miséria. Determinadas ruas e praças de Lisboa são o seu espaço mais caraterístico, e a elas *enviará* Marques o galego.

A narração prossegue entre a ironia e a distância. Conta como aquele galego entrou ao serviço do sr. Sebastião Neves, "de saudosa memoria, o qual o honrou com o cargo de curador dos seus magníficos cavallos":

> "N'este modesto officio demorou-se, segundo os dados que houve d'um amigo, apenas uns cinco meses incompletos, mal medidos. Soube insinuar-se por tal forma no animo do seu patrão, que este, adivinhando no rapaz umha esperança [...] resolveu aquiescer aos seus desejos, as aspirações que manifestara, enviando-o para Lisboa em busca de fortuna.

> Ah, onde os seus patricios abundavam como moscas sobre rocim lazarento, exerceu o *gallegote* diversos mistéres: aguadeiro, moço de fretes, etc., cujos proventos, rigorosamente economisados, valeram-lhe para, n'um curto praso de tempo, se transportar a Buenos Ayres".

Enfim, a mesquinhez do galego, outro elemento nuclear da sua *raça*, mediante a qual consegue sair da miséria e até fazer-se rico, a custo de viver anos e anos na miséria e na fome. O efeito *boomerang* do uso do estereótipo do *brasileiro* e da aplicação de constitutos pertencentes também à imagem dos minhotos noutras zonas para caraterizar o galego fica, no passo anterior, revelada. Repare-se que o descuidado Plácido Marques salientava linhas atrás que o galego fora para o Brasil e que de ali vinhera com um "pé de... meia tentador". O conteúdo desse comentário, que permitia configurar rapidamente no leitor um determinado tipo, é quebrado agora polo *envio* do galego para Buenos Aires, lugar natural de emigração galega, coerente com o *galego*, mas não com o *brasileiro*. O lapso retira credibilidade ao conto de Marques e converte o galego, ao misturar os dous estereótipos, em *galego-português*, embora não como resultado dum processo como parecia anunciar o autor.

Plácido Marques continua a sua história. O galego, em Buenos Aires, dedica-se, para medrar, ao ofício que o galego mais utilizava, o de taberneiro:

> "Principiou muito modestamente, como em Portugal, no exercicio de varios officios, e como não alterava o seu systema de economia, realmente muito preconisado entre os cainhos do seu jaez, o rapaz não tardou em desenvolver com mais productivo resultado a sua atividade, montando uma taberna, depois uma mercearia, depois outra sob a gerencia d'um caixeiro de confiança, e, em poucos annos, era já o sr. José Leonardo Domingues, um nome acreditado no commercio de Buenos Ayres".

Ali casa com a filha do sr. Zacharias Montes, outro galego abastado,

> "depois de pensar maduramente no caso, como o fazia em todos os seus negocios, ainda os mais insignificantes, chegou á conclusão racional de que havia necessidade de casar, mórmente com uma mulher que pagasse ao menos o almoço, e que não fosse desazada de tudo, porque do contrario seria celibatario até á morte".

Continua tirando partido ao comum estereótipo Marques. Por exemplo, num dos mais conhecidos romances de Camilo, de título precisamente *A Brasileira de Prazins*, Simeão vende a sua filha em matrimónio ao pedreiro Zeferino das Lamelas: "negociara a filha com Zeferino como negociara com Tarraxa a vaca *marela* na feira dos 13", diz o narrador[720]. Por procedimentos similares aos do autor de S. Miguel de Ceide, vai contando Plácido Marques

---

[720] A pena de Camilo é muito mais sarcástica e irónica que a de Marques. A personagem que desenha o autor em foco concentra parte dos elementos com que Camilo configura a personagem de Simeão, Zeferino e o brasileiro, tio de Marta, a brasileira de Prazins (doente, como a Guiomar de "Um gallego-portuguez") com quem acaba casando o emigrante por razões muito semelhantes às que aqui são atribuídas ao Sr. Leonardo.

como o Sr. Zacharias chama numha ocasião "o sr. Andrade" [sic: novo lapso, agora para um apelido galego-português mui comum]; Zacharias "receiava [sic] de que sua filha, apesar de até ali obedecer cegamente a todos os mandados paternos, o que devéras o orgulhava, não se comformásse com o casorio". Falam do contrato; morre o sogro e, polo desgosto de Guiomar, vêem para Portugal por recomendação médica. A senhora morre de tuberculose. Retorna o Sr. Leonardo para Monção e ali encontra o autor do texto a quem comenta que já se naturalizara português e que "presto fixaria a sua residencia definitiva em Portugal, cujas belezas coloriu emphatizadamente, n'um mixto de linguas [outro traço do estereótipo do galego]... que batem certo".

A narração sobre o galego deixa passagem a algum aspeto positivo na biografia deste. O interlocutor, não sem ponta de ironia, estranha-se positivamente de que o galego lembre os seus princípios de curador em Monção que outros brasileiros endinheirados teriam omitido. E, com muita maior ponta, aparece o seguinte comentário:

> "Assim como me satisfiz a lealdade referida, que jamais deslustra a sua posição social, maguou-me intimamente, embora eu manifestasse o contrario, a circumstancia de não querer ser gallego...
>
> Uma birra de tal maneira aferrada nos cascos do sr. José Leonardo Domingues que não ha meio exequivel de lh'a desbaratar.
>
> Os povos de Orense que protestem solemnemente contra similhante absurdo, que deveria ser classificado, para os devidos effeitos, de crime anti-patriotico.
>
> Renegar a patria, é um crime; renegar a mãe, é outro.
>
> O sr. Leonardo, n'esta parte, não se acredita muito, e creio que um dia se arrependerá.
>
> Enfim...".

O comentário acrescentava o estereótipo da Galiza mísera; o Sr. Leonardo lembra, sem nengum problema, a sua origem *portuguesa* de curador mas para nada quer lembrar a ingratitude da sua terra e a sua procedência mesquinha. A magnitude que o narrador dá ao facto, estende o ridículo e a chacota à província ourensana. E, mais umha vez, curiosamente, aplicava Marques aos galegos a imagem que os portugueses tinham além Minho, e mesmo no interior do País: o da fanfarronice patrioteira.

Enfim, acaba o conto, colocado o português a respeito do galego da maneira inversa à que eram colocados no "pisto bilingüe" de Labarta: cousas do espírito de fronteira e dos *olhares* comuns: "Volte de Buenos Ayres com muita saude, muito dinheiro para si e para os amigos, que tudo se ha-de arranjar".

No capítulo que, na análise de "Portugal na Galiza" dedicamos à imagem do português no aquém Minho e às várias perspetivas que sobre o vizinho País se teciam, tivemos oportunidade de indicar como a partir de 1891 e, sobretudo, 1898, o relacionamento hispano-luso passara ao centro da atividade

política. Isso não significou que aumentassem qualitativamente as opiniões favoráveis à união peninsular nem que se modificassem substantivamente os receios históricos sobre a Espanha que faziam parte da identidade portuguesa; mas o certo é que o convívio entre diferentes grupos espanhóis e portugueses experimentou um considerável aumento e que o contexto político internacional, que para alguns era similar para Espanha e Portugal (pola ameaça ou a perda do império colonial), fizo que a *questão ibérica* fosse atualizada. Sem ánimo de sermos reiterativos sobre a matéria, queremos apenas acrescentar mais algum dado para completar o quadro em que o relacionamento galego-português se processa nesta época, e para o que recorremos a um semanário que se vai destacar na atenção à Galiza.

No número 7.110 de 8 de abril de 1903, aparecia n'*A Aurora do Lima* de Viana um artigo intitulado "Nós e a Inglaterra", que era reprodução de "um pequeno artigo do «Diario» (o *Diário da Tarde* do Porto mui possivelmente) que expressa bem o estado de cousas neste início de século no relacionamento hispano-luso. O título introduz já o terceiro elemento do triângulo político objeto de debate na altura, tanto em Portugal como na Espanha, e também na Galiza: a relação de Portugal com Inglaterra. Lembremos como ela era unanimemente criticada desde os meios espanhóis, e como os regionalistas galegos vão igualmente somar-se à censura, sendo a única vez que o referente de reintegração era criticado desde as páginas da *Revista Gallega*. Também em Portugal havia vozes que postulavam o relacionamento com Espanha e o abandono da aliança com a Inglaterra. Mas havia muitas outras que viam na Inglaterra precisamente o seu seguro de vida perante o que entendiam como ambições expansionistas espanholas, e, mui particularmente, depois do *desastre* espanhol de 1898. Entre elas estava a de *A Aurora do Lima* que introduz assim o artigo do colega portuense: "De epochas remotas temos n'este jornal registado quanto necessitamos de estabelecer em bases solidas a alliança com a Inglaterra, e por vezes temos tambem alludido á boa amisade d'aquella poderosa nação".

Posicionamento inequívoco. Se os espanhóis criticavam a aliança com a Grã-Bretanha como signo de debilidade e antipatriotismo (embora significasse em muitos puramente o lamento e a inveja de ter Portugal um pretendente mais poderoso), os portugueses argumentavam precisamente o seu patriotismo para manter a aliança que, se era reconhecida por alguns como umha perda de soberania, era também a barreira perante as tentações espanholas . Que, após a guerra de Cuba, estava o temor avivado lembram-no-lo estas palavras:

> "Depois da desastrosa guerra com os Estados Unidos, a nossa visinha Hespanha, desvairada de sentimentos pola immensidade da sua dôr, pensou em *compensações* para o seu desastre. Os mais exaltados deram impulso à ideia, que ia alastrando nos animos,

> mas inclinados á resignação e pouco dispostos aos persistentes e penosos esforços dum ressurgimento longínquo".

A Tradição e a História nutriram suficientemente o imaginário português para que o articulista pudesse ativar a memória dos seus leitores. Ele explicava, misturando as lembranças do século XVII com as expetativas ambiciosas que a Espanha teria nesse momento, como era imprescindível o tratado com a Inglaterra, mesmo que esta aparecesse como o irmão mais velho que defende o pequeno indefenso e orgulhoso do laço sanguíneo que lhe permitia algumha presunção perante outro irmão desleal. Funcionam emfim na argumentação os mitos e a realidades que a História cunhava e ainda estava a cunhar:

> "A sombra do duque d'Alba afigurava-se-lhes promettedora de remedio decisivo e opportuno. Portugal pagaria as custas da guerra que a Hespanha perdera, e em que ella insanamente se empenhara. Antes que essa propaganda constituisse agitação aggressiva, o governo inglez fez saber, mansamente e sem alardes, por via de resposta a uma simples pergunta no parlamento -como já doutra vez declarara, n'um documento diplomatico, em analogas circumstancias -«que a Inglaterra julgava subsistentes e validos os antigos tratados de alliança offensiva e defensiva com Portugal». O espectro temeroso do duque de Alba recolheu se logo ao tumulo. E nós podemos continuar em affectuoso convivio *con el pais hermano*, sem manifestarmos resentimentos, e até sem nos darmos como apercebidos de que elle pensara em ser mau visinho. Desculpamos lhe o ruim pensamento pela necrose da crise. Não fizemos caso. Mas foi a Inglaterra quem nos deu essa sobranceira serenidade".

VI.2. A Galiza em Portugal (1888-1907): umha presença periférica

Se o nosso leitor português imaginário, de que tanto vamos abusando, quisesse ter notícia da produção literária regionalista na Galiza através das publicações culturais não diárias que estudamos, nos primeiros anos do século XX, apenas poderia recorrer aos semanários do Minho. Podia completar essa informação sim com o *Jornal de Coimbra*, com motivo da visita da tuna compostelana, de que também temos notícia no *O Instituto*, e com a *Revista Internacional*, onde Fialho de Almeida publica a sua viagem por Vigo e Cangas; e se, por acaso, adquirisse, ou em fim lesse, o *Novo Almanach das Lembranças Luso-brasileiro* para o ano 1904, encontraria na página 364, no meio de duas "charadas", o poema "Un-a vez tiven un cravó [sic]", com o título de "Vaguedás", que leva entre parênteses a indicação "poesia gallega" e a assinatura "D. Rosalia Castro de Murguía" por toda a informação. Mui pouco mais. Se estivesse interessado pola filologia, e acudisse à *Revista Lusitana,* então veria, no volume VIII de 1903, publicados uns "Estudos de philologia gallega", de Leite de Vasconcellos, autor de quem pôde ler na *Revista de Lisboa,* um ano antes, o seu poema "Galicia, terra irmá de Portugal". E mui pouco mais. Pobre balanço, com efeito.

E se o seu interesse pola literatura da Galiza se tivesse já manifestado nos anos oitenta, tão-pouco podia esperar muito das publicações da época. Da existência do "co-dialecto" podia ter notícia dos vários estudos de Alexandre Herculano, Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos ou Adolfo Coelho, entre outros. De que existia umha poetisa interessante, "Sapho mavioza da Galliza", podia ter notícia em 1875 se lesse o artigo de José Simões Dias "A Poesia Lyrica em Espanha", no primeiro número do literário *A República das Letras* do Porto, que dous anos após publicaria no livro *A Espanha Moderna* (Baptista, 1989:15-19[721]); e não podia com ele satisfazer grandes curiosidades: aparece citado junto com Manoel del Palacio, A. Hurtado, Campoamor, Puerta Vizcaíno, e Trueba, entre os "muitos poetas populares que hoje em dia estão honrando a Hespanha" (Baptista, 1989:16); *Sapho* sim, mas o que escrevia, em que idioma, etc., mal o podia saber. Anos mais tarde, em 1880, o seu nome aparecerá assinando o poema "Dend'as fartas orelas do Mondego" na homenagem *Portugal a Camões* da *Publicação Extraordinaria do Jornal de Viagens* (Baptista, 1989: 42-43), poema que será reproduzido no *Almanach das senhoras para 1883* elaborado por Guiomar Torrezão.

A presença de Rosalia de Castro, a autora regionalista mais conhecida em Portugal, junto com Curros Enríquez, ilumina bem a evolução da vulgarização da literatura galeguista no Portugal finissecular. A morte da poeta e o traslado dos seus restos mortais a São Domingos de Bonaval em 1891 merecem ainda espaço nalguns jornais da época (em muitos outros, mesmo do Norte, não) mas, como comenta Baptista (1989: 194, v. gr.), não nas revistas. O mesmo acontece com os Jogos Florais desse ano em Tui, acompanhados polo *Comércio do Porto* (Baptista, 1989:195) com muita atenção.

Mas pouca notícia mais havia sobre a produção literária da Galiza. A obra de Rosalia é conhecida, como a de Curros, por alguns dos vultos da cultura portuguesa do momento[722][723]. Mas a atividade literária regionalista galega

---

721 Na Tese de Doutoramento, inédita, do Professor Rodrigues Baptista (1989) aparecem várias referências a Rosalia na imprensa portuguesa dos anos setenta em adiante, assim como algumhas alusões, normalmente de passagem, à sua obra em livros de autores portugueses.

722 Rodrigues Baptista (1989:60) comenta a presença de obras de Rosalia na biblioteca de Antero.

723 NOTA DE REVISÃO: Ainda que fora do âmbito cronológico da Tese de Doutoramento que sustenta este livro, convém aqui acrescentar o valioso trabalho de documentação feito por Xosé Manuel Dasilva: "veinticuatro poemas de Rosalía de Castro traducidos al portugués en el siglo XIX" (*Límite*, 8, pp. 239-266, 2014) que exuma o poema "O Gaiteiro" (de *Cantares Gallegos*), publicado em 1873, no número 347 de 10 de julho desse ano do *Diario Illustrado*, em versão elaborada por Luís Augusto Palmeirim, o que constitui, assim, até à data, a primeira notícia de Rosalia de Castro.
Palmeirim, escritor romântico de certa centralidade na altura, faz comentários introdutórios que ilustram o sentido da publicação e a receção postuladas. Dasilva transcreve alguns trechos (pp. 241-242), em que o poeta comenta que "o livro dos *Cantares Gallegos* inspira-se da mesma idéa que deu renome e popularidade a Trueba" e que vai "trasladar para portuguez alguns dos maviosos Cantares Gallegos glosados com um verdadeiro instincto feminil pela srª D. Rosalia Castro". Palmeirim alude reiteradamente a Murguía e Rosalia como notáveis reivindicadores da

está (e estará durante bastantes anos) situada nas periferias do polisisstema português.

Essa situação deve-se, também, às particulares circunstâncias derivadas de 1898, já comentadas, e à escassa capacidade de vulgarização que o regionalismo galego, v. gr. com diferença ao catalão, tinha em Portugal. A literatura catalanista apresentava-se em Portugal como umha entidade autónoma, muitas vezes considerada por separada da espanhola, e chegava a lugares centrais do polissistema português, o que raro conseguiu a galega nestes anos. Estão na moda em Portugal, como na Hespanha, Zorrilla, e, já a partir dos

---

Galiza perante a "sobranceria de Castella", citando daquele trechos do prólogo à sua *Historia de Galicia*, afirmando:

"Se a Historia de Galliza do sr. Murguia é quase uma elegia, o livro dos Cantares Gallegos, da srª. D. Rosalia Castro, raro deixa de ser um protesto, eloquente e melancolico, contra o abandono em que o poder central tem constantemente deixado o antigo reino de Galliza, transformado, apesar de entranhado amor ao trabalho de seus naturaes, em desvalida e despresada provincia da Hespanha",

concluindo significativamente assim: "Não nos parece inutil que em Portugal se conheça a Galliza por alguma coisa mais do que pelo trabalho material de alguns milhares de seus filhos que entre nós ganham a vida honrada e laboriosamente".
Por outro lado, Dasilva recolhe no mesmo artigo, umha "versão de Fernandes Costa" bem livre, do poema "Padrón, Padrón!", de *Follas Novas*, publicado na *Lisboa elegante* de 1886, dirigida por Joaquim Costa e João Costa, e os vinte e um poemas de Rosalia de Castro ("Varia. Algumas amostras de poesia gallega") publicados no número 23, entre as páginas 359 e 370 do Tomo VI da *A Leitura. Magazine litterario*, de 1894, e ainda mais um, e mais umha vez,'O Gaiteiro', publicado no mesmo meio, no Tomo XVI de 1896, prova eloquente da circulação de Rosalia em determinados ambientes do campo cultural português. Como indica Dasilva, pertencem "en su inmensa mayoría a *Follas Novas*.

"Tres de ellos formaban parte del primer apartado de esta obra, "Vaguedás", y seis del segundo, "Do íntimo!". Del tercer apartado, "Varia", eran seis poemas, mientras que cinco se adscribían al quinto, "As viudas dos vivos e as viudas dos mortos". No había ninguno procedente del cuarto apartado, "Da terra". Por otra parte, un solo poema tenía origen en *Cantares Gallegos*, "Nasín cand'as prantas nasen", que ocupaba precisamente el último lugar de la serie".

Aproveito a própria relação que Dasilva dá dos títulos dos poemas e das suas versões: "– Ánimo! Tu que és branda como a cêra!" ("–¡Valor!, qu'anqu'eres como branda cera"), "No céu, azul claríssimo" ("No ceo, azul crasírimo"), "Mezes de inverno, fríos" ("Meses do inverno fríos"), "Olha, que é meu coração" ("Mais ve qu'o meu corazón"), "Quando era tempo de inverno" ("Cand'era tempo d'inverno"), "Cahi tão baixo, tão baixo" ("Ti onte, mañán eu"), "Segue ao gemido, um gemido" ("A un batido, outro batido"), "Grilos e ralos, rans palradeiras" ("Grilos e ralos, rans albariñas"), "Deixa que n'essa taça, aonde bebes" ("Deixa que nesa copa en donde bebes"), "Amores captivos: Era aversão, era medo" ("Amores cativos"), "Roda e pelouro: Deu-lhe começo, pensando" ("Pelouro que roda"), "Somno doce: Baixaram os anjos" ("Dulce sono"), "Os dias eram claros" ("¡Soia!"), "Foi a Paschoa enxuta" ("Foi a Páscoa enxoita"), "Chiar doa carros da Ponte" ("Chirrar dos carros da Ponte"), "Mal sem remedio: Tenho um mal, que não tem cura" ("Teño un mal que non ten cura"), "Para Havana!: Venderam-lhe os bois" ("¡Pra a Habana!"), "Rosaes seus não tratarei" ("Non coidarei xa os rosales"), "A morte esperas com ancia" ("Sempre pola mort'esperas"), "Tão só!: Da patria longe, suspirámos ambos" ("Tan soio") y "Nasci quando as plantas nascem" ("Nasín cand'as prantas nasen").
Também nesta *Leitura*, verdadeiro magazine literário de boa parte do cânone histórico e coevo ocidental do momento, aparecem, de Curros Enríquez,versionados os primeiros dezassete versos do que parece ser o primeiro poema em galego publicado por Curros, "Cántiga", ("No xardín nunha noite sentada"/ "No jardim, uma noite, sentada"), incluído em *Aires da miña terra*.

anos oitenta, Campoamor e Echegaray, sobretudo, tratados como mestres da literatura[724]. Estes dous últimos autores é frequente encontrá-los em várias revistas da época, incluídos os semanários regionalistas do Norte português. Da Hespanha são Importados também cronistas, por exemplo de Paris. No número 2 da *Revista Nova*[725], podemos ler, ao lado de Manuel Laranjeira ou João de Barros, "A Canção de Paris" de Gomez Carrillo e "Paisaje del corazón" de Juan (Ramón) Jiménez.

Já por esta época, no início de século, escritores do *Modernismo* espanhol, entram com força no panorama literário português. Um dos mais célebres será Francisco Villaespesa. Em 1906, *O Instituto*[726] consagra ao escritor andaluz um artigo, assinado por Júlio de Lemos, em que, após referenciar muitos escritores espanhóis do momento, como os irmãos Machado, e, entre eles, alguns galegos, dedica a Villaespesa palavras elogiosas, situando-o à cabeça da modernidade literária espanhola, introduzindo-o como um Eugénio de Castro espanhol:

> "Inquestionavelmente, a figura de mais erguida situação na juventude litteraria hespanhola depara-se-nos em Villaespesa. Como entre nos Eugenio de Castro, cujas bellezas d'arte, algumhas d'ellas, tem trasladado, com a maior pericia, para a sua linguagem, desmentindo o proverbio *traduttore, traditore*; como o original rhapsodo [sic] conimbricense, o gentilissimo moço madrileno emprehendeu na sua terra o movimento de renovação do verso e da prosa, -e o que a iniciativa resultou, constata o, rutilantemente e exuberantemente, a obra dos jovens que romperam a cercal o, uma phalange de verdadeiros illuminados".

VI.2.1. O recebimento à Tuna Compostelana em Coimbra em 1901

A visita da tuna compostelana a Portugal em 1901, em que vai percorrer as principais cidades do País vizinho, reflete perfeitamente o ambiente que se vivia a respeito das relações luso-espanholas, em que a Galiza representava, polo geral, um papel menor quando não inexistente. Para os meios intelectuais dos três maiores centros produtivos portugueses (Porto, Coimbra e Lisboa), a Galiza de princípios de século também não aparecia como umha entidade com vida cultural e literária próprias; e, se assomava qualquer cousa, era particularmente referida às suas tradições e aos seus costumes, ou então aos escritores (e, sobretudo, à escritora, Pardo Bazán) que davam glória às letras espanholas. A visão não distava daquela que transmitira anos antes o Presidente da Tuna coimbrã, Egas Monis, na receção que no Carnaval de 1898 lhe dispensavam as autoridades compostelanas à agrupação académica. Na realidade, era apenas nos vários tipos de periferias polissistémicas da cultura portuguesa onde o

---

724 Vid., por exemplo, *O Regional*, número 81 de 26 de outubro de 1902.
725 Lisboa, 25 de abril de 1901.
726 Volume LIII, pp. 115-120.

olhar pitoresco sobre a Galiza era ultrapassado, nem sempre vigorosamente, com outras considerações em que se prestava atenção às criações culturais que singularizavam a vizinha do Norte dentro do quadro espanhol.

Prova eloquente de tudo o dito é o entusiasta recebimento que o *Jornal de Coimbra* dedica aos estudantes compostelanos no Carnaval de 1901. A primeira notícia[727], dumha coluna em página interior, saúda a estadia dos jovens santiagueses na cidade com um "Viva a Hispanha" como título. A chave da receção esquece a origem galega dos visitantes, que estes também não poriam precisamente no centro da sua embaixada, e, como é presumível, situa a viagem como um novo elo para o relacionamento ibérico. *Hidalgos* é o adjetivo que acompanha os estudantes compostelanos no jornal, como era o que conheciam os seus homólogos de Coimbra aquando visitaram a Galiza anos atrás; o caráter *fidalgo* de espanhóis e portugueses era comummente lembrado nestes momentos de abatimento político e moral em ambos os países, que os unia e pretendia banir preconceitos e estereótipos. Até aqui, o acordo entre lusos e espanhóis iberistas era total. Já cousa diferente era o entendimento da concretização desse iberismo. A *fidalguia* e a *nobreza* dos dous *povos irmãos*, de que os estudantes eram o maior símbolo na altura, devia ser mantida na *independência*. Bem o exprimia o *Jornal* quando dedicava aos estudantes as seguintes frases:

> "estudantes todos, luctando todos pelo mesmo ideal, o *desideratum* d'elles é o nosso, n'uma comunhão de princípios moraes e sociaes que preendem e estreitam em laços de amizade os dous povos independentes da península ibérica.
>
> Se entre nós se erguem barreiras, cimentadas com o sangue derramado em aguerridos combates que a História registra, não fomos nós que as erguemos: nós éramos -o povo- como somos ainda: irmãos pela raça, ethnicamente irmãos"
>
> Mas essas barreiras, que representam um passado glorioso para nós todos -portugueses e hispanhoes- devem permanecer erguidas: marcos miliários entre duas nações independentes e nobres, porque o que nos deve prender é o coração."

O comentário do *Jornal de Coimbra* acabava com um "Viva a Hispanha, vivam os estudantes compostelanos". De música, obviamente, não se falava na crónica[728].

A narração dos atos reserva-a o jornal para o dia 28. "Em honra dos estudantes compostellanos" é o titular que, a toda a página, introduz a notícia. Nela

---

727 De 24 de fevereiro de 1901, página 2.

728 A importância política das visitas das tunas, neste sentido de *fraternidade peninsular,* fica ainda mais expressa se contrastarmos as crónicas que os diferentes meios de comunicação fazem dessas presenças. Na região do Minho deviam ser mais frequentes, ou, em todo o caso, recebidas mais como um espetáculo musical do que como umha legação do vizinho país. Por exemplo, a viagem da Tuna compostelana a Portugal no Carnaval de 1904 merece só umha pequena nota da redação (número 7233) em que se comenta o caloroso recebimento de que os estudantes foram objeto e a sua atuação musical. Na Universidade de Coimbra, onde lecionavam destacados políticos, a receção vai ter caráter diferente.

informa-se polo miúdo dos atos celebrados nos dias passados numha "Coimbra em festa!", como inicia o *Jornal* os seus comentários. O relevo e caráter da visita põem-nos de manifesto as diferentes associações que participam na receção dos estudantes, a Associação de Artistas, a Associação Commercial, os Bombeiros Voluntários, etc., com a Câmara Municipal à frente. A estudantina é pois umha legação do "país irmão", recebida calorosamente polos lugares por que passavam desde o Minho "formosissimo", o Porto "trabalhador e livre", até Coimbra, para quem o cronista reserva o título da cidade "onde repousam os nossos primeiros monarchas"; os vários *portugais* enfim saudavam os estudantes compostelanos, representantes da mocidade espanhola.

Depois do *passa-calle* que os estudantes de Coimbra fazem aos de Compostela, "havia receção na Reitoria". O ato é da maior solenidade: "É que a sua ex.ª o sr. Dr. Gonçalves Guimarães", esclarece-se ,"quiz pôr todo o brilhantismo do ceriomonial archaico, mais característico e empolgante, no acto". Do filólogo Gonçalves Guimarães podíamos esperar umha alocução referida à língua comum e às afinidades entre as terras galega e portuguesa, que, com efeito, segundo o cronista, assim fizo. E assim podíamos nós esperá-lo porque, se a hipótese que colocávamos páginas atrás é certa, Gonçalves [*Gonçalo*] Guimarães figura entre os portugueses que aderirom, meses mais tarde, à homenagem dispensada na Galiza a Andrés Martínez Salazar, pola que é fácil presumir existirem contatos entre o filólogo luso e os galeguistas corunheses, e, consequentemente, o teor do seu discurso:

> "O intelligente Prelado Universitário, recebendo as *credenciaes* que o presidente da Tuna de Compostella trazia, ordenou ao sr. secretário, o laureado poeta dr. Manuel da Silva Gayo[729], a sua leitura, e em seguida saudou a estudiantina que vinha visitar Coimbra, e demonstrou, com os seus largos conhecimentos de philologia, a mesma origem dos dialectos galego e portuguez como dependentes d'uma radical commum- E, d'esse modo, irmanados pela lingua, o eramos tambem pelo coração e sob as mesmas condições geológicas".

Mas, se as palavras do Prelado Universitário serviam de introdução aos actos académicos, o conteúdo do seu discurso não ia pautar o do resto dos oradores. O foco que Gonçalves Guimarães situara na Galiza, cedo passa à Espanha. No discurso a seguir, de Mendes dos Remédios "douto lente de Theologia", a irmandade é agora com os espanhóis, mediante o socorredor procedimento de acudir a umha unidade que em tantos outros contextos era vivamente contestada polos próprios portugueses, mas que era utilizada para acordar sentimentos de união, de resto profundamente dormidos: a da produção literária dos séculos XVI e XVII. E, se o estudante Egas Monis lembrava

---

729 Não temos notícia de contatos ulteriores com os meios intelectuais galegos do cofundador, com Eugénio de Castro, da revista *Arte*, Manuel da Silva Gaio.

em Santiago que "también nos unimos en los áureos períodos de la literatura [...]", em Coimbra, Mendes dos Remedios

> "Divagou sobre os litteratos que, sendo portuguezes, escreveram em lingua castelhana; citou Castellar, o grande tribuno, de quem desejava ser a sombra para saudar os estudantes que nos visitavam e referiu-e ás condições ethnographicas dos dous paizes irmãos até sob a Natura que os prendeu na mesma península [...]".
>
> A alusão a Castelar, que desfrutava de larga fama entre o republicanismo português, não era com certeza ingénua, como também não o o seria o facto de recolhê-la o *Jornal de Coimbra*, de claro pendor republicano.
>
> Similar caminho ao do seu predecessor no uso da palavra toma o médico Daniel de Mattos, quem aproveita, aliás, para felicitar "Ramon y Cagal": "Referiu-se, em phrase sentida, á Hispanha que admira nos seus triumphos e nos seus revezes, e disse o que elle mais venera é o papel educador da mulher hispanhola, como mãe".

Na realidade, a crónica move-se entre a narração dos atos e a exibição dos próprios interesses. Estes parecem ser dous: a emissão das suas ideias políticas, e, por vezes unida a esta, o elogio para determinadas personagens da cidade, particularmente aquelas por que parece sentir maior predileção. Se de Mendes dos Remédios se comentava que "Sua ex.ª" se expressou "d'uma maneira altamente firme no bello documento que produziu da força intellectual das suas qualidades superiores", e Daniel de Mattos era considerado "um dos mais honrosos ornamentos da Medicina portugueza", quando chega a vez de Bernardino Machado o cronista esquece o pretexto da sua crónica e nada nos diz do conteúdo do discurso do Professor coimbrão, dedicando todo o espaço a glosar as qualidades do futuro Presidente da República Portuguesa:

> "Palavras fortissimas, n'uma grande revoada aclamadora, tem sua ex.ª o sr. Conselheiro Bernardino Machado, o apóstolo da Instrucção e uma das virtudes mais cívicas do nosso Portugal [...]. Academico na maior pureza, d'uma linguagem facil e viva, cheio de transportes, d'um enlevado saber em que a Fórma realça soberana ao lado da Ideia".

O ato encerram-no as palavras do Dr. Rocha Peixoto, do "S. Monteiro" (Campos Monteiro, pensamos), em nome da Academia de Coimbra, e de Costa Ferreira, presidente da Tuna, que "discursou brilhantemente, dando as boas vindas aos estudantes gallaicos", saudações todas que o presidente da "Tuna gallaica" agradeceu.

O teor *iberista* dos atos prossegue, como também continua o tratamento que a Redação do *Jornal* dá ao acontecimento. Nas salas da Tuna, entram os estudantes aos sons da «Marcha Rial hispanhola». E «Luis Cornille» (na realidade, Cornide), que «diretoria a Tuna gallaica" é assim descrito no seu discurso no Teatro da cidade: "Verdadeiro typo d'uma mesma raça, anda lhe pelos nervos o influxo potente d'um temperamento arrebatado, como seja o desejo de liberdade duma patria que extremece ao bramido dum grito de revolta contra a reacção".

E, por se ficassem dúvidas a respeito do talante progressista e republicano que se queria dar à presença dos estudantes compostelanos em Portugal, acrescenta o jornalista umha referência a um sucesso que tivera forte eco nos meios lusos: "Digno filho da patria de Galdóz, o sublime auctor da *Electra!* o nosso applauso sincero".

Como já indicámos, a visita dos estudantes compostelanos era elevada à categoria de embaixada do Estado vizinho, o mesmo que acontecia com as visitas lusas à Galiza[730]. Essa era, aliás, a perspetiva com que operavam todas as partes. Mais em Coimbra, acostumada a receber estudantinas de vários pontos do Estado Espanhol (Madrid, Salamanca, Valladolid, etc.) após o Ultimato. Não havia razão suficiente para que o caráter da receção mudasse com a chegada dos estudantes compostelanos. A atitude política destes não se destacava pola assunção do ideário galeguista e o contexto mais convidava a repensar fórmulas de aliança entre os dous Estados derrotados internacionalmente (e com fortes crises internas) do que a reparar nas singularidades que emergiam no espanhol.

Ora, é curioso notar que, quanto ao caso galego, se algum elemento diferenciador, ou de identidade galego-portuguesa, aparecia, era pronunciado do lado português (nos discursos dos estudantes galegos é raro encontrar cantos de identidade galego-lusa). Na breve descrição do espetáculo celebrado no Teatro, comenta o jornalista: "Que deliciosas e caracteristicas melodias, filhas do rio Minho. [...] A *Aria gallega* invadiu nos o coração e como que nos transportou, enlevando-nos, a essa bella provincia que continua Portugal, ao norte".

As caraterísticas da Galiza, *essenciais,* são semelhantes às que primeiro costumam surgir para definir o Minho ("ridente, formosíssimo") no mundo português. Era o repertório musical dos estudantes o seu tímido sinal de galeguidade. Não é desprezível o dado. Esta alusão, mais ou menos retórica, juntamente com a da irmandade linguística e étnica, constituem alicerces sobre os quais se vai construir o relacionamento galego-português do século XX. Que o cronista coimbrão lembre o facto significa que ele está depositado na *memória* do polissistema, ativada em função dumha situação dada. Falamos aqui de "memória" no sentido técnico com que, lembramos, vimos que Aguiar e Silva (1988: 258 ss.) o utiliza; o de "conjunto de signos, normas e convenções que, num dado momento histórico, existem no âmbito do sistema, atinentes a todos os códigos que discriminámos no policódigo", constituindo portanto a representação da tradição literária, não como acumulação caótica mas "organizada e valorada sistemicamente". Um sentido este não longe daquele de que Vicente Risco vai servir-se, na sua *Teoria do Nacionalismo Galego* (1920)

---

[730] Em geral, todo o cerimonial que acompanhava estes eventos era similar num lado e no outro. Até a lembrança das noivas e das mães dos estudantes, a quem, como garante o Presidente da Tuna compostelana, dirão amanhã "o bem com que vós nos recebestes".

para denominar o novo momento galego-português: o da "Civilização da Memória".

Atos como este eram um verdadeiro acontecimento social. Assistem, para além de autoridades, representantes doutras profissões e figuras relevantes. Por exemplo, o jornalista informa que no Teatro estava, entre os estudantes, o ator Chaby, já na altura um dos mais populares de Portugal: "entre o público está o distincto actor Chaby [...] ao público veio logo o desejo de ouvir o distinctissimo *dizeur*, e d'ahi a plateia fez vir á bocca da scena a monumental figura, que recitou, como nunca ouvimos, superiormente, a intellectual poesia de Marcellino Mesquita - *A Morta Galante*, d'um modo correctissimo".

O recitado de Chaby informa-nos sobre os gostos do público da época, e confirma a popularidade de escritores como Marcelino da Mesquita. *A Morta galante* acabava de sair do prelo (1900).

E, como já tivemos oportunidade de assinalar quando tratamos a visita das estudantinas à Galiza, os qualificativos dedicados à irmandade entre Espanha e Portugal serão os mesmos que os galeguistas e os portugueses filogalegos vão utilizar para definir a índole do relacionamento galego-português. Os atos do Teatro, diz o cronista, encerram com aplausos e "erguem-se vivas á Hispanha, á nossa vizinha, ao povo mais nosso polo atavismo da mesma raça".

Continuam atos e discursos neste e nos dias seguintes. "Durante o decorrer do espectaculo é distribuída uma saudação aos tunos, firmada por Antonio Francisco de Sousa; Matta Dias improvisou umha allocução; Mattos Chaves disse umha poesia de Bernardo Lucas; Da Mesquita Paúl recitou umha bella produção poética". Na festa do Instituto de Coimbra, "promovida polos Tunos apoiados [significativamente, do facto e da índole das Tunas] por Bernardino Machado", Alves da Hora lembra umha visita a Compostela e José Cid, "alevantadamente, reivindica para a raça latina o poderio que lhe querem roubar". Na velada do segundo dia, "a inspirada poetisa ex.ma sr.ª D. Amelia Jany recita uma encantadora poesia", e no terceiro dia, entre outras muitas atividades, "Chaby recitou magistralmente o *Rataplan*, *Nas Receç*ões da Embaixada e leu uns primorosos versos da ex.ma sr.ª D. Domitila de Carvalho, laureada aluna do 2º anno medico".

O amplo espaço dedicado à visita (que ocupa as páginas centrais do bissemanário), conclui com um breve artigo, "Estudantes Compostellanos!", em que se anima os estudantes a levar "a recordação viva e fulgida da hospitalidade portugueza, acolhedora e santa", a, já de regra, contar a noivas e mães "as lembranças que deixastes no vosso vizinho Portugal", e salienta-se: "Animavos o mesmo desejo que a nós -reivindicar a patria, levantar alto o nome do vosso paiz, tradiccional e heroico, e onde a alma, voando, jámais se poderá desprender dos corações que estremecem quando, deslizantes pelo sentimentalismo, são feridos na consciencia".

A mensagem era também a síntese dos objetivos da visita; magnífica, aliás. A missão que se atribuía à mocidade (quer dizer-se: o futuro que se desejava) era o de levantar a pátria (postrada, portanto, naquelas horas de infortúnio), recuperando os valores que ao seu passado eram atribuídos (tradicional e heróico), cônscios daquela suprema missão.

O público leitor tirava pois em conclusão que dá foram uns estudantes espanhóis da Galiza (região mais afastada ainda para muitos do já por si longínquo Minho) a estreitarem os laços dumha persistemente difusa e controversa unidade *ibérica*.

Mas a crónica dos atos, tão parecida com as que na Galiza tinham lugar com motivo das viagens das estudantinas lusitanas, estava falta de alguns aditamentos a respeito daquelas: nem havia saudações de "forças vivas" da cidade recetora, nem era aproveitada para mostrar as riquezas literárias do País originário. Aquela quase perdida referência ao prolongamento que a Galiza era para Portugal ou Portugal para a Galiza (expressão cuja fortuna vai chegar, pola voz do deputado Otero Pedrayo, ao Parlamento republicano espanhol, dirigida nada menos que a Unamuno), significava outra cousa; por omissão. O novo movimento do Ressurgimento galego não calhara na centralidade polissistémica lusa, nem como vaga referência: Rosalia ou Curros estão ausentes em todos os atos; ninguém fala da nova literatura galeguista, nem tão sequer para reforçar o habitual comentário sobre as músicas galegas, que por exemplo a receção superficial da obra de Rosalia de Castro, melódica, melancólica, suave, muitas vezes acompanhou. A produção literária galeguista estava na mais absoluta periferia do polissistema português; mas estava.

As cousas, no *Jornal*, não ficarom por aqui. Talvez com certa surpresa, os seus leitores podiam encontrar, dous números depois do que acabamos de comentar, o 41[731], um elaborado artigo da autoria de Alberto Pimentel. Hoje conhecido sobretudo pola sua biografia de Camilo, de quem fora íntimo, Pimentel era na época um reconhecido colaborador dos mais importantes jornais do Portugal de fim de século, e autor dumha vasta produção literária, que se estendia polos mais variados géneros. Umha relativa *auctoritas*, em definitivo. À sua obra a *Varanda de Natércia* [*Nathercia*, no original], já vimos, referia-se o jovem republicano Lino de Macedo (nascera em Coimbra, em 1858), que assinava na *Revista de Galicia* que Pardo Bazán dirigia na Corunha no número 12, de 25 de junho (p. 162) e ainda no número 15, de agosto do mesmo ano (p.232) dedicava espaço de recensão. O seu nome aparecerá anos passados no ferrolano *El Correo gallego*: (no número 2274, de 5 de junho de 1886), lembrando, numha crónica de Lisboa, a sua condição de Deputado (polo partido Regenerador) e redator do *Diário Illustrado*. E, de novo é citado

[731] De 7 de março de 1901.

em 1892, por Vázquez Barreiro no número 5 da sua *Galicia diplomática*, entre "los más distinguidos escritores" que vão anotar a obra *História de Portugal*, de Enrique Schaefer (traduzida do alemão), afirmando estar "Galicia está interesadísima en esta *Historia de Portugal* y en su colaboración". Mas salientava também o seu trabalho de historiador e etnógrafo, revelador da sua familiaridade com bibliografia galeguista: caso de *As alegres canções do norte* de 1905, (Lisboa, Livraria Viuva Tavares Cardoso) em que relaciona as canções minhotas (incluindo modo e étimo de *chula*) à Galiza, evidenciando a influência e leitura das teorias historiográficas de Murguía (p. 7).

O trabalho que publicava com motivo da visita dos compostelanos tinha já um título expressivo, "Alma Gallega"; era sobre a Galiza que o autor escrevia, o que poderia parecer um pouco estranho, dada a índole *hispano-lusa* que esta classe de atos tomava.

Vamos tratar o texto por extenso. O seu interesse não é o de encontrarmo-nos perante um documento diretamente ligado ao relacionamento galego-português e influente no ulterior desenvolvimento deste. Pimentel, aliás, vai aparecer pouco nas revistas galegas e não temos detetado nengum contato seu com intelectuais galegos (que sem dúvida tivo, a teor dos dados que acarreta). A atenção que lhe dedicamos justifica-se pola informação que nos fornece sobre o que, polo menos em determinados meios, era conhecido da Galiza, a impressão que dela se tinha. Não esqueçamos que estamos diante das opiniões dum homem do Norte do País, um portuense, mais ligado como consequência à Galiza, como ligado estaria a alguns círculos culturais que com ela tinham relação. E, talvez, algumhas das suas leituras tinham a ver com o livro aludido que estava preparando.

Como já vimos, o patronímico *galego* não era fonte evocadora de qualidades positivas no imaginário português. O que Portugal conhecia da Galiza eram aqueles homens e algumha mulher que circulavam polo seu mundo suburbano ou rural a fazerem os trabalhos menos considerados, quando não eram o sinónimo de vadio ou ladrão. *Galaico*, já o lembramos, era com frequência o adjetivo substitutivo de *galego* quando o que se queria era evocar os habitantes da Galiza, sem carimbos despectivos. Pois bem, Pimentel, dirige as suas primeiras palavras a desfazer essa imagem indecorosa dos galegos; e fá-lo dumha maneira um tanto surpreendente:

> "Eu fui educado a vêr inglezas feias: figuras esguias, pernaltas, desengonçadas.
>
> Fiquei muito surprehendido quando algum dia um viajante digno do maior crédito me assegurou categoricamente: «A ingleza, em Inglaterra, é a mulher mais bella do mundo».
>
> Obrigado a acreditar, pensei então que a ingleza fóra da Grã-Bretanha não tinha condições de vida propria -como o peixe fóra da agua.
>
> [...] os inglezes, homens praticos, guardam lá o melhor que têem e apenas exportam o que não querem.

> Há porém, uma região na peninsula ibérica que pensa do mesmo modo que a Inglaterra a respeito da emigração dos seus habitantes.
> É a Galliza".

Surpreende, dizíamos, essa comparação com a prestigiosa (temida, odiada ou desejada, etc., mas prestigiosa) Inglaterra. Quebrando um tópico de menos fôlego mas referido a um País importante, pretende Pimentel quebrar outro mais profundo dum País quase insignificante para os seus leitores. O objetivo é evidente:

> "Se a gente apreciar pelos exemplos de chinguiço que são exportados para o nosso paiz, faz da Galliza uma ideia horrorosa, como sendo um rincão hispanhol d'onde apenas sahem braços fortes, pernas rijas, para fazer mudanças e recados, sem outra qualidade humana que não seja a da passividade no trabalho physico.
>
> E, comtudo, é a Galliza uma das mais encantadoras provincias de Hespanha pela belleza da paisagem, pela poesia dos costumes, pela galanteria das tradições, pela graça do dialecto e, ainda, pela gentileza e intelligencia dos seus habitantes, homens, mulheres e creanças".

A amável descrição dos habitantes da Galiza choca frontalmente contra o estereótipo do galego. "Gentileza e intelligencia" são adjetivos francamente diversos daqueles com que os galegos são dispensados no imaginário luso da altura: rudes e parvos.

O texto de Pimentel não se destina porém a tentar exaltar as virtudes dos galegos emigrados a Portugal; polo contrário, aceite o facto de que não há muito que elogiar nestes, em opinião de Pimentel (sobre os emigrantes não vai poupar crítica nengumha; mais ainda, vai utilizar o constante pararelismo com eles para sublinhar as virtudes galaicas), ele pretende descobrir a *outra Galiza*, a que é desconhecida para o comum dos seus compatrícios. "Quando a gente lê a *Historia de Galicia* por Vicetto e a compara com um moço de esquina, comprehende que a exportação, longe de affirmar a riqueza dum paiz, é muitas vezes um pregão de descrédito, que mais valeria evitar que consentir".

A começar, podemos deduzir, essa outra Galiza tem História, elemento muitas vezes esquecido nos estereótipos que uns povos construem dos outros, naturalmente porque ela, a História, é o seu melhor antídoto. Que aquela coleção de emigrantes, de moços de esquina, vinhesse dum País com História não era pouca revolução nas mentalidades. Em muitas, só os povos que merecem sê-lo têm História. Demais, o comentário de Pimentel revela umha certa informação bibliográfica. Essa incipiente nova Galiza entrava pola via dos estudos históricos em Portugal, como mais umha vez podemos confirmar. A Importação estava a produzir-se não polos textos literários, mas polas periferias literárias. A Galiza ia recuperando, aos olhos portugueses, sobretudo o seu caráter de velho País, o que cedo significava um lugar de essências, de origem, para Portugal; algo que perseguiam os galeguistas na audiência portuguesa.

Aquele Norte perdido no alvorecer da Nacionalidade, vinha agora, progressivamente, assentar-se como umha espécie de mito fundacional, curiosa mas não paradoxalmente o mesmo que simbolizava para os regionalistas o País dos Filhos de Luso. E, a par da História, a língua.

> "E quando pensamos que a Galliza nos deu povoação e lingua, que os gallegos são mais irmãos dos minhotos que dos castelhanos, que o idioma portuguez, como disse Herculano, não é senão o dialecto gallego civilizado e aperfeiçoado, sentimos a conveniência de olhar para a Galliza como para umha terra nobre e poetica, que depois de ter repartido comnosco o melhor que tinha, quiz dar nos como contrapeso o moço de esquina -para ficarmos sabendo que nos podia dar só isso se fosse menos generosa e fidalga".

Não podemos eludir o óbvio comentário: toda a apreciação de Pimentel, assente na sua leitura de Vicetto, assenta por sua vez nas já famosas palavras de Herculano. O magistério do historiador é o mais alto argumento que Pimentel pode invocar, e talvez o maior que desde Portugal podia ser invocado. A Galiza fica assim definida com os valores da nobreza e a poesia, da fidalguia e da generosidade; o que, entre outras cousas, quer dizer que Portugal tem umha dívida para com a Galiza, que aparece quando é desvendado o pano do estereótipo que cobre a antiga comum unidade. Convém indicar que essa atitude de gratitude é a mesma que, por exemplo, Teófilo Braga exprimira muitos anos atrás. Como semelhante é a valorização da relação, e a aparição explícita, para explicá-la, do referente de oposição castelhana. Sobre estes aspetos torna a seguir Alberto Pimentel:

> "Depois de a gente ter lido, além de Vicetto, o cancioneiro gallaico- que é o mais bello cancioneiro do mundo- e depois de ter compulsado o vasto e delicado *folk lore* da Galliza, fica contente de ter laços de estreito parentesco com essa bella povoação onde o Amor e a Poesia estabeleceram tão fortes arraiaes, que a evolução dos costumes castelhanos não pôde ainda desalojal os do seu gracioso baluarte de além-Minho.
>
> E sentimo nos então dispostos a engulir, engulhos, o chinguiço de exportação.
>
> Fica uma coisa pela outra".

O texto do biógrafo de Camilo e Júlio Dinis recorre decididamente a caraterísticas de essência e originalidade (que em ocasiões ocultam o atraso económico e social) para desenhar o perfil da Galiza, resumidas no Amor e na Poesia, mui condizentes com a imagem dumha terra pura e maviosa de que Rosalia de Castro, não por acaso, será a sua alegoria. Dessa essência e dessa originalidade umha das melhores expressões tem de ser o cancioneiro popular, guardião do povo da rosa prístina da nacionalidade; o Cancioneiro que sem dúvida conhecia era o de Pérez Ballesteros, cujo prólogo, lembremos, de Teófilo Braga, está possivelmente detrás de algumhas das apreciações de Pimentel. E, definida a Galiza sobre essas bases de antiguidade e originalidade, o quadro do reencontro com Portugal, através dos estudantes compostelanos,

é o reencontro de irmãos, portadores os galegos da genuinidade da *raça*. Se a visita era posta em termos hispano-lusos, Pimentel situa-a, também, em chave luso-galega:

> "Agora mesmo, no Porto, em Aveiro e Coimbra, a recepção feita à Tuna compostellana, teve o que quer que fosse da alegria e do entusiasmo de irmãos que se encontram ao cabo de muitos séculos de ausencia, e rememoram em commum as tradições, os pergaminhos, os poemas da sua nobre raça, apenas separada por um rio, que uma ponte internacional suprime todos os dias.
>
> Com a diferença de que nós, os portugueses, nos despoetisamos com o tempo, e os gallegos são ainda, como eram d'antes, os altivos depositários da poesia tradicional dos seus costumes, do thesouro das suas crenças antigas, das suas bellas canções galantes e até dos seus pittorescos trajes d'outr'ora.
>
> Os estudantes de S. Thiago de Compostella que vieram agora a Portugal -estudantes authenticos porque traziam credenciaes que os acreditavam- vestiam ainda como seus avós: gibão e calção de veludo, rufo de renda no pescoço, chapeu tricorne, sapatos de fivella, manto trovadorêsco ao hombro".

Mas nem umha palavra da produção literária recente; essa *essencialidade* tantas vezes usada polos regionalistas como razão de ser da sua identidade era também um travão para a sua expansão e progresso além-Minho, como já lhe acontecia no interior. Os ecos que chegavam a Portugal eram estes; os dos estudos do Passado; eram igualmente os que mais interessavam num momento de procura da Tradição, o que no polissistema português nunca deixou de haver. E a Galiza era mais compreensível como passado que como presente. Aqui as cousas complicavam-se. Como comentámos, a propósito das diferentes atitudes que habitantes dum País podiam ter a respeito doutro, há umha perspetiva em intelectuais portugueses, não rara, consistente em olhar *miticamente* a Galiza, e fazê-lo então de maneira fílica, mas encontrar dificuldades para explicar o presente, porque difícil é esclarecer como a essência dum mesmo pode pertencer a Outro que é, para além de tudo o mais, o seu rival. Para sermos mais claros: o português teria que aceitar consequentemente que era qualquer cousa que lhe fora arrebatada, muito mais importante e constitutiva do que Olivença; ou, então, defender a identidade galega perante Espanha; esse era, por exemplo, o caminho por que enveredara Teófilo Braga, já no seu *perigoso Parnaso Português Moderno*. Ou, se não, explicar a Galiza dentro da Espanha.

Tornando às reflexões de Pimentel, para nada queremos indicar que esta fosse realmente a hipótese que se colocara o jornalista; não o sabemos. Servimo-nos dela para exemplificar umha atitude plausível e frequente. Pimentel vai prosseguir o seu comentário contextualizando essa energia originária galega como nutriente da regeneração espanhola; e, a partir daí, estabelecer um paralelo, implícito, mas algumha vez explícito, entre essa essência motora e a que pretende para o seu País:

"A Hispanha, nação abatida, tem de grande e poderoso o conservar todo o seu caracter nacional através do tempo e da vicissitudes da politica: perdeu as suas colonias, viu o seu exercito dizimado, a sua esquadra derrotada, mas salvou do naufrágio esse forte cunho de nacionalidade, que mantém ainda, e sobre as suas desgraças derramou em vez de lágrimas, que humillariam, canções que vivificam.

O que vieram fazer a Portugal os estudantes de Compostella?

Trazer as suas canções, como os passaros; espalhar a convicção de que uma mocidade que canta affirma uma nação que resiste".

Pimentel quer ir confirmando nos trechos a seguir estas opiniões:

"A *Aria Gallega* produziu em Coimbra um vivo enthusiasmo, porque as canções patrioticas, que se retemperam de orgulho nacional, têem o que quer que seja de centeia electrica; transmitem pelo contacto uma vibração rápida e profunda.

N'esse vasto organismo social, que se chama Hispanha, a "alma gallega", representa a funcção vital por excellencia, a séde primacial da vida: a Galliza parece ser o órgão onde eternamente pulsa o sangue que aviventa a nação inteira".

A *apropriação* comparativa com Portugal é explícita: "Madrid falla, Barcellona trabalha, a Galliza canta: a unica arma com que defende as tradições do passado e as esperanças do futuro é um instrumento de música -a sua gaita de folles".

Se a Galiza canta (guarda as essências), Braga (= O Minho) também.

"A gaita, diz Vicetto, é a expressão harmonica da Galliza; o seu caracter, o seu symbolo, a sua synthese historica; é em linguagem poetica, a sua respiração"[732].

Para encher de ar esse rude instrumento musical são precisos pulmões fortes, refeitos na atmosfera pura das montanhas. Para continuar a tradição, a raça conserva se vigorosa; porque, se enfraquecesse, teria de calar-se. É um exercício, umha gymnastica permanente e patriotica, que torna os muchachos robustos e altivos".

A gaita passa a ser todo um símbolo da *raça*. Surpreende, talvez agora menos, que em tanta referência ao instrumento musical não apareçam as muitas composições que na literatura galega tinham sido dedicadas à gaita e/ou ao gaiteiro. Nem as famosas composições de Ventura Ruiz Aguilera e de Rosalia de Castro. As fontes de Pimentel eram outras.

Os recentes acontecimentos de dous meses atrás em Madrid, com motivo da estreia de *Electra* causaram impacto na opinião pública portuguesa, satisfatório na republicana e inquietante na monárquica. Já vimos algumha alusão ao evento anteriormente. Também Pimentel se refere à questão: "Enquanto Madrid discutia a *Electra* de Galdoz e apupava os jesuitas, a Galliza, serena e sadia, punha ao hombro o manto trovadorêsco, emboccava a gaita de folles, e partia entoando o hymno da paz e da liberdade: a *Aria Gallega*".

---

[732] Traduzia Pimentel algumhas frases da sua fonte, o primeiro tomo da *Historia de Galicia* de Benito Vicetto, publicado em 1865 em Ferrol; citamos pola reedição de 1978, p. 99.

Pimentel vai tomar como pretexto os tumultos seguidos à estreia da peça de Galdós para continuar a defender as virtudes galaicas. Note-se, aliás, na continuação, que, percebidos os estudantes compostelanos não já como galegos, irmãos dos portugueses, mas como espanhóis, cruzam agora a fronteira que linhas atrás ficara definitivamente banida pola ponte; lapso, se o é, em nossa opinião, mais significativo do que em aparência puder parecer:

> "Os estudantes de Compostella passavam a fronteira portuguesa, atravessavam o rio Minho e procuravam para estadïo as duas cidades mais fortes de Portugal: o Porto, baluarte das liberdades; Coimbra, alcáçar das sciencias.
>
> O gaiteiro de Lorez [sic] e alguns muchachos de Pontevedra seguiam caminho de Madrid, onde os animos estavam inquietos, para aquietal os pela música como David dedilhando a harpa, calmava a loucura de Saul.
>
> Na *Villa Coronada* fizeram lhe receção enthusiastica, vibrante de agradecimento e gratidão, como se reconhecessem que a Galliza lhes ia levar sangue novo e alma nova. As capitaes, alquebradas de gozos, precisam retemperar se de vez em quando á custa da vida das provincias.
>
> O que foi que serenou Madrid? Foi a suspensão de garantias? Foi o fraco ministerio do general Azcarraga? Foram os seus decretos marciaes?
>
> Nada d'isso. As circumstancias não tinham variado. A *A Electra* continuava em scena; a princeza das Asturias, arriscando talvez o futuro da monarchia, havia casado com um Bourbon.
>
> As origens do descontentamento publico continuavam nas mesmas.
>
> O que foi então que de um dia para outro serenou Madrid?
>
> Foi a gaita de folles do gaiteiro de Lerez; foram as bandurras dos tunos de Pontevedra.
>
> Madrid ouvi-os e commoveu se. Sentiu se mais hispanhola, mais forte, mais patriotica do que antes.
>
> A colonia gallaica de Madrid offereceu aos recem-chegados um banquete sumptuoso".

Benéfica ação a da gaita, julga Pimentel. E engenhosa a construção literária do autor de *O Romance do Romancista*. Mas não original; não oculta o cronista a fonte: Emilia Pardo Bazán. Não podia faltar a que era conhecida como a mais alta representante da literatura galega (adjetivo que valia tanto para a galeguista como para a espanhola na Galiza) dentro e fora das próprias fronteiras e umha mediadora principal. Os comentários de Pimentel, que em seguida transcrevemos, manifestam essa projeção, e põem de relevo como polo menos parte da Importação da produção galega em Portugal chegava através da capital do Estado, que era via de informação mais frequentada que qualquer outra da Península.

> "Uma dama, gloria feminina da Galliza, a sr.ª Pardo Bazan, saudou a chegada dos seus compatriotas n'uma carta, que é por si mesma um hymno regional, como todas as canções da sua provincia.
>
> "Enredada entre os flócos carmezins do instrumento nacional -diz a illustre novelista da Galliza- a alma gallega palpita, queixa-se suavemente, vibra heroica, ri com a ironia do Fauno, com brandos sonidos e gemidos de agua açoitada pela roda do moinho. É uma alma sonora em que as vozes da Natureza cantam hymnos. É uma

> alma que sonha, que se recorda das idades primitivas, e que diz muito em pouco espaço. Que penna, que stylo, que litteratura seriam capazes de expressar o que expressa uma alvorada singela, impregnada de orvalho e dos primeiros esplendores do sol! [...]
>
> Comtigo se parte, gaiteiro de Lerez, a "alma gallega", que trouxesse [sic] em peregrinação ao torrão castelhano. A neve e o frio arripiaram-n'a e, tremendo, refugia se no folle do teu harmonioso instrumento. Ao primeiro castanhal, ao primeiro milharal que te revele a presença da Galliza, dá largas á alma do nosso paiz; que vôe como immoral mariposa de azas cinzentas e que no meu regresso á terra me confie o seu segredo de tristeza e de esperança".

Como se pode inferir, da escritora corunhesa tirara Pimentel o título para o seu artigo. As palavras da Condessa estão, e sobejam mais comentários, na linha da sua produção sobre a Galiza. Alberto Pimentel conclui o artigo a secundá-las, e a dar *um passo atrás*, cauteloso, nas ideias de irmandade que estabelecera ao começo

> "Eu segundo as palavras da escritora Pardo Bazan, não para saudar compatriotas, que o rio Minho, que separa Portugal da Galliza, não nos dá licença para tanto; mas para saudar essa grande "alma gallega", tão poetica, tão singela, tão nobre, que vivifica a Hispanha toda, e que por vizinhança próxima, irradia para a nossa população minhota a poesia e a graça e a heroicidade de que ella é a unica depositaria em terras de Portugal".

Pondo de parte alguns matizes, este era o tipo de receção esperável nos meios portugueses que se aproximavam do fenómeno galego, fora do nível do estereótipo que circulava quotidianamente.

O exemplo que recolhemos do *Jornal de Coimbra* dá conta da índole da visita. Era umha visita percebida como um acontecimento social, em parte político, e, em menor consideração, cultural. Já foi dito, a passagem dos estudantes não aparece noticiada nem motivava comentários, saudações ou textos literários em nengumha das revistas literárias ou culturais da época que selecionámos, com diferença do que acontecia na Galiza; o caráter era outro. São, pois, os jornais de informação geral a quem parece corresponder a glosa da viagem, o que é normal numha sociedade com meios de comunicação mais diversificados do que a galega, mas o que indica sobretudo é que *a Galiza* não é, ainda, um fenómeno cultural importante nos meios portugueses, como *Portugal* era para determinados galeguistas; e escrevemos *ainda* porque, na fase nacionalista, a situação mudará.

Apenas umha publicação, coimbrã, *O Instituto*, vai oferecer-nos um testemunho da visita compostelana. Era lógico que assim fosse, pois era *O Instituto* o órgão académico da entidade do mesmo nome, onde se celebrara, como referia a crónica do *Jornal de Coimbra*, umha festa de benvinda aos compostelanos. São precisamente a alocução ali proferida por Bernardino Machado e o discurso que o mesmo Professor tinha pronunciado na Sala dos Capelos (e de que não tínhamos notícia polo *Jornal*) que são transcritos na revista.

Umha e outro são expressão significativa da consideração que aos setores intelectuais progressistas, portugueses merecia o relacionamento com Espanha. Relacionamento com Espanha, dizemos, porque a Galiza não aparecia como a entidade desse relacionamento. Ora, sim introduz algumhas particularidades.

Os dous discursos de Machado têm um caráter eminentemente político. As ideias por ele expressas nestas alocuções apresentam o interesse acrescentado para nós de ser as dum futuro Presidente da República Portuguesa, a quem, para mais, o infortúnio do exílio vai levar a terras galegas vinte e cinco anos mais tarde. Estamos pois em disposição de conhecer, parcelarmente, a linha de pensamento a respeito da Galiza e do iberismo que umha figura relevante da vida lusa tinha nestes começos de século.

O discurso pronunciado na Sala dos Capelos[733] inicia-se assim:

> "Hespanhoes e portugueses, depois de termos epicamente descoberto ignorados mundos, precisamos hoje d'algumha da nossa heoricidade atavica para nos irmos também descobrindo de parte a parte. Ha ainda entre nos um mar tenebroso de preconceitos que rasgar ousadamente. Eu, que me honro de pertencer á espiritual phalange dos que ha muito se veem esforçando pola nossa approximação peninsular, saúdo com a maior effusão os juvenis argonautas que agora nos chegam da Universidade compostellana. Nenhuns outros, de certo, mais proprios para a estreitar do que os symphaticos filhos d'essa lusitana Galliza, que tão poeticamente enlaça as suas origens comnosco. Bem vindos sejam!"

Para além da lembrança das glórias do passado e da necessidade, sempre repetida, de rasgar preconceitos, é oportuno notar a alusão a essa "phalange espiritual" como umha realidade que certamente vinha de antigo em Bernardino Machado. O que fora ministro de Obras Públicas com Hintze Ribeiro cultivava umha longa amizade com alguns dos mais significativos representantes da Institución Libre de Enseñanza, sobretudo com Giner de los Ríos, que conhecera num congresso pedagógico em Paris (Ucha, 1989); Machado era, aliás, colaborador assíduo no *Boletín* da Institución. Demais, filiado no Partido Regenerador (aderirá ao Republicano dous anos mais tarde destes atos, em 1903), é eleito Grão-Mestre da Maçonaria em 1897 o que, sem dúvida, ativou contatos com os maçónicos espanhóis. Bernardino Machado era pois, a estas alturas, homem que desfrutava dumha grande popularidade e de importante currículo político e académico.

A alusão à Galiza como *lusitana* não é com certeza umha tentativa de inserir-se nos assuntos espanhóis. É sim o reconhecimento de origens comuns (isso sim, *poéticos*) e do papel de enlace que aquela pode jogar no entendimento entre os dous estados. Adjetivos como *simpáticos*, *poéticos*, são os já conhecidos para referir-se à terra homóloga da região minhota.

---

733 *O Instituto*, Vol. XLVIII, número 3 de março de 1901, pp. 201-203.

O trecho a seguir reafirma posições já conhecidas: a defesa da independência portuguesa e, a partir daí, os contatos *iberistas* que se quiserem. São estes matizes ainda mui necessários na época. Lembremos que, sobretudo desde o Ultimato, ser *iberista* era umha acusação que os diferentes grupos políticos enfrentados dirigiam uns a outros, e que todos deviam frisar o alcanço que davam à palavra. Estas são as ideias de Machado:

> "A historia, constituindo-nos em duas nações distinctas, Hespanha e Portugal, para compartirmos por egual a hombridade dos povos independentes, não quiz condemnar-nos por isso desnaturadamente a uma vida de repulsão e de luctas, mas sim confiou-nos com a independencia a grata missão de mais e melhor nos amarmos, de sincera e dignamente nos alliarmos, pela livre inclinação das nossas vontades.
>
> E tudo nos convida a cumpri-la!"

A instrução (para "engrandecer as almas") e o trabalho (para "as atrahir") são para Machado os dous grandes problemas da civilização, como era previsível num socialista como ele:

> "O socialismo ha de provir ineluctavelmente do poder mágico do desenvolvimento das nossas faculdades [...].
>
> O patriotismo é sem dúvida um direito, mas o internacionalismo é ao mesmo tempo um dever".

Por estas e outras considerações estende-se Machado na sua breve alocução, a defender o liberalismo e a associação dos povos e atacar o imperialismo e o militarismo, para tornar, na sua parte final, ao tema que o ocupava: "Deixemo-nos levar na affectuosa corrente. E hespanhoes e portuguêses, conscios e ciosos uns e outros dos nosso direitos, mas também da solidariedade do nosso destino, demo-nos francamente as mãos, abracemo-nos, mais do que como bons visinhos, como bons irmãos".

Algo diferente vai ser o tom da "Allocução do presidente do Instituto no sarau dado aos alumnos da Universidade de Santiago de Compostella pela estudiantina de Coimbra"[734], mais breve ainda do que a anterior. Machado dedica a maior parte dela a falar das recordações da sua visita a Santiago:

> "A sua visita, que nos trouxe dias de festa, relembra-me a sua Santiago, envolta, como numa negra mantilha, nas pesadas sombras da lendária cathedral, cuja molle immensa parece mesmo o montanhoso coroamento dos escalvados terrenos graniticos convisinhos [...]. Toda risonha de revoadas esperanças neste mundo, ergue-se donairosa ao pé da vetusta cathedral a celebre Universidade. Tenho ainda bem presente a gentileza do estudante que m'a andou amostrando, com uma illustração rara para a sua tenra idade: aluno de direito, de tudo me dava conta, da sua e das outras Faculdades. Eu sahi encantado. Depois é uma cabeça de mulher, toucada de gloria, que revejo, a da illustre gallega, honra das letras hispanicas, Emilia Pardo Bazán, cujo forte perfil avulta pulchramente como a mascara d'um medalhão romano, e cujo pasmoso talen-

---

[734] *O Instituto*, Vol. XLVIII, número 3 de março de 1901, pp. 204-205.

> to, robusto, invasor, mundial como o génio do povo-rei, é ao mesmo tempo natural, desprendido, ondeante e subtil, feminino até na sua própria exuberancia. E a essa grata imagem se veem juntar na minha gente as dos abalizados professores, titulares do ensino compostellano [...] O que eu me sentia, o que me sinto attrahido por elles, por todo esse heroico grupo hespanhol de stremos paladinos do ideal, cujo centro, mais que dirigente, emotivo da acção, se esconde modestamente em Madrid, na amorável Instituição livre de ensino!...[...]

Da estadia de Bernardino Machado na Galiza não temos notícia polos meios de comunicação que consultámos. Foi, como se vê, umha visita de caráter universitário, que aproveita para lembrar, mais umha vez, o labor e os amigos da Institución Libre de Enseñanza. Mas o que mais nos interessa aqui é a sua visão da Galiza, agora representada em Santiago de Compostela, "envolta nas pesadas sombras da lendaria cathedral". Esta é umha da imagens mais recorrentes dos lusitanos sobre a Galiza, nebulosa, qualificativo mui comum nos olhares dos Outros sobre esse Finisterrae, mas lendária, mítica, um lugar a que se retorna.

E, ao lado, o símbolo da intelectualidade galega, Pardo Bazán, "honra das letras hispanicas". O elogio à vida intelectual galega é na escritora espanhola que é representada. Não, reiteramos, em Rosalia ou em Curros Enríquez; e não, mui possivelmente, porque não o quisesse Machado. Rosalia de Castro é, como sabemos, umha figura que imediatamente é associada com muitos dos valores com que o País galego é percebido. Mais bem o motivo da escolha da autora de *Los Pazos de Ulloa* haja que procurá-lo na superior popularidade desta a respeito dumha produção literária galeguista que era, se não desconhecida, polo menos pouco vulgarizada ainda, e cuja temática e origem identificava-a com a terra galega.

Prossegue Machado:

> "Nesse grupo penso, sempre que penso no futuro da Hespanha, tão digna de resurgir na historia para os mais brilhantes destinos. A elle rendo também neste momento as minhas homenagens, ao acolher aqui, em nome do Instituto de Coimbra, estes seus discipulos, nossos amaveis hospedes, filhos da laboriosa e dolente Galliza, almas gemeas das nossas, que o mesmo sol aquece e colore egualmente, que a terra perfuma e engalana de eguaes flôres, que o mesmo largo mar abraça e enamora com os seus mysteriosos cantos longinquos, e que o mesmo sangue embala e atormenta com os mesmos sonhos e a mesma crispação do infinito".

"Laboriosa e dolente"; mais umha vez dous adjetivos que exalçam a Galiza aos olhos dos portugueses perante os estereótipos formados. "Almas gemeas": de novo a identificação da identidade galego-portuguesa, sem nengumha consequência ou chamado ulterior. Essa classe de consciência de identidade será, porém, a que vai ser depois desenvolvida polo saudosismo e o nacionalismo galego como umha das bases sólidas do relacionamento galego-português. Mas, o que de mais relevante têm as palavras de Machado, a nosso juízo, é a

série de imagens que a seguir encadeia o célebre pedagogo: "almas gemeas das nossas, que o mesmo sol aquece e colore egualmente, que a terra perfuma e engalana de eguaes flôres, que o mesmo largo mar abraça e enamora com os seus mysteriosos cantos longinquos", por exemplo; mui parecidas com aquelas com que Leite de Vasconcelos elabora, ano e meio mais tarde, o seu famoso poema:

> "GALICIA, terra irman de PORTUGAL/ Onde voan os mesmos paxariños,/ E as mesmas froles bordan os camiños,/ E as mesmas almas ten o mesmo ideal".

Ou

> "Soño da veira-mar, verde país,/Poida eu por ponxe andar sen correr p'rigos,/Pra acó te vir saudar mais unha vez!"

Tiraria de aqui Leite as suas imagens poéticas? Não parece improvável, num presumível leitor habitual de *O Instituto*, que, ao menos, elas ressoassem na sua mente. E mais curioso é ainda o facto de algumha das expressões de Machado aparecerem, muitos anos depois, a fazer parte do poema que Teixeira de Pascoaes compôs sobre o de Leite: "que o mesmo mar abraça longamente", dirá Pascoaes, onde agora Machado diz "que o mesmo largo mar abraça"...

Sejam certas ou não as nossas observações, o que parece particularmente interessante é constatar como estas três personagens, que tiveram, têm ou vão ter contatos importantes com meios intelectuais galegos, partem de mui similares *Olhares* sobre a Galiza. Umha perspetiva de comunhão espiritual entre os dous povos, dumha mesma origem, *etnia* e paisagem (Natureza) e a expressão dum mesmo, difuso, ideal, por concretizar.

Após este pequeno excurso *a olhar* sobre a Galiza, torna Bernardino Machado ao relacionamento hispano-luso:

> "Meus senhores! A antiga intimidade artistica e religiosa entre Hespanha e Portugal accresceram notavelmente desde o meado do ultimo seculo, pelo esforço sobretudo do povo trabalhador, as relações industriaes e economicas, dia a dia mais numerosas e estreitas. E oxalá que estas romagens da mocidade universitaria das duas nações se repitam e amiudem d'uma á outra, para que, ao contagio do seu enthusiasmo primaveril, commungando fervorosamente no mesmo culto da verdade e do bem, ellas entrem de vez no convivio scientifico e politico, que ha de consolidar para sempre o seu poderio e prestigio moral!".

De resto, a visita dos estudantes galegos não deixou, que saibamos, outras pegadas nas publicações que estudamos, como era o caso nas revistas galegas, ou como deixou o Presidente da Tuna de Valladolid quando esta visitou Coimbra um ano mais tarde, com um poema na *Revista Académica* que tinha como diretor Mariano M. Vieira. Diga-se de passagem que a alocução que Bernardino Machado dirige aos valhisoletanos no sarau dado na sua honra no Instituto, o

Professor coimbrão recupera o teor das suas intervenções ulteriores, a lembrar as "amarguras da hora presente" e os benefícios do humanitarismo e o socialismo[735].

VI.2.2. Umha viagem à Galiza: Fialho de Almeida

No universo dos periódicos galegos que consultámos, a presença de Fialho é bem escassa, com a exceção, já habitual, da *Revista de Galicia*, dirigida por Emilia Pardo Bazán (a que se une *o Liceo Brigantino*, também colaborado pola escritora). Ao jovem Fialho (nascido em 1857) aludia na sua "Revista Literaria Portuguesa", Lino de Macedo, no número 13, de 10 de julho de 1880 (p. 183), a propósito do caminho aberto por Teófilo Braga, e "el movimiento innovador de la literatura lusitana". E fazia-o Alberto Bessa com motivo da publicação de *A cidade do vício*, na página 2 do número 17, de 10 de janeiro de 1883 do *Liceo Brigantino*.

Ao que eu sei, Fialho não aparece nos meios galeguistas. Aparece aludido entre os principais jornalistas portugueses no mesmo número em que é citado Alberto Pimentel (no número 2274, de 5 de junho de 1886). A única em que aparece e que se pode encaixar nessa qualificação é o restrito periódico *La Temporada de Mondariz*, onde Fialho aparece citado dentro da Geração de Oliveira Martins, Anthero de Quental, Guilhermo Braga e Rodrigues de Freitas, no artigo que Alfredo Vicenti dedica a Guerra Junqueiro, no número 2, de 9 de junho de 1901.

Fialho aparece, e significativamente, na regionalista *Galicia*, "revista quincenal ilustrada", que se editava em Madrid entre 1906 e 1908, que incluía textos e colaborações dumha relativamente alargada pluralidade: Curros, Murguia (prestava, aliás, bastante atenção à RAG), Pardo Bazán, Filomena Dato, Rey Soto, Valle inclán, Unamuno, entre outros. Ele aparece entre os assinantes anuais deste periódico no número 2 de 15 de janeiro de 1908[736].

---

735 *O Instituto*, Vol. XLIX, número 3 de março de 1902, pp. 189-190.

736 A revista foi dirigida por Augusto C. De Santiago, depois, desde o segundo ano, por Manuel Vidal y Rodríguez e, desde o número 21, já no terceiro ano, por Basilio Álvarez. É um repositório mui relevante de participação galega nela, a que se junta atenção ao panorama cultural e político espanhol e galego. Igualmente, dá atenção aos enclaves e centros galegos, sendo, neste sentido, um antecedente da linha que seguirá a *Vida Gallega* de Jaime Solá, que será fundada em 1909. Nas margens temporais deste trabalho, podemos citar a notícia aparecida no número 19 de 1 de maio de 1907, relativa à homenagem da Asociación Galaica de Lisboa e doutros setores da colónia galega na cidade (entre outros com um brinde "*en gallego*") ao empresário proprietário de navios de origem galega Martín Echegaray, cujos projetos são considerados estratégicos para a Galiza; e, até, no número seguinte, de 15 de maio, alguns dados tirados da *Memoria y cuentas* da Asociación Galáica de Socorros Mutuos lisboeta. Já no número 34, de dezembro deste mesmo ano informam, sob o rótulo "Galicia en el Brasil", dumha exposição do pintor de origem galega Antonio Fernández, nascido em 1882 em Goião (Tominho), de que dá notícia a *Folha do Norte*, de Belem do Pará, em resenha de Alfredo Sousa.

Pois bem, no número 2, do dia 20 de abril de 1904, a tão irregular como prestigiosa *Revista Internacional* insere a páginas 30 e 39 umha colaboração de Fialho de Almeida intitulada "De Vigo a Cangas". Com ela abria o número, antenpondo-lhe o retrato do autor alentejano e umhas linhas de rasgado elogio na sua honra, que já transcrevemos ao referir-nos ao polissistema português no seu conjunto.

A revista apresentava-se bastante plural quanto aos seus colaboradores, já desde o seu primeiro número de dezembro de 1903, com textos inéditos de Abel Botelho, Gomes Leal, Júlio Dantas, Fialho de Almeida ou Magalhães Lima.

Não era a primeira vez que o "revoltado pamphletario dos GATOS" enviava um texto a esta publicação nem a primeira que escrevia sobre algumha das suas viagens. Esta tem lugar nos finais do Verão, e a sua narração devia fazer parte dumha mais ampla[737], umha espécie de diário literário, a julgarmos pola notação cronológica que a encabeça (11 de setembro) e que não se repete. Desconhecemos se Fialho publicou, a existirem, outras partes da viagem, mas pensamos que não.

> "São quatro horas da tarde, o céu está limpo, o sol muito brando, e como chiviscou de vespera, não ha poeiras no ar, por fórma que todo o panorama de bairros e montanhas escalóna os seus differentes planos e acidentes com um colorido claro de camara escura, e umha nitidez cutelar de microscopio".

Com esta visão de paisagem *limpa*, nítida, começa a narração de Fialho; ela vai presidir a todo o seu discurso posterior. Parte Fialho dum *vaporsito* do Berbês para a Península do Morraço. O viajante adota desde o início umha atitude aberta perante o *novo mundo* que vai descobrindo: "Embarcamos na «ribera de Berbés», doca d'abrigo onde dia e noite fagulha a turba-multa de catraeiros e preparadores do pescado que constantemente do largo carriam os barcos de toda a população marginal da grande ria".

Pode lembrar a imagem ao leitor o cúmulo de galegos atarefados nos cais de Lisboa, em plena atividade; algo similar recorda Fialho "da amurada do vaporsito que nos leva (um canastrão como os que fazem o salto do Caes do Sodré para Cacilhas); grande atividade".

Desde o início, Fialho assimila a imagem do Outro (a Galiza) à sua própria terra. *Apropria-se* da Galiza, amavelmente, e nela, resumida em Vigo, "bôa cidade ribeirinha", e no Morraço vai fazer convergir vários dos seus *Portugales.* Com efeito, essa é a primeira das comparações com que Fialho afetiva a paisagem. E prossegue:

> "Para além da cidade, n'um fundo de montanha pelada sobre que esta parte das cazarias brancas se recorta, dous castelorios baixos torrejam, com o seu arzinho parra-

---

[737] O mesmo opina Júlio Evangelista (1955:86).

> na e portuguez, o que quer que seja de barrigudo e major reformado, de nos parecer que em vez de Vigo estivessemos por exemplo no Sado, a olhar para S. Philippe, d'um catraio de pesca de Setubal".

É sobretudo o mundo rural, a paisagem, o que de autêntico e genuíno encontra, o que, como vemos, cativa o escritor. Com as primeiras linhas, Fialho desenha umha paisagem familiar para o seu público lisboeta e, em geral, português. Paulatinamente, cresce o entusiasmo do viajante:

> "Ha vento, maré cheia, uma agua verde-azul de tinta amara, chapinhante, inquieta, mas cariciosa e sem colera, por forma a tumefazer toda a minha alma marinha de paixão! Oh meu senhor Jesus, que esplendida paysagem! que natureza ridente e encantadora! Uma enseada como a do Tejo, menos larga sem duvida em certos pontos, mas da mesma forma profunda e desmezurada em comprimento, e com uma barra mais vasta, e um invernadouro mais certo e mais seguro".

O autor descreve o que olha sem preconceito chauvinista. Fialho, homem de terra adentro, enleva-se com o mar galego. De novo surge a comparação com a paisagem lisboeta, nada desmerecedora para a viguesa.

E, ao lado dessa paisagem encantadora e apaixonante, o narrador transmite ao leitor, numha imagem entre colorida e guerreira, umha das caraterísticas com que a terra e o mar que percorre são distinguidos: a sua antiguidade remota:

> "E que montanhas pujantes, cingindo a ria toda; como entre bordos de taça, -montanhas da Galliza, montanhas romanescas, cheias de ruinas de castros e de dolmens-por traz dos quaes, mais alterosas, outras e outras cavalgam, rosa lilaz, roxo de hortense, correndo ao mar em esquadrões de contrafortes!".

Terra encantadora, apaixonante, remota; um velho País que o atrai. Descreve logo as *traineras,* os vapores, as gaivotas na ria. Estes perfis são recobertos por Fialho dumha marca de essencialidade, exemplificada na poesia popular: "todo um amphiteatro de admiravel grandeza, que a poesia rustica reveste da mais encantadora coquetice".

Na medida em que avança nas descrições vai Fialho somando novos dados a reforçarem os elementos que assinala como caraterísticos da terra que olha. O monte da Guia é assim definido como umha "especie de pyramide conica verde bronze, em cujo cimo a ermidinha branca, resumindo religiões familiares, tem seu geito de fazer adeus aos emigrantes".

Como de passagem alude Fialho à emigração, que com certeza logo ressoa na mente do seu leitor como fenómeno próximo; tanto como pode estar a evocação das religiões familiares, que mais umha vez parecem aludir às religiões antigas, pré-cristãs, panteístas, de que a literatura portuguesa conhecia numerosos exemplos.

E, com todos esses *sabores* de encantamento, outras paisagens, mais agrestes, algo tenebrosas e misteriosas:

> "Eis a serra de Moña [sic], deserta e lobrega, côr de chumbo entresachado de lilaz, diademada de cristas, robusta d'espaldas, arcabouçada de minerios, aflorada de móles de granito, toda em despenhadeiros, corcovas, mamelões -sem casas, nem troncos, nem caminhos, e só com alguma felpa de pinheiros insinuada nas ranhuras, baforejando ao pôr do sol vapores d'anil que lhe aveludam todas as arestas".

A Galiza vai aparecendo pois multiforme na sua ruralidade e antiguidade. Aproxima-se o viageiro de Cangas, e surge outra vez a comparação referencial com Portugal: "Em relação a Vigo, Cangas tem pouco mais ou menos a situação do Seixal para Lisboa". As comparações, diziamo-lo, nunca são desmerecedoras para a Galiza; o viajante nunca informa do número de habitantes ou da extensão de Vigo em contraste com Lisboa. Mui polo contrário, adverte, a exalçar Vigo, numha das poucas vezes que presta o viajante atenção ao mundo industrial ou urbano que visita, já quase no fim do texto:

> "N'um periodo mais ou menos longo, Vigo devera ser dos primeiros, senão o primeiro molhadouro da Europa occidental, porque todas as lisonjas naturaes convergem a indigital-o como um porto d'abrigo e de descarga, dos melhores do mundo, e o tempo acabará por desenvolver n'estas encostas, de toda a ria, uma cidade de trafego do tamanho de Londres, Constantinopla ou Nova York. Lisboa deve desconfiar d'esta rival, que sendo ainda uma cidade de terceira ordem, já em bastantes coisas se avantaja ao ramerrão da nossa capital, e todos os dias esbraceja para desviar de nós o commercio da America portugueza".

Todas as suas descrições vão então, desenhando um mundo atrativo de vários modos. A paixão do escritor manifesta-se em imagens onde o instinto sexual se vê impelido polas sugestões do contorno, entremescladas com outras onde as referências à antiguidade clássica e a paisagem abrupta salientam ainda mais o caráter antigo e nobre dos lugares contemplados. Olha para as "Cies ou Bayonas", "ilhas agrestes", onde "não ha fitas de praia",

> "de formas gregas vulcanicas, nomes gregos lembrando, não sei porque, as aventuras de Telemaco, e agudos picos, quebradas inacessiveis, um geito de pães d'assucar e pudins de pão, sobre esse mar verde d'azul que cheira a ostras, e dá, sob as afrodisias da luz, como que uma excitação de bebedeiras hilarantes, com seu propenso á copula brutal! [...] sob a zoeira solar que as cinzentas formas rochosas lhes veste n'uma como clamyde vitrosa de poeiras multicores.

E chegado a Cangas, as palavras de Fialho informam dum *locus amoenus*, na simpleza da aldeia: "subindo escadózes babosos de limugem, achamo-nos subito n'um cantinho paradisial de vida simples, um bocado d'aldeia onde cazitas mal firmam na rocha os desdentados alicerces".

Repara nos redeiros, em que ressalta um ar misterioso e nobre: "cabeças brancas, as boinas e as camisolas de burel, como S. Pedros gothicos, vivendo

do cachimbo e da comtemplação hypnotica das aguas"; nas sombras que a roupa desenha nas águas. As águas atraem de maneira especial também o escritor. Tudo lhe parece transido por elas, ou delas dependendo, "até o gato domestico", diz com humor, "o gatarrão maltez de olhos marinhos, de cócoras na balaustrada, com[o] quem diz que tambem pésca da pesca, e é só póremlhe prá'li um carapau..."

Como antes polos redeiros, não apenas se interessa o viajante polos espaços e as suas sugestões, que percorre como um lugar próprio que desconhecia. Procura um hábitat; descreve então casas e ruelas, antigas, o que de castiço e legítimo vai encontrando: "trepamos a correr um d'esses becos, e por pitorescas ruelas lá vamos, pisando o lagedo gasto que é o tapis commum de quasi todas as velhas cidades e villas da Galliza, onde aqui e além se abre o respiro gradeado d'um cano, e ninhadas de petizes pulam e gritam [...]"

E, nesse hábitat, repara nas pessoas. Perante o mar, "um vasto parapeito de lage, especie de praça ou logar dos conclaves de Cangas, onde pescadores e homens do mar reponsam [sic] ás tardes, fumando e jogando jogos de barra e de paulito", jogos como os que praticam os pescadores portugueses. E, tras descrever "um interessante dedalo de vielas, estreitinhas, enviusadas, ondulosas", interroga-se:

> "Que boa cabeça assoma entre as cortinas? Um lenço branco no craneo, em *serretete*, outro lenço azul posto por cima, e ainda outro *da fabrica*, nos hombros, azul ferrete, com pennas de pavão vermelho e branco -e as rugasitas da velha tão simetricas, o ar tão triste, o rir tão bom! Magro e mirrado é o seu busto, e entanto, pela janellita de castanho ella mal cabe; direis um medalhão de alto relevo, cortado pela moldura de rectangulo, de tal fórma a figurita quêda entre as cortinas".

O quadro parece, mais umha vez, familiar; conclui o escritor: " É nossa avó? é nossa mãe?"

Vai também Fialho indicando ao leitor aquelas palavras que lhe resultam mais expressivas, "*traineras*", "*pollos*", "*outra banda*", que ouve das gentes ou do seu acompanhante, que, aliás, nunca menciona; numha "lojéca" lê que há «aguardiente y vino de cosecha». Mistura palavras galegas com castelhanas, mas poucas vezes aparece a Galiza como lugar *espanhol*, o que talvez lhe tiraria o caráter genuíno que ele procura. Apenas quando fala da igreja principal de Cangas aparecem referências *ao espanhol*. Com efeito, e após descrever largamente as "cazitas", "muito limpas todas", e elogiá-las na sua impressão de solidariedade ("mas tudo, ou quasi tudo, pequenino, aconchegado, em residencias independentes, dando-se, porém, as mão em bichas de defeza, proclamando o espirito solidario..."), e apaixonar-se novamente com o mar, que a cada passo se vê por entre as ruas, "[...] os olhos bebem, o espirito sugere-se, uma obcessão sexual enche o desejo, de cada vez que nas cristas da vaga, que em grandes ondulações paralelas zebra a ria, francas de espuma clara borbulham, como

entre labios debochados d'amor, gotas de semen", chega Fialho à igreja; "-A igreja, vamos á igreja". Fica impressionado: "Tudo isto põe não sei que invocação veneravel e solemne, e nol-a faz acolher sob uma ternura d'arte a que talvez não seja estranho o inconsciente religioso que nas almas dorme, como um espirito de casta archi-sutil".

E continua: "A torre é alta, esguia, com tres eirados ou pisos resahindo muito acima das casas e da igreja -*açambarcante*, como gosta o hespanhol religioso, e d'esse estylo indefinido com que o século 17 remendava muitos dos edificios de Hespanha que topou derruidos ou por acabar".

É curiosa essa identificação do *espanhol* com umha determinada conceção do religioso, diferente daquelas religiões familiares que percebia na ermida do monte da Guia. Os populares têm outra:

> "Sentem-se polo pavez de lageas sujas, centenas de gerações de pés decalços, milhões de beijos tristes nos farrapos dos idolos, mãos implorantes, cabeças parvas, obsidiadas, fanaticas, comprando por velas de quarta, mortalhas de paninho, fogaças de peixe -seguros de vida eterna, e avenças celestiaes contra a miseria e os males d'este mundo".

A segunda e última alusão ao *espanhol* é ainda mais eloquente:

> "Fazemos exteriormente o giro da egreja... [...] e na parte correspondente á capella mór e capellas do cruzeiro, um grande macisso de base rectangular, negro e vetusto, [...] surge no meio da cazaria clara como sinistro reducto do verdadeiro Deus hespanhol, usurario e feroz mesmo na benção e no perdão".

É ao falar da igreja que assomam as pinceladas críticas do viajante. Se antes aludia ao fanatismo e agora a esse Deus espanhol, feroz, que, quiçá, lembra, ou melhor, atualiza outros tempos na mente dos leitores, como parece fazer ao presente na Galiza, quase de passagem, de modo similar a alusão aos emigrantes, semeia o texto Fialho das suas censuras. No retábulo do altar maior da igreja, "os nichos são dez, e está no principal, a cavallo, Santiago, patrono de Cangas, e que tem pela Galliza mais templos do que, valha a verdade, o pobresinho do povo tem escolas".

E

> "ás bandas dos altares essas pobres oferendas ondeam as suas inuteis grinaldas, entre laminas de Corações de Jesus e das Senhoras de Lourdes que o espirito congreganista por toda a parte vae insinuando nos templos, á exploração dos fanatismos francezes que vem de Paris com os outros artigos d'estação".

Censura o escritor esse fanatismo, por ser tal e por alheio, e mistura-o implicitamente com outro género de cousas também alheias e perniciosas, esses "outros artigos d'estação" que bem podem referir-se às modas estéticas parisinas.

E torna Fialho a insistir nesse ambiente lúgubre e obscuro do interior da igreja, que contrasta com a clareza e a nitidez do exterior:

> "[...] figuras em bancos, ou acoccoradas pelo chão (mulheres d'embarcadiços pela mor parte) leem livros oleosos de rezas, á luz de velas tisicas e lividas, emquanto outras fazem o giro da via sacra, com benzeduras e vénias, gemendo coisas; e mesmo um pobre velho arrastava-se, de joelhos, amparado pelos filhos, tartamudeando o rozario: a espaços cahia de bruços, beijava a terra, e no lançar das pernas tinha o escadeirado d'uma velha besta de trabalho..."

Nem as mulheres na igreja lembram aquela velhinha das cortinas, nem, nela, os homens velhos se parecem com aqueles robustos e nobres "S. Pedros gothicos".

Mas o contraste ainda mais se acentua. Logo mesmo de falar daquele Deus *espanhol*, feroz e usurário, "cá fóra a tarde pende; as ruas estão literalmente cheias de creanças que brincam e riem numa chalrada de timbres pipiantes, como se das nuvens que nos retabulos usam fazer nimbo ás Assumções, todos os cherubins tivessem descido a debiçar, como pardaes, migalhas ou sementes".

Dá mesmo a impressão de que Fialho tem de falar, como escrivão que dá fé, da igreja, e aproveita então para a crítica, mas o que realmente lhe interessa é esse mundo exterior que agora vê alegre nas crianças, criaturas, parece, anjos, doutro Deus diferente. E proclama, por elas e pola Galiza, o seu entusiasmo:

> "Quem gostar de creanças tem na Galliza com que aleluiar-se de graça, e reflorir na innocencia das purissimas vizões da puericia.
>
> Dentro do typo local, não se imaginam mais sympathicas e lindas figurinhas. Ricas, pobres, rotinhas ou comicamente vestidas de princezas, o seu typo é sempre uma cristalina miniatura d'essa bella raça gallega que sobre o fundo celtico enxertou elementos gregos e fenicios".

Faltava, dentro das caraterísticas que Fialho vai transmitindo, informar do perfil *racial* dos galegos, como umha das notas mais sobressalientes que sobre si os historiadores regionalistas pregavam: a origem céltica da população galega (e portuguesa) como já Braga, e Murguía e Vicetto, proclamaram nos tempos modernos, adubada agora com "elementos gregos e fenicios", *gentes* que veiculam um ar de nobreza e antiguidade a esse tronco étnico.

Descreve amplamente Fialho as crianças, "genios de caricia e humor sereno, alegria, doçura, o pintasilgo no anjo", e, pola primeira e única vez, dirige-se diretamente ao leitor, como um balanço:

> "[...] e ahi te fica, leitor, com que pintares a floração vivaz que por toda a Galliza enche as plazuelas de canticos e as betesgas de gritos e rizadas. Já o meu companheiro me arrastava na direção do caes d'embarque, onde os garotitos, vendo-lhe os sapatos de *tennis*, e o chapeu de *piqué* sobre uma face glabra de discobolo:
>
> *-Senor aleman, me dê usted una perra, senor alleman*..."

Mais um quadro a identificar com algumha cena semelhante dumha vila marinheira portuguesa, como em geral o de todas as gentes descritas salvo no falarem espanhol, mesmo os "garotitos":

> "O aspeto d'estas gentes de mar em muito pouco ou quazi nada difére do dos nossos pescadores da costa entre Matosinhos e Espozende. São gentes meãs, sem a corpulencia e a belleza talvez dos nossos esplendidos hercules da Povoa, mas d'arcabouço rijo, arcado em bronze vermelho [...].
>
> Quiz-me parecer que, polo menos n'esta estancia da população piscatoria da Galliza, as mulheres não partilhassem tanto, como as nossas d'Aveiro e Povoa de Varzim, das violentas fainas dos homens, fruindo mais calma vida de lar, o que logo se vê pelo diferente aconchego dos filhos, e aceio [sic] das moradias, tão outros das infectas pocilgas dos nossos bairros pescadores [...]
>
> A porfia rudissima das redes, por todos os tempos e más horas, forçando os homens á afronta das intempéries e dos terriveis esforços musculares, necessariamente, como entre nós, lhes transtorna cedo a saude e mocidade, pois para se retemperarem e resistirem, tomam do alcool com que aos cincoenta e sessenta annos teem já o aspeto curtido, refolegante, de bestas esclerózadas e discrasicas [...]".

Nas descrições de Fialho, pois, é persistente identificação do que olha com o próprio, acrescentando de regra um ponto de casticismo ou progresso ao lado galego.

A narração vai concluindo. "Devem ser aproximadamente cinco horas"[738], anota o viajante. "A gente não se cansa d'admirar tão esplendido estuario". Comenta então os progressos que augura para a cidade de Vigo, a que tornam, e, com ela, as comparações com Lisboa, a afetivização do território, para ele e os seus leitores:

> "Como a enseada do Tejo as serras da Palmella e S. Luiz, Cintra, Monsanto, Alhandra, assim na de Vigo, ás tardes, essas galopadas tragicas de montes -mas proximos, mais altos, e em pannos de muralha mais cerrados- recortam sobre ceus de nuvens chimericas, seus perfis de castello e torres gothicas. Perfis estranhos com romanescas formas de ruinas, correndo ao mar em hordas convulsivas, walkiriadas tragicas de batalha [...] em terriveis *panneaux* decorativos, sobre que já, na nostalgia da hora, as transparentes sombras da tarde se obliquam".

Ao lado dessa identificação com a região portuguesa, sintetiza Fialho todas as caraterísticas que quijo (ou pareceu querer) transmitir do mundo *próprio* mais incógnito, que olhava: trágico, misterioso, utópico, nobre, antigo, nostálgico, saudoso, atraente, genuíno, autêntico.

---

738 Parece-nos haver aqui um lapso na sequência cronológica da narrativa de Fialho. Mesmo ao começo indica da narração serem "quatro horas da tarde" do dia 11 de setembro; é realmente difícil que no intervalo dumha hora tivesse tempo em comtemplar todo o que descreve, quando, na atualidade, os barcos que fazem a linha demoram vinte minutos. Resulta pois evidente que a viagem de Fialho não foi umha ida por volta tão rápida, e que deveu demorar mais dias na Galiza.

E então, por primeira e única vez também, reforça as suas ideias com o imaginário dos seus leitores, nele procurando um cânone, literário, paisagístico, artístico:

> "[..] Que socego amoroso de golfos, que bahias limpidas para desenrolar idyllios como o *Pecheur d'Islande* e a *Graziella*! É na margem fronteira a Vigo, Limens, Cangas, Con, Damayo [sic], Los Cobres, e já no limite da ria, Ulho [sic]; é na margem de Vigo, Samil, Vigo, Teis, e alfim a deliciosa e alpina enseada do Lazareto, que parece um lago da Suissa, reflectindo encostas de saudade, cheias de casitas fumegantes".

E ainda

> "Já o sol vae a cahir por traz da barra [...] Prepara-se uma apotheose de nuvensitas ligeiras, em flócos d'esponja d'oiro e rendas creme, entre as quaes o astro se ha de pôr, laranja, por traz das Cies, um pouco diafanas na luz spmasmica, que as faz parecer de vidro de Morano".

Enfim, toda umha descrição de sossego e prazer, de quietação, dum espaço único, como fabulado. Fialho conclui a narração deixando nítida essa impressão nas suas palavras, no pôr do sol, mais um elemento mítico deste Finisterrae:

> "[...] é um momento supremo na paysagem, com toda a poesia cosmica vivida n'essa transmuta gradual da luz reenviando d'um mesmo quadro, milhões de provas diversas, e toda a feria das nuvens dando por traz das Cies a momentanea illusão d'outros ilheus, com cristas e faroes, d'uma cidade efemera de conto, revivendo um instante de retina, para fazer logar a outra de lavis mais cavado, em côres que cyanosa a noite proxima, quando já, perto de Vigo, as primeiras luzes de gaz riscam o caes, e confusamente no ar triste os sinos fazem soar o angelus da paz".

Fialho encontrava na Galiza umha espécie de quinta-essência de Portugal; era, aliás, o que parecia procurar. Parece-nos esta a ideia que, central, se desprende da sua narrativa. O autor alentejano fala continuamente em termos positivos da paisagem e as gentes que passam à sua frente. Os elementos críticos apenas assomam quando a Galiza como entidade não está em jogo: é a vez então do Deus *espanhol*, ou do fanatismo *francês*. O que poda haver de atraso ou miséria não parece de responsabilidade galega. Vai sublimando os traços mais caraterísticos, o rural fica aos seus olhos convertido em quadro bucólico, a decrepitude da vida que contempla aviva a sua sensibilidade, o mar acolhe toda a paixão de que é capaz, a humildade das casas, aconchegadas como os filhos às mães, transforma-se em "espirito solidario".

Mas, como quase sempre[739], o viajante não informa sobre o processo regionalista na Galiza, nem sobre a sua produção galeguista. Umha vaga referência

---

[739] Há algumha exceção notável. Talvez a mais significativa seja o livro *Viagens na Galliza* que quinze anos antes publicara em Lisboa Silveira da Motta. O livro, dum caráter diferente ao artigo de Fialho, dá conta de origens medievais comuns: falando por exemplo das terras de

à poesia popular, que reforça ainda mais os carateres essenciais que quer transmitir, é toda a literatura que aparece. Fialho procura um espaço idílico, implicitamente a origem do seu mundo, como se dum retorno se tratasse. Nunca, porém, explicita identidades; e mais umha vez, a literatura regionalista galega, o *presente da Galiza,* fica fora dos circuitos literários portugueses.

Ora, o texto de Fialho vai ter imediata fortuna. Dezaoito dias exatamente da data que aparece no cabeçalho da *Revista Internacional*, o número 153[740] de *O Regional* abre, sob o rótulo "Collaboração alheia", com a primeira parte deste "De Vigo a Cangas". "Collaboração alheia" é umha notação imprecisa, várias vezes utilizada polo semanário, que pode dar a impressão de que se trata dum inédito o que na realidade era tomado doutros meios. Não o indica assim a Redação do semanário, que, sem introdução nengumha, começa a reproduzir, integramente, o texto de Fialho de Almeida. A leitura que se podia fazer dele neste contexto é, sem dúvida, diferente da receção que o leitor doutras regiões de Portugal podia exercitar. Se, para este a narração de Fialho, entre o pitoresco e o exótico, desenhava um mundo desconhecido e próximo, a chocar com o seu imaginário de *galegos* aguadores ou ruins, admirável na sua essência e ameaçante, até, polos seus progressos, o leitor minhoto, desligado em parte desse contexto lisboeta (o que, aliás, propicia que o texto seja publicado no semanário regional, o que revela que polo menos grande parte dos leitores não acedia a revistas como a *Internacional*), tinha necessariamente que ficar admirado da legitimação que a pena prestigiosa de Fialho fazia da Galiza, confirmando assim, se fosse cética a sua atitude, valores similares aos que, com constância, João Verde vinha vulgarizando desde as páginas de *O Regional*. Porque parece claro que é por meio de João Verde que o texto aparece publicado; se, como nos crimes, há que perguntar-se em primeiro lugar quem beneficia do assassinato, neste caso, bem mais amável, todos os indícios apontam para o autor dos *Ares da Raya* e o seu galeguismo, em ocasiões, como veremos, posto em causa por alguns como esquisitez, afá de notoriedade ou, simplesmente, *snobismo*. Verde *ganhava* para a sua causa umha figura de primeira fileira, que contribuía a desmentir alguns dos qualificativos precedentes.

O que devia ser comum, possivelmente, a um tipo e outro de leitores, era a relativa estranheza pola atenção que aquele homem controvertido e

---

Arousa, diz (53): "N'este lendario solar nasceu Vasco Perez de Camões, que veio a Portugal em 1370, e combateu ao serviço de D. Fernando, o Formoso, na guerra contra Henrique de Castella [...]".

Fala também da poesia popular (136 e ss.) e dedica cinco páginas (175-179) a falar de Rosalia de Castro e a valorizar as suas *Follas Novas*, que, como já indicámos, não desfrutavam de estimação nos meios espanhóis. E, mesmo assim, como vimos, o livro será criticado polo Marquês de Figueroa polo seu desconhecimento da realidade literária galega...

740 De 8 de maio de 1904.

contraditório, "um dos chefes da má-língua nos cafés e teatros de Lisboa e companheiro de estrada do Partido Republicano" como o define Rui Ramos (1994:276), antes da sua filiação à política de João Franco, anárquico, mais do que anarquista, unicamente interessado pola riqueza segundo os seus críticos, fizera aquele canto amável à Galiza.

Durante três semanas seguidas dedica *O Regional* a sua primeira página ao texto, cuja reprodução conclui no número 155 de 29 de maio[741]. A Redação não forneceu nengumha informação adicional. Encontraria imediatamente depois o leitor umha síntese da polémica que em Vigo provocara a reprodução dos versos de João Verde "Vendo-os assim tão pertinho" correspondidos por outros de Montenegro Saavedra num bilhete-postal comemorativo da visita duns excursionistas portuenses à cidade; e a explicação por parte de João Verde dos seus princípios galeguistas a que antes nos referíamos. Parecia assim o texto de Fialho um notável preâmbulo a estes factos.

Mas, passados dez meses da reprodução de "De Vigo a Cangas", surpreeende o semanário na sua primeira página com um titular, maior em tamanho dos que costumava, "Carta ao Minho e á Galliza", um antetítulo revelador, "Assumptos regionalistas", e umha assinatura que já lhe resultava algo familiar: Fialho d'Almeida. Agora *O Regional* cumpre, polo menos em parte, com o código deontológico do jornalismo: "Uma revista litteraria da capital publicava ha tempos sob o titulo *de Vigo a Cangas* um excellente trabalho de Fialho d'Almeida sobre aquella cidade gallega e seus arredores que é a tela mais viva, mais colorida e mais fiel da paysagem e costumes que, em prosa peninsular, poderia reproduzir-se".

Elogios tão rasgados como lógicos, pola intenção, os dedicados a Fialho.

A introdução (não ficará dúvida com o trecho a seguir) é da autoria de João Verde; nela tem que proceder a umha dupla justificação:

> "*O Regional* transcreveu em sucessivos numeros esse extraordinario trabalho. E porque n'elle alguem que a este semanario consagra uma parte do seu labor, por muitos mal comprehendido, visse em vez do critico azedo dos *Gatos*, e o auctor do *Paiz das Uvas* tão outro que o nosso, aquelle que no fundo apezar de tudo foi sempre Fialho d›Almeida, um lucidissimo espirito, endereçou-lhe por mão amiga, um exemplar dos *Ares da Raya*, pobres ares que á melancolia do Alemtejo levassem um pouco da *morriña* galliciana que lhe tocava ainda e tão profundamente a prosa encantadora do grande critico.

Com efeito, deve justificar como aquele "revoltado panphletario dos GATOS" assina um texto das caraterísticas de "De Vigo a Cangas": é que Fialho não é como as suas obras dele falam; é um "lucidissimo espirito", cheio de sensibilidade e melancolia, deduzimos. Numha justificação vai outra: a do próprio João

---

741 Devia corresponder este número ao 22 de maio, mas o semanário não se publicou o dia 15 deste mês.

Verde, cujo labor em *O Regional*, que tinha por lema a antiga proclamação monárquica *"A prol do commum & aproveitança da terra*" ("por muitos mal comprehendida"), encontra estimável reforço no alentejano apaixonado polo Minho e a "Galliza"; e recorre Verde, mais umha vez, à "*morriña* galliciana" como identificação de ambas as terras.

Não param, porém, aqui os benefícios. É a própria obra de João Verde, os *Ares da Raya*, que aparece como expressão dessa identidade galego-portuguesa. Encontrara Verde um bom exegeta. Com pouca perícia no artifício da modéstia, comenta a anónima Redação:

> "Em boa hora. As impressões de Filho [sic] d'Almeida sobre o livro que vem confirmar em parte as de Bruno, porque traduzem os sentimentos e os ideaes do auctor dos *Ares*, não vão ter n'este lugar publicidade pelo que directamente respeitam a João Verde. Merecem-a, não podem ficar escondidas como uma simples correspondencia, porque encerram as affirmações auctorisadas d'um grande espirito e d'um explendido coração.
>
> Ponham os leitores de parte os periodos que visem *Os Ares da Raya* e apreciem o resto que é bem uma deliciosa carta ao Minho e á Galliza, muito para agradecer, e perdoe-nos o seu auctor que a entreguemos aos destinatarios no seu domicilio de paredes-meias.".

Podia era pô-los de parte [esses períodos] a própria Redação/João Verde, mas não era questão de deixar de aproveitar os elogios que a autoridade de Fialho, "as affirmações auctorisadas d'um grande espirito e d'um explendido coração", como se nos assinala, reafirmando para mais os doutra autoridade (Sampaio Bruno[742]) dedicava ao livro de poemas do Secretário da Câmara Municipal de Monção.

Quanto às "paredes-meias", elas não são quebradas, polo menos nas revistas, mui poucas, que do Sul da Galiza circulavam nesta época. O *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Artísticos e Históricos de Orense* não se faz eco nem do texto de Fialho nem da presente carta que estava, sem dúvida, algo longe dos seus interesses. Também a *Revista Popular*, que reatava precisamente em Vigo a sua publicação no mês de maio de 1904, não regista o texto, não podendo aparecer esta carta nela pois deixou de sair nesse mesmo ano. E tão-pouco a encontraremos em *La Acción*, "periódico de Sociolojía, Ciencias y Artes", para quem mais longe caía certamente o tema. Talvez (não os consultamos) ela apareça em algum jornal ou semanário de informação geral. Nas publicações objeto do nosso estudo do Norte galego, desligadas em geral do regionalismo minhoto, em vão o procurámos.

Se aludimos a este facto é pola razão de que seria plausível esperar que Verde enviasse o texto e/ou a carta a algum meio galego; e, por outro motivo:

---

[742] Refere-se aqui a redação de *O Regional* aos comentários elogiosos de Bruno sobre *Ares da Raya* de que mais adiante tratamos.

sobretudo na fase nacionalista, muitas publicações de ambas os Países vão com relativa frequência dar conta de, e comentar, textos significativos que sobre o Outro se produzam; e este, pola autoria e polo conteúdo, entraria em cheio nesse capítulo, como veremos.

Enfim, acabava a introdução e transcrevia-se, polos vistos na sua integridade, a Carta de Fialho, assinada em "Cuba, Alemtejo, 15 de março de 1905"[743]. Ela, digamo-lo desde o começo, vai centrar-se sobre algumhas das questões que no seu texto literário sobranceavamn, dando-lhes agora, porém, um marcado sentido ideológico que não aparecia em "De Vigo a Cangas". Não obstante, o seu valor principal, no que diz respeito aos nossos objetivos, é o facto de nos fornecer, com extrema clareza, as ideias que sobre a Galiza e Portugal tinha o autor alentejano, adornadas com pinceladas de conhecimento sobre a Galiza presente que permaneceram ausentes no seu texto da *Revista Internacional*[744]; e já no início:

> "... Muito agradeço a V... a remessa do livro *Ares da Raya* que reli com intenso prazer e já conhecia aquando sahido á publicidade. É V. um poeta da pleiade dos Curros Enriques, dos Valentim Lamas Carvajal e Rosalia de Castro, de cujas estrophes sahe o queixume da encantada terra gallaico-minhota que é hoje um dos grandes amores do meu coração de portuguez".

Parece confirmar-se que o livro do poeta minhoto tivo certa relevância, ou, polo menos, como afirma Fialho, publicidade. E o depoimento a seguir é, como quase tudo o que levamos comentado sobre Fialho, surpreendente. Verde aparece adscrito, ou melhor, inserido, na literatura regionalista galega. O escritor alentejano citava Verde como utente do mesmo repertório que os mais conhecidos escritores regionalistas da Galiza (faltando a singularidade de Pondal...); era neste sentido mais explícito ainda do que até ao momento ninguém fora na apreciação dos *Ares da Raya.* Essa literatura regionalista galega, por sua vez, parece fazer parte dumha literatura, dumha entidade galaico-minhota: para acertá-lo com a nossa terminologia, entre sistema interliterário e polissistema galego-português ele mesmo parece movimentar-se a opinião de Fialho. Em seguida veremos que, para o autor de *O País das Uvas*, essa

---

743 Júlio Evangelista comenta (1955:90) que entre os papéis de João Verde, foram encontrados, após a sua morte em 1934, um "juízo crítico" de José Pereira de Sampaio (Bruno) e a carta de Fialho, que transcrevia no seu trabalho. Os dous documentos foram publicados anos antes polo Arquivo de Viana do Castelo, em abril de 1934], onde se diz "que foram encontrados polo Sr. Dr. Luiz Filipe, destinados"«segundo parece, para acompanhar umha segunda edição daquele livro»". "Pois bem", prossegue Evangelista, "a segunda edição apareceu, mas quanto à carta de Fialho e ao juízo crítico de Bruno -qualquer deles cheio de interesse- nem cheiro...".
Na verdade deviam ser estes dous dos testemunhos que sobre si guardaria com maior afeto o poeta minhoto. E, polo comentado por Evangelista, dá a impressão que à hora de editar os documentos, ou, como no caso do crítico que vimos citando, de reproduzir a carta de Fialho (fielmente aliás), desconheciam uns e outros a publicação de ambos os textos em *O Regional*.

744 Tudo parece apontar, pois, a contatos de Fialho na Galiza. A assinatura da *Galicia* antes indicada parece evidenciar isso mesmo...

literatura galaico-minhota, una *ab origine*, deveria fazer parte do polissistema português.

E há um dado mais que não pode ser negligenciado. Por vez primeira, e juntamente com alguns dos comentários que suscitara *Ares da Raya,* faz-se explícita, que saibamos, a transferência de modelos (e não apenas a Importação de produção literária ou literatura) do sistema regionalista galego (que vinha sendo o *meta*) para o polissistema português (que era, e é, o *fonte*). Note-se que para nada se trata dumha re-Importação dos próprios modelos (como poderiam ser os casos da vulgarização literária de Curros ou Pondal em Portugal). É um caso que se repetirá, mas rara vez.

Citávamos Pondal, o camoniano, e de novo não constatamos a sua presença entre os comentários dum crítico português. Confirma este facto que o poeta de Bergantinhos não estava no centro canónico da literatura regionalista, como Curros, nem tão-pouco participava do papel de clássico que Rosalia, mas também Añón e Lamas, por exemplo, ocupavam. Mui possivelmente, as informações de Fialho tinham a ver bastante com o tipo e mediação das de João Verde. Não cita o alentejano nengum poeta corunhês, nem mesmo aquele que mais cantou o celtismo que Fialho percebia nas crianças da Galiza. Por via do regionalismo minhoto, devemos reiterá-lo, não chegava ao polissistema português (mais em concreto, a umha das suas periferias) a produção literária daquela escola renovadora. Fialho de Almeida recolhia os três nomes da literatura regionalista mais conhecidos em Portugal, com proeminência para Rosalia e, sobretudo, Curros.

Na continuação, dá o escritor dados indiretos sobre a sua viagem à Galiza. Manifestam a desligação da Lisboa cosmopolita com o Norte; e o descobrimento que do além-Minho faz o alentejano Fialho:

> "Ha quatro annos ainda eu não teria podido sentir intensamente a melancholia evocativa dos seus versos: ignorava a situação moral e social da terra que os inspirava: não tinha percorrido ainda essas estradas sósinhas, essas montanhas e essas rias, esse paiz de emigração e de pobreza, onde se falla quasi o portuguez do Cancioneiro e ainda parece viver a alma da poesia bucolica e quinhentista".

Fialho viajara pois, podemos inferir, por volta de 1901 à Galiza pola primeira vez. Ela aparece, aos seus sentidos, como um Portugal antigo. Fica fixada a ideia dumha terra origem, *fundação*, da própria; mítica no seu passado (nela "parece viver a alma da poesia bucolica e quinhentista"), e mísera ("paiz d'emigração e de pobreza") no presente. Mostra-se o autor agora mais cru nas suas observações, que obviara naquela narração em que pretendia transmitir umha Galiza mais ideal e idílica. A seguir, Fialho promete mais viagens, e começa a apontar as suas conclusões, que antes não fizera públicas, sobre o estado da Galiza e a sua relação com Portugal:

> "Algumas pequenas excursões por Minho e Galliza, posto imperfeitas e em vias de completar-se um dia, abriram a minha alma á sugestão dos mil problemas pendentes sobre o destino d'esses rincões deliciosos, e que ha tanto tempo aguardam uma transformação economica que os salve. Por ellas senti que não ha fronteira norte; e que o Minho vae até ao Cantabrico e a Galliza se espraia até ao Porto, e que o que no mapa se alastra sob a designação de provincias de Pontevedra, Orense, Lugo e Corunha[745], é nada menos que o territorio de quatro provincias portuguezas, legitimas e castiças, que uma estupidez historica segmentou e isolou das outras oito".

Enlaça assim Fialho (conscientemente?) com o que anos antes historiadores e filólogos portugueses afirmaram, mais ou menos abertamente. Fialho não reparava em continências aconselhadas por prudências de diplomatas: a Galiza era portuguesa; e que não há fronteira norte, longe de ser umha metáfora para umha vaga unidade espiritual, converte-se na afirmação dumha identidade que, em sua opinião, deve ser corrigida, também politicamente:

> "Por ventura um dia, caso as tendencias separatistas da Hespanha fizessem estalar a peninsula polas divisorias dos antigos reinos independentes, poderiam Portugal e Galliza juntar-se n'um paiz uno e homogeneo, conforme as comunidades de caracter, a inteireza do typo, crenças e tendencias que oito seculos de separação não lograram diferenciar no menor traço. Ter-se-hia então conseguido cimentar o que chamariamos a unidade portugueza, como a fizeram a Italia e a Allemanha, e por ventura conseguiriamos n'essa hora o maximo de expansibilidade a que nos é dado aspirar agora que os Brazis estão povoados, a Africa já não tem pedaço de terra sem dono, e que o portuguez começa alfim a despertar do somno que tanto tempo o trouxe alheado do seu torrão d'origem, e dos carinhos filiaes que deve á Galliza, d'onde ha oito seculos sahiram os nobres do Conde Henrique e as emigrações proliferas dos gallegos, para a terra luzitana, os primeiros nucleos de civilisação e de cultura".

Enfim, que o antedito podia dizer-se em tipos gráficos mais grossos, mas dificilmente mais claros. Aquelas alusões ao "typo" galaico, às suas crenças e os seus costumes, aquelas referências ao parecido com paisagens ou gentes da terra que literariamente Fialho ia comentando em "De Vigo a Cangas", escondiam a nítida expressão dumha pátria fragmentada. Bebia Fialho nas fontes dos historiadores do seu País. Fala assim das dívidas históricas deste com aquela terra hoje marginalizada. População e língua para uns; civilização e cultura para Fialho, naquelas emigrações prolíferas; e até soldados fornecera a Galiza

---

[745] É curioso este uso dos topónimos, alguns castelhanizados (Orense) e outros na forma correta. Como já pudemos verificar no seu dia no caso de Camilo, dá a impressão de que os escritores portugueses, mais do que aceitar como corretas as formas castelhanas, ignoram a verdadeira, e dão por válida e *portugueza* a espanhola. Por isso esta mistura: Corunha-Orense em Fialho, que em Verde aparece já decantada em favor das formas bárbaras. Algo assim já percebeu Montero Santalha (1990:408) a comentar precisamente o uso da forma Orense por João Verde: "Como sucede com freqüência em escritores portugueses, iludidos pola nomenclatura oficial castelhana da toponímia galega, Verde escreve erroneamente Orense em vez da correcta forma galega (e portanto portuguesa) *Ourense*".

para conseguir a nacionalidade. Acrescentava ainda Fialho outras ideias, muito mais vivas, da sua lavra: entre a dívida histórica, a fraternidade entre os povos e o expansionismo (as alusões à África e ao Brasil assim o manifestam) a reunificação (galego)-portuguesa era tarefa a acometer, como a italiana ou a alemã apenas trinta anos antes. Portugal devia despertar do seu sono (o que era umha maneira de se referir à desorientação que pairava no ambiente social e intelectual luso) reunificando a sua entidade nacional, à espera de que os nacionalismos do Estado Espanhol, vistos normalmente com simpatia polo comum dos agentes portugueses no campo cultural e no intelectual polo que tinham de ameaça para quem os fazia sentir ameaçados, eclodissem numha nova configuração política peninsular. Literária, cultural e ainda por vezes politicamente esta vai ser umha das raízes fundamentais do relacionamento entre os povos da Península neste tempo e nos anos futuros, nomeadamente entre o galego, português e catalão; entre os dous primeiros havia ainda razões de comum unidade ainda mais poderosas; as que, com igual clareza que Fialho vai invocar anos mais tarde Teixeira de Pascoais, homem aliás livre de veleidades de concretização política das suas afirmações: "A Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela".

Desde os anos setenta do século passado, vai pois configurando-se (e temos aqui um significativo exemplo) em Portugal a atenção pola Galiza, lentamente ascendendo, desde as periferias da Filologia e da História, e desde o Regionalismo, para o centro do polissistema literário português. O momento, sabemo-lo, era especialmente propício. O nacionalismo vingava em Portugal; Fialho em "De Vigo a Cangas", criticando o fanatismo de importação francesa, censurava indiretamente a literatura daquela origem. O panorama da literatura portuguesa (em geral o panorama cultural, e também político) virava-se para a terra e as suas essências. O regionalismo, nunca réu em Portugal de antipatriótico, antes polo contrário, afirmava essa direção que, no caso minhoto, fazia ainda mais presente a Galiza e o seu próprio fenómeno regionalista. Assim o vai constatar Fialho nas linhas a seguir:

> "É V... dos puros espiritos cultos de Portugal que, n'este sonambulismo das letras nacionaes, vivendo de poeiras francezas, obsecado e estupido, parece terem presentido pola residencia n'uma linha rayana, esta aspiração ainda inconsciente do espirito nacional para umha politica d'aproximação com a Galliza, base de eventualidades pacificas que Deus sabe poderão fixar historicamente um dia os seus efeitos".

João Verde então encontra um setor importante de recetores que abençoam o uso dos seus materiais poéticos. Nessa recuperação nacionalista que Fialho defende (e que talvez desejou entender materializada na ação política de João Franco anos mais tarde) a "aspiração ainda inconsciente do espirito nacional para uma politica d'aproximação com a Galliza" aparece quase como umha revelação cujo arauto é João Verde. Prossegue o autor de *Os Gatos*:

> *"«Meu pobre cantar vivi-o,*
> *Naturalmente no lar...*
> *Tém a alegria forçada*
> *Deste rincão do alto-Minho,*
> *E a nostalgia doirada...*
> *Da Galliza abandonada...»*
>
> Em todo o livro são evidentes as analogias d'estro e sentimento entre o regionalista férvido que é V... e os poetas galegos que no principio d'este venho de citar, e com quem V... se identifica tanto, que até aqui e alem, os *Ares da Raya* cantam estrofes gallegas que não são das menos sugestivamente lindas do volume".

Surge explícita outra vez a transferência de modelos galegos, e, na escolha da citação, renova Fialho essa espécie de dever moral de virarem-se os portugueses para a Galiza *abandonada*. Para o que, e enquanto se espera por aquelas "eventualidades pacificas", Fialho dá mesmo ideias práticas: "Grande ideia seria umha revista gallaico-portugueza, onde os escriptores d'ambos os lados do Minho forjassem por laços d'arte ainda mais o sentimento paternal que deve unil-os e caso podessem, desbravando o caminho, apressar a obra d'uma futura nupcia nacional[746]".

Conferia Fialho à literatura um labor de *avançada*, como decerto tivo na aproximação dos dous Países. À comunhão mítica, ascentral, recorre Fialho para proclamá-la, manifestando certo conhecimento da situação galega:

> "Por mais afastado que esteja da fronteira, o gallego é sempre e por todos os motivos, mil e mil vezes mais portuguez do que espanhol; e isto reconhece quem fôr pelos povos do Minho e da Galliza estudar a vida rustica e recolher das conversas, dos livros e da chronica dos jornaes (fallo da Galliza) a sumula das tendencias do povo esquecido dos governos e obrigado a deixar suas aldeias, e das aspirações longinquas, ancestraes, que sem no sentir prendem a Galliza á terra portugueza a quem ella deu até o nome das suas villas e os apellidos da sua melhor gente".

Bem podia testemunhar o escritor do Alentejo essas pegadas que no nome das vilas da sua terra deixaram os galegos. E, na renovação dos seus votos polo reeconcontro galego-português, aparece umha alusão, cuja subtileza queremos assinalar. Fialho, ao definir a, em sua opinião, genuína origem do galego não a opõe a Castela, a inimiga histórica de Portugal. Identifica esse referente de oposição com Espanha (*espanhol* e não *castelhano* é o termo que utiliza), o que dota as suas palavras dum tom que anos mais tarde será conceitualizado como *arredista*.

---

[746] Para encontrar o projeto que Fialho convida a iniciar, haverá que esperar polo após-guerra espanhol, e até aos anos sessenta não circularão revistas que insiram essa caraterística, a de revista galego-portuguesa, no seu cabeçalho. Também não se pode incluir exatamente como tal a efémera revista *Azul* ("Revista quincenal ilustrada. Arte, ciencia y literatura"), hoje esquecida como tantas outras, cujo número único dirigiu em Ourense Souza Aguiar, em 1913, administrada por M. Pablo Reyes. Mas, sobretudo algumhas revistas galegas, com *Nós* à cabeça vão parecer em muitas ocasiões responder a esse projeto que Fialho invocava nos começos de século.

De resto, prossegue Fialho nos elogios aos *Ares da Raya*, definidos pola sua autenticidade e originalidade perante a influência estrangeira que entendia tão perniciosa nas letras portuguesas do momento:

> "Muito agradeço a V... o ter-me proporcionado com a remessa dos *Ares da Raya*, ensejos d'escrever-lhe. Poucos livros de versos me interessam de leitura porque são em geral, echos de echos, revelações de pathologias metricas da moda, primaveras senis d'espiritos seccos... Nos *Ares da Raya* vibrou uma alma encantada da natureza rustica e da vida humilde: d'essas breves composições sahem, como fumos coloridos, os fantásmas de todas as dores poeticas do solo e da gente. Quem n'as escreveu, sofreu primeiro: e n'esta porção d'autobiographia está para mim todo o poema".

Para o final da sua extensa carta reserva o escritor a sua mais forte declaração de amor pola Galiza. Como umha síntese e umha conclusão de todas as ideias que foi semeando nas linhas anteriores, faz Fialho, num momento que, polo tom, talvez considerasse próximo ao ocaso da sua vida, umha confissão realmente terminante, definitiva: "Releve a estopada de tantas divagações ao desproposito. Se eu podesse deixar d'uma vez estas charnecas onde nasci e morro de tristeza, era na Galliza, sobre uma rocha, á beira-ria, onde eu iria installar a minha tenda. Por desgraça ficarei até ao fim um rude porco montez dos azinhaes".

Aqui ficavam os comentários de Fialho. Não encontraremos aqui nos anos sucessivos mais escritos ou alusões ao escritor alentejano. Talvez a viragem política que, junto com muitos outros escritores e intelectuais da época, ia dar, fizo que ao semanário Regenerador Liberal e mais tarde Republicano, não interessasse já as opiniões do que a *Revista Internacional* definira como "Mestre inconfundivel" e de quem *O Regional* proclamava o seu "grande espirito e esplendido coração".

Mas, por enquanto, ficava impresso um importante reforço e reconhecimento à obra de João Verde, o que não era nada desprezível.

Restam, quanto a nós, no entanto, algumhas dúvidas; por exemplo, quem era o acompanhante de Fialho na viagem que relata a terras galegas; e de quem a "mão amiga" que enviou os *Ares da Raya* ao escritor alentejano. Para a primeira não temos resposta, mas, para a segunda, sim podemos aventurar algumha possibilidade, da *mão* de Júlio Evangelista, e numha revista similar àquela que pretendia Fialho, a *4 Ventos*", "revista lusíada de literatura e arte"..., autor e revista já citados. Diz Evangelista (1955:86):

> "Ainda não sabemos explicar a razão porque só alguns anos depois de publicado, é que João Verde enviou a Fialho d'Almeida os *Ares da Raia*. Na verdade, a carta deste a agradecer a oferta é de 1905, e o livro viera a lume em Vigo, no ano de 1902. Temos o pressentimento de que andou ali o dedo do Dr. Pinto da Mota, amigo dos mais íntimos de Fialho, e igualmente amigo de João Verde, a apresentá-los, pelo menos, a aconselhar este último a oferecer o livro a Fialho, que, na primavera de 1904, passara

> polo Norte, tendo escrito ao Dr. Pinto da Mota a dizer que não desgostaria de o ver. E acrescentava: «Isto para que não aches que eu passe sem te dizer coisa».
>
> Poucos anos antes, Fialho fizera uma viagem à Galiza. Entrou pela fronteira de Valença, onde, por certo, abraçou o seu amigo Mota, oficial de engenharia que viria a ser um distinto parlamentar".

Podemos então atar algum cabo; a razão por que João Verde não enviou para Fialho antes o livro parece evidente: não tinha na altura qualquer contato com o escritor alentejano. E que o enviasse anos mais tarde explica-se polo interesse despertado polo seu artigo sobre a Galiza. Pinto da Mota, a *mão amiga,* poria-se em contato com João Verde e ofereceria ao poeta a possibilidade de escrever para Fialho e enviar-lhe o livro.

VI.3. O sistema regionalista galego nas periferias do polissistema português

VI.3.1. Cervaens e Rodríguez: umha oportunidade de mediação perdida. *Atravez da Hespanha litteraria*

Se o livro de José Cervaens e Rodríguez, portuense descendente de galegos nascido em 1870, tivo pouca resonância nos meios literários galeguistas, não foi muito maior a que se lhe prestou nos portugueses. Revistas como *Ave Azul* resenharom a obra (segunda série, número 12) onde se sublinhava a presença da galega Concepción Arenal, sem que isso merecesse aos responsáveis da revista nengum comentário adicional e sem estender-se no aprofundamento da obra. Esta era, na realidade, um folheto divulgativo, que não nos parece que tivesse alcançado eco relevante, pois não encontrámos críticas sobre ele nas revistas consultadas.

Sim vai dedicar algum espaço a *Atravez da Hespanha litteraria A Aurora do Lima*. A resenha vai aparecer em 1902[747], um ano depois da publicação do livrito, assinada por Antonio Cardiellos, mesmo na página em que é inserido o capítulo III das "Horas de Estudo" que o padre colaborador do bissemanário vianense Silvino de Sousa dedica à "litteratura gallega".

É possível que este colaborador de *A Aurora,* António de Cardiellos Júnior, que mais tarde encontraremos fazendo parte do Integralismo Lusitano, compusesse a crónica do livro por amizade com o seu prologuista, Campos Monteiro, amizade que talvez partia já desta época, e em cuja importante revista *Civilização*, vamos encontrar várias vezes o seu nome ao pé de bastantes poemas. O que sim sabemos com certeza é que Cardiel(l)os tinha relações

[747] Número 7.027, de 10 de setembro de 1902.

com algumhas pessoas cisminhotas, entre as quais Jaime Solá, como o próprio viguês comentará nas páginas de *El Noticiero* por estas mesmas datas.

E, como no caso do seu colega viguês, à hora de falar de relacionamento 'à sério', também Cardiellos o coloca em termos hispano-lusos, embora, como veremos, com algum elemento relativamente original. Nem a origem do autor do livro nem a referência a Concepción Arenal vão fazer que o cronista se refira à Galiza, como, aliás, não cabia logicamente esperar: "Eis o título d'um precioso livro inspirado no mais nobre dos ideaes: a aproximação das literaturas das duas nações irmãs".

O artigo vai destinar-se de preferência a fazer notar aos leitores o pouco conhecimento que se tinha da literatura vizinha espanhola, o que já era quase um ritual nestes casos. E, quase também com igual liturgia: lembrar que eram outras literaturas mais conhecidas, nomeadamente a francesa, da qual se nutria em boa medida a criação literária de Cardielos nesta altura, prévia à sua passagem definitiva às fileiras do nacionalismo integralista:

> "Até agora, ao lado da nossa, floresceu e de novo refloresce, uma opulenta e vigorosa litteratura e comtudo, para a maioria, ella é totalmente ignorada. Isto constitue um crime de lesa-bom gosto e amisade, mas é que obsecados pelas radiações de luz da Patria da Idêa, da França Immortal, deixamos derivar-nos na corrente da sua Inspiração".

E, com a mesma lógica, clamava o autor de *Agonias*, pola necessidade de intensificar o relacionamento. Este era posto em chave de *raça latina*. Não sendo nova a formulação, ela expressa umha tendência, que ainda na fase do após-Guerra Mundial vai ter muitos seguidores, ao *panlatinismo*, como modo de defesa do Sul europeu perante o que era considerado perigoso avanço do mundo anglo-saxónico e do eslavismo. Também na Galiza, anos mais tarde e desde o nacionalismo, assistiremos a propostas deste teor. Talvez, para o caso português, ele significasse não quebrar o seu elo de união cultural com a França e evitar ficar sozinho perante o duvidoso parceiro espanhol:

> "Porém começamos a sentir a imperiosa necessidade de conhecermos melhor, por mais bem orientados, o que é de nossa casa e nossa raça até precisamos uma approximação total das litteraturas latinas, pois que surge, fulgurosa e vivaz, ameaçando submergir-nos, a onda tumultuaria e quiçá esmagadora, do slavismo.
>
> É de boa lei a união entre os irmãos para a lucta contra estranhos e tanto mais peremptoria quando se trata de salvar todo o passado da nossa Raça, a primeira a cruzar ferros para a santissima pureza das Idéas".

Um elemento este último, o *racial*, que, em sentido oposto, servia nesse momento, e vai servir tempo depois, para afirmar a unidade galego-portuguesa em si mesma e perante o seu referente de oposição.

> O propósito da aproximação era o que Cardiellos interpretava como objetivo do livro de Cervaens e Rodriguez, sobre o qual por fim se debruça: "Foi considerando n'isto e dentro do limite das suas forças que D. José Cervaens e Rodriguez, se deu ao

> trabalho patriótico da publicação d'um livro onde, honestamente, se apontassem os mais illustres homens de lettras do seu paiz estremecido".

E prodiga Cardiellos na continuação os elogios ao livro, no qual, e dada a sua brevidade, notava algumha falta, por exemplo e expressamente a de Echegaray, um dos escritores espanhóis mais conhecidos na vida literária portuguesa do momento: "[...] Certo é não ser completo o estudo, como mesmo é reconhecido no prólogo, e fôra notável entre as faltas o nome do immortal dramaturgo Echegaray e outros, se não promettesse o autor para breve um mais largo trabalho".

Cardiellos acabava a sua crónica com um a saudação à Espanha: "parabens modestissimos dum pobre diabo que ama a bella terra espanhola".

A receção do livro por parte de Cardiellos não é para nada surpreendente. Ela manifesta mais umha vez que a cultura galega (a quem um autor conhecedor e interessado por ela aludiria de algumha maneira) não tinha no polissistema português umha presença suficiente como para provocar algum comentário sobre ela. A sua ausência na crónica não era obviamente umha prova da sua autonomia, mas da sua inexistência na Gallaecia bracarense. No futuro estes casos não se vão dar, porque progressivamente a literatura galeguista vai receber maior atenção, paralela em ocasiões a umha acusação por parte de alguns portugueses de inautenticidade da criação literária espanhola, crítica que partilham com as várias literaturas periféricas do Estado.

Mas o que também mostrava a crónica, indiretamente, era a pouca atenção que para um homem como Cervaens, colaborador de algum outro jornal minhoto, como *A Estrella do Minho,* que mais tarde presumirá da sua origem galega (e da qual beneficiará), tinha na altura a produção literária do regionalismo galego. Nem neste folheto cita qualquer dos seus representantes nem conhecemos que fizesse nesta época algum tipo de vulgarização daquela. Um potencial mediador privilegiado como ele não vai exercer as suas possibilidades. Para o sistema regionalista galego era outra oportunidade perdida.

Cervaens e Rodríguez deixará, em 1911, testemunho das suas apreciações sobre a literatura galega em *Literaturas mortas* (1911) onde acompanha fundamentalmente as obras historiográficas de Carré, o Padre Blanco García e Murguía, e valorizações de Pardo Bazán e Castelar, entre outros. Que Cervaens não media pola língua utilizada o seu critério de literatura galega (e que, portanto, podia por exemplo Rosalia de Castro ser incluída em *Atravez da Hespanha litteraria*) mostra-o o facto de dedicar atenção tanto à autora de *Follas Novas* como à de *Los Pazos de Ulloa*, claro que, com qualificativos de teor expressivamente diferente. Se Emilia Pardo Bazán era considerada por Cervaens (1911:54) como "verdadeiro escrinio de intellecto invulgar", Rosalia era "a aldeã carinhosa, palpitante e doce, anonyma e delicada". Na tríade

feminina que estabelecia Cervaens, Rosalia ocupava um lugar mais *discreto*: "A obra de Rosalia foi essencialmente regional, gallega; a de Párdo Bazán, nacional, hespanhola; a de Concepción Arenal, universal humana. Eis as tres maiores constellações femininas da Gallisa".

VI.3.2. O sistema regionalista galego no polissistema português através dos estudos filológicos: o labor de Leite de Vasconcelos

Num dos seus interessantes trabalhos sobre o relacionamento galego-português, a Professora Vázquez Cuesta (1991:192) afirmava que no fim de século: "unicamente uns poucos estudiosos á procura das raíces da nacionalidade lusitana (Teófilo Braga por exemplo) atopaban de súpeto Galicia nas suas investigacións históricas ou literarias, pero máis como explicación científica que como presencia viva e actuante".

Na realidade, as cousas não forom, em nossa opinião, exatamente dessa maneira, mas é evidente que a atenção desses "poucos estudiosos", poucos mas relevantes, vai ser um dos elementos decisivos para a crescente intensidade do relacionamento.

Ao longo do presente trabalho, pudemos ir vendo os testemunhos que alguns dos filólogos e historiadores portugueses de maior prestígio foram deixando em páginas de livros e imprensa sobre o fenómeno galeguista, e a comum identidade que unia os dous povos. Como um *milhadoiro* de peregrinos, essas páginas iam acumulando-se, ao longo dos anos, em algumha margem do polissistema português, como à espera de momentos mais propícios que fizessem virar sobre elas as atenções dos intelectuais lusos. Noutra margem, também o regionalismo minhoto vai ir deixando testemunhos dessa identidade, chegando este até a assumir algumhas das normas centrais do repertório galeguista, literário, cultural e ainda político. A cultura portuguesa, que na sua pluralidade e confusão caminha neste fim de século, tomada em conjunto, um tanto *desnorteada*, ainda (na incerteza política e na pluralidade, por vezes, misturada, de ofertas repertoriais nos seus campos culturais) não tem definidos núcleos suficientemente compactos, homogéneos e fortes para acolher, centralmente, esse fenómeno galeguista que há anos se está a produzir naquela Galiza incógnita. Durante tempos, esta vai permanecer, entre o pitoresquismo, o remoto e o rústico, nas *traseiras* do polissistema português. A atenção para com a Galiza continua, porém, nalguns intelectuais portugueses nos começos de século. Nada sabemos no entanto de Teófilo Braga, nestes anos, através das revistas literárias, em relação com o regionalismo galego, mas é preciso sublinhar que a sua terceira edição da *História da Poesia Popular Portuguesa*, de 1902 (primeiro volume) e 1905 (segundo volume) dedica bastantes páginas à literatura galeguista, onde, utilizando agora maior aparato crítico, defende as ideias que estavam presentes

no seu *Parnaso Português Moderno*[748]. Carolina Michaëlis está empenhada na edição do *Cancioneiro da Ajuda*. Oliveira Martins falecera em 1894. De Eugénio de Castro, nem como poeta nem como Professor temos nestes anos testemunho de dedicação à Galiza. Também não de Bessa. Apenas de Leite de Vasconcelos (estamo-nos a referir, com a exceção lógica de Martins, aos que farão parte da Academia Galega desde a sua fundação[749]) temos constância da sua dedicação à dialetologia em particular e à cultura galega em geral.

Dentro do século XX, e nestes primeiros anos, Leite dedicou parte da sua atenção à dialetologia galego-portuguesa. Por exemplo, em 1902 (Volume VII, número 2) tratava de aspetos linguísticos de São Martinho de Lóbios , Ermisende e das zonas da Extremadura espanhola de fala galego-portuguesa[750].

Devia de ser, Leite de Vasconcelos, infatigável. Porque, lembraremos, naquela visita à Corunha dizia estar à procura de dados para escrever sobre aspetos do galego-português na Galiza. E, com efeito, meses mais tarde, deixava um rigoroso testemunho dessa dedicação. Ele aparece, em concreto, na sua *Revista Lusitana* em 1903[751].

Leite abre os seus "Estudos de Philologia Galega" com um paratexto de Lamas Carvajal. São uns versos de *Espiñas, follas e frores*, publicados em Madrid em 1877, na página 23: "... lenguaxe brando e melosiño,/ Cal son 'os fillos d'ista nobre terra!"

Se o interesse de Leite era filológico, de estudo da língua, como pudemos verificar no seu artigo sobre "Língua e Litteratura galega" publicado em *El País Gallego*, que em verdade quase só tratava da língua, não por isso deixa Leite de anotar, vinda ao caso, algumha referência literária. Ela informa-nos de qual era um dos poetas sem dúvida mais conhecidos (dentro da comum ignorância) no panorama literário português, e, por antededência, no galego: Lamas

---

748 Como já tivemos ensejo de anotar, Teófilo Braga não vai quebrar os seus laços de amizade com o regionalismo galego. Lembremos por exemplo a sua Carta de homenagem a Murguía que publicava o *Boletín de la Real Academia Gallega*, Ano VIII, 73, 1 de junho de 1913, p.31, que, como indicamos, vulgarizaria tempo mais tarde Eugenio Carré em Portugal.

749 A presença de intelectuais galegos em instituições portuguesas não vai ter lugar até passados bastantes anos em que na Academia das Ciências de Lisboa ou no Instituto Histórico do Minho começam a aparcer nomes galegos. Por exemplo, na Sociedade Martins Sarmento, que publicava a *Revista de Guimarães* (publicação que depois vai estar mui ligada ao nacionalismo galego), na lista de sócios de 1900 não aparece nengum galego. Os contatos com ela vão partir da Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense, cujo *Boletín* é recebido pola Sociedade desde 1905

750 A realidade da situação cultural galega faz aparecer os recentes estudos sobre San Martín de Trebejo e outras áreas extremenhas como umha novidade e a existência desses falares quase como umha miraculosa e recente descoberta, fazendo-os passar, aliás, como uns subdialetos galegos, *nada portugueses*. Na verdade, como vemos, Leite já lhes prestara atenção há um século, e nos anos vinte dedica-lhes extensos trabalhos a abranger as esferas fonético-fonológicas, gramaticais e léxicas. O nosso contexto faz com que o nome do filólogo português nem sequer apareça muitas vezes mencionado quando se trata o assunto dos falares da Extremadura espanhola, facto revelador, sem dúvida, de como as cousas estão hoje na Galiza quanto ao relacionamento com Portugal.

751 "Estudos de Philologia Gallega", Volume VII, 1902-1903, pp. 198-207.

Carvajal. Assim podemos deduzi-lo da citação, pois podia o filólogo português recorrer a outros muitos poetas (Curros e Rosalia incluídos) que cantaram à língua pátria, e decide acudir a um poeta que, nesta altura, deixara de brilhar naquele contexto como anos antes fizera. Seja como for, os dous versos transmitem também umha nova valorização da Galiza e os galegos, a desfazer os estereótipos perfeitamente arraigados: "lenguaxe brando e melosiño, cal son os fillos d'esta nobre terra", combatia assim a ideia, na receção portuguesa, da rudeza, insensibilidade e vida reles com que os galegos eram alcunhados. Era bom contributo a essa causa este de Leite, quem, aliás, contribuía também para prestigiar o seu próprio objeto de estudo e justificar a sua atenção polas coisas dos galegos.

Mas o artigo é sobre a língua e a ela se aplica o galegófilo:

> "Em virtude da grande affinidade que existe entre gallego e português, a qual já muitas vezes tem sido indicada [NOTA: "le portugais et le galicien (*galliziano, gallego*) sont une seule et méme langue, comme des savants indigéntes eux-mémes l'ont reconnu et démontre».- F. Diez, *Grammaire des langues romanes*, I, 91], sou obrigado, para o seguimento dos meus estudos philologicos, a occupar-me tambem do idioma da Galliza. Até agora, porem, não publiquei a respeito d'elle senão algumas notas ou breves referencias".

Renova mais umha vez, agora do ponto de vista estritamente filológico, a justificação da sua dedicação à matéria em foco. Não era, obviamente, que os portugueses não acreditassem na tal identidade; é que muitos a desconheciam. A alusão de Leite de Vasconcelos aponta noutra direção: na de indicar a ignorância com que, em relação à significação do galego para o português havia entre alguns dos seus leitores, mesmo dumha revista especializada como a presente. Em todo o caso, não parecia inconveniente a Leite recordá-lo. A seguir, anuncia que, no futuro, dedicará vários trabalhos ao estudo da dialetologia galega, como já fizera com o caso do mirandês:

> "Com o titulo de *Estudos de philologia gallega*, inauguro hoje uma série extensa de artigos que constarão de glossarios, textos antigos [...] Estes *Estudos* constituirão um equivalente dos *Estudos de philologia mirandesa*, embora fiquem menos ordenados, pois terão meramente o caracter de materiaes avulsos, que comtudo um dia methodizarei, se chegar a concluir a *Historia da lingoa portuguesa*, para a qual convergem todos os meus esforços e trabalhos no campo da philologia".

De resto, informa que encontrara em 1890, na Biblioteca Nacional de Madrid, um documento, *Vozes gallegas*, que publica, julgando-o inédito. Anota também que confrontou vários dicionários galegos constatando que o texto em questão apresenta muitos termos que não aparecem nestes e outros que apresentam diferentes aceções. E já faz outras considerações sobre o texto e procede à sua edição, o que fica fora do nosso interesse.

Na realidade, os comentários de Leite patenteavam o lógico atraso em que os estudos filológicos estavam na Galiza, e de que já vimos sobejas amostras.

Aludia antes Leite a algumhas notas e referências que deixara escritas anos antes sobre a Galiza. Era umha expressão modesta, porque Leite desde a sua *Revista Lusitana* sempre estivo atento ao que na Galiza se produzia sobre a cultura galega. Nos anos imediatos àqueles "Estudos de Philologia Galega", Leite não deixou testemunhos dessa dedicação. Até 1910, não aparecem comentários sobre dialetologia galega, em que na seção "Varia quaedam" resenha os *Elementos de Gramática Histórica Gallega* de V. García de Diego (Volume XXIV:147), e, na página 440 desse mesmo volume, trata sobre um "Fragmento de un nuevo códice gallego de las Partidas" de Martínez Salazar. E, em 1914, aparecerá "A saudade em português e galego"[752], artigo importante porque dele se derivarão outros (de caráter linguístico e literário) que vão renovar, em publicações como *A Águia* ou *Lusa*, a afirmação da identidade galego-portuguesa.

Assim, desde a fundação da revista, o filólogo português deixou constância do seu interesse por umha cultura de que se sentia partícipe, e sobre a qual opinava livre de pudores ou distanciamentos.

Já no mesmo número 1 do Volume I (1887) da *Revista Lusitana* Leite se dedica a assuntos galegos. Com efeito, na página 95 ("Bibliographia. Periódicos") comenta os fascículos 1 e 2 da revista *Galicia* de Martínez Salazar. Nas suas palavras reitera os seus posicionamentos linguísticos e culturais sobre a unidade galego-portuguesa (o que muitas vezes será apreciado como intuitos anexionistas) e critica abertamente o espanholismo linguístico da revista, manifesta incoerência com o título dela. Dous números mais tarde, no mesmo ano, pode já sentir e manifestar a sua satisfação pola progressiva galeguização da publicação, que oferece já, nos número 8 a 12 que comenta, prosa em galego. Em estreito contato com os responsáveis de *Galicia*, que concentrava o mais seleto do regionalismo galego da época, torna sobre ela no número seguinte, o 4, para criticar, dentro da seção "Varia quaedam", o acientifismo histórico e filológico com que se estudava a cultura galega, neste caso pola atribuição que no órgão regionalista se fazia dumha lenda a um determinado local de nascimento.

Mas não se reduziam a estes aspetos os âmbitos de interesse de Leite de Vasconcelos. No número 2 deste mesmo Volume I, o diretor da *Revista Lusitana* vai dedicar algumha atenção à *Historia de la Literatura Gallega*, que, nesse mesmo ano de 1887, acabava de sair na Biblioteca Gallega de Martínez Salazar. A crítica de Leite é demolidora. Já indicámos como a opinião de Besada sobre a posição do português a respeito do galego, considerando aquele um

---

752 *Revista Lusitana*, Volume XVIII, números 3-4, 1914, p. 275 e ss.

subdialeto deste, merecera a dura censura do filólogo português. Nesse sentido, também não deixa passar Leite sem comentário a afirmação de González Besada sobre a paternidade do espanhol que atribuía ao idioma falado na Galiza. O filólogo de rigor que Leite era, mostrava-se alarmado polo estado dos estudos filológicos ao Norte do Minho, e o atraso espanhol nestas matérias: critica com força e argumentos a opinião de Saco y Arce, bastante estendida, sobre a origem grega do galego, que o mesmo Besada assume. E, enfim, combate a retórica vácua e o acientifismo daquela obra que, meses antes, Teófilo Braga assegurava esperar com "vivissima ansiedade" e que constituíra umha autêntica deceção.

Estava o regionalismo galego criando os seus mitos e recriando a sua Tradição; produzindo umha teorização justificadora que os levava, sem muito reparo, a toda a série de disparates naquele nevoeiro com que se apresentava a história da Galiza. Representantes do *referente de reintegração*, como Teófilo ou Leite, entre a prudência e o rigor, vão combatendo as peregrinas ideias dos seus amigos galegos. Caso expressivo é o de Florencio Vaamonde, um dos mais destacados reintegracionistas galegos do século XIX, a quem Leite não poupa críticas neste mesmo ano de 1887 e desde esta mesma revista. É a sua talvez a crítica mais desabrida que podemos ler de Leite sobre assuntos galegos na *Revista Lusitana*, no mesmo número em que aparece a dura resenha sobre a obra de Besada. Vaamonde publicara um artigo nos fascículos 5 a 7 da *Galicia* em que pintava um quadro idílico da Galiza pré-romana. A Galiza celta, cujos habitantes viviam sem esforço da Natureza, colhiam os frutos das árvores; a Galiza em que Noé varou a sua barca depois do Dilúvio ...; em definitivo, um mundo de fantasia apresentado como verdade histórica que Leite não pode deixar de desmontar e desqualificar com contundência. Era admirável a persistência do filólogo lusitano perante tanta criação mítica que, se funcionava para o reduzido grupo regionalista, era objeto de chança e argumento poderoso nas muitas mãos antirregionalistas que dentro e fora da Galiza existiam. Leite, galeguista, lamenta estas tendências e reclama maior seriedade e rigor para o avanço das ideias regionalistas que ele apoiava e defendia com viveza.

Essa atitude não empecia a sua seriedade científica. Ele chega a intervir, filologicamente, em 1890, na polémica desatada com motivo do Ultimato sobre as curiosas propostas que circulavam na altura consistentes em subsituir o nome de *galego,* que reunia as negativas aceções conhecidas, polo de *inglês*[753] a quem se transvazaria toda a carga pejorativa que suportava o gentílico de aquém-Minho. Mas não deixa Leite (que já dez anos antes se pronunciara contra o desprezo com que em Portugal se tratava aos galegos, como veremos), de criticar essa atitude despectiva com que os portugueses usavam o nome dos *galegos*.

---

[753] *Revista Lusitana*, Volume II, número 1, 1890, págs. 68 a 73.

Enfim, Leite de Vasconcelos foi em toda esta época, e até à sua morte, homem dedicado aos estudos da Galiza e ao labor de aproximar as duas comunidades separadas.

Embora fora das balizas cronológicas que aqui nos marcámos, queremos registar aqui outra daquelas referências, polo seu alto interesse para os assuntos que nos ocupam, e, mais em concreto, para conhecermos o pensamento do filólogo português a respeito do Norte do Minho. O texto data de 1881[754], e consta dum poema, "Á Galliza" a que precede umha apresentação. Num e noutro, Leite, na altura aluno da Academia Politécnica portuense, vai combater o desprezo que em Portugal se sente polos galegos. E fá-lo num contexto realmente pouco propício: na homenagem que no Porto é dedicada à figura de Calderón de la Barca com motivo do segundo centenário da sua morte. Pois bem, numha comemoração espanholista como esta, Leite vai também atacar duramente a "Hispanha" a que Calderón pertence. Ele vai ser contundente e por vezes quase desabrido. E, para não ficar polo terreno da opinião, vai suster a sua argumentação num rigoroso aparato crítico:

> "Assim como, segundo a theoria da evolução, o homem-animal se esqueceu de que sahira lentamente dos mammiferos simianos, tambem muitas vezes o homem-social perdeu a lembrança da sua origem ethnica. Os Romanos, por ex.; posto que tivessem um parentesco com os Germanos, Celtas e Gregos -povos aryanos-, ainda pouco tempo antes da era christã chamavam *barbaros* a todos esses povos. Entrando na nossa casa, achamos o mesmo esquecimento no facto que se dá entre Portuguezes e Gallegos. Sabe-se que para Portugal o nome *gallego* é uma irrisão. Ha um nome particular denominado *vento gallego*, e uma lenga-lenga popular affirma que: = Duzentos gallegos-Não fazem um homem = [NOTA: "Este amphiguri vem apontado no t. 1.º das obras de Fylinto Elysio, pág. 332, nota (Paris, 1817, in-8º). Possuo uma versão popular]".

Cabe perguntar-se, já a estas alturas, e permita-se-nos a expressão, o que se perdera ao jovem estudante de Trancoso com os galegos? Não o sabemos (provavelmente, a influência do mestre Teófilo). Mas o certo é que o texto, pola escolha do tema, e a sua perspetiva, revela valentia e interesse, quando poucas seriam as vozes que na época tinham adotado similar posição, e menos ainda no contexto que acima referíamos. Na sua erudita defesa dos galegos, e da sua identidade com os portugueses, Leite escolhe a via do contraste com povos prestigiosos na História, e não repara em considerações pátrias no seu objetivo dignificador. Diz na continuação:

> "O proprio Camões, apesar de descendente duma familia da Galliza, não se pejou de dizer ao povo da sua procedencia:
>
> Oh sordidos galegos, duro bando,
>
> (LUS. C. IV, EST 10, *ed.* da *Actual*)".

---

[754] Impresso na Typographia Nacional do Porto em 1881, foi publicado pola revista *Grial* (1977, 56: 233-236) de onde o reproduzimos para mais facilmente acompanhá-lo.

Lembremos que a máxima glória nacional fora homenageada um ano antes em Lisboa, e por todo o País. Leite qualificava-o, sem dizê-lo, pouco menos que de renegado.

"Com effeito", prosseguia Leite, "Portuguezes e Gallegos tem affinidades de origem". No seu caminho erudito, cita Estrabão, quem afirmava abranger a Lusitânia as "Gallaecias lucense e bracharense". "Na Edade-Media, meados do sec. XI, a Galliza chegava até ao Mondego". Raimundo de Borgonha, "conde de Galliza, governava todo o paiz até ao Tejo". Fala dos tempos de Afonso Henriquez e assegura que "da parte dos Portucalenses ha até umha tendencia a integrarem-se com os Gallegos". E, após mais dados da História, acrescenta:

> "Houve sempre uma influencia reciproca entre os dous povos do Occidente da Hispanha. O gallego, como demonstra a philologia romanica, é um dialecto portuguez; basta lermos qualquer composição naquela lingua para nos convencermos logo da relação d'ella com a nossa, principalmente com a popular. Em gallego poetárão muitos dos collaboradores do *Cancioneiro da Vaticana*, e aqui se veêm muitos nomes de auctores gallegos. Pela Galliza se propagou a Portugal a eschola poetica provençal [...]".

Estava bem a par aquele jovem de vinte e três anos das recentes investigações sobre os cancioneiros medievais. Da identidade linguística passa Leite a afirmar a identidade cultural popular e da tradição do Caminho de Santiago. E conclui:

> "Se existe, pois, tal analogia entre Portugal e Galliza, analogia que tão bem póde traduzir-se numa federação, se o curso das ideias, em vez de levar a utopias monarchicas de união ibérica prejudiciaes para nós, guiar os animos num certo sentido; se nós vemos as populações da Galliza emigrarem constantemente para cá, offerecendo-nos os seus braços em qualquer ordem de trabalhos: porque é esse opprobio infame e arremessado às faces dos nossos irmãos?"

Apontava já, de maneira mais serena que o fará no seu poema, algumha ideia política sobre o presente. Afirmada a identidade e desqualificada a desqualificação, fala Leite dumha federação luso-galaica, ideia original, frente à da união ibérica que naqueles anos de euforia nacionalista, e sobretudo nos vindouros, será um dos centros da vida política peninsular. Essa unidade seria, em opinião de Leite, opinião esta, sim, mui compartilhada, prejudicial para a independência portuguesa. Antes de transcrever o seu poema ainda reitera Leite o injusto do tratamento aos galegos por parte dos seus concidadãos, agora solenemente:

> "Aproveitando a occasião do 2.º centenario calderoneano, em que os povos peninsulares, conforme ha pouco fizerão a Camões, se aggregão para commemorar a memoria dum espirito illustre que assim traduziu os sentimentos dos nossos D. Fernando e D. Henrique:
>
> no somos dos Maestres, dos Infantes?
> quando bastava ser dos Portugueses

> particulares, para no aver visto
> la cara al miedo.
>
> (*El principe constante*, ed. de 1726).
>
> venho, perante a Geographia, a Historia, a Ethnographia e a Moral, protestar solemnemente contra o falso preconceito portuguez que liga ao nome gallego uma significação affrontosa. Espero que a imprensa illustrada do paiz corresponda a este apêllo".

Esse era pois o seu contributo à comemoração. Umha vaga alusão aos povos peninsulares e por toda referência ao vate espanhol uns versos em que elogia a coragem portuguesa.

O paratexto do poema é surpreendente. Se, referindo-se a dez anos depois, 1891, Júlio de Lemos (1959) testemunhava o pouco conhecimento que da poesia galega em geral se tinha em Portugal: "naquele tempo, a nossa formosa vizinha da margem direita do Minho ainda não havia revelado aos Portugueses a sua fisionomia, porque estes ignoravam totalmente a literatura e a arte dum povo com o qual tamanhas afinidades de sentimentos existem", resultava, polo menos curioso, que Leite encabeçara o seu poema com estes versos: "Como unha queixa que leva o vento,/ Cal un sospiro qu'o peito garda. (Carvajal - O ALALALAA)"

Possuía Leite de Vasconcelos as *Espiñas, follas e frores* de Lamas Carvajal? Quase com toda a segurança podemos asseverar que não. Se os versos de Lamas que transcreve nos seus "Estudos de Philologia Galega" parecem tomados de fonte mais direta (do livro ou das revistas galegas da época), esta outra citação parece efeito do livro *Parnazo Portuguez Moderno* que Teófilo Braga publicara anos antes[755]. Ali, na seleção de poetas galegos, transcreve o polígrafo vários poemas do ourensano, entre eles o correspondente a estes versos. Testemunho este, aliás, que informa da vulgarização direta da literatura regionalista galega, restrita a este livro sobretudo e por enquanto, no qual apareciam poemas do próprio Lamas, de Rosalia de Castro (estes dous com a maior quantidade), e um de Alberto Camino; fazia Braga também a tradução de "Preludio" de

---

[755] Nota de revisão: Beatriz García Turnes, na sua Tese de Doutoramento, de 2008, *Ideas sobre o galego e as orixes do portugués na lingüística lusa do século XIX Xénese e impacto en Galicia da hipótese celtista* orientada polo Prof. Xosé Henrique Monteagudo Romero, em cuja banca qualificatória tivem o gosto de participar, indica, a páginas 224, em nota de rodapé número 50 a este texto: "Grazas á amabilidade do profesor I. Castro tiven ocasión de ver en Lisboa un exemplar de Espiñas, follas e frores, de A. Lamas Carvajal, pertencente á biblioteca de J. Leite e anotado a lapis polo seu dono. Nestas notas queda patente o interese lingüístico, e non literario, de J. Leite de Vasconcellos polo texto5": "Por certo que E. Torres Feijó, 1995 puxo en dúbida que o dialectólogo portugués posuíse esta obra e aventurou a hipótese de que J. Leite citase os poemas de A. Lamas a través doutras publicacións; evidentemente, neste punto equivocábase". Bom, pôr em dúvida não é enganar-se... Mas tanto faz. Provavelmente, García Turnes tenha razão, ainda que não tenhamos constância de quando esse exemplar chegou às mãos de Leite... E não invalida a hipótese de ser a fonte *O Parnaso*... Em todo o caso, é manifestação relevante da circulação deste tipo de volumes por meios intelectuais restritos portugueses.

Ventura Ruiz Aguilera e encerrava a sua breve antologia com várias peças de literatura popular galega.

Este será, mais ou menos, o estado (a que, depois, se somará Curros Enríquez) da vulgarização da literatura regionalista galega em Portugal polo menos até aos finais do século XIX.

Tornando ao poema, este é dividido em nove estrofes. As cinco primeiras estão dedicadas a comentar, em tom altamente laudatório, como a Galiza foi a difusora e vínculo de união com a cultura europeia para o ocidente peninsular: através da Galliza chegou a lírica provençal a Portugal; as peregrinações a Santiago, "Palestina do Occidente", eram um elemento fundamental da transmissão e do intercâmbio cultural medieval, que a Igreja quis apagar: "Ah! quanto a Edade-Media florescia,/ Se a não filasse a negra theologia!", diz o poeta.

Mas, a partir da sexta estrofe, o poema passa de narrar a relevância e as glórias medievais galegas para atualizar o seu tema no curso das afirmações que na introdução fazia. O giro é mesmo indicado pola palavra Gallecia transcrita em maiúscula:

"Ó GALLECIA, tu dás um largo thema
Á inspiração! D'ahí sahiu Camões,
Alma de fogo, synthese suprema
De nobres fastos, inmortaes acções,
Cantor duma epopeia sempre grande,
Onde dum povo a aspiração se expande.

Esquece pois o poeta a censura ao vate e utiliza-o como símbolo máximo da união galego-portuguesa em base à origem do autor de *Os Lusíadas*, da forma em que repetidamente temos visto no caso galego.

A estrofe a seguir retoma o motivo principal da sua exposição: o de combater a afronta dos portugueses para com os galegos. A Galiza aparece como a criadora da expressão lírica mais pura e inigualável da Península:

"Porque te insultão, lyra das Hispanhas?
Pois não ouvem o grito do Alalálaa
Que os Gallegos entoão nas montanhas?
E que cantiga harmonica o eguala?
Porque atira teus filhos ao desprêso
Quem sente n'alma o mesmo lume acceso?"

Costumes, língua, glória, tudo partilham galegos e portugueses:

"Quem tem os mesmos usos quotidianos,
Na mesma lingua sólta eguaes canções?
-Herdeiros dos valentes lusitanos,
Não differem as nossas tradições:
Antes no campo bellico da Historia
Possuimos egual quinhão de glória".

E, por fim, poeticamente afirmado agora, a intenção dum dia reecontrar-se, na *federal e étnica união*, arredados da Espanha, referente comum de oposição.

"Jamais o opprobio desleal e baixo
Sobre o nome gallego, nosso irmão!
A Justiça levanta o vivo facho
Da federal e ehtnica união:
Separados da Hispanha, em dia novo,
Outra vez formaremos um só povo!"

De novo, logicamente, o vínculo *étnico*, orgânico, na base do relacionamento galego-português, na lembrança dum tempo mítico, bucólico e paradisíaco como o que Leite desenha nas primeiras estrofes. Eis, pois, mais um testemunho, eloquente no seu conteúdo e antiguidade, da dedicação de Leite de Vasconcelos polos assuntos galegos: o *perigo português* de Teófilo ia ter, como sabemos, um firme continuador na obra deste jovem erudito.

VI.3.3. A vulgarização da literatura regionalista galega nos periódicos minhotos.

Desconhecemos como era exatamente o processo de informação do leitor comum minhoto sobre os aspetos que atingiam à sua região. Quais eram, mais em concreto, as suas vias de comunicação e se acudia a um ou mais semanários dos vários que na altura circulavam para estar ao dia daqueles. Isso permitiria-nos, além de mais, conhecer qual era o alargamento real das publicações da época. Algumhas referências convidam-nos a pensar que o âmbito mais frequente destes era a comarca ou o distrito, e que raramente trespassaria esses limites. Neste sentido apontam alguns dados: *O Minho*, o semanário de Queiroz Velloso, querendo indicar a sua alta incidência, anuncia no cabeçalho ser o mais vendido do "districto"; e em geral, o tipo de notícias que nessas publicações aparecem são a melhor constatação, pois pola sua origem podemos deduzir o alargamento da publicação em causa.

Outra cousa era, claro, que determinados leitores, que poderíamos denominar "qualificados", doutras zonas (escritores e jornalistas, por exemplo) se interessassem também por estas publicações, e que mantivessem algum contato com elas, como leitores ou colaboradores.

As precedentes considerações parecem-nos oportunas para definir se podemos apreciar as publicações minhotas no seu conjunto (pois apenas em semanários desta região aparecem notas sobre a literatura regionalista galega) ou se, polo contrário, elas devem ser perspetivadas como individualidades. Do ponto de vista daquele leitor comum a que aludíamos, dá a impressão de que é esta a melhor maneira de proceder, mesmo que estejam em jogo duas

publicações (*O Regional* e, sobretudo, *A Aurora do Lima*[756]) cuja relevância é das maiores no contexto minhoto. Assim pois, trataremos separadamente os dous semanários.

No resto das publicações da época quase não encontramos referências à literatura ou à cultura da Galiza. Apenas um caso pode ser digno de menção, mais polo que tem de contextualização do labor divulgativo de João Verde em *O Regional* do que pola entidade da notícia. Trata-se do poema que no número 744 de 17 de junho de 1900 de *O Arcoense* dedica João Verde ao poeta galego García Ferreiro. Este poema, intitulado "Regresso á terra", é fruto sem dúvida dumha das estadias de Verde em Ourense, onde aparece dedicado, e onde conheceu o poeta ourensano, como anos mais tarde contará já desde as páginas de *O Regional*, que nesta altura ainda não saíra à luz. "Regresso á terra", que integrará os *Ares da Raya*, é um acabado modelo de poesia regionalista. O poeta procura refúgio nos "Pinheiraes da minha infancia" (verso 1) para se aliviar da tristeza e do tédio. E é todo um canto à terra, às tradições, às festas, aonde quer o poeta tornar após "trez annos de soldado". Ao lado destas saudades, o poeta revolta-se contra a injustiça de perder três anos no serviço do Rei, envolvido em "o vício, o jogo, as tabernas", sem poder atender a terra; e vira-se também contra a emigração, quando, de *regresso á terra bemdita* encontra tudo transformado e abandonado.

Valorização da terra e das suas essências e crítica contra os males que a enxovalham são os materiais temáticos do poeta, bem condizentes, sobretudo estes últimos, com a poesia de García Ferreiro.

João Verde, que talvez ainda não tinha bem maduro o seu livro, informa que o poema transcrito pertence às *Canções Regionaes*, título que primitivamente deviam ter os seus *Ares da Raya*.

Mas neste "Semanário litterario, político, agrícola e noticioso", que, a partir de 1901, sob a direção de João Vasconcellos, vai mudar em "Semanário independente, agrícola, litterário e noticioso. Defensor dos interesses regionais", recuperando em 1906 o qualificativo de político (momento em que entra como Redactor político o Dr. Alberto Lima), não vai prestar maior atenção à literatura galeguista. Sendo o seu último número de 17 de julho de 1910, o

---

[756] As duas publicações citadas não deviam, aliás, manter as melhores relações. Por exemplo em junho de 1905 (número 207, dia 26), e sob o rótulo de "A Semana Política" critica *O Regional* o *Aurora do Lima*, onde o primeiro, órgão como sabemos, do Partido Regenerador Liberal, polas suas censuras, cínicas segundo o semanário de Monção, a governadores do distrito que quando estavam no poder eram apoiados polo semanário de Viana, órgão do Partido Progressista. *O Regional*, aliás, presumia de ter influído com o seu regionalismo noutras publicações da zona, "a ponto doutros lhe seguirem as pisadas", diziam, tratando sobre as ligações ferroviárias de Monção, com o resto do Norte português e com a Galiza, onde advoga polo entendimento com Salvaterra, facto de que se faz eco o *Noticiero de Vigo* (número 227 de 19 de novembro de 1905).
De resto, cabe indicar que muitos dos semanários da região eram na altura órgãos, oficiosos ou oficiais, de diferentes partidos.

que fazia o 1.269, em todos estes anos apenas um poema de Avelino Rodríguez Elías vai aparecer nas suas páginas[757], que, para mais, era transcrito de *O Regional*. Fundado em 1888, não tinha na literatura (e sim por exemplo na arqueologia) o seu principal foco de dedicação cultural. No campo literário, como acontecia com muitos dos semanários e jornais da época, vai ter na obra de João de Deus umha das suas predileções. É colaborado, aliás, por escritores regionalistas, entre outros o referido João Verde, e Júlio de Lemos, de quem, em 1905 publicam, em vários números, um romance-folhetim. Como semanário regionalista, vai também atender as particularidades artísticas e culturais da su zona. Por exemplo, no seu número 857 de 17 de agosto de 1902 publicará um artigo de Leite de Vasconcelos sobre toponímia minhota.

Cousa diferente era a sua atenção aos assuntos fronteiriços, onde as notícias sobre o Sul da Galiza eram já mais frequentes. Fruto dessas atenções e dos contatos que traziam, é talvez resultado a publicação dum poema, assinado em Tui por Arthur Cardoso da Silva em 1902, no dia 13 de julho de 1902, e que *O Arcoense* publica sete dias mais tarde, no número 853 e na seção "Litteratura", pequeno espaço reservado a textos literários. O poema, entre terno e humorístico é, segundo se indica, tradução do espanhol de S. N. Liena, para nós desconhecido, como o tradutor, e diz assim:

"Que estava em sonho vendo

Meu filho predilecto
Para exclamar batendo
As palminhas, inquieto?...

-Papá, olhe, um pipi
Em minha cama vi!...

Sem dúvida que fora
Da Guarda o Anjo divino
Que ao enfeitar-se a Aurora
C'o esplendor matutino
Ante si estendia
As azas côr do dia".

o que nos informa do relacionamento galego-português fronteiriço, e da literatura regionalista galega, pola sua ausência.

[757] No número 1.255 de 10 de abril de 1910.

VI.3.3.1. A cultura galega em *O Regional*. A mediação de João Verde

VI.3.3.1.1. As crónicas sobre *Ares da Raya*, veículo de vulgarização da literatura regionalista galega em Portugal

O poeta João Verde nutria então o seu regionalismo, quanto a valores, normas e modelos literários, do repertório que lia nos seus mais caros poetas galegos, que produziam umha literatura da que ele se sentia parte. Vai ser precisamente poucos meses mais tarde quando, definitivamente, o poeta do Minho fique canonizado dentro desse conjunto. O motivo será a publicação dos *Ares da Raya* e a canonização vai provir especialmente do reconhecimento de vários setores da crítica portuguesa, e, mui significativamente, de alguns da galega (não de todos, como pudemos verificar no caso da *Revista Gallega*). Para verificar este facto, não será preciso recorrer a um exaustivo repasse à imprensa da época; porque no próprio semanário de que era colaborador, *O Regional*, vão aparecer as que a redação (e o próprio José Valle) considera mais representativas resenhas da obra de Verde.

Com efeito, e com umha cobertura informativa desconhecida no semanário de Monção, o número 80, de 19 de outubro de 1902, abre a toda a página com o seguinte título: "«Ares da Raya» de João Verde", e, ao lado, o desenho da gaita e a viola entrelaçadas com que abre o livro, e que será a partir desse momento umha marca identificadora de várias das notícias que, no futuro, publique *O Regional* sobre assuntos regionalistas. Logo a seguir aparecem várias resenhas do livro, com destaque para o prestigioso *Diário da Tarde* do Porto, introduzidas com evidente mistura de prudência e satisfação, da seguine maneira:

> "Havendo uma doença subita impedido um novo colaborador do *Regional* de escrever uma saudação ao nosso querido camarada João Verde pelo triumpho litterario alcançado polos «Ares da Raya», nós cujas palavras poderiam parecer mais um tributo de amisade do que a expressão do fundissimo encanto do nosso espirito perante essa obra genuinamente nossa cedemos um logar, que a malevolencia dos zoilos poderia julgar occupado pelo favor e não pela justiça, ao critico que na folha mais cuidadosamente litteraria do Porto se occupou da ultima producção do nosso querido poeta.
>
> Fica assim fechado o caminho a um mau sorriso de desdem perante palavras que aliás seriam só animadas pelo santo espirito da verdade e patente o altissimo conceito que a estranhos, talvez mais do que aos nacionaes que desconhecem a alma de oiro do nosso talentoso camarada, merece o espirito de João Verde".

Em nossa opinião, o tal novo colaborador não existia na realidade. Mais parece um artifício da própria redação, que até ao momento não dera cumprida informação do livro, talvez à espera do tipo de ecos que ele alcançaria. Tanta reiteração *preventiva* dumha má interpretação puramente propagandista

parece mesmo dever-se à mão de João Verde (*excusatio non petita accusatio manifesta*), como à sua diligência se deveria a recompilação das resenhas.

Após, enfim, de todos os elogios, é transcrita a valorização da obra por parte do *Diário da Tarde*; nela pode ler-se, para além doutras apreciações, as seguintes:

> "O que sobretudo mais impressiona [...] a simplicidade que se evola nas lyricas", [o tratamento de] "com saudade e sentimento a dôr dos humildes e dos corações rústicos, das almas puras, os amores e melancholias duma raça que parece destinada ao perpetuo sofrimento.
>
> Assigna-os um artista para nós inteiramente desconhecido [...]".

Parecia pois que o cronista do diário portuense estava a ilustrar os seus leitores sobre algumhas das normas fundamentais do repertório regionalista galego. Claro que elas não eram exclusivas da produção galaica. O mundo literário português tinha exemplos relativamente recentes deste tipo de poética, de que talvez o exemplo mais acabado era o *Só* de António Nobre. João Verde era então, em parte polo menos, inserido numha corrente literária que começava a triunfar no ambiente cultural finissecular, no que era, como indica a resenha, inteiramente desconhecido.

O cronista continua a pormenorizar os ingredientes temáticos dos *Ares da Raya*: "Ha uma parte do livro que é admirável pola impressão forte que desperta -a consagrada aos emigrantes". E o trecho a seguir parece perfeitamente aplicável a alguns versos de Rosalia de Castro, de cujo prólogo a *Follas Novas* toma Verde precisamente as linhas dedicadas pola autora à emigração para introduzir a seção "O mal-da-terra" do seu poemário: "Noivos que partem para nunca mais voltar, casaes duma celestial brancura aninhados entre árvores [...]".

De facto, era o "Regresso á terra" o poema mais apreciado de José Valle. Mas nada dizia o crítico da poesia regionalista galega; obviava-a, por ignorância ou por dessinteresse.

O livro é, em geral, grandemente elogiado. Apenas umha censura leve aparece, se calhar dirigida a algum dos poemas *em* galego: "Pena é que não houvesse procurado dar aos *Ares da Raya* uma harmonica homogeneidade de fórma, e não tivesse joeirado cuidadosamente algumhas impurezas".

Mas o balanço era extraordinariamente positivo: "Comtudo é do melhor que tem apparecido n'esta nação de bardos".

Ficava pois consagrado Verde por um importante jornal da capital do Norte.

Na continuação apresenta *O Regional*, já com menor destaque, outras "Referencias da imprensa". Várias coincidem em assinalar a qualidade da impressão, e, pola sua origem, podemos conhecer os variados olhares (e não necessariamente diversos) que se dirigiam à obra. Assim, *Vida Nova*, de Viana,

salientava que os *Ares da Raya* «é um livro nosso, onde a alma regional do poeta sonoramente expõe o idealismo de este pedaço de terra portugueza», o seu regionalismo minhoto, portanto.

Mas já outras publicações reparavam na dimensão galega que João Verde dera ao seu livro. A crónica de *El Independiente*, de Vigo, que assina J.S. (Jaime Solá mui possivelmente) é enormemente clarificadora da perspetiva que sobre o relacionamento galego-português pretendiam vários dos meios de comunicação mais importantes do Sul da Galiza: evitá-lo, nesses termos, e convertê-lo, se tinha algumha transcendência, em hispano-luso:

> "Habitante él de la frontera, hijo de la «raya», de sus «aires» recogió sin duda aquellos dulces versos, tan breves como buenos en que pide calor para los arrullos amorosos de España y Portugal, dos vecinos que se aman, que ansian estrechar-se [sic], pero á quienes no se dejó ir á la consumación de sus anhelos".

Era esse um olhar distanciador, de fronteira de permeio; ainda na breve resenha o lembra mais umha vez J.S. quando se refere a Verde como o "tierno poeta de la frontera portuguesa"; e é que, sem dúvida, o livro do secretário da Câmara de Monção era passível de muitas e ainda contraditórias leituras; e a galego-portuguesa com aventuras de casamento, nem poetizadas as queriam alguns regionalistas galegos.

Umha perspetiva interessante é a que procede de *A Epoca*, de Lisboa. Interessante porque nos indica de como livros como o de Verde (de forte matriz popular e sentimental) eram recebidos em determinados círculos do principal centro produtivo do País: "Consola ler coisas assim" diz logo do começo a crónica lisboeta. E repara no *assunto* galego-minhoto: "Uma gaita de foles e um violão abraçados formam um emblema symbolisando as duas provincias irmãs nas origens, nas tradições, nos costumes -o Minho e a Galiza".

Estes comentários eram ainda acompanhados pola transcrição dos primeiros poemas do livro: "Andei por muito tempo a procurar" e o "Vendo-os assim tão pertinho" que *O Regional* reproduz na sua integridade.

Desde a capital valorizava-se pois essa irmandade de "origem, tradições e costumes", não indicando porém outros elementos nem fazendo juízos de valor, e restringindo a irmandade à região do Minho. Era umha prova do *estado da questão* das fracas relações galego-portuguesas, que, ou não eram sentidas, ou polo menos não eram expressas como substantivas.

E, em contraste com essa situação, o *sentido de Estado* da *Epoca* não podia evitar a crítica dos versos em que João Verde criticava a emigração para o Brasil e mesmo ao próprio País irmão:

> "Desmerece d'este livrinho de tanto valor, uma injustiça quasi feroz, certamente nascida n'uma ignorancia da terra que nunca viu e por isso nem ama, nem respeita. São quatro quadras apenas que dentro do bello brilhante lhe marcam outros tantos pontos negros". [...]
>
> (O critico refere-se ás quatro ultimas quadras da poesia *Sobre as cartas*)",

esclarece a redação de *O Regional*.

Incluia também o conjunto de resenhas publicadas polo semanário a que aparecera em *A Aurora do Lima*. *Ares da Raya* merece similares elogios aos que já temos relatado, com algum elemento original, como este: "Lá vamos com o poeta, em digressão agradável, até á Galliza, onde ha mulheres formosoas que sugerem um poema".

Persistia, pois, a imagem que viajantes como os tunos transportavam para a sua terra por cima de quaisquer considerações de identidade cultural. E acrescentava *A Aurora*: "Que lindo *recuerdo* este"; e transcrevia o poema *"Juanita, la hermosa bailadera*" que João Verde incluíra tomando por modelo os *recuerdos* de Campoamor.

Como vemos, pois, na receção da obra de João Verde não aparecia, para além do *restrito* comentário lisboeta, nengumha referência à irmandade galego-portuguesa que o poeta perseguia no seu livro, e para quem devia ser um dos aspetos mais relevantes dos *Ares da Raya*, como o prova a reprodução íntegra de "Andei a procurar" e de "Vendo-os assim tão pertinho" que ainda na mesma página faz o semanário, ao lado do poema "O que dizia o linho", composição representativa do sentido da obra de João Verde.

O número seguinte[758] ia também dedicar a maior atenção à receção dos *Ares da Raya*, que, no dizer da redação, continuava "conquistando para João Verde um unanime côro de louvores ao talento do artista de raça e á obra recente do seu novo poema". Neste caso eram transcritas, integramente como nos casos anteriores, duas significativas valorizações: a que fazia o *Jornal de Notícias* do Porto e a que lhe dedicava Jaime Solá desde *El Independiente*, cumprindo assim a promessa de tratar mais por extenso o livro que fizera no seu anterior artigo.

Elogioso como os seus colegas, dizia o *Jornal de Notícias*:

> "O cantor do rincão feiticeiro, que é o retalho d'oiro da patria, não vem soprar a tuba epica dos altos feitos nem dedilhar a lyra dos complicados sentimentalismos. As suas mãos [...]tangem uma modesta viola minhota maravilhosamente afinada com umha gaita de fol gallega.
>
> Nos seus versos que são os mais formosos que ultimamente se teem publicado em Portugal, esta retratada a natureza e interpetada a alma das duas margens. A coragem paciente e soffredora duma raça que atravez os séculos, conseguiu manter-se

[758] *O Regional*, número 81 de 26 de outubro de 1902.

> caracteristica e inconfundivel polas suas qualidades prolificuas e polas suas energias laboriosas, a dar [sic] da margem direita que se vê espoliada polo sul retrogrado e a tranquila serenidade da margem esquerda que fez uma patria na qual prepondera, todo o perfume de bondade que torna egualmente generosos o coração minhoto e o coração gallego, tudo chega até nós trazido por esse *Ares da Raya* que fazem dilatar o peito de quem présa o que é bem portuguez".

O *Jornal de Notícias* aprofunda realmente no conteúdo reivindicador que havia nos *Ares*; e fá-lo afirmando identidades raciais que não eram noutras crónicas consideradas, e introduzindo um sentido de resistência frente à assimilação que também não comparecia em anteriores resenhas.

Existe um explícito reconhecimento da marginalização da Galiza e da sua íntima unidade com o Minho, e, por elevação de *peito dilatado,* com Portugal.

> "Para o poeta, a Galisa e o Minho povoados pela mesma raça e pedaços do mesmo paraíso, não são duas provincias separadas pela memoria rancorosa das velhas pelejas", prossegue o jornal do Porto, e transcreve os que já podemos qualificar de mais famosos versos de Verde: "Vendo-os assim tão pertinho"...

A crítica do diário portuense era, a respeito doutras, sem dúvida mais rigorosa e decidida a aprofundar na matéria do livro. Talvez seja essa a razão que move o crítico a fazer estas interessantes considerações para o tema que nos ocupa: "João Verde lido na interessantissima litteratura gallega tão expontanea, tão singela e tão pouco conhecida entre nós, não separa para o amor do seu coração as duas regiões em que, apezar da diversidade dos destinos, ha tão grande affinidade de emoções e de sentimentos".

É lida no contexto do repertório literário regionalista da Galiza onde os versos de João Verde cobram o seu autêntico valor e sentido, parece asseverar o cronista. O comentário transcrito é, em nossa opinião, relevante; primeiro e mais importante porque não conhecemos nengumha referência anterior a esta em que se afirme (ou insinue) a transferência do sistema galeguista ao polissistema português no caso dum poeta contemporâneo. Também porque faz umha apreciação mui positiva dessa produção, que até ao momento paira nas periferias do polissistema português, realmente pouco conhecida como se assegura (muito menos que no caso inverso, o da literatura portuguesa na Galiza); e também porque é reiterada a "afinidade de destinos" entre o segmento que ficou no Norte, espoliado polo Sul espanhol e o outro segmento que construiu umha pátria.

Ainda o cronista fornece outras apreciações de interesse, com um vigor maior às outras:

> "E talvez d'ahi provenha aquelle pessimismo que, como mancha em céo d'abril ennubla o esplendor das suas canções. Comprehende-se melhor a amargura do queixume dos poetas da margem direita. Para elles a mãe patria é a Galiza vilipendiada pelo castelhano, empobrecida polo fisco, explorada polo frade e esgotada polo caciquismo.

> O poeta minhoto, pelo contrario, tendo o mesmo manancial de inspiração na paysagem ridente e amena, na candida simplicidade dos costumes, na generosidade nativa do povo, justificaria plenamente os seus hymnos triumphaes pela hegemonia que o norte sempre exerceu no paiz".

A crónica, não assinada, parece saída de algumha pessoa que tinha polo menos algum conhecimento da situação da Galiza e da atividade regionalista. Esse continuado contraste, aliás, que se vai estabelecendo entre o orgulho pátrio do minhoto frente à marginalização da Galiza (reforçada pela aparição *em cena* do referente de oposição castelhano) vai constituindo umha mensagem subliminal de *recuperação portuguesa* a respeito da Galiza, e, com certeza, da afirmação da independência do além-Minho ("para eles a mãe pátria é a Galliza vilipendiada polo castelhano") em relação a Espanha. Mais umha prova do contraste de que falamos é o facto de que a argumentação do crítico dirige-se a censurar em Verde que ele ficasse contagiado polas circunstâncias da Galiza, quando ele podia orgulhar-se da hegemonia minhota no País (talvez a ideia que o próprio jornal pretendia cunhar no ambiente português); fica isto ainda mais expresso na continuação: "Á parte este senão, que aliás pôde filiar-se no temperamento melancholico de João Verde litterato exilado dos centros da vida artistica intensa".

Como se vê, valorizava-se desde as páginas do *Jornal de Notícias* os *Ares da Raya* como umha novidade dentro do polissistema português, não vinculados, livro e poeta, às modas que funcionavam na vida literária portuguesa. O poemário de Verde é qualificado como "o mais precioso e o mais completo exemplar da literatura regional minhota", prenhe dumha série de caraterísticas perfeitamente identificáveis com parte do que, na altura, e sobretudo nos anos próximos, são e vão ser normas centrais do repertórios nacionalista galego e, por exemplo, da poética de Teixeira de Pascoais; "amavel e generoso, pantheista e nostalgico, o homem do norte em toda a parte do mundo soffre do mal da terra".

O texto de Jaime Solá, que assina em Segóvia, é igualmente mui ilustrativo, tanto para conhecer a sua receção do livro de Verde e, também, do que para ele significava o mundo português, como para recolher algumha informação sobre as suas apreciações a respeito da literatura da Galiza da época.

> "A mi modo y en mi pequeñez vengo realisando[759] la union galaico-lusitana; una union literaria, pero union al fin.
>
> Los escritores lusitanos -los de la region de entre Miño y Duero sobre todos- me mandan sus libros; correspondo yo á tan delicada atencion leyendolos y comentandolos segun mi poco, pero sincero, saber";

[759] Mantemos o que supomos serem erros de transcrição do original espanhol, como vimos fazendo nestes casos.

Do *modo* de Jaime Solá tínhamos já notícia. A restrição *literária* que ele coloca, que em Portugal podia ser interpretada como sintoma da modéstia do jornalista viguês, era um matiz relevante para as vozes da Galiza que, no passado e no presente, tinham falado doutros classe de uniões que não se ficavam polo intercâmbio de livros.

Sobre a obra de João Verde, "literato de quien no tenía noticia", o futuro diretor e proprietário de *Vida Gallega*, vai tecendo comentários de reconhecimento, apreciando a comunidade de atitudes galegas e portuguesa, que nunca ultrapassam o plano da valorização *poética*: "[...] está bien bautisada la obra. Porque en ella tanto ha vertido su autor brisas de la delicada musa gallega como de la amorosa musa lusitana. Al fin las dos, crecidas sobre un mismo pais, con el mismo riego de reflexion pintoresca, tienem eguales acentos, gemelas aspiraciones".

E estende-se já Solá por umha descrição da poética de João Verde mui condizente com algumhas das utilizadas polos antirregionalistas ou, sobretudo, por aqueles que, como Emilia Pardo Bazán, queriam manter a literatura galeguista dentro de uns mui determinados limites. A textos da escritora corunhesa lembram-nos valorizações como a seguinte: "No tiene que decirnos João Verde que su musa se deslisa en el campo, entre robles ancianos, bajo las copas de los musicales pinos, cara á la naturaleza en sus serenos dormires de las tierras apaciblemente fértiles. Nos lo dicen sus rimas, nos lo cuentan los delicados versos que encabezan el libro".

E logo na continuação, amparado pois polo contexto que acabamos de transcrever, reproduz Jaime Solá o poema "Vendo-os assim tão pertinho". E acrescenta:

> "Me convenzo de que la poesia va escondiendo en el campo su ternura inocente, á medida que las urbes se enfran [sic] entre el reativo de esa marcha solemne, rigidez estatuaria -si asi puede llamar-se- de los espiritus abiertos á las nuevas doctrinas por el camino que llevará á la tierra de promision de la superhombria".

Solá aproveita a oportunidade de falar do livro de Verde para atacar determinadas correntes literárias, novas, e popularizar, ao mesmo tempo, algum autor português com quem talvez partilhava ideias, como o caso de Cardiellos:

> "En Portugal escribe Cardiellos desde su rincón de Vianna; nido de ruiseñor escondido de las aguilas de los modernos pensares. En Monsao [ilegível] á este nuevo poeta, tejiendo lineas de luz suave de amores artisticos, lejos de los haces radiantes de esos proyectores espirituales que tienen enfocados sobre las páginas de sus libros los Ibsen, los Nietyche, los Kropotkine, los Payot, los Gorki..."

Servia-se pois de exemplos portugueses, modelados ao seu gosto, para mostrar um caminho diferente ao do *modernismo* que começava a assentar-se no panorama literário espanhol e galego.

Vai reproduzindo depois Solá algumhas quadras do autor minhoto com que quer ir confirmando os encantos da obra de João Verde frente ao tipo de produção que encarnava nos escritores citados. E entre a refutação de *modernices* e a valorização de *essências* vai configurando o jornalista viguês a sua ideia da literatura. Assim, quando fala da cultura galega, e longe de veleidades unionistas de qualquer índole, pretende folclorizá-la, para o que procura um dos elementos a que maior rendimento vai tirar determinada linha regionalista (particularmente a que se postulava como parte do polissistema espanhol):

> "[...] La musica gallega lleva acentos alegres hasta el melancólico rincón del Miño en que vive João Verde y entonces el artista siente la sugestion del alborozante concierto, y a los compases de la *muiñeira* dice á las mozas, antes de invitarlas al baile:
> *Tendel'a pelle branca, branquinha*[...]"

Esta é a imagem que vai transmitindo Solá do livro de Verde e a que maior atenção presta. Torna a seguir sobre essa ideia: "Y en sus versos frescos tiemblan las notas alborozadas, chillonas, policromas y breves de la joguetona musica del placer gallego".

Em boa medida, podemos afirmar, Jaime Solá dá a volta à obra de Verde, ou, polo menos, à receção que dela se fazia em Portugal; os momentos lúdicos ou alegres da sua poesia são fruto da, saudável, influência galega sobre o espírito melancólico dele e do Minho. Curiosa leitura a de Solá, e sem dúvida mui interessada, pois omite qualquer alusão aos duros poemas de Verde sobre a situação da Galiza ou às transcrições de textos tão críticos como o do prólogo de *Follas Novas* de Rosalia de Castro, cuja referência era logicamente esperável em resenha tão ampla e elogiosa (frente, por exemplo, à desqualificadora valorização da *Revista Gallega* que, obviamente, não aparecerá nas páginas de *O Regional*).

Não pareceria a Sola oportuno fazer essas alusões; ele prefere prosseguir a cunhar esse contraste entre a Galiza ridente e o Minho melancólico: "Pero vuelve el lirista a la *saudade*, que ha sentido correr como un rio negro por todo lo largo del cauce triston de sus versos [...]".

E, voltando também sobre as suas conceções contra tudo o que fosse *o modernismo* diz:

> "Parece una imprecacion contra el modernismo colorista, que todo lo mira al través de la gama, este otro cantar:
> *Beijos brancos, beijos pretos,*
> *Beijos de lucto e d'amor;*
> *Eu quero beijos secretos*
> *Que são os beijos sem côr*".

E, se todas alusões ao regionalismo galego, aos seus poetas, à fraternidade que com a Galiza mostra Verde, às misérias da emigração, etc., passam desapercebidas na crónica de Solá, não vai evitar o viguês este comentário:

"Acaba João Verde su libro con otra delicadeza que debemos agradecer:
"*Ares da raya d'Hespaña,*
Da rya de Portugal,
Ungi do rio á montanha
O meu berço e o meu coval".

E conclui reiterando, a propósito do poeta minhoto, as suas particulares ideias sobre a literatura e "las nuevas doctrinas" que deviam fazer ressurgir, isso parece desprender-se do seu comentário, a *raça* latina:

"João Verde no pertenecerá á la legion de los hombres máquinas, con ventanas por sobre el cauce por donde ha-de correr el agua de la mina de la felicidad en el siglo 21; pero sus versos son un dulce roce, que templa la hoja de acero en que nos estan convertiendo las nuevas doctrinas.

¡De todo hace falta en esta vida de la mecánica mental que vino á sacudir la pereza latina que nos tuvo dormidos al travez de los siglos!"

Punha fim assim à sua crónica Jaime Solá; o seu labor a favor da união galaico-portuguesa, para além do facto de falar do livro de Verde (se pudesse ser isso considerado como umha achega para a aproximação galego-lusa e não hispano-lusitana) ficava diluído, se não inexistente.

A única identidade que as palavras de Solá vão servir para reafirmar será a que gira em torno ao elemento folclórico, mais ou menos vestida de similares costumes e tradições, e evitando qualquer sentido de reinvindicação. Na continuação veremos vários exemplos desta classe. E já mesmo no número a seguir, o 82, aparece esse tipo de receção que Solá transmitia dos versos de João Verde. Reproduzindo de comentários do viguês podia ler-se na página três do citado número:

"El gocijado baile del campesino gallego, la muñera, inspiró al señor Vale una linda composición, de la que entresaco estas estrofas:

Todal'as moças vem o moinho
todal'as moças o moinho vem
vós bem sabendes moças do minho
vós bem sabendes quem vos quer bem
gaita gaitinha ai feiticeira
gaita gaitinha que alegra o sol".

Mas a compilação de críticas elogiosas sobre o texto de João Verde em *O Regional* vai acrescentar-se com outra de fôlego: a de José Pereira de Sampaio (Bruno); a mui extensa resenha é transcrita no número 85 (de 23 de novembro de 1902) sob o título "«Bruno» e «João Verde», título que colocava já no início o poeta minhoto num lugar de preferência para os seus leitores. A redação procedia na introdução a ponderar a importância da resenha:

"D'entre as numerosas saudações com que o nosso meio litterario acolheu a ultima obra poetica do nosso João Verde nengumha póde ser tão lisongeira para o espirito do

> poeta como aquella que a seguir archivamos n›este semanario, que não só é suscripta por *Bruno*, o pseudonymo litterario dum critico primacial, mas tambem foi collocada no logar de honra dum dos mais importantes diarios do paiz".

Do valor que João Verde deu a esta crónica já em página anterior deixámos testemunho. Ela informa, aliás, de alguns importantes aspetos da vida de Bruno. Afirma o crítico que conheceu João Verde "em hora abominavel da minha vida": "Foi quando emigrei, apoz a manhã sanguinolenta de 31 de janeiro":

> "Dada a derrota, sahi do Porto, guiado pelo meu amigo José de Carvalho Miranda Leite, e fui pernoitar á villa de Prado, em casa do meu antigo contemporaneo do Podestá, Antonio José de Souza Lima Junior.
>
> Ao sahir da tarde seguinte, em um caleche seu, com esse meu amigo, parti de Vianna, onde vim bater á porta de Guerra Junqueiro",

atravessando o rio para A Guarda, por meio de João Verde, amigo do poeta de *Finis Patriae*[760].

Depois de relatar esse episódio, debruça-se Bruno sobre a obra do seu amigo. E, como quase é regra nas resenhas que temos comentado, não falta a apreciação de "Vendo-os assim tão pertinho". Bruno explica o poema como expressão de solidariedade com as "populações achegadas": "João Verde não confoge para um exclusivismo hostil; elle comprehende perfeitamente bem a solidariedade das populações achegadas e afins e define esse tradicionalismo moral por meio duma, simultaneamente graciosa e entimentalista, expressão litteraria".

Portanto, e através dum qualificado representante do ambiente cultural luso, podemos constatar, mais umha vez, o escasso interesse que existia no relacionamento galego-português em vários setores da vida cultural portuguesa, e, mui possivelmente, o pouco conhecimento que se tinha do seu regionalismo. O próprio Bruno dá-nos indiretamente prova destas considerações:

> "Esta subtil ironia, levemente maliciosa, intrinsecamente commovida, faz-nos penetrar o sentido recondito da elaboração poetica e suggere-nos, em contraste, a recordação das bodas de Hespanha com Portugal, hymno prematuramente cantado por Ventura Ruiz Aguilera. [...] Elle atinge a segurança na facilidade, consoante se patenteia n'esta magnifica dolora, digna de equiparar-se ás melhores de Campoamor:[é transcrita na continuação o poema *Juanita, la hermosa bailadera*]".

Bruno colocava o relacionamento em chave hispano-lusa e, elucubrando sobre o seu sentido, o autor de *O Brasil mental* citava o galego Ruiz Aguilera para afirmar essa interpretação, e situava ainda os versos *galego-minhotos* em relação com o poema em espanhol de *Ares da Raya* a imitação de Campoamor. Era pois à literatura espanhola a que a Galiza era assimilada.

---

[760] João Verde dedicara *N'aldeia* a Guerra Junqueiro, saído em Viana, na imprensa de *A Aurora do Lima* o 20 de novembro de 1890 como anota com precisão Evangelista (1955:90).

Não aparecendo nengumha referência literária do regionalismo galego, Bruno fala do estado da Galiza que os versos de João Verde transmitem, embora mui de passagem, e como termo comparativo da situação que vive em sua opinião a região minhota:

> "No seu magnifico livro nos apparece, em quadro lancinante, a desgraçada condição social a que chegaram, mercê do desatino politico, aquellas terras portuguezas que hoje com a Galliza se nivelam tambem e novamente, mas, em desdouro dos nossos dirigentes, agora pela miseria, pelo abandono, pela desesperação
>
> [...] A implacavel cubiça tributaria torna o Minho invi[ví]vel; o lavrador succumbe no furioso ataque com que o trabalho é assaltado pelas infinitas variedades exhaustivas da contribuição predial, da contribuição de juros, da contribuição sumpturaria, do real d'agua; as miseras economias amealhadas devora-as a usura:
>
> O syphão que a toda a hora,
> Por insondaveis mysterios,
> Transfere o suor da lavoura
> Pr'os paeis dos ministerios"

Enfim, a sua interpretação da presença da Galiza não ia além da expressão solidária do cantor do Minho com as mesmas desgraças que eles viviam.

Houvo, também, alguns "acuse de recibo", de que *O Regional* não dá conta, como o do seu homólogo, *El Regional*, de Lugo, no número 6844, de 24 de outubro daquele ano, em que agradecem ao autor o envio do volume que, afirmam, "contiene algunas composiciones muy bien sentidas ó inspiradas", e mais nada…

Com as exceções indicadas, os *Ares da Raya*, veículo possível de transmissão da situação da Galiza e do seu regionalismo literário, não conseguirom realmente constituir-se em rápido agente mediador. Lograrom no entanto difundir umha imagem da Galiza que, se em boa medida confirmava a ideia que no imaginário português podia funcionar do além-Minho, fazia que ela cruzasse *a raia* e fizesse parte do mundo poético dum escritor português, embora relativamente periférico. Mas apreciações como as do *Jornal de Notícias* mostravam algum conhecimento sobre a literatura galeguista: era este como um pequeno pouso que a fase nacionalista do galeguismo viria acrecentar quantitativa e qualitativamente.

VI.3.3.1.2. A obra de Filomena Dato. Primeira notícia da literatura regionalista galega em *O Regional*

A vulgarização da literatura galega em Portugal ficava, quanto aos meios de comunicação estudados, restrita a algumhas publicações regionalistas nortenhas, e especialmente ao impulso de algum dos colaboradores destas. O caso mais notório é o de João Verde que, não acompanhando nengum plano explícito, vai dando notícia, nos primeiros anos do século, de alguns escritores

da Galiza e da vida cultural desta em *O Regional*. José Valle, primeiro colaborador, depois redator literário, redator gerente ainda na década de dez, mas sempre ligado à publicação, é a figura mais sobressaliente desta época no que diz respeito à Importação da literatura galega no Portugal do Norte.

Já no número 16, de 14 de junho de 1901 (não contava portanto o na altura semanário quatro meses de vida), aparece na primeira página de *O Regional* um artigo por ele assinado intitulado "As lettras galegas", "para a poetisa D. Filomena Dato em Orense" em forma de carta a ela dirigida.

A publicação de *Follatos* datava de 1891, dez anos antes; não era pois um envio determinado pola imediata atualidade dos textos, oferecidos ao crítico para a sua resenha. Sendo sem dúvida umha das intenções da poetisa a vulgarização dos seus textos, o oferecimento parece responder a razões de recente amizade entre os dous. Como pudo esta surgir? Filomena Dato fazia parte do relativamente numeroso grupo de escritores ourensanos, que, participaram nos Jogos Florais de Ourense, cujo ato culminante tivera lugar no domingo 7 de junho (com o discurso de Emilia Pardo Bazán), sete dias antes da publicação do presente número de *O Regional*. Cabe pensar que o secretário da Câmara de Monção conheceu Filomena Dato no curso desses atos e que ela ofereceu os seus livros ao escritor português.

E este agradece mui respeitosamente o presente, a "captivante e inmerecida oferta dos seus *Romances y Cantares* e dos seus *Follatos*, coisas lyricas que uma grande parte do publico não póde apreciar".

Não era umha crítica ao *mau gosto* do público as palavras de Verde. São, melhor, a confirmação da escassa vulgarização que da produção literária da outra parte do Minho existia em Portugal, das enormes dificuldades de comunicação que havia entre ambas as margens. Por isso, no artifício literário, o poeta agradece também a oportunidade que, de passagem, se lhe oferece para falar da Galiza e dos seus escritores:

> "permita ainda que me felicite por haver occasião de occupar-me, mais uma vez, da Galliza ethnographicamente a nossa irmã de leite, gemea devia eu dizer, porque sim. Foi ella, esta-me parecendo, a minha madrinha litteraria, pois me emballaram desde Añon até Curros, com intermittencias de Posada, Ferreiro e tantos, não fallando n'essa suprema alma lyrica gallega de Rosalia Castro que foi e será eternamente a sublime cantora das campinas gallegas".

Verde aproveita pois para sublinhar a identidade entre os dous povos, seguindo a doutrina dos teóricos galegos e portugueses. É curiosa a expressão "porque sim", que parece dar a entender que pudesse existir algum tipo de contestação a essa identidade, e que o crítico não quer nem discutir. Mas, o que mais interessa ao nosso estudo são os poetas citados polo colaborador literário de *O Regional*: Añón, Curros, Posada, Ferreiro, e, acima de todos, Rosalia de Castro. Indicava Verde em primeiro lugar os dous extremos cronológicos

da literatura regionalista tal e como eram considerados na Galiza: Añón, precursor, exilado em Portugal para mais, e Curros, o poeta vivo mais celebrado na Galiza; entre eles outros dous famosos também: Posada, um clássico, e Ferreiro, poeta ourensano com quem tinha amizade João Verde. Por cima de todos eles, Rosalia, percebida já também em Portugal como a alegoria da lírica galega, e a expressão da sua identidade. Surpreende na citação, porém, que não apareçam outros nomes: um é o de Lamas Carvajal, poeta ourensano mui conhecido na época, cuja ausência podia dever-se ao enfrentamento que mantinha com García Ferreiro e Francisco Álvarez de Nóvoa, aos particulares gostos do poeta, que não parecem mandar muito numha resenha que pretende referir os nomes mais significativos da literatura galeguista, ou ainda ao esquecimento em que nestes últimos anos da sua vida sumira o nome e a obra do autor de *Espiñas, follas e frores*. Há ainda outro dado que faz mais surpreendente que Verde não aluda a Lamas (e não o fará até ao momento do falecimento do que até a 1906 fora diretor de *El Eco de Orense*): é o facto de aparecer como assinante de artigos em *O Regional*, em numerosas ocasiões, "Marcos da Portel(l)a", normalmente sobre assuntos agrícolas. O(s) utente(s) do pseudónimo, cuja adoção nunca é explicada, foram provavelmente procurá-lo à revista que entre 1876 e 1888 (em três séries) dirigira Lamas Carvajal. Mais estranha ainda é a ausência deste escritor.

O outro nome a que nos referíamos, agora por outras razões, é o de Eduardo Pondal, e, com ele, o de toda a escola corunhesa. Certamente, João Verde estava sobretudo ligado aos grupos ourensanos, entre outras por razões geográficas, mas o nome do autor de *A campana de Anllóns* parecia de alusão obrigada. Talvez o que manifeste esta ausência seja a distância que existia entre os poetas ourensanos e o grupo corunhês. E manifesta igualmente como o grupo da Corunha pretendia mais o contato com outro tipo de setores da intelectualidade portuguesa[761]. De resto, cabe salientar o facto de não ser citada Pardo

---

[761] Em nosso entender, os contatos de João Verde com o grupo corunhês, se existiam, tinham de ser realmente fracos. Persistimos na nossa opinião apesar do testemunho de Júlio Evangelista no seu "João Verde, Fialho e a Galiza" (1955:84): "recebia amiúde visitas de alguns intelectuais da vizinha Galiza, deslocava-se por sua vez -conversador cheio de interesse e espírito aberto à Poesia- até Vigo, Corunha, Santiago, por onde contava grandes amizades entre a intelectualidade do começo de século". Outro testemunho, no entanto, o de Júlio de Lemos restringe às cidades e vilas raianas esses contatos de João Verde. Lemos (1959) refere-se, aliás, a outros aspetos da mediação de Verde que também transcrevemos:

> «Lembro-me de João Verde, numa crónica escrita ou n'"Aurora do Lima" ou n'"O Regional" (não posso agora precisar) [não conseguimos localizar esse texto; lembremos, aliás, que as Cartas de Curros a Feijó, donde se pode deduzir esta informação foram já publicadas uns anos antes na *Ocidente*], ter dito que fora António Feijó quem descobrira e tornara conhecido entre nós o livro "Aires da Miña Terra", de Curros Enríquez. Este serviço do Altíssimo Poeta das "Líricas e Bucólicas" ao seu eminente confrade de além Minho deve datar dos fins da década de 70 e foi sem dúvida a determinante das relações entre ambos, que ficariam assinaladas pelas traduções castelhanas de versos de Feijó pelo autor do "Divino Sainete".

Bazán, o que significa umha distinção em João Verde dos diferentes tipos de produção, e de literatura, na Galiza.

Entretanto, Verde prossegue a falar da identidade galego-minhota/portuguesa:

> "Eu vivia aqui, paredes-meias, que é como quem diz, apenas separado pelas poucas aguas que no estio o Minho leva, a ponto de, lançando os olhos para esses longes melancolicos, onde ás vezes o silencio se installa a cantar a alma, me julgar, eu também, um gallego. De Francisco de Nóvoa eu li, não sei onde, que «a patria dos homes é a patria do seu curazón». E como o meu coração desabrochasse, na edade em que por caminhos d'oiro e estradas côr de rosa a borboleta dos sonhos nos persegue doidejante e irisada, sob o sol gallego, era a minha patria o Além-Minho, que ainda nas claras noites, meio diluido na paysagem verde-escura, empastada de luar, eu interrogava nostalgico, a curtos metros de distancia".

João Verde, que será, com os seus *Ares da Raya*, considerado um escritor da Galiza, declara a sua vocação galega. O depoimento tinha muito de lirismo (mesmo no ambiente com que rodeia as suas palavras, mui próprio do repertório, por exemplo, de Rosalia de Castro), mas transcendia algo essa poetização. *O Regional*, nascia em princípio sem filiação política explícita, mas cedo vai aparecer como órgão do Partido Regenerador Liberal, e mais cedo ainda com um marcado tom regionalista, de defesa da terra e das suas gentes, oprimidas e marginalizadas. *Ares da Raya* vai ser mais dumha vez aludido como arauto dessa missão: a via então de contato com a Galiza é mais evidente, em duas "almas gémeas" que sofrem circunstâncias similares. A Galiza não era a Espanha (não representava, pois, o cúmulo de receios que a expressão de identidade podia levantar). E, juntamente com esse regionalismo galego-minhoto, ia implícita umha certa superação dos preconceitos que separavam os do us países.

Mais umha vez citava Verde um escritor ourensano. Francisco Álvarez de Nóvoa era na altura um prosista reconhecido. Este redator de *El Miño*, rival portanto de Lamas com cujas *Mostacillas* competia por meio das suas *Agujetas*

Naquele tempo, a nossa formosa vizinha da margem direita do Minho ainda não havia revelado aos Portugueses a sua fisionomia, porque estes ignoravam totalmente a literatura e a arte de um povo com o qual tamanhas afinidades de sentimentos existem.

Esta ignorância desapareceu, felizmente, sendo de justiça reconhecer que foi o nosso querido João Verde quem, a partir de 1891, pela sua proximidade de vilas e cidades raianas, fomentou a aproximação com essa nossa irmá [sic] gémea.

Entrando no convívio de Don Benito Fernández Alonso, de Orense, e de don Manuel Lliviá [sic], de Vigo, este seu colega, além doutros intelectuais daquelas bandas, de tal guisa se familiarizou com a fala nativa deles que a passou a empregar em líricas de sua lavra e até em admirável prosa [...]».

Aí temos o momento dos contatos e polo menos alguns dos mediadores da produção galeguista de João Verde. Ao segundo dedicou o poeta umha parte dos *Ares da Raya*; dos contatos com o primeiro deixou Verde constância em *O Regional*, como veremos.

Notemos, por outro lado, que o artigo de Júlio de Lemos, publicado em *Vida Gallega*, II época, novembro-dezembro de 1959, Lugo, pp. 32-33 nada tem a ver com o que, com o mesmo título, "Minho-Galiza" publicara o primeiro de novembro de 1925 em *Nós*.

(Carvalho Calero, 1975:499) havia dous anos que compilara em *Pe das Burgas*, publicado na Biblioteca Gallega, os seus contos, repartidos por várias revistas e jornais da época. Há em João Verde, como se vê, bastante familiaridade nas referências literárias à produção galeguista, o que revela um assíduo contato com a literatura regionalista. Verde fala como um escritor regionalista galego. E procura os mesmos sinais de identidade:

> "D'esses amores, com as vicissitudes da vida, nasceu em mim mais tarde, quando de regresso á terra, a nossa commum doença endemica, essa *momina* [sic] que é tão nossa, desde a Coruña às margens do Douro, doença que é incontestavelmente o mal-da-terra, o apêgo ao solo natal. E ainda, d'esse mal me adveio essa outra doença do regionalismo, tão pura, tão naturalmente affagada em meu entendimento".

A *momina* (morrinha) como signo da antiga *Gallaecia*. É significativo tanto o erro na transcrição, que talvez não se deva a José Valle, como que seja ela (e não *saudade*) a forma utilizada. A definição, aliás, que João Verde faz ("o mal-da-terra") vai ser a escolhida como título da primeira parte dos seus *Ares da Raya*. Ora, há elementos aqui mui reveladores. Primeiramente, que um sentimento de união com a terra, de necessidade dela (muito *organicista* portanto), a *saudade*, a *morrinha*, assoma como denominador comum da Galiza e (parte de) Portugal. Em segundo lugar, que a visão que parece predominar dessa "doença incontestável" é a galega, a que se refere a umha espécie de nostalgia da terra. Isto é significativo pois implica a procura da definição da nacionalidade (note-se que João Verde a coloca imediatamente em relação com o regionalismo) sobre a base da palavra definidora do sentimento, não teorizado, que expressavam os escritores galeguistas. Daí que seja a palavra *morrinha* a que adere João Verde, e não proponha, ao lado, a forma *saudade* que usa com frequência nos *Ares da Raya.* E não apenas nestes *casos poéticos* é utilizada esta forma. Em crónicas doutro teor aparece também o termo *morriña* para referir-se a esse mal-da-terra. Por exemplo, num artigo sobre "A vida urbana", da Redacção, e tratando o tema da emigração, podemos ler: "Não tem sido o nosso concelho dos mais felizes na sua emigração constante, porque a *morriña*, o mal-da-terra, a nostalgia, ordinariamente se apodera do nativo a meio da carreira [...].[762]"

A partir do saudosismo, a palavra que se vai impor no mundo galego-português como definidora da essência dos dous povos é *saudade*, em virtude da teorização saudosista de Teixeira de Pascoais. O nacionalismo galego vai esquecer quase por completo a forma *morrinha* e a sua conceitualização, e assumir a do poeta de Gatão, que, aliás, vai encontrar em Rosalia de Castro

---

[762] Número 227 de 19 de novembro de 1905.

um referente basilar[763]. Vicente Risco, por exemplo, será a forma fundamental que utilize na sua *Teoria do Nacionalismo Galego* de 1920. Mas até então não existia conceitualização teórica por parte portuguesa da *saudade* (o saudosismo). O processo, portanto, vai ser, neste sentido, complexo. O que na literatura portuguesa constituía um dos muitos traços caraterizadores do seu repertório (a saudade, nas suas várias formas de ser entendida), vai ser material central do repertório galeguista, que é assumido assim por poetas portugueses (como João Verde), até que, aproximadamente quinze anos mais tarde, com o Saudosismo, as forças da denominação *se invertam*, e seja este movimento que subministre a sua visão e conceito ao galeguismo.

Convém indicar também um outro aspeto: João Verde desenha umha espécie de nacionalidade étnica entre a Galiza e o Portugal do Norte. Esta classe de nacionalidade está também nas bases do regionalismo galego, como verificámos em Vicetto, por apenas darmos um exemplo, e condiz bem com o regionalismo do autor de *Ares da Raya*. O seu regionalismo mudaria de sentido se o principal traço essencial invocado fosse comum todo o seu País. O saudosismo vai alargar o sentimento da *saudade* a todo Portugal e esquecer qualquer parcelação geográfica ou étnica no seio da nação portuguesa. Mas o nacionalismo galego, de cunho orgânico-historicista, não. Já na obra citada de Risco, como no *Sempre en Galiza* de Castelao, para colocar duas representações cimeiras e abalizadas do nacionalismo galego, Portugal no seu conjunto aparece muitas vezes *resgatado* para o núcleo essencial (seja este o da Civilização da Memória, ou dos Países Célticos, em Risco, seja o da genuinidade e a força originária, em Castelao) polo seu Norte, livre das *contaminações* arábigas ou hebraicas. Essa ideia, e a procura de relacionamento com Portugal em qualquer ordem, vai ser o que mantenha ainda nos anos vinte e trinta vínculos entre setores nacionalistas galegos e o regionalismo minhoto, em parte reacionário e transformado em culturalista, embora fosse com Portugal mais do que com umha *das suas partes* com quem o nacionalismo galego privilegiou os seus contatos.

As ideias de João Verde, aprofundando sobre a questão, dão-nos ainda mais chaves:

> "A poesia gallega, para nós os minhotos, e quando mais não seja, para mim que a conheço fundamentalmente, porque ella me traduz o que ha de mais sagrado n'um espirito culto -a manutenção da linguagem, dos costumes e das tradicções, é por assim dizer, na raia a mais comprehensivel á alma popular. E não direi n'isto apenas a litteratura *enchebre*, o culto da terminologia do vulgo, se não tambem, o dialecto phonologica e morphologicamente, traduzindo os mais elevados pensamentos no conto, no romance, na satyra, na strophe, sobretudo na strophe Rosalía e Curros, -Mistral ou

[763] Importa mais por vezes a forma que o conceito. Os saudosistas portugueses e muitos dos nacionalistas galegos vão encontrar em Rosalia de Castro umha das raízes do saudosismo (Santa da Saudade será umha caraterização habitual da poetisa de *Follas Novas*) quando em Rosalia a expressão da Saudade tem umha raíz existencialista não coincidente com as teorizações daqueles.

> Roumanille,- a velha Galliza ou a velha Provença, encantam-me. Os recentes «jogos florais» d'Orense lembram-me as fraternaes reuniões do *félibrige* -comunhão sanctificada no culto da terra mãe".

É evidente que João Verde não encontrava ainda entre os poetas portugueses parceiros desta mundivisão, e procurava-os na Galiza. A Galiza parece ser, para este João Verde procurador do genuíno, como um repositório do antigo e do essencial. É expressiva a comparação com a incipiente literatura provençal, bastante na moda na época, a que, aliás, aludirá em mais ocasiões, ao fio da celebração dos Jogos Florais, *justas poéticas* aggiornadas; ela confere umha atmosfera ainda mais antiga, nobre, medieval ao tipo de produção literária de que fala. João Verde está *traduzindo* para o seu contexto o fenómeno regionalista cultural galego, como "o culto da terra mãe" que ele pretende nos seus versos. E, talvez levado da sua paixão, recolha o desejo que ouviria dos seus amigos galegos (como ouviria a palavra *enchebre*, aliás *enxebre*), que não a praxe, de que esse dialeto galego expressa os mais elevados pensamentos em qualquer género literário, quando, como vimos, a realidade era mui outra.

Enfim, praticamente todo o texto de Verde está destinado a dar algumhas informações sobre a literatura galeguista e a sublinhar nela o seu caráter de originalidade e identidade com o mundo minhoto em que ele escreve. Umha literatura então eminentemente rural, *essencial*, autêntica, como a que ele quer. O presente de Filomena Dato é usado como pretexto para esta vulgarização, e apenas na parte final do seu artigo se refere à poetisa ourensana:

> "É por isso que de v. ex., sacerdotisa d'esse culto, os presentes volumes que tenho, vieram, dar maior alento ao meu culto de minhoto, semi-gallego, com que e de que me orgulho, preferindo os *Follatos*, que são por certo as mais seguras e nitidas, estaveis e emocionantes impressões da alma que as produziu. Trazem bem a marca da melancolia que nos caracterisa a nós todos os poetas do Norte, subjectivos pelo temperamento e pela raça.
>
> Como não havia eu, pois, de felicitar-me, ao receber das campinas por vezes desoladoras d'Orense, grandes no seu symbolismo, esses *Follatos* cheirando a terra fresca e revolta, dizendo a cantilena das eiras?".

"Cantilenas" será, como já anotámos, a parte de *Ares da Raya* que João Verde dedique a Filomena Dato Muruáis. Pouco fala José Valle dos livros da poetisa, mesmo aqui utilizados como pretexto para aludir ao seu objetivo de vulgarizar a poesia regionalista galega (e a "marca da melancolia que nos caracterisa a nós todos os poetas do Norte, subjectivos polo temperamento e pola raça") no seu meio, e de, ao mesmo tempo, supomos, firmar-se como umha referência no contexto literário galego a que ele queria chegar, como o mostra o livro que só um ano mais tarde vai publicar.

VI.3.3.1.3. A vulgarização de García Ferreiro

Com essa resenha começava João Verde a dar notícia, avulsa, em *O Regional* da literatura regionalista galega. Quase um ano mais tarde o poeta minhoto vai de novo tornar sobre ela. O seu artigo, "Garcia Ferreiro" leva como rótulo prévio "Poetas Gallegos"[764], o que podia fazer pensar numha série dedicada àqueles que nunca existiu. Na realidade o motivo do artigo era o recente falecimento de Alberto García Ferreiro em Ourense. Vai agora Verde tratar mais por extenso da obra do ourensano do que fizera com o caso de Filomena Dato, sem deixar de anotar informações valiosas sobre a sua receção da literatura regionalista galega, particularmente no início da sua necrológica:

> "Ha de haver sete annos, as minhas relações litterarias com o poeta Alberto Garcia Ferreiro levaram-me a visital-o, uma vez que me encontrava em Orense, a velha cidade das *burgas*. Interessava-me ainda e ao mesmo tempo a entrevista por se me dar ensejo de manifestar-lhe quanto tocava a minha alma de minhoto toda a litteratura gallega que eu vinha seguindo apaixonadamente desde Francisco Añón, Rosalia Castro de Murguía, Curros Enriques, o meu grande preferido, alma gemea de Junqueiro na ironia e no sarcasmo, tanto como no seu lyrysmo regional, e Pozada e Pondal e tantos e tantos, prosadores e poetas, até á ultima camada de amantes da Galliza e do seu dialecto que nos jogos floraes de Pontevedra fez saudar Victor Balaguer, em nome dos poetas provençaes os poetas gallegos -era como que a irmandade do *felibrige*- Arles saudando as vastas campinas d'aquella linda cidade que são em bem dizer um prolongamento do nosso Minho- e que no anno passado em identicas festas realisadas em Ourense surgiram radiantes como Labarta Posse".

O seu labor propagandístico levava-o como vemos a fazer um preâmbulo de apresentação da literatura galeguista, onde não falta a presença da literatura provençal, que dá ao tema que comenta um ar de exotismo medievalista, de antiguidade e de diferença com o ambiente literário português.

Se era indiscutida a posição de Rosalia de Castro, morta havia quinze anos, num lugar central do *Parnaso Galego*, era igualmente claro que Curros Enríquez ocupava outro posto de glória; confirma-o o comentário de João Verde para o caso português. Curros, o mais célebre dos escritores galegos em Portugal, sobretudo polas suas tarefas de divulgação nos jornais madrilenos, contava aliás com um forte auxílio para a sua Importação: o da sua homologação com Guerra Junqueiro, que Curros, e Verde, admiravam. Assim o refletem as palavras do minhoto, que recorria a essa similitude para *explicar* Curros Enríquez, a quem também valoriza polo seu "lyrismo regional"; quer dizer-se, possivelmente, pola sua poesia costumista. Em contraste com o artigo precedente, alude agora João Verde a Pondal, sem nengum comentário sobre ele, e continua a ausência de Lamas Carvajal. Não estranha a menção de Labarta, jornalista diretor de várias revistas pontevedresas que frequentava os Jogos

[764] Número 49 de 9 de março de 1902.

Florais e homem mui popular polos seus gracejos com que colaborava em muitos dos meios de comunicação da época.

Confirmamos também por estas palavras a presença de João Verde nos vários Jogos Florais que se celebraram recentemente na Galiza, onde travaria contato com vários escritores galegos.

Dedicado a falar de García Ferreiro, João Verde vai continuar, todavia, a dar notícias sobre a Galiza; agora sobre os ambientes ourensanos: "Para me apresentar a Garcia Ferreiro" [prossegue João Verde] "seria, pois, bastante, o meu cartão, se o acaso não me deparasse em plena *calle* do Progresso, ao sahir do *desayuno* [...] uma destas relações de commensal que duram quasi sempre o tempo das estafadas rosas de Malherbe[765]".

Mais umha vez, as palavras em cursivo informam sobre a perspetiva com que *olha* o mediador, neste caso José Valle. Como já podíamos deduzir pola uso castelhanizado dos topónimos galegos (Coruña, Orense), Verde não deixa de enviar, entre tanta *enxebreza* galaica, elementos mais familiares para o seu público, como é a transcrição de palavras-chave que recobrem de contexto espanhol a imagem da Galiza que o poeta transmite. Esse caráter *bilingue* da realidade galega é o mesmo que Verde leva a *Ares da Raya*, e evidenciam qual era mui possivelmente o tipo de relação que com o português mantinham os poetas regionalistas que conhecia.

Seja como for, o seu "*commis-voyageur*" põe-no em relação com Benito Fernandes Alonso, "d'uma affectuosidade extrema e um gentilissimo espirito", "conhecido historiador e chronista, presidente da Commissão provincial de monumentos historicos e artisticos d'Orense" a quem encontra sob as arcadas fronteiras ao *ayuntamiento*; "um dos raros que logravam privar com o poeta, porque este era, no convivio e nas relações, d'um retrahimento que raiava por um altissimo orgulho de caracter, parecia, mas que não passava d'idiosyncrasia".

Fornecia o poeta de Monção aos seus leitores (e confirma-nos) o retraimento em que García Ferreiro sumira após a publicação de *Chorimas.*

Sucedia pois este encontro, como o próprio Verde indica, por volta de 1895, três anos antes que a citada Comissão começasse a editar o seu *Boletín*, a primeira publicação de caráter especializado em Ciências Humanas e Sociais com que a sociedade galega entrava no século XX.

Conhece, enfim, José Valle García Ferreiro:

> "[...] Desde então, e de quando em quando, trocávamos cartas sobre asumptos litterarios.
>
> [...] Garcia Ferreiro era considerado um dos mais inspirados e distinctos poetas gallegos da ultima geração.

---

765 Devia ser quase tópica a comparação com o precetor literário seiscentista Malherbe, e o seu uso poético da rosa como metáfora da beleza efémera.

> Com effeito, nos seus livros -*Volvoretas*, *Chorimas* e *Leenda de Groria* revela-se um sabio cultor do seu dialecto, um cantor insigne das coisas da Galliza e um alto espirito independente. Castelar escreveu que «*hay razas de tal suerte unidas em su tierra que al separarlas separais los terminos dumha entidade, el alma y el cuerpo*».
>
> Ferreiro, como cremos, pertencia a essa raça. Com elle extingue-se um preclarissimo poeta, um distincto advogado, um democrata intransigente.
>
> Guardando como penhor da muita estima todos os seus versos que na minha estante o evocam, eu deixo-lhe no final d'estas regras o preito da minha saudade".

A opinião de João Verde sobre García Ferreiro não era pois diferente da que dele se tinha na Galiza, embora aqui não apareçam matizes sobre a sua atitude política, como apareciam por vezes nas crónicas galegas. De resto, Verde parece um bom conhecedor da obra de García Ferreiro; ao menos confessa-se possuidor dos livros de versos daquele. Vai transmitindo o colaborador de *O Regional* aos leitores a ideia dum conjunto compacto de poetas regionalistas, homólogos do seu labor no Minho, que fazem parte dumha *raça* em que Verde quer inserir-se.

Acabava assim a crónica de João Verde sobre o seu amigo recentemente falecido. Com esta e a anteriormente comentada, podemos ver que, para além do dueto poético por antonomásia (Rosalia e Curros), João Verde centrava as suas preferências e contatos galegos na cidade de Ourense e nos Jogos Florais que se celebravam na zona Sul da Galiza. O que, a respeito do conjunto dos escritores galeguistas, significava que o seu conhecimento dos meios lucenses, compostelanos e corunheses era pequeno. Tinha isto como consequência que a sua informação não coincidisse com a que podiam ter outros intelectuais lusos da época, como Leite ou Teófilo Braga, cujos contatos fundamentais foram estabelecidos com o mundo corunhês. Como tão-pouco eram coincidentes exatamente as bases: mais nitidamente galego-portuguesas estas últimas; banhadas dum certo elemento *espanhol* as primeiras. Caraterizadas estas por umha Importação de materiais literários sobretudo ruralistas, popularistas e folclorizantes, frente aos objetivos mais alargados e *ruturistas* da escola corunhesa. Apresentava-se portanto um panorama um tanto diversificado quanto aos contatos galego-portugueses, com dous núcleos proeminentes: Ourense-Norte português (Monção) e Corunha-Portugal (Porto, Coimbra, Lisboa); e, ainda, com um ingrediente a considerar: a escassa, quando não má, relação que entre uns e outros havia nesta altura.

VI. 3.3.1.4. "Vendo-os assim tão pertinho": umha polémica galego-portuguesa a partir dos versos de João Verde

O Regional de Monção estará, pois, desde a sua fundação em 1901, continuamente atento às notícias que em volta do seu prezado colaborador João Verde se produziam, particularmente se estas tratavam sobre os êxitos alcançados polos seus *Ares da Raya.* Acabavam os responsáveis do semanário de publicar

o texto de Fialho "De Vigo a Cangas" quando numha nota, quinze dias mais tarde[766], dava-se conta do recebimento de "Vigo aos excursionistas portuguezes"; estas excursões tornaram-se, como sabemos, habituais na época, e já não mereciam os comentários entusiastas nem a dedicação informativa que anos antes reuniam. Mas nela comentava-se o aparecimento dum bilhete-postal que continha uns versos de João Verde, notícia que, tratando-se do diretor literário da publicação, tinha já maior interesse; o, em princípio, simpático detalhe, ia dar lugar a umha esclarecedora polémica. Informava *O Regional*:

> "Entre as demonstrações com que festivamente e bizarramente a linda e sempre generosa cidade de Vigo recebeu n'estes ultimos dias os excursionistas portuguezes, [...] figura a edicção dum bilhete postal illustrado comemorativo das festas, edicção de Lithographia e Typographia Commercial da mesma cidade, que pela ideia que encerra tanto como pela escolha que da parte do contexto fez a casa editora, não podemos deixar de reproduzir".

E descrevia assim o seu conteúdo:

> "O verso do bilhete-postal estampa respectivamente sob as entrelaçadas bandeiras das duas nações por de traz das quaes duas mãos se apertam sob as armas de Vigo, as seguintes oitavas: a primeira extrahida do volume de versos ultimo do nosso collega *João Verde* e que tem sido reproduzida por quasi toda a imprensa galliciana.

Vendo-os assim tão pertinho,
A Galliza e mail-o Minho
São como dous namorados
Que o rio traz separados
Quasi desde o nascimento.
Deixal-os, pois, namorar,
Já que os paes para casar
Lhes não dão consentimento.

João Verde

e a segunda é uma conceituosa resposta em dialecto gallego pelo illustre poeta viguez, auctor do volume *Muxenas*, snr. D. Amador Montenegro Saavedra:

Si Dios os fixo de cote
Un pra outro e teñen dote
En terras emparexadas
Pol-a mesma auga regadas...
Con ou sin consentimento
D'os pais, o tempo ha chegar

[766] Número 157, 11 de junho de 1904.

En que teñam [sic] que pensar
En facer ó casamento.

Amador Montenegro Saavedra".

Pura anedota, sem dúvida. As numerosas excursões de galegos e portugueses motivavam comemorações de toda a classe, o que nesta ocasião era feito com um bilhete-postal. Procurava-se algumha originalidade, nunca suspeitosa, estando presentes no bilhete as bandeiras entrelaçadas de Espanha e Portugal, muros garantes perante qualquer veleidade, mesmo para os mais sensíveis à *ameaça* regionalista ou ao *perigo português*

O tom poético dos versos de Verde chamava, ainda lido dum ponto de vista pragmático, para um melhor entendimento entre os dous povos, dedicados, os versos, a salientar os laços comuns; mas, desprovido dessa tipo de leitura, que não tinha que produzir-se, eram uns mais ou menos encantadores versos às semelhanças de ambas as margens entrelaçadas na imagem de dous namorados. Mas o pragmatismo da criação e receção da literatura galeguista sobrepunha-se a qualquer outro; e, mesmo no número a seguir, o 158[767], torna *O Regional* sobre as consequências do bilhete postal:

"Transcrevemos do nosso estimado collega *Faro de Vigo* de quinta feira ultima, as estrophes que seguem, como complemento a uma outra transcripção que no ultimo numero d'*O Regional* fizemos das oitavas portugueza e gallega dos bilhetes-postaes commemorativos da excursão portuense áquella cidade.

Vão em castelhano, para lhes não tirar o gracioso proprio".

Já que a resposta fosse em castelhano parecia indicar que o perene custodio espanhol ia contestar a oitava galega. O título "TERCERO EN DISCORDIA", revelava com mais clareza que o bilhetito gerara controvérsia e mal-estar nalguns setores da cidade. Os representados por exemplo por Pío Lino Cuiñas, que passava por poeta regionalista, e cuja obra em várias publicações regionalistas galegas da década de dez e vinte vai ser prolífera. Dedicava Pío Lino o seu contributo poético, com fundo não oculto de ironia, a "Á LOS CASAMENTEROS IBERICOS, LOS DOS SNRS. VERDE Y MONTENEGRO".

"Juan Verde quiere que haya
húmeda o seca una raya
porque los enamorados
tienen padres muy mirados
que no les dejan casar.
Ela és hermosa; él, de brio,
y á no impedirselo el rio,
podrian ambos pecar.

[767] De 19 de junho de 1904.

*

Montenegro se acomoda
á que celebren la boda
con ó sin consentimiento,
que eso és ir derecho al cuento;
Dice que les interesa
á los novios, si son fieles,
el prescindir de papeles
y casarse...por surpresa [sic].

*

En este casi conflicto
voy a dar mi veredicto
poniendome en la frontera,
y ahi vá mi opinion sincera:
Ni boda, ni valladar;
que nos empuja el cariño?
Atravesemos el Miño,
un beso... y vuelta a embarcar.

E acrescentava *O Regional* (enfim, possivelmente, João Verde):

"Mas para que não fique sem resposta, sae-nos um dos discordantes aqui mesmo do nosso lado, como quem diz á mão de semear e contesta:

Á CUIÑAS
no FARO DE VIGO

Puede que sea, no dudo,
Meu cantar irreverente.
Un beso? precisamente...
que ás vezes um beijo é tudo!

João Verde

E passe".

Cuiñas, era evidente, nem em metáfora queria ouvir falar de tal casamento. Talvez conhecesse aquela "nupcia nacional" que Fialho desejava, e sobretudo as vozes galeguistas que já desde os anos oitenta vinham falando em relações estáveis galego-portuguesas. Ele era, na realidade, e na sequência das polémicas a que aquelas opiniões deram lugar, um continuador dos Sánchez Moguel, Castelar ou Pedreira. Ou, mais proximamente, de Aureliano Pereira e Jesús Rodríguez López. Os versos de João Verde eram recebidos como a possível renovação daqueles perniciosos intuitos filogalegos de Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos ou Oliveira Martins. Não podia deixá-los sem resposta. E, na sua particular visão da Galiza e Portugal, o regionalismo galego espanholista, ou, '*el regionalismo bien entendido*', não podia deixar sem resposta qualquer aceno reintegracionista. Assim, os versos de Amador Montenegro, que não se distinguia por ser dos regionalistas mais radicais, nem nestas nem noutras questões, mereciam a contestação, humorística e amável, mas firme, *por si acaso* do "tercero en discordia".

Discórdia que não havia. Os versos de João Verde e os de Montenegro Saavedra harmonizam, sendo os do segundo plausível consequência dos dos primeiro. Mas Cuiñas manipula a interpretação, deslocando o *perigo* para a achega do advogado viguês de origem lucense. Cuiñas *espanholiza* Verde (*Juan*) e *aportuguesa* Montenegro ("por surpresa"), fazendo ver o "recato" do primeiro, que afirma e deseja a fronteira, e a "voluptuosidade" do segundo, que a nega para, "con o sin consentimento" unir os dous namorados. Pío Lino fica assim numha posição central e ponderada, dando a solução cabal ao conflito que ele inventa, colocando-o onde havia coincidência.

A resposta de Verde é certamente hábil; captando a benevoléncia dos leitores do *Faro de Vigo*, alterna espanhol e português para, sem sair das margens do motivo poético dos namorados, jogar com o imaginário das relações amorosas e sugerir que o beijo inocente era tudo (o que ele queria ou o que bastava para a união doestada por Cuiñas; e devolvia a ironia, magnificando com a *irreverência* a leitura pragmática e alarmista do seu contestador.

"E passe", concluía Verde; "e passou", acrescenta *O Regional*, informando que

> "no dia imediato o mesmo *Faro* inseria, debaixo do titulo *Entre poetas*, o seguinte:
>
> Quizas que muchos de nuestros lectores no conozcan las causas que sirvieron de motivo á D. Pío Lino Cuiñas para escribir la saladissima poesia, que ayer publicamos con el titulo de *Tercero en discordia* y que á su vez dio lugar al no menos chispeante trabajo poético que aparece en este mismo número firmado por el Sr. Montenegro Saavedra con el epígrafe ¡Non hay discordia!
>
> Tan donoso torneo, en el que de gentil manera lucen las galas de su ingenio ambos distinguidos literatos vigueses, fué originado por unas tarjetas postales que vieron la luz con ocasión de la reciente visita de los portugueses, y en las cuales, bajo una fraternal alegoria formada con las banderas de las dos naciones peninsulares, se leiam estos versos:
>
> Esses versos eram as oitavas que no numero anterior *O Regional* publicou"
>
> Eis como Montenegro Saavedra se dirige á intervenção de Cuiñas:
>
> ¡NON HAY DISCORDIA!
>
> Ó *metemento de Pio Lino Cuiñas*
>
> *Pois siñor, este D. Pio,*
> *A pesar d'o seu estado,*
> *Según Gascón, delicado,*
> *Non perde as ganas de lio,*
> *Y-as intenciós abofellas*
> *Non son das millores, pois,*
> *(Mañas'o fin n-él xa vellas),*
> *O carro pon diant'os bois.*
>
> *Veciños e namorados*
> «Ella hermosa y él con *brio*»
> *Xan Verde quer que apartados*
> *Vivan sempre pol o rio.*

Cuiñas, admitindo
Qu'é prudente a precaución,
Compango fai consintindo
Qu'en barca esten indo e vindo
Dios sabe con que intención.

Mais todo esto era bon onte:
¿Quén pensa hoxe en s'embarcar
Sabendo veu á enlazar
Ambas orelas un ponte?

Si, pois a casa xuntaron,
Si xa non hai valladar,
Si eterno amor se xuraron
Y-a lei de Dios ouservaron
¿Por qué non se han de casar?

Según o meu pensamento
Ben pode todo amañarse:
Primeiro o namoramento,
A siguida o casamento
Y'o mais despois de casarse.
Amador Montenegro Saavedra
Vigo, Xunio 16 de 1904".

Importância devia ter o evento, porque o *Faro*, tirando ferro à questão e pondo-a em termos de medieval disputa poética, deitava no entanto lenha ao lume da polémica. A *justa poética* vai, aliás, debatendo-se entre leituras pragmáticas, quase-pragmáticas e literárias, e nessa interessada ambiguidade movem-se os contendentes; o benefício era para os defensores da unidade, porque, sendo textos poéticos, o detrator Cuiñas não tinha decididamente todos os argumentos para levar a sério a proposta. Dessa situação serve-se Montenegro na sua contestação, reiterando e desenvolvendo, com engenho, as ideias da sua já célebre resposta.

A receção por parte de Montenegro da leitura que Cuiñas fazia dos versos de João Verde é, apesar do relativo desmentido da resposta do minhoto a Cuiñas, coincidente. Supreende-nos este pequeninho detalhe, que não sabemos se atribuir a interesse argumentativo de Montenegro ou a apreciação sincera. Sendo como for, o facto é que assim lendo os versos de Verde, e aceitando como consequência a posição centrada do seu contendente, Amador Montenegro responde, com ironia, que os laços de união já estão estabelecidos há tempos, e que recomeçar o processo seria umha volta par atrás inútil. E concluindo que, se os dous povos querem viver unidos livremente, não havia razão que justificasse a separação.

Não ficou a polémica aqui; restava ainda algum capítulo, dous em contreto, que iam aparecer no número seguinte, o 159. Num, publicado na primeira página, e intitulado "Do *Jornal d'um minhoto*", João Verde recuperava um texto da sua autoria de tempos atrás, pois como data é colocada a de 10 de agosto de 1903. Não aparecia explicitamente ligado ao *caso do bilhete-postal*, mas era evidente que essa era a sua motivação. O outro texto sim que se relacionava diretamente com o citado *caso*. Era a resposta de Pío Lino Cuiñas à contestação de Amador Montenegro Saavedra.

O artigo não trata, propriamente, de literatura; indiretamente sim. Na realidade trata-se dumha explicação de João Verde da sua atitude galeguista, de atualidade especialmente no contexto a que aludíamos: "...-Perguntára-me a Nena[768] se o meu affecto por Galliza não seria litterariamente, convencional, bromista, intencionalmente exquisito, ou porque sim".

Punha a questão João Verde que sem dúvida se punham muitos leitores: que cousa perdera este (*distincto*) escritor na Galiza e com os galegos? Era por *snobismo*, por um *porque sim* que já léramos em Verde anos antes? O poeta decide, precisamente agora, responder.

> "Vinha a [sic] ella a dizer, na linguagem da litteratice moderna, se eu não seria um dos muitos *fumistes* que por este mundo de Christo se alapardam á frontaria d'um livro ou que fazem a mandria encostados ás columnas d'uma gazeta para espantar o burguez como se a minha póbre condição de hyper-minhoto podesse influenciar-se de taes coisas n'esta endemica tambem nossa *morriña* de raianos da [sic] norte".

Responde já à pergunta João Verde. A sua atitude, poética e vital, não era postiça, fruto das tendências modernas que procuravam o choque com a sociedade *bem-pensante* da época, representada polo burguês. Nem mândria nem *fumistes*, dizia o poeta, que são os atributos com que parece designar os simbolistas e *modern*os portugueses de influência francesa. Que a sua atitude resultasse *moderna*, para *dar nas vistas*, seria mais bem produto do esquecimento por parte dos seus conterrâneos do que de essencial havia na sua terra: a nossa *morriña*. Verde vai continuar a explicar-se, como num exercício de autopoética, mediante o artifício de dizer o que poderia responder:

> "Não respondi desde logo á Nena que esperava certamente a confirmação do seu pensar. Poder-lhe-hia ter contado que a reivindicação da nossa raça consistia simplesmente no facto de o meu visinho de Paraizal ser ado de gallego nas terras ingratas onde foi buscar um anaco de pão, á hora precisa em que o lisboeta chacoteava de Xan de-Noya. N'esse particular criterio da rua do Ouvidor não levava as lampas á parranda do Chiado e adjacencias; porque no fundo, a jacobinagem era a mesma contra a condição dos humildes, dos depresados, dos barbaros que iam em demanda do trabalho.

---

[768] A quem aluda Verde com a "Nena" não o sabemos com certeza; a "Nena" aparece no título dum poema, "P'rá Nena leer", que dedica em *Ares da Raya* "Á memoria do poeta gallego Alberto Garcia Ferreiro», e que a esta «Nena» parece dirigido.

> Mas tempos decorridos era o meu visinho commendador e Xan-de-Noya o *consejal* no seu povo. Se um atravessára o Minho de saquitel ao hombro, o outro, noite alta, encafuava-se, n'um porão. Almas gemeas, um mesmo pensar identificara-os, como os nossos campos, os nossos montes, os nossos rios; porque desde Composancos [sic] ás corgas de Puente Vargas o seu espirito atinava n'uma aspiração commum como compartilhava da mesma dôr originaria..."

Assumira plenamente José Valle a doutrinação dos escritores regionalistas galegos e adaptava-a, com bons resultados (usando o estereótipo) ao caso minhoto. A justificação, a legitimidade do regionalismo era questão de *raça*, *racial* (nunca ou quase nunca com intenção racista); serem diferentes implicava umha expressão diferente. O traço caraterizador é, e será, a *saudade* (agora ainda escassamente desenvolvida sob o rótulo *morrinha*); um sentimento que, com facilidade, podiam encontrar galegos e minhotos em si mesmos, e, por meio das palavras singulares (intraduzíveis dirá-se anos mais tarde), considerá-lo único e exclusivo dessa *raça*. "Aspiração commum", "mesma dôr originaria"; parece Teixeira de Pascoaes, ou então Villar Ponte (por assinalarmos duas figuras relevantes) a falar da Saudade. Mesmo graficamente, se falta aqui a maiúscula em *dôr*, ela não falta nos poemas de *Ares da Raya* ("Que é feito da minha amada/ Minha noiva e minha Dôr?", exclama no "Regresso á terra", que no *O Arcoense* dedica precisamente a García Ferreiro).

O compartilhamento desse sentimento encontra, no caso minhoto, como dizíamos, um reforço no estereótipo. Com efeito, vem Verde a dizer, a alcunha de *galegos* não é só atribuída polo *centralismo* (o jacobinismo é aqui o particular referente de oposição dum regionalismo minhoto que partilha com os galeguistas o mesmo tipo de referente, mais opositivo neste último caso) aos de além-Minho, mas igualmente é dirigida aos minhotos. O que mais não significa que a identidade é a mesma (e o Outro tem razão, como consequência). A equivalência parece ser aproveitada, de passagem, como um apelo à consciência dos seus compatrícios.

Etnia, terra, *morrinha* (*Saudade*): estão apontados os três principais alicerces da poética de Verde, e, também, do nacionalismo orgânico-historicista com que galegos e portugueses vão encontrar-se no futuro; falta a língua; poderia pensar-se que ela, cada vez mais, se vai dando por suposta, como base que explicita os outros três: se a Galiza (e, claro, sobretudo os seus poetas) falasse e escrevesse em espanhol, para nada caberia pensar nesse relacionamento. Nós, porém, suspeitamos que essa ausência de afirmação da identidade linguística resulta do conhecimento direto da realidade galega que Verde possui. Nela João Verde pudo apreciar sem dúvida qual era o estado real e o uso que da língua comum faziam os seus amigos de além-Minho, quem, na sua maioria (se não na totalidade) usariam o espanhol para com ele falar. Isso explicaria que muitas das palavras-chave que o poeta minhoto utiliza quando trata da

Galiza estejam em espanhol; e este idioma, aliás, está presente nos seus *Ares da Raya*. Seja como for, o certo é que Verde quase nunca se refere à língua como princípio de identidade, embora utilize o galego para determinadas expressões singularizadoras daquela, a começar por *morriña*. A língua ocupa um lugar secundário no perfil estrutural da comum unidade galego-portuguesa em Verde; tem, por exemplo, menos valor de identificação que a música.

Conclui, enfim, Verde a *engalanar* as suas palavras, e depois de pronunciadas as chaves (*raça*, terra, *morriña*, precisamente) com algumhas "fantasmas" do mundo galego-português que se vai desenhando, e que aludem ao quadro perfilado: *meiga*, *aguas*, *segredos*, a natureza representada polos *salgueiros*:

> "Não respondi desde logo á Nena que simples e meiga, ha muito me comprehendera nas longas palestras, sobre o rio em cujas aguas se trocavam os segredos dos salgueiros das margens, e limitei-me a mostrar-lhe a pagina do livro delicioso do andaluz Francisco de Novoa que n'um gallego amoroso lhe dizia:
>
> *-A patria dos homes é a patria do seu corazon*".

Não por acaso aparece aqui citado Francisco Álvarez Nóvoa. Era, já o vimos, amigo do poeta, quem parece gostava da frase do seu correligionário galego. Porque galego era, e aqui está o relevante da demonstração que Verde parece pretender, apesar de originariamente andaluz. O que em Nóvoa era a justificação de galeguismo, era-o também em Verde: que era o *sentimento* de ser e pertencer a umha terra e a umha *etnia* (e não o *nascimento*) era o que definia as pessoas.

Ora, toda a interpretação da possível receção que fazemos, toma, na polémica do bilhete-postal, um pendor parcialmente diferente. O texto pode ser lido assim como a proclamação de galeguismo de Verde perante a negação dele que provinha de Cuiñas. A defesa da sua legitimação, não já perante o público e no contexto estritamente português, mas polo menos no galaico-minhoto no meio dumha controvérsia em que, sem ele pretendê-lo, lembremos, se vira inserido. A galegos e portugueses por igual respondia o texto que Verde agora atualizava.

E na página três, como dizíamos, informa *O Regional*, adotando o mesmo estilo introdutório do seu colega viguês:

> "Para cumplemento [sic] do caso -Bilhetes postaes da excurssão [sic] portugueza a Vigo- damos em seguida mais uma peça de Pio Lino Cuiñas, o humoristico poeta d'aquella cidade, em resposta á ultima de Montenegro Saavedra, não menos humoristico e não menos illustre advogado.
>
> SIEMPRE Á RAIA
>
> Al señor de Montenegro
> que está por el *con y sin*,
> como dicen las patronas de
> huespedes de Madrid.

¿Yo meterme en todo, amigo?
Está V. en un error;
en un grave error, le digo.
¡Si es lo contrario, señor!
¡Se meten todos conmigo!

Me ocupé en el Meridiano,
y me salió un ciudadano
muy amable y muy cortés
que, cortando polo sano,
dió el corte, pero inglés.

Pinté unas aves y un cielo
confesando sin recelo
que dejaba el Arte á *salvo...*
y me tomaron el polo,
¡el *polo a mi, que soy calvo!*

Un poeta fronterizo
aseguró que la unión
internacional no se hizo
porque un padre antojadizo
se opuso á *la conjunción.*

Con ó sin *la voluntad*
delos padres, quiso usted
casar los novios ¿verdad?
¡Pues abajo la pared,
y abajo la auctoridad!

Es el caso extraordinario
y además es arbitrario,
don Amador, y aun muy feo...
¿Usted revolucionario?
Lo estoy viendo y no lo creo.

A qué ese empeño... ideal
del lazo matrimonial
querer atar, Montenegro?
¡Ni que fuera usted el suegro
presunto de Portugal!

Y pétele ó *no le pete*
se envuelve V. en la red,
y á *mi no me compromete:*
yo no soy el que se mete
en los charcos, sino usted.

Hay opiniones. Yo escojo
la mia por conveniente;
y si V. tiene ese antojo
pasaremos por el puente,
que el rio precisamente
también lo passa ¡y por ojo!

P.L. Cuiñas"

Por ultimo e para fechar as transcripções agradeçamos ao nosso presado collega do *Noticiero*, snr. D. Jayme Solá, as referencias amaveis ao nosso redactor litterario João Verde... q. s. m. b."

O Regional conservava também o tom distante e *literário* do *Faro de Vigo*; talvez porque assim o considerassem conveniente, ou talvez porque, entre despistados e prudentes com a polémica, não queriam dar passos em falso que pudessem acabar em verdadeiro conflito com o jornal vizinho, com que mantinham boas relações.

No que diz respeito à colaboração de Pío L. Cuiñas, para além do introito jocoso sobre a sua pessoa, que teria a ver com outros artigos e polémicas mais domésticos e o do título bilingue a afirmar as diferenças, ele é aqui ainda mais direto no desenvolvimento do verdadeiro tema do bilhete-postal. Quiçá a começar pola interessada referência às "patronas de huespedes" madrilenas. A interpretação dos versos de João Verde aparece já parcialmente diferente àquela que dera na sua intervenção anterior. O objetivo de Verde era a união (a rutura da fronteira, portanto) que não pudera ter resultado feliz porque "un padre antojadizo" (Espanha, temos que deduzir) "se opuso á la conjunción". E, sustendo o tom irónico, dedica a Montenegro a crítica mais relevante, fazendo ver que se insurgia o que fora diretor de *A Monteira* contra a autoridade paterna do Estado. Era, pois, Amador Montenegro, um revolucionário, que, aliás, o único que fazia era acompanhar poeticamente a doutrina dos mais prestigiados historiadores regionalistas; o que Cuiñas converte numha impostura de Montenegro, ao recriminar-lhe, mui alegoricamente, que ele e as suas ideias se erijam em intérpretes do sentir galego, o que costumava ser crítica frequente ao regionalismo autonomista; ou ao insinuar que tinha interessses ocultos na união: "¡Ni que fuera usted el suegro presunto de Portugal!", impreca Cuiñas. Em mal assunto, em *charcos,* metia-se Montenegro a juízo do seu discordante, que sustinha defender a razão *conveniente*: aquela que não se deixava ir por estes caminhos tão abertamente hostis para a unidade pátria.

Assim concluía, quanto à polémica, aquele mês de junho em *O Regional*. Agradecia *O Regional* ao *Noticiero* e a Solá as referências amáveis a João Verde e dava fim a umha controvérsia cujo significado talvez não compreendesse até às suas últimas consequências; ou, se calhar, sim, mas não temos a certeza. João

Verde tiraria algumha conclusão; umha delas seria possivelmente a de verificar que a classe de amores galaicos, inocentes ou não, que praticava tinham imediata repercussão *pragmática* no além-Minho; e outra: que a sua obra ia sendo conhecida na Galiza, até ao ponto de que, passados os anos, aqueles versos com que introduzira os seus *Ares da Raya* iam funcionar como um símbolo da amizade e da união galego-portuguesa.

Mas o *caso do bilhete-postal* como fundo ainda dous anos mais tarde vai ecoar em *O Regional*, prova do impacto que a polémica deixara na Redação do semanário de Monção.

No número 203[769], em maio de 1905, publicava-se umha nota, assinada por I.A., em que se informava da receção de alguns versos do poeta de além-Minho. Na tal nota aproveitava-se para reiterar os elogios ao poeta, sempre consistentes em salientar o seu caráter genuíno e regionalista:

> "O brilhantissimo director litterario d'*O Regional*, que tanto faz destacar este semanario com as scintilações do seu talento e o seu dedicadissimo carinho pela acção regionalista que elle se impoz, acaba de receber mais uma manifestação do quanto de notabilisaram por entre a incaracteristica producção poetica dos ultimos annos, os seus *Ares da Raya*, rescendendo a terra, sem postiços, tão naturalmente nossos que estamos em crêr que se o sólo minhoto fizesse versos esses seriam nem mais nem menos que os de João Verde, impregnados do mesmo queixume dolorido das desgraças da região -a emigração, o serviço do rei, a alcavala, de envolta com os alegres cantares de esfolhadas e romarias ou com a gritaria viril duma lavrada".

Era um bom resumo da temática do livro. Com diferença das publicações galeguistas, a atividade regionalista no Minho era menos grupal. Como se pode ir desprendendo da leitura do semanário, a ação regionalista de João Verde era bastante isolada, por mais que merecessem todo o tipo de louvores, como os que aqui lhe são dedicados; o que, aliás, convertia em mais meritório o seu labor. Verde nutre-se de materiais similares com o galeguismo, já o temos comentado, e não esquece o sentido reivindicador que algumha da produção regionalista tinha, o que o diferenciava de certas atitudes e poetas com que tinha contato na Galiza. E alcançara certo eco nos meios literários mais próximos:

> "Na apparição d'aquelle livro, a chamada critica litteraria da imprensa periodica fez-lhe justiça sem padrinhagem; foi mesmo tão amavel que a quem souber o que é a critica e desconhecer a obra do Poeta, acudiria facilmente a falsissima ideia de que João Verde é um grande mundano com compadres por todas as redacções".

E, mesmo a seguir, alude o cronista ao assunto do bilhete-postal:

> "Mas, pouco depois, n'um simples postal, vinha ao auctor dos *Ares da Raya* uma consagração que lhe devia ser mais cara do que todas as elogiosas referencias da impren-

769 De 28 de maio de 1905.

> sa. N'uma festa gallaico-portugueza, uma *tarjeta* citava os seus versos como symbolisando a communidade de natureza, sentimento, tradicções e ideias que fazem Portugal norte e a Galliza uma e a mesma terra só de facto separadas no mappa e differenciadas em verdade apenas porque as duas regiões estão entregues a diversas firmas exploradoras".

O liderado regionalista de José Valle tinha admiradores, e seguidores. Apesar das reações que aquele bilhete produzira, reafirma *O Regional* o ideário da identidade galego-portuguesa: comunidade de natureza, sentimento, tradições e ideias, apenas separadas pola divisão política, mas sofredoras dumha mesma exploração; a marginalidade era pois mais umha marca caraterística que unia as duas regiões.

O facto de serem transcritos os versos de Verde no bilhete era percebido como o melhor reconhecimento da obra do poeta, porque era precisamente daquele lugar nutricial da sua criação e sentimento, o mesmo que produzia um cânone de que Verde se considerava discípulo, donde procedia. A obra de João Verde *popularizava-se* e isso era o maior motivo de satisfação.

Na continuação podemos ainda conhecer umha das suspeitas que os responsáveis de *O Regional* tinham sobre o assunto do postal: que ele fora feito por afã de lucro, o que, como eles mesmos parecem sugerir, era polo menos nota de popularidade e bom fazer em Verde.

> "Poder-se-hia attribuir mero intuito mercantilista ao postal gallaico, o que aliás não seria rigorosamente exacto; mas, quando mesmo assim fosse, João Verde, pondo de parte os elogios da imprensa e concedendo baixos intuitos á *tarjeta*, deveria ficar satisfeito da sua obra sómente com a ultima homenagem ao seu livro, tres annos passados sobre a sua publicação, tempo sobrado para se relegarem ao esquecimento todos os versos que não tenham o cunho dum bello talento ao serviço duma grande ideia".

A homenagem a que *O Regional* se referia, consistira no facto de o pintor, arqueólogo e miniaturista José Júlio Gonçalves Coelho, já célebre na altura, pintar umha pasta para um quintanista minhoto, José de Souza Guimarães "da nossa Escola Medica", em que transcrevia uns versos de João Verde. *O Regional* mostra-se inteiramente satisfeito polo sucesso dos versos, que, como no caso do bilhete, viriam provar a sua qualidade e aceitação, pois eram utilizados para outras produções artísticas. E torna a elogiar o livro dos *Ares da Raya*:

> Dum jornal portuense passam a notícia da exposição da pasta com os versos:
>
> "Cobre-me terra bemdita,
> Minho que a minha alma encerra,
> Coração da minha terra,
> Cova do meu coração

e est'outros d'uma canção gallega.

> "Ayriños, os minhos [sic] ayres,
> Ayriños da minha terra,
> Ayriños levadme [sic] a ella!".

Não fizera referência a crónica aos versos galegos, cuja seleção ao lado dos portugueses era realmente significativa, porque precisamente vinha testemunhar na receção o que a Redacção do semanário contava linhas atrás sobre a identidade galego-portuguesa. Não parece pois estar mui interessado o para nós anónimo cronista I.A. pola produção galega. Os versos eram, aliás, de Rosalia de Castro[770], umha das máximas expressões canónicas da literatura regionalista galega, mas talvez o jornal portuense não o indicasse, e averiguar a sua procedência não o deveu julgar decisivo I.A.

Enfim, para nós, a quase um século de distância desta crónica fica o testemunho dumha certa vulgarização da obra rosaliana em Portugal, e da importância que para o reconhecimento de Verde tiverom este e o polémico caso da *tarjeta* postal viguesa.

VI.3.3.1.5. Crónicas de João Verde sobre as suas visitas à Galiza: os contatos com Benito Alonso e García Ferreiro

Na realidade, a vulgarização da literatura regionalista galega em *O Regional*, sempre da mão de João Verde, não obedecia a nengum plano estável. As notícias da vida cultural galega (sempre reduzida à cidade de Ourense) aparecem de maneira esporádica. Dous anos depois da polémica sobre o bilhete-postal, domingo 2 de julho de 1905 (número 208), o público leitor do semanário de Monção encontra na primeira página um artigo intitulado "A Galliza d'hoje".

Não deviam ser muitos os contatos de João Verde com os literatos ourensanos, ou gostava então de relatar o episódio do seu encontro com Garcia Ferreiro, porque o artigo se centra de novo na visita que realizara à cidade de Ourense e que fora já motivo do seu comentário no mesmo semanário aquando da morte do autor de *Volvoretas*. João Verde, como já fizera naquela altura, conta o episódio em forma de crónica de viagem, agora fornecendo mais alguns detalhes:

> "Depois d'uma ceia em *Doña Izidora*, ceia a mais original que eu tenho devorado em dias de minha vida, um amabillissimo rapaz, Pedro Garcia, meu encantador companheiro e conviva, dissera-me:
>
> *Mañana conocerá Vd. Ferreiro, el original y mui lysto poeta gallego*.
>
> Meia hora no *Suiso*, *dos copas* no magnifico salão do *Liceo*, e n'aquella promessa adormeci".

Era "sexta-feira de *Semana Mayor*", diz Verde, na manhã em que, após olhar da sua janela umha longa fita do "nosso Minho amado", comtemplava a rua:

---

[770] Corriam certamente várias versões dos *airinhos*, por exemplo no *Cancionero Popular Gallego* de Pérez Ballesteros (1886, II: 301-302, onde se alude precisamente à glosa rosaliana), mas pola variante transcrita tudo parece indicar que se tratam de versos tirados dos *Cantares Gallegos* de Rosalia.

> "passavam em seus trages pittorescos os *maragatos* de Cellanueva e Carvalliño, e a successão infinita de pedintes a mais diversa, a mais repugnante, velhos e mulheres desnarigados, coxos, manetas, desorelhados, ankylosados, plétoricos [sic], cegos, syphiliticos, morphaicos, phtysicos, anemicos, a desolada Galliza miseravel. Esta dolorosa minha impressão matinal, nunca tão sentida, fez-me lembrar muita vez os nossos bons azylos das pequenas cidades de provincia que raro deixam ver estas miserias cá por fóra".

Como já é possível inferir polas palavras em cursivo ou pola forma dos topónimos, Verde transmitia nas suas crónicas se não umha Galiza espanhola (ou castelhana), sim polo menos "híbrida" na sua dupla condição de entidade cultural mais ou menos autónoma e pertencente ao Estado Espanhol. Essa parece-nos a imagem com que os seus leitores podiam ficar: umha Galiza *espanhola*, portanto, menos *portuguesa*; o que implicava um distanciamento que não condizia bem com as proclamas que apareciam neste mesmo semanário sobre a identidade galego-minhota ou galego-portuguesa. Era esta, aliás, talvez umha ideia representativa da perspetiva com que muitos portugueses olhavam para o além-Minho. Ora, esse caráter híbrido (formado pola *essência* galega e a *acidentalidade* do domínio castelhano/espanhol) que se transmite vai também justificar em muitas ocasiões outra ideia subsequente que varios intelectuais portugueses manejam: a de que a Galiza é um bocado de Portugal roubado por Castela/Espanha, origem dum tipo de aproximação afetiva bastante frequente em determinados meios lusitanos, e que bem podemos resumir nos, no futuro, mui repetidos versos de Afonso Lopes Vieira: "Deixa Castela/e vem a nós".

O texto de Verde, por sua vez, prossegue no desenho desse ambiente misto:

> *"-Perico*? perguntei ao creado.
> *-No hoy* [sic] *cambiado la peseta en la noche*.
> Por isso, talvez, o querido conviva apparecia-me d'ahi a momento, de ponto em branco, n'aquella franca alegria que os hespanhoes sabem ter quando querem ser amaveis".
> A *Perico* toda a gente o saudava pola rua".
> [...]
> Vim a saber depois que este meu conviva era simplesmente *commis voyageur*, com arraiaes em Valladolid, estimadissimo, relacionado com toda a povoação orensana. Felicitei-me por não ter que baquear com tantas honrarias.
>
> *
>
> Chegamos á *Plaza Consistorial*. De todas as *calles* confluentes, vinha chegando poviléo, aos magotes, porque d'ahi a pouco devia passar uma procissão qualquer. E por entre ese *brouhah*, penetramos as arcadas que tinham em frente ao palacio do *ayuntamiento*".

Levava-nos pois Verde por caminhos já conhecidos de anteriores crónicas; e relatava também encontros pessoais de que já informara aos seus leitores tempo atrás:

> "O meu amigo levavame [sic] a conhecer antes de tudo, um dos poucos intimos de Ferreiro, D. Benito Fernandez Alonzo, que nas poucas horas que me restavam devia não só ser o meu cicerone como o mais amavel conversador sobre coisas litterarias que me foi dado encontrar. [...] caracter modestissimo em extremo, revelador da maior illustração e da mais franca galhardia. Com effeito, Benito Alonzo é actualmente um dos mais considerados historiadores gallegos e publicista e bibliophilo incansavel ao que toca ás coisas historicas da sua provincia".

Acabava aqui esta primeira parte de "A Galliza d'Hoje". No número a seguir[771], fala por extenso de *Armas de Orense*, opúsculo do autor por encomenda do Presidente da Deputação Provincial para definir as armas que a frontaria do "Instituto de 1ª Enseñanza", em construção, devia levar. E informa que Alonso está a concluir umha obra intitulada *Guerras hispano- lusitanas*. Até que, finalmente "fomos, pois, eu e Benito Alonso, saber do meu affeiçoadissimo poeta Alberto Ferreiro, o fidalgo auctor de *Chorimas*, de *Valvoretas* [sic] e da *Leenda de Groria*, poezias em dialecto regional, d'um raro merecimento e d'uma elevada inspiração". É a mãe do poeta quem lhes sai à porta. Verde comunica-lhe que:

> "em verdade, eu não desejava *de paso* em Orense, sahir d'alli sem conhecer o velho *amigo* de longa correspondencia litteraria sustentada ha annos, elle dizendo-me dos meus versos as suas impressões de poeta, eu dizendo-lhe dos seus livros as minhas impressões de rimador. Conviviamos ha seis annos, pela posta, é claro; e isso começára nem eu já sei, como começam todas as relações dos espiritos que tem um ideal commum, um mesmo temperamento, uma affinidade litteraria":
>
> *-Alberto se ha marchado camiño de Monforte*.
>
> A grande fortuna immobiliaria de Ferreiro nem sempre lhe deixa attender ás Musas e aos clientes".

Com a pertinente modéstia, reitera Verde aos seus leitores o valor do abastado poeta ourensano. E, finalmente, separada do texto anterior por umha linha de pontos, dá ainda umha breve síntese da paisagem galega, onde não falta o sentimento da terra expresso agora na saudade: "na alameda, os passantes, iam debandando, n'esse cahir do dia melancholico que imprime uma indizivel saudade paysagem [sic] gallega".

'Nihil novi sub O Regional' podíamos resumir. Apenas um pormenor chama a atenção da crónica: é que ela está datada em 1894, o que significaria que os contatos epistolares de Verde com García Ferreiro se iniciariam por volta de 1887, ano em que conheceria então Benito Fernández Alonso. As informações de que dispomos desmentem, como vimos, essa possibilidade. Parece pois tratar-se dum erro de transcrição por 1904.

---

[771] Número 209, 9 de julho de 1905.

VI.3.3.1.6. Primeiros textos galegos no *O Regional:* Neira Cancela e Marcelo Macías: a literatura regionalista galega como folclorista e subsistema do polissistema espanhol

Por fim, no mês de maio de 1906, vai aparecer nas páginas de *O Regional* o primeiro texto assinado por um galego, para além dos reproduzidos na polémica do bilhete-postal. Na primeira página e ao lado dumha crítica política, onde é criticada a "pouca seriedade" de Queiroz Velloso[772], é inserida "A carta do gaiteiro", levando como antetítulo explicativo por parte da Redação o de "Regionalismo". Assinava Juan Neira Cancella.

Neira dedicara a carta a Camilo Placer com motivo da morte deste, no número[773] que o *El Álbum literario*, dirigido em Ourense por Luciano Cid y Hermida, dedicara ao malogrado escritor, e em que participaram, entre outros, Filomena Dato, Aurelio Ribalta e o citado Luciano Cid.

A carta é pois umha tradução que aqui aparece quase vinte anos mais tarde

A razão por que um texto deste tipo aparecia nas páginas de *O Regional* parece óbvia após termos visto vários exemplos da atitude do semanário e especialmente do diretor literário João Verde sobre as identidades galego-minhotas. Era, então, um texto plausível. Mas ele tinha, aliás, causas mui concretas e próximas. Com efeito, a Redacção de *O Regional*, a comentar as festas populares que na região e na Galiza tinham lugar, criticara mais dumha vez o facto de irem os costumes populares desaparecendo, e mui particularmente a música tradicional, substituída por outras *modernices.* Na primavera de 1904, no número 153, precisamente na página a seguir da que acolhia a primeira parte do artigo "De Vigo a Cangas" de Fialho, inseria-se umha crónica intitulada "Romarias Gallegas", em que se faziam as seguintes apreciações: "o *Christo da Victoria, o S. Campio, o Livramento, a Ascenção*, os *Remedios* e tantas outras romarias gallegas, ahi de perto, não são já hoje o que foram ha uns vinte anos a esta parte, perderam a caracteristica accentuadamente regional".

Este regionalismo costumista atribuía a responsabilidade dessas perdas ao *Progresso*, que quebra a *essência céltica* da *raça* e das suas expressões: a gaita e o gaiteiro, os cantares de cego, os trajes festivos, etc.; umha argumentação esta que vai ser mui repetida no regionalismo galego e minhoto:

> "O ferro-carril e as carreteras, em pequenas ondas de civilisação cortaram certos costumes e diluiram typos, de modo que raro se vê hoje na ribeira o genuino galle-

---

772 Queiroz Velloso começa a ser criticado desde meados da primeira década do século (v. gr., número 206 de 18 de junho de 1905). O conselheiro Queiroz Velloso, ativo polígrafo (e mui dedicado ao estudo, como historiador, das relações hispano-lusas) acabava de fundar *O Minho*, "Litterário, noticioso e político", que desde o número 8 proclama ser "o Jornal de maior circulação do districto de Vianna do Castello" (anunciava tirar 1.500 exemplares). Queiroz Velloso faz parte do Partido Regenerador Liberal, como *O Regional,* mas já nesta altura passara a filiar-se no lado republicano, saindo o semanário vianense de que era proprietário, desde janeiro de 1908, como órgão Partido Republicano Evolucionista.

773 Número 40, de 5 de novembro de 1888.

go de calção, jaleco e monteira, e, nas mulheres aquelle dengue curioso e exquisito. Aqueles restos de costumes celtas em que á frente da procissão na romaria do côto d'Ascenção alem, defronte, ia o grupo de aldeãos dansando uma coisa semelhante á dança do rei David, em trajes pittorescos, o cego da sanfona acompanhado do *lazarillo* ou d'uma rapariga por vezes bonita, o fandango e outras danças, se surgem, é só lá para os *pueblos* montesinos.

Os meus leitores devem ainda de recordar-se dos cegos das coplas e sanfona que ainda ha bem poucos annos vinham até á Senhora da Cabeça e n'uma melopea desgraçada dizendo a doença e a miseria mandavam pela bocca da rapariga aos grupos que tasquinhavam na relva quadras como esta:

Diós lles dé *sulú e suerte*
Señores d'a compañia,
Yojalá d'oxe n-um ano
tengan la misma alegría.

Don José d'a barba ruiba
tem mirar namoradeiro,
q'olladas l'está botando
a señorita d'o medio.

Señorito d'a chalina,
ay que cuerpo resalado!
con ese aire distinguido
me paresce u diputado.

Estas e outras que os rapasitos das gandaras do Porriño, ao passarem os carros pela estrada vão cantando entre a litania fastidiosa do -*Una perrita! Una perrita!*"

Enfim o mundo em declínio desenhado, em que se conjugavam miséria e tradições numha mistura por vezes não mui bem esclarecida quanto à identidade inerente aos populares, era atropelado pola contaminação de costumes foráneos.

"Pois nada d'isso apparece hoje nas romarias da Ribeira Minho. Em cambio terão os senhores o *vino del paiz* e as *rosquillas*, o Santo Cristo conduzido de carro, e os varios *bailables* ao som das philarmonicas da nossa terra. E por'riba d'isso o grande foguetorio de que são prodigos os nossos visinhos.

E vá que não vá!"

E um ano e meio mais tarde[774], tornava *O Regional* a referir-se aos que considerava bons costumes festivos. Numha crónica em que se relatam (e criticam) várias festas da região, desnaturadas, em opinião do cronista, este encontra umha exceção «no meio de tantas festas minusculas" e vai louvar "os promotores

[774] Número 225 de 5 de novembro de 1905.

da praça de Deu-la Deu, empregados da barberia Nunes, pela excellente ideia que tiveram para abrilhantal-a o grupo do gaiteiro de Ventuzella".

> "Foi o *clou* da noitada para os admiradores do exquisito artista que do original instrumento, graças aos poderosos recursos musicaes de que dispõe, tira os accordes mais harmoniosos, sempre subordinados ao caracter das peças de sabor regional. O Ventuzella, com a sua *troupe* teve a amabilidade de saudar-nos logo depois da sua entrada no *pueblo*, saudarnos, a nós, ao *Regional* que parallelamente representa a terra minhota, senão como um paladino valoroso, ao menos como o primeiro na ideia regionalista. Aqui lhe deixamos *as gracias* pela attenção e delicada deferencia".

O gaiteiro era signo de identidade regional e tinha em *O Regional* um "paladino valoroso". Este era, aliás, o tipo de valores regionalistas que com maior frequência era significado no semanário. A música popular ocupava um lugar privilegiado no seu repertório e constituía umha das mais evidentes embaixadas culturais do País galego, a sua expressão. Vemos, pois, como o ambiente ruralista e folclórico vai nucleando a mundivisão regional. Para nada chegam os ecos a *O Regional* doutras tendências regionalistas, mais reivindicadoras e com objetivos culturais mui além da escavação num folclore que podia acabar por enterrar as possibilidades que nele se cifravam. Aprofundava a Redacção no elogio do gaiteiro:

> "Mas afinal, dirão os leitores, quem vem a ser este patusco? Simplesmente um dos gaiteiros de mais nomeada em toda a ribeira da Galliza, e que com um bombo, uma caixa e um clarinete enche um coreto, como costuma dizer-se. Nas romarias, elle arranca para melhor nos exprimirnos, aquillo a que chamaram a musica pneu, -um fol cheio d'ar, dedos d'uma espantosa agilidade, um sentimento de ribeirano gallego, e teremos uma *alborada*, uma *muiñera*, uma *foliada*.
>
> Só quem tem uma alma susceptivel de comprehender a poesia agraria d'um paiz como a Galliza pode recolher a essencia d'essa musica e d'esse instrumento montezino. Porque não é necessario ser-se musico para o apreciar. Basta ter coração".

"E ora tem, ahi os leitores," concluia o cronista, "como a proposito da festa sanjoaneiras [sic] nós iamos cahindo n'outras considerações muito diversas".

Parecia então lógico dedicar um espaço exclusivo à significação da gaita e o gaiteiro como identificadores da cultura galega[775].

Neira Cancela, natural de Vigo, era um dos mais ativos escritores e jornalistas galegos. Residia em Ourense, onde já em 1883 dirigira *Galicia Literaria*, e os seus textos repartem-se por quase toda a imprensa da época. Fácil seria o contato de Verde com o conhecido jornalista.

Abre a carta com um paratexto de Camilo Placer Bouzo, escritor também ourensano:

---

[775] Em *O Regional* a atenção a costumes e tradições comuns à Galiza e ao Minho é mui habitual. Por exemplo, no número 49 (de 9 de março de 1902), começam a publicação dum extenso artigo (que acabará no número 53) da autoria de José Caldas sobre a festa do Corpus Christi e a Cóca luso-galiciana, onde se sublinha a identidade galego-portuguesa que estas festividades significam.

> "Sei-vos dizer de mim que, quando cansado d'esse bulicio das cidades, emprehendia as minhas excursões de verão ao povoadosito onde me embalára o berço de meus paes, e ouvia entre o mysterio do crepusculo essa nota grave e sostenida a que os nossos campezinos chamam o *ronco* e que como muito bem diz o illustrado snr. Vesteiro, é toda uma licção de conservatorio; ouvia as variações da *muiñera* e escutava esse canto já alegre já melancolico dos nossos conterraneos do campo; [...] alli, contemplando os movimentos do *gaiteiro* entre a espessura, como deus Pan tangendo a sua sanfona entre as messes; alli recolhido alegremente o animo, não pude conter-me sem exclamar-
>
> Gloria a ti, musica dos nossos avós, louvada sejas tu gaita, louvada sejas *Gaita gallega*!"

Um breve repasse às palavras-chave e as palavras-fantasma do texto de Placer permitem-nos elucidar acabadamente tudo o que de ruralista o trecho transcrito oferecia. O contraste estabelece-se entre o *bulicio das cidades*, que nesta particular mundivisão é o conjunto dos males da terra, ela representante da nova civilização e progresso que se doestam, e o *povoadosito*, diminutivo carinhoso, *onde me embalára o berço de meus paes*, o que dá ideia dessa mensagem do autêntico e do tradicional(ista) que na defesa do gaiteiro se pretende enviar. Junto com *Muiñera* [sic], *ronco* e *gaiteiro*, formas já sublinhadas polo autor, aparecem toda umha série doutras que preenche de imagens desse ruralismo tradicionalista a receção: o *mysterio do crepusculo*, onde a melancolia se ativa, o que aparece insondável por mítico e oculto, como a essência popular, e como o canto, de possibilidades expressivas várias. *O deus Pan tangendo a sua sanfona entre as messes* reforça ainda essa ideia de harmonia com a Natureza e a terra do gaiteiro, e lança a associação com algo religioso, *panteísta,* sacro, como é a música e como são as crenças, puras, do povo. A música, antiga, tradicional, *nossa*, comove, e a comoção produz a exclamação e a bênção do escritor a essa alegoria da Terra que é a *gaita*. Todo um conjunto de ideias que estava já na Tradição historiográfica da Galiza, com Vicetto à frente (Cfr.,v. gr.. *Historia de Galicia*, 1865: 99-100).

Transmite pois o texto essa parte do repertório regionalista privilegiada por muitos escritores onde a identidade galega é manifestada através destas linhas de força, e que, como consequência, define a produção literária mais genuína.

Já o tema anunciado figurava no cânone regionalista galego como um dos seus de preferência: o gaiteiro era umha das mais eloquentes expressões do caráter popular e folclórico que muitos entendiam devia ser a literatura galeguista; ele tinha mesmo grandes precedentes, como os textos de Ventura Ruiz Aguilera e Rosalia de Castro, cuja singular perspetiva não triunfara. Mas, como no caso de Pimentel no *Jornal de Coimbra*, não aludia a eles. O gaiteiro ficava mais bem no imaginário de muitos regionalistas como a alegoria dum mundo entre idílico e *enxebre*, distante de qualquer modo de reinvindicação, que não fosse, na opinião desses regionalistas, o de com ele expressar que um mundo rural e antigo desaparecia. Vingava realmente a ideia que, por

exemplo, Pardo Bazán transmitia desde *De mi tierra* ou outros escritos, de alguns dos quais já deixámos testemunho.

Começa o seu texto Neira como um exegeta do anterior:

> "A nostalgia agradavel que de nós se apodera quando a musica popular que com nós outros nasceu esparge polo ambiente campestre as suas notas mimosas e dormentes, não abandona os gallegos em nenhum dos serviços da vida".

Assim, o desaparecimento da música popular do panorama cultural galego, e a sua substituição por *modernices* é um crime de lesa-pátria, umha injustiça do *Progresso* contra a própria essencia da região: "Dá vontade de chorar e de vivermos consagrados ao seu perpetuo imperio, eliminada do *folion* e da festa parochial a «musica profana» a «banda modernista» inimiga cruel da alma gallega, revolucionaria sem entranhas, que quer envenenar com a anarchia philarmonica o tranquillo espaço dos campos".

Se algumha cousa era a "alma gallega" para esta classe de regionalistas, e sobretudo devia continuar a ser, era conservadora, inimiga do progresso e de qualquer introdução de valores ou elementos culturais que não estivessem já na sua tradição, sagrada. A outra música era profana, fruto de «bandas modernistas» (quer o paradoxo que um século mais tarde essas bandas *desumanizadas* passem a ser consideradas na Galiza como o que de mais genuíno e tradicional há nas festas populares): o *modernismo*, esse inimigo duramente combatido, não por antinacionalista, mas por irreligioso, desordenado, revolucionário, sem entranhas, que polas bandas de música era transmitido como um vírus. *Modernismo*, *revolução sem entranhas* e *anarquismo*: era tudo uno, inimigos da moral e dos bons costumes, a alterarem a paz, por vezes sepulcral no seu silêncio e resignação, dos *tranquillos campos* galegos. A expressão literária, a adoção de formas *modernistas*, era, como já tivemos oportunidade de ver, apenas um dos campos, estes de batalha, em que se dirimia a *essência* galega versus a desumanização que as atitudes *modernas*, e estrangeiras, não o esqueçamos, provocavam.

Neira explica a seguir o motivo concreto do seu protesto:

> "Nascem estes meus pensares do effeito de tristeza e da funda impressão que em mim produz a simples mas eloquente leitura da carta d'um gaiteiro.
>
> Pedia mercê, implorava calor, duvidava de que os seus exitos ruidosos podessem ser já recordados, n'este ferver d'arte nova, flamante de musicos que usam bonet de galão d'oiro e lyra prateada, em vez de parda *montéra* e camiza de prégas; que não vacillam em tocar a *Traviata* á sombra dos alamos, profanando a magestade do panorama creado por Deus para saturar o ambiente dos perfumes da *muiñera*, da *montañeza* e da *riveirana*".

"Bonet de galão d'oiro e lyra prateada" versus "parda *montéra* e camiza de prégas": tudo o que fosse reputado como arte moderna, ou que não fosse a música popular galega, reiterava Neira Cancela, devia ser rejeitado. A *Traviata*

(talvez o Brinde) era dum hedonismo irresistível. Não se apagam os ecos das ideias de Pardo Bazán. Bem polo contrário, vai desenhando-se um esquema de cultura galega que tem como marca principal a *incontaminação*, o que nestes casos quer dizer que a sua produção cultural deve ser a que reflita o ambiente rural, superficialmente recebido, longe das interpretações que Rosalia de Castro podia fazer nos seus cantares.

O gaiteiro é como o bardo da cultura popular, da cultura galega, portanto. O seu melhor intérprete. É a Galiza autêntica, é *o galego* quase por antonomásia. Pois bem, este representante do País adota umha atitude humilde, resignada, na sua carta. A humildade; essa atitude levada ao extremo como virtude galaica, a qual quando outros regionalistas queriam convertê-la em revolta eram criticados (lembremos García Ferreiro por Ribalta). A quietude, a estabilidade a inalterabilidade das cousas que *sempre* foram assim e assim deviam continuar. Vai configurando-se o rural como o lugar da autenticidade, onde tudo deve permanecer. O que, consciente, ou subconscientemente, afeta igualmente os modos de vida, as atitudes e comportamentos que se consideram inerentes aos camponeses. Também então a sua paciência, resignação, pequenas satisfações na aceitação dum mundo, dum estado de cousas no qual a eles corresponde a pior parte. Chega à obstinação a insistência nestes valores em alguns setores do regionalismo galego: "era a carta amarga, cheia de sobresaltos, de medos fixos, os caracteres traçados pola mão do gaiteiro ignorado e palurdio, escrevia-a o artista do *fol y de la palleta*, o que anda no romance e nas trovas dos poetas excelsos; era [...] o rei de todos que deu fama com seu instrumento celtico á provincia orensana".

Gaiteiro-bardo, céltico: essência mítica da Galiza. A gaita vai ser, é já, como sabemos, talvez o principal argumento invocado para afirmar a pertença da Galiza à comunidade das sete nações célticas. *Bardo* que, no caso galego, deve ser ignorante e palúrdio (se não o fosse deixaria de ser *representante* da terra), intérprete das velhas trovas e romances dos poetas da Tradição que ele, aliás, desconhece.

> "Quantos passam em frente da sua humilde vivenda, não extranham um rotulo simples, poetico, verdadeiramente horaciano, que resalta na padieira da porta e diz somente: «*Caza de Juan*»».

A ignorância convertida em *virtus*, a pobreza do campo em *locus amoenus*, na perspetiva do cidadão mais ou menos abastado, mais ou menos culto; a aspiração horaciana representada no mundo campestre feliz. Esta é a mensagem que se transmite aos leitores galegos, e agora aos minhotos cujos referentes são similares aos primeiros. A produção cultural galega aparece assim como o resultado do ruralismo e do atraso; porque tudo o que a este cânone não responde, é veiculado com os materiais do polissistema maior. Isto, no caso

português não tem consequências graves, porque o regionalismo minhoto e o resto do polissistema partilham materiais centrais: a língua por exemplo. Mas no caso galego o que fica ressaltado é que no polissistema espanhol cabe todo o tipo de produções, censuráveis ou não; mas no sistema regionalista apenas aquelas que são populares (folclore mais ruralismo mais humor/melancolia) podem alcançar denominação de origem. Tanto assim, que a única vez que o referente de oposição aparece no texto de Neira é para dizer que "Juan Miguez, o popular gaiteiro de S. Paio de Ventuzella" "d'alli sahiu para transportar como carga invejada de Galliza a Castella, a gallegada caracteristica, a classica *muiñera*, a sem rival *alborada*". Enfim, que o que Castela teme e inveja é o folclore que não tem.

Não nos cabe dúvida que bem podemos definir esta atitude como de *carnaval*, à maneira de Bakthine (1987): umha espécie de crença de estar a praticar a cultura livremente, mas no fundo assimilada à Cultura maior (já desde o castelhanismo *muiñera* para umha das mais distintas marcas desta galeguidade). Este tipo de afirmações sistémicas regionalistas não se opunha ao polissistema espanhol. Nele se inseriam como *região* dum conjunto, em aberto contraste com a expansão sistémica que, não sendo total, propugnava a escola corunhesa.

O palúrdio e resignado gaiteiro, ignorante no seu candor do que ao redor sucede, escreve para o superior, o alcaide, para pedir humilde ajuda. Lembrando as glórias passadas,

> "escreveu, escreveu, febril, sem arranjos d'estylo, ao senhor que o conhece, ao que póde prestar-lhe amparo, ao alcalde d'Orense, [...].
>
> Que formosa e que melancolica é a carta do gaiteiro de Ventozella! Ainda se offerece, ainda confia na agilidade dos seus dedos, ainda confia nos seus pulmões; não culpa ninguem, pois comprehende que a juventude se impõe e que a influencia lhe volta as costas.
>
> Mas se alguma coisa vale a suplica digna, nobre, elevada, dos que se esfaltam em enaltecer o valor da Galliza, e os merecimentos dos artistas, os seus ultimos alentos, sinto-me feliz e orgulhoso ao pedir que ouçamos a gaita orensana, tocada pelo maestro Juan Miguez nos nossos jardins publicos".

Escreve o *galego* a pedir à autoridade que a *cultura galega*, formosa e melancólica como ele, não morra. Velhos, cultura e gaiteiro, ainda acreditam nas suas virtudes e possibilidades. Um mundo novo, o que representa a juventude, desnaturada, que já não assume a cultura dos velhos, ameaça-os. Mas eles não se insurgem, compreendem, não se revoltam, justificam, oferecem-se, pedem um lugar. Agora essa cultura, como a carta do gaiteiro, é digna, nobre, elevada, o valor da Galiza, mas suplica, e o escritor citadino, justiceiro e amável, sente-se orgulhoso daquilo que talvez não estivesse ele próprio disposto a praticar. E reclama para a cultura galega o seu lugar, no jardim público no meio de toda a Natureza exuberante da cultura espanhola.

Não pensamos sermos levados polo exagero nas apreciações que antecedem. Repare-se que aqui, o gaiteiro-cultura galega não reclama nem exige o que apenas por outras mãos, superiores, pode alcançar. Pede-se para ele/a um espaço na vida cultural, quotidianamente preenchida por outros valores. E repare-se igualmente no processo que se vai verificando na justificação do regionalismo e nas suas expressões culturais: o regionalismo galego assenta a sua razão de ser numha série de peculiaridades, étnicas e artísticas, diferentes, e na marginalização em que vive a Galiza; mas essa situação não chega aos leitores minhotos, como é aqui o caso, na expressão literária. A atitude é de resignação e mágoa e o que se defende são alguns aspetos da cultura popular, que, se assim é definida, é por existir outra, culta, a que esse regionalismo não parece aspirar.

Concluía desta maneira a "Carta do gaiteiro", cuja voz não conhecemos mais do que através do seu benefator exegeta. Até ao presente, a ideia que o leitor minhoto podia fazer-se do regionalismo literário galego era a transmitida por ela.

Em menos dum mês um novo texto [776] de mão galega ia aparecer nas páginas de *O Regional*. O leitor, que em seis anos de vida do semanário nunca nele pudera ler umha colaboração dos escritores galegos, podia mesmo pensar que estava perante umha campanha vulgarizadora, na qual, como era lógico deduzir, deviam aparecer os textos e as ideias mais representativos dela.

E o título desta "Collaboração alheia", "Patria". prometia servir fielmente a esses interesses.

Mediava brevemente, presumimos que mais umha vez, João Verde:

> "Um dos numeros mais interessantes das recentes festas ao «Santo Christo» em Orense, foi sem duvida o dos *Jogos Floraes*, que teem como «mantenedor» o Dr. Marcelo Macias, professor abalisado do Instituto da mesma cidade, capellão honorario da Casa Real, orador fluentissimo e escriptor vernaculo. O dr. Marcello Macias, asturiano d'origem, é, todavia, um eminente filho adoptivo da Galliza e senhor duma reputação no mundo intellectual do visinho reino.
>
> Do magistral discurso pronunciado pelo eminente professor, que é também Presidente da Commissão de Monumentos Nacionaes da cidade das Burgas, transcrevemos hoje um trecho que deve ser lido e apreciado como merece".

O discurso aparecia pois como a pregação dum Padre na missa solene. Com efeito, no imaginário dos leitores tinha já que ficar gravado o facto de serem os *Jogos Floraes* o encontro culminante da cultura galega e dos seus poetas, como várias vezes em *O Regional* ensinara João Verde[777]. Podiam em con-

---

[776] Número 257, de 24 de junho de 1906.

[777] Destes Jogos Florais vão ainda transcrever os responsáveis de *O Regional* (a partir do número 260, três semanas mais tarde) um artigo sobre "A crise agrícola e pecuária na Galliza" de García Sanfins, "interessante memoria apresentada nos Jogos Floraes d'Orense sobre o thema que vae na epigraphe"; e acrescentam:

sequência os leitores pensar legitimamente que estavam perante a síntese da significação da cultura regionalista, que o título do discurso não fazia mais que reforçar. À patria galega já se tinha referido Verde também, aquando falara do labor de Curros Enríquez em Havana, e se algumha ressonância funcionava nos leitores do conceito de pátria na Galiza era o da repetida frase de Álvarez Nóvoa, "a patria dos homes é a patria do corazon". Postos ainda a aprofundar nesse imaginário, lembremos que Nóvoa era apresentado por Verde como andaluz, que aderia, polos seus sentimentos, à ideia de pátria galega e nela se inscrevia; o que resultava fácil de associar com a provável similar atitude que do asturiano Macías cabia esperar. Os vários títulos de honra do "mantenedor" acrescentavam maior timbre às suas palavras e maior captação do leitor; e isso que Verde ignorava, ou polo menos não citava, a condição de Comendador da Ordem de Cristo" que desde 1892 possuía o Padre galego.

A ler e apreciar o texto como se merece destinaria-se pois o leitor português, cônscio de que ali ia encontrar, diretamente, a expressão fundamental dos valores regionalistas.

E o texto, sem dúvida, não o desiludia. Traduzido do espanhol (tomado de algumha das publicações da época, supomos), começava por afirmar:

> "A patria não é somente o paiz em que vivemos, a terra que pisamos".

Ela era muito mais:

> "ideias, crenças, sentimentos, costumes, tradicções e lendas, dogmas religiosos, instituições sociaes, creações artisticas, as façanhas dos heróes a gloria dos sabios, os milagres dos santos, a lingua que fallamos, os codigos que nos regem, os vinculos que nos estreitam, tudo, tudo isto e muito mais entra no conceito de patria, entidade moral que se prolonga a travez dos seculos; que passa, como o individuo, pelas distinctas edades da vida, e que, como elle, não só vive do presente como se alimenta e nutre tambem de recordações, de aspirações e d'esperanças".

Bem diferentes eram as ideias que sobre a cultura e o regionalismo transmitia Macías ao leitor daquelas que Neira antes exprimia. Não apenas costumes e tradições formavam a pátria, leria o cidadão português. Este conceito era o conjunto da atividade e da idiossincrasia do povo; das suas ideias e crenças, da sua História e Tradição, do seu Passado literário, das suas leis e formas de reger a sua vida, das suas instituições, da sua língua: eram toda umha série de perfis dum país com direito a ser livre e independente. Na mais pura tradição orgânico-historicista, em que a teorização regionalista galega se inseria, a pátria era a "entidade moral que se prolonga a travez dos seculos". Recordações, aspirações e esperanças: as recordações dum tempo passado, ideal e idealizado,

---

"Como já dissemos, a agricultura gallaica está tão ligada pelas condições de solo e de clima, á da nossa região, que o que interessar áquelle povo nos interessa também".

as aspirações dumha situação melhor que se pareça com aquela antiga e as esperanças de consegui-lo.

Um esquema ideológico, então, muito mais próximo daquele que sustinham os galeguistas corunheses, com Murguía à frente. O leitor minhoto conhecia, finalmente, a outra face das aspirações regionalistas, expressas com nitidez, não apenas varadas no *gaiteiro*, mas visando umha autonomia, em todas as ordens, que ia mui além do que Neira podia expressar na sua Carta; ou isso parecia que estava a conhecer...: "e com que encendido amor, com que viril enthusiasmo não palpitaram os corações espanhoes desde as mais remotas origens da nacionalidade, sempre que se hão visto ameaçadas a liberdade e a independencia da patria!".

Marcelo Macías, o digno representante da Galiza, estava a falar da Pátria espanhola nos *Jogos Florais* galeguistas:

> "E notae-o bem, Senhores, no mesmo tempo que reluzem e se chocam as espadas, vibram e resoam as cordas da lyra e os gritos dos combatentes confundem-se nos ares com os cantos dos poetas. [...] no mais acceso da reconquista os jograes iam de povo em povo e de castello em castello enaltecendo en seus *cantares de Gesta* os altos e preclaros feitos dos heróes nacionaes e então apparece o *Poema de Mio Cid*, monumento preciosissimo da poesia heroica popular castelhana «de mais valor, na opinião de Frederico Schlegel, do que bibliothecas inteiras de simples producções do engenho e da fantasia, sem contheudo d'interesse nacional»".

Todo o preâmbulo anterior era a introdução do tema central da tese de Macías: a de dissertar sobre "a pluma y la espada" como signo caraterístico da literatura espanhola desde as suas origens.

Não querendo jogar o jogo fácil das interpretações, o leitor minhoto tinha que ficar admirado perante o facto de aparecer um escritor regionalista não a falar da cultura galega, mas da espanhola, num ato presumivelmente galeguista. Aparecia pois, em vez da cultura dos trovadores galego-portugueses (que a edição dous anos antes do *Cancioneiro da Ajuda* por parte de Dona Carolina contribuíra a difundir fortemente), o *Poema de Mío Cid*, um dos máximos representantes do espanholismo, e do expansionismo castelhano no imaginário peninsular. E prosseguia no seu empenho Macías. Lembra depois Garcilaso de la Vega, Alonso de Ercilla, Cervantes, "inmortal manco de Lepanto":

> "Ah! senhores! então estreitamos o mundo entre os nossos braços; hoje, perdidos os ultimos restos do nosso dominio colonial, hoje... nem sequer abraçamos a peninsula, os nosso braços topam-se com Portugal por umha parte e com Gibraltar por outra! E precisamente agora, quando a mãe patria, triste, chorosa, abatida, solta ais lastimosos ante a recordação das catastrophes soffridas e do poder perdido, quando mais imperiosamente reclama o amor dos seus filhos, certa linhagem de *intellectuaes* que só encontram bom o exotico, que reputam as nossas passadas glorias simples lendas d'oiro, e, no seu afan d'estrangeirismo afeiam, corrompem e desnaturalisam a nossa formosa lingua com vozes, girias e locuçoes extranhas, o que equivale, como disse Lope de Vega, «a desprezar a propria mulher pela rameira formosa» certa classe

> *d'intellectuaes* -repito,- chamando-se cidadãos do mundo declaram-se partidarios do cosmopolitismo, que não é, comprehendido direitamente o amor christão, senão a insana philantropia que os philosophos e litteratos da Encyclopedia levaram a uma exaltação sem limites, proclamando a solidariedade humana d'um modo exaggerado e anti-patriotico. Como se os homens, senhores! por serem cidadãos do mundo, deixassem de ser filhos da sua patria!
>
> E como se isto não bastasse, ainda ha -vergonha é dizel-o!- ainda ha insensatos, vesánicos, que ousaram insultar o emblema da sua patria, a gloriosa bandeira que Pelayo arvorou em Covadonga e os Reis Catholicos cravaram nos minaretes de Granada, que Hernan Cortez fez tremular em Otumba [...]".

Na verdade, mais dum leitor pensaria que João Verde era um inconsciente, e algum tivo de haver que julgasse as palavras de Macías como umha ofensa e a mediação de Verde pouco menos que umha traição. O texto de Macías era o canto ao império perdido, Cuba ao fundo, o que podia ser ainda assimilado polo leitor, e a nítida recordação ao Português de que Espanha ainda não abandonara os seus sonhos imperiais sobre Portugal. Gibraltar e o reino vizinho eram partes amputadas de Espanha, cuja debilidade era tal que não podia nem sequer reconquistar estes pedaços da "Patria". Aí ficava o patriótico texto do galeguista Macías. Mais: ainda há alguns que se atrevem a impugnar a unidade pátria e ofender os seus emblemas de glória e conquista; o regionalista Macías combatia qualquer assomo de quebra da unidade. A língua e a cultura espanholas estão ameaçadas por alguns intelectuais *afrancesados*, *estrangeirados*; era esta, aliás, a única nota que podia resultar familiar ao leitor português comparada com o seu contexto: o resto era abertamente hostil; e a Galiza não era que desaparecera; é que não tinha aparecido. O nome de Lope de Vega, representante daquela idade de ouro filipina, era invocado como defesa dos valores espanhóis.

E, na caraterização dos males que afligem a «Patria», as ideias modernas, impulsadas polo espírito revolucionário de 1789, pairavam no horizonte como umha das mais pungentes ameaças: o cosmopolitismo, que era umha forma de definir aquelas ideias modernas, era anticristão, e aqueles, "extremos solidários" antipatrióticos. A reviravolta conceitual de Macías desenhava pois um quadro obscuro para a Espanha presente vítima do pouco amor, ou desamor, aos valores da Pátria. Enfim, que se o regionalismo tinha que enfrentar, sobretudo nesta época pós-colonial, a acusação de antipatriótico, um dos seus presumíveis representantes atacava qualquer tendência nesse sentido. E, reiteremo-lo mais umha vez, de passagem, o *moderno* não entrou no regionalismo galego por antigaleguista; não fizo quase aparição nestes anos pola forte componente conservadora e reacionária de muitos dos seus representantes.

Continua a lembrar (e a apropriar-se) Macías de glórias pátrias: D. João de Austria em Lepanto, Colombo, Vasco Nuñes de Balboa [sic], até Magalhães:

"a civilisação espanhola tomava posse do Universo". E torna Macías sobre as *modernices* e os seu efeitos perniciosos: "Ah! senhores! semelhantes phenomenos, negativos de amor patrio, só se produzem nos povos degenerados e decadentes", e apela aos poetas para a regeneração pátria, como antes fizeram tantos poetas passados...

Poucas dúvidas podiam ficar no ánimo do leitor português desconfiado a respeito do regionalismo que João Verde importava: não apenas era pernicioso; era umha exaltação dos valores espanhóis. Do texto transcrito, o fragmento final (mais ou menos a oitava parte de todo o texto) é dedicado ao amor à pátria pequena, que nem esta vez é identificado com umha entidade regional, nitidamente:

> "Mas o amor á grande patria não está de mal com o amor á pequena patria, o da região com o da cidade, da villa, ou da aldeia em que nascemos, onde deslisaram os annos mais felizes da nossa vida, onde tudo guarda para nós doces ou tristes recordações e até as pedras nos fallam com mysteriosa linguagem; antes pelo contrario os affectos da patria se fortalecem com os affectos da região, do povo e da familia. [...] A cidade vem a ser como que o centro desde o qual se dilata o amor até aos limites geographicos da patria perdendo em intensidade á medida que vae ganhando em exenção e mais ainda que esta, é como que a continuação da individualidade, o complemento da personalidade dos cidadãos. Por isso a amam com um amor muito parecido ao egoismo, e por isso tambem tem os povos, como os individuos, uma phisionomia especial, caracteres moraes ou intellectuaes que os distinguem de todos os outros..."

Quase nos atreveríamos a comentar o texto dizendo apenas que as palavras *Galiza* e *galego* não são mencionadas nem umha só vez. Mas ele merece, apesar de eloquente, em nossa opinião, algumha, breve, apreciação. Não é já que Macías evite falar da Galiza; é que essa pequena pátria se dilui nas sua várias aceções: a região, a cidade, a vila a aldeia: os diferentes constitutos da Pátria, agora sim à eleição do utente. A pequena pátria é o depósito da infância, das recordações, dos valores da família. A única alusão à linguagem que faz não é à língua que presumivelmente seria exaltada em tão galeguista evento, mas a *mysteriosa* das pedras. O amor por todas essas cousas é a maior manifestação de patriotismo, neste caso, espanhol.

Em definitivo, este era o regionalismo galego; e se algum leitor havia desejoso de conhecer como se argumentava a íntima identidade galego-portuguesa que com tanta intensidade Verde apregoava, tinha quase que conformar-se com a alusão ao Portugal despreendido do império espanhol: a resposta à irmandade galego-lusa era o expansionismo espanhol de que tanto receava...

VI.3.3.1.7. A vulgarização da obra de Lamas Carvajal

Mais umha vez, como no caso de García Ferreiro, vai ser o falecimento dum poeta galego o que conduz João Verde a escrever sobre ele. «"Litteratura Gallega" Valentim Lamas Carvajal» intitula-se a crónica inserida no número 268 de

O Regional. Era sim, a primeira vez que Verde falava de Lamas em *O Regional*. E era encomiável, a celeridade com que se referia ao amigo morto, pois aquele falecera apenas 5 dias antes em Ourense:

> "Na manhã de terça-feira ultima falleceu em Orense este nosso distinctissimo confrade, director e proprietario de *El Eco* da mesma cidade e o mais insigne dos poetas gallego que, depois de Rosalia de Castro de Murgia [sic], diz um historiador regionalista, o snr. Carré Aldáo, «rompeu a solução de continuidade», porque foi elle o primeiro que depois da auctora das *Follas Novas*, mais engrandeceu o nome da Galliza e mais fundamente a cantou no seu dialecto em popularissimos immorredouros versos".

Como o próprio João Verde indica, é *La Literatura Gallega en el siglo XIX* de Carré que aqui, e mais adiante, segue o poeta minhoto para falar de Lamas. É a primeira vez que o autor dos *Ares da Raya* trata, com algo mais que umha vaga alusão, da poética dum autor galego, e talvez seja essa a razão por que acode a quem considera maior autoridade na matéria. Com efeito, falando Carré de "el santo amor al terruño" como laço "que une á todos [os poetas regionalistas] en una misma aspiración", diz de Lamas (1903:52): "este obligado de las musas regionales, es más característico que en ninguno en Valentín Lamas Carvajal, el primero que rompe la solución de continuidad desde Rosalía".

Quanto ao comentário sobre ser Lamas o que mais engrandeceu o nome da Galiza depois de Rosalia e o qualificativo de versos *inmorredouros*, são eles da lavra do poeta português.

Na continuação, toma o cronista de Carré como caraterísticas de Lamas, agora sem citá-lo, o seu "socialismo agrario", a sua grande popularidade na Galiza, a sua poesia "toda exclusivamente consagrada aos humildes", "fallando com elles, para elles, essa linguagem que, como disse a snrª de Pardo Bazán *tiene el olor de la tierra*". Também esta notação de Pardo Bazán deveu tomá-la de Carré, que a cita a páginas 52 e não diretamente de *De mi Tierra*, que, aliás, mencionará mais adiante como *Mi tierra*. Com efeito, e abandonando as referências de Carré, refere João Verde que Lamas fora "silenciado por defender à outrance o partido conservador, elle a quem a eminentissima escriptora acima citada, cognominou o Homero gallego, no seu livro *Mi tierra*".

Ficava então Lamas Carvajal nas páginas de *O Regional* como um poeta regionalista defensor à *outrance* dos humildes, o que seria expressão máxima do destino dos poetas galegos umha vez que a Galiza aparecia, também nos versos de João Verde, como umha região marginalizada e abandonada; e, por semelhança de situação, afiançava ainda o labor reivindicador de João Verde desde as páginas do semanário.

A seguir, traduz o jornalista o que "os seus amigos d'elle diziam no dia immediato da sua morte":

> "A idolatria de Lamas Carvajal para com a região gallaica estende-se a tudo o que com ella se relaciona, comquanto se dirija de preferencia á classe rural, por ser a mais typica [...], percebe e adivinha com certeira intuição qualidades ignotas e subtis mysterios, no ambiente, na paysagem, no rumor das aguas e das brisas, na vibração do sino, no canto da alvorada que sauda o dia e no *alaláa* que resoa pelo monte e pela campina, como queixa de infinita doçura [..] o *terruño*".

Desconhecemos a fonte do texto, que bem pudera ser a do próprio *El Eco de Orense* que Lamas dirigia. O que ele transmite é a ideia dumha poesia ruralista, a mais *typica*, paisagística, costumista, o que, com efeito, a poesia de Lamas era. As duas palavras que transcreve João Verde em cursivo, *alaláa* e *terruño*, sustentam perfeitamente essa ideia. Esta é sobretudo a imagem que da poesia regionalista se projeta em Portugal; ela condiz excelentemente com a que Verde pratica e apregoa desde os seus escritos e no seu âmbito. Vai no entanto encontrar maiores dificuldades para sair da periferia regionalista em que se insere. A poesia doutro tipo que na Galiza se fazia e fizera (Rosalia, Pondal, Curros, García Ferreiro e, em geral, a escola corunhesa) não aparece nestas páginas, as únicas, aliás, que com certa atenção acolhem a produção poética de além-Minho. Talvez esta *regionalização* e *ruralização* da receção da Galiza no seu conjunto, e da sua produção literária em particular, esteja no fundo (entre outras causas) da relativamente tardia vulgarização e alargamento da literatura galeguista em Portugal como um fenómeno sólido.

O silêncio sobre Lamas que João Verde atribuía à sua filiação conservadora, algum outro meio de comunicação galego atribuía-o à quase nula produção do ourensano nos últimos anos: "o *Noticiero de Vigo*, no mesmo dia, não sem reconhecer em Carvajal um grande homem, honra de Galliza, affirmava: -«que esse homem morrera ante-hontem; mas que o poeta morrera á sua hora, no dia em [que] morrera a obra á que elle havia dedicado todos os enthusiasmos de poeta»".

A crítica do *Noticiero de Vigo*, mui possivelmente da autoria de Jaime Solá, é realmente interessada. Menos ambígua do que poderia parecer, ela dirige-se não tanto à obra de Lamas como a do regionalismo galego no seu conjunto. Ao menos o que se apresentava, nas formas, mais reivindicador da identidade galega e defensor da sua população perante a marginalização a que era submetida polo centralismo. Solá, que no futuro será o máximo factoto dum regionalismo pitoresquista e costumista, escassamente reivindicador, não devia ver com mui bons olhos aquela produção dos anos sessenta, setenta e oitenta, que irrompia no panorama literário e político como umha ameaça mais ou menos importante. Não parecem de lamento pois as palavras do *Noticiero*, mas dumha certa constatação, desejada, de que aquele tempo passara, num momento em que o regionalismo tentava reagrupar esforços em volta da Academia Galega. De maneira similar à exposta parecia entendê-lo o próprio Verde:

> "Para avançar essa critica era necessario concluir que toda a poesia puramente regional desde Francisco Añon até Carvajal, até Curros Enriquez que ainda hoje, distante na Habana engrandece a patria gallega pela immensidade do seu talento, até Garcia Ferreiro, o malogrado e scintiladissimo estro, entre tantos, envelheceu também, fez o seu tempo. Mas felizmente para os vivos e para os mortos tambem, todo o renascimento e manutenção da litteratura gallega attestam grandiloquamente, pela mentalidade dos seus cultores amantes, o sentimento d'uma raça e por que fallam os corações, essa obra ha-de transmitir-se atravez das gerações e esses cantos hão de repetil-os todos aquelles que amam entranhadamente a sua patria".

As razões por que Verde contesta as palavras do *Noticiero* podiam ser várias e mesmo coincidentes. Os jornais do Sul da Galiza eram lidos em Portugal. Assim o põem de manifesto tanto as muitas transcrições ou referências que deles tomam os jornais minhotos, como mesmo os comentários que por vezes aparecem nestes de algum leitor sobre os meios de além-Minho[778]. No caso concreto do *Noticiero* já vimos como *O Regional* se fazia eco de algumhas notícias que nele apareciam, e parece bastante evidente que os contatos entre José Valle e Jaime Solá deviam existir, polo menos desde a crítica que sobre o livro do primeiro fazia no *Noticiero* o diretor deste. Noutros casos é de "La correspondencia gallega" de *Faro de Vigo* donde transcrevem. É, aliás, *O Regional*, um dos semanários do Minho que mais espaço reserva para notícias da Galiza. Nele aparecem desde avisos como o anúncio dumha loja de Tui, "El Nuevo Pariz" no número 198 até trabalhos sobre a emigração como o de Manuel Baraja "A verdade sobre a emigração", onde reclama leis "que acabem d'uma vez com os foros e rendas da Galiza" (núm. 222). Os assuntos agrícolas eram, juntamente com a reclamação de ligações por meio dos caminhos de ferro, umha das preocupações mais habituais do semanário. No número 228, por exemplo, traduziam de *El Eco de Orense* um artigo sobre a matéria.

E o que ocorria numha direção é perfeitamente possível supor que acontecia na contrária: enfim, que os jornais minhotos tinham também o seu público na Galiza Sul, e particularmente, o de intelectuais, que seria o que mais interessava ao autor de *Noite d'aldeia.* Contestava pois, e contendia, João

---

[778] Um acontecimento lutuoso, o desastre ocorrido no Minho em 1905 em que morrerom por volta de vinte pessoas na travessia do barco de passagem entre Salvaterra e Monção, dá-nos conta desses contatos de que falamos (e da rivalidade informativa que havia entre uns e outros). Comenta *O Regional*:
"Os nossos collegas *Faro de Vigo, Noticiero de Vigo* e *La Integridad* de Tuy referem-se muito resumidamente ao acontecimento e chegam a informar que na manhã de hontem já tinham sido levantados 17 cadaveres. Não é assim. Depois de terem sido expedidos os numeros d'aquelles nossos collegas, de hoje, é que appareceu o cadaver do barqueiro Manoel Alves e o de Claudina Souto [o que, aliás, significavam dezanove mortos]".
E na outra página:
"Rectificando. Os periodicos de Galliza e todos os do paiz que se occuparam, por via dos seus correspondentes, do desastre da semana finda, foram d'uma infelicidade censuravel, deturpando os factos, sem o minimo cuidado da informação.
O Seculo dá-nos a morte de 23 pessoas. *La Integridad* levantava logo na manhã seguinte ao sinistro, 17 victimas. Os outros jornaes seguiram-lhe na piugada desastradamente. É o que acontece a quem não sabe o que diz e quer receber de graça o jornalinho com abono dos telegrammas"
(Número 225 de 5 de novembro de 1905).

Verde com Solá como partícipe legítimo do mesmo contexto comunicativo e ainda da mesma literatura. E via-se na obrigação de o fazer para que a sua persistente justificação do regionalismo, agora literário (que com igual persistência devia ser posto em causa), não ficasse vulnerável ao que devia sentir como um ataque, e desde a própria Galiza, para mais. A sua defesa, que reitera a argumentação do sentimento da *raça* e do amor pátrio, é, no entanto, débil. Porque apenas pode citar um poeta vivo, e já antigo, Curros Enríquez, que, aliás, cedo ia regressar à terra para morrer. Añón e Ferreiro faleceram já, e a Carvajal estavam a enterrá-lo. Persiste Verde em só citar poetas da província de Ourense, para além do *clássico* Añón, espécie de português de adoção; podia recorrer ao prestígio, *clássico*, de Rosalia de Castro, já falecida certamente, e ao doutros poetas como Lugris, Pondal, etc. Na verdade, é estranho e não sabemos explicá-lo com o suficiente rigor; a não ser que, como já apontámos, o horizonte poético de Verde acabe certamente em Ourense, ou apenas através desses olhos, em geral distanciados do grupo corunhês (estamos em plena criação da Academia), vise o panorama literário galego, e só esteja interessado na produção poética dos autores do Sul; porque notemos que também nunca faz referência neste contexto a prosadores, historiadores (do prestígio de Murguía) ou estudiosos da literatura, como Carré, cuja obra fundamental pudemos verificar que conhecia. As notícias que a ele chegavam deviam ser aliás bastante seletivas: repare-se que não dedica nengum comentário à criação da Academia, o que era a maior aspiração de muitos regionalistas, e o maior objeto de batalha para outros. E, por último, cabe acrescentar que, desde 1902, tinha ainda Verde um motivo para não referir-se à escola corunhesa: a crítica que na *Revista Gallega* recebera polo seu livro *Ares da Raya*.

João Verde, por sua parte, conclui aqui as suas apreciações, protestando o seu otimismo no avanço da civilização galega e reiterando o seu elogio fúnebre de Lamas Carvajal:

> "Por isso, eu acredito que, quanto mais a Galliza avança em civilisação, tanto mais serão apreciados e aquilatados aquelles enthusiasmos de poetas.
>
> Á terra que cobre finalmente morto na mesma escuridão com que, vivo, os clarões da manhã, o oiro do sol, e o azul infinito do céo o cobriam, eu mando, admirador do insigne Homéro gallego, as minhas saudades".

Mas, até este ano de 1906, e apesar de ter já escrito João Verde em várias ocasiões em *O Regional* sobre a Galiza nengum texto literário galego aparecera nas suas páginas, exceto os motivados pola polémica do bilhete-postal; e não sendo fáceis a comunicação e o acesso aos livros que se produziam na outra margem, nem sendo frequente a vulgarização da produção artística galega, os leitores do semanário de Monção, mesmo aqueles mais devotados para a cultura galaica(-minhota), pouca ideia deviam ter da literatura galeguista. O aparecimento pois, em outubro de 1906, dum texto literário regionalista

galego tinha a validade dum pequeno evento, porque era a primeira vez (se excetuarmos a "Carta do Gaiteiro") que *O Regional* publicava um texto literário galeguista, que viria representar, por assim dizer, a literatura de procedência.

O texto era, aliás, dum escritor que aparecia como dos máximos expoentes do regionalismo galaico, Lamas Carvajal. Em dia 21 de outubro de 1906, pois, e com o título de "Lettras Gallegas", abria o número 273 o "*Catecismo d'o labrego* de Valentim Lamas Carvajal".

O texto, publicado a lado dumhas "Chronicas regionalistas" que sob o título "Desenganemo'nos todos" assinava Fernão Merino (onde era criticada a pouca atenção da imprensa provinciana sobre os males da terra, o abandono em que esta estava e a emigração) era introduzido por um longo preâmbulo que começava assim:

> "Como charge politica para a illustração da grande familia rural, como critica amarga dos costumes da Galliza, como ensinamento moral e social, eu não conheço em lingua e em dialecto um tão exquisito trabalho como este que o ultimo dos abencerragens da poesia gallega publicou em 1886[779] e que conta treze edicções, a ultima das quaes feita este anno".

A apresentação correspondia àquele horizonte de expetativas que acima perfilávamos: *ilustração da grande família rural*, *crítica amarga dos costumes*, *ensinamento moral e social*, aí estavam vários dos materiais fundamentais na construção literária que o próprio João Verde (que se retira aqui às mais discretas iniciais de J.V.) pregava como núcleo da poesia regionalista; presentes na sua introdução estão o centro temático e o destinatário desejado mais privilegiados (a grande família rural), e a atitude do poeta (ilustração, crítica e ensinamento). Prometia pois o texto que se ía transcrever ser digno representante do regionalismo galaico. Mais ainda se ele vinha precedido da auréola de treze edições em vinte anos, e com a ressonância mítica de ser o último dos abencerragens galegos; eco mítico, medievalista, romântico também, embora não despossuído dumha aceção irónica (a dum mundo que se acabava) que parecia dar razão ao *Noticiero*. Enfim, dava J.V. a ideia de ali anunciar o melhor arauto do regionalismo.

> "Como Mistral e como Roumanille, os grandes chefes do felibrigio na Provença, com cuja raça tradiccionalista tanto se identifica a Galliza, como esses venerandos poetas patriarchaes atraz de quem as festas iam os velhos e as creanças, Lamas Carvajal era o poeta das aldeias, a encarnação da musa campestre, o psychologo e o arauto, o defensor dos que trabalham e dos que soffrem, Ossian das miserias do povo que elle amou como ninguem amou, não do povo que grita o çá-irá, cobrindo a mandria com a blusa, não do povo que vae aos comicios e pede ordes nas eleições do seu bairro, mas do povo que vive entre a veiga e a choupana, esquecido, desprezado, amesquinhado e lembrado apenas para os tributos; do povo que mal sabe ler e tem medo do

[779] A primeira edição data de 1889.

> cacique, do povo que tem um unico dia alegre no anno - o do Santo oraculo da sua parochia; do povo nescio, do povo besta-de-carga. D'esse povo é que elle era o poeta incomparavel (ou apenas comparavel ao catalão Verdaguer) e de quem, raros, desde as montanhas da Limia ás rias gallegas, não conheciam o nome e a obra.

O sabor antigo e essencial ficava ainda reforçado. João Verde gostava sem dúvida da comparação com os provençais porque sempre que tinha ensejo, Mistral, Roumanille e o *felibrigio* apareciam como referentes. Novo transporte aos seus leitores, romântico, àquela época de trovadores idealizada, a um mundo em que as pobres terras galaico-minhotas eram foco de cultura. Mundo também patriarcal, marca de identidade do ambiente rural que se ía perdendo e que ainda podia ser admirado nas aldeias, de que Lamas era o máximo cantor, conhecedor, expressão e defesa. Ao lado dos provençais, Ossian. Não parecia este o melhor adjetivo para a obra de Lamas, mas aí fica a hipérbole comparativa que na Galiza apenas era aplicada a Pondal. Para quem conhecesse, porém, quem era aquele Ossian, visto não aparecerem na obra de Lamas nem bardos nem o ambiente céltico identificador, o próprio poeta, segundo Verde, arvorava-se no bardo do seu povo. E, após essa caraterização, um trecho mui revelador. Os elogios de João Verde ao modelo Lamas mostram como consequência o modelo de povo postulado. Aquele que nem é indolente nem político (curiosa equivalência); mas o que sofre, tem medo, pouca festa e muita ignorância. Há aqui umha atitude, que aparece noutros poetas da Galiza, delicada no seu ajuizamento. Transparece nesses casos, e este é, em nossa opinião, um deles, a ideia de que se o povo se emancipar, contamina-se e perde as suas essências. É umha atitude mais de comiseração que de reivindicação. Festas, veigas, choupanas, urzes e choças, agrupam-se como componentes essenciais juntamente com o desprezo, o amesquinhamento, o medo ao cacique do povo néscio, a formarem um mundo que se vai como o abencerragem... Há muito de patriarcalismo, claro, e de paternalismo; transmite-se umha ideia antiprogressista, como era a de parte do regionalismo galego, conservacionista, conservantista, que vai fazer, como consequências literárias, que sejam rejeitados todos os materiais, normas e modelos de importação, que se procure na cultura desse povo a expressão, que, em termos sistémicos, este não prolifere e se dinamize: a esclerose a que já temos aludido.

Ao fio do que comentamos, e para um leitor conhecedor da poesia catalã, a comparação de Lamas com Verdaguer não era a mais adequada; mas aí figura também para dar ideia dessa irmandade catalã-galega-provençal a que Verde quer somar Portugal, ou polo menos o Minho, e onde fica excluída (significativa omissão) a literatura espanhola ou castelhana.

Lamas era então apresentado por João Verde como umha espécie de quinta-essência do que era e devia ser a literatura regionalista: ruralista e popular; por isso desfrutava do reconhecimento dos que defendia. Num quadro como

este, o reconhecimento do povo, daquele povo mais em concreto, era o melhor referendo e a máxima prova do acerto da obra de Lamas; até os mais novos conheciam o bardo:

> "[...] ao inquirir dum rapasito do povo da que fôra morada do poeta illustre e periodista valioso e destemido, obtive essa prova n'esta resposta com que a creança me fixou os olhos vivos e perspicazes:
>
> *-Si. El mayor poeta de Galicia*
>
> E não admira mesmo que assim sucedesse, porque para se grangear uma tal popularidade, seria bastante este *Catecismo d'o labrego*, «composto polo Doutor en tioloxia campestre», do qual não resisto a transcrever os «mandamentos da sua doutrina», no proprio dialecto para nós-outros comprehendivel, por isso que a traducção lhe tiraria grande porção de sabor e da côr nativa.
>
> É a terceira parte da obrinha e que tem por titulo o que segue."

Como se vê, João Verde nunca alude à questão da língua no que diz respeito a identidades galego-portuguesas. Denomina sempre o galego dialeto, talvez do português nos seus esquemas ("para nós-outros comprehendivel"; a adoção de *morriña,* etc.) mas não necessariamente era esta umha das suas preocupações; como também não o era nos poetas ourensanos. Na visão essencialista de Verde, supõe-se, a expressão linguística era umha caraterística inerente, cuja grau de perfeição ou adequação parece ser-lhe secundário, aceitando o que lhe vinha dado, que por vezes era o dialeto, e outras, como já vimos, o espanhol. De resto, Verde conclui a agradecer à viúva do falecido escritor o envio do livro, que talvez ele pediu a Ourense ao enviar as suas condolências, ou lá foi a testemunhá-las, o que explica que crónica e texto apareçam mais dum mês mais tarde da notícia necrológica de 9 de setembro: "á veneranda senhora viuva do eminente e chorado poeta que na minha vida litteraria ocupa um dos lugares preferentes, eu deixo aqui o meu reconhecimento muito expresso pela deposição que fez do exemplar da nova edição nas minhas mãos reconhecidas".

E, a seguir, transcreve o texto "En que se decrara o que se ha d'obrar" do *Catecismo do Labrego*, o constituído polos *dez mandamentos*.

Na verdade, tudo o antedito dispunha o leitor para a leitura dum poema, máxime se o autor era "o ultimo dos abencerragens da poesia gallega", e era a poesia a sempre exaltada como a expressão suprema dos *ares do povo*. Não é o caso. E, em vez disso, o leitor encontra um texto, dialogado, humorístico (caraterística que curiosamente não salientava Verde em Lamas) e, isso sim, fortemente ruralizante, em código, assunto e perspetiva. O texto pois parecia um perfeito complemento da "Carta do Gaiteiro" quanto ao repertório utilizado: se aquele introduzia a nota sensível, melancólica e triste do mundo rural que se perdia, da injustiça do Progresso com as essências da terra, este introduz a mesma defesa dessa essencialidade agora por via do humorismo.

Ele, o texto, de nulo valor poético então, e cujo principal valor literário recaía no humor e no uso dumha língua mui castelhanizada e tão ruralizante como a atitude, era a embaixada poética da Galiza vulgarizada e idealizada por Leite. Ali aparece a resignação do camponês: o primeiro mandamento obriga a "amar á Dios sobre todal-as cousas", mandamento que obriga "a adouralo e a crer n-Él e non desconfiar por moitos males que nos sucedan, pois xa sabemos que n-este mundo tén que haber de todo bô e malo; de maneira que si hay raposos que nos levem as galiñas, tamén hay bois que nos axudan á labrar os eidos [...]".

A não tomar a justiça pola mão, nem a enganar nos juízos, nem a dizer palavrões. A santificar as festas, preceito que os *labregos* polos seus muitos trabalhos não cumprem. A honrar os pais. A cumprir também as obrigações "d'os superiores c'os inferiores y-as d'os pais c'os fillos": "mandand'os filhos [sic] à escola pra que non molan n-a casa cando non temos que darlles que facer; sacándolle a monteira ós señores cand'os atopamos n-os caminos e facéndolle a figa por detrás; entrando co-a orella gacha n-a casa d'os que mandan pra sair d'ela botando rayos e centellas".

Deste teor vão sendo os pretendidamente humorísticos mandamentos. Os dum povo resignado, que não altera a ordem (note-se: por mais que se censure a miséria, a marginalização e a emigração), e que se compraz com burlar-se, ineficazmente, dos senhores a quem rende tributos. Eram esses os encantos da terra que Verde/Carvajal transmitiam como modelo. Umha espécie dos *Zé--povinhos* que Bordalo Pinheiro magnificamente retratava quase pola mesma época. Essa podia ser a receção do leitor minhoto.

> "P.- ¿Cal é o quinto?
> R.- Non matar.
> P.- ¿Quén peca contra él?
> R.- Nosoutros non señor, pois por non matar nin xiquera matamos a fame".

E o sexto era todo ele umha súmula da picaresca folclórica que Lamas Carvajal e outros poetas tinham como elemento central do seu repertório literário:

> "P.-¿ Cál é o sesto?
> R.- Non....",
> responde o *labrego* com umha impudícia postiça;
> "¿Quen peca contra este mandamento?
> R.- Vellos e mozos todos puxemos n-él as nosas maus. Pecan as mozas churrusqueiras que chican ó ollo ôs mozos n-as romarías; os rapaces que andan de noite ó sarau rondándolle a porta ás nenas; pas parexas que se meten entr'os centeos botando de perda o froito; os que ventando unha muller escarramelan os ollos y-ensinan os dentes com'os burros; os que lle van á facer coxigas ás muiñeiras y-as fan bulir mais que o rodicio, saindo dempois todos enfarinados; os que apagan o candil n-o fiadeiro pr'andar as apalpadelas; os que véndos'entre mulleres non poden ter as maus quedas; os que bailan agarradiño n-os turreiros pra s'agarraren sin beilar n-as carballeiras; os

> que dando palabra de casamento non fan mais que as obras; os qu'ó volver das festas acompañados non chegan hastra media noite a casa; e pra decilo d'unha vez, tod-os os que gastan calzós e monteira ou dengue e muradana".

Estes eram os valores pregados do povo. E este o pendor moral daquele conservador *a outrance*. Repare-se em que o texto, que na aparência apresenta umha grande afetivização polo mundo camponês, significa no fundo umha enorme distância entre autor e texto. O seu destinatário não o é; o leitor real é o citadino, que tem acesso a bens culturais a que o camponês, iletrado muitas vezes, não pode chegar. Este jogo comunicativo, de destinatários que apenas são objetos e de leitores que, em vez dos presumivelmente privilegiados, são alguns dos que fazem parte doutro mundo (o outro mundo que é censurado por opressor) é do ponto de vista socioliterário, altamente reacionário. São elogiadas como virtudes aquelas que na cidade não se praticam, ou as que, por exemplo, estavam sendo combatidas precisamente desde o socialismo que, como caraterística de Lamas, Carré e Verde lhe atribuíam. Do povo, e não queremos ser moralistas, apenas analistas, tomava o escritor alguns materiais efctistas, mas, obviamente, não se fazia partícipe de misérias e, já muito menos, de revoltas. Apenas polo contrário; prossegue a resignação e mesmo o desejo de cumprir com obrigações que eram consideradas parte de abusos e discriminações. Contra o mandamento sétimo, "non furtar", pecavam "os que non contentándose c'o que Dios lles deu procuran apañar o alleo"; e "os da curia", "os xastres", e "os medecos que con unturas d'ouro inutilizannos os fillos para o servicio d'o rei"; curiosa referência, absolutamente contrária ao sentir que no "Regresso à terra" manifestava João Verde. A lista de pecadores prosseguia com "os gobernantes", "os tendeiros", "os empregados", "os usureiros" " y-outros moitos que fora longo contar, por que o mundo está cheo de gatos que andan sempre á caza d'os probes ratiños d'aldea".

Em toda esta aparente crítica social faltavam, claro, os deputados e os partidos políticos; estes pecam contra o oitavo, "non mintir"; e também "os que dan a todal-as mozas palabra de casamento", o advogado, o "sancristán" e "todos nosoutros que as veces esquecemos a verdá".

O nono consiste em "non cobizar a muller do veciño"; ¿E pecades contra ese mandamento?" pergunta-se; "segundo sea ela, señor" responde o *labrego.* Finalmente, contra o décimo, "non cobizar os bês alleos" pecam "todol-os labregos porque non hay un que non poña os ollos nas leiras d'o veciño".

Esta era a "charge politica para a illustração da grande familia rural, como critica amarga dos costumes da Galliza, como ensinamento moral e social". Em definitivo, poderíamos resumir por passiva, tudo o que a escola corunhesa combatia estava concentrado neste *catecismo*.

O leitor português, se conseguia perceber totalmente o texto transcrito e como consequência lograva assimilá-lo ao seu próprio contexto, encontrava-se,

em nossa opinião, com umha peça ruralista, quase de festa de Entrudo, nas periferias do polissistema português, na *baixa literatura*, se algo atrativa, pouco prestigiada. E sendo o seu autor "el mayor poeta de Galicia" e ele o mais acabado produto, a conclusão, se favorável, não devia ir mui além dum sorriso entre pícaro e pitoresco. *Mutatis mutandis* não se afastava muito da opinião que não poucos regionalistas tinham da sua própria literatura, se situada no contexto polissistémico espanhol.

A imagem da literatura regionalista galega ficava, algo, só algo, distorcionada; porque este tipo de produções eram as de mais fama e mesmo as identificadas como as *mais galegas*. Nos sete primeiros anos de vida de *O Regional* esta foi toda a presença da produção literária galeguista. E entre este texto, os outros dous de Neira Cancela e Marcelo Macías, e algumha outra colaboração, a confusão devia ser grande para o leitor: ou algo, não muito, mentia Verde, ou fraca (ou polo menos pouco rica) era a literatura regionalista galega, ou então, o mais possível seria que Fialho delirasse sem mais.

VI.3.3.1.8. "Elogio do Gaiteiro" de João Verde: um particular reforço da tendência regionalista folclorizante em Portugal

Ainda nestes anos, vamos encontrar nas páginas de *O Regional* outro testemunho, agora do próprio João Verde, sobre o regionalismo galego. Após os textos aparecidos em números passados, e particularmente no ano 1906, este, dum ano mais tarde, vinha apenas confirmar o tipo de Importação a que, desde estas páginas, o já Redactor Gerente do semanário de Monção procedia. Era o Verão[780] de 1907, tempo de festas ("P'r'as [sic] Festas" é o antetítulo da colaboração") na Galiza e no Minho, e João Verde dedicava a Silva Campos o seu "Elogio do Gaiteiro":

> "Meu amigo,
> Apresentando-lhe, como decurião da imprensa da «nossa» terra, o gaiteiro meu predilecto, occorre-me dizer-lhe, embora o não ignore por certo, que como a familia dos toureiros a dos gaiteiros leva tambem o seu cognome mais ou menos consagrado, o seu nome de guerra".

Silva Campos era jornalista do *A Aurora do Lima*, e, polas informações que nela aparecem, devia ter algumha ligação também com colegas do Sul da Galiza, entre eles Jaime Solá. O bissemanário vienense informa por exemplo que em 1905 o seu colaborador vai visitar Vigo (número 7.409), onde conta com grandes amizades no *El Noticiero*.

Logo a seguir do texto transcrito, conta Verde como em cada *pueblecillo* há um gaiteiro. Como vamos comprovando, muitas das palavras-chave que Verde vai sublinhando, introduzindo para o seu leitor, estão em espanhol.

---

[780] Número 314, de 18 de agosto de 1907.

Por outra parte, o texto de Verde, recorda, como parece lógico, a Carta de Neira Cancela: "São elles que levam a toda a parte, mesmo por esses *Madrids*, a gloria da patria gallega, nos *turreiros*, junto ás egrejas em festa [...]".

Já o leitor estava instruído sobre o que devia entender retamente por "Patria gallega". E, também, sobre a que, fundamentalmente, se reduzia o conceito da *glória* e da *cultura* galegas. Reforçava, aliás, a ideia João Verde com a autoridade dum galego: "um critico da especialidade aprecia esses, entre outros, popularissimos artistas, fieis depositarios da mais caracteristica inspiração musical d'uma região, fieis mantenedores dumha tradicção secular, longinqua [...]".

E dá o autor algumhas caraterísticas artísticas de alguns dos gaiteiros, entre ele o de Ventosela, que linhas antes citara: "esses e outros geniaes artistas são de seguro, meu amigo, os arautos da mais melancolica, da mais curiosa, da mais amante região das Espanhas".

Mas João Verde nunca traz ao texto exemplos doutras perspetivas sobre a gaita e o gaiteiro, ou sobre o valor das expressões populares que ele podia encontrar na *Historia de Galicia* de Murguía, ou na identidade da cultura popular entre a Galiza e Portugal que podia ler no Prólogo do reputado Teófilo Braga ao *Cancionero Popular Gallego* de Pérez Ballesteros. Ele recorre ao magistério dumha glória galaica das letras espanholas: Pardo Bazán:

> "«Quando um paiz -diz Emilia Pardo Bazan,- tem contra si a fortuna, e, como a Galliza, primeiro se ve relegado a posto secundario, quasi anulado depois, ao passo que augmenta a sua desdita, costuma crescer tambem em apaixonada intensidade, até raiar polo fanatismo, o amor que aos seus filhos infunde. A Hungria, a Grecia, a Polonia, são exemplo de nações desventuradas e duplamente queridas pelo mesmo, porque a ternura vae para á dor como os rios para o mar. Este sentimento de exaltado carinho para com o solo natal -complicado com a enfermidade affectiva que se conhece por *nostalgia*, privação de ar que acaba por asfixiar-nos quando não respiramos a athmosphera dos lugares onde vive o nosso coração- é mais profundo nos povos de raça celtica, esse ramo do nobilissimo tronco ariano, cuja condicção parece tão sedentaria como são immoveis e permanentes os seus colossaes dolmens de pedra. Nos cultos d'origem, o natural apego ao paiz apresenta caracteres morbosos, é um mal phisico do qual se morre; a mesma *morriña* que, por galuchos galegos, dissipa como por encanto o som da «gaita e do tamboril», os recrutas bretões curam-a com a sua outra gaita, *a cornemuse*, que nas suas notas lhes traz rajadas de brisas do Oceano e cheiro de giestas floridas»".

Conhecemos o posicionamento de Emilia Pardo Bazán, nada ligada a veleidades autonomistas. A escolha do texto, pode, no entanto transmitir umha outra ideia dos posicionamentos da escritora ao leitor português. Os exemplos da Hungria, da Polónia e da Grécia, reconhecidas como nações, elevavam o alcanço da reivindicação regionalista galega, o que para nada assomava no texto de Neira Cancela. Na verdade, comentários como o transcrito de Pardo Bazán, podia sumir ainda mais na confusão o leitor português. Aquele amor fanático ou morboso de que ela fala, parece ficar secundarizado perante umha leitura

mais evidente de justificação da reivindicação galeguista. Vai aproveitar João Verde, mais galeguista que muitos regionalistas galegos:

> "Esses artistas, os gaiteiros, recolhendo o mais augusto sentimento da patria gallega, merecem bem o nosso applauso. Elles encarnam como tantos hungaros, polacos e gregos, a dôr e a condicção a que os relegaram e como os aldeãos da Bretanha a ducilda tristeza que vaga sobre a sua paysagem, esse ar pastoril, mysterioso, tão exquisitamente terno que em toda a Galliza corre, como um queixume de rola".

Fala depois de que prefere o gaiteiro de Ventosela, porque "a sua musica é sinthese de todos os ares gallaicos, a mais completa alma d'artista". E inicia então umha série de comparações desse gaiteiro com os que parece considerar os melhores representantes da literatura regionalista galega:

> "é Lamas Carvajal, esse ceguinho poeta-morto que no verso creou a especie de «socialismo agrario»; é Curros, o voluntario exilado na Habana que na Coruña recebeu ha pouco mais d'um anno uma glorificação de toda a Galliza, a mais alta, a mais extraordinaria mentalidade que entre dous seculos levou ao apageo [sic] a litteratura gallega; é Francisco Añon, é Rosalia Castro, os precursores d'essa litteratura que só tem rival na Provença em Mistral e Roumanille ou na Cataluña em Verdagüer [sic]".

O comentário de Verde ilustra-nos sobre vários aspetos da sua perspetiva: em primeiro lugar, confirma os poetas (falta talvez García Ferreiro) que eram recebidos por Verde (quer dizer-se, através dum dos principais mediadores da literatura galeguista em Portugal) como os mais relevantes da produção de além-Minho: quatro *clássicos* já, dos quais só um estava vivo (Curros Enríquez, mais apreciado que Rosalia de Castro), persistindo o silêncio sobre o resto, nomeadamente sobre Eduardo Pondal, o que confirma umha canonização bem posterior deste. Em segundo lugar, testemunha também como os elementos parecidos como os mais puros do folclore (a gaita e o gaiteiro) ocupam um posto de privilégio no imaginário regionalista, até ao ponto de definir o seu cânone pola maior ou menor identificação com o que instrumento e tocador expressam. Reafirma-se assim essa tendência folclorizante, parâmetro fundamental que permite classificar como galego (ou não galega) umha determinada produção.

E a comparação explica, enfim, o aparecimento da literatura provençal e catalã nas crónicas de Verde: estas desfrutavam de maior prestígio que a galega, e eram o modelo a imitar.

João Verde estende-se a seguir na caraterização do gaiteiro de Ventosela, similares às que oferecia Juan Neira Cancela, agora sim introduzindo alguns dos versos que Rosalia dedicara à figura do gaiteiro, os únicos que em toda esta época o poeta minhoto transcreve da poetisa galega:

> "Ventosela, em seu aspeto rude, tem uma alma d'artista[...]
> Reparae para a *allure* d'esse homem cujo corpo, ao tocar, todo se move e agita, arrancando do folle os sons, expressões do seu delicado sentimento! E, arruando, como elle nos faz lembrar Rosalia, cantando o gaiteiro:
> *Sempre pol'a vila entraba*
> *Con* aquel *de señorio...*
> *Aquel*, é o mixto de *poze*, de brio, de presumpção, de orgulho, de vaidade, de denguice, de bizarria".

Mas, talvez para melhor fazer-se comprender, não duvida em contextualizar a figura do gaiteiro recorrendo ao símil com João de Deus e Campoamor, um dos poetas espanhóis mais conhecidos em Portugal, e a quem se costumava comparar com o autor das *Flores do Campo:* "e Ventosela reune a esse «*aquel» de señorio*, a consciencia do seu saber, porque não é um fátuo, porque é um artista, um verdadeiro artista, tão senhor do seu instrumento como João de Deus, e como Campoamor eram senhores da sua lyra".

E concluía João Verde dando a Silva Campos a principal razão da sua recomendação: o gaiteiro representava a essência popular; mais do que umha das expressões da identidade dum povo, ele era o símbolo da resistência frente à *modernice* dos tempos presentes e dos que se avizinhavam: o floclore galego (identificado quase totalmente como *a* cultura galega) era um modelo de resistência dum mundo rural que se presumia em declínio:

> "É esse artista, meu caro Silva Campos, que eu lhe peço escute a preceito, porque lh'o apresento como um enviado da mais linda região gallaica, com a ligitima representação d'um povo que felizmente resiste ainda á onda devassadora dos costumes, ao *depaysement* que impelle, como entre nòs, montes, ribeiras, villas e cidades.
> Gloria aos artistas em quem florescem e se reproduzem as musicas do berço! gloria aos artistas que até á morte, como os primitivos cantores, de paiz em paiz, levam junto ao coração o symbolo da sua patria e n'elle a doçura nativa do seu cantar que um sopro d'amor alenta e diffunde!".

Ficava, em definitivo, mais reforçado o caráter do regionalismo de Verde e o tipo de galeguismo que ele percebia na ação dos seus admirados poetas da Galiza: estes eram a expressão dumha resistência cultural centrada nos valores julgados essenciais e radicados nos meios rurais e nas suas expressões artísticas; não era a galeguista umha literatura vista como *as outras*, nem como projeto de ser como *as outras*, projeto que resultaria numha contaminação que acabaria com ela. Era mais bem a guardiã dos costumes e das tradições, expressão das desditas do seu país, reduzida enfim a determinados géneros e modelos a sua autonomia cultural, balizas que não devia ultrapassar se queria continuar fiel à sua terra. O que dava também como resultado a sua perfeita *ubicação* polissistémica no quadro espanhol, de que ela representava umha periferia bem delimitada, como a que podia representar João Verde dentro do conjunto polissistémico português.

VI.3.3.2. A vulgarização da cultura galega no *A Aurora do Lima*. A mediação de Silvino de Sousa

Assinado em 29 de julho de 1902[781] aparecia em *A Aurora do Lima*, publicação que na altura editava Bernardo F. Pereira da Silva, umha notícia intitulada "Santiago de Compostela"; o artigo, assinado polo Padre Silvino de Sousa ("Officina de S. José"), era a primeira notícia sobre aspetos artísticos ou culturais da Galiza que podia ler-se nas páginas do bissemanário nos últimos anos[782]. Dedicado "ao meu sympathico amigo Mario Rivera", parecia mais o fruto dumha viagem e/ou dumha amizade com o de resto pouco conhecido escritor e jornalista galego, do que a resposta a umha demanda estável em *A Aurora*. Silvino de Sousa dedica a crónica a cantar as belezas artísticas da cidade, "apresentada como a do "Patrono de Hespanha", cuja origem "se perde no descobrimento do sepulchro do Apóstolo", e sobretudo da catedral, qualificada como o "primeiro templo romanico de Hespanha, evitando falar dos acontecimentos históricos e das "phases revolucionarias porque passou esta nobre cidade da Galliza".

Difícil seria para o leitor suspeitar, polo teor e singularidade da crónica, que ela ia ser qualquer cousa como um prólogo a um extenso labor de vulgarização da "Litteratura gallega" (este é o título genérico) n'*A Aurora*, da autoria do Padre Silvino, e dedicado, como a crónica anterior, "ao meu amigo e talentoso escriptor D. Cesareo Rivera[783]". O primeiro capítulo das "Horas de Estudo" (antetítulo em letras grandes, fixo também, do trabalho) aparece vinte dias mais tarde[784], e ocupa o lugar de privilégio da primeira página. O *continua* situado ao pé do capítulo anuncia umha série em números posteriores.

> "Gallisa! Trecho maravilhoso da poesia e da arte, perola encantada da natureza, nobilissimo solar da Iberia, torrão gemeo de Portugal",

---

781 Número 7010 de 30 de julho de 1902.

782 Poucas mais vão aparecer nestes anos. Algumha constata como o relacionamento destes meios minhotos realizava-se de preferência com o Sul galego, sendo a cidade de Ourense um dos núcleos mais ativos da relação. Por exemplo, no número 7.695, em junho de 1907, *A Aurora do Lima* dá notícia do falecimento de D. Manoel Bibiano Fernandez:
"Acaba de fallecer em Orense o illustre jornalista gallego, D. Manoel Bibiano Fernandez, fundador do primeiro jornal diario que teve a Galliza.
Era natural de Santiago de Compostella. Foi director da «Gaceta de Galicia», da «La Gacetilla», do «Diario de Santiago», etc.
Além de jornalista primoroso, era um caracter de eleição.
A imprensa gallega, a quem acompanhamos na sua dôr, tece ao finado os mais rasgados elogios".
E algumha outra informação o relacionamento com pessoas da área de influência de Vigo: em 1905, no número 7.409 este mesmo semanário publica que recebeu da Marquesa de Ayerbe e Condessa de S. Clemente o livro *El castillo del Marqués de Mos en Sotomayor*

783 Mário? Cesáreo? Pode tratar-se do republicano e maçon Cesáreo Rivera, que fora presidente da câmara municipal de Riba d'Ávia entre 1868 e 1873 e autor, juntamente com Víctor M. Vázquez, dum *Guía de Galicia* (Madrid, Imprenta de Fortanet, 1883) que pudo servir de inspiração a Silvino de Sousa; isto dito, apesar da aparente distância ideológica entre ambos que, se calhar, não era tanta…

784 Número 7018, de 18 de agosto de 1902.

> "as mesmas aves trinando com seus gorgeios os mesmos cantos; o mesmo mar banhando com suas espumas [...]"
>
> "Gallisa! Como Portugal, berço meu muito querido, vives do teu passado e hoje só inspiras os genios na saudade e na tristesa!",
>
> "Galliza! Com a mesma fé que nos falla de Deus",
>
> "com o mesmo primitivo idioma que enlaça irmãos com irmãos, com a mesma alavanca da crença, mais forte que a de Archimedes [...]".

Com frases desta exaltada índole começa o padre Sivino as suas notícias sobre a "Litteratura gallega". A Galiza é apresentada como a irmã de Portugal, revestida dos mais puros encantos. Nessa *apologia* da Galiza, a música (já o víamos em João Verde) tem um papel central, também na identificação galego-portuguesa, expressão tanto da cultura como das suas desgraças:

> "alma solitaria na *muiñera* ou *alborada*, desferidas pelas sonancias da *gaita gallega* (que não se sabe se canta se chora) bem como Portugal, suspensas as harpas de gloria nos sinceiraes de seus rios, canta na sua guitarra (companheira de suas lagrimas) as melancholias profundas e sentidas d'um *fado*-a queixa intima dum viver sem esperança, a musica singella e dolorosa, prophetisando um futuro de exilio e pranto!"

Como vemos, os poemas de Ruiz Aguilera e de Rosalia sobre a *gaita* ficaram entre os mais conhecidos da literatura regionalista em Portugal. Sustendo esse tom apologista, anuncia o Padre Silvino o seu propósito de falar da história da Galiza e das suas passadas glórias:

> "Gallisa! Ao cantar teus filhos e a tua historia, cae-me a penna despedaçada antes de traçar a primeira linha!
> É que tens genios tão lucidos, almas tão grandiosas, tanta poesia a tanta arte, que queria ser Plutarcho par animar mortos tão illustres [...]"

E, a seguir, rompe o Padre Silvino em apóstrofes elogiosas para a Galiza, num tom admonitório, repassando aqueles seus mortos ilustres "desde Prisciliano até Feijoo!", correspondendo a cada um com umha frase caraterizadora dos seus factos e façanhas: Macias, e Rodrigues de Padrão; Osorio de Lemos e Diogo de Muros; Fernan de Castro e Rodrigo Villandrando; os Andrade; Theodosio Equeria e Maria Pita, "essas duas heroinas" que legou à imortalidade "bem como a minha patria assombrou o mundo com o arrojo de Brites de Almeida e a heroicidade de Filipa de Vilhena!"

Não devia surpreender esse tom nem essa erudição aos seus leitores. O Padre Silvino de Sousa, colaborador do bissemanário decano dos jornais do Minho, era um conhecido pregador da zona, como a própria *Aurora* nos informa em várias ocasiões. Dirige a oficina de S. José até novembro de 1904, em que se despede, através do jornal, dos seus leitores, que dous anos mais tarde, em maio de 1906 (número 7.559) informa que vai, convidado, pregar à "campanha" (?). Dos seus dotes para a oratória temos testemunho elogioso

através do bissemanário, aquando da celebração do Primeiro de dezembro de 1903[785], em que o Padre é encarregado da pregação no *Te Deum* que, sob a presidência do também na altura elogiado conselheiro Queiroz Velloso, tem lugar na Matriz de Viana. "Em phrase primorosamente burilada" analisa o reverendo a revolução de 1640, e, a dissertar "brilhantemente" sobre a *união ibérica*, refuta a opinião "d'aquelles que vêem em Camões o seu paladino". Fala de Filippa de Vilhena ("que offereceu ás mães portuguezas, e com uma enthusiastica exhortação á mocidade lusitana"). E conclui a crónica sobre o seu discurso: "o sr. padre Silvino de Sousa foi ouvido com toda a atenção pela numerosa e selecta assistência, que ficou agradavelmente impressionada com o formoso discurso pronunciado pelo novel sacerdote, que tem, no futuro, logar proeminente na cathedra portugueza".

Escritor também [em 1905, desde o número 7409, começa a ser publicado em *Aurora do Lima* um folhetim da sua autoria de título já para nós conhecido (*Lenda Oriental*)], era talvez a pessoa mais indicada dentro do bissemanário para dedicar as suas "horas de estudo" a temas como o que agora o ocupava.

Mas não eram produto da sua lavra os catorze capítulos que, até 1904, vai destinar à vulgarização da "Litteratura gallega" (adiante veremos que classe de literatura). Aquelas "Horas de estudo" eram, na realidade, horas de cópia e tradução: um perfeito plágio de duas obras de que Silvino traduz os trechos que mais lhe interessam, sem citar, quase nunca, as suas fontes: a *Historia crítica de la Literatura Gallega* (1887) de Augusto González Besada e da *Galería de Gallegos Ilustres* (1874) de Teodosio Vesteiro Torres.

Como é que essas obras chegaram às suas mãos? parece plausível deduzir que foi o intermediário Cesáreo Rivera, a quem dedica o seu trabalho. E pouca mais devia ser a informação complementar que o Padre Silvino manejava sobre as cousas da cultura galega, e mesmo sobre os autores que seguia[786]. O único fio explícito da meada plagiada de que dispomos são os comentários que, no capítulo XII e no último, o XIV, dirige a Vesteiro Torres:

> [XII] "Perdoe o sr. Vesterio [sic] Torres, muito illustre bibliographo espanhol; mas parece-me que o adverbio aqui superabunda".
>
> [XIV] "O sr. Vesteiro Torres ha-de perdoar, mas não encontro que a *vida real do Visconde de Altamira vá de encontro com o fundo das suas obras*, como affirma na sua «Galleria de Gallegos Ilustres»".
>
> Não merece a pena o sr. Vesteiro Torres chorar tanto pelo Visconde de Altamira.
>
> Isso entre nós e entre vós era frequentíssimo".

---

785 Número 7207, correspondente à primeira semana de dezembro.

786 Ao longo das suas páginas parece indiscutível o seu carinho pola Galiza, mas também a pouca atenção que devia prestar à sua atualidade. Chegando os seus "plágios" até 1904, não deita mão, por exemplo, da *Literatura Gallega* de Carré (saída no ano anterior) e fica apenas pola que considera literatura medieval galega.

Dava a impressão de que o Padre Silvino utilizava várias fontes, e de que conhecia o Sr. Vesteiro Torres, a quem se dirigia mesmo com certa familiaridade. Difícil que o conhecesse; se assim fosse, talvez não seria do agrado do Padre saber que Vesteiro abandonara o Seminário de Tui com vinte e três anos de idade (Vilanova, 1955:XIV) e que, no meio dumha vida boémia ou quase em Madrid, acabaria suicidando-se... em 1876. Silvino de Sousa, aquele "novel sacerdote", mentia mais umha vez. E fazia-o com umha impunidade tal que o levava a discutir com a fonte donde plagiava!

Mas os seus leitores desconheciam estas *nuances*. E vão assistir à descrição mais sistemática que até ao momento se fizera em Portugal (excetuando talvez o *Parnaso* de Teófilo) da literatura galega.

Aquelas comparações com Arquímedes (6) e Plutarco (11), o canto às crenças (6) e ao idioma (6), o elogio dos "gallegos ilustres" (9-10), tudo está no "ante-prólogo" (citamos entre parênteses as páginas) da *Galería* que Vesteiro assinava em Madrid em abril de 1874. *Muiñeras, alboradas*, ... toma-as da *História Crítica* (90 e ss.). Da colheita do Padre Silvino são todas as comparações com Portugal que vai colocando ao lado das palavras literalmente traduzidas e a referência a Prisciliano e Feijó (aludidos também por Rivera e Vázquez); facto significativo este; porque na sua (in)trodução do mundo galaico, entre *fílica* e *maniática*, salienta o seu desejo de *afetivar* a Galiza (lembremos: a combater estereótipos) e, mesmo, de sublimá-la.

Têm os leitores de *A Aurora do Lima* interessados na matéria anunciada que esperar quase um mês para sobre ela encontrar mais informação, agora já na página duas, que é aonde vai ser deslocada a série de artigos de Silvino de Sousa.

Neste capítulo II (número 7025), de começos de setembro, o padre envereda por questões linguísticas, as mesmas a que González Besada dedicava quase todo o seu livro. E tal será a sua fidelidade ao texto que vai transmitir ao público aquelas ideias peregrinas que sobre a origem da língua manejava Besada, e que foram motivo de deceção em Teófilo e alvo de dura crítica em Leite de Vasconcelos. A filologia portuguesa recuava com Silvino de Sousa quase séculos, embora reservando o papel dignificante que ao galego dedicavam os filólogos portugueses:

> "O idioma gallego (e chamo-lhe idioma porque foi a lingua fallada na côrte de Castella no seculo XIII[787]), o idioma gallego, anterior ao castelhano, de tal fórma influiu n'elle, que o castelhano na sua origem, confunde-se com o mesmo gallego. O seu vocabulario recheiado de palavras latinas na proporção de sessenta por cento, resente-se comtudo dos elementos *céltico* e *grego*.

[787] Nutria-se aqui Silvino de Sousa das considerações que entre as páginas 79 e 81 fazia Besada, eludindo, no entanto, a afirmação daquele no sentido de ter sido a Galiza nação independente (81):
"Si el idioma es el *lenguaje oficial de una nación* también el gallego fué idioma, porque también fué nación independiente".

> O celta informou a lingua gallega, o latim enriqueceu-a e o grego, reformando-a, affomoseou-a".

Enfim, que o que os rigorosos filólogos lusitanos deitavam pola porta (e permita-se-nos, mais umha vez o uso do expressivo adágio) entrava-lhes, insuspeitamente, pola janela do *A Aurora do Lima*[788]. Os mitos galaicos apareciam em Portugal por pena portuguesa.

Mas não parecem interessar muito ao P^e^ Silvino as sisudas reflexões de Besada, e "deixando de dissertar sobre as opiniões dos philologos" (não sem antes mostrar a sua erudição a respeito das teorias linguísticas sobre a língua ária defendidas por Wiseman ou da evolução linguística de "cujo estudo Leibnits [sic] immortalisou", diz como tratando-se dum artista), passa a falar da identidade linguística galego-portuguesa:

> "Deixando em claro as diversas luctas da Galliza, os seus triumphos e as suas derrocadas, as suas conquistas e os seus vexames, a sua civilisação ou a sua reacção [...] evitando fazer paralellos entre o *gallego* e o *portuguez*, direi só que tanto a lingua portugueza como a gallega não usam as gutturaes [...]",

alusão presente também no *Guía* de Rivera e Vázquez (1883: 43) e começa a fazer extenso relatório das identidades linguísticas, sem esquecer, a salientar a sua "cadencia doce e suave" a palavra-chave fundamental:

> "tão doce como o seu verbo *-amar-* tão suave como o seu substantivo *-saudade -soledad*",

para o que saltava para o capítulo V da *Historia Crítica*, pp. 68-75, dedicado à "Íntima relación entre el gallego y el portugués", evitando, porém, as referências à paternidade do primeiro sobre o segundo que, como no caso de galego e castelhano, indicava Besada.

Enfim, ficava assim sintetizado o que mais interessava a Silvino de Sousa das primeiras oitenta páginas da *Historia crítica*. E, sem solução de continuidade, passa a falar de *literatura:*

> "Percorrendo as diversas edades da poesia gallega, será meu intento cantar (embora em lyra tibia) os vates inspirados e esses cysnes amenos da decantada Gallisa, recordando tambem os nossos trovadores patrios, que em seus *cancioneiros*, *balladas* e *trovas* tanto encanto imprimiram ao idioma gallego [...]".

Destarte captava a benevolência dos seus leitores o colaborador de *A Aurora do Lima*, instalado já no "Capítulo preliminar" de Besada (pp. 83-119). Era um resumo das desculpas que o historiador galego fazia, dirigindo-se ao leitor galego com frases deste teor: "no extrañes, pues, lector curioso, que sea

---

788 Podia ter acompanhado, por exemplo, a síntese que Rivera e Vázquez fazem no seu *Guía* (1883:42): não sendo a correta, aproximava-se mais da realidade histórica…

este capítulo cosa análoga á cajón de sastre por lo revueltos que en él anden los peregrinos pensamientos del autor".

Curava-se em saúde Padre Silvino, não fosse Besada enganar-se e vinhesse alguém a retificá-lo. Mas, na continuação do trecho que deixámos transcrito, acrescenta Silvino, já da sua pena, sobre aquele idioma:

> "hoje dialecto apenas, porque Galliza morreu... é castelhana! A sua linguagem é castelhana, os seus filhos são castelhanos, as suas escolas são castelhanas, as suas mulheres são castelhanas, o Padre Nosso é ensinado em castelhano, e apenas alguns dos seus filhos de alma e coração, ao meditarem sobre as ruinas passadas -mas immortaes- na sua doce linguagem com o brilho das estrellas nos olhos, com os raios de sol na fronte e com a lyra e oiro no peito, cantam a sua querida Galliza [...]".

Esta contundência para nada assomava no texto de Besada. Era a sua livre interpretação dos factos narrados na *Historia crítica*. E era umha mais do que evidente demonstração de solidariedade e defesa da Galiza perante o seu referente de oposição. Após a introdução elogiosa que do além-Minho fizera, e das mostras de identidade que transmitira, a proclama de Silvino de Sousa parecia conduzir a umha vigorosa declaração de unidade galego-portuguesa (na esteira de Teófilo Braga, por exemplo) e ao relatório das brilhantes atividades de "alguns dos seus filhos de alma e coração" que, séculos mais tarde, dedicavam os seus esforços à dignificação da pátria amada. Ainda prosseguia o padre na direção assinalada:

> "Galliza, ainda tens quem te erga carnes! São teus filhos queridos -os poetas- astros cahidos do ceo, diamantes lapidados no sentimento, corações affeitos á dôr e á resignação, entes vivendo na esperança de voltarem á patria d'onde emigraram[...] Todos os ais doloridos da humanidade teem morada em seu coração, feito de luz e amor -luz que não cega- amor que não mata!"

Lembravam Curros e Rosalia estes posicionamentos; e, na verdade, Besada, embora de passagem, citava-os.

Mas, apesar de que esse parecia ser o sentido que iam tomar as "horas de estudo" de Silvino de Sousa, o capítulo III, dumha semana mais tarde (número 7.027), abria com este preâmbulo:

> "Se a poesia é a rainha das artes e o poeta o rei dos artistas, a musica é também a poesia dos sons e o musico o poeta do coração.
>
> É por isso que a poesia e a musica em Galliza, como em toda a parte, vivem irmanadas n'um abraço de sentimento íntimo".

Com estas suas originais palavras justificava o padre Silvino o tratamento que a seguir ia fazer da música popular galega sob o rótulo de "Litteratura gallega". Era umha maneira de introduzir o seu labor e síntese e tradução do capítulo correspondente da *Historia crítica* de González Besada. Na seguinte expressão, com elevado tom épico, resume o copista as páginas que dedica

Besada aos cantos populares: "os *cantos populares*, vibrações da alma patria [...] são a sentida e sublime encarnação d'um sentimentalismo doce, crente e religioso; por isso n'essa região gallaica foram esses cantos soltados, pela primeira vez, ao ar e ao vento, pelas vozes das suas mulheres", e dedica mais algum trecho a sintetizar o cunho feminino das cantigas do povo, como fazia a sua fonte, passando, na continuação, a tratar da *muiñera* (e não *muiñeira* como escrevia Besada).

> "D'onde nasceria pois a *muiñera* gallega? Será *sueva, celta* ou *grega*?"

E responde Silvino de Sousa com autoridade e solvência retiradas da página 88 do livro de Besada:

> "Ha dúvidas. Discordam os auctores. Porém sigo a opinião d'aquelles que dizem ser de origem grega".

Mas aqui discrepa Silvino de Sousa de Besada (sem assin indicá-lo, claro); e, onde o galego escrevia que:

> "Para resolverlo, paréceme lo más acertado indagar de quién procedemos nosotros; y una vez averiguada si la mayor cantidad de sangre que circula en nuestras venas es sueva, celta ó griega, tenemos esclarecido punto tan interesante, porque no hay duda, nosotros descendemos de los autores de la muiñeira",

o português, não lhe parecendo talvez o mais oportuno proceder àquelas medições sanguíneas ou resultando-lhe peregrina a afirmação da ascendência, lança-se a dedicar umhas linhas aos *mythos* e *heroes*, a lyras e trombetas, a *jambos lyricos* e *heptacordos*, a Safo e Anacreonte, etc., cuja fonte desconhecemos, para concluir que "a *muiñeira* [agora sim reposto o *i*] parece partilhar d'estas harmonias", enlaçando com as caraterísticas que Besada achega, e que Silvino de Sousa recria poeticamente. Fala então dos sons alegres ou tristes e ainda do sorriso da criança no regaço da mãe e do florir as rosas do campo, para passar a contar um sucesso acontecido a Silvio Antoniano; estando o romano a trovar umha ave pousou no seu hombro e começou "Os seus gorgeios d'amor", concluindo:

> "Pois bem. Ao ouvir-se a doçura e a harmonia d'uma *moiñeira* [sic: vai galego-portuguesizando progressivamente o termo], parece ouvir-se um rouxinol dos bosques.
>
> O rouxinol é uma ave; ave forma a palavra Eva; Eva foi a primeira cantora do Paraíso e a *muiñeira* e inspirada trova das mulheres gallegas!"

A transcrição que acabamos de fazer tem por fim, para além de dar conta do tipo de imagem que da "litteratura gallega" transmitia o padre Silvino de Sousa, revelar a forma com que em não poucas ocasiões procede a respeito das suas fontes, e tentar conhecer alguns dos seus interesses. A sua originalidade era, para já, nula. Tomava a metáfora, jogo de palavras incluído, das páginas 96-97 da *Historia crítica*, e a aplicava à moinheira onde Besada aplicava-a ao canto popular em

geral. Besada, não mui convencido do acerto da imagem, pedia desculpa polo seu uso, que ironicamente justificava "en primer lugar para que se vea que soy un erudito, pues no se me escapa á mi perspicacia lo que pasaba en Roma, y en segundo porque cogiendola por los polos, mal será que no haga una metáfora capaz de admirar á todos los retóricos del mundo conocido".

O padre Silvino, que tantas vezes vai adotar não já o que as suas fontes dizem, mas a atitude que mostram, exime-se de adotar esta, entendendo por ventura que os seus leitores admirariam a *sua* capacidade poética, razão por que não seria caso rebaixá-la com esses comentários de modéstia desnecessária. Ele, pois, faz a síntese de rigor, apresentando-a como umha sentença própria.

Mas há ainda outro pormenor. Silvino de Sousa não parece mui interessado em dar conta da moderna poesia regionalista galega. Nunca menciona nengum autor e, quase de passagem (quando tinha oportunidade), alude à sua existência, da qual não dá nengum testemunho. A razão desconhecemo-la, mas o desinteresse parece-nos igualmente evidente. Queria Silvino de Sousa transmitir umha imagem dumha Galiza mítica lá perdida no fundo dos tempos e agora quase inexistente na sua desgraça? Não podemos, como outras vezes, dar resposta à interrogação; mas o resultado é que o padre Silvino de Sousa, plagiador impúdico, não dedicava nem umha linha ao atual movimento do Ressurdimento, por enquanto.

E assim, abre o seu capítulo IV, de quinze dias mais tarde (número 7.032), descrevendo um bucólico quadro apresentador da *sua dissertação* sobre o *alalá*:

> "Ao pôr do sol, quando a naturesa respira tons coloridos de belleza infinita; quando as aves se escondem no ninho e as creanças no regaço das mães, quando os lavradores, de enxada ao hombro, deixam o campo [...] nas selvas e valles gallegos, morrem com os seus raios os mysteriosos cantos do *alalá*!"

Enfim, como sempre, narração produto da sua síntese (e da evitação de alusão ao *atrevido galán* de Curros) e muito de cópia, agora da página 90 da *Historia crítica*. E prossegue traçando um quadro encantador do canto e do ambiente galegos, até chegar à lenda que, a páginas 91, começa a narrar Besada sobre a origem do *alalá* e que ele traduz com muita fidelidade.

Deixa por aí o *alalá* e passa à *alborada* trazendo consigo muitas das notas eruditas do escritor galego. Os *maios, cantares de pandeiro* que, com menor extensão, Besada tratava, despacha-os com umha frase em que os qualifica de "formosissimos". E agora sim aparece um escritor galego: Curros Enríquez, que deixara *abandonado* ao falar da moinheira, cujo modelo o exemplificava Besada no celanovês na página 89. "A *muiñeira* [regressava Silvino de Sousa insuspeitamente à página 89 da *Historia crítica*] tem caprichosa metrificação; ora consta de quatro, como de cinco ou onze syllabas". E onde punha Besada "sirva de ejemplo el siguiente fragmento del inspirado vate Curros Enríquez colocava o padre: "Ha um trecho admiravel de Curros Enriques que nos dá

tal licção". O fragmento transcrito corresponde à *Cantiga* "N'o xardin unha noite sentada".

De colheita própria introduz na continuação esta informação (apoiada no comentário de Besada sobre a moinheira que Cesáreo Alonso Salgado compusera para a cantiga de Curros):

> "A *alborada* também muito variada e duma toada suggestiva inspirando muitos trovadores",

retomando logo a página 94 do texto plagiado: "ahi vae umha estrophe do inspirado bardo gallego Benito Amado" transcrevendo quatro dos oito versos que de *A Romería* selecionara González Besada.

Será esta toda a literatura galega moderna que apareça nas "horas de estudo" do padre Silvino, cuja motivação ignoramos.

Garantia no entanto continuação ao seu trabalho o colaborador de *A Aurora do Lima*. Ora, os seus leitores vão ter que esperar quase até aos começos do mês de agosto do ano seguinte, passados dez meses, para, no número 7144, tornar a ter notícia da "litteratura gallega" (cap. V) do padre Silvino.

O período era notoriamente longo, e talvez até os leitores mais interessados tinham perdido já memória do trabalho do reconhecido padre sobre a literatura do além-Minho. Tudo parece indicar que para o prezado colaborador do *A Aurora* a fonte se esgotara ou já não tinha o interesse das primeiras páginas. Porque, embora retome algum passo da obra de Besada, recupera agora a *Galería de gallegos ilustres*. Talvez não lhe parecesse mui correto incluir sob o título de "Litteratura gallega" a segunda parte da obra de Besada, dedicada à "Edad Antigua", dividida em três capítulos: "El poema á la pérdida de España"; "El canto de Gonzalo Hermingues" e a "Falsa antigüedad de ciertos monumentos literarios".

Tirara-lhe em definitivo todo o partido que queria tirar à *Historia crítica* e era momento de tornar sobre Vesteiro, cuja obra, porventura, iria traduzindo no intervalo.

E assim, depois de dedicar estes capítulos àqueles aspetos liguísticos, musicais e lendários que tomava de González Besada, comenta o padre: "é já tempo para traçar em grandes rasgos o esqueleto da litteratura gallega, depois de vêrmos a influencia de sua poesia na musica, que é tambem a poesia dos sons»; plagiava Silvino de Besada (100) dando ligação às duas obras.

"Não é tão completa como quer Galliza, nem tão apoucada como deseja Castella", pondera o padre, como pondera González Besada (pp.100-101), a recolher as apreciações do autor da *Historia Crítica* sobre o que denomina "cantos infantis" ("*trovas, cantigas, dizeres* e *querellas*"); e retoma já o prólogo de Vesteiro Torres (14, 15), traduzindo-o ou parafraseando-o:

> "Um dos insultos mais grosseiros dos castelhanos para com os gallegos é chamarem a sua formosa terra -«*nunca fértil em poetas*». É bem inveja.
>
> No proprio seculo XV o movimento intellectual em Galliza é enorme; o idioma mimoso e cantante das ribeiras do Minho era invejado. E os nossos trovadores testemunham-n'o com toda a eloquencia nas suas trovas.
>
> Basta analysar as primeiras phases da nossa litteratura.
>
> A canção do Figueiral [salta Silvino à página 33] e varias lendas dão-nos disso provas".

A referência à frase de Lope de Vega, seguida do encómio da literatura galega(-portuguesa: *os nossos trovadores*), situa o leitor perante o referente de oposição comum: frente a ele estão a Galiza e Portugal, vítimas do agressor castelhano singularizado na célebre frase. Na sua transcrição, o Padre Silvino exclui do movimento intelectual enorme de que Vesteiro fala, qualquer referência à língua de Castela. Terá mais adiante que dar testemunho da produção poética em espanhol dos poetas que trata, pois todos eles escreverom na língua triunfante, mas aqui exime-se de dar conta dela, talvez assim acrescentando o valor opositivo que comentávamos, e não aderindo à apreciação positiva que do "génio" castelhano faz Vesteiro Torres. O texto original (15) diz assim: "trovaban, ora en la lengua de Castilla que intentaba desplegar su inmenso génio, ora en el idioma de las riberas del Miño, ya formado y enriquecido con una literatura peculiar y envidiable".

A alusão ao século XV é lógica em Vesteiro, mas muito menos em Silvino de Sousa[789]. Repare-se que em 1874, não se tinha na Galiza conhecimento da magnitude da poesia galego-portuguesa ("los nombres de nuestros más antiguos trovadores han llegado hasta nosotros desposeídos de la mejor credencial: de sus obras", diz Vesteiro, p.15), razão talvez por que a *Galería de gallegos ilustres* verse apenas de escritores da época citada. Mas, vinte e cinco anos mais tarde, bem podia o padre minhoto informar desse período áureo; não o faz, talvez pola sua extrema fidelidade à fonte, talvez, por entender que aqueles trovadores dos séculos anteriores eram exclusivamente portugueses, ou, quiçá, porque desconhecia cabalmente a sua produção. Fica então essa vaga referência aos trovadores dos Cancioneiros, e entra o texto, separado do já transcrito por umha linha de pontos, na caraterização dos poetas galegos do século XV, a começar por Macías.

O livro de Vesteiro dividia-se em dous tomos; o primero era o dedicado a "los poetas de la Edad Media", e o segundo a "los guerreros"; pola índole das suas intenções, era claro que a Silvino interessava sobretudo dar conta dos primeiros; mas não informa de todos; dos nomes que aparecem, por esta ordem, glosados por Vesteiro: Fernan Gonzalez de Sanabria, Vasco Fernandez de Parga, Estéban Annes de Valladares, Garcia Romeu de Sobrado, Vasco Perez

---

789 Cfr. López Fernández, *Névoas de antano*.(1992).

de Camoens, Macías, Juan Rodriguez de Padron, Gomez Perez de Castro, o Conde de Castro, o Conde de Altamira e Don Luis de Vivero, só a Macías, Juan Rodriguez de Padron, Gomez Perez de Castro, o Conde de Castro e o Conde de Altamira, vai dedicar espaço nas suas "Horas de Estudo" divulgadoras o padre. O critério podia ser, sem mais, o gosto de Silvino de Sousa, pois não aparece haver razão de tipo moral, ideológica ou estética que permita inferir outro parâmetro seletivo. Se se tratar da importância dos poetas em foco (e esta fosse então mensurada polo espaço que Vesteiro reserva a cada um deles), certamente são os eleitos polo colaborador de *A Aurora* os mais amplamente tratados, mas com a exceção de «Don Luis de Vivero», cujas quinze páginas superam as seis do conde de Castro (as mesmas que dedica Vesteiro a Vasco Pires de Camões) ou as dez de Gomez Perez Patiño... A exclusão do reconhecido como ascendente do autor de *Os Lusíadas* é também curiosa, pois significava um elo de união galego-portuguesa mui condizente com o teor dos seus, poucos, comentários.

O critério antológico parece-nos, porém, mais simples. polas razões que fossem (de espaço, de entender que seria umha maçada para os seus leitores traduzir todo o livro de Vesteiro, etc.), Silvino de Sousa atende ao juízo valorizador que deduz da sua fonte. Com efeito esta, após reconhecer o vazio historiográfico sobre os mais antigos trovadores (que, lembremos, Silvino de Sousa podia preeencher e não fizo), comenta (15-16):

> "Pero en cambio de esta deplorable pérdida, comun á muchos países, contamos con dulces y amorosas estrofas de Macías, las suficientes para galardonarle, si aun cabe galardón sobre la pasmosa popularidad del cantor del Ulla; contamos con todas las obras de Rodriguez del Padron de que hay noticia, legado en verdad inestimable y que ha de aquilatar bastante más de lo que está hoy su mérito, elevándolo a príncipe de nuestros poetas; contamos con los versos de Perez Patiño, en cierto modo más amador que sus compatriotas, pues amaba á pares las mujeres, y así intrincaba sus situaciones como sus metros; contamos, en fin, con las liras de nuestros nobles, el conde de Castro, el de Altamira y otros favoritos de la musa pátria, que en amigable consorcio de letras y armas tejieron coronas que depositar á los piés de la fecunda y poética Galicia.
>
> Sean, pues, sus nombres los que abran nuestra GALERÍA, y sean por tanto los primeros á honrar y vindicar la tierra que recibieron vida, númen y arpas".

É pois a estrita fidelidade à fonte que condiciona o trabalho de Silvino de Sousa, excluindo mesmo poetas com que podia estabelecer umha maior relação galego-portuguesa.

A partir daí, as transcrições de Vesteiro Torres vão sendo fornecidas ao leitor minhoto sem outro critério seletivo (ao que parece) que o de pura síntese (por vezes parafraseando, outras traduzindo trechos) e o cansaço do copista. De Macías, por exemplo, vai dando a imagem que o Romantismo cunhou do poeta, amador e desgraçado, discípulo da escola de Provença, reproduzindo alguns versos (em castelhano, com algum galeguismo); vai Silvino de Sousa

resumindo as palavras de Vesteiro 'ao ritmo' dumha frase por página (33-38) até chegar à 38, onde resolve assim (com as únicas palavras da sua lavra) as vinte páginas restantes: "é impossivel transcrever par e passo as producções de qualquer auctor".

E atribuindo-se o ímprobo trabalho investigador, apostila: "apenas forcejo por caracterisar uma epocha e os homens d'essa epocha. Se o conseguir, serei contente", acabando por reduzir, na sua desfaçatez apropriadora, a abundância de notas e referências bibliográficas de Vesteiro a este comentário:

> "Baena, um dos melhores collecionadores de codices, serve-nos de guia em vereda tão enredosa e dubia.
>
> A *segunda canção* é tambem formosa [e transcreve quatro versos dela, com que conclui o seu repasse à obra de Macías... e de Vesteiro]».

Mas se, de passagem, ia o Padre Silvino acreditando perante os vianenses a sua fama de grande e rigoroso erudito, a "litteratura gallega", ia por sua vez tornando-se conhecida no Norte português. Ora, a ideia com que sem dúvida ficavam os leitores era a dumha produção medieval (onde convergiam o prestígio do antigo e a evidência do inatual), galega mas *castelhana* (condizente com a representação que da Galiza deviam de ter muitos assinantes de *A Aurora*), envolvida nas habituais brumas do passado de que restavam os cantos e músicas populares como principal signo. Parte, em definitivo, do que podiam assimilar à sua própria região, com a substantiva diferença da *espanholização*, e parte também da Tradição cultural do seu País, que, mais umha diferença, conseguira evoluir e alargar-se, politica e culturalmente, até situar esse medioevo e esses cantos populares (que na Galiza eram toda a sua cultura) numha zona do seu atual polissistema cuja vigência permitia olhar doutra maneira o passado. Em conclusão, a Galiza era aquele passado; hoje constituía apenas (como informará Silvino de Sousa) um conjunto de marginalidade, miséria e desgraça.

De "João Rodrigues de Camara, chamado de *Padron*" (número 7149[790]), transmite o padre umha imagem similar à de Macías; carrega, sim, nas brumas, convertendo a sua biografia "oscurecida por multitud de fábulas" (Vesteiro, 60), em: "como acontece em todas as litteraturas, os seus primeiros arreboes são sempre empanados por duvidas e mysteriosos nevoeiros de incertezas".

Vestindo-se mais umha vez com galas alheias, diz ser tão interessante a vida "d'este inditoso poeta" (vinham as desgraças galegas de longe...) "que mereceu do Sr. Pidal largas referencias na «Revista de Madrid»" (que Vesteiro acompanhava), sendo porém tão extensa a biografia que a passa "em claro". Invocava,

---

[790] A série de Silvino de Sousa em *A Aurora do Lima* passa do capítulo V, dedicado a Macías, ao capítulo VII, dedicado a João Rodrigues de Padrão; parece-nos erro de numeração, porque pudemos consultar a coleção completa na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde, entre os números 7144 e 7149, não aparece esse capítulo VI.

pois, Silvino de Sousa a autoridade dum pesquisador espanhol para dar relevo às suas horas de estudo, ocultando, mais umha vez, o nome da sua fonte.

Após resumir um episódio amoroso com a rainha de Castela, esposa de Enrique IV, de tom romântico e resultado desgraçado para o poeta, onde a única achega do padre se reduz à comparação que estabelece entre o poeta a queimar as prendas da rainha amada e Nero a tanger o alaúde "quando do alto dos seus palacios contemplava o incendio de Roma", passa Silvino de Sousa, já no capítulo seguinte (o VIII do número a seguir, 7.150), "à realidade dos factos" do "incontestavelmente maior vate galego do seculo XV". E passa-os também em claro, resumindo em aproximadamente página e meia mais de vinte de Vesteiro, e simplesmente obviando outras trinta e cinco, precisamente as dedicadas, sobretudo, à produção poética.

Silvino volta a limitar-se à tradução; algum breve comentário ou qualificativo vai no entanto acrescentando. A falar da influência da literatura italiana "en la patria de Juan II", Silvino alarga-a a "todas as literaturas latinas", e, talvez não coincidindo com o trato positivo que dá Vesteiro a Boccacio (quem, aliás, aponta a importância do *Il Corvaccio* ó *Laberinto d'Amore*, "tempestad de denuestos contra las mujeres"), anota da sua lavra o qualificativo de "endiabrado" para o poeta italiano, comentando que *Padron* se "resentiu d'essa magica e contagiosa influencia".

"Por umha lei biologica infallivel, quando a patria cáe, ergue-se a litteratura e é por isso mesmo que as epochas de maior apogeu litterario coincidem com o maior quebranto nacional" continua a traduzir Silvino de Vesteiro (83), deixando no meio a apreciação do galego, que prosseguia explicando a causa: "debido sin duda á que los poetas regogen los ideales del pasado, y cuando llegan á cantar, avanza ya á la ruina la misma pátria que suministró sus aspiraciones".

O motivo é que utiliza o raciocínio de Vesteiro para aplicá-lo à obra de Camões, esta, sim, introdução particular de Silvino de Sousa: "Camões, expirou, dizendo:-Morrer com a patria. Mas de pé, titanicos e sublimes ficaram os Luziadas a allumiarem as cerrações tão temiveis d'aquellas eras" e estampa na continuação umha recriação poética das palavras de Vesteiro que omitia.

A introdução do vate permitia a Silvino explicar o teor da obra da glória nacional, e acrescentava, por comparação, a magnitude da literatura galega que era transmitida.

"¡Hespanha era desmantellada ainda!" acrescenta; e começa a narrar as disputas entre godos e árabes, caraterizando estes últimos como cruéis, embora dando extensa conta dos seus avanços científicos, artísticos e filosóficos, remontando à época de "Pelagio nas grutas das Asturias"; tudo para reatar as apreciações de Vesteiro de quem traduz: "parece impossivel que d'estas ruinas

fosse amassado o soberbo [qualificativo que apõe o padre] e magnificente edificio symbolisado por Isabel, a Catholica!"

Concluíam assim as páginas dedicadas polo padre Silvino da Sousa ao principal vate galego de quem o leitor minhoto apenas pudo conhecer quatro versos, em espanhol, que foram transcritos no capítulo anterior.

Correspondia a vez, no capítulo a seguir (X, número 7.205), a "Gomes Perez Patiño". Tomara o seu tempo o padre, porque este só aparece três meses mais tarde, já nos inícios de dezembro. Como já tinha feito nos casos anteriores, Silvino de Sousa só vai dedicar algumha atenção às primeiras páginas que a cada poeta destina Vesteiro, omitindo as outras, em que, de regra, o galego tratava das obras dos poetas em foco.

O plágio de Silvino de Sousa adota formas aqui dum descaramento absoluto. Falando de Gomez Perez Patiño, Vesteiro (120) comentava que "no constituyó el corazón el ser exclusivo de su existencia", e que "los dulces pasatiempos de su juventud" "cedieron presto lugar á las reflexiones de la edad madura", etc. Pois bem; o que Vesteiro aplicava a Patiño, eleva-o o Silvino de Sousa à categoria de reflexão genérica moral, como a dum filósofo autorizado ou do padre que ele era que adoutrina o seu auditório, e introduz assim o capítulo X:

> "Não constitue o coração o ser exclusivo de nossa existencia.
>
> Os doces passatempos da juventude recordam-nos sempre saudades que nos fazem bem... e ás vezes mal!
>
> Depende isso da sua intensidade em alegria ou tristeza.
>
> E quando vem a edade madura, mais judiciosa pelo talento natural e mais habil pela triste experiencia dos factos, as exaltações da mocidade, os arroubos da juventude cedem logar ás reflexões, ás meditações das coisas.
>
> Foi o que aconteceu a Gomes Perez Patiño [...]"

Fala depois da dupla condição guerreira e poética do biografado, e de ser Patiño um cantor do amor; e, por sua parte, o roubo a Vesteiro continua inalterado; ampliado ainda: "distinguia-se dos vates gallegos biographados por mim, em que o seu coração era mais elastico; as mulheres cahiam n'elle aos pares. E assim intrincava os metros conforme as situações".

Conta então Silvino de Sousa as façanhas guerreiras "em defeza da Galliza" (Vesteiro situa-o ao lado dos Irmandinhos), sem palavra original, até chegar a comentários e comparações que, deduzindo-as do estudo de Vesteiro, ele traduz como melhor entende; embora um pouco longos, contrastemos estes dous textos para termos umha noção mais apurada do *estilo* do padre minhoto quando parafraseia (não quando traduz literalmente, que é a outra hipótese), numha das versões mais livres que se permite. Escreve Vesteiro:

> "Mas, ¿cómo conservar las inspiraciones del campo de batalla?... Los Hermandinos subordinaron todo á su titánica lucha, y el poeta moduló sus cantos entre la multitud guerreadora para animarla al combate, no para grabarlos en su memoria.

> Tronaba allí por vez primera la artillería, jugábase la libertad, la honra y la vida, y no era la ocasion muy oportuna para detener un punto la jornada el entusiasta bardo, perpetuando versos con la palabra escrita, cuando llamaba la bocina al incendio, al saqueo, á la venganza, á la devastacion, á la muerte.
>
> Por eso quedó solo de Gomez Perez Patiño su memoria de poeta y de soldado. La crónica testifica su mérito como guerrero. La literatura no heredó sus bélicos himnos, que serian tal vez su mejor presea; pero ha tenido el consuelo de guardar sus inspiraciones de amante y sus desahogos de filósofo.
>
> Son estos más que aquellas y parecen reflejar mejor el caráter del poeta, razon que nos mueve á clasificarle entre los secuaces de la gloriosa *escuela didáctica* del siglo XV".

E *vulgariza* Silvino de Sousa:

> "Mas de seus cantos nada resta. O enthusiasta Patiño, o bardo das guerras, cantava ao ar e ao vento, nas serras e nos valles, n'uma tenda ao relento, batendo-se ou folgando e não tinha tempo para perpetuar versos com a sua penna.
>
> O campo de batalha não dá para isso.
>
> Apenas dá para se escrever um apontamento estrategico, quando o canhão do inimigo não lhe vem seccar a tinta, como aconteceu a Napoleão.
>
> Por isso resta de Patiño apenas a memoria de vate e de soldado.
>
> Não temos os seus hymnos bellicos, mas temos as suas inspirações de amante e os seus pensamentos de philosopho, que o classificam na gloriosa escola didactica do seculo XV".

Transcreve depois uns versos do poeta (em castelhano obviamente) e outras breves considerações sobre a sua atividade e acaba: "e em volta de Cervantes, Garcilaso e Hurtado de Mendoza pode fulgurar seus esplendores Gomes Perez Patiño, que não deslustra tão fulgurantes astros", frase que traduzia da conclusão de Vesteiro (128).

Como é possível ir percebendo, aquela primitiva possibilidade de dar notícia dumha literatura autónoma, mesmo rebelde perante Castela, que parecia assomar nas imprecações do capítulo II, vai cada vez mais aparecendo como umha produção provincial, fazendo parte, sem fissuras, dum polissistema maior, o espanhol; isto é nítido em Vesteiro, mas não assim no horizonte de expetativas que o padre Silvino desenhara ao começo. A língua dos textos e comparações como a última que fizemos mostram bem, pensamos, esse pendor. E é que o padre dá preferência ao acompanhamento da obra de Vesteiro sobre as valorizações próprias, talvez diferentes em parte à sua fonte.

O capítulo XI, já em janeiro de 1904 (número 7214) é encabeçado pola transcrição de três quadras (sempre em castelhano) tomadas das páginas 131 e 132 da *Galería de gallegos ilustres*, atribuídas ao Conde de Castro e Lemos, "riquissima joia da *escola cortezã* de Porvença". Prossegue o seu plágio Silvino de Sousa, ("estas inspiradas estrophes de que não desdenharia Zorrilla") agora apenas mudando um nome (o termo comparativo em Vesteiro era Calderón) polo do romântico que lhe pareceria de maior atualidade e compreensão para

os seus leitores... Continua aliás a falar do "nosso biographado", casado com Beatriz, "filha do celebre Fernando de Castro, a *lealdade de Hespanha*", "nobre entre os nobres" que "brilhou nas côrtes de João II e Henrique IV", e atribuindo o título de *el mayor señor de Galicia* que lhe dava Vasco de Aponte, aliás, "da Ponte" em Vesteiro, aos "cancioneiros", o que por ventura o eximia de explicar quem era aquele Vasco, ou era apenas capricho.

Concluíam, como o ano 1903, aquelas "horas de estudo" de Silvino de Sousa em *A Aurora do Lima*; assim polo menos se despreende do facto de assinar, na "Officina de S. José" e de não anunciar prosseguimento, como era habitual nos outros capítulos.

No entanto, os leitores do número 7229, dumhas semanas mais tarde, iam ainda encontrar outro novo capítulo, o XII.

> "*Patria, fides et amor* -eis a trindade inspiradora da poesia e oraculo dos poetas.
> As primeiras manifestações poeticas da Galliza foram consagradas á patria, como em todas as litteraturas os primeiros ensaios poeticos são os cantos feitos dos heroes e á celebração dos grandes acontecimentos".

Por considerações como esta adornadas de imagens particularmente tiradas de elementos da natureza estendia-se o referido capítulo. Parecia mudar de rumo Silvino de Sousa, abandonando a crónica dos poetas galegos.

O que acontecia talvez na realidade era que o padre Silvino, cujas horas dedicadas à tradução tiveram um fruto que queria continuar a mostrar (e como próprio), conseguia encaixar bem aqui as palavras com que González Besada prolongava os seus comentários mesmo no lugar em que os tinha deixado para passar a falar de "los poetas de la Edad Media" de Vesteiro Torres. Correspondem com efeito à página 104 da *Historia crítica* as primeiras frases que transcrevíamos. Era o último dos poetas por biografar e talvez parecesse ao padre um desperdício não aproveitar este trecho já traduzido, que, aliás, podia aplicar ao Visconde de Altamira, como faz, ou a qualquer outro, pois Vesteiro não sublinha o patriotismo entre as virtudes do nobre. Já as frases que continuam não são de Besada; são mesmo da autoria do padre Silvino (que saibamos), que adota o mesmo tom moral e genérico que noutro caso já lhe atribuíamos e falam sobre a saudade da terra, tema este que sim era aludido polo historiador galego.

E fala já do de Altamira, que "foi tambem um vate todo patriota". "O seu temperamento era o dum peninsular", parece a Silvino oportuno acrescentar (da sua *peninsularidade* nada diz Vesteiro), deduzindo-o da extensa biografia do de Altamira que dá o malogrado Vesteiro, "todo nervoso e todo sentimental", como sintetiza. Agora sim cita como fonte o retrato que dele faz *Vasco de Aponte*, assim transcrito, em cursivo e conta algumha cena da presumível biografia do nobre que o confirma como "arrogante e vaidoso"

> "E podia ufanar-se em verdade [vai traduzindo Silvino de Sousa]!
> A sua nobre casa tinha cinco mil vassallos, e muitos dos seus senhores traziam *continuadamente* comsigo trinta escudeiros, cincoenta peões, dez pagens, doze moços de camara e um par de trombetas",[791]

acrescentando da colheita própria:

> "Pasmem leitores" Safa!
> Fariam os seus requebros tambem com taes formalidades!?",
> tentando introduzir umha nota humorística.

E, após discutir, já o vimos, como com um colega notando que o advérbio *continuadamente* não era o mais oportuno (o que lhe dera o motivo para a chança), conclui, mais umha vez, traduzindo: "era-lhe permittido entrar na cathedral de Compostella a cavallo, de cabeça coberta, ouvindo missa assim, entre o prebysterio e o côro![792]"

"Que bons tempos!", não pode reprimir Silvino de Sousa, referindo-se bem ao mundo medieval e poético que narrava, ou bem, o que é mais provável, referindo-se à aliança de nobres e clero e aqueles que julgaria bons costumes.

No número seguinte (o 7233, da terceira semana de janeiro de 1904), prossegue o colaborador de *A Aurora* tratando a figura do Visconde de Altamira. Sempre seguindo Vesteiro Torres, qualifica-o dum dos melhores poetas da Galiza, situando-o na esteira de Macias de quem, agora reinterpreta o Padre, seria discípulo. Comenta que Afonso X ou o Marquês de Santillana escreveram em galego-português, até que "pasado ya por completo el tiempo en que la moda de escribir trovas en gallego había obtenido sin igual privanza, los poetas nacidos en la patria de Macías modularon sus versos en lengua castellana" (138) o que traduz Silvino por:

> "Mas singular phenomeno!
> A poesia e a historia da revolução politica dos povos anda sempre tão irmanada que se confundem",

concluindo, agora literalmente com Vesteiro, que esses poetas concorreram "com as suas producções para cimentar o edificio da literatura nacional, do mesmo modo que se ia preparando a unidade politica espanhola com o grande impulso de Izabel a Catholica"

Mais se ia cunhando, pois, a ideia dumha literatura *provincial* a fazer parte do edifício *nacional* que construía Isabel a Católica, umha das grandes hidras para o regionalismo galego, paradoxalmente.

---

[791] Em casos como o desta citação, a fonte podia ser mesmo a do *Guía* de Rivera e Vázquez (1883:330-331), que, por sinal, tampouco citam fonte original…

[792] Idem.

> "Os poetas gallegos [prossegue a narração do padre Silvino tomada das páginas 138 e 139 da *Galería*] d'aquellas edades eram quasi sempre philosophos. Phenomeno que se explica pola influencia da litteratura de Petrarcha, em certo modo polas propriedades da raça peninsular e muito mais pela indole d'aquelles tempos, em que as batalhas e as guerras davam sempre ao horisonte um aspeto brumoso".

Poucas vezes, como pudemos ir verificando, aparece a mão autónoma do copista. Mas, à medida que avança o relatório, vai introduzindo pequenos matizes da sua autoria sobre o texto de Vesteiro. O trecho transcrito é boa prova disto. Por exemplo, onde o galego falava de filiação de Altamira ao género didático e o petrarquista, Silvino de Sousa fica só com o segundo; singular é o facto de que, pola segunda vez, introduz o âmbito da Península para caraterizar influências ou produções, quando para nada fala Vesteiro da *raça* peninsular, ficando-se polo de *raça* (que devemos entender aplicado apenas à galega). Estava Silvino de Sousa, ao que parece, empenhado em alimentar determinadas ideias *peninsularistas* (e não outras) como já dera mostras no *Te Deum* de 1903. E devia gostar particularmente de vulgarizar a imagem dumha época envolvida no «aspeto brumoso do horisonte", porque concede à expressão umha proeminência hierárquica que em Vesteiro não aparece.

Transcrevendo várias quadras do *seu* biografado acaba o colaborador de *A Aurora* este capítulo XIII (número 7.232)

Ainda os leitores da publicação vianense vão encontrar um décimo quarto capítulo dedicado à literatura galega, mesmo no número seguinte, o 7.233, de três dias mais tarde, do que era já o 49º ano de *A Aurora do Lima*. Ia ser o último, definitivamente, dos que nela iam aparecer, apesar do *Continua* que figura ao pé do texto. E, mais umha vez, dá a impressão de que o padre Silvino de Sousa queria tirar o maior partido ao que tinha traduzido das obras que lhe serviam de fonte; com efeito, agora começa o artigo com umha exposição sobre a fé, "palavra que é iman, palavra que tem magia, palavra que todos nós balbuciamos com as nossas crenças no berço, insuflados pelos labios inmaculados duma mulher e que no decorrer da vida sempre impulsiona nosso coração aos mais arrojados commetimentos"; e prosseguia o padre com razoamentos desta índole, tirados das três páginas (105 a 107) que González Besada destinara em 1887 a glosar o conceito. E se indicávamos esse desejo de aproveitar ao máximo o seu trabalho que se percebe no padre, é porque, separados por duas linhas de pontos, continuam após estas reflexões as notas sobre o Visconde de Altamira, sem para nada poder relacionar a *Fides* glosada com os comentários que seguem.

É, aliás, este, o capítulo em que o padre Silvino se conduz com a maior liberdade de todos os que levamos anotado.

Mesmo logo de falar da fé, aparecem aquelas alusões e discrepâncias do copista com a sua fonte:

> "O sr. Vesteiro Torres ha-de perdoar, mas não encontro que a *vida real do Visconde de Altamira vá de encontro com o fundo das suas obras*, como affirma na sua «Galleria de Gallegos Ilustres»".

Mostrava o padre a sua *erudição* e conhecimento da obra de Altamira, refutando a opinião de Vesteiro (147) no sentido de que "si no estuviera probado que muchas veces la vida real de un escritor se halla en abierta contradiccion con el fondo de sus obras, la historia del vizconde de Altamira haria patente el aserto", porque, acrescenta o padre, "Que importa que elle fosse um cavalleiro andante e que depois fosse um cruzado? O poeta é de todos os feitios; traduz o que sente na alma".

E ainda dava mais algum dado, lembrando a Vesteiro ("sabe muito bem o sr. Torres") "que ha factos na historia peninsular [mais umha vez a *península*] que isso tudo comprova".

Algum leitor haveria que interpretasse o *silêncio* de Vesteiro (não dando resposta a este e outros comentários de Sousa sobre a sua obra) como prova de que o galego dava a razão ao padre.

Silvino, por sua vez, continuava o seu raciocínio discrepante com Vesteiro; e dá como exemplo um episódio atribuído ao Visconde que o próprio Vesteiro achegava (147-148), não deixando porém de introduzi-lo falando do "nosso biografado", plural de autor. Enfim, que admoesta o padre ao coitado Vesteiro, lembrando-lhe a sua página 149:

> "Não merece a pena o sr. Vesteiro Torres chorar tanto polo Visconde de Altamira. Isso entre nós e entre vós era frequentíssimo.
> Morreu lá, mas deixou no emtanto algumha coisa, que se impõe á nossa admiração.
> As suas armas gloriosas doou-as á Hespanha, sua patria, que as conserva como tropheos da sua gloria, na *Armeria de Madrid*",

e conclui, capítulo e "Horas de estudo" dedicadas à "litteratura gallega" com a transcrição dum poema religioso do Visconde.

Assim pois aparecia a literatura galega nas páginas de *A Aurora*, ao longo de quase ano e meio. Não houvo outro sinal dela nos anos imediatamente posteriores. Era pois umha produção de nobres e/ou soldados, envolvidos naquelas brumas mítico-misteriosas, fazendo parte dum passado que dignificava a Galiza perante olhos portugueses, e dentro do conjunto espanhol, em que, por razões literárias, políticas, etc. era indefetivelmente inserida.

Dos trovadores galego-portugueses, nem rasto; e da produção regionalista da época também nada aparecia; e algumha cousa devia conhecer Silvino de Sousa da recente literatura galeguista, polo menos de Ruiz Aguilera (a quem, sem dúvida incluiria nela) e de Rosalia de Castro, porque, aliás, a ela e aos seus versos fazia alusão Besada justo nas páginas em que glosava o *Amor* (que com *Patria* e *Fides* formavam a tríade que como lema tinham os provençais), mesmo a seguir portanto das dedicadas à *Fides*.

Mas o seu *estudo* detivo-se no Visconde de Altamira; e a imagem que ficava em *A Aurora do Lima* era a dumha literatura que alcançara a sua maior glória no século XV, enfim não já na sua plena decadência, mas na sua inexistência se atendermos ao critério do uso linguístico. O que houvo antes, e o que agora havia de literatura galega (se houvo) não parecia tão relevante ou interessante.

De resto, o colaborador do bissemanário de Viana manejava umha bibliografia atrasada e, talvez, de circunstâncias. Era isso quiçá prova do escasso eco que ainda tinha a literatura do Ressurdimento galego e o seu estudo em Portugal.

Neste "final de relatório" da presença da literatura galeguista nos semanários nortenhos, podemos ainda fazer-nos umha última pergunta: era a praticamente simultânea informação que aparecia nas páginas de *O Regional* e de *A Aurora do Lima* sobre a literatura do além-Minho fruto dumha rivalidade informativa que encontrava no relacionamento com os meios de comunicação e colegas do Sul galaico a sua justificação? Ou então em acreditar cada umha a sua linha regionalista ou ainda *iberista* trazendo para as suas páginas um elemento de identificação e enlace como era a cultura galega? Não o podemos determinar; mas tudo parece indicar que não, porque nem numha nem noutra publicação aparecem alusões à rival. Mas não deixa de ser curioso o afá vulgarizador e a diferente orientação que a produção literária galega toma nelas; talvez dentro dumha consideração mais alargada da política informativa que seguiam, vinha a presença da literatura regionalista galega ou a daquela que Silvino de Sousa fazia perder-se nas brumas do tempo, fazer parte dela.

VI.3.4. A literatura regionalista galega noutras publicações não diárias portuguesas: umha literatura praticamente desconhecida

Na entrada do século XX, já o apontámos, a presença da literatura galeguista nas revistas literárias ou culturais portuguesas foi realmente escassíssima. De todas as publicações consultadas (a maior parte revistas propriamente), e para além das regionalistas *Aurora do Lima, O Regional* e *O Arcoense,* apenas em três, e de maneira normalmente indireta, temos notícia da produção literária regionalista galega. Assim, no *Novo Almanach das Lembranças luso-brasileiro para 1904* aparece na página 364-365, e entre duas charadas, o poema "Unha vez tiven un cravo", intitulado aqui com o rótulo do livro de *Follas Novas* a que pertence, "Vaguedás". O texto, com algum erro de transcrição, não aparece adaptado à grafia padrão portuguesa, e leva por toda a indicação, lembramos, o de "Poesia gallega", debaixo do título, entre parênteses, e o nome da autora, D. Rosalia Castro de Murguía. A sua publicação, num almanaque tão vasto como este, não parece obedecer a nengumha razão especial, salvo a da variedade que carateriza este tipo de compilações, onde o possível *pitoresquismo do dialeto* e a beleza do poema eram motivos suficientes. Por

Rodrigues Baptista (1989:60) conhecemos a existência de obras de Rosalia de Castro na sua biblioteca, algumha a ele dedicada pola autora[793] ao diretor do *Almanaque*, Xavier Rodrigues Cordeiro, com quem talvez mantinha algum tipo de relação, ou, muito mais provavelmente, a dedicatória era resultado de a poetisa galega ter "enviado ou mandado oferecer por Júlio de Castilho, a outros escritores portugueses coevos, polo menos a edição de *En las orillas del Sar*, como fizera, conforme observámos, ao poeta Rodrigues Cordeiro e à Biblioteca Nacional de Lisboa" (Baptista, 1989:62). O poeta de Leiria teria preferido no entanto um poema na língua autóctone para o seu *Almanaque*. O facto mostra, aliás, com clareza, o interesse de Rosalia por que a sua obra fosse conhecida em Portugal. Que para o grande público Rosalia não era conhecida mostra-o precisamente a indicação de *poesia gallega*, informação que poderia ser obviada se os responsáveis do almanaque julgassem o contrário.

Em 1906, torna a literatura galeguista às páginas dumha publicação que transcendia os limites nortenhos. Num artigo sobre Francisco Villaespesa publicado em *O Instituto*, entre as páginas 115 e 120 do Volume LIII, um jovem Professor da Escola Normal de Braga, Júlio de Lemos, a contextualizar rapidamente a literatura espanhola do momento, e depois de referir-se a Alfonso d'Armigñan, Antonio Carvajal, e Juan (Ramón) Jiménez, escreve:

> "Julio Camba, de qualquer localidade de Galicia, como Lopes Ferreiro, padre e romancista, Valentim de Lamas, diretor do *Eco de Orense*, e Heraclio Placer, o eximio regionalista dos *Contos da terriña*; Camba, segundo o descreveu um nosso camarada, é um rapazito imberbe, talvez dezenove [sic] annos, expulso da Argentina como anarchista. Subscreve a secção bibliographica da *Revista Ibérica* e as nossas lettras, na pessoa do lapidario de *Belkiss*, devem-lhe referencias honrosissimas".

No artigo, é difícil perceber um critério condutor. A seguir, dedica um parágrafo Júlio de Lemos a Antonio Machado e outro ao seu irmão Manuel, para acabar centrando-se na figura de Francisco Villaespesa. O que parece claro é que o jovem professor agrupa nas linhas transcritas os escritores galegos a que quer aludir. Se ela fosse umha representação da literatura galeguista seria francamente supreendente a escolha. Mas dá a impressão de que o estudioso, sem precisá-lo, seleciona apenas prosistas. Sendo assim, pode perceber-se algumha ausência, mas estão os mais representativos dos escritores regionalistas. Note-se como Júlio Camba, colaborador com vários textos em galego de, entre outras, *La Idea Moderna*, estava já a abrir-se caminho nos meios literários madrilenos, depois da sua passagem por Buenos Aires, atento como vemos à

---

[793] Rodrigues Baptista informa que na Biblioteca Municipal de Leiria, existem várias obras de Rosalia; entre elas *En las orillas del Sar*, com data de 1 de maio de 1885 e dedicatória de Júlio de Castilho a António Xavier Rodrigues Cordeiro, que diz assim: "Ao excellente Amigo e poeta, o bom Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro da parte da autora off. J. de Castilho. 1 de maio de 1885".

nova produção portuguesa, como o caso de Eugénio de Castro a que alude Júlio de Lemos.

Mas, embora a referência que transcrevemos seja vaga e um tanto enigmática, fica a primeira constância do que vai ser um intensíssimo contato de Júlio de Lemos com a literatura regionalista galega. Nascido em Ponte de Lima, em 1878, regionalista minhoto, Júlio de Lemos dedicou boa parte da sua atividade à cultura do Minho, o que o conduzirá ao encontro de muitos galeguistas, especialmente desde a sua posição como Secretário Perpétuo do Instituto Histórico do Minho. Já nestes anos aparecem testemunhos dessa atividade; por exemplo, em 1904[794], é anunciado como "Novidade litteraria" o seu *Campesinas. Quadros do Minho*, ao lado dos *Ares da Raya.* Amigo de Trindade Coelho e de João Verde, entre outros (no número em que João Verde faz o panegírico pola morte de Valentín Lamas Carvajal o poeta de Monção dedica um artigo a Lemos), o erudito minhoto era colaborador de vários jornais e revistas portuguesas como *Novidades, Aurora do Lima*, *Diário de Notícias*, etc. (Lisboa, coord., III, 1995:206), e fundará e dirigirá *Limiana* (1912), onde vão aparecer referências à literatura galeguista. Publicações tão díspares como *Vida Gallega* ou *Nós* vão ter Júlio de Lemos como colaborador. Este polígrafo será, enfim, um dos portugueses mais conhecidos e assíduos nos meios jornalísticos e intelectuais galegos nos próximos trinta anos.

Não obstante, nesta revista, que contava entre os seus colaboradores com escritores mui importantes para os contatos galego-portugueses presentes (Carolina Michaëlis de Vasconcelos) ou futuros (P. Lebesgue ou mesmo Raul Brandão), não se recebem publicações galegas, e a presença da Galiza limita-se a esta alusão e aos discursos de Bernardino Machado aos estudantes compostelanos. A Galiza não era, por si própria, objeto de atenção na publicação académica.

A terceira das referências à literatura galeguista da época que encontrámos já tivemos oportunidade de indicá-la. Trata-se do poema de Leite de Vasconcellos que publica a *Revista de Lisboa* de *La Voz de Galicia*[795]. "Versos em gallego" intitula a revista.

> "Temos presente um exemplar da *Voz de Galicia*, bem redigido semanario da Corunha, inserindo uma larga noticia acerca da estada n'aquella localidade do conhecido philologo portuguez Leite de Vasconcellos.
>
> O nosso compatriota foi convidado a assistir a um banquete em que estiveram presentes os mais abalisados escriptores e poetas da Galliza. Terminou a festa por um luzido sarau litterario.

[794] Número 157 de 11 de junho de 1904.

[795] Número 3, Ano II, novembro de 1902, p. 70.

> Leite de Vasconcellos, n'esse sarau, improvisou uns versos em lingua galega que por inspirados e curiosos, transcrevêmos, certos de que os nossos leitores o apreciarão devidamente".

Estas são as palavras introdutórias à transcrição do poema, cuja variante publicada coincide com a de *El Eco de Galicia* de Buenos Aires que mais acima transcrevemos. Alguns detalhes merecem ser, a nosso juízo, destacados.

Em primeiro lugar o facto de ser através dumha publicação de informação geral, *La Voz de Galicia*, como as notícias da vida cultural galega chegam a Lisboa. Prova esta circunstância que não existia nengumha via de comunicação literária ou cultural entre os núcleos regionalistas e os centros fundamentais do polissistema português, como acontecerá passados os anos. O intercâmbio de revistas não será umha realidade até à decada de dez, sendo definitivamente sólido e frequente com *A Nosa Terra* e Nós. De facto, a *Revista de Lisboa* diz receber várias publicações espanholas, mas não tem intercâmbio com nengumha galega.

Resulta evidente, por outro lado, que o interesse da *Revista de Lisboa* não se centra na literatura regionalista galega. É evidente que a atenção merece-a apenas o poema de Leite de Vaconcelos. Tanto é assim que, aludindo aos «mais abalisados escriptores e poetas da Galliza», a Redação não cita nengum dos que apareceriam na "larga noticia" do jornal, nem aproveita para fazer alusão a algum desses poetas nem à produção literária regionalista. E mui mal poderiam entender o poema de Leite os leitores da publicação se não tivessem algumha referência. Por exemplo, e supondo que os leitores conheciam os nomes de Rosalia de Castro, Curros Enríquez e Eduardo Pondal (plausível no caso dos dous primeiros, embora não com certeza, mui difícil no terceiro), mal poderiam perceber o sentido das palavras que eram transcritas em cursivo, *queixumes*, *piños*, *airiños*, que aludem a obras de Pondal e Curros ou a textos de Rosalia.

Interessava, pois, pôr em destaque o eminente filólogo, não as letras galegas, que sem dúvida ficavam ainda mui distantes dos objetivos da revista.

Em 1903 a *Revista de Lisboa*, que contava com colaboração de, entre outros, Júlio Dantas (e que, talvez tenha aqui um dos seus primeiros contatos com a literatura regionalista galega), finda, com o número 4 o seu percurso.

Enfim estes forom os testemunhos de maior interesse que encontrámos nas mais de setenta publicações consultadas neste período. Apenas nos semanários do Norte, parece-nos concluir-se, a Galiza e a sua literatura regionalista tivera eco. As restantes presenças não passam da anedota ou de crónicas puramente de circunstâncias, menos no caso do labor de Leite de Vasconcelos e, também, do de Teófilo Braga e Carolina Michaëlis, estes fundamentalmente por meio dos seus livros. Não será de estranhar pois que sejam escritores do Norte, diretores, redatores ou colaboradores de futuras publicações que, nos anos

posteriores, procederão a impulsar a vulgarização e a atenção em Portugal das cousas literárias galeguistas; e que recorram, sobretudo no início, aos estudos filológicos e históricos como via de preferência para o conhecimento dessa literatura: a literatura galeguista vai interessar, predominantemente, polo que dela se percebe de essencial, de lembrança do Passado, de autenticidade, de comunhão espiritual e cultural com Portugal; e os seus principais percetores serão, como consequência, os que postulam um nacionalismo e/ou regionalismo português que torne sobre a sua própria realidade; como farão os regionalistas minhotos desde o Instituto Histórico do Minho; ou Teixeira de Pascoaes com o saudosismo; ou Lopes Vieira, Correia d'Oliveira, etc. Depois, bastante depois, consolidada já a produção galeguista, virão também os contatos entre as vanguardas, e o alargamento de repertórios e de objetos de estudo, até conseguir umha pluralidade de relações que hoje dista muito de ser, polo menos, igualada.

Nesta altura, porém, a importância da literatura regionalista galega é ainda mui fraca em Portugal. Mesmo publicações nortenhas, vão reduzir as suas notícias culturais sobre a Galiza a informar da presença dumha companhia de zarzuela em Tui que depois vai representar em Viana, como é o caso de *O Minho* nos seus primeiros meses de vida. Nele colaboram pessoas que no futuro vão prestar intensa atenção à cultura galega, como Cândido de Figueiredo (núm. 104), Júlio Dantas (núm. 178) ou que desde havia muito anos vinham preocupando-se por ela, como o próprio Leite de Vasconcelos (núm. 118), mas não vão deixar por enquanto testemunhos sobre a Galiza. No entanto, a crescente atividade lusófila no País vizinho não vai passar totalmente despercebida em semanários como este. No número 92, de março de 1906, esta publicação de Viana faz-se eco da atividade editora de Peinador em Mondariz, Ponte Vedra, "aquella provincia irmã do nosso Minho", comentando que, "como homenagem á Portugal, onde se reuniu o Congresso de Medicina, o Álbum dedica umha pagina illustrada á Camões, o Principe dos Epicos Luzitanos, como lhe chama; e faz amaveis referencias ao nosso Paiz", amáveis referências mediante as quais vai constituindo-se a também a estação balnear em referência para setores da vida cultural portuguesa.

A literatura galega estava pois situada nas zonas confinantes do polissistema português: na sua periferia; onde ficou muitos anos, mas ficou. Essas periferias eram na realidade duas: a regional e a filológica.

E isso será decisivo. Porque essas breves referências serão ser o fardel para o caminho que a literatura regionalista e nacionalista galega vai percorrer para posições mais centrais do polissistema literário português. Sem elas dificilmente poderia avançar.

CONCLUSÕES

Muitas das conclusões que, em nossa opinião, é possível tirar da análise precedente foram já expostas nos capítulos correspondentes. Prescindiremos aqui então de reiterá-las, resumindo apenas aquelas linhas de força que nos parecem mais significativas a partir da interpretação dos dados e da caraterização do processo de relacional entre os anos selecionados.

a) Um projeto galeguista fundamentalmente conservador:

Para agentes e tendências protossistémicas emergentes, que proponhem e impulsam a constituição dum sistema autónomo e suficiente em relação ao sistema que domina o seu espaço social, esse processo pode encontrar sérios entraves na sua formulação se não conta com a anuência, os interesses nem a memória dos diversos setores populacionais que podem ser decisivos na materialização da proposta nesse espaço social. Quer dizer-se, se a comunidade sujeito da emancipação sistémica não conta com elites que contam na sua trajetória a memória de melhores situações e a constância de melhorar o seu bem-estar e posição num novo quadro sistémico. E se o conjunto do espaço social se mostra alheio a esse processo pola sua componente elitista de que calculam nengum benefício pode advir. Não deve esquecer-se que, regra geral, muitos dos interesses determinantes estão prendidos à lógica de participação e inserimento no sistema dominante.

Se isto é aplicável, na minha opinião, aos quadros teóricos que podemos calcular nestes processos, naqueles em que, por um lado, novos materiais, normas e modelos são invocados para dotar de legitimidade e credibilidade ao sistema, e, por outro, novas formas de relacionamento e alianças internas e externas são postuladas, o problema aumenta.

A necessidade de legitimação, que converte a proposta numha questão de dilema moral, conduz, aliás, necessariamente a ativar elementos do passado; a dotação de novos materiais postula umha nova aprendizagem, de insegurança e eventual perda de posições e funções que leva ao cálculo a todos os agentes. Já o mesmo facto de *averiguar* a tradição, com poucos meios e preterido polo sistema dominante, é novo entrave.

Quando, além disso, é invocada a necessidade de beneficiar, prolongar, fortalecer, um setor social preterido ou materiais dele, a complexidade aumenta.

Tudo conduz a problemas de mui difícil solução para os grupos impulsores: forçam a ativar aspetos do passado e da Tradição para dar base legitimadora ao projeto, leva, quase incontornavelmente, a mostrá-los como oferta para o presente, quando eles estão desativados e integrados na base legitimadora do sistema dominante, que não tem que a eles recorrer. A oferta converte-se em pouco atrativa e elitista, até para setores sociais dominados que calculam a sua emancipação só recorrendo aos materiais, normas e modelos do sistema dominante: desde o uso da língua a tentar adotar os modos dos grupos dominantes, modificando aqueles que são resultado do seu habitus e aparecendo como paródia de si mesmos. E o mesmo acontece, no sentido contrário, com as elites educadas no sistema dominante ao recorrer aos modos dos grupos dominados.

O prestígio (e os seus parâmetros elaborados polo sistema dominante) é interpretado e assumido como superior em geral às propostas que os agentes promotores do sistema emergente. Este conta com muitos mais recursos de imposição, persuasão e extensão da sua legitimidade. Umha legitimidade conseguida com mais meios e durante séculos, a do sistema dominante, num caminho e capacidades impossíveis de percorrer em poucos anos polo protos-sistema e os seus agentes…

Mas isso tudo, essas necessidades orgânico historicistas convertem o sistema em pouco atrativo, porque *o amador se converte na cousa amada*. Além do conservadorismo dos agentes, tende a converter os agentes em conservadores se este não se emancipam nas suas propostas, nesta altura, e do seu conservadorismo; nem recorrendo a um espaço legitimador do presente (língua, história, etc) como o português, porque recorrerom aos aspetos conservadores da elite. Quando não, como os outros, ao mundo populacheiro, picaresco, etc, costumista. Autodelimitarom um terreno de jogo pobre e insuficiente para concorrer com êxito no seu espaço social.

Forçado, aliás, a ser *reivindicador*, com o texto como *locus* privilegiado, e consequentemente *pragmatizante*, a insuficiência aumentava. Nasceu como um sistema quase *dóxico* e irremediavelmente pejado polo seu tom pragmatista e reivindicador, de primeiro justificar-se e recorrer a argumentos, esquecendo qualquer tipo de concorrência com o sistema espanhol e os outros sistemas normalizados

O contraste com a atitude e agência de Emilia Pardo Bazán e da sua *Revista de Galicia* é um vivo exemplo, por contraste, da quase irremediável parálise, da falta de proliferação e de oferta do sistema galeguista; sistema, aliás, em que não havia acordo sobre o seu sentido e utilidade no seu mesmo seio.

b) sobre a caraterização do sistema galeguista em si mesmo e no seu relacionamento com o polissistema português:

Duas literaturas de desigual Tradição e vida, umha emergente, a outra consolidada, apresentam traços significativamente diversos que convém clarificar à partida.

A análise realizada coloca-nos em posição de determinar com certa segurança o estado do sistema literário regionalista, ou, agora e por melhor dizer, o anfissistema galego. Talvez as suas caraterísticas fundamentais sejam as da sua precariedade, em todos os fatores considerados, e a indefinição resultante das tensões que no seu seio se verificam. Umha indefinição centrada particularmente em dous aspetos fulcrais: a *ubicação* sistémica a respeito do polissistema espanhol; e, em grande parte como consequência desta ambiguidade, a diferente consideração sobre o caráter e expansão do sistema regionalista, a *balouçar* entre dous extremos possíveis: a constituição dum subsistema espanhol ou a perspetiva dum polissistema galego. São fatores como este, como já indicámos, que nos decidem a falar de literatura regionalista galega e não de literatura galega. O caso da literatura no período nacionalista apresenta todavia um panorama mais complexo. A proliferação literária é um facto, e, timidamente, o galeguismo dessa altura dispõe já de algumhas instituições e mercados que oferecem garantias de sobrevivência. De resto, a *ubicação* polissistémica postulada polos grupos nacionalistas é já abertamente contrária à sua pertença ao polissistema espanhol. Tudo o dito pode fazer modificar a denominação, e falar como consequência já de *literatura galega*. Quanto a nós, a questão da *literatura nacional* fica em aberto, porque nem mesmo hoje a comunidade galega dispõe de mecanismos de controlo suficientes para poder afirmar umha literatura autónoma, umha *soberania literária,* o que nos parece determinante para poder definir umha literatura como própria dumha comunidade dada.

Para os que consideravam a hipótese dum polissistema galego, as suas possibilidades expansivas conheciam sérias travas; porque na prática, a única via de comunicação cultural era o polissistema espanhol. As Importações doutros sistemas era através, e paradoxalmente, do referente de oposição que chegavam. O problema estava ainda acrescentado polo facto de a vida literária galega estar dominada quase absolutamente pola presença da literatura espanhola.

c) polissistema português como referente de reintegração: entre o sistema interliterário e o polissistema galego-português:

A proliferação, então, a que podia proceder o sistema regionalista encontrava quase sempre esse obstáculo. E dizemos quase porque, e apesar das dificuldades

de comunicação, à literatura galeguista restava umha possibilidade: a Importação e transferência do polissistema português. A cultura lusa cedo se constituíra num referente para a galega; o seu referente de reintegração; representava portanto umha via de proliferação privilegiada. Mas, precisamente por isso, a sua consideração vai levantar a principal contradição que antes anotávamos; e em toda a sua dimensão: nem a determinados dirigentes do polissistema espanhol, nem a muitos do sistema regionalista, vai passar despercebido o facto de essa Importação pôr em risco a subalternidade galega a respeito da literatura espanhola. O aparecimento *em cena* de elementos do polissistema vizinho, primeiro pola via da legitimidade sistémica galega, e depois (e mais relevante) pola postulação dos seus modelos, coloca a hipótese da constituição dum sistema interliterário galego-português, ou lusófono mais largamente, se não mesmo um polissistema galego-luso. Tendo em conta aliás a importância da produção literária como concentradora de aspirações políticas e sociais, o perigo para os detratores das fórmulas citadas aparece ainda como maior força e evidência.

Esta situação, em que a consideração do referente de reintegração força os grupos do sistema a tomadas de posição, contribui a caraterizar as duas linhas que já no início são percetíveis no sistema regionalista.

Outro aspeto deve ainda ser considerado. O caráter *essencialista* da produção literária regionalista, coloca, já vimos, o sistema numha importante precariedade competitiva a respeito do seu referente de oposição, e a respeito também do fundamental objetivo de incorporar leitores. O repertório galego, extremadamente conservador, fica ainda reduzido nas suas possibilidades expansivas, dada a centralidade que o elemento folclorizante tem nele.

Um grupo, o mais vigoroso da época, vai tentar mudar esse estado de cousas. A seu entender, o sistema caminha para o seu desaparecimento. Se, enfrentando todos os cercos que analisámos, ainda encontra nos seus próprios utentes umha posição negadora do seu alargamento, pode ficar reduzido a um *idioma literario*, mas nunca conseguir ser *el idioma de un pueblo*.

É assim que, nos finais do século, a denominada *escola corunhesa* vai continuamente provocar o debate a respeito do sistema modelizante primário; e, ao mesmo tempo, Importar modelos e propor a sua transferência como tais. As tentativas de regeneracionismo sistémico (as únicas na altura) fazem-se então, como anos antes acontecera com a legitimição, por via da reintegração.

A estratégia do grupo corunhês vai então apoiar-se nos produtores portugueses; e, de entre eles, nos mais secundarizados e prestigiosos, centrais. A razão deste tipo de transferências explica-se tanto polas caraterísticas do sistema meta como pola índole do repertório perseguido polos regionalistas corunheses. Nesse quadro, o âmbito filorrepublicano compartido, liberal ou socialista

da altura, por diversos agentes galegos e portugueses facilitou o entendimento e o fluxo e a compreensão no relacionamento.

Para umha maior aceitação das propostas regeneracionistas estas não podiam colidir frontalmente com os repertórios que eram centrais na época. O sistema regionalista coincidia quase unanimemente na sua oposição às correntes literárias na moda da época, Naturalismo e poética francesa finissecular de preferência. Era então os modelos já considerados clássicos que melhor podiam cumprir a função proposta; e foi esse o tipo de Importação a que se deu maior impulso.

A alternativa que o núcleo corunhês apresentava foi pontualmente contestada em todos e cada um dos seus aspetos por diferentes grupos. Com relação às propostas reintegracionistas no sistema modelizante primário, e a sua institucionalização através da fundação dumha academia, o resultado foi complexo. Triunfará a linha institucionalista corunhesa, apoiada marcadamente polo *enclave* havanês, com o prestígio de Curros Enríquez (por mais que se valorize a ação de Fontenla). Mas, nesse mesmo referendo que a própria existência da Academia significava, o grupo reintegracionista vai ter ainda que apresentar dura batalha para que alguns aspetos da reforma que propunham fossem aceites. E, embora Carré entenda resolvida a questão, esta vai prolongar-se nas novas fases sistémicas, chegando até aos nossos dias.

Para já, a composição da Academia reflete expressivamente a situação de pacto (artificioso) a que se tinha chegado. Nengum grupo tinha o controlo da instituição, onde é evidente que a vontade *institucional* sobrepunha-se a qualquer outro objetivo.

Ora, o regionalismo corunhês conseguira finalmente impedir que o processo de deterioração sistémica avançasse. Mas, carente de forças suficientes para ocupar o lugar central do sistema, e, ao mesmo tempo, empenhados no novo desafio político que com a Solidaridad Gallega se abre em 1907, a literatura regionalista entra numha fase de estancamento. As transferências sistémicas postuladas cumpriram parcelarmente o seu cometido.

Os vinte anos do processo, no que diz respeito ao relacionamento galego-português, lograram assentar umha via de comunicação com o polissistema português, particularmente em três sentidos: com o núcleo de historiadores e filólogos mais ativo de Portugal; com alguns dos escritores que ocupavam posições semicentrais no polissistema português (mas não *organizadamente*) e com escritores regionalistas do Norte Português.

A receção da literatura galeguista em Portugal vai pois ter três vias de acesso possíveis nas décadas de dez e seguintes. A segunda delas vai ser a menos decisiva. Vai ser a primeira (onde incluímos também autores como Eugénio de Castro) que vai permitir que elementos do sistema regionalista

galego caminhem para o centro polissistémico português; especialmente com o movimento saudosista.

Mas a comunicação com o regionalismo português nortenho (também com os seus estudiosos) ocupará igualmente um papel fundamental na Importação portuguesa da literatura galeguista. A sua vulgarização (de caráter singularmente secundarizante e *filologizante*) nos semanários da região do Minho, fará que, anos passados, as novas publicações do norte dedicadas a estudos linguísticos, históricos, literários e etnográficos, transfiram materiais galegos; e que essa transferência conflua com os interesses dos saudosistas. Este fenómeno não é menor: conduz a interpretar os agentes regionalistas do Norte de Portugal o movimento galeguista nos mesmos termos com que olham a si mesmos; e o mesmo pode operar no caso galego em relação a esse Norte português; superar essa conceição regionalista para aparecer como constituindo umha entidade nacional singular pretendendo relacionar-se com os agentes da outra entidade nacional (Portugal no seu conjunto), era um obstáculo importante no relacionamento e na interlocução.

Mas vão passar anos: no momento do surto que tinha como cabeça Teixeira de Pascoaes, não existe na Galiza revista algumha que poda acolher (dada a classe de repertórios utilizados) a Importação portuguesa. As tentativas de transferência (numerosas) desde o *enclave* lisboeta, agora realmente poderoso) vão ver-se sistematicamente frustradas, incluindo o modernismo português da *Orpheu*. Só em 1917, consolidada *A Nosa Terra*, e sobretudo em 1920, com *Nós* (e todas as publicações satélite delas) vai ter a literatura nacionalista capacidade sistémica para a transferência (agora muito mais complexa) do polissistema português. Ainda que *capacidade* não implique abertura a todas as correntes.

O quadro geral do relacionamento é pois o que cabe esperar dum sistema emergente e um polissistema consolidado. O primeiro acolhe como central, por parte de algum dos seus núcleos, a transferência legitimadora e expansiva do seu referente, e provoca a contradição interna. O segundo, recebe, desde a sua periferia, os elementos mais secundários do primeiro, que, progressivamente, vão caminhar para o centro polissistémico do núcleo acolhedor.

De resto, podemos afirmar, sem medo ao erro, que o labor reintegracionista do regionalismo corunhês deixava afirmada a possibilidade de constituição dum sistema interliterário galego-português ou da integração do sistema galego num intersistema cultural de língua galego/portuguesa. Possibilidade que vai permitir aos diferentes constitutos da literatura das décadas futuras (regionalistas e nacionalistas) recorrer ao polissistema português em função dos seus interesses, por vezes usados na particular tensão que nunca abandonou o sistema galego. A linha corunhesa vai impor-se nessa fase, e ocupará mesmo um papel secundário no momento nacionalista. Mas

ela acarreta todas as vias e objetivos de que definitivamente vai nutrir-se a literatura nacionalista galega, cuja expansão e *ubicação* (agora decidida) no quadro do sistema interliterário galego-português fica consolidada já nos anos vinte.

d) os vários sentidos da Importação portuguesa:

Como vimos, a atenção prestada por determinados setores intelectuais portugueses à cultura galega, responde, desde o início, a um princípio de solidariedade com a terra irmã desprotegida. Essa atenção vai combinar-se com outros objetivos, entre os quais a investigação filológica e histórica, que leva os investigadores portugueses ao encontro com a Galiza, e a sua orientação ideológica que, frente aos modelos de entendimento ibérico procedentes da Espanha, opõe os resultantes da apreciação no Estado espanhol de várias nações históricas.

As tendências regionalistas e nacionalistas portuguesas vão também encontrar na Importação da cultura galega um elemento definidor do seu essencialismo. Casos singulares são os representados polo regionalismo minhoto e a "Renascença Portuguesa". O primeiro transfere algumhas normas e modelos do sistema regionalista, particularmente o procedente de Ourense. O segundo vai progressivamente encontrando na produção galeguista modelos exemplares. Não está, aliás, isento este tipo de relacionamento de interesse político na linha da do século XIX, agora diversificado nas diferentes correntes que se nucleiam em volta de órgãos de expressão como *A Águia*, *Seara Nova* ou as publicações ligadas ao Integralismo Lusitano.

Em definitivo, o relacionamento galego-português encontra na confluência de mui diversos interesses a sua razão de ser. A direção fundamental é sem dúvida a constituída polo movimento galeguista reintegracionista, imensamente maioritário já na década de vinte, constituído como um sistema perfeitamente definido no polissistema português.

Apenas a, por tantos conceitos, infeliz Guerra Civil espanhola vai cortar na raiz a direção citada; e fará regressar o sistema, no sentido de que falamos, a um estado de cousas similar ao descrito para a interferência galego-portuguesa de fim de século XIX.

Mas esse é já outro período, embora seja a mesma história...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMAD, A. (1987): "Jameson's Rhetoric of Otherness and the «National Allegory»," *Social Text* 7:3-25.

ALMUIÑA FERNANDEZ, C. (1980): "Aproximación a la evolución cuantitativa de la prensa española entre 1868-1930", *Investigaciones Históricas*, 2, pp. 295-343.

ALONSO MONTERO, X. (1970): *Constitución del gallego en lengua literaria*, Lugo, Ediciones Celta.

ALONSO MONTERO, X. (1977): *Lingua, literatura e sociedade en Galicia*, Madrid, Akal.

ALONSO MONTERO, X. (1988): "Prehistoria da Academia Galega (Á procura da norma culta de 1875 a 1905)", *Grial*, 99, pp. 8-18.

ALONSO MONTERO, X. (1991): "O día que se inaugurou a Academia Galega: o problema da(s) lingua(s)", em *Homenaxe ao Profesor Constantino García* (M. Brea e Femández Rei coord.), Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 7-18.

ALTABELLA HERNANDEZ, J. (1983): *Fuentes crítico-bibliográficas para la historia de la prensa provincial española*. Madrid, Universidad Complutense.

ALTABELLA, J. (1960): "Notas para una historia de la prensa en Orense", *La Gaceta de la Prensa Española*, 127. Madrid.

ANDRADE , A. (1885): *Viagem na Espanha*, Lisboa, Typographia Mattos Moreira.

BAKTHINE, M. (1987): *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*, São Paulo, Brasilia, Hucitec-Ed.Universidade de Brasília.

BAÑOS RODRÍGUEZ, A. (comp.) (1991): *Centenario dos primeiros Xogos Florais de Galicia. Tui 1891-1991*. Tui, Instituto de Estudios Tudenses.

BAPTISTA, A. Rodrigues (1986a): "A Presença de Rosalia nas Letras Portuguesas (de 1910 a 1930)", *Actas do Congreso Internacional sobre Rosalía de Castro e o seu tempo,* Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

BAPTISTA, A. Rodrigues (1986b): "O *Andeiro* de Evaristo Martelo Paumán. Um poema da Reintegração Ibérica", *Actas do I Congresso Internacional da Língua Galega-Portuguesa na Galiza*, Ourense, AGAL.

BAPTISTA, A. Rodrigues (1989): *A Obra e a figura de Rosalía de Castro em Portugal (de 1875 a 1954)*. Tese de doutoramento. Santiago de Compostela, Universidade de

Santiago de Compostela.

BARATA, J. de Oliveira (1991): "D. João da Câmara, realismo e regionalismo" em *História do Teatro Portugués*, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 297-302.

BARREIRO FERNÁNDEZ, X. R. (1977): *El levantamiento de 1846 y el nacimiento del galleguismo*, Santiago de Compostela, Pico Sacro.

BARREIRO FERNÁNDEZ, X. R. (1983): *Historia Contemporánea de Galicia*, 4 vols. Corunha, Gamma.

BARRETO, G. Moniz (1889) "A literatura portuguesa no século XIX", *Revista de Portugal*, 1. [Lisboa, lnquérito, 1962 (reimpressão)]

BARROS GUIMERÁNS, C. (1994): "Mitos de la historiografía galleguista", *Manuscrits: Revista d'història moderna*, 12, pp. 245-268.

BASSEL, N. (1991) "National Literature and lnterliterary System", *Poetics Today*, 12(4), pp. 773:780.

BELCHIOR, M. L. (1980): *Os Homens e os Livros 11 (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Verbo.

BELL, Aubrey F. G. (1931; reimp.) *A literatura Portuguesa. (História e Crítica)* (trad. de Agostinho de Campos e Barros e Cunha) Coimbra, Imprensa da Universidade.

BENTO, J. (1988): "A poesía entre dois séculos", *A Phala*, pp. 15-20.

BERAMENDI, J. G. (1987a): *El nacionalismo gallego en el primer tercio del siglo XX*. Tese de Doutoramento, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

BERAMENDI, J. G. (1987b): *El Nacionalismo Gallego en el primer tercio del siglo XX* (extrato da Tese Doutoral), Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

BERAMENDI, J. G. (1989): "Estructura e evolución da ideoloxía política de Castelao", *Actas doCongreso Castelao* (Beramendi e Villares eds.), vol. I, pp. 189-223.

BERAMENDI, J. G. (1990): "'Estructura ideolóxica básica do nacionalismo galego no primeiro tercio do século XX", em *O pensamento galego na historia (Aproximación Crítica)*, Barreiro Barreiro, X .L. coord., Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.

BERAMENDI, J. G. (1994) "Ethnos versus polis? On Method and Nationalism", *Actas do* Congreso Internacional Os Nacionalismos en Europa Pasado e Presente, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

BERAMENDI, J. G. (1995a): *O Nacionalismo Galego*, Vigo, Edicións A Nosa Terra.

BERAMENDI, J. G. (1995b): "A visión de Galicia na historiografia galeguista (1840-1940)", *Colóquio/Letra*s, 137/138, pp. 201-205.

BERAMENDI, J. e MÁIZ, B. (1991): *Los nacionalismos en la España de la II Repúblic*a, Beramendi e Máiz, eds., Madrid/Santiago de Compostela, Siglo XX e Consello da Cultura Galega.

BERAMENDI, J. G. e NUÑEZ SEIXAS, M. (1995): "The social origins of Galician Nationalism (1840-1936)", *Revue Canadienne des Etudes sur le Nationalisme*, no prelo.

BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA. Volumen dedicado a Portugal (1943) Ano XXXVIII, Tomo XXII, núms. 274-276, Setembro.

BONET CORREA, A. (1982): "Ronsel y el arte de vanguardia", na edición conmemorativa e facsímil, Barcelona, Sotelo Blanco.

BOTREL, J.F. e DESVOIS, J.M. (1994): "Las condiciones del a producción cultural", Vol. 6, Tomo 2, coord. José Carlos Mainer em *Historia y crítica de la literatura española*, coord. por Francisco Rico, Barcelona, Crítica, pp. 40-49.

BOURDIEU, P. (1989): "Les conditions sociales de la circulation intemationale des idées", *Cahiers d'Histoire des Littératures Romanes*, 1 (9) pp.1-10.

BOURDIEU, P. (1991): "Le champ littéraire", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 89, pp. 3-46.

BOUZA BREY, F. (1935): "Camoens e Pondal", *Nós* ,134 , pp. 25-30.

BOUZA BREY, F. (1948): "Textos y documentos. Escritos no coleccionados de Rosalía de Castro (IX)", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XIV, pp. 125-127.

BOUZA BREY, F. (1983): "Un poema non coleccionado de Resalía: 'Dend'as fartas orelas do Mondego'", *Grial*, 82: 499-500

BRAGA, T. (1877): *Parnaso Português Moderno,* Lisboa, Francisco Arthur da Silva editor.

BRAGA, T. (1885) "Prólogo" ao *Cancionero popular gallego*, de J. Pérez Ballesteros, Madrid, Biblioteca de las Tradiciones populares españolas.

BRIK, O. (1924):"El llamado 'método formal'", *Lef*, 1:213-215 em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 43-46.

BRUNEL, P. e CHEVREL, Y. (1989):"lntroduction", a *Précis de Littérature Comparée*, Paris, PUF, pp. 10-25.

CACHO VIU, V. e FOX, E. I. (1994): "Modernismo y 98 : primer suplemento", Vol. 6, Tomo 2, coord. José Carlos Mainer em *Historia y crítica de la literatura Española*, coord. por Francisco Rico, Barcelona, Crítica, pp. 16-30.

CAL MARTÍNEZ, R. e PÉREZ PAIS, M.C (1993): *Repertorio bibliográfico sobre a prensa galega* Santiago de Compostela, Edicións LEA.

CAPELÁN REY, A. (1991): "Arredor de dous ensaios de D. Armando Fernández Mazas", *A Trabe de Ouro*, 6, pp. 229-241.

CAPELÁN REY, A. (1994): *Contra a Casa da Troia*, Santiago de Compostela, Laiovento.

CARAMÉS MARTINEZ, X. (1993): *A imaxe de Galicia e os galegos na literatura castelá*, Galaxia, Vigo.

CARRÉ ALDAO (1903): *La literatura gallega en el siglo XIX*, Corunha, Librería Regional de Carré.

CARRÉ ALDAO, E. (1911): *Literatura Gallega*, Barcelona, Mauci.

CARRÉ ALDAO, E. (1919): "La imprenta y el periodismo en Vigo", *Boletín de la Real Academia Gallega*, Tomo 11.

CARRÉ ALDAO, E. (1991): *A imprenta e a prensa en Galicia* (Compilação), Corunha, Xunta de Galicia.

CARRÉ ALVARELLOS , E. (1934): "Galicia y Teófilo Braga" em *In memoriam do Doutor Teófilo Braga (1843-1924)*, Lisboa, lmprensa Nacional de Lisboa, pp. 175-176.

CARRÉ ALVARELLOS, E. (1960): "Apuntamentos pra a história das boas relaciós luso-galaicas", *Céltica. cadernos de estudo galego-portugueses*, 4 :274-278.

CARRÉ ALVARELLOS, L. (1953): *Manuel Curros Enríquez. Sua vida e sua obra (Ensaio bio-bibliográfico)*. Buenos Aires, Ediciones Galicia.

CARTAS DE CURROS ENRÍQUEZ A ANTÓNIO FEIJÓ (1939-1941), *Ocidente*, 18, 19, 21, 25 e 38.

CARTER, J. E. (1989): *Cadéncias Tristes. O universo humano na obra Poética de Cesário Verd*e. Lisboa, lmprensa Nacional-Casa da Moeda.

CARVALHO CALERO, R. (1960): "Os Eoas", em *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Figueira da Foz, Biblioteca-Museu Joaquim de Carvalho, pp 406-413.

CARVALHO CALERO, R. (1961): *Eduardo Pondal. Versos iñorados ou esquecidos*. Vigo, Galaxia.

CARVALHO CALERO, R. (1967): "Algunhas pegadas de Guerra Junqueiro nas literaturas hispánicas", *Primera y Segunda Asambleas Galaico-lusitanas. Actas y comunicaciones*, Madrid, pp. 211-221.

CARVALHO CALERO, R. (1971): *Sobre lingua e literatura galega*. Vigo, Galaxia.

CARVALHO CALERO, R. (1975): *Historia da literatura galega contemporánea*. Vigo, Editorial Galaxia.

CARVALHO CALERO, R. (1980): "Camoens e Pondal", *La Voz de Galicia*, 8.7.1980.

CASARES, C. (1980): *Curros Enríquez*, Vigo, Galaxia.

CASTELAO, Afonso Daniel Rodríguez (1977 [1944/ 1961: Buenos Aires, As Burgas; reimpr.: Akal)]: *Sempre en Galiza*, Madrid, AKAL.

CASTELO BRANCO, C. [(1879) 1989]: *Os Críticos do Cancioneiro Alegre*, em ALMEIDA, J. M., *Obras completas de Camilo Castelo Branco*. Porto, Lello & Irmãos – Editores.

CASTILHO, G. de (1980): *Vida e obra de António Nobre*, 3ª ed. revista e ampliada, Lisboa , Bertrand.

CASTRO, l. (1987): *A demanda da ortografia portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a comprensão da Questão que se lhe seguiu*, Lisboa, Sá da Costa.

CELMA VALERO, M.P. (1991): *Literatura y periodismo en las revistas del fin de siglo. Estudio e índices (1888-1907)*. Madrid, Ediciones Júcar.

CELMA VALERO, M.P. (1994): "El modernismo en la prensa: las encuestas", Vol. 6, Tomo 2, coord. José Carlos Mainer em *Historia y crítica de la literatura española*, coord. por Francisco Rico, Barcelona, Crítica, pp. 31-39.

CHERNOV, l. (1991): "National Literature: Theoretical Marginalia", *Poetics Today*, 12 (4), pp.769-772.

CHEVREL, Y. (1977): "Le discours de la critique sur les oeuvres étrangeres: Littérature comparée, esthétique de la réception et histoire littéraire nationale", *Cahiers d'Histoire des Littératures Romanes*, 3: 336-352.

CHEVREL, Y. (1984): "Le Naturalisme dans les littératures europeenes", em *Actes du Colloque lnternational de Nantes*, Nantes.

CHEVREL,Y. (1989a): "Les études de réception", em *Précis de Littérature Comparée*, Paris, PUF pp. 177-214.

CHEVREL, Y. (1989b): "Le text étranger : la littérature traduite", em *Précis de Littérature Comparée*, Paris, PUF, pp. 57-83.

COELHO, J. do Prado, (dir.). (1969): *Dicionário de Literatura*. 5 vols., Porto, Livraria Figueirinhas.

COELHO, J. do Prado (1977): *A letra e o leitor,* Lisboa, Moraes Editores.

COSTA RICO, A. (1980): *O ensino en Galicia. Problemática e perspectivas*, Corunha, Edicións do Cerne.

COUCEIRO FREIJOMIL, A. (1953): *Diccionario Bio-bibliográfico de escritores*, 3 vols., Santiago de Compostela, Editorial de los bibliófilos gallegos.

CUADRADO FERNÁNDEZ, P.-E (1988): "Presencia española en las revistas literarias portuguesas: Medio siglo (y algo más) de cautelosas aproximaciones y precipitados desistimientos", *República de las Letras*, 21, pp. 183-190.

CUEVAS, C. (1986): "Introducción" a, Rueda, S.: *Canciones y Poemas. Antología concordada de su obra poética* Madrid, Editorial C.E.U.R.A.

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL (1965), dirigido por Joel Serrão, 4 vols. Lisboa, 1965-1971.

DURÁN, J.A. (1972): "Prensa, política y cultura en los años diez". *Estudios de Información*, 21/22, pp. 41-83.

DURÁN, J. A. (1974) *Crónicas 1. Agitadores, poetas, caciques, bandoleros y reformadores en Galicia*, Madrid, AKAL.

DURÁN, J. A. (1977): *Agrarismo y movilización campesina en el país gallego (1875-1912)*, Madrid, Siglo veintiuno.

DURÁN, J. A. (1981): *Crónicas 3. Entre La Mano Negra y El Nacionalismo Galleguista*, Madrid, Akal.

DURAN, J.A. (1986): *Crónicas IV. Conflictos de hoy, historias románticas y diarios modernos*, Madrid, Akal.

EICHENBAUM, B. (1929):"El ambiente social de la literatura", *Moi vremennik: Slovesnost', nauka, kritika, srnes'*, pp. 49-58 (Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 239-250.

ESTRELA, E. (1993): *A Questão Ortográfica. Reforma e Acordos da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Notícias.

EVANGELISTA, J. (1955): "João Verde, Fialho e a Galiza", *Quatro Ventos*, 7: pp. 84-90.

EVANGELISTA, J. (1959): "João Verde . Poeta minhoto" *Vieiros*, núm extraordinário de Verão.

EVEN-ZOHAR, l. (1986a): "Language Conflict and National ldentity", em *Nationalism and Mod*ernity: *A Mediterranean Perspective*, Joseph Alpher editor. New York: Praeger e Haifa.

EVEN-ZOHAR, l. (1986b): "The Quest for Laws and its lmplications for the Future of the Science of Literature", em *The Future of Literary Scholarship*, Vajda, G.M. e Riesz, J. editors, Franqueforte.

EVEN-ZOHAR, I. (1990): "Laws of Literary lnterference", *Poetics Today*, 11(1): 53-72.

EVEN-ZOHAR, I. (1990): "System, Dynamics, and lnterference in Culture: A Synoptic View", *Poetics Today* 11(1): 79-85.

EVEN-ZOHAR, l. (1990): "Polysystem Theory", *Poetics Today*, 11 (1): 85-96.

EVEN-ZOHAR, l. (1979): "'Polysystem Theory", *Poetics Today* 1(1-2): 287-362.

EVEN-ZOHAR, l. (1990): "The 'Literary System", *Poetics Today*, 11(1) 27-44.

EVEN-ZOHAR, l. (1990): ''The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem", *Poetics Today* 11(1): 45-52.

EVEN-ZOHAR, l. (1993): "A Función da literatura na creación das nacións de Europa", *Grial*, 120:441-458.

FERNÁNDEZ DEL RIEGO, F. (1983): *Anxel Casal e o Libro Galego*. Corunha, Edicións do Castro.

FERNANDEZ PULPEIRO, J. C. (1981): *Apuntes para la historia de Ja prensa. del siglo XIX en Galicia*. Sada, Ediciós do Castro.

FERREIRO, M. (1992): *Pondal: do dandysmo á loucura (biografía e correspondéncia)*, Santiago de Compostela, Laiovento.

FERRO, A.(1933): *Prefácio da República Espanhola*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

FIGUEIREDO, F. de (1935): *Características da Litteratura Hespanhola*, Santiago de Compostela, Publicaciones del Instituto de Estudios Portugueses.

FIGUEIREDO, F. de (1944): *História literária de Portugal (séculos XII-XX)*. Coimbra, Nobel.

FIGUEIREDO, F. de (1955): *Literatura portuguesa, desenvolvimento histórico das origens à actualidade*, Lisboa, A Noite.

FIGUEIREDO, F. de [1971(1935)]: *Pirene. Introducción a la historia comparada de las literaturas portuguesa y española*, Madrid, Espasa-Calpe.

FIGUEROA LORENZANA, A. (1988): *Diglosia e texto*, Vigo, Xerais.

FIGUEROA LORENZANA, A. (1992a): "Texto e recepción en situación diglósica" em *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Santiago de Compostela, Dirección Xeral da Cultura, pp. 383-385.

FIGUEROA LORENZANA, A. (1992b): "Literatura nacional e sistema literario", *Trabe*, 11, III, pp. 399-407.

FIGUEROA LORENZANA, A. (1995a): "Literatura, sistema e lectura", *Anuario de Estudios Literarios Galegos*, pp. 97-107.

FIGUEROA LORENZANA, A. (1995b): "Lectura e ensino da literatura estranxeira" em *Estudios en Homenaxe ás profesoras Françoise Jourdan Pons e Isolina Sánchez Regueira*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela; pp. 383-390.

FREIXEIRO MATO, X.R. (1992): *A cara oculta de Noriega Varela (biografía e textos esquecidos)*, Santiago de Compostela Laiovento.

GABRIEL N. (2013): "El proceso de alfabetización en Galicia: un intento de explicación y comprensión" *Historia de la Educación*, 32(0): 289-313. https://revistas.usal.es/index.php/0212-0267/article/view/11294

GARCÍA, C. (1986): "El castellano en Galicia", em *El Castellano actual en las comunidades bilingües de España*, AA.VV., Salamanca, Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, pp. 49-64.

GONÇALVES VIANA (1904): *Ortografia Nacional*, Lisboa,Viuva Tavares Cardoso 1904.

GONZÁLEZ MILLÁN, X. (1990):"*Cantares Gallegos*. O rexurdimento dun sistema menor" em *Homenaxe a Ramón Martínez López,* Seminário de Estudos Galegos, Corunha, Ediciós do Castro.

GONZÁLEZ MILLÁN, X. (1991): Silencio, parodia e subversión. Cinco ensaios sobre narrativa galega contemporánea. Vigo, Xerais.

GONZÁLEZ MILLÁN, X. (1992): "A configuración historiográfica dunha literatura nacional", *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Dirección Xeral de Cultura, [Santiago de Compostela], pp. 445-452.

GONZÁLEZ MILLÁN, X. (1994a): *Literatura e Sociedade en Galicia (1975-1990),* Vigo, Xerais.

GONZÁLEZ MILLÁN,X. (1994b): "As literaturas do 'Terceiro Mundo': os termos dunha Polémica", *A Trabe de Ouro*, 13 (1), pp. 67:77.

GONZÁLEZ SEOANE, E. (1992): *A ortografía e a gramática do galego nos estudios gramaticais do século XIX e primeiros anos do XX*, Tese de Doutoramento, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

GONZÁLEZ SEOANE, E. X. (1996): "O debate sobre a independencia do galego na última década do século XIX", em: *Homenaxe á profesora Pilar Vázquez Cuesta*, coord. por Ramón Lorenzo Vázquez e Rosario Álvarez Blanco, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 121-131.

GRÁCIO, R. (1971): "Ensino Primário e Analfabetismo", in *Dicionário de História de Portugal* (dir. Joel Serrão), Lisboa, vol. II, p. 51.

GRAN ENCICLOPÉDIA CATALANA (1976) Barcelona, Group Enciclopèdia catalana.

GRAN ENCICLOPEDIA GALLEGA (1974) 32 Vols. Gijón, Silverio Cañada ed.

GUEREÑA, J.-L. (1982): "Las estadísticas oficiales de la prensa (1867-1927)", em *Metodología de la historia de la prensa española: [Seminario... celebrado en la Universidad de Pau en noviembre de 1979*], 1982, pp. 81-118.

GUILLÉN, C. (1985:): *Entre lo uno y lo diverso. Introducción a la literatura comparada*. Barcelona, Crítica.

GUIMARÃES, F. (1982): *Simbolismo, modernismo e vanguardas*, Vila da Maia, Impresa Nacional-Casa da Moeda.

GUIMARÃES, F. (1988): "O Saudosismo", *A Phala*, pp. 29-32.

GUMBRECHT, H. U. (1987): "Consecuencias de la Estética de la Recepción; o La Ciencia literaria como Sociología de la comunicación" em *Poética*, 7 1975, pp., 288-413 (trad. de Joaquín César Garrido Medina em *Estética de la recepción*, Madrid, Arco/Libros.

HERCULANO, A. (1969): *O Galego. Vida, ditos e feitos de Lázaro Tomé*, Lisvoa,Livraria Bertrand, 1969.

HERMIDA GARCÍA, M. (1987): *As revistas literarias en Galicia na Segunda República*, Sada, Ediciós do Castro.

HERMIDA GULÍAS, C. (1987):"Leite de Vasconcelos e o galego. Notas sobre un artigo esquecido", *Verba*,14, pp. 489-496.

HERMIDA GULÍAS, C. (1990): *A recuperación da conciencia idiomática (1840-1891).* Tese de Doutoramento, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

HERMIDA GULÍAS, C. (1991): "A consideración social do galego no século XIX e os intentos de modificala", *em Homenaxe ó Profesor Constantino García*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 95-103.

HERMIDA GULÍAS, C. (1992): *Os precursores da normalización. Defensa e reivindicación da lingua galega no Rexurdimento (1840-1891)*, Vigo, Xerais.

HERMIDA GULÍAS, C. (1996): "Galego e portugués durante o século XIX (1840-1891)" em: *Homenaxe á profesora Pilar Vázquez Cuesta*, coord. por Ramón Lorenzo Vázquez e Rosario Álvarez Blanco, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 107-119.

HINTERHÄUSER, H. (1994): "Fin de siglo y Modernismo: primer suplemento", Vol. 6, Tomo 2, coord. José Carlos Mainer em *Historia y crítica de la literatura española*, coord. por Francisco Rico, Barcelona, Crítica , pp. 77-81.

ISER, W. (1980a): "lnteraction between Text and Reader" em *The Reader in the Text* (Suleiman e Crosman editores), Princeton, University Press Princeton pp. 106-119.

ISER, W. (1980b): "The Reading Process: A Phenomenological Approach" in *Reader-Response Criticism. From Formalism to Post-structualism* (Jane P. Tompkins, ed.), Baltimore, Maryland ,The Johns Hopkins University Press, pp. 50-69.

ISER, W. (1987): *El Acto de Leer*. (trad. do alemão J.A.Gimbemat,trads. do inglês Manuel Barbeito), Madrid, Taurus.

JAKOBSON, R. (1921) "Sobre el realismo en el arte", Cerven: Proletkult, Komunism, Literatura, Nové Umení, pp. 300-304, em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 157-168).

JAKOBSON, R. e TYNJANOV, J. (1928): "Los problemas del estudio de la literatura y de la lengua", *Novyi Lef*, 12:35-57, em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 269-272.

JAMESON, F.(1986): ""Third- Literature in the Era of Multinational Capitalism", *Social Text*, 15, pp. 65-88.

JAUSS, H. R. (1978): *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard.

JAUSS, H.R. (1987): 'El lector como instancia de una nueva Historia de la literatura", em *Poetica*, 7, 1975, pp. 325 a 344 (trad.de Adelino Álvarez em *Estética de la recepción*), Madrid, Arco/Libros.

JAUSS, H.R. (1988): *Pour une herméneutique littéraire*, Paris, Gallimard.

LAMBERT, J. (1983): "L'eternelle question des frontières: littératures nationnales et systemes littéraires" em *Langue, Dialecte, Littérature. Études romanes a la memoire de Hugo Plomteux* (Anglet, C. Melis, L., Mertens, F.J. e Musarra ed), Lovaina, Leuven University Press.

LAMBERT, J. (1986): "Les relations littéraires intemationales comme probleme de reception", *Oeuvres et Critiques* 11(2), pp0.: 173-189.

LAMBERT, J. (1987): "Un modèle descriptif pour l'étude de la littérature, la littérature comme polysystème", *Contextos*, V,9, pp. 47-67.

LAPA, M. Rodrigues (1983): "A reintegração linguística galego-portuguesa-Um drama que afecta a nós todos", *Nova Renascença*, 1, pp. 321-329

LEDO ANDIÓN, M. (1982): *Prensa e galeguismo. Da prensa galega do XIX ao primeiro periódico galego*. Sada, Ediciós do Castro.

LEITE DE VASCONCELOS, J. (1881) "Á Galliza", Porto, Typographia Nacional *(Homenagem a Caderón de la Barca*). Reproduzido em *Grial*, 56, 1977, pp. 233-236.

LEMOS, J. (1959) "Minho-Galiza", *Vida Gallega*, II época, Novembro-Dezembro, pp. 32-33.

LÉVI-STRAUSS, C. (1978): *Myth and Meaning* Toronto, University of Toronto Press.

LISBOA, E., ed. lit. ; (1985-1994). - *Dicionário cronológico de autores portugueses.* (Vols. I-III) Mem Martins, Europa América.

LITVAK, L. (1990): *España 1900: Modernismo, anarquismo y fin de siglo*, Barcelona, Anthropos.

LITVAK, L. (1994): "Sobre el decadentismo español' em Historia y crítica de la literatura española, Vol. 6, Tomo 1, coord. José Carlos Mainer em *Historia y crítica de la literatura española*, coord. por Francisco Rico, Barcelona, Crítica,pp. 96-101.

LOPES, Ó. (1973): *Literatura portuguesa (História Ilustrada das Grandes Literaturas)*, 2 vols., Lisboa: Editorial Cor.

LÓPEZ FERNÁNDEZ,T. (1991): *Névoas de antano. Ecos dos Cancioneiros galego-portugueses no século XIX*, Santiago de Compostela, Laiovento.

LÓPEZ FERNÁNDEZ, T. (1993): *A recuperación da tradición lírica medieval en Galicia: o Neotrobadorismo*. Tese de doutoramento, Corunha, Universidade da Coruña.

LÓPEZ-SUEVOS, R. (1984) "A indigencia da cultura espanhola perante a diversidade lingüística peninsular: o caso paradigmático de Miguel de Unamuno", *Actas do Primeiro Congresso Internacional da Língua Galega-Portuguesa na Galiza*, Ourense, AGAL, pp. 45-52.

LOTMAN, J. M. (1977): "The Dynamic Model of a Semiotic System", *Semiotica*, 21 (3-4) 193-210.

LOTMAN, J. M. (1988): *Estructura del texto artístico* (trad espanhola de Victoriano lmbert), Madrid, Istmo.

LOTMAN, J. M.; USPENSKIJ, B.A. et alii (1975) "Theses on the Semiotic Study of Cultures (as Applied to Slavic Texts)", em Sebeok Thomas A. (ed.), *The Tell-Tale Sign: A Survey of Semiotics*. Lisse, Peter de Ridder, pp. 57–84.

LOTMAN, J. M.; USPENSKIJ, B.A., MIHAIYCHUK, G. 1978): "On the Semiotic Mechanism of Culture", *New Literary H*istory, 9, 2, pp. 211-232.

LOURENÇO , E. (1982): *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

LUCA DE TENA, G. (1976): *Lengua, cultura y periodismo en Galicia (1876-1936),* Madrid, *Cuadernos para el Diálogo.*

MACHADO, Á. M. e PAGEAUX, D.-H. (1988): *Da literatura comparada a teoria da literatura*, Lisboa, Edições 70.

MÁIZ, R (1984): *O rexionalismo galego: organización e ideoloxía (1886-1907)*, Corunha, Ediciós do Castro.

MÁIZ, R. (1989): "Volksgeist vs. raza: o concepto de nación en Castelao", en J. G. Beramendi & R. Villares, eds., *Actas Congreso Castelao*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela / Xunta de Galicia / Fundación Castelao, pp. 237-279.

MÁIZ, R. (1991): "Federalismo y nación en el discurso del nacionalismo gallego de la II República", en J. G. Beramendi & R. Máiz, comps., *Los nacionalismos en la España de la II República*, Santiago de Compostela / Madrid, Consello da Cultura Galega / Siglo XXI de España Editores, pp. 377-404.

MARÇAL, H. (1954): "O significado do vocábulo «galego» e a sua extensão na etnografia e no folcklore", *Douro Litoral*, sexta série, I-XI, pp. 3 -16.

MARCOS DE DIOS, Á. (1978): *Epistolario portugués de Unamuno*, Paris , Fundação Calouste Gulbenkian.

MARCOS DE DIOS, Á. (1980): "El iberismo de Unamuno", em *Homenaje a Camoens,* pp. 151-171, Granada, Universidad de Granada.

MARCOS DE DIOS, A. (1987) "Unamuno e a 'Renascença Portuguesa', *Nova Renascença*, 27-28, pp. 296-305.

MARGARIDO, A. (1988): "As revistas literarias", *A Phala*, pp. 227-232 .

MARQUES, A .H. de Oliveira (1971): *A Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Horizonte.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1973): *Guia da História da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Estampa.

MARTÍNEZ PEREIRO, C. P. (1991): O Morgado de Fafe em Lisboa*, Camilo Castelo Branco*; edição e estudo, *Cadernos da Escola Dramática Galega*, 93, p. 5.

MENDEZ FERRÍN, X.L. (1984): *De Pondal a Novoneyra*. Vigo, Edicións Xerais de Galicia.

MIGNOLO, W. (1991a): "Canons A(nd) Cross-Cultural Boundaries (Or, Whose Canon Are We Talking About?" *Poetics Today*, 12 (1), pp. 1-28.

MIGNOLO, W. (1991b): "Canon and corpus: an alternative view of Comparative Literary Studies in colonial situations", *Dédalus*, 1, pp. 219-244.

MOLINA, C.A. (1984a): *La revista Alfar y Ja prensa literaria de su época (1920-1930)*, Corunha, Edicións Nós.

MOLINA, C.A. (1984b):"Panorámica de la prensa literaria en los años treinta" em Literatura y compromiso" em *Homenaje al poeta Juan Gil-Albert*, pp.47-67. Valência, Exma. Diputación de Valencia.

MOLINA, C. A. (1989): *Prensa Literaria en Galicia*, [(1809- 1920) e (1920-1960)], 2 vols., Vigo, Edicións Xerais.

MONTERO SANTALHA , J.M (1989) "*Ares da Raia*, de João Verde", Agália, 19,, pp. 406-410.

MURGUÍA, M. (1865): *Historia de Galicia* Lugo, Imprenta de Soto Freire.

MURGUÍA, M. (1885): *Los Precursores*, Corunha, Biblioteca Gallega.

MURGUÍA, M. (1888): *Galicia*, Barcelona, Establecimiento tipográfico-editorial de Daniel Cortezo y Cia.

MURGUÍA, M. (1889): "El regionalismo gallego: ligeras observaciones por Manuel Murguía al discurso leído por el señor D. Antonio Sánchez Moguel en su recepción en la Real Academia de la Historia de Madrid el 8 de diciembre de 1888", Havana, Imp. y Papelería "La Universal" de Ruiz y Hno.

NÚÑEZ SEIXAS, X. M. (1992a): "Portugal e o galeguismo ata 1936. Algunhas consideracións históricas", *Grial*, 30: 113, pp. 61-77.

NÚÑEZ SEIXAS, X. M. (1992b): *O galeguismo en América (1879-1936)*, Sada, Edicións do Castro.

PAGEAUX, D. H. (1989) "De l'lmaginarie culturelle a l'imaginaire", em *Précis de Littérature Comparée*, Paris, PUF, pp. 133-162.

PAGEAUX, D. H. (1994): *La littérature générale et comparée*, Paris, Armand Colin.

PALOMARES IBÁÑEZ, J. (1982): "As estadísticas da prensa periódica e a prensa de Galicia". *Grial*, Anexo 1. *Historia*, pp. 37-65.

PALOMARES IBÁÑEZ, J. (1983) "Prensa política en Galicia: la prensa periódica compostelana (1875-1936)", *Investigaciones Históricas*, 4, pp. 393-432.

PARDO BAZÁN, E. (1888): *De mi Tierra*. Corunha, Tipografía de la Casa de la Misericordia.

PAYÁ BERNABÉ, J. (1986): "Ignorados artículos de Martínez Ruiz en El Motín", *Anales Azorinianos*, III, pp. 81-118.

PEDREIRA, L. (1894): *El regionalismo en Galicia*, Madrid.

PENSADO, J. L. (1985): *Galicia, el gallego y sus gentes*, Corunha, La Voz de Galicia.

PEREIRA , J. C. Seabra (1975): *Decadentismo e simbolismo na poesía portuguesa*. Coimbra, Coimbra editora.

PEREIRA , J. C. Seabra (1979): *Do fim-de-século ao tempo de Orfeu*. Coimbra, Livraria Almedina.

PÉREZ BALLESTEROS, J. (1885): *Cancionero popular gallego*, 3 vols., Madrid, Librería de Femando Fé.

PÉREZ PAIS, M. del C. (1974): "Prensa" em *Enciclopedia Gallega*, t. XXV, Santiago de Compostela, Silveiro Cañada, ed., pp. 482-484.

PÉREZ PAIS, M. del C. (1976): *La prensa en la provincia de Pontevedra durante a 2 República*. Memoria de Licenciatura. Madird, Universidade Complutense.

PÉREZ PAIS, M.del C. (1984): *La prensa gallega durante la 2 República*. Tese de Doutoramento, IV tomos. Madrid, Universidad Complutense.

PILLADO MAYOR, F. (1990): *A Escola Rexional de Dec*lamación, Agália, 23, pp. 289-299.

PIRES, D (1986): *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, Lisboa, Contexto Editora Lda.

PORTO UCHA, S. (1989): "Bernardino Machado e a Institución Libre de Enseñanza", *Nós*, 13-18, 436-442.

QUADROS, A. (1989): *A ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos últimos 100 anos*, Lisboa, Fundação Lusíada.

RABUNHAL CORGO, H. (1994): *Textos e contextos do teatro galega 1671-1936* Corunha, Laiovento.

RAMOS, R. (1988): "Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo", *Análise Social*, XXIV (103-104), pp. 1067-1145.

RAMOS, R. (1994) *História de Portugal. A Segunda Fundação*, Lisboa, Estampa.

RAMOS, R. (1998): "«O chamado problema do analfabetismo": as políticas de escolarização e a persistência do analfabetismo em Portugal (séculos XIX e XX)", *Ler História*, 36, pp. 45-70.

REBELLO, L. F. (1979): *O teatro simbolista e modernista*, Amadora, Instituto da Cultura Portuguesa.

REIMUNDE NOREÑA, M. D. (1989): *Hispanomérica en las revistas gallegas (1914-1936)*. Tese de Doutoramento, Madird, Universidad Complutense.

REIS, C. (1992), "Criação literaria e periferismo cultural: para una ideologia da marginalidade", *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Dirección Xeral de Cultura, [Santiago de Compostela], 461-466.

RIBEIRO, M. A. (1994): *Realismo-Naturalismo*, vol. VI da *História e Crítica da Literatura Portuguesa*, (coord. Carlos Reis), Lisboa-São Paulo, Verbo,Aranha, Pedro W. Brito Mouvement de la press périodique en Portugal de 1894 a 1899, Imprensa Nacional, Lisboa, 1900.

RIBERA LLOPIS, J. M. (1983): "Contribución al estudio d las relaciones literarias lusogalaicas (1900-1939)", *Revista de Filología Románica*, 1, pp. 193-212.

RISCO, V. (1984): "Cartas a Antón Lousada Diéguez", *Grial*, 22: 86, pp. 469-478.

RIVERA CASCUDO, M. (1992 "Lugris Freire:'Umha pátria, um idioma", *Agália*, 3, pp. 373-377.

ROCHA, C. (1985): *Revistas Literárias do século XX em Portugal*. Vila da Maia, Impresa Nacional-Casa da Moeda.

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, F. (1972): *A evolución ideolóxica de M. Curros Enriquez*, Vigo, Galaxia.

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, F. (1988) *Análise sociolóxica da obra de Rosalía de Castro*. Vigo, AS-PG.

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, F. (1990) *Literatura galega comtemporánea (problemas de método e interpretación)*.Vigo, Edicións do Cúmio.

RODRÍGUEZ VALCÁRCEL, Mª X. (1993): *Lingua e Literatura galegas en* El Regional. LEA, Santiago de Compostela.

ROMERO ORTIZ, A. (1969): *La literatura portuguesa en el siglo XIX: estudio literario*. Madrid: Tipografía de Gregorio Estrada.

RUEDA, S. (1986): *Canciones y Poemas. Antología concordada de su obra poética* (edição de Cristóbal Cuevas), Madrid, Editorial C.E.U.R.A.

SÁ, M.d G. Moreira (1989): *Expressões da estética da saudade em Teixeira de Pascoaes*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada na Univ. de Lisboa, Lisboa.

SÁINZ DE ROBLES, F. C. (1964): *Ensayo de un diccionario de la literatura. Tomo II: escritores españoles e hispanoamericanos*, Madrid.

SÁNCHEZ ARANDA, J.J. (1992): *Historia del periodismo español: desde sus orígenes hasta 1975*. Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra.

SÁNCHEZ REY, M. C. (1992): "O eco de Alén Miño na xeración Nós", *Grial*, 113, pp.5-19.

SANTOS GAYOSO, E. (1990): *Historia de la prensa gallega 1800-1986*. Sada, Ediciós do Castro.

SARAIVA, A. J. (1946): *Para a história da cultura em Portugal*, 2 vols. Amadora, Livraria Bertrand.

SARAIVA, M. L., ed. (1980): *Luís de Camões. Lírica completa. Sonetos*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

SARAIVA, A. J. e LOPES, Ó. (1985): *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora.

SCHMIDT, S. J. (1987): "La comunicación literaria" [*Strategies discursives*, 1978, pp. 19-31], (trad de José A. Mayoral) em *Pragmática de la comunicación literaria*, Madrid, Arco/libros.

SERRÃO, J. (dir.) (1971): *Dicionário de História de Portugal*, 4 vols. Lisboa, Iniciativas Editoriais.

SHEFFY, R. S. (1990): ""The concept of Canonicity in Polysystem Theory", *Poetics Today*, 11(3), pp.: 511-522.

SHKLOVSKIJ, V. (1926ª): "Un caso ineptamente defendido por mí", Tret'ia fabrika, 88-89 269-272, em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el*

grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 57-58.

SHKLOVSKIJ, V. (1926b) "Carta a Tynjanov", Tetr'ia fabrika, 98-100, em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 59-61.

SHKLOVSKIJ, V. (1929a) "La conexión de los procedimientos de la composición del siuzhet con los procedimientos generales del estilo", *O teorii prozy*, 24-67, em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 123-156.

SHKLOVSKIJ, V. (1929b) "Rozanov: La obra y la evolución literaria" O teorii prozy, 226-230 em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 171-176.

SILVA, F. Ribeiro (1993): "História da Alfabetização em Portugal: fontes, métodos resultados", em *A História da educação em Espanha e Portugal*. Lisboa, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. pp. 101-121.

SILVA, V. M. Aguiar e (1988, oitava edição): *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina.

SILVEIRA DA MOTTA, I. F. (1889): *Viagens na Galliza*. Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, Editor.

SIMÕES, J. G. (1976): *Perspectiva Histórica da Poesía Portuguesa (dos simbolistas aos novíssimos)*. Póvoa de Varzim, Brasília Editora.

STEINMETZ , H. (1981): "Recepção e interpretação", em *Teoría da Literatura* (K. Varga, ed.), Lisboa, Presença, pp. 149-164.

STIERLE, K. (1979): "Recéption et fiction" *Poétique*, 39, pp. 299-320.

STIERLE, K. (1980): ''The Reading of Fictional Texts" em *The Reader in the Text* (Sulleiman e Crosman editores), Princeton University Press Princeton, pp. 83-105.

STIERLE, K. (1987) "¿Qué significa "recepción" en los textos de ficción?" em *Poetica*, 7, 1975, pp. 345-387 (trad. de Adelino Álvarez in Estética de Ja recepción Arco/ Libros Madrid

TABOADA, J. (1948): "Del jardín de Tirso", *Revista Guimarães*, LVIII, fasc. II-IV, pp. 160 a 183;

TABOADA, J. (1954): "La descalificación de Galicia en la literatura y en el pueblo", *Douro Litoral*, Porto, 1954, sexta série, VII-VIII, pp 105-117.

TARRÍO VARELA, A. (1994): *Literatura galega. Aportacións a unha Historia crítica*. Vigo, Edicións Xerais.

TENGARRINHA, J. (1965): *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa, Portugália.

TYNJANOV, J. (1929a): "El hecho literario" Arjaisty i novatory, 5-29, em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 205-226.

TYNJANOV, J. (1929b): "Sobre la evolución literaria" Arjaisty i novatory, 30-47 em Volek, Emil (ed. e trad.), *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Polémica, historia y teoría literaria*, Madrid, Fundamentos, 1992, pp. 251-268.

VALCÁRCEL, M. (1987): *A prensa en Ourense e a súa provincia*. Ourense, Sotelo Blanco.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1968): "Sobre la lira lusitana de Curros Enríquez: Poesías perdidas y nuevamente encontradas", *Grial*, 20, pp. 149-161.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1970): "La lusofilia de Dª Emilia Pardo Bazán», em *Homenaje Universitario a Dámaso Alonso*, Madrid, Gredos, pp. 143-160.

VÁZOUEZ CUESTA, P. (1974): "Curros, os escritores portugueses e o Ultimatum" *Grial,* 46, pp. 385-425.

VÁZOUEZ CUESTA, P. (1980): "Literatura Gallega". In *Historia de las Literaturas Hispánicas no* Castellanas (Díez Borque, coord.), Madrid, Taurus Ediciones S.A.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1991): "A pantasma do iberismo no Portugal do século XIX", em *Homenaxe ó profesor Constantino García*, coord. por Mercedes Brea López , Francisco Fernández Rei; Vol. 2, 1991, pp. 619-628.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1991b): "Portugal e Nós," *A Trabe de Ouro*, 6, pp. 191-202.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1992): "Relacións entre as literaturas galega e portuguesa", *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*. Santiago de Compostela, Dirección Xeral de Cultura, pp. 419-435.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1992b): "O amor sen acougo de Oliveira Martins a España", *Grial*, 113, pp. 20-60.

VENTURA, A. (1987-88): "A 'Seara Nova' e a Galiza. Contribuição para o estudo das relações culturais luso-galegas." *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 6, pp. 141-157.

VERDINI, X. C. (1983): "Os 'Eoas' á luz de 'Os Lusíadas', *Grial*, 79, pp. 1-22.

VESTEIRO TORRES, T. (1874): *Galería de gallegos ilustres*, Madrid, Imprenta de Eliodoro Pérez.

VESTEIRO TORRES, T. [1955 (1874)]: *Galería de gallegos ilustres*, Edição de Alberto Vilanova. Buenos Aires, Ediciones Galicia.

VICETTO PÉREZ, B. [1978 (1865-1874)]: *Historia de Galicia*, Bilbao, Editorial la Gran Enciclopedia Vasca.

VICETTO, B. (1865-1874): *Historia de* Galicia, Ferrol, Nicasio Taxonera, Ed.

VILLAR PONTE, R. (1953): *Días, hechos y hombres de la Real Academia Gallega*, Corunha, Roel.

VILLARES PAZ, R. (1984): *A Historia*, Vigo, Galaxia.

VILLARES, R. (1983): "As Relacións da Galiza con Portugal na Época Contemporánea," *Grial* 81, pp. 301–326.

ZIMMERMANN, B. (1987): "El lector como productor: en tomo a la problemática de la Estética de la recepción", *Lili. Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 4.15, 1974, p. 12 a 26 (trad. de Isidoro Pisonero em *Estética de la recepción*, Madrid, Arco/libros.

NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

i Em concreto, o referente de negação-oposição era assim definido por González Beramendi (1987, I:121): "Los referentes de negación-oposición son de gran interés para determinar la naturaleza genérica de un nacionalismo y las causas históricas de su emergencia. [...] cuando los elementos etnohistóricos primen sobre los estructurales, el principal referente de negación-oposición ser un otro nacional, y estaremos ante nacionalismos referidos a comunidades políticamente incluidas en un Estado más extenso, y cuya génesis responde a causas más diversas y complejas que en el primer caso". Umha interessante síntese, com algumha reformulação metodológica, pode ver-se em "Ethnos versus polis? On method and nationalism" (Beramendi, 1994).

ii A interferência é definida como "a relation(ship) between systems, whereby a certain system A (Source system) may become a source for direct/indirect loans for another system B (Terget system) (Even-Zohar, 1990: 92,93). O seu aparecimento tem lugar quando B não tem um repertório suficiente, ou é impedido de usar um repertório existente, para desenvolver novas necessidades, e é tanto maior quanto o sistema-destino está em emergência ou em momentos decisivos para a sua história. A acesibilidade, *accesibility*, é umha condição necessária para que um sistema se torne fonte. Essa acessibilidade, que pode ser propiciada pola coterritorialidade, em termos de dominação, pressão e/ou prestígio, está sobretudo determinada pola prontitude cultural ("cultural promptness"), pola abertura e disponibilidade ("openness", "readiness"), do sistema-destino para considerar umha fonte potencial disponível, "available". Por outras palavras, resulta assim umha distinção entre as possibilidades de acesso a umha fonte e a disponibilidade que, entendida como "legitimacy of implementing", ou conveniência de uso, o sistema-destino pode aplicar entre essas possibilidades.

A transferência é então a via da interferência, e pode ser realizada de maneira direta (são tranferidos elementos, "items", de um repertório a outro como combinações de modos ("means") e funções ou indireta (impondo funções de um sistema nos modos/portadores ("means/carriers") do outro, determinando a sua proporção o estado do sistema e as suas necessidades. Se a transferência tem "sucesso" os elementos transferidos são absorbidos totalmente polo sistema; se "fracassar", esses elementos são rejeitados em virtude de mecanismos desenvolvidos e incoporados polo próprio sistema.

iii Lambert (1986) tem formulado para esta análise três conceitos sob os quais essas relações podem ser entendidas: a Produção (atividades literárias dum momento dado), a Tradição (as atividades literárias que sobrevivem) e a Importação (atividades literárias provenientes doutros sistemas literários). Para Lambert (citado por Pageaux, 1994, 136), do estudo do relacionamento entre eles podemos deduzir o caráter dos sistemas fonte e destino. (As combinatórias expostas por Lambert pecam um tanto de esquematismo: não sem precauções, Pageaux, 1994, comenta que às relações positivas com a Importação correspondem as relações negativas com a Tradição, e que, inversamente, as relações positivas entre Tradição e Importação correspondem igualmente a umha possível eliminação da Produção. Por exemplo, e embora aceitando que as categorias utilizadas indicam relações de dominância e não de totalidade, mais nos parece que, no caso concreto do sistema nacional(ista) galego até 1936, a Importação portuguesa, que se pretende relacionar com a Tradição, ativa a Produção). Chevrel (1984) por sua parte tem aplicado similares critérios num seu estudo sobre a literatura francesa em Alemanha, no decénio 1880-1890, notando a inflação do naturalismo francês, Zola e Daudet principlamente, perante a pobreza criativa germana na altura.

iv Even-Zohar (1990b:25-26) denomina lei da proliferação, que julga universalmente válida, a disposição do sistema a acumular umha reserva suficiente de elementos para a sua estabilidade; a não possuir um inventário suficiente, o sistema recorre inescusavelmente à tranferência intersistémica; quando um sistema começa a desenvolver-se, a lei da proliferação ativa-se.

v Com "protossistema", ou, ainda melhor, tendências protossistémicas, pretendo denominar a atividade e o repertório focados à constituição dum sistema autónomo; o seu correlato é o subsistema (ações e repertórios que, mostrando especificidades singulares, não impugnam o sistema em que se inserem); e chamo parassistema à atividade sistémica que funciona num determinado espaço social sem vincular-se ao(s) outro(s) sistema(s) que funcionam neste.

vi "heterónoma", "autónoma" têm duplo sentido: o de obedecer ou não às regras internas do campo (na teoria de Bourdieu, 1991) e o da consideração textocêntrica ou mais alargada da atividade literária, presente já no formalismo russo e reatada por Even-Zohar. Foi possivelmente Ejchenbaum (1929), como reconhece Even-Zohar, quem maiores avanços fizo na consideração heterónoma da literatura. Também formulações de Osip Brik (1924) ou de Sklovskij (1929) sobre as leis que podiam reger a produção e a receção literárias podiam situar-se nesta direção. Mas fundamentalmente Ejchenbaum (1929) com a sua noção de byt ("vida literária").

vii As regras e materiais que regem tanto a confeção como o uso de qualquer produto constituem o repertório. Nesta conceção (Even-Zohar, 1990c:39) pré-conhecimento e acordo ("Pre-knowledge" and "agreement") são as noções básicas, "thus key functions for the concept of 'repertoire'"; e, para que o intercâmbio comunicativo tenha lugar, mais relevantes no seu grau quanto maior seja a comunidade que confeciona e usa os produtos em questão. Para o caso dos textos, indica Even-Zohar, o repertório é o conjunto de regras e unidades com que se produzem e entendem. Ora, essa consideração alarga-se quanto se alargar o conceito de produto no sistema literário; assim existe um repertório para o produtor, outro para o consumidor, e outro mesmo para o agente literário, por exemplo.

viii O Professor Aguiar e Silva patenteia (1988: 269 ss.) a tendência de todo o sistema cultural para a homeostase e a homeorresse, conceitos que toma de Gombrich e Wilden, respetivamente. A primeira das noções refere a propensão do sistema para a conservação do estado de equilíbrio alcançado, sem a qual o sistema semiótico literário se dissolveria. Com efeito, a comunicação literária só se pode sustentar na compartição por emissores e recetores de elementos suficientes dum determinado código. Junto a essa propensão, o sistema pode, por homeorrese, recorrer a mudar alguns aspetos da sua conformação para não perder a sua posição: mudar algo para que nada mude (Aguiar e Silva, 1988:270) e o sistema continue vigente. É fácil deduzir a proximidade desta breve exposição da atuação do sistema com as circunstâncias que concorrem após a canonização dum certo repertório. Ora, não apenas a estabilidade dum sistema depende da do seu repertório, mas das suas entidades, normas e teleonomia (Aguiar e Silva 269).

ix Naftoli Bassel (1990) trabalha entre outras com a noção de "enclave" (assim também no original). Ele utiliza-a para caraterizar a atividade literária que se relaciona com umha outra, originária ou matriz, "to clarify the degree of the literatures' dependence on their home literature, of their relative aesthetic and ideological independence, and of their correlation to the 'contextual' literature in another language"; e prossegue: "This task can be facilitated by the criterion of system and by the consideration of its various levels: (1) the "enclave" and the home national literature; (2) the "enclave" and the "contextual" literature in another language; (3) the interliterary system (zonal, ethno-linguistic, regional)" (Bassel 1990, 775).

No período que desde fins do século XIX chega até 1936, duas circunstâncias fundamentais devem ser tidas em conta, umha para o caso galego e outra para o caso português. A primeira é a literatura galega da emigração em Latinoamérica. A segunda deve atender à situação das, na época, colónias portuguesas em África.

Podemos aqui recorrer com todo o rigor, pensamos, à noção de enclave em Bassel, em particular ao tipo. Com efeito, a produção literária na Argentina, Cuba e o Uruguai dos emigrados galegos ali estabelecidos constitui não umha ligação com a literatura galega, mas parte dela. Tenha-se em conta que essa produção literária não só funcionava como atividade para essas comunidades. Na Galiza cobrou umha importância, por vezes, decisiva. Os escritores e os textos de um e outro lado do Atlântico eram lidos como próprios nas duas bandas. É um processo quase inteiramente por estudar, e nós aqui não passaremos de mui modestas intuições e algumha certeza. Menos ainda o está a produção em Brasil e no próprio Portugal, de vital importância para contrastar o funcionamento da comunidade galega em países com os quais existem afinidades culturais evidentes. Só basta com olhar a sistemática preocupação que nas publicações periódicas da emigração galega aparece polas cousas da terra mãe para apercebermo-nos do calibre destes "enclaves" na literatura galega. Umha importância, para além de mais, não apenas qualitativa, mas também quantitativa. Dali saíra muito do capital para suster as instituições de que o galeguismo carecia. E a abundância de publicações não outra cousa faz que corroborar o dinamismo e peso que os núcleos emigrados tinham na altura. A atenção à sua atividade, não tão exaustiva como quereríamos, é obrigada. Com os critérios esboçados para a determinação, dos "enclaves" podemos definir a literatura galega como um conjunto sistémico formado por umha atividade originária, na Galiza, e os diferentes "enclaves" nos países citados. E, juntamente com os enclaves referidos, cabe considerar os desenvolvidos noutros lugares por emigrados galegos, nomeadamente na Europa; na altura, fundamentalmente, Portugal

mas devemos considerar também como enclave a atividade desenvolvida noutros espaços sociais fora do galego, particularmente a atividade desenvolvida em Madrid.

O caso português aparece-nos diferente. Aqui trata-se da possibilidade de atendermos à produção em territórios submetidos à colonização, onde a capacidade expressiva da própria identidade em toda a sua amplitude é praticamente inexistente. Difícil é considerar a sua produção como globalmente autónoma, deste ponto de vista. A consideração da literatura produzida nessas colónias como nacional no seu conjunto parece não poder suster-se. Devemos reconhecer a nossa ignorância relativa à situação africana, que não passa de generalidades; mas, esquematicamente, parece possível afirmar que a atividade literária na África portuguesa da altura, pode tomar duas direções: umha independentista e outra colonialista. No primeiro caso, a sua consideração deveria ser feita sob o prisma da literatura angolana, moçambicana, etc., afastando-se de aparecer rotulada como "enclave" tanto quanto ela esteja desenvolvida; consequentemente, situada fora da nossa atenção comparatista. Sim deve ser assim considerada a produção portuguesa em África. Assim, e reiteramos o nosso esquematismo, serão esses "enclaves" os passíveis de serem atendidos: o angolano, o moçambicano, e o cabo-verdiano, e, com menos entidade, o da Guiné, Timor, e de São Tomé.

Lamentamos, em todo o caso, não poder referir-nos à possível atividade de portugueses no Brasil e na África, e o funcionamento da sua atividade literária a respeito da portuguesa.

x *Projetivo*, de projeto, não de projeção. Relaciono este uso com o de défice projetivo, entendendo por tal a deteção, por parte de agentes num sistemas, de carências no mesmo; o caráter projetivo do uso dum elemento repertorial determinado implica a consciência do défice e o *projeto* de querer preenchê-lo. Por exemplo, no caso da língua, usar o galego em determinados contextos cujo uso era exceção, por parte do agente e/ou polo tipo de uso habitual, pode implicar um valor projetivo: a manifestação, através do uso mesmo, dum défice, dumha carência que programaticamente se quer satisfazer.

Pode mesmo ocorrer que o uso da língua própria da comunidade em determinados momentos não apenas não seja condição necessária, mas tão-pouco suficiente. Certas atividades literárias aparecem em que o uso linguístico, unido a outros aspetos do material utilizado, e em determinada época, postula umha adscrição a um subsistema galego dentro dum sistema espanhol. E isto não precisamente nas primeiras fases do Ressurdimento. Toda a poesia regionalizante dos anos vinte e trinta deste século, em plena vontade de afirmação dos grupos nacionalistas, era produto do avanço destes ou a sua oposição? A própria noção de "regional" é, a dada altura do processo literário galego, sentida como ofensiva polo sistema nacionalista se atribuída à literatura galega. Afirmavam-se os aludidos como textos pertencentes ao novo sistema literário galego que se pretendia impor, ou funcionavam como reforço da unidade sistémica espanhola? Pensamos que, em bastantes casos, devemos responder com a segunda das alternativas propostas. E, repare-se: textos que meio século antes podiam funcionar como contributo ao sistema literário galego, decorrido o tempo passarom a funcionar de maneira absolutamente contrária. Do combate desde a periferia ao sistema espanhol, passam à sua periferia pacificamente. E isto por não estender-nos sobre o uso paródico do idioma, a reforçar a sua situação diglóssica maltreita. Mudada a hierarquia de materiais, introduzidos uns, abandonados outros -dependentes também da sua relação com outros sistemas- o uso de velhas normas podem acabar na situação descrita. Podem enfim aparecer como epigónicos no sistema espanhol.

Possivelmente, se o conflito atual da Galiza estivesse resolvido (em qualquer sentido) o problema não seria tal, ou seria-o menos, ou não seria posto nos mesmos termos. Porque não queremos esquecer que para umha literatura em conflito, o peso da tradição, a estimação que sobre ela se tenha, que conforma e justifica a existência da tal literatura, tem um valor normativo de primeira ordem, e a coincidência normativa de tradição e atualidade é situada como um princípio essencial, ontológico. Podem mudar estilos e correntes, mas a essência está na língua. Nós propomos introduzir outros valores em jogo. Cabe pensar que a língua não ocupou sempre o valor prescritor que nós hoje lhe atribuímos. Porque cabe pensar também que a isso se aspirava. O caminho era lento e difícil para a imposição do idioma galego na literatura. Em termos de sistema literário, muitos textos em espanhol, por não entrarmos agora nos problemas de adscrição de traduções ao galego na época, estavam contribuindo a formar a literatura galega, eram literatura galega; e isso por mais que fossem vividos, na altura também e sobretudo, como deficitários por produtores e consumidores, e que estes últimos deviam preencher com as suas próprias experiências. Mas que um sistema apresente défices, alguns tão importantes para o galego como a inexistência ou a precariedade da língua (regional, nacional segundo a época e o enunciador) como material, não pode significar que o sistema não exista. A própria vivência e consciência do défice tem um valor projetivo de incalculável valor como ânsia superadora. Por isso os textos em idioma galego, são vistos como mais nacionais, próximos da ideia e do ideário nacional(-ista). Porque existia (e existe, hoje posto de outro modo) o conflito, a literatura galega é paradoxalmente mais evidentemente nacional que outras. E um sistema que luta por impor-se atravessa diversas fases, nalguma das quais, materiais que a priori pareceriam próprios do sistema que se combate, são incorporados, *malgré tout*, a falta de melhor para o grupo se opor ao sistema colonizador. Escrevíamos antes sobre o valor projetivo da consciência do défice. Conleva naturalmente essa caraterização uma dose programática implícita. Com efeito, sobre ela reparou Chernov ao estudar os limites teóricos das literaturas nacionais. No seu lúcido artigo, comenta este investigador (1991:770) como as reflexões a estes propósitos são condicionadas temporalmente. E acrescenta: "This is evident in the future-oriented programs of writers: 'Let us create national literature!'". Esse nos parece o valor programático do manifesto "Nuestra Bandera Literaria" de 1845, lançado por Antolín Faraldo e outros que, aliás, comentarom descobrir a literatura galega na sua estadia em Portugal. Se o faziam em nome da "Literatura Gallega", como reconhece o professor Tarrío "tiñan razón naquel momento e dicían a verdade que conviña ó seu tempo e ós seus obxectivos" (1994: 10). Ora, o défice linguístico, que não ocupava para eles um lugar principal, não era obstáculo para a existência dessa literatura galega. Porque eles exprimem, em *El Porvenir* de 1845 (Tarrío, 1994:120), perfeitamente os seus objetivos na ideia de dotar à literatura galega de elementos independentes doutros sistemas literários; para eles, assim se deve criar esta literatura: "La literatura gallega jamás puede alcanzar verdadera i legítima originalidad si no se emancipa de las escuelas i hace pedazos el cetro de los maestros, proclamando la independencia del escritor".

Será precisamente essa vontade de independência cultural, que aponta outras, a que trará com o tempo a língua a ocupar o principal papel na sua configuração, como traço mais evidente da diferenciação que se procura. A língua faz parte em nosso entender desde o início dos materiais sistémicos; outro problema é que a sua prática esteja de tal maneira impedida (e por múltiplos fatores, extrínsecos e intrínsecos que aqui não podemos desenvolver) que ocupe um lugar secundário na hierarquia dos materiais e que o seu valor normativo poda mesmo desaparecer, mas faz parte do repertório, mesmo *in absentia* prática.

Neste sentido, o Ressurgimento galego do século XIX é mais complexo do que parece e não pode estar sujeito a decisões de adscrição binaristas que afinal nada esclarecem. E não precisamente por casos como os romances de E. Pardo Bazán, pertencentes ao sistema espanhol, não apenas por razões de língua, que também, mas por expressa *ubicação* da escritora, receção postulada, uso exotizante do material galego, etc.

xi Para o conceito do referente de analogia vid. Beramendi, 1987, I, 122 e ss. A noção refere-se à consideração que um grupo regionalista ou nacionalista emergente tem doutros com aspirações similares entendidos como iguais os processos. Catalunha é, para os regionalistas da Galiza de fim de século, tanto um referente de analogia como, em parte, um referente que poderíamos denominar de emulação.

xii Aguiar e Silva (1988: 265 ss.) tem analisado o problema do que ele denomina impositividade do código literário. Para ele, o código é também um conjunto de normas e convenções cuja impositividade é variável ao longo do tempo. Introduz o conceito de metalinguagem para referir-se à função dominante do código, (1988:266), "mediante a qual o sistema se autodescreve e se autocaracteriza, e que se consubstancia em metatextos". Com esta conceção a noção de modelo, como também a de repertório, vê-se ao mesmo tempo mais perfilada e complementada. Estes metatextos, onde a metalinguagem é plasmada, estão constituídos tanto por tratados de poética e retórica, manifestos, prefácios, documentos programáticos ou doutrinários como por "textos literários cuja forma do conteúdo é atinente ao próprio sistema e à sua metalinguagem (ou que são impostos como tais, diríamos nós). Embora extensa, transcrevemos umha ilustrativa citação do teórico literário luso (1988:266):

> "Quando na metalinguagem de um código literário assumem preponderância princípios estéticos como a aceitação de que no processo da produção literária cabe à arte (ars, em grego) uma função nuclear, como a apologia da tradição literária, como a necessidade da imitação de autores e textos reputados como modelares -o que pressupõe a formação dum cânone, então os metatextos desse código apresentam logicamente um teor preceptivo e umha função primoridalmente conativa ou didáctico-conativa: estabelecem os parâmetros da semiose literária 'correcta', formulando normas e convenções que o emissor deve actualizar nos seus textos, prescrevendo proibições, fixando critérios de valoração estética".

As considerações deste autor parecem-nos em extremo interessantes, para detetarmos como se vão impondo os clássicos, determinados clássicos, e como também a tradição literária vai unida às capacidades e interesses de um grupo historicamente constituído. O mestre português refere investigações de grande interesse para o assunto como as de Weimann, que tem demostrado que a tradição literária é sempre umha determinada tradição literária, cujo elogio e defesa responde a pressupostos ideológicos de real importância. Algo que também se pode deduzir de estudos como os do próprio Itamar Even-Zohar sobre as literaturas europeias (1993).

Nesta linha, Aguiar e Silva comenta como a impositividade do código pode provir de instâncias alheias ao sistema literário, mas interveniente nele desde o religioso, político, social, etc. Logicamente, e na medida da sua intervenção, fazem parte também do sistema literário, no nível das suas instituições, mas entendemos que para a claridade do estudo convém matizar entre a sua pertença a outro sistema e os mecanismos que do literário utilizam para se imporem. Muitos dos metatextos referidos por Aguiar e Silva estão com certeza incluídos nesses mecanismos.

xiii Pardo Bazán, mostrando os seus desejos, indicava a tendência do sistema, e, em termos regionalistas da escola corunhesa, os perigos para aquele: a primarização do sistema modelizante secundário era um deles (a arqueologização de que falava Pardo Bazán); e a escassa amplitude que um sistema assim podia conhecer; esta é umha das razões que vai explicar a tendência reintegracionista do grupo corunhês. Esclareço que estas categorias as recolhe Aguiar e Silva (1988:277) de Lotman, quem define o sistema modelizante como um conjunto estruturado de elementos e de regras. Acompanhando as teorias saussurianas sobre a *langue*, os membros da Escola de Tartu entendem a língua como um sistema modelizante primário, e os sistemas semióticos sobre ela construídos como sistemas modelizantes secundários, entre os quais a literatura. Lotman utiliza o conceito de fenómeno polissistémico para referir-se ao texto literário, que longe de se apresentar como fruto dum ato de inspiração, resulta da "intersecção de múltiplas estruturas e pertence contemporaneamente a todas, ‹jogando› com a riqueza de significados que nelas se apresentam». Demais, para Lotman, o texto literário é sempre gerado por pluricodificação, quer dizer-se, pola ação das normas e elementos que participam no código semiótico literário e a interseção com outros códigos que intervêm no sistema cultural.

xiv Um dos centros de discussão da estética da receção é o da função social da literatura; e isto em dous sentidos: que se deve entender por tal e como atua. Jauss formulara a manifestação dessa função quando a experiência literária do leitor entra no horizonte de expetativas da sua vida prática. Destarte, essa experiência molda a sua interpretação do mundo e repercute no seu comportamento social (Zimmermann, 1987:53). Estes comentários, recolhidos por Zimmermann no parágrafo que dedica à "prática da recepção e vida prática" enfermam de ter em conta a literatura apenas como prática *socioeducativa emancipadora*, sem atender à "relativa obediência-a-normas-próprias do espaço de comunicação literário, que deve ser considerado como um *espaço de contradições em parte aceite*" (55). Neste ponto, Zimmermann recolhe a delimitação proposta por Gumbrecht (1987), "quando afirma que experimentar as alternativas do horizonte de expectativas da prática diária que se actualizam na recepção literária poderia levar plenamente o leitor a 'determinar conscientemente a sua tarefa' com a única condição de que tenha apenas 'um interesse em realizá-lo condicionado pela sua posição", embora censure a sua aceitação "idealistamente sem reservas do modelo de antecipação concreto" da Estética da Receção formulada por Jauss (Zimmermann, 1987: 56, 57).

Estamos pois perante a denominada receção pragmática ou pragmatização da leitura.

No seu trabalho sobre "Recepção e interpretação" (1981), Steinmetz distingue entre *receção literária* e *receção pragmática*, caraterizando esta como a leitura dum texto ligado à realidade quotidiana, o que "provoca uma sintetização que vê no texto uma instrução para agir, um convite para cumprir um acto que se situa fora do texto" (Steinmetz, 155). (Em parte, este nível é assimilável ao derivado do sistema modelizante primário de Lotman, na medida em que a língua atua como organizadora da realidade). A este propósito, Iser assinala, sempre com um tom normativo, que qualquer efeito de confirmação similar àqueles que se exige aos textos expositivos (leia-se, pragmáticos), é um defeito nos textos literários. Frente a este tipo de receção, o objetivo da literária é a produção dum sentido transpragmático. É a receção que Siegfried J. Schmidt designa como a regra F (1987:208):

> "Para todos os participantes na comunicação estética rege a instrução de actuar tendente a obter deles que de início não julguem os objectos de comunicação interpretáveis referencialmente ou os seus constituintes segundo critérios de verdade como verdadeiro/falso".

Os papéis da comunicação tornam-se fictivos. A dimensão pragmática é rejeitada desde o início, e o texto não é visto como um programa de ação, possibilidade que o leitor põe de parte para proceder a umha reinterpretação do texto, e entende os seus actantes como representações: tende a ler o texto como uma parábola, ilumina Steinmetz (1981:155). Neste modo de receção, o texto, no processo de leitura, atravessa umha fase de "vazio semântico fundamental, que é a consequência da recusa da recepção pragmática", passo primeiro de qualquer receção, onde os critérios de verdade ficam suspensos (Schmidt, 1978: 203). É por este vazio, o qual o leitor preenche com as suas particulares significações, que a receção pode levar a diferentes e mesmo opostos resultados, limitada sempre em função da situação individual, social e histórica do recetor, polos seus sistemas de sentido e normas (Steinmetz, 1981:156), em que o recetor integra a sua leitura; é neste quadro, neste constructo, onde o leitor põe em funcionamento e aplica os critérios de verdade para o entendimento do texto.

Neste processo, portanto, Steinmetz distingue três fases na receção literária: a recusa do ponto de vista pragmático; a re-interpretação, e a re-inserção pragmática. Ora, como adverte o autor, a receção nem é o único nem se produz sempre segundo esta sequência linear: pode haver passagens do texto em que se omita ou altere algumha das fases, que posteriormente podem ser consideradas perante novas significações, "constelações textuais", etc.

No sentido proposto, a literatura funciona pois principalmente pola possibilidade que o leitor tem de preencher lugares indeterminados no texto, construindo um sentido a partir dele. Tendo isto em conta, Steinmetz sugere que a interpretação literária não deve ultrapassar o limite de tal construção, não deve eliminar a indeterminação porque então acabaria por se converter numha receção "racionalizada", prescritiva, diríamos. Deve descrevê-la e avaliá-la, mas não eliminá-la: eis onde reside a principal dificuldade da interpetação.

Stierle (1975) tem também anotado certas considerações sobre a receção pragmática, dentro das tarefas que umha teoria formal da receção que reclamava deve assumir. Para ele, essa teoria deve distinguir as atuações recetivas (as caraterizadas por Steinmetz) e compreender a sua disposição hierárquica, e isto, com independência das atualizações particulares. Nesta sequência, propõe umha primeira distinção entre receção como constituição e receção como transformação do constituído, equivalente à de pragmática e literária de Steinmetz.

Próximo dos nossos interesses, e com notável êxito a nosso juízo, A. Figueroa (1995a) tem aplicado estas noções à leitura de textos estrangeiros. Nesse primeiro nível pragmático o recetor opera umha série de seleções sobre os significados possíveis dum significante textual, o que em sua opinião resulte adequado em função do contexto. O leitor estrangeiro, polo provável desconhecimento de todas as possibilidades, é levado a não compreender o texto neste nível, por mais conhecimentos linguísticos que possua, na medida em que nesse texto estrangeiro subsistem sempre ecos do sistema originário.

Num segundo passo, no dos vazios a preencher no texto, o leitor estrangeiro aplicará o seu próprio horizonte, com o qual a decodificação lhe apresentará novos problemas. Tende então a receção, segundo Figueroa, a ancorar-se no nível pragmático. A proposição resultante da receção, referenciada ao próprio entorno, diferente do originário, o que provoca o descontrolo na leitura, e umha antecipação da ficção, umha ficção acrescentada, "en la medida en que el mundo exterior, lo "real" previsto por el texto se hace ficción en una cultura diferente" (Figueroa, 1995a).

Como vimos, é possível umha leitura pragmática do texto, projetado ao referente exterior em termos de verdade/falsidade. Na receção de textos estrangeiros, também este

tipo de leitura é mais plausível. O mundo exterior que na ficção há-de ser superado, tende, numha cultura diferente, a pôr-se de manifesto na receção, convertendo o texto num programa, numha *verdade* validada. Figueroa anota como exemplos as leituras que o antifranquismo no Estado espanhol fazia de Sartre, Camus, Brecht, etc. na sua luta opositora, não previstas no texto originário.

Stierle (1975: 90) anota que em todo o processo de receção dá-se umha receção ingénua, comum a todos eles e passível também de ser executada polo recetor nos textos de ficção. Trata-se, em terminologia deste autor, dumha receção quase pragmática, que resolve o texto em pura ilusão. Essa ilusão é como vimos em Steinmetz um passo necessário na receção. Ora, se não for transitório, podemos ficar permanentemente atrapados nessa ilusão (Iser, 1987: 231, 232), transformando a ficção em ilusão. Este tipo de leitura é o proposto por exemplo na denominada literatura de consumo, ou na T*rivialliteratur* "en que la lectura del texto confirma al lector, más bien pasivo, sus propias perspectivas e esperanzas" (Figueroa, 1995a).

Mas essa classe de receção, pode de novo apresentar-se na receção do texto estrangeiro, quando o leitor aplica os seus próprios códigos culturais, a sua ideologia "y sobre todo sus propios deseos en relación con el extranjero: la tentativa de reducir lo Otro a lo Mismo costituye a fin de cuentas una operación pragmática" (Figueroa, 1995a).

Como indica Stierle (1975:92), o diferente esquema de experiência que é constituído na ficção não é, não poderia ser, completamente autónomo do da experiência concreta, antes este é o horizonte do outro. Na leitura do texto estrangeiro, a competência do recetor diminui frente ao texto, produzindo-se umha dupla atividade de redução e amplitude de sentidos. Esta leitura perde em espontaneidade o que ganha em reflexão, mas ao mesmo tempo o controlo textual é menor.

xv Em casos como o galego ocorre que são todos os textos que funcionam articulados segundo as normas nacionalistas *nivelados* como comprometidos, porque é no sistema literário, *locus privilegiado*, onde se concentra a resistência perante o agressor cultural. Resistência ao mesmo tempo que anúncio, podemos acrescentar. A literatura é umha espécie de *arauto* do sistema cultural e ainda político, que vai por diante do progresso daqueles, projetando os objetivos que os diversos grupos que a compõem têm a respeito deles. Produz-se então um perigoso hermetismo no sistema, tendente à circularidade. Essa circularidade provoca que o público deixe de ser tal e acabe convertido em grupo, produzindo-se desta arte um funcionamento primitivo, étnico, do sistema (Figueroa, 1988), que é reforçado, aliás, pola abusiva coincidência do leitor empírico com o leitor implícito representado, e que incide no texto restando-lhe possibilidades estéticas, num persistente *Nós*, em que o sistema fia a sua sobrevivência (Figueroa, 1988 55). Não há, polo menos nos seus inícios, um Inter-Texto Polifónico (Millán, 1995).

A carência dessa polifonia, a nivelação de textos e a sua leitura, deriva também das dificuldades para estabelecer (ou da vontade para não fazê-lo) o que Figueroa, seguindo Walter Mignolo, define como matriz social, quer dizer-se, como o dispositivo tipológico dum sistema de cultura para distribuir e arrumar os seus discursos verbais no sistema primário, e estruturas verbo-simbólicas no secundário, e que podemos equivaler ao repertório de Even-Zohar, a que atribui umha determinada "valência", umhas normas de hierarquização. A desorganização dessa matriz provoca que os textos não podam ser valorizados enquanto produtos estéticos, ao perder-se o critério de novidade e participar dumha única tendência totalizadora (Figueroa, 1988, 21, 41). O texto folclórico, por exemplo, não

reporta novidades; é a artesania e não a arte o que nele se admira; se ainda a valorização do folclórico é percebida como progressista, os prejuízos para o sistema são maiores, porque é ele o que não progride (Figueroa, 1988 84, 88). "Non hai traxectoria, hai en todo caso grupos" (Figueroa, 1988: 21). Para além disto, a própria cultura resistencialista conduz a conservar todos os textos, *utilizando*-os, fazendo-os úteis, mas por isso mesmo desvalorizando-os esteticamente.(Figueroa, 1988 24) Os textos são dotados dumha ressonância épica não pretendida (Figueroa, 1988 42), e a sua *leitura utilitária*, pragmática, acaba por reduzir a sua alteridade, a necessária distância estética de que Jauss falava (Figueroa, 1988 44). Observa-se este fenómeno ao nosso juízo com particular viveza na Época Nós, e mui especialmente na receção de Ramón Cabanillas e a sua importância ser tal que quase se faz girar em sua volta a canonicidade do sistema literário nacionalista. Em paralelo com a tendência ao medievalismo, há similar propensão a configurar horizontes onde o peso de fatores heteroespaciais e heterotemporais tendam a anular o horizonte estético do produto (Figueroa, 1988, 43).

Convém, no entanto, colocar alguns matizes. Os fenómenos de folclorização ou filologização que descrevemos não se referem à atividade etnográfica ou linguística, mas à sua translação à produção literária, e ao seu 'destempo'. Esses labores forom ao nosso entender principais para a subsistência do sistema em diversas fases. González Millán prova isto a respeito de *Cantares Gallegos*, onde o uso da literatura popular é elevada a categoria resistente com óbvia funcionalidade estética e ideológica. É na sua universalização e descontextualização sistémicas onde reside a precariedade: o uso por exemplo da num momento considerada literatura popular, não como motivo, mas em si mesma e fora da sua especificidade (Figueroa, 1988: 91). O labor desenvolvido polo galeguismo nos anos vinte, cuja máxima expressão era o Seminário de Estudos Galegos, resultou fundamental para o avanço do ideário nacionalista, com evidentes benefícios para o sistema literário, entre outros, o de aliviá-lo dumha carga que até ao momento portava quase em solitário.

Na sua estratégia por acabar com a colonização cultural a que se vê submetido, tende então a recorrer a tudo o que é considerado como próprio para assentar o sistema, (Figueroa, 1988), e recorre a outros, como assinalava Even-Zohar, na sua estratégia de compensação. Ativa, pois, a lei da proliferação, e claramente na orientação portuguesa como hipotetizamos. O grupo nacionalista procede igualmente a umha seleção canónica de textos e autores, e silencia outros, condicionando-os pola sua conceção simbólica (Millán, 1995). Outorga-lhe um tratamento excessivamente contidista, pelo menos mais que noutras situações mais normalizadas, privilegiando temas e autores em função do tratamento de determinados textos. Os textos canonizados, dentro desse Macro Texto Alegórico, funcionam como modelos fundacionais, porque diretores não apenas dum modo determinado de produção literária, mas porque portadores da legitimação nacional. Para o seu estudo, queremos recorrer à tipologia sugerida por González Millán que, passível de "necesarios reaxustes", resulta-nos altalmente rendível como síntese do funcionamento dos textos canonizados em conjunturas como a galega, e, por oposição dos assim não considerados. Por outro lado, cremos que permite explicar o funcionamento da literatura portuguesa como compensação, reforço ou ainda representante da tal legitimação. González Millán explicita os seguintes tipos de textos: texto/género, texto/ideário, texto/reivindicação, texto/contestação e texto/etnia, todos eles concentradores das aspirações nacionais.

Figueroa tem ainda anotado outras tendências próprias da literatura nacionalista. Umha delas é a do grupo ameaçado a valorizar o passado simplesmente por encontrar nele

sinais de identidade que lhe faltam no presente. Podemos conceitualizar este fenómeno recorrendo ao conceito de "aculturação antagonista" que Figueroa toma de Devereux, e este doutros autores (Figueroa, 1988, 94, 95), e que se refere às influências, unívocas ou biunívocas, que têm lugar como resultado do contato entre dous grupos pertencentes a culturas distintas. Um dos tipos em que se pode subdividir esta aculturação é a denominada por Devereux "dissociativa", em que se elaboram modelos deliberadamente distintos ao do sistema agressor, regressando a espaços e tempos em que se supõe não existia a ameaça, criando assim um "super-passado imaginário", um passado mítico. Assim, a matriz social de que falávamos propõe novas valências ao grupo. Mas essas valências, genuínas de textos do passado, impedem a constituição de novos valores estéticos, e a reorganização constante da matriz. O texto folclórico a que se acode, fica ademais desvalorizado, ao ter que assumir um rol que não lhe corresponde. Todos estes fenómenos redundam mais umha vez na nivelação dos textos que atrás comentávamos (Figueroa, 1988 22).

Num tom ao mesmo tempo crítico e programático, A. Figueroa, qualifica este pendor passadista, mitificador e folclorizante que a atitude dos utentes do sistema cultural galego, entre os quais membros e dirigentes de grupos nacionalistas, mostra, como negativo, e, com palavras de Júlia Kristeva, denomina-o "arquivista, arqueológico e necrofílico". Com esta caraterização, Figueroa refere-se à contínua atividade de salvamento de fetiches em que parte da inteletualidade, e das instâncias oficiais galegas se debruçam, enquanto a história "corre por outro lado" (13). Em parte, opina Figueroa, sucede o que Ph. Gardy assinala para a realidade ocitana, em que a admiração do passado levanta umha barreira infranqueável com o presente, que é degradado precisamente polo conservadorismo a que a admiração passadista conduz. A tendência a 'inventariar' os textos acaba por suplantar o seu funcionamento dinâmico (Figueroa, 1988: 76-77 ss). De Figueroa é umha frase lúcida que resume perfeitamente o seu pensamento e perspetiva: "Cando a excavación se converte na única posibilidade de cultura, o que en realidade se fai é enterrar as posibilidades que quedaban" (13). Para um maior desenvolvimento, incluindo a materialidade do código como fator de nivelação, vid. Figueroa, 1988, 26 e 62 e ss.

Este autor assinala no seu livro de 1988 *Diglosia e texto* como um outro fator de nivelação o produzido polo próprio código da língua ameaçada (língua B em terminologia sociolinguística, como é sabido), ao possuir um valor de seu, uma significação permanente como código. Isto deriva do cerne mesmo do conflito. Ao ter que situar a língua como valor normativo de primeira magnitude no repertório, e sistematicamente fazê-la consciente; máxime se a isso acrescentarmos as dificuldades de codificação. Num produto estético, já não apenas utilitário, a gratuidade do texto provoca umha reação interpretativa que condiciona o seu funcionamento. A situação de conflito conforma também o texto, tornando-se menos gerador de conteúdos. Acompanhando a diferença que Mikel Dufrenne estabelece entre "mundo expressado" e "mundo representado" (Figueroa, 1988: 26), Figueroa indica a tendência na receção de sobredimensionar o segundo em detrimento do primeiro. Como se pode deduzir, estamos diante da pragmatização do texto literário a que aludíamos em nota anterior. Essa pragmatização opera não apenas no horizonte do recetor, mas é motivada igualmente polos produtos, onde se reflete a propensão dos autores a elaborar textos "inmediatamente comprometidos", como resultado da literaturização do imaginário coletivo. Os problemas na constituição do ato de leitura multiplicam-se e o leitor deve acudir a não poucos esforços suplementares para não resolver o texto em pura ilusão. O da verosimilhança é umha das dificuldades de primeira magnitude. O próprio uso da língua B começa por ser inverosímil em situações diglóssicas extremas; e

o seu uso por parte de algumhas personagens também. Isto obriga o autor e o recetor a por exemplo derivar para o fantástico, ou a afastar-se a outros espaços e tempos, em que podam ser mais crível as situações que se expressam. Tudo menos optar pola alternativa imediatamente verosímil mas recebida como escassamente normalizadora de produzir mundos possíveis (Figueroa, 1988: 62 ss).

A perda do valor lúdico, estético, do texto eflui também da própria instabilidade do código. Prado Coelho, quando justificava o critério linguístico como definidor dumha literatura, argumentava: "a língua -instrumento da criação verbal de signo estético- pressupõe, isto é, espelha e, ao mesmo tempo, determina, um modo peculiar de sentir e de conceber o mundo. A língua, com a sua estrutura e o seu ritmo próprios, condiciona o estilo individual (emprego aqui estilo no sentido mais íntimo), imprimindo um estilo comum aos escritores de língua comum". O estilo é defendido como traço distintivo principal da literatura. Com Bakhtine, Figueroa sustenta que o estilo é polo menos "o home e o grupo social encarnado polo eu representante acreditado, o oínte, que participa activamente na palabra interior e exterior do primeiro". (Figueroa, 1988 23). Ora, a vontade desse estilo deve estar em condições de ser percebido polo leitor. Se o código é instável, se existe dificuldade para a fixação dum modelo standar aceite pola generalidade dos utentes, a necessária compartição de código entre escritor e recetor não está assegurada "porque o autor non controlar o minimum habitual das reaccións do lector". A consequência é a filologização e portanto a perda do valor lúdico do texto, motivada pola contínua reflexão sobre o código na leitura. Como diz Figueroa (1992a), um arcaísmo pode ser percebido como um dialetalismo; um cultismo como um castelhanismo, etc. Isto para não falar da estrutura ortográfica e morfossintáctica do código. O texto enfim é colocado continuamente em dúvida, e o leitor caminha na leitura em perene insegurança. A indeterminação não é aqui literária. Situada no sistema modelizante primário, já de seu com menor controlo sobre si como língua B, afeta o ato de comunicação na sua constituição mesma.

Sobre as leituras heterotemporais e heteroespaciais, dão boa luz os contributos de A. Figueroa. Ele indica que mesmo que repertórios comuns podam ser compartidos, a evolução dos sistemas não corre estritamente paralela. Figueroa tem provado num magnífico trabalho a respeito da receção de determinadas obras e autores franceses por críticos espanhóis do XIX, alguns destes aspetos. O crítico galego comenta as dificuldades dum leitor de perceber o caráter oficial ou marginal do texto, na medida em que todos tendem a situar-se num mesmo nível de "estrangeiridade" e de novidade. Os textos tendem a nivelar-se, mais umha vez. E da mesma maneira que o leitor percebe com dificuldades a situação sincrónica do texto estrangeiro no sistema, assim também ocorre com a situação diacrónica, ao perder o texto as suas referências de normas e modelos em relação aos quais mostravase a sua novidade.

xvi É um par opositivo que os Sklovskij, Tynjanov ou Jakobson (vid. Bibliografia) empregarom para elucidar como tendências inovadoras e conservadoras se enfrentam, e que Even-Zohar sintetiza na expressão *tipos primários* e *tipos secundários*. Esta luta, tão decisiva para a evolução do sistema como a dos estratos literários, revela a pugna entre sistemas secundários e primários, cuja precondição é (Even-Zohar, 1990b:21) "the discontinuity of established models (or elements of them)".

Todo o modelo novo aparece em princípio como primário, e progressivamente tende à sua secundarização (termo próximo do de 'automatização' de Sklovskij), simplificando e homogeneizando por regra geral as suas pautas.

Even-Zohar (1990b:22) adverte que canonicidade e primariedade não se solapam. A inovação como procedimento para a consolidação do sistema não sempre é a melhor alternativa para a elite dominante. Pode acontecer que seja a perpetuação a que lhes outorgue maior estabilidade, e que a mudança apareça como umha perda do controlo. Os próprios mecanismos de rejeitamento que o grupo dominante gera aceleram a secundarização do sistema, chegando a retraduzir novos elementos a termos velhos, onde, se a tentativa falhar, produz-se a revolução. Acontece como com aqueles regimes políticos em que o mascaramento de velhos procedimentos em novas formas faz-se insuportável.

xvii No que diz respeito ao referente de oposição, Antón Figueroa utiliza um conceito valioso introduzido por Bakthine e aplicado por estudiosos de textos literários em situação diglóssica: o de carnaval, entendido como contestação dumha lei e instaurador dumha lei nova. A noção de carnaval tem sido discutida entre outros por J. Kristeva e T. Todorov, dada a ambiguidade a que as noções de *monologia* e *dialogia* que a apoiam podem induzir. Abstemo-nos aqui de entrar na polémica, e acompanhamos as interpretações expostas por Figueroa na sua análise, que sintetizamos mui simplificadoramente.

Cabe sim comentar que as aproximações de Bakthine, perfiladas polos autores citados, apresentam um alto grau de homologação com a teoria polissistémica. Com efeito, Bakthine parte da apreciação da obra como parte dumha dinâmica, e da estrutura literária como algo que não é, mas que se elabora em relação a outra estrutura, que pode confirmar ou transgredir. Assim formulada, a descrição conduz às de Even-Zohar de periferia versus centro, de repertório canonizado e não canonizado, da dupla consideração em sincronia e diacronia da literatura.

Como anotávamos, dous tipos de textos são distinguidos: dialógicos e monológicos. O primeiro pode ter umha aceção ampla, e então englobadora de todos os textos como diálogo, ou restrita, como texto transgressor de normas; o monológico faz consequentemente referência ao texto que não contesta, mas reproduz a cultura oficial, cuja expressão por antonomásia é o texto épico, *teológico* e *crente*.

Pois bem, a literatura de B, sistema fraco, na sua evolução, apresenta-se como carnaval de A, sistema forte e o seu referente de oposição. Ora, o seu alcance está em dependência da sua capacidade de contestação e perdurabilidade. Desde A pode ser visto este sentido de carnaval como provisório dentro da cultura oficial, "festa de tolos", reserva fossilizada e estética, objeto de estudo filológico pola sua riqueza e peculiaridade. E desde B, como mostra mais de identidade que de novidade estética ao constituir-se frente ao referente opositor, e não incursa numha tradição própria. Explicam-se então neste panorama a presença do bilinguismo, e as tendências para leituras ruralistas e folclorizantes que já tivemos ensejo de apontar. A e B, por diferentes motivos, podem chegar a convergir. Contestando umha lei, destruindo a ordem oficial, não cria outra nova, vigorizando paradoxalmente a ordem estabelecida; convertendo-se, em palavras de Figueroa, em dadaísmo niilista (Figueroa, 1988: 72 ss). Reforça-se o estatismo que páginas atrás comentámos vamos ao escrever sobre a valorização do folclórico. O carnaval no sentido bakthiniano não tem lugar, e é substituído por umha "festa de tolos" consentida, Entrudo de três dias.

Por esta via, retorna o Professor Figueroa à argumentação da perda do sentido lúdico, estético, do texto: ou este é resolvido como pura ilusão (derivada dumha leitura do texto como *playing*, abandonando-se ao fantástico na terminologia de Picard que ele utiliza) ou então corre o risco de ser decodificado mecanicamente, e convertido em documento informativo e imediato (consequência da leitura como *game* e equivalente aos fenómenos

pragmáticos que já descrevemos; Figueroa, 1988: 76 a 78). À tendência ao monologismo e à ressonância épica que antes enunciamos. O texto reproduz as expetativas do grupo e realiza-se numha sorte de suplência mágica com capacidade representativa, mas não transgressora.

O perigo fundamental é pois o de situar-se como subalterno, sem pretendê-lo. A exaustiva investigação de Figueroa sobre o caso galego tem dado como relatamos sobejas provas do caminho que o sistema seguiu e ainda segue nessa subalternidade. O consciencioso investigador não esqueceu a que pode derivar da própria leitura do texto como subalterno. E na sequência da sua argumentação sobre a comunicação literária, escrevia recentemente: "Non vou discutir agora a cuestión do posible carácter subalterno: loxicamente se se puidese afirmar, cousa que non parece evidente, que eses materiais son subalternos, nesta mesma medida poderíase dicir que a literatura galega ou outra calquera é subalterna; dito de paso tamén se pode afirmar que tódalas literaturas son en certo modo subalternas en canto que os códigos culturais ou as maneiras de entender o mundo nunca son cotos pechados, senón que a modo de círculos concéntricos posúen espacios comúns. Seguramente se pode falar dunha cultura europea con elementos comúns a distintas culturas nacionais".

xviii O estudo do duplo horizonte de expetativas de obras e leitores faz-se particularmente interessante para esta época. Ele poderá mostrar, intuimos, as razões do seu escasso número, o enormemente seletivos que são alguns horizontes de obras, e o desencontro entre interlocutores postulados (por exemplo as classes populares, nomeadamente os camponeses) e leitores reais, típico deste tipo de literaturas emergentes.

xix Esta propensão à nivelação da literatura regionalista (que entendemos chega aos nossos dias), faz com que apareçam como indiscutíveis cânones textos e autores fundacionais, e que seja difícil discernir cabalmente que escritores ocupam as periferias. Por exemplo, Rodríguez López, hoje autor quase esquecido, desfrutava em determinados grupos de muita estima literária na época; e, polo contrário, a canonização da globalidade da obra de Pondal é tardia (mui posterior a estes momentos, em que os seus poemas de mocidade, como notámos, é que lhe concediam umha posição central).

O ideário nacionalista outorga ao sistema literário umha função basilar, e por vezes a principal, na consecução dos seus objetivos. Para isso entende a produção literária que sob as suas normas e modelos é articulada, como um Macro Texto (Figueroa, 1995 e Millán, 1995); tende a produzir e ler os textos como fazendo parte dum único alegórico nacional (Jameson). Jameson (1986, in Millán, 1992b: 68) comenta como este fenómeno é comum às literaturas do que ele denomina Primeiro Mundo e Terceiro Mundo; a diferença para ele estaria no caráter inconsciente com que o primeiro opera frente ao segundo, que o faz de forma aberta e consciente. Sendo assim a literatura galega situaria-se nitidamente no segundo desses mundos. Jameson chega a reconhecer espaços limítrofes na sua caraterização binária, que podem também produzir este tipo de textos, exemplificado com o caso da Península Ibérica e Galdós, embora matize: 'we can use it [Fortunata y Jacinta] to convert the entire situation of the novel into an allegorical commentary on the distiny of Spain, but we are also free reverse its priorities and to read the political analogy as metaphorical decoration for the individual drama, and as mere figural intensification of this last" (citado por Millán). Com independência do esquematismo das suas propostas (criticadas por Aijaz Ahmad, 1987, Mignolo, 1991a e Millán, 1992b), esse esquematismo serve-nos para matizar o grau de consciência nacional que em exclusivo parecem ter os

fenómenos literários como o galego. A literatura em geral é também explicação, forma de conhecimento. E dirige-se aos elementos nacionais quando preciso.

Ora, o problema fundamental destas apreciações deriva-se da ideia de cânone. Walter Mignolo num revelador artigo, "Whose canon?, publicado na *Poetics Today* (12:1, Primavera 1991a, 2:28), denuncia como a apreciação epistémica de cânone está determinada polo "vocational canon", o sentimento que da ideia canónica se tem no mundo ocidental, e que se eleva à categoria de "universal" por via teórica: 'What makes Jameson's articuation possible is the strong conviction that there is just one canon and that it coincide with "ours" (2). Mignolo defende esta intepretação referida especialmente às produções literárias (não necessária nem predominantemente escritas) de Latino-América. Referindo-se à literatura náuatle, comenta: 'At the vocational level, we pre-understand Nátuatl literature as far as we can assimilate "their" discursive practices to "our" (Castilian-speaking Latin Americans) literary values. At the epistemic level, we should be able to describe and explain the canonical function of differents texts in differents cultures" (4)

xx Certas caraterizações da questão próximas da teoria polissistémica têm-se ensaiado. Naftoli Bassel (1991:773) enuncia umha série de traços que a seu juízo caraterizam umha literatura como nacional: a conexão orgânica ao destino histórico do grupo étnico; a existência dumha língua nacional como meio básico da sua existência; a radicação no folclore e na mitologia desse grupo; a estabilidade e dinamismo como sistema estético; a existência dumha tradição artística nativa e autoconsciente interatuando com outro tipo de fomas artísticas; a heterogeneidade social e estética; o crescimento e desenvolvimento literários influídos ou genérica ou tipologicamente correlacionados com outras literaturas e o proceso literário mundial; a pertença a vários sistemas interliterários zonais, etnolinguísticos e regionais, cujo espectro seja comparativamente estável e bem definido para cada literatura nacional. Não todas as literaturas devem para Bassel adequar-se a estes perfis; é pola sua específica combinatória que em cada caso podemos falar de literatura nacional. E mesmo se umhas aparecem sistemicamente como excessivamente desenvolvidas sobre outras, a sobrevivência do sistema pode correr grave risco. É por exemplo o caso da literatura galega, onde a excessiva preeminência da radicação no mito e no folclore pode apagar outras dinâmicas necessárias, por vezes imprescindíveis até, para a continuidade do sistema literário nacional. Da mesma maneira que as literaturas em processos de normalização costumam ter um forte componente pragmático, que não é correto negligenciar. Esse componente, enormemente negativo se fossilizado, pode, no entanto, colaborar em determinadas etapas iniciais para a consolidação do sistema.

Nas caraterísticas enunciadas por Bassel percebemos umha caraterização da literatura nacional sobre a base de três direções fundamentais: a conexão com a tradição da atividade literária; a estabilidade e dinamismo do sistema e a sua diferenciação, e a sua inter-relação com outros sistemas. Na verdade, a direção delimitadora da literatura nacional é a primeira; as outras parecem-nos que têm a ver mais com o substantivo literatura do que com o adjetivo nacional.

Em virtude desta descrição, Bassel (1991:773) exclui dumha literatura nacional obras ligadas tematicamente à vida da nação mas escritas por autores pertencentes a outros sistemas literários e inclui obras de autores nacionais que não apresentem essa conexão. Devemos confessar que, não tendo em princípio desacordo com Bassel, nem deduzimos isso de tais princípios, nem, sobretudo, conhecemos o alcanço que outorga ao advérbio tematicamente ("thematically", no original), cuja relevância deste ponto de vista é mais bem

escassa. O próprio Bassel parece estar consciente disto quando acrescenta: "neither the theme nor the nationality of the characters is decisive; rather, the crucial characteristics are the connection with the national literary tradition, or national artistic consciousness, the presence of the national point of view, or national "way of seeing".

Aparentemente, as conclusões de Bassel aproximam-se das vistas nos nossos historiadores da literatura. Mas não necessariamente; porque depende da hierarquia que seja estabelecida nessas 'crucial caracteristics' polas diferentes instâncias de definição em causa.

Quando antes escrevíamos sobre novos valores em jogo, ou utilizamos a palavra material para nos referir à vida literária verificada num ambiente determinado, é nesta linha que queríamos situar-nos. E na orientada por Chernov, que atende aos roles de autor e leitor nas literaturas nacionais. Para Chernov (1991:771), "the role of the author who creates a given national literature is characterized by selecting a language, orienting himself/herself to national traditions and cultural values, and conscious self-identification with that culture".

Para o caso do consumidor, o seu rol mostra-se no reconhecimento desse texto como seu: na sua aceitação (ou não aceitação) como parte da cultura nativa. Os traços anotados por Igor Chernov como o sustento dessa cultura nativa constituem a praxe do material de que falamos: a linguagem, aspetos caraterísticos da psicologia nacional, o reflexo mimético do modo de vida nacional, e incluso a eleição do tema. Ao nosso entender, e sob esta perspetiva, estes valores e materiais podem converter-se, são convertidos de facto, em normas do repertório do sistema em questão, e da sua hierarquia e eficácia como produtoras de textos depende em boa medida a consideração dumha literatura como tal. Para a questão galega, Pilar Vázquez Cuesta, comenta que há autores que não pertencem à literatura galega, mas que "en situaciones menos anómalas habrían sido sus cultivadores"; alguns deles firmarom-se no seu cultivo valorizando doutra maneira os materiais de que dispunham. É portanto a literatura perspetivada como comunicação a que nos interessa. E, assim, utilizamos a noção de norma do repetório para caraterizar aqueles materiais que, sem constituírem balizas sistémicas, normas sistémicas, elementos diferenciadores, individual ou conjuntamente, de sistemas, fazem mais genuíno o sistema aos olhos dos seus utentes, reforçam o adjetivo que expressa a origem e o vínculo nacional ou identitário do sistema.

xxi Machado e Pageaux (1988:73-80) aprofundam com acerto nas atitudes que condicionam essa interferência em termos de imaginário. Para eles, quatro atitudes fundamentais regem a representação do Outro:

1) Umha primeira é qualificada como “mania”. Com ela, estes autores designam a consideração como superior que umha cultura tem da estrangeira que é importada. O estrangeiro aqui é trazido para suprir carências sistémicas, e a sua imagem serve ao mesmo tempo de crítica à própria cultura. Como esclarecem estes comparatistas, junto a essa mania desenvolve-se não raro umha miragem sobre a outra cultura

2) Umha segunda atitude possível é a contrária à anterior, definida como “fobia”: a perspetiva sobre a cultura dumha comunidade estrangeira é então tida por inferior ou negativa.

3) A “filia”, terceira atitude suscetível de ser tomada polo recetor, refere-se à apreciação positiva desse estrangeiro, com o qual se pretende já não a pura importação mas o diálogo privilegiado, porque pressupõe umha admiração recíproca e portanto de “trocas bilaterais” percebidas como fluídas e proveitosas.

4) a quarta das atitudes sugeridas por Machado e Pageaux pode ser conceitualizada como a da "república das letras", onde a valorização da(s) outra(s) cultura(s) não se estabelece em termos de positividade ou negatividade imediatas e apriorísticas, mas apresenta-se precisamente como renúncia a estas. Difícil equilíbrio, porém, porque frequentemente nessa atitude assoma(m) algumha(s) das outras três. Machado e Pageaux mostram como no fundo desse pretensamente aberto diálogo multilateral aparecem sempre as grandes opções filosóficas, políticas, culturais, que acabam por situar as outras possibilidades sob as três atitudes antes resenhadas. Como caso típico observam estes autores os movimentos pan-eslavos, panlatinos, pan-americanos, etc. do século XIX, mas no nosso contexto podemos anotar igualmente as propostas de pangaleguismo, pan-iberismo ou pan-hispanismo que desde essa época até polo menos os anos trinta deste século aparecerom na Península Ibérica.

Estas quatro atitudes costumam ser concorrentes. Se não existe uniformismo nas estratégias reativas dos diferentes grupos no polissistema, de igual modo se passa com as atitudes que as determinam. Mais: tendem logicamente a conviver e em ocasiões a ocupar lugares centrais na consolidação de repertórios e ainda sistemas. Por outro lado, elas traduzem os interesses dos diferentes grupos nas lutas operadas nesse polissistema. A umha atitude "fóbica" dum grupo corresponde umha "maniática", ou filial, do seu oposto. E as atitudes, assentadas algumas em séculos, são mudadas ou evoluem em função dos objetivos dos grupos em luta, numha relação dialética. Verifica-se desta arte umha espécie de alargamento dessas atitudes para outros âmbitos, onde os grupos assumem a obriga de defender e justificar o Outro sistematicamente. O estereótipo faz ato de aparição para combater o seu contrário. As atitudes podem mesmo situar-se em diferentes planos e serem contraditórias neles. Num pensamento mítico, numha atitude mítica, podem funcionar atitudes que quando verificadas na concreção socio-histórica desmentem aquela primeira atitude. O caso galego a respeito de Portugal é notório; Portugal, muitas vezes sem ter em conta a sua realidade, é convocado por cada grupo para definir a sua posição sistémica. E se, no plano individual, escrever sobre o Outro pode dar como resultado autodefinir-se, no plano coletivo, "dire l'Autre peut aussi servir les défoulements ou les compensations, justifier les mirages ou les fantasmes d'une société" (Pageaux, 1989: 151)

xxii Em paralelo com a tendência ao medievalismo como indicámos, haverá similar propensão a configurar horizontes onde o peso de fatores heteroespaciais e heterotemporais tendam a anular o horizonte estético do produto (Figueroa, 1988:43). Já tivemos a oportunidade de comentar os efeitos de determinados tipos de receção, e de referir-nos aos que podem ser provocados na leitura de um texto estrangeiro, leitura heteroespacial, o que nos exime agora de reiterá-los.

Convém ter presente algumhas noções introduzidas por Bourdieu e Pageaux entre outros a esse respeito. O primeiro, ao tratar da especificidade da dimensão estrangeira indica como fundamentais as noções de *décalage* e *diferença*: a tradução cria outro texto, que é lido em condições heteroespaciais e heterotemporais, distintas então daquelas em que tivo origem. Pageaux (1994:140) acrescenta que a *décalage* pode ser histórica, estética ou cultural. Bourdieu (1989:7), a propósito da relação entre europeus e americanos, assinala os efeitos do que ele denomina a *allodoxia* que resultam do *décalage* estrutural entre os contextos, e que facilitam "ressources inépuisables aux polémiques de la mauvaise foi et aux condamnations mutuelles du pharisaïsme". Chevrel (1977) tem acrescentado a este tipo de distorções cronológicas, outras que abundam nas *décalages*, como a existência dum

género apenas num meio cultural preciso. E mais podem ser anotados. Um, particularmente, resulta-nos interessante: o papel dos textos da denominada Antiguidade Clássica no chamado "mundo ocidental". Curiosamente, nas valiosas achegas de Sheffy (1990), não se distingue entre as proveniências dos textos assim denominados; talvez o "clássico" poda constituir e funcionar como um subsistema. O certo é que as literaturas grega e romana antigas não são percebidas como Proust, por exemplo, nesse mundo. Anacreonte traduzido por Florencio Vaamonde galego nos finais do século passado não é percebido da mesma maneira que os textos traduzidos de Heine. Arriscada e, ao nosso ver, acertadamente, Lambert (1986: 184) considera os textos da Antiguidade Clássica como formantes da Tradição e não da Importação, opinião com a qual coincide Chevrel, ao entender estes textos como assimilados (Chevrel, 1989a). As suas peculiares função e posição devem ser tidas em conta, mais em casos de literaturas emergentes como a galega.

xxiii Em rigor, nengumha literatura pode ser definida intrinsecamente, se se quer perspetivar de maneira completa a sua atividade; e em rigor também, todas as literaturas mostram determinados contatos com outras, de dependência, domínio ou interdependência.

Igor Chernov e Naftoli Bassel têm dedicado parte dos seus esforços a refletir sobre os limites teóricos da literaturas nacionais e o sistema interliterário. Chernov observa que toda a definição de literatura nacional pressupõe a existência de noções literárias mais gerais como um tipo de arte verbal e a sua correlação com outras formas artísticas (incluindo as nacionais). E acrescenta que a literatura em questão precisa ser comparada com outras entidades, similares no tipo mas diferentes na magnitude: outras literaturas nacionais, cosmopolitas ou mundiais. Enfim, para Chernov definir umha literatura como nacional é antes de mais nada um proceso metalinguístico.

Particularmente interessantes são as achegas de Naftoli Bassel desde a teoria do sistema interliterário, que ele aplica com fortuna ao estudo das literaturas bálticas.

Como vimos, Bassel trabalha entre outras com a noção de "enclave" (assim também no original). Ele utiliza-a para caraterizar a atividade literária que se relaciona com umha outra, originária ou matriz, "to clarify the degree of the literatures' dependence on their home literature, of their relative aesthetic and ideological independence, and of their correlation to the 'contextual' literature in another language"; e prossegue: "This task can be facilitated by the criterion of system and by the consideration of its various levels: (1) the 'enclave' and the home national literature; (2) the 'enclave' and the 'contextual' literature in another language; (3) the interliterary system (zonal, ethno-linguistic, regional)" (Bassel 1990, 775).

À utilidade do estudos sobre o sistema interliterário, vem somar-se outro acarretamento clarificador para a apreciação dos espaços literários, o anotado por Daniel-Henri Pageaux. Este comparatista francês, recomendava num recente artigo a reconsideração do espaço chamado nacional, observando que literatura, língua, cultura, nação, estado, são noções quase nunca intercambiáveis e postulava redefinições de noções como fronteira e zona. Pageaux entende por zona um espaço que pode agrupar vários territórios, podendo estes transcender as fronteiras estatais. Para este comparatista, eis a chave da sua achega para o noso trabalho, a noção de zona permite desenvolver umha sorte de comparatismo «regional», oferecendo assim programas de pesquisa e de estudos específicos para países como os que temos em foco. Pageaux, devotado à literatura da Península Ibérica, explicita o caso do comparatismo hispânico, «voire iberic», onde sugere ter em conta a existência das «zonas» catalã e galega, e o o diálogo acidentado entre Castela e Portugal, do

qual, Fidelino de Figueiredo, pioneiro comparatista português, deu com o seu livro *Pirene* (1935) um primeiro resumo.

Os benefícios para o nosso estudo são realmente importantes. O primeiro radica já na mesma delimitação do corpus. Com efeito, se no título deste trabalho aludimos a "Galiza" e "Portugal", não apenas a elas como entidades geográficas nos referimos, mas à atividade literária que com critérios nacionais nelas é desenvolvida. Definir neste sentido o alcanço espacial da literatura galega e portuguesa na altura que queremos tratar, delimita o nosso objeto de estudo.

Desconhecemos a existência de estudos completos sobre as literaturas galega e portuguesa à luz da teoria do sistema interliterário. Óbvio é que o comparatismo luso-brasileiro e afro-luso principalmente se sustenta implicitamente sobre a interliterariedade que às literaturas brasileira, portuguesas e dos palop é atribuída, mas não dispomos dumha base teórica que nos oriente a esse respeito. Para o caso galego também não, embora caiba a mesma apreciação para as aproximações feitas no comparatismo galego-português. A formulação mais relevante do entendimento das literaturas lusófonas como fazendo parte dum sistema mais amplo devemo-la ao magnífico labor do Professor Jacinto do Prado Coelho e aos seus colaboradores no *Dicionário de literatura. Literatura Portuguesa. Literatura Brasileira. Literatura Galega. Estilística Literária*. Nele não aparecem singularizadas as literaturas dos países independizados após o 25 de Abril. A obra não é um manual de literatura comparada, mas a sua conceção ilustra-nos sobre um agrupamento plausível: o linguístico, e, mais amplamente, o cultural e étnico. Com efeito, apresenta, embora fundado sobre bases diferentes, umha conceção polissistémica da literatura de enorme atualidade. Na sua "Advertência à primeira edição", comenta que a sua obra pretende contribuir "para uma consciência mais perfeita da unidade cultural dos [três povos]. (...) "Esta é a primeira obra que procura abranger na totalidade, e em estreita correlação, as literaturas portuguesa, galega e brasileira, contribuindo assim para uma consciência mais perfeita da unidade cultural dos três povos de língua comum. Embora a Galiza e o Brasil andem sempre no coração dum letrado português, tão apertados são os laços étnicos e históricos que nos irmanam, não foi a motivos sentimentais que obedeceu o plano deste *Dicionário*, mas sim a motivos, penso eu, rigorosamente científicos".

É conhecida a polémica existente no país galego a respeito da sua pertença ou não à lusofonia. A peculiar situação da Galiza, fazendo parte do Estado Espanhol desde séculos, tem afastado a sua produção cultural dos outros países lusófonos, e o que para nós constitui umha realidade incontestável, já não por essencialismo, mas por sobrevivência cultural, para outros muitos, e, entre eles, para instâncias oficiais, não é assim. Pouparemos aqui o leitor da polémica na sua extensão e dumha argumentação que pode ser entendida como gratuita. O que certo parece é que, embora modernamente se ponha em causa por alguns, a cultura galega apresenta notáveis concomitâncias com a portuguesa. Utilizando as palavras de Bassel para definir o sistema uralo-altaico, junto ao critério linguístico funciona a consciência do escritor de pertencer a umha literatura específica, às suas tradições e ao sistema das suas associações interliterárias. Essa consciência é a que presumimos funciona hoje e funcionou no período que acotamos com enorme vigor. Mais na direção galego-portuguesa que na inversa. Pomos de parte aqui, toda a longa série de circunstâncias políticas, sociais, económicas, etc., que impedem um relacionamento maior. O que de todas as maneiras podemos bosquejar é umha zona interliterária galego-portuguesa para as duas literaturas. Se, para o caso português, podemos igualmente perfilar umha zona cultural afro-luso-brasileira, por essa via umha

região galego-luso-afro-brasileira pode ser postulada, esta com muitos matizes, que aqui obviamos por não interessar agora à nossa tese.

Como for, é a região galego-portuguesa a que mais nos interessa. A esta área linguística ou cultural, podem ainda ser acrescentadas outras.

Naftoli Bassel enuncia o princípio de zonal para caraterizar as literaturas bálticas como participantes dum mesmo destino socio-histórico, preeminente sobre o fator de parentesco étnico, e o de regionalidade para incluir a literatura estónia na literatura multinacional soviética. Talvez as denominações não sejam as mais adequadas, porque parece que remete a contextos apenas caraterizados pola proximidade geográfica, nem coincidem exatamente com as de Pageaux, o que é mais um problema terminológico que nocional. Apesar de que os termos zonal e regional em Bassel não nos resultem os mais corretos, (talvez "de emancipação" e "político e/ou estatalista" poderiam ser apontados) seguiremo-los por não acrescentar agora um novo obstáculo que impida a claridade metodológica. Bassel refere-se para a primeira das duas noções ao que ele designa por "common aspirations national liberation, that is, historical and ideological processes, together with common forms of cultural development, and a common "cultural code". Para a adscrição regional, este investigador qualifica-o de *sentimento por contexto*, o que para o caso das literaturas que estuda implica a sensação do escritor de representar a um mesmo tempo a sua literatura específica e a soviética. Como primeira impressão, estes dous princípios parecem colidir, porque o primeiro surge normalmente da oposição ao segundo, embora a precisão de multinacional para a literatura soviética matize convenientemente a questão.

Este tipo de classificações são resultado dum processo complexo e não uniforme. A complexidade aumenta se considerarmos as diferentes etapas por que umha literatura atravessa, e o comportamento dos diversos grupos que a conformam. Resulta no entanto altamente sugestiva a sua aplicação ao nosso contexto. Pageaux, como vimos, comenta esta situação para os estados espanhol e português. Entranhando-se nela, afirma que, até um certo ponto, existe um polissistema espanhol comprendido polos sistemas castelhano, catalão, galego e basco. A fina sensibilidade deste autor não acaba todavia de convencer-nos. As dúvidas são muitas: na atualidade, é fácil definir o caso basco? E a denominação de polissistema espanhol não é recorrer ao critério estatalista de que se quer fugir? Que acontece com a 'convivência' não pacífica de sistemas? É o polissistema espanhol a soma, ou a integração dos diferentes sistemas? Existe um sistema castelhano? Quiçá os parâmetros utilizados por Bassel sirvam para perfilar melhor o que ocorre em toda a sua complexidade. Por um lado, e desde o século XIX, existe umha literatura zonal constituída polas regiões ou nações com língua própria, Catalunha, Euzkalerria e Galiza. Esta solidariedade zonal foi vivamente acentuada até 1936, baseada mesmo numha convergência política de desigual fortuna: Galeuzca que, literariamente, se mantém até aos nossos dias, com periódicos encontros de escritores das três nacionalidades. Este sistema interliterário zonal é definido sobre a base de literaturas que lutam pola sua normalidade, e têm em Castela, como representante de Espanha, o seu referente de oposição. Eis onde com frequência é incluída Portugal, que, ainda que estado soberano, vê em Castela-Espanha umha ameaça constante. A inclusão não apenas foi realizada desde as nações do Estado Espanhol, mas postulada igualmente por não poucos escritores portugueses, e chegou a ser teorizada politicamente.

Consequentemente, o sistema castelhano não existe na atualidade. Pudo existir até à uniformização linguística e cultural que, exercida com violência, apagou, não totalmente, a expressão literária nas línguas ameaçadas. Hoje assistimos a um polissistema espanhol, complexo, que em rigor não inclui as literaturas nacionais da Galiza, Euzkalerria e Catalunha.

Outra cousa são os "enclaves" da literatura espanhola nesses territórios. O polissistema apresenta umha centralidade ocupada pola literatura em língua espanhola, que instâncias espanholas impulsionam claramente; doutra banda a tradução nesse idioma continua a ser preeminente. Sob esta perspetiva, regional, no sentido de Bassel, pode ser considerado o polissistema espanhol como a soma das literaturas basca, galega, catalá e espanhola: tudo depende do sentimento dos escritores e dos grupos literários intervenientes.

O que parece evidente é que a definição que Pageaux faz para o caso português resulta menos discutível, quando afirma que na história literária e cultural do polissistema literário lusitano houve ("há ainda?") três centros, Lisboa, Porto, Coimbra, sem esquecer a rica literatura dos Açores. Se algumha dúvida houver sobre a caraterização que Pageaux oferece do polissistema português (não é o nosso caso), a unidade polissistémica não parece a posta em causa.

xxiv Quando falamos em termos *sistémicos* deve entender-se que o conceito engloba diferentes grupos e tendências em confronto, cuja manifestação tomamos em conjunto. Para o caso do relacionamento com o polissistema português, só um grupo, mas o mais vigoroso na época organizado, o corunhês, vai tentar apoiar-se nele para conseguir os seus objetivos. O resto por vezes recorre a ele também, mas costuma ter como principal base, por ação ou omissão, o polissistema espanhol.

xxv Aqui se manifesta com clareza a problemática aplicação das, aliás, utilíssimas categorias de Lambert sobre relacionamentos literários deste tipo, verificados dentro dum mesmo sistema interliterário. No entanto, e por comodidade metodológica vamos usá-las; porque teríamos que deitar mão, se não, de terminologia do tipo *transferência intra-interliterária*, obviamente embaraçosa, não homologada, e, possivelmente, pouco clarificadora; mas convém precisar, e no seu caso reiterar: quando falamos de Importação desde o polissistema português, falaremos, a não ser que expressamente se afirmar o contrário (por exemplo já em meados dos anos vinte a tendência mesmo a formar um polissistema galego-português), de *Importação (transferências) dentro do mesmo sistema interliterário*. E, em segundo termo, como veremos, nestes casos essa Importação desempenha também, e mui particularmente no incipiente desenvolvimento sistémico regionalista, um papel de reforço da Tradição, mui longe então de supor umha paralisação desta.

xxvi Pageaux (1989. 143 e ss.; também Machado e Pageaux, 1988) distingue três elementos constitutivos da imagem, em dependência do seu grau de complexidade: a palavra; a relação hierarquizada e o cenário. (143ss)Todos três a oscilar entre o imaginário e o mítico. Estes autores aplicam mais restritamente a sua classificação aos textos de ficção; no entanto, podem ser aplicados ao nosso entender, a qualquer género ou atividade literária.

Com "a palavra", o campo léxico, refere-se o comparatista francês a "l'arsenal" nocional, afetivo que compartilham em princípio escritor e público, e através do qual são difundidas as imagens do Outro.

Pageaux introduz umha dupla divisão entre elas, segundo sejam "chaves", representadoras de valores atribuídos ao outro, ou "fantasmas", evocadoras do outro, e segundo pertençam ao país que olha ou ao que é olhado (as palavras não traduzidas, ou intraduzíveis: lembremos por exemplo a palavra "saudade", talvez a mais significativa neste sentido do galego-português). Machado e Pageaux (1988:65) indicam como exemplo dessas palavras fantasma as referidas ao mundo árabe como harém, odalisca ou deserto. Delas derivam-se um conjunto de sentidos mais complexos, servindo a comunicação linguística mas também simbólica.

Este é um livro escrito em 1995, como parte da Tese de Doutoramento do autor. Através dumha exaustiva compilação das publicações periódicas não diárias entre 1888 e 1907, analisa as dinâmicas do sistema literário regionalista galego e do português e o seu relacionamento. Nesse período, ficou dada boa parte das ideias que sobre a cultura galega irá circular nas elites culturais; e também ficarom formuladas as bases do modo de ver a língua e *O Outro* no seu conjunto, com argumentos e propostas em jogo de tão variado tipo e diversa intenção que mesmo podem surpreender pessoas atentas a estes processos. Umhas dinâmicas e um período que explicam processos posteriores e iluminam, sem exagero, boa parte da situação contemporânea em relação aos assuntos focados e a cultura galega em geral.

O autor cede os seus direitos em favor da associacão educativa nos tempos livres Altair Galiza e da Escola Semente de Santiago de Compostela.

andavira
editora

ISBN 978-84-121445-1-2
9 788412 144512